

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Hélio Rodrigues da Rocha

O mar e a selva:
relato da viagem de Henry Major Tomlinson
ao Brasil - estudo e tradução

Vol. 1: Estudo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Teoria e História Literária do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Teoria e História Literária (área de concentração: História e Historiografia Literária).

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Campinas, 2011



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM – UNICAMP

R582m Rocha, Hélio Rodrigues da, 1965-
O mar e a selva: relato da viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil: estudo e tradução / Hélio Rodrigues da Rocha. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Carlos Eduardo Ornelas Berriel.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tomlinson, H. M. (Henry Major), 1873-1958. The sea and the jungle - Tradução e interpretação. 2. Escritos de viajantes ingleses - Brasil - História e crítica. 3. Viajantes na literatura. 4. Amazônia - Descrições e viagens. I. Berriel, Carlos Eduardo Ornelas, 1951-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: The sea and the jungle: Henry Major Tomlinson's travel to Brazil: studying and translation.

Palavras-chave em inglês:

Tomlinson, H. M. (Henry Major), 1873-1958 - The sea and the jungle - Translation and interpretation

Travelers' writings, English - Brazil - History and criticism

Travelers in literature

Amazon, River, Region - Description and travel

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora:

Carlos Eduardo Ornelas Berriel [Orientador]

Mário Luiz Frungillo

Ana Cláudia Romano Ribeiro

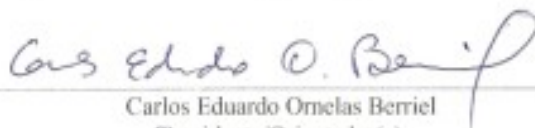
Miguel Nenevé

Francisco Foot Hardman

Data da defesa: 18-10-2011.

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária.

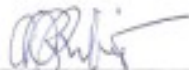
BANCA EXAMINADORA:



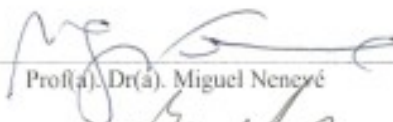
Carlos Eduardo Ornelas Berriel
Presidente/Orientador(a)
IEL/UNICAMP



Prof(a). Dr(a). Mário Luiz Frungillo



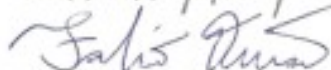
Prof(a). Dr(a). Ana Cláudia Romano Ribeiro



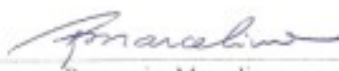
Prof(a). Dr(a). Miguel Nenevê



Prof(a). Dr(a). Francisco Root Hardman



Prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão
Coordenador(a) da CPG/IEL



Rosemeire Marcelino
Secretaria de Pós-graduação/IEL



Hélio Rodrigues da Rocha
Ciência do(a) aluno(a)

*Dedicada a duas Anas (Paula e Luíza) que, depois de
uma longa procissão de dias e noites, chegaram à terra
do sol constante e comigo habitaram.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ter sido desenvolvido sem a licença remunerada a mim concedida pelo Governo de Rondônia. Meu sincero agradecimento fica colocado aqui como gesto de reconhecimento ao Estado da confederação brasileira que tenho como clara ideia de pertencimento, uma vez que ao ali chegar, no natal de 1993, vindo do sul do Amazonas, com o desejo no coração de continuar os estudos literários, históricos e linguísticos, logo comecei a ministrar aulas para a comunidade local e continuei meus estudos. Foi na Universidade Federal de Rondônia, curso de Letras/Inglês, lendo relatos de viagem sobre o Brasil e, especificamente, sobre a Amazônia Legal, que percebi ser esse gênero discursivo um vasto campo de pesquisa. A muitos de meus professores, senão a todos, e aos meus colegas de sala, como eu, migrante, agradeço. Elencar os nomes desses filhos adotivos e dos nativos de Rondônia seria correr o risco de deixar algum fora da lista. Portanto, sintam-se todos mui (re)conhecidos ao lerem este trabalho; como parte da procissão interminável do tempo, esse rio que corre para o mar e mistura-se às águas abissais do planeta, façamos juntos nossa região existir para além daquela floresta tropical, que é sempre pintada com fios tênues e fantasmagóricos.

Agradeço à vivacidade e à maneira sempre calma e contagiante de meu orientador, Carlos Eduardo Ornelas Berriel, professor do Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, onde tive o prazer de estudar e, sob sua orientação, fazer a tradução de **The Sea and the Jungle**, do escritor e ensaísta britânico Henry Major Tomlinson.

Ao professor doutor e amigo Miguel Nenevé, pela sua flexibilidade de espírito diante do nativo e por seus encorajamentos rumo à tradução desses relatos de viagem, meus fraternais agradecimentos ficam aqui materializados.

Agradeço também a meus filhos e esposa pela ansiosa espera de meu regresso.

Exatamente no dia seguinte eu deveria viajar, eu mesmo, e nenhum outro herói, verdadeiramente EU, finalmente, para um lugar que não estava no mapa, porque o lugar que deveríamos encontrar no fim da jornada, o mapa descrevia com aquelas palavras mágicas: “Floresta” e “Inexplorada”.

Henry Major Tomlinson - **O Mar e a Selva**

Todo relato de viagem tem sua dimensão heteroglóssica; seu conhecimento advém não apenas da sensibilidade e dos poderes de observação do viajante, mas da interação e experiência usualmente dirigida e gerenciada por “viajados” que agem em conformidade com sua própria compreensão de mundo e do que são e devem fazer os europeus.

Mary Louise Pratt - **Os olhos do império**

O paraíso, sonhado pela gente de outras idades, começa a definir-se aos olhos dos modernos, com as possibilidades que o passado apenas imaginava. O homem culto chegou a voar melhor do que as aves; nadar melhor do que os peixes; libertou-se do jugo da distância e do tempo; realiza em um continente o que concebeu em outro, alguns momentos antes...

Edgar Roquete-Pinto - **Rondônia**

RESUMO

Estudar as representações da Amazônia brasileira e elaborar a tradução de **The Sea and Jungle**, de Henry Major Tomlinson, são os objetivos centrais desta tese de doutorado. O autor do referido relato de viagem é um jornalista britânico que, no final de dezembro de 1909, dispensado de seus ofícios no *Morning Leader*, embarcou no navio *S. S. England*, em Swansea, País de Gales e, depois de cruzar o oceano Atlântico, aportou em Belém do Pará, Brasil; dali seguiu, via rios Pará, Amazonas e Madeira, para Porto Velho, atual capital do Estado de Rondônia, ponto inicial da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. O navio levava suprimentos e maquinaria para a referida ferrovia. É justamente ao longo de parte de seu traçado, na extensão entre Porto Velho e a cachoeira denominada Caldeirão do Inferno, que esse peregrino londrino empreende uma excursão tendo como guia o texano Marion Hill, com quem se encontrou ao chegar àquele porto, em plena selva.

O Mar e a Selva estabelece fios tessitivos com **Odisséia** de Homero, e se compõe, portanto, tanto de histórias de marinheiros e de aventuras do herói, quanto de descrições do mundo *real* e de um mundo mítico e fictício que contribuem na constituição do sujeito. Em se tratando de um discurso de um viajante-peregrino adoto, então, certos paradigmas: a noção de discurso e “artes da existência” cunhadas por Michel Foucault; a primeira em **A arqueologia do Saber** e **A ordem do discurso** e, a segunda, em **A história da sexualidade: o uso dos prazeres**; adoto, também, alguns conceitos advindos dos Estudos Pós-Colonialistas, Utópicos, Crítica Literária, Filosofia e Estética.

O Mar e a Selva reflete e refrata uma determinada realidade social de dois mundos, o do viajante e o do *viajado*, ou seja, do nativo e, a partir dessa “dança de espelhos”, investigo em que medida o narrador critica sua sociedade pelos olhares que lança a outras comunidades amazônicas. Verifico também como ele reconstrói a si mesmo a partir da convocação de antigos viajantes (Hakluyt, Humbolt, Wallace, Bates), de correntes filosóficas (Pirronismo e Gymnosofismo), de escritores como Thoreau, Emerson, Drake, Spruce, Pikes, Raleigh, Burney, Defoe; de personagens bíblicos (Moisés, Jonas, Josué), de lendas e mitos gregos e romanos, etc. ao palco de sua composição literária e, conjuntamente, do “si mesmo”. O eixo argumentativo desta tese é que este relato se apresenta, em primeiro lugar, como uma crítica político-moral à Inglaterra e ao Brasil e serve como um exercício de elevação dos pensamentos rumo ao Sublime, “a alma do corpo retórico”, diz Weiskel via Longino. Em segundo, as representações da Amazônia a configuram ora como o Campos Elísios, ora como o Tártaro. Assim, alto e baixo, vastidão e infinitude, luzes e trevas, vilania e nobreza, paraíso e inferno, feiúra e beleza, ordem e desordem, vida e morte se entrelaçam no percurso do viajante ideal. Portanto, ele vai além da escrita do que ele vê, e faz com que o leitor também veja.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de viagem, Inglaterra, Amazônia brasileira, Representações.

ABSTRACT

To study the representations of Brazilian Amazon and to translate Henry Major Tomlinson's **The Sea and the Jungle** are the main purposes of this thesis. The book was written by a British journalist who in the month of December 1909, released from his work at *Morning Leader* and boarded *S. S. England* in a coal port in Swansea, Wales. After crossing Atlantic ocean, the author arrived in Para, Brazil, and from there, he steamed up the Amazon and Madeira Rivers to Porto Velho the current capital of Rondonia State that was then the initial point of Madeira-Mamore Railway. The steamership carried coal and machinery to the railway. It is exactly alongside of its track, between Porto Velho and Hell's Cauldron Falls extension that the londoner peregrin undertakes his journal with Marion Hill, his Texan guide whom he met when he arrived at that port in the Jungle.

The Sea and the Jungle establishes relation of intertextuality to Homer's **Odissey** and it contains sailor's stories and hero's adventures and descriptions of *true* and mythical world that contribute to the subject's construction. As the book explores travelers and peregrin's discourses, we follow some paradigms: Michel Foucault's notion of discourse and "arts of existence"; the first is in his books **A arqueologia do saber** and **A ordem do discurso**; the second is in **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. We follow too some notions derived from Post-Colonial and Utopian Studies, Literary Criticism, as well as Philosophy and Aesthetics.

The Sea and the Jungle reflects and refracts determined social reality of two worlds, traveler's and travelee's, that is the object of the traveler's writing. Throughout this "dancing of mirrors" we investigate to what dimension the narrator criticizes his society from some glances that he projects on others communities. Moreover, we ask how the narrator builds up himself by using references to old travelers, (Hakluyt, Humbolt, Pikes, Wallace, Bates, etc.), some philosophic streaming (Pyrronism e Gymnosofism), to writers such as H. D. Thoreau, R. W. Emerson, F. Drake, D. Spruce; biblical characters as (Moses, Jons, Josuah), to some legends and Greek and Roman myths which he brings to the stage of his literary composition. The argumentative pivot of this thesis is that this travel writing presents itself first as a political and moral criticism to England and Brazil. Second, as an exercise of high thoughts towards the Sublime, "the soul of rethoric body", according to Weiskel when quoting Longino. The representations of the Amazon are configured now as Elysium sometimes as Hell. So, height and lowness, vastness and infinity, light and darkness, villainy and nobility, heaven and hell, ugliness and beauty, order and disorder, life and death are interlaced in the ideal traveller's enterprise. Therefore the author goes beyond writing about the seen, he also makes the reader see.

KEY-WORDS: Travel Writing, England, Brazilian Amazon, Representations.

Lista de Figuras

Figura 1	Foto do navio <i>S. S. England</i> (Capella) retirado de jornais da época.....	18
Figura 2	Foto de Henry Major Tomlinon.....	20
Figura 3	Foto do navio <i>S. S. England</i> (Capella) ancorado em Porto Velho.....	25
Figura 4	Mapa do Pará.....	33
Figura 5	Mapa do Amazonas.....	36
Figura 6	Foto de Porto Velho em 1910.....	37
Figura 7	Foto de trecho da EFMM.....	41
Figura 8	Foto do <i>S. S. England</i>	126
Figura 9	Foto do <i>S. S. Holland</i> , segundo transatlântico a navegar no Madeira, ancorado em Porto Velho.....	140
Figura 10	Foto do Cemitério de Candelária.....	181
Figura 11	Foto de casa de oficiais da EFMM.....	231

SUMÁRIO

Volume 1: Estudo

PRELÚDIO: DO MAPA EM GRANDE ESCALA DA AMAZÔNIA.....	01
I. Objeto, temática e paradigmas do estudo.....	10
II. Da divisão da tese.....	13
 CAPÍTULO I	
ZARPANDO COM HENRY MAJOR TOMLINSON.....	19
1.1 <i>O Mar e a Selva</i>: representações de uma viagem à Amazônia.....	26
1.2 Rumo ao Sublime Romântico: do Peregrino e da Liberdade.....	45
1.3 De viajante e narrador(es).....	67
 CAPÍTULO II	
PARA A TERRA DO SOL CONSTANTE.....	83
2.1 Das histórias de marinheiros.....	91
2.2 Argonautas do Atlântico.....	98
2.3 Do viajante ideal.....	105
2.4 No portal do jardim do Éden.....	115
 INTERLÚDIO COM TOMLINSON.....	127
“Exploration” (tradução).....	128

CAPÍTULO III

ENTRE-LUGARES E ENTRE-TEMPOS.....	141
--	------------

3.1 Nas florestas do Pará, Amazonas e Madeira.....	150
--	-----

3.2 Nativos, gnomos e jaburus.....	167
------------------------------------	-----

3.3 O filósofo rebelde - (ou qual o sentido da viagem?).....	175
--	-----

3.4 Imagens da Natureza nos trópicos.....	188
---	-----

CAPÍTULO IV

O SACRIFÍCIO DO HERÓI SONHADOR.....	201
--	------------

4.1 Madeira-Mamoré: uma ferrovia fantasmagórica.....	206
--	-----

4.2 Nas costas do mundo.....	228
------------------------------	-----

4.3 De homens e fantasmas.....	241
--------------------------------	-----

4.4 Em busca do outro (ou na terra dos Caripunas).....	249
--	-----

4.5 Fugindo da Esfinge - (ou da viagem de volta ao <i>Capella</i>).....	255
--	-----

RUMO A UM PORTO FINAL.....	263
-----------------------------------	------------

POSLÚDIO.....	271
----------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	285
-------------------------	------------

ANEXOS.....	291
--------------------	------------

1. Texto “Exploration”, escrito por Tomlinson.....	291
--	-----

3. Carta de Tomlinson à filha do capitão do navio.....	299
--	-----

5. Relação dos tripulantes do S. S. England.....	302
--	-----

6. Recortes de jornais acerca da viagem.....	304
--	-----

Vol. 2: Tradução

O mar e a selva:
relato da viagem de Henry Major
Tomlinson ao Brasil

Nota do tradutor.....	xi
Tradução do resumo e da dedicatória do relato O Mar e a Selva	xv
Prefácio de Evan S. Connell (tradução).....	xvii
 Capítulo 01	 01
 Capítulo 02	 173
 Capítulo 03	 317
 Capítulo 04	 417
 Capítulo 05	 459
 Capítulo 06	 545
 Dicionários consultados	 627
 Edição utilizada na tradução para o português	 627

PRELÚDIO: DO MAPA EM GRANDE ESCALA DA AMAZÔNIA

Se a Amazônia, hoje mais que nunca, torna-se um espaço-chave para o prosseguimento da aventura humana no planeta Terra, e com ela todas as formas de biodiversidade cuja evolução desencadeou e, depois, acompanhou a da nossa espécie, a consciência do processo, no entanto, muito antes da dramaticidade que alcançou, teve vários momentos de elaboração e crítica, na história da ciência e da cultura, em particular na chamada literatura dos viajantes, dos cronistas coloniais aos naturalistas românticos, e destes aos primeiros ficcionistas. Todos e cada um, a seu modo, tentaram representar o sublime daquela paisagem, em seu desmesuramento de real-maravilhoso que guarda igualmente os segredos do deslumbre e do horror.

A vingança da Hileia - Foot Hardman

A Amazônia Legal não está meramente fincada *lá* no norte do Brasil, nem tão somente ocupa cerca de 60/% do Território Nacional e engloba nove Estados - Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Como o Oriente em relação ao Ocidente, parafraseando-se aqui Edward Said em seu estudo do **Orientalismo**, a Amazônia também é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, imagística e um vocabulário regional que lhe dão realidade e presença no e para o resto do Brasil e do mundo. Assim é que a sua realidade geográfica e representacional se apoiam, se traduzem e se refletem mutuamente.

Entretanto, posto que possui realidade geográfica correspondente, a Amazônia não corresponde, em essência, a uma ideia. Como a história da colonização não cessa de mostrar, existiram, e ainda existem, diversas culturas e populações indígenas, ribeirinhas, extrativistas e etc. que fazem com que a Amazônia seja dos brasileiros. Os centros urbanos amazônicos, com um grande número de pessoas, compostas dos mais diferentes rostos e traços fisionômicos, e suas vidas, suas histórias e seus costumes têm uma realidade

facilmente comprovada.

Isso posto, devemos prosseguir declarando que muitas das representações da Amazônia brasileira, construídas por viajantes de diferentes nacionalidades e em diferentes épocas, contribuíram com certa mentalidade e imaginário que veem a região apenas como um lugar distante e completamente antitético do mundo metropolitano. Repleta de plantas e animais exóticos, encaixando-se aí o nativo e, com a maior fonte de água doce do mundo, a Amazônia atrai sobre si os olhos do mundo. Para grande número de brasileiros de outras regiões do Brasil, a Amazônia representa tão somente um lugar distante, onde devem existir diversas nações indígenas, florestas, rios, sol abrasador, milhares de insetos e mosquitos, que tornam a vida um inferno, malária e, principalmente, atraso cultural.

Assim, desde a sua fundação signica, com o relato do frei dominicano Gaspar de Carvajal, cronista da expedição de Francisco Orellana, nos idos de 1541-2, quando da descida de sua comitiva, do Peru ao oceano Atlântico, via rio Amazonas, ela tem sido representada, na maioria das vezes, como a antítese do Progresso. Acreditando ter avistado um grupo de guerreiras com longas cabeleiras, Orellana, envolvido pelas histórias de Heródoto, não hesitou em afirmar ter se encontrado e guerreado com as lendárias Amazonas. E, assim, pode-se entender por que histórias fantásticas foram sendo tecidas sobre a região.

Portanto, imensidão verde aquática, monotonia, selvageria, sofrimento, gentes pobres, miséria, primitivismo, caboclos sem ambição e sem problemas - mas em liberdade - são signos que estão/são relacionados ao nome Amazônia. Daí, um mapa discursivo em grande escala não apenas começou a se fixar, mas também a se distender. Os relatos de viagem conduzem a tal distensão. A palavra relato, como se pode presumir, está intimamente ligada, entre outras coisas, ao longínquo e, com ele, o exotismo. Certos estudos antropológicos, etnográficos e etnolinguísticos contribuem com essa representação e aprofundam o fosso; pois, ao mesmo tempo que procuram demonstrar o “desconhecido”,

afastam ainda mais a metrópole de sua periferia. A enigmática narrativa **Rondônia**¹, de Edgar Roquete-Pinto, fruto da excursão realizada em 1912, na comitiva de Candido Mariano da Silva Rondon, pelas terras de Mato Grosso e do atual Estado de Rondônia, e a irônica prosa **Tristes Trópicos**², de Claude Lévi-Strauss - duas pinturas investigativas do que restava do “Reino dos Parecis” - são bons exemplos dessa corrida aos sobejos da história da colonização dos atuais Estados de Goiás, Mato Grosso e Rondônia, por exemplo. Amazônia, aos olhos investigativos de um dos seus principais viajantes e agrimensores, Alexander von Humboldt, configura-se como “Green Hell” (Inferno Verde); na longa e trágica narrativa de Neville Craig, a partir de opiniões alheias, ela é, metonimicamente, “o lugar onde o diabo perdeu as botas”³.

Logo, quando de seu “nascimento” ou “invenção”, a Amazônia passou a ser associada a uma região de imensidões verdejantes, rios serpenteando infinitamente entre as barrancas solitárias, e seres exóticos dançando eternamente sob a luz do luar; um lugar de barbárie e antropofagia; espaço ordenado, portanto, pela relação dicotômica: Paraíso/Inferno, Éden/Hades, Eldorado/Caldeirão; certos relatos de viagens foram construídos nessa perspectiva representacional e acentuam a fissura entre a Amazônia brasileira e o resto do mundo. Civilização versus não-civilização passou a ser a referência central, nesses registros discursivos, para marcar os limites entre o humano e o não-humano, o cultural e o não-cultural, o civilizado e o bárbaro e assim sucessivamente. Os documentos produzidos sobre essa última fronteira brasileira a ser submetida ao Progresso sustentam essa asserção e prejudicam o nativo. Essa imagem primitivista que foi constituída da Amazônia ajuda a manter uma consciência planetária de que ali é “o fim do mundo”.

Entretanto, por uma espécie de perversão discursiva, essas representações

1ROQUETE-PINTO, Edgar. **Rondônia**. São Paulo: Editora Nacional, 1935.

2LÉVY-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. 8ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

3CRAIG, Neville. **Estrada de ferro Madeira-Mamoré: história trágica de uma expedição**. Trad. Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Editora Nacional, 1947. Ver também **As botas do diabo**, de Kurt Falkenburger.

possibilitam que o nativo pense até que ponto ele foi “moldado” por essas construções e, principalmente, se interrogue em que medida ele mesmo contribuiu com certa representação de si mesmo e de seu território. Foi pensando essas questões que se fez a tradução do relato da viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil, já que toda viagem pressupõe traduções, como afirmamos na nota do tradutor na segunda parte desta tese. Entenda-se aí, tradução cultural.

Tentamos fazer, então, o que os Estudos Pós-coloniais chamam de “translating back”, isto é, escrever de volta, responder ao discurso do Outro, refazer a travessia entre línguas e culturas. O atravessamento, a difícil passagem de H. M. Tomlinson à Amazônia brasileira, é aqui um ato de re-tradução que, obviamente, inclui a apropriação da autoridade, a tomada da “voz” e o controle da “palavra” e seus diversos significados, na medida em que singramos as páginas do relato de Tomlinson. O processo de “writing back” nos dá posse do que, de direito, é substância amazônica. Ou seja, grande parte da substância que possibilita a forma do relato **O Mar e a Selva** é material amazônico. Mais um motivo para se fazer um estudo investigativo da obra, bem como sua tradução para a língua portuguesa.

Nesse sentido, escrever sobre uma região estrangeira é traduzi-la culturalmente. É, portanto, estabelecer uma relação de saber/poder: uma construção a partir de dados coletados, selecionados, recortados, reordenados, comparados e rememorados a partir de uma posição assumida por autores que, em sua maioria, estiveram *in situ* na região ou conheceram-na a partir de relatos de outros viajantes, prática propiciada pelos avanços tecnológicos e midiáticos da Modernidade. De qualquer modo, isso ocorre sempre numa relação de exterioridade, pois o relato geralmente é construído depois do retorno do viajante para sua metrópole. É na segurança de seu lar, entre familiares e amigos, que segue os registros de seu diário da viagem realizada (como é o caso de H. M. Tomlinson) e reescreve, agora com todos os detalhes possíveis, numa espécie de regozijo - já que escapou são e salvo - a sua descida aos trópicos. Logo, o discurso que costuma circular sobre a

Amazônia - geográfica, social, histórica, econômica, cultural, política e mítica- é um conjunto de representações que, numa perspectiva pós-estruturalista, é compreendida como uma atribuição de sentido, como um sistema de significação associado, intrinsecamente, a relações de poder. A primeira relação, logicamente, é a econômica. Para viajar é necessário possuir poder aquisitivo e estar disposto(a) a utilizá-lo com as despesas da viagem - como é o caso de Charles de la Condamine e Alexander von Humboldt; ou ser financiado por alguma instituição governamental ou privada, interessada nos lucros dessa viagem, como é o caso de muitos naturalistas de séculos anteriores - Spruce, Wallace, Bates, Agassiz, Spix e Martius; e ainda, colocar-se como uma potencial vítima em terras estrangeiras; viajar pela Amazônia é, em suma, sacrificar-se.

Convém, no entanto, explicitarmos que a noção de discurso utilizada neste estudo é a pensada por Michel Foucault em **A ordem do discurso** (2001), e sistematizada em **A arqueologia do saber**, enquanto “conjunto de enunciados que se apoia na mesma formação discursiva” (2002, p. 135). É essa materialização do pensamento, disposta nos relatos de viajantes estrangeiros pela Amazônia brasileira, que possibilita-nos o presente estudo. Pois, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2001, p. 10). É preciso, todavia, atentar para o discurso desses viajantes com maior detenimento. Sabe-se que há um grande acervo de relatos sobre a região amazônica. E isso não é algo inerte. Ela, como se saberá mais adiante, é a Esfinge Verde, porque enigmática, misteriosa e devoradora.

Nas últimas décadas do século XX, por exemplo, grande foi o fluxo de jornalistas estrangeiros pela Amazônia, principalmente depois do planejamento e aplicação de diversos projetos de desenvolvimento a que fora e está sendo submetida a região. O Complexo do Madeira é um projeto que está em execução desde o ano de 2008 e conta com a atuação de trabalhadores de todos os estados brasileiros. E as viagens são constantes. Aliás, desde a “invasão” dos rios amazônicos pelos europeus, as viagens pelas “terras de Orellana”

sempre estiveram *in voga*. Distante dos grandes centros urbanos, o Grande Vale ainda desperta o fascínio, o desejo, a admiração e o sonho de compreensão (também de conhecimento e domínio), como se o longínquo escondesse do indivíduo inexperiente as coisas boas da vida. Como desabafa Henry Major Tomlinson em um texto que escreveu muitos anos depois de sua viagem à Amazônia: “Eu não sabia que um homem se expõe para encontrar a si mesmo, e que numa viagem semelhante, em um país completamente desconhecido, ele podia se perder”⁴. Viajar, então, remete a dois sentidos básicos de explorar: 1) examinar, experienciar; 2) conquistar, dominar. Voltaremos a esta questão mais adiante. É preciso, por enquanto, continuar com o mapa imaginário amazônico.

Quando afirmamos, no parágrafo anterior, que nas últimas décadas do século XX a região fora visitada por diferentes nacionalidades - britânica, norte-americana, francesa, canadense, alemã, etc., queremos dizer que, em relação às décadas anteriores, a produção discursiva sobre essa “última fronteira do desconhecido” fora mais intensificada e representativa. Porém, todo esse aumento no acervo literário não é obra do acaso, senão um grande esforço do governo brasileiro para integrá-la, conforme discursos dos próprios governantes e seus porta-vozes, aos grandes centros comerciais. O projeto *Integrar para não Entregar*, do governo de Juscelino Kubistchek, é exemplo da tentativa brasileira não somente de ligá-la às regiões centrais do Brasil, como também uma tentativa de criar uma consciência a respeito da nacionalidade brasileira. É, pois, com o advento da ideia de Estado-Nação, que o governo brasileiro percebe a necessidade de se pensar um território tão vasto como o Brasil unido por laços culturais. *Integrar para não Entregar*, portanto, demonstra tanto a necessidade política do Estado de unificação territorial, quanto a construção de um mesmo sentimento em relação a ideia de Cultura Nacional. Como afirma Terry Eagleton, em **A idéia de cultura**, “Por meio do Estado-Nação fomos constituídos como cidadãos do mundo” (EAGLETON, 2005, p. 92).

⁴TOMLINSON, H. M. “Exploration”. In: **Out of Soundings**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208. A tradução deste trecho do ensaio é minha, assim como todas as outras).

Assim sendo, na concepção desse pensador contemporâneo,

Existe um correlato político da unidade do individual e do universal, conhecido como Estado-Nação. A principal forma política da modernidade é ela mesma uma negociação difícil entre o individual e o universal. Para serem arrancadas à casualidades do tempo e erguidas à condição de necessidade, as nações precisam da mediação universalizante do Estado (EAGLETON, 2005, p. 88).

Os relatos de viagem - como uma possibilidade de retorno ao passado representado de um povo, às instituições constitutivas de certa existência, de certos modos de vida e de outras construções imaginárias - são fontes valiosíssimas relacionadas a essa construção de Estado-Nação, a essa ligação entre o político e o cultural, entre o individual e o universal entre o *real* e o mítico. A ideia de pertencimento a determinado espaço territorial, então, é a garantia de uma identidade cultural, já que “cultura é o que diferencia” (EAGLETON, 2005, p. 88).

Dessa forma, apresentamos neste trabalho uma Amazônia envolta em constantes mistérios e enfrentamentos do homem pela conquista e domínio de um espaço geográfico e representacional. Ora um quadro panorâmico ansiado pelo olhar voltado para o belo, ora um quadro de desolação, sofrimento e morte descrito pelo viajante da Modernidade. Nosso ímpeto não está na demonstração dessas diversas “descrições sensoriais”, mas no poder instaurado no próprio ato de viajar pelas florestas poéticas e expressões discursivas construídas por H. M. Tomlinson em seu relato. As diversas configurações da Amazônia brasileira, como de toda a América do Sul, possibilitam-nos a um riquíssimo estudo de concepções tanto a respeito do Outro, do viajante, quanto, e ainda mais fascinante, o estudo sobre nós mesmos - nossa comunidade e nossa viagem através do tempo.

A América do Sul - talvez seja preciso reafirmar - possui grandes maravilhas naturais. Essa assertiva pode ser constatada tanto através dos relatos de viajantes de séculos passados como nos publicados no final do século XX. Assentamos que qualquer relato de viagem emoldura um tempo, um espaço, um cenário político e social, portanto, uma pintura

fantástica possibilitada pela viagem. A questão é que alguns detalhes dessas representações são, algumas vezes, exageros ou minimizações estabelecidos pelo viajante-narrador. Há, também, e isso em um acentuado contraste, registros de paisagens obscuras, insalubres e monótonas; de extensões infundáveis de rios tendo suas margens povoadas por seres estranhos e, de quando em vez, indolentes, vivendo em um mundo submerso na escuridão. A Amazônia, assim, é reconfirmada como o avesso da Europa. Muitas narrativas de viagem, entre elas **The Sea and the Jungle (O Mar e a Selva: relato da viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil)**, pintam a Amazônia como um lugar ao mesmo tempo exótico e de experiências de extremo sofrimento; um espaço aberto à contemplações - do qual o viajante mantém certa distância, seja através de um elevado grau de admiração e êxtase, seja de terror e morte. Ele é o olho que-tudo-vê e a mente que tudo interpreta criticamente. Como tentaremos mostrar nesta tese, a função imaginária desempenha papel fulcral em sua tarefa contemplativa e composicional tanto do relato quanto de “si mesmo”. Nessa constituição, a metáfora é sua figura de linguagem preferida.

Dessa maneira, quando em terra firme, o viajante-narrador põe os pés voadores em ação; e sua mente sonhadora e contemplativa começa a imaginar a terra e o nativo como que em um tempo dos primeiros capítulos de Gênesis. A questão é que o Adão desse Paraíso terrestre é o viajante de além-mares. Basta um olhar de relance nas suas narrativas para se perceber essa premissa. É ele, o viajante, quem separa, cataloga, ordena, classifica, apreende e nomeia e, via composição discursiva, se alça à condição de herói, porque aproxima sua existência de uma obra de arte. Entenda-se aí “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (FOUCAULT, 1984, p. 15). E o leitor, em companhia do viajante, escreve Thomas Weskeil, em seu estudo do sublime, é “fustigado, penetrado, inundado, derrubado e geralmente nocauteado pelo sublime” (WEISKEL, 1994, p. 19).

Outras narrativas, como **Amazon town: a study of man in the tropics** (1974), do antropólogo norte-americano Charles Wagley, retratam o nativo em eterna inércia. Sua compreensão de cultura amazônica está completamente ancorada em sua cultura metropolitana e nos relatos de seus predecessores. A lente cultural de Wagley, ao que parece, é o único instrumento utilizado para medir, avaliar, denominar, (a)pre(e)nder e julgar o nativo? A reflexão sobre o homem da Amazônia rendeu-lhe méritos acadêmicos nos Estados Unidos e na Europa, ao mesmo tempo em que apregoa a “inferioridade dos nativos” daquela comunidade da Amazônia paraense, Itá; na verdade, a cidade de Óbidos, que o recebera com hospitalidade e apreço entre os idos de 1942-1945.

Arthur Conan Doyle, autor de **O mundo perdido** (1912), concebeu a região das Guianas como o lugar do primitivismo, daí suas obsessivas imagens de um tempo perdido e ali, em seu romance, reencontrado e, de certo modo, profanado. Já no fim do século XX, outro exemplo dessas imaginativas obras ficcionais é a narrativa sentimentalista do jornalista norte-americano Mac Margolis, **The last new world: the conquest of the Amazon frontier** (1992). Nela há mensurações de várias regiões da Amazônia que foram submetidas a projetos desenvolvimentistas, num esforço para mostrar aos leitores estrangeiros um lugar em constante agonia: florestas queimadas, cidades surgindo do nada, um intenso fluxo migratório e um nativo “desdentado e de pele amarelada” implorando ajuda ao civilizado. São dessa mesma vertente discursiva: **The world is burning** (1992), de Alex Shoumatoff; **The burning season** (1990), de Andrew Revkin; **The decade of destruction of the Amazon rainforest** (1990), de Adrian Cowell; **The road to Extrema** (1992), de Bob Reiss; **Into the Amazon** (1992), de Augusta Dwyer; **Amazon watershed: the new environmental investigation** (1990), de George Monbiot; **Amazon journal** (1997), de Geoffrey O'Connor, e **The rainforest cities** (1992), de Susan e Alexander Hunchet, um casal de geógrafos agrimensores encarregado de radiografar as “cidades da floresta”.

Como pode-se notar, é grande o acervo literário sobre a região. O mapa realmente se distende. Entretanto, num esforço para compreendê-lo, seguiremos um caminho com certos desvios, um percurso “entre-lugares” e “entre-tempos”, portanto, de modo oblíquo, algumas vezes, já que o discurso do viajante ideal, algo que explicitamos adiante, trata de diversos assuntos. A intertextualidade, como ponte para a polifonia, impera em sua construção que oscila entre o Campos Elísios e o Tártaro e entre a Amazônia e a Inglaterra. Assim, alto e baixo, vastidão e infinitude, luzes e trevas, vilania e nobreza, paraíso e inferno, feiúra e beleza, ordem e desordem, prisão e liberdade, vida e morte se entrelaçam no relato.

Levantamos, pois, “âncoras” com H. M. Tomlinson e navegamos “ao encontro de” e não “de encontro ao” des-conhecido. Perder-se para se encontrar é a rota que tomamos. Viajar exige sacrifícios e a entrega tanto é prazerosa quanto perigosa. Poder e terror, luzes e sombras então se mesclam.

I. OBJETO, TEMÁTICA E PARADIGMAS DO ESTUDO

O objeto de estudo desta tese é o relato de viagem **The Sea & the Jungle (O Mar e a Selva)**, do escritor inglês Henry Major Tomlinson. A temática central deste estudo refere-se às representações da Amazônia construídas nesta narrativa e desdobra-se, como se verá, numa reflexão sobre o sujeito viajante em sua hermenêutica de si, do outro e do mundo. Um dos paradigmas utilizados aqui é o Pós-colonialismo; é de suma importância a noção de discurso cunhada por Michel Foucault, principalmente em **A arqueologia do Saber** e **A ordem do discurso** e também a noção de “artes da existência” pensando-se, então, na hermenêutica do sujeito conforme **A história da sexualidade (o uso dos prazeres)**; algumas noções advindas da Crítica Literária, Filosofia da percepção, Estética e dos Estudos Utópicos são também de grande utilidade na construção deste estudo, uma vez que

a própria viagem converte-se num speculum em que o olhar do viajante se projeta sobre o Outro, tendo como lente de comparação o seu mundo de origem. Como afirma Carlos Eduardo Ornelas Berriel (2006), “O viajante tem, na sua essência, uma função mediadora entre dois mundo, e seu depoimento, que é em si a utopia, põe realidade e ficção face a face, esta espelhando aquela, em cujo reflexo aparecem correções, modificações e especialmente, inversões”⁵.

Tomamos **O Mar e a Selva: relato da viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil** como um conjunto de enunciados que estabelece fios tessitivos com o gênero utópico, pois navega rumo a um mundo ideal, que é o próprio construto subjetivo via narrativa. O discurso, como uma junção de vários pedaços de um espelho, demonstra certa posição-sujeito espelhando uma dada realidade geográfica, histórica, sociológica, econômica, política, religiosa, filosófica, subjetiva, etc. A partir deste paradigma, investigamos as representações da Amazônia dispostas na viagem discursiva tomlinsoniana procurando compreender, primeiramente, a modificação, purificação e a reconstituição do sujeito viajante; e, em segundo lugar, interrogamos o discurso político-filosófico e as estratégias discursivas construídas no relato em questão através de pinturas sociais da Inglaterra e do Brasil, especificamente da Amazônia de 1910; também examinamos certas construções paisagísticas a partir da noção de viajante ideal e de rebelde filosófico identificados no relato e, finalmente, indagamos certos estereótipos construídos ao longo desse experimento discursivo.

Nossa argumentação é que essa Odisseia tomlinsoniana se apresenta, em primeiro lugar, como uma crítica político-moral à Inglaterra e ao Brasil e serve como um exercício de elevação dos pensamentos rumo ao Sublime, que é “a alma do corpo retórico”, diz Weiskel via Longino. Em segundo, as representações da Amazônia a configuram ora como o Campos Elísios, ora como o Tártaro. Assim, vida e morte se entrelaçam no percurso do

⁵BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. “Editorial”, In: **Morus - Utopia e Renascimento**, nº 3. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 2006, p. 6.

viajante ideal, porque capaz de compor um relato que é a “arte da existência” de um eu distendido e em processo de ascese. Como isso acontece no discurso tomlinsoniano é o que esta tese tenta demonstrar. Tenta também mostrar como a cultura europeia se reafirma a partir da comparação com a Amazônia como um lugar “nas costas do mundo”.

Exposta desse modo, nossa viagem crítico-analítica está balizada por certo número de questões comuns: a) Como H. M. Tomlinson em **O Mar e a Selva** produziu e reapresentou a Amazônia do início do século XX para seu público “Primeiro Mundista?” b) A partir de que mecanismos discursivos a região dos rios Pará, Amazonas e Madeira é apresentada ao público inglês? c) De que forma esse relato re-afirma a Cultura metropolitana em relação à Amazônia? d) Como tal prática discursiva codifica e legitima as diferenças entre “nós” e “eles”? e) Por que e através de que estratégias discursivas são pintados os nativos e outros trabalhadores da EFMM? f) Que críticas à Europa e ao Brasil são constituídas e a partir de que eixos temáticos? g) Em que medida esses sujeitos “viajados”, os nativos que acompanham o viajante em sua jornada, contribuem para a construção dessa Odisseia que é **O Mar e a Selva**? h) Como o herói tomlinsoniano se desprende de si mesmo e se constitui em um outro ego, essencial, desvencilhado do acessório, do não-significante, do tumulto confuso, rumo a um todo organizado e autossuficiente? i) De que modo as partes da narrativa estão articuladas ao corpo, formando um todo coeso da obra? Esclarecemos que nosso estudo investigativo não segue estas questões conforme delineadas aqui. Elas se encontram esparramadas, diluídas, como ondas e marés possibilitadas pelo próprio fluxo textual. Porém, nos dois primeiros capítulos procuramos mostrar as reflexões do viajante sobre a situação de si mesmo no mundo, bem como suas críticas à política e moral da Inglaterra. Diferentemente de outros viajantes que o precederam nas viagens, ele não chega à Amazônia no primeiro capítulo, mas somente na metade de seu relato.

Feita a apresentação de nosso objeto de estudo, das temáticas a serem navegadas e de nosso percurso investigativo, espelharemos o que se pretende em cada parte e capítulo.

II. DA DIVISÃO DA TESE

Distribuída em dois volumes - estudo investigativo e tradução comentada - o primeiro divide-se em quatro capítulos. Antes destes, apresentamos o **Prelúdio**, isto é, um prenúncio dos temas abordados, uma espécie de saudação à Amazônia, nosso porto de desembarque. Pois já que se trata da viagem de um peregrino londrino para a Amazônia, uma composição harmoniosa e sonora poderá nos conduzir ao êxtase reclamado pela ação, pelo desvencilhamento de si, pela coragem, força e ímpeto, próprios da juventude do escritor. Devemos então, buscar os prazeres da aventura? Porém, como adverte H. M. Tomlinson (2010, p. 110), “os tesouros encontrados na viagem são intraduzíveis em seu tempo e lugar”. Esclarecemos, de antemão, que estamos utilizando a data da tradução do relato de viagem nas citações, uma vez que o processo de “translating back” para a língua portuguesa ocorreu no ano de 2010. Explicitemos então nossa rota programada da viagem.

No capítulo I: Zarpando com Henry Major Tomlinson - pontuamos alguns traços biográficos do viajante-escritor Henry Major Tomlinson e elencamos algumas obras de sua produção literária. Em seguida elaboramos uma sinopse do relato de viagem **O Mar e a Selva**, não com a ousadia de abarcamos o relato por completo, mas, tão somente com o intuito de clarear nosso próprio caminho. Na seção seguinte estabelecemos um paralelo entre a noção de Peregrino e Liberdade como elementos arquetípicos para a gênese de uma produção discursiva de viagem; também discutimos a noção do “momento sublime cuja temporalidade é ficcional ou meramente operacional” (WESKEIL, 1994, P. 42); na última, investigamos a noção de viajante e narrador, procurando estabelecer certa linha paradigmática entre estes dois conceitos.

No capítulo II: Rumo à terra do sol constante - dirigimo-nos para as terras do sol tropical. Marinheiros e suas histórias são nossos companheiros de jornada na primeira parte deste capítulo. O medo que toma conta desses argonautas é aqui pensado como possibilidade de encontrar outro caminho. As suas lutas são necessárias para fazer a travessia das

profundezas abissais do Atlântico. Elas são necessárias também para o amadurecimento dos próprios viajantes, pois o desejo de correr riscos, de se perder, de não ter certeza de nada, lhes torna um corpo uno e lhes fortalece a cada milha navegada. Estando maleáveis uns aos outros, esse corpo náutico segue fortalecido e confiante de que o empreendimento aos trópicos será um sucesso.

Esses argonautas do Atlântico e dos rios amazônicos, à moda de Jasão e Ulisses, enfrentam mares bravios, com suas belas e perigosas Sereias, Ciclopes, Harpias, Órion, Hespérides, etc. e tudo que esses seres possam representar, com o único intuito: provar para eles mesmos que uma grande jornada podia ser feita. No portal do jardim do Éden, eles clamam pelas Eumênides, certos de que tinham escapado de tudo e que nada mais lhes aprisionaria. Libertos até do tempo, porque agora imortais, são agora o viajante ideal ou o olho desencarnado, porque somente ele é capaz de ver com a mente e de escrever o que viu e viveu. Os acontecimentos “verídicos” enfrentados na travessia do Atlântico e as histórias dos marinheiros se entrelaçam para dar conta da pintura, que mostra ao extasiado leitor, imagens daqueles fatos que passaram pelos sentidos e gravaram no espírito uma espécie de vestígio. “O segmento de tempo que delimita sua vida”, escreve Cardoso a respeito do viajante, “parece fiar-se na linha tênue que amarra suas histórias, reunidas (ou narradas) sempre sem ordem ou sequência estabelecida, por associação, contaminação ou contiguidade de algum de seus elementos como nos sonhos”⁶.

Embevecido pela pintura do “real” e mítico, é preciso que seja concedida uma folga para a alma do leitor. É chegada a hora do **Interlúdio com Tomlinson**. Esse entretenimento entre as duas partes dos capítulos deste estudo tanto pode proporcionar um descanso, e clarificar a posição do sujeito/viajante, quanto servir como instigação ao prosseguimento da jornada. Chegar ao porto de desembarque é certeza da missão cumprida? Naveguemos adiante. Há ainda muitas milhas a serem viajadas. "Devemos ultrapassar aquele brilho

⁶CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: **O olhar**. Organização Adauto Novaes ... [et al.] São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

pálido, aquela congregação de sóis, aquele arquipélago de mundos; embora não ainda. Mas nós não tínhamos a noite toda para viajar? A noite seria longa" (TOMLINSON, 2010, p. 71).

No **Capítulo III: Ente-lugares e entre-tempos** - nossa viagem prossegue nas florestas dos rios Pará, Amazonas e Madeira, tendo como teto, ora o caçador Órion, Sírius, as Plêiades e a Ursa-Maior, ora o azul derradeiro com seus nimbos aperolados, e a mata verdejante, como estampa de frente e fundo, com algumas casinhas esfumaçadas que expiram sua fumaça rumo aos céus avermelhados. É ali que os nativos, gnomos e jaburus desenham-se nas sombras das árvores - como uma imagem efêmera. É preciso procurar o sentido da viagem em companhia de um viajante sonhador e ao mesmo tempo um filósofo rebelde, então. É nessa parte que tentamos compreender algumas imagens da natureza nos trópicos a partir da figura do herói. O tempo aqui é o não-lugar. Discutimos a experiência de proximidade e distância dos objetos vistos e apreendidos pelo herói. É através dele que a magia se torna arte e esta se torna mercadoria. A Amazônia está agora plasmada em imagens - traduzida - e, portanto, pode ser comercializada. Porém, ainda nos resta discutir o papel do herói do romance. Optou-se também pelo termo romance, é verdade. E, provavelmente, muito mais que isso. O relato ora estudado é um exercício de reflexão filosófica de um sujeito em seu “cuidado de si”: atitudes relacionadas ao mundo subjetivo, aos outros e com relação ao mundo exterior. Essas práticas espirituais - exames de consciência, memoração do passado, espelhamentos e exortações - o conduzem à modificação, à purificação, à transformação e transfiguração. **O Mar e a selva**, possuindo traços e elementos característicos da **Odisseia** de Homero, é o resultado dessa praticidade do sujeito em seu romance de vida.

Por falar em romance, abramos um parêntese aqui. De acordo com Massaud Moisés, “o romance pode apresentar uma visão global do mundo. Sua faculdade essencial consiste em recriar a realidade; reconstruir o fluxo da existência com meios próprios, de acordo com uma concepção peculiar, única, original” (MOISÉS, 2003, p. 165). Ainda segundo o autor,

“o romance encerra uma visão macroscópica da realidade, em que o narrador procura abarcar o máximo, em amplitude e profundidade, com as antenas da intuição, observação e fantasia” (2003, p. 166). Dentre outras características romanescas há, em **O Mar e a Selva**, uma pluralidade dramática, ou pelo menos três núcleos narrativos, que se constituem em duas vertentes condutoras do romance: a) primeira, a do presente da ação; b) segunda, a das reminiscências do viajante-prosador, que faz, quando diante de algo familiar ou desconhecido, uma “sondagem de suas reminiscências, fixadas na memória e reelaboradas na consciência por mecanismos associativos” (MOISÉS, 2003, p. 204); c) terceira, uma espiral de narrativas paralelas, que são contadas por personagens-narradores, de momento em momento, ao narrador central. Há ainda a pluralidade geográfica: o espaço londrino, ou europeu, o amazônico e o espaço do sonho. E ainda, o tempo mítico, o histórico e o psicológico entrecruzando-se no decorrer da narrativa. Fechemos o parêntese.

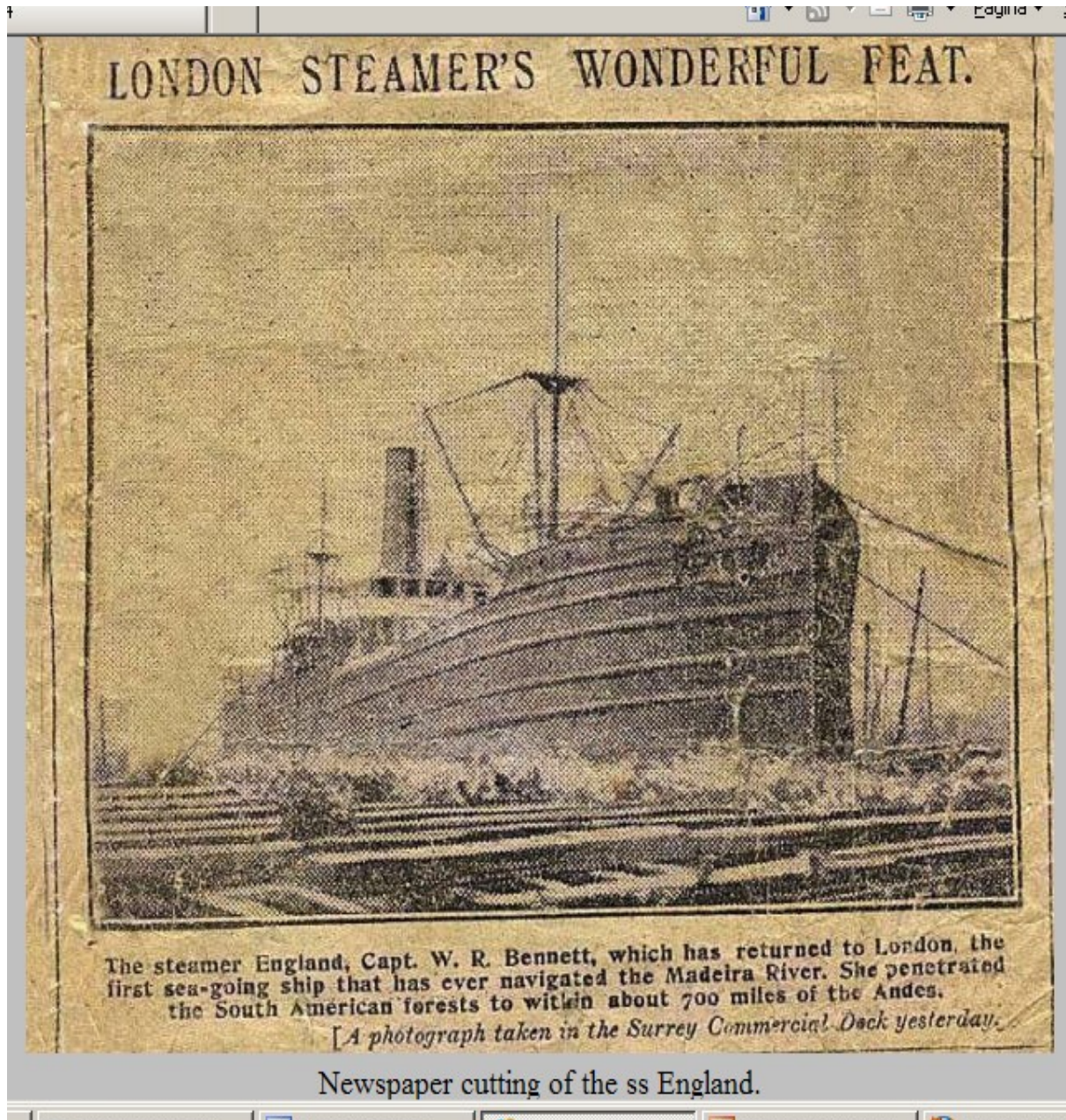
Chegamos ao **Capítulo IV: O sacrifício do herói sonhador**. Algo incontestável nas longas viagens pelo mundo é o sacrifício do viajante. Sujeitar-se a nunca mais ser o mesmo é a sanção derradeira? “Uma vez que se começou, pode-se encontrar a si mesmo em qualquer lugar. A passagem pode ser imediata. Não há oráculo para avisar-lhe onde se pode estar à noite. Pode-se estar tão diferente que o próprio mundo estará mudado. Então, o que se fará?”⁷ Porto Velho, Santo Antônio do Alto Madeira e suas redondezas possibilitam o encontro com homens e fantasmas. O viajante ora está nos Campos Elísios, ora no Hades. Há indígenas esgueirando-se pela mata verdejante, enquanto o olho desencarnado procura capturá-los. Estamos nas terras da nação indígena Caripuna. A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), com seus enlouquecidos anjos-homens, os expulsa de seu território. Capturemos, então, as últimas imagens do “selvagem”, mas não antes de alguns espelhamentos. E, nesta parte, para melhor mostrar o cenário Madeirense, procuramos reconstruir o contexto histórico-amazônico onde estava sendo construída a EFMM, já que é

7TOMLINSON, H. M. “Exploration”. In: **Out of Soundings**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208.

ali o porto a ser alcançado e o motivo da viagem do S. S. *Capella* (*S. S. England*) aos trópicos. E aí interrogamos: depois de se haver encontrado com a Esfinge Verde, é possível fugir dela? Voltar ao *Capella* é a garantia de se poder zarpar em direção ao mar e ao aconchego e refúgio familiar? Um viajante ideal deveria ter um lar? O último porto desenha-se diante de olhos inquiridores, mas ainda há muitas milhas de florestas e rios antes de zarpamos rumo à metrópole. Lá as âncoras devem ser baixadas. As máquinas desligadas. A prancha jogada à terra. E os viajantes, homens agora aprimorados, é verdade, devem se despedir uns dos outros pela última vez. É o Porto Final ou a Esfinge continuará a desenhar-se em suas mentes?

Mas ainda há o que se dizer dessa **Odisseia** tomlinsoniana. Um **Poslúdio** tornou-se necessário. Com ele esclarecemos interessantes dados históricos referentes ao empreendimento, bem como procuramos traçar um mapa de uma linguagem mítica ao longo de **O Mar e a Selva**. Afinal, ao que se pode visualizar, o herói atravessou o caos, ultrapassou o limiar do tempo, desceu ao mundo inferior e ali encontrou seres diversos; viu as harpias, por exemplo, sentiu a presença viva da Esfinge Verde e dela se safou a tempo. Zarpemos.

Figura 1



CAPÍTULO I

ZARPANDO COM HENRY MAJOR TOMLINSON

*Não deve haver uma crítica mais perspicaz a **O Mar e a Selva** do que aquela feita pelo próprio Tomlinson, quando aludindo ao **Diretório de Navegações do Atlântico Sul**, sua leitura favorita na sala de cartas náuticas do navio Capella: “Não acho que esse nobre volume esteja incluído entre os cem melhores livros, mas sei que ele pode libertar a mente do corpo”⁸.*

Evan Connel - Prefácio de **O Mar e a Selva**

Viajar é sempre um exercício de aprimoramento, pois o ato de deslocar-se de um lugar para outro, como é o caso de muitos escritores conhecidos por H. M. Tomlinson, entre eles Henry David Thoreau⁹, possibilita o imperativo delfico “conhece-te a ti mesmo”. Esse deslocamento no “espaço, no tempo e na hierarquia social” - realizado na companhia de um escritor de relatos de viagem - é uma experiência de leitura de si mesmo, que também converte-se em viagem. E uma viagem sempre põe o indivíduo entre mundos distintos e em confrontos (discutiremos esta questão mais adiante) que são estabelecidos através de comparações - uma construção espelhada, então, pois ela permite que o viajante critique a situação social de seu país de origem através do espelhamento. E aí a mimesis torna-se a força do discurso do viajante.

Assim, esse gênero narrativo - o relato de viagem - lido num barco que serpenteia nas águas dos inúmeros rios da Amazônia, talvez devido ao próprio cenário, tem o poder de “libertar a mente do corpo”, como também de inquietar o espírito crítico do leitor. Como

⁸There may be no more perceptive critique of *The Sea and the Jungle* than that offered by Tomlinson himself when alluding to *South Atlantic Sailing Directions*, his favorite reading matter in the Capella's chart-room: “I do not think this noble volume is included in the best hundred books, but I know it can release the mind from the body.”

⁹Em 1845, Henry David Thoreau decidiu tentar o que ele chamou de “experimento”. Construiu uma cabana nos bosques perto de Walden Pond, Massachusetts (EUA), e ali viveu durante dois anos. Deste empreendimento nasceu sua obra **Walden, ou a vida nos bosques**.

um sonho que se materializa, mas que pode ser despedaçado a qualquer instante, a narrativa enfeitiça o leitor que, na companhia de um narrador central - o herói - e alguns coadjuvantes, enfrenta vendavais e tempestades marítimas, sobe às alturas celestes; vê a face resplandecente de anjos e querubins, desce às profundezas abissais do oceano; e, também, adentra a escuridão de uma floresta “assombrada”, onde formas gigantes estão em plena batalha, e indígenas hostis “fazem instrumentos musicais com os ossos das canelas de suas vítimas”. Mas não nos antecipemos, comecemos, à moda tomlinsoniana, da gênese.

E foi num dia chuvoso, no final do ano de 1909. E Henry Major Tomlinson despediu-se de sua esposa e de seus filhos, pegou o trem e desceu na Estação de Paddington, em Londres, e dali seguiu para um porto de carvão, em Swansea, no País de Gales, e ali embarcou em um navio, o *S. S. England*, contratado como segundo-comissário de bordo; e, numa manhã de domingo, no dia 19 de dezembro, depois de alguns dias de espera naquelas docas insalubres, ele zarpou rumo a Belém do Pará, no Brasil; e dali seguiu pelo rio Pará, alcançou o rio Amazonas através do estreito de Breves e, dias depois, o rio Madeira e seguiu viagem para Porto Velho, onde estava sendo construída a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Essa é a gênese d'**O Mar e a Selva**. Porém, antes de elaborarmos um resumo deste relato de viagem, convém que pincelemos alguns traços biográficos de Henry Major Tomlinson.

Figura 2



Henry Major Tomlinson

Henry Major Tomlinson nasceu em Wanstead, Essex, condado da Inglaterra, no dia 21 de junho de 1873; faleceu em Londres, no dia 05 de fevereiro de 1958 e está enterrado em um adro perto de sua casa de verão, em Dorset. H. M. Tomlinson, como ficou conhecido em seus escritos, começou sua carreira como jornalista em 1904, escrevendo histórias sobre o mar e as navegações, para o jornal *Morning Leader*, em Londres. Em 1909, recebeu um convite que o fez maravilhar-se: deixar Londres e aventurar-se numa viagem aos trópicos amazônicos a bordo do navio *S. S. England*, que faria uma longa e nobre jornada, zarpando de Swansea, atravessando o oceano Atlântico e ancorando em Santa Maria de Belém do Pará, no Brasil. Dali o navio seguiria pelos rios Pará e, através do estreito de Breves, alcançaria o rio Amazonas e depois seguiria pelo rio Madeira, até o trecho encachoeirado, no então povoado de Santo Antônio, onde uma empresa ferroviária estava tentando, desde 1907, concluir a Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM). Tomlinson foi contratado por William Reath Bennett, o capitão do *S. S. England*, como segundo comissário de bordo, recebendo pelo trabalho um xelim por mês, como ele mesmo escreve em seu relato. O *S. S. England* zarpara de Rotterdam, onde o capitão havia contratado nova tripulação e, em Swansea, é que H. M. Tomlinson e Sidney H. Jones, o médico de bordo, foram contratados e se juntaram ao grupo de viajantes. Segundo recortes de jornais dispostos na website¹⁰, esses dois novos tripulantes embarcaram no dia 16 de dezembro de 1909.

A viagem de H. M. Tomlinson à Amazônia brasileira, realizada entre 19 de dezembro de 1909 e 17 de março de 1910, resultou em seu primeiro e mais conhecido livro, publicado em Londres em 1912, recebendo da crítica enorme acolhimento. Como essa narrativa é o objeto de estudo deste trabalho e até agora não havia sido traduzida para o português do Brasil, damos a tradução de sua redação num segundo momento e, no primeiro, apresentamos um estudo do ambiente, da época e das reflexões construídas por H. M. Tomlinson em **O Mar e a Selva**. Sua produção discursiva se revela como o relato de

¹⁰Disponível em www.swanseadocks.co.uk. Acessado em 20/05/2011.

um sonhador, de um rebelde filosófico e de um crítico social que teve a oportunidade de escapar de suas amarras na cidade de Londres e, no percurso de sua viagem ao Brasil, se pôr a pensar o homem e suas condutas. Também de oscilar entre dois mundos: o *real* e o fictício, o exterior e o interior numa espécie de ascesse. Segundo John Freeman, um de seus críticos, Tomlinson “revela-se nessa narrativa sem estar consciente do quanto ele mesmo está se revelando e, de fato, sem muito cuidado”¹¹.

Tomlinson cresceu em Poplar, um subúrbio de Londres, na época. Seu pai, de quem herdou o mesmo nome, era um artilheiro que viajou durante os anos do comércio de carvalho e cânhamo entre a Inglaterra e a Índia. Sua mãe, Emily Tomlinson, filha de um oficial da Companhia da Índia Oriental, foi sua grande incentivadora às leituras e responsável pelo gosto de Tomlinson pela literatura dos viajantes. Em 1886, quando Tomlinson tinha treze anos de idade, seu pai perdeu as economias da família em especulações e morreu logo depois, e o seu tio o retirou da escola e o colocou para trabalhar como funcionário encarregado dos registros da expedição de mercadorias de uma empresa escocesa de navegação. Esse fato explica, em parte, a paixão do escritor por viagens transatlânticas.

Porém, Tomlinson nunca conseguiu gostar do trabalho como escriturário, mas fez apenas uma tentativa para se livrar desse ofício quando, em 1895, recebeu recomendações do senhor Chalmers Mitchell e outros para juntar-se à expedição de Jackson-Harmsworth ao Ártico, como um geólogo. Entretanto, Tomlinson fora rejeitado sob a argumentação de que era muito fraco para suportar as dificuldades a serem enfrentadas pela expedição.

Em 1898, aos 25 anos de idade, Tomlinson se casou com Florence Hammond e parecia, então, que tinha se reconciliado com sua sorte. Porém, em 1904, um argumento acalorado ocorreu e seu patrão perdeu o temperamento e o demitiu do trabalho. Como sua esposa estava grávida do primeiro filho, Henry Charles (depois nasceram duas filhas: Florence Margery e Dorothy Mary Major), Tomlinson ficou relutante em contar-lhe o

¹¹FREEMAN, John. Mr. H. M. Tomlinson. In **London Mercury**. Vol. 16, Nº 94, 1927.

ocorrido. Entretanto, enquanto andava pela Fleet Street, se encontrou com Ernest Parke, editor do jornal *Morning Leader*, que o convidou para juntar-se ao grupo, o que ele aceitou prontamente e maravilhou-se quão facilmente tinha se livrado do emprego, como escriturário, que ele tanto detestava. É exatamente nesse novo serviço que Tomlinson recebeu permissão para viajar para os trópicos, como também teve a oportunidade de embarcar em um navio para cobrir as *Manouvres Naval*; então viajou em um navio pesqueiro, o *Windhover*, no período de guerra entre Japão e Rússia, uma viagem que ele descreve em “Off Shore”, um ensaio incluso no livro **London River** (1921). Com a explosão da Primeira Guerra Mundial, H. M. Tomlinson foi enviado como correspondente de guerra para cobrir os acontecimentos para o *Morning Leader* e *Daily News* da Bélgica e da França¹². Assim, entre 1915 e 1917 Tomlinson registrou as terríveis experiências dos soldados na Primeira Guerra Mundial. Depois foi liberado desse ofício porque diziam que seus escritos das experiências de guerra eram muito humanitários.

Embora H. M. Tomlinson seja mais conhecido como escritor de relatos de viagem, de fato, escreveu apenas três: **The Sea and the Jungle** (1912), **Tidemarks** (1924) e **South to Cadiz** (1934). Os demais escritos são ensaios sobre as viagens, notavelmente em “Log of a Voyage”, no livro **The Turn of the Tide** (1945) e “After Fifty Years”, incluso em **A Mingled Yarn** (1945). O texto “After Fifty Years” é sobre o cruzeiro que fez com Florence pela passagem das bodas de ouro do casamento deles e é também um tributo à esposa. De fato, Tomlinson escreveu mais intensamente pequenos ensaios, uma vez que era jornalista e escrevia para periódicos como *Century*, *Harper's* e *Holiday*. O livro **Tidemarks** (1924), por exemplo, é o resultado da viagem que ele empreendeu para a Malásia e Singapura, como parte da comitiva a serviço do *Harper's* em 1923; e **Old Junk** (1918) é uma coletânea de ensaios abordando vários tópicos, incluindo navios, navegações, a vida em pequenas colônias de pescadores e histórias das experiências dos soldados durante a Primeira Guerra

12CRAWFORD, Fred D. **Dictionary of Literary Biography**. Central Michigan University - Disponível em: <http://www.booksrags.com/biography/henry-major-tomlinson-dlb/>. Acesso em 12 de jan. 2010.

Mundial¹³.

Dos inúmeros escritos de Tomlinson, citamos apenas os mais conhecidos, que são, fora alguns já citados, **London River** (1921), que contém ensaios sobre a vida ao longo do rio Tâmesa e a sua importância para o povo de Londres; **Waiting for Daylight** (1922), dedicado à sua esposa, é uma coleção de ensaios sobre suas reações às guerras modernas e ao desencantamento do mundo industrial. Em **Gifts of Fortune** e em **Hints for Those About to Travel** (1926), Tomlinson escreve sobre as coisas que ainda podem consolar e nos maravilhar num mundo pós-guerra. Sobre este livro, D. H. Lawrence, outro crítico literário da época, pontua que Tomlinson era um “homem que estabelecia novas visões, novos sentimentos sensivelmente estremecendo-nos”¹⁴. **Gallion's Reach: A Romance** (1927) é o primeiro romance de Tomlinson. É um tanto quanto autobiográfico, pois narra sobre um jovem inglês que trabalha como escriturário em uma importante Companhia de navegação e deseja aventurar-se pelos mares do mundo. **All Our Yesterday** (1930), o segundo romance tomlinsoniano, é um tipo de registro da história cultural da Inglaterra abrangendo os anos do fim da Guerra do Bôeres, em 1919. **Out of Soundings** (1931) é um livro de ensaios críticos sobre vários aspectos da Modernidade ou “Progresso”, assunto que ele já ironizara em sua primeira e mais conhecida obra, **The Sea and the Jungle** (1912). **Mars His Idiot** (1941) e **The Trumpet Shall Sound** (1957) são obras que pintam os efeitos da 1ª e 2ª Guerra Mundial na sociedade britânica. O primeiro é um conjunto de ensaios; o segundo, um romance.

A produção literária de Tomlinson resume-se aproximadamente a trinta livros, inúmeros artigos e pequenas histórias de suas reminiscências. Entretanto, nosso objeto de estudo é apenas o seu primeiro livro, que daqui em diante será nosso barco e, do qual elaboramos um breve resumo a seguir, um esforço para possibilitar ao leitor um ligeiro, mas

13CRAWFORD, Fred D. **Dictionary of Literary Biography**. Central Michigan University - Disponível em: <http://www.booksrags.com/biography/henry-major-tomlinson-dlb/>. Acesso em 15 de jan. 2010.

14LAWRENCE. D. H. “**Gifts of Fortune**, by H. M. Tomlinson”. In: **Phoenix: The Posthumous Papers of D. H. Lawrence**, editado por Edward D. McDonald. New york: Viking, 1936. pp. 342-345.

não completo, entendimento d'O Mar e a Selva.

Figura 3

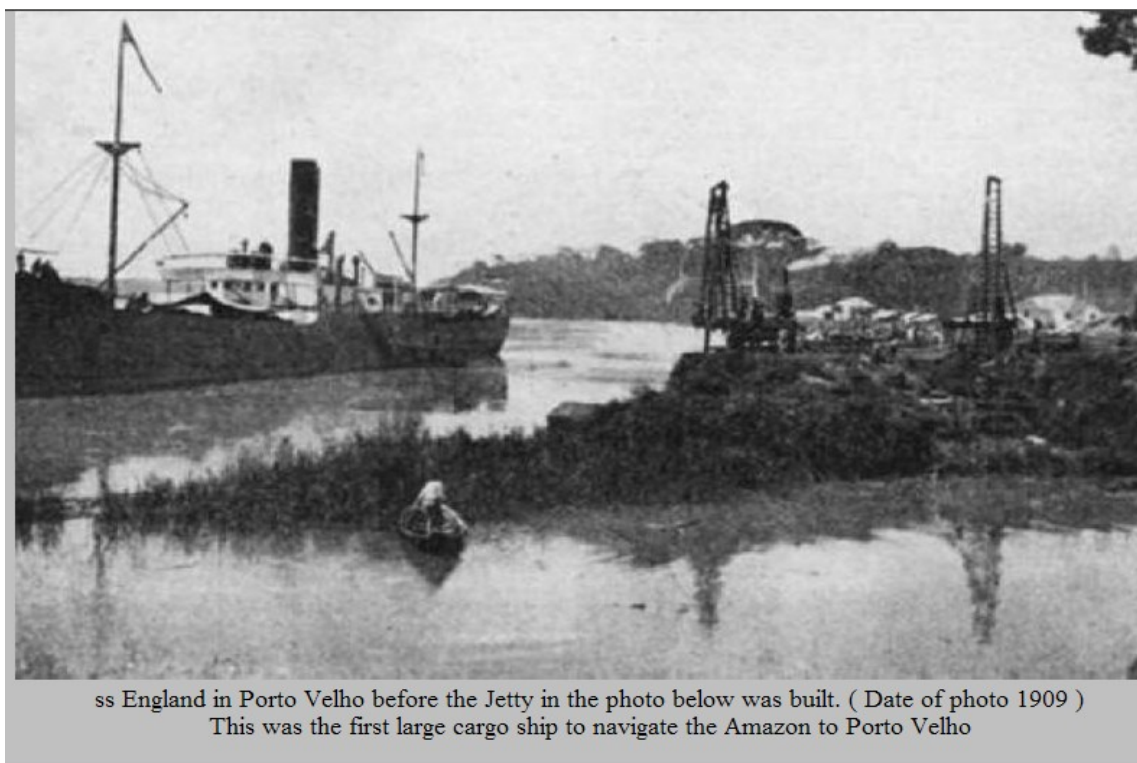


ss England in Porto Velho before the Jetty in the photo below was built. (Date of photo 1909)
This was the first large cargo ship to navigate the Amazon to Porto Velho

S.

S. England em Porto Velho no início de 1909¹⁵

¹⁵<http://www.swanseadocks.co.uk/ss%20Capella%202.htm>



1.1 O MAR E A SELVA: REPRESENTAÇÕES DE UMA VIAGEM À AMAZÔNIA

A Amazônia, o Tibete e a África invadem as lojas na forma de livros, narrações de expedição e álbuns de fotografias em que a preocupação com o impacto é demasiado dominante para que o leitor possa apreciar o valor do testemunho que trazem. Longe de despertar seu espírito crítico, ele pede cada vez mais desse alimento, do qual engole quantidades fantásticas.

Tristes Trópicos - Claude Lévi-Strauss

William Reath Bennett, o capitão do navio S. S. *England*, um navio a vapor, em conversa com H. M. Tomlinson, na Fleet Street, no centro de Londres, informou-lhe que faria uma viagem para os trópicos amazônicos e o convidou para juntar-se ao grupo de marinheiros como segundo comissário de bordo, uma vez que Tomlinson dizia-se enfastiado de Londres e de sua multidão apressada. Era a oportunidade para escapar de

tudo. Então Tomlinson escreveu uma petição a Ernest Parke, editor do jornal *Morning Leader*, e começou a preparar-se para a viagem. Aprovada a petição, ele recorreu às autoridades dos relatos de viagem - Richard Hakluyt, John Hawkins, Alexander von Humboldt - depois a Henry Walter Bates, Alfred Russel Wallace e Spruce procurando a maneira ideal para se iniciar um empreendimento no além-mar. Era a gênese de **O Mar e a Selva** - o relato de sua viagem ao Brasil; o retorno via Jamaica e de lá para Tampa, na Flórida, onde desembarca do navio, pega um trem para Nova Iorque, e ali embarca para Londres em um navio da companhia Curnader.

Além do registro da viagem, há observações e críticas à Inglaterra e à Amazônia brasileira espalhadas ao longo das páginas, (assunto que será retomado mais adiante). Tomlinson informa a seu leitor, logo no início da narrativa, sobre os assuntos dos jornais de Londres, como também o logro de muitos relatos vitorianos e como sua viagem aos trópicos fora decidida:

Logo eu estava no trabalho, mostrando, eu espero, o impulso certo e o olho concentrado, lealmente e ativamente subindo a roda giratória como o esquilo; exceto, infelizmente mais azarado do que aquela coisa selvagem, tão longe quanto eu sei, estava claramente consciente, apesar da velocidade, que a roda permaneceria para sempre no mesmo lugar. Depois de um longo giro, procurando suspirar por entre as grades, eis que ali estava o capitão, sorrindo para mim.

Vi uma porta aberta. Saí. Era como se o mundo tivesse sido rapidamente iluminado, e eu pudesse ver a uma grande distância.

Ficamos na Fleet Street até tarde, interrompendo o fluxo. (...) O marinheiro estava me dizendo que viajaria em breve, e que estava levando seu navio para uma viagem experimental nas florestas tropicais da Amazônia. Estava indo para o Pará, e de lá subiria o rio principal até Manaus e depois tentaria alcançar um ponto no rio Madeira próximo à Bolívia, 800 milhas acima de sua união com o grande rio. Seria uma jornada nobre. Eles iriam ver Óbidos e Santarém, e a folhagem esfregaria o cordame do navio, tão estreita seria a passagem e, onde eles ancorassem à noite, as onças viriam beber água. Tudo isso para mim, que tinha lido Humboldt, Bates, Spruce e Wallace. Enquanto eu o ouvia, meu cachimbo apagou.

Quando estávamos nos despedindo, o marinheiro - que está acostumado a horizontes longínquos e comumente lida com acontecimentos de muitas maneiras, porque suas normas em seu próprio negócio são a linha do horizonte e o meridiano - me fez a pergunta mais intrigante que eu tive que responder, desde que a cidade primeiramente me pegou e me enjalou (...). “Então, por que você não cai

fora?”

O quê, escapar? Nunca tinha pensado nisso. É a última solução que teria me ocorrido com relação ao problema do cativo (...). Como se a servidão incorresse de nossa parte como tendência (...). Como poderíamos viver senão com vínculos? Nunca tentei. Não lembro, mesmo em toda a justa e respeitável história da minha família, que isso já tenha sido tentado. O hábito da obediência, como o nariz característico da nossa família, está enraizado no osso. O máximo que já fizemos foi agitar nossos punhos contra o destino; e tenho feito mais do que isso.

“Liberte-se disso venha comigo” - disse o capitão.

Com um sorriso triste levantei meu pé pesadamente e mostrei o que me prendia ali. “Puxa! Você podia dividir o camarote com o segundo oficial. Há um espaço lá. Eu poderia te contratar como um comissário de bordo. Você vai comigo - ele disse.

Olhei para ele. O indivíduo queria dizer isso. Ri dele.

“O que eu deveria fazer com tudo isso?” - perguntei em conclusão. E apontei para a Fleet Street, fonte de toda a luz que conheço, provedora do meu prêmio de imposto de renda, limite de minha perspectiva. “Como eu poderia viver quando retirado de seu cheiro de tinta, e do ímpeto de sua maquinaria?”

“Isso? Ah, dane-se isso”!

Foi seu tom de voz suave que me deixou confuso e não o que ele me disse. A maneira do marinheiro era como a de alguém que ficaria chateado se eu o tratasse como um homem prático (...). Na verdade, sei que ele é sempre impaciente pelo passo seguinte em qualquer negócio, e não, como muitos de nós, por mais cuidadosas considerações. “Olhe ali. Você está vendo o ônibus do Putney? Se mais dois passageiros embarcarem no ônibus antes dele passar neste ponto, então você deve zarpar comigo” - disse o marinheiro apontando para o Circus Ludgate.

Isso tornou a dificuldade muito mais clara. Eu concordei. O ônibus parou e um homem com uma sacola correu e embarcou. Um! Depois fez uma corrida rápida e - quase nos alcançou - em outros dois segundos! - comecei a respirar mais facilmente; o perigo de liberdade tinha quase se ido. Então o marinheiro saltou no ônibus antes que estivesse parado totalmente e, quando subiu os degraus, virou-se e levantou dois dedos com um sorriso.

E assim a viagem de grandes momentos e aventuras estava decidida para mim (TOMLINSON, 2010, pp. 10, 12, 14).

Logo depois da persuasão e da aceitação do convite, Tomlinson descreve extensamente seu sentimento em relação ao fato, alertando o leitor que seu relato não deixará a terra até que ele mesmo esteja confiante no navio, pois “Este é um livro de viagem para homens honestos”, ironizando, dessa forma, os relatos de viajantes como Hakluyt, Bates, Wallace, Spruce e outros que o precederam. No trem daquela manhã, às 8: 35, (era sempre nesse horário que ele pegava o trem), Tomlinson descreve alguns passageiros e critica a postura de indiferença de outros em relação aos problemas do seu país e do mundo

européu com a proximidade de uma Grande Crise, que culminará com a Primeira Guerra Mundial. Depois de descer na estação ferroviária de Paddington, segue adiante debaixo de uma chuva calamitosa, encontra-se com um policial e pede informações a respeito do cais e,

Assim, rendi-me a todas as minhas oportunidades dos mares dos trópicos e da selva do Brasil, e saí do trajeto que o policial disse que me conduziria aos navios e ao mar; entrei num pátio escuro de uma loja, que estava somente meio molhado, e acendi meu cachimbo, e ali fiquei esperando que os tímidos deuses mudassem minha sorte.

Passos hesitantes caminharam para onde eu estava escondido, e pararam quando risquei meu palito de fósforo. "Você poderia me arranjar fósforo, senhor?"

Era um marinheiro um tanto quanto idoso usando uma capa de chuva amarela impermeável, e parecia arruinado. Estava um pouco bêbado. Sua capa refletia o brilho da rua de tal forma que ele parecia fosforescente; um velho marinheiro saindo molhado e brilhante do oceano. Desejava zarpar para Buenos Aires, ele explicou, e não tinha fósforo. Agora, ele ia para o rio da Prata, e eu para o Alto Amazonas, descendo as linhas do bonde de Swansea. E o vento choramingava pelos fios elétricos em cima, e um cão perdido nos seguia na rua deserta, onde o único som era o das bicas d'água; e o velho marinheiro cantava canções audaciosas e impróprias, tanto que admirei que não houvesse uma irrupção de toucas de dormir nas janelas mais altas de Swansea, para testemunharem esse distúrbio de sua paz habitual (TOMLINSON, 2010, pp. 20, 22).

O trabalho de Tomlinson como comissário de bordo pouco é mencionado. Assim, o autor encontra diversos outros assuntos para entreter o leitor até que o navio comece a viagem ao Pará. A bordo, encontra-se com os oficiais do *Capella* e com os demais membros da Companhia, e logo começa a tentar compreender a identificação mística dos marinheiros com o navio. Ele também encontra-se com o médico da Companhia, que

se apresentou como um homem virtuoso, e me persuadiu com algumas coisas como febres, Shaw, entomologia brasileira, a evolução do sexo, a profissão medicinal insuficiente para o socialismo, o mar e os poetas. Mas meus pensamentos estavam em retirada, com o cão preto em pleno choro. Estava muito frio e úmido até mesmo para se falar de sexo. Quando meu lampião começou a atirar seus raios de cheiro queimado, o médico, cansado do esforço para exaltar a massa azeda que era minha mente, deixou-me. Era noite. Ó, o mar e os poetas!

(TOMLINSON, 2010, p. 58).

Além de discutir as superstições e as fidelidades dos companheiros de viagem, suas conversas, seus esforços e suas lutas fechando escotilhas, que são abertas pelas tempestades nos mares, Tomlinson descreve as fraquezas dos marinheiros também. Um marinheiro de nome Chips, que machuca a perna durante uma tempestade, quando o navio está passando pela Cornualha, se aborrece quando não encontra sua Cruz de Vitória - uma medalha concedida apenas a alguém que praticou algum ato heroico - e Tomlinson e o médico o ajudam a reencontrá-la e

Do seu beliche, Chips deu um grito de alegria. O médico e eu, também sorrindo, olhamos para o velho marinheiro, sentindo que tínhamos agido por todos. Chips, sigiloso com seu emblema sagrado, estava colocando seu pacotinho debaixo de seu cobertor quando um marinheirinho estrangeiro o tomou dele. Foi confirmado que alguém, que aqui é chamado de Chips, era alguém da Antiga Ordem Real dos Búfalos (TOMLINSON, 2010, pp. 88, 90).

A descrição minuciosa do navio ocupa algumas páginas, numa tentativa de conciliação do narrador-viajante com sua "nova casa" e com a tecnologia da época. Um esforço para demonstrar que o navio a vapor é tão estranho, áspero e hostil ao olho, difícil de entender, mas que ele aprendeu, pouco a pouco, a conhecer suas falhas e não se ressentia de mais nenhuma mudança. Conheceu-o, tomou posse e assim o descreve:

E agora meu *Capella* não tem mais portas estranhas e declives surpreendentes e armadilhas para mim. Eu o conheço. Não é exatamente tudo que deveria ser, mas apreendi exatamente o que ele é. Eu o conheço. Se me magoei com ele é minha própria culpa. Agora ele é tão familiar para mim quanto um lar. Deveria me ressentir de qualquer alteração. Tendo aprendido a conhecer seus defeitos, gosto dele como ele é; o passadiço removível com suas cordas de mãos flexíveis e balaústres cambaleantes (você tenha cuidado, quando ele balança) que cruza por trás do convés principal a bombordo, da parte do meio do navio, onde estou alojado, para o tombadilho, onde o médico está alojado. As duas pequenas travessas de três portas cada uma, de bombordo a estibordo do seu centro, as portas que se abrem para o mar embaixo da sombra do convés do bote. Ali, no centro do navio também estão o camarote do comandante e a galé, a sala de refeição da tripulação e a entrada da casa das máquinas; mas essas últimas não se

abrem para o mar, mas para trás de uma conexão da passagem que atravessa o navio para se juntar no lado das travessas. Na dianteira desses camarotes fica o invólucro da casa das máquinas, onde o convés do centro se amplia, mas está amontoado com pedaços de escotilhas (preocupe-se com os pés ali, à noite); e para além dele, novamente, está a sala de cartas náuticas, e por cima da cabine, a ponte de comando e a sala do timão, a partir da qual há um extenso declive para o convés principal. No final desse convés há uma parede de ferro, com a entrada para o misterioso castelo de proa no seu centro; e por cima está o elevado topo de nosso mundo observando nosso curso, um lugar desolado de vento, com trilhos, correntes e molinetes. O tombadilho tem um deque de madeira e ali, na excelente temperatura, as cadeiras são colocadas. À noite, o tombadilho é um lugar ideal da navegação exata. Paióis compridos unindo a corrente do timão ao leme estão de cada lado. No centro fica a claraboia do salão, a gaiúta, a caixa de gelo do taifeiro e a engrenagem do timão. Também há dois botes. (TOMLINSON, 2010, pp. 134, 136).

Tomlinson descreve qualquer objeto visto por ele, um ser animal ou vegetal, aquático ou aéreo, terrestre ou celestial, de uma forma cândida e ingênua. Ele narra enquanto olha para os objetos-mundo. Apesar dessas muitas coisas serem familiares para outras pessoas, para o autor, entretanto, é como se ninguém as tivesse visto antes. De acordo com Freeman, "é como se Robinson Crusoe ou John Bunyan tivesse ido para o mar em um navio a vapor e se deparasse com aquela âncora, aquelas ondas pesadas, aquelas escadas e passagens e as olhasse meio em dúvida e meio em deleite"¹⁶.

Após algumas semanas de viagens no oceano Atlântico, depois de muitos episódios narrados e de leituras dos livros que levara consigo para bordo, e pelas constantes observações no **Diretório de Navegações do Atlântico**, o guia marítimo do *Capella*, e da passagem do natal e do ano novo e, enquanto o *Capella* enfrenta bravamente as tempestades e segue rumo aos "comércios invariáveis", em direção ao "país do sol constante", debaixo da abóbada azul celeste, em meio ao oceano coberto de estrelas, muitas histórias de marinheiros são narradas. O capitão, o médico, os comissários reúnem-se toda noite no camarote do oficial-comandante, senhor John B. Crew, e tornam-se, na companhia de Tomlinson, enquanto fumam seus cachimbos e bebem gim, narradores coadjuvantes. Uma

¹⁶FREEMAN, John. Mr. H. M. Tomlinson. In: **London Mercury**. Vol. 16, Nº 94, 1927.

história que encerra o primeiro capítulo de seu relato, antes do navio chegar ao Pará, mas já bem perto, é a história do marinheiro Jack Driscoll, que é contada a Tomlinson por Sandy, um maquinista, quando os dois estão no tombadilho, numa noite repleta de estrelas, observando as águas navegadas esticarem-se para os lados da esteira, "como safiras, jades, turquesas, diamantes"; enquanto o navio segue adiante barulhentemente. O narrador-ouvinte embriaga-se ao observar as estrelas e ausenta-se do corpo por alguns momentos absorvido pela noite.

Era meia noite. Naquele silêncio, onde eu estava sozinho no espaço, à deriva em cima de uma nuvem noturna nas constelações, as estrelas realmente eram meus familiares; uma vez, quando em Londres, embora fossem conhecidas por mim e estivessem constantemente ali, estavam distantes no lugar para o qual alguém ergue os olhos da poeira e do tráfego, e não tinham nada a ver com Londres e comigo. Mas agora não havia mais poeira nem tráfego. Eu estava entre elas finalmente. O esplêndido Órion estava próximo e imenso em sua caçada. As Plêiades não por mais tempo ofuscavam no limite da visão, mas eram pontos separados de delicada luz. A noite movia-se com brilho de diamante.

Eu estava tão ausente do meu corpo, que uma voz humana ao meu lado foi como um choque inesperado, com algo invisível no espaço. Virando-me, havia a incandescência do cachimbo de Sandy. Sandy é um senhor idoso, e um maquinista. Ele estava se curvando na amurada, se acalmando depois de sua vigília embaixo. A magia da estrela brilhante havia penetrado em sua mente também. Ele começou com suposições sobre as coisas que não são conhecidas, evitando dúvidas com: "Ah, mas é difícil dizer; existem coisas;" e - "você jovens brilhantes não sabem tudo;" e "alguém me disse uma coisa estranha agora" (TOMLINSON, pp. 138, 140).

Figura 4



Mapa do Pará - Brasil¹⁷

Ao chegar a Belém do Pará há diversos outros episódios e descrições da fauna e flora e dos nativos - assunto que tratamos mais adiante - e a contratação de dois pilotos nativos (práticos) para conduzirem o navio até Itacoatiara, no Amazonas. Há também as histórias contadas ali pelo capitão Davis, um funcionário de uma empresa inglesa com quem Tomlinson e o médico encontram-se em Belém e conversam em um bar, enquanto tomam gim tônico. Citamos apenas um trecho do desabafo assustado de Davis ao médico e a Tomlinson:

Eu era como vocês quando vim a primeira vez. Passei uma semana no lugar e então pensei que já o conhecesse quase suficiente. Agora, estou - bem, estou um pouco com medo... não com medo de qualquer coisa que eu veja... não sei. Há algo de estranha maldição por aqui. Alguma coisa que não se pode descobrir nunca. É algo que está aqui desde o começo, e é muito grande e forte para nós. Aguarda a sua hora. Posso sentir isso agora. Olhem aquelas palmeiras ali. Não parecem como se estivessem esperando? Pelo que estão esperando? Tem-se esse pressentimento aqui, à tarde, quando não se consegue respirar, e as nuvens de chuva estão se formando em volta da mata, e nada se move". "Senhor, fale-nos de

¹⁷Disponível em www.google.com.br Acessado em 20/06/2011. Todos os mapas deste estudo estão neste endereço eletrônico.

Peckham". Porque devido à conversa apimentada sobre febre amarela, pensei que eu estivesse morto e esperando bem acordado pelo dia do julgamento" - disse-me um indivíduo quando vim aqui pela primeira vez. Essa é exatamente a sensação. Como se algo sombrio estivesse vindo e você não pudesse se mexer. Aí está a floresta, completamente ao nosso redor. Ninguém sabe o que há por trás dela. Homens deixam o Pará, subindo o rio. Tomamos uma bebida aqui, e eles sobem o rio, e não voltam mais.(TOMLINSON, 2010, pp. 206, 208).

Depois de mais alguns dias rio acima, passam por Santarém, Óbidos e chegam a Itacoatiara, ainda no rio Amazonas, onde são embarcadas sessenta cabeças de gado, incluindo uma bezerra extremamente rebelde, algo que o autor/narrador pinta com toda paixão, vivacidade e ironia. E então, o *Capella* segue adiante, enquanto o "mero olho" combina descrições dos rios, paranás, ilhas e povoados às margens do Amazonas e mais adiante do Madeira, com a presença monótona e muda da selva. E ele, o narrador, aproveita para discutir os esforços dos norte-americanos para levar a "civilização" ao interior da América do Sul; critica a ganância dos comerciantes brasileiros que não veem outra coisa na terra das Amazonas, senão borracha e, somente nesse ponto da narrativa, informa ao leitor que,

E, agora, parece hora de se explicar por que estamos confinados no centro do continente sul-americano, onde a selva inexplorada ainda persiste e, a doença ou a morte, assim nos dizem as lendas, é certa para todo homem branco que fica ali por apenas alguns meses.(TOMLINSON, 2010, p. 272).

(...)

e nosso navio, o *Capella*, está levando suprimentos para o estabelecimento em Porto Velho, ponto inicial da nova ferrovia, três milhas abaixo de Santo Antônio (TOMLINSON, 2010, p. 280).

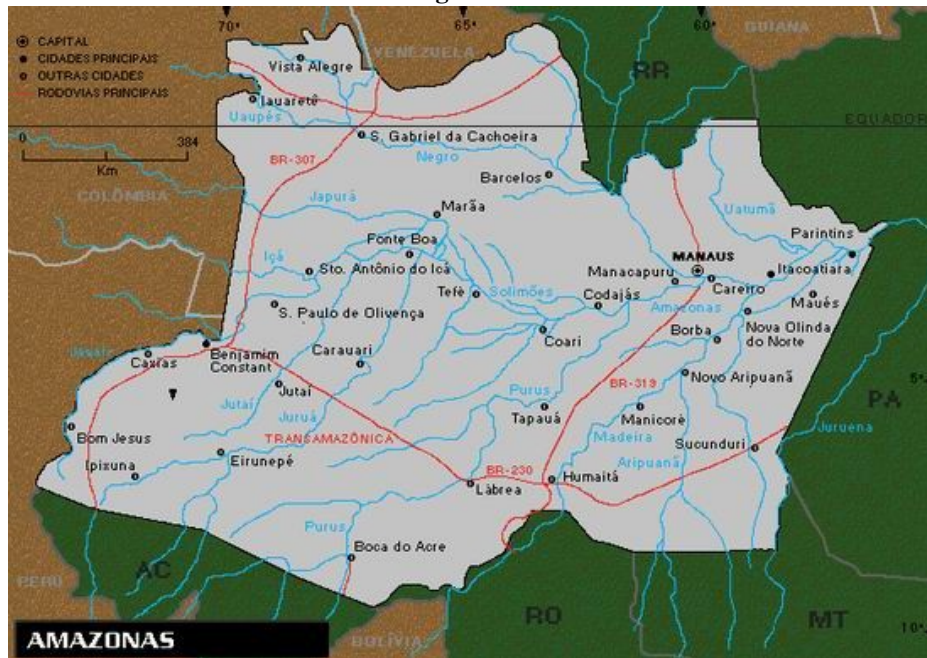
Enquanto o *Capella* ainda está navegando rio acima, Tomlinson tem a oportunidade para combinar descrições da fauna e flora com anedotas, ironias e críticas, algo que ainda discutiremos. Neste momento, apenas ilustramos o percurso, de vez em quando, com alguns trechos de algumas descrições sensoriais tomlinsonianas diante de algo desconhecido:

Depois, há as outras coisas que, tanto quanto a maioria de nós sabe, não têm nomes, embora um marinheiro, apertando as mãos com angústia, esteja geralmente pronto com um nome. Hoje tivemos um visitante semelhante. Ele parecia com um que o médico poderia requerer, então eu o observei quando ele pousou perto de uma escotilha, no convés de trás. Era uma abelha do tamanho de uma noz, e trajava um veludo azul escuro. Nesta terra, é sábio presumir que tudo morde ou pica e, que, quando uma criatura parece morta, está apenas observando você cuidadosamente. Joguei a rede por cima daquele ser e, instantaneamente, ele pareceu que estava morto. Sabendo que ele estava apenas envergonhado, e que ele não me daria nenhuma assistência, fiquei imaginando o que eu podia fazer em seguida; então o cozinheiro apareceu. O cozinheiro viu a situação, riu da minha timidez com as formas tropicais, se ajoelhou e pegou meu prisioneiro. O cozinheiro deu um grito agudo (TOMLINSON, 2010, pp. 316, 318).

A narrativa prossegue com o navio singrando as águas barrentas do Amazonas; e Tomlinson ora está na amurada escaneando a floresta, ora deitado em uma rede debaixo de um toldo no tombadilho. Dali observa e absorve tudo que os seus sentidos conseguem captar: o voo de um pássaro, as teias de aranhas nas enxárcias do navio, mosquitos, borboletas, libélulas, vagalumes, os louva-a-deus, águas, plantas aquáticas, flores, o canto de um passarinho, as árvores e as palmeiras ondulantes, as folhas das bananeiras, as garças, ciganas, jaburus, crianças nuas e da cor de chocolate na beira do barranco, canoas com canoeiros, portos, cabanas, paliçadas, barcos nativos, constelações, a escuridão verdejante e interminável, troncos de árvores à deriva nas águas, os répteis e animais da selva, o calor sufocante, as ululações das rãs e os chiados ensurdecedores das cigarras, as chuvas, tempestades, o cheiro da "terra boa" e assim sucessivamente. Realmente, o viajante-escritor drena os trópicos, como ele mesmo relata:

O nativo remava em sua canoa perto da margem de plantas flutuantes, que tinham folhas arredondadas e hastes infladas, como salva-vidas. Olhei para elas, e realmente, para a mínima coisa tão afiadamente, como se estivéssemos indo, naquele momento, desembarcar na lua. Nada deveria me escapar, a cor da lama, a água morna em minha mão, o canoeiro cor de bronze em sua velha calça de algodão, rasgada exatamente onde deveria ter tido escrúpulo, e as ervas daninhas e mato. Eu drenaria meus trópicos até a última gota preciosa. Eu mesmo estava vendo o que tinha pensado que outros sortudos viram. Era como nascer em um mundo com um entendimento adulto (TOMLINSON, 2010, p. 240).

Figura 5



No dia 23 de janeiro de 1910, o *Capella* alcança o rio Madeira, denominado pelo piloto contratado em Belém do Pará de o "longo cemitério", afirma Tomlinson. A discussão das histórias sobre febre amarela, malária, beribéri, disenteria, etc., ouvidas desde a agora distante Swansea torna-se, então, mais aterrorizante, porém Tomlinson não parece preocupar-se tanto, pois tinha consciência de que "nunca mais seria o mesmo". E assim que avistam o rio Madeira há o registro em seu relato:

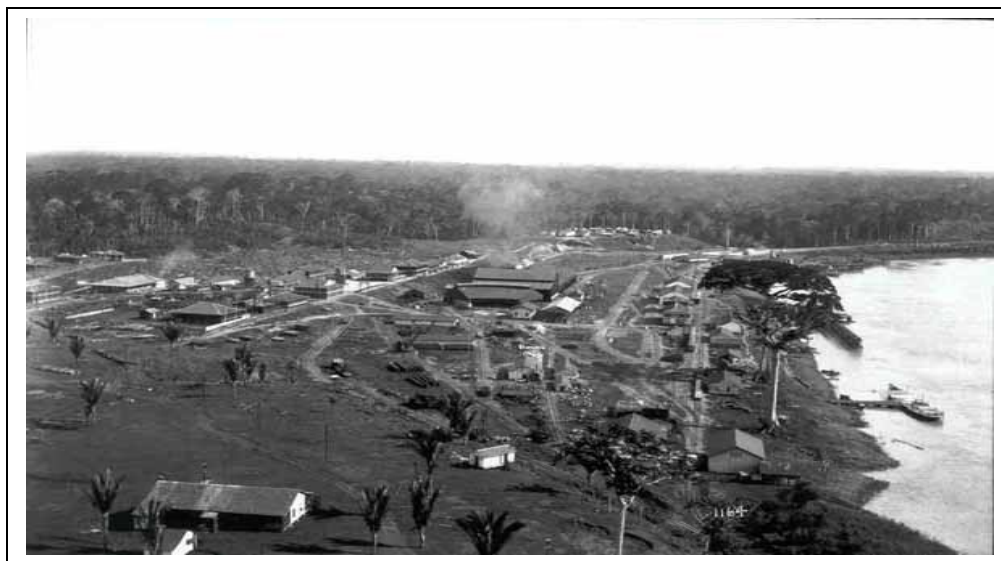
Ali, à frente, estava o Madeira agora para nós. Estávamos aproximadamente a mil milhas do mar, bem dentro da América do Sul. Porém, aquele lugar de encontro do rio Amazonas e seu tributário principal era uma expansão de água surpreendente em sua imensidão. Grande quantidade de luz era refletida em seu espelho d'água, como no mar. A água era oceânica em amplitude. Os limites da floresta estavam tão distantes que ninguém podia se dar conta, mesmo quando o tempo que estivemos no rio fosse lembrado, como uma monotonia prolongada, que aquilo era o centro de um continente. A floresta a estibordo estava perto o suficiente para vermos seus galhos e cipós; mas, para o lado sudoeste, onde estávamos no rumo da Bolívia, e para o norte, o caminho para as Guianas e, o leste, de onde tínhamos vindo e, para o oeste, onde estava o Peru, a terra era tão somente uma baixa barreira violeta, variando em altitude na distância, e com seções prateadas demarcando as vias do rio. A noroeste, havia um largo caminho

prateado através de uma muralha, o caminho para o rio Negro, Manaus, e o Orenoco. Ao sul, a floresta mais perto, estando inundada, era um enigma de ilhas. Quando seguimos adiante, abriram-se como uma linha de promontórios verdes. O Madeira parecia ter três bocas amplamente separadas, com uma complexidade de valas menores, intermediárias e conectadas. Finalmente a entrada do rio era uma região de selva alagada. Começa-se a compreender por que os viajantes aqui, às vezes, descobrem-se no rio errado. (TOMLINSON, 2010, p. 284).

O *Capella* segue adiante navegando contra a correnteza do rio rumo a Porto Velho. Nesse percurso, Tomlinson narra outros episódios entrelaçados à presença da selva que, enigmática, não cessa de passar dos lados do navio e, somente no dia 30 de janeiro, quando

Esta manhã, eu estava pensando que podíamos seguir adiante, então, para sempre; que esta aventura era tudo das improbabilidades acidentais de um sonho que estava em minha mente quando, fumando cachimbo depois do café da manhã, na ponte de comando, viramos numa curva abruptamente, e lá estava, no fim da passagem, acerca de uma milha de distância de nós, Porto Velho, finalmente. TOMLINSON, 2010, p. 348)

Figura 6



Porto Velho em 1910¹⁸

¹⁸Disponível em www.efmm.net Acessado em 20/06/2011. Todas as figuras deste estudo estão neste endereço eletrônico.

Apesar do sucesso da viagem, Tomlinson ainda deseja mais aventuras na imensidão verde e misteriosa, ou como ele escreve, "mágica" e "inexplorada". Parece se aborrecer com certo descaso de Porto Velho. Então, de maneira irônica e com presságios, o viajante escreve:

Porto Velho comportava-se como se não estivéssemos ali. Um sol impiedoso brilhava por cima daquela profunda ferida vermelha na floresta, e eles que tinham feito aquilo estavam em seus abrigos, descansando fora de vista, depois de tal recente tumulto de esforço. Nada estava sendo feito então. Na faixa litorânea revirada, dois ou três homens brancos permaneciam nos considerando placidamente. Podíamos ser algo que eles não estivessem muito seguros de que estivesse ali; uma possibilidade não suficientemente interessante para eles verificarem. Havia um sinal de escárnio, depois de toda nossa ansiedade e dificuldades, nesse descaso silencioso. Tínhamos chegado muito tarde para ajudar, e não éramos desejados? Confesso que eu não teria ficado surpreso se tivesse ouvido uma gargalhada abafada, alguma hilaridade leviana do invisível, em nós inocentemente intrigando, como o que estava para acontecer depois. Ouviu-se um grito violento na floresta perto da nossa proa, e nos viramos admirados para aquela muralha verde. Uma locomotiva saía correndo da base das árvores, ainda apitando (TOMLINSON, 2010, pp. 350, 352).

Enquanto a tripulação aguarda o término da construção de um cais-ponte de madeira para que o *Capella* pudesse atracar, recebe várias visitas interessantes a bordo. Um médico norte-americano, que examina a tripulação com suspeita de doenças, Neil O'Brien, o velho Jim e um inglês, que não lhe diz o nome, são figuras sinistras que contam-lhe algumas aventuras sobre aquela floresta inexplorada. Neil O'Brien, por exemplo, convida Tomlinson para entrar na selva. E Tomlinson nos conta que

Uma vez, O'Brien propôs, casualmente, que eu deveria “bater em retirada”; deixar o navio e fazer uma travessia daquele lugar para a distante Colômbia; para algum ponto desconhecido, perto da aproximada nascente de um certo afluente do Amazonas, onde ele sabia que existia ouro. Primeiro eu ri, e depois descobri, através de seu olhar de sinceridade ressentida, que ele estava completamente sério. Generosamente, ele explicou esta honra para mim; e acho que era uma honra para um idoso, tranquilo e vivido soldado como O'Brien, convidar-me para ser seu único companheiro numa região onde se deve viajar com coragem alerta e ampla experiência, ou perecerá. Aprendi, desde então, que ele tem ido sozinho para aquele lugar distante. Mas que tempo ele terá. Ele terá todo o tempo para si mesmo. Bem, estive pensando, quando recusei o convite, em minha aposentadoria por velhice. Eu gostaria de ter aceitado (TOMLINSON, 2010, pp. 364, 366).

Um inglês, que estava na construção da EFMM, conta a Tomlinson como tinha ido parar ali; e a anedota de uma escavadeira que seria usada na ferrovia e, "Uma noite, ele veio ao meu camarote, esperando que não estivesse me importunando, e trazendo, como presente, um feixe de flechas nativas enfeitadas nas pontas com penas azuis e vermelhas de arara, como ele tinha prometido" (TOMLINSON, 2010, p. 372). A conversa segue noite adentro e o visitante faz a seguinte reflexão acerca do empreendimento na selva:

“É curiosa esta pressa desesperada, não é?” - disse o inglês. “A cada ponto da bússola, há pelo menos uma milha de selva. Exceto neste lugar, ninguém se importaria se uma coisa fosse feita esta noite, ou na semana seguinte, ou de modo algum. Mas veja estes indivíduos - podia-se pensar que isto era um cais inglês, e uma maré tivesse que ser aproveitada. Aqui eles estão trabalhando por produção e hora-extra de trabalho, onde não há nada, a não ser árvores, jacarés, onças e selvagens. Uma pessoa desconhecida em Wall Street, ou Park Lane, tem uma ideia, e isto é o que acontece. O impulso potente! Move homens que não conhecem a linguagem de Nova Iorque e Londres para descerem para esta desolação. O lugar começa a fermentar. O pensamento frutificante! Você viu o cemitério daqui? Temos um excelente cemitério, e ele cresce bem. Calma, esta ferrovia será feita. Sim, pessoas que não sabem para que ela servirá a constroem um pouco e morrem, e mais pessoas que não sabem para que ela servirá e, que não a utilizarão quando estiver construída, a terminarão. Esta ferrovia pegará seus fretes de borracha preciosa levando para reabastecer as rodas do motor da civilização, e o sujeito que teve a brilhante ideia, mas nunca viu este lugar, e não podia viver aqui uma semana, ou remover lama, ou abrir uma trilha, e não reconheceria borracha em estado natural, se ele a visse, obterá êxito novamente. Progresso, progresso! A imensidão floresce como uma rosa. É linda, não é?” (TOMLINSON, 2010, p. 374).

Como nosso objetivo nesta parte é uma apresentação sumária do relato da viagem de Tomlinson, faremos um apanhado da parte final da narrativa e, em seguida, passaremos a falar do Peregrino e da Liberdade.

Assim, depois de aguardar por uma semana para que o *Capella* pudesse atracar no cais-ponte de Porto Velho, Tomlinson, depois de haver desembarcado em uma canoa, ter descrito o povoado de Porto Velho, com suas oficinas, armazéns, lojas e uma população mista - franceses, ingleses, italianos, norte-americanos, e negros e negras - com cerca de 300 pessoas, faz uma visita ao povoado de Santo Antônio, um pouco acima de Porto Velho, e lá

descreve a vila, as pessoas, a cachoeira e todo o cenário paisagístico de um pôr do sol. Faz, também, alguns passeios matutinos e vespertinos pelos trilhos até então assentados da EFMM. É ali que encontra-se com um médico norte-americano que surge em um vagonete conduzido por três mestiços e, no vagonete, ele vê um corpo de criança coberto por um lençol branco. Era uma menina brasileira vítima de doença local. Conversa com o médico e depois, quando retorna, pesca com o médico do *Capella*, o senhor Sidney Jones, mas não conseguem fisgar nenhum peixe. Vendo aquela cena, o velho Jim diverte-se e os convida para uma pescaria verdadeira na manhã seguinte. É mais uma experiência e aventura na selva aquífera que nos é relatada por Tomlinson.

Depois de toda essa agitação e aventuras pelas trilhas da mata e pelo rio, Tomlinson, depois de enfastiar-se da observação da paliçada de um lado e outro do Madeira e, após ter sido aconselhado pelo médico e pelos demais da Companhia do *Capella* a permanecer a bordo enquanto estivessem em Porto Velho, é convidado por Marion Hill, um texano que trabalhava na EFMM, que iria entrar na selva no dia seguinte em um trem, que levaria suprimentos para os acampamentos ao longo da trilha da ferrovia, a acompanhar-lhe. Tomlinson maravilhou-se com a oportunidade de aventurar-se pela selva, porém "o capitão me avisou depois que, se eu retornasse muito tarde, teria que voltar a pé para casa" (2010, p. 440). Apesar de todos os riscos que cercavam essa aventura nas florestas "inexploradas" do Alto Madeira, Tomlinson afirma que "a memória de um tempo com ele [Marion Hill] me serviria como refúgio nos anos cinzentos e inférteis, como um consolo" (2010, p. 440).

Figura 7



Trecho em construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

Desse modo, na manhã seguinte, parte com seu novo amigo para uma aventura que duraria algumas semanas. O primeiro trecho da viagem, cerca de sessenta milhas, foi feito na locomotiva. Em cada acampamento o trem parava e eles entregavam suprimentos para os trabalhadores: topógrafos, madeireiros, etc. No fim da linha ferroviária aberta até então, no acampamento do rio Caracol, Tomlinson e Hill passaram dois dias. Ali o autor se encontra com um grupo de engenheiros que está construindo uma ponte sobre o rio Caracol. “Provavelmente trinta homens estavam acampados ali. Eles estavam então construindo uma ponte de madeira de um lado a outro do rio Caracol. A maior parte deles era de jovens engenheiros civis norte-americanos, embora alguns fossem ingleses” (2010, p. 450). Ainda nesse acampamento, “Hill avisou-me depois, numa tarde, para estar pronto para partir ao nascer do sol e então foi jogar pôquer. No meu caminho para minha cabana, ao pôr do sol, parei para conversar com o jovem médico, que estava ocupado cuidando de feridos em sua enfermaria” (2010, p. 452).

Do acampamento de Caracol, Marion Hill e Tomlinson fazem uma jornada montados nos lombos de duas mulas, sempre seguindo a picada aberta na mata onde, depois de certa distância, havia outro acampamento, comida e descanso. Ao final de cada dia, alcançavam algumas cabanas, vozes amigas, comida, fumo e rede para dormir. Entretanto, “Ao final de cada dia, minha calça *legging* de pele de porco estava como papel marrom encharcada com suor, e minhas mãos enrugadas e descoradas como se tivessem tomado banho de soda” (2010, p. 460).

Depois de descansarem alguns dias no acampamento de Jaci-paraná, porque Hill tinha sentido um toque de febre, decidem explorar a região selvática. Então, “Uma manhã, atravessamos o rio Jaci, e na margem oposta, algumas mulas já estavam montadas com selas texanas, os homens em suas lideranças, esperando por nós” (TOMLINSON, 2010, p. 464). Ali, já perto da fronteira do Brasil com a Bolívia, planejam uma jornada de dez milhas na região para a cachoeira conhecida até hoje como Caldeirão do Inferno. Dali retornam depois de muitas aventuras e anedotas excepcionais, ora sob o sol escaldante em que nada na selva se movia, ora debaixo de um manto estrelado, aí já deitados em redes em um acampamento no interior da mata, e fumando seus cachimbos enquanto olham as Plêiades na cobertura celeste - uma cena romanesca. Após circularem pela região, retornam para o acampamento 22, onde uma lancha era mantida e podiam descer a cachoeira e alcançarem o acampamento do rio Jaci-paraná e economizar tempo, porque o *Capella* estava em vista de iniciar a viagem de volta. Depois de um descanso, embarcam num barco pequeno e, juntamente com um maquinista e navegador alemão e dois mestiços vão para o meio do rio e enfrentam a descida das correntezas - experiência que Tomlinson registra magnificamente.

A água adiante estava muito pior. O alemão, agachado perto de sua maquininha pulsante, olhando ansiosamente - eu podia ver seu olhar fixo - por cima da proa. Estávamos viajando, de fato, agora. O barco, em um tremor rápido, e oscilando violentamente, foi agarrado na quilha por alguma coisa que estava se enrolando fortemente ao nosso redor, agarrou-nos, e nos segurou; e o barco, enlouquecido e aterrorizado, em um esforço para escapar, fez um círculo, a água lambendo a beirada e passando por cima da proa. O rio parecia ter posto um pé por cima da proa, pronto para alagar e nos afundar. O alemão tentava manter a

proa apumada rio abaixo. Ele começou a desamarrar seu cinturão de munição, e eu me abaixei e amarrei os cadarços da minha bota...

O barco se soltou, como se desengatado. O alemão virou-se para nós arreganhando os dentes. “Está tudo bem” - ele disse. Começou a enrolar um cigarro nervosamente. “Vamos sair daqui, certamente”, disse o alemão umedecendo seu cigarro de papel. O barco estava livre, dançando levemente adiante. A maquininha estava cantando rapidamente e livremente (TOMLINSON, 2010, p. 502).

Após o sucesso dessa façanha, nossos aventureiros desembarcam em um sítio de um caçador e seringueiro, que é casado com uma mulher indígena, e o casal muito faz pelos viajantes. Tomlinson, nesse sítio, torna-se um ladrão imoderado roubando goiabas, enquanto um mutum o seguia dando-lhe alguns beliscões inesperados nas pernas. Seguem adiante e alcançam o acampamento do rio Jaci-paraná, descansam por uma noite e,

com Hill com Hill e outro oficial, partimos cedo, na manhã seguinte, para o acampamento em construção no rio Caracol, onde esperávamos chegar antes que a locomotiva partisse para Porto Velho. Em Porto Velho, o *Capella* estava, e eu desejava, talvez tanto quanto eu nunca desejei nada, que eu não fosse deixado para trás, quando ele partisse. Sabia que ele devia estar a ponto de partir (TOMLINSON, 2010, p. 504).

Finalmente, depois um percurso em cima das mulas novamente, avistam as cabanas e as tendas do acampamento no rio Caracol, silenciosas e paradas debaixo do sol flamejante. O trem não estava lá, nem parecia um lugar para trens. Assim, Tomlinson desabafa: “Meu navio estava a sessenta milhas distante, para além de uma trilha em frente, que promover uma cavalgada era impossível e, onde caminhar, por mais de duas milhas, não podia nem mesmo ser considerado. O trem, os rapazes nos disseram divertidamente, tinha partido meia hora antes de nossa chegada” (TOMLINSON, 2010, p. 506).

Como Marion Hill era “um homem de poder inventivo” sob quaisquer circunstâncias, exigiu que um vagonete e uma tripulação fossem providenciados naquele instante. Cinco mestiços bombeando a alavanca para cima e para baixo e,

Então percorremos uma boa distância, e dois dos exaustos nativos desfaleceram, o peito arquejando. Assim, eu e o outro companheiro levantamo-nos na noite, olha-

mos para as estrelas, de onde nenhuma ajuda podia ser obtida, tomamos posse da alavanca como cavalheiros galantes, e tentamos esquecer que havia vinte milhas para percorrermos. Fomos embora, no ritmo, no ritmo, para cima. Pensei que aquela ladeira não terminasse até que meu coração e minha cabeça explodissem; mas acabou, na hora certa (TOMLINSON, 2010, p. 508).

E assim, Tomlinson retorna para Porto Velho e embarca no *Capella* e aguarda por mais alguns dias até que o navio inicie a viagem de retorno. Nesse entremeio, descreve cada animal de estimação do navio - uma arara, um papagaio, um sapo boi, um caititu, etc., e somente no dia 10 de março, depois de alguns dias de espera, o navio começa sua jornada rumo ao Pará. Em mais seis dias de viagem chega a Belém, onde o médico se despede da Companhia do *Capella*, porque retornaria para Porto Velho. Dali, o navio segue pela rota de Barbados. Chega a Bridgetown e ali Tomlinson ouve mais uma vez uma história narrada por Sandy sobre aquelas ilhas. É a história do capitão Bill Moffat e seu encontro com Davy Jones, o espírito do mar, o guardião de almas de pessoas que morrem no mar.

No dia seguinte, quando Tomlinson acordou, comprou uma baciada de laranjas e desembarcou; pegou um táxi, fez um passeio pela faixa litorânea da cidade e foi tomar café em um hotel em Bridgetown. Mais uma cena gloriosa. À tardinha, retornam para o navio e, naquela noite, o *Capella* dirige-se para o Caribe; passa pela Jamaica e outras ilhas e entra no Golfo do México. Foram forçados pela polícia costeira dos Estados Unidos a seguir para a ilha de Mullet. Ali foram detidos com suspeita de febre amarela. Depois dos exames, o navio foi dedetizado e tornou-se um enorme fedor insuportável de enxofre. Tomlinson desembarca para mais um passeio. Depois, no final da tarde, são permitidos partir para Tampa, que alcançam em três horas. Ali Tomlinson despede-se de seus companheiros de viagem, mas não tão rapidamente; pega um trem para Nova Iorque e de lá um navio para a Inglaterra. Finalmente retorna à Londres, a cidade-prisão, mas não por muito tempo.

1.2 RUMO AO SUBLIME ROMÂNTICO: DO PEREGRINO E DA LIBERDADE

O intelecto quer perceber tudo o que é verdadeiro a fim de poder, em seguida, apoderar-se de tudo que o que é belo e bom no inteligível; a potência inteligível quer compreender todo o sensível a fim de abarcar tudo o que, no sensível, é belo e bom. Daí decorre que mais desejamos ver as coisas ignoradas e nunca vistas do que as coisas já conhecidas e vistas.

Los heroicos furores, de Giordano Bruno - citado por Adauto Novaes, em “De olhos vendados”, incluso na coletânea **O Olhar**.

Foi de uma estrutura social intrincada e de uma conjuntura histórica crítica - “se certas coisas acontecessem, dizia a metade dos jornais, nos arruinariam diretamente. Se essas coisas não acontecessem, dizia a outra metade, nos arruinariam também. Não havia saída” - (TOMLINSON, 2010, p. 06) - que Henry Major Tomlinson escapou de Londres para se aventurar pelas florestas da Amazônia, em 1910. Nessa época, a Inglaterra era o país europeu mais industrializado e, segundo Kurt Shilling, “o país mais rico da Europa, em parte como consequência de suas possessões coloniais gigantescas, exploradas muitas vezes de maneira brutal, e que superam em muito, em extensão e população, a metrópole” (1974, p. 303).

Essa conjuntura crítica era resultado da tensão e rivalidade entre os governos das grandes potências europeias - Alemanha, Inglaterra e França - descritas nos jornais londrinos. Essa tensão resultava de disputas territoriais e por mercados, tanto na Europa quanto fora dela. Esse clima de rivalidade deu origem à chamada paz armada: diante do risco de guerra, as potências iniciaram uma corrida armamentista, fortaleceram seus exércitos e firmaram tratados de alianças entre si. A Europa, em 1907, dividiu-se em dois grandes blocos: Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria, Itália) e Tríplice Entente (Inglaterra, França, Rússia). Toda essa crise culminou com a I Guerra Mundial (1914 - 1917).

Tomlinson era consciente de que seu país não precisava mais de revolução. Em contrapartida, o indivíduo inglês estava ameaçado pelos domínios das técnicas, pois o valor

exorbitante atribuído aos bens materiais, consequentemente, ao dinheiro, o desvirtuava. E então Tomlinson renuncia as vantagens que o mundo inglês lhe oferecia e, como um homem comum, ele podia retirar-se para um país longínquo, já que havia surgido uma oportunidade. Ali ele poderia “conhecer-se a si mesmo”, afinal, ele era um leitor assíduo dos relatos de viajantes e, como eles, desejava aventurar-se pelo mundo afora e cuidar de si, praticar, enfim, a arte da sua existência.

Como se sabe, o convite para a viagem fora feito pelo capitão do navio *Capella*, (*S. S. England*) o senhor William Reath Bennett. “A porta estava aberta”. Era sua chance para escapar de Londres, uma cidade industrial, com uma multidão de apressados e sua única fonte de luz e do prêmio de imposto de renda. Diante dessa oportunidade de viagem aos trópicos amazônicos, ele inquieta-se; interroga-se: “Aponte para a Fleet Street, fonte de toda luz que conheço, provedora do meu prêmio de imposto de renda, limite de minha perspectiva. Como eu poderia viver quando retirado do cheiro de sua tinta e do ímpeto de sua maquinaria?” (TOMLINSON, 2010, p. 14). Sua intenção era afastar-se de Londres, mas era preciso a ação, o ato decisivo, pois independência era a única coisa exigida para que ele pudesse enfrentar o mundo e seus semelhantes sem se deixar desviar de seu caminho rumo à liberdade. O exílio temporário, a viagem, é a chance de o viajante tornar-se o centro-para-si e buscar a compreensão do Outro e do mundo. É na viagem que ele elabora, primeiramente, um trabalho de adaptação e negociação consigo mesmo. E pode exortar seus leitores.

Tomlinson não era um indivíduo frágil, covarde, ou que economizasse esforços na realização de seus anseios, necessidades e conquistas. Ele era um sonhador. Seus sonhos de juventude deviam ser perseguidos até o infinito. É ele mesmo quem, categoricamente, informa ao leitor: “Este pioneiro pode assegurar a seus companheiros, cujas ilusões brilhantes ficam enfraquecidas com a idade, que seus sonhos devem ser seguidos para serem alcançados” (TOMLINSON, 2010, p. 156). Já que ele teve a sorte de viajar para os trópicos, o empreendimento tinha que ser feito, e com fé absoluta no sucesso.

Convém, nessa parte, lermos o primeiro parágrafo de **O Mar e a Selva** com algum vagar:

Ainda que seja mais fácil, e talvez muito melhor, não começar de modo algum, mas se um começo é feito, é ali que é preciso o máximo de cuidado. Tudo é inerente à gênese. Assim, tenho que registrar a simples gênese desse acontecimento como uma manhã de inverno depois da chuva. Havia mais chuva ainda por vir. O céu estava encharcado e o firmamento cinzento, superdistendido, tinha cedido e descia ao nível das chaminés. Se uma delas o tivesse perfurado! O perigo era iminente (TOMLINSON, 2010, p. 02).

Vê-se, aí, que Tomlinson estabelece, logo de início, uma relação de intertextualidade com as ideias platônicas acerca da importância de se pensar o começo, pois este, intrinsecamente, contém e determina o fim. Tomlinson, portanto, põe em evidência o processo de criação de seu próprio experimento discursivo e de si mesmo. Antes de se tornar um peregrino, alguém que expõe a alma às experiências numa ânsia de se conhecer e encontrar o sentido da viagem terrena, ele se prepara e adverte: "Este é um livro de viagem para homens honestos. Ainda estou na superfície plana. Logo será amanhã" (2010, p. 20). A segunda sentença (Ainda estou na superfície plana) serve como indicação de que ele se prepara para ser o herói e, a partir da construção de sua narrativa, alterar seu caráter e conquistar uma identidade não-dada *a priori*. Ele se prepara para a iniciação, modificação, purificação, transfiguração; ele prepara-se para um exercício de plenitude da vida moral.

Tomlinson era consciente de que o mundo inglês não apresentava sinais de mudanças significativas para o povo, muito menos podia-se ter esperança no futuro. Os jornais londrinos alertavam sobre as crises vindouras e as inúmeras chaminés das fábricas apontavam para o céu esfumaçado e ameaçavam perfurar a abóbada celeste: "O perigo era iminente". E, então, esse peregrino sonhador se lança na busca de explicação e sentido para um mundo com estruturas políticas e sociais mais justas. Como herói, ele deve sair pelo mundo em busca de constituir-se como um sujeito maior, distendido, aprimorado. Como escreve Georg Lukács em **A teoria do romance**, "o romance busca descobrir e constituir,

pela forma, a totalidade oculta da vida" (2000, p. 60). E Tomlinson sabe que "agora chegou sua vez de procurar o romance dos trópicos, em outro século" (TOMLINSON, 2010, p. 204). Essa procura indica: sair da superfície plana e rasa de sua alma e elevá-la à regiões de grandes relevos, pois "toda renúncia a um fragmento conquistado à realidade é na verdade uma vitória, um passo rumo à conquista do eu livre de ilusões" (LUKÁCS, 2000, p. 116).

Se uma longa jornada para "as terras de Orellana" o aguardava, era preciso preparar-se da melhor forma possível para a longa e perigosa aventura. Por isso, Tomlinson recorre a seus predecessores em busca de informações acerca do empreendimento marítimo. Primeiramente revisita Richard Hakluyt (1552 - 1616), viajante-escritor inglês, grande entusiasta e incentivador do Império Britânico. Daí,

Quando cheguei em casa naquela noite, recorri às autoridades sobre a maneira de como começar um empreendimento no mar. O que dizia Hakluyt? De acordo com ele é tão fácil como isso: "Capitão John Hawkins, com o *Jesus de Lubeck*, um navio de 700 toneladas, e o *Salomão*, um navio de sete toneladas; o *Tigre*, um barco de 50, e o *Andorinha*, de 30 toneladas, estando todos bem equipados com homens com um número de mais de cem; como também com regulamento e demais exigências para uma viagem semelhante, partiu de Plymouth a 18 de outubro, de 1564, do ano de nosso Senhor Jesus Cristo, com um vento próspero (TOMLINSON, 2010, p. 14).

Bem, eu não sabia. Acho que é um logro total. A viagem não é mais realizada dessa maneira improvisada. É um escárnio, para escravos como nós, fingir que a escravidão seja abolida dessa maneira arejada. Não é tão fácil nos desvencilharmos dela (2010, p. 16).

Imediatamente, Tomlinson percebe o logro; e, "Então dirigi-me a uma autoridade moderna. Todavia, descobri que Bates é pior do que o velho John Hawkins" (TOMLINSON, 2010, p. 16). Pois é exatamente com trinta e oito palavras que Henry Walter Bates (1825 - 1913), em companhia do senhor Alfred Russel Wallace (1823 - 1813), atravessa da Inglaterra à Amazônia. Ele realmente chega aos trópicos na primeira sentença. Não há a descrição do mundo inglês, muito menos registros da longa e perigosa travessia do oceano Atlântico, nem dos preparativos para a jornada. O olhar desse viajante

está voltado para o mundo do Outro. Não há, sequer, um incidente, uma tempestade, um vendaval, uma noite estrelada registrados. E, então, Tomlinson traz à cena o naturalista:

Bates realmente chega ao seu destino na primeira sentença. Ele atravessa da Inglaterra à Amazônia, com trinta e oito palavras. "Embarquei em Liverpool com o senhor Wallace, em um pequeno navio comerciante, no dia 26 de abril de 1848; e, depois de um rápido trecho do Canal Irlandês ao Equador, chegamos a Salinas no dia 26 de maio" (TOMLINSON, 2010, p. 16).

A forma com que Bates facilmente embarca e atravessa as profundezas abissais do Atlântico e desembarca em Salinas, no Pará, é um logro total para o autor d'**O Mar e a Selva**. Para este peregrino, "A viagem não é mais realizada dessa maneira improvisada. É um escárnio, para escravos como nós, fingir que a escravidão seja abolida dessa maneira arejada. Não é tão fácil nos desvencilharmos dela" (TOMLINSON, 2010, p. 16). Como peregrino, ele sabe que as viagens pelo mundo afora são mais fantásticas e seguras quando somente imaginadas diante de um mapa em grande escala. Seus predecessores omitiram muitas coisas de seus relatos e, com isso, suas aventuras tornavam-se, para ele, um logro completo. Ironicamente, então, é que ele alude aos viajantes que o precederam na viagem aos trópicos. "Pode-se procurar em vão em suas páginas quentes e douradas por pontas de carvão, neve derretida, atrasos e aquecedores a vapor que não funcionarão nos camarotes frios" (TOMLINSON, 2010, p. 28). Insulta Tomlinson, assim, os românticos vitorianos, pela falta de honestidade em seus registros de viagens. Como leitor assíduo dos relatos de seus predecessores, ele descobre, em seu embarque, que não tinham sido honestos em seus registros. Faltou-lhes, pois, as duras penas, as adversidades encontradas na viagem, a espera pela carga do navio, etc. Ao embarcar no *Capella*, Tomlinson depara-se com

Pó de carvão e neve derretida! Mas onde estava a antecipação radiante, o coração entusiasmado, como o de alguém para quem o futuro era grande com tesouros a serem descobertos, que são o privilégio de um jovem peregrino, liberto de suas obrigações habituais para buscar horizontes distantes na Espanha Central enquanto seus companheiros invejosos, na cidade, ainda distribuem papéis sob

lâmpioes de gás? Aí estava outra fraude dos românticos (2010, p. 28).

O Mar e a Selva "é um livro de viagem para homens honestos", o próprio autor afirma, indicando com isso seu desejo de colocar-se à prova. Ele não teme o inesperado. Como esclarece Lukács a respeito do herói do romance, "a vida de semelhante homem, portanto, tem de tornar-se uma série ininterrupta de aventuras escolhidas por ele próprio. Ele se lança sobre elas, pois para ele a vida só pode ser o mesmo que fazer frente a aventuras" (LUKÁCKS, 2000, p. 102). O "jovem peregrino" começa lentamente, mas sempre com mais ímpeto e rigor, a elevar-se aos pensamentos elevados; à fé crítica, à concretização de seus sonhos apaixonados, à busca de reconciliação consigo mesmo. É essa busca pela libertação que o lança a aventuras e ações em um mundo interior e exterior em conflito. Ele deseja experienciar; conhecer o seu mundo subjetivo, como também o mundo exterior. E por isso ele arranca as máscaras dos românticos. "Na verdade",

com isso e aquilo, descobri, no passo inicial na busca do pôr do sol vermelho, um peso enorme e firmemente ajustado à constituição de homens que têm trabalhado em uma corrida no mar; mas aquela determinação elevada e uma fé igual para crer na liquefação do sangue de San Gennaro são necessárias para excluir a proteção rotineira dos anos, desviar-se dos queridos e acolhedores embaraços do lar e das amizades; fechar a porta da frente de uma desolada noite de inverno, quando a casa cheira a conforto e segurança, e a luz no coração, sob tais circunstâncias, é irônica em sua brilhante revelação dos anos de facilidade e estabilidade até então não completamente avaliados; e assim, parte-se de madrugada, para um porto desconhecido de carvão, no País de Gales, para ali embarcar em um navio a vapor, para uma viagem da qual se tem sérias dúvidas, embora seu desembarque esteja perto da linha do horizonte e nela haja palmeiras (TOMLINSON, 2010, p. 16, 18).

Desses grandes aventureiros viajantes, Tomlinson está repleto. Estava muito cheio de imagens - pôres do sol, brisas, paisagens exóticas, nativos enigmáticos, aventuras, etc - de viagens realizadas e plasmadas nos relatos de seus compatriotas. No entanto, ele sabia que "esses acontecimentos nobres (...) são melhor imaginados diante de uma lareira em casa, calçado em seus chinelos;" (TOMLINSON, 2010, p. 30). Porém, quando se está, de

fato, na viagem, as coisas se mostram completamente diferentes e, muitas vezes, adversas às imagens tão apaixonadamente alimentadas e mantidas pelo leitor-viajante. É assim que ele peregrina de relato em relato e nutre seus sonhos de um dia realizar tais façanhas, até então, tão somente imaginadas diante de um mapa em grande escala das Américas. Todavia, ele, o mapa,

deixa de fora as condições que agora, quando estou no negócio real, precipitam-se como espículas congeladas, como os ventos do norte, meus afetuosos, etéreos e nublados entusiasmos, que estavam acostumados a terem tingidos tais maravilhosas colorações pelos pôres do sol, poemas e histórias de viagens antigas (TOMLINSON, 2010, p. 30).

É o sonho que é real, entretanto. Tomlinson cria fervorosamente nessa premissa. Quando a viagem já estava decidida, ele se lança a momentos desconhecidos, mas que deveriam ser procurados. A porta aberta é sinônimo de liberdade e possibilidade de conhecimentos inimagináveis. Ela é a chance para escapar de suas amarras a seu mundo exterior: casa, família, amigos, trabalho, profissão, etc. e tentar construir-se como um todo-organizado, autossuficiente e maior. A liberdade significa “certa forma de relação do indivíduo para consigo”¹⁹. A porta é a chance de reapropriação de si mesmo através de um embate interior em busca da temperança; é um exercício de ascese; de constituir-se como algo semelhante a um cosmos. Como esclarece Lukács, “o ideal que vive nesse homem e lhe determina as ações tem como conteúdo e objetivo encontrar nas estruturas sociais vínculos e satisfações para o mais recôndito da alma” (LUKÁCS, 2000, p. 139). É esse ideal de humanidade livre, que o peregrino, como o herói de seu romance, procura. O viajante e o peregrino imbricam-se e, numa simbiose, tornam-se o centro da narrativa. Suas buscas e conquistas revelam não apenas “o coroamento de um processo educativo, uma maturidade alcançada e conquistada”, mas também, “com máxima nitidez, a totalidade do mundo” (LUKÁCS, 2000, p. 140). Peregrino/viajante prossegue em seus caminhos e

¹⁹Ver, a propósito, a última seção do capítulo 2, “Liberdade e verdade”, em **História da sexualidade: o uso dos prazeres**, de Michel Foucault.

descaminhos, em suas comparações, medições, memórias e exortações.

O Destino e a Fortuna, de agora em diante, guiam os passos de um EU tomlinsoniano rumo ao sublime. Como diz Longino, “O sublime é de certa forma o ponto mais alto, a eminência do discurso, e que os maiores poetas e prosadores jamais conseguiram o primeiro posto de um outro lugar que daí” (1996, p. 44). É, portanto, a partir das técnicas de escrita utilizadas por Tomlinson, da sua aptidão às palavras e sua paixão genuína pela composição discursiva propiciada pela viagem, que ele lança “ao redor do tempo a rede de sua glória” (LONGINO, 1996, p. 44). Seu primeiro ato de inteligência é sua libertação de tudo que lhe cercava e lhe constituía até erguer âncoras de casa e do cais. Com esse ato, Tomlinson inicia um movimento de negação de prestígios, de certezas tradicionais, de usos e costumes, do conforto e segurança do lar, das amizades, do emprego, dos rostos comuns, da conformação diante de uma velhice vergada sob o peso de uma aposentadoria proporcionada pelo governo britânico. Ele é o peregrino irônico e filosófico que não pode mais viver com suas certezas estreitas. E ele brada impetuosamente: “sigamos nessa direção e ascendamos de uma noite como Moisés” (2010, p. 04), aludindo aos atos e feitos grandiosos do Legislador dos Judeus e exortando o público leitor para buscar o que seja significativo para a constituição de si mesmo, já que com o advento da industrialização, o humano passou a valorizar por demais o dinheiro e, conseqüentemente, mergulhava em um mundo egocêntrico, desumano.

Nesse sentido, é como peregrino que ele viaja pelo mundo exterior e interior. De fato, mesmo tendo família - uma esposa e três filhos - Tomlinson pouco ficou em casa. Ele sempre estava dizendo *farewell* ou *good-bye* aos seus amigos e familiares, pois sabia que “Um jornalista está sujeito a muitas compulsões imprevisíveis; que a vida conjugal acaba por proporcionar, em grande parte, uma relação de intimidade com mensagens estampando carimbos postais estrangeiros”²⁰. O que mais Tomlinson amava era o rio Tâmesa, os navios

20TOMLINSON, H. M. “After Fifty Years”. In: **A Mingled Yarn**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208. (*A journalist is subject to so many unpredictable compulsions that married life had turned out to be largely an intimacy with messages bearing foreign post-marks*).

e os relatos de viagens. Concomitante a essa questão, temos o seu ensaio “After Fifty Years”, citado acima. Nele há a reconfirmação do elogio que um viajante ideal deve fazer a uma região/visão que mais o extasiou em suas andanças pelo mundo. Como o faz o próprio Tomlinson quando, da ponte de comando do *Capella*, ao contemplar, absorto, a ilha da Jamaica. Eis a descrição rememorada:

Vejo-a muito plana. Ela surge abruptamente do meridiano, pináculos e penhascos tremendo no ar superior, com distância e delicado equilíbrio, e desce em florestas que se balançam, e íngremes descidas verdejantes, onde facetas de pedras expostas resplandecem; e depois, não tão longe do mar, dobra-se em penhascos escarpados, onde as ondas de rebentação pulsam. É uma joia que cheira como uma flor. (...) Engatinhamos por cima do chão azul em que a montanha marítima está assentada, e navegamos para a frente, sentindo-nos muito pequenos debaixo da forma diversa e muito alta. Durante muito tempo, eu a olhei, declarando continuamente que algum dia eu devia retornar. (E esse é o maior elogio que um viajante, em seu caminho de casa, pode fazer para qualquer ponto na Terra) (2010, p. 542 - grifos nossos) .

A mesma promessa de retorno a determinado local na Terra é feito por Florence Hammond, sua esposa, ao passar perto do vulcão Etna, na parte oriental da Sicília (Itália), entre as províncias de Messina e Catânia, quando de seu cruzeiro com o esposo. Emocionada pela visão mágica, devido ao pôr do sol e aos reflexos nas águas do mar, ela faz o maior elogio que um viajante pode fazer para qualquer ponto na Terra. Citemos o trecho final do ensaio-tributo:

“Eu nunca tinha visto um lugar como este antes”, ela disse quase para si mesma.

“É por isso que estamos aqui”.

Eu falei um pouco mais, mas ela não respondeu; então eu acrescentei, assim que pude, mas não tão breve, que nós tínhamos outros portos para visitar, e nosso navio devia estar partindo em breve, e que o tempo para nós zarparmos estava próximo.

Houve um longo silêncio. Então ela se levantou, pegando sua bolsa distraidamente, enquanto olhava pensativa e com serenidade: “Eu gostaria muito de voltar aqui”, ela disse (1945, p. 72)²¹.

21TOMLINSON, H. M. “After Fifty Years”. In: **A Mingled Yarn**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208. “I’ve never seen anything like this before,” she said, almost to herself. “That’s why we’re here.” I said a little more, but she made no answer; so I added, as soon as I could,

São afortunados pela experiência e, obviamente, pelo conhecimento adquirido via liberdade. A *iniciação* do peregrino, uma espécie de ritual de passagem (as lutas contra a Natureza e seus medos) e a necessidade da mediação entre a ação, o sonho e a memoração marcam o caminho do sucesso, pois Tomlinson se declara um afortunado pela ação de seu desvencilhamento do mundo londrino. Porém, como já fora dito, esse desvencilhamento exige um certo ritual de iniciação. O próprio Tomlinson, consciente da necessidade desse ritual, escreveu um capítulo com o título “Initiation”, em seu livro **Old Junk** (1922), em que trata dessa temática. Com espírito de aventura e confiante de que “sempre esteve ali” (na Amazônia) é que ele viaja. É a sublimação de um sujeito livre e, ao mesmo tempo, distendido, esparramando-se como um oceano. Há o deslizamento do velho para o novo; do estático para o flexível, o maleável; um deslizar dos problemas para as soluções do próprio experimento; da velha e embolorada Inglaterra para a nova e “misteriosa” Amazônia; da superfície plana e rasa do eu para uma superfície de relevos; de uma alma estreita para uma alma ampla; de uma identidade concedida *a priori*, para uma conquistada. Porém, desnudar-se e vestir-se como um outro maior é a sanção final? Há a pátria civil que deve ser abandonada e há a travessia perigosa dos mares do Atlântico rumo a um novo dia. É assim que, liberto da Fleet Street e de sua maquinaria, o peregrino canta a Liberdade.

Neste momento venho, finalmente, Ó Liberdade, minha amada e secreta divindade! Seu apaixonado peregrino está aqui, atrasado, contudo, ainda jovem e com olhos ansiosos; mas com a gola de seu casaco virada para o presente. Avante! A Estrada Aberta está diante dele. Mas como as perspectivas amplas e vazias de sua liberdade estremecem com os terríveis sons e gritos dos bidões de leite na Estação de Paddington! (TOMLINSON, 2010, p. 18).

A Liberdade, essa “secreta divindade”, une-se às duas entidades, Destino e Fortuna. As três figuras são importantes no relato tomlinsoniano. Através dessa tríade é possível

but, not too soon, that we had other ports of call, and our ship might soon be off, the time was near for us to depart. There was a long silence. Then she rose, absently gathering her hanbag as she looked out thoughtfully into radiant serenity. “I should like to come back to this,” she said. (1945, p. 172).

visualizarmos uma relação de lutas travadas pelo peregrino. Diferentemente de Ulisses, o herói da **Odisséia**, os deuses não guiam seus passos e, portanto, não há previsão de seus atos em relação ao futuro, muito menos da certeza da vitória final. Para tornar-se um homem liberto, senhor de si, é preciso que ele escolha o seu caminho. A glória só será alcançada a partir de desvencilhamentos de tudo que o aprisiona e que ele possua conhecimentos das técnicas para apreensão do sublime em sua composição discursiva. Como um peregrino, então, é que ele abandona seu mundo burguês com tudo que ele oferece, e parte em busca do encontro com o novo. Porém, “Por que cobiçar um conhecimento de novos fatos? Dia e noite, uma casa e um jardim, alguns livros e algumas atividades servem tão bem quanto todos os negócios e espetáculos” (2010, p. 186) - interroga-se Tomlinson parafraseando o poeta Ralph Waldo Emerson, um de seus muitos estímulos literários.

A Estrada Aberta é o caminho marítimo do comércio entre a Inglaterra e outros países - prática propiciada pelas descobertas das rotas marítimas, algo que Tomlinson criticará durante toda sua longa carreira como crítico e ensaísta. É também, num sentido figurado, o caminho para a liberdade, uma finalidade do sujeito em relação aos objetos do mundo sensível e ao estado de transcendência. O viajante ideal, diante da Estrada Aberta, liberto do cheiro das maquinarias, de tintas (certamente Tomlinson está se referindo ao seu trabalho no jornal *Morning Leader*), do tráfego e do barulho na Fleet Street, sua prisão, está pronto para sacrificar-se. Empreender uma viagem incerta, pois não sabe o que o aguarda no futuro (febre no futuro ou não?), que se transforma num tempo passado via suas reminiscências. Como pontua Sérgio Cardoso, “as viagens são sempre empreitadas no tempo” (CARDOSO, 1988, p. 358).

Assim, esse peregrino não apenas deve viajar até “as costas do mundo” para ali observar e descrever paisagens e modos de vida, mas deve, principalmente, viajar para encontrar-se consigo mesmo, numa espécie de expiação, de purificação, pois o peregrino é alguém que faz eternas andanças em busca de um santuário, que deve tornar-se/ser ele

mesmo. Ele deve embeber-se dos aromas dos trópicos, drenar seus cheiros até a última gota, nunca mais ser o mesmo e sujeitar-se a se recordar de certas experiências vividas no mar e na Amazônia. Procurar descobrir o que é significativo na viagem, então, é um bom começo. Certamente, na companhia de Henry David Thoreau (1817 - 1862), poeta e filósofo norte-americano, o peregrino sabe que

Não vale a pena, enquanto viajando pelo mundo, contar os gatos em Zanzibar. Isso prova ser verdadeiro em quase todos os livros de viagens. Eles mostram que não era válido no momento, tampouco, caçar gatos ou contar graus de latitude (2010, p. 114).

E, aí, a viagem oscila entre o válido e o inútil, o terreno e o divino, o aqui e o lá, o presente e o futuro, o real e o ideal, o composto e o simples. Deve-se, pois, buscar o que seja significativo no agora para usá-lo no tempo vindouro. O agora é o tempo da viagem e das "realidades" que o cercam, bem como de suas "conquistas", que se situam tanto no nível material, quanto subjetivo; o agora é o ideal do instante, como afirma Longino. De fato, **O Mar e a Selva**, devido ao fato do eu-narrador ser o herói do romance e lançar-se à busca de compreensão do mundo exterior e interior e nele, de certa forma, intervir, pode ser considerado um romance de educação, pois "Com acerto, a sua ação tem de ser um processo consciente, conduzido e direcionado por um objetivo: o desenvolvimento de qualidades humanas que jamais floresceriam sem uma intervenção ativa de homens e felizes acasos" (LUKÁCS, 2000, 141).

E assim, a partir de certa dimensão temporal voltada para o dia original, isto é, o tempo da gênese, é que esse viajante ideal, o peregrino, desvencilha-se de sua condição de prisioneiro urbano e se erige em uma história do sublime romântico, mas em um tempo presente encaixado na História. Ele, o viajante, busca tanto o sublime natural quanto o retórico. De fato, ele faz uma hermenêutica de si mesmo no percurso discursivo. De acordo com Thomas Weiskel, em sua obra **O sublime romântico: estudos sobre a estrutura e**

psicologia da transcendência,

a alegação essencial do sublime é a de que o homem pode, no sentimento e no discurso, transcender o humano. O que quer que se estenda para além do humano - Deus ou os deuses, o demônio ou a Natureza - é matéria para grandes divergências. O que quer que defina o alcance do humano não é, de sua parte, mais certo (1994, p. 17).

O Mar e a Selva coloca homem e Natureza numa relação de reverência e temor, união e separação, meio e fim, causa e consequência. Como diz Weskeil, ao falar do sublime dinâmico nos romances ingleses do século XIX, observa-se “acomodações mais sutis, em que a natureza não é meramente abandonada, mas aparece como o meio pelo qual a mente se descobre e se revela” (WESKEIL, 1994, p. 20). Mas, em **O Mar e a Selva** ainda há o enlevo romântico, pois os espaços infinitos e míticos são privilegiados. O próprio *Capella* é um desses elementos que proporciona o enlevo. Se o nome do navio, de fato, era *S. S. England*, por que transforma-se em *Capella*? Qual sua importância numa narrativa de viagem? Esclareçamos, primeiramente, o termo *Capella*.

Na mitologia greco-romana, *Capella* é a estrela mais brilhante da constelação do Cocheiro. Seu nome latim é *Alpha Aurigae*. O cocheiro seria Eritônio, rei de Atenas, o inventor da quadriga, um carro de combate puxado por dois cavalos. E *Capella* é Amaltéa, uma ninfa filha de Melisso, rei de Creta, que cuidou de Júpiter (Zeus) junto aos pastores do monte Ida, quando Cibele o poupou da voracidade de Saturno, alimentando-o com o leite da cabra Aix. Numa outra versão, Amaltéa é a própria cabra que amamentou Júpiter. A constelação do Cocheiro é representada por um homem que tem na mão direita um chicote, enquanto a mão esquerda sustenta uma cabra em suas costas, *Capella* (cabrita) a principal estrela dessa constelação.

No relato de Tomlinson, o navio, portanto, representa essa estrela do firmamento. Eis o trecho: “Era noite de natal e o nosso pequeno *Capella*, nosso ponto de brilho noturno, uma estrela se movendo pelo vazio rumo a seu destino obscuro, enchia o firmamento com

sua canção, enquanto suas companheiras nos céus permaneciam em volta. O natal passou" (TOMLINSON, 2010, p. 126). Se o navio é uma estrela do firmamento, então a jornada ocorre, também, na Via Láctea:

Nossa luz do mastro principal era somente uma estrela mais perto do anfitrião. Não fiquei surpreso ao ver uma das estrelas tão perto. Eu estava na varanda luminosa da Via-Láctea.

Era meia noite. Naquele silêncio, onde eu estava sozinho no espaço, à deriva em cima de uma nuvem noturna nas constelações, as estrelas realmente eram meus familiares; uma vez, quando em Londres, embora fossem conhecidas por mim e estivessem constantemente ali, estavam distantes no lugar para o qual alguém ergue os olhos da poeira e do tráfego, e não tinham nada a ver com Londres e comigo. Mas agora não havia mais poeira nem tráfego. Eu estava entre elas finalmente. O esplêndido Órion²² estava perto e imenso em sua caçada. As Plêiades²³ não por mais tempo ofuscavam no limite da visão, mas eram pontos separados de delicada luz. A noite se movia com brilho de diamantes.

Toda uma linguagem mítica utilizada na composição d'**O Mar e a Selva** auxilia o narrador em sua ascense. Toda sua imagística encanta o leitor. Cada metáfora possibilita o enlevo tanto do narrador quanto do leitor. Quando o navio aproxima-se da Amazônia há um trecho que, entre tantos outros, exemplifica o enlevo da alma:

22Na mitologia grega, Órion era um caçador gigantesco, um dos melhores a serviço de Ártemis (irmã gêmea de Apolo). Era filho de Poseidon (rei dos mares) e Gaia (Terra). Órion recebeu de Poseidon a capacidade de caminhar sobre as ondas, e era dotado de beleza e força extraordinárias. Diz uma das versões da lenda que a deusa Aurora apaixonou-se por Órion e o levou consigo para Delos. Lá ele tentou violentar Ártemis, e a deusa mandou um escorpião picá-lo no calcanhar, matando-o. Ártemis, agradecida ao escorpião, transformou-o numa constelação, fazendo o mesmo com Órion. No firmamento a constelação de Escorpião está sempre no calcanhar de Órion. Há outra versão que diz que Órion era um caçador amado por Artemis. Apolo, seu irmão, aborrecido com tal relacionamento amoroso, teve a oportunidade de se ver livre de seus aborrecimentos, percebendo que Órion vadeava pelo mar apenas com a cabeça de fora d'água desafiou Artemis, outra exímia caçadora, a acertar o alvo que distante se movia. Impecável em sua pontaria, ela acertou em cheio o seu amado, que fugia de um escorpião que Apolo havia enviado para matá-lo. O corpo de Órion foi conduzido à praia pelas ondas do mar. Percebendo o engano, Artemis, em meio às lágrimas, pediu para Zeus colocar Órion e o escorpião entre as estrelas: o gigante trajado com um cinto, uma pele de leão, armado de uma espada e de sua clava, acompanhado por Sírius, seu cão, fugindo de seu inimigo escorpião.

23Sete irmãs transformadas na constelação que recebeu esse nome. As sete Plêiades eram filhas de Pleione e do gigante Atlas. Chamavam-se Alcione, Astérope, Celainó, Electra, Maia, Mérope e Taigete. De acordo com uma versão, um dia as Plêiades estavam na Beócia, com Pleione, sua mãe, quando o grande caçador Órion as viu e se apixonou por todas elas. Depois de serem perseguidas por Órion durante muitos anos, elas foram metamorfoseadas em pombas, mas Zeus, contristado com sua desventura, transformou-as numa constelação.

Esta manhã era o prelúdio certo para os trópicos. Essa era a manhã quando, se nosso planeta estivesse desabitado até então, um mundo não consumado e aguardando aprovação, a aprovação divina teria vindo, e uma criança teria nascido, um imortal, a descendência da Aurora e do Deus dos Mares, com cabelos flamejantes e esplendorosos, olhos tão brilhantes quanto a alegria, e um corpo rosado para ser beijado dos pés à coroa. A luz dançante, e a chuvada morna nascido viva de uma nuvem oportuna, o ar dourado, as ondas dos ventos do comércio do nordeste, os mares do mundo na primeira madrugada se movendo ao longo, como uma multidão liberada para brincar, com seus azuis apaixonantes e profundos e seus cumes inocentes e deslumbrantes fizeram-me pensar que eu podia ouvir um leve grito de encorajamento, se ouvisse atentamente. No oeste, havia uma montanha íngreme de nuvens se erguendo do mar, e contra ela estava inclinado o brilho de um arco-íris. Havia aquele arco-íris, tão constante quanto a bandeira levantada por cima de uma ocasião elevada. O emblema nobre do mundo estava no alto. Perguntei ao capitão se ele hastearia a nossa insígnia em resposta a isso, mas ele apenas olhou para mim curiosamente (TOMLINSON, 2010, p. 156).

O deslocamento geográfico do viajante londrino contribui com a construção do discurso de viagem. A Natureza compactua com a ascese do eu-viajante. Porém, é o domínio das técnicas de escrita e uma imaginação vigorosa e instruída que garantem o enlevo e a sublimação. Ao zarpar do cais de Swansea, o próprio mundo se renova, e a deusa Aurora comparece à cena. Eis a passagem:

Era dezembro, mas por sorte encontramos uma manhã feliz, que tinha ficado perdida na procissão dos anos. Era uma manhã de domingo e sem terra firme. Era virgem e ainda usava uma veste de luz. Até o momento não tinha sido manchada por qualquer suspeita deste planeta pisoteado, esta estrela enlameada, que seus raios inocentes e tênues tinham descoberto na região da noite. Pensei que ela ainda estivesse nos cumprimentando, como um encontro afortunado ali. Sua luz era trêmula, como se provasse alegria e entusiasmo. Encontrei essa manhã como seu emissário, enquanto vocês ainda dormiam, e não traí, eu espero, qualquer satisfação cinzento-clara da nossa para a consideração pura, tênue e lúcida da manhã. Essa foi a última coisa boa que fiz antes de deixar-lhes de vez. Eu estava contente de ver quão vantajosamente nosso velho planeta Terra encontrava semelhante luz, como se não tivesse dificuldade para olhar o dia de frente. O mundo era milagrosamente renovado. Erguia-se e recebia em seus braços a recém nascida Aurora²⁴. Havia nuvens de pérolas por cima das colinas de pedras

²⁴Na mitologia grega, *Aurora* é a deusa do alvorecer, que anuncia à Terra a chegada do *Sol* (Hélio), seu irmão. Ela é descrita como condutora de uma carruagem puxada por dois cavalos, *Claridade* e *Brilho*.

preciosas. O mar corria em chamas voláteis. As sombras no convés brilhante arremessavam-se para frente e para trás, enquanto navegávamos. A campanha para o desjejum não tocou tão cedo. Esse foi um começo ideal (TOMLINSON, 2010, pp. 32, 34).

A Aurora, o Destino, a Fortuna e a Liberdade contribuem para o desvencilhamento do narrador de seu velho mundo, porque clareiam o caminho. Esse desvencilhamento aponta para o gênero utópico, pois a viagem proporciona o “diálogo com o mundo do viajante”²⁵, que atravessou o tempo presente, está no passado - no dia primevo, na região do Alto Madeira - e constroi um futuro imagético por meio da *Razão* que, no caso do viajante ideal, é a própria *Natureza*, que o dirige. E é um Novo Mundo não porque tenha sido criado recentemente, mas, como escreve Marilena Chauí, “Ele é novo porque é o retorno à perfeição da origem, à primavera do mundo, ou à “novação do mundo”, oposta à velhice outonal ou decadência do velho mundo. E é *outro* porque é originário, anterior à queda do homem. Donde a descrição da gente nova como inocente e simples...” (CHAUÍ, 2000, p. 62). Isso se verá mais adiante.

E o Peregrino e a Liberdade caminham de mãos dadas em direção ao Novo Mundo. E é em conjunto que apreendem, selecionam, julgam e constroem suas representações. O mundo londrino fora deixado para trás. Um novo dia começa,

e os grandes acontecimentos daquele mundo formidável que tínhamos deixado, do qual não ouvíamos agora nenhum som, nem rumor, tinham diminuído na mente; desbotado e desaparecido toda enorme consequência e alto clamor dele; agora havia um horizonte vazio para trás e nada entre nós e esse vazio (TOMLINSON, 2010, p. 102).

Há um convite, assim, à tolerância do novo. Nesse Novo Mundo, há um peregrino pronto para reconstituir-se a partir de seleções de imagens apreendidas pelos sentidos. A sensação de segurança nesse novo estado de alma, contudo, o faz rever alguns pontos dessa

25BERRIEL, Carlos Eduardo. “Editorial”, In: **Morus - Utopia e Renascimento**, nº 3. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 2006.

sua própria constituição. E assim,

Antes de cair no sono, meu hábito nascido da rígida temperatura cinzenta, que torna um inglês enérgico e próspero, vem com seu dedo indicador de advertência. Lembrando que eu estava seguro num mundo muito ensolarado, gritei com escárnio através do abismo, que eu tinha atravessado com segurança, sabendo que meu velho ego não podia me seguir, e fechei meus olhos alegremente. E também, permita-me dizer-lhe - sentando-me novamente com um pensamento urgente, que devo me livrar antes de dormir - se esta não fosse uma honesta narrativa de viagem, sem qualquer palavra sensata, eu deixaria o *Capella* aqui para argumentar que o que todos vocês companheiros querem no lugar que felizmente deixei, não é mais autorreclusão, cuja pálida virtude vocês têm mostrado a vocês mesmos ser tão profícua, que nossos prêmios por seus méritos têm superlotado os asilos de pobres, porém, mais autoindulgência barulhenta e uma insistência vigiada, corada e brilhante, sobre os significados disso. Olhem para mim agora nesse beliche! Nem mesmo desde quando estive pela última vez em um berço, senti que o mundo me salvaria, se eu ousasse fechar meus olhos para os acontecimentos, enquanto o sol estivesse brilhando. Mas vou tentar isso novamente agora e arriscar meu futuro. Repito, eu argumentaria isso com vocês, mas quero dormir...

É válido recordar que quando acordei, descobri que nada tinha me acontecido, exceto benefício. A aventura pode ser feita com segurança (2010, p. 158) .

Ironia e sarcasmo são figuras que capacitam o peregrino/narrador com a agilidade de se voltar sobre a cidade-prisão, Londres, e também sobre o acúmulo vigoroso de imagens vindas da Natureza. O *Capella* transforma-se em seu berço. Deitado ali, ele não ousa mais fechar os olhos para os acontecimentos, enquanto o sol estiver brilhando. Ele não se amplifica, ao contrário, ele se eleva, pois “se esta não fosse uma honesta narrativa de viagem, sem qualquer palavra sensata” ele desembarcaria do navio. Sua interpelação é veemente. Seu aguilhão é imperdoável. Ele sabe que o que seus concidadãos querem é autoindulgência e os significados disso. Despojado do velho ego, o peregrino está livre para reconstituir-se. A peregrinação tem seu valor intrínseco no ato de despojamento, de desvencilhamento. E ele mesmo faz a pergunta e a responde imediatamente. Somente como peregrino é, portanto, que ele pode inquirir a seus companheiros na cidade-prisão. Mas também ele lhes dá um encorajamento: “olhem para mim agora nesse beliche”. A figura que se esconde aí é a metáfora e a apóstrofe. Ele interpela ao mesmo tempo em que

transforma o navio em seu berço. Citemos a passagem outra vez: “Nem mesmo desde quando estive pela última vez em um berço, senti que o mundo me salvaria, se eu ousasse fechar meus olhos para os acontecimentos, enquanto o sol estivesse brilhando”.

Ao esconder essa figura de linguagem, a metáfora, o peregrino/narrador eleva o discurso, pois quando a figura permanece escondida, ela parece ser melhor, afirma Longino (1996). Refulge como o rubi. Incendeia as páginas e enche de êxtase a alma enfeitiçada do leitor. É o momento da paixão genuína, da aptidão do peregrino às palavras, com o discurso e consigo mesmo, porque linguagem. Ao acordar, ele só encontra benefício. Os demais marinheiros, agora, peregrinos, haviam mantido o curso e comandado o navio. E ele, enquanto na terra do sol constante, “dormia toda tarde, e nunca fui um tostão dos piores. De qualquer modo, as coisas seguiam adiante. Acho que me tornarei alguém da inteligente classe ociosa” (TOMLINSON, 2010, p. 150). Ele aguilhoa, mas seu ferrão fica escondido noutra figura de linguagem: a ironia de inversão. Não são inteligentes, esses indivíduos da classe ociosa, pois ousam “fechar os olhos para os acontecimentos”, diz Tomlinson de forma indireta.

O peregrino alimenta-se constantemente da sucessão dos acontecimentos e de imagens que se propagam ao redor; em toda parte ele se esparrama como o próprio movimento das ondas do oceano que atravessa. Sua paixão genuína e violenta pelo empreendimento aos trópicos, pouco a pouco, o transforma em um sujeito maleável, flexível, compreensivo da imensidão do planeta, de suas diversidades humanas e culturais. Porém, isso não acontece tão rápido, nem sem alguns deslizos. Ao afastar-se da cidade-prisão, sua mente perscruta. Ao distanciar-se “daquele mundo formidável que tínhamos deixado, do qual não ouvíamos agora nenhum som, nem rumor, tinham diminuído na mente, desbotado e desaparecido toda enorme consequência e alto clamor dele,” um novo mundo se apresenta ao peregrino; e “agora havia um horizonte vazio para trás e nada entre nós e aquele vácuo, a não ser algumas gaivotas, como pequenas recordações perseguidoras” (TOMLINSON, 2010, p. 96).

E quando, uma vez, Tomlinson recebeu ordens para fazer uma ronda noturna, da ponte do *Capella* ele se eleva e profetiza. Antes, porém, de citarmos a passagem tomlinsoniana, convém que se esclareça, a partir de Thomas Weskeil, como se organiza, no discurso, o momento sublime. Weskeil parte da hipótese de que "o encontro com a grandeza literária - o assim chamado sublime retórico - é estruturalmente cognato à transcendência, gentil ou terrível, estimulada no encontro com a paisagem, o sublime natural" (1994, p. 27). Assim, "o momento sublime parece consistir em três fases ou estágios de organização" (1994, p. 42). "Na primeira fase", escreve Weskeil,

o espírito está em uma determinada relação com o objeto, sendo essa relação com o objeto habitual, mais ou menos inconsciente (pré-consciente de acordo com Freud) e harmoniosa. Esse é o estado da percepção normal ou compreensão, a linearidade sintagmática, própria da leitura, ou do passeio, ou da recordação, e assim por diante. Nenhuma discrepância ou dissonância interrompe a representação, a suave correspondência entre o interior e o exterior. O tédio sinaliza um desequilíbrio incipiente, que não é ainda suficientemente forte para irromper na consciência e deter o ritmo linear, automático da sensação e reflexão (1994, p. 42).

Exemplifiquemos com um trecho do relato de Tomlinson, quando ele ainda está se preparando para a viagem aos trópicos amazônicos e descreve a paisagem de Londres:

Esse dia era apenas uma solução malsucedida da noite. Se conhece essas manhãs de novembro, com um oriente baixo, de uma palidez cadavérica, onde o romper da aurora parece como se o dia tivesse natimorto. Olhando para a aurora, há o que temos aguardado, o fim de nossa esperança, propensa e encoberta. Assim era essa minha manhã. O mundo estava muito tranquilo, como se estivesse exausto depois de tantas lágrimas (2010, p. 02).

Vê-se neste trecho que o espírito do narrador está numa relação mais ou menos harmoniosa com o objeto (Natureza). O seu tédio ainda é incipiente e seu ritmo linear ainda é mantido no seu discurso. Mas isso não ocorre na segunda fase do momento sublime. Pois nela, esclarece Weskeil,

a relação habitual do espírito e do objeto repentinamente se rompe. A surpresa ou o assombro é o correlato emocional, e há uma imediata intuição de desproporção desconcertante entre o interior e o exterior. Ou o espírito ou o objeto está em excesso - e então ambos estão, já que sua relação se torna radicalmente determinada (...). Um fenômeno natural nos surpreende despreparados e incapazes de alcançar sua proporção (1994, pp. 42, 43).

Podemos, agora, demonstrar o raciocínio de Weskeil com a representação elaborada por Tomlinson quando diante da imensidão do rio Amazonas.

O Amazonas, então, parece-me propriamente simbólico, como uma árvore monstruosa, e seus tributários, paranás, furos e igarapés, como os galhos grandes, os galhos pequenos, e gravetos de suas ramificações elevadas e esparramadas, tão momentaneamente dissecando o continente com seus inúmeros cursos de águas, que a mente vê essa região escura como uma impenetrável densidade de folhas verdes e secretas; que, literalmente, quando se for lá, é o que se encontrará (TOMLINSON, 2010, p. 224).

Para melhor compreender o Amazonas, o espírito volta-se para si mesmo em busca de seu novo objeto: o Amazonas como uma árvore monstruosa. Porém, ao elaborar a metáfora do Amazonas com uma árvore gigantesca, já ocorre aí a terceira fase do momento sublime. É o momento da reação do narrador diante do objeto-mundo. Para Weskeil, na terceira fase, "o espírito recobra o equilíbrio entre o exterior e o interior, ao constituir uma relação nova entre ele próprio e o objeto, de tal forma que a própria indeterminação que surgiu na fase dois é formada como simbolizadora da relação do espírito com uma ordem transcendente" (1994, p. 43).

Antes de intuir a metáfora para a compreensão do Amazonas, conforme descrita acima, o narrador tomlinsoniano afirma que o rio Amazonas "Não é facilmente explicado meramente como um rio amarelo, com uma elevação verdejante de cada lado e em cima um céu azul. Seria difícil encontrar, exceto por sorte, uma palavra que concebesse a imensidão de terra da Amazônia, algo do alheamento e separação dos pontos de seus extremos, com meses e meses de aventura entre eles" (2010, p. 224).

O relato de Tomlinson está cheio de momentos sublimes. Assim, certa noite,

(podemos agora citar o trecho proposto anteriormente) quando o capitão pede a Tomlinson para que faça uma ronda noturna, pois um dos oficiais estava adoentado e o outro estava descansando, depois de sua ronda de trabalho, tem-se a seguinte passagem:

Senti então que estava mais do que separado do meu grupo. E tinha sido tirado e colocado longe do conforto da comunidade também isolada do *Capella*. Havia eu e as estrelas. Elas eram minhas vizinhas mais próximas. Fiquei por você entre elas, sozinho. Quando o último homem ouvir, mas não ver as águas profundas desta esfera escura, naquela noite para qual não haverá nenhum sol da manhã, ele saberá qual foi minha sensação no alto da sela do *Capella*; o único habitante de um asteroide distante da trilha principal no espaço, com o sol diminuído para um ponto através da viagem, e a Via-Láctea ainda não alcançada; embora pudesse ver que estávamos nos aproximando de sua baía de luz. Uma jornada apreciável tinha sido realizada. Mas, pela palidez de seu brilho, ainda havia uma lacuna eterna para ser viajada. Deveríamos ultrapassar aquele brilho pálido, aquela congregação de sóis, aquele arquipélago de mundos; embora não ainda. Mas não tínhamos a noite toda para viajar? A noite seria longa. Não deveríamos ser incomodados pelo velho dia nunca mais. A última manhã tinha passado. Não tinha dúvidas de que o vento da protuberância escura que abracei no espaço, enquanto meu cabelo esvoaçava com a velocidade, alcançaria, na duração, a fraternidade brilhante, não mais do que um controle do brilho da promessa retirada, embora parecesse. (2010, pp. 160, 162).

Esta longa citação contém elementos interessantes. A ponte de comando transforma-se em uma sela e o navio em um cavalo voador. Há aí uma descrição animada. Há, conjuntamente, narração e poesia em forma de aparições. Há aparições, essas “fabricantes de imagens”, como afirma Longino, “quando o que tu dizes sob efeito do entusiasmo e da paixão, tu crês vê-lo e tu o colocas sob os olhos do auditório” (LONGINO, 1996, p. 67). Tomlinson não apenas vê, mas faz o leitor ver também. Sua força advém de sua habilidade e aptidão ao discurso. Delírio e amor, paixão e audácia imbricam-se mutuamente. É, portanto, na embriaguez de um sonho acordado que ele se coloca entre as estrelas e dali profetiza: “Quando o último homem ouvir, mas não ver as águas profundas desta esfera escura, naquela noite para qual não haverá nenhum sol da manhã, ele saberá qual foi minha sensação no alto da sela do *Capella*”; (2010, p. 160). E ele é “o único habitante de um asteroide distante da trilha principal no espaço, com o sol diminuído para um ponto através

da viagem, e a Via-Láctea ainda não alcançada” (TOMLINSON, 2010, p. 160). Como um pensamento esvoaçante, à deriva no espaço, ele “vê que estávamos nos aproximando de sua baía de luz. Uma jornada apreciável tinha sido realizada” (TOMLINSON, 2010, p. 160).

Sonho e realidade se interpenetram e a força da aparição acrescenta veemência e paixão misturadas à argumentação dos fatos. Porém, “misturada à argumentação dos fatos a aparição não apenas convence o ouvinte, mas também o escraviza” (LONGINO, 1996, p. 71). Tomlinson não apenas narra, mas convence o leitor da veracidade dos fatos narrados e se põe, ele próprio, em meio à aventura, mas “por você”, leitor.

Esse peregrino, um pensamento desencarnado, um mero olho, desliza na narrativa. Eleva-se aqui e ali, e leva, junto com ele, um leitor sedento de imagens proporcionadas a quem, governado por inúmeras paixões, se lança, sem economizar esforços, imaginação criativa e riscos do não-retorno, a uma viagem singular aos trópicos. Imagens românticas são apresentadas ao leitor pelo peregrino, numa espécie de sanção por tê-lo acompanhado em sua peregrinação. E não somente ele aguarda ansioso pelo momento de desembarque e da procura pelo romance em terras de além-mares, mas também o leitor. Sua “fuga apressada” para a Amazônia demonstra que Tomlinson pensava a si mesmo como um indivíduo rebelde contra a autoridade moral elizabetana; daí sua identificação com a Amazônia como um lugar propício para expor a alma a exercícios de ascese. Assim é que, quando em Porto Velho, ao conversar com Neil O'Brien, ficou intrigado pela maneira livre que este homem vivia. E aí, mais uma vez, o viajante lança suas críticas à política europeia, pois “Não se pode viver muito de sua vida com criados natos, o criterioso e o imparcial, o acanhado e o alegre, e aqueles que parecem duas vezes meticulosamente, mas nunca saltar, sem trair alguma palidez refletida da anemia deles” (TOMLINSON, 2010, p. 364).

Quando, em Porto Velho, conheceu Neil O'Brien, Tomlinson ficou surpreso com a liberdade desse indivíduo livre, que vivia sem ajuda do Estado e era ele mesmo a lei e seu padrão de conduta. Citemos a reflexão de Tomlinson:

O'Brien, o discreto mestre de seu próprio tempo, com olhos que não pude ler, e sua arma, divulgava obliquamente em nossas conversas casuais juntos, uma semelhante indiferença ingênua para aceitar as coisas e a autoridade, que eu não tinha nada para exercitar, quando me medindo com ele. Ele era seu próprio padrão de conduta. Eu julgava que sua paciência para com a autoridade dos oficiais seria tolerante, e até mesmo cuidadosa, como os homens usam com crianças cheias de vontades. Ele não era um rebelde, como nós entendemos alguém que finalmente fica impaciente e raivoso, e então vota para o outro partido. Suponho que ele não era oposto à autoridade, a menos que fosse oposta a ele. Ele estava fora de qualquer autoridade, senão a sua própria. Ele vivia sem a ajuda do Estado. Ele mesmo carregava a arma, sempre o símbolo de autoridade de um homem ou de um Estado; e se qualquer homem tivesse tentado roubar-lhe a substância, certamente O'Brien teria atirado naquele homem de acordo com sua própria lei e sua própria profecia; teria então preparado sua ceia (...). Intrigou-me demais este fenômeno de um homem livre, que tomava sua liberdade tão tranquilamente e naturalmente, que ele nunca mesmo discutia o assunto, como nós fazemos com entusiasmo na Inglaterra (2010, p. 364).

Agora temos que investigar a noção de viajante e narrador. Procuraremos, assim, estabelecer certa linha paradigmática entre estes dois conceitos advertindo, obviamente, que tanto o narrador quanto o viajante são metonímicos. Alguém disse alhures que toda narrativa é uma viagem. Com Tomlinson, aprendemos que “um bom livro é sempre um relato de viagem; é sobre uma jornada da vida”. A sua, repleta de viagens: América, África, Índia, Ilhas do Caribe, etc. pode ser vista como busca de simetria e autoperfeição em um mundo cada vez mais industrializado e repleto de males causados pelo saber/poder, que vem sendo adquirido e constituído paulatinamente desde os primeiros viajantes e seus celebradores.

1.3 DE VIAJANTE E NARRADOR(ES)

O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.

Magia e técnica, arte e política - Walter Benjamin

“O olhar e a escrita se colocam como a própria condição da grandeza do soldado, uma vez que tornam públicas, através da narração, suas façanhas desconhecidas”, escre-

ve Julio Ramos (2008, p. 278)²⁶ ao analisar crônicas escritas por José Martí. Soldado, peregrino e viajante são sujeitos similares no tocante à vivacidade narrativa de suas proezas. Tomlinson, a partir de suas experiências marítimas e terrestres, possui um acervo infindável de histórias. Ele é o narrador por excelência. Assim, é como narrador central de seu relato de viagem (de fato, para H. M. Tomlinson, seu relato é uma outra Odisseia²⁷), que ele procura compreender e distender tanto o mundo londrino e amazônico, quanto a si mesmo. De acordo com Walter Benjamin, em seu texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1994), há dois tipos fundamentais de narradores: o sedentário, isto é, “o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”²⁸ e o marinheiro, ou seja, o viajante.

Henry Major Tomlinson possui os traços significativos de um grande orquestrador de vozes; ele realmente sabe narrar. Como afirma a epígrafe desta parte da análise, “o narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo”. É como um soldado, que desertou de suas obrigações na cidade-prisão e ingressou em outro exército, o dos viajantes, que Tomlinson é viajante-prosador por excelência. Nele há tanto o viajante ideal quanto o grande narrador central, o herói. Ele literalmente viaja e ultrapassa o meramente humano. Ele se alça às alturas de seu mundo subjetivo. Como afirma Georg Lukács, em ainda a sua obra **A teoria do romance**, “O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar sua própria essência” (LUKÁCS, 2000, p. 91).

É viajando no *Capella* que Tomlinson - contratado como segundo comissário de bordo, de início um tanto quanto frívolo e, em certa medida, xenófobo em relação aos

26RAMOS, Julio. “Martí e a viagem aos Estados Unidos; Maquinações: literatura e tecnologia; Esta vida de papel e jornal: literatura e massa”. In: **Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. (2ª parte - introdução; cap. 6 e 7).

27“Há uma outra Odisseia em uma viagem como esta”. Ver tradução, página 224.

28BENJAMIN, Walter (1892 - 1942). **Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin, 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

companheiros de jornada, principalmente aos foguistas e ajudantes de convés, que são vistos como rudes - começa a compreender e a enaltecer os marinheiros: "Acho que os marinheiros merecem grandes verbas" (TOMLINSON, 2010, p. 42). E, depois dessa terrível tempestade no Atlântico, esse viajante iniciado se anima com o empreendimento:

Animei-me com essa viagem pela primeira vez; como se, depois de um teste, eu tivesse sido *iniciado*. Este era o lugar para mim, com homens como estes ao meu redor, e tão grandes acontecimentos para serem cumpridos. *Deleitei-me* com o pensamento de nosso valoroso blefe, insignificante, como se estivéssemos separados de nossa espécie naquela desolação maligna. (2010, p. 56) - (itálicos nossos).

E, daí em diante, ele é o herói do romance. "Eu mesmo, e *nenhum outro herói*; verdadeiramente EU, finalmente, para um lugar que não estava na carta náutica..."(2010, p. 28) - (itálicos nossos). A aventura deve ser feita, e ele, o viajante, tem de ser aventureiro. Tomlinson parece acreditar viver uma epopeia. Como pontua Lukács, "ao sair em busca de aventuras e vencê-las, a alma desconhece o real tormento da procura e o real perigo da descoberta, e jamais põe a si mesma em jogo. (...) Essa é a era da epopeia" (LUKÁCS, 2000, p. 26). E então, ele parte para se perder e se reencontrar.

Um Novo Mundo exige, certamente, um novo homem. Como afirma Vita Fortunatti (apud MORAES, 2008, p. 02)²⁹, "o expediente narrativo das etapas intermediárias que preparam o viajante para o contato com a alteridade assemelha-se, de certa forma, a um ritual de iniciação, um processo de transformação ao fim do qual temos a imagem de um novo homem". Erige-se em **O Mar e a Selva**, um novo sujeito que, como um "olho desencarnado", passou pela experiência da viagem, atravessou a si mesmo e, como apenas um mero olho, está pronto para a alteridade. Tendo se familiarizado com o navio - de início, estranho e repulsivo ao toque - e com os demais companheiros de jornada, o capitão, os

29MORAES, Hélvio. **O tema da viagem e seus desdobramentos na Nova Atlântida de Francis Bacon**. In: Palimpsesto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Nº 07. Disponível em [http:// www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num7/dossie](http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num7/dossie). Acesso em 10/03/2010.

dois oficiais-comandantes, o médico, o primeiro comissário, os maquinistas e os foguistas, o cozinheiro alemão e um taifeiro - o velho ego é deixado para trás e não mais pode segui-lo para além daquelas muralhas continentais, para onde se dirige o novo EU.

Chegando ao portal amazônico, no imaginado Novo Mundo, por exemplo,

O dia vazio está em todo o redor. No círculo inteiro não há a interrupção mais distante e impertinente - através de todas as etapas, não há um tolo de pé na luz; e você mesmo não está no horizonte de ninguém. Nenhuma história mancha esse lugar. Não há uma dúvida escura em nenhum lugar. É o primeiro dia novamente (TOMLINSON, 2010, p. 120).

E a possibilidade de "viver segundo a Natureza" está diante do viajante e narrador central. A viagem, como predicação de deslocamento entre um ponto de partida e um ponto de chegada, é um exercício de distanciamento, tanto de seu país, quanto de si mesmo - um portal que, no caso de Tomlinson - o conduz ao dia original. É nessa manhã primeva que o peregrino sonhador se coloca para criticar seu mundo e pensar a si mesmo como um homem em sua integridade e em perfeita harmonia com a Natureza. Como esclarece Cardoso, "O distanciamento das viagens não desenraíza o sujeito, apenas diferencia seu mundo... quando, é verdade, ele não se mostra demasiadamente compacto - e defendido - para deixar penetrar o tempo" (CARDOSO, 1988, p. 360).

No Novo Mundo, então, o viajante ideal torna-se o senhor de si mesmo e está livre para se reconstituir a partir de drenagens imagísticas, de exalação de cheiros, de absorção de odores primevos, de medições com a alteridade. É ele quem é o afortunado por estar ali e receber esse novo dia: "Recebi este mundo recém-descoberto do oceano e nuvem e minha própria garantida identidade centrada naquele lugar, com a complacência de um imortal que verá todas as coisas que não têm importância desaparecerem" (TOMLINSON, 2010, p. 128). Imortaliza-se, o viajante, através da própria construção textual. É através de uma imagística vigorosa que ele se alça à condição de um viajante ideal, dotado de uma *seeing mind*, pois a mente vê melhor do que o olho; "ela constroi algo potente, uma ideia vaga e

fantástica" (2010, p. 224). Assim, Jásão e seus marinheiros (mesmo que silenciados) estão na travessia rumo ao "desconhecido", mas imaginado glorioso. O teatro, o Novo Mundo, lhes oferece um romance em que eles são os atores privilegiados. O viajante encena o romance como a personagem central. O EU que tudo-pode e tudo-ver manifesta-se grandioso.

Nós, solitários e privilegiados no teatro, esperávamos com expectativas. As portas da glória estavam entreabertas em algum lugar. A muralha ocidental estava clara, brilhante e vazia, delimitada por um proscênio de chamas de âmbar. No nordeste, atrás de nós, havia algumas nuvens elevadas de nítida temperatura, como um acolhimento de desmaio de pequenos querubins e, de suas tribunas superiores, eles cuidavam de uma luz invisível para nós; ela deixava suas faces brilhantes. Abaixo delas, o mar vitrificado estava da cor rosa-coral. Até mesmo nossa própria arte de ferro prosaica estava sublimada; nosso navio ficou lustroso e estranho. Éramos os Argonautas e nosso mundo estava brilhante com a verdadeira autorradiação de um mundo de romance, onde as coisas que iriam acontecer eram inimagináveis e olhávamos para elas de nosso lado do navio, calmos e esperançosos; meus companheiros estavam transfigurados, pareciam enormes, estavam rosados e medonhos, imortais naquela luz que a nenhum mortal é dado a ver (TOMLINSON, 2010, p. 134).

O *Capella*, essa "arte prosaica", que está agora sublimado e abre passagem entre as muralhas celestes, conduz um grupo de aventureiros, os argonautas do Atlântico, para as terras de Orellana. A América desenha-se no horizonte como um sonho que pode ser despedaçado a qualquer momento. É o Novo Mundo que se mostra, pouco a pouco, como uma "moldura" gloriosa, pintada pelo EU viajante. Ele é parte do cenário que ele mesmo constroi à medida que se aproxima da América e, num *feedback*, ele realimenta-se de suas reminiscências.

Onde o céu luminoso, que estava por trás de um grupo de ilhas de pequenas palmeiras, mostrava traços delicados de lápis preto, tão pequenos e distintos, quanto as formas de mofo debaixo de um espelho magnífico, ao longo da linha do horizonte. Frequentemente, aquela moldura semelhante a cabelos parecia descansar sobre o mar. O *Capella* continuou aproximando-se até que a América se tornasse mais do que uma ilusão tingida e delicada que, às vezes, empalidecia, quanto mais o olho procurava ver. Logo lançou reflexos. As ilhas aumentaram em placas de cobalto, com vistas de água prateada entre elas, dando-lhes forma. O

curso foi mudado para oeste e navegamos no rumo do Atalaia, no sentido do local do vigia. Por cima da crosta fina e fútil de terra que subia do mar - que podia ter ondulado sobre a baixa protuberância - poderosas nuvens de trovão se erguiam, continentes de noite no céu, com áreas reluzentes dividindo-as, que eram estranhamente iluminadas do lado. Cortinas tão negras quanto betume cobriam, de grande alturas, as águas. Duas dessas cortinas apavorantes, se arrastando por cima da América, estavam um pouco puxadas para trás. Podíamos olhar para além delas, para um grupo diminuído de nuvens de cumes brilhantes, como se víssemos ali uma revelação acidental de uma região secreta e maravilhosa com o seu próprio sol. E tudo, nuvens gigantes, o mar, a margem tênue e distante, estava sereno e tranquilo. O ar tinha parado de respirar. Pensei que esse mundo reluzente, que tínhamos descoberto, pudesse provar um *sonho* feliz e, apesar de tudo, ser visto, mas não para ser entrado, e que algum barulho logo iria despedaçá-lo e me acordar (TOMLINSON, 2010, p. 190 - grifos nossos).

Sonho e "realidade" se refletem e se refratam. O mundo torna-se uma pintura maravilhosa. O olhar e o ver, como partes de um todo, a visão, incitam o viajante ideal a um estado de maravilhamento e reflexão. "As portas da glória estão entreabertas" e o olho desencarnado "desliza" pelo cenário, numa inquirição. Em um novo estado de si mesmo, aprimorado, é verdade, é chegado o momento do encontro com a alteridade, o nativo, o sujeito viajado. E é como anjo e logo imediatamente como personagem que o viajante desembarca do *Capella* e faz seu primeiro passeio em terra firme. Somente como anjo, ele é "capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. (...) Enquanto os indivíduos se transformam em personagens, ele é o único que não vê cenários como imagens banalizadas" (PEIXOTO, 1988, p. 363). Já que está no Jardim do Éden, como se verá mais adiante, ele tem a oportunidade de medir-se com o nativo.

A respeito do olhar tomlinsoniano, John Freeman afirma que "é como se Robinson Crusoe ou John Bunyan tivesse ido para o mar em um navio a vapor e se deparasse com aquela âncora, aquelas ondas pesadas, aquelas escadas e passagens e as olhasse meio em dúvida e meio em deleite"³⁰. O Novo Mundo é um sonho que se materializa à medida que o olho e a mente perscrutam. Ao romper da aurora, a floresta amazônica surge refulgente, como o peregrino e aventureiro a imaginara:

30FREEMAN, John. Mr. H. M. Tomlinson. In: **London Mercury**. Vol. 16, Nº 94, 1927.

O dia completo chegou rapidamente para me mostrar a realidade de uma das minhas primeiras *visões* e suponho que não possa esperar muito mais semelhantes minutos a floresta da Amazônia tomar forma, tanto quanto gastei olhando da ponte de comando do *Capella*. Logo o cheiro se foi. A luz da manhã margeava a copa das árvores e derramava-se dentro do rio. O canal se enchia com o brilho do sol. Ali estava ela então. No penhasco do norte, eu podia, de fato, ver os galhos e os troncos; eram veias de prata numa massa de crisólito sólido (TOMLINSON, 2010, pp. 192, 194).

(...)

A cena era tão luminosa, tranquila e silenciosa, que era tão parecida com uma miragem radiante, ou uma *lembrança viva* de um *sonho emocionante* tirado dos livros lidos e relidos novamente, que somente a verdade inquestionável de nosso vapor de ferro, presente com sua fumaça e engrenagem prosaica, convencia-me de que o que era exterior a nós realmente estava ali. Em cima de uma escotilha, uma borboleta grande pairou e tremulou como uma chama. Libélulas estavam suspensas invisivelmente em cima de nosso toldo, jóias de esmaltes cintilantes (TOMLINSON, 2010, pp. 194, 196).

Estando bem distante da vida nas cidades e de uma civilização apressada, deveria haver pouca coisa para esse viajante contestar e denunciar. No entanto, é justamente o distanciamento que lhe possibilita criticar seu mundo de origem e, aqui e ali, o mundo do viajado. Para o viajante, os indivíduos avistados, quando de seu primeiro desembarque em Belém do Pará, são desprovidos de características de uma raça pura, como a raça inglesa.

Os paraenses, no calor, passando ao largo com um jeito de andar preguiçoso, que logo fui impelido a imitar, eram pessoas enigmáticas para alguém acostumado com as *características de uma raça de sangue puro, como nós ingleses*. O português, o negro e o indígena estavam ali, mas raramente como um tipo fiel de alguém. Exceto onde o negro era o fator predominante, os homens tinham o corpo empobrecido, pálido, frágil e apático, embora houvesse alguns brigões morenos e musculosos na faixa litorânea (TOMLINSON, 2010, p. 200 - *itálicos nossos*).

Provavelmente, embalado pelo discurso classificatório do **Sistema da Natureza**, de Carl Linné, que inclui as pessoas em suas classificações das plantas e animais, o viajante situa o nativo entre as categorias antropomórficas lineanas. O hibridismo, em sua representação da alteridade amazônica, representa debilidade e fraqueza. De acordo com

Pratt, dentre as principais características estabelecidas por Linné entre *homo sapiens* e *homo monstrosus* está a supremacia do europeu. O americano é descrito assim: "cor de cobre, colérico ereto. Cabelo negro, liso, espesso; narinas largas; semblante rude; barba rala; obstinado, alegre, livre. Guia-se por costumes". E o europeu, por sua vez, é "claro, sanguíneo, musculoso; cabelo louro, castanho; olhos azuis; delicado, perspicaz, inventivo. Coberto por vestes justas. Governado por leis" (PRATT, 1999, p. 68). Dessa forma, os paraenses são apresentados pelo viajante como objetos de uma descrição etnográfica e em contraste com "as características de uma raça de sangue puro".

Um julgamento apressado e revestido pelas amarras de sua cultura metropolitana e europeia apresenta-se como um insulto não apenas aos nativos da Amazônia, como também ao Todo Poderoso, que criou o mundo e o povoou de formas diversas. Para um viajante que deseja compreender o mundo exterior e interior, essa poderia ser uma grave falha. Entretanto, se colhidos todos os deslizes cometidos pelo narrador/herói, eles se apresentarão como magras colheitas diante do todo que compõe sua Odisseia. Esses julgamentos demonstram dados da realidade exterior, mas não conferem à obra o teor de está dizendo a verdade, senão mera impressão e julgamentos do narrador presos aos ditames da época. As crenças, paixões, ideias, fatos, acontecimentos são a matéria-prima que dão substância à obra, mas nunca uma revelação da "verdade" do narrado. Porém, como escreve Julio Ramos (2008, p. 169), parafraseando Edward Said, "O conjunto de imagens sobre o "outro", mais do que um conhecimento da realidade estrangeira, contribuiu para consolidar o campo da identidade européia, legitimando a missão civilizadora e a expansão da modernidade".

A cultura, porém, como uma lente utilizada para a visão, demonstra o lugar de onde fala o sujeito enunciator. Como afirma Homi Bhabha em **O local da cultura**, "a cultura, como espaço colonial de intervenção e antagonismo, como traço do deslocamento de símbolo a signo, pode ser transformada pelo desejo imprevisível e parcial do hibridismo" (2005, p. 167). (Discutiremos essa questão no capítulo III). Por enquanto, continuemos com

o percurso traçado no relato pelo narrador/herói.

Assim, mais adiante, no povoado de Itacoatiara, no rio Amazonas, Tomlinson faz seu primeiro passeio na floresta amazônica. Ali, ele e o médico, seu companheiro de jornada, "passam dias memoráveis em suas redondezas, com caça às borboletas e passeios". A passagem a seguir ilustra como do **Sistema da Natureza** origina-se a descrição tomlinsoniana:

Continuamos ao longo da trilha em que as crianças desapareceram. Entre as bananeiras havia algumas seringueiras, seus troncos cinzentos, marcados com cortes escuros, e debaixo de algumas das incisões, pequenas tigelas estavam enfiadas, fixadas ali com argila. Na maioria das tigelas, o leite coletado estava congelado, porque as tigelas estavam quase cheias de água da chuva, que estava viva, com larvas de mosquitos. A trilha conduzia ao barranco do rio. O córrego era estreito, mas estava cheio e fundo. Algumas mulheres e crianças estavam se banhando e olharam para cima com indiferença, quando aparecemos. Algumas estavam desatentas, no capim, tomando banho de sol. Outras estavam penteando seus cabelos longos, caídos sobre corpos morenos cor de mel. As figuras das mulheres eram cheias, graciosas e roliças, e elas posavam como se tivessem conscientes de que aquele lugar fosse delas. Eram tão inconscientes de sua beleza, quanto os animais. Olhavam-nos em volta e acima, e uma parou sua mão e seu pente na metade do comprimento de seu cabelo, e todas nos fitaram atentamente com rostos sem nenhuma expressão, mas um pouco surpresas; então, viraram-se novamente para continuar com seus banhos e suas fofocas. Pareciam tão peculiares com seus membros e corpos morenos e acetinados, no recluso e ensolarado bosque, onde a água corria, enquadradas em exuberante ramagem tropical, quanto uma manada de cervos (TOMLINSON, 2010, p. 248).

O cenário se apresenta através de uma linguagem intensamente visual e analítico-crítica. O olhar do viajante estabelece comparações associadas aos dias primevos. O homem primitivo, portanto, está em completa integração com a Natureza. O viajante, agora iniciado, ausenta-se completamente do cenário. Ele é apenas o olho que perscruta, que nomeia, classifica e julga. Envolvido em completa inocência, o viajado vive segundo a mãe Natureza. Esse modo de vida, refletido pelo viajante mais adiante, quando medindo-se com alguns trabalhadores da EFMM, é visto como um estado de completa harmonia entre homens e o meio. Tem-se aí a imagem de um jardim em que os viajados desfrutam os

prazeres possibilitados pelo completo estado de inocência em que ainda viviam.

Logo adiante, Tomlinson afirma que

nunca tinha visto o homem primitivo em seu lugar nativo até então. Ali estava ele, como no começo, e via, com um novo respeito, de qual criatura somos derivados. Era, estou contente em dizer, para alegrar a existência dessas pessoas, que eu tinha ofertado moedas em uma igreja em Poplar. Poplar, você deve ter ouvido falar, é uma paróquia na civilização, onde uma comunidade organizada é capaz de, através de sua herança do melhor de dois mil anos de religião, ciência, comércio e política, auxiliar no fim da vida de seus membros (afiados como eles tão frequentemente são pelas isenções áridas da Providência) com a humanitária Lei dos Pobres (TOMLINSON, 2010, pp. 248, 250).

Vista pela lente das utopias, a descrição serve como crítica à perda da harmonia entre o homem e a natureza nos centros metropolitanos. Como uma crítica aos ingleses, que criaram a Lei dos Pobres, pois "somente o homem de longa cultura poderia pensar em um semelhante insulto ao Todo-Poderoso". A Lei dos Pobres foi promulgada pela Rainha Isabel I em 19 de dezembro de 1601. De acordo com Luís Graça³¹, essa lei assentava quatro princípios: a) a obrigação do socorro aos necessitados; b) a assistência pelo trabalho; c) a taxa cobrada pelo socorro aos pobres; d) a responsabilidade das paróquias pela assistência de socorros e de trabalho.

Em relação aos nativos amazônicos, Tomlinson acredita que "A experiência não lhes ensinou a inventar semelhante escárnio cósmico como a Lei dos Pobres. Eles têm tudo o que querem" (TOMLINSON, 2010, p. 250). Portanto, a comunidade indígena, para o viajante, aproxima-se mais de uma sociedade de justiça do que a londrina, uma vez que a criação de leis significa falta de harmonia entre os homens, daí a necessidade de tal lei. As moedas ofertadas por Tomlinson, na igreja em Poplar, todavia, jamais serviram para ajudar os nativos da Amazônia. E justamente aí ele ironiza os trabalhos de caridade de comunidades cristãs em relação à missão evangelística por todo o mundo.

31 GRAÇA, Luis. "Industrialização, Saúde Pública e Controle Social na Inglaterra do Séc. XIX". Disponível em www.ensp.unl.pt/lgraca/historial_legis180_1890.html. Acessado em 25/05/2011.

Nesse sentido, **O Mar e a Selva** pode ser visto como uma construção filosófica, pois estabelece um processo reflexivo sobre o mundo terreno. Nela, o homem da metrópole é visto como um escravo do trabalho, de seus descendentes, amigos, das leis humanas e de sua terra natal. O homem está, dessa forma, preso às rodas que ele mesmo sonhou e criou. Como esclarece Tomlinson em um texto escrito quase duas décadas depois de sua viagem à Amazônia: "Um desespero vago é sugerido em nossas turnês ao redor do mundo. Algo está faltando em nossa civilização. Talvez pensemos que quanto mais longe formos, mais provavelmente recuperaremos o que quer que seja que tenhamos perdido"³². Tomlinson, do início ao fim de sua narrativa, pensa, reflete, desconfia desse "Progresso" proporcionado pelas tecnologias. Para ele, esse desejo do homem pelo domínio o escraviza e o impossibilita de "viver segundo a natureza", premissa estoica.

Logo no início do relato de Tomlinson, no exato momento em que ele se encontra com o capitão do navio *Capella*, que o convida para a nobre jornada e, com essa ação, escapar de suas amarras, o narrador se questiona a respeito de seu cativo e dos limites de sua própria constituição do "eu". Vejamos o que conta o narrador:

"Então por que você não cai fora?"

O quê, escapar? Nunca tinha pensado nisso. É a última solução que teria me ocorrido com relação ao problema do cativo. É um crédito para você e para mim, que não pensamos em nossas amarras tão desrespeitosamente, assim como para considerá-las como tudo, menos necessárias e indispensáveis, embora, algumas vezes, tristes e irritados, possamos arrebatá-las. Como se a servidão incorresse de nossa parte como tendência, pais pobres de espírito, mosca verde, reverência a nossos superiores e a outros enviados das estrelas. Como poderíamos viver, senão com vínculos? (TOMLINSON, 2010, p. 12).

Pode-se inferir daí que o narrador busca "essa vontade de vontade livre", como Nietzsche escreve no prefácio de **Humano, demasiado humano**. E o filósofo se interroga: "Qual é a amarra mais firme? Quais as cordas que são quase impossíveis de

32TOMLINSON, H. M. "Exploration". In: **Out of Soundings**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208.

romper?" (NIETZSCHE, ?, p. 22). E logo em seguida, ele mesmo tece as devidas respostas.

Entre os homens de qualidade mais seleta serão os deveres: esse respeito, como convém à juventude, essa timidez e delicadeza diante de tudo que é venerado há muito e digno, o reconhecimento pelo solo em que cresceu, pela mão que o guiou, pelo santuário em que aprendeu a orar - serão mesmo seus momentos mais elevados que o ligará mais firmemente, que o obrigará mais duradouramente. (NIETZSCHE, ?, p. 22).

E o narrador-viajante, sabemos, estimulado por suas leituras de viagens, tinha um desejo no coração de se afastar de Londres. É por isso que ele, depois de haver enfrentado as tempestades marítimas, nos relata que,

Sentado em uma escotilha com o médico, fumando, confessamos com tranquilidade no coração e com mentes em que vibrações nervosas tinham cessado, que devíamos ter alcançado o lugar que não estava em nenhuma parte e que agora o tempo não era para nós. Tínhamos escapado de tudo. Estávamos livres. Não havia nada em nenhum lugar que nos comprometesse. Não havia nada para fazer e ninguém que nos quisesse. Nunca antes tinha me sentido tão tranquilo e consciente de mim mesmo. Percebi com um pequeno começo de surpresa que era EU quem sentia o ar quente e quem olhava para o pulso leve das águas e as mudanças fúlgidas no firmamento, e ouvia o barulho contínuo das águas da esteira d'água... (TOMLINSON, 2010, pp. 126, 128).

Como alerta Nietzsche sobre "os males e as dores que compõem a história da grande liberação", o sujeito livre, "o libertado", "procura doravante provar seu domínio sobre as coisas!" (p. 23). E o viajante ideal, ao encontrar-se com outros homens, procura compreender-lhes os modos de vida e medir-se com eles.

Assim é que, ao falar sobre os modos de vida dos trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, afirma que "eles não eram os indivíduos violentos e teimosos dos contos românticos. Eles eram simples e gentis, e consideravam a comida, a bebida e o tabaco como algo em comum; eles estavam prontos para saltar na escuridão por um amigo" (TOMLINSON, 2010, p. 370). Vivendo em uma região insalubre da Amazônia,

esses trabalhadores sabiam que a sobrevivência dependia da união entre eles. Assim, é fácil compreender o valor atribuído a cada membro daquela comunidade, principalmente ao nativo, de quem dependiam, em certa medida, os estrangeiros. Era ele quem os guiava no rio e na selva, ou lhes garantia a alimentação quando os suprimentos acabavam. Era ele, o nativo, quem selava as mulas, transportava os equipamentos entre os trechos encachoeirados do Madeira e, muitas vezes, servia-lhes de intérprete. Do viajado, no sentido proposto por Pratt (1999), ou seja, o nativo que acompanha o viajante em suas andanças, depende muito do conhecimento adquirido pelo viajante no seu percurso em terras estrangeiras.

Viajante e viajado, portanto, são partes indissociáveis em qualquer relato de viagem. Do primeiro depende menos o sucesso da empreitada. A sanção por tê-la iniciado é o não-retorno ao velho eu. Como é possível suspeitar, o jovem Herman Melville, quando embarcou em seu baleeiro, não sabia que sua viagem jamais terminaria. Da mesma forma, ao embarcar no *Capella*, Henry Major Tomlinson também não supunha que sua viagem seria interminável, já que a busca do self do homem é a mola que o impele ao longínquo. Para homens dessa estirpe é o sonho que é real. E o viajante ideal é justamente aquele que narra a partir de experiências e conhecimentos frutos de sua própria vivência e sacrifícios. Pois o viajante ideal é aquele que coloca as experiências incorporadas de novo para fora através de suas obras, e de maneira tão vivazmente *representadas* que o leitor, afeito a esse tipo de leituras, crê vê-las na medida em que singra as suas páginas douradas e quentes.

Em **O Mar e a Selva**, o protagonista, o herói do romance, é o viajante que, tramutado em um eu fictício, narra o percurso da viagem e o entrelaça às diversas histórias paralelas, às descrições geográficas e etnográficas, a alguns mitos greco-romanos e amazônicos. Neste relato há outros peregrinos a quem o viajante-narrador empresta seus ouvidos, enquanto os ouve com entusiasmo e os faz serem ouvidos via sua constituição romanesca. De fato, ele embriaga-se nas narrativas contadas por eles, esses marinheiros de além-mares, como também das terras das Amazonas. Suas histórias relacionam-se com as inquietações e

as aspirações do herói. Ele se compraz e as narrativas o influenciam em sua busca do grandioso. E pouco a pouco ele se põe em progressiva construção, posto que ele “se diverte, se edifica, se instrui”³³. A partir da construção de seu próprio romance, ele chega à compreensão da essência do humano e, conseqüentemente, do tempo dos homens.

A história do marinheiro Jack Driscoll, contada ao viajante por Sandy Brown, um dos maquinistas do *Capella*, é bastante sugestiva no tocante à relação do sujeito com o tempo e com as astúcias e peripécias do destino do homem. E sabemos que Jack viaja de Buenos Aires para Barry e dali para Cardiff, no País de Gales. Ali Jack desembarca para um passeio e encontra uma senhora que lhe pergunta se ele não queria ler sua sorte. Mas ele era muito vaidoso e acreditava que sua beleza era tudo. Apesar de advertido pela senhora (uma feiticeira que podia predizer o destino de Jack) para não se aproximar de uma garota de olhos estranhos, ali em Cardiff, ele ignora o alerta. E então, ao entrar em uma casa de shows, Jack senta-se à mesa de tal moça e, enfeitiçado, o tempo lhe escapa literalmente e, ao despertar do sonho estava na rua novamente. E sai andando e entra em um bar, e ali se vê refletido em um espelho: “Seus olhos estavam nublados, vermelhos e embaçados, como os daqueles homens de idade, que já tinham vivido bastante tempo; e o rosto dele estava ofegante e cheio de marcas, e tinha uma nojenta barba branca” (2010, p. 152). Tem-se, neste episódio, uma relação de intertextualidade com **Odisséia**, obra de Homero.

Segundo o que conta Homero na **Odisséia**, quando Ulisses chega à ilha de Circe, envia parte de sua tripulação em reconhecimento do terreno, sob o comando de Euríloco. Os marinheiros encontram um grande palácio: justamente a residência de Circe. À exceção de Euríloco, os homens entram e são bem acolhidos pela maga. Depois de oferecer-lhes um banquete, Circe toca-os com uma varinha e os transforma em animais: cães, porcos, leões, etc., segundo caráter próprio de cada um. Euríloco, que assistiu de longe a tudo isso, volta a Ulisses para contar o ocorrido. O herói vai então ao encontro da maga para tentar salvar os

³³Ver, a propósito, o livro **A educação pela noite** (1987), de Antônio Candido. Segundo o autor, “Este estado de coisas leva a pensar que a justificativa triádica mais corrente (“divertir-edificar-instruir”) favorecia de maneira especial a ficção alegórica, cuja voga foi grande no século XVII e entrou pelo XVIII.

companheiros. O deus Hermes lhe aparece e lhe dá uma planta mágica, dizendo-lhe que esta, se misturada às beberagens da maga, irá torná-las inócuas. Ulisses faz o que Hermes lhe sugeriu e Circe não consegue transformá-lo em animal. Ulisses a ameaça com a espada e a maga restitui aos companheiros dele a forma original. Mas, em troca, Ulisses fica certo tempo vivendo com a maga.

A história de Jack Driscoll assemelha-se à de Ulisses. Há o palácio, o jardim, a fonte e a maga, com as vestes douradas, com a pele branca como a lua nova, os olhos estranhos, as mãos frias, o anel mágico, a bebida, o encantamento... Mas não somente neste trecho do relato encontra-se semelhanças entre **O Mar e a Selva** e a **Odisséia**. Veja que Tomlinson alude aos tripulantes de Argos: "Éramos os Argonautas e nosso mundo estava brilhante com a verdadeira autorradiação de um mundo de romance, onde as coisas que iriam acontecer eram inimagináveis" (TOMLINSON, 2010, p. 134); afirma procurar o romance dos trópicos; chega a vários pontos geográficos da Terra; narra muitas aventuras e façanhas; e, à moda homérica, vive outra Odisseia.

E assim, com a história do encantamento de Jack Driscoll pela maga de Barry, imbricam-se tempo e vida, luta e derrota, aventura e perdição, vida e morte. O estado de imaturidade da alma parece ser o objetivo de tal narrativa. Ela, a alma, pode ser atraída para o abismo, daí, Tomlinson advertir que o que não vemos pode nos condenar. Fazer com que o próprio narrador e o leitor percebam que a vida exige ações, movimentos de buscas, de saltos em abismos, antes que a plenitude do tempo supere a vida e a ele mesmo, parece ser o objetivo central da história de Jack Driscoll. Como afirma poética e filosoficamente Georg Luckács, ao se referir ao romance da desilusão:

O tempo é a plenitude da vida e, com ela, do próprio tempo. E o positivo, a afirmação expressa pela forma do romance, para além de todo desalento e tristeza de seus conteúdos, não é apenas o sentido a raiar ao longe, que clareia em pálido brilho por trás da busca frustrada, mas a plenitude da vida que se revela, precisamente, na múltipla inutilidade da busca e da luta (LUKÁCS, 2000, p. 130).

Alguma consideração sobre narrador e narrativa se faz interessante aqui. De acordo com Theodor Adorno, em seu texto "Posição do narrador no romance contemporâneo", incluso em **Notas de literatura I**, a posição do narrador no romance contemporâneo se caracteriza como um paradoxo, pois "não se pode mais narrar, embora a forma do romance exija narração. O romance foi a forma literária específica da era burguesa". Para Adorno, "o que se desintegrou foi a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua, que só a postura do narrador permite" (ADORNO, 2003, p. 55). Entretanto, em **O Mar e a Selva** ainda há um narrador central que sabe narrar, apesar da estranheza contida no próprio esforço de compreensão do círculo mágico do tempo e da vida. A orquestração das falas das diversas personagens dá um eco à voz ressonante do herói/narrador numa tentativa de narrar a unidade temporal do ser vivo. Todas as histórias, que estão entrelaçadas no romance em questão, participam do todo e instigam o leitor à busca de uma maior compreensão do mundo contemporâneo e da inexorabilidade do tempo e da própria vida. Ele sabe, enquanto narrador central, que o tempo se dirige ao escoamento de si próprio e da vida desse sujeito contemporâneo que, em meio às tecnologias da modernidade, aprisiona-se e diminui-se ininterruptamente e perde, com isso, a capacidade imaginativa da alma. Seu alerta, via narrativa de Jack Driscoll, é justamente: acorde para o agora; esse é seu tempo de contribuir com a constituição do sujeito grandioso da humanidade, mesmo sabendo-se que "na transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo (ADORNO, 2003, p. 58). Dessa parte, partimos em busca do sol constante, enquanto ele ainda brilha no horizonte.

CAPÍTULO II

PARA A TERRA DO SOL CONSTANTE

Uma civilização proliferante e sobreexcitada perturba para sempre o silêncio dos mares! Os perfumes dos trópicos e o frescor das criaturas estão viciados por uma fermentação de bafios suspeitos, que mortifica nossos desejos e fada-nos a colher lembranças semicorrompidas.

Tristes trópicos - Lévy-Strauss

Da Fleet Street, uma das ruas centrais de Londres, para a longa e perigosa travessia do oceano Atlântico, Tomlinson dedica algumas páginas de seu relato ao empreendimento marítimo. Ele não tem pressa para chegar ao portal amazônico e entrar no Jardim do Éden. E nisso ele difere bastante de seus predecessores. Por isso,

Ficamos na Fleet Street até tarde, interrompendo o fluxo. O barulho do tráfego vinha até mim de longe, porque o marinheiro estava me dizendo que viajaria em breve, e que estava levando seu navio para uma viagem experimental nas florestas tropicais da Amazônia. Ele estava indo para o Pará e de lá subiria o rio principal até Manaus, e depois tentaria alcançar um ponto no rio Madeira próximo à Bolívia, 800 milhas acima de sua união com o rio maior. Seria uma jornada nobre. Eles veriam Óbidos e Santarém e a folhagem esfregaria os cabos do navio, tão estreita seria a passagem e, onde eles ancorassem à noite, as onças viriam beber água. Tudo isso para mim, que tinha lido Humboldt, Bates, Spruce e Wallace (2010, pp. 10, 12).

Ele sonha enquanto narra. A própria literatura de viagem é vista por ele como uma posição contemplativa para o sujeito/leitor, pois como já afirmamos, “um bom livro é sempre um relato de viagem”³⁴. As leituras de seus predecessores o possibilitam a essa posição. Sua viagem seria uma nova “Odisseia”. Ele acreditava firmemente. O grande rio de seus sonhos tornar-se-ia real mediante tal feito venturoso. Daí ele registra

³⁴ TOMLINSON, H. M. “Exploration”. In: **Out of Soundings**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208.

minuciosamente, mas com vigor, o percurso da perigosa, mas fascinante jornada. Capturemos a entrada triunfal de Tomlinson no oceano:

Retrato-me entrando no vasto oceano ocidental, à noite, um pedacinho indiscreto e autossuficiente, sentado em um baú de bordo, em um tempo quando era talvez prescrito que centenas de navios tinham passagens assustadoras. (Depois aprendi que muitos navios realmente têm passagens assustadoras). Como eu podia esperar ser poupado, mesmo se em algum lugar os cabelos de minha cabeça estivessem todos contados? É claro que para me poupar o benefício teria que ser estendido a todos. Ali apenas permanecia a minha liberdade para ter esperança de que nosso navio particular podia escapar de todas as sétimas ondas, por sorte. Eu estava livre para tentar isso (2010, p. 46).

Tomlinson teve a fortuna de viver em um período em que os espetáculos mecânicos da modernidade começavam a proporcionar um novo e complexo processo de (des)encantamento do mundo. Sua mente está impregnada dessa nova era de navegação terrestre, fluvial e aérea. Ele é vivazmente consciente desse novo período da História da humanidade. Contudo, é com tamanha criticidade que ele se lança aos mares bravios desse tempo, “quando era talvez prescrito que centenas de navios tinham passagens assustadoras”. Confiante, no entanto, é que ele prossegue com “liberdade para ter esperança de que nosso navio em particular podia escapar de todas as sétimas ondas, por sorte”. O navio a vapor é a garantia de que a viagem podia ser feita com segurança. O *Capella*, então, precisa ser descrito para que o leitor também compartilhe dessa confiança na exploração dos mares e rios:

Pode-se reconhecer o *Capella* quando o vir. É um cargueiro moderno de três mil toneladas, com apoios de guindaste na proa e na popa, e funis; e três deles são tão assustadores, com uma aparência selvagem, que ultrapassa o efeito da rigorosa utilidade, e parecem inclinar-se à frente. É um navio de três deques: na seção do meio, estão o camarote do segundo-oficial e os camarotes dos quatro maquinistas, todos eles, com exceção do camarote do comandante, com vistas para o mar através de uma travessa protegida e, na frente, na travessa mais estreita do navio, com uma abertura para trás, é o lugar do comandante; e a galé do cozinheiro, a entrada para a sala de máquinas, e a sala de jantar dos maquinistas. Abaixo dessa estrutura fica o convés onde está o bote. Você pode ir para o tombadilho, onde estão os aposentos do capitão e o do comandante, os camarotes

do médico e do taifeiro, e o salão, onde se pode chegar, descendo por uma escada de ferro perpendicular para o convés principal, ou, então, como todos fazem no mar, descendo por um passadiço removível, que é desmontado quando no porto (TOMLINSON, 2010, p. 34).

(...)

Seu funil preto é suavizado por um misterioso desenho branco e suas curvas são tão enganosas que, como disse o capitão, "a barriga do navio começa ali". Pode não atrair a sua atenção, mas um construtor de navios veria seus pormenores. Carrega uma grande carga com um baixo registro de toneladas. O dinheiro de sua construção foi gasto mais com o casco e com as máquinas, e estas fazem seu trabalho tão docemente, como uma canoa de corrida com oito remadores, atingindo dez e meio nós, uma temperatura permitida e com um baixo consumo de carvão. Não sobrou muito dinheiro, portanto, para oferecer conforto nos camarotes, e esta é a razão pela qual nós não encontramos-lo ali (TOMLINSON, 2010, p. 36).

E o narrador/herói d'**O Mar e a Selva** descreve detalhadamente o *Capella* enquanto o observa. Deleite e pavor preenchem lhe o espírito. A descrição do navio é o retrato fiel daquele de quem vai tornar-se amigo e apreender todo o significado e valor. De início, um tanto quanto assustador, devido às suas proporções estranhas ao cenário do mundo, ele torna-se logo compreensível e transforma-se em um santuário. A jornada não pode ser feita sem esta confiança adquirida nesse instrumento que proporciona alcançar o outro lado do Atlântico. É por isso que Tomlinson diz que é preciso adquirir confiança: “Repito que eu tinha que adquirir confiança no *Capella*. Fui adiante para adquiri-la subindo na ponte de comando, onde estava meu companheiro de camarote - o jovem segundo-oficial estava de plantão, em seu macacão impermeável” (2010, p. 40).

Tomlinson havia pegado um trem em Londres e descido na estação de Paddington debaixo de uma chuva calamitosa e, às pressas, embarcara no navio que o conduziria aos trópicos amazônicos, porque “diziam que ele zarparia em breve”. Para a terra do sol constante, onde palmeiras ondulariam suas longas folhas ao vento e podia-se sentir o aroma dos dias primevos, é que esse grupo de aventureiros viaja.

Dirigíamo-nos para o mar aberto. Era dezembro, mas por sorte

encontramos uma manhã feliz, que tinha ficado perdida na procissão dos anos. Era uma manhã de domingo e sem terra firme. Era virgem e ainda usava uma veste de luz. Até o momento não tinha sido manchada por qualquer suspeita deste planeta pisoteado, esta estrela enlameada, que seus raios inocentes e tênues tinham descoberto na região da noite (2010, p. 32).

Uma feliz manhã de domingo, usando uma veste de luz, saúda esses peregrinos. O prelúdio de um bom começo para o caminho do comércio de uma determinada comunidade, a europeia, desenhava-se no horizonte. Porém, logo depois do navio zarpar do cais de Swansea, o mar se enfurece, e a primeira tempestade avança assustadoramente sobre eles. Atentemos para a descrição narrativa:

Anoitecia e o pior estava por vir. Naquele instante, enquanto a última luz brilhava no macacão do oficial, surpreendi-me com o fato de que nosso tamanho fosse uma ninharia, afinal de contas. Nossa embarcação carregada parecia tão valente e maciça, quando estava no cais. O navio começou a tentar afastar-se de Lundy, a fonte e o garbo de um barco pesqueiro. A proa do navio afundava na espuma branca até as bordas e a espuma salpicava a ponte de comando como chuva. A proa escura erguia-se e balançava, flutuante no motim submarino, e recortava seções do pôr do sol; depois afundava novamente em vales escuros, onde as espumas estavam luminosas. O frio e o vento eram tristezas amargas.

Balançávamos. Agarrei a grade da tela protetora, conduzido pelo vento e pela espuma, e montei em nosso carregador de bateria como um homem valente; como um homem valente que está incerto de seu lugar no mundo. Algo como um homem valente. Avançamos para o ataque, os mastros e o funil descrevendo grandes arcos geométricos, e nossa proa enfrentou o inimigo firmemente (TOMLINSOM, 2010, p. 42).

A tecnologia deve enfrentar e vencer a Natureza e seguir a Estrada Aberta, o caminho navegado pelo *Capella* e, ao mesmo tempo, pela civilização europeia. Um homem valente, o marinheiro, incerto de seu lugar no mundo, montado em seu escudo, o carregador de baterias do navio, avança contra o inimigo. Porém, não nos enganemos, Tomlinson era um intelectual de esquerda e, portanto, não era um defensor da sociedade e cultura burguesas. De início, ele descreve a máquina a vapor como uma grande invenção do homem e chega até a fazer uma longa descrição das máquinas do *Capella*; entretanto, pouco a pouco, ele lança suas irônicas críticas à sociedade inglesa. “(Há indústria,

economia e sucesso, meus caros!), exclama, sarcasticamente, o viajante. As chaminés das fábricas de Londres, erguidas em direção aos céus, despejando uma fumaça escura e contaminando o planeta, floresciaam como uma rosa, mas o faziam ver que "o perigo era iminente". E assim, o narrador exclama: "Progresso! Progresso!" numa crítica à necessidade desenfreada do homem pela dominação da Natureza e, concomitantemente, o afastamento das virtudes humanas.

Enquanto no oceano, Tomlinson se põe a refletir sobre o mundo que acabara de deixar para trás. Na crítica feita a George Lloyd pelo comandante do *Capella* há o ferrão tomlinsoniano. Eis o trecho:

"Esse sujeito sobre quem alguns de vocês falaram - Lloyd George"!³⁵ - disse o comandante esfregando rapidamente seu tabaco energicamente de novo. (Bom Deus, pensei, e aqui estamos nós no mar também. Mas o que o homem desencaminhado fez?). "Se eu o tivesse aqui, o desceria para a lavagem no convés até que estivesse limpo. Então ele saberia. Lloyd George pôs a marca ali para prejudicar os marinheiros. Este cargueiro teve os conveses enxutos até o dia em que a linha de demarcação da quantidade de carga foi alterada. Ele carrega mais agora do que para a capacidade de carga que ele fora construído, duzentas toneladas a mais. Se eu o tivesse aqui - mas aí estão vocês! Popularidade! Há um delicado barulho popular por vocês, não é? Marinheiros resmungavam por uma alimentação melhor." "E quanto a essa escala melhorada de alimento?" - diz senhor Lloyd George aos donos de navio. "Ah, daremos uma comida melhor para os insubordinados cães embriagados, se você tornar uma sobrecarga legal" - eles disseram. "Por que aí não seria ilegal, seria?" - diz Lloyd George. "E assim foi feito. O que o povo sabe sobre a flutuabilidade de um navio? Nada. Mas entende de comida. E assim, o homem inteligente aumenta a marca da quantidade de carga permitida ao navio *Plimsoll*, acrescenta um milhão ou mais ao capital dos donos de navios por imersão de sua caneta na tinta, e dá mais trabalho a Jack. "O que vocês querem em terra firme não é mais eleitores, como dizem alguns, mas doidos" - o comandante acrescenta com desgosto (TOMLINSON, 2010, pp. 38, 40).

Lloyde George tornara-se primeiro ministro britânico alguns anos depois da viagem

³⁵David Lloyd George (1863 - 1945), grande político liberal; primeiro-ministro britânico entre os anos de 1916 -1922. Estabeleceu a aposentadoria e o Seguro Nacional na Inglaterra. Ver o livro **Lloyd George**, de Hugh Purcell.

de Tomlinson ao Brasil. No trecho citado, percebe-se que, de atitudes fraudulentas, portanto, constitui-se o trabalho desse economista que, através da imersão de sua caneta na tinta, aumentava a quantidade de mercadorias permitida a determinados navios e, dessa forma, “acrescenta um milhão ou mais ao capital dos donos de navios” e desrespeita tanto o trabalho quanto a vida dos destemidos e valorosos marinheiros, como também prejudica toda a sociedade britânica.

É visível a crítica tomlinsoniana aos danos que o dinheiro tinha causado aos valores éticos e morais não apenas na comunidade londrina, mas na humanidade como um todo. O capitalismo triunfava e o homem, “amarrado às rodas que ele mesmo criou”³⁶, desvirtuava-se. E Tomlinson, ao referir-se à compra de jornais matutinos em Londres, sarcasticamente afirma: “Pagava-se meio tostão e se danava de qualquer jeito. Se você pagasse um centavo, faria mais pelo seu dinheiro. Desalento agourento, astral ruim, podia ser por isso. Havia o seu valor extra por você” (2010, p. 06). Com essa vertente sarcástica é que ele viaja em suas páginas douradas e, muitas vezes, sombrias. O dinheiro tornara-se deus; os engenheiros são agora os padres da modernidade, e os templos são as fábricas. Essa é uma das maiores metáforas do autor para demonstrar os desmandos do homem em sua desfiguração do planeta em busca de dominação e riquezas.

Enquanto o Brasil engatinhava em sua segunda década republicana, a Inglaterra estava repleta de fábricas e vivia o apogeu das conquistas proporcionadas pela invenção do vapor e de outras técnicas industriais. Mas, apesar de todas as “maravilhas industriais”, a comunidade pobre de Londres passava privações e necessidades. Tomlinson afirma que ali na Inglaterra há uma

tolerância, amarga e prolongada, na terra onde não há nenhum sol de se mencionar, onde o vento do nordeste sopra, onde a classe pobre ganha mais ou menos uma libra (e você é um dos afortunados se você paga isso), e as preleções do Lord Rosebery sobre Economia). (...) Lá na alegre Inglaterra, a desgraça do pobre é - onde os ricos da terra não são generosidade disseminada, como eu vejo

36TOMLINSON, H. M. “Exploration”. In: **Out of Soundings**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208.

que são aqui, mas estão empilhados em cada lado da estrada, e protegidos pela polícia - deixada para o pobre apenas a estrada inclemente, sem nada, apenas com o conselho de Lord Rosebery e a benção para ajudar o pobre em seus apuros; esse benefício e a triste consideração de que ele pode batalhar o dia todo por um punhado de feijão, ou sair de mãos vazias (2010, p. 286).

Suas críticas são contra a situação de miséria em que se encontram muitos de seus concidadãos, apesar de a Inglaterra está repleta de fábricas e, conseqüentemente, participar ativamente do comércio mundial. Afinal, escreve Tomlinson no fim de seu empreendimento, “aí estava o centro do mundo outra vez” (2010, p. 556); seu sarcasmo e ironia irrompem aí como a lava de um vulcão. Ou seja, apesar de Londres apresentar elevado grau de desenvolvimento econômico, muitos ingleses ainda passavam fome. É por isso que ali, escreve Tomlinson (2010, p. 272), “não há nenhum sol de se mencionar” e “ao pobre é deixada apenas a estrada inclemente, sem nada; apenas com os conselhos de Lord Rosebery” (1847 - 1929), pseudônimo para Archibald Philip Primrose, primeiro ministro britânico entre os anos 1894 -1895; um grande incentivador e entusiasta do Império Britânico.

Ao longo de seu relato, Tomlinson cita alguns desses homens de negócio - Richard Hakluyt, John Hawkins, Lloyd George, Andrew Carnegie, por exemplo - grandes responsáveis pela situação política, econômica e social em que se encontrava a Inglaterra naquela época.

Para Tomlinson,

Pensar no futuro como uma série modesta e longa de semelhantes manhãs, as madrugadas não iluminadas pela luz do céu, novos dias para os quais deveríamos ficar sempre assustados por esses alarmantes cantos de galo, trazendo a informação de que o negócio de nossos companheiros fora realizado em ninhos de inteligentes e frutíferos ovos de porcelana, era suficiente para fazer com que alguém se levantasse horrorizado, no vagão do trem, e puxasse a corda da campainha (2010, p. 10).

O trabalho de “nossos companheiros”, que dão “alarmantes cantos de galo” e

trazem a “informação de que o negócio fora realizado em ninhos de inteligentes e frutíferos ovos de porcelana” preocupam o jovem londrino. Era preciso atinar criticamente para o empreendimento nas terras de além-mares. Os esforços desses aventureiros ingleses em busca de desenvolvimento para a Inglaterra; “a ganância com a qual continuamos a desfigurar nosso planeta em nosso esforço para torná-lo frutífero é tão antiga quanto as atividades do homem”,³⁷ Tomlinson desabafa. Era preciso, então, viajar para a terra do sol constante, “Um lugar onde a luz possui a claridade da primeira madrugada; (...) Uma terra onde as pedras têm o musgo da fortaleza não visitada, e pode-se cheirar os aromas do dia original” (2010, p. 428). É o sonhado Novo Mundo que desponta no horizonte tomlinsoniano.

Durante a longa travessia do mar, algumas histórias nos são contadas. Algumas vezes é o narrador central quem as tece, outras vezes são os demais marinheiros quem as costura ao cenário de um azul derradeiro. Assim, vejamos algumas dessas narrativas que, ao se unirem ao enredo principal, a viagem aos trópicos, criam uma atmosfera do maravilhoso, do fantástico e também do terror. As enormes ondas que batem contra as paredes de ferro do *Capella*, os vultos que se formam nas nuvens carregadas, a ventania que se lança contra os mastros e funis do navio, os homens que se arremessam de uma porta a outra em busca de abrigo, como um coelho, e todas as forças da natureza que parecem conspirar contra o avanço do navio constroem um universo narrativo bastante atemorizador. O leitor é conduzido adiante meio em deleite e um tanto quanto amedrontado pelo que acontecerá a esse grupo de aventureiros. As suas histórias são quase sempre sobre viagens e acontecimentos funestos. Algumas vezes essas narrativas servem como pano de fundo para uma reflexão crítica acerca dos feitos do humano em busca de progresso; outras vezes, ajudam a construir e a manter uma imagem estereotipada em relação aos indivíduos viajados, os nativos. Sigamos adiante observando algumas delas.

37 Ibidem. p, 208.

2.1 DAS HISTÓRIAS DE MARINHEIROS

Tenho a impressão de que estou tentando contar um sonho - uma tentativa vã, porque nenhum relato é capaz de transmitir a sensação onírica, onde aflora essa mistura de absurdo, surpresa e encantamento, num frêmito de emoção e revolta, essa impressão de ser capturado pelo inacreditável em que consiste a própria essência dos sonhos.

O coração das trevas - Joseph Conrad

Em qualquer relato de viagem dois mundos se interpenetram: o exterior e o interior do herói. E a exterioridade e a interioridade do narrador/herói caem em “contradição entre a sua pretensão e o fato de ter sido assim”. “O círculo mágico da forma” deve ser mantido, pois o narrador tem a obrigação de sustentar os acontecimentos narrados. Todavia, aqui e ali, em seu percurso narrativo, ele usa a expressão, “e foi assim”, numa tentativa de manter coesa tanto as aventuras experienciadas pelo narrador central quanto as histórias que lhes são contadas, ou ele mesmo as conta ao leitor. Porque o herói tomlinsoniano também evoca grandes personagens bíblicos (Moisés, Jonas, Josué), literários (Robinson Crusoe, Senhor Coelho e personagens das obras de Mayne Reid), bem como diversos mitos gregos e amazônicos (Órion, Titânia, Eumênides, Sírius, Plêiades, Hespérides, Iara (Mãe d'água), Jurupari, Curupira, Matinta Pereira).

Assim, sonho e realidade tremulam no horizonte do narrador. Uma estrela brilhante do lado direito de sua mente o guia rumo às Américas. (Mas não esqueçamos: o leitor o acompanha vivazmente). E assim, pouco sabemos do trabalho de Tomlinson como segundo-comissário do *Capella*, pois ele se preocupa mais em informar o dia da semana, a data e com o registro das coordenadas do navio até que chegue ao porto de desembarque, Porto Velho. O dia 22 de dezembro de 1909, por exemplo, figura como o primeiro registro de viagem que se tem em seu diário. Entretanto, pode-se presumir que, nessa data, o *Capel-*

la já havia atravessado grande parte do Atlântico; as ilhas de Lundy e Hartland já haviam sido circunavegadas, a de Mumbles também; o *Capella* já havia enfrentado uma terrível tempestade quando circunavega a Cornualha, onde quase naufragaram; e Chips, um marinhheiro, machucara a perna durante o conserto de uma tampa das quatro escotilhas. E, “O *Capella* então começou a descer um vale” (TOMLINSON, 2010, p. 58). É interessante dizer que as indicações dos dias e as coordenadas da viagem são registradas tão somente durante a viagem até a chegada em Porto Velho; ali suspende-se esses registros e, até o dia de retorno, não há mais indicação dos dias da semana, nem das coordenadas geográficas, etc. Isso pode reforçar nosso argumento de que de fato tem-se um relato de viagem que transforma-se em romance de educação, a Odisseia de um sujeito sublimado. Voltemos ao nosso percurso.

E assim, depois de tanta luta contra as fúrias dos mares e os próprios temores estampados nos rostos dos membros da tripulação do navio, que é formada por diversas nacionalidades; “de fato, a maioria era alemã, holandesa, escandinava e portuguesa” (2010, p. 88), a comunidade do *Capella* reúne-se no camarote do primeiro-comandante, o santuário, e ali bebem, fumam, cantam, tocam acordeão e, como o mar é o lugar propício para as histórias de marinheiros, muitas são narradas. Vamos a essas histórias, então.

Iniciemos com uma narração feita pelo capitão do navio, numa espécie de repreensão ao médico que lhe pergunta: “quando vamos chegar ao Pará?”, ao que o capitão o repreende: “Ah! Que é isso de falar do Pará? Aguarde. Toda essa conversa, quando chegarmos lá, não há mais novidade...” (2010, p. 80). E então ele narra uma de suas aventuras, quando era um rapaz de dezoito anos e servia ao exército britânico, como comandante do navio *Lizzie Polwith*, em Terra Nova, no norte do Canadá. Numa viagem de Falmouth para Cádiz, que costumava levar três semanas, eles demoraram dois meses e meio. Tudo porque, segundo o capitão, o seu ajudante e oficial era Tregena, um velho supersticioso que sentia muita falta de casa e, por isso, estava sempre falando de sua esposa. E assim,

Ele não podia manter a atenção no trabalho, ao contrário, desejava não ter nenhuma relação com ele. Ele estava cortando pão para o jantar e isso o fazia lembrar-se de algo, e desejava estar cortando pão em casa. Quando as coisas começavam a ficar difíceis, ele dizia: "Quem não venderia sua fazendinha para viajar no mar?" Isso costumava parecer de verdade quanto tempo se ficaria fora antes de voltar para casa. Porque nunca se sabe quando voltará (TOMLINSON, 2010, p. 80).

Quem parte para o mar não deveria ter um lar, este é um dos lemas dos marinheiros. E o médico, um personagem que se tornará grande companheiro e amigo de Tomlinson, parece não compreender que para o marinheiro, seu lar e esposa é o navio, e seu país é o próprio mar. A história do capitão é a forma encontrada por ele para instruir o leitor que, “quando se sai pelo mundo é melhor não ter um lar. O navio quer tudo que você possa lhe oferecer. Tregena olhava demais para trás. Você sabe o que quero dizer” (TOMLINSON, 2010, p. 80). Para que o herói marítimo prossiga sua jornada é preciso seguir Órion em sua caçada noturna. Tomlinson coloca-se entre as estrelas e evoca então seu guia noturno: “Eu estava entre elas finalmente. O esplêndido Órion estava perto e imenso em sua caçada. As Plêiades não por mais tempo ofuscavam no limite da visão, mas eram pontos separados de delicada luz. A noite se movia com brilho de diamantes” (2010, p. 138). Há Órion, as Plêiades e Sírius iluminando o caminho do herói.

Tomlinson evoca o mito de Órion como meio para desbravar os mares e chegar à selva amazônica que ele tanto desejava ver. Mas a evocação de Órion remete não somente à constelação nos céus do Atlântico, mas também à sedução do caçador primitivo, Órion, cantado por Homero e agora pelo viajante da modernidade. Tomlinson joga com o herói caçador e se coloca entre as estrelas através desse mito literário. Ele se alça às alturas celestiais não apenas na evocação, mas principalmente em sua tessitura sônica, que o coloca entre os grandes escritores da literatura de viagem. Ele partilha da grandeza do cosmo ao mesmo tempo em que se junta ao tribunal dos grandes poetas, romancistas e prosadores-viajantes. Como ele diz,

Havia a lua e sua pequena companhia de nuvens e nós mesmos embaixo, em nossa própria partilha do mar. A única coisa de fora e distante era Sírius, queimando independentemente no leste, olhando sem pestanejar por entre a muralha da noite para dentro de nosso mundo (TOMLINSON, 2010, p. 102).

Sírius, o cão de Órion, também é convocado à cena noturna. É ele quem observa fixamente o navio singrando as águas rumo à terra do sol constante. Enquanto, "para cima e para baixo, de um lado e de outro, ia o navio; e a Ursa Maior, em um pedaço de vento claro do céu, estava dançando em cima de nossa esteira d'água. Polaris estava fazendo órbitas ecêntricas em volta da luz do mastro principal" (2010, p. 84). A personificação desses seres celestes e míticos floresce como um jardim na primavera, fazendo com que o próprio leitor se coloque entre eles na "partilha do mar", isto é, do próprio mundo histórico-literário da modernidade. Como na Odisseia homérica, eles compõem um cenário fantástico.

Durante a maior parte da travessia do Atlântico, Tomlinson coloca-se em uma posição de mero espectador do mundo ao redor, justamente porque ele deseja "drenar" os cheiros e as imagens do Novo Mundo. As conversas com os demais companheiros de viagem "eram a maior parte da bondosa predição, com algum aviso precedente e obscuro" (TOMLINSON, 2010, 110). Ou seja, as histórias contadas pelos marujos eram sempre predições de algum aviso agouroso, ou sobre suas fantasias sexuais. Assim, ele nos informa que "Não lembro-me de uma história que fosse alegre, exceto aquelas do tipo atrevido. Eram de intimidades e de mulheres, que suponho, têm sido aquelas de todos os moralistas, dos homens das cavernas em diante" (2010, p. 110). Porém, ao desembarcarem em Belém do Pará, algumas histórias de tom horrorífico lhes são contadas. E então, Tomlinson entende "que tinha vindo para um lugar onde havia coisas que eu não conhecia" (2010, p. 198). Principalmente as histórias horripilantes que têm como cenário a floresta amazônica. Destaquemos uma delas.

É a história da família Thorwaldsen. E assim, Tomlinson nos conta e reimagina o que lhe havia sido contado por "um funcionário inglês encarregado da expedição de

mercadorias; e ele nos levou a um bar, e nos sentamos em uma mesa de mármore com pernas de ferro douradas, e pedimos gim tônico" (2010, p. 206).

Esqueci de contar-lhe sobre Thorwaldsen. Era um comerciante, e na última estação chuvosa levou sua embarcação para algum rio afluente do principal, acima de Manaus, com sua esposa e sua filhinha. A notícia chegou ao Pará, vinda de algum lugar, que sua esposa tinha morrido de parto, na selva, e Thorwaldsen tinha sido assassinado, mas nada se sabia de sua filha. E foi assim. Não conheci os Thorwaldsens. Mas a filhinha do comerciante, que podia então estar sozinha na escuridão da selva com os selvagens, ajudou-me a ficar acordado. E a esposa, aquela sueca de cabelos loiros; estava na selva estranha, para além de toda a bondade, quando sua hora chegou. Eu pude ver dois mosquitos esforçando-se para entrar no mosquitoiro. Estavam atrás de mim, os emissários do desconhecido, e a pertinência deles era espantosa (TOMLINSON, 2010, p. 216).

O rio Amazonas, essa imensa árvore que lança seus galhos por sobre as terras da Amazônia, é o tronco de onde se originam inúmeras histórias de terror. Das cabeceiras dos rios Pará, Madeira, Purus, Juruá, Negro, Tocantins, etc., e seus subafluentes e paranás-mirins, como galhos distorcidos rumo ao interior da floresta, chegam histórias que, como um freio aos desmandos dos colonizadores, contribuem com a manutenção do manto de escuridão, mistério e selvageria lançado sobre o país das Amazonas. Essas histórias pressupõem um encontro com o que não se é; elas antecipam um encontro com uma alteridade desprovida de qualquer gesto de civilidade. Afastam, cada vez mais, as periferias de suas metrópoles e contribuem, dessa forma, com uma consciência negativa em relação ao sujeito viajado. É ele quem é o monstro, o estranho, o abjeto e, portanto, o lócus de bestialidade.

Desde a distante Swansea, de onde partiram os Argonautas do Atlântico, (de fato a viagem começara em Rotterdam, Holanda) ouviam-se histórias estranhas sobre a região amazônica. E então Tomlinson nos diz que

Desde a distante Swansea, tínhamos ouvido histórias deste rio e eram suficientemente assustadoras. Quando chegamos ao Pará, ouvimos mais e piores. O piloto que contratamos lá chamava o Madeira de "o longo cemitério". Em Serpa, pela primeira vez, vimos o que acontecia a uma humanidade frágil, quando se aventurava pelo rio Madeira. Um dia, uma embarcação fluvial chegou à Serpa com um

carregamento de homens de Santo Antônio (2010, p. 282).

Homens de pele cor de limão, olhos fundos e vazios, e cadavéricos formavam a tripulação de um barco mortuário, que descia assombrado o rio Madeira (aqui rio da Morte) rumo a Belém. E era noite. À noite, as histórias ganham certo tom de horror e também de um infernismo inescapável. As trevas contribuem para o temor dos viajantes. E assim,

Com os binóculos, na manhã seguinte, inspecionei com interesse peculiar a fila de cabeças cadavéricas, com cabelos pretos desgrenhados, peles cor de limão, bocas abertas e olhos vagos, que nos olhavam por cima da amurada. Cada um parecia como se, subitamente, tivesse olhado para os olhos da morte e, então, estivesse apenas esperando a hora, não se importando com mais nada (2010, p. 282).

Olhos da Morte: nada mais assustador para um grupo de aventureiros que, sem maiores considerações, havia deixado a segurança do lar e descia para o “Vale das Sombras da Morte”. Mas não nos antecipemos. Prossigamos com vagar, pois o que não vemos pode nos condenar, como diz Tomlinson. O medo pode nos defender. Mas, se o medo pode manter o viajante intacto, isto é, vivo, nele, o despertar do horror ameaça o modo de entender sua subjetividade. E o suspense toma conta do viajante. Como afirma Edmund Burke em **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo**, “nenhuma paixão despoja tão completamente o espírito de toda a sua faculdade de agir e de raciocinar quanto o medo. Pois este, sendo um pressentimento de dor ou de morte, atua de maneira semelhante à dor real” (1993, p. 65). Contudo, apesar de tomados por uma dessas fontes (o medo) de onde também provém a sublimidade, precisamos continuar a longa e temível, (porém desejada), jornada rumo ao país da borracha.

Na narrativa tomlinsoniana, o fantástico, o maravilhoso, o temível, o monstruoso e o sublime retórico e natural são ingredientes narrativos. É por isso que seguiremos na companhia desses Argonautas. É preciso viajar adiante antes que Davy Jones, o espírito do mar, nos arraste para dentro de seu baú, que é o próprio cemitério no fundo do oceano.

Essa lenda marítima, provinda das Ilhas do Caribe, também faz parte da Odisseia tomlinso-niana. Ela oscila entre o fantástico e o maravilhoso, ou seja, aquilo que não se compreende, mas se aceita; e a aceitação do resultado de forças não-humanas, como é o caso do afogamento das almas de muitos heróis nos mares do mundo, é demonstração da tentativa de compreensão do viajante diante da vastidão do universo marítimo e selvático. Ela faz parte do próprio sublime de que fala Edmund Burke em sua teoria do sublime natural.

Adentrar pelas vias aquáticas da selva amazônica, ao que parece, é descer ao Tártaro. E assim, ver-se vigiado constantemente por algo grandioso e de estranha maldição. Algo parece espreitar o viajante. Quem? A Esfinge Verde? O temor o espreita; ou algo que represente a morte. Assim é que um trabalhador inglês, ao conversar com H. M. Tomlinson num dos camarotes do *Capella*, quando ancorado em Porto Velho, desabafa: “Eu nos via aprisionados por alguma coisa enorme e faminta; um apetite imparcial, invisível, que nos engolia sem investigação; que estava devorando-me lentamente”. (2010, p. 402). Bem antes, ao encontrar-se com outro funcionário inglês, ali em Belém do Pará, Tomlinson ouve o seguinte desabafo:

Há algo de estranha maldição por aqui. Alguma coisa que não se pode descobrir nunca. É algo que está aqui desde o começo, e é muito grande e forte para nós. Aguarda a sua hora. Posso sentir isso agora. Olhem aquelas palmeiras ali. Não parecem como se estivessem esperando? Pelo que estão esperando? Tem-se esse pressentimento aqui, à tarde, quando não se consegue respirar, e as nuvens de chuva estão se formando em volta da mata, e nada se move. “Senhor, fale-nos de Peckham. Porque devido à conversa apimentada sobre febre amarela, pensei que eu estivesse morto e esperando bem acordado pelo dia do julgamento - disse-me um indivíduo quando vim aqui pela primeira vez. Essa é exatamente a sensação. Como se algo sombrio estivesse vindo e você não pudesse se mexer. Aí está a floresta, toda ao nosso redor. Ninguém sabe o que há por trás dela. Homens deixam o Pará, subindo o rio. Tomamos uma bebida aqui, e eles sobem o rio, e não voltam mais (2010, pp. 206, 208).

Todas essas histórias e impressões confirmam a Amazônia como um lugar misterioso, mas ao mesmo tempo enigmático. Como o mistério habita o mundo da magia e da metafísica, é compreensível essa necessidade do homem de correr riscos, mas explorar

as regiões insalubres da Amazônia, por exemplo. Para indivíduos de estirpe aventureira, como H. M. Tomlinson, uma de suas virtudes é não temer o desconhecido, o misterioso, o intrigante; mas, ao contrário, especulá-los, experienciá-los para dali buscar compreender a Natureza e a si mesmo como consciência dessa própria Natureza e se tornar sua própria obra de arte. Ao mesmo tempo que as histórias atemorizam o espírito do viajante, elas despertam o desejo de experienciá-las. Afinal, como já afirmamos com H. M. Tomlinson, "agora chegou sua vez de procurar o romance dos trópicos, em outro século" (2010, p. 204). Pedir para viver seria prece vil, pois para quem embarca em um navio para uma viagem da qual se tem sérias dúvidas de sucesso, a aventura é o prêmio fortificante.

2.2 ARGONAUTAS DO ATLÂNTICO

Belas almas buscam os seus próprios instantes sublimes, instantes fugazmente efêmeros, nunca apreensíveis, de uma sonhada tranquilidade por trás dessas máscaras taciturnas, caladas para sempre, esquecendo que o valor desses instantes é a sua fugacidade...

A teoria do romance - Georg Lukács

Depois da publicação, em 1922, e da recepção da obra **Argonautas do Pacífico Ocidental**, do antropólogo anglo-polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942), o termo argonautas passou também, ao que parece, a representar certa comunidade vivendo em liberdade e em contato harmonioso com a Natureza. A ideia principal do livro de Malinowski é mostrar, através da visão antropológica, como acontece o *kulla* - sistema de trocas circular, místico e sem noção de posse permanente, que influencia a vida e as instituições dos nativos das Ilhas Trobriand em sua quase totalidade³⁸. No entanto, como **O Mar e a Selva** foi publicado uma década antes do nascimento da Antropologia de

³⁸MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

Malinowski, é evidente que Tomlinson se refere, ao usar o termo argonauta em seu romance, a uma antiga narrativa surgida na Grécia.

Na mitologia grega, **Argonautas** eram tripulantes da nau *Argo* que, segundo a lenda, foi até à Cólquida (atual Geórgia) em busca do Velocino de Ouro. A saga dos argonautas descreve essa perigosa expedição marítima. Conta o mito que Éson havia sido destronado por Pélias, seu meio irmão. Seu filho Jasão, exilado na Tessália aos cuidados do centauro Quíron, retornou ao atingir a maioridade para reclamar ao trono que por direito lhe pertencia. Pélias então, que tencionava livrar-se do intruso, resolveu enviá-lo em busca do Velocino de Ouro, tarefa deveras arriscada. Um arauto foi enviado por toda a Grécia a fim de agregar heróis que estivessem dispostos a participar da difícil empreitada. Dessa forma, aproximadamente cinquenta jovens se apresentaram, todos eles heróis de grande renome e valor. Cada um deles desempenhou na expedição uma função específica, de acordo com suas habilidades³⁹.

É à moda de Jasão que Tomlinson imagina a si mesmo e aos companheiros de jornada. Imagens da entrada no Novo Mundo são pintadas então como um momento grandioso, posto que se participa do sublime natural. Porém, essas imagens são o próprio encontro com o sentido da viagem e, portanto, bênçãos alcançadas pelos viajantes. São momentos de sublimação e transcendência tanto do viajante quanto do leitor. E assim, anjos, arcanjos e querubins juntam-se ao mar vitrificado, às nuvens de um azul derradeiro e ao navio e completam a cena romanesca. E Tomlinson a descreve enquanto a observa, extasiado, recostado a um lado da amurada do *Capella*. Deleitemo-nos com este trecho do romance tomlinsoniano:

No nordeste, atrás de nós, havia algumas nuvens elevadas de nítida temperatura, como um acolhimento de desmaio de pequenos querubins e, de suas tribunas superiores, eles cuidavam de uma luz invisível para nós; ela deixava suas faces brilhantes. Abaixo delas, o mar vitrificado estava da cor rosa-coral. Até mesmo

³⁹Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ares>. Acesso em 23 de julho de 2010.

nossa própria e prosaica arte de ferro estava sublimada; nosso navio ficou lustroso e estranho. Éramos os Argonautas e nosso mundo estava brilhante com a verdadeira autorradiação de um mundo de romance, onde as coisas que iriam acontecer eram inimagináveis, e olhávamos para elas de nosso lado do navio, calmos e esperançosos; meus companheiros estavam transfigurados, pareciam enormes, estavam rosados e medonhos, imortais naquela luz que a nenhum mortal é dado a ver (TOMLINSON, 2010, p. 134).

A força da imagem aqui traduzida se faz sentir para além do narrado. Ela dirige-se ao sublime natural. A paisagem descrita pode, de certa forma, representar o sentido próprio da vida, pois “a arte da verdadeira alegria de viver epicurista libertada do sofrimento”, como bem o diz Kurt Shilling em sua obra **História das idéias sociais**, “dos homens em uma sociedade que se divide sempre mais em contratos econômicos limitados convencionalmente no tempo, uma sociedade que não conhece mais comunidade e portanto torna-se cada vez menos satisfatória em seu constante progresso técnico (1974, p. 302). Conforme já dissemos anteriormente, H. M. Tomlinson escapou de Londres, sua cidade-prisão, numa busca de liberdade e, a partir daí, em busca de um encontro com o *self* do homem. Como diz Weskeil (1994, p. 28), tem-se aí o “sublime como antídoto ao tédio metropolitano”. Sua viagem à Amazônia brasileira, portanto, figura como um exercício de despreendimento de si e uma tentativa de reconciliação com a Natureza e com o Cosmo.

É como argonauta, em um navio agora sublimado pelo que se mostra grandioso e transcendente, que a comunidade do *Capella* segue rumo à América do Sul. E assim,

Na sala de mapas, alguns dias atrás, soube que tínhamos aproximadamente 8000 pés de profundidade embaixo de nós. Bem, essas ondas dos trópicos, se enrolando em tais profundezas abismais, parecem as mesmas ondas de Land's End. Comecei a ver o que eu tinha feito. Tinha trocado a escuridão do inverno de Londres pelos desconfortos dos dias de cão. Tinha viajado milhares de milhas para ver o termômetro subir. Onde estão a Espanha Central, as Guianas e o Brasil? Finalmente eu os tinha descoberto (2010, p. 184).

O prêmio tem seu preço. O calor havia aumentado consideravelmente ao aproximarem-se da linha do equador. Então, "Comecei a ver o que eu tinha feito", queixa-se

o herói navegante. Ele havia descoberto há muito tempo as coordenadas verdadeiras para se chegar ao longínquo país tropical. Porém, somente nos livros elas podiam ser consideradas seguras. Quando no empreendimento, tudo lhe causava expectativas, ansiedade, medo e, às vezes, desespero. Por isso, Tomlinson nos diz: "Encontrei suas coordenadas verdadeiras. Estão em *Golden City of Manoa* (Cidade Dourada de Manoa), de Raleigh; em *Bucanners of America* (Piratas das Américas), de Burney; com Drake, Humboldt, Bates e Wallace; e tinha deixado todos em casa" (2010, p. 186). Entretanto, ele é consciente de que "Tomamos emprestada a luz de um viajante imaginativo e observador, e vemos a brilhante terra estrangeira com a aura dele; e achamos que é o país que brilha" (2010, p. 186). Todos esses viajantes anteriores eram velhos conhecidos de Tomlinson. Ele revisitava frequentemente as páginas douradas de seus relatos de viagens e drenava seus ensinamentos. Entretanto, "Qual é a utilidade da viagem? - perguntei a mim mesmo" (TOMLINSON, 2010, p. 184).

Agora,

É noite, e a lua cheia está irrompendo por trás das nuvens. Ocasionalmente, o navio se mostra como um fantasma pálido, as sombras escuras dos funis e os baluartes oscilando na superfície pintada de branco, quando o navio balança. Entrei no camarote do comandante e da porta aberta - porque o tempo estava sensivelmente mais moderado - olhei para trás, para o caminho por onde tínhamos vindo. Para cima e para baixo, de um lado e de outro, ia o navio; e a Ursa Maior, em um pedaço de vento claro do céu, estava dançando em cima de nossa esteira d'água. Polaris estava fazendo órbitas ecêntricas em volta da claridade do mastro principal (2010, p. 84).

O *Capella*, com seus funis e baluartes e suas sombras oscilantes, assemelha-se a um fantasma pálido. O leitor, o protagonista e os demais personagens, iluminados dia e noite pelos seres celestiais, participam igualmente da fruição dessa representação do mundo. Porém, é como espectadores desinteressados que eles observam essa representação. Como bem o diz Shopenhauer, (apud Kurt Shilling) "O homem, na apreciação da arte, na fruição artística liberta-se, pelo menos provisoriamente, do instinto cego que o impulsiona na vida e que só faz estorvá-lo no sofrimento" (SHILLING, 1974, p. 300).

E assim, “Eu observava o céu monótono desse dia avançado da madrugada. Estamos na vizinhança das Hespérides. Porque nas primeiras horas da manhã o céu estava cinzento” (TOMLINSON, 2010, p. 124). E o tempo passado e presente imbricam-se continuamente. Ele, o viajante, observa a obra de arte que é o Novo Mundo e afirma que está nas vizinhanças das Hespérides, indicando, dessa forma, que já atravessara grande parte do oceano e está nos limites do Jardim das Hespérides, aludindo, dessa forma, às primitivas deusas primaveris que representavam o espírito fertilizador da Natureza, e que são as donas do jardim das Hespérides, situado no extremo ocidental do mundo. A selva amazônica tornar-se-á esse jardim no relato tomlinsoniano.

Entretanto, o fato de vir do norte para o sul do planeta não o impede de elevar-se às alturas celestiais, ao contrário, lhe favorece. Porque logo “a abóbada cinzenta se rompeu com o peso da luz, permitindo o brilho do sol através das fendas estreitas do mar adiante. Havia partições de ouro fino na sala ofuscada (TOMLINSON, 2010, p. 132). E “o chão movente”, ou seja, o oceano Atlântico, “era padronizado em dia e noite”. E a baixa “abóbada celeste, que estava fundida onde o dia se derramava, se tornou um vapor incandescente, volatizado. Tínhamos em cima de nós, depois do desjejum, o azul derradeiro, onde poucas nuvens acumuladas mostravam suas formidáveis alturas” (2010, p. 132). Há, então, a verticalidade, de que fala Weiskel, a dimensão apropriada do sublime, “e a viagem é inevitavelmente alguma variante do abismo” (1994, p. 46). Tomlinson parece buscar o equilíbrio do seu mundo de romance através da escolha dos significantes que utiliza em sua composição conotativa.

Pode-se observar que há, nos trechos citados acima, uma explicação do mundo pelo mundo, numa espécie de ficção utópica. Há, portanto, em **O Mar e a Selva**, uma visão estoica, pois o mundo compõe uma unidade e os viajantes fazem parte desse Todo Grandioso. Os viajantes participam do mundo, assim como o leitor, como uma parcela ínfima desse Todo. Em grande parte de trechos do romance tomlinsoniano dissolve-se a importância de pertença do indivíduo a determinado lugar, hierarquia social, família, etc. A

única importância parece estar no indivíduo, pois o estoico se vê parte do Cosmo. A unidade da existência, então, está no indivíduo; tudo mais é efêmero. É por isso que o homem estoico se submete apenas ao tribunal de sua consciência. E Tomlinson demonstra tal submissão.

Como se sabe, de onde eu vim não ousamos dormir durante o dia sem primeiro conversarmos com nossa consciência, que geralmente fracassamos em convencer. Isso vem de nossa artimanha mental, que retira um prazer que completamente desejamos e o colocamos sobre um rótulo proibido. Autoindulgência, compreende, gentileza de caráter, coragem, irmãos, não tropeçamos! O solene dedo indicador aponta com ameaças em nossos rostos. Antes de cair no sono, meu hábito nascido da rígida temperatura cinzenta, que torna um inglês enérgico e próspero, vem com seu dedo indicador de advertência. Lembrando-me que eu estava seguro num mundo muito ensolarado, gritei com escárnio através do abismo, que eu tinha atravessado com segurança, sabendo que meu velho ego não podia me seguir, e fechei meus olhos alegremente (TOMLINSON, 2010, p. 158).

Para seguirmos adiante, convém que se faça alguns esclarecimentos sobre o estoicismo. De acordo com Shilling, em sua obra já aqui citada, o estoicismo foi fundado por Zenão de Cítio (336 - 264) e, apesar dele ser fenício, ensinava em Atenas. Sua escola sofreu, ao longo dos séculos, diversas mudanças (distinguem-se um estoicismo antigo, um intermediário e um mais recente). Essa escola filosófica denomina o indivíduo de o sábio (*sophos*) e este deve bastar a si mesmo. Porém isso não significa egocentrismo, nem xenofobia, etc., mas um estado de espírito ideal encontrado pelo indivíduo em sua jornada. Como a própria utopia, então, o viajante ideal é o lugar do pensamento ético, literário, histórico, filosófico e humanista. "O estoicismo", escreve Shilling, "em sua "concepção do mundo", como *medicina mentis*, afasta-se do mundo para alcançar a liberdade sublime, conquistada pela força da vontade sem paixões" (1974, p. 111). Ainda segundo o autor,

o objetivo do homem [estoico], o sentido de sua vida torna-se: fazer e ser conscientemente, com razão, intenção e vontade, o que os outros seres fazem sem disso se aperceberem; curvar-se à natureza, integrar-se nela como membro que tem plena consciência de si, e por esse meio perfazer harmoniosamente a

totalidade da natureza e adquirir uma participação espiritual nessa totalidade. É o famoso "viver segundo a natureza" estoico (SHILLING, 1974, p. 111).

E o herói de **O Mar e a Selva** continua descrevendo o cenário do qual ele faz parte. A grande quantidade de adjetivos utilizada na construção discursiva cria uma atmosfera de beleza e encantamento do mundo. O uso constante de advérbios também contribui com essa pintura. Citemos outra vez H. M. Tomlinson.

Depois o céu ficou majestoso. O mar corria em morros grandes e pesados, azul-escuro e vítreo, que dificilmente balançava nosso navio. Na parte da tarde, o oceano, a uma pequena distância do navio, ficou opaco, um projétil azul leitoso com sombras de cor púrpura. Sua superfície, embora agitada, estava lisa e sem defeitos. Nenhuma luz penetrava em sua profundidade, mas o calor radiante estava espelhado no oceano como em cima da palidez do fluido da lava do vulcão. A água lapidada pela proa não se partia, mas rolava por cima, com vivacidade. O sol descia atrás do mar em um ponto a oeste de nosso curso. A noite se aproximava. Ainda assim, a abóbada alta com seu chão circular do mar estava magicamente iluminada, como que pela proximidade de uma presença maravilhosa. Nós, solitários e privilegiados no teatro, esperávamos com expectativas. As portas da glória estavam entreabertas em algum lugar. A muralha ocidental estava clara, brilhante e vazia, delimitada por um proscênio de chamas de âmbar (2010, pp. 132, 134).

O mundo se apresenta como um imenso teatro. O peregrino londrino, agora um viajante ideal, participa não apenas como espectador, mas como o próprio cenário, pois o indivíduo está dentro do mundo; e neste há o tempo, o espaço e o fluxo ininterrupto das coisas que o compõem. E o indivíduo conhece essas coisas verdadeiramente. Como esclarece Shilling, “No estoicismo, o conhecimento das coisas é possível em virtude de uma simpatia intelectual com o mundo, com o cosmos, depois de ter desprezado cuidadosa e conscientemente tudo o que pode perturbar essa relação” (SHILLING, 1974, p. 113). É por isso que Tomlinson afirma que o viajante ideal deve viajar apenas como um “mero olho”, isto é, desprendido de tudo que o constituía outrora. De tudo que ele, nem outro viajante estoico, precisaria para empreender qualquer viagem. Ele deve bastar-se a si mesmo, pois a razão do mundo torna-se sua própria razão. No homem estoico, então, a Natureza se torna

consciente de si mesma. “A razão do homem”, afirma Shilling, “reconhece na ordem do mundo a razão do mundo e participa assim do *conjunto* do mundo e da razão” (1974, p. 113). Dessa parte, seguiremos os passos do viajante ideal, pois na concepção de Tomlinson, a mente vê melhor do que o olho; ver é um ato de fé. Portanto, o viajante ideal deve estar saudável tanto dos olhos quanto da mente, porque o viajante ideal sabe que a cegueira representa “enfermidade da inteligência”. Assim, no momento, ocupemo-nos com esse viajante ideal.

2.3 DO VIAJANTE IDEAL

O corpo humano talvez seja simples aparência, escondendo nossa realidade. A realidade será a alma. O rosto é uma máscara. O verdadeiro homem é o que está oculto no próprio homem. E o grande erro é ver no ente exterior o ente real.

Os trabalhadores do mar - Victor Hugo

Já dissemos anteriormente, em companhia de H. M. Tomlinson, que “O viajante ideal deveria se aventurar simplesmente como um pensamento desencarnado ou, no máximo, como um olho” (2010, p. 130). E o próprio Tomlinson, utilizando-se de sua aptidão à palavra, esclarece:

Um mero olho não veria nenhuma monotonia, porque o céu pode ser o mesmo céu, mas seus ânimos são como aqueles da mesma mulher; e o oceano, apesar de jovem como a manhã, é mais velho do que a Ásia - você nunca sabe o que esperar daquele enigma profundo” (2010, p. 130).

Ir além da superfície das coisas é próprio de um espírito ativo e crítico em relação aos objetos do mundo exterior. Como acredita e professa Edmund Burke, em sua obra citada anteriormente, “as faculdades inatas do homem que se relacionam intimamente com os objetos exteriores consistem nos sentidos, na imaginação e no juízo” (BURKE, 1993, p.

23). O órgão privilegiado em H. M. Tomlinson para sua captação do mundo é justamente o olho. Como Burke, Tomlinson sabe que “os olhos causam impressão na proporção em que manifestam qualidades espirituais, que são geralmente a principal fonte de seu poder” (BURKE, 1993, p. 125). Do olho depende a visão e esta imprime no espírito as mais profundas imagens e sensações; através dos sentidos a alma alimenta-se incessantemente e, no caso do viajante estrangeiro, ela, a visão, pode levá-lo tanto ao deleite quanto ao terror. Todo o corpo do viajante vibra diante de algo grandioso, incomensurável e infinito captado pelo olho. Na Amazônia, a primeira coisa que se mostra é a floresta. E ela justamente toma a mente do viajante sonhador e contemplativo. Mesmo estando de olhos fechados, ela, a floresta, persiste em seus pensamentos. “A selva (...) é somente um sombrio pensamento parado, como à meia-noite. Está parada ao meio-dia, uma presença tão obscura e muda que suspeito que o sol não a ilumine tanto quanto revela nosso navio em seu centro” (TOMLINSON, 2010, p. 236). Também o leitor é colocado diante da mesma visão, pois Tomlinson parece saber que “o princípio do prazer auferido pela visão é idêntico em todas as pessoas” (BURKE, 1993, p. 25).

E assim, da amurada do navio, Tomlinson lança seu olhar sobre o mundo em derredor. Quando na tempestade na travessia do Atlântico, é o olho que é o sentido privilegiado:

Seu olhar de relance surpreendia uma onda passando da proa à popa do navio, como um monte de pedra vulcânica vítrea, com cavidades insignificantes e cumes em seus declives, e fraturas côncavas em seu espelho: erguia-se direta e de modo penetrante de seus pés para um cume que era pavoroso, porque o olho viajava até ele por cima de um declive extenso e horripilante; essa colina d'água tinha intervindo rapidamente e escurecia trinta graus de luz; e a imaginação recuava da água contemplada, que ofuscava sua posição com esse grande volume de águas escuras ruindo em colapso (2010, p. 64).

O vasto oceano enche o espírito de terror. A cada variação da imensidão de águas, da ondulação que tem o poder de retirar o olho de sua mesmidade do horizonte marítimo e golpear-lhe ao mesmo tempo, o espírito se enche da grandiosidade desse efeito.

Como suspeita Burke, "Uma grande planície uniforme não é, certamente, uma idéia insignificante; o panorama de uma tal extensão de terra pode ser tão vasto quanto o de um oceano, mas será ele capaz de encher o espírito com algo tão grandioso quanto este último?" (1993, p. 66). Convicto de que o terror é uma fonte inesgotável do sublime, o próprio filósofo inglês nos responde logo em seguida: "Isso se deve a várias causas, mas principalmente esta: o oceano é objeto de um grande terror" (BURKE, 1993, p. 66). E o olho ou o espírito do viajante é auxiliado pela expectativa, e "O olho julgava por meio daquelas colinas, que atacavam violentamente, tão vastas e tremendamente rápidas (TOMLINSON, 2010, p. 66). Mas naveguemos adiante.

Alguém disse alhures que o olho é a janela da alma. Isso pode-se verificar no viajante ideal, pois ele é apenas um olho tramutado em *palavra* que, como no caso bíblico⁴⁰, está associado à luz. Note-se, entretanto, que o olho humano somente pode obter êxito se estiver em companhia da luz. Durante o dia, portanto, é que o olho pode vaguear por cima das ondas convulsivas do oceano e procurar imprimir no espírito algo do sublime natural. Como confessa Tomlinson,

Ao anoitecer, o olho, que tinha a liberdade durante as horas de luz para percorrer por cima das ondas do mar nos cumes distantes, e veja que esses perigos sempre passavam, foi retido por uma aparição terrível. Quando havia mais noite do que dia no crepúsculo, não se via nenhuma onda. Via-se, e bem perto, apenas sombras verticais, e elas balançavam-se silenciosamente sem avançar, no elevado céu desbotado em cima. Podia-se apenas pensar que o nível do oceano tinha subido gigantescamente e estava se balançando, e tudo à nossa volta era muito superior a nós. O *Capella* continuava em seu nadir precário das águas. Do camarote do comandante, olhando para a popa, eu podia ver apenas o topo do nosso mastro principal, porque ele se projetava para fora da sombra no espaço vazio, aberto pelos últimos raios do dia; e frequentemente, as aparições íngremes, oscilando ao nosso redor, balançavam-se acima dessa produção, e toda a extensão do navio desaparecia. O sentimento de subsequente movimento cessava, porque nada podia ser visto passando por nós. Ao anoitecer, o navio parecia estar sacudindo-se sem defesa em um lugar submerso que nunca tinha uma saída para nós; as sombras dos mares erguidas em cima de nós não desapareciam, mas seus cumes erigiam-se em ângulos inconstantes (2010, p. 68).

⁴⁰Ver, a propósito, **Gênesis** 1:1; **Colossenses** 1: 17; **João** 1:1, 8:12; **Hebreus** 1:3, etc.

É exatamente com o auxílio da luz que o belo pode ser visto, ao contrário do sublime natural que, na concepção de Burke, está associado ao infinito, à solidão (e com esta as privações), à obscuridade, entre outros, mas principalmente, com sua associação ao terror. Na semiescuridão, “o olho é aprisionado por uma aparição horrível”, nos conta Tomlinson. A falta de luz suscita o medo do invisível e com ele o terror. A imaginação trabalha incessantemente. Nas trevas, ao olho é vedado o poder da visão e, por isso, uma forte impressão do que está por vir é assustadora e, ao mesmo tempo, tem-se o momento sublime. Não somente o herói viajante, mas também o leitor aguarda pelo imprevisível, pois como diz Burke, “sem uma impressão forte nada pode ser sublime” (1993, p. 86). Com a projeção de alguns raios do sol sobre o topo do mastro do *Capella*, é possível a contemplação das imensas ondas e o olho pode captar tal sublimidade. As aparições atormentam o espírito do viajante que, exposto às fúrias marítimas, tão somente pode suspeitar dos acontecimentos vindouros.

Na concepção de H. M. Tomlinson, "Quem viaja deveria deixar o ego em casa, bem como muito do que não é desejado na viagem. É curioso descobrir quão pouco se quer de si mesmo" (2010, p. 130). Deixar os sentidos extenuarem-se de tantas imagens exteriores - bem como interiores, pois a mente trabalha incessantemente num fluxo ininterrupto de imagens tanto do presente quanto de um passado rememorado, mas que se torna e é presente - afasta o viajante de seus conceitos formados anteriormente em sua cultura europeia. Somente o viajante que se deixa levar pelas faculdades inatas do homem, a saber, "os sentidos, a imaginação e o juízo" pode ser considerado um viajante ideal. Expostos à vastidão do mundo, os olhos enchem a alma de deleite e, mesmo quando retirados de diante do objeto olhado, o espírito explode em espasmos de terríveis regozijos. Tomlinson passou por essa magnífica, mas assombrosa experiência. E assim ele nos diz que, quando em Porto Velho, foi pescar em um igapó, com o velho Jim e alguns outros aventureiros. Era a primeira vez que ele via dinamite, como também a sua primeira pescaria utilizando-se de tais artifícios para pescar, pois o velho Jim prometera fazer subir, do fundo do rio, grande

quantidade de peixe, jogando bananas de dinamite nas águas convulsivas. E então, a dinamite fora atirada. Eis o trecho:

Afundou. Surgiram algumas borbulhas e nós sentados considerando um ao outro, no silêncio de um tempo que tinha estado morto por muito tempo, esperando acontecer algo em um tempo vindouro. Como que ao final de duas semanas, o fundo do rio estremeceu, com o barulho do colapso de uma fundição de ferro num dia de domingo. Nosso barco tentou saltar para cima, mas fracassou. A água não explodiu em partes. Ela vibrou e depois ficou convulsiva.

Apareceu peixe morto em todo lugar, manchas brancas em todo o redor; mas dificilmente víamos os peixes. Uma cabeçorra emergiu do fundo, olhando para cima sonolentemente, e duas nadadeiras moviam-se lentamente. Afundou quietamente de novo. O rabo de um sáurio apareceu, fez meio círculo lentamente e desapareceu. Um jacaré grande depois se ergueu e fez alguns movimentos grotescos com deliberação e gravidade. Então ganhou velocidade. Girou, debateu-se e bateu-se ritmicamente. Fez tudo que dez cavalos de força maníacos podiam fazer. Acho que os nativos gritaram. Acho que Jim se mantinha dizendo “diabo”; porque somente meus olhos estavam conscientes. Quando o réptil atordado se recuperou, saiu em disparada entre as árvores, como um torpedo.

Fomos para casa. Naquela noite compreendi porque o segundo-oficial se manteve acordado me ouvindo, enquanto eu dormia, explodindo em espasmos de terrível regozijo (2010, pp. 426, 428).

Acreditamos que esta longa citação baste para comprovarmos, em companhia de um dos teóricos do sublime natural, que “nenhuma outra paixão despoja tão completamente o espírito de todas as suas faculdades de agir e de raciocinar quanto o medo” (BURKE, 1993, p. 65). Na floresta escura, em meio às águas convulsivas, sentado em uma canoa, somente os olhos do viajante estavam conscientes, pois seu espírito estava completamente tomado pelo objeto. Tomado pela força do objeto, o viajante não consegue dormir com tranquilidade. Sua mente vagueia durante o sono e o coloca diante de tal objeto incessantemente até o momento da completa integração das imagens da sua experiência com seu perfeito estado de alma. São dessas experiências que o viajante abastece seu espírito e, concomitantemente, aumenta seu acervo de ideias para suas narrativas futuras. Ele, de fato, se torna um sujeito aprimorado, pois a viagem lhe proporciona, quando ele não é tão compactado em si mesmo, infindáveis narrativas nas quais, ele mesmo é o herói.

Quando o *Capella* se afasta da cidade de Belém do Pará, o olho se lança em busca de algo potente. E assim, "Olhando da ponte de comando do *Capella*, a cidade parecia estar dentro de uma laguna. O lago ocultava-se e era tão largo que era um mundo para o olho alcançar (TOMLINSON, 2010, p. 214). E o viajante ideal procura ver o o rio de suas reminiscências. "Mas o Amazonas não é visto, não mais do que é o mar, à primeira vista. O que o olho primeiro capta é, naturalmente, (porque é apenas um olho), nada como equivalente com sua própria imagem do rio" (2010, p. 224). O olho perscruta, mas a mente é quem vê o Amazonas. Tomlinson afirma que "A mente, através de símbolos sugestivos, constroi algo potente, uma ideia vaga e fantástica" (2010, p. 224).

O olho se cansa de tanta mesmice apresentada pela selva amazônica. Não havia nada de novo para ser visto, acreditava o viajante. Contudo, ao passarem por algumas serras (a Serra de Maranauqua, Velha Pobre, Serra de Tapaiunaquara e Paranaquara), "A visão daquelas alturas com seus cumes planos - ficavam, talvez, não mais do que a 100 pés acima da floresta - curiosamente estimulava o olho e elevava o humor de alguém há muito deprimido pela mesmice da selva e do calor (2010, p. 228). E aí se verifica a ideia de sucessão e uniformidade também como fontes do sublime natural. "A sucessão", afirma Burke, "é condição indispensável para que as partes possam seguir-se por tanto tempo e em uma direção tal que, por seus repetidos estímulos sobre os sentidos, inculquem na imaginação uma idéia de sua continuidade, para além de seus limites reais" (BURKE, 1993, p. 79).

Observando da ponte de comando do *Capella* a selva passar, o viajante ideal parece extenuado de tanta monotonia. Porém, ao avistar as colinas, a sua imaginação encontra um obstáculo e, como esclarece Burke, "resulta na impossibilidade de continuar aquela progressão ininterrupta que é o único meio de imprimir em objeto limitados o caráter de infinitude" (1993, p. 80). "Qualquer mudança", escreve Burke, "necessariamente suspende e interrompe a cada alteração que inicia uma nova série" (1993, p. 80). E assim, o viajante ideal, sempre aguardando um novo obstáculo, é estimulado a continuar olhando a

floresta amazônica de um lado e outro do rio. Porém, ele sabe que "a mente vê essa floresta melhor do que o olho. A mente não é enganada pelo que meramente se mostra (TOMLINSON, 2010, p. 236).

Ao passarem por Borba, no estado do Amazonas, os olhos são liberados das muralhas fechadas que se mostram ininterruptamente. Destaquemos a descrição tomlinsoniana dessa cidade amazônica:

Esta liberação dos olhos era uma experiência suave e grata depois das muralhas fechadas. Alguns degraus cavados na frente do baixo penhasco conduziam para as casas brancas, todas cobertas com telhas vermelhas. O povoado defrontava o rio. De cada casa subia lentamente a fumaça da manhã precoce. A igreja estava no meio das casas, seu sino evidente com zinabre. Dois homens permaneceram para nos observar passar. Era uma segurança agradável ter aqueles telhados e o campanário erguidos de fato para dentro da luz do céu. A floresta dominante, na qual estávamos mergulhados, era ali definitivamente deprimente para nosso grupo (TOMLINSON, 2010, p. 314).

Vendo que havia outros homens no cenário, o viajante se sente seguro. Aqueles telhados e o campanário da igreja eram sinais de que outras pessoas habitavam essa região de selva. Assombrado pela imensidão verde, o grupo de marinheiros, unidos agora para enfrentarem o desconhecido, revigora-se com a visão de outros homens. A fumaça que subia das chaminés das casas era sinal de que outros seres, com as mesmas necessidades que as do grupo, viviam ali. E isso lhes dava segurança na jornada. Não apenas os olhos estavam atentos ao que se mostrava, mas os ouvidos também. "As cigarras", nos conta o viajante, "estavam amolando suas tesouras barulhentemente nas árvores ao lado. Passei muito tempo desse dia na ponte de comando, onde eu gostava de estar, observando o piloto no trabalho (2010, p. 324). E então, "Mais uma vez, eu olho a fachada da selva procurando o que pode se mostrar ali. Raramente há algo novo que se mostra" (2010, p. 330).

Não somente os olhos merecem atenção no tocante ao sublime natural; a audição, o tato, o paladar e o olfato também participam, de certo modo, de ideias grandiosas, nos alerta Edmund Burke. Entretanto, aos olhos é dada mais ênfase, tendo em

vista que eles são considerados as "janelas da alma". Observando as borboletas esvoaçantes, quando nas margens da EFMM, em seus passeios, Tomlinson nos conta que "Nos sentávamos novamente em nossa árvore caída para observar e, magicamente, elas [as borboletas] reapareciam no mesmo lugar, como se a aparição dependesse do ângulo e distância do olho" (2010, p. 414).

Como o viajante ideal busca o que seja significativo na viagem, ele precisa, além da visão, de uma fé inabalável no que a mente lhe mostra. Quando Tomlinson visita um amontoado de pedras nas vizinhanças do povoado de Santo Antônio do Alto Madeira, ele coloca-se acima de todas as coisas baixas e vis, fétidas e repugnantes e, no caso de muitos insetos, belos e esplendorosos, ele toma posse do lugar.

Embaixo da minha pedra, no lado da terra - para o qual eu tinha virado minhas costas - havia uma fossa monstruosa. Ficava no centro do povoado. Era a capital de todos os mosquitos, e a fonte e a origem de todos os cheiros, cheiros variados que repousavam, como descobri quando embaixo na rua quente e parada, no estrato, cada camada de cheiro invisível apenas bem definida. Em meio às ervas daninhas, nos caminhos, havia muitas latas abandonadas. Por cima das latas vazias e do lixo pulsavam e se arremetiam centenas de insetos maravilhosos do Brasil (2010, p. 436).

Entretanto, o viajante ideal, desvencilhado de tudo isso, enleva-se. "Mas eu estava acima daquilo tudo, em minha pedra elevada. Sua altura lançava-me para uma ampla e esplêndida liberdade. Não posso contar-lhe tudo que minha vantagem examinava" (TOMLINSON, 2010, p. 436). A liberdade, sua "amada e secreta divindade", não nos esqueçamos, finalmente lhe fora concedida.

Mas, principalmente, eu estava assegurado pelo que eu via que era mais central, mais do que meus olhos mostravam; eles meramente descobriram para mim a intimação. Ali estava toda a prova que eu queria; porque a fé não é cega, mas crítica, entretanto, instantaneamente transcende ao conhecimento no vislumbre mais tênue de autêntica luz; como quando um exilado, que é atacado continuamente por circunstância inexplicável e poderosa entre estrangeiros, cuja

língua é bárbara, é surpreendido por um sinal secreto passado ali de companheirismo, e fica ao mesmo tempo contente (2010, pp. 436).

A beleza do mundo amazônico é conjuntamente pintada pelo viajante ao mesmo tempo em que ele drena o “cheiro dessa terra boa”. A grandeza e a pequenez dos vegetais bem como dos animais são vivazmente representadas no relato tomlinsoniano. A beleza e a fealdade são pintadas como componentes de um todo organizado e consumado pela Divina Providência. Tomlinson não se cansa de afirmar isso. Para conseguir captar, entretanto, essa essência, é preciso expor-se aos riscos de morte impostos pelo longo empreendimento nos trópicos. Com sentidos aguçados, uma imaginação criadora e prodigiosa e o juízo crítico, é que o viajante ideal se lança em busca do sentido da viagem. Estas três faculdades são deveras visíveis no percurso narrativo tomlinsoniano. E ele transita rapidamente de uma a outra. E ele nos diz que

Nunca encontrei um dos maiores animais selvagens do lugar. Conhecia os papagaios por seus chilreios. Eu ouvia e sentia o cheiro dos felinos. Os macacos mugiam de uma grande distância; ou um corpo escorregaria em volta de uma árvore, exatamente como uma sombra movendo-se que, quando eu examinava o lugar, e não via nada, era fácil acreditar que o olho era somente suspeito (2010, p. 478).

Das três faculdades, a mais proeminente em qualquer relato de viagem, ao que parece, são os sentidos. São eles que fazem com que comparações entre o mundo do viajante e do viajado sejam estabelecidas. As representações do mundo inglês, no caso de Tomlinson, são colocadas lado a lado com as do mundo amazônico. E nesse comparar, o juízo valorativo é convocado à cena. Diante do juízo, a imaginação, aqui e ali, entretanto, cria asas, pois em Tomlinson, ela se dirige sempre ao mundo estoico.

Encerremos aqui o percurso sobre o viajante ideal com uma descrição da descida de Tomlinson nas águas assustadoras do Caldeirão do Inferno, quando de suas andanças pela região do rio Madeira.

Embarcamos na lancha com um maquinista e dois mestiços, e fomos para o meio do rio. O maquinista e navegador era um alemão loiro. Se o rio estivesse são e como de costume, eu manteria meus olhos na floresta, que estava de um lado e de outro da margem, porque poucos homens brancos já a olharam por cima. Mas o rio tomava posse de nossas mentes e nunca, em maus tempos no oceano ocidental, vi água tão cheia de ameaça (TOMLINSON, 2010, p. 500).

Assentamos que as referências tomlinsonianas à questão do “mero olho”, como também da mente, são várias e ocorrem do início ao fim de seu relato. Esse olho associado à luz remete ao ato de criação. Lembramos que Tomlinson, no início de seu relato, afirma que “ AINDA que seja mais fácil, e talvez muito melhor, não começar de modo algum, mas se um começo é feito, é ali que é preciso o máximo de cuidado. Tudo é inerente à gênese” (2010, p. 02). Assim, pode-se inferir que “a palavra”, como diz Gilbert Duran, “como a luz, é hipóstase simbólica da Onipotência” (2002, p. 154). O viajante ideal, como um mero olho, sublima-se e substitui, dessa forma, a visão comum por uma do intelecto. O viajante ideal, portanto, é um clarividente. Sua contemplação e seus juízos devem ser retos e justos. Como conclui Duran, “o isomorfismo do sol uraniano e da visão suscita sempre intenções intelectuais, senão morais: a visão indutora de clarividência e sobretudo de retidão moral (...). A nitidez, a instantaneidade, a retidão da luz são como a soberana retidão moral” (DURAN, 2002, p. 152). Ainda segundo este mesmo escritor,

a palavra, homóloga da potência, é isomórfica, em numerosas culturas, da luz e da soberania do alto. Este isomorfismo traduz-se materialmente pelas duas manifestações possíveis do verbo: a escritura, ou pelo menos o emblema pictográfico, por um lado, o fonetismo por outro (DURAN, 2002, p. 157).

Claro está então que H. M. Tomlinson viaja para a Amazônia brasileira como um olho sublimado. Sua viagem, que resulta no monumento resultante de seus esforços na composição de **O Mar e a Selva**, está entre as mais belas pinturas verbais da Amazônia. Nenhum outro relato de viagem, dentre os citados nesta tese, a metaforizou tão bem quanto o de Tomlinson. Sua composição, uma “outra Odisseia” nos mares do mundo europeu e sul-americano, estabelece não somente relações paradigmáticas para se pensar o mundo

européu quanto o amazônico, mas também, e por isso mesmo ela deve ser colocada entre os melhores relatos de viagem, como uma reflexão sobre a viagem humana. Reflexões sobre a jornada da humanidade são eixos para se pensar criticamente questões como Política, Economia, Ética, Moral, Direitos Sociais, etc. Serve, enfim, para se pensar o verdadeiro sentido da vida.

Para não nos estendermos por demais, destacamos o que julgamos bastar para a verificação de como se configuraria esse viajante ideal. Como afirmará Tomlinson logo em breve no interlúdio deste estudo, “Uma vez que se começou [a viagem], pode-se encontrar a si mesmo em qualquer lugar. A passagem pode ser imediata. Não há oráculo para avisá-lo onde se pode estar à noite. Pode-se estar tão diferente que o próprio mundo estará mudado”. Dessa parte, nos preparamos para ultrapassarmos os portais do jardim do Éden, a entrada para o mundo onírico de nosso viajante sonhador. Velejemos adiante então, mas com algum vagar, pois as águas textuais escondem inúmeros empecilhos e armadilhas. Entretanto, são justamente esses entraves que nos possibilitam o alcance do último porto. O portal do Éden não é guardado aqui por nenhum anjo com espada de fogo nas mãos. A estrada aquática segue rumo às cabeceiras do Madeira. É para lá que navegamos.

2.4 NO PORTAL DO JARDIM DO ÉDEN

As coisas que entram pelo ouvido impressionam menos vivamente o espírito do que aquelas que se mostram aos olhos fiéis.

Arte poética - Horácio (apud Edmund Burke)

Para o entomologista, afirma Tomlinson referindo-se ao naturalista Henry Walter Bates, a Amazônia deveria ser o Campos Elísios. Esse jardim, esse Éden terrestre a que se refere o viajante, é a Amazônia, ou melhor, a floresta amazônica. Na opinião tomlinsoniana, “Ninguém deveria chamar isso de selva; era mesmo um leve e benigno Éden” (2010, p. 218). Mas, detenhamo-nos, por ora, nas descrições da chegada do *Capella* às portas da

glória:

28 DE DEZEMBRO. Latitude 89.10 a norte; longitude 16.8 a oeste; curso sudoeste, ½ a oeste. Estamos nos aproximando dos trópicos. (...).

Essa manhã era o prelúdio certo para os trópicos. Essa era a manhã quando, se nosso planeta estivesse desabitado até então, um mundo não consumado e aguardando aprovação, a divina aprovação teria vindo, e uma criança teria nascido, um imortal, a descendência da Aurora e do Deus-Mar, com cabelos flamejantes e esplendorosos, olhos tão brilhantes quanto a alegria, e um corpo rosado para ser beijado dos pés à coroa (...). No oeste, havia uma montanha íngreme de nuvens se erguendo do mar, e contra ela estava inclinado o brilho do arco-íris, tão constante quanto a bandeira levantada por cima de uma ocasião elevada. O emblema nobre do mundo estava no alto (...)

O calor aumentou com o dia. Tínhamos corrido bem do desolado cume do mundo, com seus nimbos de névoas. Ali estava a entrada para o lugar onde nossos sonhos de juventude começavam. Eu a reconheci. Cada característica era como se nós a tivéssemos visto de longe, através das coberturas de nosso ponto de vista na cidade enfadonha, quando o caminho para ela tinha parecido tão desesperançoso para nossos pés, quanto o caminho para a lua. Este pioneiro pode assegurar a seus companheiros, cujas ilusões brilhantes ficam enfraquecidas com a idade, que seus sonhos devem ser seguidos para serem alcançados (TOMLINSON, 2010, pp. 154, 156).

Esta longa descrição demonstra como nosso herói viajante pinta a cena daquela manhã de 28 de dezembro de 1909, quando o navio se aproximava da América do Sul. As coordenadas são anotadas e a proximidade dos trópicos é mencionada. E a Providência é convocada à cena de um modo profético. "Uma criança teria nascido, (...) a descendência da Aurora e do Deus-Mar, com cabelos flamejantes e esplendorosos, olhos tão brilhantes quanto a alegria, e um corpo rosado para ser beijado dos pés à coroa". Como fruto da união entre a Natureza e o Todo-Poderoso é que nasce essa criança divina. Essa criança é exatamente o eu-narrador, o viajante. E as suas características físicas, *cabelos flamejantes e esplendorosos, olhos tão brilhantes quanto a alegria, e um corpo rosado*, fariam com que os mortais a beijassem dos pés à coroa. Tudo, então,

a luz dançante, a chuva morna nascido viva de uma nuvem oportuna, o ar dourado, as ondas dos comércios do nordeste, os mares do mundo na primeira madrugada se movendo ao longo, como uma multidão liberada para brincar, com

seus azuis apaixonados e profundos e seus cumes inocentes e deslumbrantes, (...) e o arco-íris (2010, p. 156 - grifo nosso),

contribui e saúda o viajante londrino. Ele próprio tomara um banho de “água fria do mar” no convés do navio, numa espécie de ritual de limpeza de qualquer impureza em seu corpo, agora rejuvenescido. O banho representa, à moda cristã, sua regeneração, seu “nascer de novo”. Sua leveza, adquirida com este ritual, representa sua liberdade. É seu preparo para viver “seus sonhos de juventude” de um modo ideal e na *primeira madrugada* do mundo. O próprio *Capella* era agora um grande berço, e se balançava lentamente embalando o novo homem, o herói, filho de Aurora e de Netuno (Posêidon). A pequenez do homem diante do grandioso fica evidente na cena descrita. Deitado em um berço movente, o viajante sonha com o Novo Mundo que, pouco a pouco, se desenha no horizonte esfumado. Destaquemos um pouco mais da pintura do renascimento do viajante:

O *Capella* se balançava lentamente, como um grande berço. Meu corpo estava relaxado e receptivo. Havia ao nosso redor o vazio silencioso, que está longe dos centros metropolitanos, onde muitos homens acreditam que é necessário fazer muitas coisas. O comandante suspirava em seu sofá. As ondas estavam cantando para si mesmas. Um raio de luz ria em meus olhos, brincando de esconde-esconde através da sabedoria de meu livro... Larguei o livro (2010, p. 158).

Tato, audição e visão juntam-se à imaginação criativa e esta, ao juízo. Figuras de linguagem escondem-se neste trecho romântico e dão maior beleza ao discurso. “O vazio silencioso”, algo dificilmente encontrado nos centros metropolitanos, está em derredor. E aí o esporão tomlinsoniano ataca outra vez: “onde muitos homens acreditam que é necessário fazer muitas coisas”. Ou seja, engolidos pelo sistema capitalista, tornaram-se escravos do dinheiro e com isso perdiam as virtudes humanas. É por isso que Tomlinson desejava sair de Londres e ficar longe de sua multidão de “apressados” e/ou “ociosos”. Ele precisava experimentar o mundo; colocar-se junto à Natureza e contemplá-la. Como um indivíduo de vertente estoica, precisava afastar-se de tudo e aventurar-se pelo mundo e drenar todas sen-

sações captadas pelos sentidos, primeiramente, depois desenvolvidas pela imaginação e, finalmente, submetidas ao seu juízo crítico. Este é o objetivo central das viagens de Tomlinson. A cada dia ele estava planejando novas aventuras e, assim, ao empreender tais viagens, tornava-se um indivíduo maior, porque enlevado.

A longa travessia do Atlântico, com todas as demonstrações das forças da Natureza: vendavais, chuvas, trovões, raios, calma, ondulações do mar, pôres do sol, noites estreladas, brisas, participa ativamente da nova constituição do sujeito viajante. Deslocar-se no espaço é impor aos sentidos, à imaginação e ao juízo, novos paradigmas para se ver e se pensar o mundo exterior e interior. Ao embarcar no *Capella*, ele mostra-se um tanto quanto compactado e inflexível às formas de vida e ao trabalho dos demais companheiros, bem como às suas ideias e experiências de mundo. Porém, como já afirmamos anteriormente, pouco a pouco, Tomlinson se desprende de seu velho ego e começa a perceber o valor de cada homem. Depois de haver se submetido ao ritual de iniciação, quando a tripulação enfrentara a primeira tempestade no mar, ele tornara-se um homem melhor, porque aprimorado. Ele podia agora “ver a uma grande distância”. Entretanto,

Olhando de minha distância imediata, não via nenhuma entrada para o lugar para onde estávamos balançando, o lugar onde o *Capella* estava sozinho. As muralhas do cerco não tinham fendas. Não havia nenhuma porta em nenhum lugar. Não havia nenhuma brecha na precisão do círculo escuro ao nosso redor, onde alguém pudesse rastejar entre o céu e o mar (TOMLINSON, 2010, p. 164).

A imensidão vazia adiante, ou seja, o círculo azul do céu e do mar por onde singrava o *Capella*, parecia distender-se ao infinito. Não havia uma fenda, sequer, onde o navio pudesse ultrapassar aquele mundo de águas. Essa era a sensação do viajante sonhador. Contudo, a comitiva segue a procissão dos dias e noites.

30 de dezembro. Um dia cinzento. Sol intermitente. Vento e mares a bombordo e as grandes massas subsequentes de água ocasionalmente se moviam rapidamente para bordo, quando o navio balançava. Os conveses, portanto, estão

molhados novamente. Tivemos um lembrete afiado, ao toque de seis badaladas, que não estamos vinculados a nenhum recurso de saúde, como Sandy afirmou (TOMLINSON, 2010, p. 170).

Aproximar-se da Amazônia era/é aproximar-se das doenças dos trópicos. Isso era assunto geral há séculos, como também ainda o é na atualidade. Ali no *Capella*, depois que Sandy, um maquinista, lembrou a todos que nenhum deles estava vinculado a qualquer plano de saúde, era preciso se prevenir. Dar cinco gramas de quinino a todos da Companhia foi a ordem dada ao médico pelo capitão do navio. E isso era um ritual diário. E Tomlinson informa ao leitor que

Nossa aproximação da terra agita alguns medos antigos em nossas mentes também. Discutimos aqueles medos novamente, embora com mais preocupação do que tínhamos em Swansea. Por toda parte da proa está agora o prelúdio. Temos ouvido muitas histórias incertas sobre febre amarela, malária, febre negra, disenteria e beribéri. Os oficiais, procurando por terra, juram que foram tolos de vir numa viagem como esta. Deveriam ter se informado melhor a esse respeito. O médico, que nem sempre sorri quando está entretido, nos adverte para não comprarmos um guarda-chuva branco no Pará, mas um preto; pois servirá para os funerais. (2010, p. 188).

Maus presságios, pavor e medo povoam a alma dos marujos. Como os marinheiros estavam confinados no centro do continente sul-americano, sabiam que "a doença ou a morte, assim nos dizem as lendas, é certa para todo homem branco que fica ali por apenas alguns meses" (TOMLINSON, 2010, p. 272). Doenças fatais, ataques dos indígenas, (os temíveis Parintintins ou os Araras) e naufrágios são motivos de terror para os viajantes de além-mares. Expostos à insalubridade da região, homens chegavam à EFMM, vindos de várias partes do mundo, trabalhavam alguns dias, adoeciam e, se não morriam, tornavam-se imprestáveis para o serviço. Esses acontecimentos fúnebres, alguns escritores relatam, (pois existem poucos registros da questão social da EFMM), mas estão registrados, à medida do possível, nas obras de Manuel Rodrigues Ferreira e Neville Craig. O primeiro, traduzindo vários relatórios das diversas comissões enviadas ao Madeira; o segundo, elaborando uma radiografia da tentativa norte-americana da construção da macabra

"ferrovia do diabo". No trecho citado acima, o narrador tomlinsoniano retira da própria experiência, o que ele conta ao leitor. De fato, ele o adverte do perigo ao qual todo viajante em "terras inexploradas" está exposto. Ele relata sua própria experiência e as sustenta com as histórias narradas por outros viajantes.

E assim, feita uma rápida referência às doenças na região amazônica, retornemos à saga dos viajantes ainda no oceano Atlântico. E Tomlinson nos diz que

A noite está maravilhosa e iluminada pelas estrelas, a Via-Láctea, um arco brilhante do leste para o oeste, sob o qual estamos navegando. Quando Vênus surgiu era uma lua pequenina, tão refulgente que concedeu uma palidez tênue a uma grande área do céu, contornou a margem de uma nuvem, e fez um largo e brilhante caminho no mar. A lua surgiu depois das nove, usando um véu no ar transparente, espionando imóvel da beira de uma cortina escura (2010, p. 172).

Entretanto, um viajante ideal não pode se deixar abater pelas coisas que hão de vir. "Febre no futuro ou não?" (2010, p. 266) passa a ser seu monólogo interior dali em diante. Porém, jamais ele se deixaria corromper por pensamentos que o impelissessem ao medo, porque sabia que "Aquela ferrovia misteriosa aticaria a mente de qualquer homem que não tivesse perdido sua *curiosidade*, e que valorizasse a vida com mais intensidade do que sua chance de velhice" (TOMLINSON, 2010, p. 438). Viver sedentariamente, então, como forma de autopreservar-se e, dessa forma, poupar-se para a velhice era significado de que a *curiosidade* havia sido cessada no espírito. Como afirma Edmund Burke, em sua obra já citada aqui, "Dentre os componentes de todo instrumento que age sobre o espírito deve haver um certo grau de novidade, e a *curiosidade* está mesclada, em maior ou menor quantidade, com todas as nossas paixões" (BURKE, 1993, p. 42 - *itálicos nossos*).

A curiosidade, essa paixão que mexe e agita o espírito, também excita qualquer leitor do relato de H. M. Tomlinson. A curiosidade faz com que ele, o jornalista, deixe sua família, amigos e trabalho, na cidade de Londres, e aventure-se rumo ao desconhecido, mas sonhado. Sua exortação, então, dirige-se ao leitor:

Você em terras habitadas, a menos que tenha sido muito pobre de fato, e saiba o que é um problema e o que são os amigos, nunca viu o rosto de seu irmão, nem a serenidade da noite, quando se descobriu, sem esperar, abrigo para a noite; você não sabe qual é o sabor do pão e do alimento, nem o sabor do tabaco, nem o que é segurança confortável, que é o sussurro de um compadre invisível nas sombras em um lugar de repouso, nem o que é dormir. Descobri que esses presentes não são apenas sentidos para a vida, mas também razões para se viver (TOMLINSON, 2010, p. 474).

Este pequeno trecho é bastante instrutivo. Ele parte da experiência e do conhecimento do viajante para sua sabedoria. E essa sabedoria é passada ao leitor. Esse saber dispõe de uma autoridade, a do andarilho londrino. Como escreve Walter Benjamin acerca do romance de Nikolai Leskov, (acreditamos que essa assertiva também possa ser lançada sobre o trecho tomlinsoniano em destaque acima), “O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser” (BENJAMIN, 1994, p. 203). Continuemos a viagem.

1º de janeiro. O esplendor elevado desses dias persiste; mas o esplendor cede agora um pouco, ao meio-dia, com o peso do calor. O convés do tombadilho está agora protegido com um toldo; deitar-se ali em cadeiras preguiçosas, com um vento nos seguindo e severamente nos ultrapassando, indolentemente olhando as sombras suspensas da engrenagem moverem-se sobre o toldo brilhante, quando o navio balança, é conseguir prender-se nas labutas da esteira d’água, e dormir antes de se saber que é um prisioneiro (2010, p. 176).

E o primeiro dia do ano de 1910 é registrado; e com ele o esplendor dos dias e das noites tropicais. O calor também é algo suporífico. Porém, esses destemidos viajantes protegem-se com um toldo. É ali do tombadilho do navio que Tomlinson observa o cenário. Aprisionado entre o céu e a terra, o *Capella* segue barulhentemente adiante.

04 de janeiro. Um vento moderado do nordeste, o mar e uma manhã brilhante; mas bem distante uma nuvem escura se formava, crescia e, dirigindo-se para nosso rumo, nos cobriu nesse momento com uma abóbada azul-escuro. A corrente quente caiu com violência ultrajante e, de tudo que podíamos ver de

nosso caminho, o *Capella* poderia estar em um denso nevoeiro. Os mosquiteiros foram entregues hoje e nos divertimos decorando nossos beliches. Mais tarde o tempo clareou. A noite estava sufocantemente quente; e aquele beliche de cheiro desagradável, com um anteparo de ferro me separando da sala de máquinas, era como estar deitado na grelha de um forno. (TOMLINSON, 2010, p. 180).

As descrições de um clima incentivador de continuidade da viagem demonstram o quanto o grupo é favorecido pela própria natureza tropical. Absorvido pelo cenário e silenciado pelo narrador, esse grupo de aventureiros segue em frente. Mas a temperatura tropical, pouco a pouco, começa a se fazer sentir em seus corpos. Um cenário grandioso os inclui em uma redoma azul e brilhante, que parece aprisioná-los para sempre. Essa é a impressão que se tem ao ler com detenimento este trecho, por exemplo.

05 de janeiro. Parece que alcançamos um fim morto dos ventos do comércio. O calor da manhã estava opressivamente úmido e o jantar quase foi perdido por isso. O cozinheiro, um holandês formoso e rechonchudo, desmaiou no meio de suas panelas e foi levado para fora, para recuperar sua respiração de novo (...). Tudo em volta do horizonte parado e das nuvens permanentes de tempestade está cercado. Suas formas não se alteram, mas suas cores mudam com as horas. Elas parecem nos incluir em um lago circular, uma extensão de montes íngremes e intrincados dos Alpes, altos e sólidos. Separando aquelas colinas íngremes de rochas calamitosas - porque pareciam, e não em menor parcela, com vapor - estão as fendas cheias de noite, e a parte mais alta dos declives e cumes está reluzente em âmbar e pérola (2010, p. 182).

O teatro é o próprio mundo. Os atores, apesar de passivos, são transformados em meros espectadores. Fora o ato descritivo de Tomlinson, tudo parece confabular para um mundo virgem antes da chegada do homem. O olhar atento para a paisagem, durante dias e noites iluminados pelos astros, não cessa de vaguear procurando fixar-se em algum ponto de além-mar. E assim,

Antes do nascer do sol, não era fácil perceber para onde tínhamos vindo. Eu via um país fantasmagórico e indeterminado, mas como pensávamos que era auspicioso e observável e sua tranquilidade um conselho, navegávamos adiante lentamente e em silêncio, como um ladrão numa entrada. Penhascos baixos estavam próximos uns dos outros de cada lado do navio. Os penhascos podiam

ser o resíduo da noite. A noite tinha se precipitado do céu, que estava límpido e resplandecente. Nosso navio estava entre as barreiras dessas sombras de ferro (TOMLINSON, 2010, p. 192).

Alusão à passagem bíblica em que o Filho do Homem virá como ladrão, na calada da noite, remete o leitor, inteirado pela crítica acadêmica aos discursos colonizadores, à chegada dos europeus ao continente sul-americano, e com eles a colonização e todos os males e possíveis benefícios advindos desse empreendimento político-econômico. A região amazônica parece tentar proteger-se dessa invasão dos navegantes. Mas,

De repente o raiar do dia deixou uma faixa extensa de açafrão brilhante na sombra a bombordo, e o cume vago ficou notável com um parapeito de filigrana, coroas e folhas de palmeiras e árvores desconhecidas se mostrando em modelos rígidos de ébano. Um ar frágil então moveu-se da praia, como se sob o impulso da luz que se derramava. Estava quente e úmido, e exalava um odor curioso, completamente estrangeiro e familiar, o cheiro de terra úmida, mas não da terra que eu conhecia, e de vegetação, mas de vegetação exótica e selvagem .

O dia completo chegou rapidamente para me mostrar a realidade de uma das minhas primeiras visões, e suponho que não se possa esperar muito mais semelhantes minutos a floresta da Amazônia tomar forma, tanto quanto gastei olhando da ponte de comando do *Capella*. Logo o cheiro se foi. A luz da manhã margeava a copa das árvores e derramava-se dentro do rio. O canal se enchia com o brilho do sol. Ali estava ela então. No penhasco do norte, eu podia, de fato, ver os galhos e os troncos; eram veias de prata em uma massa de crisólito sólido. Esta floresta não tinha o verdor completo e escuro de nossos próprios bosques no verão, com baías profundas de sombra. Era uma frente absoluta, uniforme, sem sombra, e espantosamente viva (TOMLINSON, 2010, pp. 192, 194).

Exotismo, primitivismo e, derivando destes termos, inexploração e mistérios, compactuam com o descrito. As reminiscências do viajante, alimentadas durante muito tempo pelas leituras de seus predecessores, cintilam na mente do viajante sonhador. Seus sentidos são aguçados e suas visões precisam ser confirmadas. A floresta se desenha no horizonte. Luzes, odores, cores, ar, terra, quentura, vegetação exótica e selvagem compõem a cena da chegada aos trópicos. E, espantosamente viva, a selva começa a se mostrar aos olhos inquiridores.

Uma riqueza exuberante de formas enriquecia aquela floresta, tão sem

característica de uma pequena distância. As inúmeras palmeiras davam graça e vida à fachada, porque suas plumas se lançavam em arcos nobres de colunas altas e esbeltas, ou se esparramavam do solo em fontes de esmeraldas. O resto era uma confusão inextricável. Trepadeiras por cima da frente verde amarrando a floresta com cipó, e as raízes dos epífitos caíam de galhos mais altos, como fios de barbantes torcidos.

Em alguns lugares o rio se ampliava dentro de lagoas e parecia que estávamos em um labirinto de ilhas. Canoas atravessavam os canais; e as escunas de rio, muito parecidas com sucatas, com popas altas e velas vermelhas e azuis ficavam diminuídas debaixo do verdor, traindo a formidável altura das árvores. Devido à sua extensão longitudinal, se tornando mais fina à distância, a elevação da floresta, quando indiferenciada, parecia muito menos do que realmente era. A cena era tão luminosa, tranquila e silenciosa, que era tão parecida com uma miragem radiante, ou uma lembrança viva de um sonho emocionante tirado dos livros lidos e relidos novamente, que somente a verdade inquestionável de nosso vapor de ferro, presente com sua fumaça e engrenagem prosaica, me convencia de que o que era exterior a nós realmente estava ali. Em cima de uma escotilha uma borboleta grande pairou e tremulou como uma chama. Libélulas estavam suspensas invisivelmente em cima de nosso toldo, joias de esmaltes cintilantes (TOMLINSON, 2010, pp. 194, 196).

Entrando no Jardim do Éden através do rei dos rios no mundo, o Amazonas, Tomlinson embriaga-se nos odores e visões dessa floresta "mágica", como ele mesmo a qualificara. Mais uma vez, sonho e realidade se interpenetram, pois "A cena era tão luminosa, tranquila e silenciosa, que era (...) parecida com uma miragem radiante, ou uma lembrança viva de um sonho emocionante tirado dos livros lidos e relidos novamente". Contudo, verdadeiramente, o capitão do *Capella* os havia conduzido até ali. E somente o navio, essa arte prosaica, podia convencê-lo de que realmente estavam ali. E o viajante, como um pintor verbal, pinta a tela com as cores apropriadas para uma grande ocasião. Mas os nativos não são colocados na cena, a não ser, como conteúdos encobertos pelo contingente. As canoas e escunas que navegam no rio são conduzidas, certamente, por eles. Entretanto, são engolidos pela cena idílica pintada pelo viajante ideal. O olho navega pelo espaço aéreo e apreende o mundo em derredor. E a cidade de Belém do Pará é seu primeiro porto de desembarque.

Como esclarecemos anteriormente, o viajante ideal vê a Amazônia através de uma bela metáfora que ele mesmo a intuiu e a imprimiu no entendimento. O rio Amazonas

é o tronco de uma árvore gigantesca. Seus tributários e subafluentes são seus galhos tortuosos; os povoados são frutos que brotam nesses galhos. É através dessa imagem simbólica que Tomlinson procura compreender a região em que estava adentrando. Citemos uma vez mais o viajante ideal.

O Amazonas, então, me parece propriamente simbólico, como uma árvore monstruosa, e seus tributários, paranás, furos e igarapés, como os galhos grandes, os galhos pequenos, e gravetos de suas ramificações elevadas e esparramadas, tão momentaneamente dissecando o continente com seus inúmeros cursos de águas, que a mente vê aquela região escura como uma impenetrável densidade de folhas verdes e secretas; que, literalmente, quando se for lá, é o que se encontrará (TOMLINSON, 2010, p. 224).

E aqui, com nosso herói viajante adentrando o portal para o mundo de seus sonhos e navegando nas águas do rio Pará, encerramos o segundo capítulo deste estudo. Antes, porém, de mergulharmos nos capítulos III e IV e chegarmos ao porto final, objetivou-se elaborar um entretenimento, também uma viagem reflexiva a mais para nosso leitor e, assim, convocamos o próprio H. M. Tomlinson ao interlúdio. Ele nos falará de sua longa e aventureira jornada no mundo.

Figura 8



S. S. England

INTERLÚDIO COM TOMLINSON

O “ensaio” - que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação - é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento.

História da sexualidade: o uso dos prazeres - Michel Foucault

Depois de tantas águas navegadas, signos dispostos em forma de ondas turbulentas, que desafiam o viajante a seguir rumo à terra do sol constante, para ali viver por alguns dias, é hora de adentrarmos o rei dos rios no mundo: o Amazonas. Desde o **prelúdio**, uma introdução a essa re-composição de um peregrino, que escapou das amarras em sua cidade-prisão e se aventurou em busca de liberdade, procuramos elaborar a parte relacionada, primeiramente, ao viajante-escritor, sua biografia e um breve olhar sobre suas obras. O viajante, como alguém que se desvencilha de seu velho ego e atravessa o Atlântico em companhia de marinheiros atarefados e supersticiosos, também buscamos visualizar e compreender. Em primeiro lugar, como um peregrino sonhador; em segundo, como um herói aventureiro em terras de além-mares. Lembre-se: “A jornada pode ser empreendida”. O Atlântico, “esse espaço estriado” e suas tempestades podem ser vencidos e se chegar ao portal do Jardim do Éden. O viajante ideal, como um olho desencarnado, vê melhor, porque é apenas um olho. Pode-se inquirir: um sol? uma luz? um espírito virtuoso? E agora é chegado o momento, portanto, de navegarmos para o Alto Madeira, porém, sem não antes, com os sentidos bem aguçados, ouvirmos de nosso tenor principal um discurso veemente contra os desmandos do homem em nome do Progresso.

O texto selecionado é o ensaio intitulado “Exploration”, (algumas partes já foram citadas neste texto; agora o traduzimos e o apresentamos integralmente) que foi escrito por H. M. Tomlinson muitos anos depois de sua primeira longa viagem. Esse ensaio constitui-se

como um exercício filosófico. Está incluso no livro **Out of Soundings**, publicado pela primeira vez em 1931, em Londres. Nosso propósito é trazer à cena discursiva as críticas tecidas por Tomlinson aos desvarios do homem em sua busca desenfreada de algo que lhe está faltando. O aguilhão e freio tomlinsonianos podem ser sentidos então. A maturidade intelectual de um dos maiores escritores de língua inglesa do século 20 está disposta nesse texto. Sua vertente estoica se mostra nitidamente neste ensaio. Ele próprio faz uma reflexão de sua jornada literária e humana. Desde o momento em que ele fora, como um passarinho, e à moda de Charlie Marlow, que fora encantado pelo Congo, e ele, encantado pela grande árvore: o rio Amazonas. E assim, como o próprio oceano, Tomlinson transborda. Atentemos com vagar para seu irônico discurso.

* * * * * **Exploration** * * * * *

H. M. Tomlinson

(1931)

O desejo nasceu em mim a partir da leitura de **Hudson Bay** (*A baía de Hudson*), de Ballantyne⁴¹. O puxão do Norte Magnético foi sentido; virei-me para Boothia Felix⁴². Não gostaria de dizer há quanto tempo isso ocorreu; foi quando tive uma ocasião para consultar a **Lista de Despachos de Mercadorias Semanais** em uma casa de comércio. Esse livro de anotações continha registros como este: “Fábrica de York, Baía de Hudson. *Lady Head*, bk, 457 toneladas. A. 1. Capitão Anderson. Zarpando no dia 1º de junho. Sudoeste da doca indiana”.

Eu era muito jovem e supunha que um homem viajasse para ver o que estava em volta da esquina; porque, como um prudente mestre marítimo, mais tarde na vida, uma vez,

⁴¹Robert William Ballantyne (1825 - 1894); escritor e viajante escocês. Sua obra *Hudson Bay* foi publicada pela primeira vez em 1848.

⁴²Península de Boothia, localizada no arquipélago Ártico Canadense. O nome foi dado pelo explorador e navegador britânico John Ross (1777 - 1856) em homenagem ao amigo e financiador da expedição, Sr. Boothia Felix.

tristemente explicou-me em seu camarote: quando somos jovens, achamos que todas as coisas boas estão muito distantes. Eu não sabia, tão cedo, que um homem se expunha para encontrar a si mesmo, e que, em tal viagem, em um país completamente desconhecido, ele podia se perder. Quando o jovem Herman Melville navegou em seu baleeiro, pouco sabia que sua viagem jamais terminaria, não enquanto a fantasia dos homens discernisse uma Ursa Maior no céu noturno, do qual seus bravos harpões sempre retornam à Terra.

Ballantyne desconcertou-me, e **Great Lone Land** e **Wild North Land**, de Butler⁴³, pioraram a questão; era o sonho que era real. O lago Athabasca e o rio Mackenzie ficaram desolados; e quão nobres eram seus nomes! Mas a Companhia Hudson Bay, em cuja porta, na Lime Street, em Londres, eu bati, generosamente dispensou meu serviço oferecido. Diverti-me uma vez ao ouvir Joseph Conrad confessar - era para meu ouvido solitário, e eu não lhe confessei - que seu primeiro esforço para arranjar emprego como um oficial de navio foi na Companhia Hudson Bay; e ele também fracassara, porque essa companhia é escocesa, e a mais cuidadosa e particular. Não havia um livro sobre a exploração da América do Norte e do Ártico na biblioteca Guildhall, em Londres, para o qual eu não salvasse ou roubasse tempo para lê-lo. Não deu em nada. Mas o próprio nome, **Canadian Barren Grounds**, (*Solos inférteis do Canadá*, de Warburton Pikes⁴⁴) ainda funciona como um pálido encantamento remanescente; entretanto, resolutamente, mas lamentavelmente, resisto às Luzes do Norte.

A facilidade com que um homem pode chegar ao azul exterior, que não está no mapa, e não está completamente manchado, aprendi um pouco mais tarde em **A Week on the Concord**, (H. D. Thoreau). Uma vez que se começou, pode-se encontrar a si mesmo em qualquer lugar. A passagem pode ser imediata. Não há oráculo para avisá-lo onde se pode

43William Francis Butler (1838 -1910); oficial do exército britânico, escritor e aventureiro. Sua obra **Great Lone Land: a narrative of travels in the north-west of America** foi publicada primeiramente em 1872.

44Warburton Pikes (1885 - 1930), explorador, caçador e naturalista inglês. **The Barren Grounds of Northern Canada** (*Solos inférteis do norte do Canadá*) é fruto de sua jornada de cinco meses, em 1889, às terras do norte do Great Slave Lake, Canadá.

estar à noite. Pode-se estar tão diferente que o próprio mundo estará mudado. Então, o que será feito? - porque deve-se fazer alguma coisa. Quando os companheiros continuam, tão como de costume, a chamar sua sarça ardente de uma sarça espinhosa, que é o que é, permanecerá para a maioria de nós como esse sinal deve ser arrefecido? Não há retorno.

Deve haver categorias para livros; entretanto, não acho que relatos de viagens seja precisamente o lugar no índice para o **Arabia Deserta**, ou **A Week on the Concord**, ou mesmo para **Naturalist on the River Amazons** (*Um naturalista no rio Amazonas*, de Bates). O bom livro é sempre um relato de viagem; é sobre uma jornada da vida. Não importa se o ponto de vista é obtido de Edgon Heath⁴⁵, Capri⁴⁶ ou Kanchenjunga⁴⁷. O livro **Seven Pillars of Wisdom** (*Os sete pilares da sabedoria*, de T. E. Lawrence⁴⁸), foi para mim menos a Arábia em tempo de guerra do que Lawrence; a guerra e suas intrigas, os árabes, os turcos e os alemães e o deserto eram acidentais; eles tiveram a oportunidade para evocar Lawrence, agentes do destino de consequência para nós, porque eram a causa de uma guerra de pensamentos, comparado com o que a campanha do deserto era somente comuns e feias contendas tribais. A revolta dos árabes e outros contra o que os enfurecem pode destruir pequenas bobagens e, talvez, muito mais; porém, um retorno às nossas tradições e verdades aceitas por pensamentos intrépidos pode conduzir-nos à praga de uma dança eterna. **Moby Dick** é a história de um cruzeiro de caça às baleias? **As viagens de Gulliver** é simplesmente uma diversão fantástica? Continuaremos a chamar o **Arabia Deserta** de um relato de viagem, porque é isso, embora o seja o **Pilgrim's Progress** (*A viagem do peregrino*, de John Bunyan⁴⁹). No entanto, é claro que Charles Doughty⁵⁰, esse sobrevivente

45Lugar fictício criado pelo escritor britânico Thomas Hardy (1840 -1928) em seu livro *Essex Tales* (1888). Seria um lugar ideal para o ser humano viver.

46Ilha italiana localizada no Golfo de Nápoles, no mar Tirreno.

47Terceira mais alta montanha do mundo. Fica na Cordilheira do Himalaia.

48Thomas Edward Lawrence (1888 - 1935); arqueólogo, militar, agente secreto, diplomata e escritor britânico.

49 John Bunyan (1628 - 1688); escritor e pregador britânico. **Pilgrim's progress** foi publicada em 1678.

50 Charles Doughty (1843 - 1926); poeta escritor e vidente inglês. **Travels in Arabia Deserta** foi publicada primeiramente em 1888.

esquálido e obstinado de uma Inglaterra pré-shakesperiana, tão inglês que era um estrangeiro para Oxford e Londres de seus dias, aparece em seu livro com distinção mais comum do que os penhascos balsáticos do deserto árabe. Não me admiro que seu ânimo tenha se mantido em deter os fanáticos com insolação à sua volta, embora eles quisessem cortar-lhe a garganta. Nós também éramos de natureza oposta a dele quando começamos a lê-lo, mas ele nos dominou. Os icebergs de seu deserto não são mais suportáveis do que os do viajante. Mas, para ele, aquela região queimante de pedra e areia com seus perigos e nômades rapsódicos existiria para nós? Enquanto lendo Doughty, se começa a sentir algo da origem das escrituras semíticas; sabemos que o próprio Doughty, que tinha estado no exílio remoendo pensamentos sobre a Jerusalém perdida, teria se vergado aos interesses do país, mas tinha profetizado à parte para todos aqueles, que deviam, no futuro, suportar pacientemente as águas da Babilônia.

Em primeiro lugar e por último, um poeta pode escrever somente sobre si mesmo. O mundo existe porque ele o vê. Isso pode ser tudo que ele sabe do mundo. O que, então, é o poeta? Porque a validade do mundo depende do tipo de homem que ele é. Se a Europa é sacudida pela Revolução Francesa, ou os desertos da Ásia, ou Walden Pond, o visionário é a consumação e a realidade. Seu cabo de vassoura, se viaja montado nele, pode percorrer por cima das profundezas tão escuras quanto os golfos na Via-Láctea; e, entretanto, outro tipo de viajante pode converter a região que abraça a cultura chinesa num mero álbum de instantes fotográficos e irreverências interligadas.

Ver é um ato de fé, porque a fé não é cega. Não pode haver fé sem luz. O que não vemos pode nos condenar. O que o viajante desafiaria para interpretar o mundo que ele pensa que vê hoje? Há viagens mais difíceis agora do que as que mantiveram Marco Polo tanto tempo longe de casa. Não há o simples problema de um Gran Khan agora. Não há nenhum tártaro. Catai é uma república repleta de conflitos civis, ideias ocidentais e a maquinaria industrial. Os comunistas interrompem o serviço ferroviário em Java. O mensageiro Marco Polo, em todas as suas andanças, não viu nada mais estranho do que

isso, nem mais difícil de se ler. Em vez de Veneza e Canton, temos Londres e Nova Iorque. Um homem voou para Bagdá e retornou na semana seguinte, insolentemente em poucas horas; e a Pérsia tece tapetes para orações, não para a direção de Meca, mas para ajudar o sentimento das quintas suburbanas inglesas. Pode-se comprar preciosidades birmanesas por uma merreca pegando um ônibus barato na Charing Cross; não há necessidade de se viajar para o Cairo, Calicute e Pequim para ver o Oriente. Geralmente está no armazém da Cutler Street, perto de Houndsditch. A ferrovia subterrânea serve o Oriente.

Mas não estamos satisfeitos. Um desespero vago é sugerido em nossas turnês ao redor do mundo. Algo está faltando em nossa civilização. Talvez pensemos que quanto mais longe formos, mais provavelmente recuperaremos o que quer que seja que tenhamos perdido. É possível que insurreições comunistas no Jardim do Oeste venham da mesma intranquilidade que envia ocidentais ricos para contornarem o globo terrestre. Por que os hindus e os javaneses deveriam se revoltar? A vida deles está mais segura agora do que quando estavam sob as ordens de imperadores e rajás. E por que os homens ricos deveriam fechar os lugares de seus ancestrais e ir para os mares do sul para a simplicidade que começou a morrer ali tão rápido quanto James Watt⁵¹ aprendeu o caminho para o vapor explorador? A aflição parece estar no mundo todo. É sentida em Benares, Pequim e em Park Lane. Os leões da África estão sendo deslocados pela fibra de sisal, exatamente como as pistas de corrida e as minas de carvão estão destruindo os pomares de Kentish. Lemos que um viajante imaginativo, em vez de gratidão por sua reclusão em uma floresta tropical, considerou que as árvores estavam crescendo para serem desperdiçadas; elas deveriam ser transformadas em recursos naturais. Ele era um viajante moderno. Ele não chamou a floresta de **Green Mansions**⁵², nem viu Rima⁵³ lá. Viu uma reserva potencial de polpa de

⁵¹Matemático e engenheiro escocês (1736 – 1819); inventor de instrumentos científicos e destacou-se pelos melhoramentos introduzidos no motor a vapor.

⁵²**Green Mansions: a romance of the tropical forest**(1904), obra do escritor argentino naturalizado britânico William Henry Hudson (1841 - 1922). No Brasil há o filme **A flor que não morreu** baseado nesse romance (1959).

⁵³É a protagonista de **Green Mansions**, de William Henry Hudson. Rima é a guardiã da selva da Guiana, por quem Abel, personagem branca, se encontra e por quem se apaixona.

madeira.

Esse pode ser nosso problema. A fé pode estar morrendo e deixando de ver beleza no mundo, e sem saber que pode ser porque estamos desesperados para escapar de nossas labutas. Há muito tempo não somos capazes de imaginação, mesmo em nossa própria ingenuidade. Não somos como criancinhas, portanto o reinado está perdido. É inútil viajar para Papeete para procurar pelo reinado. O nobre Vietnã, Nicolo de Conti⁵⁴, no começo do século quinze, quando seu navio estava no mar Vermelho, ficou surpreso ao ver elefantes equipados para a guerra; mas ele teria ficado mais surpreso se tivesse ouvido vozes, à noite, que estavam falando em Veneza; como eu ouvi uma vez, fora do Cabo Bon, os movimentos de dançarinos em um hotel londrino - apesar do vento barulhento da escuridão, distante no mar, eu pude ouvir Londres arrastando os pés; e que o pensamento, se suficientemente examinado depois, quando se estar em um quebrar-mar sozinho, era o suficiente para dar uma pausa ao descuido dos pés ociosos. O próprio Empíreo estava ouvindo. Não pode ser seguro entreter pensamentos ociosos, porque apenas o céu sabe qual mistério registrado pode ouvir aqueles tão prontamente, quanto o arrasta-pés dos dançarinos. Um poeta, uma vez, enigmaticamente, lembrou-nos que não podemos arrancar uma flor sem incomodarmos uma estrela. Sem dúvida, será difícil nos convenceremos de que Aldebarã se importa o mínimo com nossos dentes-de-leão; entretanto, quando o prêmio da Razão inclina-nos para observarmos somente uma circulação maior dos jornais baratos em madeiras de abeto, ou álcool em uma floresta tropical, alguém começa a temer que as influências dóceis das Plêiades estão então soltas para um degrau insignificante. Talvez, quando retirarmos a exuberância da Terra, e a recolocarmos com fumaça, montes de refugos de minérios e choupanas, as estrelas de Órion permaneçam tão rápidas como sempre; entretanto, o medo de que a escuridão deliberada de nossa própria estrela possa afetar a Galáxia, embora esse medo não se origine de nenhuma lógica que conheçamos, não pode ser sem razão.

54Nicolo de Conti (1385 - 1469); viajante e explorador mercantil.

Esse medo, e estamos começando a senti-lo, não é menos extraordinário do que a telefonia sem fio. É um pensamento novo para o mundo dos homens, embora a ganância com a qual continuamos a desfigurar nosso planeta em nosso esforço para torná-lo frutífero seja tão antiga quanto as atividades do homem. Pero Tafur⁵⁵, que começou a viajar e aventurar-se por volta de 1425, relata-nos uma Europa de seu tempo, que em muitos aspectos é inexplicável para nós. Não houve nenhum novo aprendizado então. Quando Tafur entrou na França, Joana Darc tinha sido morta apenas há sete anos. Os ingleses tinham sido expulsos de Paris, mas estavam em Rouen. O Mediterrâneo ainda era o centro da gravidade do comércio europeu; até então os navegantes portugueses não tinham feito as descobertas que deslocariam aquele comércio para a costa do Atlântico; embora, curiosamente suficiente, Tafur mostre que um mercador de Flandres fosse então mais rico do que um de Veneza, e a navegação de Sluys fosse enorme em sua quantidade de toneladas. A América não era conhecida. Os turcos estavam acampados em volta de Constantinopla, onde o Império do leste estava para desmoronar. O Papa estava em um exílio. A peste estava na França e aquela terra estava desolada com as guerras do início dos séculos XIV e XV. Não podemos, com esses lembradores, pintar semelhante Europa. Mas, de algum modo, e sem um desenho consciente, Tafur faz isso para nós. São os incidentes postos de lado de sua história que traem uma Europa que conhecemos tão bem. Ele ficou atônito com as riquezas de Bugres, e foi para Sluys para ver os navios. Em Mass, uma mulher se aproximou em segredo e, maravilhando-se, ele foi para casa com ela. Lá ela lhe ofereceu uma de suas duas jovens filhas. A família estava morrendo de fome. Toda aquela atividade comercial de Flandres e sua riqueza de luxos, e essa família não tinha nada para comer! Quanto tempo, desde os dias de Tafur, tem nossas muitas invenções nos tomado? Alcançamos alguma distância em nossas máquinas voadoras?

Mesmo quando uma dúvida sobre nosso progresso começa a nos perturbar, hábitos antigos nos impelem à consideração da conversão da beleza dentro ainda da fome e da

⁵⁵Pedro Tafur (1410 - 1484); viajante e escritor espanhol.

fumaça. Não estamos suficientemente com medo de incomodarmos as estrelas, quando escurecendo a beleza de nosso planeta; entretanto, aumenta a dúvida de que o que pensamos e fazemos não pode ser inconsequente para além da órbita da Terra. Naquele espaço para além, onde não podemos ir, é possível que alguma emanção de nossa disposição encontre seu caminho, e não fortuitamente. Podemos produzir uma marca sem conhecê-la. É irrelevante para a História, sem dúvida, que uma noite, no mar, tivemos a oportunidade para ouvir viajantes em Charing Cross; entretanto, não fora uma advertência facilmente acalmada. Agora aprendemos para além da questão, que nossos diversos barulhos estão de fato registrados onde supúnhamos que não houvesse nada, somente o sussurro impessoal da escuridão.

Houve em algum tempo, o arqui-diácono da abadia de Westminster, Richard Hakluyt, que celebrou os primeiros marinheiros ingleses e os viajantes. Em sua lápide, na catedral de Bristol, se lê: “Sua imaginação estudiosa descobriu novos caminhos para a ciência geográfica, e seus trabalhos patrióticos resgataram do esquecimento não somente alguns daqueles que desceram para o mar em navios para serem guardiões do Império, descrevendo “novas terras” e encontrando um lugar maior para sua raça”.

Essa lápide é tão somente justa a Hakluyt. Entretanto, considere suas implicações. O arcebispo de Westminster, sem a intenção de fazê-la, que desejou em vez disso iluminar um desejo imperial em pessoas aventureiras, fez muito para colocar o manto por cima do País Negro. Seus trabalhos patrióticos, em extensão, despejaram-se como fumaça de nossas chaminés de fábricas; um resultado estranho de uma devoção pessoal pura e desinteressada. Aquele sinal escuro de lucro para o povo imperial era o resultado inevitável do valor e empreendimento dos marinheiros elizabetanos. Aqueles guardiões do Império e seus celebradores, como os vemos agora, foram movidos, na época, por uma influência que agitou até mesmo os poetas; eles foram impelidos por uma lei de crescimento em um mundo em mudança, podemos supor, para o qual sua comunidade teve que responder como se não tivesse mais controle consciente do destino do que as flores anuais do campo. Todos

esses homens juntos deram ao nosso país, deram à civilização que chamamos de ocidental, um poderoso empurrão em direção ao lugar onde nos encontramos agora. A flor gloriosa da civilização, que romanticamente eles predestinaram para nós, desdobra-se vasta e estranha na ponta de uma chaminé de fábrica.

Portanto, muito diferente pode ser a intenção pura do homem da sua questão. Francis Drake⁵⁶, retirado das sombras, imaginaremos, com Hakluyt, para ver qual substância tínhamos dado para os sonhos que eles tiveram de outras terras e outros mares, concordariam com o poeta de seu próprio tempo, que há um Destino que molda nossos fins, não importa as medidas ardentes que tomemos. Hakluyt, enquanto contemplando, como uma sombra, nossos navios motorizados, nosso problema de crédito, nossa contenda sobre o tamanho das armas que devemos usar um contra o outro, e as dificuldades envolvidas, como na Índia, naquele lugar maior para a raça, e a rota para o Leste, poderia recordar sua visita, como um garoto, uma visita evidentemente frutificante, a seu primo, um cavaleiro do Templo do Meio. Foi um acidente trivial, aquela visita de meio feriado, ter tido sua parte casual em moldar o problema da proteção das rotas do comércio britânico sem dar à América uma causa para a guerra. Porque seu primo apenas lhe deu uma primeira lição de geografia. O jovem Richard Hakluyt mentia naquela sala de reuniões do Templo do Meio sobre “certos livros de Cosmografia, com um mapa universal”.

Não há dúvida de que o estudioso de Westminster fora incentivado por seu primo. O assunto da geografia deu, mesmo em um feriado, uma aparência completamente animada; mas o ano daquela lição, devemos lembrar, foi menor do que uma década depois quando o senhor Hugh Willoughby⁵⁷ tentou alcançar Catai e as Molucas pela costa da Sibéria. Do mapa, o cavaleiro do Templo do Meio virou-se para a Bíblia, e dirigiu o garoto para a leitura do Salmo 107. O jovem Hakluyt a fez então em sua própria contribuição em direção à era industrial; e o destino imperial do país estava ao mesmo tempo decidido.

⁵⁶Francis Drake (1540 - 1596); navegante, político e corsário inglês da era elizabetana. Sua obra-prima é **The world encompassed** (Londres - 1628).

⁵⁷Hugh Willoughby (? - 1554); navegante e explorador inglês.

“Que as palavras do profeta, juntas com o discurso do meu primo (coisas de raro e alto deleite para minha jovem natureza) causaram em mim uma impressão tão profunda que eu constantemente decidia se eu sempre fora preferido para a Universidade... eu iria pela assistência de Deus dar continuidade àquele conhecimento e tipo de literatura, as portas que (depois de uma dúvida) estavam tão felizmente abertas diante de mim”.

Disseram-nos que uma civilização deve alcançar seu ápice e depois declinar, como uma flor do campo em sua devida estação. Entretanto, diferente da erva daninha, uma civilização passa através de suas fases previsíveis, para a seca, ainda que não haja nenhuma colheita: apenas a morte; sua mente não é potente para nenhuma primavera vindoura. Os filósofos não explicam qual influência lunar governa sua ascensão rítmica e queda; eles nos falam amplamente somente das forças que levam uma civilização ao seu ápice, do qual ela escorregará até somente as areias infrutíferas mostrarem onde suas famílias costumam se aquecer, e seus padres louvarem seus deuses; há os pioneiros, os primeiros exploradores e profetas; depois o período quando os fazedores de lucro estão seguros de uma continuidade generosa por meio de um favor especial da Providência; porque eles sabem que são mais valiosos do que os de uma linhagem inferior; e seguem adiante, os patriotas e os celebradores, que elogiam a cena familiar, agora transbordante em um sereno outono que é eterno, como eles esperam e acreditam. A segurança do seu próprio valor não manterá em perpetuação o esplendor após o brilho? Não. Vemos agora que nunca houve nem poderá haver um Império em que o Sol nunca se ponha. Todas as civilizações e impérios devem fazer suas curvas predestinadas e fechar seus ciclos.

Entretanto, as teorias, embora pareçam perfeitas, não deveriam nos mergulhar em um tempo fúnebre. Nenhuma teoria pode estar certa de que satisfatoriamente engloba tudo que é conhecido. Não sabemos tudo. Itens estranhos e sem importância são deixados de fora do acerto, lastimavelmente tolerados e não levados em conta. No entanto, nesse momento, faz-se o balanço e o preenchimento de uma fórmula perfeita tão inútil quanto uma rede quando não há nenhum peixe. É à maneira de um mistério que sua base não é

vista mais rápido do que sua queda. A velha noite ainda paira embaixo.

É verdade que o objetivo relativo do mundo pode ser quase tudo que um filósofo deseja dominar, entretanto, ocasionalmente se despedaça em sua subjetividade como um tijolo extrínseco; como se fosse uma interrupção que lhe faz conjecturar que algo deve ter sido atirado nele. Fomos forçados, muito tarde, a desenvolver teorias para explicar essa era de máquinas e a ver presságios de sua condenação iminente. Quando nossas máquinas pararem, nós pararemos. O homem civilizado, parece, passou da fase de exploração imaginativa e dos experimentos; ele criou máquinas para fazer o trabalho para ele, mas sua alma perdeu a ousadia; e ele agora é um cativo subjugado, acorrentado às rodas, um escravo impotente no sistema mecânico que ele criou.

Porém, talvez, a urgência dessa era mecanicista retarde. Talvez algum Doughty possa explorar o seu deserto polido e eficiente, e sua palavra possa começar a enferrujá-lo. Seu impulso titubeará e suas rodas não girarão tão rápido. Embora o homem agora possa voar para explorar os céus, ele pode cessar de querer - de qualquer modo, pela mesma razão que agora o eleva da Terra. Apesar de tudo, é certo que a tempo, o homem verá que as implacáveis manivelas e rodas, pelas quais ele nunca teve mais do que um amor infantil e apaixonante, são apenas os pensamentos de sua juventude. Ele conseguiu essas rodas porque as desejava. Ele as quer agora? Nesse momento, podemos parar para considerarmos essa nova devoção em um templo que é uma fábrica, onde o dínamo é o deus que preside o ritual exato e entorpecente, e os engenheiros são os padres. Isso pareceria natural o suficiente. A teoria da ascensão e queda de uma civilização pode ser capaz de suportar todos os testes conhecidos tão facilmente quanto uma máquina brilhante e perfeita exatamente revolvente; mas suponhamos que mudemos nossa mente sobre isso? A máquina para. A subserviência dos homens ao despotismo das artes de aço aperfeiçoado e as revoluções organizadas das rodas podem cansar. O garoto pode se cansar de sua máquina.

A humanidade não é de matéria automática para adorar qualquer deus para além do período das exatidões mais severas de um deus. Na longa caminhada, os homens e as

mulheres cessaram de fazer o que não lhes proporciona nenhum divertimento. Por cima vai Dagom⁵⁸, que exige mais do que seus adoradores preocupam-se em lhe oferecer. Ele ficará feliz se obtiver mais atenção depois que tiver impelido àquela crise. Seus últimos adoradores estão certos de que descobrirão outro mundo para além de seu templo, porque ele existe; e então a teoria fracassa; tudo tão perfeito; a condenação inevitável de uma civilização. Ela recomeça de novo. Haverá mais aventura e exploração, e em outra direção. A vida, podemos descobrir, tem outras probabilidades e significados. Deve haver templos mais justos para deuses mais graciosos.

⁵⁸Dagom era um antigo deus semítico. No livro de **Juízes** 16: 23, há a seguinte afirmação: “Então os príncipes dos filisteus se ajuntaram para oferecer grande sacrifício a seu deus “Dagom, e para se alegrarem; e diziam: Nosso deus nos entregou nas mãos a Sansão, nosso inimigo”. No panteão dos cananeus, Dagom era o pai de Baal, outro deus pagão.

Figura 9



The ss Holland on the jetty in Porto Velho.

Foto do *S. S. Holland* ancorado no cais-ponte em Porto Velho em 1910

CAPÍTULO III

ENTRE-LUGARES E ENTRE-TEMPOS

Os que descem para o mar em navios, mercando nas grandes águas; esses vêem as obras do Senhor, e as suas maravilhas no profundo.

Salmo 107 - versículos 23-24

Já é hora de se compreender o relato de viagem **O Mar e a Selva** como um todo organizado de narrativas descritivas e reflexões críticas, que adquirem consistência na medida em que o leitor percebe o espelhamento estabelecido pelo narrador/herói entre dois mundos: a Inglaterra e a Amazônia brasileira; ou, se preferirmos, entre a Europa e a América do Sul; ou ainda, entre a civilização por excelência (já que os europeus se representam a si mesmos como tal), e ao tempo que a Amazônia e os amazônidas são para eles a alteridade, o estrangeiro, o selvagem, o exótico, o bárbaro, e assim lhes representam. E, por conseguinte, em **O Mar e a Selva**, esse ato de espelhar-se no Outro pode ser visto por pelo menos três prismas, isto é, no olhar que se lança da Inglaterra sobre além-mares; no do mundo amazônico para o europeu e, de certo ângulo e, também, bastante instigante e instrutivo, de um entre-lugares e um entre-tempos de onde se tecem críticas em relação às ideias imperiais. Porque a viagem proporciona ao viajante uma posição de trânsito entre sua pátria e o mundo do Outro, entre o não-lugar, o não-tempo; ou seja, proporciona-lhe o poder de colocar-se nesses interstícios, que o espelho é um bom exemplo. Aí a função imaginária possui um valor primordial. Como diz Silviano Santiago em sua obra **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**,

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (SANTIANO, 2000, p. 26)..

Como nosso percurso investigativo segue certas questões comuns (conforme expostas no prelúdio deste estudo), seguirmos as reflexões teóricas e políticas de alguns autores pós-colonialistas, críticos literários, historiadores, dentre outros pensadores, torna-se, doravante, relevante para que possamos continuar nossa jornada.

Sabemos que H. M. Tomlinson era leitor assíduo de relatos de viagens, o que nos faz acreditar que ele podia, algumas vezes, usar as lentes de outro viajante para ver o que se apresentava diante de seus olhos. Assim, ao se deparar com a floresta amazônica, no Pará,

A cena era tão luminosa, tranquila e silenciosa, que era tão parecida com uma miragem radiante, ou uma lembrança viva de um sonho emocionante tirado dos livros lidos e relidos novamente, que somente a verdade inquestionável de nosso vapor de ferro, presente com sua fumaça e engrenagem prosaica, me convencia de que o que era exterior a nós realmente estava ali (2010, pp. 194, 196).

Mundo exterior e mundo subjetivo caminham imbricados um no outro. Seu sonho, “retirado de livros lidos e relidos novamente”, que era conhecer os trópicos, embriaga o sujeito viajante; porém, ficar frente a frente com o nativo era uma de suas necessidades principais. E assim ele nos conta, adversativamente:

Mas as mulheres frequentemente eram criaturas muito aparatosas, certamente indolentes em movimentos, mas não apáticas, e construídas em curvas notáveis. Geralmente eram de uma cor mais rica do que a de seus companheiros, e moviam-se como se seu sangue fosse de um temperamento mais forte. Tinham olhos lentos e insolentes. O indígena lhes deu o cabelo preto e a pele morena, o negro lhes deu a estatura, e os portugueses suas características e olhos. Lógico, as damas da sociedade do Pará, ostentando sua ascendência portuguesa, não estão incluídas nesta descrição insultante; e não acho que as vi. A menos que de fato sejam as damas que nos olharam audaciosamente no moderno hotel do Pará, onde almoçamos, a um alto preço, batatas importadas, ervilhas enlatadas e carne que, na Inglaterra, seria vendida para uma fábrica de cola; quero dizer que as mulheres daqueles costumes parisienses estavam se enganando de algo sobre o lado da ênfase, e cuja palidez extraordinária estava levemente esverdeada mesmo nas passagens estreitas das sombras (2010, p. 200).

Tomlinson está diante do ser tão repetidamente imaginado, sonhado e

realimentado: o latino-americano. Porém, "Acostumado com as características de uma raça de sangue puro, como nós ingleses", ele irrompe pelo discurso europeu de superioridade racial. As palavras de Silviano Santiago se confirmam: "a inferioridade é controlada pelas mãos que manipulam a generosidade e o poder, o poder e o preconceito" (SANTIAGO, 2000, p. 15). E uma nova sociedade é engendrada no discurso tomlinsoniano: a sociedade dos mestiços. E de novo Santiago o contrapõe:

a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma (SANTIAGO, 2000, p. 16).

"O elemento híbrido reina", congratula-se Santiago logo em seguida. E, na citação tomlinsoniana acima, tem-se uma aula de miscigenação. Miscigenação e insulto. Lascívia e apologia ao sexo nos trópicos também imbricam-se em seu discurso, pois as damas paraenses possuem "curvas notáveis", apesar de apáticas, "mas não indolentes". Tomlinson joga, à moda de seus predecessores, o véu do imperialismo cultural por cima da Amazônia paraense. Contudo, qual seria nosso papel enquanto latino-americanos, senão desvelar seu discurso de superioridade e falar contra, escrever contra, numa tentativa de negociação e re-negociação discursiva?

De acordo com Homi Bhabha, "a função estratégica predominante do discurso colonial é a criação de um espaço para "povos sujeitos" através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce a vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/desprazer" (2005, p. 111). Por isso, é preciso ler o relato de Tomlinson com todo detenimento possível. Por quê? Citemos mais uma vez Santiago: "Uma leitura fácil dá razão às forças neocolonialistas que insistem no fato de que o país se encontra na situação de colônia pela preguiça de seus habitantes" (SANTIAGO, 2000, p. 26). Tomlinson preocupase em marcar a diferença entre europeu e brasileiro, como fizeram seus predecessores. Os

adjetivos utilizados por ele em sua descrição insultante comprovam essa asserção.

Homi Bhabha nos diz que “a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (2005, p. 21). A Amazônia histórica, econômica e social, desde os seus primórdios coloniais, se fez a partir da mistura de raças. Portugueses, negros e indígenas estão na matriz da formação do indivíduo brasileiro, como a história ainda não cansou de mostrar. É seguindo esse mito da pureza racial que o discurso colonialista se perfila para comprovar e reconfirmar outros mitos. Um deles, por exemplo, é o mito da inferioridade da raça híbrida. Entretanto, como pontua Santiago, a destruição desse mito contribui sistematicamente com a destruição dos conceitos de unidade e pureza inscritos na cultura ocidental.

Quando Tomlinson desembarca em Belém do Pará, a exibição da diferença começa a circular em seu texto. O voyeurismo e o fetichismo, de que nos fala Homi Bhabha, irrompem em seu discurso sobre o corpo do “Outro”. Como afirma o teórico, “o corpo está sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder” (BHABHA, 2005, p. 107). Assim, os epítetos raciais e sexuais figuram como característicos dos modos de diferenciação da alteridade. É exatamente sobre o modo de representação da alteridade que o teórico indo-britânico questiona. Em sua concepção, o discurso colonial é dependente do conceito de “fixidez” na construção ideológica da alteridade. Ela constitui, de fato, um paradoxo: “conota rigidez e ordem imutável, como também desordem, degeneração e repetição demoníaca” (BHABHA, 2005, p. 105). “O estereótipo”, esclarece Bhabha, “é a principal característica do discurso colonial”. O que seria o estereótipo? A seu ver, “o estereótipo é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente reconhecido” (BHABHA, 2005, p. 105). Essa ansiedade de reconhecimento do Outro está em Tomlinson.

Assim, quando de um rápido passeio pelos arredores da cidade de Itacoatiara, às

margens do rio Amazonas, Tomlinson se depara com um grupo de nativos que tomava banho em um igarapé. Eis o trecho.

A trilha conduzia ao barranco do rio. O córrego era estreito, mas cheio e fundo. Algumas mulheres e crianças estavam se banhando embaixo, e olharam para cima com indiferença, quando aparecemos. Algumas estavam desatentas, no capim, tomando banho de sol. Outras estavam penteando seus cabelos longos, caídos sobre corpos morenos cor de mel. As formas das mulheres eram cheias, graciosas e roliças, e elas posavam como se tivessem conscientes de que esse lugar fosse delas (2010, p. 248).

O corpo do Outro está completamente visível e apreensível. Fantasia da origem e da identidade racial articulam-se no discurso do viajante. Adjetivos e substantivos compõem uma pintura idílica do sujeito viajado: cabelos longos caídos sobre corpos cor de mel; mulheres graciosas, roliças, cheias, etc. Porém, o enunciado “olhavam com indiferença” e “posavam como se tivessem conscientes de que esse lugar (a Amazônia) fosse delas” reconduz ao discurso estereotípico da indolência, da preguiça mental e volta a inscrever o Outro no espaço para “povos sujeitos”. “O estereótipo, então”, afirma Bhabha, “como ponto primário de subjetivação no discurso colonial, tanto para o colonizador como para o colonizado, é a cena de uma fantasia e defesa semelhantes - o desejo de uma originalidade que é de novo ameaçada pelas diferenças de cor, raça e cultura” (2005, p. 117). Tachar os nativos como “brigões”, “valentões”; “inconscientes de sua existência”; “corpos empobrecidos, pálidos, frágeis, supersticiosos e apáticos” (TOMLINSON, 2010, p. 248), é a recusa do sujeito colonial que os transforma em um desajustados. De acordo com Bhabha, “no ato da recusa e da fixação, o sujeito colonial é remetido de volta ao narcisismo do imaginário e sua identificação de um ego ideal que é branco e inteiro” (BHABHA, 2005, p. 118). A improvável inconsciência da própria existência, que contribui para a sujeição, o viajante ideal logo se apressa em reafirmar:

Eram tão inconscientes de sua beleza, quanto os animais. Olhavam-nos em volta e acima, e uma parou a mão e seu pente na metade do comprimento de seu cabelo,

e todas nos fitaram atentamente com rostos sem nenhuma expressão, mas um pouco surpresas; então, viraram-se novamente para continuarem seus banhos e suas fofocas. Pareciam tão peculiares com seus membros e corpos morenos e acetinados no recluso e ensolarado bosque, onde a água corria, enquadrados na exuberante ramagem tropical, quanto uma manada de cervos (2010, p. 248).

Belos, mas inconscientes dessa beleza? Enigmáticos, mas inexpressivos? Apáticos, mas surpresos? Como escreve Bhabha, “a pulsão que representa o prazer de “ver”, que tem o olhar como seu objeto de desejo, está relacionada tanto ao mito das origens, a cena primária, quanto à problemática do fetichismo e localiza o objeto vigiado no interior da relação “imaginária” (2005, p. 119). Assim é que, de quando em vez, no relato de Tomlinson, luzes e sombras lançadas pelo olhar se coadunam. A viagem proporciona à ocularidade sua projeção sobre o objeto, pois sempre se vê melhor quando se distancia. A luz, porém, lançada por intermédio de inúmeros adjetivos, afasta as trevas e constroi fissuras que permitem ao viajante e ao leitor encaixar-se em um não-lugar e em um entre-tempos. Parece, assim, que estando em um não-lugar, pode-se erguer, através da imaginação criativa, as sombras da morte e do tempo. A cena prazerosa possibilitada ao viajante pelos banhistas ali na floresta tropical, o reconduz aos dias primevos e o ilumina rumo ao verdadeiro estado de liberdade, que ele tanto anseia e busca em suas andanças pelo mundo. Seus deslizos discursivos em relação aos nativos são armadilhas construídas há muito tempo atrás por todo o aparato discursivo colonial que ainda se mantém em atividade. A Inglaterra, talvez seja preciso lembrar, possuía várias colônias ultramarinas. Na Índia, África, Canadá e Américas, por exemplo, a Inglaterra tinha possessões coloniais. A Guiana, revirada pelos ingleses, tenta se reorganizar e sobreviver em meio aos destroços causados pela Inglaterra à seu vasto território. Georgetown, a capital guianense, assim como Bartica e Lethem, desabrocham como uma enorme ferida na selva guianense. Mas voltemos ao nosso objeto de estudo.

Em **O Mar e a Selva**, dois mundos coexistem paralelamente, mas não simetricamente. A Inglaterra é um mundo industrializado e organizado politicamente, onde a Lei impera majoritariamente. Embora isso não signifique que ali todos os cidadãos participem

igualmente de todos os direitos e privilégios assegurados por lei, como o próprio Tomlinson denuncia em seu relato. E a Amazônia, um lugar “nas costas do mundo”, é justamente o inverso da Europa, porém o viajante não deixa de mostrar os conflitos existentes, já que Tomlinson mostra a Amazônia em uma infeliz condição de subserviência às metrópoles não somente estrangeiras, mas também brasileiras. À moda de Ryduard Kipling e Joseph Conrad, H. M. Tomlinson não vê alternativas para se evitar os danos do imperialismo. Em sua jornada discursiva, em estilo sintático e imagístico muito parecido com a de Conrad, Tomlinson espelha a situação dramática em que vivem não somente os indivíduos das “barrancas lamacentas”, mas também os pobres e infelizes ingleses que se esforçam para garantir seu lugar num mundo industrializado e opressivo. A alusão a Diógenes de Sínope, logo nas primeiras páginas de **O Mar e a Selva** é seu primeiro ferrão ao sistema imperialista inglês.

Convém aqui aproveitarmos o ensejo e afirmarmos que **O coração das trevas**, de Joseph Conrad e **O Mar e a Selva** possuem muitos traços similares. Cenas comuns da ação colonialista são apresentadas em ambos: caldeiras e trens velhos espalhados pela selva estão tanto no primeiro quanto no segundo romance e, ao mesmo tempo, são marcas de um fracassado ideal de progresso. Negros indolentes, mas não loucos, e cativos da modernidade também circulam nesse mundo de trevas. Assim, muitos adjetivos e advérbios, por exemplo, utilizados na construção do Outro, reconstroem estereótipos característicos de um contexto colonialista britânicos. Voltemos ao *mar* e à *selva* tomlinsonianos.

Consideremos dois episódios d'**O Mar e a Selva** com o fito de espelhamento do que estamos argumentando. Ainda nesse mesmo passeio pelas periferias de Itacoatiara, Tomlinson e o médico do navio veem o “homem primitivo em seu lugar nativo”, “como no começo” e ele nos conta que

Nunca tinha visto o homem primitivo em seu lugar nativo até então. Ali estava ele, como no começo, e eu via com um novo respeito, de qual criatura somos derivados. Era, estou contente em dizer, para alegrar a existência dessas pessoas, que eu tinha ofertado moedas em uma igreja em Poplar. Poplar, você deve ter ouvido falar, é uma paróquia na civilização, onde uma comunidade organizada é

capaz de, através de sua herança do melhor de dois mil anos de religião, ciência, comércio e política, auxiliar no fim da vida de seus membros (afiados como eles tão frequentemente são pelas isenções áridas da Providência) com a humanitária Lei dos Pobres. A Lei dos Pobres é a repreensão irônica do homem civilizado a um Criador parcimonioso. É um gesto que arruinará a solenidade do Dia do Julgamento. Somente o homem de longa cultura podia pensar em semelhante insulto ao Todo-Poderoso, que criou esta terra muito pequena para os filhos que Ele continua a enviar, traçando suas nuvens de glória que provam um triste desenvolvimento, e ficam tão sujas na luta para manter a moradia na chegada deles (2010, pp. 248, 250).

Civilização versus não-civilização são vistos em contraponto. Uma longa cultura, “com a herança do melhor de dois mil anos de religião, ciência, comércio e política”, não é capaz, na concepção tomlinsoniana, de prover seus cidadãos menos abastados. E aí a ironia figura como um ferrão aos desmandos do europeu civilizado. A Lei dos Pobres (*Poor Law*) estabelecida pelos governantes ingleses, de fato a Lei foi promulgada pela Rainha Isabel em 1601, é sua “repreensão irônica a um Criador parcimonioso”. Logo, a aposentadoria que recebem os membros dessa comunidade ao final de suas vidas é um insulto ao Todo-Poderoso. E então, uma vez mais a verve sarcástica tomlinsoniana se manifesta, pois somente o homem de longa cultura poderia criar semelhante lei desafiando a Providência divina. É devido a essa lei que muitos homens autopreservam-se de inúmeras experiências aventureiras e engrandecedoras, e vivem uma vida monótona, pequena e sem aventuras. É por isso que, ao deparar-se com a EFMM, Tomlinson afirma que “Aquela ferrovia misteriosa atiçaria a mente de qualquer homem que não tivesse perdido sua curiosidade, e que valorizasse a vida com mais intensidade do que sua chance de velhice (2010, p. 438). Passemos ao contraponto elaborado pelo próprio viajante, a partir da conjunção adversativa. A reflexão é elaborada pelo amigo do viajante, o médico.

Mas esses selvagens da floresta brasileira não sabem nada da piada imortal concebida por seus irmãos mais inteligentes. Eles têm tudo que querem. A experiência não lhes ensinou a inventar semelhante escárnio cósmico como a Lei dos Pobres. Como esses pobres selvagens vivem então, para quem não têm sido dada semelhante luz? Eles arrancam bananas, eu suponho, e as comem

balançando-se em redes. Eles vivem uma existência puramente animal (2010, p. 250).

Mais uma vez uma voz sarcástica ressoa no enunciado. Dessa vez, é o médico quem, em forma de monólogo interior, reflete sobre a situação social desses “selvagens da floresta brasileira”. Entretanto, numa jogada de mestre, o narrador principal, percebendo que poderia ser acusado de preconceito, explicita ao leitor que ele, o viajante ideal, não teria pensado em Poplar, sua comunidade inglesa, se o médico não o tivesse induzido a isso. Assim ele nos diz que “(É realmente descuido do médico. Eu não teria pensado em Poplar, se ele não tivesse se surpreendido em voz alta, sobre como aqueles banhistas debaixo das palmeiras eram governados sem um reformatório)” (2010, p. 238). Como a pergunta está inserida na reflexão de Tomlinson, foi preciso que ele mesmo, enquanto narrador principal, criasse um mecanismo discursivo para esclarecer ao leitor que ele fora conduzido a essa reflexão pelo médico. Nesse sentido é que tanto a pergunta (Como esses pobres selvagens vivem então, para quem não têm sido dada semelhante luz?), quanto a resposta imediata (Eles arrancam bananas, eu suponho, e as comem balançando-se em redes. Eles vivem uma existência puramente animal) passam a ser palavras pronunciadas pelo seu interlocutor, o médico.

Em sendo assim, o parêntese marca essa alternância do diálogo, então. Uma vez mais, a aptidão à palavra e a consciência de que ao escrever se diz muito de si mesmo levam Tomlinson a reverter a provável acusação do leitor à sua postura preconceituosa em relação aos nativos da Amazônia. A seguir, continuamos seguindo os passos de Tomlinson em sua subida dos rios Pará, Amazonas e Madeira, rumo a Porto Velho. Ainda há algumas milhas para serem navegadas e, nesse intercurso, muitas telas serão pintadas pelo viajante britânico. Porém, antes, faremos uma breve digressão.

3.1 NAS FLORESTAS DO PARÁ, AMAZONAS E MADEIRA

Quando viajamos pela Judéia, primeiramente um grande tédio toma o coração; mas, quando, passando de um lugar solitário a outro, o espaço se estende sem limites à nossa frente, lentamente o tédio desaparece, e sentimos um secreto terror que, longe de deprimir a alma, dá-lhe coragem e eleva o nosso gênio nato.

Itinéraire de Paris à Jérusalem, et de Jérusalem à Paris (1810-11) - Chateaubriandd,
(Apud Edward Said, **Orientalismo**)

Como Américo Vespúcio, o “descobridor” da América, H. M. Tomlinson vem de além-mar. Isso nos remete ao encontro de duas figuras emblemáticas da colonização da América: o colonizador e o colonizado. Michel de Certeau, por exemplo, abre o segundo prefácio a seu livro **A Escrita da História**, com um comentário sobre o aspecto mitológico adquirido nas diversas representações do “encontro” histórico e inaugural do europeu com o indígena. Citemos De Certeau.

Américo Vespúcio, o Descobridor, vem do mar. De pé, vestido, encouraçado, cruzado, trazendo as armas européias do sentido e tendo por detrás dele os navios que trarão para o Ocidente os tesouros de um paraíso. Diante dele a *América* índia, mulher estendida, nua, presença não nomeada da diferença, corpo que desperta num estado de vegetações e animais exóticos. Cena inaugural. Após um momento de espanto neste limiar marcado por uma colunata de árvores, o conquistador irá descrever o corpo do outro e nele traçar a sua própria *história*. Fará dele o corpo historiado - o brasão - de seus trabalhos e de seus fantasmas. Isto será a América “Latina” (1982, p. 13).

Como forma de alusão ao “encontro” do viajante ideal com a Amazônia brasileira, figurativizada na capa do livro de Alberto Rangel, **Inferno Verde**, que é manuseado por Tomlinson ao desembarcar em Belém do Pará, esta breve narrativa descritiva de De Certeau deve servir. E agora citemos Tomlinson em sua crítica acirrada contra a mente comercial

que, em sua concepção, é a mais estúpida e cheia de desperdício.

Havia um livro escrito por um brasileiro que eu vi no Pará, publicado recentemente, e chamado “*Green Hell*” (**Inferno Verde**). Em sua capa havia a imagem de uma mulher indígena nua, símbolo da Amazônia; e, de ferimentos em seu corpo, seu sangue estava se exaurindo dentro de umas tigelas que o seringueiro usa enfiadas nas incisões na seringueira. Do que eu ouvi sobre o assunto, e eu ouvi muito, aquela imagem estava pouco exagerada (2010, pp. 326, 238).

É inegável certa correlação entre a *América Índia* e a *Amazônia* figurativizada na seringueira, mulher nua. Ambas estão em completo estado de disponibilidade de seu Outro, o viajante ultramarino. É com o uso e abuso desses corpos que ele construirá suas riquezas ocidentais. As alegorias da América Índia e da Amazônia, mulher indígena, espelham principalmente a exploração econômica que foi submetida toda a América do Sul.

Na época em que Tomlinson visitou a Amazônia, a borracha ainda era o “ouro negro”, porém as primeiras crises econômicas já se agravavam no até então reino da borracha. Todas as conversas eram, então, nos conta Tomlinson, sobre esse produto retirado da floresta à custa de muitas mortes e terríveis sacrifícios. Mas logo toda essa situação mudaria, pois a seringueira já estava sendo cultivada em algumas colônias britânicas, na Malásia, Ceilão, Indonésia, por exemplo - (não esqueçamos que o britânico Henry Wickham havia zarpado dali do porto de Belém do Pará (1876), no vapor *Amazonas*, levando milhares de sementes de seringueiras para os Jardins Botânicos de Kew; e, antes dele, Richard Spruce e Clement Markham haviam levado a cinchona, de onde se extrai o quinino) - e comercializada nos centros metropolitanos. Em breve, Manaus e Belém, as capitais do “ouro negro”, entrariam numa fase de grande crise econômica.

Dessa forma, a Amazônia exauria-se paulatinamente, como a metaforizou o escritor pernambucano Alberto Rangel em seu livro de contos, visto por H. M. Tomlinson numa livraria em Belém do Pará. Em **Inferno Verde**, “Maibi” figura como uma terrificante alegoria da *Amazônia*, mulher indígena sacrificada ao deus capital. Eis um trecho da

história de Maibi:

Uma mulher, completamente despida, estava amarrada á certa seringueira. Não se lhe via bem a face na moldura lustrosa, em jorro negro e denso, dos cabelos fartos.

O Zé Magro acercou-se, tremendo, a examinar a realidade terrível; na crucificada reconheceu a mulher de Sabino e do Sergio.

Atado com uns pedaços de ambécima á madeira da estrada, o corpo acanelado da cabocla adornava bizarramente a planta que lhe servia de estranho pelourinho. Era como uma extravagante orchidea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da arvore fatidica. Sobre os seios turgidos, sobre o ventre arqueado, nas pernas rijas, tinha sido profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, uma duzia de tigelas. Devia o sangue da mulher encher-as e por ellas transbordar, regrando as raizes do poste vivo que sustinha a morta. Nos recipientes o leite estava coalhado - um sernanbi vermelho... (RANGEL, 1927, p. 217-218).

Borracha e capital, desde o encontro de La Condamine com um missionário jesuíta ali em Belém do Pará, tornaram-se personagens centrais dos “avanços” tecnológicos da humanidade. Trapaça, roubo e ganância são tropos característicos de uma humanidade corrupta e avarenta que, em nome da riqueza e do conforto de poucos “enviados das estrelas”, devastam regiões e comunidades coloniais. Afinal, que nome dar-se-ia ao cavalheiro Henry Wickham que, “por volta de 1875, recolheu 70.000 sementes de seringueiras, entre o Madeira e o Tapajós, logo contrabandeadas para Londres, como sendo pacotes de orquídeas”? (LOUREIRO, 1985, p. 21).

É ao britânico Wickham, que o narrador d'**A Selva** se refere quando fala da queda do preço da borracha, no Brasil. Citemos um trecho do romance de Ferreira de Castro, um português que viveu no seringal Paraíso, no rio Madeira e ali trabalhou como seringueiro. Suas descrições paisagísticas em muitos aspectos lembram o relato de H.M. Tomlinson.

Um dia, porém, a *herva brasiliensis*, levada sub-repticiamente por mãos britânicas, desdobrara a sua nacionalidade, entregando também a seiva enriquecedora em terras Ceilão. Ferida pela emigrada, a borracha da Amazónia deixara de ser meio de elásticas fortunas, limitando a perspectiva das ambições. Era prata e não ouro o que se colocava no outro lado da balança (CASTRO, 1991, p. 33).

Sobre esta questão, Antônio Loureiro, em sua obra **A grande crise (1908 - 1916)**, afirma que “O ano de 1876 marcaria a primeira incorporação da Amazônia, sob controle inglês, ao mercado mundial, como principal fornecedora de uma matéria prima de interesse vital para o conforto humano - a borracha” (1985, p. 20). Ainda segundo Loureiro, “Em 1908, sentiu-se, pela primeira vez, a presença efetiva da borracha oriental no mercado, causa de grandes preocupações na capital do Amazonas” (1985, p. 22).

E o fio tessitivo sobre a Amazônia se desenrola sem cessar desde a “cena inaugural”. Ela é vista, comumente, como espaço-chave provedora de “tesouros” para o espetáculo da humanidade: minérios, ervas medicinais, produtos exóticos, fonte de energia hidroelétrica e muito chão para se plantar a semente do Evangelho; espaço aberto à contemplações, medições, conquistas, dominação, etc. Pois, quando na terra das Amazonas, nenhum viajante europeu pôde eximir-se da pintura idílica desse trágico encontro. Todos eles seguem a convocação dos primeiros viajantes e seus celebradores. A Amazônia, mulher indígena submetida aos desejos e à violência do Homem Branco, é discursivamente construída como algo inerte e à disposição de seu senhor. E aí ecoam as palavras de Rudyard Kipling, um dos grandes escritores imperialistas da Inglaterra: “Oh, que bom para o mundo quando os Homens Brancos trilham lado a lado a estrada deles”⁵⁹.

A “Estrada Aberta”, a que se refere Tomlinson logo no início de seu relato, é aí exatamente o “caminho”, a “estrada”, a rota marítima do comércio entre a Inglaterra e suas diversas colônias, se se pensar sobre a questão imperialista. Rudyard Kipling a concebeu e a dispôs em muitos de seus escritos; em **Kim**, por exemplo. Na visão de Edward Said, “o Homem Branco de Kipling, como idéia, personagem, estilo de ser, parece ter servido a muitos britânicos enquanto estavam no estrangeiro. A própria cor da pele deles separava-os dramática e tranquilizadamente do mar de nativos.” (SAID, 1990, p. 232). E esse mar de nativos aparece no relato tomlinsoniano como um grupo de indivíduos indolentes,

⁵⁹Conforme citado por Edward Said em **Orientalismo**, p. 308.

híbridos, brigões, desatentos, dementes, disformes, etc. mas também enganados pela ideia de progresso. Vejamos outra de suas representações do homem dos trópicos paraenses.

Os brasileiros de melhor qualidade, que encontramos enquanto passávamos, estavam vestidos de terno preto, e um deles zombava do equador, com um chapéu de seda e botas amarelas. Tomei nota dessas coisas como o bonde as mostrava. O orgulho evidente e arrogante, também, desses latinos, era uma surpresa para alguém de uma raça mais forte (TOMLINSON, 2010, p. 202).

Modos de vida, comportamentos e características físicas dos nativos são destacados pelo viajante como ressignificação das características evidentemente "superiores" dos britânicos. "Alguém de uma raça mais forte" está assim autorizado a fazer suas insultantes assertivas. Sua própria cor da pele separa-o da população nativa. Ser um "Homem Branco" implica avaliações, descrições pormenorizadas e julgamentos depreciativos contra o nativo. Numa conjuntura histórica e cultural complexa, já que a cidade de Belém era o único porto de ancoragem, de descarregamento e carregamento, principalmente, dos navios ingleses, Tomlinson coloca-se na posição binária "nós" e "eles" para elaborar suas representações. Os britânicos estavam ajudando os nativos na construção de um cais na única entrada para "a maior floresta virgem do mundo". Afinal de contas,

O Pará é a única entrada para o que hoje é a maior região de floresta virgem do mundo. Sempre, no ancoradouro da frente da cidade, há pelo menos uma dúzia de navios europeus, a maior parte ostentando a insígnia vermelha. Uma famosa empresa estrangeira, também britânica, está ocupada construindo um cais ali; e rebocadores e barcos do Tâmis, carregando a bandeira brasileira, como a lei insiste, mas berrando cumprimentos londrinos, quando passam pelo seu navio, ajudam as escunas nativas, com suas velas retangulares não confiáveis, azul e escarlate, a tornarem o ancoradouro vivo e animado (TOMLINSON, 2010, pp. 212, 214).

A constante presença europeia podia ser distinguida à distância devido à ostentação de sua insígnia vermelha: a bandeira britânica tremulando nos mastros de seus navios. A "famosa empresa britânica" também é sinal de que a Inglaterra ajudava aos "necessitados". Entretanto, nem mesmo os rebocadores e barcos do rio Tâmis, tremulando a bandeira

brasileira em seus mastros, devem ser considerados como progresso brasileiro, pois os cumprimentos dos navegantes, ao se cruzarem, são materializados na língua inglesa. De fato, todo esse formigamento de britânicos no Pará (como também em Porto Velho, como veremos no capítulo IV) não apenas torna o "ancoradouro vivo e animado", mas também demonstra tanto a relação assimétrica de saber/poder entre o mundo metropolitano e suas periferias, quanto representa a Amazônia brasileira como um lugar internacionalizado. Já que "As escunas nativas, com suas velas retangulares e azuis, não são "confiáveis", Londres contribui com suas tecnologias modernas "ajudando indígenas e negros a fazer algo [útil] do país deles" (TOMLINSON, 2010, p. 382).

Nada escapa ao olhar tomlinsoniano. Durante seu rápido passeio pelas ruas e subúrbios de Belém, seu olhar perscruta, os demais sentidos se aguçam, a imaginação oscila entre o lá e o cá, e seu julgamento sanciona.

Passamos por alguns atalhos onde crianças morenas e nuas brincavam em frente das casas. Encontramos, por acaso, a catedral, e seguimos em frente para o pequeno cais, onde embarcações nativas estavam atracadas em meio ao lixo; a maré estava distante. Urubus puxavam restos do fundo chato das embarcações. As tripulações, mais indígenas do que qualquer coisa, e homens de corpo melhor do que os indivíduos pálidos na cidade, estavam esparramados nas pedras quentes do cais e em volta dos conveses. Havia uma negra enorme, com as mãos na cintura, um monumento disforme em meio a borrachas escuras espalhadas em cima de uma lona, que falava barulhentemente com uma boca vermelha desossada, com dois indígenas desatenciosos, sentados com as costas num muro. Ela tinha um pé de coelho, emoldurado de prata, dependurado entre os seios. As escunas, enfileiradas em uma arcada, eram providas de velas retangulares, exatamente como as embarcações do Mediterrâneo (2010, pp. 204, 206).

Uma cena típica do discurso colonial nos é apresentada. Crianças nuas e morenas, um pequeno cais, e nele embarcações em meio ao lixo, enquanto urubus arremetem-se para pegar restos em seus fundos achatados; uma tripulação mais indígena do que qualquer coisa, e homens com corpos bem modelados, esparramados nas pedras quentes do cais e nos conveses compõem a pintura do mundo tropical. É um mundo ainda à espera de uma

grande ideia: de religião, civilização, industrialização e, concomitantemente, progresso. É o quadro antitético da Inglaterra. No Pará, Tomlinson está diante do passado e, cada vez mais, ele adentra o “coração da floresta tropical”. As caracterizações dos nativos amazônicos corroboram o mito de superioridade da raça branca como uma verdade ontológica. Como afirma Edward Said ao estudar os discursos sobre o Oriente,

A questão a ser enfatizada é que essa verdade sobre as diferenças características entre as raças, civilizações e línguas era (ou pretendia ser) radical e inerradicável. Ela ia ao fundo das coisas, afirmava que não havia escapatória das origens e dos tipos que estas possibilitavam; estabelecia os limites verdadeiros entre os seres humanos, nos quais se baseavam as raças, nações e civilizações; desviava a visão de realidades comuns, e plurais, como a alegria, o sofrimento, a organização política, forçando, em vez disso, a atenção para baixo e para trás, em direção às imutáveis origens (SAID, 1990, p. 239).

Imbuído de um espírito humanitário, a jornada contemplativa do viajante ideal possibilita-lhe as visões de “progresso” para a Amazônia. “Uma região que podia alimentar, vestir e abrigar a população de um continente”, admira-se Tomlinson ao mesmo tempo que lança seu olhar visionário, porém, “não há manufaturas, nem agricultura, nem indústrias de pesca, e nem serrarias” (TOMLINSON, 2010, p. 326). É assim que, de quando em vez, percebemos, no discurso dos viajantes pela Amazônia, a construção de um espaço vazio aberto não somente a contemplações do Primeiro Mundo, mas a possível conquista, dominação, administração e manutenção desse espaço. Um lugar de riquezas inimagináveis, mas não sendo bem aproveitadas pelos seus moradores. Ao adentrar o rio Madeira, Tomlinson tem outra visão convidativa ao imperialismo.

Ali no Madeira, tive uma visão em vez da terra como uma grande e brilhante esfera. Não havia cercas e limites particulares. Via, pela primeira vez, um horizonte como um arco sugerindo o quão largo é nosso alcance. Aquele ombro exposto do mundo obliterava regiões e constelações no céu. Nossa terra tinha magnitude celestial. Era calorosa, um corpo vivo. A chuva abundante era vital, e a floresta que eu via, mais nobre em estatura e com um aspecto de intensidade para além do que as florestas do Amazonas mostravam, erguia-se como um sinal de vida triunfante (2010, p. 290).

O mundo tropical apresenta-se, ao viajante britânico, como um corpo vivo revigorado alternadamente pelos banhos de chuva e sol. “Uma terra de constante verão com uma fecundidade livre”. Uma “terra boa” onde os seus moradores não pensavam em outra coisa, senão borracha. E “Comecei a pensar que a habitual mente comercial é a mais estúpida, cheia de desperdício, e a mais ignorante de todas as tristes maravilhas no espetáculo da humanidade” (2010, p. 328), registra Tomlinson ironicamente. E assim,

Eles não veem nada nela, absolutamente, a não ser a comodidade detestável que é sua ruína. O Pará é principalmente borracha, e Manaus também. O Amazonas é borracha e a maioria de seus afluentes. O Madeira particularmente é borracha. O sistema inteiro de comunicação, que cobre 34.000 milhas de águas navegáveis, águas nutrindo um húmus que literalmente mistura-se debaixo de seus pés com os movimentos de germes e sementes, aquele sistema fracassaria se não fosse a borracha. Os passageiros nos barcos de rios são seringueiros e as cargas são borrachas. Toda conversa é sobre borracha (2010, p. 326).

São dessas visões entusiasmadas de progresso que se alimentam os muitos projetos desenvolvimentistas aplicados há algum tempo na região. A Amazônia, com sua atmosfera e suas possibilidades econômicas, já havia sido representada por La Condamine, Humboldt, Spruce, Spix, Martius e Bates, dentre outros, como um lugar promissor, rico em matérias-primas e paisagens magníficas e esplendorosas. Mesmo Neville Craig, em sua **Histórica Trágica de uma Expedição**, profetizou sobre a natureza e tomou sobre si o pesado “Fardo do Homem Branco” ao avistar o povoado de Santo Antônio, no Madeira, em 1872:

Para quem suspirasse por uma cabana em pleno sertão, por uma sombra contínua, sem limites, pareceu-nos, aquela noite, que Santo Antônio seria lugar ideal. O constante farfalhar das corredeiras próximas, onde as águas, divididas por uma grande ilha, forçavam passagem por entre fragmentos de algum imenso dique de granito com que a natureza, em tempos lhe procurasse barrar o caminho, o emaranhado de árvores e cipós que em todas as direções interrompiam a visão, a completa ausência de culturas, as duas únicas choças de sapé então visíveis, a umidade atmosférica, o sol escondendo-se por entre nuvens carregadas, escuras - todo esse conjunto nos oprimia o coração e revelava o peso imenso da tarefa que

havíamos tomado sobre os ombros (CRAIG, 1947, p. 131).

Como membro de uma expedição norte-americana essencialmente capitalista no “coração da Amazônia”, Craig romantiza a região, ao mesmo tempo em que enaltece a si mesmo e a seus concidadãos da enorme responsabilidade que lhes havia sido imposta e “tomada sobre os ombros”: a construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Sua descrição paisagística, sentimental e romantizada da região acentua o mito de paraíso tropical e procura esconder a ufania exacerbada de seu país, os Estados Unidos, uma vez que aos estadunidenses coube a primeira obra de grande porte na Amazônia, apesar de sequer haver sido fincado um dormente da referida ferrovia. Mas essa é outra viagem.

A Amazônia apresenta-se, então, como um lugar de oportunidade original. Tudo que os naturalistas haviam registrado sobre os trópicos era devorado por seus ávidos leitores primeiros-mundistas. Aqui e ali na composição tomlinsoniana há vestígios dessas narrações e descrições que pintam a região como um mundo em que se pode “sentir o aroma do dia primevo”. Assim é que, como se pode presumir, a viagem de Tomlinson à Amazônia acontece em dois planos: o real e o imagístico, o mundo geográfico e o mundo onírico ou memorado. É desse limiar, marcado pelo ato de recordações de sonhos ocorridos outrora, impregnado de imagens retiradas de outras composições discursivas, que Tomlinson alimenta incessantemente suas construções textuais e seu espírito e faz uma hermenêutica de si.

Tomlinson não mostra apenas o conteúdo da Amazônia que ele vê, mas *como* ele a vê. Porém, apesar de sua enorme inteligência, absorção intelectual e aptidão discursiva, ele confessa, como já sabemos, que “o Amazonas não é visto, não mais do que é o mar, à primeira vista. O que o olho primeiro capta é, naturalmente, (porque é apenas um olho), nada como equivalente com sua própria imagem do rio (TOMLINSON, 2010, p. 224). Esse olho viajante busca imagens da natureza, mas sempre as liga às suas reminiscências. Em assim sendo, sua leitura preferida durante a viagem era o **Diretório de Navegação do**

Atlântico Sul: "nosso próprio guia, é excelente, especialmente quando se dirige para as terras desabitadas nas distantes latitudes do sul" (2010, p. 100). Esse livro é um guia de viagens marítimas repleto de mapas, coordenadas geográficas, medidas náuticas, etc.

E assim, com a leitura do livro-guia e observando aguçadamente o mapa em grande escala, Tomlinson observa a região vazia, "mágica e inexplorada", da América do Sul. Seu conselho é que, "Quando se está perdido no mapa de um país localizado para além das rotas gastas (...), seu pensamento deveria naturalmente vaguear para a vizinhança de Santo Antônio do rio Madeira" (2010, p. 428).

Assim como Marlow, e por trás dele a figura de Joseph Conrad, confessara há pouco tempo que,

Bem, quando eu era pequeno, tinha paixão por mapas. Eu ficava horas olhando a América do Sul, ou a África, ou a Austrália, e me abandonava às glórias da exploração. Naquela época, havia muitos espaços em branco no mundo, e, quando enxergava um que parecia particularmente convidativo no mapa (mas todos pareciam assim), colocava o dedo ali e dizia, 'Quando crescer, vou para lá' (CONRAD, 2009, p. 13).

Tomlinson também era apaixonado por mapas em grande escala. E ele nos conta que

De todos os livros a bordo do *Capella*, obtive mais dos guias de navegação do capitão e dos seus mapas. Romance, nem pensar! Havia aquele camarote de cartas náuticas debaixo da ponte de comando, através de suas portas abertas de cada lado, ondas cor de creme passando sob o luar e o navio inclinando cada lado alternadamente, e as sombras do cordame deslizando para frente e para trás no convés empalidecido (TOMLINSON, 2010, p. 98).

Uma cena de romance é apresentada ao leitor. Porém, o viajante ideal o adverte que o mapa deixa de fora todas as condições climáticas, que "precipitam-se como espículas congeladas", quando o indivíduo está no empreendimento. Assim é que,

Não se pode saber o que é romance até que se esteja nos mares nunca dantes navegados, onde as marcas serão poucas quando chegar a hora do desembarque; aquele oceano em que o capitão está para encontrar seu próprio caminho pela sua

erudição do mar, e pode mesmo perguntar a sua opinião sobre alternativas; e ali ler diretórios de navegação. O romance desses livros não pode ser traduzido ou citado (2010, p. 98).

De uma superfície plana para uma de relevos, o *mar* e a *selva*, precisa-se de coragem, entusiasmo, paixão genuína pelo empreendimento da viagem. Da luminosidade para as trevas, do mar para a selva e vice-versa, com seus encantos e mistérios, à procura de imagens desse Novo Mundo, Tomlinson transita de quando em vez. O *Capella*, com "as sombras do cordame deslizando para a frente e para trás", e com uma tripulação composta por diversas nacionalidades, singra as águas barrentas dos rios amazônicos. Como Marlow, apaixonado por mapas e por viagens, Tomlinson se dirige para uma região remota, mesmo no mapa. A viagem, sabemos, é marca da supremacia de determinada cultura. A geografia tem seu lugar privilegiado no arquivo cultural. Disso é prova as diversas sociedades geográficas: Sociétés Géographiques de Paris, London Royal Geographic Society, ou a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, por exemplo. De acordo com Said, "a transformação da geografia na "mais cosmopolita de todas as ciências" defendia exatamente essa nova e amplamente difundida predileção ocidental" (1990, p. 221). Em seu estudo sobre o Oriente, Said afirma que "a geografia era essencialmente um dos sustentáculos materiais do conhecimento [do ocidente] sobre o Oriente. O espaço em branco no mapa, ou no caso de Tomlinson, "as fascinantes áreas vazias", mesmo sendo habitadas por nativos, não incomodavam nem àquele nem a este. "A jornada podia ser feita". O simples fato de ser um Homem Branco o credenciava para a aventura gloriosa aos trópicos? Agora sabemos que não. Ele precisava possuir as técnicas da escrita e aptidão às palavras e imaginação criativa. Portador de todas essas competências discursivas, o mapa distendido da América do Sul possibilita-lhe e produz o romance. Edward Said, em **Cultura e imperialismo**, afirma que "o romance, como artefato cultural da sociedade burguesa, e o imperialismo são inconcebíveis separadamente" (SAID, 1995, p. 109). Mas voltemos às vias fluviais amazônicas.

Zarpando de Belém com dois novos práticos, os guias, ou timoneiros, o *Capella* deixa o rio Pará e entra nas águas do Amazonas. A natureza verdejante e, aqui e acolá, alguns povoados compõem longos parágrafos da narrativa tomlinsoniana. O próprio viajante-prosador, porém, é consciente de que eles ocupam mais espaço em seu romance do que realmente ocupam nas terras das Amazonas.

Mas Óbidos, os pôres do sol, as rajadas de chuva e os vaga-lumes, que esvoaçavam em volta do navio escuro, à noite, em miríades, minúsculos brilhos de luz azul e amarela, que queimavam com enigmática inconstância, como se estivessem sendo ligados e desligados, embora me ajudem com esta narrativa, entretanto, a sinceridade me impele a contar-lhe que eles ocupam mais espaço neste livro do que nas terras do Amazonas. Eram acidentais e pequenos para nós, dominados pela presença assustadora da floresta (TOMLINSON, 2010, p. 232).

Dominados pela presença austera da selva, “um enigma insistente que persiste na mente”, silenciosa e vigilante, e pelo surgimento espaçoso das cidades amazônicas, Belém, Santarém, Óbidos, Itacoatiara, Borba, Humaitá, etc., que figuram como frutinhas presas aos galhos frondosos da grande árvore, que é o rio Amazonas, os viajantes parecem mergulhados em um mundo à parte. “Chegar”, então, “a um povoado na Amazônia é como terra à vista no mar”.

E ali finalmente estava Itacoatiara, ou Serpa. De um dos infrequentes, baixos e ferruginosos penhascos deste rio, a selva tinha sido derrubada, e naquela pequena extensão de alturas modestas e onduladas, que deslocava as faixas de terras verdes com suaves brilhos de rochedo rosa, cereja e laranja, a vista escapava para uma desordem de casas arborizadas, como um desarranjo de pequenos cubos brancos; Serpa era, em aparência, metade de uma cesta cheia de tijolos brancos atirados em um pórtico da floresta (TOMLINSON, 2010, p. 238).

Grande parte da narrativa tomlinsoniana se ocupa de descrições da Natureza construídas via metáforas. O objetivo básico de toda sua construção é a representação do mundo por ele observado e apreendido. Conduzido pelas ideias transmitidas pelos discursos de sistematização da natureza, Tomlinson constroi detalhadamente uma Amazônia-em-si-

para-ele. É ele quem a ordena e a compõe. Assim é que a cidade de Itacoatiara parece "uma cesta cheia de tijolos brancos atirados em um pórtico da floresta". Ali tudo o convida à contemplação e ao romantismo. Quando em Itacoatiara, sua estadia de nove dias foi suficiente para que apreendesse não apenas as imagens locais, como também um pouco da história da colonização, um valioso dado histórico. E o viajante britânico nos conta que

Serpa é pequena, mas um lugar em crescimento. Era uma colonização dos índios Abacaxis do Madeira, em 1759, e era chamada de Itacoatiara. Quando eu estive ali, estava renovando sua antiga importância, porque o empreendimento da ferrovia Madeira-Mamoré tinha construído um depósito um pouco a oeste do povoado. O médico e eu gastamos dias memoráveis em suas redondezas, com caça às borboletas e passeios. Embora os mosquitos anofelinos e culex sejam tão comuns quanto em qualquer lugar do Brasil, - as chatas, que vinham do lado com nossa carga, conduziam nuvens deles, e tomavam posse de cada recanto escuro do *Capella* - é notável que Serpa tenha a reputação de um local salubre no Amazonas (2010, p. 258).

Surpreso com a salubridade do povoado de Itacoatiara, pois não era o que os viajantes que o antecederam haviam dito, Tomlinson dialoga com o seu leitor fictício, temendo que este não compreenda suas representações. E então, à moda de Thoreau, ele o convida para que juntos e, em um futuro feliz, construam suas choupanas e morem no barranco do Amazonas, distante do barulho do tráfego e da multidão de apressados das metrópoles ocidentais.

Nesse momento você estará se perguntando como é Itacoatiara, aquela comunidade conformadamente perdida na floresta secreta. Tenho medo de que você não saberá, a menos que, no futuro feliz, você e eu selecionemos alguns amigos, alguns livros e construamos algumas casas de folhas de palmeiras para nos protegermos de todos os problemas realmente urgentes e importantes, que não importunem uma cintilação das estrelas eternas, e envelheçamos distantes e seguros, até que chegue a hora em que os moradores da vila nos coloquem para fora e nos esqueçam; lembrando-se de nós novamente, quando o anual Dia de Finados ocorrer como de costume. Eles deixarão algumas velas confortáveis sobre nós nessa noite (2010, p. 260).

A consciência latente tomlinsoniana de que o tempo não é eterno para os mortais confirma a competência de um bom narrador para, não somente instruir o leitor, mas,

principalmente, conscientizá-lo de seu próprio tempo, do fluxo ininterrupto do tempo e da morte. Essa senhora dos mortais parece cercar o viajante. Mais adiante, demonstraremos essa figura em seu relato com o fito de compreensão de sua ascensão em direção do sublime retórico e natural. Por enquanto, continuemos com as ideias tomlinsonianas a respeito do "viver segundo a natureza", não nos esqueçamos, pois, de sua veia estoica. E o viajante continua sua representação onírica da Amazônia.

Ali, a terra é um corpo quente e agradável. As trilhas preguiçosas são frescas com arvoredos; e nas horas em que o sol está a pino, quando apenas algumas borboletas estão em volta, e os grilos estão chiando na calmaria, você se balança em uma rede debaixo de uma palhoça - o ar passando por uma árvore florida - e você fofoca e toma café. Para além da trilha do povoado há - ninguém sabe o quê; nem mesmo a Sociedade Real de Geografia. Alguém ouviu falar sobre um lago grande e misterioso, a um dia de viagem por terra. Ninguém se importou. Um senhor idoso, uma vez, quando estava caçando, viu o espelho do lago através das passagens da floresta, e ouviu a multidão de seus pássaros (2010, p. 260).

Há nesta representação, rememoração e devaneio jorrando como lavas de um vulcão em erupção. Narrar, afinal, também é recordar. O narrador se distancia enquanto narra. Uma paisagem idílica nos é apresentada porque o viajante imagina-se vivendo ali numa espécie de exílio. No entanto, como ele mesmo afirma mais adiante, ao suspeitar que o clarão que eles viam do navio era a cachoeira de Santo Antônio, - "era muito mais agradável suspeitar do que ir e comprovar, e muito mais fácil" (2010, p. 430), e muito mais seguro. Pois, para se viajar por terras distantes dos recursos proporcionados pelas cidades, é preciso não apenas poder aquisitivo, mapas e instrumentos de medições e observações, mas, coragem para expor-se aos sacrifícios próprios de uma grande jornada. Observemos, mas sem pressa, outra pintura verbal tomlinsoniana:

Aquela manhã não era nenhuma indução ao esforço; mas quando um indígena remou em sua canoa, ao lado do nosso navio ancorado, o médico e o comissário embarcaram e se foram. A terra quente seria uma mudança do ferro quente. Além disso, eu estava curioso pelo meu primeiro passeio na floresta equatorial. Nosso navio estava ancorado abaixo da cidade, em um campo

pequeno, ou clareira. O nativo remava em sua canoa perto da margem de plantas flutuantes, que tinham folhas arredondadas e hastes infladas, como salva-vidas. Olhei para elas e, realmente, para a mínina coisa tão afiadamente, como se estivéssemos indo, naquele momento, desembarcar na lua. Nada deveria me escapar, a cor da lama, a água morna em minha mão, o canoeiro cor de bronze em sua velha calça de algodão, rasgada exatamente onde deveria ter tido escrúpulo, e as ervas daninhas e mato. Eu drenaria meus trópicos até a última gota preciosa. Eu mesmo estava vendo o que tinha pensado que outros sortudos viram. Era como nascer em um mundo com um entendimento adulto. Subimos em um barranco íngreme de barro vermelho, rachado pelo calor, e tão duro quanto uma parede de tijolos (2010, p. 240).

Esta longa descrição serve como demonstração de que sem o nativo, os viajantes pouco poderiam experienciar. A distância navegada do *Capella* às barrancas itacoatiarenses assemelha-se a uma viagem à Lua que, àquela época, ainda não havia sido realizada. A estranheza diante de tudo o excita à drenagem de todos os odores, formas, substâncias e cores. Autocongratulação e autoperfeição tornam-se sinônimos, pois estar ali era “nascer em um mundo com um entendimento adulto”. O mundo amazônico, repleto de seres e coisas desconhecidas, mas ao mesmo tempo familiares, é um prêmio, depois de uma longa e árdua jornada. Afinal, “eu mesmo estava vendo o que tinha pensado que outros sortudos viram”. Aqui não é preciso afirmar que Tomlinson se refere aos naturalistas que o precederam na viagem à Amazônia, entre eles, Humboldt, Bates, Wallace e Spruce.

Em Tomlinson a especificidade da natureza amazônica e suas forças ocultas combinam-se com a estética do sublime. Em seu passeio pela floresta, o medo, como uma fonte do sublime natural, o aflige novamente. No trecho a seguir, note-se o entrelaçamento entre a Natureza e a estética do sublime proporcionado pela harmoniosa orquestração linguística.

Aproximamo-nos da paliçada a oeste, porque uma trilha passava pelo brejo naquele caminho cheio de mato, e entramos na selva. O sol desapareceu quase imediatamente. Era um porão frio debaixo das árvores. Não tínhamos a menor ideia de onde a trilha nos levaria. Não importava. Sem dúvida seria para o lugar desejado. O médico caminhava na frente e eu apenas podia ver seu capacete; o caminho era muito estreito e incerto. Perdi o capacete de vista, porque tudo era estranho naquela solidão pouco iluminada. Ninguém podia manter um

olho em um chapéu branco na primeira caminhada equatorial de alguém, e somente quando o silêncio estava pesado o suficiente para ser um peso, eu deixava de observar uma folha enigmática, ou algumas formigas ocupadas, para me encontrar sozinho. Havia um pressentimento de que você estava sendo observado, mas não havia nenhum olho, quando se dava uma olhada em volta rapidamente (2010, p. 242).

A selva transforma-se em um mar de ondas verdes. Os dois aventureiros mergulham rumo ao desconhecido, mas, “sem dúvida para o lugar desejado”. A curiosidade os impulsiona adiante. Tudo é significativo para olhos inquiridores. É preciso experienciar para conhecer; descrever minuciosamente para adquirir consideração, respeito e admiração junto a seus leitores. O viajante ideal deve vencer seus medos em nome do leitor. Na citação acima, a própria linguagem parece não dar conta da descrição da sensação de perigo sentida pelo viajante. E aí ele recorre ao mundo dos sonhos e dialoga com seu interlocutor. “Lembra-se daquele sonho que, algumas vezes, sonhávamos quando éramos crianças?” E põe-se, então, a descrever o sonho.

Havia, eu lembro, corredores vazios prolongando-se nas sombras de uma casa desconhecida, onde nenhum sinal mostrava o que estava ali. Seguíamos adiante, e nenhuma palavra que pudéssemos pensar quando acordávamos podia descrever o que sentimos quando olhamos para dentro daquelas passagens silenciosas da casa desconhecida; porque sabíamos que alguma coisa estava ali; mas não tinha nenhum significado com o que a coisa pareceria, quando descrita. Essa é sua sensação numa primeira caminhada em uma floresta brasileira. (2010, p. 242).

O sonho acordado do viajante acontece em sua relação de dependência com as imagens visuais. Para descrever com maior vivacidade sua primeira caminhada numa floresta brasileira, ele a descreve a partir de suas lembranças oníricas. Ele vive a cena enquanto mergulha em sua memória, em seu íntimo. Como que colocando numa balança, realidade e sonho, ele transmite com maior dinamismo as imagens idílicas da selva. Seu relato, então, transmite certa sensação de intimidade para o leitor.

A presciência é outra característica do relato de Tomlinson. Como um viajante ideal, ele deve transitar pelos entre-tempos e entre-lugares. A chave para isso é sua capacidade de

lembrar. O mundo onírico serve como comparação para suas pinturas estéticas do mundo das Amazonas. Assim, quando na selva, a sensação de todos os viajantes é que algo grandioso e faminto os observa incessantemente. “Eu mesmo”, nos confabula Tomlinson ao escapar da Amazônia, “sempre tinha sentido que lá tínhamos sido observados e seguidos por algo invisível; que algo estava lá, olhando-nos, esperando sua hora, sabendo bem que podia nos pegar antes que escapássemos” (2010, p. 536). A epígrafe com que abrimos esta seção de nosso estudo ecoa na composição tomlinsoniana. De “Um secreto terror que, longe de deprimir a alma, dá-lhe coragem e eleva o nosso gênio nato”, como afirma Chateaubriand em suas peregrinações pela Judeia, também participa H. M. Tomlinson. Porém, já sabemos que, como um viajante ideal, ele prefere correr riscos a viver sedentariamente. Até o ano de sua morte, pode-se afirmar, fevereiro de 1958, pouco ele ficou em casa. O mundo de além-mar era seu lar. Sua paixão por navios e viagens marítimas o dominou e o impulsionou em sua jornada geográfica, histórica, crítica e subjetiva.

Das florestas tropicais do Pará, Amazonas e Madeira, Tomlinson obteve muitas imagens que lhe proporcionaram elementos para sua composição discursiva não somente esparramadas em **O Mar e a Selva**, como também em tantas outras histórias e capítulos de suas obras. “A lost wood”, por exemplo, incluso em seu livro **Out of Sounding**, é um bom exemplo de seu imenso acervo de imagens obtidas por meio de suas andanças pelas “selvas do mundo”. Com isso também H. M. Tomlinson participa do sublime natural. Em verdade, em seu relato, a Amazônia tem mais valor de culto do que de exposição, haja vista que as muitas construções iconográficas a transformam numa obra de arte, que produz efeitos “mágicos” nos leitores e os libera de uma viagem à Amazônia, como diz Evan Connel no prefácio da edição traduzida aqui.

A seguir continuamos nas pegadas do viajante londrino em suas configurações simbólicas dos nativos, gnomos das margens dos rios, à espera de cegonhas, os jaburus, para carregá-los para um outro mundo. Isso ocorre porque o viajante usa Imaginação e

metáforas na construção de seu discurso sobre o nativo e seu território.

3.2 NATIVOS, GNOMOS E JABURUS

O maravilhoso se propõe como expressão de um critério de diferenciação cultural entre os valores de referência propícios a instaurar uma comunicação entre o autor, seu público e as prerrogativas de um mundo disforme.

O maravilhoso como Critério de Diferenciação entre Sistemas Culturais - Giulia Lanciani.

Gilbert Duran, em seu livro aqui já citado, **As estruturas antropológicas do imaginário**, refere-se à imaginação como poder metafísico capaz de erguer suas obras, isto é, as suas criações e recriações imaginárias contra a podridão da Morte e do Destino. Segundo o autor,

Todos aqueles que se debruçaram de maneira antropológica, quer dizer, simultaneamente com humildade científica e largueza de horizonte poético, sobre o domínio do imaginário estão de acordo em reconhecer à imaginação, em todas as suas manifestações (religiosas e míticas, literárias e estéticas), esse poder realmente metafísico de erguer as suas obras contra a podridão da Morte e do Destino (DURAN, 2002, p. 405).

Partindo desta assertiva de Duran, podemos afirmar que a principal fonte utilizada para a produção discursiva de Tomlinson é a imaginação. É em deleite que ele viaja pelo mundo. Sua fé inabalável em *Laus Deo* o impulsionava adiante. “Enérgico e sem me desviar daquela estrela no leste de minha mente” (2010, p. 506) é que Tomlinson viaja. Apesar do não encorajamento por parte dos nativos e de suas histórias, seu sonho deveria ser realizado: estar na selva e morar temporariamente com os bárbaros. Como ele mesmo acredita, “O viajante que esteve na selva e morou com os bárbaros, embora não permita que seus pensamentos olhem para trás, no entanto, conhece alguma coisa daquela impaciência das coisas

estúpidas que sente, quando ele se vira ao redor” (TOMLINSON, 2010, p. 550). Os troféus que ele oferece ao filho, o Garoto mencionado no final do relato, e aos demais amigos que o aguardam na estação de Paddington, quando de seu retorno dos trópicos, - “as penas brilhantes de tucano, o feixe de flechas, as latas de biscoitos cheias de borboletas - elas excitariam o Garoto - e os bárbaros ornamentos indígenas para a senhorita Muffet e a encracolada Nob” (2010, p. 552) - são provas de que ele esteve na selva e que realmente viveu entre os “selvagens”.

Seguindo sua imaginação, Tomlinson vê os homens, mulheres e crianças nativos como seres tristes, “mas bondosos, apesar da não demonstração”. De qualquer porto, vilarejo, aldeia e comunidade amazônica, os nativos observam com olhares tristes e rostos sérios. “Aqueles crianças morenas no porto nunca nos encorajavam”, afirma Tomlinson.

Elas nos observavam, sérias e tristes. Ao lado de suas cabanas primitivas havia algumas seringueiras, que as reconhecíamos devido os cortes. Depois, de tarde, chegamos a uma grande caverna na base da floresta, um lugar ensombrado onde, finalmente, vimos um grupo de pessoas. Um número de pequenas cruces de madeira surgiu lentamente acima do solo, no vale (2010, p. 220).

Vivendo em mundo para além das metrópoles, Tomlinson concebe os nativos vivendo em um mundo condenado a se despedaçar a qualquer instante. A marcha civilizacional do Homem Branco os condena ao extermínio. As cruces tanto marcam e comprovam a existência de “povos primitivos” na Amazônia, quanto o sucesso da cruzada religiosa cristã e, ao mesmo tempo, encham de pavor o coração do viajante em sua nobre jornada. Nas suas andanças pelos arredores de Itacoatiara (Serpa), ele vê um grupo de crianças morenas e reforça seus semblantes tristes, pintados anteriormente.

Na clareira estavam as cabanas de uma aldeia indígena. Somente as cumeeiras podiam ser vistas através de algumas plantações de bananas. Ao redor da clareira, de um lado que era cortado por um igarapé, estava a presença verde e obscura. Algumas *crianças cor de chocolate*, tão sérias quanto *gnomos*, nos observavam, quando surgimos no clarão do dia; elas abriram seus olhos grandes e sumiram em um caminho em meio ao bananal (2010, p. 246 - *itálicos nossos*).

O termo gnomo, segundo o dicionário Aurélio, talvez seja preciso explicitar, é a "Designação comum a certos espíritos, feios e de baixa estatura que, segundo os cabalistas, habitam o interior da Terra e têm sob sua guarda minas e tesouros". A descida do norte do globo, da Inglaterra, para o sul, a Amazônia, representa, em Tomlinson, a viagem para as "costas do mundo". Ali, "eu sentia que estávamos perdidos *nas costas do mundo*, que tínhamos atravessado os *limites para além*, onde as vozes do tráfego nunca chegam, e estávamos perambulando ociosamente nos *confins do esquecimento* (2010, p. 470 - itálicos nossos). De acordo com Giulia Lanciani, em seu artigo "O maravilhoso como critério de diferenciação entre sistemas culturais", incluso na **Revista Brasileira de História**, v. 11, nº 21,

como outros elementos da cultura, também o maravilhoso faz parte de nosso patrimônio hereditário, e mesmo que cada sociedade crie um maravilhoso específico, este se alimenta sempre de um maravilhoso anterior, com o qual não pode evitar o confronto (LANCIANI, 1990, p. 21).

Assim é que fantasia e realidade se misturam em **O Mar e a Selva**. Como um relato de viagem que participa do fantástico, não pode deixar de realimentar o imaginário dos leitores primeiros-mundistas. Como os mapas em grande escala da sala de cartas náuticas do *Capella*, seu relato pode "libertar a mente do corpo" e embriagar o espírito de um leitor britânico acostumado a ter seu imaginário repleto de imagens do longínquo, de lugares exóticos; muitas vezes, essas imagens são exageradas ou romantizadas. Tomlinson, nesse sentido, não deixou de prover seus leitores de tais imagens fabulísticas. É assim que se pode visualizar uma geografia mítica tracejada em sua composição, pois "Havia muita coisa, onde quer que fôssemos, para manter-me no lado mágico do tempo, e fora das suas sombras" (TOMLINSON, 2010, p. 262).

E assim, tempo e magia também tremulam no horizonte tomlinsoniano. O tempo é mágico, não somente porque o viajante tinha a sensação de ter passado do "fim do mundo", mas porque o EU viajante se utiliza de uma Imaginação criativa e vigorosa na

construção de seu relato. A cada lugarejo alcançado e logo deixado para trás, tem-se uma pintura do cenário. Observemos com detenimento a cena onírica abaixo.

Em outro lugar, o abrigo de uma família indígena ficava no topo do barranco, reservado dentro da base das árvores. Uma fila de crianças de cor chocolate estava parada fora de seus ninhos, com quatro cegonhas-jaburus entre elas. Cada pássaro, muito mais alto do que as crianças, estava descansando meditativamente sobre uma perna, como que esperando a ordem para pegar uma criança e entregá-la em algum lugar. Nenhuma delas, cegonha ou criança, prestou a mínima atenção em nós. Talvez o tempo não tivesse ainda vindo a elas para que estivessem conscientes das coisas banais. Certamente eu mesmo tive uma sensação, tão estranho era o lugar, e calmo e tranquilo o dia, que tínhamos passado do fim do mundo, e que o que víamos para além de nosso navio era a matéria colorida dos sonhos que, se um vento soprasse, encobriria e iluminaria; desapareceria, e deixaria um vazio brilhante. O pôr do sol acentuava esta apreensão. Surgia um céu maravilhoso de cor laranja e púrpura. Estava por cima de nós e desceu e ficou por baixo do navio. Movíamos-nos com nuvens brilhantes embaixo de nossa quilha. Não havia rio; a floresta rodeava o interior radiante de uma esfera esburacada (TOMLINSON, 2010, pp. 310, 312).

Pode-se entrever que a pintura verbal cria um mundo em um entre-tempo e num entre-lugar. As crianças, os *babies*, ainda estão aguardando para serem levadas pelas cegonhas para entregá-las em outro lugar, isto é, no mundo "real". O narrador utiliza-se das lendas populares em torno da cegonha, segundo uma das quais, os recém-nascidos são trazidos por elas, para justificar sua própria construção textual-imagística. A aglutinação dos termos *jabiru-stork* (jaburu-cegonha) o ajuda na comprovação de sua assertiva. Jaburu é designação comum às aves de grande porte que habitam as regiões de rios ou lagos amazônicos; da qual o tuiuiu, no pantanal matogrossense, é uma variante da espécie. Cegonha advém do reino animal europeu, assim como a lenda a que nos referimos acima.

"A viagem", na concepção de Lanciani, "se delineia como conquista do espaço da alteridade, como recuperação de *marabilia* perdidas" (1990, p. 22). Ainda em torno a este tema, segundo esta mesma autora, "articula-se uma sucessão de representações fantásticas, que terminarão por sugerir serem elementos característicos tanto de lugares quiméricos como regiões desconhecidas" (LANCIANI, 1990, p. 22). Por conseguinte, na

viagem fluvial de Tomlinson rumo a Porto Velho, a imaginação, alimentada por diversos motivos maravilhosos herdados da tradição europeia, impera. É a fórmula utilizada pelo narrador para descrever um mundo real, mas dessemelhante, porque mítico. Todavia, real e irreal cruzam-se para dar uma sequência lógica à narrativa. Como esclarece ainda Lanciani,

A pouco e pouco, conforme ao cenário de uma geografia fantástica substitui-se o de uma geografia familiar, o imaginário mítico vê-se destituído de um *realismo* que atenua e progressivamente rechaça o símbolo da hipérbole maravilhosa para lugares mais remotos e inacessíveis, onde ele possa continuar a manifestar-se (1990, p. 23).

Se à moda de Jasão em busca do Velocino de Ouro Tomlinson viaja (o próprio viajante encontra uma fruta dourada, em um de seus passeios na selva) a pintura de alguns locais edênicos/amazônicos retoma o mito moderno do Eldorado. Um céu maravilhoso é sempre a cobertura de um quadro romântico, capaz de preencher o espírito de calma e tranquilidade. Impregnado de leituras de viajantes de outrora, Tomlinson não hesita em transferir-se para esses lugares "novamente encontrados". É a *anticonquista* do viajante de que nos fala Mary Louise Pratt. Ao utilizar o termo, a crítica canadense refere-se "às estratégias de representações por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia européia" (PRATT, 1999, p. 32).

O "observador", o viajante britânico, navega pelos fios tessitivos do horizonte europeu de discurso, como, provavelmente, não poderia deixar de ser. Passivamente então é que ele tudo vê e tudo possui. A floresta amazônica Tomlinson já conhecia, como ele mesmo afirma, o que ele precisava era tão somente comprová-la, averiguá-la, drená-la. Pois, "Conheço aquelas florestas. Quero dizer que frequentemente naveguei seus canais obscuros, viajando pelas regiões de selva em um mapa, calçado em meus chinelos, à noite" (TOMLINSON, 2010, p. 186). Uma vez que a Amazônia brasileira já fazia parte do imaginário europeu, ao viajante cabe apenas a re-apresentação de tudo o que havia sido

produzido pela sua imaginação e pela de seus antecessores.

Quando diante do "homem primitivo", a retomada desse imaginário fabulístico torna-se necessária. No passeio pelos arredores de Itacoatiara (Serpa), Tomlinson entra em uma choupana dos caboclos, ou como ele completamente se equivocou ao denominá-los de "literalmente, cor de cobre" (TOMLINSON, 2010, p. 238). Observemos a cena.

Uma garota crescida, inocente da cabeça aos pés, nos viu entrar e gritou para sua mãe, que levantou-se da rede, ajeitou o vestido sobre a perna, sorriu seriamente para nós e correu, desaparecendo atrás da parede de palhas com a criança, reaparecendo, depois, com a garota agradavelmente vestida. Outras crianças apareceram e logo adquiriram confiança para nos examinar bem de perto e criticamente; sérios pequenos mortais, com olhos que falavam a única língua que eu compreendia ali. Os homens e as mulheres, que se juntaram, ficaram atrás das crianças, sorrindo triste e bondosamente. Eles eram gentis, não demonstrando esse sentimento, e observadores, com características do tipo indígena convencional. Os homens eram fortes e ágeis, de altura mediana, usando apenas bermudas amarradas com uma envira abaixo dos peitos cor de bronze. As mulheres eram mais cheias, com características mais pesadas, porém, mais alegres; e cada uma estava vestida em uma vestimenta de algodão simples, aberta em cima, revelando seus seios (2010, p. 252).

Assim como outros viajantes, dentre eles Colombo e Cabral, Tomlinson aponta para a impossibilidade de comunicação verbal entre o viajante e o nativo, claro. A informação que nos é apresentada deriva, portanto, menos da vivência, do que da ordenação da visão: gestos, nudez, estatura, vestimentas, olhares, conduta dos nativos, etc. A comunicação dos viajantes com os amazônidas, então, é sempre um simulacro. Como pontua Guillermo Guicci, no texto "A visão inaugural do Brasil: a Terra de Vera Cruz" (1990, p. 47), "Este sistema de comunicação apresenta uma série de características peculiares. Desenvolve-se geralmente, mediado pela custódia de uma zona neutra que preserva as identidades e evita as animosidades". O nativo é apresentado em completa disponibilidade para as inquirições do viajante. As mulheres indígenas, com seus seios à mostra, marcam o estado de inocência em que ainda viviam e, ao mesmo tempo, alimentam o imaginário reprimido de lascívia sexual dos europeus.

Uma relação de troca, mas também de vigilância contra possíveis invasores, ocorre entre o viajante e os nativos. E Tomlinson nos conta que

Quando o navio estava parado, uma canoa com dois indígenas aproximou-se do lado, com uma cesta de goiabas. Eles eram indivíduos acanhados, e cada um carregava um facão brilhante na mão, porque não pareciam muito seguros de nossa companhia (2010, p. 312).

Percebe-se aí uma política de identificação em que o nativo é ao mesmo tempo acanhado, mas propenso à violência. "Não pareciam muito seguros", por isso "cada um carregava um facão brilhante na mão" indica uma relação política conflituosa entre o viajante e o viajado. Porém, como sugere Homi Bhabha, "cada posição é sempre um processo de tradução e transferência de sentido", "porque não há comunidade ou massa de pessoas cuja historicidade inerente radical, emita os sinais corretos" (BHABHA, 2005, p. 53).

Ainda seguindo o olhar do estrangeiro sobre o nativo, percebemos que, ao entrar no rio Madeira, o viajante prosador faz várias digressões com o fito de informar ao leitor algumas características do povo brasileiro. Segundo o viajante, "sabe-se que, quando se retorna de um país distante, as pessoas lhe perguntam questões sem respostas sobre seu povo, e especialmente sobre suas mulheres" (2010, p. 294). E o tão alimentado "fetiche" de que falam Frantz Fanon e Homi Bhabha em seus escritos pós-colonialistas surge no relato. E Tomlinson elabora algumas descrições e comentários acerca do caráter do brasileiro. De acordo com ele,

havia o belo oficial da Alfândega brasileira - alto, augusto, com soberbos olhos escuros e lento com o pensamento; as ondas de seu romântico cabelo preto levemente delineadas de prata - que podia ter sido um poeta, ou um revolucionário filosófico, mas que foi o homem, como o primeiro-oficial nos disse (depois que tínhamos procurado por todo canto pelos objetos) que "pegou seus binóculos e meu cachimbo de argila" (2010, p. 296).

A negação é a tônica dessa descrição narrativa. As características físicas do oficial da Alfândega brasileira - belo, augusto, alto, olhos escuros - em nada contribuem para uma assertiva positiva por parte do observador, posto que "lento com o pensamento". O nativo, na opinião do viajante, podia ter sido um poeta, ou um revolucionário filosófico, no entanto, era um ladrão. E as investidas contra os nativos seguem adiante. Demonstraremos mais uma tela, produto de nosso pintor verbal. Nessa representação, o nativo, um dos dois pilotos que foram contratados em Itacoatiara, apesar de guiar, juntamente com seu assistente e aprendiz, o navio até Porto Velho, é descrito de forma um tanto quanto pejorativa. Nada nele lhe é autêntico. Citemos a passagem.

Esse homenzinho rechonchudo, o piloto, com sua pele de oliva falsa, com um bigodinho de seda preta, e olhos insolentes, parecia maduro em sua idade mediana, embora na verdade tivesse apenas trinta anos. Ele usava um terno azul de algodão, engomado descuidadosamente, e sua túnica ajustada com colchetes e botões até a garganta. Suas botas eram coloridas, da cor de enxofre, e parisienses. Um anel de ouro maciço, que tinha um diamante negro quase do tamanho da tampa de uma garrafa de cerveja, estava enfiado num dedo gordo de sua mão direita. Na frente de seu boné, ele tinha costurado o emblema de nossa companhia, e estava curiosamente orgulhoso daquele símbolo ostentoso. Ele usaria o boné por cima de uma orelha, e caminharia para cima e para baixo em exibição, com um sorriso soberbo, e uma suposta postura pertencida por direito a um oficial britânico em um grande momento. Tinha uma grande admiração por tudo que fosse britânico, exceto de nossa comida. Se se estivesse de pé ao nascer do sol, podia-se vê-lo em sua oblução, e o espetáculo era válido de esforço. Seu conjunto de objetos me lembrava as prateleiras de uma barbearia. Oleoso e perfumado, tomava seu assento para o café da manhã com muita e solene polidez. Ele agitava a nossa companhia do salão em um sentimento de sua responsabilidade, porque tínhamos nos tornado indiferentes na maneira de como nos vestir e, às vezes, tínhamos barba de três dias. Os seus lenços e roupas de linho eram perfumados e refinados com desenhos florais. E os nossos - ah, os nossos! Ele tomava vinho no café da manhã, e depois de um pouco de ociosidade com nossos pratos, limparia sua boca em nossa toalha de mesa, e então sairia para a ponte de comando. Quando passava de um lado para o outro do tombadilho, nós o ouviríamos expectorar violentamente, e cuspir por cima do convés. Em seguida, o capitão olharia fixamente e empurrava sua cadeira para trás com raiva (2010, p. 298).

O viajante ideal mede-se com o nativo. Dessas pinturas verbais, seguiremos os

passos de um filósofo rebelde. Nosso intuito é demonstrar como Tomlinson interpreta não apenas o mundo londrino, como também reflete sobre a constituição de si na viagem terrena, em sua hermenêutica de si mesmo. Suas reflexões acerca do valor da vida, dos prêmios concedidos pela viagem, serão postos em evidência para que compreendamos como ele, em sua primeira longa viagem, se desconstroi e se reconstrói paulatinamente no percurso da viagem aos trópicos. De seu dandismo, quando embarcara no navio, pouco a pouco ele se liberta; mas não sem alguns deslizos, pois ele pertence a um determinado contexto histórico-filosófico europeu. Não que disso ele não pudesse escapar. Ele viaja para alçar-se para além do vivido, para fora de si, para desnudar-se e colocar-se à prova, para medir-se, pois de quem mais o poeta poderia falar, senão de si mesmo?

3. 3 O FILÓSOFO REBELDE - (OU QUAL O SENTIDO DA VIAGEM?)

A questão não é mais a da comunidade da alma com outras substâncias conhecidas ou alheias, fora de nós, mas simplesmente, a da articulação das representações do sentido interno com as modificações da nossa sensibilidade externa e como estas últimas se podem ligar umas às outras de modo a encadear-se numa experiência.

Crítica da razão pura - Immanuel Kant

Quando H. M. Tomlinson decide ausentar-se temporariamente de Londres, seu projeto é realizar os sonhos há muito tempo alimentados. É partindo dessa hipótese que procuramos, nesta parte do estudo, mostrar e compreender a posição interpretativa em que se coloca o viajante para buscar o sentido da viagem. (Não esqueça, o leitor, que afirmamos na introdução que o relato de Tomlinson é uma Odisseia em que o herói busca o(s) sentido(s) da viagem humana). “Eu mesmo aprendi que os tesouros encontrados na viagem, a oportunidade da recompensa que a torna válida, não podem ser avaliados de antemão” (TOMLINSON, 2010, p. 116). É então preciso desnudar-se para viajar e compre-

ender o sentido das coisas. Afinal, pergunta-se o EU-viajante:

Qual é a utilidade da viagem? - perguntei a mim mesmo. As estrelas estão tão perto de Londres, quanto da Espanha Central. Em sua jornada planetária pelo vazio, os passageiros em Peckham veem tanto quanto seus companheiros, que espiam pelas janelas em Macassar. O sol nasce no leste, e a lua está com cornos crescentes; mas alguns dos passageiros em cima do barranco lamacento, estranhamente suficientes, tomam café sem leite. Entretanto, por que eu deveria me preocupar? (TOMLINSON, 2010, p. 184).

Como um pensador é que Tomlinson viaja. O mundo e tudo que é externo ao sujeito é preciso ser alcançado se se almejar, de fato, elevar-se ao sublime retórico e natural. A memória trazida por Tomlinson para a Amazônia serve para que ele olhe, agora que está no Novo Mundo, para o passado, para o que ficou para trás. Mas não tanto para trás, visto que o ato de memorização se faz presente somente no tempo presente. Suas reflexões acerca do andamento do mundo britânico rumo ao futuro, para ele um tanto quanto cheio de maus presságios, o dotam de uma nova consciência. É em um espaço novo que o viajante pode surpreender-se e, ao mesmo tempo, prever uma nova história do futuro. Como afirma Milton Santos,

O homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado (SANTOS, 2004, p. 330).

Admirado com a vastidão de florestas e rios da Amazônia, esse novo espaço que se desdobra ao infinito, Tomlinson compreende que “nossa terra tinha magnitude celestial”, e que uma existência vergada sob gestos parcimoniosos da economia, da abstinência e da frugalidade eram pecados lastimosos aos olhos do Criador. E aí, mais uma vez, irrompem suas críticas severas contra modos britânicos de vida. No rio Madeira, Tomlinson tem uma outra visão. Ali ele percebe que todas aquelas preleções sobre progresso, reforma de alian-

ças, instalações de universidade, intercâmbios de mão de obra, e outros apoios para a humanidade enfraquecida, tudo é perda de tempo. A seu ver, “é uma ideia produtiva que é desejada, uma revelação, uma visão” (2010, p. 288).

Economia e abstinência! Começavam a parecer o mais lastimoso dos pecados quando eu observava, com descanso espaçoso, a procissão contígua de árvores gigantescas, aquela selva soberba que não se levantava de tais máximas pontiagudas e escassas. Frugalidade e prudência! Isso é para valorizar os sentidos para a morte na vida, os ossos pálidos e salientes de uma existência vergada, como os homens bons vivem com coragem, maternidade, rebelião, e o dia de trabalho, e outras provas da vitalidade e crescimento. Agora, eu pensava, vejo o que fazer. (...). Seria mais fácil e mais rápido pegar regimentos de pessoas de Ancoats, Hanley, Bethnal Green, e das casas de campo da zona rural, porque um extenso clarão ao tipo de terra eu vejo agora. O mundo se expandiria, quando eles olhassem (2010, p. 288).

Porém, por trás dessa visão futurística de abundância e riquezas, há o olhar imperialista sobre as regiões verdes desse “vago país”. Entretanto, o que pode livrar o viajante desse olhar imperial é a fala do médico, colocada entre parêntese pelo narrador: “(Então você pensa mais neles do que eu - disse o cirurgião)” (2010, p. 288). De fato, percebemos que Tomlinson, à medida que mergulha na selva, torna-se um homem diferente, mudado, aprimorado. Ele se humaniza enquanto viaja. Paralelamente, a nova territorialidade e culturas distintas interferem reciprocamente na formação desse novo ser do viajante. Ele é moldado e modificado pelo seu caráter humanitário. Ao deparar-se com as condições de vida de muitos homens que ele encontrou em sua jornada, ele passa a valorizar mais a vida e descobre os sentidos para se viver. Assim, Tomlinson critica com afinco:

Você em terras habitadas, a menos que tenha sido muito pobre de fato, e saiba o que é um problema e o que são os amigos, nunca viu o rosto de seu irmão, nem a serenidade da noite, quando se descobriu, sem esperar, abrigo para a noite; você não sabe qual é o sabor do pão e do alimento, nem o sabor do tabaco, nem o que é segurança confortável, que é o sussurro de um compadre invisível nas sombras em um lugar de repouso, nem o que é dormir. Descobri que esses presentes não são apenas sentidos para a vida, mas também razões para se viver (2010, p. 474).

“Razões para se viver” podem ser o prêmio proporcionado pela viagem, quando não se é inflexível, nem deveras enrijecido diante de novos espaços, novas culturas, diante do estranho/familiar. Desse modo, a viagem permite, a esse sujeito flexível, a criação de um espaço para um olhar crítico sobre si e sobre o mundo. A citação acima marca também o espaço da alteridade. Marca uma crítica à antipatia, à xenofobia e ao narcisismo europeus, quando diante do “Outro”, algo que Tomlinson, quando se apercebe dessa tendência, afasta-se cuidadosamente. Seguindo essa perspectiva do acolhimento, mas em outro contexto, Jeanne Marie Gagnebin, ao escrever “Sobre as relações entre ética e estética no pensamento de Adorno”, em seu livro **Lembrar, escrever, esquecer**, afirma que

A experiência estética, experiência da distância do real em relação a nós, experiência também da distância real tal como é e qual poderia ser, essa experiência pode configurar um caminho privilegiado para o aprendizado ético por excelência, que consiste em não recalcar o estranho e o estrangeiro, mas sim em ser capaz de acolhê-lo na sua estranheza (GAGNEBIN, 2006, p. 94).

Esse caminho ético e humano apontado por Gagnebin é trilhado por H. M. Tomlinson. Ele mergulha em si mesmo, em seu microcosmo, tentando compreender o macrocosmo. Ademais, ele preocupa-se com os destinos da humanidade que, ali em Londres, já estavam decididos há muito tempo. Assim, é possível o considerarmos um filósofo rebelde, pois ele escapa de suas amarras em Londres e segue a Estrada Aberta. Em sua jornada discursiva nas margens do Madeira, ao chegar ao sítio de um casal nativo, ele nos conta que

Desembarcamos em um sítio de um seringueiro caçador, no barranco do lado direito. Seu dono, um boliviano, e sua bela esposa indígena, que tinha marcas tatuadas na testa, fizeram muito por nós, e nos deram café. Eles tinham um pomar de goiabeiras, e ali, porque há muito tempo eu não saboreava uma fruta, fui um ladrão imoderado, apesar de um mutum de estimação, que me seguia pelo jardim com beliscões distraídos (2010, p. 502).

Signos da hospitalidade e bondade do casal de nativos são marcas desse reconhecimento do estranho, mas familiar. Assim como, ao passar uma noite no acampamento do rio

Caracol, Tomlinson descreve uma cena humanitária encenada pelo médico, que cuidava daquele grupo de trabalhadores da EFMM.

No meu caminho para minha cabana, ao pôr do sol, parei para conversar com o jovem médico, que estava ocupado cuidando de feridos em sua enfermaria. Os trabalhadores, mestiços, brasileiros e bolivianos, tendo terminado o trabalho, estavam dando ao médico uma noite atarefada com suas enfermidades. Geralmente eram problemas de pele. O menor arranhão nos trópicos pode se espalhar para uma ferida horrível e persistente. As pernas da maioria desses nativos eram desagradáveis, com cicatrizes fundas (2010, p. 452).

Se se pode entrever compaixão e complacência pelo sofrimento dos trabalhadores, pode-se, principalmente, notar a crítica e a denúncia tomlinsonianas aos males causados pela obstinação do homem pelo progresso. Era em nome de uma grande ideia, da qual os trabalhadores não sabiam nada, ou pouco sabiam, e muito menos se serviriam dela quando completada, que uma multidão de homens dava suas vidas. Espantado com tal sistema capitalista, um dos ingleses, encontrado por Tomlinson, em Porto Velho, e de quem o viajante ganha “um feixe de flechas nativas enfeitadas nas pontas com penas azuis e vermelhas de arara”, desabafa:

Uma pessoa desconhecida em Wall Street, ou Park Lane tem uma ideia, e isto é o que acontece. O impulso potente! Move homens que não conhecem a linguagem de Nova Iorque e Londres para descerem para esta desolação. O lugar começa a fermentar. O pensamento frutificante! Você viu o cemitério daqui? Temos um excelente cemitério, e ele cresce bem. Calma, esta ferrovia será feita. Sim, pessoas que não sabem para que servirá constroem um pouco e morrem, e mais pessoas que não sabem para que ela servirá e, que não a utilizarão quando estiver construída, a terminarão. Esta ferrovia pegará seus fretes de borracha preciosa levando para reabastecer as rodas do motor da civilização, e o sujeito que teve a brilhante ideia, mas nunca viu este lugar, e não podia viver aqui uma semana, ou remover lama, ou abrir uma trilha, e não reconheceria borracha em estado natural, se ele a visse, obterá êxito novamente. Progresso, progresso! A imensidão floresce como uma rosa. É linda, não é? (TOMLINSON, 2010, p. 374).

Na argumentação reflexiva desse personagem, provavelmente, um britânico - pois ele afirma estar feliz por Tomlinson estar ali e também ele nos diz que “Não ouço falar de casa faz um ano. Não se tem ouvido muito de nada”, e assim os dois estão “seguros em uma sim-

patia acidental e afortunada” (2010, p. 374) - tem-se uma crítica ao “progresso”, através de uma consciência da situação trágica daqueles homens, trabalhadores da ferrovia. “As rodas do motor da civilização” alimentam-se dessas inúmeras vítimas. Milhares de pessoas, como afirmam muitos escritores sobre a Madeira-Mamoré, entre eles Manuel Rodrigues Ferreira e o professor Foot Hardman, deram suas vidas em nome de uma ideia de progresso ainda pouco discutida. A maioria dos trabalhadores sequer conheciam “o sujeito que teve a brilhante ideia, mas nunca viu este lugar, e não podia viver aqui uma semana, ou remover lama”, etc. (Esse sujeito a quem se refere o narrador é o coronel George Earl Church, sobre quem falaremos mais adiante).

Estendendo essa crítica aos anseios brasileiros de modernização em suas primeiras décadas de República, percebe-se, no registro do narrador, o “choque da modernidade”, num país que avança rumo ao “progresso”, porém, à custa da marginalização, escravismo, barbárie e morte de muitos brasileiros e estrangeiros.

Figura 10



Cemitório de Candelária

O cemitério de Candelária, “um excelente cemitério, e ele cresce bem”, é uma marca, embora não necessariamente a confirmação exata da morte de tantos homens, pois muitos operários e trabalhadores eram enterrados ao redor dos acampamentos, ou no lugar em que morriam, quando impossibilitados de serem conduzidos ao cemitério. O velho Biddell, um engenheiro de quem nos fala Tomlinson, é exemplo desse isolamento, morte e enterro:

Um que passamos, e era chamado de acampamento 10 e ½, e recostada contra sua abertura frontal, onde os postes estavam desprendidos, estava uma rede de pegar borboletas. Chamei a atenção para essa rede. “Ah, sim” - disse Hill. “O velho Biddell. Eu o conheci. Ele estava muito bem. Ele era formidável com besouros e borboletas. Costumava usar óculos. Era um bom engenheiro, no entanto. Morreu de febre de água preta antes que a linha ferroviária chegasse a este acampamento. Aquela era sua cabana. E aquela era sua rede de pegar borboletas, tudo que resta do Biddell agora, seu único monumento e lembrança” (2010, p. 444).

E Tomlinson, demonstrando seu sentimento humanitário para com esse operário da Madeira-Mamoré, nos confabula: “Eu nunca conheci Biddell, o homem de óculos e uma rede de pegar borboletas, mas que era um ferroviário de primeira categoria que, de manhã, deixou aquela rede do lado de fora de sua cabana, e à noite estava enterrado; mas agora estou fadado a pensar nele enquanto eu viver” (2010, p. 444). O velho Biddell é apenas um exemplo, dentre outros contos de terror e morte espalhados na história da EFMM. Tomlinson, apesar do medo e dos sacrifícios exigidos pelas suas andanças ao longo do traçado onde estava sendo construída a ferrovia, consegue fazer uma leitura muito lúcida e crítica da situação social em sua rápida viagem aos trópicos. Sim, rápida, apenas dois meses, no dia 07 de janeiro chega a Belém e a 10 de março de 1910, zarpa de volta, apressado, de Porto Velho para Tampa, na Flórida e dali para Nova Iorque, de trem, e, uma vez mais zarpa, de navio, para Londres. Mas voltemos às imagens críticas tomlinsonianas.

Quando de sua visita a uma casa de moradores nativos, nos arredores de Serpa, o viajante britânico elabora uma descrição e alguns comentários em relação aos animais de estimação dos nativos comparando-os, de quando em vez, a algumas pessoas na Inglaterra. Enquanto observavam dois macaquinhos, um preto e um marrom, Tomlinson estabelece uma crítica a alguns de seus concidadãos londrinos. Citemos o trecho:

Quando eles [os macaquinhos] sentaram-se lado a lado, o médico mostrou que as expressões na cara desses macacos mostravam temperamentos separando-os até mais amplamente do que eles estavam separados por aquelas diferenças físicas, que os tornava espécie. *Vi imediatamente, com algum prazer e um pouco de vaidade, que eu podia estar mais aproximadamente relacionado aos amigáveis caboclos do que com algumas pessoas na Inglaterra. O camarada marrom seria, sem dúvida alguma, um mestre da indústria na copa das árvores, mantendo uma árvore inteira para si mesmo, e vivendo de cocos que outros coletassem. Podia-se ver isso em seu olhar interessado e dominador, e na pressa, modo casual que ele tratava o indivíduo, que sempre lhe fazia sala. Tenho visto rosto semelhante, e semelhantes maneiras, nos grandes centros industriais. Eles são as marcas do mais capaz e do melhor que segue adiante. Seus rígidos olhos ansiosos mostravam censura, crueldade e interesse.* Mas sua companhia, com uma cara suave e lisa, e o pêlo preto repartido no meio de uma testa delicada, *era um camarada dos nossos*, e o distinguia. O bichinho marrom demonstrou desconfiança raivosa de nós, sabendo qual diabrura estava em sua mente. Mas o preto, apesar de ser um macaco mais delicado e nervoso, sua mente estando

inocente de tramas secretas, possuí a gentileza e fé em seus olhares, e demonstrava uma ridícula e bem-vinda curiosidade em nós. Ele emitia sons amigáveis - não a tagarelice severa e ameaçadora do outro - e perfeitamente dono de si, sua alma pura dando-lhe tranquilidade, examinava-nos de uma maneira fraternal, com uma pata de ébano, que era tão pequena e frágil como a de uma fada negra. (2010, p. 254 - *itálicos nossos*).

Esta longa, mas instigante construção metafórica, demonstra o quanto Tomlinson não apenas se afasta de alguns costumes e modos europeus, como também os condena. Ele diz categoricamente que “podia estar mais aproximadamente relacionado aos amigáveis caboclos do que com algumas pessoas na Inglaterra”. Viver à custa de outros é uma crítica aos desvarios do homem capitalista que, em sua sede de riquezas e acúmulos, mantém uma propriedade inteiramente para si em detrimento de todos os trabalhadores que fazem com que essa propriedade produza lucros, ao mesmo tempo em que os aliena. O interesse dominador desses “burgueses” em manter sua riqueza e estilo de vida à custa da desgraça de muitos outros homens é que Tomlinson, à moda de Thomas Morus, critica. Ele, o viajante ideal, tem visto “rosto e maneiras semelhantes, interesseiros e dominadores nos grandes centros industriais”. E, sarcasticamente, esclarece ao leitor que “Eles são as marcas do mais capaz e do melhor que segue adiante. Seus rígidos olhos ansiosos mostravam censura, crueldade e interesse”.

Na difícil e sofrida marcha da humanidade, todos devem tomar o seu fardo e seguir adiante, assim como faz uma formiga ao carregar seu estandarte. Essa é outra metáfora tomlinsoniana que se opõe ao capitalismo triunfante. Vejamos, então, a pintura verbal produzida por H. M. Tomlinson ao observar a procissão das formigas saúvas na selva amazônica, numa manhã ensolarada às margens do Madeira:

Ali víamos as formigas saúvas diariamente, às vezes chamadas de formigas guarda-sol, em procissões intermináveis; cada formiga carregando um pedaço de folha do tamanho de uma moedinha de seis tostões sobre seu corpo minúsculo (...); elas podiam monopolizar as horas de qualquer homem, porque ao observá-las, podia facilmente esquecer-se de que havia outras coisas no mundo. Elas se moveriam no chão em uma procissão interminável. Olhada rapidamente, aquela coluna de vida fluida parecia um córrego estreito; sua superfície alisada com fo-

lhas verdes, que ele carregava, não em volta ou debaixo das obstruções, mas em cima e por cima delas. Quase toda criaturinha minúscula, naquela corrente de vida, mantinha seguro em suas mandíbulas um estandarte, muito maior do que ela própria, cortado de uma folha fresca. Carregava seu estandarte ao longo apressadamente e resolutamente. Todas as formigas carregando folhas moviam-se em uma mesma direção. O movimento tremulante e para a frente de tantas folhas dava à procissão de formigas a aparência ondulante de água rasa correndo irregularmente. Em ambos os lados da coluna, outras formigas apressavam-se na direção inversa, frequentemente parando para comunicar algo, com suas antenas, para suas companheiras sobrecarregadas. Duas formigas parariam, de momento em momento, e fariam uma rápida intimação, e depois iriam adiante, novamente, em suas tarefas urgentes. Veríamos conversas rápidas daquele tipo em todo lugar no hospedeiro. Outras formigas, com cabeças maiores, mantinham-se vistoriando para cima e para baixo em volta do corpo principal; mantendo um olho nos problemas, geralmente, eu suponho, policiando ou superintendendo lhes. Não havia dúvidas de que todas aquelas companheirinhas tinham um propósito em comum. Não havia dúvidas de que tinham constituído suas mentes sobre isso há muito tempo, e tinham chegado a uma decisão em comum, e que cada uma delas sabia de seu trabalho e o que significava fazê-lo. Ali não parecia haver nenhuma formiga favorecida pelo deus das formigas. Tinha-se que cortar sua própria folha e seguir adiante com ela, se fosse uma saúva. (2010, pp. 264, 410, 412).

Alusão à marcha da humanidade em sua intimação rumo ao futuro grandioso afirmado pelo capitalismo industrial pode-se visualizar nesta longa, mas instrutiva citação metafórica. O pedacinho de folha verde carregado pelas formigas é comparado ao fardo de cada homem, que trabalha apressadamente e resolutamente, principalmente nos grandes centros comerciais. E ainda, “todos se moviam em uma mesma direção”, enquanto outras formigas, “apressavam-se na direção inversa, frequentemente parando para comunicar algo” às suas “companheiras sobrecarregadas”. Que melhor imagem poderia o viajante ideal compor para demonstrar a situação de escravidão em que vive a maioria dos homens? Porém, “ali não parecia haver nenhuma formiga favorecida pelo deus das formigas”, como ocorre na comunidade dos homens. Assim, se você fosse uma saúva, “tinha que cortar sua própria folha e seguir adiante com ela”. A crítica maior é que entre as formigas “havia um propósito em comum” e tinham chegado a “uma decisão em comum”, algo totalmente oposto à comunidade dos homens. À moda de Karl Marx, a crítica tomlinsoniana da economia capitalista é

também a crítica filosófica e moral da situação imposta ao homem pelo capitalismo⁶⁰.

Pode-se afirmar que o pensamento tomlinsoniano denuncia com agudez o estado paranoico do mundo industrializado, onde homens vivem às pressas e acham que é preciso fazer muita coisa nessa vida. É como se ele percebesse nitidamente que a indústria põe todos os homens a seu serviço. De fato, Tomlinson percebe e adverte seu leitor da loucura da racionalidade extrema do pensamento capitalista e abre, dessa forma, um caminho rumo à liberdade de espírito do homem.

Da viagem discursiva de Tomlinson podemos destacar com algum empolgação a cena interpretativa e filosófica da melhor passagem de qualquer relato de viagem. E ele afirma que “A melhor passagem de qualquer livro de viagem ao Ártico está em **Barren Grounds** (Solos Inférteis)”, de Warburton Pikes, onde ele cita o que o indígena diz ao missionário que lhe falava do céu. “O indígena perguntou: “E é como a terra do bisão, no verão, quando a neblina está nos lagos e o pato selvagem grasna com frequência?” (TOMLINSON, 2010, p. 114). Observemos com prazer a longa e brilhante interpretação tomlinsoniana a respeito do olhar do viajante e do olhar do nativo sobre determinados espaços terrestres:

Imediatamente, percebe-se que, a terra que o indígena via ao seu redor, não seria vista facilmente por nós, mesmo quando no meio dela. Para compreender tal terra, o sextante e as milhas já viajadas não seriam os fatores que ajudariam muito. Mas o indígena não sabia nada de horizontes artificiais e nem das ajudas que os estrangeiros usam para descobrir onde eles estão (TOMLINSON, 2010, p. 116).

E aí, exatamente nessa assertiva negadora da visão do viajante, desse aprendizado obtido nessa relação de estranheza, de que nos fala Gagnebin, conforme citação anterior, que Tomlinson esclarece ao leitor,

Porém, no verão, os nevoeiros de seus lagos eram o vapor de suas preocupações,

⁶⁰Ver, a propósito, **As etapas do pensamento sociológico**, de Raymond Aron. Trad. Sérgio Bath. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 192 - 246.

a penumbra das profundezas incompreensíveis de sua mente, em cujas águas remava em sua própria canoa; e, onde ao pato selvagem grassava, era sua memória que era ouvida; era seu pensamento que tornava-se vocal então, enquanto ele sonhava (2010, p. 116).

E os sentidos da viagem nos são candidamente apresentados pelo viajante:

Eu mesmo aprendi que os tesouros encontrados na viagem, a oportunidade da recompensa que a torna válida, não podem ser avaliados de antemão e, raramente, são assuntos que um ouvinte teria o cuidado de ouvir mais tarde; porque eles não têm nenhuma substância. (...) Essas coisas justas não podem ser tiradas do momento mágico. Estão transparentes no alto do teto de seus pensamentos, róseos e iluminados pela oportunidade da luz transitória, derretendo-se enquanto você espreita. Você desce para seu comando novamente. Essas ocasiões não estão em seu itinerário. São como os lagos do indígena no verão. Não têm nomes. Não podem ser encontrados nos melhores mapas. (...), Eles não surgem de acordo com seu humor, mas surgem inconscientemente para impelir, e são seus próprios átomos adversos e enigmáticos que são alterados e, imediatamente, dançando de acordo com a rara incidência daquele momento transcendente e desrazoável de seu mundo, o ritmo do qual você sente, como se você fosse a batida dos tambores (2010, p. 116).

"E o que são essas coisas? - mas como podemos contar?", interroga-se o viajante pensador. Refletindo sobre o mundo das viagens, Tomlinson afirma que "Os prazeres da viagem, quando somos sinceros sobre isso, estão separados por desertos realmente amplos e tediosos, onde não há nada, senão areia e o uivo sombrio dos lobos selvagens" (TOMLINSON, 1926, p. 332)⁶¹. Entretanto, sendo ele mesmo um escritor sensitivo concede, de forma estetizada, uma possibilidade de resposta ao leitor:

Uma faixa de praia de coral, como vi uma vez, que era como todas as outras praias de corais; mas o navio passou bem perto e, devido ao benefício da hora e do sol, essa praia não refletia, mas estava brilhante; e as cores do mar, verdes, douradas e púrpuras, não eram suas virtudes comuns, mas a essência passageira e emocional de suas colorações (...). Ou o mês de abril e um pé de cereja-selvagem cheio de flores perto de uma cerca-viva inglesa; uma nuvem branca tingida de rosa e nela movimentando-se uma dúzia de tentrilhões tropicais do norte europeu; as pétalas estavam em cima da relva (TOMLINSON, 2010, p. 118).

⁶¹The pleasures of travel, when we are candid about them, are separated by very wide deserts and tedious, where there is nothing but sand and the dreary howling of wild dogs. In: TOMLINSON. H. M. **Gifts of Fortune with some Hints for those about travel**, 1926, p. 332.

Bela demonstração da capacidade perceptiva do viajante ideal que, em completa harmonia com a Natureza, consegue captar e compreender o valor das imagens apreendidas pelos sentidos. Aguçados que estão aos mínimos detalhes e sensações, os sentidos preenchem a alma do viajante e são prêmios saborosos para quando os anos de fadiga e cansaço chegarem à sua porta. Provavelmente, na memoração esteja o prazer e o prêmio de uma longa e fantástica viagem aos trópicos.

E agora chegou o momento de procurarmos imagens da natureza nos trópicos. Grande parte da narrativa tomlinsoniana ocupa-se de uma descrição fabulosa e mítica da floresta amazônica. Assim é que, os sentimentos dos viajantes diante da selva e do compromisso de pintá-la de uma forma grandiosa, de modo a re-comprovar pinturas anteriores, dispostas como telas nos relatos dos primeiros navegantes, lhes tornam capazes de demarcá-la e re-apresentá-la para seu público europeu, ansioso de imagens de longínquas e imaginadas regiões da Terra. Como escreve Neide Gondim em seu livro **A invenção da Amazônia**, “Os séculos podem variar e os cronistas serem das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicos, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial” (GONDIM, 1994, p. 77). Em assim sendo, o primeiro pintor do “Novo Mundo”, Colombo, entusiasmado e emocionado diante de uma Natureza que escapava das formas vegetais já conhecidas, expressou-se:

Es este país, Príncipes Serenísimos, en tanta maravilla hermoso, que sobrepuja a los demás en amenidad y belleza como el día en luz a la noche. Por lo cual solía yo decir a mi gente muchas veces, que por mucho que me esforzase en dar entera relación de él a Vuestras Altezas, no podría mi lengua decir toda la verdad, ni mi mano describirla. Y en verdad, quedé tan asombrado viendo tanta hormosura, que no sé cómo expressarme⁶².

62Hernando Colon. **Vida del Almirante Don Cristobal Colon**. México, Fondo de Cultura Economica, 1984, p. 105, conforme citação de Janice Theodoro da Silva em “Colombo: entre a experiência e a imaginação”. In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 11, nº 21. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990.

3.4 IMAGENS DA NATUREZA NOS TRÓPICOS

Colombo criou a América, ao mesmo tempo, rica e inverossímil que agradava ao leitor acostumado ao luxo e à riqueza presentes nas descrições de um Oriente exótico.

Colombo: entre a experiência e a imaginação - Janice Theodoro da Silva

É seguindo sempre a perspectiva do imaginário e do realismo, que Tomlinson narra. De fato, ele se mostra dominado por pelo menos três estados de alma: entusiasmo, medo e admiração. A alternância destas três sensações preechem a alma do viajante. Entusiasmado diante da promessa de romance nos trópicos, sua mente povoada de medo do desconhecido, principalmente dos "mistérios", e admirado pela beleza das árvores gigantescas, essas "*green mansions*", pelas palmeiras ondulantes, pelas bananeiras, pelos pôres do sol, rios, cachoeiras etc. o viajante segue adiante drenando tudo que pode captar. "A folhagem", escreve ele, "que se estendia sobre as águas não tão longe do apressado *Capella*, tinha uma proximidade de textura surpreendente, e mesmo pavorosa para alguém que conhecia somente as árvores finas do norte" (2010, p. 218 - grifos nossos).

Apesar de descrever com detalhes grande quantidade de plantas, "Um botânico podia ter visto alguma diferença da floresta em Porto Velho, mas eu não pude descobrir nenhuma. Em aparência, era exatamente a mesma" (TOMLINSON, 2010, p. 448). De acordo com Mary Louise Pratt, em sua obra aqui já citada, foi do livro de Alexander von Humboldt, **Imagens da Natureza** e de sua continuação, **Imagens das Cordilheiras**, que os públicos leitores europeu e sul-americano selecionaram o repertório básico de imagens que vieram a significar "América do Sul". Segundo Pratt (1999, p. 219), "Três ícones, em particular, combinaram-se para formar a representação metonímica padrão do "Novo Continente": a saber, "florestas tropicais superabundantes (o Amazonas e o Orenoco), montanhas de picos nevados (as cordilheiras dos Andes e os vulcões do México) e vastas planícies interiores (os *llanos* venezuelanos e os pampas argentinos). Aí também podemos encaixar as pla-

nícies amazônicas. Então, é da “tríade icônica de montanha, planície e selva” que se forma a natureza da América do Sul. Alexander von Humboldt, segundo Pratt, combinou “a especificidade da ciência com a estética do sublime” (1999, p. 213). À moda de Humboldt, é que Tomlinson pinta a selva tropical. Destaquemos, como comprovação do enunciado acima, o episódio descritivo de um bananal em seu relato.

Se eu pudesse cantar, cantaria a bananeira. Ela tem a folha mais adorável que conheço. Senti-me imoderado, porque cheguei até elas depois de nossa passagem por uma mata que podia estar no subsolo; um emaranhado de raízes unindo o chão e a copa das árvores em cavernas sem fim. Ficamos observando a plantação até que nossa mente estivesse alimentada de beleza e luz. A bananeira se lança para cima com um copioso caule e a fonte retribui em largas pontas onduladas, caindo para os lados, polidas nas pontas, quando o balanço é perdido. Um mundo em que semelhante planta cresce não podia ser velho. É evidência certa da vitalidade da terra (...). É exuberante e sólida, embora sua subida seja tão aérea, e sua forma seja conteúdo para o olho. Não há nenhum verde como aquele de suas folhas, exceto no mar. Os talos viçosos são, às vezes, rosados, mas os estandartes, que se sustentam bem acima de seu rosto, são como as cristas de uma onda no momento do colapso, o dia se mostrando através de seu espelho fluido. E depois do lugar de coisas mortas e preservadas coberturas secas na escuridão, onde tínhamos estado perambulando, esta explosão de folhas em completa luz era um retorno à vida (2010, pp. 246, 248).

Beleza e luz, exuberância e vitalidade ajudam o pintor verbal em sua representação do bananal. É como se ele estivesse navegando em um oceano; as folhas ondulantes, caindo para os lados, são ondas convulsivas desse mar verde. E ainda, esse crescimento vegetal é evidência certa da vitalidade da terra e prova de que esse mundo "não podia ser velho". Nessa imagem, tudo está em perfeito equilíbrio também: terra fértil, caules copiosos, de onde surgem folhas adoráveis, com talos poderosos erguendo-se no ar em generosas arcadas; tudo isso é um prêmio aos olhos do observador. E tudo ali contribui com a cena da selva sublimada. Ela é uma "natureza dramática, extraordinária, um espetáculo capaz de ultrapassar o conhecimento e inteligência humanos", como afirma Pratt ao analisar as **Imagens** de Humboldt. "Uma natureza em movimento, impulsionada por forças vitais em grande parte invisíveis para o olho humano; uma natureza que apequena os homens, determina o seu ser, excita suas paixões, desafia seus poderes de

percepção" (PRATT, 1999, p. 212). A natureza se mostrando através do espelho fluido, as folhas das bananeiras, "as cristas de uma onda no momento do colapso". No trecho a seguir, note-se o entrelaçamento de uma linguagem emotiva, "particularmente sensível às impressões visuais" de um narrador em deleite, com alguns termos técnicos e classificatórios da natureza.

Vejo agora uma daquelas clareiras restritas na floresta, para a qual fomos frequentemente, a muralha da selva em todo o redor, e algumas palmeirinhas do gênero *attalea* deixadas de pé, o verde de suas plumas tão fixo e brilhante como se envernizadas. Nada mais está ali que seja mais verde, exceto as ervas daninhas, que surgiam quando a luz do sol era permitida atingir-lhes através de um machado. As colunas distantes da floresta erguiam-se em volta, pálidas em uma muralha de escuridão, enfeitadas com matérias molhadas e cipós mortos. Sua folhagem distante está escura e indistinguível contra a trilha irregular de azul aéreo. Nunca cessava de ser notável que o tão pouco que era verde estava ali. Algumas plantas do gênero *photos*, suas folhagens benfeitas e parasitárias, dispostas como ninhos decorativos em alguns galhos equidistantes do céu, estariam estranhamente conspícuas e brilhantes (...) Lembro-me de uma poça ali, e por cima dela pairavam algumas libélulas esmaltadas, suas asas vibrando tão rapidamente, que eram como rubis brilhando na nebulosidade escura. Quando nos mexíamos, as ninfas desapareciam, exatamente como se uma luz se mostrasse por um momento. Sentávamo-nos novamente em nossa árvore caída para observar e, magicamente, elas reapareciam no mesmo lugar, como se a aparição dependesse do ângulo e distância do olho. Quando um pássaro iniciava um canto involuntariamente, porque o ar estava tão abafado e pesado, era estranho descobrir que o ar se abria instantaneamente para deixar livre a sibilação delicada (TOMLINSON, 2010, pp. 412, 414).

Nesta longa descrição narrativa o tema central continua sendo o espetáculo da Natureza; o viajante-prosador hipotético transforma-se repentinamente em uma testemunha ocular (vejo agora), que toma posse de seu lugar em meio à natureza, (sentávamo-nos em nossa árvore) e dali observa o movimento mágico das ninfas, "libélulas esmaltadas"; ali, até mesmo o ar se abria para deixar livre a sibilação delicada do pássaro. A única pessoa mencionada neste trecho é a personagem narradora e seu companheiro de jornada, o médico. Pode-se depreender isso pela forma verbal inscrita na primeira pessoa do plural (mexíamos-nos, sentávamo-nos); entretanto, através do emprego do verbo lembrar na primeira pessoa do singular (lembro-me) marca-se a posição do típico narrador de relatos

de viagem. É ele quem, à moda dos românticos, reproduz o prazer estético que uma mente sensível experimenta ao contemplar a Natureza. Assim, quem nos causa impressão é o narrador-observador e não ela, a Natureza. Sua aptidão à palavra o capacita para uma pintura harmoniosa das forças visíveis e também ocultas da Natureza. É nos fluxos e refluxos dessas forças que se pode entrever um sistema em um infinito processo de contração e expansão da Natureza primal.

Assim, como pontuamos no primeiro parágrafo desta seção, a admiração, ou encantamento, se se preferir, parece dominar o espírito do narrador tomlinsoniano. Entretanto, como escreve Pratt ao analisar alguns trechos humboldtianos, e aí pode-se incluir diversos trechos tomlinsonianos, "Os europeus do século XIX reinventaram a América enquanto natureza, em parte porque aquela foi a maneira pela qual os europeus do século XVI e XVII haviam originalmente inventado a América para si mesmos e, em grande parte, pelas mesmas razões" (PRATT, 1999, p. 220). Dessa vertente discursiva, podemos afirmar que Tomlinson participa igualmente, pois estava impregnado desses inúmeros paradigmas descritivos, dessas tintas e desses pincéis românticos que pintaram as Américas. Apesar de haver publicado seu relato dois anos depois da primeira década do século XX, não nos esqueçamos que suas aventuras pela Amazônia ocorreram entre os meses de janeiro e março de 1910. É dessa sua primeira longa viagem ao mundo do Outro que ele retirou material para a produção de **O Mar e a Selva**, sua obra-prima.

Todavia, o relato de Tomlinson participa - apesar de um tanto quanto crítico em relação às ações desmedidas do homem em luta contra a Natureza - ativamente de dois aspectos do mito de uma Natureza primal na Amazônia: a imensidão vazia, ou seja, o espaço vazio e a "quase" ausência de cultura. Pois, embora Tomlinson mencione algumas comunidades humanas, o que se destaca em sua narrativa é a paliçada verdejante envolta em seus "mistérios" e o nativo absorvido pelas copas das árvores, "que penduravam-se por cima, silenciosamente, atentas ao que o homem tinha feito a seus pés (2010, p. 256). Seguindo esse fio tessitivo é que a narrativa imbrica-se com reflexões sobre a situação

social do mundo londrino, amazônico e histórias contadas por seus narradores coadjuvantes. Pois Tomlinson não é apenas um excelente narrador, como também um ouvinte interessado e atencioso. Muitas histórias que estão entrelaçadas em seu relato foram contadas a ele pelos marinheiros, pelo médico, capitão e pelo comandante do *Capella*; também pelos nativos e por trabalhadores ingleses da EFMM, etc. Assim sendo, sua construção narrativa não segue a forma rígida de um diário de viagem, com anotações de coordenadas geográficas, dos dias da semana, mês, horário, temperatura, etc. Como ele mesmo diz sarcasticamente, "Não vejo que essas particularidades façam mais do que me ajudar com este livro, mas como têm sido consideradas essenciais nas narrativas de viagem, aqui estão, e muito bem podem fazer a qualquer pessoa" (TOMLINSON, 2010, p. 114).

Desde o início de seu relato, a Natureza é parte essencial de sua narrativa, a começar pelo seu jardim em um subúrbio de Londres, algo que ele deseja muito saltar e chegar ao mar. E ele nos diz:

Imediatamente, ocorre que, um jardim, em Londres, especialmente no inverno, não deveria ter lugar em uma narrativa que fala do mar e da selva. Porém, ele tem muito a ver com isso. Ele é parte da hereditariedade deste livro. É a essência dessa minha aventura, que começou em um tipo de dia que tão comumente nos acontece na variedade de dias do ano. Meu jardim, em tal manhã, é parte necessária desta narrativa (2010, p. 02).

Sabemos que a imagem do jardim está associada intrinsecamente à do naturalista, que deseja nada mais do que algumas horas com as plantas, as flores e os insetos e, de preferência, em outro país. Certamente, Tomlinson está imbuído desse espírito convencional de relatos de naturalistas como Bates, por exemplo. "Não me admiro que Bates tenha permanecido tanto tempo nesta terra [a Amazônia]; é Campos Elísios para o entomologista" (2010, p. 320), afirma Tomlinson ao coletar insetos no interior do navio, enquanto este singra as águas do Madeira. Isso confirma que, além da tarefa de comissário de bordo, Tomlinson também desempenhou a de um entomologista. Ele e o médico da Companhia, "Quando perambulávamos pelo tombadilho, mantínhamos conosco duas redes

de pegar insetos e uma garrafa de insetos mortos. O médico está fazendo uma coleção e eu sou seu suposto assistente" (TOMLINSON, 2010, p. 316).

Tomlinson verdadeiramente suscita em seu leitor o desejo de culto à Natureza. À sua vertente estoica deve-se muito de suas representações das paisagens marítimas e amazônicas. No entanto, pode-se perceber um leve incentivo aos benefícios da civilização europeia em algumas de suas pinturas. E então, o viajante britânico supõe que "em poucos anos aquela *imensidão remota*, de algum modo *livre dos indígenas*, da *selva* e da *malária* - embora não possa ver como isso possa ser feito - não terá nenhum interesse para nós, porque possuirá muitas das desvantagens dos benefícios da civilização: será um ponto em uma rota regular de comércio (TOMLINSON, 2010, p. 274).

Comércio e benefício, desmatamento e morte, "embora não possa ver como isso possa ser feito", marcam a relação assimétrica de poder entre a Europa e a Amazônia. Os possíveis benefícios trazidos pela civilização de além-mar não podem ocorrer em meio a indígenas hostis; destes, no olhar tomlinsoniano, a marcha civilizacional deve ocupar-se primeiramente. Apesar de consciente de que a imensidão remota não fosse tão vazia, era preciso primeiramente vencer os selvagens, como de fato ocorreu na história da colonização da região. Afinal, foi em nome do progresso que as inúmeras nações indígenas foram completamente dizimadas ou, as que sobreviveram aos massacres, perambulam pelas ruas de muitas cidades amazônicas. Em Rio Branco e Porto Velho, como também em diversos distritos e municípios menores desses Estados, é comum a presença desses indígenas em completo estado de pobreza, alienação e mendicidade.

Assim é que, como a mídia tem noticiado de vez em quando, muitos jovens indígenas, imersos em completo estado de contínua desidentificação; não aceitos no mundo do branco e não mais identificando-se com seu núcleo indígena, quando do retorno à sua comunidade natal, cometem suicídio. Provavelmente, e aí ecoam as palavras do filósofo e sociólogo francês Émile Durkheim, se possa verificar o suicídio anômico, que se manifesta "pela irritação associada às numerosas situações de decepção oferecidas pela vida moderna,

por um desgosto resultante da tomada de consciência da desproporção entre as aspirações e as satisfações"⁶³. Ao elaborar um breve estudo sobre a teoria do suicídio, a partir de Durkheim, Raymond Aron afirma que "A teoria de Durkheim pode ser resumida assim: os suicídios são fenômenos individuais, cujas causas são, contudo, essencialmente sociais"⁶⁴.

Com a construção das usinas hidrelétricas nas cachoeiras de Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira, ribeirinhos, indígenas ou descendentes de (i)migrantes foram forçados a retirarem-se de seus lugares de origem e arregimentados para zonas periféricas urbanas, onde devem recomeçar sua história, seus mitos, suas identidades, modos de vida, etc. Ou, o que é mais provável, desaparecerem. Mas isso será assunto para pesquisas vindouras. Por ora continuaremos com as imagens tomlinsonianas da Natureza.

Convém frisarmos que somente quando realmente vivendo alguns dias nas redondezas de Santo Antônio e Porto Velho, durante seus passeios vespertinos pelas clareiras e pelo traçado da EFMM, Tomlinson não apenas reconhece o valor de muitos nativos, como também percebe que os detalhes, enfeites, das pinturas paradisíacas da selva amazônica estão certos, mas a pintura está errada.

A floresta equatorial é popularmente pintada como um lugar de brilho e cores variadas, com flores extravagantes, uma abundância de frutas, e árvores enormes com trepadeiras penduradas, onde se escondem muitas cobras venenosas, mas lindas com pintas como olhos, e uma multidão de pássaros, tão brilhantes quanto as flores; é um paraíso, de fato, embora assombrado por um perigo. Esses detalhes estão certos, mas a pintura está errada. É verdade que alguns dos pássaros são decorados de um jeito que faz o mais belo de nossos pássaros de clima temperado parecer embotado; mas os tucanos e as araras da floresta do Madeira, embora comuns, não são vistos com frequência, e quando são vistos, são apenas átomos obscuros flutuando em cima, numa luz branca (2010, pp. 486, 488).

E a argumentação tomlinsoniana a respeito dos detalhes que as pinturas dos naturalistas e viajantes românticos escondem em suas descrições da fauna e flora amazônicas prossegue. Observemos com atenção os contrapontos utilizados pelo pintor verbal em sua

⁶³ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Trad. Sérgio Bath. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 487.

⁶⁴Ibidem, p. 487.

desmistificação das pinturas idílicas da natureza nos trópicos.

Ao redor dos povoados e das clareiras geralmente há muitas borboletas excelentes, e mariposas, e uma riqueza variada, além da vegetação, que não é encontrada fora dos trópicos, e haverá os vagalumes e os odores nas trilhas noturnas. Mas a própria floresta virgem torna-se logo apenas uma monotonia verde que, através da extensão e do mistério, domina e compele a uma admiração e a algum pavor. Você a verá diariamente, mas não se aproximará dela frequentemente. Ela não tem florescências esplêndidas; nenhuma que seja, que você verá, exceto pela oportunidade, como por sorte, um dia eu vi da ponte de comando do navio algumas árvores em floração, abóbadas de flores arroxeadas superando o nível da floresta. As árvores estão sempre em floração ali, porque é uma terra de contínuo e intenso verão, e há orquídeas sempre floridas, e palmeiras e trepadeiras que preenchem metros cúbicos da floresta com fragrância, palmeiras e outras árvores que dão vinho e frutas deliciosas e, em algum lugar escondidos estão os pássaros da pintura tropical, e onças pintadas, perfeitas em coloração e forma, e homens morenos e mulheres que têm deuses estranhos. (...). Você lembrar-se-á da floresta equatorial apenas como uma escuridão de folhagem, em que tudo mais que se mostrava era raro e momentâneo; era achada e perdida de vista instantaneamente, como um raio incomum de luz colorida nas ondas brilhantes no meio do oceano, e ao mesmo tempo desaparece; e a sua surpresa nessa aparição empalidece também e, novamente, há somente a desolação vazia, que fica para sempre; apenas uma vastidão sombriamente brilhante (2010, p. 488).

Respeito e temor pela Selva continuam dominando o espírito do viajante aventureiro. "Você a verá diariamente", afirma Tomlinson; entretanto, "você não se aproximará dela frequentemente". "Escondidos estão os pássaros da pintura tropical, e onças pintadas, perfeitas em coloração e forma, e os homens e mulheres que têm deuses estranhos". A selva, então, resume-se apenas a uma vastidão sombriamente brilhante. Na verdade, muito dessa pintura edênica está envolta em uma névoa, como em um sonho. Sua pintura é fruto da sua imaginação fantasiosa. Não esqueçamos que Tomlinson teve a oportunidade de visitar a selva amazônica numa época em que ela ainda estava quase intacta. Hoje, se se viaja pelas estradas do Acre a São Paulo, nenhuma floresta será vista margeando os lados da atual "rota comercial". Somente viajando de barco tem-se o prazer de visualizar um cenário ainda repleto de árvores e palmeiras ondulantes dispostas de um lado e outro das barrancas.

A descrição acima apresenta uma paisagem também preta de fantasias de contemplação dos maiores animais da selva, entre eles os homens e mulheres indígenas. De fato, Tomlinson é o protótipo de um homem europeu formatado, em certa medida, pelas construções discursivas e imaginárias de lugares longínquos que circulavam na Inglaterra. Assim, lá e cá, civilização e não-civilização tremulam em seu horizonte discursivo. Ele segue os passos construtivos de seus predecessores. Como afirma Pratt ao se referir a Humboldt e, provavelmente essa menção possa ser feita a Tomlinson, "Ainda que profundamente alicerçado nas construções setecentistas de Natureza e Homem, o indivíduo-observador de Humboldt é também uma cópia exata e autoconsciente dos primeiros europeus inventores da América, Colombo, Vespúcio, Raleigh e outros" (PRATT, 1999, p. 220). À maneira humboldtiana, Tomlinson também descreveu a Amazônia como "um mundo primitivo de natureza, um espaço devoluto e atemporal ocupado por plantas e criaturas (algumas delas humanas), mas não organizado em sociedades e economias; um mundo cuja única história era aquela prestes a se iniciar" (PRATT, 1999, p. 221). Os povoados às margens dos rios não podem ser considerados sinais da presença de cultura, pois, talvez, exceto Belém e Manaus - "Humaitá, a principal cidade do Madeira, realmente era do tamanho de um povoado de sede insignificante. Não havia nada ali para sustentar o sonoro título de cidade dado pelo piloto" (TOMLINSON, 2010, p. 344).

De fato, em 1910, Porto Velho era um distrito de Humaitá, município do Amazonas. Como atesta o viajante londrino, Porto Velho era apenas "uma clareira considerável, com muitos edifícios de uma característica diferente de qualquer outra que tínhamos visto no país. No fim da clareira, a floresta começava novamente, ainda não conquistada, erguida de um lado a outro de nosso curso como uma barreira alta" (2010, p. 348). As características diferentes dos demais povoados amazônicos confirmam a presença de estrangeiros no local da ferrovia, pois Porto Velho ergueu-se graças, principalmente, às diversas nacionalidades que participaram da construção da EFMM. Daí, ser sua população atual bastante mista e, mesmo depois de um século, não se pode ainda afirmar "uma"

possível, ou certa identidade ou característica típica do portovelhense. A região é um laboratório a céu aberto para pesquisas de diversos campos do saber. Como comprovam os cursos de graduação e pós-graduação das universidades da região, há muito o que se descobrir e registrar sobre a presença humana na região. Recentes descobertas de artefatos arqueológicos nos locais de construção das hidrelétricas do Madeira são provas da existência do homem há muitos séculos nessa região e negam, portanto, a ideia de espaço vazio.

Ainda sobre as imagens nos trópicos, cabe-nos apresentar duas telas pintadas pelo viajante. A primeira, poderíamos denominar *Tempestade na selva*; a segunda, *Concerto musical*. Observemos com vagar a primeira tela:

Houve um pôr do sol, quando a formação de obscuras nuvens violetas teria excluído a tranquilidade do dia, mas a abóbada celeste não estava ajustada à barreira baixa da floresta na direção oeste. Através daquela fenda estreita, uma luz amarela fluía e traçava formas sobre as muralhas estranhamente coloridas e a cobertura das casas, que estreitamente nos cercavam. Isso era o início da mais alarmante de nossas tempestades elétricas diárias. Não havia nenhum vento. Serpa e toda a margem encarando aquele estrondo, onde a luz entrava em nossa prisão, e permanecia proeminente e estranha e nos surpreendia tanto quanto se não tivéssemos olhado naquela direção até então. A cortina descia atrás da floresta, e toda a luz era suprimida. Não podíamos ver através do navio. Sabendo quão fortes e brilhantes podiam ser as descargas elétricas (embora raramente fossem acompanhadas de trovões), quando não eram um sinal de um modo tão portentoso, esperávamos com alguma ansiedade o começo desse espetáculo. Começava acima das árvores, atrás de Serpa. Um raio azul tremulava bem embaixo e, rapidamente, extinguia-se. Em seguida, um estrondo de luz espalhava-se pelas manchas escuras invertidas, do leste para oeste, em três movimentos rápidos. Essas ramificações instantâneas fraturavam toda a abóbada celeste em uma cadeia de deslumbrantes linhas azuis. As rearticulações da luz eram passageiras, mas nunca desapareciam. A noite contraía-se e expandia-se, e os sons afiados, que não eram como trovões, podiam ser os fragmentos revolventes da cobertura da noite. Não víamos não apenas o rio e as sombras das árvores e da vila, como em um aceno de luz do dia, mas as suas cores também. Um clarão intenso e instantâneo iluminava os céus, e seu clarão brilhante extinguia tudo. Vinha com uma explosão, como o estrondo de uma grande arma perto de nossos ouvidos, e por um tempo pensávamos que o navio fora atingido. Nesse esforço, a tempestade se consumia (2010, pp. 266, 268).

Céu e terra, abóbada celeste e floresta parecem formar o pano de fundo desta tela paisagística. Entretanto, por meio de uma fresta, "uma fenda estreita", uma luz amarela

fluía e traçava formas sobre as muralhas estranhamente coloridas e sobre as coberturas das casas". Essa luz potente tomava conta do cenário e traçava raios coriscantes anunciando uma magnífica e alarmante tempestade. Tudo ao redor está parado, como em um desenho. Repentinamente, uma cortina violeta, a noite, desce atrás da floresta e pinta o fundo da tela. Mas a escuridão, que chega com a descida dessa cortina, é apenas o cenário para portentosas descargas elétricas. A tempestade é mais um indício que prenuncia um roteiro repleto de aventuras, onde as vicissitudes da vida alternar-se-ão entre a vida do viajante e sua obra.

O narrador d'**O Mar e a Selva** mantém um ritmo frenético entre a viagem, (que torna-se a própria obra), a força vital da natureza tropical e o EU. A tempestade é, de fato, tão somente demonstração de uma das forças ocultas da Natureza. E assim, imagina-se que, depois de uma tempestade como a descrita acima, venha, com a escuridão, um silêncio sepulcral que, lentamente, seja vencido por um sussurro das coisas inanimadas e, neste último, o concerto sonoro e monstruoso das rãs ululantes, das cigarras, dos grilos e outras criaturas selváticas desconhecidas, verdadeiramente, tornando o quadro impressionante; uma representação do sublime natural captada no sublime retórico e vice-versa. Confirma-se, então, as palavras de Edmund Burke ao afirmar que "sem uma impressão forte nada pode ser sublime" (BURKE, 1993, p. 86). E o narrador segue adiante aperfeiçoando-se em suas "técnicas de si" com um *Concerto noturno* da natureza. Deleitemo-nos com a cena.

As trevas descem rapidamente, o mergulho e o espalhamento das asas escuras. A pausa do coração do navio, porque a pulsação de seu corpo causa reação inconsciente em você, como por um ligamento incorpóreo, é o cessar da sua própria vida. Por um momento há um silêncio estranho, em que se começa a ouvir o sussurro das coisas inanimadas. Uma tora de madeira desliza perto emitindo suaves sons labiais. Você é rapidamente liberto da prisão, e flutua levemente em um éter impalpável para os sons ásperos e os movimentos da terra, mas que ainda está sensível ao toque mais delicado de seus pensamentos e emoções. O murmúrio de seus companheiros é apenas o sussurro de seus pensamentos em um silêncio ilimitado e inviolável.

Depois, quase imperceptivelmente, as rãs começam a barulheira pela noite adentro. Os grilos e as cigarras se juntam. Entre o arremesso variável de

suas vozes, surgem outros seres noturnos em monotonias de criaturas desconhecidas, para completar a escala musical. Há notas tão intensas, mas constantes, que são uma mera impressão de obscuridade para a audição, como quando alguém olha atentamente prestando atenção dentro de um abismo, em que nenhum fundo é visto, e outros são estrídulos tão atenuados que penetram para além do alcance.

Algumas rãs o iniciam. Há ululações, fontes de som suave chiando para transbordar na escuridão, e elas o multiplicam e o unem até que a qualidade do som, contido e agradável de início, é completamente alterado. Torna-se monstruoso. A noite estremece na batida poderosa de um estrondo rítmico. Ouvindo aquela barulheira metálica, não se pode pensar que sejam rãs. Em algum momento, logo depois que ele começa, o coro parece um tumulto distante, misturado e equilibrado pela distância, de uma multidão de pessoas correndo e disputando algum lugar, mas nós que estamos ouvindo sabemos que não são pessoas. O barulho fica mais perto e mais alto até estar palpitando à nossa volta. Podia ser a vida da floresta que, imóvel e silenciosa o dia todo, agora estava liberta e pulsando em um nível mais aceleradamente em paroxismos ensurdecadores (2010, pp. 332, 334).

Nesta longa passagem descritiva, a audição é golpeada de maneira constante e sucessiva com o fito de fazer vibrar o efeito da imagem capturada pela mente do narrador e plasmada em seu discurso. Como afirma Edmund Burke (urge que o citemos uma vez mais), “os órgãos da audição, tendo sido constante e sucessivamente golpeados de maneira semelhante, continuam a vibrar daquele modo durante algum tempo: esse é um auxílio adicional à grandiosidade do efeito” (BURKE, 1993, p. 147). Somente um narrador “sensível ao toque mais delicado de seus pensamentos e emoções” pode pintar tal quadro verbal. As palavras, dispostas de forma orquestrada, metaforizam as cores que pintam. Dessa forma, a escuridão transforma-se em asas escuras; o desligar das máquinas do navio confunde-se com o desligamento da vida do espectador; uma tora de madeira deslizando nas águas metamorfoseia-se em suaves sons labiais; libertar-se da prisão equipara-se a flutuar pelo éter impalpável; o murmúrio dos companheiros viajeros é apenas o sussurro de seus pensamentos e, nesse ritmo monstruoso e amedrontador, a vida da floresta, antes imóvel e silenciosa, liberta-se “pulsando em um nível mais aceleradamente em paroxismos ensurdecadores”.

No próximo capítulo continuaremos seguindo sempre essas exaltações máximas das sensações do narrador via sua composição discursiva. Essas sensações do ato de atingir

o ápice da aventura apontam para a insensibilidade ou estado de torpor diante de sua breve convivência com os viajados nos primórdios da humanidade. Ao desembarcar em Porto Velho, ele parece haver trilhado o tempo pretérito e estar, portanto, nas “costas do mundo”. Surpreso, o viajante então se interroga:

O que era este lugar para o qual tínhamos vindo em um urgente e prolongado negócio e cuidadosamente deliberado, onde homens simplesmente olhavam para os brancos de nossos olhos, ou trocavam roupas molhadas no salão, ou ligeiramente se referiam ao inferno - todos eles fizeram isso - como se o inferno fosse uma característica banal do dia deles? (2010, p. 356).

Continuemos desse entre-lugar, onde paraíso e inferno coexistem. É dessa fresta, que o viajante, quase que insensível à fadiga, atingirá seu limite humano frente ao desconhecido. É chegada a hora do viajante enfrentar mitos e superstições sobre a região do Madeira. Pois, estamos no dia "30 de janeiro" [de 1910]. E o viajante relata-nos que,

A conversa frequente tem sido sobre um lugar chamado Porto Velho, um nome que ouvi primeiramente quando assinava os documentos do *Capella*, em Swansea, e do que nos aconteceria quando chegássemos. Mas estou encarando tudo isso como um mito estranho. Ali haveria tempo para provar aquelas superstições de Porto Velho. E o que aconteceu? (TOMLINSON, 2010, p. 348).

Tudo depende da pulsão escópica do viajante tanto para ver e registrar o paraíso quanto o inferno. De sua competência para administrar o olhar e ver o novo que se apresenta diante de seus olhos sonhadores. Como incita Neide Gondim, sim, a Amazônia é “infernai e paradisiaca, é a síntese dos contrários e a inversão da estética do belo, pois a beleza pode surgir do infernalmente horrível porque exige um olhar primordialmente novo” (GONDIM, 1994, p. 274). Mergulhemos, então, rumo ao Tártaro, mas procuremos, entretanto, com vigor e confiança, emergir rumo ao Paraíso.

CAPÍTULO IV

O SACRIFÍCIO DO HEROI SONHADOR

O herói pode, evidentemente, adquirir um grande mérito pessoal por conduzir o destino à vitória (como Aquiles), mas isso depende das suas qualidades pessoais e grandeza humana, e não primordialmente, da sua função como um agente do destino.

O homem do Renascimento - Agnes Heller

Viajar não é dado a todos. Há homens acomodados, caseiros e sedentários que são quase naturalmente alheios às viagens. Mas há também homens inquietos, aos quais o ponto cego do horizonte obseda, constantemente fustiga e desafia⁶⁵. Esse viajante sacrifica-se, duplica-se em um cá e um lá e se eleva à condição de herói - o herói de si mesmo via sua construção romanesca, que se torna um espelho de um EU em ato de ascese. É assim que Tomlinson, entusiasmado pelo empreendimento, canta: “Exatamente no dia seguinte, eu deveria viajar; eu mesmo, e nenhum outro herói, verdadeiramente EU, finalmente, para um lugar que não estava no mapa, porque o lugar que deveríamos encontrar no fim da jornada, o mapa descrevia com aquelas palavras mágicas: “Floresta” e “Inexplorada” (2010, p. 28). Esta declaração autocongratatória apresenta, tanto o deslumbramento do viajante diante do que lhe reservava o *Destino*, quanto a consciência de ser um *afortunado* por ter tido o prazer de empreender a viagem aos trópicos: sonho de suas reminiscências. E “agora chegou a hora de procurar o romance dos trópicos, em outro século”, afirma Tomlinson ao desembarcar em Belém do Pará.

Assim, sua experiência sensível submete-o ao exercício do intelecto como libertação de utilitarismos. O aprendizado diário e constante transforma o intelecto tomlinsoniano. Se, no início da viagem, ele se mostra um tanto quanto inflexível diante da diversidade humana e dos acontecimentos presentes e futuros, ao chegar à Amazônia, em

65CARDOSO, Sérgio. “O olhar viajante (do etnólogo)”. In: **O olhar**. Organização Adauto Novaes ... [et al.] São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

especial, ele "inala o espírito dos trópicos" e fica impregnado de reverência pelo que pouco a pouco se mostra: a Natureza. A partir desse "encontro" e, provavelmente, como forma de persuasão ao leitor, ele repete o tempo todo o perigo e a beleza da natureza tropical. A partir de então, o viajante busca a dissolução de seus próprios limites e das formas que o aprisionam enquanto sujeito. E aí há uma espécie de ebulição dos limites individuais. O silêncio sepulcral amazônico, os odores primevos, a beleza da fauna e flora locais, o esplendor dos pôres do sol, as suntuosas paisagens, etc., o barulho ensurdecador das cigarras, "as amoladoras de tesouras", as reluzentes tempestades, que prenunciam a "morte do Sol", bem como a Aurora anunciando o seu "renascimento; tudo o excita e o revigora, fortalecendo-o para seguir adiante corajosamente. Pois, em Tomlinson há, de um lado, o desencantamento pelo mundo social e, de outro, o encantamento pelo mundo natural. Daí ele cantar a Natureza. Porém, é de sacrifícios que vivem os grandes heróis. Aventurar-se pelo mundo é expor-se a riscos de morte um tanto quanto prematura, ou seja, ao aventurar-se a horizontes longínquos e desconhecidos, pode-se estar antecipando a própria morte.

Ir para a região do Madeira, em 1910, era correr riscos inimagináveis. Na distante Swansea, ali no cais onde H. M. Tomlinson se junta ao grupo de viajantes, já ouvia-se terríveis histórias a respeito da região insalubre do "cemitério dos vivos". Havia notícias sobre a EFMM estampados nos jornais londrinos. (Ver anexos). Como afirma o viajante londrino, "Em quase todas as regiões inexploradas do rio Madeira, a febre é certa para cada viajante, embora a terra seja largamente desabitada; e é quase igualmente certo que será do tipo maligno" (2010, p. 258). Mas, mesmo sendo conhecedor dos riscos que qualquer homem branco corria indo para a Amazônia, o jovem peregrino decide fazer a viagem. "E assim, parte-se de madrugada, para um porto desconhecido de carvão, no País de Gales, para ali embarcar em um navio a vapor, para uma viagem da qual se tem sérias dúvidas, embora seu desembarque esteja perto da linha do horizonte e nela haja palmeiras" (TOMLINSON, 2010, pp. 16, 18). Citemos um trecho da narrativa que aponta para a possível tragicidade da jornada aos trópicos:

Devido a nosso destino incomum e às histórias estranhas que eram contadas, éramos motivo de curiosidade no cais de Swansea, e tivemos muitos entrevistadores e visitantes curiosos. Alguns deles estavam no cais então, inspecionando nosso navio e, quando eu descia a escada, um deles virou-se para mim. "Senhor, você vai nessa viagem?" - ele sussurrou. "Eu vou" - respondi-lhe. "Oh, meu Deus!" - ele disse (2010, p. 30).

De fato, a coragem é um dos principais atributos do viajante ideal. Sem intrepidez, ousadia e firmeza de caráter nenhum viajante pode ser bem sucedido em suas aventuras pelo mundo afora. Ir para Porto Velho, e isso significava semanas de viagem na travessia do Atlântico e algumas outras semanas pelos tortuosos rios amazônicos - Pará, Amazonas e Madeira - era tanto estar inconsciente dos perigos de mortes terríveis e quase certas para qualquer estrangeiro, como aconteceu com a maioria dos trabalhadores que caíram na armadilha de “um inteligente e metódico agente de recrutamento, que prometia a cada pobre infeliz um tempo lucrativo no Jardim do Éden” (TOMLINSON, 2010, p. 400), quanto ter sido enfeitiçado pelo desejo de conhecer os trópicos, como é o caso de H. M. Tomlinson. Ele vai para a Amazônia porque valorizava a vida com mais intensidade do que sua chance de velhice. Para ele, viver significava aventurar-se e, nessas aventuras, embeber-se de imagens, aromas, sensações, visões; em suma, transbordar de experiências pessoais e, de preferência, num lugar “mágico” e “inexplorado”, a selva amazônica que, em si mesma, é um objeto poético.

O viajante ideal não deve esperar ociosamente que a vida lhe conceda momentos aventureiros, grandes coisas que podem ou não lhe acontecer, mas “procurar por elas, como você e eu”, afirma Sandy, um maquinista, ao narrar a triste história do belo e jovem marineiro, Jack Driscoll, a H. M. Tomlinson. Jack ficara aprisionado do lado mágico do tempo e não percebera que a vida passava rapidamente. Enfeitiçado pela bela garota de olhos estranhos, uma maga, Jack somente acordou do “sono do amor”, quando seus olhos estavam nublados e embaçados, e sua juventude já havia se dissipado.

Então viu seu rosto no espelho e gritou tanto que o *barman* apareceu e ordenou

que ele saísse dali imediatamente. Mas ele permaneceu olhando para o espelho, não acreditando em seus olhos. Reconheceu seu próprio rosto novamente, mas apenas se reconheceu. Seus olhos estavam nublados, vermelhos e embaçados, como os daqueles homens de idade, que já tinham vivido bastante tempo; e o rosto dele estava ofegante e cheio de marcas, e tinha uma nojenta barba branca (TOMLINSON, 2010, p. 152).

Através da narrativa de Jack Driscoll, Tomlinson justifica sua busca de aventuras e, ao mesmo tempo, ensina seus leitores sobre as buscas de sentidos para uma vida que de fato valha a pena ser vivida. “O mar”, escreve o viajante, “carrega a tola sorte para a fortuna e arrasta o cálculo sábio para uma longa vida” (TOMLINSON, 2010, p. 44). Em sua opinião, não se devia atravessar o mar em busca de fortuna, mas para escapar dos grilhões que aprisionam os homens nas cidades e lhes condenam a uma vida onde a pressa ou a ociosidade são seus únicos méritos. É por isso que Tomlinson não somente agita seus pulsos contra o Destino. Ele faz mais do que isso, pois asfalta-se de Londres, e “Era como se o mundo tivesse sido rapidamente iluminado, e eu pudesse ver a uma grande distância” (TOMLINSON, 2010, p. 10). (Urge retomarmos aqui mais uma vez essa assertiva).

Viver sem riscos, para indivíduos inquietos, é o mesmo que morrer lentamente. Nessa perspectiva, um viajante ideal não deve aventurar-se de forma improvisada, pois, “se um começo é feito, é ali que é preciso o máximo de cuidado. Tudo é inerente à gênese”, informa o narrador tomlinsoniano no início de sua jornada discursiva aludindo, dessa maneira, a uma relação de intertextualidade com as ideias platônicas acerca do início determinando o fim. Pondo, portanto, em evidência, o próprio processo da Criação, que deve conduzi-lo à formação de um discurso grandioso e, através dessa composição artística, imortalizar-se. Como diz Massaud Moisés, “A ânsia de imortalidade revela-se, por sua vez, em dois planos: a imortalidade biológica e a imortalidade criadora, que se confunde com o afã de conhecer o seu “eu e sua circunstância” (MOISÉS, 2003, p. 328). E aí Massaud Moisés se interessa pela questão da imortalidade criadora que, segundo o teórico, essa “ânsia de imortalidade criadora envolve, em si, uma dada concepção do mundo, uma cosmovisão, uma

mundividência” (2003, p. 328).

Para poder coletar dados, imagens, narrativas e aventuras para a orquestração de sua obra-prima, que é **O Mar e a Selva**, Tomlinson arriscou-se a morrer de maneira trágica nas barrancas amazônicas, uma vez que, se ali contraísse alguma doença, ou sofresse qualquer outro tipo de atentado à sua vida, decerto ficaria por ali mesmo, enterrado à margem de alguma trilha ou estrada aquática; ou ser engolido por uma sucuri, ou qualquer outro animal da selva. Porém, sem sacrifícios é impossível que algum viajante realize tal viagem aos trópicos. A distância da terra natal, a saudade dos parentes e amigos, o desconforto, “os terríveis e infernais mosquitos”, a exposição ao clima e ares completamente diferentes dos seus, os obstáculos geográficos, a solidão e, principalmente, a incerteza do regresso ao lar são motivos que inquietam e perturbam qualquer viajante. Além disso, o vencimento de todas essas adversidades não significa que sua obra conceda-lhe a imortalidade. A orquestração de seus passos na produção de sua obra torna-se então um dos fatores que o conduzirá a tal imortalidade. Como afirmamos na epígrafe com Agnes Heller, a vitória de um “herói depende, evidentemente, das suas qualidades pessoais e grandeza humana”. E, como assegura Longino, a aptidão à palavra é um dos principais elementos do sublime retórico. Daqui seguimos os passos de H. M. Tomlinson nas terras do atual estado de Rondônia; porém, tornou-se necessário uma construção discursiva da EFMM, pois o objetivo da viagem do navio era levar suprimentos e materiais para a referida ferrovia. Tentamos costurar alguns episódios e eventos ocorridos no longo e tenebroso processo de construção da Madeira-Mamoré. É aí que encontraremos os últimos Titãs em suas lutas contra a selva amazônica.

E agora é hora de pintarmos o percurso histórico de construção da EFMM, onde nosso viajante londrino desembarca do *Capella* e visita Santo Antônio, bem como as terras dos temidos Araras e dos Caripunas, nações indígenas da região do Alto Madeira. Aqueles, completamente dizimados, estes, poucos sobrevivem. Para a elaboração desse quadro, então, algumas narrativas sobre esse empreendimento na selva são de inteira relevância: **EFMM: História trágica de uma expedição**, de Neville Craig, um engenheiro norte-ame-

ricano que esteve na região e conseguiu sobreviver e retornar para sua terra, Os Estados Unidos e, em 1907, publicou a obra; **A ferrovia do diabo**, um extenso e vigoroso estudo dessa longa epopeia nas selvas amazônicas, de Manuel Rodrigues Ferreira; a expressiva **Rondônia**, de Edgar Roque-Pinto; “Na floresta”, um capítulo fascinante da obra **Tristes Trópicos**, de Lévi-Strauss, e a instigante e crítica **Trem Fantasma: a modernidade na selva**, obra de Francisco Foot Hardman, um de meus professores no programa de pós-graduação em que desenvolvi esta pesquisa e, cuja postura crítica e muito viva desse pesquisador me ajudou a realizar esta viagem através de narrativas lúcidas e, às vezes, também trágicas de um Brasil rumo à modernidade e, principalmente, de uma Amazônia brasileira imersa nos desatinos de homens enlouquecidos em nome de uma ideia: progresso. Começemos nossa digressão.

4.1 MADEIRA-MAMORÉ: UMA FERROVIA FANTASMAGÓRICA

A decisão de construir aquela estrada de ferro [Madeira-Mamoré] numa região insalubre e quase inacessível possui determinações mais específicas que passam pela afirmação nacional, pelo desejo de dominar o desconhecido e selvagem, pelo afã - em dado momento, incontrolável - de percorrer territórios estranhos e de transformá-los, neles imprimindo as marcas conhecidas da engenharia mais avançada.

Trem fantasma - Foot Hardman

George Earl Church, engenheiro civil que havia trabalhado na construção da estrada de ferro de New Jersey e na do Mississipi, depois na de Iowa, nos Estados Unidos, é, ao lado do general boliviano Quentin Quevedo e do engenheiro topógrafo Franz Keller, um dos eixos centrais da construção da ferrovia, que sob a decisão do imperador D. Pedro II foi denominada Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Church, uma personalidade decidida e em-

preendedora, segundo registro de Neville Craig, “a 27 de agosto de 1868, obteve uma concessão e fez um acordo cujos termos lhe impunham a organização da National Bolivian Navigation Company, que tinha por objeto canalizar as quedas do Madeira e do Mamoré e estabelecer nesses rios a navegação a vapor” (CRAIG, 1947, p. 40). O relato de Craig é um dos primeiros trabalhos literários sobre a EFMM e constitui, portanto, documentário importante sobre as primeiras etapas desse empreendimento ferroviário em que ingleses, norte-americanos, bolivianos, brasileiros e inúmeras outras nacionalidades gastaram suas vidas e uma elevada soma de dinheiro.

No prefácio do relato, Craig informa que

Durante anos consecutivos costumavam reunir-se anualmente, em um dos principais hotéis da Filadélfia, diversos membros de certa entidade conhecida por “Madeira and Mamoré Association”. Eram componentes do grupo expedicionário que em 1878, sob o patrocínio dos empreiteiros norte-americanos P. & T. Collins e Mackie, Scott & Co., foi ao Brasil com o propósito de construir uma estrada de ferro que contornasse as quedas e corredeiras do alto Madeira, bem como estabelecer linhas de navegação mecânica a jusante e a montante desses entraves. Tal rede mista de transportes, ligadas às linhas transoceânicas que trafegavam entre Nova Iorque e os portos brasileiros, destinava-se a constituir poderoso sistema internacional de tráfego, capaz de dar desenvolvimento adequado às vastas regiões banhadas pelo Amazonas e estabelecer ligação direta entre os Estados Unidos e a Bolívia, engastada no coração da América do Sul (CRAIG, 1947, p. 05).

Assim, para a construção do panorama histórico, geográfico e comercial dessa região do Brasil, Craig ordena várias vozes. Isso deve-se, certamente, ao fato de que sua narrativa é, de certo modo, uma orquestração de diversas cartas e relatórios de funcionários que estiveram no local da EFMM. Seus arranjos discursivos nos dão uma visão do que representava a região naquela época e também ajudam a condenar a Amazônia a ser um lugar de eterna negação da Natureza e do homem dos trópicos, pivô semântico do colonialismo. Craig, em seu angustiante relato histórico inaugura, discursivamente, a Amazônia do Alto Madeira do século XX, com esse gênero narrativo, que pinta a região como o lugar “onde o diabo perdeu as botas”.

Craig fez parte da segunda comitiva estrangeira encarregada da construção de uma estrada de ferro no trecho encachoeirado entre os rios Madeira e Mamoré. A ideia era ligar a Bolívia ao Atlântico, via Madeira-Amazonas, numa tentativa ousada de diminuir a distância entre os grandes centros comerciais do mundo. Assim, anos depois do fracasso de uma comitiva inglesa (1872), a expedição norte-americana (1878), sob a responsabilidade administrativa dos irmãos Philip e Thomas Collins, partiu da Filadélfia (EUA) em direção a Santo Antônio, no Alto Madeira, sob aplausos e autocongratulação norte-americanos, como informa-nos um dos jornais norte-americanos: “daqui parte uma expedição equipada com material norte-americano, financiada com dinheiro nosso e dirigida por patrícios, para executar, no estrangeiro, obra de grande vulto” (CRAIG, 1947, p. 74).

Através de sua narrativa, Craig acredita que seja possível “chamar a atenção do público para milhares de quilômetros de estradas líquidas onde a bandeira norte-americana constitui curiosidade rara; e, em pleno delírio de uma prosperidade nacional sem precedentes, o relato de um fracasso de gente nossa poderá servir para refrear um pouco seus excessos” (CRAIG, 1947, p. 08). Este objetivo chama atenção não somente para a necessidade norte-americana de dominar outras regiões do planeta, como também para mostrar o quanto temiam a prosperidade de outros países. Era preciso, então, advertir aos patrocinadores da Modernidade. Todavia, Craig ouve a voz de Henry David Thoreau e com ele afirma que, “a calamidade é a verdadeira pedra de toque do homem” (CRAIG, 1947, p. 08).

É assim que o romantismo da imagem que os viajantes tinham de Santo Antônio é rapidamente toldado pela pintura de um ambiente hostil:

Para quem suspirasse *por uma cabana em pleno sertão, por uma sombra contínua, sem limites*, pareceu-nos, aquela noite, que Santo Antônio seria o lugar ideal. O constante farfalhar das corredeiras próximas, onde as águas, divididas por uma grande ilha, forçavam passagem por entre fragmentos de algum imenso dique de granito com que a natureza, em tempos, lhe procurasse barrar o caminho, o emaranhado de árvores e cipós que em todas as direções interrompia a visão, a completa ausência de culturas, as duas únicas choças de sapé então

visíveis, a umidade atmosférica, o sol escondendo-se por entre nuvens carregadas, escuras, - todo esse conjunto nos oprimia o coração e revelava o peso imenso da tarefa que havíamos tomado sobre os ombros (CRAIG, 1947, p. 131).

Aqui, o conceito de Natureza exclui a presença humana. Ela é descrita como algo exterior ao homem, e produzindo-se a si mesma constantemente. A linguagem visual e analítica de Craig constroi um quadro paisagístico que oprime o coração e prenuncia a tragédia da expedição. A visão é interrompida e os demais sentidos são apagados pelo peso imenso da tarefa que os norte-americanos haviam tomado sobre os ombros. Todo esse cenário, entretanto, carrega em si mesmo as astúcias e as desventuras da Modernidade, como uma forma de prelúdio.

Quando os destemidos norte-americanos chegam a Santo Antônio, tem-se uma descrição um tanto quanto negadora de qualquer história. Portanto, há ausência de cultura. A região passa a ser compreendida como o lugar da negação até mesmo de um ser divino destronado: “quando lá chegamos, era corrente o provérbio “Santo Antônio é o lugar onde o diabo perdeu as botas”. Parece que com isso queriam dizer que Sua Majestade Satânica também tivera má impressão do lugar e, por isso, o abandonara apressadamente” (CRAIG, 1947, p. 130).

Voltemos no tempo, entretanto. Era uma vez, há muito tempo, quando a tentativa de dominação da região do Alto Madeira já havia sido iniciada. Porém, a um norte-americano da Filadélfia, aos tenentes da marinha Lardener Gibbon e William Herndon⁶⁶, coube o mérito da primeira exploração completa da rota que parte da Bolívia até o Pará, por vias dos rios Chaparé, Mamoré, Madeira e Amazonas. Foi em 1851, que os tenentes Gibbon e Herndon receberam ordens do Ministro da Marinha para seguir da costa do Peru, por terra, explorar os principais cursos fluviais que ligam o interior da Bolívia e do Brasil ao litoral⁶⁷.

Desse modo, foi o tenente Gibbon quem retificou várias cartas geográficas então

⁶⁶**Exploration of the Valley of the Amazon (1851-1852).** Disponível em <http://digital.library.pitt.edu>. Acessado em 20/02/2010.

⁶⁷Ibidem , p. 47.

existentes; fez sondagens dos canais fluviais e redigiu extensos relatórios sobre as possibilidades de navegação nos principais rios. Foi Gibbon, também, quem verificou as 19 cachoeiras entre Guajará-Mirim e Santo Antônio do Madeira, onde hoje está sendo construída uma hidrelétrica e uma outra na cachoeira do Jirau. O trecho obstruído, portanto, era o único obstáculo à navegação fluvial contínua de Vinchuta, na Bolívia, via rios Chaparé, Mamoré, Madeira e Amazonas, até o porto de Belém do Pará, num percurso de 3.600 quilômetros. “Para vencer o referido obstáculo, o tenente Gibbon recomendava a construção de uma rodovia entre Santo Antônio e Guajará-Mirim, à margem direita do Madeira e do Mamoré, em território brasileiro, mais ou menos pelo traçado da atual Estrada de Ferro Madeira-Mamoré”⁶⁸.

Anos mais tarde, em 1867, comissionados pelo Brasil, o engenheiro alemão Franz Keller e seu filho foram encarregados da verificação do trecho encachoeirado nos rios Madeira e Mamoré. Porém, o engenheiro fez somente uma rápida visita à cachoeira de Santo Antônio e apoiou-se nas informações dadas pelo tenente Gibbon e na compilação dos mapas dos rios.

É nessa parte da história da EFMM que surge o engenheiro ferroviário norte-americano George Earl Church. Como conhecedor da geografia da América do Sul (ele era vice-presidente da Sociedade Geográfica Real de Londres), das línguas aí faladas, da história e dos seus diversos povos, devido suas inúmeras andanças pela região, Church, já que era um engenheiro civil de grande competência técnica e administrativa, era o homem certo para a obtenção dos serviços que demandavam determinada empreitada. O coronel Church, escreve Foot Hardman em sua narrativa histórico-sociológica, **Trem fantasma: a modernidade na selva** (1988), era um desses homens de “espírito aventureiro e oportunista, atração irresistível para viagens distantes e enriquecimento fácil, capacidade administrativa ímpar no ramo das construções ferroviárias somada a um militarismo ávido em expandir fronteiras, em domesticar índios, em firmar as marcas da civilização baseada no valor de troca pelos

⁶⁸Ibidem, p. 28.

quatro quadrantes do planeta” (HARDMAN, 1988, p. 120). A opinião não menos crítica e irônica de H. M. Tomlinson sobre o feito é que,

peças com faro por dólares podem fazer maravilhas [com 5000 toneladas de carvão na selva]. No início dos anos setenta [1870], havia um homem com uma ideia, coronel George Earl Church. Sua ideia era dar à Bolívia, que os Andes excluía do Pacífico, e há duas mil milhas de floresta virgem do Atlântico, uma porta para se comunicar com o mundo exterior. Ele disse, porque era um entusiasta, que a Bolívia é o país mais rico do mundo. As minas de Potosi estão na Bolívia. Suas montanhas erguem-se das férteis planícies tropicais para altitudes do Ártico. As seringueiras crescem embaixo, e um clima para cevada é encontrado a poucos dias de jornada em direção ao céu. Mas as riquezas da Bolívia estão encarceradas (TOMLINSON, 2010, p. 274).

As palavras de Hardman e Tomlinson, impregnadas de uma visão crítica, deixam claro que a ganância e o sonho pela aventura em terras distantes nunca se dão de forma gratuita: o sacrifício de muitos homens, então, ecoa como forma de um cessar fogo desse processo “civilizatório”. Mas voltemos à questão da concessão da EFMM.

Depois da organização da National Bolivian Navigation Company, a companhia obteve o privilégio da navegação pelos afluentes bolivianos do rio Madeira, por vinte e cinco anos; o direito de cobrar frete e passagem a navios não pertencentes à companhia, para navegar no canal; e a cobrança de fretes e passagens dos passageiros. No dia 07 de novembro de 1869, introduziram-se algumas modificações na concessão original. Uma delas permitia que se construísse uma estrada de ferro contornando as corredeiras, caso se verificasse que essa solução fosse mais prática que a construção do canal originalmente imaginado. No dia 22 do mesmo mês, lavrou-se um contrato que autorizava o lançamento, nos mercados europeus, de um empréstimo de um e meio milhões de esterlinos, a juro não superior a oito por cento⁶⁹.

Todavia, devido a motivos políticos internos, o governo brasileiro, sob a administração do Imperador D. Pedro II e alguns de seus ministros, resolve dar a concessão ao Coronel Church pessoalmente e não à National Bolivian Navigation Company. “Essa

⁶⁹Ibidem, p. 41

concessão”, informa Craig,

foi finalmente efetivada por decreto em 20 de abril de 1870 e exigia a organização de outra companhia independente boliviana; e estipulava ainda que a empresa deveria chamar-se “Madeira Mamoré Railway” e concedia ao Coronel Church direito exclusivo, por cinquenta anos, de construir, pagar e possuir dita estrada que, partindo de Santo Antônio fosse ter a Guajará-Mirim (CRAIG, 1947, p. 42).

Além de vários outros privilégios - de mineração e concessão de terras, por exemplo - concedidos ao coronel Church, o documento exigia que as obras se iniciassem dentro de dois anos. É assim que, depois de vários trâmites e percalços, em 1º de maio de 1871, foi incorporada a Madeira-Mamoré Railway Company Ltd., tendo o coronel Church na presidência e o Sr. George Hopkins como engenheiro-chefe e, no dia 18 do mesmo mês, foram assinados os contratos com os Srs. Erlanger & Co. e a Public Works. Para conseguir a soma em dinheiro no exterior, o coronel Church tornou conhecida, através de vários artigos publicados em jornais e revistas, a grande riqueza natural da Bolívia e a necessidade de se conseguir escoamento conveniente para seu comércio. “Expôs sua posição financeira aos grandes banqueiros de Paris, Bruxelas, Amsterdam e, finalmente, a Erlanger & Co., de Londres e Paris”⁷⁰. A última, por sua vez, exige que a construtora da ferrovia fosse a Public Works Construction Company e esta envia, imediatamente, dois de seus engenheiros, C. F. Kierzkowski e Leantohm Earle Ross, ao local, para examinarem o traçado projetado da ferrovia. Estava formado, então, os grupos que construiriam a EFMM - a Erlanger & Co., National Bolivian Navigation Company e a construtora Public Works.

Os dois engenheiros chegaram a Sucre, na Bolívia, acompanhados do coronel Church, e “já a 28 de agosto seguinte o contrato de empréstimo com Erlanger & Co. tinha sido confirmado pelo congresso boliviano e assinado pelo presidente Morales” (CRAIG, 1947, p. 49). Depois de recebidos os documentos comprobatórios, o coronel Church, em companhia do Sr. Ross e mais três outras pessoas, partiram para Cochabamba e de lá, nos

⁷⁰Ibidem, p. 47.

informa Craig,

Chegando a Trinidad, o Coronel Church ultimou os preparativos para o trajeto mais perigoso da viagem, isto é, através do trecho obstruído do rio, bem como para a viagem de retorno da lancha *Exploradora* (...). Tendo partido de Trinidad a 11 de outubro com quatro embarcações e uma equipagem de oitenta e três homens, depois de curta parada em Exaltación, conseguiu ele atravessar sem incidentes todas as cachoeiras, estacionando a expedição na margem oriental do Madeira, em frente a Santo Antônio. Aí o Coronel Church encontrou um norte-americano de nome Silas S. Totten, que tinha ido até à Bolívia, a serviço da companhia de navegação, de lá regressando com vinte e oito trabalhadores indígenas para Santo Antônio, onde estivera algum tempo à espera de instruções. A 1º de novembro foi escolhido o ponto terminal da estrada de ferro e, na presença de toda a expedição, constituída principalmente de índios seminus, em pleno coração da selva tropical, dois mil e quatrocentos quilômetros distante da civilização, onde a região era absolutamente inexplorada e desabitada, a não ser pelos selvagens, o Coronel Church procedeu à cerimônia de remover a primeira pá de terra para a construção de uma estrada de ferro que, com a confiança de um novo Colombo, ele acreditava firmemente haveria de abrir para a imigração e para o comércio mundial um país cuja riqueza latente excedia a de qualquer região baldia, de igual extensão, sobre a face da terra. Que motivo magnífico para a pena do poeta, ou o pincel do artista, a cena que então se desenrolou em torno desse soldado do Norte, destacando-se do ambiente selvático que o cercava, no ponto extremo da navegação do Madeira, olhos fitos para a República irmã do Sul, que os séculos fizeram vítima da opressão externa e da fermentação intestinal, traçando com sua imaginação potente a futura estrada da paz, do progresso e do desenvolvimento comercial (CRAIG, 1947, p. 51).

Porém, a selva profanada, ao redor daquele soldado do império norte-americano e daqueles demais trabalhadores bolivianos, brasileiros e dos “índios seminus”, que podem ser considerados testemunhas do marco inicial de uma nova era da história sul-americana, começa a se vingar. A lancha *Exploradora* chegou a Santo Antônio trazendo a informação de que a lancha *Silver Spray*, que trazia as peças para a montagem de um outro navio a vapor, o *Mamoré*, bem como mecânicos e operários, estava atracada em Itacoatiara e que “devido ao falecimento de seu capitão e de alguns oficiais, não poderia continuar a viagem até Santo Antônio” (CRAIG, 1947, p. 52). Devido ao ocorrido, o coronel Church desce o rio Madeira na *Exploradora*, até Itacoatiara, e ao desembarcar ordena que o Sr. Vellarde retornasse para Santo Antônio com a escuna e que fizesse a variação do barco por terra desvian-

do-se das cachoeiras, e abrisse uma picada em torno de cada uma delas por onde passaria outra expedição, que o coronel esperava organizar na Bolívia. De Serpa (Itacoatiara), o coronel Church e o Sr. Ross embarcam para Londres e ali, finalmente, lavram um contrato com a Public Works, que envia para Santo Antônio, um grupo de cerca de 25 engenheiros sob as ordens de Leanthom Earle Ross. A comitiva chega a Santo Antônio no dia 06 de julho de 1872.

Entretanto, depois de um ano no local onde começaria a ferrovia, Craig afirma que,

A 9 de julho de 1873, um ano e três dias depois de os engenheiros terem chegado a Santo Antônio, a Public Works Construction Company, tendo constatado serem as dificuldades da obra muito maiores do que esperava e convencendo-se da impossibilidade de terminar a estrada dentro do prazo pactuado, repudiou o contrato e deu entrada, em juízo, de um requerimento pedindo a rescisão do mesmo, pleiteando o reembolso das despesas já feitas e procurando impedir que os banqueiros fizessem qualquer outro pagamento com os fundos sob a sua guarda até que o pedido fôsse deferido. A companhia construtora reclamava que a obra lhe fôra mal exposta, principalmente quanto à extensão da estrada, “que a zona era um antro de podridão onde seus homens morriam qual mûscas, que o traçado cortava uma região agreste em que se alternavam pântanos e terrenos de formação rochosa, e que mesmo dispondo-se de todo o dinheiro do mundo e de metade de sua população, seria impossível construir a estrada” (CRAIG, 1947, p. 55).

Os deuses da floresta do Madeira começavam a se vingar da profanação a que tinham sido submetidos seus santuários. Ali, em algum lugar, devia existir algum ser brilhante; era possível ouvir o rufar de suas asas, essa é a sensação que H. M. Tomlinson terá ao visitar o povoado de Santo Antônio, 38 anos depois dessa primeira tentativa malograda dos ingleses de construir um desvio para que o comércio ultrapassasse as cachoeiras. Através dessa representação da Amazônia feita pela companhia Public Works pode-se avaliar o efeito desastroso causado por tal fracasso. Assim, para a continuação da obra na selva, Church deveria conseguir trabalhadores em outros continentes. Os meios empregados para tal êxito, como nos conta a história da EFMM, são fraudulentos, no entanto. Porém, desistir do Eldorado era algo impensável. Afinal, desde os idos de 1637, quando Pedro Teixeira

subiu o rio Amazonas até Quito, na então América Espanhola, já o rio Madeira despertava sonhos de riqueza nos primeiros soldados do império: os bandeirantes. Destacam-se, entre eles, as figuras heroicizadas de Pedro Teixeira e Raposo Tavares. Segundo o autor de um dos maiores registros historiográficos e literários dessa região amazônica - Manuel Rodrigues Ferreira,

Com a viagem de Pedro Teixeira, teria relação, nove anos após, a bandeira de outro notável explorador português, Raposo Tavares, que, partindo da vila de São Paulo, iria percorrer todo o rio Madeira, numa missão oficial do Rei D. João IV, cuja política se orientava no sentido de ampliar os limites da América Portuguesa. Seria Raposo Tavares, o grande bandeirante, o primeiro a conhecer todo o curso do Madeira, e atravessar as suas cachoeiras em fins de 1650 (FERREIRA, 2005, p. 72).

É interessante ressaltar que depois de aberto o portal amazônico-madeirense por esses dois viajantes, somente “setenta e dois anos após, em 1772, Francisco de Melo Palheta iria realizar o mesmo caminho, mas em sentido inverso” (FERREIRA, 2005, p. 26), haja visto que a conquista do Oeste das terras hoje brasileiras deveria continuar. Os bandeirantes, pertencendo a uma categoria político-social que se denominava nobreza,⁷¹ eram um prolongamento do próprio poder real: a Coroa. Entretanto, nessa relação metonímica havia os nativos escravizados, e em um número altamente elevado⁷². Que sem o conhecimento e o auxílio desses nativos nenhum explorador teria obtido êxito em suas “descobertas” é uma suposição ligeiramente fácil de ser notada e comprovada. De expedições em expedições e, com essas, as fundações de várias missões religiosas, principalmente as jesuíticas, é que essa região da América Portuguesa começou a ser trilhada, mapeada, invadida, “cristianizada” e “civilizada”; os dois últimos termos pertencem a mesma equação, isto é, igual à colonização⁷³. Santo Antônio do Alto Madeira, por exemplo, “surgiu com a missão jesuítica

71Francisco de Melo Palheta, por exemplo, era membro da nobreza de Belém do Pará, de onde era natural.

72Na expedição de Melo Palheta, escreve Manuel Rodrigues Ferreira, havia cerca de 120 portugueses e 1.200 índios tupis.

73Ver, a propósito, Aimé Césaire. **Discourse on Colonialism**. Tradução para a língua inglesa de Joan Pinkam. New York and London: Paperback Edition, 1972.

fundada em 1737 e logo depois abandonada devido às febres que assolavam a região” (CRAIG, 1947, p. 130). Daí, nos informa Neville Craig, num esforço colonizador para convencer os nativos de sua completa dependência das metrópoles, que

Abandonados tanto pela Igreja como pelo Estado, os nativos piedosos não queriam que fôsse o Príncipe das Trevas quem mais suportasse essas paragens e assim, quando lá chegamos, era corrente o provérbio “Santo Antônio é o lugar onde o diabo perdeu as botas”. Parece que com isso queriam dizer que a Sua Majestade Sotânica também tivera má impressão do lugar e, por isso, o abandonara apressadamente (CRAIG, 1947, p. 130).

Prossigamos elaborando o percurso de construção panorâmica das tentativas de exploração e domínio do trecho encachoeirado do Madeira. Afinal, desde o ano de 1722 até o fim daquele século houve várias tentativas para se desbravar e domar o trecho encachoeirado do rio Madeira. Manuel Rodrigues Ferreira faz um excelente resgate dessa questão em sua obra aqui já citada. Não é nosso objetivo, entretanto, refazer uma radiografia dessa tentativa do homem para submeter a natureza tropical ao processo civilizacional e ao progresso. O que fizemos, e de modo bastante resumido, foi tão somente um retorno ao passado, um *feedback*, numa ânsia de compreensão dos passos do homem branco rumo às cachoeiras do Madeira. Esse retrospecto nos ajuda a compreender tanto o tempo, quanto o espaço em que se aventuraram tais personagens, bem como a visualizarmos um panorama geral de todas essas representações políticas da região. Pensar a Amazônia, é pensar o mundo, pois é impossível pensar o mapa fechado da América Latina. Da Amazônia muito menos ainda, pois ela sempre foi e continua sendo vista como uma colônia interna do Brasil. Agora, conscientes desses ventos e eventos, continuaremos montando um retrato das últimas tentativas de se vencer a natureza nos trópicos madeirense através da construção da Madeira-Mamoré. É com o mesmo ímpeto, audácia e espírito empreendedor do coronel Church, que seguimos a rota proposta.

Assim sendo, depois do fracasso da Public Works na construção da EFMM e da sentença provisória concedida a Church pela justiça inglesa, liberando o empréstimo conge-

lado, mas “a medida que a construção progredir”, podia, pois, a Mamoré-Mamoré Railway Co. reiniciar a construção da estrada ferroviária. Entra em cena, então, os irmãos Collins, da Filadélfia - EUA. Mais de um século se passara então desde a investida de Melo Palheta no atravessamento do trecho encachoeirado do Madeira. Estamos em 1877. Desponta no cenário mundial, como uma grande potência industrial, Os Estados Unidos da América. George Church consegue fazer contato com o senhor Franklin Gawer, dono de uma empresa de carvão, que é subornado por ele, o coronel. E, através da propaganda feita em jornais locais afirma que “a construção da EFMM revelaria uma região tão bela quanto o paraíso terrestre”. De acordo com o documentário fílmico **A ferrovia do Diabo**, de Beto Bertagana e Jurandir, o coronel George declarou aos jornais nova-iorquinos: “Não sou nenhum visionário. Ao contrário, sei muito bem o que digo. Terminada esta obra monumental, a riqueza da Austrália e Califórnia empalidecerão ante a produção de ouro das montanhas e dos riachos bolivianos, bem assim ante das safras abundantíssimas...” A notícia é bem recebida e, assim, inúmeros operários apresentaram-se à empresa P & T Collins. É dezembro de 1877. Os operários desempregados e descontentes com o salário ganho nas empresas locais sonham com o natal de abundância que o coronel Church lhes assegurava existir nos confins da Amazônia, junto às cachoeiras dos rios Madeira e Mamoré.

Assim, nos diz Manuel Rodrigues Ferreira que “ No dia 4 de janeiro de 1878, zarpou da Filadélfia, o navio *Mercedita* com destino a santo Antônio” (2005, p. 112). Quando eles chegam em Belém do Pará, devido ao calado do navio, a carga é distribuída em barcos menores e, exatamente “no dia 19 de janeiro de 1878” a primeira embarcação da empreiteira chega ao local da construção da EFMM. Nos EUA, a firma Collins, por meio de um de seus sócios, Thomas Collins, que havia ficado na cidade de Filadélfia, freta mais dois navios: *Metropolis* e *City of Richmond*. O primeiro, parte do cais estadunidense a 28 de janeiro de 1878. Sobre sua viagem, Craig, conhecedor de todos os percalços e entraves da história da construção da ferrovia relata: “A 1º de fevereiro de 1878 o *Times* de Filadélfia publicou um telegrama de Norfolk dizendo que o vapor *Metropolis* se despedaçara na praia

de Currituck, Carolina do Norte, durante um tremendo temporal, havendo a lamentar a perda de 50 passageiros que foram varridos de bordo pelo mar e cerca de 200 desaparecidos” (CRAIG, 1947, p. 145).

Depois do naufrágio, em 15 de março de 1878, partiu o navio *City of Richmond* rumo a Santo Antônio. É nele que viaja Thomas Collins que, como quis o Destino, não embarcava no *Metropolis*. A história da epopeia norte-americana em terras estrangeiras, portanto, podia ser contada por um de seus atores. Contudo, a firma P & T Collins, devido aos enxames de mosquitos - “os infernais e terríveis mosquitos” - à malária, beribéri, disenteria, acidentes fatais, febre de água preta, o calor insuportável durante o dia e a umidade durante a noite, não obteve êxito em sua empreitada e, “no dia 19 de agosto de 1879, todos os norte-americanos que ainda restavam em Santo Antônio receberam ordens de se retirarem para os Estados Unidos” (FERREIRA, 2005, p. 125). Encerrava-se de forma trágica, a segunda tentativa de construção de uma ferrovia na selva.

Todos esses acontecimentos - o atravessamento de navios cortando as águas convulsivas dos oceanos, enfrentando tempestades bravias, conduzindo engenheiros, médicos e recrutando trabalhadores em portos continentais - formam uma imensa representação do mundo do comércio e das finanças. Progresso! Progresso! Sim, temos Indústria e Economia! - canta sarcasticamente H. M. Tomlinson em sua narrativa. O Brasil participa desse vendaval de imagens do alvorecer da modernidade. Sobre esta questão, Francisco Foot Hardman afirma que,

O Império do Brasil faz-se representar nas Exposições Universais desde os primeiros eventos. Os relatórios oficiais feitos pelos comitês organizadores instituídos por D. Pedro II fornecem indicadores relevantes dos significados econômicos, políticos e culturais subjacentes à presença do país naqueles certames. Até o fim da monarquia, o Brasil participou das exposições de 1862 (Londres), 1867 (Paris), 1873 (Viena), 1876 (Filadélfia) e 1889 (Paris). Cumpre ainda acrescentar o comparecimento a algumas de caráter internacional mais restrito, como a de Buenos Aires (1882) e de São Petersburgo, na Rússia (1884). Já no início do século XX, há fontes referentes à participação brasileira nas exposições de Saint-Louis, EUA (1904), Bruxelas (1910) e Turim (1911). Não se descartam, além dessas, outras sugestivas presenças, inclusive em mostras mais especializa-

das, como por exemplo na Exposição Internacional dos Caminhos de Ferro, em Paris (1887) ou na Exposição de Higiene e Educação, em Londres (1885) (HARDMAN, 1988, p. 198).

Há, no afã dessas representações do mundo, uma relação intrínseca de poder. O ato de representar, através de exibições imagísticas, os avanços tecnológicos obtidos por uma nação, demonstra sua potência em escala mundial. Participar, então, dessas exibições, é inserir-se no projeto de Modernidade. Tratando-se do território brasileiro, pode-se visualizar um amplo projeto de reconhecimento e exploração dos confins do Brasil. O Norte e o Nordeste foram, então, regiões submetidas a inspeções governamentais com o intuito de desenvolvimento nacional. É em nome desse “avanço” que as inúmeras nações indígenas foram, senão escravizadas, dizimadas.

Depois das duas tentativas fracassadas de construção da EFMM, o governo imperial brasileiro vê a necessidade de uma ferrovia que retire a Bolívia de seu enclausuramento. Como acrescenta Manuel Rodrigues Ferreira,

Aliás, O Brasil, verificando que a Bolívia havia perdido os seus portos marítimos [na guerra que travara com o Chile], e que desejava trazer todo o seu comércio pelas vias do Madeira e Amazonas, chegou à conclusão de que uma ferrovia nas cachoeiras seria um alto negócio, pelo grande volume de transporte que o comércio boliviano proporcionaria (FERREIRA, 2005, p.142).

Então, depois de reuniões e discussões que se seguiram, o Brasil e a Bolívia firmaram, no dia 15 de maio de 1882, um tratado relativo tanto à navegação dos rios bolivianos e brasileiros, quanto à construção da EFMM. E, então, no dia 22 de novembro do mesmo ano, é criada uma comissão para executar os estudos da futura ferrovia. É a comissão Morsing, que é composta por engenheiros, desenhistas, médico, farmacêutico e auxiliares: Carlos Alberto Morsing (engenheiro-chefe da expedição); Julio Pinkas (primeiro-engenheiro); Abel Ferreira de Matos e Domingos Guilherme Braga (engenheiros-chefes de seções); Ernesto Matoso Maia Forte (secretário); Pedro Leitão da Cunha, Alfredo de Freitas Reis, Damaso Pereira, Cândido Ferreira de Abreu, Tomás Joaquim de Cerqueira e Alfredo Índio

do Brasil e Silva (engenheiros-condutores); F. Betim Pais Leme (médico); José da Fonseca e Silva (farmacêutico); Camilo Vedani (desenhista) e os auxiliares, João Martins da Silva e José Coelho Vieira Júnior.

O objetivo geral da comissão é fazer o estudo do traçado da ferrovia, isto é, a exploração do terreno; escolher o melhor caminho sobre o qual se construirá a estrada e, então, será desenhada a planta do local. As comitivas anteriores já haviam feito suas plantas também, no entanto, somente a planta levantada, em 1879, pela P & T Collins fora registrada no Ministério da Agricultura. Era, portanto, a única conhecida pela comissão Morsing.

E então, em janeiro de 1883, partiu do Rio de Janeiro, no navio *Espírito Santo*, rumo a Belém do Pará, a comitiva Morsing. Na capital do Pará são recebidos pelas autoridades locais e faz-se um grande banquete. O jornal local publica nota solene e dali parte novamente a comitiva, no vapor fluvial *Marajó*, rumo a Manaus, capital da então Província do Amazonas. O cenário amazônico está carregado, superdistendido e ameaçando derramar-se em dilúvio. “Havia ainda mais chuva por vir”. E a comitiva embarca no vapor fluvial *Cametá*, que os recebe a bordo. É dia 06 de fevereiro. E sob esses maus presságios anunciados pelo cenário, zarpa o barco levando um grupo de “soldados” para cumprir uma grande missão para seu país. Santo Antônio do Madeira os recebe “sob muitas chuvas”; é o prelúdio de mais um fracasso.

A sensação de perigo encontrada pelos membros da comissão Morsing assemelha-se ao mosaico de imagens pintadas por Marlow, em **O coração das trevas**, de Joseph Conrad. O livro é resultado de sua experiência pessoal que, como capitão da marinha mercante britânica em 1890, subiu o rio Congo, na África. A figura do protagonista Marlow é sugestiva para se refletir sobre o imperialismo. É através de seu olhar que o leitor é levado a reflexões acerca do colonialismo na região. Juntos, leitor e narrador, caminham sobre o tênue limite entre o bem e o mal, justiça e injustiça, a vida e a morte. “O horror! O horror!” grita em delírio Walter Kurtz, no final da narrativa. E a missão de Marlow é exatamente trazer Kurtz de volta. O que ele não consegue fazer, pois Kurtz morre e fica enterrado ali mes-

mo na selva africana.

Sombra, luz, escuridão, trevas, violência, escravidão e morte são signos espalhados ao longo do romance conradiano. Nisso ele e muitos escritores que escreveram relatos sobre regiões longínquas das metrópoles coloniais assemelham-se. Citemos uma parte das descrições elaboradas pelo secretário da comissão Morsing, Ernesto Matoso Maia Forte e citada por Manuel Rodrigues Ferreira. A finalidade é um espelhamento dessas pinturas assombrosas da região onde se tentava, desde datas anteriores, construir a EFMM, local onde desembarcara H. M. Tomlinson.

Junto ao porto, está inutilizada uma esplêndida locomotiva Baldwin, já sem o sino e o apito, completamente estragada. Máquinas fixas para plano inclinado, para embarque e desembarque de cargas, armazéns em ruínas, inúmeras pilhas de trilhos Vignoles ainda bons, correame, carros de mão, alavancas, barras de ferro e aço, rebiques, parafusos, moitões, cadernais, encerados, ferramentas de toda espécie, vagonetes, rodas em eixos, carvão de pedra estragado, caixas de fumo já podre, zinco em profusão, madeiras, pilhas de dormentes apodrecidos, tornos, bigornas, malhos, marretas, fio telegráfico, isoladores etc. A 2 km pela linha, existem as ruínas da serraria a vapor, alguns aparelhos telegráficos, postes, etc etc., em completo estrago. Pelo mato, a cada passo, se encontram vestígios: pás, enxadas, picaretas, carrinhos, tudo estragado! Confrange-nos ver tantos contos de réis em perfeita perda, tanta soma de sacrifícios sem resultados. É preciso que Collins seja dotado de uma fortaleza de espírito invejável para que não tivesse enlouquecido⁷⁴ quando foi forçado a abandonar esse belo princípio da Madeira e Mamoré. Lutando com a falta de recursos próprios do lugar, com o clima, com as terríveis enfermidades, àquele distinto homem fez prodígios. Construiu 6 km de linha e estudou mais de 100, cortou e aterrou cerca de 20, isso em pouco mais de ano. São incríveis os trabalhos feitos por aquele heróico norte-americano, a despeito de todas as contrariedades⁷⁵.

Vejamos agora uma cena do romance conradiano, **O coração das trevas**. É Charlie Marlow quem faz a descrição. Atentemos com algum detenimento para a força de uma das figuras de linguagem, a ironia, utilizada na elaboração das imagens de barbárie e desolação.

⁷⁴Ernesto não sabia, na época, que a esposa de Thomas Collins havia enlouquecido na Amazônia e que retornara para os EUA e morrera em um sanatório de doenças mentais. Ver, a propósito, **A ferrovia do diabo** de M. R. Ferreira.

⁷⁵Ibidem, p. 141-142.

Deparei com uma caldeira charfudando na grama, depois encontrei uma trilha que seguia para a colina. Contornava as rochas, e também um pequeno vagão de ferrovia, abandonado com as rodas para o ar. Faltava uma. A coisa parecia tão morta quanto a carcaça de algum animal. Dei com mais algumas peças de maquinário em decomposição, uma pilha de trilhos enferrujados. À esquerda, um conjunto de árvores fazia um pouco de sombra, onde coisas escuras pareciam mover-se debilmente. Fechei meus olhos por um instante, o caminho era íngreme. Uma buzina soou à minha direita e vi os negros correrem. Uma pesada e surda detonação estremeceu o chão, um rolo de fumaça surgiu no penhasco, e isso foi tudo. Nenhuma mudança apareceu na superfície do rochedo. Estavam construindo uma ferrovia. O penhasco não estava no caminho de alguma coisa; mas a despropositada dinamitação consistia no único trabalho em andamento.

Um leve tilintar atrás de mim fez com que eu viarasse a cabeça. Seis negros avançavam em fila, subindo a trilha com dificuldade. Caminhavam eretos e devagar, equilibrando pequenas cestas cheias de terra sobre a cabeça, e o tilintar marcava o ritmo de seus passos. Tapos pretos circundavam-lhes o lombo, e as pontas balançavam para lá e para cá como rabos. Podia-se ver cada costela, as juntas pareciam nós numa corda; cada um tinha uma argola de ferro no pescoço, e estavam todos atados com uma corrente, cujos elos balançavam entre eles, tilintando no ritmo. Outro estampido no penhasco fez-me pensar subitamente no barco de guerra que enxergara bombardeando o continente. Era o mesmo tipo de ruído sinistro; mas esses homens não podiam, por nenhum esforço de imaginação, ser chamados de inimigos. Havia sido tachados de criminosos, e a lei ultrajada, assim como os bombardeios, tinha chegado até eles, como um mistério insolúvel vindo do mar. Os peitos magros ofegavam juntos, as narinas violentamente dilatadas tremiam, os olhos miravam fixos para o alto da colina. Passaram por mim a uma distância de quinze centímetros, sem sequer me olharem, com aquela completa, mortal, indiferença de infelizes selvagens. Atrás dessa matéria-prima, um dos que haviam sido regenerados, produto das novas forças em questão, caminhava sem ânimo, carregando um fuzil. Vestia uma jaqueta de uniforme faltando um botão, e, ao vê um homem branco no caminho, levou a arma ao ombro com entusiasmo. Era um simples ato de prudência, ele não teria noção de quem eu poderia ser. Certificou-se rapidamente, porém, e, com um largo, branco e vil sorriso forçado, e um olhar para sua carga, pareceu tomar-me como sócio em sua exaltada responsabilidade. Afinal, eu também fazia parte da grande causa inspiradora desses elevados e justos procedimentos (CONRAD, 2009, pp. 28, 29).

Pode-se afirmar aqui que ambas são representações de espaços submetidos aos desmandos do colonialismo. Viajantes, topógrafos, agrimensores, desenhistas, secretários, médicos, farmacêuticos e botânicos que, imbuídos de técnicas e de um ideal, vasculham as vastidões das regiões do globo ainda não completamente submetidas aos “imperativos da civilização”. Na descrição conradiana tem-se um personagem crítico em relação à invasão e dominação de terras e povos africanos, mas, ao mesmo tempo, ele também “fazia parte da

grande causa inspiradora desses elevados e justos procedimentos”. Tomlinson e Conrad são contemporâneos e se conheceram, conversaram e, em muitos aspectos da escrita, eles se assemelham. Mas, por enquanto, detenhamo-nos com a representação da EFMM.

E assim, nas barrancas do rio Madeira, nas florestas intocadas desde sempre, homens enfurecidos, coléricos e ignorantes em relação ao ambiente amazônico e aos nativos, lutam para se fixar em uma extensão de terra. Doenças até então desconhecidas, acidentes inimagináveis, calor sufocante, chuvas abundantes, enchentes e vazantes dos rios, trazendo com isso enxames e mais enxames de insetos, falta de saneamento e etc. tornavam impossível a construção da ferrovia. Alguns homens chegavam ao local, trabalhavam um pouco e adoeciam. Tornavam-se improdutivos. A maioria morria antes de ser retirada dali. Há inúmeros relatos dessas cenas macabras⁷⁶. O cemitério de Candelária, em Porto Velho, é morada eterna de muitos trabalhadores que, em nome de uma ideia, e que não sabiam para que a estrada serviria, davam suas vidas em nome do aclamado progresso. Progresso! Progresso! Praticamente nenhum dos membros da comitiva Morsing ficou de pé depois de um mês na região. O fracasso, portanto, foi a sanção final. Contudo, um dos membros da comissão, apesar de adoecer durante sua estadia no local de construção da EFMM, Julio Pinkas, é nomeado chefe da próxima comissão de estudos da região.

Assim, no dia 10 de março de 1884, a comissão parte do Rio de Janeiro rumo a Santo Antônio do Alto Madeira. Levava engenheiros, trabalhadores recém contratados pela Companhia, materiais, provisões, etc. Ali dividiu-se a turma em cinco grupos, os quais deveriam ficar em pontos alternados ao longo do tracejado da futura ferrovia. E foi assim, disposto em pontos estratégicos, que a comissão Pinkas fez os estudos da região. Depois de 77 dias, “as turmas de engenharia estudaram 22 km da futura linha de estrada de ferro”(FERREIRA, 2005, p. 180), sem que, é claro, muitas vidas não tivessem sido tragadas pelas doenças locais. Porém, somente depois de um ano após o regresso é que Julio Pinkas apresenta o

⁷⁶Ver **As botas do diabo**, de Kurt Falkenburg; **A ferrovia do diabo**, de M. R. Ferreira; **História trágica de uma expedição**, de Neville Craig; **Mad Maria**, de Márcio Souza; **O Mar e a Selva**, de H. M. Tomlinson, por exemplo.

projeto do tracejado da estrada. Reiniciam-se uma onda de conferências na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Pinkas apresenta um relatório com detalhes acerca do valor a ser gasto na construção da ferrovia. O engenheiro Francisco Haag é o próximo a se apresentar na conferência. No entanto, sua intenção é “dirigir um brado de alerta ao Governo Imperial e à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro um protesto contra um empreendimento que tem de consumir improdutivamente vidas preciosas e capitais avultadíssimos” (FERREIRA, 2005, p. 180). E o ano de 1887 foi bastante fértil em debates acadêmicos sobre a construção da EFMM. No embate, entra em cena, também, Antônio Rodrigues Pereira Labre, o maranhense fundador da cidade de Lábrea, na margem direita do rio Purus. Ele já estava ali nas terras dos Apurinãs desde o ano de 1871. Seu sonho era fundar uma cidade nos confins amazônicos. Assim, ele defendia a construção de uma ferrovia ligando o Purus à Bolívia.

É desses homens intrépidos e sonhadores que se nutrem grande ideais. A era da República havia chegado. O Brasil desejava “mudar a face da noite para o dia”. Exigiam-se estradas de ferro. Do vale amazônico chegavam toneladas e toneladas de ouro preto: a borracha. Em 1903, grande era a leva de migrantes do nordeste em direção às barrancas e vales aquíferos da Amazônia. O Acre se metera em guerra com a Bolívia, o que

obrigara a diplomacia dos súditos do Brasil e da Bolívia a firmar um tratado de acordo. É o Tratado de Petrópolis. Nele o Brasil se comprometia a construir a EFMM. E assim, em 1904, “pelo Decreto nº 1.180, o Presidente da República sancionou a lei aprovada pelo Congresso, pela qual ficava o executivo autorizado a abrir os créditos necessários à construção da ferrovia (FERREIRA, 2005, 189).

Depois de todos os trâmites legais, o Ministério da Viação assina contrato com João Catambri. Este, no entanto, já havia conhecido e convencido o norte-americano Percival Farquhar a entrar no negócio. Entusiasmado e iludido com o sonho de riqueza, **O último Titã**⁷⁷ entra em ação e inicia a empreitada mesmo antes de adquirir o contrato de João Catambri. Entra em cena a firma construtora norte-americana May, Jekyll & Randolph.

⁷⁷Ver, a propósito, **Farquhar, o último titã**, de Charles Gauld. Trad. São Paulo: Editora Cultura, 2006.

Então, nos conta Ferreira,

A empresa construtora May, Jekyll & Randolph chegou a Santo Antônio em junho de 1907. Inicialmente verificou o que podia ser aproveitado dos materiais deixados pela empresa Collins, em 1879. A pequena locomotiva Baldwin, da empresa Collins, que corra seis quilômetros de trilhos 28 anos antes, ainda se encontrava em Santo Antônio. Servia de galinheiro e tanque de tomar banho, aos seus habitantes. Esta locomotiva foi recuperada com peças que vieram posteriormente dos Estados Unidos, sendo posta a funcionar. No dia 21 de junho de 1907, já a empresa construtora tinha homens trabalhando na linha. Até o mês de dezembro de 1907, a empresa manteve uma média mensal de 140 trabalhadores, todos brasileiros. Santo Antônio já era, naquele ano, um pequeno povoado, aonde vinham ter principalmente os produtores de borracha de rio acima. Entretanto, de comum acordo entre o governo brasileiro e a Madeira-Mamoré Railway, ficou estabelecido que o ponto inicial da ferrovia seria o local denominado Porto Velho, conforme sugerira em 1883 o engenheiro Carlos Morsing. Com uma diferença: no século passado, esse local era denominado Ponto Velho, e agora, Porto Velho. E ali, começou a companhia a derrubar a mata, a fim de construir a estação inicial, um cais, as oficinas da ferrovia, casas do pessoal graduado, etc. Começava, pois, a surgir uma cidade, no ponto inicial da estrada de ferro. Porto Velho situava-se acerca de 7 quilômetros abaixo de Santo Antônio (FERREIRA, 2005, p. 190).

É nessa enorme clareira na mata, que a cidade de Porto Velho se ergue, mas com muita luta e grande perda de vidas humanas. H. M. Tomlinson narra, ao ali chegar no dia 30 de janeiro de 1910, que

Esta manhã, eu estava pensando que podíamos seguir adiante, então, para sempre; que esta aventura era tudo das improbabilidades acidentais de um sonho que estava em minha mente quando, fumando o cachimbo depois do café da manhã, na ponte de comando, viramos numa curva abruptamente, e lá estava, no fim da passagem, acerca de uma milha de distância de nós, Porto Velho, finalmente.

A floresta a bombordo adiante estava erguida sobre um penhasco incommumente alto de rocha vermelha. Para além daquele penhasco havia uma clareira considerável, com muitos edifícios de uma característica diferente de qualquer outra que tínhamos visto no país. No fim da clareira, a floresta começava novamente, ainda não conquistada, erguida de um lado a outro de nosso curso como uma barreira alta; porque, saindo de Porto Velho, o rio virava a oeste, quase em um ângulo reto, e desaparecia; como se agora ele tivesse se arranjado conosco. Tínhamos chegado. Um cais malfeito estava sendo construído com toras de madeira para nos receber, mas não estava pronto (TOMLINSON, 2010, p. 348).

E continua o viajante:

Ancoramos a cinco pés, aproximadamente a trinta jardas da margem, e na tranquilidade que veio com a parada da vida do navio, esperamos pelo passo seguinte; todas as mãos cobrindo o lado do *Capella*, examinando este lugar, do qual tínhamos ouvido falar bastante.

Obviamente, este não era um povoado comum. Muitos acres de árvores tinham sido derrubados recentemente, deixando uma grande baía na mata. A terra ainda estava com as marcas de um recente ataque no que tinha sido inviolado desde o início dos tempos. Valas, novos cortes vermelhos a marcavam, e buracos estavam abertos no lado da colina. Você podia pensar que o homem tinha atacado a floresta ali com fúria, mas tinha gastado sua força em um pontinho, como se ele tivesse atacado uma ferida novamente e novamente. A luta tinha terminado. O fundamento tinha vencido, uma base talvez para campanhas mais adiante, porque casas emergenciais de madeira, galpões e barracas tinham sido construídas. O agressor, evidentemente, tinha aberto sua mente para estabelecer-se em sua vantagem, embora estivesse tolerando rapidamente um mato rebelde. Exatamente, então, ele estava descansando, como se o acontecimento todo tivesse terminado apenas cinco minutos antes de nossa chegada, e agora o conquistador estava dormindo em cima de seu primeiro sucesso. Completamente em volta do espaço conquistado, a selva permanecia indiferentemente respeitando a ninharia de chão que tinha perdido. A mata próxima à margem oposta erguia-se reta e ininterrupta do rio; a fileira da frente, perdida em cada caminho na distância, de um exército inumerável. No final mais alto da clareira, a mata começava novamente do nosso lado e virava para passar de um lado a outro de nossa proa, o complemento da anfiteatro de um lado a outro do rio; e ambas as fileiras continuavam rio acima, linhas convergentes escuras e indeterminadas, até três milhas de distância; uma delicada oscilação de luz, um mero redutor de luz, frágil, mas constante, preenchia as duas muralhas. Sem dúvida, aquela luz delicada seria a cachoeira de Santo Antônio, a primeira das dezenove cachoeiras do Madeira.

Porto Velho comportava-se como se não estivéssemos ali. Um sol impiedoso brilhava por cima daquela profunda ferida vermelha na floresta, e eles que tinham feito aquilo estavam em seus abrigos, descansando fora de vista, depois de tal recente tumulto de esforço. Nada estava sendo feito então. Dois ou três homens brancos permaneciam na faixa litorânea desguarnecida, nos considerando placidamente. (TOMLINSON, 2010, pp. 350, 352).

Encerramos aqui o percurso sobre a história da EFMM, uma vez que o objetivo fora tão somente elaborar uma radiografia de todo o processo de construção da ferrovia. Possibilitar uma compreensão não apenas do empreendimento do navio *Capella* (*S. S. England*) aos trópicos rondonienses, como também, espelhar o quadro histórico vivido pela EFMM e encontrado por Henry Major Tomlinson quando de sua chegada ali. Ele já havia lido e relido inúmeros relatos de viajantes, inclusive o de Bates e de Craig. Havia lido manchetes acerca da EFMM estampadas nos jornais londrinos e nova-iorquinos. Portanto, ele conhecia

um pouco da história da EFMM. Muito do acervo da ferrovia - jornais, relatórios, notas, faturas, fotografias, cartas geográficas, etc. - são mantidas sob a responsabilidade dos diretores dos Jardins Botânicos Reais de Kew, em Londres. O famoso *Kew Gardens* guarda a memória de um grande feito de um grupo de britânicos que, em 1872, zarpou para os confins da Amazônia com a tarefa de libertar as ricas regiões da Bolívia de seus entraves geográficos. A EFMM seria a liberdade para o comércio entre os países andinos e os países europeus.

É justamente em Porto Velho que Tomlinson continua sua “arte da existência”; porém, na construção desta, o medo e o terror participam. Páginas douradas, mas também assombrosas, certamente inevitáveis em um “relato para homens honestos”, são encontradas em muitas passagens de sua narrativa. A selva é uma extensão do oceano e se transforma em um mar verde ondulante diante de seus olhos. As ondas, as copas das árvores, são convulsivas e delas dependuram-se epífitos de formas estranhas, parecendo o cordame de um navio; e, por baixo deles é que o peregrino caminha e, algumas vezes, engatinha, como um servilão, procurando decifrar os “mistérios”, absorvendo os diversos aromas tropicais e almejando encontrar-se com um animal de grande porte. Olhos atentos, coração palpitante, medo e curiosidade aglutinam-se e excitam o viajante. Porém, ele nunca obteve o êxito da visão de uma onça ou algo semelhante, mas o cheiro desses felinos o enebriaram. Borboletas esplendorosas o impressionam constantemente. Ele está agora nas “costas do mundo”, no primeiro dia novamente. E ali ele ouve o rufar de asas brilhantes e o girar do globo terrestre. O silêncio, a não ser o canto declinante de seu amiguinho, um passarinho, é sepulcral. Mas sigamos adiante.

4.2 NAS COSTAS DO MUNDO

Era uma cidade muito peculiar, onde não se comemorava o carnaval mas festejava-se o Dia de Ação de Graças. O dia 07 de setembro não era lembrado, mas a cidade se engalanava no dia 04 de julho. No mês de junho, quando ventos frios vinham dos Andes, não havia folguedos tradicionais como bumba-meu-boi ou caninha verde, mas em 31 de outubro brincava-se animadamente o Halloween, embora ali não vivessem crianças. [...] A língua oficial era o inglês, e se tivesse sido feito um levantamento acurado ficaria constatado que pouco eram as pessoas que falavam o português... Porto Velho não contava em 1911 com a presença de nenhuma autoridade brasileira.

Mad Maria - Márcio Souza

A nosso ver, dois grandes romances representam com maior intensidade, embora de forma completamente opostas, compromisso e competência, o cenário trágico de construção da EFMM: **Mad Maria**, do escritor amazonense Márcio Souza, e **As botas do diabo**, do austríaco Kurt Falkenburger. Através da leitura dessas duas pinturas da região do Madeira, pode-se tomar consciência de que toda produção artística, apesar de oferecer inúmeras possibilidades de construção, demonstra o lugar de enunciação do autor/narrador, a sua “posição-sujeito”. Nesses dois romances pode-se distinguir, grosso modo, duas visões antitéticas. No primeiro, tem-se uma construção discursiva voltada às denúncias sociais impingidas aos “condenados do Madeira”, bem como críticas acirradas aos desmandos do imperialismo econômico na Amazônia; no segundo, uma preocupação discursiva típica do discurso colonial que se esforça, na medida do possível, para justificar e naturalizar a situação social de condenação do Outro. Ele, o nativo, sucumbe porque é o Outro.

Em ambos os romances, o principal espaço e tempo é a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. É ali nas “costas do mundo” que personagens insolentes, atrevidos, prostituídos, submetidos, altivos, testas-de-ferro, assassinos, condenados, acanhados, autoritários,

autárquicos, enganados, enganadores, metódicos, cativos, etc. se encontram, para juntos, enfrentar a imensidão da selva e seus próprios temores, bem como as dificuldades de trabalho e de comunicação do dia-a-dia. Tudo isso em nome de uma ideia: progresso. No relato da viagem de H. M. Tomlinson ao Brasil, essa questão é o fio tessitivo através do qual o narrador faz uma reflexão crítica acerca da movência do mundo em direção ao tão sonhado estado progressista.

Assim é que, segundo uma personagem d'**O Mar e a Selva**, um inglês barbudo de nome desconhecido, mas bastante crítico, “Uma pessoa desconhecida em Wall Street, ou Park Lane tem uma ideia, e isto é o que acontece. O impulso potente! Move homens que não conhecem a linguagem de Nova Iorque e Londres para descer para esta desolação. O lugar começa a fermentar. O pensamento frutificante!” (TOMLINSON, 2010, p. 374).

Como é sabido, na EFMM trabalharam diversas nacionalidades: ingleses, norte-americanos, alemães, espanhóis, poloneses, chineses, eslavos, turcos, indianos, italianos, barbadianos, jamaicanos, bolivianos, brasileiros etc. A maioria não tinha consciência do lugar para o qual tinha viajado. Ao chegar em Belém do Pará, muitos desistiam e fugiam apavorados dos barcos que lhes conduziriam ao Inferno; outros, ao chegarem ao local, ficavam revoltados e exigiam a passagem de volta, mas nunca obtendo sucesso; outros ainda, construía jangadas e se jogavam nas águas turbulentas para perderem, logo em seguida, suas vidas; um grupo entrou na mata e nunca mais se ouviu falar desses poloneses. Destaquemos esse trágico episódio d'**O Mar e a Selva**. Quem narra o acontecido é o mesmo inglês barbudo como Robinson Crusoe.

Uma manhã eu estava melhor, mas dificilmente capaz de caminhar, quando gritos e um desafio de briga, que eu pude ver pela porta, me mostrou que os poloneses tinham se amotinado. Havia uma turma agitada do lado de fora de minha porta, preenchendo-a com rostos furiosos e abatidos. Não podia compreendê-los; mas um deles, naquele momento, começou a gritar em francês. Eles se recusavam a trabalhar. A comida era ruim. Eles queriam alimento. Queriam que seus contratos fossem cumpridos. Queriam pão, roupa, dinheiro, passagens para fora do país. Eles tinham sido feitos de bobos e trapaceados. Estavam morrendo. Argui francamente com aquele homem, mas ele gritava e gesticulava. Naquilo, as vozes de to-

dos se ergueram em um tumulto violento, facas e machados brandindo na luz do sol. Numa indiferente ferocidade repentina, não sabendo o que estava fazendo, peguei minha arma descarregada - eu não tinha munição - e marchei para cima deles. Eles se seguraram por um momento, e então esmoreceram, e caminharam rapidamente, olhando para trás com medo e malícia. No dia seguinte, tinham desaparecido. Sim, de fato. Os pobres diabos. Tinha desaparecido, com exceção de alguns com febre. Tinha entrado naquela escuridão à nossa volta, para encontrar um caminho para o litoral. Conferência dos trouxas na mata! Os homens não tinham comida, nem guia; e se eles sabiam a direção certa, não podiam tê-la seguido. Se a Companhia não tirasse você dali, você ficava lá; e se a Companhia não te alimentasse, você morria. Nenhuma criatura podia deixar aquela clareira e sobreviver, a menos que eu testemunhasse. A floresta e o rio mantinham meus homens juntos, tão eficazmente como se estivessem ilhados sem um barco em uma ilha, num mar profundo. Daqueles homens nunca mais se ouviu falar novamente. Ninguém ficou para censurar. A quem se podia acusar? A Companhia não desejava a morte deles. Simplesmente não sabendo o que estavam fazendo, aqueles pobres indivíduos caminharam invisivelmente para dentro da maquinaria invisivelmente movida do Emprego, não sabendo o que havia ali, e foram mutilados (TOMLINSON, 2010, pp. 400, 402).

Como podemos ver, quando no local de construção da EFMM, se a Companhia não retirasse os trabalhadores dali, nem os proveesse de alimentos e remédios, não havia outra saída. Cativos, então, ou submetiam-se e enfrentavam o “desconhecido” diariamente, confiantes que saíam dali vivos, ou enlouqueciam e praticavam atos de total insanidade. Podemos afirmar que, a partir desses registros de acontecimentos, Porto Velho, Santo Antônio e suas redondezas era uma verdadeira Babel. Amotinações, rebeliões, greves, mortes e fugas eram comuns na linha de construção da EFMM. Ninguém estava seguro ali. Mesmo com os tremores da febre malárica percorrendo todo o corpo, tinha-se que trabalhar até o limite do esforço humano para cumprir o contrato. À base de quinino, alguns conseguiam vencer os tremores e as febres, mas a maioria tombava num catre ou numa rede e ali, sob alucinações terríveis, muitos morriam. Mas caminhemos com vagar. Sigamos os passos sonhadores tomlinsonianos.

Nas “costas do mundo”, como não poderia deixar de ser, tudo é a antítese da Europa. De acordo com muitos viajantes, na Amazônia, o calor abrasador não pesa sobre a pele, mas sobre os ossos e a mente; ambos ficam tostados, como afirma um personagem

tomlinsoniano. Tudo conspira contra o avanço progressista, então. Contudo, tanto em Porto Velho, como em Santo Antônio e suas redondezas, onde havia uma comunidade humana, há sempre uma separação assimétrica entre os homens. Em Porto Velho, por exemplo, havia grandes casarões de madeiras protegidos contra a invasão dos inúmeros insetos, que tornavam a vida um inferno, em gritante contraste com a moradia dos demais trabalhadores da EFMM.

Figura 11



Casa de oficiais da EFMM

Como relata Tomlinson, Porto Velho “Era um lugar movimentado; a maior parte era de oficinas, lojas e escritórios, com uma locomotiva, emitindo sons estridentes, inconsequentemente, deslocando-se sobre os trilhos ao longo da margem do Madeira” (2010, p. 418). Era nesses casarões que Tomlinson descansava, quando o calor era desesperador e estava cansado de suas caçadas às borboletas de rabo de andorinha. “Após o meio-dia”, nos diz o viajante,

quando o sol estava intenso, as borboletas eram escassas. Quando fora da sombra da mata e abandonados, naquela hora, no calor desesperador do assentamento desguarnecido, podíamos entrar em uma das casas dos oficiais da Companhia para nos abrigarmos. Essas também eram de madeira, refrescantes, com uma varanda, que tinha uma cerca de tela de cobre para manter os insetos do lado de fora. Todas as portas fechavam-se sozinhas. As menores chances eram oferecidas aos mosquitos. Não havia vidro, porque a abertura das janelas também eram cobertas com telas de cobre. Ali podíamos nos sentar em espreguiçadeiras, em segurança sombreada, e olharmos por cima da clareira para o rio embaixo, e para o horizonte da floresta de um lado a outro do rio, enquanto ouvíamos histórias que tinham chegado a Porto Velho, vindas do interior da mata, trazidas pelos pioneiros que regressavam (TOMLINSON, 2010, pp. 416, 418).

Em contraste às casas teladas, em todos os vilarejos amazônicos, havia as cabanas dos nativos, dos negros e dos mestiços. Em Itacoatiara, por exemplo, como também em Porto Velho,

Perto da faixa litorânea ficavam as cabanas de barro e madeira dos negros. Para além da cidade, os caminhos seguiam rumo às clareiras, e terminavam na floresta. Nas clareiras, ficavam as cabanas de estacas, barro e palhas dos indígenas colonizados e dos mestiços. Essas cabanas geralmente eram construídas debaixo de um grupo de graciosas palmeiras. Era na direção dessas que, muito frequentemente, fazíamos nossa caminhada com nossas redes de caçar borboletas, enquanto outras pessoas estavam dormindo durante a altura do sol (TOMLINSON, 2010, p. 262).

Pode-se presumir que qualquer comunidade amazônica formou-se sempre ao redor de um campanário central, de alguns barracões e, esparramadas nas periferias, as cabanas dos demais moradores, indígenas, negros e mestiços. É a imagem típica de uma cidade colonial. Como nos lembra o escritor da Martinica, Frantz Fanon, em **Os condenados da Terra**, “O mundo colonizado é um mundo cortado em dois. A linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais. (...) A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros” (2005, pp. 54-55). Porto Velho foge apenas um pouco à questão da disposição geográfica das construções habitacionais, bem como à organização dos trabalhadores. Diferentemente das demais cidades amazônicas, Porto Velho não nasceu de um seringal ou qualquer outro local de assentamento extrativista, ou de cultura de subsistência,

ou de uma missão religiosa. A cidade nasceu do formigamento de trabalhadores da EFMM, bem como da aglomeração de nativos, que buscavam trabalho junto à construtora. De fato, Porto Velho é fruto do mais intenso fluxo migratório e fantasmagórico da experiência fracassada de progresso da modernidade nos trópicos. Sabe-se que além dos trabalhadores e empregados, que eram arregimentados em diversas partes do mundo por agentes metódicos e inescrupulosos, o governo brasileiro, representado na pessoa de Hermes da Fonseca, em 1910, deportou para a região, a bordo do navio *Satélite*, pelo menos 441 pessoas, “continentes de indesejáveis” da nação. Ao referir-se a essa situação político-social brasileira, Foot Hardman esclarece que,

O navio se dirigia a Santo Antônio do Madeira, onde a massa deveria ser desembarcada. Apenas imaginamos os percalços dos que sobreviveram aos 41 dias de viagem. O terror infundido em torno da região do Alto Madeira era de tal magnitude, que, ao receber ordem para partir de Manaus rumo a Santo Antônio, maquinistas, foguistas e carvoeiros do *Satélite* tentaram opor resistência. (...) Conforme um radiograma do Ministério da Agricultura, 200 homens deveriam ser engajados nos trabalhos da ferrovia Madeira-Mamoré (HARDMAN, 1988, p. 189).

Ao desembarcar em Porto Velho, H. M. Tomlinson elabora uma breve descrição do índice populacional do povoado, de suas construções habitacionais e refere-se, também, à linha ferroviária e ao hospital de Candelária.

Porto Velho tinha uma população de aproximadamente trezentas pessoas. Havia norte-americanos, alemães, ingleses, brasileiros, alguns franceses, portugueses, alguns espanhóis, e uma multidão de negros e negras. Havia somente uma mulher branca no assentamento. Disseram-me que o clima parecia pernicioso a elas. A garota branca, que persistia em permanecer no local, apesar das advertências dos médicos, era uma brasileira, a esposa de um dos trabalhadores. Recusava-se a sair do local, e algumas vezes eu a via por ali, *petite*, frágil, parecendo muito triste. Mas seu marido estava ganhando um bom dinheiro. Era um lugar movimentado, a maior parte era de oficinas, lojas e escritórios, com uma locomotiva, emitindo sons estridentes, inconsequentemente, deslocando-se sobre os trilhos ao longo da margem do Madeira. A linha ferroviária atravessava um riacho por uma ponte de cavaletes e desaparecia na floresta em direção a Santo Antônio. O hospital para os homens ficava a pouco mais de duas milhas acima (2010, p. 418).

Observando com atenção esta descrição narrativa, percebemos que o viajante critica o valor exacerbado concedido ao dinheiro e, dessa forma, tanto alude à situação colonial de Porto Velho, onde o colonizador deseja ganhar muito em pouco tempo, como também envereda-se pelo discurso classificatório racial em que os menos favorecidos são simplesmente uma massa indistinta, a “massa colonial”. Sabemos que essa “multidão de negros e negras” era composta de antilhanos, barbadianos, jamaicanos, etc, trabalhadores “não-qualificados” da EFMM que, além de viverem em constante estado de tensão, morriam como moscas na região. Contudo, é questão de justiça afirmar que ainda hoje, nas cidades de Porto Velho, Guajará-Mirim e Jaci-Paraná há remanescentes desses trabalhadores, que deram suas vidas em nome de uma ideia de progresso. Shockness, Maloney, Jhonsson, Blackman, Banfield, Brown, Julien e Holder são representantes de algumas dessas famílias.

Num contexto colonial, a linguagem de pura violência é uma das regras de opressão, alienação e animalização. Porém, como esclarece Frantz Fanon, “A originalidade do contexto colonial é que as realidades econômicas, as desigualdades, a enorme diferença dos modos de vida não conseguem nunca mascarar as realidades humanas” (2005, p. 56). Negros e latino-americanos, não esquecendo também grande levas de imigrantes, que foram lesados pelos metódicos agentes de recrutamento, formavam, de fato, a infraestrutura de construção da linha ferroviária. Eram eles que derrubavam a mata, cavavam o lamaçal, cortavam grandes rochedos, atravessavam as regiões de pântanos, averiguavam o terreno, carregavam os trilhos, dormentes etc., recebiam os menores salários e moravam em condições mais precárias que os norte-americanos. Apesar de toda essa situação de escravidão, os cativos da modernidade cumpriam suas obrigações com maior vigor do que muitos outros trabalhadores.

A classe dirigente da EFMM compunha-se completamente de brancos, como em toda história da colonização do mundo. Como afirma Fanon, “Não são nem as fábricas, nem as propriedades, nem a conta do banco que caracterizam a “classe dirigente”. A espécie dirigente é primeiro aquela que vem de fora, aquela que não se parece com os autócto-

nes, “os outros” (FANON, 2005, p. 57). Em se tratando da situação de colonização dessa região do Madeira, trata-se de brancos advindos de duas grandes potências mundiais na época, Inglaterra e, principalmente Os Estados Unidos da América. Na época em que Tomlinson esteve na linha ferroviária, todos os médicos que ali trabalhavam, tanto no hospital de Candelária, como nos acampamentos ao longo da trilha ferroviária, eram jovens norte-americanos. Muitos deles perderam suas vidas cuidando dos trabalhadores da EFMM. Como desabafa ainda o inglês desconhecido que conversa com Tomlinson quando o *Capella* estava ancorado no cais de Porto Velho,

Quando penso na tola paciência daqueles negros, em sua resistência em uma ideia da qual eles não sabiam nada, fico assombrado com a docilidade e bondade inerente aos homens simples. Eles darão suas vidas por nada, se você não lhes disser para não fazerem isso, mas somente permitir que eles confiem em você para levá-los ao sacrifício do qual eles não sabem nada a respeito (TOMLINSON, 2010, p. 404).

Ainda nos referindo à questão político-social de Porto Velho, retomemos a ideia de lucro que impera em qualquer empresa colonial. Assim, com a afirmativa sobre a única “garota branca”, que recusava-se a sair daquele local, apesar das advertências dos médicos da Companhia da Madeira-Mamoré, e que era esposa de um trabalhador da ferrovia que estava ganhando “um bom dinheiro”, Tomlinson retoma uma vez mais sua crítica à supervalorização do dinheiro pelo homem. Apesar da jornada discursiva tomlinsoniana se deter por mais tempo com as descrições paisagísticas, seu interesse também se volta para a situação social dos nativos e demais trabalhadores da Amazônia, como tentamos demonstrar ao longo deste estudo. Assim, durante suas caçadas às borboletas esmaltadas, pois “Numa terra onde a floração era pouca, essas eram as flores com asas” (2010, p. 416), o viajante denuncia a situação social desses nativos/cativos.

Em volta das barracas desordenadas dos negros e dos trabalhadores nativos, que eram construídas suspensas do chão, para permitir a ventilação, e tinha uma vala em volta, fétida com esgoto e desgraças com cheiro, uma *Coloenis*, uma borbole-

ta escarlate com asas estreitas, como as asas de uma andorinha, costumava flamar, e frequentemente pousaria ali (2010, p. 402).

Podemos entrever aí uma denúncia velada à situação social violenta e catastrófica em que vivia a maioria dos trabalhadores da ferrovia. De fato, como esclarece Fanon (2005), no contexto colonial o colonizado é animalizado. A descrição tomlinsoniana acima tão somente comprova essa assertiva fanoniana. Como diz o teórico pós-colonialista, “A linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica. Faz-se alusão aos movimentos de reptação do amarelo, às emanções da cidade indígena, às hordas, ao mau cheiro, à proliferação, à gesticulação” (FANON, 2005, p. 59). No caso da descrição de Tomlinson, acreditamos que, de certa forma, há uma tentativa de demonstrar a injustiça social imperando entre os homens. Como escreve em seu relato, ele tão somente registra os fatos como esses apresentaram-se aos seus “olhos temperantes”. Cabe aqui frisar que seu experimento discursivo além de ser uma importante fonte de informações sobre a situação política e social da região amazônica de início do século 20, converte-se, em certa medida, em uma crítica ferrenha contra o sistema opressivo levado adiante pelo capitalismo.

Ao visitar o povoado de Santo Antônio, o viajante britânico faz uma breve, mas aguda descrição. Observemos a cena.

O povoado tinha apenas uma rua. Havia duas fileiras de casas de um só piso, construídas com barro e rebocadas, dilapidadas, com a cal manchada e descascando; toda casa aberta e cavernosa embaixo, sem portas, da maneira das moradias brasileiras, para permitir o frescor. A rua estava quase deserta, quando entramos no povoado. Algumas crianças brincavam nas sombras; e do lado de fora de uma casa, um comerciante, usando um terno branco de algodão, estava vigiando a escala da balança, enquanto os mestiços pesavam pélas de borracha; porque esta cidade está no meio do país da borracha e o mais rico do mundo; e toda a riqueza dos rios Mamoré, Beni e Madre de Dios vem por este caminho. E era por isso que, quando caminhamos em sua única via pública, algumas garotas morenas foram para as aberturas das casas, vestidas em musseline perfumado, flores vermelhas nos cabelos pretos brilhantes, e seus olhos sorridentes cheios de interesses em nós. (2010, p. 434).

Uma cena típica de um contexto colonial nos é apresentada aqui. Um comercian-

te trajando um terno branco de algodão vigiava a escala da balança, enquanto os mestiços pesavam seus produtos gomíferos. Algumas garotas, àvidas por clientes novos e com eles algum dinheiro, foram para as aberturas das casas, vestidas em musseline perfumado, flores vermelhas nos cabelos pretos e brilhantes, e seus olhos sorridentes cheios de interesses nos visitantes estrangeiros. Se se tomar essas cenas de modo individual, não contextualizando-as com o todo do relato, não se perceberá que se trata de outra crítica aos males causados pela assimetria propiciada pelo capital. A essas mulheres então, reclusas nos confins do Madeira, coube o papel de divertir os trabalhadores da EFMM. Márcio Souza, em **Mad Maria**, de forma crítica, expõe e denuncia essas formas de servidão a que foram submetidas muitas mulheres caboclas e indígenas dessa parte da Amazônia. Em seu romance, personagens como Finnegan e Coolier, médico e engenheiro, respectivamente, de quando em vez, fogem de Porto Velho para Santo Antônio em busca de diversão e prazer. Como diz Frantz Fanon, “como se vê, é todo um universo material e moral que desaba” (FANON, 2005, p. 61). A autodestruição coletiva a que Fanon se refere impõe-se nos entornos da “ferrovia do diabo”. Ali morre-se em qualquer lugar e fica-se enterrado lá mesmo.

Entretanto, apesar das pinceladas tomlinsonianas acerca da situação de morte desses inúmeros trabalhadores, o viajante interessa-se bem mais pelas paisagens exuberantes dos trópicos. Ainda no povoado de Santo Antônio, o viajante nos conta que

Estava mais interessado nos rochedos de granito liso, que se erguiam estranhamente da rua em alguns lugares, e quebrava sua regularidade. Essas pedras redondas e nobres frequentemente ultrapassavam o topo das casas. O que o homem tinha construído parecia insignificante e transitório, ao lado do porte e dos contornos refinados das pedras. A colônia de pedras gigantes tinha a aparência de tranquila solidez, um aspecto amistoso e hospitaleiro. Podiam ter sido velhos amigos que o tempo tinha aprovado; as casas ao lado delas ficavam fora da realidade pelo contraste. Eu sabia que Santo Antônio tinha simplesmente se imposto a elas, que elas toleravam o povoado porque era apenas um incidente; que elas podiam permitir-se esperar. Quando eu as vi, reconheci o povoado do meu mapa. Subi para o cume de uma, por cima de seus veios desgastados pelas intempéries. Tinha uma camada de líquens, aquecidos no sol e asperamente familiar. Os hieróglifos curiosos de líquen estavam inteligíveis o suficiente e mais facilmente legíveis do que as letras nas paredes dos bares; eu sabia onde estava; e sabia que quando o dia do

casarão da borracha tivesse passado, meu povoado ainda estaria lá e prosperando (2010, p. 436).

Como um peregrino que sai pelo mundo em busca de um EU grandioso, contemplar a Natureza é seu dever. Portanto, toda conquista humana parecia transitória e insignificante para o viajante filosófico. Sua colônia de pedras gigantes a transmitir-lhe tranquilidade, serenidade, paz e segurança, além de amistosa e hospitaleira era incólume ao tempo. E profeticamente o viajante anuncia: “quando o dia do casarão da borracha tivesse passado, meu povoado ainda estaria lá e prosperando”. Tomlinson não previu que no século vindouro, toda aquela região seria inundada em nome do progresso, entretanto. Com a construção das usinas de Santo Antônio e Jirau, muitos quilômetros da região encontram-se debaixo d'água. E seus ribeirinhos foram transferidos para outras localidades. E a voz de Fanon ressoa outra vez: “Ontem filhos do colonialismo, hoje da autoridade nacional, organizam a pilhagem de alguns recursos nacionais. Impiedosos, sobem na vida através de negociatas ou roubos legais...” (FANON, 2005, p. 65). E “as rodas do motor da civilização” seguem a rota traçada pelos governantes.

Seguindo a jornada crítica tomlinsoniana, mais dois episódios, quando de seus passeios vespertinos em Porto Velho, importa-nos destacar. O primeiro é seu encontro com um grupo que viaja em um vagonete que transporta uma criança morta; o segundo é o relato de um amotinamento e fuga fatal de um grupo de poloneses, no Madeira. Vejamos a primeira tela.

Um barulho crescente e retumbante adiante, me fez olhar para a frente, enquanto eu pulava de dormente em dormente; e vinha em minha direção, um vagonete, acionado para a frente lentamente, quatro corpos bronzeados subindo e descendo ritmicamente uma alavanca. Um homem de terno branco era seu passageiro. Quando passou por mim, vi que carregava também alguma coisa debaixo de um lençol branco; o lençol desenhava a figura de uma criança, da qual somente a barra de uma saia e os pezinhos calçados sobressaíam-se do lençol; e os pés balançavam-se frouxamente com as sacudidas do vagonete, de um modo curiosamente apelativo e pesaroso. O vagonete parou e um homem branco, um jovem e alegre, mascando um charuto apagado, veio em minha direção para pedir fósforo. Parou

para conversar por alguns minutos, dando um descanso a seus homens. “Esta é uma menina brasileira” - ele disse; “ela não voltaria para casa, quando conversou comigo, coitadinha!” (2010, pp. 420, 422).

O sentimento de pânico que predomina na alma de muitos viajantes estrangeiros pelas terras das Amazonas, ainda no século 21, é o medo de uma morte súbita. Quem mais espreita o viajante, senão o temor e a representação da morte? Assim, falar dessa sanção final e certa para todos os homens, ao que parece, é buscar a eliminação do fluxo temporal. O não-cessar da morte nas plagas amazônicas é sua própria preservação. A imagem da morte refletida nessa criança representa uma tentativa de eliminação do tempo, mas também da preservação da morte. Nesse fluxo e refluxo, o Eu se perde de si mesmo. Sem pai, sem mãe, sem origem, solta entre os demais fantasmas de Candelária, essa “menina brasileira” - uma criança da qual “somente a barra da saia e os pezinhos calçados sobressaíam-se do lençol, e os pés balançavam-se frouxamente com as sacudidas do vagonete, de um modo curiosamente apelativo e pesaroso” - representa tanto a presença viva da morte, quanto prova que o esquecimento é impossível. O médico jovem e alegre, como anjo salvador, mas também como encomendador da morte, parece ali viver pela morte. A parada do vagonete para a concessão de descanso a seus homens, “mestiços cativos”, marca uma breve pausa na ação da morte. Nessa cena congelada, somente as palmeiras parecem ondular levemente suas plumas ao vento. O sol declina. O trabalho ferroviário prossegue. E a morte continua sua ronda nesse “cemitério dos vivos”, pois ela nunca cessa de acontecer. Há nessa cena a efemeridade de tudo. Tomlinson parece afirmar que a verdade da existência está unicamente no indivíduo, e que tudo o mais é iterino.

Terror e morte caminham lado a lado no processo de dominação da Amazônia. Como algo que interrompe o alcance da razão, daí o desejo de acabar com ela, a morte é um dos temas que, de vez em quando, aparece no relato tomlinsoniano. Cruzes em cima das barrancas, cruzes nas clareiras, um cruzeiro no centro de algum cemitério cercado de árvores a lhe sombrear, cruz na mata, etc. fazem parte da pintura amazônica tomlinsoniana.

Elas, as cruzes, são tanto representação da presença cristã, quanto da morte. Na ausência de cruzes, há o próprio rosto da morte estampado nas cenas macabras pintadas pelo viajante, ou por um de seus interlocutores. A passagem a seguir narra uma dessas tormentas de um pesadelo onírico.

Tivemos notícias do mesmo problema com os poloneses rio acima. Alguns dos amotinados tentaram chegar ao mar em cima de jangadas. Semelhante surpreendente coragem era somente desespero e ignorância completa do lugar onde estavam. Uma jangada semelhante passou em nosso lugar. Alguns deles estavam debruçados, outros abaixados; um homem ficou de pé, quando a jangada se balançou perto de nossa clareira, e esvaziou seu revólver em nós. Poucos dias depois, outra jangada flutuou em volta, bem perto, com seis homens deitados em cima dela. Estavam sem as cabeças. Em algum lugar, os selvagens tinham-lhes pegado adormecidos. (2010, p. 402).

Frantz Fanon, ainda falando a respeito da violência no mundo colonial, afirma que “No nível dos indivíduos, assiste-se a uma verdadeira negação do bom senso” (2005, p. 71). E continua o teórico, “Todos esses comportamentos são reflexos de morte diante do perigo, condutas suicidas que permitem ao colono - cuja vida e dominação se encontram assim proporcionalmente consolidadas - verificar, na mesma ocasião, que esses homens não são racionais” (FANON, 2005, p. 72). A narrativa destacada acima confirma, uma vez mais, as ideias fanonianas acerca da situação de violência em qualquer contexto colonial. Estando encarcerados nos confins da floresta, dentro de uma clareira, “uma baía”, “como se estivessem ilhados sem um barco em uma ilha, num mar profundo”, como escreve Tomlinson, o desespero toma conta da mente de trabalhadores inexperientes de tais mundos. Porém, “A Companhia não desejava a morte deles. Simplesmente não sabendo o que estavam fazendo, aqueles pobres indivíduos caminharam invisivelmente para dentro da maquinaria invisivelmente movediça do Emprego, não sabendo o que havia ali, e foram mutilados” (TOMLINSON, 2010, p. 402). A perda do bom senso foi motivo de muitas desgraças na região do Madeira e contribuiu, sobremaneira, com a onda de mitos e magia indubitáveis na Amazônia colonial. É a esses mitos amazônicos que muitos nativos se referem para garantir sua

identidade, seu status, em um mundo totalmente às avessas.

Dessa parte do estudo, pegaremos o “trem fantasma” e, na companhia de Tomlinson e seu guia texano, Marion Hill, viajaremos rumo aos rios Caracol e Jaci-Paraná e nos aproximaremos da cachoeira denominada sombriamente de Caldeirão do Inferno. Tomlinson planeja enfrentar a força sobrenatural dessa cachoeira que faz estremecer o chão madeirense. No intercurso, pararemos para observar os acampamentos, postos de avanço da EFMM, onde homens e fantasmas confundem-se na penumbra de uma selva profanada. Embarquemos então na “Mad Maria”.

4.3 DE HOMENS E FANTASMAS

Porque a sua luta tem sido enorme, no amphitheatro lacustre do Amazonas o caboclo é o Orestes da tragédia grega. Mas o desgraçado tem nos lagos reconditos, em que pelo Baixo-Amazonas se engolpha o sobejo das aguas, descidas dos affluentes ou precipitadas do ceo, as suas praças fortes, onde só um investimento secular, quem sabe? o póde ir aniquilar.

Inferno Verde - Alberto Rangel

Como vimos demonstrando, no Madeira, o maior empecilho para o desenvolvimento da construção da EFMM era a insalubridade. Assim, dentre as diversas doenças que assolavam a região, a principal *causa mortis* era a malária e a febre negra. Porém, quando Percival Farquhar obteve a concessão da construção da ferrovia, este foi o principal problema a ser estudado e, na medida do possível, controlado. A construção do Hospital de Candelária foi uma das medidas tomadas. Doses de quinino ministradas aos trabalhadores era um ritual diário. Médicos estadunidenses recém-formados foram contratados pela Companhia de Farquhar e dispostos nos diversos acampamentos ao longo da trilha mortífera. Oswaldo Cruz, grande sanitarista brasileiro, esteve em Porto Velho em 1910 com o fito de estudar o estado sanitário da região. Muitas de suas ideias foram aceitas e seguidas pelos

empreiteiros, trabalhadores e empregados da Companhia.

Dessa forma, quando o *Capella* ali chegou, os trabalhos da Madeira-Mamoré prosseguiram com bastante sucesso em relação às fracassadas tentativas anteriores. Sessenta milhas da ferrovia já haviam sido construídas. O trem saía de Porto Velho e estacionava próximo ao acampamento do rio Caracol, onde um grupo construía uma ponte. Entretanto, apesar do avanço nos trabalhos, ainda era melhor, mais seguro, aconselhável e muito mais fácil ficar no navio. Logo, quando Tomlinson falou de seu desejo de desambarcar e perambular pelas redondezas, “O médico falou sobre disenteria e outras doenças. Disse que era mais seguro ficar no navio durante o mês que tínhamos para passar em Porto Velho” (2010, p. 438). Mas, como aquela ferrovia aguçaria a mente de qualquer viajante do tipo aventureiro, ao receber um convite para entrar na selva, Tomlinson não hesitou, arrumou seus apetrechos e partiu. Destaquemos esse episódio.

Havia um trem comissário na manhã seguinte levando homens e suprimentos para os acampamentos. Tinha um certo número de vagões abertos, carregados com material, em volta do qual os trabalhadores subiam para abastecer os grupos e deixá-los mais confortáveis o quanto pudessem. Eu tinha um encerado para colocar todos os meus pertences, pois disseram-me que era melhor para prender numa mula, e um valioso salva-vida quando a canoa virasse. Eu o aceitei com perfeita fé, porque eu não sabia nada sobre mulas ou canoas. Dois engenheiros estavam no encargo; havia um australiano para superintender a distribuição das provisões em cada acampamento; o australiano tinha um assistente italiano, e havia alguns negros barbadianos ali para carregar as mercadorias. Sentei-me em uma caixa de frutas enlatadas. Hill se recostou em uma das prateleiras, onde deveríamos acomodar as vítimas da febre, quando as recolhêssemos. Não havia mais vagão na locomotiva e um grau a mais de calor significaria completa ruína (2010, p. 440).

O convite a Tomlinson fora feito por Marion Hill, um texano que comandava um grupo de trabalhadores no acampamento de Jaci-Paraná. E o viajante britânico relata-nos que “Havia um homem que parecia com um valentão sensacional, que veio a bordo numa manhã, em Porto Velho; e disse-me que tinha vindo para encontrar-se comigo. Ele ia entrar na floresta, para além da picada da ferrovia, e eu iria com ele?” (2010, p. 438). Convém aqui descrever esse destemido trabalhador da EFMM.

Ele vestia uma calça de montaria enlameada e uma camisa preta, aberta no peito, e botas de um couro intrincadamente ornado de relevos, que subiam até seus joelhos, esporas que revelariam um paquiderme, e o chapéu insolente de um bandido. Ele tinha um cinturão pesado com arma e munição (2010, p. 440).

Mais adiante, quando os dois aventureiros estão no lombo de suas mulas, numa longa cavalgada na floresta equatorial, “onde podiam ter estado na quietude do sétimo dia”, há uma descrição acalorada da intrépida figura de seu guia texano.

Nas longas cavalgadas, que seguimos na terra onde olhávamos por cima do que estava ali pela primeira vez desde a gênese, onde podíamos ter estado na quietude do sétimo dia, tão novo, estranho e silencioso estava tudo, a figura à minha frente, com suas botas compridas, camisa preta negligente, as armas em volta da cintura, e o chapéu com seu extravagante tamanho, majestosamente inclinado, fizeram-me parar algumas vezes para me reassegurar que eu não estava perseguindo um dia de sonho da meninice; Mayne Reid demais na minha cabeça, especialmente quando meu companheiro selvagem e improvável parava debaixo de um grupo de palmeiras em forma de estátuas, e olhava para trás - suponho que era para se certificar de que eu ainda estava lá, e que o silêncio não tinha me absorvido completamente, um frágil farfalhar de um som intruso em um mundo virgem e absorvente (2010, p. 458).

No reino do imaginário é que o filósofo rebelde também viaja. Ele oscila, como pode ser presumido, entre razão e sonho. Sua viagem encantada submete-o a uma exploração sonhadora. “Mayne Reid demais na minha cabeça”, confessa-nos o viajante referindo-se ao escritor irlandês autor de diversos livros repletos de personagens aventureiros. É por isso que, de quando em vez, Tomlinson abandona o que vê em favor do que imagina. Como bem o diz Gastão Bachellar em **O ar e os sonhos**, “Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma nova vida” (2001, p. 03). Conforme demonstramos anteriormente, Tomlinson faz tanto um movimento reflexivo sobre a situação social do mundo britânico e amazônico, quanto um movimento de dobramento sobre si mesmo com o intuito de elevar-se ao sublime natural e retórico, à autossatisfação e à autovalorização, alvos do homem de vertente estoica. Suas andanças pela selva amazônica o conduzem a essa ascensão. Sua viagem segue o

rumo ascensional, pois “O homem, enquanto homem, não pode viver horizontalmente” (BACHELLAR, 2001, p. 06). É conveniente lembrarmos que Tomlinson, quando ainda estava em Londres, era consciente de que “ainda estava na superfície plana”, aludindo, dessa forma, à sua jornada ascensional da horizontalidade à verticalidade.

Assim, verticalidade e profundidade são eixos condutores da viagem tomlinsoniana. Se pensarmos no espaço geográfico de sua jornada, perceberemos que seu movimento é uma descida vertical, mas ao mesmo tempo, o preenche de leveza e de esquecimento de sua parte carnal. Solto e leve como um “pensamento desencarnado”, ele esquece de sua matéria e torna-se um ser “lançado para fora de si”, mas consciente de sua libertação. Voltaremos a essa questão no último tópico deste estudo, por ora devemos seguir as telas fantasmáticas que nos são apresentadas pelo herói tomlinsoniano.

O trem, que partiu de Porto Velho levando H. M. Tomlinson e seu guia Marion Hill, os deixou no acampamento do rio Caracol.

No acampamento em construção, ao lado do rio Caracol, ficamos dois dias. Ali era o fim da linha, e os homens que estavam avançando com os trilhos estavam tão ocupados que fui deixado com meus próprios artifícios. Até que os ferroviários chegassem ali, ninguém, exceto os indígenas Caripunás, sabia o que existia ali (2010, p. 448).

Submersos nas sombras das árvores, onde os raios do sol dificilmente penetravam, aqueles homens pareciam anêmicos e doentes. Essa é a imagem predominante dos trabalhadores desses acampamentos ao longo da linha ferroviária. Como diz o pintor verbal, “esses homens eram barbudos como Crusoe, pálidos como mulheres anêmicas, e marcados de picadas de insetos” (2010, p. 438). Humanitarismo, mas também crítica ao colonialismo figuram nesta passagem tomlinsoniana. Robinson Crusoe, visto pela lente pós-colonialista, é figura arquetípica do colonizador. Robinson é o Homem Branco; sua ilha é seu reino; o nativo ali encontrado e “salvo” por ele é seu servo que, batizado como Sexta-Feira, aprende a língua do amo e, portanto, tanto pode endeusá-lo como amaldiçoá-lo. No relato de Tomlinson, esses homens barbudos e anêmicos, presas fáceis de uma ideia de progresso e rique-

za a curto prazo, representam o lado trágico do empreendimento colonialista na Amazônia. Agenciados em diversas partes do mundo, conduzidos ao local de sacrifício e aprisionados em seus locais de trabalho ao longo do “cemitério dos vivos”, desses homens a selva sugava-lhes a seiva da vida. Daí a expressão: fantasmas de si mesmos. Na Madeia-Mamoré todos eram escravos da aclamada Modernidade. Ninguém estava imune à malária e/ou à febre negra.

Assim, embora em cada acampamento houvesse um médico para cuidar daquele grupo de condenados, qualquer homem demonstraria força, vigor e saúde apenas durante dois ou três meses, ou menos, depois estaria inutilizado. Terríveis dores de cabeça, tremores, frio, alucinações e temperatura altíssima anunciavam o fim. Os diversos relatórios dos médicos, conforme demonstram Manuel Rodrigues Ferreira e Neville Craig, confirmam nossa assertiva. Quando Tomlinson chegou ao acampamento do rio Caracol, encontrou-se com um atarefado guardião da saúde. E o viajante elabora um quadro geral tanto do trabalho médico quanto das impressões causadas pelo ambiente hostil. Citemos o trecho.

No meu caminho para minha cabana, ao pôr do sol, parei para conversar com o jovem médico, que estava ocupado cuidando de feridos em sua enfermaria. Os trabalhadores, mestiços, brasileiros e bolivianos, tendo terminado o trabalho, estavam dando ao médico uma noite atarefada com suas enfermidades. Geralmente eram problemas de pele. O menor arranhão nos trópicos pode se espalhar para uma ferida horrível e persistente. As pernas da maioria desses nativos eram desagradáveis, com cicatrizes fundas. Em um caso, um morcego vampiro tinha chupado o braço de um homem perto do cotovelo, enquanto ele dormia, e aquela feridinha tinha crescido desastrosamente. Estávamos em uma região onde os piuns fumçavam; minúsculos insetos pretos que pousavam nas mãos e no rosto, talvez uma dúzia ao mesmo tempo, e se empanturravam, embora você estivesse inconsciente disso. Onde o piun se alimentava, deixava um ponto de sangue sugado, que permanecia por semanas, tanto que a maioria de nós estava cheia de marcas de ferrada. Mesmo essas feridas minúsculas eram suscetíveis a ficar fundas e horríveis. Havia moscas muito maiores, que punham seus ovos no corpo humano, onde elas chocavam com resultados medonhos (...). Portanto, o médico era um homem ocupado naquela noite (2010, pp. 452, 454).

Como se percebe, trabalhadores e empregados eram categorias completamente diferentes. Os primeiros eram, em sua maioria, mestiços, brasileiros e bolivianos. Os em-

pregados, por sua vez, eram engenheiros, topógrafos, desenhistas, médicos etc., e, em sua maioria, norte-americanos. Os barbadianos, jamaicanos e antilhanos pertenciam à classe não-qualificada também. Porém, ali no acampamento do rio Caracol, “a maior parte deles era de jovens engenheiros civis norte-americanos, embora alguns fossem ingleses” (TOMLINSON, 2010, p. 450). Todavia, as condições de trabalho a que se submetia cada um deles, indiferentemente de suas origens, profissão e formação intelectual eram comuns, quando nos acampamentos. “O chão da enfermaria do inteligente, belo e vívido médico” norte-americano, nos conta Tomlinson, era

feito de troncos desnivelados; as paredes e a cobertura eram de palhas secas. Uma lâmpada estava pendurada no poste da entrada da porta. Ele era um jovem norte-americano, e não reclamava de seu chão rangedor, da iluminação ruim, dos aparelhos e remédios que era tudo que alguém deveria esperar na selva, nem do número de pacientes, exceto comicamente. Disse-me que estava um pouco atraído pelas doenças dos trópicos. Gostava delas. (Eu deveria pensar que ele devia gostar delas). Ele era simplesmente insolente com aqueles homens de pele escura e melancólicos; e eles sorriam de volta tristemente para o inteligente, belo e vívido jovem. Ele era rápido em suas decisões, hábil, insistente, bondoso e meticuloso produzindo aquele arquivo de lastimosa humanidade, tão cuidadoso com o último da longa fila, quanto com o primeiro; contando-me, quando seguiu adiante, muito do que eu nunca tinha ouvido antes, com demonstrações (2010, p. 454).

Tem-se nesta citação uma atmosfera pesarosa, triste, doentia, mas, simultaneamente, de uma breve sensação de domínio, vencimento e conquista por parte do anjo da guarda daqueles homens-fantasmas, como do próprio viajante. Mas ele não está inserido na cena. Ele é tão somente o pintor verbal que pinta o ambiente. Os trabalhadores, esses homens melancólicos e de pele escura, recebiam do médico tratamento e insolência, apesar de “tão cuidadoso com o último quanto com o primeiro da longa fila”. O fato é que, sem a ajuda de remédios e de um médico com experiências em doenças tropicais, algo improvável nos que ali dedicavam-se a cuidar de corpos molestados, poucos sobreviviam ou escapavam ilesos da Esfinge Verde, a selva.

Ainda nesta tela pintada por Tomlinson pode-se “ver” o drama cotidiano vivido

pelos indivíduos em um contexto colonial. Em cada cena subjaz a dramaticidade enfrentada tanto pelo “patrão”, quanto pelo “funcionário” da EFMM. E aí, nesse contexto, como Homi Bhabha explicita em sua “anatomia do discurso colonial”, há a “problemática do ver/ser visto” (BHABHA, 2005, p. 118). Como procuramos demonstrar, Tomlinson elabora tanto uma fixação dos nativos, quanto uma recusa. Ou seja, “a pulsão escópica que representa o prazer de “ver”, que tem o olhar como seu objeto de desejo, está relacionada tanto ao mito das origens, a cena primária, quanto à problemática do fetichismo e localiza o objeto vigiado no interior da relação “imaginária” (BHABHA, 2005, p. 119). O médico é visto pelo viajante como “um excelente representante dos nossos” (TOMLINSON, 2010, p. 454); quanto aos nativos, ah! os nativos! são vistos como indolentes, preguiçosos, supersticiosos e etc. Narcisismo e agressividade poderiam ser confirmados no relato tomlinsoniano se negássemos o todo de sua obra. Contudo, diante de sua grandeza, essas afirmações pouco representam se colocadas na balança do todo. Essas representações ajudam na reconstituição da história da EFMM e na hermenêutica do viajante.

Em assim sendo, quando Tomlinson afirma que os trabalhadores da Madeira-Mamoré eram “escombros de homens”, ou “máscaras cadavéricas”, ele denuncia a terrível situação a que foram submetidos esses trabalhadores. As observações e registros elaborados pelo viajante demonstram, portanto, a que ponto pode chegar o humano em sua ânsia de progresso. “Esses negros seminus e esses homens morenos movendo-se em volta dele [do navio], ou olhando atentamente para dentro do abismo”, Tomlinson afirma,

eram como figuras sinistras em um negócio impenetrável na beira do buraco. Eles não eram homens, mas os escombros de homens, movendo-se com volição espantosa, meramente uma brilhante máscara cadavérica flutuando em um vazio, ou dois braços erguidos, ou um tronco preto sem cabeça (2010, p. 372).

É em completo estado de estupefação e “devaneio acordado” que Tomlinson exprime sua experiência do olhar em volta do *Capella*, onde homens da Madeira-Mamoré trabalhavam. Sua composição dessa imagem visual advém não somente do olhar, mas de sua

imaginação criadora e, principalmente, de sua competência artística com o uso das palavras. Sua imaginação prodigiosa, ao que parece, domina seus sentimentos. Ele não vê aqueles negros e mestiços, que trabalham na construção de um cais para o *Capella* atracar, simplesmente como trabalhadores pagos para fazer o serviço, mas como “figuras sinistras em um negócio na beira do buraco”. Estando em uma região selvática em que “homens morriam como moscas”, o viajante-prosador descreve esses homens como a realidade os mostrava. Ali nas “costas do mundo”, o corpo desses trabalhadores da EFMM está, pois, em consonância com o ambiente selvático e hostil. Continuemos observando.

Assim, Tomlinson, em companhia de um outro inglês, continua a observar a cena intrigante, atrapalhada e apressada às margens do Madeira. Porém, como seu interlocutor pontua,

“É curiosa esta pressa desesperada, não é?” - disse o inglês. “A cada ponto da bússola, há pelo menos uma milha de selva. Exceto neste lugar, não importaria para ninguém se uma coisa fosse feita esta noite, ou na semana seguinte, ou de modo algum. Mas veja aqueles indivíduos - podia-se pensar que isto era um cais inglês, e uma maré tivesse que ser aproveitada. Aqui eles estão trabalhando por produção e hora-extra de trabalho, onde não há nada, a não ser árvores, jacarés, onças e selvagens” (2010, p. 374).

Como podemos notar, por meio de seu interlocutor, Tomlinson critica o impulso desenfreado do homem em conquistar e dominar espaços. Sua crítica é exatamente aos homens obcecados pelo desejo de ganhar um bom dinheiro e, devido a isso, trabalharem por produção e hora-extra, colocando-se completamente fora do ritmo natural da vida. Na Inglaterra, os homens não traçavam sua própria estrada, mas eram conduzidos por leis e decisões tomadas desde sempre. E o que o intrigava era que, mesmo na selva, aqueles indivíduos comportavam-se como se estivessem construindo um cais inglês. “Exceto naquele lugar”, o personagem afirma sarcasticamente, “ninguém se importaria se uma coisa fosse feita esta noite, ou na semana seguinte, ou de modo algum” (2010, p. 374). Absorvidos pelo desejo de ganhar mais e mais dinheiro, em sua opinião, algo tão desastroso ao espírito hu-

mano, aqueles homens moviam-se apressadamente e resolutamente em suas tarefas. “Todavia”, continua o interlocutor tomlinsoniano, “talvez ainda haja algo a ser ganho, o conhecimento de que tudo que se faz é efêmero; que não há nada, senão uma ideia, que pode ser retirada sem avisar em nenhum momento, debaixo da estrutura mais complicada e influenciável” (2010, p. 376). E assim, “Obtendo essa presciência, pode-se trabalhar com um coração alegre, seguro contra a traição, e preparado com sua própria risada, quando o escárnio vier” (2010, p. 376).

Em sua jornada aos trópicos, Tomlinson também, como muitos outros viajantes europeus, deseja ver o indígena em seu estado natural. Um dos motivos para ele deixar o navio, portanto, pegar o trem, desembarcar no rio Caracol e ali subir no lombo de uma mula de “pescoço de serrote” para prosseguir suas andanças pela mata, não é somente para conhecer a selva e “suas árvores gigantescas”, mas justamente encontrar-se com os indígenas. O encontro com a nação Caripuna ou Arara fazia parte de seu sonho romanesco. Ora debaixo de um sol inclemente e implacável, ora de uma chuva torrencial, que deixava pés e mãos enrugados como se tivessem sido mergulhados num banho de soda, o peregrino, sozinho com seus pensamentos, e à moda de Dom Quixote, segue seu guia pelas terras dos Caripunas. Sigamo-lo, portanto, em sua busca.

4.4 EM BUSCA DO OUTRO (OU NA TERRA DOS CARIPUNAS)

O outro é mediador indispensável entre mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim tal como apareço ao outro. E, pela aparição mesmo do outro, estou em condições de formular sobre mim um juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como objeto que apareço ao outro.

O ser e o nada - Jean-Paul Sartre

A afirmativa tomlinsoniana - “Eu nunca tinha visto o homem primitivo em seu lugar nativo até então. Ali estava ele, como no começo” - demonstra seu estado de regozijo

diante do Outro e, ao mesmo tempo, seu estado de consideração, pois "Eu via com um novo respeito de qual criatura somos derivados" (2010, p. 248). Como já demonstramos anteriormente, o encontro do viajante britânico com o nativo brasileiro ocorre em Itacoatiara, quando "eu estava curioso pelo meu primeiro passeio na floresta equatorial. Nosso navio estava ancorado abaixo da cidade, em um campo pequeno, ou clareira" (TOMLINSON, 2010, p. 240). Assim, apesar de haver desembarcado em Belém do Pará, feito um longo passeio pelo centro e subúrbios da cidade, e visitado a famosa Vila de Nazaré ou, "a vila de Bates", ali Tomlinson encontra apenas uma população hibridizada: "O português, o negro e o indígena estavam ali, mas raramente um tipo fiel de alguém" (2010, p. 200). Entretanto, o que ele desejava ver era esse "tipo fiel de alguém" que, em sua concepção, era o indígena brasileiro. Conduzido pelo mito de pureza racial e crente que estava no "começo dos tempos", nos dias primevos, é que ele viaja, portanto.

Dessa maneira, cada milha navegada representaria uma chance maior de encontrar-se com os temíveis e hostis, mas desejados, "selvagens". Estando diante do "verdadeiro" nativo teria oportunidade para averiguar "de que criatura somos derivados" e, portanto, re-confirmar a teoria da evolução, do biólogo e naturalista britânico Charles Darwin (1809 - 1882). Entretanto, para o herói d'**O Mar e a Selva** não se trata de refutar ou aceitar o antimundo, mas de reviver ali a vida nos primórdios da humanidade. Estar na Amazônia seria haver trilhado o caminho para o pretérito, pois "Tive a sorte de ir quando a rota ainda estava muito como era no primeiro capítulo de Gênesis" (TOMLINSON, 2010, p. 274).

Pois se Tomlinson teve a sorte de ir para as "costas do mundo" e ali "morou com os bárbaros" (2010, p. 550), pode-se presumir, então, que ele buscava o encontro com o Outro, o "selvagem". Porém, sua necessidade de busca, não implica, necessariamente, motivo de uma boa ação para com o Outro, contudo, ele desejava saber como vivia e como era esse outro. Porém, como diz Arthur Schopenhauer, "os *motivos* que em geral podem mover os homens podem ser postos sob três classes superiores e bem gerais: 1) o bem próprio; 2) o so-

frimento alheio; 3) o bem alheio. Se o motivo de uma boa ação não pertencer à *terceira* classe, tem de pertencer, sem mais, à *primeira* ou à *segunda* classe (SCHOPENHAUER, 2001, pp. 160-1). Entretanto, H. M. Tomlinson, ao que pode-se perceber em sua escrita, era também um idealista, pois viajava para conhecer e agir em razão de ideais supremos, isto é, de valores supremos do espírito humano. Ele viajava para compreender a significação concreta do mundo. Daí suas críticas aos desmandos do humano em nome do progresso. Tentemos compreender o viajante em suas reflexões citando, outra vez, a seguinte passagem:

As estrelas estão tão perto de Londres, quanto da Espanha Central. Na jornada planetária delas pelo vazio, os passageiros em Peckham veem tanto quanto seus companheiros, que espiam pelas janelas em Macassar. O sol nasce no leste, e a lua está com "cornos" crescentes; mas alguns dos passageiros em cima do barranco lamacento, estranhamente suficientes, tomam café sem leite. Entretanto, por que eu deveria me preocupar? (2010, p. 184 - grifo nosso).

Esses passageiros, em cima do barranco lamacento, são indígenas e caboclos brasileiros das margens dos rios amazônicos. Como podemos ver, há em Tomlinson uma preocupação com o bem-estar do ser humano. Ele tanto preocupa-se com os europeus quanto com os não-europeus. É por isso que “seu depoimento é em si uma utopia”. Pensar num mundo melhor para todos, mais justo e mais humano é a essência das utopias. Ela parte de uma dada realidade projetando uma realidade vindoura mais próxima do ideal de justiça, amor e felicidade humanos. As críticas tomlinsonianas ao apego do homem ao dinheiro demonstram sua consciência de que ele, o dinheiro, aprisionava o homem e o retirava do ritmo natural da vida. Nessa questão, Tomlinson se aproxima de seu conterrâneo Charles Dickens (1812 - 1870). Um de seus personagens, Ebenezer Scrooge, de **Canção de natal**, é exemplo da avareza, da parcimônia e procedimento vil no indivíduo. O objetivo central deste livro é demonstrar qual o verdadeiro sentido da vida humana. Ao final da narrativa dickensiana tem-se um Scrooge generoso, humanizado e feliz. Charles Dickens é um escritor bastante crítico em relação às questões sociais de sua época - a era vitoriana. Tomlinson pode ser comparado a ele nessa capacidade humana e espirituosa para tratar os problemas políti-

co-sociais não apenas da Inglaterra industrializada, mas do mundo em geral.

No início d'**O Mar e a Selva**, quando o viajante está fazendo diversas digressões, o aguilhão tomlinsoniano já se mostra. A exclamação "Há indústria, economia e sucesso, meus caros!" é uma chibatada nos grandes estadistas e seus porta-vozes. É aludindo à marcha colonialista iniciada pelos primeiros viajantes que Tomlinson se refere quando afirma:

Pensar no futuro como uma série modestamente longa de semelhantes manhãs, madrugadas não iluminadas pela luz do céu, novos dias para os quais deveríamos ficar sempre assustados por esses alarmantes cantos de galo, trazendo a informação de que o negócio de nossos companheiros fora realizado em ninhos de inteligentes e frutíferos ovos de porcelana, era suficiente para fazer com que alguém se levantasse horrorizado, no vagão do trem, e puxasse a corda da campainha (2010, p. 10).

Na opinião do viajante ideal era preciso que o homem tomasse as rédeas de sua vida em suas mãos, e não simplesmente seguisse os passos há muito decididos por seus companheiros, "com seus alarmantes cantos de galo". Ao comércio, à rota marítima traçada por navegantes e seus celebradores, é que Tomlinson se refere. Para ele, desse trem que seguia rumo a um futuro decidido, mas incerto, era preciso desembarcar. Afinal, "De onde esse trem sai é um mistério; mas ele nunca deixa de vir nos pegar; e nunca nos leva para além da cidade, eu bem sei (TOMLINSON, 2010, p. 06). É por isso que Tomlinson viaja para a terra do sol constante. Ele próprio deveria buscar novos horizontes. Abandonar, mesmo que temporariamente, a cidade, seu cativeiro, fonte de toda luz que ele conhecia e provedora de seu imposto de renda. Experimentar o mundo do Outro seria observar, corrigir e modificar o seu próprio mundo, isto é, refletir sobre si mesmo.

Ali nas paragens verdejantes do Pará, Amazonas e Madeira, "Como Thoreau, eu acredito que podia sobreviver com alguns tostões, se fosse o caso (2010, p. 302), assegura o viajante londrino, como forma de demonstrar seu desapego às ilusões do mundo "civilizado". Assim é que, em todas as suas experiências de breve convívio com o outro, ele

estabelece um espelhamento com os modos de vida de sua cultura, procurando mostrar a validade de uma vida em comunidade, onde tudo pertence a todos. Afinal, escreve Tomlinson referindo-se a um grupo de homens - Neil O'Brien, o velho Jim etc. - que visitou o *Capella* quando atracado em Porto Velho: "consideravam a comida, a bebida e o tabaco como comum a todos; eles estavam prontos para saltar na escuridão por um amigo" (2010, p. 370). Mas voltemos à jornada em busca do outro.

Quando Tomlinson viaja pela floresta em companhia de Marion Hill e lhe fala de seu desejo de ver os Caripunas ou outra nação indígena, seu guia lhe diz:

"Você não os verá", disse Hill. "Aposto que estão nos observando nesse instante, entretanto", ele acrescentou depois de uma pausa. Olhei com grande interesse para a folhagem espectral, onde reto diante de mim, a pálida luz do luar nas folhas e nos troncos emoldurava portais na noite. Não pude ver nada (TOMLINSON, 2010, p. 478).

E Hill continua seu diálogo desanimador em relação aos Caripunas, mas um tanto quanto reconhecedor das habilidades e das características físicas bem constituídas desses "selvagens", andarilhos das margens do Madeira:

"É provável que alguns deles tenham nos seguindo o dia todo", continuou Hill. "Eles nos observam. Eles não podem nos expulsar. Os seringueiros nos disseram que os Caripunas nos matariam e nos comeriam. Eles matam os seringueiros, tudo bem, o que para os indígenas é um bom negócio também. Mas eles apenas podem deslizar pela floresta nos observando. Vi alguns uma vez. No rio Jaci-paraná. Diverti-me com eles arrastando a canoa para a terra firme. Era apenas uma geringonça, a coisa mais bruta de seu tipo que já vi; a popa e a proa afinavam-se amarrando as pontas junto com cipós. Eram uns indivíduos morenos-claros, bem constituídos, e quase nus. O cabelo preto de alguns deles era encaracolado. Curioso, não é? (TOMLINSON, 2010, p. 478).

Surpreso com a aparência viril dos indígenas, avistados na margem do rio Jaci-Paraná, Hill logo se apressa em explicar as características físicas de "um tipo miserável":

Mas ouvi dizer que nos dias da escravidão, os negros fugitivos chegavam até aqui, e os indígenas da floresta capturavam-lhes para *melhorar o próprio tipo*

miserável deles. Os brasileiros sempre tiveram uma tradição de uma raça de cabelos encaracolados no rio Madeira; e aí estão eles. Eles tinham arcos e flechas, aqueles camaradas, feitas inteiramente de bambu e madeira. As flechas estavam enfeitadas com penas de arara, e tinham cerca de seis pés de comprimento. Eu não podia curvar um arco enfeitado daqueles. Esses indivíduos mantinham-se do lado dos rios, e suas aldeias ficam sempre escondidas na mata. É uma coisa engraçada, mas quando os topógrafos chegavam a uma aldeia descobriam que tinha sido desocupada acerca de uma semana” (2010, p. 478 - *itálicos nossos*).

Ao que se ver, para Marion Hill, há uma diferença entre indígenas e brasileiros. Os primeiros caracterizariam-se, em sua opinião, miseráveis em sua constituição física; contudo, ele mesmo diz que não podia “curvar um arco enfeitado utilizado pelos indígenas”.

Tomlinson não conseguiu, em sua jornada pelas terras dos Caripunás, obter êxito em sua busca do indígena. Todavia, quando ele retorna para Londres, carrega consigo, presente de um andarilho inglês que estava em Porto Velho, alguns troféus: penas brilhantes de tucano, um “feixe de flechas”, “latas de biscoitos cheias de borboletas” e os “bárbaros ornamentos indígenas”.

De acampamento em acampamento, de trilha em trilha, travessia de riachos, terrenos alagadiços e pantanosos, terras caídas e árvores estupendas, combatentes que tinham parado de lutar, pois - “De fato, elas todas estavam lutando, enquanto passávamos entre elas, aquelas formas fantásticas e paradas; uma guerra implacável, mas lenta, em que o dia de batalha estava em épocas passadas. Elas pareciam apenas paradas. Fomos ludibriados” (2010, p. 494) - Tomlinson mergulha em seu imaginário. E então, novamente, elabora suas suposições imaginativas:

Se o tempo tivesse sido acelerado, se os movimentos naquela guerra de fantasmas tivessem sido acelerados, teríamos visto o que realmente estava ali; as árvores maiores correndo para cima, morrendo por falta de luz e alimento, e ouvido o colapso contínuo dos fracassos; e teríamos visto os cipós enrolando-se e apertando, manifestadamente como serpentes, sufocando e comendo seus hospedeiros. Veríamos defunto em todo lugar, cascas com vermes em cima. Todavia, não era fácil estar certo de que víamos qualquer coisa completamente, porque essas não eram

árvores, mas formas em uma região abaixo do dia; um mundo mergulhado abissalmente da terra das coisas vivas, para o qual a luz apenas fragilmente penetrava para dois viajantes movendo-se em seu solo, tentando sair para o lugar próprio para eles (TOMLINSON, 2010, p. 496).

Deixemos essa região de árvores fantasmagóricas em seu campo de batalha. Fugamos da Esfinge; busquemos um lugar apropriado para viajantes fadigados da longa jornada pelo país das Amazonas. Viajemos de volta rumo à segurança e conforto do *Capella*. Porém, antes, lembremos o mito grego da Esfinge.

De acordo com a mitologia grega, a Esfinge era um monstro com cabeça e tronco de mulher, corpo de leão e asas de ave, que matava os viajantes quando não decifravam o enigma que ela, a Esfinge, lhes propunha: “o que é que tem quatro pés de manhã, dois ao meio-dia e três à noite?” Tomado por esse mito, Tomlinson vê a Amazônia como “uma presença intrusa que está conosco de manhã, de tarde e de noite, silenciosa (2010, p. 302). E o viajante imaginativo nos conta que ela, a selva, “nos vigia, a presciência do Destino, como se uma máscara sem olhos se sentasse à mesa conosco, um ser que nos contava o que conheceríamos, no entanto ela permanece e não dá nenhum sinal” (TOMLINSON, 2010, p. 302). Vê-se que é com a luz de seus predecessores que Tomlinson vê a floresta amazônica. Naveguemos adiante.

4.5 FUGINDO DA ESFINGE VERDE - (OU DA VIAGEM DE VOLTA AO CAPELLA)

Imagine-se, entretanto, uma intelligencia heroica, que se afoite a contemplar, de um lance e temerariamente, a Esphynges. Titubeará na vertigem do deslumbramento.

Preâmbulo de **Inferno Verde** - Euclides da Cunha

Enigmática, misteriosa, infernal, paradisíaca, idílica, (des)conhecida, etc. etc. são alguns dos inúmeros adjetivos utilizados por viajantes de diferentes nacionalidades, e em

diferentes épocas, quando de suas viagens pelas terras das Amazonas, ao contemplarem a Esfinge Verde. Como poeticamente Euclides da Cunha registrou em sua obra **À margem da história**, “Daí esta singularidade: é de toda a América a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida. De Humboldt, a Em. Goeldi - do alvorear do século passado aos nossos dias, perquirem-na, ansiosos, todos os eleitos” (CUNHA, 1999, p. 03). Tomlinson, como um contemplador apaixonado, não eximiu-se dessa perquirição. “Decifra-me ou te devoro” parecia ser o enigma proposto a ele pela “Presença austera”. **O Mar e a Selva** também é resultado de sua estupefação diante

daquela Presença austera, majestosa e respeitosa, que pendurava-se interminavelmente em dobras verdejantes, enquanto a olhávamos por cima, não suspeitando nada de novo nela, como se um movimento furtivo tivesse retirado seu manto verde, e nossa visão tivesse caído dentro da escuridão cavernosa de seu coração úmido e oco (2010, p. 416).

Assim, em sua sacrificante, mas gratificante jornada pelas redondezas da EFMM, quando Tomlinson chega ao acampamento 22, próximo à Cachoeira do Jirau, decide, juntamente com seu guia, fazer uma viagem ao Caldeirão do Inferno. E ele nos conta que

QUANDO estávamos nas proximidades da cachoeira do Jirau, voltamos para o acampamento conhecido como 22, que era simplesmente um par de cabanas; a estação de dois topógrafos ingleses, que tinham com eles um pequeno grupo de bolivianos. A fronteira boliviana estava então apenas a uma pequena distância a sudoeste. Descansamos ali por um dia, e planejamos fazer uma viagem de dez milhas pela região, para a cachoeira do Caldeirão do Inferno. Fazendo isso, economizaríamos a longa e cansativa cavalgada de retorno, ao longo da trilha, para o rio Jaci-paraná, porque, no Caldeirão do Inferno, uma lancha era mantida ali; e nela podíamos descer a cachoeira e desembarcarmos no acampamento no rio Jaci, dois dias mais cedo. Alguma pressa era preciso agora, porque meu navio devia estar perto da hora de zarpar (2010, p. 486).

Depois de inúmeras aventuras pela selva, é chegado o momento de regressar ao *Capella*. Na caminhada rumo à cachoeira do Caldeirão do Inferno, Tomlinson encontra os vestígios habitacionais dos *povos da floresta*, antecipando, dessa forma, o termo utilizado

pelo discurso político-liberal do governo brasileiro, principalmente nos estados da região norte do Brasil, ao referir-se às nações indígenas sobreviventes do grande massacre - a colonização.

Encontramos, por acaso, uma aldeia Caripuna abandonada; três casarões sem paredes, cada um apenas de cobertura esgarçada, sustentado por quatro esteios. A clareira era exatamente grande o suficiente para contê-los. Não encontrei ao redor ruínas do *povo da floresta*. Folhas umedecidas estavam dispostas no chão de cada moradia. Mas foi sorte termos encontrado as choças, porque adiante, uma trilha nos conduzia para o rio. Emergimos repentinamente da floresta, exatamente como uma pessoa sai por uma portinha para a rua ao ar livre. Estávamos no barranco do Madeira do lado de cima da cachoeira do Caldeirão do Inferno (2010, p. 498 - *itálicos nossos*).

A descida da cachoeira do Caldeirão do Inferno é pintada por H. M. Tomlinson de um modo terrificante. Apresentemos esta narrativa descritiva:

Embarcamos na lancha com um maquinista e dois mestiços, e fomos para o meio do rio. O maquinista e navegador era um alemão loiro. (...) Mas o rio tomava posse de nossas mentes e nunca, em maus tempos no oceano ocidental, vi água tão cheia de ameaça. Entretanto, abaixo da cachoeira, o rio estava silencioso e intacto. Era sua superfície lisa, suas interrupções estranhas e convulsões misteriosas e profundas, como se o próprio leito do rio estivesse inseguro, os redemoinhos assustadores, que apareciam sem avisar, depressões circulantes na superfície em que nossa lancha era somente um canudinho, que chocava a mente. Estava furtivo e silencioso. A água estava apenas a duas polegadas da beira da nossa lancha. Víamos troncos à deriva, maiores e mais pesados do que nossa embarcação pigmeia, descendo a gentilmente inclinada expansão brilhante, exatamente onde estávamos, e rápidas; e depois, como se uma mão assustadora lhes tivessem agarrado do fundo, eram puxados para baixo, e não os víamos mais; ou, novamente, perto de nós e à nossa frente, um tronco seria atirado do fundo, como uma flecha, apesar de que nenhuma árvore estivesse flutuando ali. As margens estavam bem distantes.

A água adiante estava muito pior. O alemão, agachado perto de sua maquininha pulsante, olhando ansiosamente - eu podia ver seu olhar fixo - por cima da proa. Estávamos viajando, de fato, agora. O barco, em um tremor rápido, e oscilando violentamente, foi agarrado na quilha por alguma coisa, que estava se enrolando fortemente ao nosso redor, agarrou-nos, e nos segurou; e o barco, enlouquecido e aterrorizado, em um esforço para escapar, fez um círculo, a água lambendo a beirada e passando por cima da proa. O rio parecia ter posto um pé por cima da proa, pronto para alagar e nos afundar. O alemão tentava manter a proa apumada rio abaixo. Ele começou a desamarrar seu cinturão de munição, e

eu me abaixei e amarrei os cadarços da minha bota...

O barco se soltou, como se desengatado. O alemão virou-se para nós arreganhando os dentes. “Está tudo bem” - ele disse. Começou a enrolar um cigarro nervosamente. “Vamos sair daqui, certamente”, disse o alemão umedecendo seu cigarro de papel. O barco estava livre, dançando levemente adiante. A maquininha estava cantando rapidamente e livremente (2010, pp. 500, 502).

Ascensão e queda são, neste episódio, metáforas que acentuam a agorafobia do medo de sucumbir à descida daquele monumental salto no rio Madeira. O rio, um monstro enrugado, que afundava poderosa e incessantemente, e o barco, enlouquecido e aterrorizado, esforçando-se para escapar das garras do monstro aquático, que lambia a beirada do barco e esparramava-se por cima da proa são personificações vigorosas e respectivamente originárias da invenção humana e da natureza. A embarcação pigmeia que enfrenta as águas convulsivas sob a direção de seu guia, cujo esforço para manter o rumo certo e não sucumbir poderia aí ser comparado a Ulisses, assemelha-se a uma flecha lançada ao ar. É assim que o movimento de subida e descida prepara, no espírito do leitor, o desenlace: a dança livre do barco sob a musicalidade de sua máquina. Treme-se com o medo de uma morte iminente, mas regozija-se com o feito glorioso. O onírico e o racional parecem tentar equilibrar-se em uma balança. O reconhecimento da força das águas é característico de um ser grandioso. O viajante, esse ser lançado para fora de si, imagina-se de acordo com as forças do mundo. Ele vive de fato o que imagina. Sonho e realidade, vida e imaginação estão imbricados. Fácil é visualizar-se o herói que emerge dessas cenas e ações dramáticas em sua busca: o sentido da viagem.

Assim, pode-se apreender, nas inúmeras imagens d'**O Mar e a Selva**, o dinamismo e a energia de uma lapidação do viajante de espírito aventureiro, ser dotado de uma vontade vertical. Atingir o ápice em todas as suas ações é seu objetivo central. Ele não teme o que a vida põe diante de si. É com uma fé luminosa que Tomlinson viaja. Pode-se mesmo ver em Tomlinson um rio resplandecente, que jorra, salta e pulsa incessantemente rumo ao oceano.

Muitas vezes, em sua composição discursiva, Tomlinson constroi imagens que

demonstram as forças da Natureza, o reverberar da Onipotência. Parece que ele não poderia simplesmente contentar-se com a observação das coisas, dos objetos que compunham seu mundo. Além disso, Tomlinson é capaz, como grande prosador que é, de fazer o leitor viver, com a mesma intensidade e impressão, as próprias aventuras empreendidas por ele, o viajante sonhador, em sua jornada ao país dos Caripunas. Naveguemos adiante.

Depois de haver descido a cachoeira do Caldeirão do Inferno, Tomlinson nos conta que,

Desembarcamos em um sítio de um seringueiro caçador, no barranco do lado direito. Seu dono, um boliviano, e sua bela esposa indígena, que tinha marcas tatuadas na testa, fizeram muito por nós, e nos deram café. Eles tinham um pomar de goiabeiras, e ali, porque há muito tempo eu não saboreava uma fruta, fui um ladrão imoderado, apesar de um mutum de estimação, que me seguia pelo jardim com beliscões distraídos (2010, p. 502).

Hospitalidade e conforto são oferecidos pelos nativos aos viajantes do Madeira. “Fizeram muito por nós” comprova nossa assertiva de que Tomlinson era um viajante que sabia reconhecer as boas ações do nativo. Como demonstramos anteriormente, eram os nativos quem conheciam o melhor caminho a ser seguido, providenciavam ou indicavam os materiais necessários para qualquer empreendimento na selva, guiavam o barco e, de fato, podiam proporcionar conforto e segurança possíveis. Sem a ajuda desses indivíduos, jamais qualquer viajante obteria qualquer sucesso em suas aventuras pela Amazônia. Ali no Jaci-Paraná, um rio de água preta, ele é conduzido, por exemplo, por seus ajudantes e guias rumo ao acampamento na margem do rio. É ali que ele dorme pela última vez nos “confins da selva”, em sua velha choupana do Jaci-Paraná, enquanto a Esfinge Verde o espreita. Mas não nos antecipemos, embarquemos na canoa e rememos nas águas escuras desse rio sem barranco, sob os olhos esfingéticos. As visões tomlinsonianas daquele mundo primitivo são assustadoramente belas. Vejamo-las uma vez mais.

De uma distância, a água preta parecia tinta, mas a encontramos um pouco clara e

brilhante. O Jaci não é um braço importante de rio, mas ele estava, neste período de chuvas, mais largo do que o Tâmis, em Richmond, e sem dúvida, muito mais fundo. A aparência da floresta no Jaci era um pouco diferente das paliçadas do rio principal. No Madeira, geralmente há uma faixa estreita de barranco, por cima da qual a selva se ergue como se ergueria um penhasco íngreme. O Jaci não tem barrancos. A floresta estava profundamente submersa em ambos os lados, e quando aparecia uma abertura na mata, podíamos ver as águas lá dentro, mas não podíamos ver suas extensões, por causa da escuridão interior. A folhagem mais alta estava alagada, e montada, não reto, mas em nuvens arredondadas. Pela primeira vez eu via muitas trepadeiras e árvores em floração, presumivelmente porque estávamos mais perto da copa das árvores. Uma árvore estava carregada com ninhos pendentes, em forma de pêra, daquele tipo de pássaros chamados de “ninhos pendurados”, e muitos das belezas em suas plumagens preta e dourada estavam ocupados com suas casas, que pareciam frutas monstruosas. Uma outra árvore estava pesada com grandes cachos de florações alaranjadas; mas quando a lancha passou perto, descobrimos que as flores eram de fato montes de larvas. O Jaci parecia ser um ponto de encontro dos jacarés; mas tudo que víamos deles eram suas cabeças, que moviam-se na superfície da água no nosso caminho, como bolas de borracha flutuantes e, misteriosamente, impulsionadas. *Tive uma visão*, também, daquelas águias mais régias, as *harpías*, porque uma, bem à vista, ergueu-se de uma árvore adiante e deslizou lindamente por cima do rio e desapareceu. (2010, p. 504 - itálicos nossos).

A figura que predomina neste trecho é a comparação. Tomlinson parece navegar nas águas de um sonho acordado. Uma água preta, clara e brilhante é seu tapete voador. Ali a floresta esparrama-se dentro do rio, como cabelos verdes sobre um rosto escuro. As nuvens arredondadas emolduram o cenário mágico. Uma árvore, carregada de frutos monstruosos, os ninhos dos japiins, e outra ainda, pesada com suas flores alaranjadas, mas, de fato, montes de larvas, dão uma atmosfera sombria à paisagem. A harpia, esse monstro fabuloso, com rosto de mulher e corpo de abutre, ergueu-se de uma árvore e deslizou lindamente por cima das águas e desapareceu. E então,

Naquela noite, eu dormi novamente em minha velha cabana no acampamento do Jaci e, com Hill e outro oficial, partimos cedo, na manhã seguinte, para o acampamento em construção no rio Caracol, onde esperávamos chegar antes que a locomotiva partisse para Porto Velho. Em Porto Velho, o *Capella* estava, e eu desejava, talvez tanto quanto eu nunca desejei nada, que eu não fosse deixado para trás, quando ele partisse. Sabia que ele devia estar a ponto de partir (2010, p. 504).

Planejamento e ação são características de um ser que se move rumo a uma vida nova, aprimorada e refulgente. A sua medida é o sentimento de completude. É com a Aurora, pois, que ele viaja. Então, ao nascer do sol, o viajante se põe no caminho de volta. Havia certa pressa agora, pois o navio estava a ponto de zarpar. “Mas ainda tínhamos algum caminho para percorrermos; e devo dizer-lhe, agora eu estava possuído de tudo que desejava da floresta tropical” (TOMLINSON, 2010, p. 506).

Confiante e enérgico, o viajante sonhador “tinha apenas uma ideia fixa em [sua] mente escura, mas uma estrela brilhante estava cintilando ali; eu tinha feito um giro pelas redondezas e estava voltando para casa, e agora devia seguir enérgico e sem me desviar daquela estrela no leste de minha mente” (2010, p. 506). Assim, apesar de sentir o corpo exausto, sua mente pulsava vivazmente e seu coração estava em regozijo. Sua única ideia agora era sair da selva, fugir da Esfinge. E assim, “Os movimentos ritmicos da mula debaixo de mim formavam um refrão em minha mente: dar o fora, dar o fora dali” (2010, p. 506). E,

finalmente, havia as cabanas e as tendas do rio Caracol, silenciosas e paradas debaixo do sol vertical. O trem não estava lá, nem parecia um lugar para trens. Meu navio estava a sessenta milhas distante, para além de uma trilha em frente, que promover uma cavalgada era impossível, e onde caminhar por mais de duas milhas, não podia nem mesmo ser considerado. O trem, os rapazes nos disseram divertidamente, tinha partido meia hora antes de nossa chegada (2010, p. 506).

Mas Marion Hill era um homem bastante inventivo. E ordenou ao chefe daquele acampamento que um vagonete lhes fosse providenciado. Assim, “o vagonete foi posto nos trilhos, cinco mestiços bombeavam a alavanca, três olhando a trilha adiante, dois virados de costas para a trilha. Nós três passageiros sentados nos lados e na frente do vagonete. Fomos embora” (2010, p. 506). Vê-se aí a dependência do viajante em relação aos nativos. E “eles exalavam uma transpiração forte em meu rosto e mãos, quando balançavam-se mecanicamente. Pobres infelizes! Estávamos acabados. O sol pesava toneladas incalculáveis” (2010, p. 508). Mas era preciso continuar. Precisava sair do Tártaro e voltar

para o navio.

Assim, quando dois nativos, que tinham “mudado para a cor de gordura impura”, desfaleceram de cansaço, peito arquejante, Tomlinson e outro companheiro de jornada levantaram-se no crepúsculo, e olharam para as estrelas, “de onde nenhuma ajuda poderia ser obtida e tomaram posse da alavanca, “como cavalheiros galantes”. Hill sentia-se mal; havia sido pego pela malária. A noite já descera. “Tornei-me apenas um pedaço da maquinaria, e bombeava, e bombeava, não com mais sentimento do que um cavalete. As sombras ondulavam ao nosso redor permanentemente. Acho que minha língua estava de fora...” (TOMLINSON, 2010, p. 510). E então “As luzes foram avistadas, finalmente. Mãos bondosas nos ergueram da máquina de tortura; e ouvi a voz conhecida do capitão, “Ele está aí? Pensei que fosse um problema” (2010, p. 510) .

E assim, mais uma vez, um episódio onírico nos é apresentado.

Naquela noite do meu retorno, uma lua cheia e um rio plácido mostravam-me o *Capella* duplicado, como em um espelho; e admirando a fundura do navio na forma invertida, vi um encorajamento potente - vi o vapor escapando do funil, que estava de cabeça para baixo. Uma imensa alegria me invadiu naquela hora, e eu virei para o capitão, enquanto galgávamos os dormentes para o cais. “Sim. Vamos para casa amanhã”, ele disse. O beliche estava superaquecido novamente pela sala de máquinas; mas, conhecendo a alegre razão, tolerei com prazer (2010, p. 510).

A alegria toma conta do viajante, pois ele estava voltando para as coisas que conhecia. Mas, durante a espera, Tomlinson ainda elabora algumas construções textuais: os animais de estimação do *Capella* são aí seu passatempo predileto. Mack, a arara, um arco-íris desgrenhado e raivoso; Tinker, o cão terrier, amedrontado e sempre fugindo do porco-do-mato, animal de estimação do capitão; um sapo-boi, os morcegos, cobras, etc. Mas a história mais intrigante é o desfecho do caititu. Fora queimado vivo em uma espécie ritualística demoníaca. Seu triste fim tem certa crítica à insensatez, superstição e maldade humana. Nessa passagem, Tomlinson alude a uma prática abominável na face da Terra: o sacrifício de crianças vivas aos deuses pagãos. A expressão “E ali irromperam-se gritos de

Tofetes” (TOMLINSON, 2010, p. 518) remete o leitor às passagens bíblicas em que são narradas práticas terríveis durante o reinado do rei Acaz, em Israel. Os Tofetes, segundo a Bíblia, eram lugares em que crianças eram queimadas vivas e oferecidas aos deuses pagãos. *Tofetes* foram construídos não apenas em Israel e Líbano, mas também em diversas colônias fenícias. Um desses lugares era Geena, ao qual se refere Tomlinson em seu relato⁷⁸.

Desse triste episódio, viajaremos rumo a um porto final, ou seja, teceremos alguns comentários acerca de nosso próprio percurso investigativo. Certos de que não abarcamos todos os assuntos tratados por H. M. Tomlinson em **O Mar e a Selva**, o que estenderia por demais este estudo, traçamos tão somente uma rota no relato de um viajante ideal. É falando dele, ou seja, de sua vida literária, que buscaremos o último desembarque: o porto final.

RUMO A UM PORTO FINAL

*What right have in to travel, when better men have to stay at home?*⁷⁹

Hints for those about travel - H. M. Tomlinson

O Mar e a Selva, como procuramos demonstrar ao longo deste estudo, é um “livro de viagem para homens honestos”. Por isso zarpamos com H. M. Tomlinson, pois é um viajante por excelência. Ele é, em si mesmo, a chance da viagem ao sublime retórico enquanto elemento arquetípico de um discurso grandioso. Seu estilo composicional é envolvente e vivo. Transmite segurança e confiança do início ao fim. Oscila-se e equilibra-se com suas investidas rumo ao “eco da grandeza de alma”. Sim, é um relato repleto de pedras preciosas: turquesa, esmeralda, jade, diamante, rubi, prata, ouro. Porém, ler **O Mar e a Selva**, no século 21, é um exercício de paciência e calma. Sem pressa é que Tomlinson viaja

⁷⁸Ver, a propósito, a nota de rodapé nº 54, na tradução do relato de H. M. TOMLINSON.

⁷⁹Que direito se tem de viajar, quando os melhores homens devem ficar em casa?

e faz viajar. Provavelmente, muitos leitores de uma era marcada pelo instantâneo e pela pressa não tenham paciência, nem tempo para lê-lo.

Assim, desde o embarque no navio a vapor, no porto de Swansea, o que mais há no relato de Tomlinson são momentos de exultação, entusiasmos e bonança. Nele os sentidos são privilegiados. Subida e descida marcam o ritmo de sua composição discursiva. Musicalidade e diversidade de cores estão dispostas em suas páginas quentes e douradas. Um ser dinâmico e triunfante passeia, mas sem pressa, em sua própria construção textual, que torna-se ele mesmo em sua “hermenêutica de si”. Arrebatado às alturas, mas também conduzido às profundezas, o viajante ideal transita entre esses mundos díspares, mas necessários a um grande voo. Viaja-se com Tomlinson. Enleva-se. Surpreende-se com as alturas; e dali pode-se contemplar as maravilhas da Natureza e compreender a pequenez, efemeridade e finitude do humano. Porém, pode-se, simultaneamente, crer que, de fato, com uma imaginação prodigiosa e uma fé inabalável, somos capazes de ver melhor o mundo e a nós mesmos. Pois a imaginação tomlinsoniana é, verdadeiramente, mais instrutiva que qualquer outra experiência. Ela nos conduz ao universo da beleza e do sublime natural. Leia **O Mar e a Selva** com algum vagar. Foi o que fizemos aqui.

Assinalamos, entretanto, que tentamos ler o relato de H. M. Tomlinson como um espaço intervalar. Espaço operado pelo movimento de deslocamento espaço-tempo-subjetivo oportunizado pela viagem via pessoas e tempos verbais em constante alternância. Viagem e narrativa, cujo curso constitui uma vida, foram vistas como operações constitutivas de um sujeito adaptável e negociável consigo mesmo. No curso da viagem-narrativa ele próprio se reelabora para atingir seu lugar de sábio, porque um mundo-em-si-mesmo. Seu relato não aponta para um futuro utópico, mas é um exercício de dobramento sobre si mesmo para poder viver sabiamente num mundo industrializado em que o homem não mais segue o ritmo próprio da vida. Como bem o disse um de seus críticos, “Para Tomlinson o mundo nasce novo a cada manhã”⁸⁰.

80 In: "H. M. Tomlinson: The Eternal Youth," in *Virginia Quarterly Review*, Vol. 4, No. 1, 1928, pp. 72-82.

Assim, o relato aqui estudado é uma Odisseia da vitória do sujeito sobre os perigos das ondas do mar e das ondas verdes e aéreas da selva amazônica. Ondas marítimas e copas das árvores são metáforas para as elevações da alma. É no mar verde que Tomlinson mergulha para fazer suas perigosas aventuras. Não é sem sentido dizer que ele vence as vagas do Atlântico para mergulhar no mar amazônico, a selva, e nela “buscar os romances dos trópicos”. O próprio ato de descer do hemisfério norte para o sul, da Inglaterra para a Amazônia, permite-nos esta interpretação. A afirmativa “O mundo tinha vinho em seu topo” (TOMLINSON, 2010, p. 536) é uma crítica tomlinsoniana aos desvarios do homem do norte em sua infindável ganância de dominação e conquistas territoriais. O envio de trabalhadores-escravos para a Amazônia confirma essa sede de conquista e poder. A fuga tomlinsoniana de Londres e o mergulho nas florestas tropicais, o seu encontro com o inesperado e suas visões o fizeram ver o quanto o homem estava em descompasso com a Natureza. Mesmo mergulhado nesses desvarios humanos, o viajante ideal emerge com um espírito crítico e humanitário. Seu relato reflete e articula as diversas tensões históricas europeias e brasileiras na ânsia do homem em busca de dominação e poder.

Tomlinson não é apenas o herói de seu relato, mas o retrato de um indivíduo que não pertence nem à classe alta nem à média inglesa. Ele pertence a um espaço intercalar e que, devido às circunstâncias político-sociais e morais, se afastou do mundo metropolitano para pensar melhor a si mesmo e encontrar-se junto à Natureza, como haviam feito alguns de seus estímulos literários. Assim, ele contempla a Natureza extasiado e em pânico. O leitor acompanha o viajante em sua experiência do sensível, do imaginário e dos juízos; e com ele pode se dirigir ao sublime romântico. A demonstração das diferenças culturais e dos antagonismos sociais relatados por Tomlinson sugere que a falta de harmonia, ética e virtude afasta cada vez mais o homem de si mesmo. A exclamação tomlinsoniana, “Temos indústria, economia e sucesso, meus caros!” ressoa como um açoite nessa humanidade que se desumaniza progressivamente.

Mistério e exotismo também povoam as páginas tomlinsonianas. O fascínio de

Tomlinson pelo caleidoscópio de imagens do mundo exterior, ampliado a cada milha pelo empreendimento da viagem, a capacidade de captação dessas imagens múltiplas advindas desse exterior e sua imbricação, numa drenagem aguda elaborada pelo viajante ideal, dão ao seu relato certa dimensão utópica do EU. É justamente na viagem que esse EU - depois de haver sido iniciado no mundo da viagem - eleva-se a partir de múltiplas experiências às quais, prazerosamente, mas não sem algum temor, já que se lançou no *mar* e na *selva* - possibilitam que ele veja a uma grande distância, pense e, principalmente, sinta-se para além de si mesmo. Um sujeito aprimorado, humanizado e maduro é o que se encontra ao final do relato. Se no início tem-se um ser que se propõe à viagem e de certa forma um tanto quanto “dândi”, no final o que se pode visualizar é um sujeito com uma visão ampliada de mundo. Apesar de todas as circunstâncias históricas e políticas em que ocorre a narrativa, **O Mar e a Selva** configura-se como um mosaico discursivo em que o viajante, aqui e ali, preocupa-se com a situação social do homem da Inglaterra e da Amazônia brasileira. Entre sensações de prazer e pânico, maravilhamento e riscos à própria vida, entretanto, sobrepõem-se as críticas ferrenhas à grande ideia, ao grande jogo imperialista inglês na América do Sul: o imperialismo econômico.

A nosso ver, então, o leitor pode se deixar levar simplesmente pelo prazer de realizar a viagem aos trópicos usando a lente do viajante, o que não deixa de ser tentador; ou questionar-se acerca da situação de “cativos” dos nativos amazônicos. Não é difícil se desenharem no relato, trechos descritivos pejorativos em relação aos viajados. Porém, o que salva Tomlinson de ser acusado de racismo é sua veia irônica destilada contra o mundo organizado e inglês. O enunciado que fecha seu relato, “aí estava o centro do mundo outra vez”, não pode nem deve ser lido como uma atitude de agradecimento, mas, ao contrário, como uma ironia ao destino imperial do seu país, que estava ao mesmo tempo decidido; um mundo em que as coisas que iam acontecer já estavam decididas e aceitas pelos cidadãos ingleses há muito tempo. Porém, a esperança de Tomlinson é que “o garoto pode se cansar de sua máquina”.

Entretanto, para homens de almas honestas não existe escapatória absoluta. Assim, podemos apenas passar de uma responsabilidade para outra, como escreve um dos críticos⁸¹ de H. M. Tomlinson. A Liberdade nos concede tão somente o poder de escolha. E sabemos que o mar exige uma rotina muito mais rígida e pesada do que a imposta aos repórteres e jornalistas por muitos editores em seus jornais e revistas. Homens sem imaginação romântica jamais prefeririam descer para o mar. O que Tomlinson fez foi escapar de uma rotina há muito tempo decidida para uma rotina de heroísmos. Nisso ele se aproxima de Joseph Conrad. Entretanto, nós sabemos que Tomlinson, ao contrário de Conrad, não era um marinheiro. Tomlinson era um jornalista e repórter ou, como diz Priestley, um “City prisoner”. Porém, não havia nada, em absoluto, que ele não pudesse registrar com vivacidade, impetuosidade, paixão e exatidão. Seu olhar era aguçado. Sua mente genial. Ele tornava memorável qualquer cena, evento, figura ou paisagem. **O Mar e a Selva** transborda por todos os lados de imagens de beleza ímpar. É um livro difícil de ser fechado antes de se terminar a leitura. Sempre deseja-se saber o que está na página seguinte.

Assim, “Ele é um repórter genial porque coloca muito de sua alma e de seu coração no que faz. Entretanto, como já temos observado, talvez fosse melhor para um repórter não ter alma, nem coração”, afirma Priestley em sua crítica. A seu parecer, o repórter deve ser “um observador, um espectador cheio de entusiasmo, um epicúrio de cenas curiosas, um criador de páginas vivazes, e nada mais”⁸². Já Edmund Blunden, outro crítico da época, pontua que “os escritos de Tomlinson possuem uma emanção, uma radiação e uma integridade ímpar que ele [Tomlinson] não podia omitir, mesmo se, por alguma razão ou outra ele

⁸¹Priestley. “H. M. Tomlinson” In: **Saturday Review of Literature**, Vol. 3, No. 23, January, 1927, pp. 477-78.

⁸²He is a reporter of genius because he brings so much mind and heart to the task, but, as we have just seen, it is perhaps better that a reporter should not have too much mind and heart. His task is to be an onlooker, an eager spectator, an epicure of curious scenes, a creator of vivid pages, and nothing more. In: **Saturday Review of Literature**, Vol. 3, No. 23, January, 1927, pp. 477-78.

tentasse”⁸³. Na verdade, a própria estrutura da narrativa de Tomlinson surpreende.

Em assim sendo, a estrutura do relato tomlinsoniano, quando nas últimas páginas, quebra-se abruptamente; muda-se a posição do narrador. Então o herói passa a ocupar o lugar de observador. O observador de si mesmo. Vejamos sua maestria.

Foi em um daqueles navios enormes e o taifeiro disse-lhe que chegariam a Plymouth de manhã. Ele estava arrumando suas coisas no camarote. Inglaterra, amanhã! As coisas eram jogadas aglomeradas em sua mala, comprimindo-as com um pé cada uma delas. Não importava. Todas as roupas estavam em ruínas (2010, p. 552).

E o viajante parece dobrar-se sobre si próprio e sobre sua narrativa. A 3ª pessoa do verbo indica aí que o viajante é observado de algum lugar. É como se ele estivesse diante de um espelho. Ou ainda, ele mesmo fosse agora um espelho. Daí em diante, ou seja, até o fim de seu relato, há o predomínio de uma narrativa em 3ª pessoa. Pode-se afirmar então que, ao término de sua jornada, ele é um outro ser, um novo ego. Um ser que ficou frente a frente com a Esfinge Verde, e dela conseguiu escapar, mas não o mesmo ser.

Na seção que discutimos sobre o viajante ideal, mostramos, em companhia do viajante londrino, que ele era apenas um olho desencarnado, “um mero olho”. Ao final de seu longo e perigoso empreendimento tem-se, portanto, um novo sujeito. E por isso,

ele queria alguma segurança do tempo e do espaço. Ele ficaria no convés até que surgisse o primeiro sinal da Inglaterra. Então ele se curvou imóvel durante horas na amurada do convés do bote, olhando fixamente adiante, onde o panorama permanecia tão disforme quanto parecia desde que saiu de casa (TOMLINSON, 2010, p. 554).

Encerramos este estudo afirmando que Henry Major Tomlinson, por direito adquirido, merece ser colocado entre os grandes escritores de relatos de viagem. Escritores que ele tanto admirava, lia e relia com voracidade. Assim, sem dúvida, ele pertence à classe

83 “They have an emanation, a radiance and a smiling integrity which he could not omit from his writing even if for some reason or other he wished to try”. In: **Edmund Blunden: A Selection of His Poetry and Prose**, edited by Kenneth Hopkins, Rupert Hart-Davis, 1925, pp. 303-08.

dos viajantes nobres, entre eles Richard Hakluyt, Henry Thoreau, George Borrow, Pero Taffur, Charles Doughty, Warburton Pikes, Francis Drake, Walter Raleigh, Henry James, Alexander von Humboldt, Charlie la Condamine, Alfred Wallace, Richard Spruce, Walter Bates, D. H. Lawrence, Herman Melville e tantos outros. Como o próprio Tomlinson escreve em **O Mar e a Selva**, “Tomamos emprestada a luz de um viajante imaginativo e observador, e vemos a brilhante terra estrangeira com a aura dele; e achamos que é o país que brilha (2010, p. 186).

Tendo sido elaborada uma tradução e um estudo deste romance de educação de si, pode-se afirmar que **O Mar e a Selva** é fonte de prazer estético e de ensinamento moral, posto que, ao mesmo tempo que representa uma viagem da Inglaterra à Amazônia brasileira, ele reflete, entre outras coisas, sobre a caminhada da humanidade rumo ao desconhecido, mas aclamado progresso tecnológico e científico. De fato é uma obra-prima que pode-se fazer presente nas mais diversas manifestações da arte, da filosofia, da literatura da civilização ocidental e brasileira, principalmente da Amazônia. Escrito depois da viagem de H. M. Tomlinson à região da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, no atual estado de Rondônia, o livro é um objeto que não se põe em relevo apenas por sua "significação" intrínseca, mas também porque possui uma forma especial: forma que oscila entre o relato de viagem e o romance. Seus pontos de "ancoragem" são tanto o mundo geográfico quanto o mítico, o histórico e o literário e das recordações, ou seja, das reminiscências de seu autor. De fato ele é o resultado da viagem de uma alma em sua busca infinita de si mesma, que transforma-se em um mundo. Mundo mágico, belo e maravilhoso. Na contemporaneidade, porém, poucos homens são capazes de ver essa beleza. Como diz Tomlinson, de um modo pessimista, "Há muito tempo não somos capazes de imaginação, mesmo em nossa própria ingenuidade. Não somos como criancinhas, portanto o reinado está perdido".

POSLÚDIO: ÚLTIMO PORTO

Nos discursos o que faz sobretudo a grandeza, como nos corpos, é a articulação dos membros; nenhum dos dois, com efeito, se é separado de um outro, tem valor em si mesmo, mas todos tomados juntos, uns com os outros, realizam uma estrutura acabada.

Do sublime - Longino

Foi dito na parte introdutória deste estudo que há uma pluralidade geográfica - o espaço londrino, bem como o europeu, o espaço amazônico e o espaço onírico, o mítico, o histórico e o subjetivo - entrecruzando-se em **O Mar e a Selva**. Quando falei do peregrino rumo ao sublime romântico, tentei demonstrar que, logo no início do relato, o mundo se renova e, a Aurora, essa deusa do alvorecer, comparece à cena romanesca. Agora é chegada a hora de se apontar tais eixos narrativos que ajudam na constituição tanto de uma mitopoética do mundo, quanto de uma hermenêutica do sujeito viajante. Pensa-se aqui no mito não apenas como fonte imaginativa ou temática de determinados feitos heroicos e/ou explicações metafísicas de nações e culturas sobre o mundo, mas, principalmente, como fonte estético-literária. Compreende-se essa hermenêutica de si como “práticas refletidas e voluntárias” às quais se submete o viajante em sua jornada aos trópicos, que é ao mesmo tempo uma prática de ascese. Desse exercício o leitor também participa não porque esteja lendo a narrativa, mas porque a mudança de pessoa e de tempo verbal no discurso faz com que o leitor pense estar na aventura. Pretérito imperfeito e futuro do pretérito se alternam e o remetem a um passado rememorado que se faz presente no ato de imaginar: Eis uma passagem em que tal alternância ocorre:

Haveria um rio limpo, e um céu que estava dia pleno, mas sem o menor indício de uma floresta. Víamos o que parecia uma expansão ilimitada de água brilhante, que mergulhava nas muralhas opalescentes do céu. Semelhante nevoeiro invisível derretia-se de debaixo, e então a revelação da base escura da floresta, a meia distância, era como se nossos olhos estivessem brincando de pegadinha. A floresta aparecia do modo que uma imagem de lanterna mágica cresce através da outra. O

resto do nevoeiro se enrolaria em direção à copa das árvores por algum tempo, e podia-se acreditar que a mata estivesse ardendo em brasa pesadamente. Dali em diante, o dia tranquilo não seria interrompido, exceto pelo mergulho de um peixe pesado, a passagem de uma canoa, uma visita de um visitante audaz vindo da margem, ou a formação de uma nuvem no céu. Tentávamos pescar, embora nunca pegássemos nada, a não ser algumas criaturas sem escamas, com tentáculos pendurados em volta de suas guelras (2010, p. 362).

Mostrei no prelúdio que a Amazônia também fora/é um dos lugares privilegiados por estrangeiros em suas viagens ao redor do mundo. Suas obras contribuíram sobremaneira com uma troca cultural entre culturas diversas. Essa questão tem sido bastante discutida por vários estudiosos: Mary Louise Pratt, João de Jesus Paes Loureiro, Leandro Tocantins, Roque Laraia, Clifford Geertz e muitos outros. Porém, o que quero mostrar neste poslúdio é a orquestração de vários mitos greco-romanos e amazônicos no relato tomlinsoniano e, em seguida, os passos do viajante ideal em sua experiência de si. Também algumas informações históricas sobre o navio, a viagem e os tripulantes do *Capella*.

Se se fizer uma releitura do relato prestando atenção às diversas alusões a esses mitos orquestrados ao longo d'**O Mar e a Selva**, perceber-se-á que há uma jornada tomlinsoniana aos Campos Elísios. Primeiramente tem-se o *Capella*, que é representado como uma estrela. Quando na entrada do Jardim do Éden, há o nascimento do filho da Aurora e de Netuno (Posêidon), o deus dos mares. Essa criança representa o próprio viajante.

Essa era a manhã quando, se nosso planeta estivesse desabitado até então, um mundo não consumado e aguardando aprovação, a aprovação divina teria vindo, e uma criança teria nascido, um imortal, a descendência da Aurora e do Deus dos Mares, com cabelos flamejantes e esplendorosos, olhos tão brilhantes quanto a alegria, e um corpo rosado para ser beijado dos pés à coroa. A luz dançante, e a chuvada morna nascido viva de uma nuvem oportuna, o ar dourado, as ondas dos ventos do comércio do nordeste, os mares do mundo na primeira madrugada se movendo ao longo, como uma multidão liberada para brincar, com seus azuis apaixonantes e profundos e seus cumes inocentes e deslumbrantes fizeram-me pensar que eu podia ouvir um leve grito de encorajamento, se ouvisse atentamente (TOMLINSON, 2010, p. 156).

É o nascimento de uma criança com entendimento adulto que se tem nesta passa-

gem. O viajante, depois de ter sido iniciado na viagem, recebe aprovação divina e segue sua jornada com entusiasmo e confiança adquiridos por sua fé inabalável na Providência a quem, todas as manhãs, ele prestava cultos, como ele mesmo diz em seu relato. Órion, Sírius, Plêiades, Ursa Maior e Polaris eram seus guias noturnos, mas também são personagens míticos que o ajudam na constituição de um mundo fantástico. As Ilhas Afortunadas, nome dado nas mitologias grega e céltica ao deleitável paraíso que, para o poeta grego Hesíodo, era o lugar que acomodava os Campos Elísios, é uma região abençoada onde os heróis e as almas virtuosas eram recebidos pelos deuses após a morte. No nascimento dessa criança filha de Aurora e do deus dos mares tem-se a ideia de morte acompanhada de uma nova vida; renascimento, revigoração, rejuvenescimento. Em assim sendo, o viajante ideal logo adiante afirma que “estamos na vizinha das Hespérides”, aludindo, desse modo, tanto às deusas que representavam o espírito fertilizador da Natureza, quanto ao Jardim das Hespérides; e ali, ao fazer um passeio na selva tropical, ele encontra uma fruta de ouro (pomo de ouro?) na ponta de um galho verdoso. Assim, há a indicação de que ele está no Jardim do Éden, pois “ninguém deveria chamar isso de selva, era mesmo um leve e benigno Éden” (TOMLINSON, 2010, p. 218).

Certo de que havia se livrado do velho ego, o viajante chama as Eumênides com escárnio. Devo explicar que Eumênides é um eufemismo usado para evitar pronunciar o verdadeiro nome - Erínias, três deusas (Tisífone, Megera e Alecto) encarregadas de punir os mortais e, segundo as versões, habitam as profundezas do Hades desde as origens do mundo e, quando chamadas, vêm à Terra. O Poeta Orestes, em sua obra **Eurípedes**, diz que elas são “as virgens de olhos de sangue e aspectos de serpente”⁸⁴.

Ao entrar na Amazônia, no rio Pará, ele se refere à ilha de Jurupari, “de onde vêm os sonhos à noite” e aí pode-se perceber que Tomlinson conhecia alguns mitos amazônicos. Jurupari representa, na mitologia Tupi-Guarani, o deus dos sonhos. Numa das versões do mito, Jurupari é representado como “aquele que cala, que sufoca, que asfixia”, daí o

⁸⁴Ver nota de rodapé nº 127 no Vol. 2 deste estudo - tradução de **O Mar e a Selva**.

respeito e temor indígena por essa entidade conhecida como o deus da escuridão e do mal que visita os indígenas durante o sono. Noutra versão, Jurupari, filho de Ceuci, uma mulher indígena, era enviado do Sol e recebera a missão de reformar as leis e costumes dos homens. Porém, o importante é a tessitura dos mitos no texto tomlinsoniano que, de certa forma, amplia o horizonte do leitor em relação ao mundo natural e sobrenatural e ajuda o viajante em sua busca de um EU aprimorado.

Desde a entrada no rio Pará, há referência a uma presença austera e enigmática que vigia os viajantes dia e noite; essa presença é a Esfinge Verde, que povoa-lhes a mente. Então o viajante ideal exercita-se em termos de quantidade e circunstâncias, ou seja, expõe-se ao sol somente nos horários convenientes, de manhã ou no fim da tarde, pois, nos trópicos, “O calor não mais pesava sobre minha pele, mas sobre meus ossos. Eu estava com corpo e mente tostados” (2010, p. 404). A selva não somente maltrata, mas também o possibilita uma imaginação expiatória e contribui em seu exercício de ascese.

E assim, quando na floresta às margens do rio Caracol, afluente da margem direita do rio Madeira, o viajante caminha no Limbo: Eis um trecho:

Estávamos na floresta. Havia um toque pálido de dia, mas sua origem era incerta, porque em cima, nenhuma folhagem podia ser vista, mas somente sombras profundas, das quais longos cipós sem vida estavam pendurados. Eram pontos de luz naquela obscuridade, como se uma cobertura alta tivesse perdido algumas telhas. Hill tomou um curso quase rumo sul, e seguimos adiante, nesse momento, descendo para um riacho claro e fundo, por cima do qual, uma árvore tinha caído. Raios da luz do dia desciam até nós ali, deixando luminoso o fundo arenoso do riacho, como que focado por uma lanterna, e traindo cardumes de peixinhos. Quando subimos na árvore para atravessá-lo, espantamos diversas borboletas morpho. Tivemos dificuldades adiante numa clareira, onde o fundo da floresta estava atravancado com árvores caídas, folhas secas, e espinhos e, uma vez, pisando no que parecia madeira sólida o suficiente, sua casca traiçoeira ruiu, e eu caí dentro de uma nuvem de poeira e formigas. (...) Durante horas, continuamos andando entre as árvores, raramente sabendo o que havia adiante de nós a qualquer distância, pontos sobreviventes de barulho intruso novamente, depois de muito tempo no crepúsculo do limbo. Tão parada e noturna estava a floresta, que era real apenas quando suas formas estavam perto. Tudo mais era aparição e sombras. Não havia nenhum sinal de vida verde, e nem um som. Descansando uma vez debaixo de uma árvore, comecei a pensar que havia uma conspiração

implicada naquela quietude medonha e escura, e que nunca sairíamos dali novamente dentro do dia e veríamos a terra viva. Hill sentou-se e ficou olhando e disse, como se em resposta ao meu pensamento não proferido, que tinha sido ouvido porque havia menos do que nenhum som ali, que os homens que se perdiam naquela mata, logo enlouqueciam.

Depois ele seguiu em frente novamente. Esta floresta não era nada como o paraíso de uma selva tropical é susposto ser. Era tão uniformemente sombria, quanto as pedras antigas de uma rua de Londres, em uma noite de novembro. Não víamos um movimento, exceto quando as borboletas morpho voavam de uma árvore desarraigada. Uma vez ouvi um assobio nos chamar das profundezas da floresta, urgente e assustador; e agora, quando em um atalho em Londres, ouço um garoto chamar seu colega com um assobio agudo, coloca-me em volta novamente as veredas espectrais, e aquela quietude desesperançosa do sepulcro, que é mais do que a mera ausência de som, para o morto que não deveria ter voz. Esta floresta central era realmente o celeiro do há muito tempo esquecido, úmida, decadente, escura, abandonada para as acumulações do passado e decadência.

Vê-se aí que o viajante ideal caminha no Limbo, ou seja, no lugar em que, segundo a teologia católica posterior ao século XIII, se encontram as almas das crianças muito novas que, embora não tivessem alguma culpa pessoal, morreram sem o batismo que as livrasse do pecado original. Talvez se possa afirmar que o narrador se refere não somente a esse sentido, mas também ao lugar para onde se atiram as coisas inúteis, pois essa “floresta era realmente o celeiro do há muito tempo esquecido, úmida, decadente, escura, abandonada para as acumulações do passado e decadência”. O grito ouvido ali também contribui com um estado de alma angustiante do viajante. Ele caminha adiante impregnado de visões do que se mostra a seus olhos temperantes e à sua imaginativa criação. Sabe-se que, no “coração das trevas” ouve-se diversos gritos e sons desconhecidos. E aí se encontra a origem, provavelmente, de certas construções míticas. Matinta Pereira é uma mulher grávida que fora assassinada pelo marido violento e bêbado, e transoformara-se em um pássaro noturno; e seu canto lamuriento ressoa, de quando em vez, na mata assombrosa. Durante o dia, Matinta perambula pelas cabanas dos caboclos pedindo fumo; quando alguém se nega a dar-lhe o tabaco, ela volta e deixa seu feto na porta do caboclo visitado e parcimonioso.

Dessa forma, há certo respeito pela Selva, pois além dela impor limites ao viajante, abriga o Curupira, Matinta Pereira, Iara, etc. e um passarinho que “cantava um trina-

do, como um garoto que assobia estridentemente na mesma nota, que é seguida instantaneamente por uma nota declinante” (2010, p. 458). Dizem os nativos da selva amazônica que esse trinado sibilante é “o canto de uma alma perdida”. A esse respeito, o poeta romântico norte-americano John Greenleaf Whittier (1807 - 1857), após provável contato com a obra **Exploration of the valley of the Amazon (1851 - 1852)**⁸⁵, de William Lewis Herndon (1813 - 1857), compôs um poema sob título “The cry of a lost soul” (O choro de uma alma perdida - 1862). Eis alguns versos do poema:

In that black forest, where, when day is done,
With a snake's stillness glides the Amazon
Darkly from sunset to the rising sun,
A cry, as of the pain heart of the wood,
The long, despairing moaning of solitude
And darkness and the absence of all good,
Startles the traveller, with a sound so drear,
So full of hopeless agony and fear,
His heart stands still and listens like the ear.
The guide, as if he heard a dead-bell toll,
Starts, drops his oar against the gunwale's thole,
Crosses himself, and whispers, “A lost soul!”⁸⁶

(...)

⁸⁵Disponível em <http://digital.library.pitt.edu> Acessado em 15/07/2011. Nesse relatório de Herndon há uma lenda amazônica sobre esse passarinho.

⁸⁶Quando, à tardinha, na floresta negra/Resvala o Amazonas, qual serpente/Sombrio desde a hora em que o sol morre/Até que resplandece no oriente/Um grito, qual gemido angustioso/Que o coração do mato solitaria/Chorando a solidão, aquelas trevas/O não haver ali uma alegria/Agita o viajor, com som tão triste/De medo, do ansiar da extrema luta/Que o coração lhe pára nesse instante/E no seu peito, como o ouvido, escuta/Como se o sino além tocasse aos mortos/O guia pára o remo que segura/Deixa entregue à piroga e, se benzendo:/Ele murmura: “É uma alma perdida!” Tradução de Luís Pereira Sousa. In: MAGALHÃES JUNIOR, R. M. D. “Pedro II, plagiário?” **Revista Brasileira de Cultura**. Nº 8, 1971, pp. 189, 190. Disponível em www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003002.pdf. Acessado em 20/06/2011.

Segundo R. M. Magalhães Junior, este poema fora divulgado pela primeira vez no Natal de 1862 no jornal *The Independence*, de Nova York. De acordo com este crítico, quando o imperador D. Pedro II traduziu o referido poema, em 1864, enviou uma cópia autografada ao poeta Whittier juntamente com duas “almas perdidas” que tinham sido capturadas na Fazenda Santa Cruz; hoje os pássaros empalhados estão no *New England Museum of Natural History* em Boston, EUA. Importa ressaltar que, apesar de todo o desmatamento que ocorreu na Amazônia, se o viajante adentra a selva, ainda pode ouvir o longo e melodioso canto dessas “almas perdidas”. O uirapuru representa um desses pássaros da fauna amazônica. Tomlinson relata que “Meu amiguinho desconhecido na mata, que canta em horas singulares - mas acho que, principalmente, quando estou perto de um rio - através de assobios trinos, permitiu que eu soubesse que ele estava por perto. Hill disse que pensa que o viu, e que meu amiguinho se parece com um melro” (TOMLINSON, 2010, p. 490). Os amazônidas dizem que quando esse pássaro canta, toda a selva fica em silêncio, em respeito a seu maior tenor.

Na narrativa de Tomlinson há outra passagem relacionada ao assunto alma. É a aventura de Bill Moffat contada a Tomlinson por Sandy Brown, quando o *S. S. Capella* chega, à noite, a Bridgetown, atual capital de Barbados. Eles já estavam “retornando para as coisas que conheciam e compreendiam”⁸⁷. No entanto, enquanto falavam sobre aquelas ilhas do Caribe, Sandy conta que conheceu um homem, Bill Moffat, que fora deixado numa daquelas ilhas e, explorando a ilha, entrou numa caverna e chegou ao fundo do oceano. Ali encontrou primeiramente um cemitério de navios e Davy Jones, o espírito do fundo do mar, ou seja, o demônio que aprisiona as almas dos marinheiros que morrem afogados. E Bill Moffat visitou o Baú de Davy Jones, que está cheio de almas aprisionadas dentro da casca de caranguejos. E esse cemitério oceânico cheirava a ranço e a algas. Entretanto, com astúcia, Bill Moffat conseguiu escapar de Davy Jones.

⁸⁷Barbados foi, oficialmente, colônia britânica até 1966, ano de sua independência política. Barbados é Membro da Comunidade Britânica e é governado por um primeiro-ministro apoiado pelo Senado e pela Assembleia.

Esse episódio é mais uma tentativa de ensinamento do eu-narrador a seu leitor sobre o valor de um homem; a valorização das virtudes; o sentido maior da vida; o fim de todo ser humano; também a dedicação que se deve ter para com nosso espírito. Seu ensinamento é que todo indivíduo deve ter consciência de seu tempo e, consciente disso, trabalhar a si mesmo, fazer-se uma obra de arte; tratar-se, melhorar-se, elevar-se e transcender ao meramente humano. Não se deixar aprisionar por nada que seja terreno, porque efêmero. Tornar-se ele próprio o seu centro, porque “dono de si”. Todas as narrativas e os mitos em **O Mar e a Selva** possuem significação própria, mas também, se interrelacionados, apontam para a construção de um mundo fantástico que é o próprio eu-viajante.

Assim, através dos diversos mitos, pode-se notar uma mitopoética amazônica tecida na cultura cabocla. De fato, tem-se uma natureza estetizada nesses mitos. Toda essa relação mágica com a Selva e suas veias aquíferas está em conformidade com esses mitos e estimula os nativos a um estado de alma encantatório. Como diz João de Jesus Paes Loureiro,

pelo devaneio, [os nativos] percebem que há uma outra realidade que lhes estimula um estado de alma diferente, que lhes permite olhar e perceber esse rio de uma outra forma, plena de um mistério encantatório, magicamente real, capaz de fazer desse rio uma realidade simbólica sensível e que se revela como uma finalidade sem a representação de um fim. Algo que corresponde a uma situação estetizada (1995, p. 15).

Em **O Mar e a Selva** há uma poética do estado mítico do mundo, ou seja, uma relação intrínseca entre o natural e o sobrenatural. Porém, devido ao estado urbano-industrial em que se encontra o mundo, é com pessimismo que o eu-viajante vê o desencantamento do próprio mundo. A seu ver, o homem deixou de sonhar, de imaginar, e o seu reinado está perdido, portanto. O eu-viajante tomlinsoniano sabe que a viagem proporciona os exercícios naturais da visão, do paladar, da audição, do tato, do olfato e do pensamento, pois o deslocamento territorial proporciona amplamente essas experiências do humano. Sobre este as-

sunto a “Geografia dos sentidos”⁸⁸ tem se ocupado largamente nos últimos anos. Por isso, fazer um longo passeio dentro da selva amazônica era o desejo do viajante londrino. Não queria apenas viajar pelos rios, mas entrar na mata e experienciá-la através, principalmente, da audição e do olfato. Sim, na selva os ouvidos devem ser aguçados e o olfato desenvolvido. O aroma da selva e seus sons “podem libertar a mente do corpo”. Tomlinson queria emocionar-se quando no seio de uma floresta brasileira. Darwin, a bordo do *Beagle*, registrara seu estado de alma diante da selva brasileira. Certamente H. M. Tomlinson o tinha lido. E Darwin registrara em seu diário seu estado de perplexidade diante da selva:

29 de fevereiro de 1832 - São Salvador da Bahia. O dia passou deliciosamente. Mas “delícia” é termo insuficiente para exprimir as emoções sentidas por um naturalista que, pela primeira vez, se viu a sós com a natureza no seio de uma floresta brasileira. A elegância da relva, a novidade das parasitas, a beleza das flores, o verde luzidio das ramagens e, acima de tudo, a exuberância da vegetação em geral foram para mim motivos de uma contemplação maravilhada. Tão intenso é o zumbido dos insetos que pode perfeitamente ser ouvido de um navio ancorado a centenas de metros da praia. Apesar disso, no recesso íntimo das matas, a criatura sente-se como que impregnada de um silêncio universal⁸⁹.

Esse mesmo estado de alma fora registrado por Tomlinson em **O Mar e a Selva**. Esse viajante da modernidade estava com 36 anos de idade quando fez a viagem à Selva. Porém, já tinha atrás de si um certo itinerário filosófico; ainda jovem fora direcionado por sua mãe aos autores clássicos e à literatura dos viajantes. O oficial-comandante do *Capella* (seu cunhado) possuía um grande acervo de histórias fantásticas; e o capitão era uma mina de conhecimentos marítimos; o médico da Companhia era outro contador de histórias. E Tomlinson entregava-se às leituras tanto na biblioteca pública de Londres, quanto em sua casa e no navio; ele digeriria seu almoço com livros: “Digeriria meu almoço com um livro, olhos rigorosamente em alerta” (2010, p. 156). Alimentava seu espírito com imagens de territórios longínquos e misteriosos. Também, ao falar do rapaz tísico que era incapaz de

⁸⁸Ver, a propósito, **Sensuous Geographies: body, sense and place**, de Paul Rodaway. London & New York: Routledge, 1994

⁸⁹In BRAGA, Marco. **Darwin e o pensamento evolucionista**. São Paulo: Editora Atual, 2003. p. 43.

pegar o trem daquela manhã - "E havia todos aqueles outros que pegam esse trem, exceto o jovem com tosse. Ele o perde de vez em quando, usando para esse objetivo, não tenho dúvida, aquela mesma forma de rebelião contra sua odiada tirania, que já sabemos, a inabilidade física para pegá-lo" (p. 06) - Tomlinson aponta para os cuidados que se deve ter com o corpo, pois o cálculo sábio o arrasta para a longevidade, como de fato ocorreu. Ao morrer ele estava com 84 anos e 8 meses de idade. E ele sabia que momentos de aventuras serviriam "como refúgio nos anos cinzentos e inférteis" (2010, p. 440).

Como se vê, o viajante ideal consagra-se tanto no cuidado do corpo como no trabalho filosófico. Assim, como um viajante de vertente estoica, ele reserva alguns momentos de recolhimento para exames daquilo que fez; rememoração de certos princípios úteis para o exame do dia transcorrido. Ele também se exercita na abstinência. Em certa passagem menciona o seguinte: "passando na galé do cozinheiro, vi uma vasilha de ferro, e levantei sua tampa para ver o que tinha ali. E havia, como eu julguei que haveria, fígado para o chá daquela tarde. Mas aprendi que, embora eu seja um carnívoro, ainda não tenho a coragem e a determinação para ser um urubu" (2010, p. 344). De outra feita, ele recusa-se a comer carne de macaco. Entretanto, tratava-se, sobretudo, de se preparar para as privações habituais numa viagem na selva; pão de última qualidade, roupas desgastadas, experiência do beliche quente, abafado, das chuvas torrenciais, da elevada temperatura tropical, etc. pois, quando no "calor abafado da Amazônia (...) parecia um forno; no momento em que, escrevendo dentro do salão, o suor escorria pelos dedos e manchava o papel" (2010, p. 72). Porém, sabe-se que para os estoicos, sempre se pode suportar aquilo que se foi capaz de tolerar algumas vezes.

Quando Tomlinson entra na selva madeirense, por exemplo, leva consigo apenas um saco com seus pertences básicos: "Eu tinha um encerado⁹⁰ para colocar todos os meus pertences, pois disseram-me que era melhor para prender numa mula, e um valioso salva-vida quando a canoa virasse. Eu o aceitei com perfeita fé, porque eu não sabia nada sobre

90Saco de tecido recoberto com látex, a fim de torná-lo impermeável. Ainda é usado por viajantes ribeirinhos da Amazônia.

mulas ou canoas (TOMLINSON, 2010, p. 440). Um viajante ideal deve familiarizar-se com o mínimo possível. Isso exercita o desprendimento de inutilidades e futilidades. Como diz Foucault em sua **História da sexualidade: o uso dos prazeres**, ao falar do exercício do corpo e da alma na concepção platônica e aristotélica: “Esse duplo exercício visa ao mesmo tempo permitir enfrentar sem sofrer as privações quando elas se apresentam, e reduzir permanentemente os prazeres à exclusiva satisfação elementar das necessidades” (1984, p. 69).

Tomlinson não é um autor fácil de se ler; é alegórico, imaginativo, mitopoético, filosófico; e sua escrita possui termos tomados de fontes numerosas e longínquas. Isso obriga o leitor a familiarizar-se, através de pesquisas, com esses termos, com essas alusões metafóricas, como é o caso do termo Tofete, entre muitos outros. Tofetes são altares construídos com o fito de oferecer crianças aos deuses pagãos: Moloque, Dagom, Baal, por exemplo. Na Bíblia há referência a esses lugares profanos e a tais deuses. Enquanto a criança era sacrificada, tambores ressoavam até que a criança estivesse totalmente devorada pelo fogo. Isso criava certo estado de transe até mesmo nos pais; e o barulho dos tambores abafava os gritos da criança. No *Capella* é o caititu, porco-do-mato, que é sacrificado. De quando em vez, há em **O Mar e a Selva** enigmas ou chaves discursivas para serem decifradas, interpretadas. Tanto o estilo prolixo tomlinsoniano quanto essas metáforas afastam os leitores d'**O Mar e a Selva**. Essa obra-prima obriga qualquer leitor a lê-lo devagar e com a mente aguçada para que obtenha uma leitura valiosa. Daí um de seus prefaciadores afirmar ser a obra de Tomlinson uma *madhouse*, uma casa de loucos, um hospício. Não. Essa obra é um tesouro filosófico.

Decerto, o poder de representação do mundo na narrativa tomlinsoniana deve-se parte às técnicas de escrita de seu autor, bem como sua competência criativa e sua vastidão de leituras. Porém, o navio a vapor, os trens e outras invenções da era urbano-industrial da época possibilitaram a construção dessa imagística fanstástica de uma Natureza transformada pelo próprio espetáculo da Modernidade. O navio a vapor, com a invenção de James Watt, acelerou esse processo de conhecimento das terras longínquas dos grandes centros in-

dustriais. O *S. S. England* (*Capella*, termo entre aspas no relato tomlinsoniano, daí o indício de que era um nome fictício), possante e vigoroso como era, transmitiu segurança ao viajante londrino (também ao leitor). Esse cargueiro de ferro fora construído pela Northumberland Shipbuilding Company em 1906. Entretanto, como muitos outros navios transatlânticos, ele tivera um fim lastimável. Desde 23 de maio de 1917, está no fundo do oceano Atlântico. Fora afundado por um submarino alemão comandado por Herman von Fischel no final da Primeira Guerra Mundial, quando transportava uma carga de carvão mineral de Cardiff para Malta⁹¹.

É importante dizer também que o autor d'**O Mar e a Selva** evitou deliberadamente, talvez, registrar os nomes dos oficiais do navio bem como da tripulação. Há Skipper, Chief, Chips, Sandy, Donkey e Olsen, por exemplo. Mas todos são fictícios. Com uma pesquisa realizada por bisnetos do capitão Wiliam Reath Bennett, Audrey e Anton Skillman⁹², no início de 2009, sabe-se agora que *Skipper* é o referido capitão William Reath Bennett, o *Chief* é o primeiro-comandante John B. Crew, o médico é Sidney H. Jones etc⁹³.

Encerrando aqui o estudo, devo dizer que, tendo nascido, vivendo na Amazônia puruense e madeirense e conhecendo a história da EFMM, bem como os mitos amazônicos, sinto certa familiaridade com todos aqueles homens que trabalharam na “ferrovia do diabo”. Morando em Porto Velho desde o Natal de 1993, e visitando os pontos de encontros sociais e os ermos de cemitérios e margens do Madeira e da EFMM ouvi histórias sombrias e pavorosas acerca dessas “almas perdidas”. A Matinta Pereira, o Curupira, a Iara, os fantasmas de Candelária etc. ainda vivem nos inúmeros causos narrados pelos nativos/cativos. Assim, enigmática, misteriosa e perigosa ainda é a Selva. Essa Esfinge Verde já perdeu muito de seus cabelos verdosos e ondulantes, mas ainda é capaz de emocionar, de ser reverenciada por homens de espíritos contemplativos e imaginativos. Ela pode, como diz H. M.

91Disponível em <http://www.swanseadocks.co.uk/ss%Capella.htm>. Acessado em 20/05/2011.

92Ibidem.

93Ver relação dos marinheiros que fizeram parte na viagem no *S. S. England* aos trópicos que está anexada no final deste estudo. Ver também a carta escrita por H. M. Tomlinson em 1940.

Tomlinson, tornar imperceptível qualquer movimento. Afinal de contas, quando o viajante londrino navegou no rio Jaci-Paraná teve uma visão: “Tive uma visão, também, daquelas águias mais régias, as *harpías*⁹⁴, porque uma, bem à vista, ergueu-se de uma árvore adiante e deslizou lindamente por cima do rio e desapareceu” (2010, p. 504). Vê-se que o viajante ideal consegue, através de uma escrita imaginativa, construir uma tessitura sígnica em que mitos gregos, romanos e amazônicos mesclam-se harmoniosamente na representação da Selva. E assim tem-se toda uma geografia mítico-literária mapeada na épica viagem tomlinsoniana. Tem-se também, ao final da narrativa, um viajante ideal que é o porto final de si mesmo.

⁹⁴Monstros gigantes do mar, gênios das tempestades que arrebatam os marinheiros; monstros alados com aspectos de velhas e corpo de abutre que tinham garras aguçadas e viviam no meio do mar Jônio. São filhas de Netuno. Ver, a propósito, **Odisséia**, de Homero.

REFERÊNCIAS

A FERROVIA do diabo. Produção e direção geral: Beto Bertagna. Roteiro: Nelson Townes. Montagem: Jurandir Costa e Beto Bertagna. Narração: Celso Ferreira. Participação Especial: Alejandro Bedotti; Luiz Brito; Jean Mitchel; Ianelson Aguiar e Wanny Sampaio. São Paulo: ?, 1997. 1 DVD (130 min).

ADORNO, Theodor & HOKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Trad. Guido Antônio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO, Theodor W. “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: **Notas de literatura I.** Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **Problemas da Poética de Dostoievski.** Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BACHELLAR, Gastão. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento.** Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: **O olhar.** NOVAES, Adauto (org). São Paulo: Companhia das letras. 1997.

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do**

sublime e do belo. Trad. Enid Abreu Dobránszky, Campinas: Papirus, 1993.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história.** Trad: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva.** 147ª edição. Lisboa: Guimarães Editores, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária,** 2ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CONRAD, Joseph. **O coração das trevas.** Trad. Albino Poli Jr. Porto Alegre: L&PM, 2009.

COWELL, Adrian. **The decade of destruction: the crusade to save the Amazon rainforest.** New York: Henry Holt, 1990.

CRAIG, Neville. **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: História Trágica de uma Expedição.** Trad. Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947.

CUNHA, Euclides. **À margem da história.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoe.** 2000. Disponível em: www.virtualbooks.terra.com.br. Acessado em 10/05/2009.

DICKENS, Charles. **Canção de Natal.** Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Cia das letras, 2006.

DOYLE, Arthur. **O mundo perdido.** Disponível em <http://www.livrosgratis.net/download/747/o-mundo-perdido-the-lost-world-arthur-conan-doyle.html>. Acessado em 03/03/2010.

DURAN, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral.** Trad. Hélder Godinho. 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DWYER, Augusta. **Into the Amazon: Chico Mendes and the struggle for the rain forest.** Toronto: Porter Books, 1990.

EAGLETON, Terry, **A idéia de cultura.** Trad. Sandra Castello Branco, São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FALKENBURGER, Kurt. **As botas do diabo**. Trad. Gilberto Domingos do Nascimento. São Paulo: Clube do livro, 1979.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

FERREIRA, Manuel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____ **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2001.

_____ **Microfísica do poder**. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____ **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GAGNEBIN, Jeane Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GIUCCI, Guillermo. "A visão inaugural do Brasil: a Terra de Vera Cruz". In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 11, nº 21. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva.....**

_____ **A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HELLER, Agnes. **O homem do renascimento**. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1984.

HOMERO, **Odisséia**. Trad. Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2004.

HUGO, Victor. **Os trabalhadores do mar**. Adaptação de Maria Jacintha. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2002.

KIPLING, Ryduard. **Kim**. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Nacional, 1997.

LANCIANI, Giulia. “O maravilhoso como critério de diferenciação entre sistemas culturais”. In: **Revista Brasileira de História**. Volume 11, nº 21. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997.

LONGINO. **Do sublime**. Trad. Filomena Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica - uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

LOUREIRO, Antônio José Souto. **A grande crise (1908 - 1916)**. Manaus. T. Loureiro & Cia, 1985.

LUKÁCKS, Georg. **Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades, Editora 34, 2000.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária - prosa**. 19ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2003.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3. ed. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MONBIOT, George. **Amazon watershed: the new environmental investigation**. London: Michael Joseph, 1991.

NOVAES, Adauto (org). **O Olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Trad. Jézio Hernani Bonfim. Bauru: EDUSC, 1999.

- RAMOS, Julio. **Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RANGEL, Alberto. **Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas**. 4ª edição. Manaus: Typographia Arrault e Cia., 1927.
- REISS, Bob. **The road to Extrema**. New York: Summit Books, 1992.
- ROUANET, Sérgio Paulo. “O olhar iluminista”. In: NOVAES, Adatao (org). **O Olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2004.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada - Ensaio de ontologia fenomenológica**. 17ª ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SHOUMATOFF, Alex. **O mundo em chamas: a devastação da Amazônia e a tragédia de Chico Mendes**. Trad. Luiz Fernando Martins Esteves. São Paulo: Best Seller, 1990.
- SCHOUPENHAUER, Arthur. **Sobre o fundamento da moral**. Trad. Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SHILLING, Kurt. **História das idéias sociais**. Trad. Fausto Guimarães. 2ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1974.
- SILVA, Janice Theodoro. “Colombo: entre a experiência e a imaginação”. In: **Revista Brasileira de História**. Volume 11, nº 21. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

TOMLINSON, Henry Major. **The Sea and the Jungle**, Illinois: The Marlboro Press, 1996.

_____ **O Mar e a Selva: relato da viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil**. Trad. Hélio Rodrigues da Rocha. Tese de doutoramento (Volume 2) apresentada ao programa de Teoria e História Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2011.

_____ **Old junk**. London: Andrew Melrose Ltd., 1918. Obra disponível em meio eletrônico. In: <http://www.ibiblio.org/eldritch/htmt>. Acesso em 12/03/2010.

_____ **Out of Soundings**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931. Obra disponível em meio eletrônico. In: <http://www.ibiblio.org/eldritch/htmt>. Acesso em 12/03/2010.

_____ **A Mingled Yarn**. New York: The Bobbs-Merril Company, 1953. Obra disponível em meio eletrônico. In: <http://www.ibiblio.org/eldritch/htmt>. Acesso em 12/03/2010.

_____ **Gifts of Fortune with some Hints for those about travel**. New York: Harpers & Brothers, 1926. Obra disponível em meio eletrônico. In: <http://www.ibiblio.org/eldritch/htmt>. Acesso em 12/03/2010.

WAGLEY, Charles. **Amazon town: a study of man in the tropics**. 1974.

WESKEIL Thomas. **O romântico Sublime: estudos sobre a estrutura e psicologia da transcendência**. Trad. Patrícia Flores da Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

ANEXOS

Exploration⁹⁵

H. M. Tomlinson

(1931)

THE longing began in me through reading Ballantyne's *Hudson's Bay*. The pull of the Magnetic North was felt; I turned to Boothia Felix. I should not like to say how long ago that was; it was when I began to have occasion, in a house of commerce, to consult the *Weekly Shipping List*. That entrancing guide contained such entries as this: "York Factory, Hudson's Bay. *Lady Head*, bk, 457 tons. A. 1. Capt. Anderson. Sailing June 1. South West India Dock."

I was very young then, and so supposed a man went travelling to see what was round the corner; because, as a sage master mariner, later in life, once sadly explained to me in his cabin: When we are young we think all the good things are far away. I did not know, so early, that a man sets out to find himself, and that on such a journey, in a country all unknown, he may get lost. When young Herman Melville shipped in a whaler, he little guessed his voyage would never end, not while men fancy they discern a Great Bear in the night sky from which their brave harpoons ever return to earth.

Ballantyne unsettled me, and Butler's *Great Lone Land* and *Wild North Land* made matters worse; it was the dream that was real. Lake Athabasca and the Mackenzie River were desolate; and how noble were their names! But the Hudson's Bay Company, at whose door in Lime Street, London, I knocked, generously spared my proffered service. It amused

⁹⁵From **Out of Soundings**, 1927. H. M. Tomlinson, New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208.

me once to hear Joseph Conrad confess - it was to my ear alone, and I had made no confession to him-that his earliest effort to find employment as a ship's officer was with the H.B.C.; and he, too, failed, for the H.B.C. is Scottish, and most careful and particular. There was not a book on the exploration of North America and the Arctic, in the Guildhall Library of the City of London, for which I did not save or steal time to read. It came to nothing. But the very name, Canadian Barren Grounds, still works a faint reminiscent enchantment; yet resolutely but regretfully I resist the Northern Lights.

The ease with which a man may get into the outer blue, which is uncharted, and is not at all kenspeckled, I learned a little later from *A Week on the Concord*. Once you have started you may find yourself anywhere. The transit may be instant. There is no oracle to warn you where you may be at night. You may be so different that the world itself will be changed. Then what will you do? - for do something you must. When your fellows continue as usual to call your burning bush a briar patch, which is what it is, and will remain for most of us, how is that sign to be doused? There is no return.

There must be categories for books, yet I do not think Books of Travel is precisely the place in the index for the *Arabia Deserta*, or Thoreau's *Week on the Concord*, or even for Bates's *Naturalist on the River Amazons*. The right good book is always a book of travel; it is about a life's journey. It does not matter whether the point of view is got from Egdon Heath, Capri, or Kanchenjunga. The *Seven Pillars of Wisdom* was to me less Arabia in wartime than Lawrence; the war and its intrigues, the Arabs, the Turks and the Germans and the desert, were incidental; they chanced to evoke Lawrence, agents of destiny of consequence to us, for they were the cause of a war of thoughts compared with which the desert campaign was only ugly and common tribal bickering. Revolts of Arabs and others against what enrages them may burn up a little rubbish, and perhaps make more, but a revolt from our traditions and accepted verities by bleakly intrepid thoughts may lead us the deuce of an eternal dance. Is *Moby Dick* a yarn of a whaling cruise? Is *Gulliver's Travels* merely a fantastic diversion? We shall continue to call the *Arabia Deserta* a book of travel,

for it is that, though so is the *Pilgrim's Progress*. Nevertheless, it is plain that Doughty, that gaunt and stubborn survival from a pre-Shakespearian England, so much an Englishman that he was a foreigner to the Oxford and London of his day, looms in his book with more startling distinction than the basaltic crags of the Arabian desert. No wonder his spirit held in check the sun-struck fanatics about him, though they wanted to cut his throat. We, too, were in nature as much opposed to him, when we began to read him, but he has subdued us. The stark bergs of his desert are not more enduring than the traveller. But for him, would that burnt region of sand and rock with its dangerous and rhapsodical nomads exist for us? While reading Doughty, you begin to sense something of the origin of the Semitic scriptures; we know that Doughty himself, had he been one in the Exile, brooding on lost Jerusalem, would have bowed to the stripes, but have prophesied apart for all those that must hereafter patiently endure by the waters of Babylon.

First and last a poet may write only of himself. The world exists because he sees it. That can be all he knows of it. What then, is he? For the validity of the world depends on the kind of man he is. Whether it is Europe shaken by the French Revolution, or the deserts of Asia, or Walden Pond, the seer is the consummation and reality. His broomstick, if he travel astride of that, may range over deeps as dark as the gulfs in the Milky Way; and yet another kind of traveller may convert the region which holds the culture of the Chinese into a mere album of photographic snapshots and interlined facetiousness.

Seeing is of faith, for faith is not blind. There can be no faith without light. What we do not see may condemn us. What traveller would dare to interpret the world which he thinks he sees to-day? There is harder travelling now than kept Marco Polo so long from his home. There is no simple problem of a Grand Khan now. There is no Tartary. Cathay is a republic, complete with civil strife, western ideas, and the machinery of industry. Communists interrupt the railway service of Java. Messer Marco Polo in all his wanderings saw nothing stranger than that, nor more difficult to read. Instead of Venice and Canton we have London and New York. A man flew to Baghdad and back the other week in

contemptuously few hours; and Persia weaves prayer-mats, not to point to Mecca, but to help the sentiment of English suburban villas. One may buy Burmese gems by the pint by taking a penny bus from Charing Cross; there is no need to voyage to Cairo, Calicut, and Peking, to see the Orient. It is mostly in the Cutler Street warehouse, by Houndsditch. The Underground Railway serves the Orient.

But we are not satisfied. A vague desperation is suggested in our tours round the world. Something is missing from our civilization. Perhaps we think that the farther we go the more likely we are to recover whatever it is we have lost. It is possible that the Communist risings in the Garden of the East come of the same disquiet which sends rich westerners circling the globe. Why should the Hindus and Javanese revolt? Their lives are more secure now than they were under their old emperors and rajahs. And why should rich men shut up their ancestral country seats, and go to the South Seas for the simplicity which began to die there as soon as Watt learned the way to harness steam? The affliction appears to be world wide. It is felt in Benares, Peking, and Park Lane. The lions of Africa are being displaced by sisal fibre, just as speedways and coal-mines are destroying Kentish orchards. We read that an imaginative traveller, instead of gratitude for his seclusion in a tropical forest, considered that the trees were growing to waste; they ought to be turned into natural resources. He was a modern traveller. He did not call the forest *Green Mansions*, nor see Rima there. He saw a potential reservoir of wood-pulp.

That may be our trouble. The faith may be dying which sees beauty in the world, and without knowing it that may be why we are desperate to escape from our toils. We are no longer able to wonder, even at our own ingenuity. We are not as little children, so the kingdom is lost. It is useless to voyage to Papeete to look for the kingdom. The Venetian noble, Nicolo de Conti, early in the fifteenth century, when his ship was in the Red Sea, was surprised to see elephants equipped for war; but he would have been still more surprised had he heard at night voices that were speaking in Venice; as I heard one night, off Cape Bon, the movements of dancers in a London hotel-through the sough of the dark, far at sea,

I could hear London shuffling its feet; and that thought, if sufficiently examined afterwards when one was by the bulwarks alone, was enough to give pause to the heedlessness of idle feet. The very empyrean was listening. It might not be safe to entertain even idle thoughts, for heaven only knows what registering mystery may hear those as readily as the shuffling of dancers. A poet once cryptically reminded us that we cannot pluck a flower without troubling a star. No doubt it will be difficult to persuade us that Aldebaran cares the least for our dandelions; yet when the gift of reason inclines us to observe only a larger circulation of cheap newspapers in fir woods, or alcohol in a tropical forest, one begins to fear that the sweet influences of Pleiades are then loosened to a slight degree. Perhaps when we trample the bloom off the earth, and replace it with smoke, clinker heaps, and hovels, the bands of Orion remain as fast as ever; yet the dread that the deliberate darkening of our own star may affect the Galaxy, though that dread does not arise from any logic that we know, may not be without reason.

That dread, and we are beginning to feel it, is no less remarkable than wireless telephony. It is a thought new to the world of men, though the squalor with which we continue to disfigure our place in our efforts to make it fruitful is as ancient as man's activities. Pero Tafur, who began travelling and adventuring about 1425, reports for his day a Europe which in most respects is inexplicable to us. There was no New Learning then. When Tafur entered France, Joan of Arc had been dead only seven years. The English had been driven out of Paris, but were still in Rouen. The Mediterranean was still the centre of gravity of European commerce; not then had Portuguese navigators made the discoveries which would shift that commerce to the Atlantic seaboard; though, curiously enough, Tafur shows that one mart of Flanders was then richer than Venice, and the shipping of Sluys enormous in its tonnage. America was unknown. The Turks were encamped about Constantinople, where the Eastern Empire was about to fall. The Pope was an exile. The plague was in France, and that land was desolate with the wars of the fourteenth and early fifteenth centuries. We cannot, with those reminders, picture such a Europe. But in some

chance ways, and without conscious design, Tafur does that for us. It is the wayside incidents of his story which betray a Europe we know quite well. He had been astonished by the riches of Bruges, and he went to Sluys to see the ships. At Mass there a woman approached him in secret, and wondering, he went home with her. There she offered him one of her two young daughters. The family was starving. All that commercial activity of Flanders and its wealth of luxuries, and this family had nothing to eat! How far, since Tafur's day, have our many inventions taken us? Have we got any distance, in our flying machines?

Even while a doubt about our progress begins to disturb us, old habits compel the consideration of the conversion of beauty into still more starvation and smoke. We are not sufficiently afraid of troubling the stars when darkening the splendour of our planet; yet a doubt grows that what we think and do may not be inconsequential beyond the orbit of the earth. In that space beyond, where we cannot go, it is possible that some emanation from our liveliness finds its way, and not fortuitously. We may make a mark without knowing it. It is irrelevant to the story, no doubt, that one night at sea we chanced to hear revellers at Charing Cross, yet it was a warning not easily quieted. We have now learned beyond question that our various noises are indeed registered where we had supposed there was nothing but the impersonal sigh of the dark.

There was a sometime Archdeacon of Westminster, Richard Hakluyt, who celebrated the earlier English seamen and travellers. His tablet in Bristol Cathedral reads: "His studious Imagination discovered new Paths for geographical Science and his patriotic Labours rescued from oblivion not a few of those who went down to the Sea in ships to be Harbingers of Empire, descrying new Lands, and finding larger Room for their Race."

That tablet is but just to Hakluyt. Yet consider its implications. The Westminster Archdeacon, without meaning to do it, who desired instead to light an imperial desire in an adventurous people, did much to prompt the pall over the Black Country. His patriotic labours at length poured out as smoke from our factory chimneys; an odd outcome of a pure

and selfless personal devotion. That dark sign of profit to an imperial people was the inevitable result of the valour and enterprise of Elizabethan seamen. Those harbingers of Empire and their celebrant, as now we see them, were moved in their age by an influence which stirred even its poets; they were compelled by a law of growth in a changing world, we may suppose, to which their community had to respond as though it had no more conscious control of its destiny than the annual flowers of the field. All these men together gave our country, gave the civilization we call Western, a mighty shove towards the place where now we find it. The glorious flower of the civilization which romantically they predestined for us unfolded vast and strange at the end of a factory chimney.

Thus so different may be man's pure intent from its issue. Drake, returned from the shades, we will imagine, with Hakluyt, to view what substance we have given to the dreams they had of other lands and seas, would have to agree with the poet of their own day that there is a destiny which shapes our ends whatever ardent measures we take. Hakluyt, while contemplating, as a shade, our motor-ships, our problem of credit, our bickering over the size of the guns we shall use against each other, and the difficulties involved, as in India, in that larger Room for the Race and the air route to the East, might recall his visit, as a boy, a visit evidently so fruitful, to his cousin, a Gentleman of the Middle Temple. It was a trivial incident, that half-holiday visit, to have had its casual part in shaping the problem of the protection of British trade routes without giving America a cause for war. For his cousin but gave him a first lesson in geography. Young Richard found lying in that chamber of the Middle Temple "certaine bookes of Cosmographie, with an universall Mappe."

There is no doubt the Westminster scholar was wakened by his cousin. The subject of geography was given, even on a holiday, quite a cheerful appearance; but the year of that lesson, we must remember, was little more than a decade after Sir Hugh Willoughby tried to reach Cathay and the Moluccas by the Siberian coast. From the map the Gentleman of the Middle Temple turned to the Bible, and directed the boy to read the 107th Psalm. Young Hakluyt did so, and his own contribution towards the industrial era and his country's

imperial destiny was at once made certain.

"Which wordes of the Prophet together with my cousins discourse (things of rare and high delight to my young nature) tooke in me so deepe an impression, that I constantly resolved, if ever I were preferred to the University . . . I would by God's assistance prosecute that knowledge and kinde of literature, the doores whereof (after a sort) were so happily opened before me."

We are told that a civilization must grow to its height and then decline, like a flower of the field in its due season. Yet unlike the weed, a civilization passes through its predictable phases to its sere, though to no harvest: it only dies; its seed is potent for no future spring. The philosophers do not explain what lunar influence governs its rhythmic rise and fall; they tell us largely but of powers which bring a civilization to its height, from which it shall lapse till only the barren sands show where its hearths used to be warm, and its priests to chant to its gods. It has its pioneers, its early explorers and prophets; then its period when the profit-makers are assured of a bounteous continuity through a special favour of Providence, for they know they are more worthy than the lesser breeds; and follow them its patriots and celebrators, who praise the familiar scene, now flushed in a serene autumn that is everlasting, as they hope and believe. Will not their assurance of their own worth hold in perpetuity the splendour of the after-glow? No. We see now there never was and cannot be an empire on which the sun shall never set. All civilizations and empires must make their predestined curves and fulfil their cycles.

Yet theories, though they seem flawless, should not sink us into mournful brooding. No theory can be right which satisfactorily encloses all that is known. We do not know all. Little alien and unimportant items are left out of the reckoning, forlornly overlooked and unaccounted, yet presently to make the balance and fulfilment of a perfect formula as useless as a net when there are no fish. It is the way of a mystery that its bottom is no sooner viewed than it falls out. Old night is still below.

It is true that the relative objective world may be almost anything a philosopher

desires to name it, yet occasionally it does break into his subjectivity with an extrinsic brick, as it were, an interruption which causes him to surmise that something must have thrown it at him. We have been forced of late to develop theories explaining this age of machines, and to see omens of its impending doom. When our machines stop, so shall we. Civilized man, it appears, has passed out of the phase of imaginative exploration and experiment; he has created engines to do his work for him, but his soul has lost its daring, and he is now a subdued captive, chained to the wheels, a helpless slave in the mechanical establishment he created.

But maybe the urgency of this mechanistic age will slow down. Some Doughty may explore its polished and efficient desert, and his word may begin to rust it; its impulse will falter and its wheels go not so fast. Though man now can fly to explore the skies, he may cease to want to-anyhow, for the reasons which now lift him from the earth. After all, it is certain that in time man will see that the relentless cranks and wheels, for which he never had more than a boyish and fevered love, are only the thoughts of his youth. He got those wheels because he wanted them. Does he want them now? Presently we may pause to consider this devotion of ours in a temple which is a factory, where the dynamo is the presiding god, the ritual exacting and numbing and engineers the priests. That would be natural enough. The theory of the rise and fall of a civilization may be able to stand all known tests as easily as a bright and perfect machine accurately revolving; but suppose we change our mind about it? The machine stops. The subservience of men to the despotism of the polished steel rods and the ordained revolutions of the wheels may weary. The boy may tire of his engine.

Mankind is not of the automatic stuff to worship any god beyond the period of the god's most severe exactions. In the long run men and women cease to do what gives them no fun. Over goes Dagon when he demands more than his worshippers care to give. He will be lucky if he gets much attention after he has compelled that crisis. His late worshippers are sure to discover another world beyond his temple, for it exists; and then down falls the

theory, all too neat, of a civilization's inevitable doom. It begins anew. There will be more adventuring and exploring, and in another direction. Life, we may find, has other probabilities and meanings. There may be fairer temples to gods more gracious.

The magazine article
was in the "Pall Mall
Magazine" there was another in
the "English Review" & both
magazines are now unavailable; but
as I wrote the articles I can tell you so
as I wrote the articles I can tell you so
you can see without name in the book.

Tuck's Hill

Helotbury

Donet

1 Feb 1940

Dear Mr Walker

Your guess is right. "The Sea & the Jungle" mentions
your father as the Skipper; & his friend (my brother-in-law)
the Chief, was John B. Crew. The Surgeon is Dr. Sidney
Jones, still living, but old & blind. The "Capella" was
the "England", owned by Fred Dringham of Gracechurch St.
We sailed from Swansea on Dec 19, 1909, & your dad &
Chief engineer Crew & I spent the night before sailing
at ^{the house of} a friend of your father, Phillips, a wine merchant
of Swansea. I see it all now as plainly as if it
were last week. The facts of the voyage out to
Para & Porto Velho are fairly given in the book,
including some tales your father told me. He & I
hit it fine. He was a rigorous disciplinarian,
of course ~~but~~ and mocked me as a journalist

me to give me charge of the bridge one middle watch,
when he was tied-out (we had only 2 mates) &
the Chief Officer was ill. I liked him. He was
a sailor. He & the Chief & I used to meet
every night in the Chief's cabin (gin).
The last I saw of him was when I left the
ship; Tampa, Florida, where she loaded
phosphate. I remember buying some nuts for
your father's macaw. What happened to that big
parrot? Mack, we called him. The bird is in the
book. The "England", I have heard, was
mined on torpedoes in the last war. Mr
Crew told me of your father's death, & I
remember how grieved he was. Jack Crew himself
died a few years ago. Mr Jones & I are the
only survivors of the voyage.

I sent your father an inscribed copy
of "The Sea & the Jungle" in 1912. If you have
a ^{very} ~~first~~ edition is

(Transcrição da carta)

Tulk's Hill

Abbotsbury

Dorset, 1, February, 1909.

Dear Mrs. Walker,

Your guess is right. "The and the Jungle" mentions your father as the Skipper and his friend (my brother-in-law) the Chief, was John B. Crew. The surgeon is Dr. Sidney Jones, still living, but old and blind. The "Capella" was the "England" owner by Fred Drughorn of Grace Church St. We sailed from Swansea on December 19, 1909 and your Dad and Chief-engineer, John B. Crew, and I spent the night before sailing at the home at a friend of your father, Phillips, a new merchant at Swansea. I see it now as plainly as it were last week. The facts of the voyage out to Para and Porto Velho are fairly given in the book, including some tales your father told me. He and I ... He was a rigorous disciplinarian, of course, and mocked me as a journalist ("Morning Leader") but had sufficient confidence in me to give me charge of the bridge one night watch, when he was tired-out (we had only two mates) and the Chief office was ill. I liked him. He was a sailor. He and the Chief and I used to meet in the Chief's cabin (gin). The last I saw of him was when I left the ship; Tampa, Florida, where she loaded phosphate. I remember buying some nuts for your father's macaw. What happened to that big parrot? Mack, we called him. The bird is in the book. The "England", I have heard, was missed on torpedoes in the last war, and Mr. Crew told of your father's death, and I remember how grieve he was and Jack himself died a few years ago. Dr. Jones and I are the only survivors of the voyage.

I sent your father one inscribed copy of "The Sea and the Jungle" in 1912. If you have that very book, it is as well tothat first portrait is a rarity; and worth some pounds; and especialy your father's copy.

Yours sincerely

H. M. Tomlinson

PS: I ought to say that I was on the ship's article as Purser, wages 1shilling a month.

Relação dos tripulantes

Copy of the crew list taken from the ss England's Articles

NAME	NATIONALITY	CAPACITY	PAY PER MONTH	PORT OF JOINING	BALANCE OF WAGES	PORT OF DISCHARGE
W R Bennett	British	Master	Not Known	Rotterdam	Not Known	Hamburg
W Mear	British	1 st Mate	£10.00.00	Swansea	£14.15.02	Hamburg
T J Wheeler	British	2 nd Mate	£7.15.00	Rotterdam	£17.07.04	Hamburg
C Kalmin	Latvian	Bos'n	£5.00.00	Rotterdam	£9.04.08	Hamburg
H G Love	British	Carpenter	£5.00.00	Rotterdam	£21.15.00	Hamburg
Peter Emons	German	Steward	£6.10.00	Rotterdam	£9.17.06	Hamburg
J Pons	Dutch	Cook	£5.05.00	Rotterdam	£14.05.10	Hamburg
C Holenaar	Dutch	Asst. Steward	£2.10.00	Rotterdam	£15.02.09	Hamburg
E Burkhalter	Swiss	Asst. Steward	£2.05.00	Rotterdam	£11.12.06	Hamburg
J B Crew	British	Chief Engineer	£16.00.00	Rotterdam	£24.10.04	Hamburg
G Read	British	2 nd Engineer	£11.00.00	Rotterdam	£46.02.11	Hamburg
J Smithson	British	3 rd Engineer	£8.00.00	Rotterdam	£37.09.09	Hamburg
J A Macdonald	British	4 th Engineer	£6.00.00	Rotterdam	£25.03.04	Hamburg
Sidney H Jones	British	Surgeon	£20.00.00	Swansea	£00.00.00	Para Brazil
H M Tomlinson	British	Purser	£00.01.00	Swansea	£00.00.00	Tampa Florida
Harald Nilson	Norwegian	Sailor	£3.10.00	Rotterdam	£18.02.00	Hamburg
Olaf Johansen	Norwegian	Sailor	£3.10.00	Rotterdam	£20.06.01	Hamburg
W Peters	German	Sailor	£3.10.00	Rotterdam	£9.61.00	Hamburg
O Pic	Norwegian	Sailor	£3.10.00	Rotterdam	£17.15.00	Hamburg
J Ramunsen	Norwegian	Sailor	£3.10.00	Rotterdam	£18.18.11	Hamburg
J Jerhagen	Dutch	Sailor	£3.10.00	Rotterdam	£19.15.06	Hamburg
Alex Steinbruck	Swedish	Donkeyman	£5.00.00	Rotterdam	£20.16.10	Hamburg
H Roake	German	Fireman	£3.15.00	Rotterdam	£18.16.07	Hamburg
José Costa	Portuguese	Fireman	£3.15.00	Rotterdam	£12.07.07	Hamburg
N Kigilerbourg	Dutch	Fireman	£3.15.00	Rotterdam	£17.16.10	Hamburg
P Bettine	Argentinian	Fireman	£3.15.00	Rotterdam	£17.12.07	Hamburg

H van Dyk	Dutch	Fireman	£3.15.00	Rotterdam	£19.12.11	Hamburg
J Polakowski	German	Fireman	£3.15.00	Rotterdam	£20.03.10	Hamburg
O Oberg	Swedish	Fireman	£3.15.00	Rotterdam	£18.10.11	Hamburg
D J Ayres	American	Fireman	£00.01.00	Porto Velho	Deserted	Tampa Florida
The following were picked up on the voyage from Porto Velho to Barbados. They had either been left behind or had deserted on a previous trip of the ss England						
John Hogarth	British	Fireman	£00.01.00	Para Brazil	£00.00.00	Barbados
J N O'Brien	Irish	Asst. Steward	£00.01.00	Para Brazil	£00.00.00	Barbados
C Windsor	American	Sailor	£00.01.00	Para Brazil	£00.00.00	Tampa Florida
P Kennedy	American	Sailor	£00.01.00	Para Brazil	£00.00.00	Tampa Florida
J R Wilbanks	American	Fireman	£00.01.00	Para Brazil	£00.00.00	Tampa Florida
W M Meredith	American	Sailor	£00.01.00	Para Brazil	£00.00.00	Tampa Florida
W P Miller	American	Sailor	£00.01.00	Para Brazil	£00.00.00	Tampa Florida

Below are the typed copies of the newspaper cuttings.

Exciting Voyage.

English Steamer 600 feet Above Sea Level

It seem impossible that a large ship nowadays could make a voyage which no other vessel had made before, but the ss England, which recently entered the Surrey Commercial Dock, has achieved that distinction. Her officers are all experienced men, who have visited most of the ports “between Iquique and Callao round by the south and east”; but their last trip was the event of their lives.

“ It was the kind of extraordinary trip” said the second engineer yesterday, “that a man never makes twice in his life. I don’t expect to see so many novelties again till I make the voyage ‘downstairs.’ You see when we were at our destination we were actually 600ft above sea level.”

The ss England, which is a splendid specimen of an up to date British tramp steamer owned by Messrs, Fred. Drughorn, Limited, of London, drawing 20ft, has steamed into the very centre of the South American Continent, and to within five miles of San Antonio Falls, near the Bolivian frontier. In fact she got within 700 miles of the Andes going west from Para.

Voyage up the Amazon

After a short stay in Para the England continued her voyage up the Amazon to Serpa. Near there she entered the tributary, which at the juncture is so vast an expanse of water that it looks like the sea. Capt Bennett found as much as 60 fathoms in the main stream. With the native pilot they commenced the experiment of taking a big vessel up the Madeira. Though usually deep and wide, that river narrowed at times till the jungle brushed the England's sides, and they only had 3ft of water below the keel in places where the surface of the water was broken by snags of rocks. The propeller in the shallow places disturbed the rotting vegetation on the riverbed, and then the combined heat and stench was unbearable.

"The pilots were perfection. I think they would have undertaken to navigate the ship over a field if the dew was heavy enough. They watched the eccentricities of the great logs floating down which we were always fearing would smash our propeller blades, for facts about the stream, and every dimple in the current had something to say to them."

Navigation was ruled by the inspection of the next few feet ahead, so the vessel moved at only 4 knots, and anchored every night. In about nine days they reached Porto Velho.

Brushing the Jungle

In navigating the Madeira River, a tributary of the Amazon, the England some times had the jungle growth brushing her rigging on either side, bringing down leaves and twigs upon her decks. Yesterday she was off again for further adventures, but a “Leader” representative had the good fortune to learn something of her last astonishing voyage before she went down river.

It is generally supposed the romance of ships, so far as modern commerce is concerned, is a fake of authors, and that Captain Kettle never lived in any sense, though he makes jolly interesting reading. Well I interviewed Capt Kettle yesterday (writes a “Leader” representative) and can guarantee his absolute life-likeness, more astonishing still, and better than anything of Kettle’s, the story of Capt. W. R. Bennett of the England, reminded me of the tropical passages in that most magical of modern English narrative, Conrod’s “Man Who Knew”.

One can understand the easy supremacy of the British merchant service while owners can count on shipmasters like the England’s skipper. The sublime confidence and complete knowledge which got a big steamer through uncharted difficulties and brought all the crew through a malarial voyage without the loss of a hand, is not easily matched.

Fight with Nature

Last year the England loaded railway material for Porto Velho. This cannot be verified by looking for that port on the map. It isn't there. Strenuous American enterprise is only trying to get it there. When it is there it will be a town on the Upper Madeira, 1,600 miles from the Atlantic, and tapping, by railway to La Paz and thence by rail across the Andes to Antofagasta, much of the trade which now goes via Cape Horn. It is the Madeira Mamore Railway which is being built. The engineers have already laid about 30 miles of it in a jungle where they rarely see the sun. Once British enterprise attempted it, but the pioneers were conquered by floods, fevers, heat, insects, alligators, and jaguars, and other dulcet consequences of places near the line. They cut a clearing into the forest about 800 miles from Serpa at the junction of the Madeira with the Amazon. But the fever and the forest won. The invaders were driven away, what was left of them, and gross primeval luxuriance poured back in a swift green flood over the bones, the work and the stores. The wilderness grew quiet again.

But direct communications from the Atlantic to the Pacific was badly wanted, and Americans have now commenced the work again. They never let their supply of quinine fall below 1,000 lb, and have established a private cemetery for the use of the staff, to show they mean to stop any way; and they pour petroleum on the water courses to kill the mosquitoes. But as to the latter, as was said pathetically on the ship yesterday, "you might as well squirt weed killer into the forest to kill the trees. A little vessel which followed us up lost 11 of her crew through malignant malaria."

The Crew's Amusements

“ Most of the staff were seasoned men, but in spite of the heat they were like a lot of boys again with the novelties about them. Something bizarre happened, every day to keep us interested. One day an anaconda swimming along side was noosed and we got the big serpent on the deck. I've never been anywhere that so swarmed and crawled with all sorts of life. The heat and the moisture spawned it everywhere.

“ The swarms of giant and brilliant butterflies in that Porto Velho clearing were astonishing. One of our men got a box full of them and a few whacking hairy spiders and sold them for £5 at Rotterdam (?).

“One night I thought a bird was in the cabin. It banged about and kept up a constant whistling. Then I found it was a beetle half as big as a shoe brush.

“The forest our skipper forbade us to go into, as a matter of safety. It was dark as the gloom in a cathedral beneath the trees. So we tried fishing from the deck. We caught nothing till one of the shore staff showed us the the right method. He fired a dynamite cartridge and such a collection of prehistoric monsters as came up I never saw. One big brute was new even to the Indians. It was cased in armour and from each armour plate projected a big spike. It was the wonder of the camp till it went bad, and even then it was wonderful.”

The England stayed there a month and then returned to Europe. She leaves again today, and shortly is proceeding again to the South American forest.

Every-day Burials

Porto Velho is still not much more than a cutting which lets the light into the forest. Its most important building is its hospital. Every day about five of the native labourers were buried, for human life is there as yet hardly supportable, malaria and black water fever being the usual ailments. All necessities there are at famine prices, and the deck hands and firemen of the England realising their opportunities, held a regular market on board. "They went to an extreme in selling their clothes", said an officer. "I know they made a lot of money by the prolonged 'drunks' they had when they got back to civilisation. But I've never had to work such a scandalously dressed crowd before".

In such a vivid description of Porto Velho, Mr Crew the chief engineer, said it was the last place you would expect to see a big ship. "It is the centre of a continent and the absolute tropics. I've been practically everywhere, but it was a novelty to me to be kept awake in a steamer's cabin by the roaring of jaguars in the forest out side. They were a perfect nuisance at times. No less than five orchid hunters have been lost in that neighbourhood of late, and the Indians say it is the jaguars."

Exciting Voyage English Steamer 600 feet Above Sea Level

It seem impossible that a large ship nowadays could make a voyage which no other vessel had made before, but the ss England, which recently entered the Surrey Commercial Dock, has achieved that distinction. Her officers are all experienced men, who have visited most of the ports "between Iquique and Callao round by the south and east"; but their last trip was the event of their lives. "It was the kind of extraordinary trip" said the second

engineer yesterday, “that a man never makes twice in his life. I don’t expect to see so many novelties again till I make the voyage ‘downstairs.’ You see when we were at our destination we were actually 600ft above sea level.” The ss *England*, which is a splendid specimen of an up to date British tramp steamer owned by Messrs, Fred. Drughorn, Limited, of London, drawing 20ft, has steamed into the very centre of the South American Continent, and to within five miles of San Antonio Falls, near the Bolivian frontier. In fact she got within 700 miles of the Andes going west from Para.

Voyage up the Amazon

After a short stay in Para the *England* continued her voyage up the Amazon to Serpa. Near there she entered the tributary, which at the juncture is so vast an expanse of water that it looks like the sea. Capt Bennett found as much as 60 fathoms in the main stream. With the native pilot they commenced the experiment of taking a big vessel up the Madeira. Though usually deep and wide, that river narrowed at times till the jungle brushed the *England*’s ends and sides, and they only had 3ft of water below the keel in places where the surface of the water was broken by snags of rocks. The propeller in the shallow places disturbed the rotting vegetation on the riverbed, and then the combined heat and stench was unbearable.

“The pilots were perfection. I think they would have undertaken to navigate the ship over a field if the dew was heavy enough. They watched the eccentricities of the great logs floating down which we were always fearing would smash our propeller blades, for facts about the stream, and every dimple in the current had something to say to them.”

Navigation was ruled by the inspection of the next few feet ahead, so the vessel moved at only 4 knots, and anchored every night. In about nine days they reached Porto Velho

Brushing the Jungle

In navigating the Madeira River, a tributary of the Amazon, the England some times had the jungle growth brushing her rigging on either side, bringing down leaves and twigs upon her decks. Yesterday she was off again for further adventures, but a “Leader” representative had the good fortune to learn something of her last astonishing voyage before she went down river.

It is generally supposed the romance of ships, so far as modern commerce is concerned, is a fake of authors, and that Captain Kettle never lived in any sense, though he makes jolly interesting reading. Well I interviewed Capt Kettle yesterday (writes a “Leader” representative) and can guarantee his absolute life-likeness, more astonishing still, and better than anything of Kettle’s, the story of Capt. W. R. Bennett of the England, reminded me of the tropical passages in that most magical of modern English narrative, Conrod’s “Man Who Knew”.

One can understand the easy supremacy of the British merchant service while owners can count on shipmasters like the England’s skipper. The sublime confidence and complete knowledge which got a big steamer through uncharted difficulties and brought all the crew through a malarial voyage without the loss of a hand, is not easily matched.

Fight with Nature

Last year the England loaded railway material for Porto Velho. This cannot be verified by looking for that port on the map. It isn’t there. Strenuous American enterprise is only trying to get it there. When it is there it will be a town on the Upper Madeira, 1,600 miles from the Atlantic, and tapping, by railway to La Paz and thence by rail across the Andes to Antofagasta, much of the trade which now goes via Cape Horn. It is the Madeira Mamore Railway which is being built. The engineers have already laid about 30 miles of it in a jungle where they rarely see the sun. Once British enterprise attempted it, but the

pioneers were conquered by floods, fevers, heat, insects, alligators, and jaguars, and other dulcet consequences of places near the line. They cut a clearing into the forest about 800 miles from Serpa at the junction of the Madeira with the Amazon. But the fever and the forest won. The invaders were driven away, what was left of them, and gross primeval luxuriance poured back in a swift green flood over the bones, the work and the stores. The wilderness grew quiet again.

But direct communications from the Atlantic to the Pacific was badly wanted, and Americans have now commenced the work again. They never let their supply of quinine fall below 1,000 lb, and have established a private cemetery for the use of the staff, to show they mean to stop any way; and they pour petroleum on the water courses to kill the mosquitoes. But as to the latter, as was said pathetically on the ship yesterday, “you might as well squirt weed killer into the forest to kill the trees. A little vessel which followed us up lost 11 of her crew through malignant malaria.”

The Crew’s Amusements

“Most of the staff were seasoned men, but in spite of the heat they were like a lot of boys again with the novelties about them. Something bizarre happened, every day to keep us interested. One day an anaconda swimming along side was noosed and we got the big serpent on the deck. I’ve never been anywhere that so swarmed and crawled with all sorts of life. The heat and the moisture spawned it everywhere.

“ The swarms of giant and brilliant butterflies in that Porto Velho clearing were astonishing. One of our men got a box full of them and a few whacking hairy spiders and sold them for £5 at Rotterdam (?).

“One night I thought a bird was in the cabin. It banged about and kept up a constant whistling. Then I found it was a beetle half as big as a shoe brush.

“The forest our skipper forbade us to go into, as a matter of safety. It was dark as the

gloom in a cathedral beneath the trees. So we tried fishing from the deck. We caught nothing till one of the shore staff showed us the right method. He fired a dynamite cartridge and such a collection of prehistoric monsters as came up I never saw. One big brute was new even to the Indians. It was cased in armour and from each armour plate projected a big spike. It was the wonder of the camp till it went bad, and even then it was wonderful.”

The England stayed there a month and then returned to Europe. She leaves again today, and shortly is proceeding again to the South American forest.

Every-day Burials

Porto Velho is still not much more than a cutting which lets the light into the forest. Its most important building is its hospital. Every day about five of the native labourers were buried, for human life is there as yet hardly supportable, malaria and black water fever being the usual ailments. All necessities there are at famine prices, and the deck hands and firemen of the England realising their opportunities, held a regular market on board. “They went to an extreme in selling their clothes”, said an officer. “I know they made a lot of money by the prolonged ‘drunks’ they had when they got back to civilisation. But I’ve never had to work such a scandalously dressed crowd before”.

In such a vivid description of Porto Velho, Mr Crew the chief engineer, said it was the last place you would expect to see a big ship. “It is the centre of a continent and the absolute tropics. I’ve been practically everywhere, but it was a novelty to me to be kept awake in a steamer’s cabin by the roaring of jaguars in the forest out side. They were a perfect nuisance at times. No less than five orchid hunters have been lost in that neighbourhood of late, and the Indians say it is the jaguars.”

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Hélio Rodrigues da Rocha

O mar e a selva:
relato da viagem de Henry Major Tomlinson
ao Brasil - estudo e tradução

Vol. 2: Tradução

Tese apresentada ao Programa de Teoria e História Literária do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Teoria e História Literária (área de concentração: História e Historiografia Literária).

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Campinas, 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM – UNICAMP

R582m Rocha, Hélio Rodrigues da, 1965-
O mar e a selva: relato da viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil: estudo e tradução / Hélio Rodrigues da Rocha. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Carlos Eduardo Ornelas Berriel.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tomlinson, H. M. (Henry Major), 1873-1958. The sea and the jungle - Tradução e interpretação. 2. Escritos de viajantes ingleses - Brasil - História e crítica. 3. Viajantes na literatura. 4. Amazônia - Descrições e viagens. I. Berriel, Carlos Eduardo Ornelas, 1951-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: The sea and the jungle: Henry Major Tomlinson's travel to Brazil: studying and translation.

Palavras-chave em inglês:

Tomlinson, H. M. (Henry Major), 1873-1958 - The sea and the jungle - Translation and interpretation

Travelers' writings, English - Brazil - History and criticism

Travelers in literature

Amazon, River, Region - Description and travel

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora:

Carlos Eduardo Ornelas Berriel [Orientador]

Mário Luiz Frungillo

Ana Cláudia Romano Ribeiro

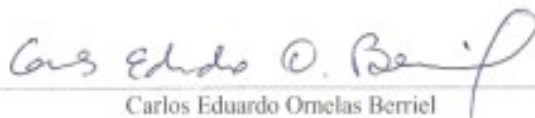
Miguel Nenevé

Francisco Foot Hardman

Data da defesa: 18-10-2011.

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:



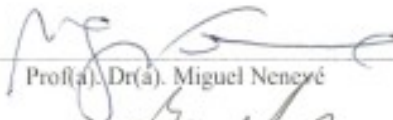
Carlos Eduardo Ornelas Berriel
Presidente/Orientador(a)
IEL/UNICAMP



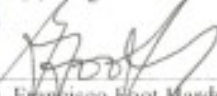
Prof(a). Dr(a). Mário Luiz Frungillo



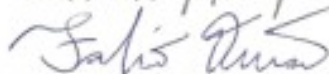
Prof(a). Dr(a). Ana Cláudia Romano Ribeiro



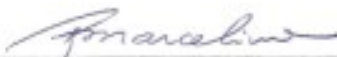
Prof(a). Dr(a). Miguel Nenevê



Prof(a). Dr(a). Francisco Foot Hardman



Prof. Dr. Fabio Akcelrud Durão
Coordenador(a) da CPG/IEL



Rosemeire Marcelino
Secretaria de Pós-graduação/IEL

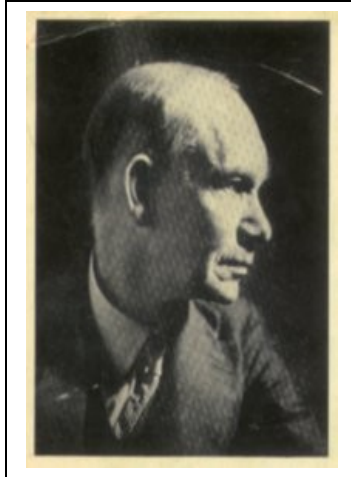


Hélio Rodrigues da Rocha
Ciência do(a) aluno(a)

TRADUÇÃO

de **O Mar e a Selva** (1912), de H. M. Tomlinson

H. M. TOMLINSON



THE SEA AND THE JUNGLE

Preface by Evan S. Connell

O MAR E A SELVA:
relato da viagem de Henry Major
Tomlinson ao Brasil

Prefácio de Evan S. Connell

Tradução de Hélio Rodrigues da Rocha

***O mar e a selva*:relato da viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil**

Vol. 2: Tradução

SUMÁRIO

Nota do tradutor.....	xiii
Resumo e dedicatória do relato O Mar e a Selva	xvii
Prefácio de Evan S. Connell.....	xix
 Capítulo 01	 01
 Capítulo 02	 173
 Capítulo 03	 317
 Capítulo 04	 417
 Capítulo 05	 459
 Capítulo 06	 545
 Dicionários consultados	 627
 Edição utilizada na tradução para o português	 627

NOTA DO TRADUTOR

Euclides da Cunha, depois do sucesso estrondoso de sua narrativa da tragédia sertaneja de Canudos, foi um dos primeiros escritores latino-americanos modernos a encarar o desafio de “escrever a Amazônia”.

Francisco Foot Hardman - **A vingança da Hileia**

“O Amazonas não é facilmente descrito como um mero rio amarelo, com uma elevação verdejante de cada lado e um céu azulado em cima”, escreve Henry Major Tomlinson ao se deparar com o rio rei dos rios no mundo. Segundo ele, “seria difícil encontrar, exceto por sorte, uma palavra que concebesse a imensidão de terra da Amazônia, algo do alheamento e separação dos pontos de seus extremos, com meses e meses de aventuras entre eles”. É assim que Tomlinson, como protótipo de um cidadão europeu, pintou a Amazônia brasileira do início do século XX: como algo ao mesmo tempo fantástico, enigmático e incomensurável. Como suspeita Neide Gondim em **A invenção da Amazônia**, “Os séculos podem variar e os cronistas serem das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicos, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial” (1994, p. 77). Assim, o exótico e o maravilhoso, como pode ser presumido, são signos intrinsecamente ligados a relatos de viagem e, portanto, **O Mar e a Selva: relato da viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil** configura-se como uma confirmação dessa assertiva.

O Mar e a Selva é o resultado da primeira viagem de H. M. Tomlinson pelo mundo do Outro. Foi justamente no dia 19 de dezembro de 1909 que ele zarpou no navio *S. S. England* (em seu construto literário é denominado de *S. S. Capella*), de um dos maiores portos de carvão do mundo, em Swansea, a principal cidade do País de Gales, passou o natal e véspera de ano novo na longa travessia do oceano Atlântico e, no dia 07 de janeiro de 1910,

desembarcou em Belém do Pará, no Brasil, para seu primeiro passeio em terras brasileiras. Depois de mais algumas semanas, enquanto o viajante drenava os diversos odores dessa “terra boa”, desembarcou, finalmente, em Porto Velho, onde estava sendo construída a lendária Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM). É exatamente desse “Novo Mundo” que Tomlinson continua refletindo sobre seu país de origem e, aproveitando-se de uma figura de linguagem bastante utilizada em relatos de viagem, a comparação, ele faz espelhamentos entre Londres e a Amazônia brasileira. Assim, dois mundos se espelham e se refratam: a velha e embolorada Inglaterra, com uma multidão de apressados e ociosos, que acreditavam “ser preciso fazer muita coisa nessa vida”, e a nova, misteriosa e “desconhecida” Amazônia, silenciosa como nos dias da gênese, com alguns nativos morando nas barrancas dos rios, como em um sonho que podia se despedaçar a qualquer instante.

É em busca da realização de seus sonhos de infância que Tomlinson viaja. Isso pode ser notado em seu relato. Porém, ele afirma em um de seus ensaios que jamais viajara por prazer e aventura. Influenciado por Pero Tafur, Lawrence, Hakluyt, Pikes, Humboldt, Melville, Bates, Wallace, Conrad, Hawthorne, Thoreau, Emerson e tantos outros escritores é que Tomlinson passou a amar as viagens tanto quanto sua cidade natal: Londres. O mar e a selva, então, são pintados como partes indissociáveis. As copas das árvores são as ondas do mar selvático. Marinheiros, peregrinos e aventureiros são metonímicos. Conscientes dessa fusão é que fiz a tradução de **The Sea and the Jungle** para a língua portuguesa. Tradução e interpretação, como caminho e desvio, são aqui resultados de certo esforço para se manter certa fidelidade à obra traduzida, mas não sem comportar algumas críticas. É por isso que algumas notas explicativas foram colocadas ao longo da tradução. Narrar e contar também são formas de explicação, de Esclarecimento.

O Mar e a Selva, publicado pela primeira vez em 1912, em Londres, estabelece um paralelo com a história da humanidade e com questões político-morais da Inglaterra e, principalmente, espelha certa realidade vivida pelos trabalhadores da EFMM que, em nome de uma ideia, qual seja, Progresso, deram suas vidas. É aí que se travou, também, a luta do ho-

mem contra a Natureza. Tomlinson retrata de forma crítica essa questão. Afinal, ele fora um afortunado por ter viajado para/pela selva amazônica em uma época em que a floresta ainda estava como no tempo da gênese. A construção da EFMM foi o primeiro empreendimento a ser executado na Amazônia brasileira. E o navio *S. S. England (Capella)* o primeiro cargueiro transatlântico a viajar até Porto Velho carregando materiais e suprimentos para os trabalhadores da ferrovia. Tudo isso excitou a Imaginação e o Espírito do viajante londrino em sua hermenêutica de si.

A Amazônia é construída discursivamente pelo viajante europeu do início do século 20 como esboço de Outro mundo; portanto, uma ficção, mas também um exercício da “arte da existência” desse viajante. A Amazônia tanto é o Campos Elísios, quanto o Tártaro. Assim, há o viajante e a viagem como produtos históricos, mas há também um eu fictício na construção do discurso tomlinsoniano. Esse viajante-narrador-protagonista, portanto, opera por mediações e rememoração, como não poderia deixar de ser. Assim é que ele sobrepõe diversas camadas discursivas - o contexto político-moral londrino, a partida, a longa travessia do oceano, alusões a mitos greco-romanos, histórias de marinheiros, longas descrições paisagísticas, os desembarques e embarques, o encontro com a alteridade e com os trabalhadores da EFMM e suas lutas - e toma a Amazônia em-si-para-ele. Narrador e magia, ao que parece, se imbricam. E nessa tessitura sónica há o reconhecimento da singularidade do Outro, do nativo. A sua constituição, via olhar de um eu fictício, está disposta de forma um tanto quanto mítica. Ou seja, o nativo está envolto em uma névoa, com em um sonho quimérico e vivendo nas primeiras páginas de Gênesis. Isso ocorre porque o narrador-protagonista está embebido das imagens de relatos de seus predecessores e viajou para os trópicos em busca de se constituir como um novo sujeito. É por isso que o narrador-viajante observa o nativo em completo estado de deleite e estupefação. Observando a linguagem mítica utilizada pelo narrador em sua composição discursiva, pude entrever certa relação de **The Sea and the Jungle** com a **Odisséia** de Homero. Mas não nos antecipemos, deixemos que o leitor busque tais aventuras e ações do viajante-protagonista.

Foi refletindo sobre essas questões que fiz a tradução do relato da viagem de Henry Major Tomlinson à Amazônia brasileira. Possibilitar ao nativo uma leitura da constituição de seu próprio mundo, contruída pelo viajante-ideal, foi meu objetivo principal. Entretanto, reflexão e ação sobre essas configurações são decisões a serem tomadas pelo sujeito plasmado no discurso do narrador central, o leitor. Este, figurativizado no comandante, o leitor como o contramestre e o relato como o próprio barco são agora possíveis paradigmas de compreensão. É nessa relação triádica, narrador/texto/leitor (respectivamente, comandante/barco/contramestre) que pode-se buscar uma compreensão para a leitura que proponho nesse momento.

Assim, embarque nesta Odisseia tomlinsoniana, navegue nas águas continentais amazônicas e participe do discurso literário que forma **O Mar e a Selva**. Porém, lembre-se: toda viagem exige tradução - operação linguística com suas implicações político-ideológicas.

Rio Madeira, maio de 2011.

H. R. Rocha

The Sea & the Jungle

Henry Major Tomlinson

Being the narrative of the voyage of the tramp steamer *Capella* from Swansea to Para in the Brazis, and thence 2000 miles long the forests of the Amazon and Madeira Rivers to the San Antonio Falls; afterwards returning to Barbados for orders, an going by way of Jamaica to Tampa in Florida, where she loaded for home. Done in the years 1909 and 1910.

DEDICATED TO THOSE WHO DID NOT GO

**O Mar e a Selva:
relato da Viagem de Henry Major
Tomlinson ao Brasil**

Henry Major Tomlinson

Esta é a narrativa da viagem do navio *S. S Capella*, de Swansea (País de Gales), ao Pará (Brasil); e, dali, navegando 2000 milhas ao longo das florestas dos rios Amazonas e Madeira, para a Cachoeira de Santo Antônio; depois, retornando por Barbados para fazer encomendas, o navio segue pela rota da Jamaica e, de lá, para Tampa, na Flórida (EUA), onde o navio recebe carga (fosfato) e zarpa para casa. A viagem foi realizada entre o mês de dezembro de 1909 e os três primeiros meses do ano de 1910.

DEDICADO ÀQUELES QUE NÃO FORAM

PREFACE

ACCORDING to that readoutable traveler and storyteller Mr. Somerset Maugham, during the early part of the nineteenth century there were fewer amusements than there now are, one result being that readers did not mind if their fiction moved at a deliberate pace; they would accept with reluctance “a dilatory exposition and a sauntering digressiveness”. These days, however, in an age of multiple amusements, alarums and distractions, we have little patience with leisurely authors.

The Sea and the Jungle was written during the early part of our own century, and it is not fiction - excepting perhaps some infrequent embellishment - but it is decidedly dilatory and sauntering, which might explain why it is seldom read. Indeed, when I asked an erudite friend if he had read it, he replied: “Never heard of it”. I myself have known the title and the author's name for at least thirty years, but somehow never quite got around to the reading. It was just one of those books. *Clarissa*. *Harlowe*. *Typee*. *Erewhon*. *Quentin Durward*. *The Wings of the Dove*. *O Pioneers!* I could make a list of fifty such books, which would have nothing in common except that I know the titles and authors and have not quite got around to reading them.

Year after year, decade upon decade, I have felt uneasy about this. I do plan to read *Typee*, of course, and except to hack a more visible trail through Henry James' foliage - possibly next month.

PREFÁCIO

DE ACORDO com este respeitável viajante e contador de histórias, Sr. Somerset Maugham¹, na primeira parte do século 19 havia menos distração do que há agora, disso resultando que os leitores não se importavam se a ficção movia-se com certa regularidade. Com relutância aceitariam “uma exposição dilatária e uma longa digressão”. Nos dias atuais, entretanto, numa época de múltiplas diversões, alardes e distrações, temos pouca paciência com autores prolixos.

O Mar e a Selva foi escrito nos primeiros anos de nosso século, e não é ficção - exceto, talvez, algumas ornamentações infrequentes - mas é, decididamente, dilatatório e prolixo; o que pode explicar a razão por que raramente é lido. De fato, quando perguntei a um amigo erudito se ele o tinha lido, ele respondeu: “Nunca ouvi falar a respeito”. Eu mesmo conheço o título e o nome de autores acerca de pelos menos trinta anos; entretanto, seja como for, nunca consegui completar-lhes a leitura. Era exatamente como um desses livros: **Clarissa Harlowe**², **Typee**³, **Erewhon**⁴, **Quentin Durward**⁵, **The Wings of the Dove**⁶, **O Pioneers!**⁷ Eu poderia elaborar uma lista de cinquenta títulos de tais livros, que não teriam nada em comum, exceto que conheço autores e títulos e não se consegue lê-los por completo.

Ano após ano, década após década, inquietei-me com isso. Planejei ler **Typee**, é claro, e tão somente para entalhar uma pista mais visível em meio à folhagem de Henry James - possivelmente no próximo mês.

¹William Somerset Maugham (1874 -1965); romancista e dramaturgo britânico.

²**Clarissa Harlowe or the History of a Young Lady**, de Samuel Richardson (1869 - 1761).

³**Typee, or a peep at Polynesian life**, de Herman Melville (1819 - 1891).

⁴**Erewhon or Over the Range**, obra satírica do escritor inglês Samuel Butler (1835 - 1902). Publicada pela primeira vez em 1872. O título também é o nome de um país supostamente descoberto pelo protagonista. *Erewhon* é um anagrama para *Nowhere*. (Em parte alguma, ou em nenhum lugar) De fato, a obra é uma sátira à sociedade vitoriana.

⁵Romance historiográfico do escritor escocês Walter Scott (1771 - 1832). Publicado primeiramente em 1823.

⁶Obra do escritor norte-americano Henry James (1843 - 1916).

⁷Obra da escritora norte-americana Willa Cather (1873 - 1947).

In any case, *The Sea and the Jungle* would qualify for that humiliating list. Now it can be scratched, which leaves me not just nominally gratified but surprised. The reason is best explained indirectly.

One cold, drizzly, October afternoon I visited the Rijksmuseum in Amsterdam. It was stuffed with tourists, most of them shuffling like pilgrims towards Rembrandt's *Night-watch*. Well, this is a nice painting which I had seen before and wanted to see again, but not with so much company, so I descended to ground level where less exalted works find a home, and stopped to look at some Japanese ceramics - subdued, serene artifacts conceived on a modest scale. Among them was a sixteenth-century tea bowl by the potter Chojiro, fashioned under the guidance of his patron, a famous tea master named Sen-no-Rikyu. This bowl had been broken once upon a time and subsequently repaired. Now, ordinarily when we tinker with a damaged piece of goods we try to conceal or at least to minimize the damage, because that seems logical; but it is not how this bowl had been handled. Whoever undertook the restoration had a particular idea. Chojiro's bowl was not patched with clay, but with gold.

I stood for half an hour gazing at this commonplace masterpiece, impressed by such audacity, marveling at the glorious effect. Here was a treasure I had not anticipated. So it is with Tomlinson's book.

Another reason I am glad to have read *The Sea and the Jungle* - a grubby reason quite lacking spirituality - is that now I feel no obligation to explore the Amazon. Fifteen years ago I spent several days in Manaus and quickly understood that Brazilian fungus of one sort or another would gobble up anybody not born to that place. I left Manaus with distinct relief, but ever since wondered if perhaps I left too soon.

De qualquer modo, **O Mar e a Selva** daria qualidade a essa lista modesta de livros. Agora ele pode ser esboçado; o que não me deixa apenas nominalmente gratificado, mas surpreso. A razão é melhor explicada indiretamente.

Numa tarde fria e garoenta do mês de outubro, visitei o museu Rijks, em Amsterdã. Estava lotado de turistas, a maioria arrastando-se como peregrinos rumo ao quadro **A ronda noturna**, de Rembrandt⁸. Bem, esse é um quadro maravilhoso que eu tinha visto antes, mas queria vê-lo novamente, mas não na companhia de muitos; então desci para o térreo, onde obras menos exaltadas estavam expostas, e parei para olhar algumas cerâmicas japonesas - subjugados e serenos artefatos concebidos numa modesta escala. Entre elas havia uma taça de chá do ceramista Chojiro⁹, moldado sob a orientação de seu patrono, um famoso mestre de cerimônia do chá chamado Sen-no-Rkyu¹⁰. Há muito tempo atrás, essa taça tinha sido quebrada e, subsequentemente, restaurada. Hoje, geralmente, quando restauramos uma peça danificada, tentamos consertá-la ou, pelo menos, minimizar o dano causado, porque isso parece lógico; mas não foi dessa forma que a taça tinha sido manipulada. Quem quer que tenha feito a restauração teve uma ideia específica. A taça de Chojiro não tinha sido remendada com argila, mas com ouro.

Fiquei por cerca de meia hora olhando atentamente essa obra-prima comum, impressionado por tal audácia; maravilhando-me diante do efeito glorioso. Aí estava um tesouro que eu não tinha previsto. Assim é com o livro de Tomlinson.

Outra razão pela qual estou grato por ter lido **O Mar e a Selva** - uma razão injustificada e completamente sem sentido - é que agora não sinto obrigação de explorar a Amazônia. Há quinze anos, passei vários dias em Manaus e, rapidamente, compreendi que o fungo brasileiro, de um tipo ou de outro, devoraria qualquer pessoa que não tivesse nascido naquele lugar. Deixei Manaus com distinto alívio, porém, desde então, perguntei-me se, talvez, a deixei tão depressa.

⁸Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606 - 1669), pintor holandês.

⁹Mestre ceramista que utilizou a técnica de queima da cerâmica conhecida hoje como Raku.

¹⁰Sen-no Rkyu (1522 - 1591), influente figura da cerimônia do chá, de onde advém o nome Raku.

I kept thinking I should go back, give the Amazon a second chance. No longer do I think so. Tomlinson's book compeled me to remember a humid settlement beside a languid tawny river, the aerial circus of mosquitoes, preter-natural crawling specimens, suffocating heat, lethargic days, identical nights - tomorrow and tomorrow and tomorrow.

H. M. Tomlinson has been compared in certain ways to Joseph Conrad, we are told by *The Reader's Encyclopedia*, and with this book he established himself as a writer of "real literature". Mr. V. S. Pritchett, reflecting upon an early edition of *The Sea and the Jungle*, says things just as true. Yet something more should be said. The book is hilarious. Oh, Pritchett does find him "an amusing traveler" who "saw the humor of his situation". True enough. Quite right. Hear hear. But let tell you, friends, *The Sea and the Jungle* is a madhouse.

Tomlinson stuck to the back of an insane mule galloping into the forest toward an unknown destination. The river pilot Jim - "his eyes dreamy through barley juice" - who dynamited the Amazon, bringing up a dazed and furious alligator. A wild female pecary, trotting across the deck of the good ship Capella gnashing her tusks while every man on board scrambled up a ladder or vanished into a closet. Mack the monstrous parrot, "a disrupted and angry rainbow", which so horrified the ship's terrier that the dog fell over backward...

The book is packed with such business. Why Mr. Pritchett and the encyclopedia editors consider it no more than faintly diverting is a bit of a puzzle.

Tomlinson does not fumble for effects. Invariably he displays the crisp hand of a professional. On a rainy night in Swansea just before the Capella sailed he was accosted near the wharf by a drunken old salt: "His oilskins gathered the reflected street shine, so that he looked phosphorescent,

Fiquei pensando que eu deveria voltar, dar uma segunda chance à Amazônia. Não penso mais assim. O livro de Tomlinson me compele a lembrar-me de um povoado úmido, à margem de um rio trigueiro e langoroso, um enxame aéreo de mosquitos, estranhas espécies rastejantes, calor sufocante, dias letárgicos, noites idênticas - amanhã e amanhã e amanhã.

H. M. Tomlinson tem sido comparado, de certo modo, a Joseph Conrad, somos informados pelo **The Reader's Encyclopedia** e, com este livro ele estabeleceu-se como um escritor de uma “real literatura”. O Sr. V. S. Pritchett¹¹, refletindo sobre uma antiga edição de **O Mar e a Selva**, diz coisas justas e verdadeiras. Entretanto, algo mais deveria ser dito. O livro é hilariante. Ó, Pritchett de fato encontra nele um “viajante divertido” que viu “o humor de sua situação”. Suficientemente verdadeiro. Completamente certo. Bravo! Bravo! Mas deixem-me dizer-lhes, companheiros, **O Mar e a Selva** é um manicômio.

Tomlinson montou no lombro de uma mula insana galopando na floresta rumo a um destino desconhecido. O piloto de rio, Jim - “seus olhos sonhadores, devido ao sumo de cevada” que dinamitou o rio Amazonas¹², trazendo à tona um jacaré entorpecido e furioso. Um caititu, trotando no convés do navio *Capella* rangendo suas presas, enquanto cada tripulante escalava uma escada ou desaparecia dentro de um cubículo. Mack, a arara monstruosa, “um arco-íris raivoso e desgrenhado”, que tanto horrorizou o terrier do navio, que o cão caiu dentro d’água de costas....

O livro está cheio de tais episódios. Por que o Sr. Pritchett e os editores da enciclopédia consideraram isso não mais do que um débil divertimento é parte de um enigma.

Tomlinson não tateia em busca de efeitos. Invariavelmente, ele mostra a mão firme de um profissional. Numa noite chuvosa, em Swansea, exatamente antes que o *Capella* zarpassse, ele foi abordado por um velho bêbado no cais, perto de um monte de sal: “Sua capa refletia o brilho da rua de tal forma que ele parecia fosforescente;

¹¹Victor Sawdon Pritchett (1900 - 1997), escritor e crítico literário britânico.

¹²Esse episódio acontee no rio Madeira, de fato, em um de seus igapós.

an old man risen wet and shinning from the ocean. He was looking for Buenos Aires, he explained, and hadn't got any matches”.

Casually but expertly, Tomlinson will sketch a place you have no trouble recognizing, whether you have been there or not. Here is what he noted in the engine room, an incandescent dungeon crammed with riotous steel: “The massive metal waves of the shaft were walloping and plunging in their pits with an astonishing bird-like alacrity; about fifteen tons polished steel were moving with swift and somewhat awful desperation...” Each word has been thoughtfully selected, the rhythm deliberately orchestrated.

With apparent negligence he will evoke a startling figure. He met one gaunt, grizzled, dangerous individual named O'Brien, wearing a battered pith helmet and high boots laced to the knee, who had crossed the Peruvian Andes alone: “Prospecting for his illusion...he broke an arm in a fall on the mountains, set it himself, and continued. On the Rio Japurá an Indian shot an arrow through his leg, and O'Brien dropped in the long grass, breaking the arrow short each side of the limb, and in an ensuing long and watchful duel presently shot the Indian through the throat. And then, coming out on the Amazon, his canoe overturned, and the pickle jar full of gold dust was lost”.

There is page after page of that, and a bucket more, the singular creation of an obscure journalist who chucked his job at the London *Morning Leader* for the sake of this trip, and after a most extraordinary adventure went back to work in the same slot. How is it possible?

We are told that he wrote several novels, one of which earned a prize, and he wrote other travel books, but this remained his magnum opus.

um velho marinheiro saindo molhado e brilhante do oceano. Desejava zarpar para Buenos Aires, ele explicou, e não tinha nenhum palito de fósforo".

Casualmente, mas com competência, Tomlinson descreverá um lugar que não se terá nenhuma dificuldade em reconhecê-lo, caso se tenha estado lá ou não. Aí está o que ele notou na casa de máquinas do navio, uma masmorra incandescente abarrotada com aço descontrolado: "As maciças ondulações de metal dos eixos estavam girando fortemente e imergindo em suas cavidades com uma rapidez espantosa, com uma admirável alacridade de um pássaro; cerca de quinze toneladas de aço polido estavam se movimentando com rapidez e um tanto quanto com terrível desespero. A grande sala das máquinas tremia e zumbia..." Cada palavra foi selecionada atenciosamente, e o ritmo orquestrado deliberadamente.

Com aparente negligência ele evocará uma figura assustadora. Ele encontrou um indivíduo esquálido, grisalho e perigoso, de nome O'Brien, usando um capacete amassado no centro e longas botas amarradas com cadarços nos joelhos, que tinha cruzado os Andes peruanos sozinho: "Explorando sua ilusão...Ele quebrara um braço numa queda nas montanhas, cuidou de si mesmo e seguiu em frente. No rio Japurá, um indígena flechou a perna dele e O'Brien caiu na relva alta, quebrando a flecha de cada lado do membro; e, num longo duelo vigilante depois, naquele momento, deu um tiro na garganta do indígena. E, depois, descendo pelo rio Amazonas, a canoa virou, e o vaso cheio de ouro em pó se perdeu".

Há página após página desse tipo de narrativas, e muito mais, a criação singular de um jornalista desconhecido que largou seu trabalho no *Morning Leader*, em Londres, por amor à essa viagem, e depois de uma aventura extraordinária retornou para seu trabalho no mesmo local. Como isso é possível?

Sabemos que ele escreveu muitos romances, um dos quais ganhou um prêmio, e ele escreveu outros relatos de viagem, mas **O Mar e a Selva** permaneceu sua - *magnum opus* - obra-prima.

Pritchett met him twice, first in 1922: a stumpy man with a sallow face and a bulbous nose, who smoked a pipe. His ears stuck out, says Pritchett. The man's ears were large, he was deaf, and he wore a bowler. The second time they met was at the newspaper office in 1958. Tomlinson had not much changed. He still wore his bowler and he looked like a retired foreman who had come back to visit the shop. It is hard to match that proletarian figure with this felicitous book, but as somebody once remarked, behind the forehead of every man lies a world of streaming shadows.

There may be no more perceptive critique of *The Sea and the Jungle* than that offered by Tomlinson himself when alluding to *South Atlantic Sailing Directions*, his favorite reading matter in the *Capella's* chart-room: "I do not think this noble volume is included in the best hundred books, but I know it can release the mind from the body".

Evan S. Connell

Pritchett encontrou-se com Tomlinson duas vezes; a primeira vez foi em 1922: um homem atarracado com um rosto pálido e um nariz bulboso, que fumava um cachimbo. Suas orelhas se destacavam, diz Pritchett. As orelhas do homem eram grandes; ele estava surdo, e usava um chapéu de feltro. A segunda vez que eles se encontraram foi no escritório do jornal, em 1958. Tomlinson não havia mudado muito. Ele ainda usava seu chapéu de feltro e parecia com um mestre aposentado que tinha voltado para visitar o escritório. É difícil fazer a combinação dessa figura proletária com seu feliz livro, mas, como alguém observou uma vez, por trás da fronte de todo homem jaz um mundo de sombras de águas correntes.

Não deve haver uma crítica mais perspicaz para **O Mar e a Selva** do que a oferecida pelo próprio Tomlinson, quando aludindo ao **Diretório de Navegações do Atlântico Sul**, sua leitura favorita na sala de cartas náuticas do navio *Capella*. “Não acho que esse volume nobre esteja incluído entre os cem melhores livros, mas sei que ele pode libertar a mente do corpo”.

Evan S. Conell¹³

¹³Evan Shelby Connell (1924 -), escritor de contos, poeta e romancista norte-americano.

O MAR E A SELVA:
relato da viagem de Henry Major
Tomlinson ao Brasil

Tradução de Hélio Rodrigues da Rocha

CHAPTER I

THOUGH it is easier, and perhaps far better, not to begin at all, yet if a beginning is made it is there that most care is needed. Everything is inherent in the genesis. So I have to record the simple genesis of this affair as a winter morning after rain. There was more rain to come. The sky was waterlogged and the grey ceiling, overstrained, had sagged and dropped to the level of the chimneys. If one of them had pierced it! The danger was imminent.

That day was but a thin solution of night. You know those November mornings with a low, corpse-white east where the sunrise should be, as though the day were still-born. Looking to the dayspring, there is what we have waited for, there the end of our hope, prone and shrouded. This morning of mine was such a morning. The world was very quiet, as though it were exhausted after tears. Beneath a broken gutterspout the rain (all the night had I listened to its monody) had discovered a nest of pebbles in the path of my garden in a London suburb. It occurs to you at once that a London garden, especially in winter, should have no place in a narrative which tells of the sea and the jungle. But it has much to do with it. It is part of the heredity of this book. It is the essence of this adventure of mine that it began on the kind of day which so commonly occurs for both of us in the year's assortment of days. My garden, on such a morning, is a necessary feature of the narrative, and much as I should like to skip it and get to sea, yet things must be taken in the proper order, and the garden comes

CAPÍTULO 1

AINDA que seja mais fácil e, talvez, muito melhor não começar de modo algum, mas se um começo é feito, é aí que é preciso o máximo de cuidado. Tudo é inerente à gênese¹. Assim, tenho que registrar a simples gênese desse acontecimento como uma manhã de inverno depois da chuva. Ainda havia mais chuva por vir. O céu estava encharcado e, o firmamento cinzento, superdistendido, tinha cedido e descia ao nível das chaminés. Se uma delas o tivesse perfurado! O perigo era iminente.

Esse dia era apenas uma solução malsucedida da noite. Se conhece essas manhãs de novembro, com um oriente baixo, de uma palidez cadavérica, onde o romper da aurora parece como se o dia tivesse natimorto. Olhando para a aurora, há o que temos aguardado, o fim de nossa esperança, propensa e encoberta. Assim era essa minha manhã. O mundo estava muito tranquilo, como se estivesse exausto depois de tantas lágrimas. Debaixo de uma calha quebrada, a chuva (durante a noite toda eu ouvi sua monodia) tinha descoberto um ninho de pedrinhas coloridas na trilha do meu jardim, em um subúrbio de Londres. Imediatamente, ocorre que, um jardim, em Londres, especialmente no inverno, não deveria ter lugar em uma narrativa que fala do mar e da selva. Porém, ele tem muito a ver com isso. Ele é parte da hereditariedade deste livro². É a essência dessa minha aventura, que começou em um tipo de dia que tão comumente nos acontece na variedade de dias do ano. Meu jardim, em tal manhã, é parte necessária desta narrativa e eu gostaria muito de saltá-lo e chegar ao mar; entretanto, as coisas devem ser apreendidas na ordem certa, e o jardim vem

1O narrador estabelece, logo de início, relação de intertextualidade com as ideias platônicas acerca do início determinando o fim. É um momento muito importante do relato, porque ele põe em evidência o próprio processo da Criação, que deve conduzi-lo à formação de um discurso grandioso. Ver, a propósito, **República**, de Platão e **Do sublime**, de Longino.

2A imagem do jardim está associada intrinsecamente à do naturalista, que deseja nada mais do que algumas horas com as plantas, as flores e os insetos e, de preferência, em outro país. Certamente, Tomlinson está imbuído desse espírito convencional de relatos de naturalistas como Henry Walter Bates (1825 - 1892), autor de **Um naturalista no rio Amazonas**. (Ver nota 6). Tomlinson diz no capítulo 3 de seu relato: “Não me admiro que Bates tenha permanecido tanto tempo nesta terra [Amazônia]; é o Campos Elísios para o entomologista”. Elísio é, nos infernos pagãos, a morada das almas virtuosas, enquanto o Tártaro o é das almas dos homens maus.

first. There it was: the blackened dahlias, the last to fall, prone in the field where death had got all things under his feet. My pleasure was a dark area of soddened relics; the battalions of June were slain, and their body in the mud. That was the prospect in life I had. How was I to know the Skipper had returned from the tropics? Standing in the central mud, which also was black, surveying that forlorn end to devoted human effort, what was there to tell me the Skipper had brought back his tramp steamer from the lands under the sun? I knew of nothing to look forward to but December, with January to follow. What should you and I expect after November, but the next month of winter? Should the cultivators of London backs look for adventures, even though they have read old Hakluyt? What are the Americas to us, the Amazon and the Orenoco, Barbadoes and Panama, and Port Royal, but tales that are told? We have never been nearer to them, and now know we shall never be nearer to them, than that hill in our neighbourhood, which gives us a broad prospect of the sunset. There is as near as we can approach. Thither we go and ascend of an evening, like Moses, except for our pipe. It is all the escape vouchsafed us. Did we ever know the chain to give? The chain has a certain length - we know it to a link - to that ultimate link, the possibilities of which we never strain.

em primeiro lugar. Ali estavam as adálias escuras, as últimas a cair, propensas no campo onde a morte tinha todas as coisas debaixo dos pés. Minha parte predileta do jardim era uma área sombria de ruínas encharcadas; os batalhões de junho tinham sido mortos, e seus caules e galhos estavam na lama. Essa era a perspectiva que eu tinha na vida. Como eu ia saber que o capitão tinha retornado dos trópicos? Permanecendo na lama central, que também era sombria, examinando aquele fim lastimável devotado ao esforço humano, que estava ali para avisar-me que o capitão tinha trazido seu navio de volta das terras sob o sol? Eu não tinha nada para esperar com prazer, a não ser o mês de dezembro, com janeiro em seguida. O que você e eu deveríamos aguardar depois de novembro, senão o próximo mês de inverno? Os cultivadores dos subúrbios de Londres deveriam procurar aventuras, mesmo que tivessem lido o velho Hakluyt?³ O que são as Américas, o Amazonas e o Orenoco, Barbados, Panamá e Port Royal⁴, senão histórias que nos são contadas? Nunca estivemos tão perto desses lugares; e agora sabemos que nunca estaremos mais perto deles do que dessa colina em nossa vizinhança, que nos dá uma ampla perspectiva do pôr do sol. Ali está, tão perto que podemos nos aproximar. Sigamos nessa direção e ascendamos de uma noite, como Moisés⁵, com exceção de nosso cachimbo. É a única alternativa segura. Sempre soubemos a amarra a dar? A amarra tem certa extensão - sabemos que para um elo - para aquele elo definitivo, as possibilidades para as quais nunca nos esforçamos.

3Richard Hakluyt (1552 - 1616), escritor inglês; geógrafo, tradutor e grande incentivador da expansão do Império Britânico. Foi influenciado por seu primo que tinha o mesmo nome que o seu. Tomlinson, no ensaio “Exploração”, incluso no livro **Out of Sounding** (1931), afirma que Hakluyt, influenciado pelo discurso do primo, decide seguir a carreira de viajante-escritor. Suas principais obras são: **Divers Voyages Touching the Discoveries of America** (Londres - 1582) e **The Principal Navigations, Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation** (Londres - 1600).

4Port Royal era o centro de navegação e de comércio na Jamaica; no século XVII ganhou a fama de “cidade mais rica” do mundo.

5Alusão à subida de Moisés no monte Sinai, onde escreveu as tábuas das leis e dos dez mandamentos, daí ser Moisés considerado o Legislador dos Judeus. Assim, segundo a Bíblia, “tendo Moisés subido, uma nuvem cobriu o monte, e a glória do Senhor pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; ao sétimo dia, do meio da nuvem chamou a Moisés e este, entrando pelo meio da nuvem, subiu ao monte; e lá permaneceu quarenta dias e quarenta noites”. Depreende-se, dessa chave discursiva, que o narrador convida o leitor a lançar-se junto com ele aos pensamentos elevados. Ou seja, sair da superfície plana para uma de relevos.

The mean range of our chain, the office and the polling booth. What a radius! Yet it cannot prevent us ascending that hill which looks, with uplifted and shining brow, to the far vague country whence comes the last of the light, at dayfall.

It is necessary for you to learn that on my way to catch the 8.35 that morning - it is always the 8.35 - there came to me no premonition of change. No portent was in the sky but the grey wrack. I saw the hale and dominant gentleman, as usual, who arrives at the station in a brougham drawn by two grey horses. He looked as proud and arrogant as ever, for his face is as a bull's. He had the usual bunch of scarlet geraniums in his coat, and the stationmaster assisted him into an apartment, and his footman handed him a rug; a routine as stable as the hills, this. If only the solemn footman would, one morning, as solemnly as ever, hurl that rug at his master, with the umbrella to crash after it! One could begin to hope then. There was the pale girl in black who never, between our suburb and the city, lifts her shy brown eyes, benedictory as they are at such a time, from the soiled book of the local public library, and whose umbrella has lost half its handle, a china nob. (I think I will write this book for her.) And there were all the others who catch that train, except the young fellow with the cough. Now and then he does miss it, using for the purpose, I have no doubt, that only form of rebellion against its accursed tyranny which we have yet learned, physical inability to catch it. Where that morning train starts from is a mystery; but it never fails to come for us, and it never takes us beyond the city, I well know.

I have a clear memory of the newspapers as they were that morning. I had a sheaf of them, for it is my melancholy business to know what each is saying. I learned there were dark and portentous matters, not actually with us, but looming, each already rather larger than a man's hand.

O principal alcance de nossa amarra: o escritório e a cabine de votação. Que coisa! Todavia, não pode evitar que subamos essa colina, que olha com sobranceiras brilhantes erguidas rumo a uma região pouco conhecida, de onde vem a última gota de luz ao entardecer.

É preciso dizer-lhe que, no caminho para pegar o trem das 8:35 daquela manhã - é sempre o trem das 8:35 - não me veio nenhum pressentimento de mudança. Nenhum presságio no céu, apenas o sinal de ruína. Como de costume, vi o cavaleiro robusto e preponderante, que chega à estação numa carruagem conduzida por dois cavalos cinza. Parecia tão orgulhoso e arrogante como sempre, pois seu rosto é como o de um touro. Ele usava o costumeiro cacho de gerânio escarlate em seu casaco; e o chefe da estação o conduziu a um edifício de apartamentos, e seu porteiro estendeu um tapete; uma rotina tão estável quanto as colinas, esta. Se, numa manhã, para quebrar a rotina, o solene porteiro, tão solenemente como sempre, estendesse o tapete para seu mestre com um guarda-chuva junto! Podia-se começar a ter esperança então. Havia a garota pálida, vestida de preto que, entre nosso subúrbio e a cidade, nunca levanta seus tímidos olhos castanhos, benévolos como são em tais momentos, do livro manchado da biblioteca pública local, e cujo guarda-chuva perdeu a metade do cabo de porcelana nobre. (Acho que vou escrever este livro para ela). E havia todos aqueles outros que pegam esse trem, exceto o jovem com tosse. Ele o perde de vez em quando, usando para esse objetivo, não tenho dúvida, aquela mesma forma de rebelião contra sua odiada tirania, que já sabemos, a inabilidade física para pegá-lo. De onde esse trem sai é um mistério; mas ele nunca deixa de vir nos pegar; e nunca nos leva para além da cidade, eu bem sei.

Tenho uma lembrança muito nítida do que diziam os jornais daquela manhã. Eu tinha um maço deles comigo, porque meu negócio melancólico é saber o que cada um está dizendo. Soube que havia problemas difíceis e ameaçadores, não de fato conosco, mas surgindo gradualmente, cada um já um pouco maior do que a mão de um homem.

If certain things happened, said one half the papers, ruin stared us in the face. If those things did not happen, said the other half, ruin stared us in the face. No way appeared out of it. You paid your half-penny and were damned either way. If you paid a penny you got more for your money. Boding gloom, full-orbed, could be had for that. There was your extra value for you. I looked round at my fellow passengers, all reading the same papers, and all, it could be reasonably presumed, with foreknowledge of catastrophe. They were indifferent, every one of them. I suppose we have learned, with some bitterness, that nothing ever happens but private failure and tragedy, unregarded by our fellows except with pity. The blare of the political megaphones, and the sustained panic of the party tom-toms, have a message for us, we may suppose. We may be sure the noise means something. So does the butcher's boy when the sheep want to go up a side turning. He makes a noise. He means something, with his warning cries. The driving uproar has a purpose. But we have found out (not they who would break up side turnings, but the people in the second class carriages of the morning train) that now, though our first instinct is to start in a panic, when we hear another sudden warning shout, there is no need to do so. And perhaps, having attained to that more callous mind which allows us to stare dully from the carriage window though with that urgent din in our ears, a reasonable explanation of the increasing excitement and flushed anxiety of the great Statesmen and their fagboys may occur to us, in a generation or two. Give us time!

Se certas coisas acontecessem, dizia a metade dos jornais, nos arruinariam diretamente. Se essas coisas não acontecessem, dizia a outra metade, nos arruinariam também. Não havia saída. Pagava-se meio tostão e se danava de qualquer jeito. Se você pagasse um centavo, faria mais pelo seu dinheiro. Desalento agourento, astral ruim, podia ser por isso. Havia o seu valor extra por você. Olhei em volta para meus companheiros de viagem; todos lendo os mesmos jornais, e todos, podia-se razoavelmente presumir, com previsões de catástrofe⁶. Todos os passageiros estavam indiferentes; cada um deles. Suponho que tenhamos aprendido com alguma amargura, que nada acontece continuamente, senão fracasso particular e tragédia, que seja desconsiderado por nossos companheiros, exceto por pena. O barulho dos megafones políticos e o pânico contínuo da festa dos tambores têm uma mensagem para nós, pode-se supor. Pode-se ter certeza de que o barulho significa alguma coisa. É assim que age o rapaz do açougue, quando o indivíduo submisso quer ir para o outro lado. Ele começa uma gritaria. Ele quer dizer alguma coisa com seus gritos de alerta. O tumulto dirigido tem um propósito. Mas descobrimos (não os que virariam para o lado contrário, mas as pessoas da segunda classe do trem matinal) que agora não é preciso que se faça isso, apesar de nosso primeiro instinto ser entrar em pânico, quando ouvimos outro grito inesperado de alerta. E, talvez, tendo alcançado aquela mente mais insensível, que nos permite olhar devidamente da janela do trem, com aquele ruído em nossos ouvidos, uma explanação razoável do excitante aumento e súbita ansiedade dos grandes estadistas e seus porta-vozes possa acontecer para nós, em uma geração ou duas. Dê-nos um tempo!

⁶A catástrofe de que fala o narrador é a Grande Crise, a qual ele se refirará mais adiante. Ou seja, a tensão e rivalidade entre os governos das grandes potências europeias - Alemanha, Inglaterra e França - descritas nos jornais londrinos. Essa tensão resultava de disputas territoriais e por mercados, tanto na Europa quanto fora dela. Esse clima de rivalidade deu origem à chamada paz armada: diante do risco de guerra, as potências iniciaram uma corrida armamentista, fortaleceram seus exércitos e firmaram tratados de alinças entre si. A Europa, em 1907, dividiu-se em dois grandes blocos: Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria, Itália) e Tríplice Entente (Inglaterra, França, Rússia). A Grande Crise a que se refere o narrador, portanto, além de culminar com a I Guerra Mundial (1914 - 1917), é a crise do próprio eu-narrador que, a qualquer preço, necessita libertar-se da prisão do cotidiano londrino para poder constituir-se como um novo ego. Seu espírito o impulsiona a buscar grandes momentos para preencher-lhe a lacuna, que é sua alma.

But how they wish they were out of it, they who need no more time, but understand.

I put down the papers with their calls to social righteousness pitched in the upper register of the tea-tray, their bright and instructive interviews with flat earthers, and with the veteran who is topically interesting because, having served one master fifty years, and reared thirteen children on fifteen shillings a week, he has just begun to draw his old age pension. (There's industry, thrift, and success, my little dears!) One paper had a column account of the youngest child actress in London, her toys and her philosophy, initialed by one of our younger brilliant journalists. All had a society divorce case, with sanitary elisions. Another contained an amusing account of a man working his way round the world with a barrel on his head. Again, the young prince, we were credibly informed in all the papers of that morning, did stop to look in at a toy-shop window in Regent Street the previous afternoon. So like a boy, you know, and yet he is a prince of course. The matter could not be doubted. The report was carefully illustrated. The prince stood on his feet outside the toy shop, and looked in.

Mas como eles desejam estar fora disso, eles que não precisam de mais tempo, a não ser não ser compreender!

Coloquei os jornais com seus apelos para a honestidade social dispostos na parte superior da bandeja de chá, com suas entrevistas brilhantes e instrutivas com questões irrelevantes; e com o veterano, que é muito interessante, porque tendo servido a um patrão durante cinquenta anos, e educado treze crianças com apenas quinze xelins por semana, acaba de começar a conceber sua aposentadoria por velhice. (Há indústria, economia e sucesso, meus caros!) Um dos jornais tinha uma coluna do relato da mais jovem atriz mirim de Londres, seus brinquedos e sua filosofia, assinada por um dos nossos mais jovens e brilhantes jornalistas. Todos os jornais apresentavam a sociedade com casos de divórcio, com elisões profiláticas. Outro jornal trazia a divertida história de um homem garantindo seu lugar no mundo com um barril na cabeça⁷. De novo, éramos confiantemente informados, em todos os jornais daquela manhã, que o jovem príncipe, de fato parou na Regent Street, na tarde anterior, para visitar a vitrine de uma loja de brinquedos. Assim como um garoto qualquer, você sabe, e, entretanto, ele é um príncipe, é claro. Não se podia duvidar desse fato. A notícia estava ilustrada cuidadosamente. O príncipe de pé do lado de fora; depois dentro da loja de brinquedos.

⁷Provável alusão a Diógenes de Sínope (413 - 327 a. C), origem de muitas histórias de sabedoria e humor. Uma delas conta que ele morava em um barril. Diógenes é conhecido como o “Sócrates demente,” ou “Sócrates louco”, pois questionava os valores e as convenções sociais e procurava viver estritamente conforme os princípios que considerava moralmente corretos. “Zombavam de Diógenes. Além de morar num barril, volta e meia era visto pedindo esmolas às estátuas. Cegas por serem estátuas, eram duplamente cegas porque não tinham olhos - uma das características da estatuária grega. [...]. Perguntaram a Diógenes por que pedia esmolas às estátuas inanimadas, de olhos vazios. Ele respondia que estava se habituando à recusa. Pedindo a quem não o via nem o sentia, ele nem ficava aborrecido pelo fato de não ser atendido. É mais ou menos uma imagem que pode ser usada para definir as relações entre a sociedade e o poder. Tal como as estátuas gregas, o poder tem os olhos vazados, só olha para dentro de si mesmo, de seus interesses de continuidade e de mais poder. A sociedade, em linhas gerais, não chega a morar num barril. Uma pequena minoria mora em coisa mais substancial. A maioria mora em espaços um pouco maiores que um barril. E há gente que nem consegue um barril para morar, fica mesmo embaixo da ponte ou por cima das calçadas. Morando em coisa melhor, igual ou pior do que um barril, a sociedade tem necessidade de pedir não exatamente esmolas ao poder, mas medidas de segurança, emprego, saúde e educação. Dispõe de vários canais para isso, mas, na etapa final, todos se resumem numa estátua fria, de olhos que nem estão fechados, estão vazios. [...]. **O barril e a esmola**, texto de Carlos Heitor Cony. Folha de S. Paulo, 05/01/ 2000.

To think of the future as a modestly long series of such prone mornings, dawns unlit by heaven's light, new days to which we should be awakened always by these clamant cockcrows bringing to our notice what the busyness of our fellows had accomplished in nests of intelligent and fruitful china eggs, was enough to make one stand up in the carriage, horrified, and pull the communication cord. So I put down the papers and turned to the landscape. Had I known the Skipper was back from below the horizon - but I did not know. So I must go on to explain that that morning train did stop, with its unfailing regularity, and not the least hint of reprieve, at the place appointed in the Schedule. Soon I was at work, showing, I hope, the right eager and concentrated eye, dutifully and busily climbing the revolving wheel like the squirrel; except, unluckier than that wild thing so far as I know, I was clearly conscious, whatever the speed, the wheel remained forever in the same place. Looking up to sigh through the bars after a long spin there was the Skipper smiling at me.

I saw an open door. I got out. It was as though the world had been suddenly lighted, and I could see a great distance.

We stood in Fleet Street later, interrupting the tide. The noise of the traffic came to me from afar, for the sailor was telling me he was sailing soon, and that he was taking his vessel an experimental voyage through the tropical forests of the Amazon. He was going to Para, and thence up the main stream as far as Manaos, and would then attempt to reach a point on the Madeira river near Bolivia,

Pensar no futuro como uma série modestamente longa de semelhantes manhãs, madrugadas não iluminadas pela luz do céu, novos dias para os quais deveríamos ficar sempre assustados com esses alarmantes cantos de galo, trazendo a informação de que o negócio de nossos companheiros fora realizado em ninhos de inteligentes e frutíferos ovos de porcelana, era suficiente para fazer com que alguém se levantasse horrorizado, do vagão do trem, e puxasse a corda da campainha. Então larguei os jornais e olhei para a paisagem. Tinha ouvido dizer que o capitão⁸ tinha voltado de debaixo do horizonte - mas eu não sabia. Assim, devo seguir adiante para explicar que aquele trem matutino parou, com sua regularidade infalível e sem o mínimo indício de atraso, no local indicado no quadro de horário. Logo eu estava no trabalho, mostrando, eu espero, o entusiasmo certo e o olhar concentrado, obrigatoriamente e atarefadamente escalando a roda giratória como o esquilo;⁹ exceto, mais sem sorte do que aquela coisa selvagem, tão distante quanto eu sei, eu estava muito consciente de que qualquer que fosse a velocidade, a roda permaneceria para sempre no mesmo lugar. Depois de um longo giro, procurando suspirar por entre as grades, eis que ali estava o capitão, sorrindo para mim.

Vi uma porta aberta. Saí. Era como se o mundo tivesse sido rapidamente iluminado, e eu pudesse ver a uma grande distância.

Ficamos na Fleet Street até tarde, interrompendo o fluxo. O barulho do tráfego vinha até mim de longe, porque o marinheiro estava me dizendo que viajaria em breve, e que seu navio faria uma viagem experimental nas florestas tropicais do rio Amazonas. Ele estava indo para o Pará e de lá subiria o rio principal até Manaus, e depois tentaria alcançar um ponto no rio Madeira próximo à Bolívia,

⁸No final de 1908 e início de 1909, o navio *S. S England* (no relato o navio recebe o nome fictício de *Capella*), capitaneado por William Reath Bennettt, havia feito sua primeira viagem ao Brasil. É a esse retorno dos trópicos e a esse capitão que o narador se refere.

⁹O narrador usa a imagem do esquilo para criticar as ações repetitivas do homem, que continua desfigurando o planeta num esforço contínuo para torná-lo frutífero, prática tão antiga quanto o próprio homem. No já citado ensaio “Exploração”, H. M. Tomlinson afirma que, “mesmo quando uma dúvida sobre nosso progresso começa a nos perturbar, hábitos antigos nos impelem à consideração da conversão da beleza dentro ainda da fome e da fumaça.”

800 miles above its junction with the greater river. It would be a noble journey. They would see Obydos and Santarem, and the foliage would brush their rigging at times, so narrow would be the way, and where they anchored at night the jaguars would come to drink. This to me, and I have read Humboldt, and Bates, and Spruce, and Wallace. As I listened my pipe went out.

It was when we were parting that the sailor, who is used to far horizons and habitually deals with affairs in a large way because his standards in his own business are the skyline and the meridian, put to me the most searching question I have had to answer since the city first caught and caged me.

He put it casually when he was striking a match for a cigar, so little did he himself think of it. "Then, why" he said, "don't you chuck it?"

What, escape? I had never thought of that. It is the last solution which would have occurred to me concerning the problem of captivity. It is a credit to you and to me that we do not think of our chains so disrespectfully as to regard them as anything but necessary and indispensable, though sometimes, sore and irritated, we may bite at them. As if servitude fell to our portion like squints, parents poor in spirit, green fly, reverence for our social superiors, and the other consignments from the stars. How should we live if not in bonds? I have never tried. I do not remember, in all the even and respectable history of my family, that it has ever been tried. The habit of obedience, like our family habit of noses, is bred in the bone. The most we have ever done is to shake our fists at destiny; and I have done most of that.

800 milhas acima de sua união com o rio maior. Seria uma nobre jornada. Eles veriam Óbidos e Santarém, e a folhagem esfregaria o cordame do navio, tão estreita seria a passagem; e, onde eles ancorassem à noite, as onças viriam beber água. Tudo isso para mim, que tinha lido Humboldt, Bates, Spruce e Wallace!¹⁰ Enquanto eu o ouvia, meu cachimbo apagou.

Foi quando estávamos nos despedindo que o marinheiro, que está acostumado a horizontes longínquos e comumente lida com acontecimentos de muitas maneiras, porque suas normas em seu próprio negócio são a linha do horizonte e o meridiano, me fez a pergunta mais intrigante que eu tive que responder, desde que a cidade primeiramente me pegou e me aprisionou.

Ele a fez casualmente, enquanto riscava um palito de fósforo para acender seu charuto, tão simples achava a questão. "Então por que você não cai fora?"

O quê, escapar? Nunca tinha pensado nisso. É a última solução que teria me ocorrido com relação ao problema do cativo. É um crédito para você e para mim, que não pensamos em nossas amarras tão desrespeitosamente, assim como para considerá-las como tudo, menos necessárias e indispensáveis, embora, algumas vezes, tristes e irritados, possamos arrebatá-las. Como se a servidão incorresse de nossa parte como tendência, pais pobres de espírito, mosca verde, reverência a nossos superiores e a outros enviados das estrelas. Como poderíamos viver, senão com vínculos? Eu nunca tentei. Não lembro, mesmo em toda a justa e respeitável história da minha família, que isso já tenha sido tentado. O hábito da obediência, como os narizes característicos da nossa família, está enraizado no osso. O máximo que já fizemos foi agitar nossos punhos contra o destino; e tenho feito no máximo isso.

¹⁰Alexander von Humboldt (1769 - 1859), Henry Walter Bates (1825 - 1892), Richard Spruce (1817 - 1893) e Alfred Russel Wallace (1823 - 1913) são naturalistas que viajaram pela América do Sul, especificamente pela Amazônia brasileira e produziram importantes documentos literários.

"Give it up," said the Skipper, "and come with me."

With a sad smile I lifted my foot heavily and showed him what had me round the ankle. "Poo," he said. "You could berth with the second mate. There's room there. I could sign you on as purser. You come."

I stared at him. The fellow meant it. I laughed at him.

"What," I asked conclusively, "shall I do about all this?" I waved my arm round Fleet Street, source of all the light I know, giver of my gift of income tax, limit of my perspective. How should I live when withdrawn from the smell of its ink, the urge of its machinery?

"*That*," he said. "Oh, damn that!"

It was his light tone which staggered me and not what he said. The sailor's manner was that of one who would be annoyed if I treated him like a practical man, arranging miles of petty considerations and exceptions before him, arguing for hours along rows of trifles, and hoping the harvest of difficulties of no consequence at the end of the argument would convince him. Indeed I know he is always impatient for the next step in any business, and not, like most of us, for more careful consideration.

"Look there," said the sailor, pointing to Ludgate Circus, "see that Putney 'bus? If it takes up two more passengers before it passes this spot then you've got to come."

That made the difficulty much clearer. I agreed. The 'bus struggled off, and a man with a bag ran at it and boarded it. One! Then it had a clear run - it almost reached us - in another two seconds! - I began to breathe more easily; the danger of liberty was almost gone. Then the sailor jumped for the 'bus before it was quite level, and as he mounted the steps, turned, and held up two fingers with a grin.

"Liberte-se disso e venha comigo" - disse o capitão.

Com um sorriso triste, levantei meu pé pesadamente e mostrei-lhe o que me prendia ali. "Puxa! Você podia dividir o camarote com o segundo-oficial. Há uma vaga lá. Posso te contratar como um dos comissários de bordo. Você vai comigo" - ele disse.

Eu o olhei fixamente. O rapaz falava sério. Ri dele.

"O que vou fazer com tudo isso?" - perguntei em conclusão. E apontei para a Fleet Street¹¹, fonte de toda luz que conheço, provedora do meu prêmio de imposto de renda, limite de minha perspectiva. "Como eu poderia sobreviver quando retirado do cheiro de sua tinta e do ímpeto de sua maquinaria?"

"Isso? Ah, dane-se isso!" - disse ele.

Foi seu tom de voz suave que me deixou confuso, e não o que ele me disse. A maneira do marinheiro era como a de alguém que se chatearia se eu o tratasse como um homem prático, arranjando milhares de considerações mesquinhas e exceções diante dele; argumentando por horas, listas de desculpas, e esperando que a colheita das dificuldades de nenhuma consequência no final do argumento o convencesse. Na verdade, sei que ele está sempre impaciente pelo próximo passo em qualquer negócio, e não, como muitos de nós, por uma consideração mais cuidadosa.

"Olhe ali, você está vendo aquele ônibus do distrito de Putney? Se mais dois passageiros embarcarem no ônibus antes dele passar neste ponto, então você deve zarpar comigo" - disse o marinheiro apontando para o Ludgate Circus.

Isso tornou a dificuldade muito mais clara. Eu concordei. O ônibus de Putney parou e um homem, com uma sacola, correu e embarcou. Um! Depois o ônibus fez uma corrida rápida e - quase nos alcançou - em outros dois segundos! - comecei a respirar mais facilmente; o perigo de liberdade quase se fora. Então o marinheiro saltou no ônibus antes que estivesse parado totalmente e, quando subiu os degraus, virou-se e levantou dois dedos e um sorriso.

¹¹Uma das ruas centrais de Londres; o *Morning Leader*, jornal em que H. M. Tomlinson trabalhava, quando fez a viagem aos trópicos amazônicos, ficava nessa rua.

Thus was a voyage of great moment and adventure settled for me.

When I got home that night I referred to the authorities for the way to begin an enterprise on the deep. What said Hakluyt? According to him it is as easy as this: "Master John Hawkins, with the *Jesus* of Lubeck, a ship of 700 tunnes, and the *Solomon*, a ship of seven score, the *Tiger*, a barke of 50, and the *Swallow* of 30 Tunnes, being all well furnished with men to the number of one hundred threescore and ten; as also with ordnance and vituall requisite for such a voyage, departed out of Plinmouth the 18 day of October in the yeere of our Lord 1564, with a prosperous wind."

But we all know such things were done far better in that century. Yet Master John Hawkins, who seems to have handled a fleet with greater facility than I do this pen now I am so anxious to scratch it across preliminaries and get it to sea, did not come to a decision by the number of passengers on a Putney 'bus. So I turned to a modern authority. Yet Bates, I found, is worse than old John Hawkins, Bates actually arrives at his destination in the first sentence. He steps across in thirty-eight words from England to the Amazon. "I embarked at Liverpool with Mr. Wallace, in a small trading vessel, on the 26th day of April 1848; and, after a swift passage from the Irish Channel to the equator arrived on the 26th of May off Salinas."

Well, I did not. I say it is a gross deception. Voyaging does not get accomplished in that off-hand fashion. It is a mockery to captives like ourselves to pretend bondage is puffed away in that airy manner. It is not so easily persuaded to disencumber us. Indeed, with this and that, I found the initial step in the pursuit of the sunset red a heavy weight, and hardly suited to the constitution of men who have worked into a deep run;

E assim uma viagem de grandes momentos e aventuras estava decidida para mim.

Quando cheguei em casa naquela noite, recorri às autoridades à procura de recomendações sobre o início de um empreendimento no mar. O que dizia Hakluyt? De acordo com ele é tão fácil como isso: “Capitão John Hawkins¹², com o *Jesus de Lubeck*, um navio de 700 toneladas, e o *Salomão*, um navio de sete toneladas; o *Tigre*, um barco de 50, e o *Andorinha*, de 30 toneladas, estando todos bem equipados com homens com um número de mais de cem; como também com regulamento e demais exigências para uma viagem semelhante, partiu de Plymouth a 18 de outubro, de 1564, do ano de nosso Senhor Jesus Cristo, com um vento próspero”.

Mas todos nós sabemos que tais coisas eram feitas muito melhor naquele século. Entretanto, o capitão John Hawkins - que parece ter lidado com uma frota com maior facilidade do que eu lido com esta caneta agora, pois estou muito ansioso para rabiscar a viagem através de preliminares e ir para o mar - não decidiu pelo número de passageiros numa parada de ônibus do Putney. E então dirigi-me a uma autoridade moderna. Todavia, descobri que Bates é pior do que o velho John Hawkins; Bates realmente chega ao seu destino na primeira sentença. Ele atravessa da Inglaterra à Amazônia, com trinta e oito palavras. “Embarquei em Liverpool com o senhor Wallace, em um pequeno navio comerciante, no dia 26 de abril de 1848; e, depois de um rápido trecho do Canal Irlandês ao Equador, chegamos a Salinas¹³ no dia 26 de maio”.

Bem, eu não sabia. Acho que é um logro total. A viagem não é mais realizada dessa maneira improvisada. É um escárnio, para escravos como nós, fingir que a escravidão seja abolida dessa maneira arejada. Não é tão fácil nos desvencilharmos dela. Na verdade, com isso e aquilo, descobri, no passo inicial na busca do pôr do sol vermelho, um peso enorme e dificilmente ajustado à constituição de homens que têm trabalhado numa corrida no mar;

¹²Trata-se de John Hawkins (1532 - 1595), construtor naval, navegante e comerciante de escravos. Em 1564, a rainha Elizabeth I, aluga-lhe o *Jesus de Lubeck*, juntamente com os demais navios citados, e ele zarpa de Plymouth rumo à África, em busca de escravos. Sua viagem obteve sucesso. Ver **Sir John Hawkins, Slave Queen Elizabeth Trader**. Kelsey, Harrey. Yale University Press, 2003.

¹³Cidade litorânea do Estado do Pará, Brasil.

but that high resolution and a faith equal to belief in the liquefaction of St. Januarius' blood are needed to drop the protective routine of years, to sheer off the dear and warm entanglements of home and friendships; to shut the front door one bleak winter evening when the house smells comfortable and secure, and the light on the hearth, under such circumstances, is ironic in its bright revelation of years of ease and stability till then not fully appraised; and so depart in the dusk for an unknown Welsh coaling port, there to board a tramp steamer for a voyage that has some serious doubts about it, though its landfall shall be near the line, and have palms in it. The door slammed, I noticed, in a chill and penetrating minor, an incident of travel I have never seen recorded.

Now do I come at last, O Liberty, my loved and secret divinity! Your passionate pilgrim is here, late, though still young and eager eyed; yet with his coat collar up-turned for the present. Allons! the Open Road is before him. But how the broad and empty prospects of his freedom shudder with the dire sounds and cries of the milk churns on Paddington Station!

And next I remember black night - it was, I think, about three a.m. - and a calamitous rain, and a Welsh railway station where I had alighted, faint with a famine, a kit bag soon to increase in weight and drag, and a pair of numbed feet. There was a porter who bore himself as though it were the last day and he knew the worst, a dying station light, the wind and rain, and me. Outside was the dark, and one of the greatest coaling ports in the world. As I could not see the coal in great bulk I could not admire it. The railway man turned out the light, conducted me politely into a puddle, set my course for the docks in uncharted night with a dexter having no convictions, and left me.

mas aquela determinação elevada e uma fé igual para crer na liquefação do sangue de San Gennaro são necessárias para excluir a proteção rotineira dos anos, desviar-se dos queridos e acolhedores embaraços do lar e das amizades; fechar a porta da frente de uma desolada noite de inverno, quando a casa cheira a conforto e segurança, e a luz no coração, sob tais circunstâncias, é irônica em sua brilhante revelação dos anos de facilidade e estabilidade até então não completamente avaliados; e, assim, parte-se de madrugada, para um porto desconhecido de carvão, no País de Gales, para ali embarcar em um navio a vapor, para uma viagem da qual se tem sérias dúvidas, embora o desembarque esteja perto da linha do horizonte e nela haja palmeiras. A porta bateu com força; num som horripilante e macabro, eu percebi, um incidente de viagem que eu jamais vi registrado.

Neste momento venho finalmente, Ó Liberdade, minha amada e secreta divindade! Seu apaixonado peregrino está aqui, atrasado, contudo, ainda jovem e com olhos ansiosos; mas com a gola de seu casaco virada para o presente. Avante! A Estrada Aberta¹⁴ está diante dele. Mas como as perspectivas amplas e vazias de sua liberdade estremecem com os terríveis sons e gritos dos bidões de leite na Estação de Paddington!

E, em seguida, lembro-me da noite escura - eram cerca de três da madrugada, eu acho - e uma chuva calamitosa e uma estação ferroviária gaulesa, onde eu tinha chegado, debilitado com a fome, com uma bagagem que aumentava o peso e a dificuldade, e um par de pés anestesiados. Um carregador se aborreceu como se fosse o último dia e tivesse sabido o pior, uma luz morrendo na estação, o vento, a chuva e eu. Do lado de fora estava a escuridão e um dos maiores portos de carvão do mundo. Como eu não pude ver carvão em grande quantidade, não pude admirá-lo. O ferroviário ergueu a luz, conduziu-me polidamente para uma poça d'água, indicou meu trajeto para o cais, numa noite desconhecida, com a mão direita, sem ter convicções, e deixou-me.

¹⁴O narrador se refere tanto ao caminho marítimo do comércio entre a Inglaterra e outros países - prática propiciada pelas descobertas de rotas marítimas, algo que H. M. Tomlinson criticará durante toda sua longa carreira como crítico e ensaísta - como também refere-se à liberdade, uma finalidade do sujeito em relação aos objetos do mundo sensível.

I began to hate the land of the wild bard in which I found myself for the first time, and felt a savage satisfaction in being nearly a pure blooded London Saxon; and as I surveyed my prospects in that country, not even the fact that I had a grandparent named Hughes would have prevented me striking Wales with my umbrella, for it is only a cheap one; but I had left it in the train.

It had never occurred to me (any more than it did to you when you got this book to learn about the tropic sea and the jungle) that the Open Road, where the chains fall from us, would include Swansea High Street four hours before sunrise in a steady winter downpour. But there I discovered that trade wind seas by moonlight, flying fish, Indians, and forests and palms, cannot be compelled. They come in their turn. They are mixed with litter and dead stuff, like prizes in a bran tub. Going down the drear and aqueous street it was clear that if there are exalted moments in travel, as on the instant when we discover we really may prepare to go, yet exaltation implies the undistinguished flats from which, for a while, we are translated. This is a travel book for honest men. I am still on the flat. It will be tomorrow presently.

My chief fear was that my waterproof, rattling in the wind, would alarm silent and sleeping Swansea. I found a policeman standing at a street corner, holding out his cape to help away the rain. He could give me no hope. He knew where the dock was, but the way thither was difficult and tortorous. I had better follow the tram lines, and ask again, if I saw anybody. Therefore the tram lines I followed till my portable estate, by compound interest, had increased to untold tons; but the empty tram way went on for ever down the rows of frozen and desolate lamps, so that I surrendered all my chances of the seas of the tropics and the jungle of the Brazils, and turned aside from the course which the policeman said led to ships and the deep, entered the dark portico of a shop, where it was only half wet, and lit my pipe,

Comecei a odiar a terra do poeta louco, onde eu me encontrava pela primeira vez, e senti uma satisfação cruel por ser quase um saxão londrino de sangue puro; e, como examinei minhas perspectivas naquele país, nem mesmo o fato de que tive um avô chamado Hughes teria me impedido de golpear o País de Gales com meu guarda-chuva, porque é tão somente desprezível; mas eu o tinha deixado no trem.

Nunca havia me ocorrido (não mais do que ocorreu a você quando pegou este livro para aprender sobre o mar e a selva tropical) que a Estrada Aberta, onde os grilhões se apartam de nós, incluiria Swansea High Street, quatro horas antes do nascer do sol, em um constante aguaceiro de inverno. Mas ali descobri que os mares de vento do comércio, com o luar, peixe-voador, indígenas, florestas e palmeiras não podem ser sujeitados. Eles têm sua hora. Estão misturados com lixo e material morto, como prêmios em uma banheira. Descendo a rua triste e aquosa, ficou claro que, se há momentos exaltados numa viagem, como no momento em que se descobre que realmente pode-se preparar para partir, todavia, a exaltação implica as indistinguíveis superfícies planas das quais, por um momento, somos conduzidos de um lugar a outro. Este é um livro de viagem para homens honestos. Ainda estou na superfície plana. Logo será amanhã.

Meu principal receio era que meu casaco impermeável, vociferando ao vento, alarmasse a silenciosa e adormecida Swansea. Encontrei um policial parado numa esquina, erguendo o boné para se proteger da chuva. Não podia me dar nenhuma ajuda. Sabia onde ficava o cais, mas o caminho naquela direção era difícil e tortuoso. Era melhor seguir as linhas do bonde e perguntar novamente, se eu visse alguém. Consequentemente, as linhas do bonde que eu havia seguido até meu estado atual, por complexo interesse, tinham aumentado para toneladas indescritíveis; mas o caminho vazio do bonde seguia adiante, sempre rumo às fileiras de luzes frias e desoladas; assim, rendi-me a todas as minhas oportunidades dos mares dos trópicos e da selva do Brasil, e saí do trajeto que o policial disse que me conduziria aos navios e ao mar; entrei num pórtico escuro de uma loja, que estava somente meio molhado, e acendi meu cachimbo,

there to wait for the shy gods to turn my luck. Hesitating footsteps fumbled to where I was hidden, and stopped at the flash of my match. "Could yer 'blige with a light, mister?"

He was a little elderly seaman in yellow oilskins and a so'wester. He was rather drunk. His oilskins gathered the reflected street shine, so that he looked phosphorescent, an old man risen wet and shining from the ocean. He was looking for Buenos Aires, he explained, and hadn't got any matches. Now he, for the Plate, and I, for ultimate Amazonas, set off down the Swansea tram lines. And the wind whined through overhead wires, and a lost dog followed us along the empty thoroughfare where the only sound was of waterspouts, and the elderly mariner sang bold and improper songs, so that I wondered there was not an irruption of nightcaps at upper Swansea windows to witness this disturbance of their usual peace.

We came at length to abandoned lagoons, where spectral ships were moored down the marges, and round the wide waters was the loom of uncertain monsters and buildings. Railway metals waylaid us and caught us by the feet. There were many electric moons swaying in the gale, and they spilled showers of broken light, which melted on the black water, and betrayed to us our loneliness in outer night. The call of a vessel's syren across that inhospitable space was heard by us as the prolonged moan of the lost.

The old man of the sea took me under a stack of timber to light his pipe. He borrowed my box of matches, and malicious spurts of wind extinguished each match, steadily, as mine ancient struck them. It was now 4 a.m. He threw each bit of dead wood down, without irritation, as though it were the fate of man to strike lights for the gods to douse, but yet was he uplifted now beyond the hurt of cosmic mockery. The matches were not wasted.

e ali fiquei esperando que os tímidos deuses mudassem minha sorte. Passos hesitantes caminharam para onde eu estava escondido, e pararam quando risquei meu palito de fósforo. "Você poderia me arranjar fósforo, senhor?"

Era um marinheiro um tanto quanto idoso usando uma capa de chuva amarela impermeável, e parecia arruinado. Estava um pouco bêbado. Sua capa refletia o brilho da rua de tal forma que ele parecia fosforescente; um velho marinheiro saindo molhado e brilhante do oceano. Desejava zarpar para Buenos Aires, ele explicou, e não tinha fósforo. Agora, ele ia para o rio da Prata, e eu para o Alto Amazonas, descendo as linhas do bonde de Swansea. E o vento choramingava pelos fios elétricos em cima, e um cão perdido nos seguia na rua deserta, onde o único som era o das bicas d'água; e o velho marinheiro cantava canções audaciosas e impróprias, tanto que admirei que não houvesse uma irrupção de toucas de dormir nas janelas mais altas de Swansea, para testemunharem esse distúrbio de sua paz habitual.

Finalmente chegamos às lagunas desertas, onde navios fantasmas estavam atracados nas margens, e em volta das águas abundantes havia a miragem indistinta de monstros incertos e de construções. Os trilhos ferroviários nos emboscavam e nos apanhavam pelos pés. Havia muitas luas elétricas balançando-se na tempestade, e derramavam banhos de luzes tripartidas, que se derretiam na água escura, e nos denunciavam em nossa solidão no meio da noite. O apito de uma sirene de navio, naquele espaço inóspito, foi ouvido por nós como o longo gemido dos perdidos.

O velho homem do mar conduziu-me para perto de uma pilha de madeira para acender seu cachimbo. Tomou emprestada minha caixa de fósforos e, constantemente, as rajadas maliciosas de vento apagavam cada palito, como se antigos fogos de artifícios os golpeassem. Eram então quatro horas da manhã. Ele jogava fora cada palito de fósforo apagado, sem irritação, como se o destino do homem fosse acender luzes para os deuses apagarem, mas ele ainda estava entusiasmado para além da dor da burla cósmica. Os fósforos não eram desperdiçados.

At least they lighted up his sorrowful face as he talked to me. I would not have had him any the less drunk, for it but softened his facial integument, which I could see had been hardened and set by bitter experience, masking the man; but now his jaded life, warmed by emotion, though much of the emotion was artificial and of the pewter born, was quick in his face again, and made him a human responsive to his kind, instead of a sober and warped shellback with a sour remembrance of his hardships, and of the futility of his endurance, and of the distance away of his masters with their bowels of iron.

He had seven children, and the sea was a weary place. Had I any children? - and God keep them if I had. He was a troublesome old man ("that's another light gone") but he had just left his kids ("ah, to hell wi' the wind") and he had to talk to someone about them, and that was my rotten luck, said he. We got to the fifth child, and I heard something about her, when the wind reached round the wood stack at us, and snatched the last glim. So it was in the dark that I heard about the other two and the wife, while one of my pockets filled with rain. Only Milly, he said, was at work, and what was four pound a month for the rest? And he was sick of the sea and chief mates, and did I think a chap stood for a better time when he died, if he kept off drink and did his bit without grouching, like some of the parson fellers said? Then he indicated my ship, and disappeared in the dark. He is still waiting an answer to his last question, which I have saved for you to give him.

Pelo menos iluminavam seu rosto triste enquanto ele conversava comigo. Não o teria visto menos bêbado por isso, mas suavizavam seu tegumento facial, que pude ver que tinha sido enrijecido e se fixado através de experiências amargas, ocultando o homem; mas agora, sua vida esvaída, aquecida pela emoção, embora muito da emoção fosse artificial e marca de nascença, estava ativa em seu rosto novamente, e o tornava um humano responsável pela sua espécie, em vez de uma casca sóbria e desfigurada, com uma lembrança amarga de seus sofrimentos, e da futilidade de sua resistência, e da distância de seus comandantes com suas entranhas de ferro.

Ele tinha sete filhos e o mar era um lugar fatigante. Eu tinha algum filho? - e Deus os manteria se eu os tivesse. Ele era um idoso problemático ("outro fósforo se apagou"), mas havia deixado seus filhos ("para o diabo com tanto vento") e tinha de falar com alguém sobre eles, e esse foi meu azar, disse ele. Chegamos ao quinto filho e eu ouvia algo sobre ele, quando o vento soprou em volta do monte de madeira onde estávamos e arrebatou o último vestígio de luz. Assim, foi no escuro que ouvi sobre as outras duas crianças e a esposa, enquanto um dos meus bolsos se enchia com água da chuva. Apenas Milly trabalhava; e o que era quatro libras por mês para os demais filhos? - ele perguntou. Ele estava enjoado do mar e dos oficiais de bordo, e eu achava que um homem iria para um lugar melhor quando morresse, se ele se afastasse da bebida e fizesse sua parte sem queixas, como alguns dos párocos diziam? Então, ele indicou qual era meu navio e desapareceu na escuridão. Ele ainda está esperando uma resposta para sua última pergunta, que deixo para você dar a ele.

For me, I was in no mood to discuss whether balm is to be got in Gilead, when we come to the place; but stumbling among the lumber on the deserted deck of the s.s. "Capella," I found a cabin, fell into it, and remember nothing more but the smell of hot bread, eggs and bacon, and coffee, which visited me in a beautiful dream. Then I woke to the reveille of a tin whistle, which the chief engineer was playing in my ear; and it was daylight. The jumble of recollections of the night before were but dark insanities. But the smell of that aromatic food, I give grace, did not pass with the awakening, for next door I heard lively sizzling in the galley. Already Fleet Street was hull down.

If you are used only to the methods of passenger steamers and regular routes, then you know little of travel. You are but carried about. Insistent clocks and schedules keep that way, and the upholstered but rigid routine is a soporific. You never see the hither side of the hedge. The granite countenance of Fortune, her eyes filmed like frozen pools, which keeps alert and bright the voyager who is unprotected from her unscheduled and unmoral acts except by his own ready buckler, is watched for you by others. You are never surprised into fear by the unlucky position of the planets, nor moved to sing

Quanto a mim, não estava com humor para discutir se o bálsamo será alcançado em Gileade¹⁵, quando chegarmos a esse lugar; mas, tropeçando entre as pilhas de madeira em cima do convés deserto do *S. S. Capella*¹⁶ encontrei um camarote; entrei, e não me lembro de mais nada, tão somente do cheiro de pão quente, ovos, *bacon* e café, que me visitou em um belo sonho. Então acordei ao som de um apito de metal que o maquinista-chefe estava tocando em meu ouvido; e era dia. A confusão de lembranças da noite anterior era apenas insanidades sombrias. Mas o cheiro daquela comida aromatizada, que agradeço, não passou com o despertar, porque próximo à porta, eu ouvia vivamente a fervura na cozinha. Fleet Street já estava distante do navio.

Se você está acostumado apenas a navios que transportam passageiros e a rotas regulares, então você sabe pouco de viagens. Fica-se tudo, menos empolgado. Horários e relógios persistentes mantêm aquele ritmo; o estofamento, apesar da rígida rotina, é um soporífero. Só se vê um lado da encosta. O semblante de granito da Fortuna¹⁷, seus olhos fixos como piscinas congeladas, que mantêm em alerta e vivo o viajante, que está desprotegido dos atos imprevistos e amorais dela, exceto pelo próprio interesse dele, é vigiado pelos outros para você. Nunca se é surpreendido com medo pela posição desafortunada dos planetas, nem disposto para cantar

15Local de conforto, refúgio, graça, paz, etc. Lugar onde Jacó acampou quando deixou a casa paterna. (Ver, a propósito, **Gênesis**, capítulo 3, versículos: 21-24). Ali Labão o encontrou; (**Gn** 31, 21-25). De fato, o “bálsamo de Gileade” era a seiva de uma árvore que cresce na região do rio Jordão (**Nm**, 32).

16*S. S. Capella* (nome fictício do *S. S. England* e *S. S.* é a sigla inglesa para *steamship* - navio a vapor) é um importante elemento literário deste relato de viagem, tendo em vista que é a estrela mais brilhante da constelação do Cocheiro e, no relato de Tomlinson, em determinado momento, o navio é considerado uma estrela do firmamento. Seu nome latim é *Alpha Aurigae*. Na mitologia greco-romana, o Cocheiro seria Eritônio, rei de Atenas, o inventor da quadriga, um carro de combate puxado por dois cavalos. *Capella* é Amaltéa, a ninfa filha de Melisso, rei de Creta, que cuidou de Júpiter (Zeus) junto aos pastores do monte Ida, quando Cibele o poupou da voracidade de Saturno, alimentando-o com o leite da cabra Aix. Numa outra versão Amaltéa é a própria cabra que amamentou Júpiter. A constelação do Cocheiro é representada por um homem que tem na mão direita um chicote, enquanto a mão esquerda sustenta uma cabra em suas costas, *Capella* (cabrita) a principal estrela dessa constelação.

17Deusa romana da sorte (boa ou má) e da esperança. Era representada portando uma cornucópia e um timão, que simbolizavam que ela dirigia a vida dos homens, e geralmente estava cega ou com a vista tapada (como a moderna imagem da Justiça), pois distribuía seus desígnios aleatoriamente. Ver, a propósito, **Dicionário de mitologia grega e romana**, de Mário da Gama Kury. 7ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Laus Deo, when now and then, the stars are propitious. I had been brought hastily to the "Capella," for it was said she was sailing instantly. This morning I learned at breakfast that nobody knew when she could sail. Our steamer sat two feet higher than her capacity. There was some galvanised iron to come from Glasgow, some machinery from Sheffield; and owing to labour difficulties we were short of several hundred tons of coal. A little mob of us, all strangers, shuffled after the Skipper's spry heels that morning to the Board of Trade offices, where an official mumbled over the ship's articles, to our shut ears, and we signed where we were told. A more glum and unromantic group of voyagers, each man twirling his shabby hat in his hands as he waited his turn for the corroded pen, was never seen this side of the Elizabethan era. I became the purser of the "Capella," with my wages lawfully recorded at a shilling per month.

I was committed. There was no withdrawal now but desertion. And desertion, at times, I seriously considered, because for a week more the cargo dribbled down to us, while I endured as a moucher about those winter docks with their coal tips, and the muddy streets with their sailors' slop marts, marine stores, and pawnshops having a cankered display of chronometers, telescopes, and other flotsam of marine failure and wreckage.

o *Laus Deo*¹⁸, quando, de vez em quando, as estrelas estão propícias. Eu tinha embarcado às pressas no *Capella*, porque diziam que ele zarparia imediatamente. Essa manhã, soube durante o desjejum, que ninguém sabia quando ele podia zarpar. Nosso navio estava dois pés acima de sua capacidade. Havia algum ferro galvanizado para vir de Glasgow¹⁹, alguma maquinaria de Sheffield²⁰; e, devido às dificuldades de trabalho, tínhamos pouco das muitas centenas de toneladas de carvão. Alguns de nós, todos desconhecidos, movimentaram-se, depois da saída animada do capitão, para o escritório do Ministério do Comércio, onde um oficial resmungou sobre os documentos do navio em nossos ouvidos surdos, e assinamos onde fora indicado. Um grupo de viajantes mais mal-humorado e nada romântico, cada homem enrolando seu chapéu surrado nas mãos, enquanto aguardava sua vez para assinar com uma caneta corroída, jamais fora visto deste lado da era elizabetana. Tornei-me o segundo-comissário do *Capella*, com meu salário de um xelim por mês legalmente registrado.

Eu estava contratado. Não havia retratação agora, mas deserção. E deserção, às vezes, eu considerei seriamente, porque por uma semana, mais carga seria recebida a bordo, enquanto eu suportava como um aproveitador aquelas docas de inverno, com suas pontas de carvão, e as ruas enlameadas com empórios comerciais especialmente para marujos, lojas de produtos náuticos, e casas de penhor com uma exibição espalhada de cronômetros, telescópios e outros destroços de fracassos marítimos e de naufrágios.

¹⁸Expressão latina para se referir ao Todo Poderoso, ao Altíssimo. Perceba o leitor que toda esta frase tem uma tonalidade estoica. Nessa escola filosófica, o homem tem um parentesco com o divino e a sua função, portanto, é contemplar e louvar o Grandioso, algo que o viajante-ideal pouco a pouco, mas a cada expressão com mais força e ímpeto, verdadeiramente o faz em sua composição discursiva. Ver, a propósito, capítulo VIII, “Epicuro e o estoicismo”, In: **História das idéias sociais**, de Kurt Shilling.

¹⁹Cidade da Escócia, no Reino Unido. Conhecida, na era vitoriana, como a Segunda Cidade do Império Britânico. Devido a sua posição geográfica, a partir do século XVI tornou-se grande centro de importação de tabaco das colônias americanas.

²⁰Cidade inglesa localizada no condado de Yorkshire (Inglaterra). Importante centro de fundição de aço. Em 1912, Harry Brearly inventou o aço inoxidável numa das fábricas da cidade. Nos anos 1960, 1970, 1980, os cientistas F. B. Pickering e Terry Gladman, da Sheffield Hallam University (<http://www.shu.ac.uk>) realizaram pesquisas no desenvolvimento da metalurgia física do aço, que tornaram-se fundamentais na evolução dos modernos aços de baixa liga e de alta resistência, tão essenciais no século XXI.

Daily the quays and the dismal waterside ways with their cheap shops were still more depressed by additional snow mush and, drives of sleet; and it was no warmth for this idler that he saw the tradesmen, because of the season, putting holly among their oranges and wreathing beer bottles with chains of coloured paper. The iron decks and cabins of my new home were as chill and unfriendly as the empty grate, the marble tables, and the tin advertisements of chemical slops of a temperance hotel. Am I plain? Such are the conditions which compass the wayward traveller. This is what chills one's rapid pulse when pursuing at last the rosy visions of boyhood. The deplorable littoral of our island kingdom is part of a life on the ocean wave, and should help you in coming to a decision when next you see a friendless and bestial sailorman. It becomes necessary to declare that we shall really get down to the tropics presently; have the courage to wait, like the crew of the "Capella." Our ship did sail, when she was ready.

It was the afternoon before we sailed, and having listened long enough to my messmates, who, after dinner, weighed the probabilities of malaria, yellow fever and other alien disasters into our coming strange voyage, that I went into the town to take my last look round a book shop, and to get some marine soap, dungarees, and things. Here was I at last with my heart's desire. On the very next day I should sail, I myself, and no other hero, veritably Me at last, for a place not on the chart, because the place we should find, at the journey's end, the map described with those words of magic: "Forest" and "Unexplored." I made my way round crates and barrels on that untidy deck, which had a thick mud of coal dust and snow, to the ladder overside. Coal dust and melting snow! But where was the uplifted heart, the radiant anticipation, as of one to whom the future was big with treasures to be born, which are the privilege of a young pilgrim, released from his usual obligations to pursue far horizons in the Spanish main, while his envious fellows in the city

Diariamente, o cais e as margens lúgubres, com suas lojas habituais, tornavam-se ainda mais desolados devido aos flocos de neve e à chuva de granizo; e não era com entusiasmo que esse viajante ocioso via os comerciantes, devido à época do ano, colocando enfeites natalinos entre suas laranjas e coroados garrafas de cervejas com correntes de papel colorido. Os conveses de ferro e os camarotes de meu novo lar estavam tão frios e hostis como a lareira vazia, as mesas de mármore e os avisos metálicos de salpicos de produtos químicos de uma hospedaria modesta. Sou claro? Tais são as condições que circundam o viajante inconstante. Isso é o que desanima a vibração repentina de alguém, quando perseguindo finalmente as coloridas visões da meninice. O litoral deplorável de nosso reino de ilhas é parte de uma vida em cima da onda do mar, e deveria ajudar a tomar uma decisão, quando perto se vê um marinheiro desamparado e triste. É necessário declarar que, em breve, vamos, de fato, descer para os trópicos; e ter a coragem de esperar, como a tripulação do *Capella*. Nosso navio realmente zarpou, quando estava pronto.

Na tarde anterior à manhã da viagem, tendo ouvido o suficiente de meus companheiros que, após o jantar, pesavam as probabilidades da malária, da febre amarela e de outros desastres estranhos em nossa promissora e incomum viagem, fui à cidade para dar minha última olhada numa livraria e pegar algum sabão, macacões de brim e outras coisas. Nesse momento, finalmente, eu tinha um desejo em meu coração. Exatamente no dia seguinte eu deveria viajar, eu mesmo, e nenhum outro herói; verdadeiramente EU, finalmente, para um lugar que não estava na carta náutica, porque o lugar que deveríamos encontrar no fim da jornada, o mapa descrevia com essas palavras mágicas: “Floresta” e “Inexplorada”. Caminhei em meio a engradados e barris no convés sujo, que tinha uma lama pesada de pó de carvão e neve, para a escada do outro lado. Pó de carvão e neve derretida! Mas onde estava o coração entusiasmado, a antecipação radiante, como a de alguém para quem o futuro era grande, com tesouros a serem descobertos, que são o privilégio de um jovem peregrino, liberto de suas obrigações habituais para buscar horizontes distantes na Espanha Central, enquanto seus companheiros invejosos, na cidade,

still cast ledgers under gas lamps? Here was another swindle of the romanticists. You may search their warm and golden pages in vain for coal tips, melting ice, delays, and steam heaters that will not work for cold cabins. Down they go here, though. These gallant affairs, I thought, as I descended the wet and gritty ladder, are much better done before the fire at home, in your slippers; for the large scale map, as you traverse its alluring blank areas, leaves out the conditions which now, when I am on the actual business, precipitate as frozen spicules, as would north winds, my warm, aerial, and cloudy enthusiasms that were wont to be dyed such wonderful hues by sunsets, poems, and tales of old travel. Another of these congealing draughts was now to catch me unbuttoned. Because of our unusual destination, and the wild stories that were told of it, we were a point of interest in Swansea docks, and had many interviewers and curious visitors. Some of them were on the quay then, inspecting our steamer, and as I stepped off the ladder one turned to me.

"Mister," he whispered, "are you going in her?"

"I am," I said.

"O gord," said he.

That night I met a number of my grave fellow shipmates in the town. The question was, Should we then go back to the ship?

"What," burst out one of us in surprise - his gold-laced cap was already resting on his right eyebrow - "Now? Not me. Boys, don't freeze the Carnival. Follow me!"

We followed him. The rest of the evening is more easily given in dumb show. There was a mechanical piano in a saloon bar, and it steadily devoured pennies, and returned to us automatic joy, fortissimo, over which our conversation strenuously high-stepped and vaulted. Later, there was a search for cabs,

ainda distribuem papéis sob lampiões de gás? Aí estava outro logro dos românticos. Pode-se procurar em vão, em suas páginas quentes e douradas, por pontas de carvão, neve derretida, atrasos e aquecedores a vapor que não funcionarão nos camarotes frios. Estão registrados aqui, entretanto. Esses acontecimentos nobres, eu pensava enquanto descia a escada molhada e rangedora, são muito melhor imaginados diante de uma lareira em casa, calçado em seus chinelos; porque o mapa em grande escala, quando se atravessa suas fascinantes áreas vazias, deixa de fora as condições que agora, quando, de fato, estou no negócio, precipitam-se como espículas congeladas, como se precipitariam os ventos do norte, meus afetuosos, etéreos e nublados entusiasmos, que estavam acostumados a terem tingidos tais maravilhosas colorações pelos pôres do sol, poemas e histórias de viagens antigas. Outra dessas correntes de vento congelante surgiu para apanhar-me de surpresa. Devido a nosso destino incomum e às histórias assustadoras que eram contadas, éramos motivo de curiosidade no cais de Swansea, e tivemos muitos entrevistadores e visitantes curiosos. Alguns deles estavam no cais então, inspecionando nosso navio e, quando eu desci da escada, um deles virou-se para mim.

"Senhor, você vai nessa viagem?" - ele sussurrou.

"Eu vou" - respondi-lhe.

"Oh, meu Deus!" - ele exclamou.

Naquela noite, eu encontrei um grupo de meus sombrios companheiros de bordo na cidade. A questão era: deveríamos retornar ao navio?

"O quê?" - explodiu, surpreso, um dos nossos - seu boné dourado já estava apoiado em cima de sua sobancelha direita. "Agora? Não eu. Rapazes, não estraguem a festa. Sigam-me!"

Nós o seguimos. O resto da noite é mais facilmente explicado como uma pantomima. Havia um piano mecânico no salão de um bar que devorava moedas constantemente, e nos devolvia a alegria automática, altíssima, por cima da qual nossa conversa elevava-se esforçadamente e saltava. Mais tarde, houve uma procura por táxis,

and an engineer carried with him everywhere two geese by their necks and sometimes trod on their loose feet. When he did this he snatched a goose from his own grasp, and then roundly abused us for our post-dated frivolity. We learned our steamer was now moored in mid-dock. We found a quay wall, and at the bottom of it, at a great depth in the dark, the level of the water was seen only because shreds of lamp-shine floated there. We understood a boat was below, and found it was, and we loaded it till the water brimmed at the gunwale. As we mounted the "Capella's" rope-ladder only one goose fell back into the dock.

The "Capella" started in her sleep, and she woke me. She was still trembling. Resting my hand on her I felt her heart begin to throb, though faintly. We were off.

It was a bright morning, early and keen. Those habitual quays now were moving past us. The decks were cleared, the carpenter and some sailors were fixing the hatches, and the pilot, muffled in a thick white shawl, was on the bridge with the Skipper. We stopped in the outer lock, the exhaust humming impatiently while a pier-head jumper - for we were a sailor short - was examined by our doctor. The Skipper had some short words for an official who had mounted the bridge, because the third mate had deserted, and had taken his half pay; and the official, who had volunteered to get us a substitute, had failed. There were now but two mates for our big tramp steamer going a long and arduous voyage which included the navigation for some months of narrow inland waterways in the tropics. Our first mate, passing amidships where the Purser was leaning overside, stopped to tell me what this meant for him and the second mate. I was mighty glad it was not the purser's fault. I have never heard a short speech more passionate; and his eyes were feral.

e um maquinista carregava consigo, para todos os lugares, dois gansos presos pelo pescoço e, às vezes, pisava nos pés pendurados das aves. Quando isso acontecia, ele jogava o ganso longe de seu alcance e, em seguida, em nosso derredor, insultava-nos por causa de nossa frivolidade pós-datada. Soubemos que nosso navio estava agora ancorado na doca do meio. Encontramos um muro do cais e, por trás dele, a uma grande distância, na escuridão, o nível da água era visto somente porque fragmentos de brilho da luz flutuavam ali. Intuímos que havia um bote ali embaixo, confirmamos isso, e o carregamos até que a água atingisse sua borda. Quando subimos na escada de cordas do *Capella*, apenas um ganso caiu de volta na doca.

O *Capella* despertou de seu sono e me acordou. Ele ainda estava tremendo. Colocando minha mão sobre ele, senti seu coração começar a pulsar, embora de modo muito fraco. Estávamos zarpando.

Era uma manhã brilhante, precoce e ardente. Aqueles cais habituais estavam ficando para trás. O convés estava limpo, o carpinteiro e alguns marinheiros estavam ajustando as escotilhas, e o comandante, enrolado em um grosso xale branco, estava na ponte de comando com o capitão. Paramos na comporta exterior, a descarga zumbindo impacientemente, enquanto um viajante que havia embarcado de último minuto - porque faltava um marinheiro - era examinado pelo nosso médico. O capitão tinha algumas palavras para dizer a um oficial que subiu na ponte de comando, porque o terceiro-oficial tinha desertado e levado a metade do pagamento; e o oficial, que se prontificara para arranjar um substituto, tinha falhado. Havia apenas dois oficiais-comandantes para nosso grande navio, que faria uma longa e árdua viagem, que incluía a navegação de alguns meses por estreitas vias fluviais, nos trópicos. Nosso primeiro-oficial de bordo, passando onde o primeiro comissário estava encostado do outro lado, parou para dizer-me o que a viagem significava para ele e o segundo-oficial. Fiquei muito contente por não ser falha do comissário. Nunca ouvi um discurso breve mais apaixonado; e seus olhos estavam radiantes.

Yet it became increasingly clear to me, as the voyage lengthened, that his eyes no more than met the case.

Out we drove at last. It was December, but by luck we found a halcyon morning which had got lost in the year's procession. It was a Sunday morning, and it had not been ashore. It was still virgin, bearing a vestal light. It had not been soiled yet by any suspicion of this trampled planet, this muddy star, which its innocent and tenuous rays had discovered in the region of night. I thought it still was regarding us as a lucky find there. Its light was tremulous, as if with joy and eagerness. I met this discovering morning as your ambassador while you still slept, and betrayed not, I hope, any greyness and bleared satiety of ours to its pure, frail, and lucid regard. That was the last good service I did before leaving you quite. I was glad to see how well our old earth did meet such a light, as though it had no difficulty in looking day in the face. The world was miraculously renewed. It rose, and received the new-born of Aurora in its arms. There was clouds of pearl above hills of chrysoprase. The sea ran in volatile flames. The shadows on the bright deck shot to and fro as we rolled. The breakfast bell rang not too soon. This was a right beginning.

The pilot was dropped, and a course was shaped to pass between Lundy and Hartland. A strong northwester and its seas caught us beyond the Mumbles, and the quality of the sunshine thinned to a flickering stuff which cast only grey shadows. The "Capella" became quarrelsome, and began to strike the seas heavily.

Entretanto, tornava-se cada vez mais claro para mim, enquanto a viagem alongava-se, que seus olhos não mais reluziriam assim.

Dirigíamo-nos para o mar aberto, finalmente. Era dezembro²¹, mas por sorte encontramos uma manhã feliz, que tinha ficado perdida na procissão dos anos. Era uma manhã de domingo e sem terra firme. Era virgem e ainda usava uma veste de luz. Até o momento não tinha sido manchada por qualquer suspeita deste planeta pisoteado, esta estrela enlameada, que seus raios inocentes e tênues tinham descoberto na região da noite. Pensei que ela ainda estivesse nos cumprimentando, como um encontro afortunado ali. Sua luz era trêmula, como se provasse alegria e entusiasmo. Encontrei essa manhã como seu emissário, enquanto vocês ainda dormiam, e não traí, eu espero, qualquer satisfação cinzento-clara da nossa para a consideração pura, tênue e lúcida da manhã. Essa foi a última coisa boa que fiz antes de deixar-lhes de vez. Eu estava contente de ver quão vantajosamente nosso velho planeta Terra encontrava semelhante luz, como se não tivesse dificuldade para olhar o dia de frente. O mundo era milagrosamente renovado. Erguia-se e recebia em seus braços a recém nascida Aurora²². Havia nuvens de pérolas por cima das colinas de pedras preciosas. O mar corria em chamas voláteis. As sombras no convés brilhante arremessavam-se para frente e para trás, enquanto navegávamos. A campainha para o desjejum não tocou tão cedo. Esse foi um começo ideal.

A rota programada da viagem foi deixada de lado e um rumo foi adaptado para passarmos entre Lundy e Hartland. Um forte vento do noroeste e seus mares nos pegaram depois da ilha de Mumbles, e a qualidade do brilho do sol diminuiu para uma substância trêmula, que lançava apenas sombras cinzentas. O *Capella* ficou irascível e começou a golpear o mar pesadamente.

²¹De acordo com uma carta-resposta escrita por H. M. Tomlinson, em fevereiro de 1940, à filha caçula do capitão do *Capella*, a respeito da viagem à Amazônia, o navio zarpou de Swansea no dia 19 de dezembro de 1909.

²²Na mitologia grega, *Aurora* é a deusa do alvorecer, que anuncia à Terra a chegada do *Sol* (Hélio), seu irmão. Ela é descrita como condutora de uma carruagem puxada por dois cavalos, *Claridade* e *Brilho*.

You may know the "Capella" when you see her. She is a modern three-thousand-ton freighter, with derrick supports fore and aft, and a funnel; and the three of them are so fearful of seeming rakish that they overdo the effect of stern utility, and appear to lean ahead. She is a three-island ship, the amidships section carrying the second mate's cabin, and the cabins of the four engineers, all of them, excepting the Chief's cabin, looking outwards overseas across a narrow sheltered alleyway; and on a narrower athwartship's alleyway there, and opening astern, are the Chief's place, and the cook's galley, the entrance to the engine-room, and the engineers' messroom. Above this structure is the boat deck. You may reach the poop, which contains the master's and chief mate's quarters, the doctor's and steward's berths, and the saloon, by descending a perpendicular iron ladder to the long main deck, or else, as all did at sea, by a flying trestle bridge, which is dismantled when in port. Her black funnel is relieved by a cryptic design in white, and her bows are so bluff that, as the chief mate put it, "her belly begins there." She might not take your eye, but a shipowner would see her points. She carries a large cargo on a comparatively low registered tonnage. The money that built her went mostly in hull and engines, and the latter do their work as sweetly as an eight-day clock, giving ten and a half knots, weather permitting, on a low coal consumption. There was not much money left, therefore, for balm in the cabins, and that is the reason we do not find it there.

At sundown the sky cleared. The wind, increased in violence, had swept it of the last feather. Lundy was over our starboard bow, a small dark blot in a clear yellow light which poured, with the gale and the rising seas, from the west. The glass was falling.

Pode-se reconhecer o *Capella* quando o vir. É um cargueiro moderno de três mil toneladas, com apoios de guindaste na proa e na popa, e suportes do funil; e os três primeiros são tão assustadores, com uma aparência selvagem, que ultrapassam o efeito da utilidade, que é incliná-lo à popa, e parecem incliná-lo avante. É um navio de três deques: na seção do meio, estão o camarote do segundo-oficial e os camarotes dos quatro maquinistas, todos eles, com exceção da cabina do comandante, com vistas para o mar através de uma travessa protegida e, na frente, na travessa mais estreita do navio, com uma abertura para trás, é o lugar do comandante; e a galé do cozinheiro, a entrada para a casa das máquinas, e a sala de refeições dos maquinistas. Abaixo dessa estrutura fica o convés onde está o bote. Pode-se ir para o tombadilho, onde estão os aposentos do capitão e o do comandante, os leitos do médico e do taifeiro, e o salão, onde se pode chegar, descendo por uma escada perpendicular de ferro para o convés principal; ou, então, como todos fazem no mar, descendo por um passadiço removível, que é desmontado quando no porto. Seu funil preto é suavizado por um misterioso desenho branco e suas curvas são tão enganosas que, como disse o capitão, "a barriga do navio começa ali". Pode não atrair a sua atenção, mas um construtor de navios veria seus pormenores. Carrega uma grande quantidade de carga com um baixo registro de toneladas. O dinheiro de sua construção foi gasto mais com o casco e com as máquinas, e estas fazem seu trabalho tão docemente, como uma canoa de corrida com oito remadores, atingindo dez nós²³ e meio, com uma temperatura permitida e com pouco consumo de carvão. Não sobrou muito dinheiro, portanto, para proporcionar conforto nos camarotes, e esta é a razão pela qual, nós não encontramos-lo ali.

Ao pôr do sol, o céu estava límpido. O vento, aumentado em violência, o tinha removido da última roupagem. A ilha de Lundy estava à nossa proa a estibordo, uma pequena mancha em uma clara luz amarela, que entornava com a tempestade, e os mares subindo a partir do oeste. A ventania estava diminuindo.

23Medida náutica de velocidade correspondente a uma milha por hora (1.852 metros/hora).

Now, the Skipper has often told me how his "Capella" had faced hurricanes off Cape Hatteras, when laden with ore, and had kept her decks dry. There are other stories about her surprising buoyancy, when deeply laden, and I have heard them all at home, and they are fine stories. But what lies they are! For there below me, with Lundy not even passed, and the Bay of Biscay to come (Para not to be thought of yet) were tons and tons of salt wash that could not get time to escape by the scuppers, but plunged wearily amongst the hatches and winches.

"I've never seen her as dirty as this," grumbled the chief engineer apologetically, peeping from his cabin at cold green water lopping over casually on to the after deck. "It's that patent fuel - its stowed wrong. Now she'll roll - you can feel it - the cat she is, she's never going to stop. It's that patent fuel and her new load line."

Certainly she sat close to the sea. I had never seen so much lively water so close. She wallowed, she plunged, she rolled, she sank heavily to its level. I looked out from the round window of the Chief's cabin, and when she inclined those green mounds of the swell swinging under us and away were superior, in apparition, to my outlook.

Agora o capitão tem me contado frequentemente como o *Capella* tinha enfrentado os furacões do Cabo Hateras, carregado de minério, e tinha mantido o convés enxuto. Há outras histórias sobre a sua surpreendente flutuabilidade, quando extremamente carregado, e eu as tinha ouvido todas em casa, e são histórias maravilhosas. Mas que mentiras elas são! Porque ali abaixo de mim, com Lundy não percorrida totalmente e com a Baía de Biscaia adiante (o Pará ainda não era para estar no pensamento) havia toneladas e toneladas de lavagem de sal que não tiveram tempo de escapar pelos embornais²⁴ do navio, mas mergulhavam estafantemente entre as escotilhas e os guindastes.

“Nunca o vi tão sujo como está agora” - resmungou o maquinista-chefe enfaticamente, espiando de seu camarote para a fria massa de água compacta escorrendo casualmente por cima, para o convés da popa. “É aquele combustível patenteado - foi arrumado do lado errado. Agora o navio vai balançar - pode-se prever - resistente como é, nunca vai parar. São esse combustível e a nova linha de demarcação da carga” - disse o maquinista.

Sem dúvida o navio ajustava-se ao mar. Nunca tinha visto tanta água viva tão perto. O navio balançava, mergulhava e afundava pesadamente na superfície do mar. Eu olhava pela janela redonda do camarote do comandante e, quando o navio inclinava-se, aqueles morros verdes do mar, balançando-se debaixo de nós e ao longe, ultrapassavam, em forma de aparição, meu panorama.

²⁴Abertura que se faz no costado do navio rente com o convés, para escoamento das águas da baldeação ou do mar, da chuva, etc.

"Listen to it," said the Chief. He stopped triturating some shavings of hard tobacco between his huge palms, and sat quietly, hands clasped, as though in prayer. The surge mourned over the deck. The day, too, was growing towards the dusky hours of retrospection. That sombre monody outside was like the tremor and boom of the drums funebre. "That chap some of you talk about - Lloyd George!" - said the Chief, suddenly rubbing his tobacco again with energy. (Good God, I thought, and here we are at sea too. Now what has the misguided man done.) "If I had him here I'd hold him down in that wash on deck till it cleared. Then he'd know. He put it there, to break sailors' legs. This steamer, she had dry decks till her load line was altered. She carries more now than she was built for, two hundred tons more. If I had him here - but there you are! Popularity! There's a fine popular noise for you, isn't it? Sailors growled for better food. 'What about this improved fool scale?' says Mr. Lloyd George to the shipowners. 'Oh,' said they, 'we'll give 'em better food, the drunken insubordinate dogs, if you'll make overloading legal.' 'Why,' says Lord George, 'then it wouldn't be illegal, would it?' So it was done. What does the public know about a ship's buoyancy? Nothing. But it understands food. So the clever man heightens the Plimsoll mark, adds a million or so to shipowners' capital by dipping his pen in the ink, and gives Jack more jam.

"Ouçam isso," - disse o comandante²⁵. Ele parou de esfregar algumas fatias de tabaco entre suas enormes palmas das mãos, sentou-se tranquilamente, mãos juntas, como se estivesse em oração. A onda se lamentava erguendo-se por cima do convés. O dia também estava crescendo rumo a horas sombrias de retrospecto. Aquela monodia sombria lá fora era como o tremor e o estrondo de tambores fúnebres. "Esse sujeito sobre quem alguns de vocês falaram - Lloyd George²⁶!" - disse o comandante esfregando rapidamente seu tabaco energicamente de novo. (Bom Deus, pensei, e aqui estamos nós no mar também. Mas o que o homem desencaminhado fez?). "Se eu o tivesse aqui, o desceria para a lavagem no convés até que estivesse limpo. Então ele saberia. Lloyd George pôs a marca ali para prejudicar os marinheiros. Este cargueiro teve os conveses enxutos até o dia em que a linha de demarcação da quantidade de carga foi alterada. Ele carrega mais agora do que para a capacidade de carga que ele fora construído, duzentas toneladas a mais. Se eu o tivesse aqui - mas aí estão vocês! Popularidade! Há um delicado barulho popular por vocês, não é? Marinheiros resmungavam por uma alimentação melhor." "E quanto a essa escala melhorada de alimento?" - diz senhor Lloyd George aos donos de navio. "Ah, daremos uma comida melhor para os insubordinados cães embriagados, se você tornar uma sobrecarga legal" - eles disseram. "Por que aí não seria ilegal, seria?" - diz Lloyd George. "E assim foi feito. O que o povo sabe sobre a flutuabilidade de um navio? Nada. Mas entende de comida. E assim, o homem inteligente aumenta a marca da quantidade de carga permitida ao navio *Plimsoll*, acrescenta um milhão ou mais ao capital dos donos de navios por imersão de sua caneta na tinta, e dá mais trabalho a Jack²⁷.

25O oficial-comandante do *S. S. England (Capella)* é J. B. Crew, cunhado de H. M. Tomlinson. Assim ele o diz na carta enviada à filha do capitão do referido navio, trinta anos depois da viagem à Amazônia.

26David Lloyd George (1863 - 1945), grande político liberal; primeiro-ministro britânico entre os anos de 1916 -1922. Estabeleceu a aposentadoria e o Seguro Nacional na Inglaterra. Ver o livro **Lloyd George**, de Hugh Purcell.

27Provavelmente, alusão ao capitão Jack Sparrow - filho do destemido pirata Teague Sparrow, antigo funcionário da *Companhia das Índias Orientais* - personagem central de uma das lendas das ilhas do Caribe. O narrador se refere a essa personagem em várias passagens, inclusive relata o episódio de Davy Jones, outra importante personagem marítima. Ver nota 52. Há vários filmes retratando a história. Ver, a propósito, **Piratas do Caribe: a maldição do Pérola Negra; O Baú da Morte; No fim do mundo**. Jack é uma gíria

What you want ashore," the Chief added bitterly, "is not more voters, as some say, but more lunatic asylums."

Though I had left politics at home, to be settled by others, like the trouble with the drains, the dog licence, and the dispute about the garden fence, I glanced with interest at the Chief. I know him well. Not only is he a kindly man, but he himself is also a philosophic rebel. But his eye was hard, and he still ground the tobacco with forgetful energy, as though an objectionable thing were between his strong hands. Then impatiently he threw the tobacco loose on his log book, which was open on his deck, paused, and said, "Ah, maybe the man thought a little freeboard the less didn't matter. God give him grace," and picked his flute out of a bookshelf which was fastened above his bunk; sat down over the steam heater, and broke out like a blackbird. Yet was it a well-remembered air he fluted so well. I listened so long as respect for the artist demanded, then rose, filled my pipe from the fragrant grains on the log book, and left him. Presently I would listen to such airs; but this was too soon.

I repeat I had confidence in the "Capella" to gain. I went forward to get it, mounting the bridge, where my cabin mate, the youthful second officer, was in charge, in his oilskins. A cheerful sight he looked. "I think," said he briskly, "we're going to catch it." He was puckering his face over our course. Lundy was looming large - even Rat Island was plain - but it looked so frail in that flood of seas, wind, and wild yellow light streaming together from the evening west, that I looked for the unsubstantial island to spring suddenly from its foundations, and to come down on us a stretched wisp of thinned and ragged smoke. The sea was adrift from its old confines. The flood was pouring past, and the wind was the drainage of interstellar space. Lundy was the last delicate fragment of land. It still fronted the upheaval and rush of the ungoverned elements, but one looked for it to be swept away.

para marinheiro. Assim, pode-se ler o trecho do relato dessa forma: "e dá mais trabalho aos marinheiros".

"O que vocês querem em terra firme não é mais eleitores, como dizem alguns, mas doidos" - o comandante acrescenta com desgosto.

Embora eu tivesse deixado a política em casa para ser resolvida por outros, como os problemas com os esgotos, a licença de cães e a disputa sobre a cerca do jardim, olhei de relance para o comandante. Eu o conheço bem. Não somente é um homem bondoso, mas também um rebelde filosófico. Mas seu olhar era disciplinador, e ele ainda esfregava o tabaco com esquecida energia, como se algo ofensivo estivesse entre suas mãos fortes. Impacientemente, ele jogou o tabaco espalhado em cima de seu diário de bordo, que estava aberto no convés, parou e disse: "Ah, talvez o homem pensasse na pouca altura do casco do navio acima da linha d'água, e o resto não importava. Deus lhe conceda graça" - e pegou sua flauta em uma prateleira fixada acima de seu beliche; sentou-se no aquecedor e irrompeu como um melro. Entretanto, era uma melodia conhecida que ele tocou de cor. Ouvi durante certo tempo, em respeito ao que o artista exigia, depois me levantei e enchi meu cachimbo com farelos perfumados, que estavam em cima do diário de bordo, e o deixei. Em breve eu ouviria a estas melodias, mas ainda era cedo demais.

Repito que eu tinha que adquirir confiança no *Capella*. Fui adiante para adquiri-la subindo na ponte de comando, onde estava meu companheiro de camarote - o jovem segundo-oficial estava de plantão, em seu macacão impermeável. Ele contemplava uma alegre visão. "Acho que vamos pegá-lo" - disse ele entusiasmado. Ele estava franzindo o rosto em direção a nosso rumo. Lundy estava reluzindo com o vento - mesmo a ilha de Rat estava desfigurada - parecia tão frágil naquela inundação de mares, o vento e a selvagem luz amarela transbordando junto ao oeste noturno, que procurei a ilha de aparência imaterial, que brotava rapidamente de suas fundações, e trazia sobre nós um fio esticado de fumaça fina e esfarrapada. O mar estava à deriva de seus antigos limites. A inundação estava esvaziando o passado e o vento era a drenagem do espaço interestelar. Lundy era o último e delicado fragmento de terra. Ela ainda encarava o motim e o ímpeto dos elementos desgovernados, mas alguém a procurava para varrê-la por completo.

Yet that wild and scenic west, of such pallor and clarity that one shrank from facing its inhospitable spaciousness, with each shape of a wave there, black against the light as it reared ahead, a distinct individual foe in the host moving to the attack, was but the prelude. Night and the worst were to come. Just then, while the last of the light was shining on the officer's oilskins, I was only surprised that our bulk was such a trifle after all. Our loaded vessel looked so bluff and massive when in dock. She began to attempt, off Lundy, the spring and jauntiness of a trawler. The bows sank to the rails in an acre of white, and the spume flew past the bridge like rain. The black bows lifted and swayed, buoyant on submarine upheavals, to cut out segments of the sunset; then sank again into dark hollows where the foam was luminous. The cold and wind were bitter dolours.

We rolled. I grasped the rail of the weather cloth, in the drive of wind and spume, and rode down on our charger like a valiant man; like a valiant man who is uncertain of his seat. Something like a valiant man. We advanced to the attack, masts and funnel describing great arcs, and steadily our bows shouldered away the foe. I think sailors deserve large monies. Being the less valiant - for the longer I watched, the more grew I wet and cold - it came to my mind that where we were, but a few weeks before, another large freighter had her hatches opened by the seas, and presently was but a trace of oil and cinders on the waters. You will remember I am on my first long voyage. The officer was quite cheerful and asked me if I knew Forest Gate. There were, he said, some fine girls at Forest Gate.

We rounded Hartland. It was dusk, the weather was now directly on our starboard beam, and the waves were coming solidly inboard. The main deck was white with plunging water. We rolled still more.

Entretanto, esse oeste selvagem e paisagístico era de tal palidez e claridade que uma pessoa recuaria se tivesse de enfrentar sua amplitude inóspita, com cada forma de onda ali, escura, contra a luz, quando se erguia adiante um adversário distinto movimentando-se para o ataque; era apenas o prelúdio. Anoitecia e o pior estava por vir. Naquele instante, enquanto a última luz brilhava no macacão do oficial, surpreendi-me com o fato de que nosso tamanho fosse uma ninharia, afinal de contas. Nossa embarcação carregada parecia tão valente e maciça, quando estava no cais. O navio começou a tentar afastar-se de Lundy, a fonte e o garbo de um barco pesqueiro. A proa do navio afundava na espuma branca até as bordas e a espuma salpicava a ponte de comando como chuva. A proa escura erguia-se e balançava, flutuante no motim submarino, e recortava seções do pôr do sol; depois afundava novamente em vales escuros, onde as espumas estavam luminosas. O frio e o vento eram tristezas amargas.

Balançávamos. Agarrei a grade da tela protetora, conduzido pelo vento e pela espuma, e montei em nosso carregador de bateria como um homem valente; como um homem valente que está incerto de seu lugar no mundo. Algo como um homem valente. Avançamos para o ataque, os mastros e o funil descrevendo grandes arcos geométricos, e nossa proa enfrentou o inimigo firmemente. Acho que os marinheiros merecem grandes verbas. Sendo eu o menos valente - quanto mais observava, mais ficava molhado e com frio - veio à minha mente que ali onde estávamos, poucas semanas antes, outro grande cargueiro teve as escotilhas abertas pelo mar e ainda havia um traço de óleo e de cinza em cima das águas. Lembre-se que esta é minha primeira longa viagem. O oficial estava um pouquinho animado e me perguntou se eu conhecia Forest Gate. Havia algumas garotas refinadas em Forest Gate, ele disse.

Circunavegamos a ilha de Hartland. Anoitecia, o tempo ruim agora vinha diretamente à nossa proa a estibordo, e as ondas estavam vindo a bordo solidamente. O convés principal estava coberto de água. Balançamos um pouco mais.

"I can't make out why you left London when you didn't have to," said the grinning sailor. "I'd like to be on the Stratford tram, going down to Forest Gate."

This was nearly as bad as the Chief's flute. I held up two fingers over those hatches of ours, called silently on blessed Saint Anthony, who loves sailors, and went down the ladder; for night had come, and the prospect from the "Capella" was not the less apprehensive to the mind of a landsman because the enemy could not be seen, except as flying ghosts. The noises could be heard all right.

I shut my heavy teak door amidships, shut out the daunting uproar of floods, and the sensation that the night was collapsing round our heaving ship. There was a home light far away, on some unseen Cornish headland, rising and falling like a soaring but tethered star. Nor did I want the lights of home.

"I love the sea," a beautiful woman once said to me. (We, then, stood looking out over it from a height, and the sea was but the sediment of the still air, the blue precipitation of the sky, for it was that restful time, early October. I also loved it then.)

I was thinking of this, when the concrete floor of the cabin nearly became a wall, and I fell absurdwise, striking nearly every item in the cabin. Was this the way to greet a over? Sitting on a sea-chest, and swaying to and fro because the ship compelled me to a figure of woe, I began to consider whether it was only the books about the sea which I had loved hitherto, and not the sea itself. Perhaps it is better not to live with it, if you would love it. The sea is at its best at London, near midnight, when you are within the arms of a capacious chair, before a glowing fire, selecting phases of the voyages you will never make. It is wiser not to try to realise your dreams. There are no real dreams. For as to the sea itself, love it you cannot. Why should you?

"Não consigo entender por que você deixou Londres quando não devia" - disse o marinheiro sorrindo maliciosamente. "Eu gostaria de estar no bonde de Stratford, descendo para Forest Gate" - ele acrescentou.

Isso era quase tão ruim quanto a flauta do comandante. Levantei dois dedos por cima daquelas escotilhas e clamei silenciosamente pelo bendito Santo Antônio, que ama os marinheiros, e desci a escada; a noite tinha chegado e a perspectiva do *Capella* não era menos apreensiva para a mente de um camponês, porque o inimigo não podia ser visto, exceto como fantasmas voadores. Podia-se ouvir os alaridos perfeitamente.

Fechei minha pesada porta de madeira e silencieei o alvoroço assustador do dilúvio e a sensação de que a noite estava desmoronando em volta de nosso carregado navio. Havia uma claridade familiar ao longe, em algum promontório invisível da Cornualha, subindo e descendo como uma estrela amarrada a uma corda. Nem assim eu queria as luzes de casa.

"Eu adoro o mar" - disse-me um dia, uma linda mulher. (Então ficamos observando-o de uma elevação, e o mar era tão somente o sedimento do ar tranquilo, a precipitação azul do céu, porque era um tempo de calmaria, de início de outubro. Eu também o amava naquele momento).

Estava pensando nisso quando o chão firme do camarote tornou-se quase uma parede e eu caí ridiculamente, batendo em tudo que havia no camarote. Essa era a maneira de saudar um amante? Sentado em um baú de bordo e balançando para frente e para trás, porque o navio me impelia a pensamentos tristes, comecei a considerar se eram tão somente os livros sobre o mar que eu tinha amado até aquele instante, e não o mar em si. Talvez seja melhor não conviver com isso, se se quiser amá-lo. O mar é bem melhor em Londres, próximo da meia-noite, quando se está entre os braços de uma cadeira espaçosa, diante de um fogo brilhante, selecionando frases das viagens que nunca serão feitas. É sensato não tentar realizar seus sonhos. Não há sonhos verdadeiros. Para o próprio mar, não se pode amá-lo. Por que se deveria?

I will never believe again the sea was ever loved by anyone whose life was married to it. It is the creation of Omnipotence, which is not of human kind and understandable, and so the springs of its behaviour are hidden. The sea does not assume its royal blue to please you. Its brute and dark desolation is not raised to overwhelm you; you disappear then because you happen to be there. It carries the lucky foolish to fortune, and drags the calculating wise to the strewn bones. Yet, thought I, that night off Cornwall, if I pray now as one of the privileged and lucky foolish, this very occasion may prove to be set apart for the sole use of the calculating wise. Because that is the way things happen at sea. What else may we expect from It, the nameless thing, new-born with each dawn, but as old as the night? Now for me had it degenerated into its mood of old night, behaving as it did in the lightless days, before poetry came to change it with flattery. It was again as inhuman as when the poet was merely a wonderfully potential blob on a warm mudbank.

Here you see, is the whole trouble in appealing to Omnipotence. Picture me entering the wide western ocean at night, an inconspicuous but self-important morsel sitting on a sea-chest, at a time when it was perhaps ordained that hundreds of ships should have anxious passages. (Afterwards I learned very many ships did have anxious passages.) How could I expect to be spared, even though somewhere the hairs of my head were all numbered? It is plain that to spare me would be to extend beneficence to all. There only remained to me my liberty to hope that our particular steamer might miss all seventh waves, by luck. I was free to do that.

Nunca acreditarei novamente que o mar já foi amado por alguém, cuja vida estivesse ligada a ele. Ele é criação da Onipotência, que não é de natureza humana e compreensível, e assim, as primaveras de seu comportamento estão ocultas. O mar não assume o seu azul real para agradar o viajante. Sua desolação irracional e sombria não se erige para tragar o navegante; este desaparece porque, por acaso, está lá. O mar carrega a tola sorte para a fortuna e arrasta o cálculo sábio para uma vida longa. Entretanto, pensava eu, naquela noite que deixamos Cornualha, se rezo agora como um dos privilegiados e sortudos insensatos, esta ocasião pode provar, muito para além de ser definida, a utilização exclusiva do cálculo sábio. Porque é assim que as coisas acontecem no mar. O que mais podemos esperar dele, essa coisa sem nome, recém-nascida em cada madrugada, mas tão antigo quanto a noite? Então, para mim, ele tinha se degenerado dentro do humor da noite antiga, comportando-se como se estivesse nos dias escuros, antes que a poesia²⁸ chegasse para mudá-lo com lisonja. Estava novamente tão desumano, como quando o poeta era meramente uma magnífica e potente gota em cima de uma tépida lama de barranco.

Aí se vê, está toda a dificuldade em apelar para a Onipotência. Retrato-me entrando no vasto oceano ocidental, à noite, um pedacinho indiscreto e autossuficiente, sentado em um baú de bordo, em um tempo quando era talvez prescrito que centenas de navios deveriam ter passagens angustiantes. (Depois aprendi que muitos navios realmente tiveram passagens angustiantes). Como eu podia esperar ser poupado, mesmo se em algum lugar os cabelos de minha cabeça estivessem todos contados? É claro que para me poupar o benefício teria que ser estendido a todos. Ali apenas permanecia a minha liberdade para ter esperança de que nosso navio particular podia escapar de todas as sétimas ondas, por sorte. Eu estava livre para tentar isso.

28“Durante milênios, anteriores à adoção e difusão da escrita, a poesia foi oral e foi o centro e o eixo da vida espiritual dos povos, da gente que - reunida em torno do poeta numa cerimônia ao mesmo tempo religiosa, festiva e mágica - a ouvia. Então, a palavra tinha o poder de tornar presentes os fatos passados e os fatos futuros (*Teogonia*, vv. 32 e 38), de restaurar e renovar a vida (*idem*, vv. 98 - 103)”. Conforme **Teogonia: a origem dos deuses - estudo e tradução**, de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2006.

I turned up the dull and stinking oil lamp, and tried to read; but that fuliginous glim haunted the pages. That black-edged light too much resembled my own thoughts made manifest. There were some bunches of my cabin mate's clothes hanging from hooks, and I watched their erratic behaviour instead. The water in the carafe was also interesting, because quite mad, standing diagonally in the bottle, and then reversing. A lump of soap made a flying leap from the washstand, and then slithered about the floor like something hunted and panic-stricken. I listened to numerous little voices. There was no telling their origins. There was a chorus in the cabin, rustlings, whispers, plaints, creaks, wails, and grunts; but they were foundered in the din when the spittoon, which was an empty meat tin, got its lashings loose, and began a rioting fandango on the concrete. Over the clothes chest, which was also our table and a cabin fixture, was a portrait of the mate's sweetheart, and on its frame was one of my busy little friends, little friends, the cockroaches; for the mate and I do not sleep alone in this cabin, not by hundreds. The cockroach stood in thought, waving his hands interrogatively, as one who talks to himself nervously. The ship at that moment received a seventh wave, lurched, and trembled. The cockroach fell. I rose, listening. I felt sure a new clamour would begin at once, showing we had reached another and critical stage of the fight. But no; the brave heart of her was beating as before. I could feel its steady pulse throbbing in our table. We were alive and strong, though labouring direfully.

It was when I was thinking whether bed would be, as I have so often found it, the best answer to doubt, that I heard a boatswain's pipe.

I fought one side of the door, and the wind fought the other. My hurry to open the door was great, but the obstinate wind jammed it firmly. Without warning the wind released its hold, the ship fell over to windward, the door flew open, and forth I went, clutching at the driving dark.

Virei o lampião de óleo, fedorento e sombrio, e tentei ler, mas aquele brilho fuliginoso assustava as páginas. Aquela luz de pontas escuras, por demais semelhantes a meus próprios pensamentos, se manifestou. Havia algumas roupas de meu companheiro de camarote penduradas nos cabides e eu observava seus comportamentos incertos. A água no jarro também era interessante, porque quase enlouquecia e ficava na diagonal na garrafa e depois invertia. Um pedaço de sabão fez um salto voador do lavatório e deslizou no chão como algo assustado e acometido de pânico. Eu ouvia numerosas vozes. Não sabia de onde vinham. Havia um coro no camarote; ruídos, sussurros, rangidos, lamentos e grunhidos; mas eram silenciados pelo estampido, quando a cuspidreira, que era como um enlatado vazio, soltava seus espasmos frouxos e começava um fandango tumultuado no chão firme. Defronte ao baú de roupas, que também era nossa mesa e uma cômoda fixa do camarote, havia uma foto da amada do oficial, e em cima da moldura estavam algumas das minhas ocupadas amiguinhas, as baratas; porque o oficial e eu não dormíamos sozinhos nesse camarote, não completamente. A barata parou pensativa, acenando suas mãos interrogativamente, como alguém que conversa consigo mesmo nervosamente. O navio, naquele momento, recebeu a sétima onda, solavancou e tremeu. A barata caiu. Levantei e continuei ouvindo. Sentia seguramente que um novo clamor iniciar-se-ia imediatamente, mostrando que tínhamos alcançado outra etapa crítica da luta. Mas não; o coração valente do navio estava pulsando como antes. Podia-se sentir seu pulso firme palpitando em nossa mesa. Estávamos vivos e fortes, embora trabalhando calamitosamente.

Foi quando eu estava pensando se a cama seria, como tenho pensado tão frequentemente, a melhor resposta para a dúvida, que ouvi um apito do contramestre.

Eu lutava de um lado da porta e o vento lutava do outro. Minha pressa para abrir a porta era grande, mas o vento obstinado a prendia firmemente. Sem avisar, o vento soltou sua pressão, o navio virou no mesmo sentido do vento, a porta se abriu e fui adiante tateando na escuridão.

Then up sailed my side of the ship, and the door shut with the sound of gunfire. I had never experienced such insensate violence. These were the unlawful noises and movements of chaos. Hanging to a rail, I was puzzling out which was the fore and which the rear of the ship, when a flying lump of salt water struck me in the face just as a figure (I thought it was the chief officer) hurried past me bawling "All hands."

The figure came back. "That you, purser? Number three hatch has gone," it said, and disappeared instantly.

So. Then this very thing had come to me, and at night! Our hatches were adrift. It was impossible. Why, we had only just left Swansea. It could not be true; it was absurdly unfair. This was my first long voyage, and it had only just begun. I stood like the cricketer who is out for a duck.

If I could tell you how I felt, I would. Somebody was shouting somewhere, but his words were cut off at once by the wind and blown away. I felt my way along a wet and dark iron alleyway which was giddily unstable, pressing hard against my feet, and then falling from under me. I got round by the engine-room entrance. Small gleams, shavings of light, were escaping from seams in the unseen structure, but they showed nothing, except a length of wet rail or a scrap of wet deck. The ship itself was a shade, manned by voices.

Em seguida, o lado do navio onde eu estava subiu, e a porta fechou-se com o barulho de uma arma de fogo. Eu nunca tinha experimentado violência tão insensata. Esses eram os movimentos e ruídos desregrados do caos²⁹. Agarrando-me numa amurada, estava confundindo o que era a proa e a popa do navio, quando um jato de água salgada atingiu-me no rosto, no exato momento em que um vulto (pensei que fosse o oficial-comandante) passava apressado por mim gritando: "Mãos à obra".

O vulto retornou. "É você, comissário? A escotilha número três se foi" - ele disse e desapareceu rapidamente.

E foi assim. Então esse acontecimento exato aconteceu comigo, e à noite! Nossas escotilhas estavam à deriva. Isso era impossível. Por quê? Tínhamos tão somente acabado de deixar Swansea. Não podia ser verdade; era absurdamente injusto. Essa era minha primeira longa viagem e tinha tão somente acabado de começar. Fiquei sem ação, como um jogador de críquete que está fora de jogada.

Se eu pudesse contar-lhe como me sentia, contaria. Alguém estava gritando em algum lugar, mas suas palavras eram imediatamente cortadas e desintegradas pelo vento. Senti meu caminho adiante, uma travessa de ferro molhada e escura, que estava vertiginosamente escorregadia, pressionando firmemente contra meus pés e, em seguida, desmoronando sob mim. Consegui dar a volta pela entrada da casa das máquinas. Clarões pequenos, faíscas de luz, estavam escapando das suturas na estrutura invisível, mas eles não mostravam nada, exceto uma extensão da amurada molhada, ou um pedaço do convés enxarcado. O próprio navio era uma sombra, tripulado por vozes.

29"Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também Terra de amplo seio, [...] De Caos Érebrós e Noite negra nasceram..." Ver **Teogonia: a origem dos deuses**, de Hesíodo. Segundo Almeida, "A antiga cosmogonia semítica, descrita na epopéia mesopotâmica de *Emuna Elish*, fala de uma desordem primordial personificada pelo mar". Consultar **Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo**, de Rogério M. de Almeida. Edições Loyola, São Paulo: 2007.

I could not see that anything was being done. Were they allowing her to fill up like an open barge? I became aware my surcharged feelings were escaping by my knees, which kept knocking in their tremors against a lower rail. I tried to stop this trembling by hardening my muscles, but my fearful legs had their own way. Yet it is plain there was nothing to fear. I told my legs so. Had we not but that day left Swansea? Besides, I had already commenced a letter which was to be posted at Para. The letter would have to be posted. They were waiting for it at home.

Somewhere below me a heavy mass of water plunged monstrosly, and became a faintly luminous cloud over all the main deck aft, actually framing the rectangular form of the deck in the night. It was unreasonable. I was not really one of the crew either, though on the articles. I was there by chance. No advantage should be taken of that. A torrent poured down the athwartships alleyway, and nearly swept me from my feet.

One could not watch what was happening. That was another cruel injustice. The wind and sea could be heard, and the ship could be felt. But how could I be expected to know what to do in the dark in such circumstances? There ought to be a light. This should have happened in the daytime. My garrulous knees struck the lower rail violently in their excitement. I leaned over the rail, shading my eyes. I grew savagely indignant with something having no name and no shape. I cannot even now give a name to the thing that angered me, but can just discern, in the twilight which shrouds the undiscovered, a vast calm face the rock of which no human emotion can move, with eyes that stare but see nothing, and a mouth that never speaks, and ears from which assailing cries and questions fall as stone falls from it, as unavailing as your prayers; but we shall never cease to pray and fling stones, alternately, up there into the twilight.

Eu não podia ver que alguma coisa estava sendo feito. Foram eles que permitiram que o navio se enchesse como uma lancha aberta? Conscientizei-me de que meus sentimentos adicionais estavam escapando pelos meus joelhos que, em seus tremores, batiam em um suporte mais baixo. Tentei parar esse tremor enrijecendo meus músculos, mas minhas pernas medrosas tinham vontade própria. Entretanto, é claro, não havia nada a temer. E eu disse isso para minhas pernas também. Não havíamos zarpado de Swansea naquele dia? Além disso, eu já havia começado a escrever uma carta que era para ser postada no Pará. A carta teria que ser postada. Eles a aguardavam em casa.

Em algum lugar embaixo, uma pesada massa de água afundou monstruosamente e tornou-se uma nuvem tenuemente luminosa por cima de todo o convés principal dianteiro, enquadrando, de fato, a forma retangular do convés na noite. Isso era irracional. Eu ainda não era um verdadeiro membro da tripulação, apesar de constar nos documentos. Eu estava ali por acaso. Nenhuma vantagem deveria ser tirada disso. Uma torrente de água lavou a travessa do navio de fora a fora e quase me derrubou.

Não se podia ver o que estava acontecendo. Essa era outra cruel injustiça. O vento e o mar podiam ser ouvidos e podia-se sentir o navio. Porém, como eu poderia saber o que fazer no escuro em tais circunstâncias? Deveria existir uma claridade. Isso deveria ter acontecido durante o dia. Meus joelhos tagarelas batiam violentamente no suporte mais baixo, em suas excitações. Enclinei-me por cima do suporte protegendo meus olhos da luz. Fiquei irritadamente indignado com aquela coisa sem nome e sem forma. Mesmo agora, não posso dar um nome à coisa que me irritou; mas posso apenas discernir, no crepúsculo que esconde o oculto, uma vasta calmaria que encara a rocha, que nenhuma emoção humana pode comover, e com olhos que olham, mas não veem nada, e uma boca que nunca fala, e com ouvidos dos quais clamores fervorosos e interrogações desmoronam, como as pedras desmoronam dele, tão inválidas quanto nossas preces; mas nunca cessaremos de orar e atirar pedras, alternadamente, ali no interior do crepúsculo.

Nevertheless, when the chief, with his hurricane lamp, found me, he says I was smiling. The youth who was our second mate ran up and stood by us, the better to shout to the deck below. He shouted, bending over the rail, till he was screaming through hoarseness. He turned to us abruptly. "They don't understand a word I say," he cried in despair. "There isn't a sailor or an Englishman in the crowd, the - German farmers." This, I found afterwards, was nearly true. These men had been signed on at a Continental port. It was really our Dutch cook who saved us that night. It was the cook who first saw the hatch covers going.

The ship's head had been put to the seas to keep the decks as clear as possible, and being now more accustomed to the gloom I could make out the men below busy at the hatch. Most conspicuous among them was the cook, who had taken charge there, and he, with three languages, bludgeoned into surprising activity the inexperienced youngsters who were learning for the first time what happens to a ship when the carpenter's chief job on leaving port has its defects discovered by exceptional weather. They were wading through swirling waters as they worked, and once a greater wave sprang bodily over them, and when the hatch showed through the foam again some of the men had gone as though dissolved. But it was found they had kept the right side of the bulwarks, and the elderly carpenter, whose leg had got wedged in a winch, was the only one damaged.

No entanto, quando o comandante, com seu lampião potente, me encontrou, disse que eu estava sorrindo. Com a jovialidade que tinha nosso segundo-oficial, ele correu e ficou ao nosso lado, para melhor gritar para o convés embaixo. Ele gritou curvando-se por cima da amurada, até ficar rouco. E ele virou-se para nós repentinamente. "Eles não entendem uma palavra do que digo" - gritou em desespero. "Não há sequer um marinheiro ou um inglês na tripulação; esses lavradores alemães!"

Isso, descobri depois, era quase certo. Esses homens tinham sido contratados em qualquer porto do continente. De fato, foi nosso cozinheiro holandês quem nos salvou naquela noite. Foi o cozinheiro quem primeiro viu as tampas de escotilha indo embora.

A proa do navio³⁰ tinha sido virada para os mares para manter o convés tão claro quanto fosse possível e, estando agora mais acostumado à escuridão, eu podia ver os homens embaixo ocupados com as escotilhas. O mais notável entre eles era o cozinheiro, que tinha se incumbido da tarefa, e ele, falando três línguas, incitava a uma surpreendente atividade os jovens inexperientes, que estavam aprendendo, pela primeira vez, o que acontece a um navio, quando o trabalho do carpinteiro-chefe para deixar o porto tem seus defeitos descobertos por condições meteorológicas excepcionais. Eles enfrentavam com dificuldades os redemoinhos de água, enquanto trabalhavam e, uma vez, uma onda maior saltou pesadamente em cima deles e, quando a escotilha surgiu novamente em meio a espumas, alguns dos homens tinham sido como que dissolvidos. Mas verificou-se que eles tinham se mantido do lado certo dos baluartes; e o carpinteiro mais velho, cuja perna tinha sido prensada em um guincho, era o único machucado.

³⁰*Ship's head* é uma expressão inglesa herdada da navegação antiga, quando os navios tinham o banheiro na proa, próximo a uma imagem (escultura), geralmente, de uma bela mulher. Era considerado o lugar ideal para o *toilete* porque o vento levava o mau cheiro para longe, já que os navios à vela eram conduzidos pela força do vento que vinha de trás e os empurrava avante.

If you ask me when I shall be pleased to allow the necessary sun to rise upon this narrative to give it a little warmth, then I must tell you it cannot be done till we have fastened down the "Capella's" number two hatch, at least. That hatch has gone now, and if hatches one and four give way while number two is getting attention from the weary, soaked, and frozen crowd which has just had an hour's desperate work at number three, then I fear the sun will never rise on this narrative. (How Bates got over to his wonderful blue butterflies in those forest paths under a tropical sun in thirty-eight words I do not know. He must have been thinking of nothing but his butterflies. I cannot do it, with the seas and the ship keeping my mind so busy).

Luckily, the other hatches kept staunch. We were watertight again. When the Old Man, the Chief, the Doctor, and the Purser, gathered late that night in the Chief's cabin to see what it was he had secreted in his cupboard, and boasted of, we sat where we could, being comfortably crowded, and I never knew tobacco could taste like that. I felt as if never before had I found such large leisure for extracting its full flavour. From being suddenly confined within a space which gave me a short outlook of a few hours, I was presently released into the open again and of what might remain to me of the usual gift of ample years. I had all that time to smoke in. Never did a pipe taste so sweet. It is idle for good and serious souls to think me graceless here with this talk of tobacco immediately after such a release. Let me tell them my sacrificial smoke rose up straight and accepted. Looking through the smoke I saw clearly how worthy, kind, and lovable were the faces of my comrades. I warmed to this voyage for the first time; as though, after a test, I had been initiated. This was the place for me, with men like these about me, and such great affairs to be met.

Se me perguntar, quando estarei satisfeito para permitir que o sol necessário se levante nesta narrativa, para lhe dar um pouco de calor, então, devo dizer-lhe que isso não pode ser feito até que tenhamos, pelo menos, fixado a escotilha número dois do *Capella*. Esta escotilha se foi e, se as escotilhas número um e quatro se forem, enquanto a número dois estiver recebendo atenção da tripulação cansada, ensopada e congelada, que já tem uma hora de trabalho desesperado com a escotilha número três, então temo que o sol nunca se levante nesta narrativa. (Como Bates conseguiu pegar suas maravilhosas borboletas azuis, naquelas trilhas da floresta, debaixo de um sol tropical, em trinta e oito palavras, não sei. Ele não deve ter pensado em outra coisa, a não ser em suas borboletas. Não posso fazer isso com os mares e o navio mantendo minha mente tão ocupada).

Por sorte as outras escotilhas mantiveram-se firmes. Estávamos impermeáveis novamente. Quando o capitão, o comandante, o médico e o comissário reuniram-se mais tarde, naquela noite, no camarote do comandante, para ver o que ele tinha escondido em seu armário, e vangloriar-se, nos sentamos onde pudemos, ficando o camarote confortavelmente lotado; eu nunca soube antes que o tabaco pudesse ter um sabor como aquele. Senti-me como se nunca antes tivesse encontrado tão grande prazer em extrair seu pleno sabor. De repente, estando confinado em um espaço que me dava um panoramazinho de poucas horas, imediatamente eu estava liberado, no lugar exposto novamente, e daquilo que poderia permanecer para mim do presente habitual de amplos anos. Tinha todo aquele tempo para saborear o fumo. Jamais um cachimbo teve um sabor tão doce. É ocioso para almas sérias e boas me acharem deselegante aqui com essa conversa sobre fumo, imediatamente depois de tal liberação. Permitam-me dizer-lhes que minha fumaça do sacrifício subiu direto e foi aceita. Olhando através da fumaça do cachimbo, via claramente quão dignos, bondosos e adoráveis eram os rostos de meus companheiros. Animei-me com essa viagem pela primeira vez; como se, depois de um teste, eu tivesse sido iniciado. Este era o lugar certo para mim, com homens como estes ao meu redor, e tão grandes acontecimentos para serem cumpridos.

I revelled in the thought of our valorous bluff, insignificant as we were in that malign desolation, sundered from our kind.

"Chief," said the Old Man, "it was my department that time. None of your old engines did it."

"You've got a good cook," said the Chief, "I saw that." Then the Chief, remembering something, turned in his seat to the picture hanging above his desk of a smiling and handsome matron. "Here's luck, old girl," he said, holding up his glass; "you can still send me some letters."

The Chief, in case of an emergency, slept in his clothes that night on the settee, and I climbed into his bunk. What a comfortable outline the man had, as he lay on his broad back, mildly snoring. There was a tangle of tense hair over a square copper coloured forehead. A long experience of such nights was written in many lines on that brow, and was shown in that indifferent snoring while chaos was without. The nose sprang out of the big face like an ejaculation, and beneath it was a moustache clipped short to show the red of the upper lip. The jaw was powerful, but its curves made it friendly. His body and limbs hid the settee and had a margin over. The nose sprang out of the big face like an ejaculation, and beneath it was a moustache clipped short to show the red of the upper lip. The jaw was powerful, but its curves made it friendly. His body and limbs hid the settee and had a margin over. I quite believed what I had been told of his successful way with refractory stokers. There was confidence to be got from a mere look at that slumbering Jovian form. The storm assailed its hairy and fleshy ears in vain. I braced my knees against the bulkhead to keep myself still, the rolling was so violent, and went to sleep . . .

Deleitei-me com o pensamento de nossa valorosa ilusão, insignificante, como se estivéssemos separados de nossa espécie naquela desolação maligna.

"Comandante, aquele setor estava sob minha responsabilidade naquela hora. Nenhuma das suas velhas máquinas é reponsável pelo ocorrido" - disse o capitão.

"Você contratou um ótimo cozinheiro, eu percebi isso" - disse o comandante. Então o comandante, lembrando-se de alguma coisa, virou-se em seu assento para uma foto de uma matrona sorridente e bonita, pendurada acima de sua escrivaninha. "Aí está a sorte, minha querida, você ainda pode me enviar algumas cartas" - disse o comandante erguendo seu copo.

O comandante, para o caso de uma emergência, dormiu de roupa no sofá, naquela noite, e eu subi em seu beliche. Que forma confortadora tinha o sujeito, quando deitado sobre suas costas largas, roncando suavemente. Havia um emaranhado de cabelos desgrehados em sua testa quadrada cor de cobre. Uma longa experiência de tais noites estava inscrita em suas rugas, em cima da fronte, que se mostrava naquele ronco indiferente, enquanto o caos continuava em derredor. O nariz destacava-se do rosto grande, como uma exclamação e, abaixo deste, um bigode aparado mostrava a cor rosada de seu lábio superior. O maxilar demonstrava autoridade, mas as curvas o deixavam simpático. Seu tronco e membros escondiam o sofá e deixavam uma extremidade do corpo de sobra. Quase acreditei no que haviam me dito sobre sua maneira bem sucedida com os foguistas desobedientes. Obtinha-se confiança num mero olhar para aquela forma adormecida de Jove³¹. A tempestade agredia em vão suas orelhas peludas e gordas. Escorei meus joelhos contra o anteparo do navio para me acalmar, pois o balanço era muito violento, e adormeci...

³¹Nome latino que corresponde ao deus Júpiter, ou Zeus, em grego. Júpiter era o deus maior dos romanos. Era a divindade da luz do céu, dos raios e trovões. Ver, a propósito, **Odisséia**, de Homero.

waking to find us on a level keel; and was deceived into thinking the parallel lines of grey and gold in the upper air, seen as a picture framed by the port, were the heights about a harbour into which we had run for shelter; but it was only cloudland over the western ocean. The stillness, too, was but a short reprieve. The wind was merely making a detour, to spring at us from another quarter.

The sun died at birth. The wind we had lost we found again as a gale from the south-east. The waters quickly increased again, and by noon the saloon was light and giddy with the racing of the propeller. I moved about like an infant learning to walk. We were 201 miles from the Mumbles, course S.W.1/2W.; it was cold, and I was still looking for the pleasures of travel. The Doctor came to introduce himself, like a good man, and tried me with such things as fevers, Shaw, Brazilian entomology, the evolution of sex, the medical profession under socialism, the sea and the poets. But my thoughts were in retreat, with the black dog in full cry. It was too cold and damp to talk even of sex. When my oil lamp began to throw its rays of brown smell, the Doctor, tired of the effort to exalt the sour dough which was my mind, left me. It was night. O, the sea and the poets!

By next morning the gale, now from the southwest, like the seas, was constantly reinforced with squalls of hurricane violence. The Chief put a man at the throttle. In the early afternoon the waves had assumed serious proportions. They soared by us in broad sombre ranges, with hissing white ridges, an inhospitable and subduing sight. They were a quite different tribe of waves from the volatile and malicious natives of the Bristol Channel. Those channel waves had no serried ranks in the attack; they were but a horde of undisciplined savages, appearing to assault without design or plan,

despertando para nos descobrir em uma quilha aprumada; e enganei-me ao pensar que as linhas paralelas cinzas e douradas no ar mais alto, vistas como uma imagem emoldurada pela porta, fossem as alturas de uma enseada, dentro da qual tínhamos nos abrigado; mas eram apenas as nuvens por cima do oceano ocidental. A calmaria, também, era apenas uma breve suspensão temporária. O vento estava simplesmente fazendo um desvio, para vir para cima de nós de um outro canto.

O sol morrera ao nascer. O vento que tínhamos perdido, encontramos novamente como uma tempestade vindo do sudeste. Rapidamente, as águas avolumaram-se novamente e, ao meio-dia, o salão estava iluminado e inconstante com o girar da hélice. Pus-me a caminhar em volta como uma criança que está aprendendo a andar. Estávamos a 201 milhas de Mumbles, curso a sudoeste, $\frac{1}{2}$ a oeste; estava frio e eu ainda estava procurando os prazeres da viagem. O médico apareceu e se apresentou como um homem virtuoso, e me persuadiu com algumas coisas como febres, Shaw³², entomologia brasileira, a evolução do sexo, a profissão médica insuficiente para o socialismo, o mar e os poetas. Mas meus pensamentos estavam em retirada, com o cão preto em pleno choro. Estava muito frio e úmido, até mesmo para se falar de sexo. Quando meu lampião começou a atirar seus raios de cheiro queimado, o médico, cansado do esforço para exaltar a massa azeda que era minha mente, deixou-me. Era noite. Ó, o mar e os poetas!

Na manhã seguinte, a tempestade, nesse momento vindo do sudoeste, como os mares, era completamente reforçada com rajadas violentas de um furacão. O comandante ordenou que um homem ficasse na válvula do acelerador. No início da tarde, as ondas tinham assumido sérias proporções. Subiam à nossa volta com grandes e graves alcances, com sibilantes cordilheiras brancas, uma visão inamistosa e subjugadora. Era um grupo de ondas um pouco diferente das ondas voláteis e maliciosas do Canal de Bristol. Aquelas ondas do canal não tinham posições cerradas de ataque; eram apenas uma horda de selvagens indisciplinados, surgindo para atacar sem projeto ou plano,

³²George Bernard Shaw (1856 - 1950); escritor inglês; sua obra mais conhecida é **Pigmaleão** (1913).

but getting at us as they could, depending on their numbers. The waves in the channel were smaller folk, but more athletic, and very noisy; they appeared to detach themselves from the sea, and to leap at us, shouting.

These western ocean waves had a different character. They were the sea. We did not have a multitude of waves in sight, but the sea floor itself might have been undulating. The ocean was profoundly convulsed. Our outlook was confined to a few heights and hollows, and the moving heights were swift, but unhurried and stately. Your alarm, as you saw a greater hill appear ahead, tower, and bear down, had no time to get more than just out of the stage of surprise and wonder when the "Capella's" bows were pointing skyward on a long upslope of water, the broken summit of which was too quick for the "Capella" - the bows disappeared in a white explosion, a volley of spray, as hard as shot, raked the bridge, the foredeck filled with raging water, and the wave swept along our run, dark, severe, and immense; with so little noise too; with but a faint hissing of foam, as in a deliberate silence. The "Capella" then began to run down a valley. The engines were reduced to half speed; it would have been dangerous to drive her at such seas. Our wet and slippery decks were bleak, wind-swept, and deserted. The mirror of water on the iron surfaces, constantly renewed, reflected and flashed the wild lights in the sky as she rolled and pitched, and somehow those reflections from her polish made the steamer seem more desolate and forlorn. Not a man showed anywhere on the vessel's length, except merely to hurry from one vantage to another - darting out of the ship's interior, and scurrying to another hole and vanishing abruptly, like a rabbit.

mas nos atingindo como podiam, dependendo de seu número. Essas ondas no canal eram de uma tribo muito menor, porém mais atléticas, e muito barulhentas; surgiam para separar-se do mar e saltar gritando em cima de nós.

Essas ondas do oceano ocidental tinham uma característica diferente. Eram o próprio mar. Não tínhamos uma multidão de ondas à vista, mas a própria superfície do mar podia ter sido ondulada. O oceano estava profundamente agitado. Nosso panorama estava confinado a poucas alturas e à cavidades, e as alturas moventes eram velozes, mas sem pressa e imponentes. O seu alarme, quando via uma grande colina surgir adiante e erigir-se e ruir pesadamente - não dava tempo para conseguir mais do que apenas a saída do palco de surpresa e surpreender-se quando a proa do *Capella* estava apontando para o céu, em cima de uma extensa inclinação d'água, o cume quebrado que era muito rápido para o *Capella* - a proa desaparecia em uma explosão branca; uma rajada de água, tão firme quanto um tiro, remexia a ponte de comando, o convés da frente se enchia de água enfurecida, e a onda, sombria, severa e imensa, varria ao longo de nosso curso; com tão pouco barulho também, com um fraco sibilar de espumas, como em um silêncio deliberado. O *Capella* então começou a descer um vale. A velocidade das máquinas foi reduzida para a metade; teria sido perigoso conduzi-lo velozmente em tais mares. Nossos conveses, molhados, escorregadios e varridos pelo vento, estavam sombrios e desertos. O espelho d'água nas superfícies de ferro, constantemente renovado, refletia e reluzia as luzes selvagens no céu, quando o navio se balançava e se erigia e, de algum modo, esses reflexos de seu polimento faziam o navio parecer mais desolado e desamparado. Não se via um homem na extensão do navio, exceto, meramente para precipitar-se de uma vantagem a outra - arremessando-se do interior do navio, e correndo para outro buraco, e desaparecendo abruptamente, como um coelho³³.

³³Alusão ao Senhor Coelho, personagem do livro **Alice no país das maravilhas**, de Lewis Carroll, pseudônimo para Charles Lutwidge Dodgson, (1832- 1898), escritor e matemático britânico.

The gale was dumb till it met and was torn in our harsh opposition, shouting and moaning then in anger and torment as we steadily pressed our iron into its ponderable body. You could imagine the flawless flood of air pouring silently express till it met our pillars and pinnacles, and then flying past rift, the thousand punctures instantly spreading into long shrieking lacerations. The wounds and mouths were so many, loud, and poignant, that you wondered you could not see them. Our structure was full of voices, but the weighty body which drove against our shrouds and funnel guys, and kept them strongly vibrating, was curiously invisible. The hard jets of air spurted hissing through the winches. The sound in the shrouds and stays began like that of something tearing, and rose to a high keening. The deeper notes were amidships, in the alleyways and round the engine-room casing; but there the ship itself contributed a note, a metallic murmur so profound that it was felt as a tremor rather than heard. It was almost below human hearing. It was the hollow ship resonant, the steel walls, decks, and bulkheads quivering under the drumming of the seas, and the regular throws of the crank-shaft far below.

It was on this day the "Capella" ceased to be a marine engine to me. She was not the "Capella" of the Swansea docks, the sea waggon squatting low in the water, with bows like a box, and a width of beam which made her seem a wharf fixture. To-day in the Atlantic her bluff bows rose to meet the approaching bulk of each wave with such steady honesty, getting up heavily to meet its quick wiles, it is true, but often with such success that we found ourselves perched at a height above the gloom of the hollow seas, getting more light and seeing more world; though sometimes

A tempestade emudeceu até se formar e lançar-se contra nossa oposição áspera, gritando e gemendo raivosa e atormentadora, quando pressionamos firmemente nosso navio de ferro contra seu corpo pesado. Podia-se imaginar as inundações sem falhas de ar despejando silenciosamente sua mensagem expressa até encontrar nossos pilares e pináculos, e então, voando entre as brechas traseiras, os mil furos espalhavam-se instantaneamente em longas e gritantes lacerações. Os enroscamentos e as desembocaduras eram tão barulhentos e pungentes que imaginava-se que não se podia vê-los. Nossa estrutura estava cheia de vozes, mas o corpo pesado que se dirigia contra nossas enxárcias³⁴ e os suportes do funil, e os mantinha vibrando fortemente, era curiosamente invisível. Os jatos cruéis de ar esguichavam assobiando por entre os guinchos. O barulho na enxárcia e nas estais³⁵ começou como o choro de alguém e aumentou para uma lamentação intensa. As notas mais agudas localizavam-se no centro do navio, nas travessas e ao redor do invólucro da casa de máquinas; mas ali, o próprio navio contribuía com uma nota, um murmúrio metálico tão agudo que era sentido mais como um tremor do que propriamente como algo audível. Era quase inaudível à audição humana. A cavidade ressonante do navio, as paredes de aço, os conveses e os anteparos estavam estremecendo sob a percussão dos mares e os arremessos regulares do eixo da distante hélice embaixo.

Foi nesse dia que o *Capella* deixou de ser um instrumento marítimo para mim. Não era o *Capella* das docas de Swansea, o vagão marítimo agachando-se moderado na água, com a proa como uma caixa, e uma largura de bombordo a estibordo que o fazia parecer uma peça fixa de cais. Hoje, no Atlântico, sua proa magnífica se ergue com uma dignidade sólida, para se encontrar com o volume de cada onda que se aproxima, erguendo-se pesadamente para encontrar suas ciladas rápidas, é verdade, mas frequentemente com tamanho sucesso que nos encontramos situados em uma altura acima da escuridão das cavidades dos mares, obtendo mais luz e vendo mais o mundo; embora, algumas vezes,

³⁴Conjunto de ovéns (cada uma das pernas da enxárcia) que sustenta o mastro do navio. Em suma, todo o cordame.

³⁵Qualquer um dos cabos que aguentam a mastreação para avante.

the hill-top was missed; she was not quick enough, and broke the inflowing ridge with her face. She behaved so like a brave patient thing that now her portrait, which I treasure, is to me that of one who has befriended me, a staunch and homely body who never tired in faithful well-doing. She became our little sanctuary, especially near dayfall, with those sombre mounts close round us bringing twilight before its time.

Your glance caught a wave passing amidships as a heaped mass of polished obsidian, having minor hollows and ridges on its slopes, conchoidal fractures in its glass: It rose directly and acutely from your feet to a summit that was awesome because the eye travelled to it over a long and broken up-slope; this hill had intervened suddenly to obscure thirty degrees of light; and the imagination shrank from contemplating water which overshadowed your foothold with such high dark bulk toppling in collapse. The steamer leaning that side, your face was quite close to the beginning of the bare mobile down, where it swirled past in a vitreous flux, tortured lines of green foam buried far but plain in its translucent deeps. It passed; and the light released from the sky streamed over the "Capella" again as your side of her lifted in the roll, the sea falling down her iron wall as far as the bilge. The steamer spouted violently from her choked valve, as it cleared the sea, like a swimmer who battles, and then gets his mouth free from a smother.

Her task against those head seas and the squalls was so hard and continuous that the murmur of her heart, which I fancied grew louder almost to a moaning when her body sank to the rails, the panic of her cries when the screw raced, when she lost her hold, her noble and rhythmic labourings, the sense of her concentrated and unremitting power given by the smoke driving in violence from her swaying funnel,

o cume máximo fosse perdido; o navio não era veloz o suficiente e rompia o afluxo do cume das ondas com seu rosto. Ele se comportava como algo corajoso e paciente, que agora o seu retrato, que valorizo, é para mim como o de alguém que me amparou, um corpo familiar e fiel, que nunca se cansou em seu fiel benfazejo. Tornou-se nosso pequeno santuário, especialmente ao cair da tarde, com aqueles montes sombrios ao nosso redor, trazendo o crepúsculo antes da hora.

Seu olhar de relance surpreendia uma onda passando da proa à popa do navio, como um monte de pedra vulcânica vítrea, com cavidades insignificantes e cumes em seus declives, e fraturas côncavas em seu espelho: erguia-se direta e de modo penetrante de seus pés para um cume que era pavoroso, porque o olho viajava até ele por cima de um declive extenso e horripilante; essa colina d'água tinha intervindo rapidamente e escurecia trinta graus de luz; e a imaginação recuava da água contemplada, que ofuscava sua posição com esse grande volume de águas escuras ruindo em colapso. Com o navio se inclinando para aquele lado, o seu rosto ficava bem perto do monte de águas revoltosas embaixo, que rodopiavam em redemoinhos num fluxo vítreo, linhas enlouquecidas de espumas verdes, mergulhadas distante, mas evidentes em suas profundezas reluzentes. A onda passava; e a luz lançada do céu jorrava em cima do *Capella* novamente, quando o lado do navio em que se estava erguia-se com o balanço, e o mar se desmoronando nas paredes de ferro, tão longe quanto as águas bombeadas do porão. O navio esguichava violentamente sua válvula afogada, enquanto abria o mar, como um nadador que luta e, em seguida, consegue livrar sua boca de uma asfixia.

A luta do navio contra aquelas frentes marítimas e as rajadas de vento era tão árdua e contínua, que o murmúrio de seu coração, que eu imaginava aumentar e tornar-se quase um gemido, quando o corpo do navio afundava até as bordas; o pânico dos seus gritos, quando a hélice acelerava, quando ele perdia o controle, seus labores nobres e rítmicos, o sentido de sua força concentrada e incessante dada pela fumaça dirigida da violência de seu funil tremulante;

the cordage quivering in tense curves, the seas that burst in her face as clouds, falling roaring inboard then to founders half her length, she presently to raise her heavy body slowly out of an acre of foam, the cascades streaming from her in veils, - all this was like great music. I learned why a ship has a name. It is for the same reason that you and I have names. She has happenings according to her own weird. She shows perversities and virtues her parents never dreamed into the plans they laid for her. Her heredity cannot be explained by the general chemics of iron and steel and the principles of the steam engine; but something counts in her of the moods of her creators, both of the happy men and the sullen men whose bright or dark energies poured into her rivets and plates as they hammered, and now suffuse her body. Something of the "Capella" was revealed to me, "our" ship. She was one for pride and trust. She was slow, but that slowness was of her dignity and size; she had valour in her. She was not a light yacht. She was strong and hard, taking heavy punishment, and then lifting her broad face over the seas to look for the next enemy. But was she slow? She seemed but slow. The eye judged by those assailing hills, so vast andwhelmingly quick. The hills were so dark, swift, and great, moving barely inferior to the clouds which travelled with them, the collapsing roof which fell over the seas, flying with the same impulse as the waters. There was the uplifted ocean, and pressing down to it, sundered from it only by the gale - the gale forced, them apart - the foundered heavens, a low ceiling which would have been night itself but that it was thinned in patches by some solvent day. And our "Capella," heavy as was her body, and great and swift as were the hills, never failed to carry us up the long slopes, and over the white summits which moved down on us like the marked approach of catastrophe. If one of the greater hills but hit us, I thought -

os cordames tremendo nas curvas tensas, e os mares que arrebatavam em seu rosto, como as nuvens, entrando vociferando a bordo, atingindo toda sua extensão; o navio erguendo lentamente seu corpo pesado para fora das espumas, as cascatas jorrando de seu corpo como véus - tudo isso era como poderosa música. E eu soube por que os navios têm nome. É pela mesma razão que você e eu temos. Ele tem acontecimentos de acordo com sua própria estranheza. Mostra perversidades e virtudes que seus construtores nunca imaginaram estabelecer para ele. Sua hereditariedade não pode ser explicada pela química geral de ferro e aço e os princípios da máquina a vapor, mas alguma coisa deve ser levada em conta do humor de seus construtores, ambos os homens felizes e os carrancudos, cujas energias brilhantes ou sombrias derramaram em seus rebites e chapas, enquanto martelavam, e agora formam o corpo do navio. Algo do *Capella* me fora revelado, “nosso” navio. Era algo para se ter orgulho e confiança. Ele era lento, mas aquela lentidão era sua dignidade e dimensão; tinha seu valor. Não era um iate leve. Era resistente e sólido, recebendo punição pesada e, em seguida, erguendo seu rosto largo por cima do vasto mar para enfrentar o próximo inimigo. Mas ele era lento? Parecia lento. O olho julgava por meio daquelas colinas d'água, que o atacavam violentamente, tão vastas e tremendamente rápidas. As ondas eram tão escuras, velozes e enormes, movendo-se subalternas somente às nuvens que viajavam com elas, a abóbada em colapso que descia sobre os mares, voando com o mesmo impulso quanto as águas. Ali estava o oceano elevado, e pressionando para baixo, separado apenas pela tempestade - a tempestade os forçava para apartá-los - os céus fundidos, um firmamento baixo que parecia a própria noite, mas que era enfraquecido em partes por algum dia solvente. E o nosso *Capella*, pesado como era seu corpo, grande e veloz como as ondas, nunca deixava de nos conduzir por cima dos declives extensos, e por cima dos cumes brancos que desciam sobre nós como a abordagem marcada da catástrofe. Se uma das ondas maiores nos pegasse, eu pensava...

One did. Late that afternoon the second mate, who was on watch, saw such a wave bearing down on us. It was so dominantly above us that instinctively he put his hand in his pocket for his whistle. It was his first voyage in an ocean steamer; he was not long out of his apprenticeship in "sails," and so he did not telegraph to stop the engines. The Skipper looked up through the chart-room window, saw the high gloom of this wave over us, and jumped out for the the bridge ladder to get at the telegraph himself. He was too late.

We went under. The wave stopped us with the shock of a grounding, came solid over our forelength, and broke on our structure amidships. The concussion itself scattered things about my cabin. When the "Capella" showed herself again the ventilators had gone, the windlass was damaged, and the iron ends of the drum on the forecastle head, on which a steel hawser was wound, had been doubled on themselves, like tinfoil.

By day these movements of water on a grand scale, the harsh and deep noises of gale and breaking seas, and the labouring of the steamer, no more than awed me. At least, my sight could escape. But courage went with the light. At dusk, the eye, which had the liberty during the hours of light to range up the inclines of the sea to distant summits, and note that these dangers always passed, was imprisoned by a dreadful apparition. When there was more night than day in the dusk you saw no waves. You saw, and close at hand, only vertical shadows, and they swayed noiselessly without progressing on the fading sky high over you. I could but think the ocean level had risen greatly, and was see-sawing much superior to us all round. The "Capella" remained then in a precarious nadir of the waters. Looking aft from the Chief's cabin I could see of our ship only the top of our mainmast, because that projected out of the shadow of the hollow into the last of the day overhead; and often the sheer apparitions oscillating around us

Uma nos atingiu. No final dessa tarde, o segundo-oficial, que estava de serviço, viu uma onda enorme como essa vindo sobre nós. Estava tão dominantemente em cima de nós que, instintivamente, ele pôs sua mão no bolso para pegar seu apito. Era sua primeira viagem em um navio oceânico; não estava adiantado em seu aprendizado de “navegações”, e assim não deu o sinal para desligar as máquinas. O capitão olhou pela janela da cabine de cartas náuticas, viu a grande escuridão dessa onda em cima de nós, e pulou para a escada da ponte de comando, para chegar ao telégrafo ele mesmo. Era tarde demais.

Fomos de encontro à onda. Ela nos parou com o choque de uma base sólida, veio firme por cima da proa e partiu-se na estrutura do centro do navio. O choque espalhou as coisas no meu camarote. Quando o *Capella* se mostrou novamente, os dutos de ventilação tinham sido varridos de bordo, o molinete estava danificado e as extremidades do cilindro de ferro da frente do castelo de proa, onde um cabo de aço estava amarrado, tinham sido dobradas, como uma folha de alumínio.

Durante dias, esses movimentos de água em grandes proporções, os alaridos cruéis e intensos da tempestade, mares revoltos em movimento e a luta do navio não mais do que me apavoravam. Pelo menos a minha visão podia escapar. Mas a coragem se ia com a luz. Ao anoitecer, o olho, que tinha a liberdade durante as horas de luz para percorrer por cima das ondas do mar nos cumes distantes, e veja que esses perigos sempre passavam, foi retido por uma aparição terrível. Quando havia mais noite do que dia no crepúsculo, não se via nenhuma onda. Via-se, e bem perto, apenas sombras verticais, e elas balançavam-se silenciosamente sem avançar, no elevado céu desbotado em cima. Podia-se apenas pensar que o nível do oceano tinha subido gigantescamente e estava se balançando, e tudo à nossa volta era muito superior a nós. O *Capella* continuava em seu nadir³⁶ precário das águas. Do camarote do comandante, olhando para a popa, eu podia ver apenas o topo do nosso mastro principal, porque ele se projetava para fora da sombra no espaço vazio, aberto pelos últimos raios do dia; e, frequentemente, as aparições íngremes, oscilando ao nosso redor,

³⁶Ponto onde a vertical que passa por um lugar na terra encontra a esfera celeste no lado oposto ao zênite.

swung above the truck of it, and the whole length vanished. The sense of onward movement ceased because nothing could be seen passing us. At dusk the steamer appeared to be rocking helplessly in a narrow sunken place which never had an outlet for us; the shadows of the seas erect over us did not move away, but their ridges pitched at changing angles.

You know the Sussex chalk hills at evening, just at that time when, from the foot of them, they lose all detail but what is on the skyline, become an abrupt plane before you of unequal height. That was the view from the "Capella," except that the skyline moved. And when we passed a barque that evening it looked as looks a solitary bush far on the summit of the downs. The barque did not pass us; we saw it fade, and the height it surmounted fade, as shadows do when all light has gone. But where we saw it last a green star was adrift and was ranging up and down in the night.

This was the dark time when, struggling from amidships to the poop, you knew there was something organised and coherent under you, still a standing place in chaos, only because you could feel it there. And this was the time to seek your fellows in the saloon, where there was light, warmth, sane and familiar things, and dinner. The "Capella's" saloon was fairly large, and the Skipper's pride. It was panelled in maple and oak, with a long settee at the foreward end upholstered in red velvet, the velvet protected by a calico cover. A brass oil lamp with an opaline shade hung over the table from a beam beneath the skylight. There was a closed American stove, with a rigorously polished brass flue running up through the deck. On two oak sideboards in corners of the saloon some artificial plants blossomed; from single stems each plant blossomed into flowers of aniline dyes and of different species.

balançavam-se acima do topo do mastro, e toda a extensão do navio desaparecia. O sentimento de subsequente movimento cessava, porque nada podia ser visto passando por nós. Ao escurecer, o navio parecia estar sacudindo-se indefesamente num lugar estreito e fundo, que nunca tinha uma saída para nós; as sombras dos mares erguidas sobre nós não desapareciam, mas seus cumes erigiam-se em ângulos inconstantes.

Sabe-se que as montanhas de pedras cinzentas de Sussex³⁷, à noite, perdem todos os detalhes, exatamente naquela hora em que se está no pé das colinas, mas o que está na linha do horizonte torna-se um plano íngreme, de uma altura inigualável. Olhando do *Capella*, essa era a visão, exceto que a linha do horizonte mudava. E naquela noite, quando passamos por uma barça³⁸, ela assemelhava-se a um arbusto solitário e distante, em cima dos cumes das colinas. A barça não nos ultrapassou; vimo-la desaparecer, e a altura das ondas encobriram-na, como fazem as sombras, quando toda a luz se vai. Mas onde a vimos por último, uma estrela verde estava à deriva, indo para cima e para baixo na noite.

Esse foi o tempo sombrio quando, lutando do centro para o tombadilho do navio, sabia-se que havia algo organizado e coerente nas profundezas, um lugar ainda em caos permanente, somente porque podia-se senti-lo ali. E essa era a hora certa para procurar seus companheiros no salão, onde havia luz, calor, sensatez, coisas familiares e o jantar. O salão do *Capella* era razoavelmente amplo e o orgulho do capitão. Era revestido de plátano e carvalho, com um extenso sofá ao fundo, alcochoado de um veludo vermelho; o veludo era protegido por uma cobertura de chita. Um candeeiro de metal, com uma sombra inconstante, estava pendurado por cima da mesa numa viga debaixo da claraboia. Tinha um fogão americano lacrado, com uma chaminé de metal rigorosamente polida, que escorregava no convés. Nos dois aparadores de carvalho nos cantos do salão, algumas plantas artificiais floresciam; de caules únicos, cada planta desabrochava em flores de corantes e de diferentes espécies.

³⁷Condado histórico da Inglaterra.

³⁸Antigo navio à vela, com três ou cinco mastros; semelhante à alvarenga e à chata e cujo casco tem quase a forma de um caixão, de fundo chato, sem quilha, com os costados quase verticais.

One of these plants, an imitation palm, and a better imitation of life than the others, was carefully watered throughout the voyage by the steward till it wilted into corruption and an offence, and became a count against the steward which the skipper never forgave, for he thought his floral ornaments lovely. When a pretty Brazilian lady visitor at Itacoatiara admired the magenta rays of one blossom, he culled it for her (five earnest minutes with a sharp knife, for there was wire behind the green bark) more as a sacrifice and a hard duty than a joy, and often spoke of it afterwards, shaking his head regretfully.

Ah! that saloon. I remember it first, shiny, cold, and repellent, with a handful of fire to its wide capacity for draughts, in the northern seas. It had curious marine odours then, with which I was not friendly till long after, odours that lamps, burnished brass, newly polished wood, food, and the steward's storeroom behind it, never fully accounted for; and I remember it as I found it in the still heat of the Amazon, when it had the air of an oven; when, writing in it, the sweat ran off the fingers to soil the paper, strange insects crawling everywhere on its green baize table cover, and banging against its lamp. I remember it assiduously now, every trivial feature of it, and the men, now scattered over all the world, thrown together in it then for a spell to make the most of each other. It has the indelible impress of a room of that house where first the interest in existence awakened in us.

The Skipper, with stove behind him, took his seat before the soup tureen at the head of the table. You would as soon think of altering the chart-room clock, even were it wrong, as of touching the soup tureen without the Skipper's orders. It is his duty and his right to serve the soup, and to call the steward to inform him the density of the vegetables in it is too heavy. We have no market garden on board, you know.

Uma dessas plantas, uma imitação de palmeira, uma imitação de vida melhor do que as outras, foi cuidadosamente regada durante a viagem pelo taifeiro até que se transformasse em corrupção e afronta, e se tornasse uma dívida para o taifeiro, que o capitão nunca perdoou, porque ele pensava com amor em seus ornamentos florais. Quando uma visitante, uma linda dama brasileira, em Itacoatiara, admirou os raios de cor magenta de uma das flores, ele a colheu para ela (cinco trabalhosos minutos com uma faca afiada, porque havia arame por baixo da casca verde), mais como sacrifício e difícil dever do que alegria, e ele frequentemente falava sobre isso depois, balançando a cabeça se lamentando.

Ah! Aquele salão. Lembro-me dele primeiro, lustroso, frio e repulsivo, com um punhado de fogo para sua ampla capacidade de correntes de ar frio nos mares do norte. Tinha curiosos odores marítimos, com os quais eu não fiquei amistoso até muito tempo depois, odores daqueles candeeiros, do metal polido, da madeira recém-serrada, da comida e da despensa do taifeiro atrás do salão, nunca totalmente contabilizada, e lembro disso quando o encontrei no calor abafado da Amazônia, quando parecia um forno; no momento em que, escrevendo dentro do salão, o suor escorria pelos dedos e manchava o papel, insetos estranhos rastejando por toda parte no tecido de lã verde da mesa, debatendo-se contra o candeeiro. Lembro disso assiduamente neste momento, cada característica trivial do salão, e os homens, agora dispersos pelo mundo todo, colocados juntos de forma brusca naquele tempo, como um encanto, para dar o máximo possível de si mesmos. Ele tem a impressão indelével de um cômodo daquela casa onde, pela primeira vez, o interesse na existência despertou em nós.

O capitão, com o fogão por trás de si, tomou seu lugar diante da sopa na terrina na ponta da mesa. Pensar-se-ia logo em alterar o relógio da cabine de cartas náuticas, mesmo que fosse errado; como também pensar-se-ia em tocar a terrina de sopa sem as ordens do capitão. É seu dever e privilégio servir a sopa e chamar o taifeiro para informá-lo que a quantidade de vegetais está excessiva. Não temos nenhuma horta a bordo, como se sabe.

The Doctor was on the Skipper's right hand, and the Purser next to the Doctor, and on the opposite side, the chief mate. There was the plump and bald-headed German steward, in white apron, the lid of one eye heavier than the other, serving us in his shirt sleeves, sometimes sucking his teeth with a noticeable click when he knew a dish deserved our approval. You kept the soup in the plate by holding it off the table and watching its tides. When her stern sailed up, and the screw raced, the glass shade of the lamp, being a misfit, took our eyes to watch the coming smash; the soup then poured over you, and trying to push your chair back from the mess, you found the chair was a fixture on the floor. This last fact was never remembered. I should try to push my "Capella" chair back now, if I were sitting in it.

The Doctor, who had been long enough tinkering careless bodies to have grown a little worn and grizzled, was often removed from us by a faint but impervious hauteur, though maybe he was only a little better and differently dressed. He was a patient listener, but his eyes could be droll. The Doctor's chuckle, escaping from his thoughts while he was unguarded, would sometimes make the captain look up from a narrative with question and a trace of resentment in his glance. The captain was a great traveller, but he was puzzled to find the memory of our surgeon following him to the most remote and unfamiliar strands. "Now how did that fellow come to be at a place like that?" the captain would whisper to me afterwards. "Can't make him out. Who is he?"

The surgeon had a bottomless fund of short stories, to which he would sometimes go about the time when we were pushing away the banana skins and nutshells. He had an elusive and stimulating method with them. He knew his work.

O médico estava do lado direito do capitão, o comissário perto do médico e, do lado oposto, o oficial-comandante. E o rechonchudo e calvo taifeiro alemão, de avental branco, com a pálpebra de um olho mais baixa que a outra, estava nos servindo, vestido em sua camisa de manga comprida; algumas vezes ele sugava os dentes com um estalido digno de atenção, quando sabia que uma iguaria merecia nossa aprovação. Mantinha-se a sopa no prato segurando-o fora da mesa e observando suas marés. Quando a popa do navio subia e a hélice girava velozmente, a sombra de vidro do candeeiro, que estava mal encaixado, guiava nossos olhos para observar o choque que se seguia; a sopa então se derramava em cima de você, e tentando empurrar sua cadeira da bagunça, descobria-se que a cadeira estava fixada ao chão. Este último fato nunca era lembrado. Eu deveria tentar empurrar minha cadeira do *Capella* de volta agora, se estivesse sentado nela.

O cirurgião, que tinha estado tempo suficiente examinando corpos negligentes a ponto de deixá-lo aborrecido e de cabelos grisalhos, estava afastado de nós devido a uma leve, mas intransparente arrogância, embora, talvez, estivesse vestido somente um pouquinho melhor e diferente. Ele era um ouvinte paciente, mas seus olhos podiam ficar hilariantes. O risinho do médico, escapando de seus pensamentos, quando ele não estava prevenido, algumas vezes fazia o capitão sair de uma narrativa com perguntas e com um traço de ressentimento em seu olhar de relance. O capitão era um excelente viajante, mas estava intrigado para encontrar a memória de nosso cirurgião seguindo-o aos fios mais remotos e desconhecidos. "Agora como esse sujeito vem para um lugar como este?" - o capitão me sussurraria depois. "Não posso colocá-lo para fora agora. Quem ele pensa que é?"

O cirurgião tinha um acervo interminável de pequenas histórias para o qual dirigia-se na hora em que estávamos descascando bananas e quebrando nozes. Ele tinha um método elisivo e estimulante com elas. Conhecia seu trabalho.

At the end of one the captain would explain the fun to the seriously interested mate (who had leaned forward to learn), placing spoons and crumbs to demonstrate the main points. Then the mate, too, would join us with his happy laugh. The late and giddy laughter of the mate, when he also arrived, became a welcome feature of a yarn by the surgeon. We expected it. The mate's own stories were usually bawdy; he always prefaced them with some unmanageable hilarity, which impeded his start.

MATE: (pushing over his plate for soup). That big wave washed out the men's berths, sir.

CAPTAIN: Then it did some good. The dirty brutes.

MATE. Heard the men grumbling to-night. Said we'll never get the hawsers to run out with them bugs in the hawse pipes. Say the bugs don't belong to them, sir - ship's property.

DOCTOR. Any this end of the ship, captain? Good Lord!

CAPTAIN. Not a bug. And if there's any for'ard the men brought 'em. No bugs in my ship. Never saw one in my cabin.

MATE (making a confused effort to master his emotion, not to spill his soup, and to be respectful). Te-he! you will, sir, Te-he! (Realises he may not laugh, but suffers internally.)

CAPTAIN (indicates an interrogation with frightful eyes and guttural noises).

MATE (controls himself by concentrating on a fork). Well, sir - I'm just telling you - I heard it said the men annoyed with bugs - some of 'em said seem's believin' - said they had enough for everybody. (His voice breaks into a stifled falsetto) So they emptied a match - match - they emptied a match box full down your ventilator this morning.

No final de uma história, o capitão explicaria a brincadeira para o oficial seriamente interessado (que tinha se curvado para aprender), colocando colheres e miolos de pão para explicar os pontos principais. Então do comandante também se juntaria a nós com sua gargalhada venturosa. A última gargalhada estrondante do oficial-comandante, quando também chegava, tornava-se uma característica bem-vinda de uma história do cirurgião. Nós a aguardávamos. Em geral, as próprias histórias do oficial eram obscenas; ele sempre as prefaciava com alguma hilaridade incontável que o impedia de começar.

OFICIAL: (Segurando o prato para receber a sopa) "Essa grande onda lavou os camarotes dos homens, senhor."

CAPITÃO: "Então fez algo de bom. Esses idiotas imundos!"

OFICIAL: "Ouvi os homens resmungando essa noite. Diziam que nós nunca vamos usar a escovém³⁹, pois está cheia de insetos. Dizem que os insetos não lhes pertencem, senhor - que são propriedades do navio".

MÉDICO: "É o fim do navio, capitão? Bom Deus!"

CAPITÃO: "Não há um inseto sequer. E se existe algum por aí foram os homens que trouxeram. Não há insetos no meu navio. Nunca vi nenhum no meu camarote."

OFICIAL: (Fazendo um esforço confuso para controlar sua emoção, para não derramar sua sopa e ser respeitoso). "É, você está certo, senhor, eh! (Sabe que não pode rir, mas sofre internamente).

CAPITÃO: (Indica uma interrogação com os olhos espantados e sons guturais).

OFICIAL: (Se controla concentrando-se em um garfo). "Bem, senhor - estou apenas lhe contando - ouvi dizer que os homens estavam aborrecidos com os insetos - alguns deles parecem acreditar - disseram que tinham se aborrecido por todos. (Sua voz se quebra em falsetes abafados). Eles esvaziaram uma caixa de fósforos - eles encheram uma caixa de fósforos debaixo de seu ventilador esta manhã."

³⁹Tubo ou manga de ferro por onde passa a amarra da âncora, para ir do convés ao costado do navio, de onde desce ao mar.

The captain would frequently keep his seat in the saloon after dinner till he had finished his cigar, and in the vein, would put a leg over the arm of his chair, which he had pushed back (his chair was cushioned, and was not a fixture), and frowning at his cigar, as if for defects, would voyage again his early seas. I suppose a sailor would call our skipper a hard case. He was an elderly man, tall, spare, and meagrely bearded. His eyes were set close into a knife-like nose, and they were opaque and bright, like two blue stones under a forehead which narrowed and tightened into a small shiny cranium. There were tufts of grey wool above his temples. No light came through his eyes to make them limpid, except when he was fondling Tinker, the dog. They shone from the surface, giving him a look of peering and intent suspicion. The skin of his face, neck and hands, now worked a little loose, was so steeped in the tincture of sunshine that it had preserved an unctuous child-like quality. His dress and habits betrayed an appreciation of his own person. He kept his own medicines.

I guessed he would have a ruthless process in an emergency; he would identify the success and safety of the ship with his own. He laughed from his mouth only, throwing his head back, showing surprisingly perfect teeth, and laughter did not change the crystalline glitter of his eyes. There was something alien and startling in his merriment. As though his own mind were too cold for him at times he would seek out me, or the chief, to find warmth in an argument. He would irritate us into a disputation; and though he was a choleric man, quick at opposition, yet his vocabulary then was flinty and sparse. It stuck, and was delivered with pain. You could think of him labouring at his views of men and affairs with a creaking slate pencil. He set one's teeth. But he was a sailor, cautious and bold, with a knowledge of ships and the sea that was a mine to me. Let me say that, during the voyage, I found him busy making a canvas cot.

Frequentemente, o capitão mantinha seu assento no salão depois do jantar, até que tivesse terminado o charuto e, muito sério, colocava uma perna por cima do braço da cadeira, que ele tinha empurrado de volta (a cadeira dele era almofadada e não era presa ao chão) e olhando sério para o charuto, como se procurasse defeitos, viajava de novo em seus mares antigos. Suponho que um marinheiro chamaria nosso capitão de um caso difícil. Ele era um homem idoso, alto, forte, com pouca barba. Seus olhos estavam fixados junto a um nariz pontiagudo, e eram obscuros e brilhantes como duas pedras azuis sob uma fronte que se estreitava e se apertava dentro de um crânio pequeno e brilhante. Havia tufo de lã cinza em cima de suas têmporas. Nenhuma luz surgia de seus olhos para deixá-los límpidos, exceto quando estava afagando Tinker, o cachorro. Brilhavam na superfície, dando-lhe uma aparência de suspeita proposital. A pele de seu rosto, pescoço e mãos, já um pouco desgastada, estava tão mergulhada na tintura de brilho de sol que preservava uma aparência de criança. Suas vestes e hábitos traíam uma apreciação de sua própria pessoa. Ele mantinha seus próprios remédios.

Acho que ele agiria de forma implacável em caso de uma emergência; identificaria o sucesso e a segurança do navio como seus. Ele ria atirando a cabeça para trás mostrando dentes surpreendentemente perfeitos, e a risada não alterava o brilho cristalino de seus olhos. Havia algo estranho e assustador em sua alegria. Embora, às vezes, sua mente seja tão fria para com ele mesmo, que procuraria a mim, ou ao comandante, para encontrar o calor de um argumento. Ele nos provocaria com uma disputa; e, embora fosse um homem colérico, rápido em oposição, seu vocabulário era impiedoso e esparso. Espetava e era distribuído com dor. Podia-se pensar nele maquinando seu ponto de vista sobre os homens e os causos com um lápis ruidoso e imperdoável. Ele tirava a paciência de qualquer um. Mas era um marinheiro prudente e corajoso, com um conhecimento sobre navios e o mar que era uma mina para mim. Permita-me dizer que durante a viagem eu o encontrei ocupado fazendo um cortinado.

He sat on the poop and worked there, bent and patient as a seamstress, for days. With a judgment made too readily I believed he was, naturally, making it for his own comfort, against the heat of the river. When it was finished he was rolling up his ball of yarn, surveying his job, and he said, mumbling and shy, that the cot was for me.

The Skipper, on this day that our decks were swept, swore about the men and the bugs during dinner, muttered with foreboding about the glass, which was still falling, and the coals, which were being burnt to no purpose. We were hardly doing more than holding our place on our course. The saloon was delirious, and when she flung up her heels, the varied noises rose with the racing propeller to a crescendo of furious castenets. The mate let us. The Skipper sat glooming, eyeing his cigar resentfully, his leg over the arm of his chair. The Doctor was swaying with the ship, weary and forlorn. Tinker had an appeal in his eyes, and made timorous noises. The Purser wondered why he was there at all, and blamed his silly dreams. The night boomed without. What a night!

SKIPPER. If this southerly wind goes round to the west and north, look out. I saw porpoises today too.

DOCTOR. When are we due at Para?

SKIPPER. Huh! What's this talk of Para? You wait. All this talk about when we shall get there's no good. . . . Now in those Newfoundland schooners where I served my time - I wouldn't have no talk in them about getting anywhere. Seems as if somebody heard. You always run into it. There was the "Lizzie Polwith." She was about 80 tons. Those west country schooners in the fish trade are never more than 100 tons,

Ele sentou-se no tombadilho e trabalhou ali, curvado e paciente, como uma costureira, durante dias. Com um julgamento feito muito facilmente, eu acreditava que, naturalmente, ele estava fazendo aquilo para seu próprio conforto, contra o calor do rio. Quando ficou pronto, ele enrolou seu novelo de fios de lã, examinando seu trabalho, e disse-me, tímido e balbuciante, que aquele cortinado era para mim.

Nesse dia que nosso convés foi varrido, o capitão praguejou os homens e os insetos durante o jantar; resmungou com pressentimento sobre a temperatura, que ainda estava caindo, e o carvão, que estava sendo queimado sem propósito algum. Dificilmente estávamos fazendo mais do que manter nosso lugar no curso da viagem. O salão estava delirante e quando o navio dava sinais de seus saltos, os ruídos variados aumentavam, com o aceleração da hélice, para um som crescente de castanholas furiosas. O oficial nos deixou. O capitão estava sentado, com ar triste, olhando seu charuto com ressentimento, sua perna em cima do braço da cadeira. O médico remexia-se com o balanço do navio, cansado e sem esperança. Tinker tinha um pedido em seus olhos e fazia ruídos receosos. O primeiro comissário de bordo se perguntava por que estava ali afinal de contas, e culpava seus sonhos ingênuos. A noite caiu completamente. Que noite!

CAPITÃO: "Se este vento do sul virar para o oeste e para o norte, cuidado. Vi golfinhos hoje também."

MÉDICO: "Quando chegaremos ao Pará?"

CAPITÃO: "Ah! Que é isso de falar do Pará? Aguarde. Toda essa conversa, quando chegarmos lá, não há mais novidade... Agora naquelas escunas de Terra Nova⁴⁰, onde prestei serviço na minha juventude - não teria nenhuma conversa com eles em nenhum lugar. Era como se alguém ouvisse. Sempre se endivida. Havia o *Lizzie Polwith*. Um barco de 80 toneladas. Aquelas escunas da região oeste, no comércio de peixe, nunca carregam mais do que 100 toneladas;

⁴⁰Terra Nova e Labrador é uma das dez províncias do Canadá e parte das Províncias Marítimas. Foi colonizada primeiramente pelos franceses; na década de 1690, foi colonizada pelos britânicos e foi colônia britânica até 1948. Em 1949 tornou-se a última província a entrar na Confederação do Canadá.

else they'd have to carry more than a master and one mate. I was her master, and a kid of eighteen. We left Falmouth for Cadiz. Now look what happened. My mate was old Tregenna. He was a regular misery. I never knew such a dead homer, not so much as he was, always wanting to talk about his wife. I say, when you've cast off, it's best not to have a home. The ship wants all you can give her. Tregenna, he looked back a lot. You know what I mean. Couldn't keep his mind on his job, but wished he was through with it. There he'd be cutting bread at dinner, and it 'ud remind him, and he'd be wishing he was cutting it at home. When things began to go stiff, he'd say, "who wouldn't sell his little farm to go to sea?" Used to figure out on paper how long we'd be before we'd be back. Why, you never know when you'll get back.

See what happened. We left Cadiz that year on the first of January, and got things just right. The winds chased us over. There were big following seas, but you know those schooners ride like ducks. Up and over they go. Never a drop did we ship. Though they're lively enough to bruise and sicken all but good sailors. And old Tregenna was rubbing his hands and making out his figures better and better.

mas elas não devem carregar mais do que um comandante e um oficial. Eu era seu comandante, e um rapaz de dezoito anos. Zarpamos de Falmouth⁴¹ para Cádiz⁴². Veja o que aconteceu. Meu companheiro de viagem era o velho Tregena. Ele era uma miséria habitual. Nunca conheci uma pessoa que sentisse tanta falta de casa, não tanto quanto ele, sempre querendo falar da esposa. Penso que quando se sai pelo mundo é melhor não se ter um lar. O navio quer tudo que você der a ele. Tregena olhava demais para trás. Você sabe o que quero dizer. Ele não podia manter a atenção no trabalho, ao contrário, desejava não ter nenhuma relação com ele. Estava cortando pão para o jantar e isso o fazia lembrar-se de algo, e desejava estar cortando pão em casa. Quando as coisas começavam a ficar difíceis, ele dizia: "Quem não venderia sua fazendinha para viajar no mar?" Isso costumava parecer de verdade quanto tempo se ficaria fora antes de voltar para casa. Porque nunca se sabe quando voltará.

Veja o que aconteceu. Deixamos Cádiz, naquele ano, no dia primeiro de janeiro e tudo corria bem. O vento nos favorecia. Havia grandes mares para serem viajados, mas sabe-se que aquelas escunas correm como patos. Para cima e adiante elas vão. Nunca velejamos uma gota. Embora elas estivessem suficiente animadas para ferir e enjoar tudo, exceto bons marinheiros. E o velho Tregena estava esfregando as mãos e compondo suas imagens cada vez melhor.

⁴¹Cidade situada às margens do rio Fal, na Cornualha, Inglaterra.

⁴²Cidade localizada no sul da Espanha; importante porto comercial e industrial ao longo dos séculos XVII e XIX.

We arrived off St. Johns in a bit more than three weeks. I reckon I'd done it all right, being such a young chap too. Well, I was turning in that night, and just as I got into the companion a man said, "There goes a lump of ice." I jumped out again. Why, there was ice all round us. The sea was full of it as far as I could see into the night. "This is all along of your figuring," I sang out to Tregenna. "But you'll have a lot of time to reckon it up afresh," I said.

So he had. Do you know when we got in? We got in on April 15. We were two months and a half getting in. And we came over in three weeks. There's something in that Jonah story. Always some fool who can't keep his mouth shut and his mind on his job.

We did have a time. Two and a half months, and our provisions ran out. We were living on a little meal and dried peas. The ice chafed the "Lizzie" till the rudder was worn down to the stock. It roughed up her wooden sides till they looked as if they were covered with long coarse hair. We were a sight when we got in. You wouldn't have known us, hardly. We looked as if we'd come up from the bottom. . . Don't ask me when we shall get to Para. Wait till we're out of this. Listen to that dog. Shut up, you Tinker. Making that noise, sir! Go and lie down.

The Skipper clapped on his cap aggressively and went out. The Doctor had a long and eloquent silence. Then he turned to me. "This beats all," he said. "Come and have a drop of gin, old dear." He led the way to his berth, which smelt of varnish and of lamp, and we swayed in chorus as the ship rolled, and had a heartening mourn together.

Partíamos de St John's⁴³ em pouco mais do que três semanas. Calculo que tinha feito tudo certo, sendo um cara jovem também. Bem, eu estava retornando naquela noite e, assim que entrei no escritório da Companhia, um homem disse: "Ali vai um pedaço de gelo". Pulei para fora outra vez. Havia gelo em todo nosso redor. O mar estava cheio de gelo, tanto quanto eu podia ver na noite. "Tudo isso está nas suas imagens", gritei para Tregena. "Mas você terá muito tempo para reconhecer tudo desde o começo" - disse-lhe.

Então ele reconheceu mais tarde. E sabe quando nós chegamos? Chegamos no dia 15 de abril. Gastamos dois meses e meio na viagem. E fazíamos a viagem em três semanas. Há alguma coisa naquela história de Jonas⁴⁴. Há sempre algum idiota que não pode manter a boca fechada e a atenção em seu trabalho.

Realmente levamos muito tempo. Dois meses e meio e as nossas provisões se acabaram. Estávamos nos alimentando de uma refeiçãozinha e de ervilhas secas. O gelo roçou no *Lizzie* até que o leme estivesse sido usado abaixo das reservas. Lutava pesadamente com seus lados de madeira até que parecessem que estavam cobertos com um cabelo longo e áspero. Éramos uma miragem quando chegamos. Você não teria nos reconhecido, dificilmente. Parecia que tínhamos vindo das profundezas. Não me pergunte quando chegaremos ao Pará. Espere até que estejamos livre disso. Ouça o cão. Cale-se, Tinker. Fazendo esse grunhido, senhor! Vá se deitar.

O capitão bateu agressivamente em seu boné e saiu. O médico recebeu um longo e eloquente silêncio. Em seguida virou-se para mim. "Este navio vence tudo" - ele disse. "Venha comigo e tome um gole de gim, meu caro." E dirigiu-se para o seu camarote, que cheirava a verniz e a candeiro, e balançávamos em coro, quando o navio sacudia, e juntos tivemos um lamento animado.

43Capital de New Foundland (Terra Nova - Canadá).

44Referência à história bíblica em que Jonas fora jogado ao mar por ser considerado culpado pela tempestade; ele é engolido por um grande peixe, que o vomita numa praia, na cidade de Nínive onde, segundo as ordens divinas, ele deveria pregar o Evangelho. Pode-se inferir que Jonas experimentou que o nome de Deus ainda é Deus e que não há refúgio longe de Sua Palavra.

But for its accidental compensations travel would not be worth the trouble. In proof of that there is the entry in my diary some days after:

"December 22. Awoke at four a.m. with the ship rolling as brutally as ever. A great noise of waters and things banging. The seas huge at sunrise, when the light came over their tops. Depressing sight. The sky was blue at first, but was soon overcast with squalls. The horizon ahead gets slate coloured, and low clouds underneath, like ragged bales of dirty wool, come towards us heavy and fast. Then the squall and waves rush down on us express, and the ship buries herself. Constantly hearing engine-room bell sounded from bridge to slacken speed as a big sea appears. The captain popped in his head as I was deciding whether to get up or stay where I was. He gazed sternly at me and said he was looking for Jonah. I half believe he means it too. Everybody is weary of this. The men have been in oilskins since the start.

"Noon to-day, Lat. 42.6 N. Long. 11.10 W. Miles by engines since noon yesterday 222. Knots by revolutions 9.2. But the slip is 49.2 per cent. So actual distance 112 miles only, and knots 4.6. Bad going. Wind southly. Engines racing and engineer still at throttle.

"Night, and a full moon tearing past cloud openings. The ship occasionally shows like a pale ghost, the black shadows of the funnel guys and stanchions oscillating on the white paint-work as she rolls. I went into Chief's cabin, and from its open door - for it was sensibly milder - looked out astern over the way we had come. Up and down, this side and that, went the steamer, and the Great Bear, in a wind clear patch of sky, was dancing on our wake.

Mas para as compensações acidentais da viagem, a aflição não seria válida. Como prova disso, há o registro em meu diário, alguns dias depois:

"22 de dezembro. Despertei às quatro horas da manhã com o navio balançando tão brutalmente como sempre. Um grande barulho de águas e coisas estrondando. Os mares ficavam enormes ao amanhecer, quando a luz atingia seus cumes. Uma visão deprimente. O céu estava azul, à primeira vista, mas logo foi obscurecido por rajadas de vento. O horizonte adiante torna-se uma ardósia colorida e as frágeis nuvens embaixo, como esfarrapados fardos de lã suja, vêm em nossa direção, pesadas e rápidas. Então as rajadas de chuva e as ondas investiram contra nós furiosamente, e o navio fora como que sepultado. Ouvia-se constantemente a campainha da casa das máquinas tocar avisando para reduzir a velocidade, quando o grande mar surgia. O capitão batia em sua testa, enquanto eu estava decidindo se me levantava, ou se ficava onde estava. Ele olhava severamente para mim e dizia que estava procurando Jonas. Quase acredito que ele signifique isso também. Todo mundo está cansado disso. Os homens estão vestidos em macacões impermeáveis desde o início da viagem.

"Meio-dia de hoje, latitude 42.6 ao norte. Longitude 11/10 a oeste. Milhas por máquinas desde o meio-dia de ontem, 222. Nós por revoluções, 9/2. Mas a proporção de erro é 49,2%. Então, a distância real é de 112 milhas apenas, e 4.6 nós. Curso ruim. Vento do sul. Máquinas funcionando e o maquinista ainda está no acelerador.

"É noite, e a lua cheia está irrompendo por trás das nuvens. Ocasionalmente, o navio se mostra como um fantasma pálido, as sombras escuras dos suportes do funil e os suportes verticais oscilando na superfície pintada de branco, quando o navio balança. Entrei no camarote do comandante e da porta aberta - porque o tempo estava sensivelmente mais moderado - olhei para trás, para o caminho por onde tínhamos vindo. Para cima e para baixo, de um lado e de outro, ia o navio; e a Ursa Maior, em um pedaço de vento claro do céu, estava dançando em cima de nosso rastro de espuma deixado na água pelo navio.

Polaris was making eccentric orbits round the main masthead light. Then the Skipper came in. He sat gazing astern. The look of his face was enough. It was quite plain he would like to be offended tonight, and attack anybody about anything. Presently he started intently as he looked astern, and jumped from his seat crying the ultimate anathema on the chap at the wheel; and ran out. The Chief glanced astern and laughed. 'The old man comes in here because it's uncommon handy for watching the wake. Look at it. Somebody on the bridge writing letters on the ocean. Thinking of his sweetheart, and her name is Sue.' We gave the Skipper's voice time to reach the wheelhouse, and then saw the wake visibly tauten out.

"I went aft, balancing like a man learning the tight rope, along the trestle bridge. The moon was still falling precipitously through the broken sky, and areas of the great seas, where the sweeping searchlight of the moon showed monsters shaping and slowly vanishing, were frightful. There were sudden expansions of vivid green lightnings in the north and east. I found the Doctor in the chief mate's cabin. I sang some songs in a riving minor, accompanied by the mate on an accordion, for the doctor's amusement, and discovered why sailors always use the accordion, previously a mystery to me. It has a sad and reflective note, suited to men with memories when alone on the ocean. It ought to fit Celtic bards better than the harp. It has a fine expiring moan. The mate gave an imitation of a dying man with it.

"To bed at 11. Tried to read Henry James. My cockroach came out to wave his derisive hands at me. No wonder. The light was very bad, and I was pitched from side to side of the bunk.

Polaris⁴⁵ estava fazendo órbitas ecêntricas em volta da claridade do mastro principal. O capitão entrou em seguida. Sentou-se olhando fixamente para trás. A expressão de seu rosto era suficiente. Era evidente que ele gostaria de ser ofendido naquela noite, e que atacaria qualquer pessoa, sobre qualquer coisa. Naquele instante, parou intencionalmente enquanto olhava para trás e pulou de seu assento, gritando o último anátema para o sujeito no timão; e saiu. O comandante olhou de relance para trás e riu. "O capitão entra aqui devido sua habilidade notável para observar a esteira d'água. Veja aquilo. Alguém na ponte de comando escrevendo cartas no mar. Pensando em sua amada, e o nome dela é Sue". Demos um tempo para a voz do capitão chegar à sala do timão, e então, vimos a esteira d'água esticar-se para fora visivelmente.

"Fui para a popa balançando como um homem aprendendo a andar na corda bamba, ao longo do passadiço removível. A lua ainda estava descendo precipitadamente pelas brechas do céu e das áreas dos mares imensos, onde a vasta luz da lua mostrava monstros tomando formas e desaparecendo lentamente; eram assustadoras. Houve expansões repentinas de raios verdes distintos no norte e no leste. Encontrei o médico no camarote do oficial-comandante. Cantei algumas canções em um acorde estridente acompanhado pelo oficial com um acordeão, para diversão do médico, e descobri por que os marinheiros sempre usam o acordeão, anteriormente um mistério para mim. Possui uma nota triste e meditativa, adequada aos homens com memórias, quando sozinhos no mar. Deveria ajustar-se aos poetas celtas melhor do que a harpa. Tem um excelente gemido expirante. O oficial imitou um homem morrendo.

"Fui para a cama às 11 horas. Tentei ler Henry James⁴⁶. Minha barata apareceu para acenar suas mãozinhas ridículas para mim. Nenhum espanto. A luz estava muito ruim e eu era arremessado de um lado para o outro do beliche.

45A estrela mais brilhante da constelação Ursa Menor. É usada como referencial na orientação dos viajantes.

46Henry James (1843 - 1916), escritor norte-americano naturalizado britânico em 1915. Uma das principais figuras do Realismo na literatura do séc. XIX. Algumas obras: **Retrato de uma senhora** (1881), **Os europeus** (1878), **As asas do amor** (1902), **A fera na selva** (1903).

Nearly thrown out once. I might just as well have attempted to read the Bhagavad-Gita in the original. So I read the last letters from home instead and then fell asleep as a little child."

There was something of leisure in her movements next morning. I felt sure the glass must be rising at last. The air felt lighter and more expansive. A peep through the port showed me the ceiling had gone up considerably in the night. There was little wind, for the waves, though as great as ever, had lost their white ridges. Their summits were rounded and smooth. We were running south out of it, though the residue of the dreary northern seas was still washing about the decks. It was December yesterday, but April to-day. The engineers' messroom boy, with bare fat arms, went by the cabin, singing.

At breakfast we heard that Chips, who had retired to his bunk for some days past to mend a leg damaged when the hatches were in danger, had met with a still more serious misfortune. We fell into a mood of silent and respectful compassion. There was nothing to be said. Chips had lost his Victoria Cross. He was an old hero in trouble. The few of us who were British there - true, most of us were Germans, Dutchmen, Scandinavians, and Portuguese - felt we represented The Country. Chips limped about the forecastle with reproach in his face, and we felt we were petty in noticing his face was also dirty, though it certainly was difficult to avoid seeing that too, perhaps because, and this can be said for us, the dirt was of longer standing than the reproach. Then again it is common knowledge that Chips sleeps in straw, having no mattress.

Uma vez, quase fui jogado para fora. Poderia muito bem ter tentado ler Bhagavad-Gita⁴⁷ no original. Então li as últimas cartas de casa, em vez disso e, em seguida, adormeci como uma criancinha.

Havia algo de lazer nos movimentos do navio, na manhã seguinte. Eu tinha certeza de que finalmente o tempo devia estar limpando. O ar parecia mais iluminado e mais esplendoroso. Uma espiada pela porta mostrou-me que o horizonte tinha subido consideravelmente durante a noite. Havia pouco vento, porque as ondas, apesar de enormes como antes, tinham perdido seus cumes brancos. Elas estavam arredondadas e lisas. Estávamos rumando para o sul, para fora dali, embora os resíduos dos mares sombrios do norte ainda estivessem varrendo o convés. “It was December yesterday, but April to-day”, o ajudante da sala de refeições, com braços grossos e descobertos, passou pelo camarote cantando.

Na hora do desjejum soubemos que Chips, que havia se recolhido em seu camarote por alguns dias para curar-se da perna machucada, quando as escotilhas estavam em perigo, estava com um infortúnio mais sério. Caímos em um clima de silêncio e respeitosa compaixão. Não havia nada a ser dito. Chips tinha perdido sua Cruz de Vitória. Era um velho herói em apuros. Alguns de nós, que éramos ingleses ali - de fato, a maioria era alemã, holandesa, escandinava e portuguesa - sentimos que representávamos O País. Chips mancava pela proa com repreensão em seu rosto e sentimos que fomos mesquinhos ao notar que o rosto dele também estava sujo, embora fosse certamente difícil deixar de ver isso, talvez porque, e isso pode ser dito para nós, a sujeira estava ali muito antes da repreensão. Assim, novamente, é de conhecimento geral que Chips dorme em cima de palhas, pois não tem colchão.

⁴⁷*Bhagavad-Gita* significa “Canção de Deus”. É um texto sagrado hindu e foi incorporado no Mahabharata, um épico, em sânscrito.

Chips' story we knew. It had been whispered about the ship. He was at the Siege of Alexandria, and a shell fell near a group of men on his ship. Chips picked it up and dropped it overboard before the fuse was finished. The Doctor and I felt especially responsible, for a reason I cannot easily explain, it is so vague, and we told Chips we would help him in his search for his lost treasure. This took us to Chips' sea-chest, and amid a group of mask-like faces - for how could foreigners guess what this mattered to us? - we hunted carefully for Chips his aureole. We found - but I suppose even Victoria Cross heroes must dirty their socks. There were other things also. Yet it was out of one of these very other things, which were, I think, shirts, that there dropped, when the Doctor picked up the garment, a little package wrapped in newspaper. Chips, from his berth, gave a cry of joy. The Doctor and I, smiling too, looked upon the old man feeling that we had acted for you all. Chips, secretive with his sacrosanct emblem, was putting the little packet under his coverlet, when a low foreign sailor snatched it from him. The Cross fell to the deck. I recovered it from the feet instantly in a white passion, and chanced to look at it. It confirmed that one, who is named Chips here, was something in the Royal and Ancient Order of Buffaloes.

Coming back from the fo'castle, suddenly I felt as the man of the suburbs does when, bowed with months of black winter and work in a city alley, he is, without any warning, transfigured on his own doorstep one morning. There as before is his familiar shrub, dripping with rain. Yet is it as before? It points a black finger at him. But the finger has a polished green nail.

He is translated. His ears are opened, and there comes for the first time that year the silver whistle of the starlings. A touch of South is in the air. His burden falls.

Conhecíamos a história de Chips. Tinha sido sussurrada no navio. Ele estava no Cerco de Alexandria e uma granada caiu perto de um grupo de homens em seu navio. Chips a agarrou e a atirou ao mar antes que o pavio pegasse fogo. O médico e eu nos sentimos especialmente responsáveis por uma razão que não posso explicar facilmente, é muito vaga; e dissemos a Chips que o ajudaríamos na busca de seu tesouro perdido. Isso nos levou ao baú de bordo de Chips - e em meio a um grupo usando máscaras - como rostos - por que como estrangeiros podiam adivinhar o que isso significava para nós? - procuramos cuidadosamente a auréola de Chips. Encontramo-la - mas suponho que mesmo os heróis da Cruz de Vitória devem sujar suas meias. Havia outras coisas também. Entretanto, foi algo que caíra ali, fora as outras coisas que eram, eu penso, as camisas, um pacotinho embrulhado em jornal, quando o médico pegou a peça de vestuário. Do seu beliche, Chips deu um grito de alegria. O médico e eu, também sorrindo, olhamos para o velho marinheiro, sentindo que tínhamos agido por todos. Chips, sigiloso com seu emblema sagrado, estava colocando seu pacotinho debaixo de seu cobertor quando um marinheirinho estrangeiro o tomou dele. Confirmou-se que essa pessoa, que aqui é chamado de Chips, era alguém da Antiga Ordem Real dos Búfalos⁴⁸.

Voltando do castelo de proa, de repente, me senti como o homem do subúrbio, quando subjugado com meses de um inverno difícil e de trabalho numa travessa da cidade; sem qualquer aviso ele é transfigurado em sua própria soleira, numa manhã. Ali, como antes, está seu abrigo familiar gotejando com a chuva. Entretanto, o abrigo está como antes? Ele aponta um dedo negro para o homem. Mas o dedo tem uma unha verde polida.

O homem é conduzido de um lugar a outro. Seus ouvidos são abertos e ali surge pela primeira vez, naquele ano, o assobio estridente de pintassilgos. Um toque do sul está no ar. O fardo do homem cai.

48Ordem criada em 1833 por um grupo de artistas sem amparo legal do governo britânico com o objetivo de ajudá-los nas épocas de dificuldades

The cloudy sky was not grey now, but pearly, for it was translucent to the sun. More than day had come; life was born. There was ichor in the day. They were not dark northern waves that baffled us, but we were shoved and rocked by the send of a long nacreous ocean swell, firm but kind, from the south-west. The iron ship, which had been repulsive to the touch, for its face had been glassy and cold, was now drying a warm rust red, like earth of Devon in spring, and was responsive. You could rest against its iron body and feel yourself grow. I saw the Chief outside his cabin in his shirt sleeves, gazing overseas between the stanchions of the boat deck, smoking in the evident luxury of full comfort and release. Involuntarily, he danced the two-step as she rolled. "Got anything to read?" he asked.

Now that reminded me. We have no library, of course, but we have a circulation of books on board. There are no common shelves; but the book you left thoughtlessly on the skylight five minutes ago, while you went to find some matches, is gone when you return. And you, if you see a book lying open and unprotected in a cabin, glance round warily, dash in, and take it; very often only to discover to your bitter disappointment that it is one of your own, and not an adventurous and unread stranger. The Chief's question reminded me that the day we left Swansea a lady (and a friend of poor Jack, the public is well aware) sent us a bale of literature. We blessed her when we saw its bulk, looking at it as oxen might look at a truss of hay, for that was its size and shape. Though it proved to be shavings and a cruel blow to the animals, as you shall hear.

O céu nublado não estava cinzento nesse momento, mas aperolado, pois estava transparente ao sol. O dia já estava claro; a vida nascia. Havia um fluido etéreo no dia. Elas não eram ondas escuras do norte que nos confundiam, mas éramos empurrados e embalados pelo envio de uma protuberância de um longo oceano aperolado do sudoeste, firme, mas bondoso. O navio de ferro, que tinha estado repulsivo ao toque, porque seu rosto estivera cristalino e frio, estava agora secando uma ferrugem quente e vermelha, como a terra de Devon, na primavera, e estava receptivo. Podia-se apoiar em seu corpo de ferro e se sentir crescer. Vi o comandante do lado de fora de seu camarote, com sua camisa de manga comprida, olhando para o além-mar por entre os suportes do convés do bote, fumando com um prazer evidente de completo conforto e liberação. Ele dançava involuntariamente entre dois degraus, quando o navio balançava. "Conseguiu alguma coisa pra ler?" - ele perguntou-me.

Imediatamente isso me fez recordar. É evidente que não temos uma biblioteca, mas temos uma circulação de livros a bordo. Não há prateleiras em comum, mas o livro que, desatenciosamente, se deixava debaixo da claraboia, cinco minutos atrás, enquanto se ia pegar alguns fósforos, tinha sumido quando se retornava. E você, se vê um livro aberto e desprotegido em um camarote, olha de relance em volta, prudentemente, e rapidamente o pega; muitas vezes para descobrir, para seu triste desapontamento, que é um de seus livros, e não um livro desconhecido e audacioso ainda não lido. A pergunta do comandante me fez lembrar que no dia que deixamos Swansea, uma dama (e uma amiga do marinheiro infeliz, o público está bem consciente) nos mandou um pacote de literatura. Nós a abençoamos quando vimos o volume, olhando para ele como os bois devem olhar para um fardo de feno, tal era seu tamanho e forma. Porém provou ser um corte e um golpe cruel para os animais, como se saberá.

Here was the very day to get at that bale, and impatiently I rolled it into the open. It was trussed with great care, so I tore away a corner of the wrappings, dived in a hand, and hauled out a copy of "Joy Bells for Young Christians," the November number of 1899.

Well! Anyhow, it was a clean copy, and I put it by as the portion of our baldheaded German steward.

This disappointment made me pause, though. Here was going to be a long job for the Purser, sorting out this. Supposing there was anything nutritious in the bale I did not mind the labour of the unpacking and the distribution; but if the bulk of the consignment was hailed, so to speak, by "Joy Bells," then it would be better to call a deck hand and get the package overside before the ship was littered with too much of this joy. A Brazilian stoker, as he passed, saw me standing in thought, and I suppose imagined - for he could not ask - that I wanted to cut the string, but had no knife. Before I could stop him, he, smiling a knowing and friendly smile, whipped out a blade from his rear; and at once we stood ankle-deep in literature. There was a landslide near me of Infant Methodists (dates unknown) and I gave the Brazilian an armful for his kindness.

Our dear unknown friend at Swansea, with her eye on our sailor-like but yet immortal souls, had heard, no doubt, at the annual meeting of the Society for the Succor of Seamen, at Caxton Hall, Westminster (held on the 29th of every February), what simple and barbarous and yet, in the main, considering our origins and circumstances, what worthy fellows we were.

Aí estava o dia certo para se pegar esse pacote e, impacientemente, eu o virei até uma abertura. Estava amarrado com muito cuidado; então cortei num canto da embalagem, enfiei uma mão e puxei uma cópia de *Joy Bells for Young Christians* (Sinos de Júbilos para Jovens Cristãos), o exemplar de novembro de 1899.

Ora! De qualquer forma, era uma cópia nítida e a coloquei junto com a porção do nosso calvo taifeiro alemão.

Esse desapontamento me fez hesitar, no entanto. Seria um longo trabalho para o primeiro-comissário organizar isso. Supondo que não houvesse nada de substancioso no pacote, não me importei com o trabalho de desempacotar e fazer a distribuição; porém, se o volume enviado fosse aclamado, por assim dizer, por *Sinos de Júbilos*, então seria melhor chamar um ajudante de convés e atirar o pacote no mar, antes que o navio estivesse cheio demais dessa alegria. Um foguista brasileiro, enquanto passava, me viu parado pensando e suponho que imaginou - pois não podia perguntar - que eu quisesse cortar a corda, mas não tivesse faca. Antes que eu pudesse pará-lo, sorrindo com um sorriso conhecido e amistoso, ele puxou uma faca de sua cintura; e imediatamente ficamos com os tornozelos imersos na literatura. Houve um deslizamento perto de mim de *Infant Methodists* (Metodistas Infantis) (data desconhecida), e dei um monte delas ao brasileiro por causa de sua bondade.

Nossa querida e desconhecida amiga, em Swansea, de olho em nossos marinheiros, mas como almas imortais, sem dúvida tinha ouvido, no encontro anual da Sociedade de Ajuda aos Marinheiros, em Caxton Hall, Westminster (realizada no dia 29 de cada fevereiro), quão simples e bárbaros e, entretanto, em essência, considerando nossas origens e circunstâncias, o quanto éramos indivíduos dignos.

But she was not told at the meeting that the wealthy shipowners, subscribers to the society, and whose presence there made Caxton Hall seem nautical, have a way of signing on crews at continental ports because wages rule lower there; and that consequently not one of our men was moved by Christian English, but only by mates English, and then not so very quickly. The officers and engineers were English, and there the sailors' friend was right in her surmise; but I do not see how she could have done more to put in awful jeopardy the soul of our wise and spectacled chief engineer, for instance, than by approaching him with a winning and philanthropic smile, under the impulse to do him good with a statement of her religion in words of one syllable. He would have met her politely, I know; but after she had gone-

Let her try to imagine her own feelings if our Chief, uninvited and blankly unmindful, invaded the exclusive inner circle of Swansea society, and approached her in the midst of her own with the childish notion of instructing her in the first principles of his pronounced Pyrrhonism; or say he went to her as a colporteur of the Society for Instructing the Intelligence and Manners of Leisured Folk. But I must say for our chief that this cannot be even supposed. He would never offer the lowliest being such an indignity.

We pulled and dragged at the escaped mass of periodicals, looking for something good, but found no pearls had been cast before us. There were parish magazines and temperance monthlies, there were religious almanacs for the years we have lost; by some sporting chance there were even a few back numbers of the "Monumental Mason."

Mas ela não fora informada, no encontro, que os ricos donos de navios, assinantes dessa sociedade e cuja presença ali fizeram Caxton Hall parecer náutica, costumam contratar tripulantes em portos continentais, porque ali os salários são mais baixos; e que, conseqüentemente, nenhum de nossos homens fora convencido por cristãos ingleses, mas somente por oficiais ingleses, e não tão rapidamente. Os oficiais e os maquinistas eram ingleses e aí a amiga dos marinheiros estava certa em sua suposição; mas não vejo como ela pudesse fazer mais para colocar em terrível risco a alma de nosso sábio e espetacular maquinista-chefe, por exemplo, do que aproximando-se dele com um sorriso vencedor e filantrópico, sob o impulso de torná-lo um bom homem, com uma declaração de sua religião com palavras de uma sílaba. Ele encontrar-se-ia com ela educadamente, eu sei; mas depois que ela tivesse ido embora...

Deixe-a tentar imaginar seus próprios sentimentos, se o nosso comandante, não convidado e descuidadosamente inconsciente, invadissem o exclusivo círculo interno da sociedade de Swansea e se aproximasse dela com a noção infantil de instruí-la nos primeiros princípios de seu pronunciado Pirronismo⁴⁹; ou dizer-lhe que foi até ela como um representante da Sociedade para Instrução da Inteligência e Costumes de Gente Desocupada. No entanto, devo dizer a nosso comandante que isso nem mesmo pode ser pensado. Ele nunca ofereceria semelhante indignidade ao ser mais humilde.

Mexemos e remexemos no pacote escorregadio de periódicos procurando alguma coisa boa, mas descobrimos que nenhuma pérola tinha sido colocada diante de nós. Havia revistas paroquiais e de temperanças mensais; havia almanaques religiosos para os anos que perdêssemos; por algum acaso divertido, havia alguns números atrasados do *Monumental Mason* (Maçom Monumental).

49Corrente filosófica fundada a partir do pensamento de Pirro de Élide (365 - 275 a. C), que defendia a ideia de que tudo é incerto, nenhum conhecimento é seguro, qualquer argumento pode ser contestado. Por isso, seus seguidores propunham que as pessoas adotassem a suspensão do juízo (*epokhé*, em grego), isto é a abstenção de fazer qualquer julgamento, já que a busca de uma verdade plena é inútil. Aceitando, assim que, das coisas se podem conhecer apenas as aparências e desfrutando o imediato captado pelos sentidos. Ver, por exemplo, **Fundamentos da filosofia**, de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes.

It is plain the latter could be considered an added grievance, even though they were put in as a kindly reminder of our narrow lease here. It was an aggravation of the original offence to sailors who, when their short term here closes, have to make shift with some firebars at their heels. What is Aberdeen granite and indelible gold lettering to such men but a hint of the hardships which follow them even beyond the end?

So overboard went the lot - I may as well tell the whole truth, overboard also went the evangelical hymn books, new though they were. I will only suppress the advice cried to the gulls astern as the literature went floating and flying in their direction. We had to rely for our reading on what had been brought aboard by our crowd, a collection which gradually revealed itself in single books and magazines.

There was, for example, the "Morphology of the Cryptogamia," an exhaustive work which gave me much pleasure in wondering how it got aboard at all. The chief mate used it as a wedge between his open door and the bulkhead, to prevent the miserable knocking as the ship lolled about. He would not lend me that book, because it jammed into the opening nicely; but I borrowed from him "Three Fingered Jack, the Terror of the Antilles," and I made him a complete gift in return of "Robert Elsmere" which I found marooned on a bunker hatch as I came along. There you see the delightful chance and hazardous character of our literature.

É claro que esse último podia ser considerado uma queixa adicionada, apesar de serem postos como um lembrete gentil de nossos estreitos arrendamentos aqui. Era uma agravação da ofensa original aos marinheiros que, quando seu curto prazo aqui se encerra, têm que fazer artifícios com algumas barras de fogo em seus calcanhares. O que significa o granito de Aberdeen⁵⁰ e o letreiro dourado e indelével para tais homens, senão uma pista do sofrimento que os segue mesmo depois do fim da jornada?

Então o pacote foi jogado no mar - posso muito bem contar toda a verdade; no mar também foram jogados os livros de hinos evangélicos, apesar de serem novos. Somente suprimirei o conselho gritado às gaivotas adiante, quando a literatura saiu flutuando e voando em sua direção. Tínhamos que contar com nossa leitura que tinha sido trazida a bordo pela nossa tripulação, uma coleção que gradualmente se revelava em revistas e livros singulares.

Havia, por exemplo, *Morfology of the Cryptogamia*⁵¹, um exaustivo trabalho que me deu muito prazer em imaginar como havia chegado a bordo. O oficial-comandante o usava como uma cunha entre sua porta e a parede do navio, para evitar a pancada miserável, quando o navio solavancava. Ele não me emprestaria aquele livro, porque estava habilmente espremido na abertura da porta; mas tomei emprestado *Three Fingered Jack, the Terror of the Antilles*⁵² e, em troca, dei-lhe um presente completo, *Robert Elsmere*⁵³, que encontrei jogado em cima de uma escotilha, quando embarquei. Aí você vê o perigo encantador e a natureza arriscada de nossa literatura.

50Cidade da Escócia, no Reino Unido. Um importante porto de carvão, na época. Era conhecida como a “Cidade do granito” por haver muitos prédios edificadas à base dessa matéria-prima.

51Provavelmente trata-se de **On the Germination, Development, and Fructification on the Higher Cryptogamia, and on the Fructification of the Corniferae**, do botânico alemão Friedrich Bennedikt Wilhem Hofmeister (1824 - 1877).

52Trata-se de **Obi, or, The History of Three-Fingered Jack**, obra atribuída a Wiiliam Earle (1804 -?).

53Romance escrito por Mary Augusta Humphry Ward (1881 - 1920) e publicado pela primeira vez em Londres, em 1888.

I prided myself on the select reading I had brought aboard with me. But what devilish black art the sea air worked on those choice volumes, however, I cannot explain. I have no means of knowing. But there they are, their covers bitten by cockroaches, and the words inside bleached and sterilised of all meaning. There they will stop; Henry James, too. For what is the use of him when big seas are running? He would be a magician indeed who could capture our minds then. You get the right amplitude of leisure and the flat undistracting circumstances he demands, the emptiness and the immobility necessary, when you are waiting for cargo long in coming at a low seaboard. I suppose we want the representation of life only when we are not very much alive. In heavy weather there is no doubt old newspapers make the best reading, especially if they have good bold advertisements. For I know it requires the same courage and concentration needed ashore for reading Another Great Speech by the Premier; indeed, the steel blue quality of deadly resolution used only by men of letters who write biographies and spin literary causeries, to manage even novels when great billows are moving. The mind is inclined to absent itself then. Then it is you put all reading aside with a promise of a long and leisurely festival of books when the ship is steaming uniformly down the unvarying "trades."

But when you get near the neighbourhood of the constant sun, during the day you fall asleep over "Three Fingered Jack" and the old magazines which you had on your knees while musing on the colours of the sea and the mounting architecture of the clouds; and beyond sundown listen to the mate's accordion or the engineer's flute. Perhaps, moved by the hu-s-s-h of the waves, the silky and purple dark, and the loneliness of your little company under the mid-ocean stars, tentatively (though your shipmates are very forgiving) lift a ballad yourself; for something is expected of you, and singing seems right.

Orgulhei-me pela leitura selecionada que eu tinha trazido para bordo comigo. Porém, que diabólica arte negra o mar trabalhou nesses volumes escolhidos, não posso explicar. Não tenho meios de saber. Mas ali eles estão; suas capas mordidas por baratas e as palavras em seu interior apagadas e esterilizadas de todo significado. Ali eles vão parar; Henry James também. Por que qual é sua utilidade quando grandes mares estão correndo? Ele seria, na verdade, um mágico que podia capturar nossas mentes então. Obtém-se a amplitude certa do lazer e as circunstâncias não distraídas que ele exige, o vazio e a imobilidade necessários, quando se espera um carregamento demorado, em um litoral mais baixo. Suponho que queiramos a representação da vida somente quando não estamos muito vivos. Em tempos difíceis, não há dúvida de que jornais antigos fazem a melhor literatura, especialmente se eles têm anúncios bons e audaciosos. Porque sei que exigem a mesma coragem e concentração necessárias em terra firme para a leitura de Outro Grande Discurso, escrito pelo primeiro-ministro⁵⁴; na verdade, exigem a qualidade azul de aço da resolução extrema usada somente pelos homens das letras, que escrevem biografias e ensaios de circulação literária, para controlar até mesmo romances, quando grandes ondas estão se movendo. A mente é inclinada a ausentar-se então. Em seguida, é você que põe todas as leituras de lado com a promessa de um longo e vagaroso festival de livros, quando o navio está fumaçando completamente rumo aos invariáveis "ventos do comércio".

No entanto, quando o viajante se aproxima da vizinhança do sol constante, durante o dia que adormece em cima do *Three Fingered Jack* e as revistas velhas que estavam em seu colo, enquanto meditava sobre as cores do mar e a arquitetura das nuvens; e, para além do pôr do sol, ouve-se o acordeão do oficial, ou a flauta do maquinista. Talvez, movido pela c-a-l-m-a-r-i-a das ondas, a escuridão púrpura e sedosa e a solidão de sua pequena companhia, debaixo das estrelas no meio do oceano, experimentalmente (apesar de seus companheiros serem muito esquecidos) ele erga uma balada; porque é o que se espera dele, e cantar parece certo.

⁵⁴Herbert Henry Asquith (1852-1928); Primeiro-Ministro britânico entre 5 de abril de 1908 - 1916. Seu sucessor foi David Lloyd George. (Ver nota 19).

Of all the books aboard the "Capella" I got most out of the Skipper's sailing directories and his charts. Talk of romance! There was that chart-room under the bridge, across its open doors on either side creaming waves going by in the moonlight, and the steamer inclining each side alternately, and the shadows of the rigging sliding back and forth on the pale deck. You cannot know what romance is till you are in seas you have never sailed before, where the marks will be few when landfall comes; that ocean where the Skipper is to find his own way by his lore of the sea, and may even ask your opinion about alternatives; and there read sailing directories. The romance of these books cannot be translated or quoted. It would leave them, as though a glimmer went out, if you attempted to take them from that chart-room where pendant things are swaying leisurely, where you can hear the bells tell the watches, and the skipper's gold-laced cap is on the mahogany table. The South Atlantic Sailing Directions, our own guide, is fine, especially when it gets down to the uninhabited islands in far southern latitudes. I do not think this noble volume is included in the best hundred books, but I know it can release the mind from the body.

But what's this talk of landfalls? as the old man would say. There will be no landfall yet for us; and this is Christmas Eve. I knew it was an auspicious occasion of some kind, for the steward just went aft with two big plum cakes cuddled in his apron. That made me look at the calendar. We are now 800 miles out, and the steamer has reached six knots. This was the best night we had yet found. The steamer was on an even keel, with but occasional spasms of sharp rolling, for there was no sea, but only old ocean breathing deeply and

De todos os livros a bordo do *Capella*, obtive mais dos guias de navegação do capitão e dos seus mapas. Romance, nem pensar! Havia aquela cabine de cartas náuticas debaixo da ponte de comando, através de suas portas abertas de cada lado, ondas cor de creme passando sob o luar e o navio inclinando cada lado alternadamente, e as sombras do cordame deslizando para frente e para trás no convés empalidecido. Não se pode saber o que é romance até que se esteja nos mares nunca dantes navegados⁵⁵, onde as marcas serão poucas quando chegar a hora do desembarque, aquele oceano onde o capitão está para encontrar seu próprio caminho pela sua erudição do mar, e pode mesmo perguntar a sua opinião sobre alternativas; e ali ler diretórios de navegação. O romance desses livros não pode ser traduzido ou citado. Ele escaparia como se um lampejo saísse se se tentasse tirá-los daquela sala de cartas náuticas, onde coisas pendentes estão balançando preguiçosamente, onde se pode ouvir as campainhas alertarem o caminho do navio, e o boné com listras douradas do comandante está na mesa de mogno. O *Diretório de Navegação do Atlântico Sul*⁵⁶, nosso próprio guia, é excelente, especialmente quando se dirige para as terras desabitadas nas distantes latitudes do sul. Não acho que esse volume nobre esteja incluído entre os cem melhores livros, mas sei que ele pode libertar a mente do corpo.

Mas o que é isso de se falar em desembarque?, como diria o capitão. Não haverá nenhum desembarque ainda para nós; e é véspera de natal. Sabia que era uma ocasião auspiciosa de algum tipo, porque o taifeiro foi para trás segurando dois bolos grandes, de ameixas, em seu avental. Isso me fez olhar o calendário. Estamos agora a 800 milhas de distância e o navio alcançou seis nós. Essa era a melhor noite que já tínhamos encontrado. O navio estava no mesmo ritmo, mas com espasmos ocasionais de balanço brusco, porque não havia nenhum mar, mas somente o velho oceano respirando profundamente e

⁵⁵Alusão direta à epopéia *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões (1524 -1580).

⁵⁶Refere-se ao **Sailing Directions: South Atlantic Ocean and Indian Ocean**. É um guia de viagem marítima onde se encontram mapas, medidas náuticas, coordenadas geográficas, etc. Disponível em website. www.google.com.br. Acesso em 27/05/2011.

regularly in its sleep, and sometimes making a slight movement. The light of the full moon was the shining ghost of noon. The steamer was distinct but immaterial, saliently accentuated, as a phantom. A deep shadow would have detached the forecastle head but for a length of luminous bulwark which still held it, and some quiet voices of men who were within the shadow, yawning. The line of bulwark and the murmuring voices held us together. The prow as it dipped sank into drifts of lambent snow. The snow fled by the steamer's sides, melting and musical. Two engineers off duty leaned on the rails amidships, smoking, looking into the vacancy in which the moonlight laid a floor of troubled silver. As if drawn by its light a few little clouds were poised near the moon, grouped round the bright heart of the night. There was the moon and its small company of clouds, and ourselves below in our own defined allotment of sea. The only thing outside and far was Sirius, burning independently in the east, looking unwinking through the wall of night into our world.

On such a night and with Christmas morning but sixty minutes away it would have been wasting life to go to bed. I glanced expectantly at the door of the Chief's cabin, and saw indeed it was open, a yellow rectangle within which was the profile of the Chief beneath his lamp, talking to somebody. The Doctor was there, and he made room for me on the settee. Then the captain joined us, and I perched myself on the wash-stand.

"Well, we can undress to-night when we turn in," said the Chief. (None of us had, so far.) In a long silence which filled the cabin with tobacco smoke I could hear the engines below uplifted in confident song.

"Now they're walking round," said the Skipper, nodding his head. "Now she feels it."

regularmente em seu sono e, algumas vezes, fazendo um ligeiro movimento. A luz da lua cheia era o fantasma brilhante do meio-dia. O navio estava diferente, mas imaterial, salientemente acentuado, como uma aparição. Uma sombra profunda separava o castelo de proa, mas somente uma extensão da amurada luminosa que ainda a continha, e algumas vozes calmas dos homens que estavam na sombra contando histórias. A linha da amurada e o murmúrio das vozes nos guardavam. A proa, quando baixava, mergulhava nas punções de névoa brilhante. A névoa escapava pelos costados do navio derretendo-se e produzindo música. Dois maquinistas estavam de folga, inclinados na amurada do meio, fumando, olhando para a superfície ondulada onde o luar desenhava um chão de prata desordenado. Como que desenhadas por sua luz, algumas nuvenzinhas posicionavam-se perto da lua, agrupadas em volta do coração brilhante da noite. Havia a lua e sua pequena companhia de nuvens e nós mesmos embaixo, em nossa própria partilha do mar. A única coisa de fora e distante era Sirius⁵⁷, queimando independentemente no leste, olhando sem pestanejar por entre a muralha da noite para dentro de nosso mundo.

Numa noite como essa e com a madrugada do natal a apenas sessenta minutos de distância, ir para a cama teria sido desperdiçar a vida. Olhei esperançoso para a porta do camarote do comandante e vi que, de fato, estava aberta, pois havia um retângulo amarelo dentro do qual estava o perfil do comandante sob seu candeeiro, conversando com alguém. O médico estava lá e abriu espaço para mim no sofá. Depois o capitão se juntou a nós, e eu mesmo me empoleirei em cima do lavatório.

"Bem, podemos nos despir hoje à noite, quando formos dormir" - disse o comandante. (Nenhum de nós tinha tirado a roupa para dormir, até então). Em um longo silêncio que encheu o camarote com fumaça de tabaco, eu podia ouvir as máquinas embaixo, elevadas em confiante canção.

"Agora elas estão funcionando sem dificuldade" - disse o capitão balançando a cabeça. "Agora o navio sente isso".

⁵⁷Estrela da constelação de Órion. Na mitologia grega, Sirius é o cão de Órion, o caçador.

When we met thus, between the hours of nine and midnight, as was our irregular habit, the talk first was always desultory, and about our own ship and our own circumstances, for the concerns of our little world strangely occupied our minds, as you would think, and the large affairs of that great world we had left, of which we heard now no sound nor rumour, had lessened in the mind, faded and vanished, all the huge consequence and loud clangour of it, so that now there was an empty horizon astern, and nothing between us and that void but a few gulls, like small and pursuing recollections. Our little microcosm, afloat and sundered in the wastes, was occupied in its own polity. We talked of the carpenter's bad leg; complained of the cook's bread; heard that Tinker the dog, being young, had the habit at night, while honest folk slept, of eating the saloon mats; grumbled that the ship's tobacco was mouldy. The deck was getting dry, the Skipper said, and now we could get the men chipping it, and then it could be tarred.

"That donkeyman," said the Skipper, "that man wastes the fresh water. I'll have a lock put on the pump handle. He works it as if we were laid out to the main. I spoke to him about it this morning." The fresh water is a vital affair with us. We may not drink the water of the country to which we are bound, so eighty tons of Welsh mountain spring is in our cleansed and whitewashed tanks. Woe to the man caught overflowing his can, if an officer sees him. "The handle can't be locked," said the Chief, "because its next to the galley. The cook wants it all day long."

Quando nos encontrávamos assim, entre as nove horas e a meia-noite, como era nosso hábito irregular, a primeira conversa era sempre sem propósito e sobre nosso próprio navio e nossas próprias circunstâncias, porque as preocupações do nosso mundinho estranhamente ocupavam nossas mentes, como pensar-se-ia, e os grandes acontecimentos daquele mundo formidável que tínhamos deixado, do qual não ouvíamos agora nenhum som, nem rumor, tinham diminuído na mente, desbotado e desaparecido toda enorme consequência e alto clamor dele; tanto que agora havia um horizonte vazio para trás e nada entre nós e esse vazio, a não ser algumas gaivotas, como pequenas recordações perseguidoras. Nosso microcosmozinho, flutuante e separado dos desperdícios, estava ocupado com sua própria organização política. Falamos da perna machucada do carpinteiro, queixamo-nos do pão do cozinheiro; ouvimos que Tinker, o cachorro, sendo ainda um filhote, tinha o hábito noturno, de destruir os tapetes do salão, enquanto as pessoas honestas dormiam; resmungaram que o fumo do navio estava mofado. O convés estava secando, disse o capitão, e agora os homens podiam conseguir calafetá-lo e em seguida podia ser betumado.

"Esse foguista da caldeira auxiliar, esse marinheiro desperdiça água fresca. Vou ter de colocar um cadeado na manivela da bomba d'água. Ele a utiliza como se estivéssemos em uma corrente de água potável. Falei com ele sobre isso esta manhã" - disse o capitão. A água potável a bordo é vital para nós. Não podemos beber a água do país para onde estamos indo; é por isso que oitenta toneladas de água da primavera, das montanhas do País de Gales, estão em nossos tanques limpos e caiados. Ai do homem que for pego afundando sua caneca até transbordar, se for visto por um oficial. "A manivela não pode ser trancada, porque fica perto da galé. E o cozinheiro precisa usá-la durante o dia todo" - disse o comandante.

"Well, let me catch anyone wasting it. We'd look all right with a lot of dysentery, drinking that river water out there."

This common meeting-place of ours, the Chief's cabin, is on a highway of the ship, being on the direct route from the poop to the bridge, and so it is a hostel, for the Chief is a kindly and popular man, big and robust in body and mind; though he has a knack, at odd and unexpected times, of being candid in a way that shocks, treading on corns without ruth, the Skipper's particularly, when their two departments are at a difference.

This cabin was one which I always visited first, for, especially in the morning when other folk had not rubbed the night out of their eyes, and so looked darkly upon their fellows, my friend the Chief had the early eye of a child and the soaring spirit of the lark. I never met him when he had got out of bed on the wrong side. His cabin became a refuge to me, for, unlike the Doctor's and my own place (we both were birds of passage, therefore our cabins were cold and stark), the Chief's was comfortable with settled furniture, cosy and habitable, like a fixed home. There was a wicker chair, with cushions, and a writing-desk where the engineer's log lay handy and bearing some plug tobacco, freshly cut, on its cover, and a pipe rack above the desk carrying a most foul assortment waiting their turns again for favour. Portraits of the Chief's family were on the walls, smiling boys and girls, with their mother in a chief place, looking upon daddy by proxy. There was a book-shelf bearing some engineering manuals, a few novels and magazines, a tape measure, some gauge glasses, some tin whistles, a flute, and a palm leaf fan. Above the wash-stand was a rack with glasses and a carafe. A settee ran along one side, and his bunk upon the other side.

"Bem, deixe-me pegar alguém desperdiçando água. Temos que ter bastante cuidado com disenteria, bebendo água daquele rio para onde estamos indo".

Esse nosso lugar de encontro, o camarote do comandante, fica na parte mais alta do navio, no caminho direto do tombadilho para a ponte de comando, e assim, é um alojamento, porque o comandante é um homem gentil e popular, grande e robusto de corpo e alma; mas tem um jeito estranho e inesperado, sendo, às vezes, cândido de um modo que choca, ou fica pisando em seus calos sem piedade, a particularidade do capitão, quando seus dois departamentos estão em disputa.

Esse camarote era um dos que eu sempre visitava primeiro, porque especialmente de manhã, quando outras pessoas não tinham convivido com a noite fora de seus olhos, e então procuravam sem rumo pelos seus companheiros, o comandante, meu amigo, tinha o olho precoce de uma criança e o espírito elevado da folia. Nunca o encontrei quando ele tinha levantado do lado errado da cama. Seu camarote tornou-se um refúgio para mim, porque, ao contrário do meu e do camarote do médico (ambos éramos pássaros de passagem, por isso nosso camarote era frio e desagradável), o camarote do comandante era confortável, com móveis arrumados, aconchegante e habitável, como um domicílio mobiliado. Havia uma cadeira de vime, com almofadas, e uma escrivaninha, onde o diário de bordo do engenheiro estava posto em posição útil e servindo de apoio a algum rolo de tabaco, cortado recentemente, sobre sua capa, e um instrumento de sopro acima da escrivaninha, contendo uma variedade de sujeira a mais, esperando a vez deles de serem usados de novo. Retratos da família do comandante pendurados na parede; meninos e meninas sorridentes, com a mãe deles num lugar central, observando o papai por direito adquirido. Havia uma estante de livros com alguns manuais de engenharia, algumas revistas e romances, uma fita métrica, alguns copos de medidas, alguns apitos de alumínio, uma flauta e um pedaço de palheta de ventilador. Acima do lavatório havia uma prateleira com copos e uma jarra. Um sofá se estendia de um lado e o beliche do comandante do outro.

There we sat on Christmas Eve, while the wicker chair bent and complained with the Skipper's weight as he swayed to the leisurely rocking of the ship. The tobacco smoke floated in coils and blue smears in the room. A bottle of Hollands rested for security on the bed, and we held our glasses on our knees.

The pallid and puffy face of the steward, a very honest man secretly free with his small store of apples on my account because I am green and my palate not yet used to the flatness of tinned provisions, looked in on us from the right. "Where is der dog, sir? I haf not seen der dog." "Must be about," we cried. "We had seen him," we said, "nosing about the poop for rats, or asleep on the saloon mat, or padding round the casing looking for friends." "But no, I haf looked. He is not found. Where is der dog?" A hole in our little community, it was apparent from our intent looks, could not be thought of with equanimity. Tinker's importance became quite large. The second engineer passed the door, caught the drift of our anxious converse, and turned to say the dog was then asleep in his room. "Ach! zat is all right." We struck matches for our pipes again.

"That dog, I shouldn't like to lose him," said the Skipper, stroking his beard. "There's no luck in that. I shot a dog once on a ship; and first we ran into a blow and lost a lot of gear, and then the mate got his hand smashed, and then everything got cross-grained till I'd have paid, ah, fifty pounds to have had the brute back again, and an ugly customer he was. Ah, you can smile, Doctor, but there it is. I'm not superstitious and never was. But you can't tell me. Look at the things that happen. When I was a youngster, my ship was off Rio, and I dreamt my father was dead.

Nos sentamos ali na véspera de natal, enquanto a cadeira de vime se curvava e reclamava com o peso do capitão, quando ele se balançava com as sacudidas lentas do navio. A fumaça do tabaco flutuava em rolos e manchas azuis no camarote. Uma garrafa de uísque holandês ficava sobre a cama, por segurança, enquanto segurávamos nossos copos entre nossos joelhos.

O rosto pálido e esbaforido do taifeiro, um homem muito honesto e secretamente livre com seu pequeno estoque de maçãs em minha conta, porque sou inexperiente e meu paladar ainda não está acostumado às repetições das provisões enlatadas, observava-nos da direita. "Onde está o cachorro, senhor? Ainda não o vi hoje. "Deve estar por aí" - nós respondemos. "Nós o tínhamos visto farejando ratos em volta do tombadilho, ou dormindo em cima dos tapetes do salão, ou em volta do invólucro da casa das máquinas procurando amigos" - dissemos. "Mas não está não, eu o procurei. E não o encontrei. Onde está o cão?" Uma abertura em nossa pequena comunidade, era aparente em nossos olhares atenciosos, não podia ser pensada com equanimidade. A importância de Tinker aumentava. O segundo-maquinista passou na porta, entendeu a intenção de nossa conversa ansiosa e virou-se para dizer que o cachorro estava dormindo em seu camarote. "Ah! Está tudo bem". Riscamos fósforos para acender nossos cachimbos de novo.

"Esse cachorro, eu não gostaria de perdê-lo" - disse o capitão acariciando a barba. "Não há sorte nisso. Atirei em um cachorro, uma vez, no navio; e o primeiro golpe que encontramos foi um vendaval e perdemos um bocado de equipamentos úteis; e, em seguida, um marinheiro esmagou a mão e tudo ficou intratável, até que eu tivesse pago, ah, cinquenta libras para trazer o bruto de volta, e que tripulante feio ele era. Ah, pode rir, doutor, mas é verdade. Não sou supersticioso e nunca fui. Mas não pode me dizer que estou errado. Veja como as coisas acontecem. Quando eu era jovem, meu navio estava ao largo do Rio, e sonhei que meu pai estava morto.

I took my bearings and the time. I dreamt my father died in a red brick house with a laylock tree by the door and that tree was in blossom plain enough to smell. I didn't know the house. There was a path of clean red bricks leading up to the porch, through a garden. I didn't see my father. But you know what dreams are like - no sense in them - there the house was and not a soul in sight. I knew he was dying inside it."

"How do you account for that? Have you got it down in your books? I lay you haven't. I forgot all about that dream. Long after I was at Cape Town and met my brother. That reminded me. After a bit I said to him, 'Father's dead.' 'Yes,' he said, 'but how did you know?' Said I, 'Was the house like this?' and I told him. 'Yes,' he said, 'it was like that. A place he was staying at in Essex. But how did you know?' I didn't tell him. What's the good? He wouldn't have believed it. People don't."

All through the anxious time when we were being soused and buffeted I noticed how our company, every man of them, even the Pyrrhonist, saw omens in all the chance variety of the vast menace under the frown of which we huddled in our iron box; porpoises alongside; one of Mother Cary's dark brood accompanying us, glancing about the vagaries of the flowing hills with swift precision; the form of a cloud; a loom far out, as though day were there at least. The fall of a portrait in the Chief's room once set him wondering and melancholy. Again, when the dog whined and moped, the Skipper eyed the animal narrowly, as though the creature had prescience but could tell us what it knew only by drooping and quivering its hind quarters. You might have thought that Fate,

Anotei minhas coordenadas e o tempo. Sonhei que meu pai morria numa casa de tijolos com uma árvore bem na porta, e essa árvore estava carregada de flores o suficiente para cheirar. Eu não conhecia a casa. Havia um caminho de tijolos lisos e vermelhos que conduzia ao alpendre, em meio a um jardim. Eu não via meu pai. Mas você sabe como são os sonhos - não há sentido neles - ali estava a casa e nenhuma alma à vista. Sabia que meu pai estava morrendo ali dentro".

"Como se explica isso? Encontrou em seus livros? Aposto que não. Esqueci completamente esse sonho. Muito tempo depois, eu estava na Cidade do Cabo e encontrei meu irmão. Lembrei-me do sonho. Depois de um tempo eu disse-lhe: "Papai está morto". "Sim, mas como você soube?" E eu perguntei: "A casa era assim? Eu contei-lhe. "Sim, era desse jeito" - ele falou. "Era um lugar que ele estava ficando em Essex⁵⁸. Mas como você soube?" Eu não lhe falei. O que importa? Ele não teria acreditado. As pessoas não acreditam".

Durante todo o tempo de ansiedade, quando bebíamos e conversávamos, percebia como nossa Companhia, cada um dos homens, mesmo o pirronista, via presságios em todo tipo de variedade da vasta ameaça, debaixo das carrancas das quais nos amontoávamos em nossa caixa de ferro: uma ave do bando escuro de petréis⁵⁹ nos acompanhou, olhando de relance as mudanças do fluxo das ondas com ágil precisão; a forma de uma nuvem; um reluzir ao longe, como se o dia estivesse ali, pelo menos. A queda de um retrato no camarote uma vez deixou o comandante imaginativo e melancólico. Outra vez, quando o cachorro rosnou e grunhiu, o capitão olhou para o animal de forma restritiva, como se a criatura tivesse presciência e pudesse dizer o que sabia, apenas abaixando-se e abanando o rabo. Podia-se pensar que o Destino⁶⁰,

⁵⁸Condado da Inglaterra.

⁵⁹No século XVIII, os marinheiros chamavam os petréis, essas aves oceânicas, de filhotes de Cary, e acreditavam ser presságio de mau tempo. A origem do termo não é clara, mas pode ser que *Mother Cary* fosse o nome dado a um espírito das águas, cujos filhotes eram as almas dos marinheiros afogados.

⁶⁰Na mitologia grega, Destino era Moros, o deus das sortes e dos destinos. É conhecido como Destino. E é representado como uma entidade cega; seria filho do Caos e de Nix, a Noite. Seu caráter era o da inevitabilidade.

dumb and cruel, but a little relenting for something inevitably to come to our mishap, were trying to stretch a point, and so induced the Skipper to put his shirt on inside out one morning, after dreaming he saw drowned rats, in case the horse were not too blind to see both the nod and the wink.

The Sphinx makes subtle dumb motions, as it were, when closely regarded. I do not wonder if it does. Sometimes in those dark days I thought I got a hint or two. I cannot tell you what they were. The weather grew brighter afterwards and I forgot them. From our narrow and weltering security, where the wind searched through us like the judgment eye, I know, looking out upon the wilderness in turmoil where was no help, and no witness of our undoing, where the gleams were fleeting as though the very day were riven and tumbling, that I saw the filmy shapes of those things which darken the minds of primitives. While the sky is changeful, and there are storms at sea when our fellows are absent, and mischance and death are veiled but here, we shall have gods and ghosts. The sharp-sighted collectors of old brain-lumber and such curios may still keep busy, and tie up their dry bundles of mythology and religions; but I myself could make plenty more.

So it was my shipmates' yarns were most of the dire kind, with some dim warning precedent. I do not recall a story that was gay, except those of the wanton sort. They were of close calls and of women, as, I suppose, have been those of all hard livers, from the cave men on.

estúpido e cruel, mas um pouco abrandado por algo inevitável e vindouro a nosso acidente, estivesse tentando esticar um ponto e, assim, induzir o capitão a vestir sua camisa, numa manhã, depois de ter sonhado com ratos afogados; caso o cavalo não fosse tão cego para consultar a ambos, o consentimento e a piscadela

A Esfinge⁶¹ torna movimentos sutis imperceptíveis, como se fossem, quando consideravelmente julgados. Não me admiro se ela o fizer. Algumas vezes, naqueles dias de escuridão, eu pensava que tinha conseguido um palpite ou dois. Não posso dizer-lhe o que eram. O tempo ficou mais brilhante depois e eu os esqueci. De nossa segurança estreita e desordenada, onde o vento passava por nós como o olho do julgamento, eu sei, observando o deserto em alvoroço, onde não se tinha nenhuma ajuda e nenhuma testemunha de nossa perdição, onde os brilhos eram fugazes, como se o próprio dia estivesse despedaçado e arruinado, que eu via as formas transparentes dessas coisas que obscurecem as mentes dos primitivos. Enquanto o céu estiver inconstante e houver tempestades no mar, quando nossos companheiros estiverem ausentes e o azar e a morte forem aqui velados, teremos deuses e fantasmas. A visão aguçada de coletores de velhos cérebros atravancados e curiosos semelhantes ainda pode manter-se ocupada e amarrar os seus feixes de mitologia e religiões; mas eu mesmo podia fazer muito mais.

Então eram as histórias de meus companheiros que eram a maior parte da bondosa predição, com algum aviso precedente e obscuro. Não lembro-me de uma história que fosse alegre, exceto aquelas do tipo atrevido. Eram de intimidades e de mulheres, que suponho, têm sido as histórias de todos os moralistas, dos homens da caverna em diante.

⁶¹Um monstro com cabeça de mulher e corpo de leoa e com asas de ave de rapina, e está ligado especialmente à lenda de Édipo. Era filha de Èquidna e de Orto (o cão de Gírfon), ou de Tífon, e irmão do leão de Neméia (em outra lenda seria filha de Laio, rei de Tebas). Para punir o amor criminoso de Laio por Crísipo, filho de Pêlops, Hera mandou a Esfinge contra Tebas. Ela parou numa montanha próxima à cidade, e passou a assolar a região devorando as pessoas que passavam pelo local que não conseguiam decifrar os enigmas que lhes propunha. Édipo conseguiu responder acertadamente e a Esfinge, desarvorada, matou-se lançando-se do alto de um rochedo. Ver, a propósito, **Diccionario de mitologia grega e romana**, de Mário Gama Kury. 7ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

Eight bells were rung on the bridge, and, like a faint echo in a higher pitch, answered from the fo'castle. Christmas morning! By my pocket compass we toasted the folk at home. We had heard a good many stories of wreck this night, and the Chief was now at his contribution to the unseasonable memories. ("I've had enough of it. Here goes," said the Doctor; and he went.) "Don't leave us. It lets in the draught. Well, the compliments to you. This typhoon - I had had four others - but this one made me think it was good-bye. She was a small steamer, that 'Samuel Plimsoll,' and old, but well-behaved. But her light nearly went out in that blow. It was that dark you could find nothing but the noise, and we were just the same as a chunk of wood under a waterfall, because the Lord knows how many feet of water were in the engine-room, for she was rolling so. Her fires were out. She had a list of 22 degrees to port. She simply lay in it, and it went over her. Every time she rolled over on the deep side, thinks I, this is the last of her. All this, mind you, went on for two days, and the skipper was in the chart-room, waiting. I've found that when the danger is not much you get excited, but when there seems no chance you get cool and cunning and try to make one. One time I thought she seemed easier, and I was able to get the donkey engine going. I felt better as soon as I heard the steam, even though it was only in the donkey. Thinks I, there's power, and it's mine - a canful of steam to a typhoon. It was a chance to laugh at. Then I took the other engineers with me and we went below. The water there, full of cinders and trash, pouring through the gear as she turned from side to side, made it look a pretty poor show. You see, the donkey wouldn't work the pumps, for the coal and muck were sucked in.

Oito badaladas⁶² foram tocadas na ponte de comando e como um eco fraco em uma altura muito maior foram respondidas do castelo de proa. Manhã de natal! Com a minha bússola de bolso, saudamos o pessoal de casa. Tínhamos ouvido ótimas histórias de naufrágios nessa noite e o comandante estava dando agora sua contribuição às memórias incomuns para a época do ano. ("Já ouvi o suficiente" - disse o médico; e saiu). "Não nos deixe. Isso deixa a garganta seca. Pois bem, os elogios são para vocês. Esse tufão - eu tinha enfrentado outros quatro - mas esse aí me fez pensar que fosse a despedida. Era um navio pequeno, esse *Samuel Plimsoll*, e antigo, mas bem conservado. Mas sua torre de farol quase se foi naquela ventania. Era aquela escuridão que não se via nada, apenas ouvia-se o barulho, e éramos quase o mesmo que um pedaço de madeira debaixo de uma cachoeira, porque Deus sabe quantos pés de água estavam na casa das máquinas, pois o navio estava balançando muito. Suas caldeiras tinham sido apagadas. Marcava 22 graus a bombordo. Simplesmente parou e toda vez que ele virava, eu pensava, é o seu fim. Tudo isso, imaginem, prosseguiu por dois dias, e o capitão estava na sala de cartas náuticas, esperando. Descobri que quando o perigo não é muito, fica-se animado, mas quando parece que não há nenhuma possibilidade, fica-se calmo e esperto, e tenta-se encontrar uma. Uma hora pensei que parecia mais fácil, e eu fosse capaz de colocar a caldeira auxiliar em funcionamento. Achei muito melhor, assim que examinei o vapor de água, mesmo que ele estivesse apenas na caldeira auxiliar. Acho que existe força, e ela é minha - um tubo de fumaça para um tufão. Era uma chance para se rir. Então convoquei os outros maaquinistas e descemos ao porão. A água ali, cheia de cinzas e lixo, entornando em meio às engrenagens, quando o navio virava de um lado para o outro, fazia-o parecer um entretenimento muito infeliz. Veja, a caldeira auxiliar não faria funcionar as bombas, porque o carvão e o lixo estavam sugados ali.

⁶²As badaladas do sinete do navio marcam a passagem do tempo. Essas badaladas acontecem a cada meia hora. Uma badalada quer dizer que são 12:30, 04:30 ou 8:30; duas badaladas avisam que são 01:00, 05:00 ou 9:00; três badaladas indicam que pode ser 01:30, 05:30 ou 09:30; quatro podem equivaler a 02:00, 06:00 ou 10:00; cinco badaladas a 02:30, 06:30 ou 10:30; seis equivalem a 03:00, 07:00 ou 11:00 horas; sete a 03:30, 07:30 ou 11:30; e oito badaladas avisam que são 04:00, 08:00 ou 12:00.

So I took a basket and got into the tank, holding the basket under the pump. The water was up to my neck, and every time she rolled I was ducked. But the dodge worked, and that list of hers to port was a bit of luck in its way, for it helped us to get the starboard boiler going. When I saw the throws moving, and the wash angry when it splashed on the hot metal, I said, 'So much for your old typhoon.' We were not counted out then. We crawled under the lee of an island, and lay for four days repairing her. The funny thing was when we got to Hong Kong the papers were full of our loss.' "Samuel Plimsoll" lost with all hands.' It was funny to see a bill like that. I met the placard as it came running round a corner, and it made me stand and shuffle my feet on the ground to see if the earth was all right. I knew the editor of that paper, and I was then going up to give him something good. And here he was making money out of us like that. He stood at the door of his office and saw me coming. I went up laughing, waving his paper in my hand. He looked quite surprised. His mouth was wide open. 'You're a nice sort of chap,' I said."

Christmas Day. In case it has become necessary for me to show again the symbols of verity, as this is a book of travel, here they are: "Lat. 87.2 N., long. 14.14 W. Light wind and moderate swell from S.W. Vessel rolling heavily at intervals. 961 miles out. Miles by engines 226. Actual distance travelled (because of the swell on our starboard bow) 197 miles." I cannot see that these particulars do more than help me out with the book, but as they have been considered essential in narratives of voyaging, here they are, and much good may they do anybody. Thoreau, in one of his quaintly superior moods when speaking of travel, said, - "It is not worth while going round the world to count the cats in Zanzibar."

Assim, peguei um balde e pulei dentro do tanque, segurando o balde por baixo da bomba. A água estava na altura do meu pescoço e cada vez que o navio balançava, eu era mergulhado. Mas o desvio funcionou e aquela inclinação para o lado esquerdo foi um pouco de sorte no trajeto dele, porque nos ajudou a manter a caldeira a estibordo funcionando. Quando vi os lances do movimento e da lavagem irritadiça, quando esguichava no metal quente, eu disse: É demais para o velho tufão! Ainda não estávamos livres. Com o vento, nos movemos lentamente para uma ilha e ficamos durante quatro dias fazendo os reparos. O engraçado é que quando chegamos a Hong Kong os jornais estavam cheios de nosso desaparecimento. *Samuel Plimsoll* desapareceu com toda a tripulação. Era engraçado ver uma nota como essa. Encontrei o cartaz em uma esquina trazido pelo vento, e isso me fez parar e arrastar meus pés no chão para ver se estava tudo bem com o globo terrestre. Eu conhecia o editor daquele jornal e estava subindo então para dar-lhe algo de bom. E ali estava ele ganhando dinheiro à nossa custa. Ele ficou parado, na porta de seu escritório, vendo minha chegada. Entrei rindo, balançando seu jornal em minha mão. Parecia bastante surpreso. Ele estava de boca aberta. "Você é um cara de muita sorte", eu disse-lhe.

Dia de natal. Caso se torne necessário mostrar os símbolos da realidade novamente, como este é um livro de viagem, aqui estão eles: Latitude 37. 2, ao norte, longitude 14. 14 a oeste. Vento suave e moderado vindo do sudoeste. Embarcação balançando pesadamente em intervalos. 961 milhas de distância. Milhas por máquinas, 226. Distância realmente viajada (por causa do aumento da proa a estibordo), 197 milhas. Não vejo que essas particularidades façam mais do que me ajudar com este livro, mas como têm sido consideradas essenciais nas narrativas de viagem, aqui estão, e muito bem podem fazer a qualquer pessoa. Thoreau⁶³, em uma de suas curiosas e superiores disposições, quando falava de viagens, disse: "Não vale a pena, enquanto viajando pelo mundo, contar os gatos em Zanzibar".

63Henry David Thoreau (1817-1862) poeta e filósofo norte-americano; autor de **A week on the Concord** (Uma semana no Concord) **A desobediência civil** e **Walden ou a vida nos bosques**.

In nearly every book of travel this is proved to be true. They show it was not worth the while, seeing it was either to shoot cats or to count degrees of latitude. (As for me, I have no reason whatever for being at sea.) Consider Arctic travel. I have read long rows of books on that, but recall few emotional moments. The finest passage in any book of Arctic travel is in Warburton Pikes' "Barren Grounds," where he quotes what the Indian said to the missionary who had been speaking of heaven. The Indian asked, "And is it like the land of the Musk-ox in summer, when the mist is on the lakes, and the loon cries very often?"

You feel at once that the country the Indian saw around him would be easily missed by us, even when in the midst of it. For taking the bearings of such a land, the sextant, and the miles already travelled, would not be factors to help much. Now the Indian knew nothing of artificial horizons and the aids to discovering where they are which strangers use. But in summer the mists of his lakes were but the vapour of his musings, the penumbra of the unfathomed deeps of his mind whereon he paddled his own canoe; and when the wild-fowl called, it was his memory heard; it was his thought become vocal then while he dreamed on. I myself learned that the treasures found in travel, the chance rewards of travel which make it worth while, cannot be accounted beforehand, and seldom are matters a listener would care to hear about afterwards; for they have no substance. They are no matter. They are untranslatable from their time and place; and like the man who unwittingly lies down to sleep on the tumulus where the little people dance on midsummer night, and dreams that in the place where man has never been his pockets were filled with fairy gold, waking to find pebbles there instead,

Isso prova ser verdadeiro em quase todos os livros de viagens. Eles mostram que não era válido no momento, tampouco, caçar gatos ou contar graus de latitude. (Quanto a mim, não tenho nenhuma razão, qualquer que seja, para estar no mar). Considere a viagem ao Ártico. Tenho lido muitos livros sobre o assunto, mas lembro de poucos momentos emocionantes. A melhor passagem de qualquer livro de viagem ao Ártico está em *Barren Grounds of Northern Canada*, de Warburton Pikes⁶⁴, no trecho que ele cita o que o indígena diz ao missionário que lhe falava do céu. O indígena perguntou: "E é como a terra do bisão, no verão, quando a neblina está sobre os lagos e o pato selvagem grasna com frequência?"

Imediatamente, percebe-se que, a terra que o indígena via ao seu redor, não seria vista facilmente por nós, mesmo quando no meio dela. Para compreender tal terra, o sextante e as milhas já viajadas não seriam os fatores que ajudariam muito. Mas o indígena não sabia nada de horizontes artificiais e nem das ajudas que os estrangeiros usam para descobrir onde eles estão. Porém, no verão, os nevoeiros de seus lagos eram o vapor de suas preocupações, a penumbra das profundezas incompreensíveis de sua mente, em cujas águas remava em sua própria canoa; e, onde o pato selvagem grasnava, era sua memória que era ouvida; era seu pensamento que tornava-se vocal então, enquanto ele sonhava. Eu mesmo aprendi que os tesouros encontrados na viagem, a oportunidade da recompensa que a torna válida, não podem ser avaliados de antemão e, raramente, são assuntos que um ouvinte teria o cuidado de ouvir mais tarde; porque eles não têm nenhuma substância. Não são questões para serem resolvidas. São intraduzíveis em seu tempo e lugar; são como o homem que, involuntariamente, deita-se para dormir no túmulo onde os duendes dançam em plena noite de verão, e sonha que no lugar onde o homem nunca esteve, seus bolsos foram enchidos com ouro mágico, acordando para encontrar pedrinhas ali em vez de ouro;

⁶⁴Warburton Pikes (1885 - 1930), explorador, caçador e naturalista inglês. *The Barren Grounds of Northern Canada* (Solos inférteis do norte do Canadá) é fruto de sua jornada de cinco meses, em 1889, às terras do norte do Great Slave Lake, Canadá.

so the traveller cannot prove the dreams he had, showing us only pebbles when he tries. Such fair things cannot be taken from the magic moment. They are but filmy, high in the ceiling of your thoughts then, rosy and sunlit by the chance of the light, transitory, melting as you watch. You come down to your lead again. These occasions are not on your itinerary. They are like the Indian's lakes in summer. They have no names. They cannot be found on the best maps. Not you nor any other will ever discover them again. Nor do they fill the hunger which sent you travelling; they are not provender for notebooks. They do not come to accord with your mood, but they come unaware to compel, and it is your own adverse and darkling atoms that are changed, at once dancing in accord with the rare incidence of that unreasonable and transcendent moment of your world, the rhythm of which you feel, as you would the beat of drums.

And what are these things? - but how can we tell? A strip of coral beach, as once I saw it, which was as all other coral beaches; but the ship passed close in, and by favour of the hour and the sun this strand did not glare, but was resplendent, and the colours of the sea, green, gold, and purple, were not its common virtues, but the emotional and passing attar of those hues. There was the long, slow labouring of our burdened tramp in the Atlantic storm. Or one April, and a wild cherry-tree in blossom by an English hedge, a white cloud tintured with rose, and in it moving a dozen tropical chaffinches; the petals were on the grass.

And now, this is Christmas morning. I am in the Chief's bunk, and he still sleeps on the settee. We fell asleep where we lay yarning on our backs after midnight. I wake at the right moment, opening my eyes with the serene and secure conviction that things are very well. The slow rocking of the ship is perfect rest. There is no sound but the faint tap-tap of something loose on the desk and responding to the ship's movements.

assim, o viajante não pode provar os sonhos que teve, mostrando-nos somente pedrinhas quando tenta. Essas coisas justas não podem ser tiradas do momento mágico. Estão tão somente transparentes no alto do teto de seus pensamentos, róseas e iluminadas pela oportunidade da luz transitória, derretendo-se enquanto se espreita. E você desce para seu comando novamente. Essas ocasiões não estão em seu itinerário. São como os lagos do indígena no verão. Não têm nomes. Não podem ser encontrados nos melhores mapas. Nem você nem qualquer outro jamais os descobrirá novamente. Nem preenchem a necessidade que o impulsiona a viajar; eles não são assuntos para cadernos de anotações. Eles não surgem de acordo com seu humor, mas surgem inconscientemente para coagir, e são os seus próprios átomos adversos e enigmáticos que são alterados e, imediatamente, dançando de acordo com a rara incidência desse momento transcendente e desrazoável de seu mundo, o ritmo do qual você se sente, como se se fosse a batida dos tambores.

E o que são essas coisas? - mas como podemos contar? Uma faixa de praia de coral, como vi uma vez, que era como todas as outras praias de corais; mas o navio passou bem perto e, devido ao benefício da hora e do sol, essa praia não refletia, mas estava brilhante; e as cores do mar, verdes, douradas e púrpuras, não eram suas virtudes comuns, mas a essência passageira e emocional de suas colorações. Havia o longo e lento labutar de nosso sobrecarregado navio na tempestade do Atlântico. Ou o mês de abril e um pé de cereja-selvagem cheio de flores perto de uma cerca-viva inglesa; uma nuvem branca tingida de rosa e nela movimentando-se uma dúzia de tentilhões tropicais do norte europeu; as pétalas estavam em cima da relva.

E agora é manhã de natal. Estou no beliche do comandante e ele ainda dorme no sofá. Adormecemos onde estávamos apoiados em nossos encostos, contando histórias de aventuras, depois da meia noite. Acordei no momento certo, abrindo meus olhos com a convicção serena e segura de que as coisas estavam muito bem. O balanço lento do navio está em perfeito descanso. Não há nenhum som, mas a batida fraca de alguma coisa solta na escrivaninha está respondendo aos movimentos do navio.

The cabin is strangely illuminated to its deepest corner by an extraordinary light, as though the intense glow of a rare dawn had penetrated even our ironwork. On the white top of the cabin a bright moon quivers about, the shine from live waters sent up through the round of our port. When we lean over, the port shows first the roof of the alleyway dappled with bright reflections; then a circle of sky, which the horizon soon halves; and then the dazzling white and blue of the near waves; we reverse.

This is life. This is what I have come for. I do not repose merely in a bunk. I am prone and easy in the deepest assurance of good. This conviction has penetrated even the unconsciousness of the Chief; he snores in profound luxury. If in a ship you are brought sometimes too cruelly close to the scrutiny of the terms of your narrow tenure, expecting momentarily to see the document torn across by invisible fingers, yet nowhere else do you feel those terms to be so suddenly expanded in the sun. And nowhere else is got such release, secure and absolute, from the nudging of insistent trifles. There is nothing between your eyes and the confines of your own place. Empty day is all round. In the entire circle there is not the farthest impertinent interruption - through all the degrees there is not one fool standing in the light; and you yourself are on nobody's horizon. No history stains that place. There is not a black doubt anywhere. It is the first day again, and no need yet for a rubbish heap.

O camarote está estranhamente iluminado em seu canto mais profundo por uma luz extraordinária, como se o brilho intenso de uma aurora rara tivesse penetrado igualmente em nossos objetos de ferro. No forro branco do camarote, uma lua brilhante tremia, o brilho que vinha das águas vivas era lançado em volta de nossa porta. Quando viramos para o lado, a porta mostra primeiramente o teto da travessa manchado com reflexos brilhantes; em seguida, um círculo do céu, que o horizonte logo esconde a metade; e depois, a deslumbrante cor branca e azul das ondas a pouca distância; balançamos no sentido inverso.

Isso é vida. É para isso que eu vim. Não repouso simplesmente em um beliche. Estou propenso e confortável na mais profunda garantia do bem. Esta convicção penetrou igualmente mesmo a inconsciência do comandante; ele ronca em profundo conforto. Se em um navio você é conduzido, alguma vez, tão cruelmente para perto do escrutínio dos termos de seu curto mandato, esperando momentaneamente para ver o seu documento rasgar-se entre dedos invisíveis, entretanto, em nenhuma outra parte realmente percebe-se que aqueles termos sejam rapidamente expandidos no sol. E em nenhum outro lugar tenha se sentido tão liberado, seguro e absoluto das cutucadas de esbanjamentos insistentes. Não há nada entre os seus olhos e os limites de seu próprio lugar. O dia vazio está em todo o redor. No círculo inteiro não há a interrupção mais distante e impertinente - através de todas as etapas, não há um tolo de pé na luz; e você mesmo não está no horizonte de ninguém. Nenhuma história mancha esse lugar. Não há uma dúvida escura em nenhum lugar. É o primeiro dia novamente e não há nenhuma necessidade ainda para um monturo de lixo.

Yet when, singing to myself, I went outside to matins, I found Sandy our third engineer with the toothache. So much of truth is got from being a gymnosophist and regarding your own toes with aloof abstraction on a sunny Christmas morning. I became Sandy's courage for him instead, took his arm firmly, and led him aft to the doctor. We would start a rubbish heap for a pristine world with a decayed tooth. Something to be going on with.

Seeing we were almost off Madeira we had some amount of right to the July sun under which we had run. For the first time since the Mumble our decks were quite dry, and cherry red with rust. There were glittering crusts of salt in odd places. At eight bells (midday) the captain ordered a general holiday, except for the routine duties; and the donkey-man appeared to startle us as the apparition of a stranger on the ship, for he had a clean face, though his eyes still were dark and spectral, and he wore a suit of new dungarees, stiff and creased from a paper parcel, but just opened, out of a Swansea slop shop. His mates were some seconds realising him. Then they made derisive signs, and the boldest some ribald cries. I thought their resentment was really aroused by Donkey's new shirt; it was that touch which pushed matters too far, and made him unfriendly. He saw this himself. Soon he changed the new shirt for one that had been rendered neutral in the stokehold and the bucket.

No entanto, quando cantando para mim mesmo, dirigia-me para minhas orações matinais, encontrei Sandy, nosso terceiro-maquinista, com dor de dente. Obtém-se muito da verdade sendo um *gymnosofista*⁶⁵, e considerando os seus próprios dedos dos pés com concentração indiferente em uma ensolarada manhã de natal. Em vez disso, tornei-me a coragem de Sandy, peguei-o pelo braço firmemente e o levei ao médico. Iniciaríamos uma pilha de lixo, em um mundo limpo, com um dente deteriorado. Alguma coisa iria acontecer adiante.

Considerando que estávamos um pouco longe do rio Madeira, tivemos algum montante de direito ao sol de julho, sob o qual navegávamos. Pela primeira vez, desde a ilha de Mumbles, nossos conveses estavam completamente enxutos e vermelho cereja com a ferrugem. Havia crostas brilhantes de sal em lugares estranhos. Às oito badaladas (meio-dia), o capitão ordenou um feriado geral, exceto para as tarefas de rotina; e o foguista da caldeira auxiliar apareceu para assustar-nos como a aparição de um estranho no navio, porque seu rosto estava limpo, embora seus olhos ainda estivessem sombrios e espectrais, e ele usasse um macacão de operário, duro e machucado como pacote de embrulho, exatamente aberto fora de uma loja em liquidação, em Swansea. Seus companheiros de viagem o estavam observando fazia algum tempo. Assim, faziam gestos insignificantes e os mais audaciosos davam alguns gritos irreverentes. Pensei que seus ressentimentos fossem realmente provocados pela camisa nova do foguista da caldeira auxiliar; era aquele toque que empurrava as questões para tão longe e o deixava inamistoso. Ele mesmo percebeu isso. Logo trocou a camisa por uma que encontrara na caldeira e na tina.

⁶⁵Termo derivado do grego que significa “Filósofos nus”. A palavra *Gymnosofista* foi usada pela primeira vez por Plutarco (46 - 126 d. C.; filósofo e prosador grego do período greco-romano), ao descrever o encontro de Alexandre, o Grande, que aprisionou dez *gymnosofistas* em Punjab, Índia. A partir desse encontro de filósofos gregos e indianos é que Pirro de Élide (365 - 275 a. C), fundou o Pirronismo, primeira forma de Ceticismo.

There was something neutral, like Donkey's old shirt, about most of our crowd. Each one of the mob which gathered with mess kits a little before midday about the galley door seemed reduced, was faded in a noticeable measure from the sharp and strong pattern of a man. Their conversation about the galley was always in subdued mutterings, not direct, but out of the mouth corners, sideways. Their only independence was in the negligence of their attitudes. They might have been keeping in mind an austere and invisible presence, whose swift words from nowhere might at any time cleave their soft babble. If I made to pass through them the babble ceased, and from limp poses they sprang upright in the narrow way to let me pass, their eyes cast down. A man who had not seen me coming, but still sprawled on the rail, talking quietly, would be nudged by his neighbour. It struck me this attitude would change when they knew us better; but it never did. These deckhands and firemen were mostly youngsters, steadied by a few older hands. Chips and Donkey were the veterans. In that crowd the boatswain was the admirable figure. He was a young Britisher, tall, upright, and weighty, with a smiling, respectful eye in which sometimes, I thought, there was a faint hint of mockery. He had an easy balance and confidence in his movements which made him worth watching when about his business. Clean shaven when he came aboard, he now had a tawny beard which caught gold lights, and it was singularly good on his weather-darkened face. He seldom wore a cap, for it could have added little protection to the taut vigour of his hair, and would have spoilt, as perhaps he himself guessed, that proper flourish and climax to the poise of his head.

Havia algo sem sentido, como a camisa velha do foguista da caldeira auxiliar, em muitos de nossa turma. Cada um da turba, que se juntava na porta da galé com o conjunto de utensílios para suas refeições um pouquinho antes do meio-dia, parecia reduzido, e estava enfraquecido em uma notável medida da forma e modelo forte de um homem. A conversa deles, perto da galé, era sempre em resmungos contidos, não diretos, mas pelos cantos da boca, nas laterais. Sua única independência estava na negligência de suas atitudes. Podiam estar mantendo em mente uma presença grave e invisível, cujas palavras rápidas de algum lugar pudessem decompor seus balbucios suaves a qualquer hora. Se eu passasse no meio deles, o balbuciar cessava e, com poses desajeitadas, eles saltavam retos na passagem estreita para me deixar passar, com olhos desanimados.

Um homem que não tivesse me visto vindo, ainda espreguiçado por cima da amurada, falando calmamente, seria cutucado por seu vizinho. Pensei que essa atitude fosse mudar quando nos conhecêssemos melhor; mas nunca mudou. Esses ajudantes de convés e os foguistas geralmente eram jovens, comandados por alguns ajudantes um pouco mais velhos. Chips e Donkey eram os veteranos. Naquela turma, o contramestre era uma figura admirável. Ele era um jovem britânico, alto, honesto e importante, sorridente e olhar respeitoso no qual, às vezes, eu pensava, havia um ligeiro toque de escárnio. Exibia um equilíbrio tranquilo e confiança em seus movimentos, que o deixavam valioso de se observar, quando estava em seu trabalho. A barba feita, quando embarcou, ele agora tinha uma barba avermelhada, que capturava luzes douradas e era singularmente interessante em seu rosto sério. Raramente usava um boné, porque isso poderia ter acrescentado uma pequena proteção ao vigor esticado de seu cabelo, e teria estragado, como talvez ele mesmo imaginasse, aquela ostentação conveniente e máxima à posição de sua cabeça.

Donkey was an Irishman, and he was the huge frame of what, maybe thirty years before, had been a powerful man. This morning his big cadaverous face, white only on the bony ridges surrounding the depressions of the temples, the cheeks, and the dark pits of the eyes, and with the shadowy hollow of the mouth which gaped through the weight of the massive jaw, would have resembled, from a little distance, that of a skeleton head of one of the monsters in a geological gallery, but for the dewlap sustained by sinews running from his chin down his throat. Donkey was a silent man, and never caught your glance as you passed him, but lumbered along with so much of the surprising celerity of a gaunt elephant that you thought you might hear the rasp of his loose clothes. He was a simple and docile fellow. I never heard him speak, but he used to come to the Chief, fill the door with his massive front, his small eyes which expressed nothing and were but sparks of life, looking nowhere in particular, and make guttural sounds; and the Chief, being used to him, understood. At sea Donkey did his small duties like a plain but cumbersome mechanism that had somewhere in it an obscure point of rationality. When ashore, though, he was said to go mad, and to roll trampling and trumpeting through the squallid litoral of the world; being brought aboard afterwards an enormity of lax bones and flesh, with the cogitating glim in his bulk quite doused.

Of the others, there was a Teutonic bunch of lads, deck-hands, which I never succeeded in segregating, they looked so much alike. They had pimpled, idle faces, and neutral eyes, cast down when they sidled by one, thin down on their chins, and grimy raiment which, by the look of it, was an integument never cast after we left port. One name would have covered that lot, and frequently I heard the mates use it. But Olsen, the Norwegian with a blond moustache which covered his mouth like a fog-protector, and stern blue eyes, was a sailor. The firemen made a better bunch.

Donkey era irlandês, e era um esqueleto enorme do que, talvez, trinta anos antes, tinha sido um homem poderoso. Esta manhã, seu grande rosto cadavérico, branco apenas nas cristas ósseas em torno das depressões das fronteiras, as bochechas e as covas escuras dos olhos, e com o oco sombrio da boca, que bocejava através do peso da mandíbula firme, tinha aquele semblante, de uma pequena distância, daquela cabeça de esqueleto de um dos monstros em uma galeria geológica, porque a papada era sustentada pelos tendões, que corriam de seu queixo até a garganta. Donkey era um homem calado e nunca encarava quando se passava por ele, mas ficava adiante meio sem jeito, com a rapidez surpreendente de um elefante magro, que pensava-se que se podia ouvir o som do atrito de suas roupas folgadas. Era um sujeito modesto e dócil. Nunca o ouvi falar, mas ele costumava ir até o comandante, preencher a porta com sua fronte maciça, seus olhos pequenos que não expressavam nada e eram faíscas de vida, olhando para nenhuma parte em particular, e fazendo sons guturais; e o comandante, acostumado com ele, o compreendia. No mar, Donkey realizava suas pequenas tarefas como um mecanismo simples, mas embaraçoso que, em algum lugar, havia um ponto obscuro de racionalidade. Porém, quando em terra firme, diziam que ele enlouquecia e saía pisoteando e vociferando pelo litoral miserável do mundo; sendo trazido a bordo depois uma enormidade de ossos e carne relaxados, com o brilho refulgente de seu corpo completamente extinto.

Entre os demais marujos, havia um bando de rapazes teutônicos, ajudantes de convés, que eu nunca conseguia distingui-los, pois eram muito parecidos. Tinham espinhas, rostos ociosos e olhos indiferentes; ficavam cabisbaixos quando passavam por alguém, seus queixos eram finos; e usavam uma roupa encardida que, pela aparência, era uma vestimenta que nunca tinha sido trocada, desde que deixamos o porto de Swansea. Apenas um nome cobriria esse grupo e, frequentemente, eu ouvia os oficiais de bordo chamando-o. Mas Olsen, o norueguês com um bigode loiro que cobria sua boca, como um protetor de fumaça, e com severos olhos azuis, era um marinheiro. Os foguistas formavam um grupo melhor.

There was among them a swarthy Brazilian, whose constant smile seemed ever on the point of breaking into song, but that he was always chewing the end of a sweat rag he wore twisted round his neck. The happy feature of our firemen was a Dutchman, whose hollow face was full of silent woe and endurance. He was our chief joy. When once we found the sun, he then appeared in a single garment, trousers and braces cut in one piece of brown canvas, hauled up well under his arms, leaving his slab feet remote and forlorn. His torso was bare, a dancing girl in red and blue tattooed on his chest. He wore a bowler hat without a brim.

We will get Christmas over. It was a pagan festival. Looking back at it, I see - with the astonishment of the sedate who is native to a geometrical suburb where the morning train follows the night and every numbered house shelters a moral agnostic - I see a dancing bacchanal with free gestures who fades, as I look back intently, doubting my senses, in a roseous haze. The lawless movements of that wild, bright and laughing figure, its exultant blasphemy, its confident mockery, are remembered by me as though once I had been admitted to the green room of heaven. Surely I have seen a god whose deathless knowledge derides the solemn gods, behind the curtain. It was Christmas night, and our little "Capella," our point of night shine, a star moving through the void to its dark destiny, filled the vault with its song, while its fellows in the heavens stood round. Christmas is over.

The day following was Sunday, a grey day of penance, the men soberly washing their shirts in buckets under the forecastle head, smoking moody pipes. The garments were tied to any convenient gear where they could hang free. The sky was leaden. This grey day was distinguished by the strange phenomenon of an horizon which was almost level; the skyline and the clouds did not slant first this way, then that.

Havia um brasileiro moreno entre eles, cujo sorriso constante, parecia sempre pronto para iniciar uma canção, mas que estava sempre mastigando a ponta de um trapo suado, que usava torcido em volta do pescoço. A característica feliz de nossos foguistas era um holandês, cujo rosto esburacado estava cheio de resistência e silenciosa aflição. Era nossa principal alegria. Quando um dia encontramos o sol, ele então apareceu em vestuária única, calça e suspensórios recortados de um pedaço de lona marrom, puxados bem debaixo de seus braços, deixando desconfortáveis seus pés achatados e em péssimas condições. Seu tronco estava nu, e uma dançarina de vermelho e azul estava tatuada em seu peito. Ele usava um chapéu de feltro sem uma aba.

Comemorou-se a passagem do natal. Foi uma festa pagã. Olhando para trás, vejo - com admiração da tranquilidade de quem é nativo de um subúrbio geométrico, onde o comboio da manhã segue a noite e cada casa enumerada abriga uma moral agnóstica - vejo uma dança de bacanal com gestos livres, que empalidece em um névoa rosada, quando olho para trás atentamente, duvidando de meus sentidos. Os movimentos sem lei daquela forma selvagem, brilhante e sorridente, sua blasfêmia exultante, seu escárnio confidente são lembrados por mim, como se uma vez eu tivesse sido admitido à sala verde do paraíso. Sem dúvida, eu via um deus, cujo conhecimento imortal ridiculariza os deuses solenes atrás da cortina. Era noite de natal e o nosso pequeno *Capella*, nosso ponto de brilho noturno, uma estrela se movendo pelo vazio rumo a seu destino obscuro, enchia o firmamento com sua canção, enquanto suas companheiras nos céus permaneciam em volta. O natal passou.

O dia seguinte foi domingo, um dia cinzento e de penitência; prudentemente, os homens, mal-humorados, lavavam suas camisas em tinas debaixo do topo do castelo de proa, fumando seus cachimbos. As vestimentas eram penduradas em qualquer engrenagem conveniente, onde pudessem ficar livres. O céu estava plúmbeo. Esse dia cinzento foi distinguido pelo estranho fenômeno de um horizonte que estava quase no nível do mar; a linha do horizonte e as nuvens não se inclinaram primeiramente dessa vez.

The swell had almost gone. Already I began to feel the large patience and tranquillity of a mind losing its shadows, and contemplating the light and space of a long voyage in which the same men do the same things in the same place daily under the centre of the empty sky. Sitting on a hatch with the Doctor, smoking, we confessed, with ease at the heart, and with minds in which nervous vibrations had ceased, that we must have reached the place that was nowhere, and that now time was not for us. We had escaped you all. We were free. There was not anything to engage us. There was nothing to do, and nobody who wanted us. Never before had I felt so still and conscious of myself. I realised, with a little start of surprise, that it was Me who felt the warm air, and who looked at the slow pulse of the waters, and the fulgent breaks in the roof, and heard the droning of the wake, and not that mere skin, eyes and ears which, as in London, break in upon our preoccupied minds with agitating sensations; and I took in this newly-discovered world of ocean and cloudland and my own sure identity centred therein with the complacency of an immortal who will see all the things which do not matter pass away. When we left England we were tense, and sometimes white (though there were others who went red) about a Great Crisis in our Country's History. The Doctor and I arrived on board, detached from the opposing armies in the impending conflict, and at first put our hands swiftly to our swords every ten minutes or so during meals. Of that crisis only one small gull now was left, and he was following us astern with a melancholy cry at intervals, of which we took no more notice. (And that gull departed, I see by my diary, the very next day.)

A protuberância do mar tinha quase desaparecido. Eu já começava a sentir a grande paciência e a tranquilidade de uma mente perdendo suas sombras e contemplando a luz e o espaço de uma longa viagem, onde os mesmos homens fazem as mesmas coisas, no mesmo lugar diariamente, sob o centro do céu vazio. Sentado em uma escotilha com o médico, fumando, confessamos com tranquilidade no coração e em cujas mentes as vibrações nervosas tinham cessado, que devíamos ter alcançado o lugar que não estava em nenhuma parte e que agora o tempo não existia para nós. Tínhamos escapado de todos vocês. Estávamos livres. Não havia nada em nenhum lugar que nos comprometesse. Não havia nada para se fazer e ninguém que nos quisesse. Nunca antes tinha me sentido tão tranquilo e consciente de mim mesmo. Percebi, um pouco surpreso, que era EU quem sentia o ar quente, e quem olhava para o pulsar leve das águas e as mudanças resplandescentes no firmamento, e ouvia o barulho contínuo das águas da esteira d'água, e não simplesmente aquela pele, olhos e ouvidos que, em Londres, surgem em nossas mentes preocupadas, com sensações agitadas; e recebi esse mundo recém-descoberto do oceano e nuvem, e minha própria garantida identidade centrada naquele lugar, com a complacência de um imortal que verá todas as coisas que não têm importância desaparecerem. Quando deixamos a Inglaterra, estávamos tensos e, às vezes, inocentes (embora houvesse outros que estivessem agitados) acerca da Grande Crise⁶⁶ na História de nosso País. O médico e eu chegamos a bordo desligados dos exércitos opostos em iminente conflito e, pela primeira vez, púnhamos rapidamente nossas mãos nas espadas a cada dez minutos, ou então durante as refeições. Daquela crise somente uma gaivotazinha restava, e ela estava nos seguindo com um canto melancólico em intervalos, do qual não tivemos mais notícia. (E aquela gaivota partiu, vejo no meu diário, exatamente no dia seguinte).

⁶⁶Ver nota nº 5.

So ended the Great Crisis. I did not even note the ship's position at the time, though I can see now that was a serious fault for which future historians may blame me. I can but state vaguely that it was about sixty miles north-west of the Fortunate Isles. The change in the quality of the sun and air became most marked; I remember that. The horizon expanded to a surprising distance. According to letters from home, sent about that date, which I received long afterwards, I am unable to find that similar phenomena were witnessed in England. Probably they were but local. These manifestations in the heavens filled the few of us privileged to witness them with awe, and a new faith in the power and compassion of God. Nothing further of note occurred on this day, except that Chips, as a further miracle, suddenly was raised whole from where he lay in his bunk with a useless leg. His leg, you may remember, was damaged in the gale off Cornwall. The Doctor, going his rounds, was surprised to find Chips dancing the hoola-hoola in the forecastle, and a stoker, with a cut eye, wailing for a lost half bottle of gin taken from his box while he was on duty. Thereafter Chips returned to work, his leg becoming halt again only when he knew we saw him stepping it too blithely.

"Decr. 27. Distance run for past 24 hours to midday 219. Total distance 1177 miles. Fine weather. Glass rising."

Assim terminou a Grande Crise⁶⁷. Nem mesmo tomei nota da posição do navio naquela hora, embora possa ver agora que foi uma falha grave, que os futuros historiadores podem me culpar. Posso somente afirmar vagamente que estávamos aproximadamente a sessenta milhas a noroeste das Ilhas Afortunadas⁶⁸. A mudança na qualidade do sol e do ar se tornou mais marcante; lembro-me disso. O horizonte se expandia a uma surpreendente distância. De acordo com as cartas de casa enviadas naquela data, que recebi muito tempo depois, sou incapaz de descobrir que semelhantes fenômenos foram testemunhados na Inglaterra. Provavelmente fossem locais. Essas manifestações nos céus preenchiam poucos de nós, privilegiados, para testemunhá-las com temor e uma nova fé no poder e na compaixão de Deus. Nada mais digno de nota ocorreu nesse dia, exceto que Chips, como mais um milagre, repentinamente se levantou de onde estava deitado em seu beliche com uma perna inutilizada. Sua perna, deve-se lembrar, fora machucada na tempestade na Cornualha. O médico, fazendo suas rondas, ficou surpreso ao encontrar Chips dançando hula-hula no castelo de proa, e um foguista, com um corte no olho, se lamentando pela perda de meia garrafa de gim tirada de suas coisas, enquanto estava de plantão. Depois que Chips retornou ao trabalho, sua perna travou novamente somente quando soube que nós o tínhamos visto pisando alegremente.

27 de dezembro. Distância percorrida 24 horas depois do meio dia, 219. Distância total: 1177 milhas. Tempo ótimo. Temperatura aumentando.

67 O narrador refere-se à sua crise pessoal enquanto ser ansioso de liberdade; de desvencilhamento, destituição e reconstituição contínua e interminável de si mesmo; um espírito ansioso por grandes momentos de aventuras pelo mundo; seria a crise do ser em sua mobilidade no mundo.

68 Nome dado nas mitologias grega e céltica ao deleitável paraíso que para o poeta grego Hesíodo era o lugar que acomodava os Campos Elísios, uma região abençoada onde os heróis e as almas virtuosas eram recebidos pelos deuses após a morte.

Have you ever heard of the monotony of a long voyage? The same sky you know, the same waters, the same deck; and now I can see it should be added, the same old self, dismayed by the contemplation of its features daily, week after week, within that spacious empty hall, where is no escape from the bright stare overhead which reveals your baldness and blemishes without ruth. You get found out. You want to mix with the mob again, to get lost in the sameness of your fellows. He who goes travelling should leave his self at home, or as much of it as is not wanted on the voyage. It is surprising to find how little you want of yourself. The ideal traveller would venture out merely as a disembodied thought, or, at most, as an eye.

A mere eye would see no monotony, for the sky may be the same sky, but its moods are like those of the same woman; and the ocean, though young as the morning, is older than Asia - you never know what to expect from that profound enigma. As for the sunny deck, I see the Doctor sitting on a spare spar, waiting for someone to sit beside him. The Chief is filing a piece of small gear outside his cabin. The Skipper is overlooking, with a hard frown, a group of men busy repairing his chart-room, which is just foreward of the engine-room casing (I could get a job from him at once for the asking, though I shall not ask). The first mate is trying to be in three places at once. The second mate patrols the bridge. The German steward, who tells curious stories in a Teutonised dialect of Shadwell, is hanging mattresses and bed clothes over a boom. The men are chipping and tarring the deck; and the boatswain, bare-legged, wildly bearded, a sheath knife on his hams, looks like a fine pirate brought to menial tasks.

Já ouviu falar da monotonia de uma viagem longa? O mesmo céu que se conhece, as mesmas águas, o mesmo convés; e agora vejo que isso deveria ser acrescentado: o mesmo velho ego, desanimado pela contemplação de suas características diárias, semana após semana, dentro daquela espaçosa sala vazia, onde não há como escapar do brilho fixo em cima, que revela sua calvície e manchas sem piedade. Fica-se exposto. E se quer se misturar com a multidão novamente, se perder na mesmice de seus companheiros. Quem viaja deveria deixar o ego em casa, ou como muito do que não é desejado na viagem. É curioso descobrir quão pouco se quer de si mesmo. O viajante ideal deveria se aventurar simplesmente como um pensamento desencarnado ou, no máximo, como um olho.

Um mero olho não veria nenhuma monotonia, porque o céu pode ser o mesmo céu, mas seus ânimos são como aqueles da mesma mulher; e o oceano, apesar de jovem como a manhã, é mais velho do que a Ásia - nunca se sabe o que esperar daquele enigma profundo. No convés ensolarado, vejo o médico sentado em um mourão sobressalente, esperando alguém sentar-se ao lado dele. O comandante está emendando o pedaço de uma engrenagem do lado de fora de seu camarote. O capitão está inspecionando, com uma carranca dura, um grupo de homens ocupados consertando sua sala de mapas, que fica próxima ao invólucro da casa das máquinas (pude conseguir um emprego dele uma vez ao perguntar, embora eu não devesse ter perguntado). O primeiro-oficial está tentando estar em três lugares ao mesmo tempo. O segundo-oficial patrulha a ponte de comando. O taifeiro alemão, que conta histórias curiosas num dialeto teutônico de Shadwell⁶⁹, está pendurando colchões e roupas de cama num cabo. Os homens estão cavoucando e calafetando o convés; e o contramestre, de pernas nuas, selvagemmente barbudo, com uma bainha de faca em cima da coxa, parece um excelente pirata trazido para tarefas inferiores.

⁶⁹Bairro de Londres.

I have watched this day's monotonous sky onwards from the dawn. We are in the neighbourhood of the Hesperides. For some early hours of the morning it was grey. But the grey roof soon broke with the incumbent weight of light, letting sunshine through narrow fractures to the sea, far out. There were partitions of thin gold in the dim hall. The moving floor was patterned in day and night. The low ceiling was fused where the day poured through, became a candent vapour, volatilised. We had over us before breakfast the ultimate blue, where a few cirrus clouds showed its great height.

Then it was August. The sea ran in broad heavy mounds, blue-black and vitreous, which hardly moved our bulk. In the afternoon, the ocean, a short distance from the ship, grew filmed and opaque, a milky blue shot with purple shadows. Its surface, though heaving, was smooth and flawless. No light entered its deeps, but the radiant heat was mirrored on it as on the pallor of fluid lava. The water ploughed up by the bows did not break, but rolled over viscidly. The sun dropped behind the sea about a point west of our course. Night was near. Yet still the high dome with its circular floor the sea was magically illuminated, as by the proximity of a wonderful presence. We, solitary and privileged in the theatre, waited expectant. The doors of glory were somewhere ajar. The western wall was clear, shining and empty, enclosed by a proscenium of amber flames. In the north-east, astern of us, were some high fair-weather clouds, like a faint host of little cherubs, and from their superior galleries they watched a light invisible to us;

Eu observava o céu monótono desse dia avançado da madrugada. Estamos na vizinhança das Hespérides⁷⁰. Porque nas primeiras horas da manhã o céu estava cinzento. Mas a abóbada cinzenta logo se rompeu com o peso da luz, permitindo o brilho do sol através das fendas estreitas do mar adiante. Havia partições de ouro fino na sala ofuscada. O chão movente era padronizado em dia e noite. A baixa abóbada celeste, que estava fundida onde o dia se derramava, se tornou um vapor incandescente, volatizado. Tínhamos em cima de nós, depois do desjejum, o azul derradeiro, onde poucas nuvens acumuladas mostravam suas formidáveis alturas.

Depois o céu ficou majestoso. O mar corria em morros grandes e pesados, azul-escuro e vítreo, que dificilmente balançava nosso navio. Na parte da tarde, o oceano, a uma pequena distância do navio, ficou opaco, um projétil azul leitoso com sombras de cor púrpura. Sua superfície, embora agitada, estava lisa e sem defeitos. Nenhuma luz penetrava em sua profundidade, mas o calor radiante estava espelhado no oceano como em cima da palidez do fluido da lava do vulcão. A água lapidada pela proa não se partia, mas rolava por cima, com vivacidade. O sol descia atrás do mar em um ponto a oeste de nosso curso. A noite se aproximava. Ainda assim, a abóbada alta com seu chão circular do mar estava magicamente iluminada, como que pela proximidade de uma presença maravilhosa. Nós, solitários e privilegiados no teatro, esperávamos com expectativas. As portas da glória estavam entreabertas em algum lugar. A muralha ocidental estava clara, brilhante e vazia, delimitada por um proscênio de chamas de âmbar. No nordeste, atrás de nós, havia algumas nuvens elevadas de nítida temperatura, como um acolhimento de desmaio de pequenos querubins e, de suas tribunas superiores, eles fitavam uma luz invisível para nós;

⁷⁰Na mitologia grega, as Hespérides são primitivas deusas primaveris que representavam o espírito fertilizador da Natureza, donas do jardim das Hespérides, situado no extremo ocidental do mundo. A rigor, o termo Hespérides designa dois grupos distintos de divindades que, com frequência, são confundidos. O primeiro, e mais antigo, é o das três deusas Hespérides, que personificam a luz da tarde e o ciclo do entardecer. Segundo Hesíodo, são filhas de Nix (a Noite) e Érebo (a Escuridão). O outro grupo é o das sete ninfas Hespérides, ou ninfas do poente, cuja origem é também controversa. Segundo a versão mais corrente, são filhas do titã Atlas com a deusa Héspera. As deusas Hespérides passeiam pelos céus, encarregando-se de iluminar todo o mundo com a luz da tarde. As deusas fazem parte do ciclo do dia: Hemera traz o dia, as Hespérides trazem o entardecer e Nix fecha o ciclo com a noite.

it made their faces bright. Beneath them the glazed sea was coral pink. Even our own prosaic iron gear was sublimated; our ship became lustrous and strange. We were the Argonauts, and our world was bright with the veritable self-radiance of a world of romance where the things that would happen were undreamed of, and we watched for them from our argosy's side, calm and expectant; my fellows were transfigured, looked huge, were rosy and awful, immortals in that light no mortal is given to see.

Now had been given me fellowship with the ship and her men; we were one body. I had been absorbed by our enterprise. For a long while our steamer was a harsh and foreign thing to me, unfriendly to the eye, difficult to understand. But now she had become intelligible and proper. She and her men were all my world, and I could find my way about that world in the dark. Getting used to a ship has the process of the growth of a lasting friendship. Chance begins it. You regard your luck askance, as you accept a new acquaintance with no joy, to make the best of him. But presently, to put the matter at its lowest, you arrive at an understanding. You have learned your friend's worth. Familiarity would breed contempt only in the mouse-hearted. You never have to account him afresh, or he is no comrade; there can be no surprises again, no encounters with a stranger in him. His value, at the least reckoning, is that you know his value. Any hour of the day or night you can guess with assurance where his mind would be found. And here my "Capella" has no strange doors and startling declivities and traps for me any more. I know her. She is not exactly all she should be, but I apprehend exactly what she is. If I hurt myself against her it is my own fault. She is as familiar to me as home now. I should resent any alteration.

ela deixava suas faces brilhantes. Abaixo delas, o mar vitrificado estava da cor rosa-coral. Até mesmo nossa própria e prosaica engrenagem de ferro estava sublimada; nosso navio ficou lustroso e estranho. Éramos os Argonautas e nosso mundo estava brilhante com a verdadeira autorradiação de um mundo de romance, onde as coisas que iriam acontecer eram inimagináveis, e olhávamos para elas de nosso lado do navio, calmos e esperançosos; meus companheiros estavam transfigurados, pareciam enormes, estavam rosados e medonhos, imortais naquela luz que a nenhum mortal é dado a ver.

Nesse momento me havia sido dada a comunhão com o navio e seus homens; éramos um só corpo. Eu tinha sido absorvido pelo nosso empreendimento. Por um longo tempo, nosso navio fora uma coisa áspera e estranha para mim; hostil para o olho, difícil de entender. Mas agora tinha se tornado inteligível e apropriado. Ele e seus homens eram todo o meu mundo, e eu podia encontrar meu caminho no escuro, naquele mundo. Acostumando-se a um navio há o processo de crescimento de uma amizade duradoura. A oportunidade começa. Julga-se a sorte de soslaio, quando se aceita um conhecimento novo sem qualquer alegria para fazer o melhor dele. Mas, no momento, para colocar a questão em seu ponto mais baixo, chega-se a um entendimento. Descobriu-se o valor de seu amigo. A familiaridade criaria desdém somente no coração de um rato. Nunca se tem de acertar contas com ele novamente, ou ele não é um companheiro; não pode haver surpresas novamente, nem encontros com um estranho nele. Seu valor, no menor acerto de contas, é que se sabe o valor dele. A qualquer hora do dia ou da noite pode-se adivinhar com garantia onde a mente dele seria encontrada. E agora meu *Capella* não tem mais portas estranhas e declives surpreendentes e armadilhas para mim. Eu o conheço. Não é exatamente tudo que deveria ser, mas apreendi exatamente o que ele é. Se me magoei com ele é minha própria culpa. Agora ele é tão familiar para mim quanto um lar. Deveria me ressentir de qualquer alteração.

Having learned to know her faults I like her as she is; the trestle bridge with its sagging hand-ropes and wobbling stanchions (look out, you, when she rolls) which crosses the main deck aft on the port side from the amidships section, where I live, to the poop, where the Doctor lives. The two little streets of three doors each, to port and starboard of her amidships, the doors that open out under the shade of the boat deck to sea. There, amidships also, are the Chief's room and the galley, the engineers' messroom, and the engine-room entrance; but these last do not open overside, but look aft, from a connecting alley which runs across the ship to join the side alleyways. Forward of these cabins is the engine-room casing, where the 'midship deck broadens, but is cumbered with bunker hatches (mind your feet, at night, there); and beyond, again, is the chart-room, and over the chart-room the bridge and the wheel-house, from which is a sheer long drop to the main deck forward. At the finish of that deck is an iron wall, with the entrance to the mysterious forecastle in its centre; and over that is the uplifted head of our world watching our course, a bleak windswept place of rails, cable chains, and windlass. The poop has a timber deck, and there in fine weather the deck chairs are. The poop is a place needing exact navigation at night. Long boxes enclosing the rudder chains are on either side of it. In the centre is the saloon skylight, the companion, the steward's ice chest, and the hand-steering gear. Also there are two boats. I gained my night knowledge of the poop deck by assault, and retained my gains with sticking plaster. I am really proud of the privilege which has been given me to roam now this rolling shadow at night, this little dark cloud blowing between the stars and the deep, the unseen abyss below as with its profound reverberations, and the height above with its scattered lights as remote as the sounds in the deeps. With calm faith in our swaying shadow I place my feet where nothing shows, sure that my angel will bear me up. I put out my hands and a support comes to them;

Tendo aprendido a conhecer seus defeitos, gosto dele como ele é; o passadiço removível com suas cordas de mãos flexíveis e balaústres cambaleantes (você tenha cuidado, quando ele balança) que cruza por trás do convés principal a bombordo, da parte do meio do navio, onde estou alojado, para o tombadilho, onde o médico está alojado. As duas pequenas travessas de três portas cada uma, de bombordo a estibordo do seu centro, as portas que se abrem para o mar embaixo da sombra do convés do bote. Ali, no centro do navio também estão o camarote do comandante e a galé, a sala de refeição da tripulação e a entrada da casa das máquinas; mas essas últimas não se abrem para o mar, mas para trás de uma conexão da passagem que atravessa o navio para se juntar no lado das travessas. Na dianteira desses camarotes fica o invólucro da casa das máquinas, onde o convés do centro se amplia, mas está amontoadado com pedaços de escotilhas (preocupe-se com os pés ali, à noite); e para além dele, novamente, está a sala de cartas náuticas, e por cima da cabine, a ponte de comando e a sala do timão, a partir da qual há um extenso declive para o convés principal. No final desse convés há uma parede de ferro, com a entrada para o misterioso castelo de proa no seu centro; e por cima está o elevado topo de nosso mundo observando nosso curso, um lugar desolado de vento, com trilhos, correntes e molinetes. O tombadilho tem um deque de madeira e ali, na excelente temperatura, as cadeiras são colocadas. À noite, o tombadilho é um lugar ideal da navegação exata. Paióis compridos unindo a corrente do timão ao leme estão de cada lado. No centro fica a claraboia do salão, a gaiúta, a caixa de gelo do taifeiro e a engrenagem do timão. Também há dois botes. Adquiri meu conhecimento noturno do convés do tombadilho por assalto e mantive meus ganhos com adesivos. Estou realmente orgulhoso do privilégio que me foi dado para perambular agora nessa sombra ondulante, à noite; essa pequena nuvem escura soprando entre as estrelas e a profundidade, o abismo invisível embaixo, com suas reverberações profundas, bem como a altura acima com suas luzes dispersas tão remotas quanto os sons nas profundezas. Com fé calma em nossa sombra oscilante, pus meus pés onde nada se via, certo de que meu anjo da guarda me sustentaria. Estendo minhas mãos para fora e um suporte lhes é fornecido;

the pitfalls have ladders for me, and by touching at some places in the black shadow, as by magic, a lighted and comfortable room at once materialises for my rest in the void.

I think I liked her better as a formless shadow after sundown. Whether it was then a noise in my head, my tranquil thoughts murmuring in their sleep, or whether the sound I heard was the deep humming of the world's speed, I don't know; whatever it was, it was the only sound. Our mainmasthead light was but a nearer star of the host. I was not surprised to see one of the stars so close. I was within the luminous porch of the Milky Way.

It was midnight. In that silence, where I was alone in space, adrift on a night cloud in the constellations, the stars were really my familiars; once, when in London, though they had been named to me and were constant there, they were far in the place to which one lifts one's eyes from the dust and traffic, nothing to do with London and with me. But now there was no more dust and traffic. I was among them at last. Splendid Orion was near and vast in his hunting. The Pleiades no longer dimmed on the very limit of vision,

as armadilhas têm escadas para mim e, através do toque em alguns lugares na sombra escura, como que por mágica, um quarto confortável e iluminado imediatamente se materializa para meu descanso no vazio.

Acho que gostava mais do navio como uma sombra disforme depois do pôr do sol. Se havia um barulho em minha cabeça, meus pensamentos tranquilos murmurando no sono, ou se o som que eu ouvia era o sussurro agudo da velocidade do mundo, não sei; qualquer coisa que fosse, era o único som. Nossa luz do mastro principal era somente uma estrela mais perto do anfitrião. Não fiquei surpreso ao ver uma das estrelas tão perto. Eu estava na varanda luminosa da Via-Láctea.

Era meia noite. Naquele silêncio, onde eu estava sozinho no espaço, à deriva em cima de uma nuvem noturna nas constelações, as estrelas realmente eram meus familiares; uma vez, quando em Londres, embora fossem conhecidas por mim e estivessem constantemente ali, estavam distantes no lugar para o qual alguém ergue os olhos da poeira e do tráfego, e não tinham nada a ver com Londres e comigo. Mas agora não havia mais poeira nem tráfego. Eu estava entre elas finalmente. O esplêndido Órion⁷¹ estava perto e imenso em sua caçada. As Plêiades⁷² não me ofuscavam mais no limite da visão,

71Na mitologia grega, Órion era um caçador gigantesco, um dos melhores a serviço de Ártemis (irmã gêmea de Apolo). Era filho de Poseidon (rei dos mares) e Gaia (Terra). Órion recebeu de Poseidon a capacidade de caminhar sobre as ondas, e era dotado de beleza e força extraordinárias. Diz uma das versões da lenda que a deusa Aurora apaixonou-se por Órion e o levou consigo para Delos. Lá ele tentou violentar Ártemis, e a deusa mandou um escorpião picá-lo no calcanhar, matando-o. Ártemis, agradecida ao escorpião, transformou-o numa constelação, fazendo o mesmo com Órion. No firmamento a constelação de Escorpião está sempre no calcanhar de Órion. Há outra versão que diz que Órion era um caçador amado por Artemis. Apolo, seu irmão, aborrecido com tal relacionamento amoroso, teve a oportunidade de se ver livre de seus aborrecimentos, percebendo que Órion vadeava pelo mar apenas com a cabeça de fora d'água desafiou Artemis, outra exímia caçadora, a acertar o alvo que distante se movia. Impecável em sua pontaria, ela acertou em cheio o seu amado, que fugia de um escorpião que Apolo havia enviado para matá-lo. O corpo de Órion foi conduzido à praia pelas ondas do mar. Percebendo o engano, Artemis, em meio às lágrimas, pediu para Zeus colocar Órion e o escorpião entre as estrelas: o gigante trajado com um cinto, uma pele de leão, armado de uma espada e de sua clava, acompanhado por Sírius, seu cão, fugindo de seu inimigo escorpião.

72Sete irmãs transformadas na constelação que recebeu esse nome. As sete Plêiades eram filhas de Pleione e do gigante Atlas. Chamavam-se Alcione, Astérope, Celainó, Electra, Maia, Mérope e Taigete. De acordo com uma versão, um dia as Plêiades estavam na Beócia, com Pleione, sua mãe, quando o grande caçador Órion as viu e se apaixonou por todas elas. Depois de serem perseguidas por Órion durante muitos anos, elas foram metamorfoseadas em pombas, mas Zeus, contristado com sua desventura, transformou-as numa constelação.

but were separate points of delicate light. The night moved with diamond fire. I was so far absent from the body that a human voice beside me was like a surprising concussion with something invisible in space. Turning, there was the glow of Sandy's pipe. Sandy is an elderly man, and an engineer. He was leaning over the rail, cooling after his watch below. The magic of the star shine had got into his mind too. He began with guesses about the things which are not known, parrying doubt with, "Ah- but it's hard to say; there are things-"; and, "you bright young fellers don't know everything"; and "somebody told me a queer thing now."

"There was a bright young feller, same as yourself, and he was first mate of the 'Abertawe,' out of Cardiff. Jack Driscoll was his name. It was a funny thing happened to him. I heard about it afterwards.

"All the girls thought Jack Driscoll was so nice. One of the girls was his owner's daughter, and she was the best of the bunch, anyway, for she was an only child, and her father would have given her the earth. He was a good owner, was her father, as things go in Cardiff. Do you know Cardiff? Well, a little goes a long way on the Welsh coast. Jack was a smart sailor, with the first chance of the next new boat, if he watched out. I reckon Jack was a fool. Why, he needn't have gone to sea any more. But what did he do?

"Jack was one of them fellers who think if they put a gold-laced cap saucy over one ear, and laugh with the eyes, they can whistle up a duchess. And I daresay Jack could in summer, in his white suit, when he'd just shaved. He was a bit of all right was Jack. He was a proper tall lad, and the way he carried himself - It was a treat to see him move about a ship. His black hair was like one of the big fiddler chap's, and his smile would take in one of his pals.

mas eram pontos separados de delicada luz. A noite se movia com brilho de diamantes. Eu estava tão ausente do meu corpo, que uma voz humana ao meu lado foi como um choque inesperado, com algo invisível no espaço. Virando-me, havia a incandescência do cachimbo de Sandy. Sandy é um senhor idoso, e um maquinista. Ele estava se curvando na amurada, se acalmando depois de sua vigília embaixo. A magia da estrela brilhante havia penetrado em sua mente também. Ele começou com suposições sobre as coisas que não são conhecidas, evitando dúvidas com: "Ah, mas é difícil dizer; existem coisas;" e - "você jovens brilhantes não sabem tudo;" e "alguém me disse uma coisa estranha agora."

"Havia um rapaz valoroso, assim como você, e ele era o segundo-comandante do *Abertawe*, de Cardiff. Jack Driscoll era seu nome. Foi uma coisa engraçada o que aconteceu com ele. Eu soube disso depois.

"Todas as garotas achavam Jack Driscoll muito simpático. Uma das garotas era filha de um dono de navios e ela era a melhor do grupo, de qualquer maneira; porque ela era apenas uma criança, e seu pai dar-lhe-ia o mundo. Era um proprietário bom, o pai dela, como as coisas movimentam-se em Cardiff. Conhece Cardiff? Bem, fica um pouco depois de um longo caminho no litoral do País de Gales. Jack era um marinheiro inteligente, com a primeira oportunidade do próximo barco novo, se ele fosse cuidadoso. Acho que Jack era um tolo. Porque ele não precisava mais ter ido para o mar. Mas o que ele fez?

"Jack era um desses sujeitos que acham que, se colocarem um boné atrevido, com cordão dourado, por cima de uma orelha e rir com os olhos, podem conquistar até uma duquesa. E suponho que Jack podia, no verão, vestido em seu terno branco, quando tinha acabado de se barbear. Um pouco de tudo apropriado era Jack. Era um moço alto, e a maneira que ele procedia - era um mimo vê-lo trabalhar em um navio. Seu cabelo preto era como o dos grandes violinistas, e seu sorriso envolveria um dos seus companheiros.

"Well, it was happy days for Jack. He got good things to come to him. He didn't have to look for 'em, like me and you. He knew his work, too. He was a good sailor. He could get off the mark, at the first word, like a bird, and he never left a job while there was a loose bit to it. Sometimes when there was nothing doing it was pretty rotten, Jack would say, to be stuck there in a Welsh tramp with a crowd of dagoes, and drink coffee essence and condensed milk out of a pint mug, and never go to a music hall only once in six months. Jack reckoned it would be fine to be brass-bound always, in one of the liners, and have a deck like a skating rink, and a lot of lady passengers who wanted a chap like him to talk to them.

"He could tell stories, too, on the quiet, could Jack. They were pretty blue, though. Sailor stories. They were all about himself in the West Coast ports. Do you know the Chili coast? Well, it's mind your eye there, and no half larks. They're pretty handy with knives out there. But when Jack was out for fun you couldn't stop him. He was like all you young chaps. He wouldn't listen to sense.

"The 'Abertawe' went light ship to Barry, one trip, from Buenos Aires, and Jack saw her snug, and told all the men to be at the shipping office early and sober in the morning, because they got in on a Sunday, and Jack saw the old man safe on his way to Cardiff, and then shaved, and sang while he was shaving. He got himself up west-end style, new yellow boots and all, and tied his red tie Spanish fashion. And he went down the quay, looking for anything that was about, and he felt like the best man on the Welsh coast.

"Bem, eram dias felizes para Jack. Ele tinha grandes coisas para lhe acontecerem. Não tinha que procurar por elas, como você e eu. Podia causar impressão, na primeira palavra, como um pássaro, e nunca deixava um trabalho, enquanto não o tivesse terminado. Às vezes, quando não estava fazendo nada e estivesse bastante aborrecido, Jack diria estar enfiado ali em uma caminhada, no País de Gales, com uma multidão de *dagoes*⁷³ e a beber café concentrado e leite condensado em uma caneca com medidas, e nunca ir a um teatro, apenas uma vez a cada seis meses. Jack supunha que fosse bom estar sempre confinado em um navio de rota regular e ter um convés como uma pista de patinação, e um grupo de damas que quisesse um rapaz como ele para conversar com elas.

"Ele podia contar histórias também, na calmaria, Jack podia. Eram bastante tristes, no entanto. Histórias de marinheiros. Eram todas sobre ele mesmo nos portos da Costa Oeste. Você conhece a costa do Chile? Bem, imagine seu olho ali, e sem metade das farras. Eles são bastante habilidosos com facas ali. Mas quando Jack saía para se divertir, não se conseguia segurá-lo. Era como todos vocês jovens. Não ouviria o bom senso.

"O *Abertawe* dirigiu suas luzes para Barry, uma viagem zarpando de Buenos Aires, e Jack considerou o conforto da viagem, e disse a todos os homens que estivessem cedo no escritório do navio, e sóbrios, de manhã; porque eles chegaram a Barry num domingo e Jack viu o velho marinheiro seguro em seu caminho para Cardiff; e então se barbeou, e cantava enquanto estava se barbeando. Vestiu-se no último estilo ocidental, com botas novas amarelas e tudo, e pôs sua gravata vermelha de moda espanhola. Desceu para o cais olhando tudo que estava à sua volta e sentia-se como o melhor homem no litoral do País de Gales.

⁷³Gíria depreciativa utilizada, naquela época, para se referir a qualquer indivíduo que não fosse inglês. Geralmente esses indivíduos eram imigrantes espanhóis, portugueses ou italianos. O termo *dagoes* era uma calúnia étnica que, se no Brasil, aproxima-se do termo *ensebado*.

"But Barry is a dull place. Do you know Barry? Well, it's a one-eyed God-forsaken town, made out of odds and ends stuck down anywhere, all new houses, docks, coal tips, and railway sidings, and nowhere to go. It's best to stay aboard, in Barry. Jack began to feel like the only bird on a mud-bank. He got out of the town, and walked along a road till he came to an old woman sitting in the hedge, with her back up against a telegraph post. Her face was brown and wrinkled, and she had an orange-coloured handkerchief round her face, and tied under her chin. She was smoking a pipe, and looking at her blucher boots. As Jack came along, she said, 'Tell your fortune, pretty gentleman?' Jack laughed, and told her his face was his fortune.

"What do you see when you look in the glass?' said she.

"Now that was dead easy to Jack, because he knew as well as the girls; and he told her. There was none of your silly modesty about Jack. Then the old woman laughed; but I reckon Jack thought she was only pleased with him, because he made it a point to make the mothers and the grandmothers smile, the same as the girls.

"What do you see in this glass?' said she to Jack. She was fumbling in her dress, and hauls out a mirror like you see in the old-fashion shops, a mirror made of silver, and it had a frame of ebony. She polished it on her skirt, and gave it to him, and told him to pass a bit of silver with the other hand. Well, Jack saw sport, and he could always pay for that, and he did what she said. But he only saw himself in the mirror.

"Hi,' said Jack, 'here, what's your little game now? None of your larks now,' he said, 'or I'll ask a policeman what he can see in this tin glass of yours.'

"You and your policeman,' she said. 'Look now, my dandy boy, and see more than your money's worth.' And she rubbed the glass again. Then Jack took another look. It was a dull day, but that mirror was bright with sunshine. There was something funny about that mirror.

"Mas Barry é um lugar sombrio. Conhece Barry? Bem, é uma cidade que Deus desamparou, feita de desigualdades e mortes atoladas em qualquer lugar; com todas as casas novas, docas, montes de carvão e estradas de ferro marginais, e nenhum lugar para se percorrer. É melhor ficar a bordo, em Barry. Jack começou a sentir-se como o único pássaro num barranco lamacento. Saiu da cidade e caminhou por uma estrada até encontrar uma mulher idosa sentada numa encosta, com as costas voltadas para um posto telegráfico. Seu rosto era moreno e enrugado, e usava um lenço alaranjado ao redor do rosto, amarrado no queixo. Ela estava fumando um cachimbo e olhando para suas botas de cano curto. Quando Jack se aproximou, ela disse: "Quer saber sua sorte, belo cavalheiro?" Jack riu e disse-lhe que a sorte dele era seu belo rosto.

"O que você vê quando se olha no espelho?" - ela perguntou.

"Era muito fácil para Jack, porque ele sabia, assim como as garotas; e ele respondeu-lhe. Não havia nenhuma de sua modéstia boba em Jack. Então a velha senhora riu; mas acho que Jack pensou que ela estivesse apenas satisfeita com ele, porque ele fazia disso um ponto para fazer as mães e as avós sorrirem, como também as garotas.

"O que você vê neste espelho?" - ela perguntou a Jack. Ela estava apalpando em seu vestido e puxou um espelho como aqueles que se vê nas lojas de moda antiga, um espelho feito de prata, com uma moldura de ébano. Ela o poliu em sua saia, deu a ele e disse-lhe para passar-lhe algum dinheiro com a outra mão. Bem, Jack percebeu o jogo, e sempre podia pagar por isso, e ele fez o que ela pediu. Mas viu tão somente a si mesmo no espelho.

"Olha aqui, qual é o seu joguinho agora?" - Jack falou. "Nenhuma de suas brincadeiras agora, ou perguntarei a um policial o que ele pode ver neste seu espelho de latão" - disse Jack.

"Você e seu policial" - ela replicou. "Olhe agora, meu garoto peralta, e veja mais do que o valor de seu dinheiro" - ela acrescentou. E poliu o espelho novamente. Então Jack deu outra olhada. Era um dia embaçado, mas aquele espelho estava resplandecente com o brilho do sol. Havia alguma coisa engraçada naquele espelho.

He saw a fine place in it, all cool and white and gold, like you see out East. It was a palace, I reckon. There was a fountain in the middle, and some girls with not a lot on, like some of the Amsterdam postcard girls, were lying around, just anyhow. And there was Jack's own self among 'em, and they were laughing and talking to him. It was fine. Jack turned his head, just like you would do, to see if the real place was behind him. But, of course, there was the funnels and topmasts of Barry, and the sky looked like rain. I bet it gave him a shock.

"Now you've seen what'll be your luck, honey, if you're not careful," said the old woman. 'Mind your eye,-' she said, 'mind your eye, you with the saucy face. What's more,' she called after him, 'don't you speak to the girl with the odd eyes in Cardiff, though I know you will, and sorry you'll be.'

"Go to the devil," said Jack.

"He was just like all you young chaps. Thought she was an artful old shark who'd got his money dead easy. That's what you always think. If you don't understand anything, then there's nothing in it. You call in at the next pub and chatter to the barmaid. What happened? Why, the very next day the Skipper came back, and told him the new boat was near ready, and the owner wanted to see him. Jack went, and forgot about everything, except that he was going to be the handsome boy all right with the owner's own daughter to look at him. A pretty girl she was too. I saw her once, holding up her skirts off the deck while she looked round. The Skipper introduced me. 'Good morning, Mr. Brown,' she said to me.

"Coming out of the Great Western Station at Cardiff Jack saw a place he'd never noticed before. It wasn't Cardiff style. 'It's a new place,' Jack thinks to himself, 'and a ripping good place it looks,' for he was thirsty, and there was plenty of time. 'It must have been run up since I was here last,' says Jack to himself, 'though that's queer, for I reckon it'd take years to rig up a dandy show of this sort.' But in he went.

Ele via um lugar maravilhoso, tudo tranquilo, branco e dourado, como se vê no Oriente. Era um palácio, eu penso. Havia uma fonte no meio do palácio e algumas garotas sem futuro algum, como algumas das garotas dos cartões-postais de Amsterdã, estavam matando o tempo, simplesmente sem fazer nada. E o próprio Jack estava entre elas, e estavam rindo e conversando com ele. Estava ótimo. Jack virou a cabeça, assim como se faria, para ver se o lugar estava atrás dele. Mas, é claro, havia os funis e as pontas dos mastros de Barry e o céu que parecia que ia chover. Aposto que isso lhe deu um choque.

"Agora você viu qual será a sua sorte, querido, se não tomar cuidado" - disse a velha. "Abra o olho, abra o olho, você com o rosto atrevido. O que mais" - ela gritou atrás dele. "Não fale com a garota de olhos estranhos, em Cardiff, embora eu saiba que você falará, e arrependido você ficará".

"Vá para o inferno" - disse Jack.

"Ele era exatamente como todos vocês rapazes jovens. Pensou que ela era um velho tubarão ardiloso que tinha tirado dinheiro dele facilmente. Isso é o que vocês sempre acham. Se vocês não entendem nada, então não há nada. Entram no próximo bar e tagarelam com a garçonete. O que aconteceu? Porque, e logo no dia seguinte, o capitão voltou e disse-lhe que o barco novo estava quase pronto, e que o dono do navio queria vê-lo. Jack saiu e se esqueceu de tudo, exceto que seria o garoto bonito exclusivamente com a própria filha do proprietário do navio a olhá-lo. Ela também era uma garota linda. Eu a vi uma vez segurando suas saias no convés, enquanto olhava em volta. O capitão a apresentou-me. "Bom dia, senhor Brown" - ela me disse.

"Saindo da Estação de Great Western, em Cardiff, Jack viu um lugar que nunca tinha notado antes. Não era do estilo de Cardiff. "É um lugar novo", Jack pensa consigo mesmo. "É um lugar perfeito, parece" - pensa Jack. Porque ele estava com sede e tinha bastante tempo. "Deve ter sido construído depois que estive aqui pela última vez" - diz Jack para si mesmo. "Apesar de ser estranho, porque eu presumo que deve levar anos para se arrumar um lugar especial desse tipo" - imagina Jack. Mas Jack seguiu em frente.

"He was surprised, when he got in, and so would you have been. It was like the place I saw on the stage at London once. It was in Aladdin, at a place in the Mile End Road. You know what those things are like, when the curtain goes up. You can see a long way, but you can't see all the way. You expect something to happen there. It was full of pillars, all white and gold, in a pink light. There was a lot of ladies and gentlemen sitting on sofas full of cushions, talking, and they were too grand to even notice Jack as he stood there looking round for a chair. But it took a lot to get on Jack's nerves. There was one girl in a white silk dress, with red roses in her golden belt, and she had a white hat with red roses in that, and she looked like a summer day. Jack was glad to see that the only vacant chair was at a table where she sat alone. Of course, over there goes Jack. The place was as quiet as a church before the service begins. There was only a faint whispering. He got to where the girl sat, as if she was waiting for him. She looked up and smiled at Jack. Jack sat down beside her and said what a fine day it was. She had a face the colour of moonlight, and her eyes were odd. But there wasn't a girl who could make Jack wonder if his tie was straight, in those days, and he began to order things, and talk.

"Ele ficou surpreso quando entrou; você também teria ficado. Era como o lugar que eu vi no palco em Londres uma vez. Foi em Aladdin, num lugar na Mile End Road. Sabe-se como são essas coisas, quando a cortina se abre. Pode-se ver um longo caminho, mas não se pode vê-lo por completo. Espera-se que alguma coisa aconteça ali. O lugar era cheio de pilares, todos brancos e dourados, com uma luz rosa. Havia muitas damas e cavalheiros conversando sentados nos sofás cheios de almofadas; e eles estavam se divertindo muito, mesmo para notarem Jack, quando ficou parado ali, procurando em volta por uma cadeira. Mas levava muito tempo para Jack ficar nervoso. Havia uma garota de vestido branco, de seda, com rosas vermelhas em seu cinto dourado; e ela usava um chapéu branco com rosas vermelhas, que parecia um dia de verão. Jack ficou feliz ao ver que aquela única cadeira vazia estava na mesa em que ela estava sentada sozinha. É claro, para lá Jack seguiu. O lugar estava tão silencioso quanto uma igreja antes de começar o culto. Houve apenas um leve sussurro. Ele chegou ao lugar onde a garota estava sentada, como se estivesse esperando por ele. Ela olhou para cima e sorriu para Jack. Jack sentou-se ao seu lado e disse que estava um belo dia. Ela tinha um rosto da cor da luz da lua e seus olhos eram estranhos⁷⁴. Mas não tinha uma garota que pudesse fazer Jack imaginar que sua gravata estava em desuso naqueles dias, e ele começou a consumir e a conversar.

⁷⁴Tem-se aí alusão à Circe, a maga da **Odisséia**. Note-se o jardim, a fonte, as vestes, a cor da pele, os olhos, as mãos frias, o anel mágico, a bebida, o palácio, etc.. Segundo o que conta Homero na **Odisséia**, quando Ulisses chega a essa ilha, envia em reconhecimento de terreno, parte de sua tripulação, sob o comando de Euríloco. Os marinheiros encontram um grande palácio: justamente a residência de Circe. À exceção de Euríloco, os homens entram e são bem acolhidos pela maga. Depois de oferecer-lhes um banquete, Circe toca-os com uma varinha e os transforma em animais: cães, porcos, leões, etc., segundo caráter próprio de cada um. Euríloco, que assistiu de longe a tudo isso, volta a Ulisses para contar o ocorrido. O herói vai então ao encontro da maga para tentar salvar os companheiros. O deus Hermes lhe aparece e lhe dá uma planta mágica, dizendo-lhe que esta, se misturada às beberagens da maga, irá torná-las inócuas. Ulisses faz o que Hermes lhe sugeriu e Circe não consegue transformá-lo em animal. Ulisses a ameaça com a espada e a maga restitui aos companheiros dele a forma original.

"Once he took a look round, leaning back in his chair, feeling pretty large, and he noticed the other people were looking at him artful-like, out of the corners of their eyes, as if he was talking too loud. But Jack thought he'd jolly well talk as he liked, and he'd got just the best girl in that room or anywhere else. He looked at his watch. It was near twelve o'clock. He had to be at his owner's by one. There was plenty of time.

"The drink had a funny taste, but it was the best liquor he'd ever had. He marked down that place. He didn't know there was a show like that in Cardiff. He caught hold of the girl's hand, which he noticed was white, and very cold, and pretended he wanted to look at her ring. There was a stone in the ring, just like a bit of soda. She asked him to try it on his own finger, because the stone changed colour then, but Jack couldn't get the ring off till he'd placed her finger to his lips, to moisten the ring. He was the boy, was Jack, to see things didn't drag along. When he got the ring on his finger the stone was full of red fire. So the time went; but he forgot all about time, and the owner, and the owner's daughter, and everything. The girl's hair was scented, too, and it was close to him.

"Presently he looked up, and saw what he'd never noticed before. He could see further into the building than ever. There seemed to be a garden beyond, full of sunshine, and all the men and women were walking that way, talking loud, and laughing. His own girl got up too, and said, 'Come along, Jack Driscoll,' and he never even wondered how she knew his name, nor why her face was like snow by moonlight, nor why she smiled like that.

"Uma hora ele deu uma olhada em volta, inclinando-se para trás em sua cadeira, sentindo-se confortável, e notou que as outras pessoas estavam olhando para ele de um jeito ardiloso, pelo canto dos olhos, como se ele estivesse falando muito alto. Mas Jack achava que tinha falado coisas engraçadas, como gostava de falar, e tinha conseguido exatamente a melhor garota naquele salão, como conseguiria em qualquer outro lugar. Ele olhou para seu relógio. Era quase meio-dia. Tinha que estar com seu patrão por volta de uma da tarde. Havia muito tempo.

"A bebida tinha um sabor estranho, mas era o melhor licor que ele já havia tomado. Ele tomou nota daquele lugar. Não sabia que havia um lugar como aquele em Cardiff. Segurou a mão da garota, e percebeu que estava pálida e muito fria, e fingiu que queria olhar seu anel. Havia uma pedra no anel, como também um pouco de refrigerante. Ela pediu para ele experimentá-lo em seu próprio dedo, porque a pedra mudava de cor então; mas Jack não pôde tirar o anel até que tivesse colocado o dedo dela em seus lábios, para umedecer o anel. Ele era o cara, era Jack, para não ver as coisas que se arrastavam adiante. Quando ele pôs o anel em seu dedo, a pedra ficou cheia de chamas vermelhas. Então o tempo passou; mas ele esqueceu tudo: o tempo, o proprietário do navio, a filha do patrão e tudo mais. O cabelo da garota estava perfumado também, e estava perto de seu rosto.

"Naquele instante, ele olhou em volta, e viu o que não tinha notado antes. Podia ver mais adiante do edifício do que antes. Parecia haver um jardim do outro lado, cheio de brilho de sol, e todos os homens e as mulheres estavam conversando naquele caminho, conversando alto, e rindo. Sua própria garota levantou-se também e disse: "Venha, Jack Driscoll". E ele nem mesmo imaginou como ela sabia o seu nome, nem porque o rosto dela era como neve no luar, nem porque ela ria daquele jeito.

"No. Not Jack. All he thought was what a ripping garden that was, with palms, and marble courts, like you see in the East. There was music far away, two notes and a drum, like you hear in a native dance, before the dancers come. It made Jack feel like a millionaire or a lord, able to do anything, but just then only wanting a good time. Then he noticed they were alone in the garden, which was full of trees in blossom. All the other people had gone. There was only that music. The place was very quiet. He could hear water tinkling in a fountain, and he reckoned he would stay there till closing time. The girl talked to him in whispers, and he put his arm around her. I don't know how long he stayed there, but he kept telling the girl she was the best girl he'd ever had, and he'd never had such a good time in his life.

"It was funny the way he got out. Jack reckoned in there that the world would never come to an end, like young fellers do, when they're enjoying themselves proper. But once he took her ring off his finger, to have another look at it. Then he was in the street again, looking up at a building which had its doors shut, and Jack only thought he was looking there for a number he wanted.

"It had started to rain. He looked at his watch. It was just twelve o'clock. He didn't know what he wanted with an address in that street, so he started off in a hurry for his owner's house, feeling pretty stiff, as if he'd been sleeping rough. When he got to his owner's house, he rang the bell.

"The owner's daughter came to the door, and looked at him like she didn't know him, and was a bit afraid of him. 'No, thank you,' she said kindly, 'not to-day.' And shut the door at once.

“Não. Não Jack. Tudo que ele pensava era no jardim maravilhoso, com palmeiras e cortes de mármore, como se vê no Oriente. Havia música ao longe, duas notas e um tambor, como se ouve numa dança nativa, antes dos dançarinos surgirem. Isso fez Jack sentir-se como um milionário, ou um lorde, capaz de fazer qualquer coisa, mas simplesmente apenas querendo divertir-se. Então ele percebeu que estavam sozinhos no jardim, cheio de árvores floridas. Todas as outras pessoas tinham ido embora. Havia somente aquela música. O lugar estava muito tranquilo. Podia-se ouvir a água tilintando em uma fonte. E ele pensou que ficaria ali até a hora de fechar. A garota lhe falava em sussurros, e ele pôs o braço em volta de sua cintura. Não sei quanto tempo ele ficou ali, mas ele se manteve dizendo à moça que ela era a melhor garota que ele já tinha tido, e que nunca, em sua vida, tinha tido um tempo tão maravilhoso como aquele.

"Foi engraçada a maneira como ele saiu dali. Jack imaginava que o mundo nunca teria um fim, como indivíduos jovens imaginam, quando estão desfrutando o bom de si mesmos. Mas depois, ele tirou o anel de seu dedo para dar uma outra olhada. Então ele estava na rua novamente, olhando para um edifício que tinha fechado as portas, e Jack somente pensou que ele estava ali procurando um endereço.

"Começou a chover. Ele olhou para seu relógio. Era exatamente meio-dia. Não sabia o que queria com um endereço naquela rua, então saiu em disparada para a casa do dono do navio, sentindo-se muito tenso, como se tivesse dormido mal. Quando chegou à casa do dono do navio, ele tocou a campainha.

"A filha do dono do navio veio à porta e olhou para ele como se não o conhecesse e estivesse com um pouco de medo dele. "Não, obrigada, hoje não" - ela disse gentilmente. E fechou a porta imediatamente.

"What puzzled Jack was that he didn't feel surprised and angry. He turned and went down those steps again, and down the street, thinking it over. He looked back at the house. Yes, that was the house all right. And that was Annie all right. Well, what the devil was the matter with him? There was a public-house at the corner, and he stopped there, thinking things over, and staring at the window. Then he saw his face in a mirror, and shouted so that the barman came and ordered him out of that, sharp now. But he kept looking at the glass, not believing his eyes. He knew his own face again, but only just knew it. His eyes were dull and red and gummy, same as those old men have who've lived too long, and his face was puffed and pimped, and he had a lousy white beard."

"O que intrigava Jack era o fato dele não ter ficado surpreso, nem com raiva. Ele virou-se e desceu as escadas novamente, e desceu a rua, pensando que tinha acabado. Olhou de novo para a casa. Sim, certamente aquela era a casa. E aquela era Annie, com certeza. Bem, que diabos havia com ele? Havia um bar na esquina, e ele parou ali pensando que as coisas tivessem acabado, e olhando para a janela. Então viu seu rosto no espelho e gritou tanto que o *barman* apareceu e ordenou que ele saísse dali imediatamente. Mas ele permaneceu olhando para o espelho, não acreditando no que via. Reconheceu seu rosto novamente, mas apenas se reconheceu. Seus olhos estavam nublados, vermelhos e embaçados, como os desses homens de idade, que já viveram bastante tempo; e o rosto dele estava ofegante e cheio de marcas, e tinha uma nojenta barba branca".

CHAPTER II

DECEMBER 28. Lat. 89.10 N., long. 16.8 W. Course, S.W. 1/2 west. We are nearing the tropics. Now the ship has such a complete set of grumblers, good fellows who know their work better than anyone less than God, that our great distance at sea is plain. Our men, casually gathered and speaking divers tongues, detached from earth and set afloat on a mobile islet to mix on it if they can, have become one body to deal with the common enemy. We are corporate to face each trouble as it meets us, and free to explain afterwards how much better we should have done under another captain. The skipper knows this broad spirit now possesses us, and so is contented and blithe, wearing only on deck that weary look which is the sober badge of high office, as though he were an unfortunate man to have us about him, we being what we are, but that he would do his best with the fools, seeing we are in his charge.

This morning at six, hearing the men at the hosepipes giving the decks their daily wash, I tumbled out for a cold tub. This is a simple affair. You leave the cabin with a towel about you, stand in a clear space, and rotate before the hydrant, to general cheering. A hot bath on the "Capella" is not so easy, because, although there is a bath-room aboard, it has become a paint locker. One must descend into the engine-room, after warning the engineer on duty, who then will have ready a barrel, filled from the boilers. The ingenious man will fix a shower bath also. This is a perforated meat tin, hanging from a grating above the tub, and connected with a pump. After a hot bath in the engine-room, where the temperature was often well over 120 degrees, that shower of cold sea water would strike loud cries from any man whose self-control was uncertain.

CAPÍTULO 2

28 DE DEZEMBRO. Latitude 89.10 a norte; longitude 16.8 a oeste; curso sudoeste, ½ a oeste. Estamos nos aproximando dos trópicos. Agora o navio tem um grupo de completos resmungões; indivíduos bons, que conhecem melhor seus trabalhos do que qualquer um, menos Deus, que a nossa grande distância no mar é evidente. Nossos homens, casualmente reunidos e falando línguas diferentes, retirados da terra firme e colocados a bordo de uma pequena ilha para se unirem a ela, se puderem, se tornam um só corpo para lidar com o inimigo em comum. Estamos incorporados para enfrentar cada problema, quando ele nos encontra, e livres para explicarmos depois, o quanto teríamos feito melhor se estivéssemos sob as ordens de outro capitão. O capitão sabe que esse espírito liberal agora nos possui e, portanto, está contente e feliz, usando somente aquele olhar aborrecido no convés, que é o emblema discreto de um oficial superior, como se ele fosse um homem desafortunado por nos ter ao seu lado, sendo o que somos, mas que ele faria o seu melhor com os tolos, vendo que estamos sob sua responsabilidade.

Esta manhã, às seis horas, ouvindo os homens fazendo a lavagem diária dos conveses com as mangueiras, saltei para um banho frio. Esse é um acontecimento comum. Você sai do camarote enrolado em uma toalha, fica parado em um espaço aberto, e gira na frente do hidrante, para alegria geral. Um banho quente no *Capella* não é tão fácil, porque, embora haja um banheiro a bordo, foi transformado em um paiol de tinta. Alguém deve descer à casa das máquinas, depois de avisar o maquinista de plantão, que então preparará um barril, enchido com água das caldeiras. O homem engenhoso fixará um chuveiro também. Este é uma lata perfurada, pendurada em uma grade acima da tina, e conectada a uma mangueira d'água. Depois de um banho quente na casa das máquinas, onde a temperatura frequentemente estava bem acima de 40°, aquele banho de água fria do mar arrancaria gritos estrondosos de qualquer homem cujo autocontrole fosse incerto.

This morning was the right prelude to the tropics. This was the morning when, if our planet had been till then untenanted, a world unconsummated and waiting approval, the divine approval would have come, and a child would have been born, an immortal, the offspring of Aurora and the Sea God, flame-haired and lusty, with eyes as bright as joy, and a rosy body to be kissed from toes to crown. The dancing light, and the warm shower suddenly born alive in it from one ripe cloud, the golden air, the waves of the north-east trades, the seas of the world in the first dawn, moving along like a multitude released to play, their blue passionate and profound, their crests innocent and dazzling, made me think I might hear faint cheering, if I listened intently. In the west was a steep range of cloudland rising from the sea, and against it was inclined the flame of a rainbow. There was that rainbow, as constant as the pennant hoisted over an uplighted occasion. The world's noble emblem was aloft. I demanded of the Skipper if he would run up our ensign in reply to it; but he only peered at me curiously.

The heat increased with the day. We had run well down from the bleak apex of the world with its nimbus of fogs. Here was the entrance to the place where our youthful dreams began. I recognised it. Every feature was as we both have seen it from afar, across the roofs from our outlook in the arid city when the path to it had appeared as hopeless to our feet as the path to the moon. This pioneer can assure his fellows whose bright illusions grow fainter with age that their dreams must be followed up, to be reached.

Esta manhã era o prelúdio certo para os trópicos. Essa era a manhã quando, se nosso planeta estivesse desabitado até então, um mundo não consumado e aguardando aprovação, a aprovação divina teria vindo, e uma criança teria nascido, um imortal, a descendência da Aurora e do Deus dos Mares⁷⁵, com cabelos flamejantes e esplendorosos, olhos tão brilhantes quanto a alegria, e um corpo rosado para ser beijado dos pés à coroa. A luz dançante, e a chuvada morna nascido viva de uma nuvem oportuna, o ar dourado, as ondas dos ventos do comércio do nordeste, os mares do mundo na primeira madrugada se movendo ao longo, como uma multidão liberada para brincar, com seus azuis apaixonantes e profundos e seus cumes inocentes e deslumbrantes fizeram-me pensar que eu podia ouvir um leve grito de encorajamento, se ouvisse atentamente. No oeste, havia uma montanha íngreme de nuvens se erguendo do mar, e contra ela estava inclinado o brilho de um arco-íris. Havia aquele arco-íris, tão constante quanto a bandeira levantada por cima de uma ocasião elevada. O emblema nobre do mundo estava no alto. Perguntei ao capitão se ele hastearia a nossa insígnia em resposta a isso, mas ele apenas olhou para mim curiosamente.

O calor aumentou com o dia. Tínhamos corrido bem do desolado cume do mundo, com seus nimbos de névoas. Ali estava a entrada para o lugar onde nossos sonhos de juventude começavam. Eu a reconheci. Cada característica era como se nós a tivéssemos visto de longe, através das coberturas de nosso horizonte de visão, na árida cidade, quando o caminho para essa entrada tinha parecido tão desesperançoso para nossos pés, quanto o caminho para a lua. Este pioneiro pode assegurar a seus companheiros, cujas ilusões brilhantes ficam enfraquecidas com a idade, que seus sonhos devem ser seguidos para serem alcançados.

⁷⁵Referência a Poseidon (Netuno), deus que reina sobre os mares; é irmão de Zeus. “Deus poderoso,/Que faz sobressaltar a terra e o mar infecundo,/Senhor do Hélicon e da ampla Ege./Os deuses, ó sacudidor da terra, concederam-te um duplo privilégio:/Ser domador de cavalos e salvador de navios”. (**Hino a Posêidon**, 1-5). Ver **O grande livro da mitologia: a mitologia clássica nas artes visuais**. de Roberto Carvalho de Magalhães. Trad. Joana Angélica D'Avila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

At midday we began to cast clothes. As to the afternoon, of that I remember the less. There was the chief's empty bunk, so much more alluring than my own. Into that I climbed, my mind steeled against drowsy weakness. I would digest my dinner with a book, eyes sternly alert.

The "Capella" rocked slowly, a big cradle. My body was lax and responsive. There was about us the silent emptiness which is far from the centres, where many men believe it is necessary to get lots of things done. The Chief suspired on his settee. The waves were singing to themselves. A ray of light laughed in my eyes, playing hide and seek across the wisdom of my book... I put the book down.

As you know, where I had come from we do not dare to sleep during daylight without first arguing with the conscience, which usually we fail to convince. This comes of our mental trick which takes a pleasure we wholly desire and puts on it a prohibitive label. Self-indulgence, you understand; softening of the character; courage, brothers, do not stumble. The solemn forefinger wags gravely in our faces. Before I fell asleep, my habit, born of the hard grey weather which makes an Englishman hard and prosperous, did come with its admonitory forefinger. Remembering that I was secure in a sunnier world I cried out with ribald mockery across the abyss I had safely crossed, knowing my old self could not follow, and shut my eyes happily. And also, let me say - sitting up again with an urgent afterthought, which I must get rid of before I sleep - if this were not a plain narrative of travel without any wise asides I would get off the "Capella" here to argue that what all you fellows want in the place I have luckily left is not more self-restraint, in which wan virtue you have long shown yourselves to be so proficient that our awards for your merit have overcrowded the work-houses, but more rollicking self-indulgence and a ruddy and bright eyed insistence on the means to it.

Ao meio-dia começamos a distribuir roupas de cama. Dessa tarde eu lembro pouco. Havia o beliche vazio do comandante, muito mais sedutor do que o meu. Subi nele, minha mente endurecida contra fraquezas sonolentas. Digeriria meu almoço com um livro, olhos rigorosamente em alerta.

O *Capella* balançava-se lentamente, como um grande berço. Meu corpo estava relaxado e receptivo. Havia, ao nosso redor, o vazio silencioso, que está longe dos centros metropolitanos, onde muitos homens acreditam que é necessário fazer muitas coisas. O comandante suspirava em seu sofá. As ondas estavam cantando para si mesmas. Um raio de luz ria em meus olhos, brincando de esconde-esconde através da sabedoria de meu livro... Larguei o livro.

Como se sabe, de onde eu vim não ousamos dormir durante o dia sem primeiro conversarmos com nossa consciência, que geralmente fracassamos em convencer. Isso vem de nossa artimanha mental, que retira um prazer que completamente desejamos e o colocamos sobre um rótulo proibido. Autoindulgência, compreende, gentileza de caráter, coragem, irmãos, não tropeçamos! O solene dedo indicador aponta com ameaças em nossos rostos. Antes de cair no sono, meu hábito nascido da rígida temperatura cinzenta, que torna um inglês enérgico e próspero, vem com seu dedo indicador de advertência. Lembrando-me que eu estava seguro num mundo muito ensolarado, gritei com escárnio através do abismo, que eu tinha atravessado com segurança, sabendo que meu velho ego não podia me seguir, e fechei meus olhos alegremente. E também, permita-me dizer-lhe - sentando-me novamente com um pensamento urgente, que devo me livrar antes de dormir - se esta não fosse uma honesta narrativa de viagem, sem qualquer palavra sensata, eu deixaria o *Capella* aqui para argumentar que o que todos vocês companheiros querem no lugar que felizmente deixei, não é mais autorreclusão, cuja pálida virtude vocês têm mostrado a vocês mesmos ser tão profícua, que nossos prêmios por seus méritos têm superlotado os asilos de pobres, porém, mais autoindulgência barulhenta e uma insistência vigiada, corada e brilhante, sobre os significados disso.

Look at me now in this bunk! Not since I was last in a cradle have I felt the world would buoy me up if I dared to shut my eyes to affairs while the sun was shining. But I am going to try it again now, and risk my future. I repeat, I would argue this with you, only I want to sleep...

It is worth recording that when I awoke I found nothing had happened to me, except benefit. The venture can be made safely. Others had kept the course for me. The ship had not stopped. Through the door I could see a half-naked, blackened, and sweating stoker, who had been keeping the fires while I slept, and he was getting back his breath in loud sobs. Something had made him sick. These stupid and dirty men will drink too much while they are attending to the furnaces. They have been warned of the danger, of which they take no heed, and so they have to suffer. On the poop was the second officer, busy in the hot sun with a gang, overhauling a boat. And I found, on enquiry, that a man was still at the wheel. So thereafter, while in the land of the constant sun, I slept every afterno on, and was never a penny the worse. Somehow, you know, things went on. I think I shall become one of the intelligent leisured class.

It was within an hour of midnight. The moon had set. I was idling amidships about the ship's shadowy structure when I was asked to take charge of the bridge till eight bells. The second mate was ill, and the first mate was asleep through overwork. The skipper said he would not keep me up there long. I had but to call if a light came into view, and to keep an eye on the wheelhouse. Ah, but it is long since I played at ships, and was a pirate captain. I remembered there are dull folk who wonder what it feels like to be a king. The king does not know. Ask the small boy who is surprised with an order to hold a horse's head. I took my promotion, mounting the steep ladder to the open height in the night.

Olhem para mim agora nesse beliche! Nem mesmo desde quando estive pela última vez em um berço, senti que o mundo me salvaria, se eu ousasse fechar meus olhos para os acontecimentos, enquanto o sol estivesse brilhando. Mas vou tentar isso novamente agora e arriscar meu futuro. Repito, eu argumentaria isso com vocês, mas quero dormir...

É válido recordar que quando acordei, descobri que nada tinha me acontecido, exceto benefício. A aventura pode ser feita com segurança. Outros haviam mantido o curso para mim. O navio não tinha parado. Pela porta pude ver um foguista seminu, bronzeado e suado, que tinha mantido as caldeiras enquanto eu dormia, e ele estava retomando seu fôlego em soluços sonoros. Alguma coisa o tinha deixado doente. Estes homens estúpidos e sujos bebem demais, enquanto estão tomando conta das caldeiras. Foram alertados do perigo, do qual eles não têm prestado atenção, e então têm que pagar o preço. O segundo-oficial estava na popa, ocupado, no sol quente, com um grupo consertando um bote. Perguntando, soube que um homem ainda estava no timão; então, depois disso, enquanto na terra do sol constante, eu dormia toda tarde, e nunca fui um tostão dos piores. De qualquer modo, as coisas seguiam adiante. Acho que me tornarei alguém da inteligente classe ociosa.

Era cerca de uma da madrugada. A lua tinha se posto. Eu estava desperdiçando tempo no convés do meio, para cá e para lá, na estrutura sombria do navio, quando me mandaram tomar conta da ponte de comando até as oito badaladas tocarem. O segundo-oficial estava doente e o primeiro estava dormindo depois de ter trabalhado demais. O capitão disse que não me manteria ali por muito tempo. Eu tinha que avisar se uma luz fosse avistada. E devia manter um olho na cabine de comando. Ah, mas fazia muito tempo desde que brinquei em navios, e eu era um capitão pirata. Lembrei que há pessoas estúpidas que não imaginam o que é se sentir como um rei. O rei não sabe. Pergunte ao garotinho que está surpreso ao segurar a cabeça de um cavalo. Obtive minha promoção subindo a escada íngreme para a altura aberta na noite.

I felt then I was more than sundered from my kind. I had been taken and placed remotely from the comfort of the "Capella's" isolated community also. There was me, and there were the stars. They were my nearest neighbours. I stood for you among them alone. When the last man hears but does not see the deep waters of this dark sphere in that night to which there shall be no morning sun, he shall know what was my sensation aloft in the saddle of the "Capella"; the only inhabitant of a congealed asteroid off the main track in space, with the sun diminished to a point through travel, and the Milky Way not reached yet; though I could see we were approaching its bay of light. An appreciable journey had been made. But by the faintness of its shine there was a timeless vacancy to be travelled still. We should make that faint glow, that congregation of suns, that archipelago of worlds; though not yet. But had we not all the night to travel in? The night would be long. We should not be disrupted any more by the old day. The final morning had passed. I had no doubt the drift of the dark lump to which I clung in space, while my hair streamed with our speed, would at length reach the bright fraternity, no more than a dimmer of removed promise though it seemed.

A bell rang beside me in the night. It was answered at once from somewhere ahead. Others, then, were journeying with me. The void was peopled, though the travellers were all invisible; and I heard a confident voice call, "Lights are burning bright." The lights were. I could see that. But when the profundities are about you, and you think you are alone in outer night, that is the kind of word to hear. Joyously I shouted into what seemed to be boundless nothing, "All Right!"

Senti então que estava mais do que separado do meu grupo. E tinha sido tirado e colocado longe do conforto da comunidade também isolada do *Capella*. Havia eu e as estrelas. Elas eram minhas vizinhas mais próximas. Fiquei por você entre elas, sozinho. Quando o último homem ouvir, mas não ver as águas profundas desta esfera escura, naquela noite para qual não haverá nenhum sol da manhã, ele saberá qual foi minha sensação no alto da sela do *Capella*; o único habitante de um asteroide distante da trilha principal no espaço, com o sol diminuído para um ponto através da viagem, e a Via-Láctea ainda não alcançada; embora eu pudesse ver que estávamos nos aproximando de sua baía de luz. Uma jornada apreciável tinha sido realizada. Mas, pela palidez de seu brilho, ainda havia uma lacuna eterna para ser viajada. Deveríamos ultrapassar aquele brilho pálido, aquela congregação de sóis, aquele arquipélago de mundos; embora não ainda. Mas não tínhamos a noite toda para viajar? A noite seria longa. Não deveríamos ser incomodados pelo velho dia nunca mais. A última manhã tinha passado. Eu não tinha dúvidas de que o vento da protuberância escura que abracei no espaço, enquanto meu cabelo esvoaçava com a velocidade, alcançaria, na duração do tempo, a fraternidade brilhante, não mais do que um controle do brilho da promessa retirada, embora parecesse.

Um sino tocou ao meu lado na noite. Foi respondido imediatamente de algum lugar adiante. Outros então estavam viajando comigo. O vazio estava povoado, embora os viajantes fossem todos invisíveis; e eu ouvi uma voz confidente dizer: "As luzes estão consumindo brilho!" As luzes estavam. Eu podia ver isso. Mas, quando as profundezas estão à sua volta, e se pensa que está sozinho no exterior da noite, esse é o tipo certo de palavras para se ouvir. Gritei com júbilos dentro do que parecia sem limites: "Tudo bem!"

One dayfall we saw the Canary Islands a great distance on the port beam. I do not know which day it was. The Hesperides were as blurred as the place in the calendar. The days had run together into a measureless sense of well-being. We had passed the last of the trivial allotments of time. The islands loomed, and I wondered whether that land was the hint of something in a past life which the memory saw but could not shape. Whatever was there it was too long forgotten. That apparition which a whisper told me was land faded as I gazed at it overseas, lazily trying to remember what it once meant. It was gone again. It was no matter now. Perhaps I was deceiving myself. Perhaps I had had no other life. This "Capella," always under the height of a blue dome, always the centre of a circular floor of waters, waters to be seen beating against the steep and luminous walls encompassing us, though nowhere finding an outlet, was all my experience. I could recall only the faintest shadows of a past into that limpid present. I could see nothing clearly that was not confined within the dark faultless line where the sky was inseparably annealed to the sea. Here I had been always. All I knew was this length of sheltered deck, and those doors behind me where I leaned on a rail between the stanchions, doors which sheltered a few familiars with their clothes on hooks, their pipe racks, and photographs of women, a length of deck finishing on either hand in two iron ladders, the ladder forward, just past the radiation and coal grit by the engine-room casing, descending to a broad walk which led to the forecastle head, that bare outlook always at a difference with the horizon; and the ladder aft going down to another broad walk, sticky with new tar, where the bulwarks were as high as the breast, and Tinker, the dog, glad of a word from you, trotted about the rusty winches and around the hatches;

Um dia, ao entardecer, vimos as ilhas Canárias⁷⁶ a uma grande distância, num ponto a estibordo. Não sei que dia era. As Hespérides estavam tão enevoadas, quanto o lugar no calendário. O dia tinha passado junto com um senso desmedido de bem-estar. Tínhamos passado do fim das parcelas triviais do tempo. As ilhas apareciam gradualmente e imaginei se aquela terra era a pista de algo em uma vida passada, que a memória via, mas não podia dar forma. O que quer que fosse estava esquecida ali há muito tempo. Aquela aparição, que um sussurro me contou, era terra que aparecia e desaparecia, quando fitei atentamente o além-mar, preguiçosamente, tentando lembrar o que significou um dia. Tinha desaparecido novamente. Agora não importava. Talvez eu estivesse enganando a mim mesmo. Talvez eu não tivesse tido nenhuma outra vida. Este *Capella*, sempre sob a mesma altura de uma abóbada azul, sempre no centro de um chão circular de águas; águas para serem vistas batendo contras as paredes íngremes e luminosas nos cercando, embora, em nenhuma parte encontrando uma passagem, era toda minha experiência. Eu podia recordar somente as mais frágeis sombras de um passado dentro daquele presente límpido. Não podia ver nada claramente, que não estivesse confinado na perfeita linha escura, onde o céu estava inseparavelmente envolto no mar. Ali eu tinha estado sempre. Tudo que eu conhecia era essa extensão de convés abrigado, e aquelas portas atrás de mim, onde me curvava em uma amurada entre os baluartes; portas que abrigavam alguns familiares com suas roupas nos ganchos, suas caixas de fumo, e fotografias de mulheres, uma extensão de convés terminando de cada lado em duas escadas de ferro; a escada dianteira, exatamente atrás do pó de carvão e da radiação da casa das máquinas, descendo para um passeio, que conduz para o castelo de proa, que revela uma perspectiva sempre em diferença com o horizonte; e a escada de trás descendo para outro passeio a bordo, grudenta com novo piche, onde os baluartes são da altura do peito, e Tinker, o cachorro, contente com uma palavra sua, corria em volta dos guindastes enferrujados e das escotilhas;

⁷⁶Arquipélago espanhol no oceano Atlântico.

and that walk aft finished in the door of the alley-way opening upon the asylum of the doctor's cabin, and the saloon, the skipper's sanctum, and the domain of the friendly steward. There was the smell of the cargo drawing from the ventilators on the deck, when you went by their trumpet mouths. There was the warm oily gush of air from the engine-room entrance. And in the saloon alley-way I used to think the store of potatoes, right behind, was generating gases. (But nobody knows every origin of the marine smells.) Well, here were all the things my senses apprehended. I could walk round my universe in five minutes. And when I had finished I could do it again. Here I had been always. Nothing could be clearer than that. Looking out from my immediate circumstances I saw no entrance to the place where we were rocking, the place where the "Capella" was alone. The walls of the enclosure were flawless. There was not a door through them anywhere. There was not a rift in the precision of the dark circle about us where one could crawl out between the sky and the sea.

There we indubitably were though, and I dwelt constantly on the miracle of that lucky existence. I could not doubt that we were there. Yet how had we got there? I leave that to the metaphysicians. There we were; and no man who merely trusted his experience could explain our presence. There was some evidence to my simple mind that such a life in such surroundings perchance was the gift of the gods, and that we could never get any nearer the limits of the world in which we had been placed to see what was beyond, could never approach that enclosure of blue walls where the distant waves, which beat against them, could not get out. Morning after morning I watched them, the dark leaping shapes of the far rebels, mounting their prison at its base, and collapsing, beaten.

e aquele passeio para a popa findava na porta da travessa por cima do asilo do médico, e o salão, o santuário do capitão, e o domínio do taifeiro cordial. Havia o cheiro da carga arrastado pelos dutos de ventilação do convés, quando se passava por suas bocas de trompetes. Havia o esguicho morno e oleoso de ar vindo da entrada da casa das máquinas. E na travessa do salão eu costumava pensar que o estoque de batatas, exatamente atrás, estava gerando gases. (Mas ninguém conhece todos os odores marítimos). Bem, aí estavam todas as coisas que meus sentidos apreendiam. Eu podia dar uma volta nesse universo em cinco minutos. E quando eu terminava, podia fazê-lo novamente. Ali sempre eu tinha estado. Nada podia ser mais claro do que isso. Olhando de minha distância imediata, não via nenhuma entrada para o lugar para onde estávamos balançando, o lugar onde o *Capella* estava sozinho. As muralhas do cerco não tinham fendas. Não havia nenhuma porta em nenhum lugar. Não havia nenhuma brecha na precisão do círculo escuro ao nosso redor, onde alguém pudesse rastejar entre o céu e o mar.

Ali estávamos indubitavelmente, entretanto; e eu falava constantemente sobre o milagre daquela existência afortunada. Não podia duvidar que estávamos ali. Todavia, como tínhamos chegado lá? Deixo isso para os metafísicos. Ali estávamos nós; e nenhum homem, que meramente confiasse em sua experiência, podia explicar nossa presença. Havia alguma evidência para minha mente comum, de que uma vida semelhante em tais arredores, talvez fosse um presente dos deuses, e que nunca podíamos chegar mais perto dos limites do mundo, no qual tínhamos sido colocados para o que estava além, nunca podíamos nos aproximar daquele cerco de muralhas azuis onde há ondas distantes, que batem contra si, e que pudéssemos sair. Manhã após manhã, eu as observava, as formas escuras e saltitantes das ondas rebeldes distantes, erguendo sua prisão na base, e desmoronando, derrotadas.

The seas never changed. They followed us and the wind, a living host, the blue of their slopes and hollows as deep as ecstasy, their crests white and lambent. They were buoyant, they were leisurely, they were the right companions of travel. They just kept pace with us. They ran after us like happy children, as though they had been lagging. They came a-beam to turn up to us their shining faces, calling to us musically, then dropping behind again in silence. When I looked overside into the pellucid depths, peering below the surface in long forgetfulness, leaving the body and gliding the mind in that palpable and hyacinthine air beneath us where the sunken foam dimmered in pale clouds, I felt myself not afloat but hovering in the midst of a hollow sphere filled with light. The blue water was only a heavier and a darker air. I had no weight there. I was only a quiet thought tintured with the royal colour of the space wherein I drifted.

The upper half of the sphere was blue also, but of a different blue. The rarer and more volatile ether was above us. The sea was its essence and precipitate. The sea colour was profound and satisfying; but the colour of the sky was diffused, as though the heaven were an idea which was beyond you, which you stood regarding, and azure were its symbol, and that by concentration you might fathom its meaning. But I can report no luck from my concentrated efforts on that symbol. The colour may have been its own reward.

Every morning after breakfast the Skipper and the Doctor made a visit to the fore-castle. Then, after the Doctor had carefully searched his dress for insects, we spent the day together. We mounted the fore-castle to begin with, watching the acre of dazzling foam which the "Capella's" bows broke around us.

Os mares nunca mudavam. Eles seguiam a nós e ao vento, um anfitrião vivo, o azul de seus declives e buracos tão profundos quanto o êxtase, suas crostas brancas e suaves. Eles eram flutuantes, eram preguiçosos e eram os companheiros certos da viagem. Eles apenas mantinham o ritmo conosco. Corriam atrás de nós como crianças felizes, como se tivessem tido atrasos. Eles vinham a bombordo e a estibordo para virarem para nós suas faces brilhantes, gritando para nós musicalmente, em seguida ficavam para trás, novamente em silêncio. Quando eu olhava para o além-mar, nas profundezas transparentes, fitando abaixo da superfície em longos esquecimentos, deixando o corpo e deslizando a mente naquele ar palpável e cheiroso abaixo de nós, onde a espuma submersa se diluía em nuvens pálidas, sentia a mim mesmo não à deriva, mas pairando no meio de uma esfera esburacada cheia de luz. A água azul era somente um ar mais pesado e escuro. Eu não tinha peso ali. Era apenas um pensamento tranquilo e colorido com a cor real do espaço, onde eu flutuava.

A metade superior da esfera era azul também, mas de um azul diferente. O éter mais raro e mais volátil estava acima de nós. O mar era sua essência e precipício. A cor do mar era profunda e satisfatória; mas a cor do céu era difusa, como se o paraíso fosse uma ideia que está para além de você, que você permanecesse considerando, e o azul-celeste fosse seu símbolo, e que, por meio de concentração, se pudesse medir seu significado. Mas não posso relatar nenhuma sorte de meus concentrados esforços naquele símbolo. A cor pode ter sido a própria recompensa dele.

Toda manhã após o desjejum, o capitão e o médico faziam uma visita ao castelo de proa. Em seguida, depois que o médico tivesse cuidadosamente procurado sua roupa de caçar insetos, passávamos o dia juntos. Começávamos subindo para o castelo de proa, observando a região de espuma deslumbrante, que a proa do *Capella* rompia à nossa volta.

Out of that the flying fish would get up, just under us, to go skimming off, flights of silver locusts. This reminded the surgeon that we might try for albacore and bonito, which would be a change from tinned mutton. The Skipper found a long fir pole, to which was attached sixty fathoms of line, with a large hook which we covered with a white rag, lapping a cutting of tin round the shank. When this object was dropped over the stern in its leaps from wave to wave it bore a distant resemblance to a flying fish. The weight of the trailing line, breaking a cord "tell-tale," frequently gave us false alarms and long tiring hauls. But on the second day the scaffold pole vibrated to some purpose, and we knew we were hauling in more than the bait. We got aboard a coryphene, the dolphin of the sailors. It gave us in its death agony the famous display, beautiful, but rather painful to watch, for the wonderful hues, as they changed, stayed in the eye, and sent to the mind only a message of a creature in a violent death struggle.

The contours of this predatory fish express extraordinary speed and power, and its armed mouth has been upturned by Providence the better to catch the flying fish as they drop back to sea after an effort to escape from it. But Providence, or evolution, had never taught the coryphene that there are times when the little flying fish, as it falls back exhausted, may be a rag of white shirt and a scrap of bright tin ware with a large hook in its deceptive little belly. So there the dolphin was, glowing and fading with the hues of faery. Its life really illuminating it from within. As its life ebbed, or strove convulsively, its colours waned and pulsed. It was gold when it came on board, and darkened to ultramarine as it thrashed the deck, and its broad dorsal fin showed violet eyes. Its body changed to a pale metallic green; and then its light went out.

Para fora dali, os peixes-voadores saltariam, exatamente abaixo de nós, saltitantes, voos de gafanhotos prateados. Isso lembrou ao cirurgião que podíamos tentar pegar albacora ou um bonito, que seria uma chance de carne de carneiro no espeto. O capitão achou uma vara comprida de pinheiro, a qual foi amarrada sessenta metros de linha com um anzol grande, que cobrimos com um farrapo branco, enrolando um pedaço de alumínio em volta da ponta. Quando esse objeto era jogado por cima da proa, em seus saltos de onda em onda, dava uma vaga lembrança de um peixe-voador. O peso da linha esticada, arrebatando um cordão, “história conhecida”, frequentemente nos dava alarmes falsos e longos e cansativos puxões. Mas, no segundo dia, a haste do andaime vibrou por algum propósito, e sabíamos que estávamos puxando mais do que o fisgado. Trouxemos a bordo um dourado, o golfinho dos marinheiros. Ele nos ofertou em sua agonia de morte a famosa apresentação, linda, mas um pouco dolorosa para se assistir, porque as suas maravilhosas colorações, quando mudavam, ficavam no olho e enviavam para a mente somente uma mensagem de uma criatura em uma violenta luta de morte.

Os contornos desse peixe predador expressam extraordinariamente velocidade e força, e sua boca armada tem sido aumentada pela Providência o melhor possível, para pegar um peixe-voador, quando eles caem de volta no mar depois de um esforço para escapar. Mas a Providência, ou evolução, nunca ensinou ao dourado, que algumas vezes, quando um pequeno peixe-voador, enquanto cai de volta exausto, pode ser um trapo de camisa branca e um pedaço de alumínio brilhante amarrados em um anzol enorme em sua enganosa barriguinha. Então, ali estava o Delfim, brilhando e empalidecendo com as colorações da força. Sua vida realmente o iluminando de dentro. Enquanto sua vida se esvaía, ou empenhava-se convulsivamente, suas cores minguavam e pulsavam. Era da cor de ouro quando veio a bordo, e escurecido para o ultramarinho, quando debatia-se no convés, e sua grande nadadeira do dorso mostrava seus olhos violeta. Seu corpo mudou para um pálido metálico verde; e então sua luz se apagou.

Now as I look back upon the "Capella" and her company as they were in that period of our adventure when our place was but somewhere in midocean between Senegambia and Trinidad, I see us but indifferently, for we are mellowed in that haze in which retrospection just discerns those affairs, long since accomplished, that were not altogether wearisome. It is better to go to my log again, for there the matter was noted by the stub of a pencil at the very time, and when, unless a beautiful mist was seen, it had not the remotest chance of being recorded. When I turn to the diary for further evidence of those days of blue and gold in the northeast trades its faithfulness is seen at once.

"30 Decr. A grey day. The sun fitful. Wind and seas on the port quarter, and the large following billows occasionally lopping inboard as she rolled. The decks therefore are sloppy again. We had a sharp reminder at six bells that we are not bound to any health resort, as Sandy put it. We were told to go aft, where the doctor would give each of us five grains of quinine. This is to be a daily rite. To encourage the men to take the quinine it is to be given to them in gin. Being foreigners, they did not understand the advice about the quinine, but they caught the word gin quite well, and they were outside the saloon alleyway, a smiling queue, at the stroke of eleven. I went along to see the harsh truth dawn on them. The first man was a big German deckhand. He took the glass from the doctor. His shy and puzzled smile at this unexpected charity from the skipper dissolved instantly when the quinine got behind it. His eyes opened and stared at nothing. To the surprise of his fellows he turned violently to the ship's side, rested his hands on it, and spat; spat carefully, continuously

Agora, quando olho de volta para o *Capella* e sua Companhia, quando estavam naquele período de nossa aventura, quando nosso lugar era senão em alguma parte no meio do oceano, entre Senegâmbia⁷⁷ e Trinidad⁷⁸, nos vejo, mas indistintamente, porque estamos amadurecidos naquela neblina, em que a retrospectiva apenas discerne aqueles acontecimentos, desde sempre realizados, que não estávamos completamente aborrecidos. É melhor ir para o meu diário de bordo novamente, porque ali o problema era anotado com um toco de lápis a cada hora, e quando, a menos que uma névoa fosse vista, ele não tinha a mais remota chance de ser lembrado. Quando me viro para o diário, para a mais distante evidência daqueles dias de azul e dourado nos ventos do comércio do nordeste, sua honestidade é vista de repente.

"30 de dezembro. Um dia cinzento. Sol intermitente. Vento e mares a bombordo e as grandes massas subsequentes de água ocasionalmente se moviam rapidamente a bordo, quando o navio balançava. Os conveses, portanto, estão molhados novamente. Tivemos um lembrete afiado, ao toque de seis badaladas, que não estamos vinculados a nenhum recurso de saúde, como Sandy afirmou. Recebemos ordens para seguir adiante, e que o médico daria cinco gramas de quinino a cada um de nós. Isso é para ser um ritual diário. Para encorajar os homens a tomarem o quinino é para lhes ser dado com gim. Sendo estrangeiros, não compreendem a recomendação sobre o quinino, mas entendiam a palavra gim muito bem; e ficaram na travessa do lado de fora do salão, uma fila sorridente, num total de onze. Segui adiante para ver a verdade cruel ser reconhecida por eles. O primeiro homem foi um alemão grandalhão, um foguista. Ele pegou o copo do médico. Seu sorriso tímido e enigmático, nessa caridade inesperada do capitão, se desfez instantaneamente, quando o quinino surgiu atrás do gim. Seus olhos arregalados não olhavam para nada. Para a surpresa de seus companheiros, ele se virou violentamente para a amurada do navio, apoiou suas mãos e cuspiu, cuspiu cuidadosamente, continuamente,

⁷⁷Refere-se à Senegal e Gâmbia, na costa da África; na sua acepção histórica, a Senegâmbia engloba não só o Senegal e Gâmbia, mas também a Guiné-Bissau até a zona que circunda a Serra Leoa.

⁷⁸É a maior ilha das Antilhas; unida a Tobago formam o país Trinidad e Tobago.

and with grave deliberation.

"Distance run since noon yesterday 230 miles. Actual knots 9.5. Total distance 2072 miles. There was not a living thing in sight to-day; not even a flying fish.

"The night is fine and starlit, the Milky Way a brilliant arch from east to west, under which we are steaming. When Venus rose she was a tiny moon, so refulgent that she gave a faint pallor to a large area of sky, outlined the coast of a cloud, and made a broad shining path on the sea. The moon rose after nine, veiled in filmy air, peeping motionless at the edge of a black curtain.

"The moon later was quite obscured, and the steamer ceased to exist except where in my heated cabin the smoky oil lamp showed me my dismal cubicle. I went in and sat on the mate's sea chest. The mate was on duty. On the washstand was his mug of cocoa, and on top of the mug two thick sandwiches of bread and meat. That food was black with cockroaches. The oil lamp stank but gave little light. The engines were throbbing, and out of the open door I saw the gleam of the wash, and heard its harassing note. I could not read. I loathed the idea of getting into the hot bunk and lying there, stewing, a clear keen clangour of thoughts making sleep impossible. The mate appeared, drove off the cockroaches cheerfully, examined the sandwiches for inconspicuous deer, opening each to make sure, and then muffled himself with one. My God! I could have killed him with these two hands. What right had he to be cheerful? But he is such a ginger-headed boy, and to break that unconsciously happy smile of his would be sacrilege. Besides, he began to tell me about his sweetheart. Her portrait hangs in our cabin. It is an enlargement. You pay for the frame, and the photographer, overjoyed I suppose, gives you the enlargement.

e com séria deliberação.

"Distância percorrida desde a tarde de ontem, 230 milhas. Nós atuais, 9.5. Distância total, 2.072 milhas. Não havia nenhuma coisa viva à vista hoje, nem mesmo um peixe-voador.

"A noite está maravilhosa e iluminada pelas estrelas, a Via-Láctea, um arco brilhante do leste para o oeste, sob o qual estamos navegando. Quando Vênus surgiu era uma lua pequenina, tão refulgente que concedeu uma palidez tênue a uma grande área do céu, contornou a margem de uma nuvem, e fez um largo e brilhante caminho no mar. A lua surgiu depois das nove, usando um véu no ar transparente, espiando imóvel da beira de uma cortina escura.

"Depois a lua ocultou-se completamente e o navio deixou de existir, exceto onde, em meu camarote abafado, a lâmpada de óleo enfumaçado mostrava-me meu cubículo lúgubre. Entrei e sentei no baú de bordo do oficial. Ele estava de plantão. Em cima do lavatório estava sua caneca de cacau e, em cima da caneca, dois espessos sanduíches de pão e carne. Aquela comida estava cheia de baratas. A lâmpada de óleo fedia, mas iluminava um pouquinho. As máquinas estavam vibrando e, pela porta aberta, eu via o brilho da lavagem e ouvia sua nota desagradável. Eu não podia ler. Odiei a ideia de ficar no beliche quente; e, deitado ali, confuso, uma transparente batida afiada de meus pensamentos tornavam o sono impossível. O segundo-oficial apareceu, afastou as baratas alegremente, examinou os sanduíches com timidez insignificante, abriu cada um para ter certeza e, então, asfixiou-se com um deles. Meu Deus! Poderia tê-lo matado com estas duas mãos. Que direito ele tinha de estar contente? Mas ele é um rapaz cabeça-dura e quebrar aquele seu sorriso feliz, não inconscientemente, seria um sacrilégio. Além disso, ele começou a me falar de sua namorada. O retrato dela estava pendurado em nosso camarote. É uma ampliação. Paga-se pela moldura e o fotógrafo, extremamente contente, eu suponho, dá-lhe a ampliação.

I prefer the second engineer's sweethearts, who are in colours, and are Dutch picture postcards and cuttings from French comic papers; and he calls them his recollections of Sundays at home. I listened, patient and kind, to the second mate's reminiscences of rapturous evening walks under the lamps of Swansea with this girl in the picture - no doubt it eased his heart to tell me - till I could have howled aloud, like the dog who hears music at night. Then I broke away, and ran to the chief's cabin for sanctuary.

"The Chief was making an abstract, and was searching through his log for ten tons of coal which were missing. In the hunt for the lost coal I lost myself. I grew excited wherever a thick bush of figures promised the hidden quarry; and in an hour's search found the strayed tons in hiding at the bottom of a column. They had been left there, and not transported into the next. Again the dread of that bunk had to be faced and dealt with. I stood at the chief's door, knocking out my pipe, looking astern into the night, looking to where Ursa-Major, our celestial familiar of home, was low down and preparing to leave us altogether to the strange and perhaps unlucky gods of other skies. O the nights at sea!

"31 Decr. Wakened with my heart jumping because of a devastating sound without. In the early morning, Tinker was being thrashed by the Old Man for eating the saloon mats. When at 11.30 the men congregated amidships with their tins for dinner the sun was a near furnace and the breeze a balm. The white of the ship is now a glare, and the sea foam cannot be looked at. Donkey lumbered out of his place where he attends to the minor boiler, his face the colour of putty, and held to a rail, gazing out with dead eyes overside, gasping. He declared he couldn't stick his job. The flying fish are getting up in flights all day long.

Prefiro as fotos das namoradas do segundo-maquinista, que são coloridas, e são cartões-postais de pinturas holandesas e recortes de papéis cômicos franceses; e ele as chama de suas lembranças dos domingos em casa. Ouvia paciente e gentilmente às reminiscências do segundo-oficial, dos agradáveis passeios noturnos sob as luzes de Swansea com essa garota do retrato - sem dúvida isso aliviava seu coração ao me contar - até que gritei alto, como o cão que ouve música à noite. Então escapei e corri para o camarote do comandante, para o santuário.

"O comandante estava fazendo um resumo e estava procurando, em seu diário, por dez toneladas de carvão, que estavam faltando. Na busca pelo carvão perdido, me perdi. Ficava excitado onde quer que um espesso monte de vultos indicasse a pedreira escondida; e, em uma hora de busca, encontrei as toneladas perdidas escondidas atrás da base de uma coluna. Tinham sido deixadas ali e não transportadas para a tonelada que estava perto. Novamente, o horror daquele beliche tinha que ser enfrentado e negociado. Fiquei na porta do camarote do comandante batendo meu cachimbo, olhando para trás, dentro da noite, olhando para onde a Ursa Maior, nossa familiaridade celeste de casa, estava baixa e preparando-se para nos deixar a todos para os estranhos e, talvez, deuses desafortunados de outros céus. Oh! As noites no mar!

"31 de dezembro. Acordei com o coração palpitando devido a um barulho devastador. Cedo da manhã, Tinker estava sendo espancado pelo capitão por ter estragado os tapetes do salão. Quando às 11: 30, os homens se reuniram no centro do navio, com suas canecas para o almoço, o sol estava quase uma fornalha e a brisa um bálsamo. A brancura do navio está agora um resplendor e a névoa do mar não pode ser olhada. O foguista de caldeira auxiliar saiu desajeitado de seu lugar, onde toma conta de uma caldeira menor, seu rosto estava sujo de óleo, e agarrou-se à amurada, arfando e fitando o além-mar com olhos mortos. Ele declarou que não podia continuar em seu trabalho. Os peixes-voadores estão saltando em voos durante o dia todo.

I saw one fish go a distance of about fifty yards in a semi-circle, making a bight in the direction of the wind. We caught another large coryphene to-day, and had him in steaks for tea. He was much better cooked than the last, which had the texture of white wool; and to increase our happiness the cook had not given us sour bread. At midday we were 17.22 N. and 33.27 W.

"I had a lonely evening with the chief. This is New Year's eve. We talked of the East India Dock Road, and of much else in London Town. At eight bells, when we held up our glasses in the direction of Polaris, the moon was bright and the waters hushed. Then we took each a hurricane lamp, and went about the decks collecting flying fish for breakfast, finding a dozen of them.

"1 Jan. The uplifted splendour of these days persists; but the splendour sags now a little at midday with the weight of the heat. The poop deck is now sheltered with an awning; and lying there in lazy chairs, with a wind following and barely overtaking us, idly watching the shadows of the overhead gear move on the bright awning as the ship rolls, is to get caught in the toils of the droning wake, and to sleep before you know you are a prisoner. The wake itself, in these seas, when the sun is on it, a broad road going home straight and white over the hills, the road which is not for us, is one of the good things of the voyage. Straight beneath the rail the wake is an upheaval of gems, sapphires, emeralds, and diamonds, always instantly melting in the sun, always fusing and fleeting in swift coils of malachite and chrysoprase, but never gone. As you watch that coloured turmoil it draws your mind from your body. You feel your careless gaze snatched in the revolving hues speeding astern, and your consciousness is instantly unwound from your spinning brain, and you are left standing on the ship, an empty spool.

Vi um peixe, a uma distância de cinquenta jardas, em um semi-círculo, fazendo uma curva na direção do vento. Pegamos outro grande dourado hoje; e o cortamos em bife para o chá. Ele era melhor cozido do que o último, que tinha a textura de lã branca; e para aumentar nossa felicidade, o cozinheiro não tinha nos dado pão azedo. Ao meio-dia estávamos a 17, 22 a norte e 33. 27 a oeste.

Passei uma noite solitária com o comandante. É véspera de ano novo. Falamos da East India Dock Road⁷⁹, e muito mais sobre a cidade de Londres. Às oito badaladas, quando erguemos nossos copos na direção de Polaris, a lua estava brilhante e as águas tranquilas. Então cada um pegou um candeeiro e saímos pelo convés apanhando peixes-voadores para o desjejum, encontrando um dúzia deles.

"1º de janeiro. O esplendor elevado desses dias persiste; mas o esplendor cede agora um pouco, ao meio-dia, com o peso do calor. O convés da popa está agora protegido com um toldo; deitar-se ali em cadeiras preguiçosas, com um vento nos seguindo e severamente nos ultrapassando, indolentemente olhando as sombras suspensas das engrenagens moverem-se sobre o toldo brilhante, quando o navio balança, é conseguir prender-se nas labutas da esteira d'água, e dormir antes de se saber que é um prisioneiro. A própria esteira, nesses mares, quando o sol está em cima dela, uma estrada larga indo para casa, reta e transparente por cima das colinas d'água, a estrada que não é para nós, é uma das coisas boas da viagem. Direto sob a amurada, a esteira d'água é um motim de pedras, safiras, esmeraldas e diamantes derretendo-se sempre no sol, instantaneamente, sempre se fundindo e fugazmente em rápidas bobinas de malachita e pérola, mas que nunca desaparecem. Quando se olha aquele alvoroço colorido, ele tira sua mente do corpo. Sente-se seu olhar descuidado ser arrebatado nas revolventes nuances aceleradas na popa, e sua consciência é instantaneamente desatada de seu cérebro ansioso, e se é deixado descansando no navio, como um carretel vazio.

⁷⁹Antiga estação de trem em Poplar, também chamada de *Poplar Railway Station*, que transportava passageiros entre o norte e o sul da cidade de Londres.

"Under the awning at night, to the Doctor and to me, the first mate played his accordion. He is a little Welshman, this mate, with a childish nose and a brutish moustache, and in his face is blended a girlish innocence of large affairs, and the hirsute nature of the adult male animal, a nature he relieves on the "Capella" with bawdy talk and guffaws. He played 'Come, Birdie, Come,' and things like that, and then told us some Monte Videan stories. As they were true stories about himself and other young sailors they ought really to be included in a faithful diary of a sea voyage, yet as I cannot reproduce the Doctor's antiseptic judgment, of which I know nothing but the glow of his pipe in the unresponding dark at the end of the stories - the last titter of the mate had died away - it is better to leave this matter alone.

"3 Jan. The hottest day we have had. I descended at midday to the engines to see Sandy at work with his shining giants. Standing on the middle platform, while he was shouting his greetings to me over the uproar, I felt the heat of the grating through my boot soles, and shifted. The temperature there was 122 degrees. Sandy was but in his drawers and a pair of old boots, and the tongues of the boots, properly, were hanging out. His noble torso was glistening with moisture, and as I talked, energetically vaulting my words above the roar of the crank throws in that hot and oleaginous place, the perspiration began a sudden drop from my own face and hands, and in a copious way which startled me. For a time I had some difficulty in breathing, as though in a vacuum, but gradually forgot this danger of suffocation in the love of the artist Sandy showed while offering me the spectacle of 'his job.' I think I understood him. At first one would see no order in that haze of rioting steel. The massive metal waves of the shaft were walloping and plunging in their pits with an astonishing bird-like alacrity;

"Debaixo do toldo, à noite, o primeiro-oficial tocou seu acordeão para o médico e para mim. Este oficial é um galezinho, com um nariz infantil e um bigode grosso, e em seu rosto está misturada uma inocência infantil, de grandes acontecimentos, e a natureza peluda do animal macho e adulto, uma natureza que ele alivia no *Capella* com conversas sobre sexo e gargalhadas estrondeantes. Ele tocou *Come, Birdie, Come*, e coisas desse gênero, e então nos contou histórias sobre o navio Monte Videan. Como eram histórias verdadeiras sobre ele mesmo e outros jovens marinheiros, deveriam realmente estar inclusas em um fiel diário de uma viagem no mar, entretanto, como não posso reproduzir o julgamento antisséptico do médico, do qual não sei nada, apenas o brilho ardente de seu cachimbo no escuro silencioso no final das histórias - a última risadinha nervosa do oficial tinha se extinguido - é melhor deixar essa questão pra lá.

"03 de janeiro. O dia mais quente que já tivemos. Ao meio-dia desci para a casa das máquinas, para ver Sandy no trabalho com seus gigantes brilhantes. Parando no meio da plataforma, enquanto ele gritava suas saudações para mim por cima do alvoroço, senti o calor da grade através das solas das minhas botas e mudei de lugar rapidamente. A temperatura ali estava 42°. Sandy estava apenas de bermuda e um par de botas velhas, e as línguas das botas, apropriadamente, estavam penduradas para fora. Seu torso nobre estava resplandecente com a umidade e, enquanto eu conversava, com vigor elevando minhas palavras acima do barulho dos arremessos da alavanca naquele lugar quente e oleaginoso, o suor começou a pingar do meu rosto e das minhas mãos, e de um modo copioso que me espantou. Tive dificuldade de respirar por certo tempo, como se em um vácuo, mas gradualmente esqueci esse perigo de sufocação no amor que o artista Sandy exibia, enquanto me oferecia o espetáculo de seu trabalho. Acho que o compreendi. De início, não se via nenhuma ordem naquela neblina de aço barulhento. As maciças ondulações de metal dos eixos estavam girando fortemente e imergindo em suas cavidades com uma rapidez espantosa, com uma admirável alacridade de um pássaro;

about fifteen tons of polished steel were moving with swift and somewhat awful desperation. The big room shook and hummed with the vigour of it. But order came as Sandy talked, and presently I found the continuous thunder, that deadening bass of the crank throws, seemed to lessen as we conversed, sitting together on a tool chest. Our voices easily penetrated it. And listening more attentively at length I found what Sandy said was true, that each tossing and circling part of the room-full could be heard contributing its strident or profound note to the chorus, and each became constant and expected, a singing personality which was heard through the others whenever listened for. Above all, at regular intervals, a rod rang clear, like the bell in Parsifal; yet, curiously enough, Sandy declared he could not catch that note, though it tolled clear and resonant enough in my ears. The skylight was so far above us that we got little daylight. Hanging from the gratings in a few places, some black iron pots, shaped like kettles, had cotton rags in their spouts, and were giving us oil flares instead. The terrific unremitting energy of the ponderous arms, moving thunderously, and still with a speed which made tons as aery as flashes of light; and Sandy in the midst of it, quick in nothing but his eyes, moving about his raging but tethered monsters cock-sure and casual, rubbing his hands on a pull of cotton waste, putting his ear down to listen attentively at a bearing, his face turned from a steel fist which flung violently at his head, missed him, and withdrew to shoot at him again, gave me the first distinct feeling that our enterprise had its purpose powerfully energised and cunningly directed.

cerca de quinze toneladas de aço polido estavam se movimentando com rapidez e um tanto quanto com terrível desespero. A grande sala das máquinas tremia e zumbia com o vigor. Mas a ordem surgia enquanto Sandy conversava e, nesse momento, descobri o trovão contínuo que o som amortecido dos arremessos da alavanca parecia reduzir enquanto conversávamos, sentados juntos em uma caixa de ferramentas. Nossas vozes rapidamente penetravam no barulho. E, ouvindo mais atentamente na duração do tempo, descobri que o que Sandy dizia era verdade; que cada arremesso e parte circular da casa das máquinas podia ser ouvido contribuindo com o coro com uma nota estridente ou aguda, e cada uma se tornava constante e aguardada, uma personalidade cantante, que era ouvida através de outra nota qualquer que se ouvisse. Acima de tudo, em intervalos regulares, uma manivela retinia claramente, como o sino em Parsifal⁸⁰; entretanto, curiosamente suficiente, Sandy declarou que não podia captar essa nota, embora soasse claro e ressonante o suficiente em meus ouvidos. A claraboia estava tão distante, acima de nós, que recebíamos pouca luz do dia. Dependurando-se das grades, em alguns lugares, alguns potes pretos de ferro, modelados como chaleiras, tinham farrapos de algodão em seus bicos, e estavam nos dando luzes de óleo, em vez de iluminar. A impressionante e ininterrupta energia do armamento pesado, movendo-se como o trovão e ainda com uma velocidade que deixava toneladas tão leves quanto lampejos de luz; e Sandy no meio, sem pressa alguma, mas seus olhos movendo-se em cima de seus encolerizados, porém, acorrentados monstros autoconfiantes e casuais, esfregando as mãos num trapo de algodão, abaixando o ouvido para ouvir atenciosamente num suporte, seu rosto virado para uma manopla de aço, que arremessava-se violentamente rumo à sua cabeça, mas não a alcançava, e se retirava para se atirar contra Sandy novamente, dava-me o primeiro sentimento familiar de que nossa aventura tinha seu propósito poderosamente energizado e astutamente administrado.

⁸⁰Obra de Richard Wagner (1813 - 1883). É uma ópera que se inicia com um longo prelúdio orquestral imitando o som do sino; Parsifal é personagem central da obra que tem o mesmo nome.

I felt as I watched the dance of the eccentrics and the connecting rods that our ship was getting along famously. I think I detected in Sandy himself a faint contempt for the chap at the upper end of the telegraph. I stayed two hours, and then my shirt was as though I had been overboard; and ascending a greasy and almost perpendicular series of ladders to the upper world, I discovered, from the drag of my feet and the weight of my body, that I had had just as much of an engineer's watch in the tropics as I could stand. There was a burst of cool light. The tumult ceased; and again there was the old "Capella" rocking in the singing seas, for ever under the tranquil clouds. We had stopped again.

"4 Jan. A moderate north-east wind and sea, and a bright morning; but far out a dark cloud formed, and drew, and driving towards us, covered us presently with a blue-black canopy. The warm torrent fell with outrageous violence, and for all we could see of our way the "Capella" might have been in a dense fog. The mosquito curtains were served out to-day, and we amused ourselves draping our bunks. Later, the weather cleared. The night was stiflingly hot; and in that reeking bunk, with an iron bulkhead separating me from the engine room, it was like lying on the shelf of an oven. Though wide open on its catch, the door admitted no air, but did allow a miserable tap-tapping as the ship rolled. At eleven o'clock a pale face floated in the black vacancy of the door, and I could see the Doctor peering in to find if I were awake. 'I say, Purser, I can't sleep. Will you come and have a gossip, old dear?' We went aft in our pyjamas, the Doctor cleared away bottles and things from his settee, and we disembarked from the 'Capella,' visiting other and distant stars, returning to our own again not before three next morning.

Senti, enquanto assistia à dança das manivelas excêntricas e conectadas, que nosso navio estava seguindo adiante ilustremente. Acho que detectei, no próprio Sandy, um leve desprezo pelo sujeito na parte mais alta do telégrafo. Fiquei duas horas ali e, então, minha camisa estava como se eu tivesse sido jogado no mar; e, subindo uma escorregadia e quase perpendicular série de degraus, para o mundo mais alto, descobri, pelo arrastar de meus pés e pelo peso do meu corpo, que tinha recebido exatamente tanto do trabalho do maquinista nos trópicos, quanto podia resistir. Houve uma explosão de luz fresca. O tumulto cessou; e, novamente, havia o *Capella* balançando-se nos mares cantantes, para sempre debaixo das nuvens tranquilas. Tínhamos parado novamente.

"04 de janeiro. Um vento moderado do nordeste, o mar e uma manhã brilhante; mas bem distante uma nuvem escura se formava, crescia e, dirigindo-se para nosso rumo, nos cobriu, nesse momento, com uma abóbada azul-escuro. A corrente quente caiu com violência ultrajante e, de tudo que podíamos ver de nosso caminho, o *Capella* poderia estar em um denso nevoeiro. Os mosquiteiros foram entregues hoje e nos divertimos decorando nossos beliches. Mais tarde o tempo clareou. A noite estava sufocantemente quente; e aquele beliche de cheiro desagradável, com um anteparo de ferro me separando da casa das máquinas, era como estar deitado na grelha de um forno. Embora bem aberta em seu fecho, a porta não admitia nenhum ar, mas permitia uma pancada miserável, quando o navio balançava. Às onze horas, um rosto pálido flutuou na lacuna escura da porta, e pude ver o médico espiando para descobrir se eu estava acordado. "Comissário, não consigo dormir. Vamos sair e bater um papo, meu velho?" Saímos vestidos em nossos pijamas, o médico pegou umas garrafas e outras coisas em seu sofá e desembarcamos do *Capella*, visitando outras estrelas distantes, retornando para a nossa novamente não antes das três da manhã.

"5 Jan. We seem to have got to a dead end of the trade winds. The heat of the forenoon was oppressively humid and dinner was nearly lost through it. The cook, a fair and plump Dutchman, broke down in the midst of his pans, and was carried out to find his breath again. This poor chef is up at four o'clock every morning coffee making; is working in the galley, which is badly ventilated, all day, getting two hours' rest in the early afternoon. Then he goes on till the saloon tea is over; when he begins to bake bread. He fills in his leisure in peeling potatoes.

"All round the horizon motionless and permanent storm clouds are banked. Their forms do not alter, but their colours change with the hours. They seem to encompass us in a circular lake, a range of precipitous and intricately piled Alps, high and massive. Cleaving those steeps of calamitous rocks - for so they looked, and not in the least like vapour - are chasms full of night, and the upper slopes and summits are lucent in amber and pearl. In the south and east the ranges are indigo dark and threatening, and the water between us and that closed country is opaque and heavy as molten lead. Across the peaks of the mountains rest horizontal strata of mist. Some petrels were about to-day. The evening is cool, with a slight head breeze."

After weeks at sea, imprisoned within the walls of the sky, walls which have not opened once to admit another vessel to give the assurance of communion, you begin to doubt your direction and destination, and the possibility of change. Only the clouds change. The ship is no nearer breaking that rigid circle. She cannot escape from her place under the centre of the dome. The most cheering assurance I had was the pulse of the steamer, felt whenever I rested against her warm body. Purposeful life was there, at least. Though the day may have been brazen, and without a hint of progress, and the sea the same empty wilderness, yet when most disheartened in the blind and melancholy night I felt under me the beatings, energetic and insistent, of her lively heart, some of that vitality was communicated,

"05 de janeiro. Parece que alcançamos um beco sem saída dos ventos do comércio. O calor da manhã estava opressivamente úmido e o jantar quase foi perdido por isso. O cozinheiro, um holandês formoso e rechonchudo, desmaiou no meio de suas panelas e foi levado para fora, para recuperar sua respiração de novo. Este pobre *chef* de cozinha está de pé, às quatro de cada manhã, preparando o café; está trabalhando na galé, que é muito mal ventilada, o dia todo, tirando duas horas para descanso no início da tarde. Depois continua, até que o chá do salão seja servido; quando começa a assar pão. Ele preenche seu ócio descascando batatas.

"Tudo em volta do horizonte parado e das nuvens permanentes de tempestade está cercado. Suas formas não se alteram, mas suas cores mudam com as horas. Elas parecem nos incluir em um lago circular, uma extensão de montes íngremes e intrincados dos Alpes, altos e sólidos. Separando aquelas colinas íngremes de rochas calamitosas - porque pareciam, e não em menor parcela, com vapor - estão as fendas cheias de noite, e a parte mais alta dos declives e cumes está reluzente em âmbar e pérola. No sul e no leste, a água entre nós e aquela região fechada está opaca e pesada, como lava derretida. Sobre os picos das montanhas descansa um estrato horizontal de neblina. Alguns petréis estavam em volta hoje. A noite está fria, com uma suave frente de brisa.

Depois de semanas no mar, aprisionado dentro das muralhas do céu, muralhas que não se abriram uma vez para admitir outra embarcação, para dar a garantia da comunhão, começa-se a duvidar de sua direção, do destino e da possibilidade de mudança. Somente as nuvens mudam. O navio não está mais perto de romper aquele círculo fechado. Ele não consegue escapar de seu lugar sob o centro da cúpula. A garantia mais feliz que eu tinha era o pulsar do navio, sentido em qualquer parte que eu descansasse em seu corpo quente. A vida proposital estava ali, pelo menos. Embora o dia estivesse uma brasa e sem uma pista de progresso, e o mar a mesma selva vazia, entretanto, quanto mais desencorajado na noite cega e melancólica, eu sentia debaixo de mim as batidas energéticas e insistentes de seu coração animado, e algo daquela vitalidade era comunicado,

and I got sleep as a child would in the arms of a strong and wakeful guardian.

Poised between two profundities - though nearer the clouds, cirrus and lofty though they are, than the land straight beneath the keel - and with morning and night the only variety in the round, the days flicker by white and black like a magic lantern working without a story. Tired of watching for the fruits of our enterprise I went to sleep. Old Captain Morgan must have lived a dull life, monotonous with adventure. What is the use of travel, I asked myself. The stars are as near to London as they are to the Spanish main. In their planetary journey through the void the passengers at Peckham see as much as their fellows who peer through the windows in Macassar. The sun rises in the east, and the moon is horned; but some of the passengers on the mudball, strangely enough, take their tea without milk. Yet what of that?

In the chart room some days ago I learned we had 8000 fathoms under us. Well; these waves of the tropics, curling over such abysmal deeps, look much the same as the waves off Land's End. I began to see what I had done. I had changed the murk of winter in London for the discomforts of the dog days. I had come thousands of miles to see the thermometer rise. Where are the Spanish Main, the Guianas, and the Brazils? At last I had discovered them. I found their true bearings. They are in Raleigh's "Golden City of Manoa," in Burney's "Buccaneers of America,"

e adormeci como uma criança adormeceria nos braços de um guardião forte e insone.

Equilibrados entre duas profundidades - embora mais perto, as nuvens, cirros imponentes, embora sejam mais do que a terra direta abaixo da quilha, e com manhã e noite, a única variedade no tempo - os dias tremulam entre o branco e o preto, como uma lanterna mágica funcionando sem uma história. Cansado de esperar pelos frutos do nosso empreendimento, fui dormir. O velho capitão Morgan⁸¹ deve ter vivido uma vida entediante, monótona com aventura. Qual é a utilidade da viagem? - perguntei a mim mesmo. As estrelas estão tão perto de Londres, quanto da Espanha Central. Em sua jornada planetária pelo vazio, os passageiros em Peckham⁸² veem tanto quanto seus companheiros, que espiam pelas janelas em Macassar⁸³. O sol nasce no leste, e a lua está com cornos crescentes; mas alguns dos passageiros em cima do barranco lamacento, estranhamente suficientes, tomam café sem leite. Entretanto, por que eu deveria me preocupar?

Na sala de mapas, alguns dias atrás, soube que tínhamos, aproximadamente, 8000 pés de profundidade embaixo de nós. Tudo bem; essas ondas dos trópicos, se enrolando em tais profundezas abissais, parecem as mesmas ondas de Land's End⁸⁴. Comecei a ver o que eu tinha feito. Tinha trocado a escuridão do inverno de Londres pelos desconfortos dos dias de cão. Tinha viajado milhares de milhas para ver o termômetro subir. Onde estão a Espanha Central, as Guianas e o Brasil? Finalmente eu os tinha descoberto. Encontrei suas coordenadas verdadeiras. Estão em *Golden City of Manoa*, de Raleigh⁸⁵; em *Bucanners of America* (Piratas das Américas), de Burney⁸⁶;

81Provavelmente seja Henry Morgan (1635 - 1688); almirante e corsário gaulês. Tornou-se conhecido por suas atividades cruéis na América Espanhola e no Caribe.

82Distrito ao sul da cidade de Londres.

83Cidade da África do Sul.

84Pequena península no extremo sudoeste da Cornualha, no Reino Unido.

85Walter Raleigh (1554 - 1618); navegante, político, poeta e escritor britânico. **The discoverie of the large, rich and beautiful Empire of Guyana with relation of the great and golden city of Manoa which the spaniards call El Dorado**, publicada em Londres em 1595 é sua obra-prima.

86James Burney (1750 - 1821); navegante inglês; membro da Royal Society. **History of Bucaners of America** (1816) é sua obra-prima.

with Drake, Humboldt, Bates, and Wallace; and I had left them all at home. We borrow the light of an observant and imaginative traveller, and see the foreign land bright with his aura; and we think it is the country which shines.

At eight this morning we crossed the equator. I paid my footing in whisky, and forgot all about the equator. Soon after that, idling under the poop awning, I picked up the Doctor's book from his vacant chair. I took the essays of Emerson carelessly and read at once - the sage plainly had laid a trap for me - "Why covet a knowledge of new facts? Day and night, a house and garden, a few books, a few actions, serve as well as all trades and spectacles." So - . At this moment the first mate crossed my light, and presently I heard the sounding machine whirring, and then stop. There was a pause, and then the mate's unimportant voice, "Twenty-five fathoms, sir, grey sand!"

Emerson went sprawling. I stood up. Twenty-five fathoms! Then that grey sand stuck to the tallow of the weight was the first of the Brazils. The circle of waters was still complete about us, but over the bows, at a great distance, were thunder clouds and wild lights. The oceanic swell had decreased to a languid and glassy beat, and the water had become jade green in colour, shot with turquoise gleams. The Skipper, himself interested and almost jolly, announced a pound of tobacco to the first man who spied the coast. We were nearing it at last. Those far clouds canopied the forests of the Amazon. We stood in at slow speed.

com Drake⁸⁷, Humboldt, Bates e Wallace; e eu os tinha deixado todos em casa. Tomamos emprestada a luz de um viajante imaginativo e observador, e vemos a brilhante terra estrangeira com a aura desse viajante; e achamos que é o país que brilha.

Às oito horas dessa manhã cruzamos a linha do equador. Enchi a cara de uísque e esqueci tudo sobre o equador. Logo depois disso, enquanto eu perambulava debaixo do toldo do tombadilho, peguei o livro do médico em uma cadeira desocupada. Peguei os ensaios de Emerson⁸⁸ com cuidado e os li imediatamente - o sábio claramente tinha deixado uma armadilha para mim. "Por que cobiçar um conhecimento de novos fatos? Dia e noite, uma casa e um jardim, alguns livros e algumas atividades servem tão bem quanto todos os negócios e espetáculos". E foi assim... Nesse momento, o primeiro-oficial cruzou minha luz e logo ouvi o barulho das máquinas diminuindo, então paramos. Houve uma pausa e em seguida a voz insignificante do oficial: "Vinte e cinco pés, senhor, areia barrenta"!

Emerson foi esparramado. Fiquei de pé. Vinte e cinco pés! Então aquela areia cinzenta grudada no engordurado da marca d'água do navio era a primeira coisa do Brasil. O círculo de água ainda era completo ao nosso redor, mas, por cima da proa, a uma grande distância, havia nuvens de trovão e luzes violentas. A protuberância oceânica tinha diminuído para um compasso lânguido e vítreo, e a água tinha ficado da cor de jade, lampejada com brilhos de turquesa. O capitão, ele mesmo interessado e um pouco alegre, prometeu uma libra de tabaco para o primeiro homem que avistasse o litoral. Finalmente estávamos nos aproximando. Aquelas nuvens distantes envolviam as florestas da Amazônia. Permanecemos em velocidade reduzida.

⁸⁷Francis Drake (1540 - 1596); navegante, político e corsário inglês da era elizabetana. Sua obra-prima é **The world encompaffed** (Londres - 1628).

⁸⁸Ralph Waldo Emerson (1803 -1882), poeta, conferencista, filósofo e orador nortea-mericano; autor de diversas obras. **Nature** (1836), **Ensaio**s (1844), **Homens representativos** (1850), **A conduta para a vida** (1860), etc.

I know those forests. I mean I have often navigated their obscure waterways, rafting through the wilds on a map, in my slippers, at night. Now those forests soon were to loom on a veritable skyline. I should see them where they stood, their roots in the unfrequented floods. I should see Santa Maria de Belem, its aerial foliage over its shipping and squalor. It was quite near now. I should see Santarem and Obydos, and Ita-coatiara; and then, turning from the King of Rivers to his tributary, the Madeira, follow the Madeira to the San Antonio falls in the heart of the South American continent. We drew over 23 feet, with this "Capella." We were going to try what had never been attempted before by an ocean steamer. This, too, was pioneering. I also was on an adventure, going two thousand miles under those clouds of the equatorial rains, to live for a while in the forests of the Orellana. And our vessel's rigging, so they tell me, sometimes shall drag the foliage in showers on our decks, and where we anchor at night the creatures of the jungle will call.

Our nearness to land stirs up some old dreads in our minds also. We discuss those dreads again, though with more concern than we did at Swansea. Over the bows is now the prelude. We have heard many unsettling legends of yellow fever, malaria, blackwater fever, dysentery, and beri-beri. The mates, looking for land, swear they were fools to come a voyage like this. They ought to have known better.

Conheço aquelas florestas. Quero dizer que frequentemente naveguei seus canais obscuros, viajando pelas regiões de selva em um mapa, calçado em meus chinelos, à noite. Agora aquelas florestas logo estavam aparecendo indistintamente no horizonte genuíno. Eu deveria vê-las onde estão, suas raízes em alagações inconstantes. Eu deveria ver Santa Maria de Belém, sua folhagem aérea em cima do navio em passagens estreitas. Estava quase perto agora. Eu veria Santarém, Óbidos e Itacoatiara; e então, saindo do rei dos rios e entrando em seu tributário, o Madeira, seguiríamos o Madeira rumo à cachoeira de Santo Antônio⁸⁹, no coração do continente sul-americano. Navegávamos com 23 pés de profundidade, com este *Capella*. Tentaríamos o que nunca tinha sido tentado antes com um navio oceânico a vapor. Isso também era pioneiro. Eu também estava na aventura, subindo duas mil milhas, debaixo daquelas nuvens de chuvas equatoriais, para viver durante certo tempo nas florestas de Orellana⁹⁰. E o cordame da nossa embarcação, assim eles me contam, às vezes, deve esfregar as folhagens, dando banhos em nossos conveses e, onde ancorarmos à noite, as criaturas da selva rugirão.

Nossa aproximação da terra desperta antigos medos em nossas mentes também. Discutimos esses medos novamente, embora com mais preocupação do que tínhamos em Swansea. Por toda parte da proa está agora o prelúdio. Temos ouvido muitas histórias incertas sobre febre amarela, malária, febre negra, disenteria e beribéri. Os oficiais, procurando por terra, juram que foram tolos de vir numa viagem como esta. Deveriam ter se informado melhor a esse respeito.

⁸⁹Primeira cachoeira do rio Madeira. Desde 1872, na primeira tentativa para se construir uma ferrovia que possibilitasse superar o trecho encachoeirado do rio Madeira (cerca de 380 km) e dar vazão à borracha produzida na Bolívia e região de Guajará-Mirim, Santo Antônio do Madeira, então província do Mato Grosso, foi a localidade escolhida para construção do porto onde a borracha seria transportada para os navios, seguindo para a Europa e os Estados Unidos da América. Quando H. M. Tomlinson viajou para a Amazônia, entretanto, Porto Velho, situado a 07 km abaixo do povoado de Santo Antônio, era o ponto inicial da EFMM; é exatamente neste ponto ferroviário que nasceu a cidade de Porto Velho.

⁹⁰Francisco de Orellana (1511-1543), primeiro navegante a descer o rio Amazonas, de Quito (Peru), ao oceano Atlântico, em 1541-1542. Ver, a propósito, **Os conquistadores do Amazonas: quatro séculos de exploração e aventura no maior rio do mundo**, de Anthony Smith. Trad. Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Editora Best Seller, 1990. Ver o filme **A cólera dos deuses**.

The Doctor, who does not always smile when he is amused, advises us not to buy a white sun umbrella at Para, but a black one; then it will do for the funerals.

"Land O!" That was the Skipper's own perfunctory cry. He had saved his pound of tobacco. It was two in the afternoon. There was America. I rediscovered it with some difficulty. All I could see was a mere local thickening of the horizon, as though the pen which drew the faint line dividing the world ahead into an upper and a nether opalescence had run a little freely at one point. That thickening of the horizon was the island of Monjui. Soon, though, there was a palpable something athwart our course. The skyline heightened into a bluish barrier, which, as we approached still nearer, broke into sections. The chart showed that a series of low wooded islands skirted the mainland. Yet it was hard to believe we were approaching land again. What showed as land was of too unsubstantial a quality, too thin and broken a rind on that vast area of water to be of any use as a foothold. Where luminous sky was behind an island groups of diminutive palms showed, as tiny and distinct as the forms of mildew under a magnifying glass, delicate black pencillings along the foot of the skywall. Often that hairlike tracery seemed to rest upon the sea. The "Capella" continued to stand in, till America was more than a frail and tinted illusion which sometimes faded the more the eye sought it. Presently it cast reflections. The islands grew into cobalt layers, with vistas of silver water between them, giving them body. The course was changed to west, and we cruised along for Atalaia point, towards the pilot station. Over the thin and futile rind of land which topped the sea - it might have undulated on the low swell - ponderous thunder clouds towered, continents of night in the sky, with translucent areas dividing them which were strangely illuminated from the hither side. Curtains as black as bitumen draped to the waters from great heights.

O médico, que nem sempre sorri quando está entretido, nos adverte para não comprarmos um guarda-chuva branco no Pará, mas um preto; pois servirá para os funerais.

"Terra à vista"! Este foi o grito perfunctório do próprio capitão. Ele salvou sua libra de tabaco. Eram duas da tarde. Ali estava a América. Eu a redescobria com alguma dificuldade. E tudo que eu podia ver era uma simples espessura local do horizonte, como se a caneta que desenhara a frágil linha, dividindo o mundo adiante em uma opalescência superior e inferior, tivesse deslizado um pouco livremente em um ponto. Aquela espessura do horizonte era a ilha de Monjui. Depois, entretanto, havia algo palpável a estibordo de nosso curso. O horizonte aumentava em uma barreira azul-claro que, quando nos aproximamos um pouco mais, se rompeu em partes. O mapa mostrava que uma série de ilhas de mata baixa circundava a terra firme. Todavia, era difícil acreditar que estávamos nos aproximando de terra novamente. O que se mostrava como terra era de qualidade tão insubstancial, uma crosta muito fina e quebradiça naquela vastidão de água, para servir de qualquer base e apoio para os pés. Onde um céu luminoso, que estava por trás de um grupo de ilhas de pequenas palmeiras, mostrava, tão pequenos e nítidos quanto as formas de mofo debaixo de um espelho magnífico, traços de lápis preto ao longo da linha do horizonte. Frequentemente, aquela moldura semelhante a cabelos parecia descansar sobre o mar. O *Capella* continuou aproximando-se até que a América se tornasse mais do que uma ilusão tingida e delicada que, às vezes, empalidecia, quanto mais o olho procurava ver. Logo lançou reflexos. As ilhas aumentaram em placas de cobalto, com vistas de água prateada entre elas, dando-lhes forma. O curso foi mudado para oeste e navegamos no rumo do Atalaia, no sentido do local do vigia. Por cima da crosta fina e frágil de terra que subia do mar - que podia ter ondulado sobre a baixa protuberância - poderosas nuvens de trovão se erguiam, continentes de noite no céu, com áreas reluzentes dividindo-as, e eram estranhamente iluminadas do lado. Cortinas tão negras quanto betume cobriam, de grandes alturas, as águas.

Two of these appalling curtains, trailing over America, were a little withdrawn. We could look beyond them to a diminishing array of glowing cloud summits, as if we saw there an accidental revelation of a secret and wonderful region with a sun of its own. And all, gigantic clouds, the sea, the far and frail coast, were serene and still. The air had ceased to breathe. I thought this new lucent world we had found might prove but a lucky dream after all, to be seen but not to be entered, and that some noise would presently shatter it and wake me. But we came alongside the white pilot schooner, and the pilot put off in a boat manned by such a crowd of grinning, ragged, and cinnamon skinned pirates as would have broken the fragile wonder of any spell. Ours, though, did not break, and I was able to believe we had arrived. At sunset the great clouds were full of explosions of electric fire, and there were momentary revelations above us of huge impending shapes. We went slowly over a lower world obscurely lighted by phosphorescent waves.

It was not easy to make out, before sunrise, what it was we had come to. I saw a phantom and indeterminate country; but as though we guessed it was suspicious and observant, and its stillness a device, we moved forward slowly and noiselessly, as a thief at an entrance. Low level cliffs were near to either beam. The cliffs might have been the dense residuum of the night. The night had been precipitated from the sky, which was clearing and brightening. Our steamer was between banks of these iron shades.

Suddenly the sunrise ran a long band of glowing saffron over the shadow to port, and the vague summit became remarkable with a parapet of black filigree, crowns and fronds of palms and strange trees showing in rigid patterns of ebony. A faint air then moved from off shore as though under the impulse of the pouring light. It was heated and humid, and bore a curious odour, at once foreign and familiar, the smell of damp earth, but not of the earth I knew, and of vegetation,

Duas dessas cortinas apavorantes, se arrastando por cima da América, estavam um pouco puxadas para trás. Podíamos olhar para além delas para um grupo reduzido de nuvens de cumes brilhantes, como se víssemos ali uma revelação acidental de uma região secreta e maravilhosa com o seu próprio sol. E tudo, nuvens gigantes, o mar e a margem tênue e distante estava sereno e tranquilo. O ar tinha parado de respirar. Pensei que esse mundo reluzente, que tínhamos descoberto, pudesse provar um sonho feliz, apesar de tudo, e ser visto, mas não para ser entrado, e que algum barulho logo iria despedaçá-lo e me acordar. Mas viemos na escuna do piloto branco; e o piloto se retiraria em um barco dirigido por um grupo de piratas maliciosos, esfarrapados e de pele cor de canela, quando tivesse desfeito a imaginação frágil de um encanto. O nosso, entretanto, não se desfez, e eu fui capaz de acreditar que tínhamos chegado. Ao pôr do sol, as grandes nuvens estavam cheias de explosões de fogo elétrico, e houve revelações momentâneas de enormes formas iminentes em cima de nós. Olhávamos e examinávamos um mundo inferior, iluminado sombriamente por ondas fosforescentes.

Antes do nascer do sol, não era fácil perceber para onde tínhamos vindo. Eu via um país fantasmagórico e indeterminado, mas como pensávamos que era auspicioso e observável e sua tranquilidade um conselho, navegávamos adiante lentamente e em silêncio, como um ladrão numa entrada. Penhascos baixos estavam próximos uns dos outros de cada lado do navio. Os penhascos podiam ser o resíduo da noite. A noite tinha se precipitado do céu, que estava límpido e resplandecente. Nosso navio estava entre as barreiras dessas sombras de ferro.

De repente o raiar do dia deixou uma faixa extensa de açafrão brilhante na sombra a bombordo, e o cume vago ficou notável com um parapeito de filigrana, coroas e folhas de palmeiras e árvores desconhecidas se mostrando em modelos rígidos de ébano. Um suave ar então moveu-se da margem do rio, como se sob o impulso da luz que se derramava. Estava quente e úmido, e exalava um odor curioso, completamente estrangeiro e familiar, o cheiro de terra úmida, mas não da terra que eu conhecia, e de vegetação,

but of vegetation exotic and wild. For a time it puzzled me that I knew the smell; and then I remembered where we had met before. It was in the palm house at Kew Gardens. At Kew that odour once made a deeper impression on me than the extraordinary vegetation itself, for as a boy I thought that I inhaled the very spirit of the tropics of which it was born. After the first minute on the Para River that smell went, and I never noticed it again.

Full day came quickly to show me the reality of one of my early visions, and I suppose I may not expect many more such minutes as I spent when watching from the "Capella's" bridge the forest of the Amazon take shape. It was soon over. The morning light brimmed at the forest top, and spilled into the river. The channel filled with sunshine. There it was then. In the northern cliff I could see even the boughs and trunks; they were veins of silver in a mass of solid chrysolite. This forest had not the rounded and dull verdure of our own woods in midsummer, with deep bays of shadow. It was a sheer front, uniform, shadowless, and astonishingly vivid. I thought then the appearance of the forest was but a local feature, and so gazed at it for what it would show me next. It had nothing else to show me. Clumps of palms threw their fronds above the forest roof in some places, or a giant exogen raised a dome; but that was all. Those strong characters in the growth were seen only in passing. They did not change the outlook ahead of converging lines of level green heights rising directly from a brownish flood.

Occasionally the river narrowed, or we passed close to one wall, and then we could see the texture of the forest surface, the microstructure of the cliff, though we could never look into it for more than a few yards, except where, in some places, habitations were thrust into the base of the woods, as in lower caverns.

mas de vegetação exótica e selvagem. Durante certo tempo fiquei confuso se conhecia aquele cheiro; e então me lembrei onde o tínhamos encontrado antes. Tinha sido na *Palm House*⁹¹, no jardim botânico de Kew. Em Kew, aquele odor, uma vez deixou uma impressão mais profunda em mim do que a própria vegetação extraordinária; porque como um garoto, eu pensava que inalava o próprio espírito dos trópicos do qual ele nascia. Depois do primeiro minuto no rio Pará, aquele cheiro desapareceu e nunca mais o senti novamente.

O dia completo chegou rapidamente para me mostrar a realidade de uma das minhas primeiras visões, e suponho que não se possa esperar muito, por mais semelhantes minutos, a floresta da Amazônia tomar forma, tanto quanto gastei olhando da ponte de comando do *Capella*. Logo o cheiro se foi. A luz da manhã margeava a copa das árvores e derramava-se dentro do rio. O canal se enchia com o brilho do sol. Ali estava ela então. No penhasco do norte, eu podia, de fato, ver os galhos e os troncos; eram veias de prata numa massa de crisólito sólido. Essa floresta não tinha o verdor completo e escuro de nossos próprios bosques no verão, com baías profundas de sombra. Era uma frente absoluta, uniforme, sem sombra, e espantosamente viva. Pensei então que a aparência da floresta fosse uma característica local e, portanto, a observava esperando pelo que me seria mostrado em seguida. Não tinha nada para me mostrar. Moitas de palmeiras atiravam suas folhas por cima da copa das árvores em alguns lugares, ou uma árvore erguia uma copa; mas isso era tudo. Esses estranhos personagens em crescimento eram vistos somente no decorrer da viagem. Eles não alteravam o ponto de vista adiante de linhas convergentes de alturas verdes, erguendo-se diretamente de uma inundação levemente marrom.

Ocasionalmente, o rio se estreitava, ou passávamos perto de uma paliçada e, em seguida, podíamos ver a textura da superfície da floresta, a microestrutura do penhasco, embora nunca pudéssemos olhar para dentro dela mais do que alguns metros, exceto onde, em alguns lugares, habitações estavam enfiadas no pé das árvores, como que em cavernas mais baixas.

⁹¹Uma das estufas do Jardim Botânico Real de Kew, em Londres.

An exuberant wealth of forms built up that forest which as so featureless from a little distance. The numerous palm gave grace and life to the façade, for their plumes flung in noble arcs from tall and slender columns, or sprayed directly from the ground in emerald fountains. The rest was inextricable confusion. Vines looped across the front of green, binding the forest with cordage, and the roots of epiphytes dropped from upper boughs, like hanks of twine.

In some places the river widened into lagoons, and we seemed to be in a maze of islands. Canoes shot across the waterways, and river schooners, shaped very like junks, with high poops and blue and red sails, were diminished beneath the verdure, betraying the great height of the woods. Because of its longitudinal extension, fining down to a point in the distance, the elevation of the forest, when uncontrasted, looked much less than it really was. The scene was so luminous, still, and voiceless, it was so like a radiant mirage, or a vivid remembrance of an emotional dream got from books read and read again, that only the unquestionable verity of our iron steamer, present with her smoke and prosaic gear, convinced me that what was outside us was there. Across a hatch a large butterfly hovered and flickered like a flame. Dragon flies were suspended invisibly over our awning, jewels in shimmering enamels.

We anchored just before breakfast, and a small launch flying a large Brazilian flag was soon fussing at our gangway. The Brazilian customs men boarded us, and the official who was left in charge to overlook the "Capella" while we remained was a tall and majestic Latin with dark eyes of such nobility and brooding melancholy that it never occurred to me that our doctor, who has travelled much, was other than a fellow with a dull Anglo-Saxon mind when he removed some loose property to his cabin and locked his door, before he went ashore. So I left my field glasses on the ice-chest;

Uma riqueza exuberante de formas enriquecia aquela floresta, tão sem característica de uma pequena distância. As inúmeras palmeiras davam graça e vida à fachada, porque suas plumas lançavam-se de colunas altas e esbeltas em arcos nobres, ou se esparramavam do solo em fontes de esmeraldas. O resto era uma confusão inextricável. Trepadeiras por cima da frente verde amarrando a floresta com cipó, e as raízes dos epífitos caíam de galhos mais altos, como fios de barbantes retorcidos.

Em alguns lugares o rio se ampliava dentro de lagoas e parecia que estávamos em um labirinto de ilhas. Canoas atravessavam os canais; e as escunas de rio, muito parecidas com sucatas, com popas altas e velas vermelhas e azuis ficavam diminuídas debaixo do verdor, traindo a formidável altura das árvores. Devido à sua extensão longitudinal, se tornando mais fina à distância, a elevação da floresta, quando indiferenciada, parecia muito menos do que realmente era. A cena era tão luminosa, tranquila e silenciosa, que era tão parecida com uma miragem radiante, ou uma lembrança viva de um sonho emocionante tirado dos livros lidos e relidos novamente, que somente a verdade inquestionável de nosso vapor de ferro, presente com sua fumaça e engrenagem prosaica, convencia-me de que o que era exterior a nós realmente estava ali. Em cima de uma escotilha uma borboleta grande pairou e tremulou como uma chama. Libélulas estavam suspensas invisivelmente em cima de nosso toldo, joias de esmaltes cintilantes.

Ancoramos exatamente antes do desjejum, e uma lanchinha, ostentando uma bandeira brasileira, logo estava importunando em nossa prancha. Homens da alfândega brasileira subiram a bordo, e um oficial, que fora incumbido da tarefa de inspecionar o *Capella* enquanto permanecêssemos ali, era um latino alto e majestoso, com olhos escuros de tal nobreza e melancolia familiar que nunca me ocorreu que nosso médico, que tem viajado bastante, fosse mais do que um sujeito com uma mente anglo-saxônica estúpida, quando levou alguns objetos para seu camarote e trancou a porta antes de desembarcar. Então deixei meus binóculos em cima da caixa de gelo;

and that was the last I saw of them. Yet that fellow had such lovely hair, as the ladies would say, and his smile and his courtesy were fit for kings. He carried a scented pink handkerchief and wore patent leather boots. Our surgeon had but a faint laugh when these explanations were made to him, taking my hand fondly, and saying he loved little children.

Para, a flat congestion of white buildings and red roofs in the sun, was about a mile beyond our anchorage, over the port bow; and as its name has been to me one that had the appeal of the world not ours, like Tripoli of Barbary, Macassar, the Marquesas, and the Rio Madre de Dios, the agent's launch, as it took us towards the small craft lying immediately before the front of that spread of houses between the river and the forest, was so momentous an occasion that the small talk of the dainty Englishmen in linen suits, a gossiping group around the agent and the Skipper, hardly came into the picture, to my mind. The launch rudely hustled through a cluster of gaily painted native boats, the dingiest of them bearing some sonorous name, and I landed in Brazil.

There was an esplanade, shadowed by an avenue of mangoes. We crossed that, and went along hot narrow streets, by blotched and shabby walls, to the office to which our ship was consigned. We met a fisherman carrying a large turtle by a flipper. We came to a dim cool warehouse. There, some negroes and half-breeds were lazily hauling packages in the shadows. It had an office railed off where a few English clerks, in immaculate white, overlooked a staff of natives.

e essa foi a última vez que os vi. Entretanto, aquele sujeito tinha um cabelo tão adorável, como diriam as damas, e seu sorriso e sua cortesia eram adequados para reis. Ele carregava um lenço rosa perfumado e usava botas de couro autêntico. Nosso cirurgião deu apenas um sorriso amarelo, quando essas explicações foram dadas a ele, pegando minha mão afetuosamente e dizendo que adorava criancinhas.

O Pará⁹², um congestionamento estendido de edifícios brancos e telhados vermelhos sob o sol, estava aproximadamente a uma milha de nosso ancoradouro, na proa a bombordo; e como o seu nome tem sido para mim um daqueles que tinha o apelo do mundo que não era nosso, como Trípoli de Barbary⁹³, Macassar, as Marquesas⁹⁴ e o rio Madre de Dios⁹⁵, a lancha do agente, enquanto nos levava adiante, a embarcaçõzinha, parando imediatamente diante da frente daquela difusão de casas entre o rio e a floresta, era uma ocasião tão importante, que a rápida conversa do inglês elegante em terno de linho, um grupo de curiosos em volta do agente e do capitão, dificilmente estavam na cena em minha mente. De modo brusco, a lancha passou apressada em meio a uma quantidade de barcos nativos pintados vistosamente, os menores carregando alguns nomes sonoros, e desembarquei no Brasil.

Havia uma esplanada sombreada por uma avenida de mangueiras. Cruzamos a avenida e seguimos adiante pelas ruas estreitas e quentes, com muros irregulares e desgastados, para o escritório ao qual nosso navio estava consignado. Encontramos um pescador carregando uma tartaruga agarrado a uma de suas barbatanas. Chegamos a um armazém escuro e frio. Ali, de um jeito indolente, alguns negros e mestiços estavam arrastando mercadorias nas sombras. Havia um escritório separado por grades, onde alguns funcionários ingleses, vestidos de um branco imaculado, inspecionavam um grupo de nativos.

92A cidade de Santa Maria de Belém originou-se da construção portuguesa do Forte do Presépio (1616). Porém, o lugar ainda é conhecido, confusamente, por Pará ou Belém do Pará.

93 Trípoli é a capital da Líbia; porto marítimo e principal centro industrial da região.

94 Ilhas da Polinésia, na Oceania.

95 Rio que nasce nos Andes peruanos; é chamado Beni, na Bolívia e Madeira, no Brasil.

The warehouse had a strange and memorable odour, evasive, sweet, and pungent, as barbaric a note as I found in Para, and I understood at once I had come to a place where there were things I did not know. I felt almost timorous and yet compelled when I sniffed at those shadows; though what the eye saw in the squalid streets of the riverside, where brown folk stood regarding us carelessly from openings in the walls, I had thought no more than a little interesting.

What length of time we should have in Belem was uncertain, but presently the Skipper, looking most morose, came away from his discussion with the agent and told us, at some length, what he thought of people who kept a ship waiting because of a few unimportant papers. Then he mumbled, very reluctantly, that we had plenty of time to see all Para. The Doctor and I were out of that office before the Skipper had time to change his mind. Our captain is a very excellent master mariner, but occasionally he likes to test the security of his absolute autocracy, to see if it is still sound. I never knew it when it was not; but yet he must, to assure himself of a certainty, or to exercise some devilish choler in his nature, sometimes beat our poor weak bodies against the adamant thing, to see which first will break. I will say for him that he is always polite when handing back to us our bruised fragments. Here he was giving us a day's freedom, and one's first city of the tropics in which to spend it; and we agreed with him that such a waste of time was almost unbearable, and left hurriedly.

Outside the office was a small public square where grew palms which ran flexible boles, swaying with the weight of their crowns, clear above the surrounding buildings, shadowing them except in one place, where the front of a ruinous church showed, topped by a crucifix. The church, a white and dilapidated structure, was hoary with ficus and other plants which grew from ledges and crevices. Through the crowns of the palms the sunlight fell in dazzling lathes and partitions, chequering the stones. An ox-cart stood beneath.

O armazém tinha um cheiro estranho e memorável, evasivo, doce, e pungente, uma nota tão bárbara quanto encontrei no Pará, e entendi de repente que tinha ido para um lugar onde havia coisas que eu não conhecia. Fiquei um pouco desconfiado, entretanto persuadido, quando eu o respirei naquelas sombras; embora o que o olho visse nas ruas estreitas do lado do rio, onde pessoas morenas permaneciam nos olhando, sem qualquer cuidado, das aberturas nas paredes, eu tivesse achado não mais do que um pouquinho interessante.

Era incerto quanto tempo ficaríamos em Belém; mas, nesse momento, o capitão, parecendo muito mais moroso, saiu de sua discussão com o agente e nos disse, de uma certa distância, o que pensava de um povo que deixava um navio esperando por causa de alguns documentos insignificantes. Então resmungou muito relutantemente que tínhamos tempo suficiente para ver todo o Pará. O médico e eu saímos daquele escritório antes que o capitão mudasse de ideia. Nosso capitão é um excelente mestre marítimo, mas, de vez em quando, gosta de testar a segurança de sua absoluta autocracia para ver se ainda funciona. Eu nunca sabia quando não era isso; entretanto, para se assegurar de uma certeza, ou para exercitar alguma raiva demoníaca de sua natureza, algumas vezes ele deve bater nossos pobres e frágeis corpos contra a coisa inflexível, para ver quem cederá primeiro. Dir-lhe-ei que ele é sempre polido, quando devolvendo nossos fragmentos feridos. Ali ele estava nos dando um dia de folga e a primeira cidade dos trópicos em que gastá-lo, e concordávamos com ele que tal perda de tempo era quase insuportável, e saímos apressados.

Do lado de fora do escritório havia uma pracinha pública onde palmeiras crescidas, que tinham troncos flexíveis, balançavam-se com o peso de suas copas no clarão acima dos edifícios em volta, sombreando-os, exceto em um lugar, onde a frente de uma igreja se mostrava em ruína, superada por um crucifixo. A igreja, uma estrutura branca e dilapidada, estava desgastada com embaúbas e outras plantas que cresciam nos parapeitos e fendas. Por entre as copas das palmeiras, o sol caía em fatias e partições deslumbrantes cobrindo as pedras. Uma carroça de boi estava parada embaixo.

The Paraenses, passing by at a lazy gait - which I was soon compelled to imitate - in the heat, were puzzling folk to one used to the features of a race of pure blood, like ourselves. Portuguese, negro, and Indian were there, but rarely a true type of one. Except where the black was the predominant factor the men were impoverished bodies, sallow, meagre, and listless; though there were some brown and brawny ruffians by the foreshore. But the women often were very showy creatures, certainly indolent in movement, but not listless, and built in notable curves. They were usually of a richer colour than their mates, and moved as though their blood were of a quicker temper. They had slow and insolent eyes. The Indian has given them the black hair and brown skin, the negro the figure, and Portugal their features and eyes. Of course, the ladies of Para society, boasting their straight Portuguese descent, are not included in this insulting description; and I do not think I saw them. Unless, indeed, they were the ladies who boldly eyed us in the fashionable Para hotel, where we lunched, at a great price, off imported potatoes, tinned peas, and beef which in England would be sold to a glue factory; I mean the women in those Parisian costumes erring something on the sides of emphasis, and whose remarkable pallor was even a little greenish in the throat shadows.

After lunch some disappointment and irresolution crept into our holiday. . . There had been a time - but that was when Para was only in a book; that was when its mere printed name was to me a token of the tropics. You know the place I mean.

Os paraenses, passando ao largo com um jeito preguiçoso, que logo fui impelido a imitar, no calor, eram pessoas enigmáticas para alguém acostumado com as características de uma raça de sangue puro, como nós ingleses. O português, o negro e o indígena estavam ali, mas raramente um tipo fiel de alguém. Exceto onde o negro era o fator predominante, os homens tinham o corpo empobrecido, pálido, frágil e apático, embora houvesse alguns arruaceiros morenos e musculosos na faixa litorânea⁹⁶. Mas as mulheres eram, frequentemente, criaturas muito aparatosas, certamente indolentes em movimentos, mas não apáticas, e construídas em curvas notáveis. Geralmente eram de uma cor mais rica do que a de seus companheiros, e moviam-se como se seu sangue fosse de um temperamento mais forte. Tinham olhos lentos e insolentes. O indígena lhes deu o cabelo preto e a pele morena, o negro lhes deu a estatura, e os portugueses suas características físicas e olhos. Lógico, as damas da sociedade do Pará, ostentando sua ascendência portuguesa, não estão inclusas nesta descrição insultante; e não acho que as vi. A menos que, de fato, sejam as damas que nos olharam audaciosamente no moderno hotel do Pará, onde almoçamos, a um alto preço, batatas importadas, ervilhas enlatadas e carne que, na Inglaterra, seria vendida para uma fábrica de cola; quero dizer que as mulheres desses costumes parisienses estavam se enganando de algo sobre o lado da ênfase, e cuja palidez extraordinária estava levemente esverdeada mesmo nas passagens estreitas das sombras.

Depois do almoço, alguns desapontamentos e irresoluções arrastaram-se para o nosso feriado. Houve um tempo - mas isso era quando o Pará estava somente num livro; que era quando seu simples nome impresso era um símbolo dos trópicos para mim. Sabe-se o lugar ao qual me refiro.

⁹⁶Observe-se nesta representação que o mito da pureza racial parece orientar o olhar do viajante. É assim que, inicialmente, embalado pelo discurso classificatório do **Sistema da Natureza**, de Carl Linné, o viajante situa o nativo entre essas categorias antropomórficas determinadas pelo contexto histórico-social da época. Porém, a cada linha, o narrador tornar-se-á mais maleável, maior, sublime que, de acordo com Longino, “é o eco da grandeza de alma”. Para Thomas Weiskel, via Longino, sublime é “a alma do corpo retórico”. Ver **O sublime romântico: estudos sobre a estrutura e psicologia da transcendência**. Trad. Patrícia Flores da Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

You can picture it. Paths that go at noon but a little way into the jungle which overshadows an isolated community of strange but kindly folk, paths that end in a twilight stillness; ardent hues, flowers of vanilla, warm rain, a luscious and generative earth, fireflies in the scented dusk of gardens; and mystery - every outlook disappearing in the dark of the unknown.

Well, here I was, placed by the ordinary moves of circumstance in the very place the name of which once had been to me like a chord of that music none hears but oneself. I stood in Para, outside a picture postcard shop. Electric cars were bumping down a narrow street. The glitter of a cheap jeweller's was next to the stationer's; and on the other side was a vendor of American and Parisian boots. There have been changes in Para since Bates wrote his idylls of the forest. We two travellers, after ordering some red earthenware chatties, went to find Bates' village of Nazareth. In 1850 it was a mile from the town. It is part of the town now, and an electric tram took us there, a tram which drove vultures off the line as it bumped along. The heat was a serious burden. The many dogs, which found energy enough to limp out of the way of the car only when at the point of death, were thin and diseased, and most unfortunate to our nice eyes. The Brazilian men of better quality we passed were dressed in black cloth suits, and one mocked the equator with a silk hat and yellow boots. I set down these things as the tram showed them. The evident pride and hauteur, too, of these Latins, was a surprise to one of a stronger race. We stopped at a street corner, and this was Nazareth.

Pode-se pintá-lo. Trilhas que seguem, ao meio-dia, um pequeno caminho dentro da selva, que lançam sombras em uma isolada comunidade de estranhos, mas pessoas bondosas; trilhas que terminam no silêncio do crepúsculo; colorações ardentes, flores de baunilha, chuva quente, uma terra fértil e agradável, vaga-lumes no crepúsculo perfumado dos jardins; e mistério - cada probabilidade desaparecendo na escuridão do desconhecido.

Bem, ali eu estava, colocado pelos movimentos extraordinários das circunstâncias, no lugar exato do nome que uma vez tinha sido para mim como um acorde musical daquela música que ninguém ouve, somente você. Fiquei no Pará como que fora da imagem de um cartão postal. Carros elétricos solavancavam descendo uma rua estreita. O brilho de um joalheiro barato estava ao lado de uma papelaria; e, do outro lado, havia um vendedor de botas americanas e parisienses. Houve mudanças no Pará desde que Bates escreveu suas cenas idílicas da floresta. Nós dois viajantes, depois de algumas tagarelices sobre vasos de cerâmica, seguimos adiante para encontrarmos Nazaré, a vila de Bates. Em 1850, a vila ficava a uma milha da cidade. É parte da cidade agora; e um bonde elétrico nos levou até lá, um bonde que espantava urubus da linha, enquanto solavancava adiante. O calor era uma séria dificuldade. Muitos cachorros, que encontravam energia suficiente para sair do caminho do carro, quando a ponto de morte, estavam magros e doentes, e muito mais infelizes para nossos olhos cuidadosos. Os brasileiros de melhor qualidade, que encontramos enquanto passávamos, estavam vestidos de terno preto, e um deles zombava do equador, com um chapéu de seda e botas amarelas. Tomei nota dessas coisas como o bonde as mostrava. O orgulho evidente e arrogante, também, desses latinos, era uma surpresa para alguém de uma raça mais forte⁹⁷. Paramos na esquina de uma rua e esta era a vila Nazaré.

⁹⁷Essa representação a respeito das raças, como outras, revela, como diz Bhabha, "o locus de enunciação do narrador (...); um lócus atravessado por toda gama heterogênea das ideologias e valores sócio-culturais que constituem qualquer sujeito". Ver, a propósito, **O local da cultura**, de Homi Bhabha.

Bates' pleasant hamlet is now the place of Para's fashionable homes - pleasant still, though the overhead tram cables, and the electric light standards which interrupt the avenues of trees, place you there, now your own turn comes to look for the romance of the tropics, in another century. But the villas are in heliotrope, primrose, azure, and rose, bowered in extravagant arbours of papaws mangoes, bananas, and palms, with shrubberies beneath of feathery mimosas, and cassias with orange and crimson blooms. And my last walk ashore was in Swansea High Street in the winter rain! From Nazareth's main street the side turnings go down to the forest. For, in spite of its quays, its steamers, and its electric trains, Para is but built in a larger clearing of the wilderness. The jungle stood at the bottom of all suburban streets, a definite city wall. The spontaneity and savage freedom of the plant life in this land of alternate hot sun and warm showers at last blurred and made insignificant to me the men who braved it in silk hats and broadcloth there, and the trains, and the jewellers, shops, for my experience of vegetation was got on my knees in a London suburb, praying things to come out of the cold mud. Here, I began to suspect, they besieged us, quick and turbulent, an exhaustible army, ready to reconquer the foothold man had hardly won, and to obliterate his works.

We passed through by-ways, where naked brown babies played before the doors. We happened upon the cathedral, and went on to the little dock where native vessels rested on garbage, the tide being out. Vultures pulled at stuff beneath the bilges. The crews, more Indian than anything, and men of better body than the sallow fellows in the town, sprawled on the hot stones of the quays and about the decks. There was a huge negress, arms akimbo, a shapeless monument in black indiarubber draped in cotton print, who talked loudly with a red boneless mouth

O vilarejo agradável de Bates é agora o lugar das casas da moda no Pará - ainda agradável, apesar de os cabos do bonde por toda parte e os padrões das luzes elétricas, que interrompem as avenidas de árvores, o colocarem ali, e agora chegou sua vez de procurar o romance dos trópicos, em outro século. Mas essas casas de campo estão em meio a girassois, margaridas azul-celeste, e rosas, cercadas por copas extravagantes de mamoeiros, mangueiras, bananeiras e palmeiras com moitas de azaléias debaixo de pés de mimosas enfolhadas, e acácias com flores laranjas e carmesim. E minha última caminhada em terra tinha sido na High Street, em Swansea, na chuva de inverno! Da rua principal de Nazaré, o caminho desce para a floresta. Porque, apesar de seu cais, de seus navios e dos bondes elétricos, o Pará está construído em uma grande clareira na selva. A selva se detinha no fim de todas as ruas suburbanas, uma muralha definitiva da cidade. A espontaneidade e a liberdade selvagem da vida vegetal, nesta terra de sol e banhos quentes alternados, finalmente obscureceram e tornaram insignificantes, para mim, os homens que a desbravaram, em chapéus de seda e roupas largas ali, e os bondes, e os joalheiros, porque minha experiência de vegetação tinha sido adquirida sobre meus joelhos, em um subúrbio de Londres, rezando para as coisas brotarem na lama fria. Ali comecei a suspeitar que elas nos assediavam, rápidas e turbulentas, um exército incansável, pronto para reconquistar a base que o homem conquistara com dificuldade, e pronto para obliterar o trabalho dos desbravadores.

Passamos por alguns atalhos onde crianças morenas e nuas brincavam na frente das casas. Encontramos, por acaso, a catedral, e seguimos em frente, rumo ao pequeno cais, onde embarcações nativas estavam atracadas em meio ao lixo; a maré estava distante. Urubus puxavam restos do porão das embarcações. As tripulações, mais indígenas do que qualquer coisa, e homens de corpo melhor do que os indivíduos pálidos na cidade, estavam deitados nas pedras quentes do cais e em volta dos conveses. Havia uma negra enorme, com as mãos na cintura, um monumento disforme em meio a borrachas escuras espalhadas em cima de uma lona, que falava barulhentemente com uma boca vermelha desossada,

to two disregarding Indians sitting with their backs to a wall. She had a rabbit's foot, mounted in silver, hanging between her dugs. The schooners, ranged in an arcade, were rigged for lateen sails, very like Mediterranean craft. The forest was a narrow neutral tinted ribbon far beyond. The sky was blue, the texture of porcelain. The river was yellow. And I was grievously disappointed; yet if you put it to me I cannot say why. There was something missing, and I don't know what. There was something I could not find; but as it is too intangible a matter for me to describe even now, you may say, if you like, that the fault was with me, and not with Para. We stood in a shady place, and the doctor, looking down at his hand, suddenly struck it. "Let us go," he said. He showed me the corpse of a mosquito. "Have you ever seen the yellow fever chap?" the Doctor asked. "That is he." We left.

Near the agent's office we met an English shipping clerk, and he took us into a drink shop, and sat us at a marble-topped table having gilded iron legs, and called for gin tonics. We began to tell him what we thought of Para. It did not seem much of a place. It was neither here nor there.

He was a pallid fellow with a contemplative smile, and with weary eyes and tired movements. "I know all that," he said. "It's a bit of a hole. Still - You'd be surprised. There's a lot here you don't see at first. It's big. All out there - he waved his arm west inclusively - it's a world with no light yet. You get lost in it. But you're going up. You'll see. The other end of the forest is as far from the people in the streets here as London is - it's farther - and they know no more about it. I was like you when I first came. I gave the place a week, and then reckoned I knew it near enough. Now, I'm - well, I'm half afraid of it... not afraid of anything I can see... I don't know. There's something dam strange about it. Something you never can find out. It's something that's been here since the beginning, and it's too big and strong for us. It waits its time.

com dois indígenas desatenciosos, sentados com as costas num muro. Ela tinha um pé de coelho, emoldurado de prata, dependurado entre os seios. As escunas, enfileiradas numa arcada, eram providas de velas retangulares, exatamente como as embarcações do Mediterrâneo. A floresta do outro lado do rio era uma estreita fita indistinta ao longe. O céu estava azul, a textura de porcelana. O rio era barrento. E eu estava penosamente desapontado; entretanto, se me perguntar, eu não sei o porquê. Alguma coisa estava faltando; e eu não sei o quê. Havia algo que eu não conseguia encontrar; mas, como é um problema tão intangível para eu descrever mesmo agora, pode-se dizer, se quiser, que a falta estava em mim, e não no Pará. Ficamos parados num lugar sombrio, e o médico, olhando para sua mão, bateu nela repentinamente. "Vamos" - ele disse. E mostrou-me um mosquito morto. "Já viu a febre amarela, rapaz?" - perguntou o médico. "Isto é ela". E seguimos em frente.

Perto do escritório do agente, encontramos um funcionário inglês encarregado da expedição de mercadorias, e ele nos levou a um bar, e nos sentamos em uma mesa de mármore com pernas de ferro douradas, e pedimos gim tônico. Começamos a lhe contar o que achávamos do Pará. Não parecia muito de um lugar. Não estava nem aqui, nem ali.

Ele era um indivíduo pálido, com um sorriso contemplativo, e com olhos fatigados e de movimentos cansados. "Conheço tudo isso" - ele disse. "É um pedaço de um buraco. Calma, vocês foram surpreendidos. Há muita coisa aqui que não se vê de início. É grande. Está em todo redor" - ele disse e moveu seu braço a oeste, incluindo tudo. "É um mundo ainda sem luz. Se enlouquece nele. Mas vocês estão indo rio acima. Vocês vão ver. O outro lado da floresta está tão longe das pessoas nas ruas aqui, quanto Londres - está muito longe - e eles não conhecem nada disso. Eu era como vocês quando vim a primeira vez. Passei uma semana no lugar e então pensei que já o conhecesse quase suficiente. Agora, estou - bem, estou um pouco com medo... não com medo de qualquer coisa que eu veja... não sei. Há algo de estranha maldição por aqui. Alguma coisa que não se pode descobrir nunca. É algo que está aqui desde o começo, e é muito grande e forte para nós. Aguarda a sua hora.

I can feel it now. Look at those palm trees, outside. Don't they look as if they're waiting? What are they waiting for? You get that feeling here in the afternoon when you can't get air, and the rain clouds are banking up round the woods, and nothing moves. 'Lord,' said a fellow to me when I first came, 'tell us about Peckham. But for the spicy talk about yellow fever I'd think I was dead and waiting wide awake for the judgment day.' That's just the feeling. As if something dark was coming and you couldn't move. There the forest is, all round us. Nobody knows what's at the back of it. Men leave Para, going up river. We have a drink in here, and they go up river, and don't come back.

"Down by the square one day I saw an old boy in white ducks and a sun helmet having a shindy with the sentry at the barracks. The old fellow was kicking up a dust. He was English, and I suppose he thought the sentry would understand him, if he shouted. English and Americans do.

"You have to get into the road here, when you approach the barracks. It's the custom. The sentry always sends you off the pavement. The old chap was quite red in the face about it. And the things he was saying! Lucky for him the soldier didn't know what he meant. So I went over, as he was an Englishman, and told him what the sentry wanted. 'What,' said the man, 'walk in the road? Not me. I'd sooner go back.'

"Go back he did, too. I walked with him and we got rather pally. We came in here. We sat at that table in the corner. He said he was Captain Davis, of Barry. Ever heard of him? He said he had brought out a shallow-draught river boat, and he was taking her up the Rio Japura. The way he talked! Do you know the Japura? Well, it's a deuce of a way from here. But that old captain talked - he talked like a child. He was so obstinate about it. He was going to take that boat up the Japura, and you'd have thought it was above Boulter's Lock. Then he began to swear about the dagoes.

Posso sentir isso agora. Olhem aquelas palmeiras ali. Não parecem como se estivessem esperando? Pelo que estão esperando? Tem-se esse pressentimento aqui, à tarde, quando não se consegue respirar, e as nuvens de chuva estão se formando em volta da mata, e nada se move". "Senhor, fale-nos de Peckham". Porque devido à conversa apimentada sobre febre amarela, pensei que eu estivesse morto e esperando bem acordado pelo dia do julgamento" - disse-me um indivíduo quando vim aqui pela primeira vez. Essa é exatamente a sensação. Como se algo sombrio estivesse vindo e você não pudesse se mexer. Aí está a floresta, completamente ao nosso redor. Ninguém sabe o que há por trás dela. Homens deixam o Pará, subindo o rio. Tomamos uma bebida aqui, e eles sobem o rio, e não voltam mais.

"Na descida da praça, um dia, eu vi um sujeito idoso, de roupas de algodão e um capacete pesado, fazendo uma confusão com a sentinela do quartel. O sujeito estava chutando poeira. Ele era inglês e suponho que pensasse que, se ele gritasse, a sentinela o entenderia. Ingleses e norte-americanos fazem isso.

"Você tem que entrar na estrada de chão aí, quando você se aproxima do quartel. É o costume. A sentinela sempre o manda sair da via pavimentada. O velho camarada estava quase de rosto vermelho por causa disso. E as coisas que ele estava dizendo! Sorte dele que a sentinela não entendia o que ele dizia. Então fui até lá e disse-lhe o que a sentinela queria. "O quê, andar na estrada de chão? Não eu. Vou voltar agora mesmo" - disse o homem.

"Ele voltou. Segui caminhando com ele e ficamos um tanto quanto amigos. Entramos aqui. Sentamo-nos naquela mesa do canto. Disse-me que era o capitão Davis, de Barry. Já ouviu falar dele? Disse que tinha vendido um barco de casco raso e o estava levando rio Japurá acima. A maneira como ele falava! Vocês conhecem o Japurá? Bem, fica a certa distância daqui. Mas aquele velho capitão falava - falava como uma criança. Ele estava muito obstinado com aquilo. Estava levando esse barco rio Japurá acima, e pensar-se-ia que ficava acima da comporta de Boulter⁹⁸. E então ele começou a xingar os *dagoes*.

⁹⁸Comporta no Tâmis, entre os rios Maidenhead e Cookham, na Inglaterra.

"The old chap got quite wild again when he thought of that soldier. He was a little man, nothing of him, and his face was screwed up as if he was always annoyed about something. You have to take things as they come, here, and let it go. But this Davis man was an irritable old boy, and most of his talk was about money. He said he was through with the boat running jobs. No more of 'em. It was as bare as boards. Nothing to be made at the game, he said. Over his left eye he had a funny hairy wart, a sort of knob, and whenever he got excited it turned red. I may say he let me pay for all the drinks. I reckon he was pretty close with his money.

"He told me he knew a man in Barry who'd got a fine pub - a little gold-mine. He said there was a stuffed bear at the pub and it brought lots of customers. Seemed to think I must know the place. He said he was going to try to get an alligator for the chap who kept the pub. The alligator could stand on its hind legs at the other side of the door, with an electric bulb in its mouth, like a lemon. That was his fine idea. He reckoned that would bring customers. Then old Davis started to fidget about. I began to think he wanted to tell me something, and I wondered what the deuce it was. I thought it was money. It generally is. At last he told me. He wanted one of those dried Indian heads for that pub. 'You know what I mean,' he said. 'The Indians kill somebody, and make his head smaller than a baby's, and the hair hangs down all round.'

"Have you ever seen one of those heads? The Indians bone 'em, and stuff 'em with spice and gums, and let 'em dry in the sun. They don't look nice. I've seen one or two.

"But I tried to persuade him to let the head go. The Government has stopped that business, you know. Got a bit too thick. If you ordered a head, the Johnnies would just go out and have somebody's napper.

"O velho camarada ficava um pouco furioso novamente, quando lembrava daquele soldado. Ele era um homenzinho e nada mais, e seu rosto era tenso, como se estivesse sempre aborrecido com alguma coisa. Vocês devem compreender as coisas como elas aparecem aqui e deixá-las seguir adiante. Mas esse homem, Davis, era um velho irritado, e a maior parte de sua conversa era sobre dinheiro. Disse que estava trabalhando com barcos fugindo de empregos. Nada mais de empregos. Nada para se fazer no jogo, ele dizia. Acima de seu olho esquerdo tinha uma verruga estranha e peluda, uma espécie de calombo e, quando ele ficava excitado, o calombo ficava vermelho. Devo dizer-lhes que ele me deixou pagar a bebida toda. Reconheço que ele era muito apegado ao dinheiro.

"Ele contou-me que conhecia um homem em Barry que tinha um bar requintado - uma pequena mina de ouro. Disse que tinha um urso empalhado no bar, e isso atraía muitos fregueses. Parecia achar que eu devo conhecer o lugar. Disse que ia tentar capturar um jacaré para o dono do bar. O jacaré podia ficar sobre as patas traseiras, do outro lado da porta, com uma lâmpada elétrica na boca, como um tolo. Esse era o seu lado engraçado. Ele achava que isso atrairia mais fregueses. Então o velho Davis começou a inquietar-se com alguma coisa. Comecei a pensar que ele quisesse me dizer alguma coisa, e eu imaginava que diabos que era. Pensei que fosse dinheiro. Geralmente é. Finalmente ele me contou. "Eu queria uma daquelas cabeças de indígena empalhadas para o bar. Você sabe o que quero dizer" - ele disse. "Os indígenas matam alguém e deixam a cabeça menor do que a de uma criança, e o cabelos caídos em volta" - ele falou.

"Já viram uma dessas cabeças?" Os indígenas limpam-na e a enchem com condimentos e gomas, e a deixam secar ao sol. Não parece agradável. Vi uma ou duas" - Davis explicou.

"Mas eu tentei persuadi-lo a deixar a cabeça pra lá. O governo proibiu esse negócio, você sabe. Era um bocado pesado. Se você pedisse uma cabeça, os homens apenas sairiam e trariam o escalpo de alguém.

"I missed old Davis after that. I was transferred to Manaô's, up river. I don't know what became of him. It was nearly a year when I came back to Para. Our people had had the clearing of that boat old Davis brought out, and I found some of his papers, still unsettled. I asked about him, in a general way, and found he hadn't arrived. His tug had been back twice. When it was here last it seemed the native skipper explained Davis went ashore, when returning, at a place where they touched for rubber. He went into the village and didn't come back. Well, it seems the skipper waited. No Davis. So he tootled his whistle and went on up stream, because the river was falling, and he had some more stations to do in the season. He was at the village again in a few days, though, and Davis wasn't there then. The tug captain said the village was deserted, and he supposed the old chap had gone down river in another boat. But he's not back yet. The boss said the fever had got him, somewhere. That's the way things go here. "He offered me his collection of butterflies. Then the Yankee picked up a ball of newspaper off the floor, and began to peel it. 'This goes home,' he said. 'Have you seen anything like that? I bet you haven't.' He held out the opened packet in his hand, and there was a brown core to it. 'I reckon that is thousands of years old,' said the American.

"Depois disso não mais encontrei o velho Davis. Fui transferido para Manaus, rio acima. Não sei o que aconteceu com ele. Depois de quase um ano retornei ao Pará. Nosso pessoal tinha aberto uma clareira para aquele barco que o velho Davis tinha trazido para vender, e eu descobri que alguns de seus documentos ainda não estavam arrumados. Perguntei por ele, de modo geral, e soube que ele não tinha retornado. Seu rebocador tinha voltado duas vezes. Quando estive aqui da última vez, parece que o capitão nativo explicou que Davis tinha desembarcado, quando retornavam, em um lugar onde foram informados que havia borracha. Ele entrou no vilarejo e não voltou. Bem, parece que o capitão esperou. Davis não apareceu. Então tocou a buzina do barco e subiu a correnteza, porque o rio estava secando e ele tinha mais um ou dois portos para aportar naquela estação do ano. Voltou ao vilarejo poucos dias depois, entretanto, e Davis não estava lá. O capitão do rebocador disse que o vilarejo estava deserto e supôs que o velho camarada tivesse descido o rio em outro barco. Mas ele ainda não tinha retornado. O patrão disse que a febre o tinha pegado em algum lugar. É assim que as coisas funcionam por aqui.

"Há um mês, um engenheiro civil norte-americano chegou aqui e teve que esperar por um navio para Nova Iorque. Tinha estado no rumo de cima procurando algum trabalho ou outra coisa, no rumo do Peru. Subi com meus companheiros no hotel em que ele estava hospedado, para vê-lo, uma noite. Ele estava agachado arrumando suas bagagens. "Vejam, rapazes, comprei muitas coisas rio acima e agora isso não me alegra nem um pouco" - disse ele sentado no chão. Ele me fereceu a coleção de borboletas. Em seguida o ianque pegou um embrulho de jornais do chão e começou a espiá-lo. "Este vai pra casa" - ele disse. "Já viram algo como isso? Aposto que não". E abriu o embrulho em suas mãos, e dentro havia algo de cor marrom. "Acho que isto tem mais de mil anos" - disse o americano.

"It was a little dried head, no bigger than a cricket ball, and about the same colour. Very like an Indian's too. The features were quite plain, and there was a tiny wart over the left eye-brow. 'I bet you that's thousands of years old,' said the American. 'I bet you it isn't two,' I said."

We returned to the steamer in the late afternoon, bringing with us two Brazilian pilots, who were to take us as far as Ita-coatiara. We sailed next morning for the interior. Para, like all the towns on the Amazon, has but one way out of it. There is a continent behind Para, but you cannot go that way; when you leave the city you must take the river. Para stands by the only entrance to what is now the greatest region of virgin tropics left in the world. Always at anchor off the city's front are at least a dozen European steamers, most of them flying the red ensign. A famous engineering contractor, also British, is busy constructing modern wharves there; and Thames tugs and mudhoppers, flying the Brazilian flag, as the law insists, but bawling London compliments as they pass your ship, help the native schooners with their rakish lateen sails, blue and scarlet, to make the anchorage brisk and lively. Looking out from the "Capella's" bridge she appeared to be within a lagoon. The lake was elliptical, and so large it was a world for the eye to range in. It was bound by a low barrier of forest, a barrier distant enough to lose colour, nature, and significance. Para, white and red, lay reflecting the sunset from many facets in the southwest, with a cheerful array of superior towers and spires. From the ship Para looked big, modern, and prosperous; and with those vast rounded clouds of the rains assembling and mounting over the bright city, and brooding there, impassive and dark, but with impending keels lustrous with the burnish of copper and steel, and seeing a rainbow curving down from one cloud over the city's white front, I, being a new-comer,

"Era uma cabecinha empalhada, não maior do que uma bola de críquete, e quase da mesma cor. Muito parecida com a cabeça de um indígena também. As características estavam quase nítidas e havia uma pequena marca acima da sobrancelha esquerda. "Aposto com vocês que isso tem mais de mil anos" - disse o americano. "Aposto contigo se não for dois" - eu lhe disse.

Voltamos para o navio, no fim da tarde, trazendo conosco dois pilotos⁹⁹ brasileiros, que nos conduziram até Itacoatiara. Viajamos na manhã seguinte para o interior. Belém do Pará, como todas as cidades da Amazônia, tem apenas um caminho para se sair dela. Há um continente por trás do Pará, mas não se pode seguir esse rumo; quando se deixa a cidade, deve-se seguir pelo rio. O Pará é a única entrada para o que hoje é a maior região de floresta virgem do mundo. Sempre, no ancoradouro da frente da cidade, há pelo menos uma dúzia de navios europeus, a maior parte ostentando a insígnia vermelha. Uma famosa empresa estrangeira, também britânica, está ocupada construindo um cais ali; e rebocadores e barcos do Tâmesa, carregando a bandeira brasileira, como a lei insiste, mas berrando cumprimentos londrinos, quando passam pelo seu navio, ajudam as escunas nativas, com suas velas retangulares não confiáveis, azul e escarlate, a tornarem o ancoradouro vivo e animado. Olhando da ponte de comando do *Capella*, a cidade parecia estar dentro de uma laguna. O lago ocultava-se e era tão largo que era um mundo para o olho alcançar. Era cercado por uma barreira de floresta baixa, uma barreira distante o suficiente para perder cor, natureza e significado. O Pará, branco e vermelho, reflete o pôr do sol de muitas facetas, com um sinal alegre de torres superiores e pontas, no sudoeste. Do navio, o Pará parecia grande, moderno e próspero; e com aquelas nuvens enormes de chuva em volta, aglomerando-se e protegendo o brilho da cidade, e aninhando-se ali, impassíveis e escuras, mas com barras lustrosas que impediam com chamas de cobre e aço e, vendo um arco-íris curvando-se por cima da frente branca da cidade, eu, sendo um recém-chegado,

⁹⁹Na Amazônia brasileira os pilotos de barco são chamados de práticos ou timoneiros.

and with a pardonable feeling of exhilaration which was of my own well-being in a new and a wide and radiant place, thought of man there as a conqueror who had overcome the wilderness, builded him a city, bridled the exuberance of a savage land, and directed the sap and life, born in a rich soil of ardent sun and rain, into the forms useful to him. So I entered the chart-room, and looked with a new interest on the chart of the place. Then I felt less certain of the conqueror and his taming bridle. I saw that this lagoon in which the "Capella" showed large and important was but a point in an immense area of tractless islands and meandering waterways, a region intricate, and, the chart confessed, little known. The coast opposite the city, which I had taken for mainland, was the trivial Ihla des Oncas. The main channel of the river was beyond that island, with the coast of Marajo for the farther shore; and Marajo also was but an island, though as large as Wales. The north channel of the Amazon was beyond again, with more islands, about which the chart confessed less knowledge. One of the pilots was with me; and when I spoke of those points in the ultimate Amazons, the alluring names on maps you read in England, here they were, at Para, just what they are at home, still vague and far, journeys thither to be reckoned by time; a shrug of the shoulders and a look of amusement; two months, Senhor, or perhaps three or four. The idea came slowly; but it dawned, something like the conception of astronomy's amplitudes, of the remoteness of the beyond of Amazonas, that new world I had just entered.

I crept within the mosquito curtain that night, and the still heated dark lay on my mind, the pressure of an unknown full of dread. I thought of the pale shipping clerk and his tired smile, and of Captain Davis, his face no bigger than a cricket ball, and the same colour, with a wart over his eye; and recalled the anxious canvass I had heard made for news of sickness up-river. A ship had passed outwards that morning, the consul told us, with twenty men on board down with fever.

e com um sentimento de perdoável hilaridade, que era meu próprio bem-estar em um lugar novo, grande e radiante, pensei no homem ali como o conquistador que tinha vencido a selva, construído uma cidade para si, refreado a exuberância de uma terra selvagem, e dirigido a seiva e a vida, nascidas em um rico solo de ardente sol e chuva, nas formas úteis para si. Então entrei na cabine de comando, e olhei o mapa do lugar com novo interesse. Logo tive menos certeza do conquistador e seu refreamento domesticado. Vi que esse lago, que o *Capella* mostrava grande e importante, era apenas um ponto na imensa área de ilhas e canais cheios de curvas; uma região intrincada e, o mapa confessava, pouco conhecida. O litoral oposto da cidade, que eu havia tomado como terra firme, era a insignificante ilha das Onças. O canal principal do rio ficava para além daquela ilha, com a faixa litorânea de Marajó na margem mais distante; e Marajó também era apenas uma ilha, embora tão grande quanto o País de Gales. O canal norte do Amazonas estava para além novamente, com mais ilhas, que o mapa confessava menos conhecimento. Um dos pilotos estava comigo e, quando falei daqueles pontos no Alto Amazonas, os nomes fascinantes nos mapas que se leu na Inglaterra, ali no Pará eram exatamente o que são em casa, ainda vagos e distantes, jornadas adiante para serem contadas pelo tempo; um encolhimento dos ombros e um olhar de divertimento; dois meses, Senhor, ou talvez três, ou quatro. A ideia veio lentamente, mas clareou; algo como o conceito de amplitude astronômica, das distâncias remotas do Amazonas, desse novo mundo que eu tinha acabado de entrar.

Arrastei-me para debaixo do mosquiteiro naquela noite, e a escuridão tranquila e quente permanecia em minha mente, a pressão de um desconhecido cheio de medo. Pensei no pálido empregado inglês da companhia de navegação e seu sorriso cansado, e no capitão Davis, seu rosto não maior do que uma bola de críquete, e da mesma cor, com uma verruga acima do olho esquerdo; e recordei as opiniões ansiosas que eu tinha ouvido, feitas a partir de notícias de doenças rio acima. Um navio tinha passado do outro lado, essa manhã, o cônsul nos disse, com vinte homens com febre a bordo.

And Thorwaldsen. I forgot to tell you about Thorwaldsen. He was a trader, and last rainy season he took his vessel up some far backwater, beyond Manaos, with his wife and his little daughter. News had just come from nowhere to Para that his wife had died in childbirth in the wilds, and Thorwaldsen had been murdered; but nothing was known of his daughter. There it was. I did not know the Thorwaldsens. But the trader's little girl who might then be alone in the gloom of the jungle with savages, helped to keep me awake. And the wife, that fair-haired Swede; she was in the alien wilderness, beyond all gentlehood, when her time came. I could see two mosquitoes doing their best to work backwards through the curtain mesh. They were after me, the emissaries of the unknown, and their pertinacity was astonishing.

"*Jan. 9.* The 'Capella' left Para at three o'clock this morning, and continued up the Para River. Daylight found us in a wide brownish stream, with the shores low and indistinguishable on either beam. When the sun grew hot, the jungle came close in; it was often so close that we could see the nests of wasps on the trees, like grey shields hanging there. Between the Para River and the Amazon the waters dissipate into a maze of serpentine ditches. In width these channels usually are no more than canals, but they were deep enough to float our big tramp steamer. They thread a multitude of islands, islands overloaded with a massed growth which topped our mast-heads. Our steamer was enclosed within resonant chasms, and the noise and incongruity of our progress awoke deep protests there.

E Thorwaldsen. Esqueci de contar-lhe sobre Thorwaldsen. Era um comerciante, e na última estação chuvosa levou sua embarcação para algum rio afluente do principal, acima de Manaus, com sua esposa e sua filhinha. A notícia chegou ao Pará, vinda de algum lugar, que sua esposa tinha morrido de parto, na selva, e Thorwaldsen tinha sido assassinado, mas nada se sabia de sua filha. E foi assim. Não conheci os Thorwaldsens. Mas a filhinha do comerciante, que podia então estar sozinha na escuridão da selva com os selvagens, ajudou-me a ficar acordado. E a esposa, aquela sueca de cabelos loiros; estava na selva estranha, para além de toda a bondade, quando sua hora chegou. Eu pude ver dois mosquitos esforçando-se para entrar no mosquitoireiro. Estavam atrás de mim, os emissários do desconhecido, e a pertinência deles era espantosa.

"09 de janeiro. O *Capella* deixou Belém do Pará às três horas dessa manhã e continuou subindo o rio Pará. A luz do dia nos encontrou em uma larga correnteza barrenta, com as margens baixas indistintas de cada lado do navio. Quando o sol esquentava, a selva ficava bem perto; ficava frequentemente tão perto que podíamos ver os ninhos de vespas nas árvores, como alguns escudos pendurados ali. Entre o rio Pará e o Amazonas, as águas desaparecem dentro de um labirinto de valas encurvadas. Na largura, esses canais geralmente não são mais do que canais, mas eram fundos o suficiente para flutuar nosso grande navio a vapor. Eles atravessavam uma multidão de ilhas, ilhas sobrecarregadas com um crescimento concentrado que alcançava o topo de nossos mastros. Nosso navio enfiou-se dentro de furos ressoantes, e o barulho e a incongruência de nosso progresso incitavam profundos protestos ali.

"The dilated loom of the rains, the cloud shapes so continental that they occupied, where they stood not so far away, all the space between the earth and sky, bulged over the forest at the end of every view. The heat was luscious; but then I had nothing to do but to look on from a hammock under the awning. The foliage which was pressed out over the water, not many yards from the hurrying 'Capella,' had a closeness of texture astonishing, and even awful, to one who knew only the thin woods of the north. It ascended directly from the water's edge, sometimes out of the water, and we did not often see its foundation. There were no shady aisles and glades. The sight was stopped on a front of polished emerald, a congestion of stiff leaves. The air was still. Individual sprays and fronds, projecting from the mass in parabolas with flamboyant abandon and poise, were as rigid as metallic and enamelled shapes. The diversity of forms, and especially the number and variety of the palms, so overloaded an unseen standing that the parapets of the woods occasionally leaned outwards to form an arcade above our masts. One should not call this the jungle; it was even a soft and benignant Eden. This was the forest I really wished to find. Often the heavy parapets of the woods were upheld on long colonnades of grey palm boles; or the whole upper structure appeared based on low green arches, the pennate fronds of smaller palms flung direct from the earth.

"There was not a sound but the noise of our intruding steamer. Occasionally we brushed a projecting spray, or a vine pendent from a cornice. We probed the forest then. In some shallow places were regiments of aquatic grasses, bearing long plumes. There were trees which stood in the water on a tangle of straight pallid roots, as though on stilts. This up-burst of intense life so seldom showed the land to which it was fast, and the side rivers and paranas were so many, that I could believe the forest afloat, an archipelago of opaque green vapours.

"O vulto dilatado e indistinto das chuvas, as formas de nuvens tão continentais, que ocupavam, onde não ficavam tão distantes, todo o espaço entre a terra e o céu, curvadas sobre a floresta, no fim de cada visão. O calor era delicioso; mas eu não tinha nada para fazer, a não ser olhar da rede debaixo do toldo. A folhagem, que se estendia sobre as águas não tão longe do apressado *Capella*, tinha a proximidade de uma textura surpreendente, e mesmo pavorosa para alguém que conhecia somente as árvores finas do norte. Erguia-se diretamente da beira d'água, algumas vezes fora da água, e nem sempre víamos sua base. Não havia nenhum furo na sombra e nas clareiras. A visão era interrompida por uma frente de esmeralda polida, um congestionamento de folhas paradas. O ar estava parado. Galhos individuais e folhas projetando-se da massa em curvas, com extravagante abandono e equilíbrio, eram tão firmes quanto as formas metálicas e esmaltadas. A diversidade de formas e, especialmente, o número e a variedade de palmeiras sobrecarregavam tanto um descanso invisível, que as copas das árvores, ocasionalmente, curvavam-se para fora, formando uma arcada por cima de nossos mastros. Ninguém deveria chamar isso de selva; era mesmo um leve e benigno Éden. Esta era a floresta que eu realmente desejava encontrar. Frequentemente, as pesadas copas das árvores estavam apoiadas sobre as longas colunas dos troncos cinzentos das palmeiras, ou toda a estrutura mais alta aparecia com a base sobre baixos arcos verdes; as folhas de palmeiras menores lançavam-se diretamente da terra.

"Não havia sequer um som, apenas o barulho de nosso navio intruso. Ocasionalmente nos esfregávamos em algum galho que se projetava, ou em uma trepadeira pendente de alguma borda decorativa. Provávamos a floresta então. Em alguns lugares rasos havia agrupamentos de relvas aquáticas suportando longas plumas. Havia árvores que estavam na água em um triângulo de raízes bem cinzentas, como se estivessem sobre estacas. Esta elevada explosão de vida intensa muito raramente mostrava a terra em que estava afixada, e os afluentes e paranás eram tantos que eu podia acreditar que a floresta flutuava, um arquipélago de opacos vapôres verdes.

Our heavy wash swayed and undulated the aquatic plants and grasses, as though disturbing the fringe of those green clouds which clung to the water because of their weight in a still air.

"There was seldom a sign of life but the infrequent snowy herons, and those curious brown fowl, the ciganas. The sun was flaming on the majestic assembly of the storm. The warm air, broken by our steamer, coiled over us in a lazy flux. I did not hear the bell calling to meals. We all hung over the 'Capella's' side, gaping, like a lot of boys.

"Sometimes we passed single habitations on the water side. Ephemeral huts of palm-leaves were forced down by the forest, which overhung them, to wade on frail stilts. A canoe would be tied to a toy jetty, and on the jetty a sad woman and several naked children would stand, with no show of emotion, to watch us go by. Behind them was the impenetrable foliage. I thought of the precarious tenure on earth of these brown folk with some sadness, especially as the day was going. The easy dominance of the wilderness, and man's intelligent morsel of life resisting it, was made plain when we came suddenly upon one of his little shacks secreted among the aqueous roots of a great tree, cowering, as it were, between two of the giant's toes. Those brown babies on the jetties never cheered us. They watched us, serious and forlorn. Alongside their primitive hut were a few rubber trees, which we knew by their scars. Late in the afternoon we came to a large cavern in the base of the forest, a shadowy place where at last we did see a gathering of the folk. A number of little wooden crosses peeped above the floor in the hollow. The sundering floods and the forest do not always keep these folk from congregation, and the comfort of the last communion.

Nossa lavagem pesada balançava e ondulava as plantas e as relvas aquáticas, como que incomodando a decoração daquelas nuvens verdes que abraçavam-se na água, por causa de seu peso no ar parado.

"Raramente havia um sinal de vida, apenas o infrequente esvoaçar de garças, e aquelas curiosas corujas marrons, as ciganas. O sol estava flamejando em cima da reunião da tempestade. O ar quente, partido pelo nosso vapor, enrolava-se sobre nós em um fluxo preguiçoso. Eu não ouvia a campainha tocar para as refeições. Todos nós nos dependurávamos na amurada do *Capella*, como um bando de garotos.

"Às vezes, passávamos por habitações simples ao lado das águas. Cabanas efêmeras de folhas de palmeiras eram suportadas pela floresta, que as cercava para forçar as estacas frágeis. Uma canoa estaria amarrada em um portinho, e no porto uma mulher triste e muitas crianças peladas permaneceriam, sem qualquer demonstração de emoção, para nos ver passar. Por trás deles estava a folhagem impenetrável. Eu pensava nos direitos precários desse povo moreno em relação à posse da terra com alguma tristeza, especialmente quando o dia estava findando. O fácil domínio da selva e um pedacinho de vida inteligente do homem resistindo-o tornaram-se evidentes, quando, repentinamente, fomos rumo a uma de suas cabaninhas, escondida entre as raízes aquáticas de uma árvore gigantesca, ameaçada, como se estivesse entre dois dedos de um gigante. Aquelas crianças morenas nos portos nunca nos saudavam. Elas nos observavam, sérias e tristes. Ao lado de suas cabanas primitivas havia algumas seringueiras, que as reconhecíamos devido os cortes. Depois, de tarde, chegamos a uma grande caverna na base da floresta, um lugar ensombreado onde, finalmente, vimos um grupo de pessoas. Um número de pequenas cruzeiras de madeira surgiu lentamente acima do solo, no vale. As inundações separadas em partes e a floresta nem sempre permitem a essas pessoas a reunião e o conforto da última comunhão.

"There was a question at night as to whether our pilots would anchor or not. They decided to go on. We did not go the route of Bates, via Breves, but took the Parana de Buyassa on our way to the Amazon. It was night when we got to the parana, and but for the trailing lights, the fairy mooring lines of habitations in the woods, and what the silent explosions of lightning revealed of great heads of trees, startlingly close and monstrous, as though watching us in silent and intent regard, we saw nothing of it."

Once I knew a small boy, and on a summer day too much in the past now to be recalled without some private emotion, he said to his father, on the beach of a popular East Anglian resort, "And where is the sea?" He stood then, for the first time, where the sea, by all the promises of pictures and poems, should have been breaking on its cold grey crags. "The sea?" said the father, in astonishment, "why, there it is. Didn't you know?"

And that father, being an exact man, there beyond appeal the sea was. And what was it? A discoloured wash, of mean limit, which flopped wearily on some shabby sands littered with people and luncheon papers. Such a flat, stupid, and leaden disillusion surely never before fell on the upturned, bright and expectant soul of a young human, who, I can vouch, began life, like most others, believing the noblest of everything. It was an ocean which was inferior even to the bathing-machines, and could be seen but in division when that child, walking along the rank of those boxes on wheels, peeped between them.

You will have noticed with what simple indifference the people who really know what they call the truth will shatter an illusion we have long cherished; though, as we alone see our private dreams, those honest folk cannot be blamed for poking their feet through fine pictures they did not know were there.

"Houve uma dúvida, à noite, se os nossos pilotos iriam ancorar ou não. Decidiram prosseguir. Não seguíamos a rota de Bates, via Breves, mas tomamos o Paraná de Buyassa no nosso caminho para o Amazonas. Era noite quando alcançamos esse paraná e, devido aos rastros de luz, e às fileiras mágicas de habitações nas árvores, e o que as explosões silenciosas de raio revelavam das grandes copas das árvores, assustadoramente perto e monstruosas, como se nos observando em silêncio e respeito decidido, não vimos nada do rio Amazonas".

Certa feita conheci um garotinho; e em um dia de verão, muito no passado agora para ser recordado sem alguma emoção particular, ele perguntou ao pai, na praia de um popular local turístico de East Anglian: "E onde está o mar?" O garoto estava parado então, pela primeira vez, onde o mar, através de todas as promessas de imagens e poemas, deveria estar se partindo em cima dos rochedos frios e cinzentos. "O mar" - respondeu o pai surpreso, "por quê? Aí está ele. Você não sabia?"

E esse pai, sendo um homem justo, ali para além da súplica estava o mar. E o que era? Uma lavagem descolorida de limites significativos que se movia exaustivamente por cima de algumas areias desgastadas, repletas de pessoas e de papéis de lanchonetes. Semelhante planície, estúpida e pesada desilusão, certamente nunca antes desceu sobre a alma revirada, brilhante e espectadora de um jovem que, posso afirmar, começava a vida, como muitos outros, acreditando no mais nobre de tudo. Era um oceano que era inferior mesmo para as casas de praia, e podia ser visto, mas em divisões, quando aquela criança, caminhando ao longo da fila daqueles trailers, espiava por entre eles.

Perceber-se-á com simples indiferença que o que as pessoas realmente chamam de verdade quebrará uma ilusão que alimentamos há muito tempo; entretanto, como estamos sozinhos para ver os nossos sonhos particulares, essas pessoas não podem ser acusadas por colocar seus pés nas belas imagens, que não sabiam que estavam ali.

I had a picture of the Amazon, which I had long cherished. I was leaning today over the bulwarks of the "Capella," watching the jungle pass. The Doctor was with me. I thought we were still on the Para River, and was waiting for our vessel to emerge from that stream, as through a narrow gate, dramatically, into the broad sunlight of the greatest river in the world, the king of rivers, the Amazon of my picture. We idly scanned the forest with binoculars, having nothing to do, and saw some herons, and the ciganas, and once a sloth which was hanging to a tree. Para, I felt, was as distant as London. The silence, the immobility of it all, and the pour of the tropic sun, were just beginning to be a little subduing. We had come already to the wilderness. There was, I thought, a very great deal of this forest; and it never varied.

"We shall be on the Amazon soon," I said hopefully, to the doctor.

"We have been on it for hours," he replied. And that is how I got there.

But the Amazon is not seen, any more than is the sea, at the first glance. What the eye first gathers, is, naturally (for it is but an eye), nothing like commensurate with your own image of the river. The mind, by suggestive symbols, builds something portentous, a vague and tremendous idea. What I saw was only a very swift and opaque yellow flood, not much broader, it seemed to me, than the Thames at Gravesend, and the monotonous green of the forest. It was all I saw for a considerable time.

I see something different now. It is not easily explained merely as a yellow river, with a verdant elevation on either hand, and over it a blue sky. It would be difficult to find, except by luck, a word which would convey the immensity of the land of the Amazons, something of the aloofness and separation of the points of its extremes, with months and months of adventure between them.

Eu tinha uma imagem do Amazonas que eu tinha alimentado com prazer por muito tempo. Estava curvado hoje na amurada do *Capella*, olhando a selva passar. O médico estava comigo. Pensei que ainda estivéssemos no rio Pará, e estava esperando nossa embarcação irromper naquele fluxo de água, como através de um portão estreito, dramaticamente, dentro da ampla luz do sol do maior rio do mundo, o rei dos rios, o Amazonas de minha imagem. Preguiçosamente, sem nada para fazer, escaneávamos com binóculos a floresta; e vimos algumas garças, e as ciganas, e uma vez, uma preguiça, que estava pendurada numa árvore. O Pará, senti, estava tão distante quanto Londres. O silêncio, a imobilidade de tudo, e o derramamento do sol tropical estavam apenas começando a ficar um pouco subjugados. Nós já tínhamos chegado à selva. Havia, eu pensava, um acordo muito grande dessa floresta; e nunca variava.

"Em breve estaremos no rio Amazonas" - eu disse esperançosamente para o médico.

"Já estamos navegando nele faz horas" - ele replicou. E foi assim que cheguei ali.

Mas o Amazonas não é visto, não mais do que é o mar, à primeira vista. O que o olho primeiro capta é, naturalmente, (porque é apenas um olho), nada como equivalente à sua própria imagem do rio. A mente, através de símbolos sugestivos, constroi algo potente, uma ideia vaga e fantástica. O que eu via era somente uma rápida inundação amarela e turva, não muito mais larga, me parecia, do que o rio Tâmis, em Gravesend, e o verde monótono da floresta. Foi tudo que eu vi durante um tempo considerável.

Vejo algo diferente agora. Não é facilmente explicado meramente como um rio amarelo, com uma elevação verdejante de cada lado e em cima um céu azul. Seria difícil encontrar, exceto por sorte, uma palavra que concebesse a imensidão de terra da Amazônia, algo do alheamento e separação dos pontos de seus extremos, com meses e meses de aventura entre eles.

What a journey it would be from Ino in Bolivia, on the Rio Madre de Dios, to Conception in Colombia, on the Rio Putumayo; there is another "Odyssey" in a voyage like that. And think of the names of those places and rivers! When I take the map of South America now, and hold it with the estuary of the Amazon as its base, my thoughts are like those might be of a lost ant, crawling in and over the furrows and ridges of an exposed root as he regards all he may of the trunk rising into the whole upper cosmos of a spreading oak. The Amazon then looks to me, properly symbolical, as a monstrous tree, and its tributaries, paranas, furos, and igarapes, as the great boughs, little boughs, and twigs of its ascending and spreading ramifications, so minutely dissecting the continent with its numberless watercourses that the mind sees that dark region as an impenetrable density of green and secret leaves; which, literally, when you go there, is what you will find... You enter the leaves, and vanish. You creep about the region of but one of its branches, under a roof of foliage which stays the midday shine and lets it through to you in the dusk of the interior but as points of distant starlight. Occasionally, as we did upon a day, you see something like Santarem. There is a break and a change in the journey. Moving blindly through the maze of green, there, hanging in the clear day at the end of a bough, is a golden fruit.

"Jan. 10. The torrid morning, tempered by a cooling breeze which followed us up river, was soon overcast. Disappointingly narrow at first, the Amazon broadened later, but not to one's conception of its magnitude. But the greatness of this stream, I have already learned, dawns upon you in time, and if you sufficiently endure. It persists about you, this forest and this river, like the stark desolation of the sea. The real width of the river is not often seen because of the islands which fringe its banks, many of them of considerable size. The side channels, or paranas-miris, between the islands and the shores, are used in preference to the main stream by the native sailing craft, to avoid the strength of the current. We had the river to ourselves.

Que jornada seria de Ino, na Bolívia, no rio Madre de Dios, para Concépcion, Colômbia, no rio Putumayo; há uma outra “Odisséia” em uma viagem como essa. E pense nos nomes dos lugares e dos rios! Quando pego o mapa da América do Sul agora, e o mantenho com o estuário do Amazonas como sua base, meus pensamentos são como aqueles que poderiam ser os de uma formiga perdida, rastejando para dentro e para fora dos furos e cumes de uma raiz exposta, quando ela considera tudo que pode do tronco, levantando-se do cosmos mais alto de um carvalho que se esparrama. O Amazonas, então, parece-me propriamente simbólico, como uma árvore monstruosa, e seus tributários, paranás, furos e igarapés, como os galhos grandes, os galhos pequenos, e gravetos de suas ramificações elevadas e esparramadas, tão momentaneamente dissecando o continente com seus inúmeros cursos de águas, que a mente vê essa região escura como uma impenetrável densidade de folhas verdes e secretas; que, literalmente, quando se for lá, é o que se encontrará. Entra-se por entre a folhagem e se desaparece. Engatinha-se sob a região de apenas um de seus galhos, debaixo de uma cobertura de folhagem, que tapa o brilho do meio-dia e deixa-o passar para você, no crepúsculo do interior, mas como pontos de luz das estrelas distantes. Ocasionalmente, como fizemos um dia, avista-se algo como Santarém. Há uma pausa e uma mudança na jornada. Movendo-se cegamente pelo labirinto de folhas, ali, pendurado no dia claro, na ponta de um galho, está uma fruta de ouro.

"10 de janeiro. A manhã tórrida, temperada com uma brisa suave, que nos seguia rio acima, logo ficou obscurecida. Desapontadamente estreito no início, o Amazonas enlarguecia depois, mas não para a concepção de alguém de sua magnitude. Mas a grandeza desse rio, eu já aprendi, torna-se claro a tempo, e se você suficientemente suportar. Persiste à sua volta, esta floresta e este rio, como a total desolação do mar. A largura real do rio não é frequentemente vista devido às ilhas, que guarnecem seus barrancos; muitas delas de tamanho considerável. Os canais dos lados, ou paranás-mirins, entre as terras e as margens, são usados pelas embarcações dos nativos, em preferência ao rio principal, para evitar a força da correnteza. Temos o rio para nós mesmos.

The 'Capella' was taken by the pilots, first over to one side and then to the other, dodging the set of the stream. The forest has changed. It has now a graceless and savage aspect when we are close to it. There are not so many palms. At a little distance the growth appears a mass of spindly oaks and beeches, though with a more vivid and lighter green foliage. But when near it shows itself alien enough, a front of nameless and congested leaves. I suppose it would be more than a hundred feet in altitude. Sometimes the forest stands in the water. At other times a yellow bank shows, a narrow strip under the trees, rarely more than four feet high, and strewn with the bleaching skeletons of trees and entanglements of vine. There is rarely a sign of life. Once this morning a bird called in the woods when we were close. Butterflies are continually crossing the ship, and dragonflies and great wasps and hornets are hawking over us. The sight of one swallowtail butterfly, a big black and yellow fellow, sent the cook insane. The insect stayed its noble flight, poised over our hatch, and then came down to see what we were. It settled on a coil of rope, leisurely pulsing its wings. The cook, at the sight of this bold and bright being, sprang from the galley, and leaped down to the deck with a dish cloth. To our surprise he caught the insect, and explained with eagerness how that the shattered pattern of colours, which more than covered his gross palm, would improve his firescreen in a Rotterdam parlour.

"Early in the forenoon sections of the forest vanished in grey rain squalls, though elsewhere the sun was brilliant. The plane of the dingy yellow flood was variegated with transient areas of bright sulphur and chocolate. We were hugging the right bank, and so saw the mouth of the Xingu as we passed. At midday some hills ahead, the Serra de Almerim, gave us relief from the dead level of the wearying green walls. The sight of those blue heights with their flat tops - they were perhaps no more than 1000 feet above the forest -

O *Capella* era conduzido pelos pilotos, primeiro para um lado, e depois para o outro, evitando a correnteza do rio. A floresta mudou. Tem agora um aspecto sem graça e selvagem, quando estamos perto dela. Não há muitas palmeiras. A uma grande distância, o crescimento surge com uma massa de carvalhos compridos e faias, embora com uma folhagem mais viva e um verde mais claro. Mas, quando perto, mostra-se estranha o suficiente, uma frente de folhas desconhecidas e congestionadas. Suponho que teria mais do que cem pés de altura. Algumas vezes, a floresta fica na água. Outras vezes, um barranco amarelo mostra uma faixa estreita debaixo de árvores, raramente com mais do que quatro pés de altura, e espalhada com os esqueletos alvejantes de árvores e emaranhados de trepadeiras. Raramente há um sinal de vida. Uma vez, nessa manhã, um pássaro cantou na mata, quando estávamos próximos. Borboletas estão cruzando o navio continuamente, e libélulas, vespas grandes e besouros estão zunindo por cima de nós. A visão de alguma borboleta de rabo de andorinha, um ser preto e amarelo, deixou o cozinheiro fora de si. O inseto parou seu voo nobre, posou em nossa escotilha e depois desceu para ver o que éramos. Pousou num rolo de cordas e abriu suas asas ociosamente. O cozinheiro, vendo esse ser audacioso e brilhante, pulou da cozinha e saltou para o convés com um pano de prato. Para nossa surpresa, ele pegou o inseto, e explicou com entusiasmo como aquele abalado par de cores, que mais do que cobria sua palma inteira da mão, melhoraria sua tela de proteção de lareira, num salão em Rotterdam.

"No começo da manhã, seções da floresta desapareceram em rajadas de chuva cinzenta, embora em algum lugar o sol estivesse brilhante. A superfície da inundação amarela e suja estava marcada irregularmente, com áreas transitórias de enxofre brilhante e chocolate. Estávamos beirando o barranco do lado direito, e então vimos a boca do rio Xingu, quando passávamos. Ao meio dia, algumas colinas adiante, a Serra de Almerim, nos deram alívio do nível morto das fatigantes muralhas verdes. A visão daquelas alturas com seus cumes planos - ficavam, talvez, não mais do que a 100 pés acima da floresta -

curiously stimulated the eye and lifted one's humour, long depressed by the everlasting sameness of the prospect and the heat. Later in the day we passed more of the welcome hills, the Serra de Maranuaqua, Velha Pobre, and Serras de Tapaiunaquara and Paranaquara, their cones, truncated pyramids, knolls and hog backs, ranging contrary to our course. Bates says some of them are bare, or covered only with a short herbage; but all those I examined with a good telescope had forest to the summits; though a few of the inferior heights, which stood behind the island of Jurupari (the island where dreams come at night) were grassy. Those cobalt prominences rose like precipitous islands from a green sea. We were the only spectators. One high range, as we passed, was veiled in a glittering mesh of rain. The river, after we left Jurupari, bent round, and brought the heights astern of us. The sun set.

"The river and the forest are best at sundown. The serene level rays discovered the woods. We saw trees then distinctly, almost as a surprise. Till then the forest had been but a gloom by day. Behind us was the jungle front. It changed from green to gold, a band of light between the river and the darkling sky. Some greater trees emerged majestically. It was the first time that day we had really seen the features of the jungle. It was but a momentary revelation. The clouds were reflectors, throwing amber lights below. In the hills astern of us ravines hitherto unsuspected caught the transitory glory. The dark heights had many polished facets. One range, round-shouldered and wooded, I thought resembled the promontories about Clovelly, and for a few minutes the Amazon had the bright eyes of a friend. On a ridge of those heights I could see the sky through some of its trees. The light quickly gave out, and it was night.

curiosamente estimulavam o olho e elevava o humor de alguém há muito deprimido pela mesmice da selva e do calor. Mais tarde, passamos por mais colinas bem-vindas - a Serra de Maranuaquara, Velha Pobre, Serra de Tapaiunaquara e Paranaquara, seus cones, pirâmides truncadas, costas pequenas e redondas em posição contrária a nosso curso. Bates diz que algumas delas são desprovidas de árvores, ou cobertas somente com uma vegetaçãozinha; mas todas aquelas que examinei com um bom telescópio tinham floresta nos cumes; embora algumas das alturas inferiores, que ficam atrás da ilha de Jurupari (a ilha de onde vêm os sonhos à noite) estivessem cobertas com mato. Aquelas proeminências de cobalto erguiam-se como ilhas íngremes de um mar verde. Éramos os únicos espectadores. Uma extensão alta, quando passamos, estava encoberta por uma brilhante nuvem de chuva. O rio, depois de deixarmos Jurupari, serpenteava e trazia as alturas para trás de nós. O sol se pôs.

"O rio e a floresta são melhores no pôr do sol. Os raios serenos descobriam a floresta. Víamos árvores então distintamente, quase como uma surpresa. Até o momento, a floresta tinha sido apenas um brilho durante o dia. Atrás de nós estava a frente da floresta. Mudava do verde para o dourado, uma faixa de luz entre o rio e o céu escurecido. Algumas árvores maiores emergiam majestosamente. Era a primeira vez, naquele dia, que tínhamos realmente visto as características da selva. Era apenas uma revelação momentânea. As nuvens eram refletores atirando luzes de âmbar para baixo. Nas colinas atrás de nós, desfiladeiros, até aquele momento insuspeitos, capturavam a glória transitória. As alturas escuras tinham muitas facetas polidas. Uma extensão de encostas curvadas e cheia de árvores, pensei, assemelhava-se aos promontórios de Clovelly¹⁰⁰ e, por alguns instantes, o Amazonas teve os olhos brilhantes de um amigo. Em cima de uma encosta daquelas alturas, pude ver o céu através de algumas de suas árvores. A luz rapidamente desapareceu, e era noite.

100Vilarejo turístico localizado na costa de Devon, Inglaterra.

"We continued cruising along the south shore. The usual pulsations of lightning made night intermittent; the forest was not more than 150 feet from our vessel, and sitting under the awning the trees kept jumping out of the night, startlingly near. The night was still and hot, and my cabin lamp had attracted myriads of insects through the door which had been left open for air. A heap of crawlers lay dead on the desk, and the bunk curtain was smothered with grotesque winged shapes, flies, cicadas, mantis, phasmas, moths, beetles, and mosquitoes."

Next morning found us running along the north shore. Parrots were squawking in the woods alongside. A large alligator floated close by the ship, its jaws open in menace. At breakfast time a strip of white beach came into view on the opposite coast, a place in that world of three colours on which one's tired eyes could alight and rest. That was Santarem. Sharp hills rose immediately behind the town. The town is in a saddle of the hills, slipping down to the river in terraces of white, chrome, and blue houses. The Rio Tapajos, a black water tributary and a noble river, enters the main stream by Santarem, its dark flood sharply contrasted with the tawny Amazon. But the Amazon sweeps right across its mouth in a masterful way. There is a definite line dividing black from yellow water, and then no more Tapajos.

We passed numerous floating islands (Ilhas de Caapim) and trees adrift, evidence, the pilots said, that the river was rising. These grass islands are a feature of the Amazon. They look like lush pastures adrift. Some of them are so large it is difficult to believe they are really afloat till they come alongside. Then, if the river is at all broken by a breeze, the meadow plainly undulates. This floating cane and grass grows in the sheltered bays and quiet paranas-miris, for though the latter are navigable side-channels of the river in the rainy season, in the dry they are merely isolated swamps.

"Continuamos viajando ao longo da margem sul. As pulsações costumeiras de raio tornaram a noite intermitente, a floresta não estava a mais do que 150 pés de distância de nossa embarcação, e eu sentado debaixo do toldo; as árvores mantinham-se saltando da noite, assustadoramente perto. A noite estava parada e quente e o candeeiro do meu camarote tinha atraído miríades de insetos pela porta, que tinha sido deixada aberta para entrar ar. Um monte de insetos rastejantes mortos em cima da escrivaninha e o mosquiteiro estava abafado, com formas de asas grotescas, moscas, cigarras, louva-a-deus, mariposas, besouros e mosquitos".

A manhã seguinte nos encontrou navegando ao longo da margem norte. Papagaios estavam fazendo barulho ao longo da mata. Um jacaré enorme boiou perto do navio, com a boca aberta em ameaça. Na hora do desjejum, uma faixa branca de praia apareceu na vista, na margem oposta, um lugar naquele mundo de três cores, sobre o qual os olhos cansados de alguém podiam iluminar-se e descansar. Era Santarém. Colinas pontiagudas erguiam-se imediatamente atrás da cidade. A cidade está em uma sela da colina escorregando para o rio em terraços de casas brancas, cromos e azuis. O rio Tapajós, um tributário de água preta e um rio nobre, entra no rio principal em Santarém, sua inundação escura rapidamente contrastava com o amarronzado Amazonas. Mas o Amazonas passa direto pela sua boca de um modo dominador. Há uma linha definida dividindo a água preta da amarela, e então nada mais do Tapajós.

Passamos por numerosas ilhas flutuantes (ilhas de capim) e árvores à deriva, evidência, os pilotos disseram, de que o rio estava subindo. Essas ilhas de mato são uma característica do Amazonas. Parecem com pastos viçosos à deriva. Algumas delas são tão grandes, que é difícil acreditar que estão realmente flutuando até que cheguem perto. Assim, se o rio é completamente varrido por uma brisa, o prado simplesmente ondula. Essa ilha flutuante de juncos e capim se forma nas baías protegidas e paranás-mirins parados, porque, embora os últimos sejam afluentes navegáveis do rio principal na estação chuvosa, na estação de vazante são meramente brejos isolados.

But when the river is in flood the earth is washed away from the roots of this marsh growth, and it moves off, a flourishing, mobile field, often twenty feet in thickness. Such islands, when large, can be dangerous to small craft. Small flowers blossom on these aquatic fields, which shelter snakes and turtles, and sometimes the peixe-boi, the manatee.

Obydos was in sight in the afternoon, but presently we lost it in a violent squall of rain. The squall came down like a gun burst, and nearly carried away the awnings. It was evening before we were abreast of that most picturesque town I saw on the river. Obydos rests on one of the rare Amazon cliffs of rufous clay and sandstone. The forest mounts the hill above it, and the scattered red roofs of the town show in a surf of foliage. The cliffs glowed in cream and cherry tints, with a cascade of vines falling over them, though not reaching the shore. The dainty little houses sit high in a loop of the cliffs. We left the city behind, with a huge cumulus cloud resting over it, and the evening light on all.

But Obydos and sunsets and rain squalls, and the fireflies which flit about the dark ship at night in myriads, tiny blue and yellow glow-lamps which burn with puzzling inconstancy, as though being switched on and off, though they help me with this narrative, yet candour compels me to tell you that they take up more space in this book than they do in the land of the Amazon. They were incidental and small to us, dominated by the shadowing presence of the forest.

We have been on the river nearly a week. But our steamer's decks, even by day, are deserted now. We lean overside no longer looking at this strange country. The heat is the most noteworthy fact, and drives every one to what little leeward to the glare there is.

Todavia, quando o rio está enchendo, a terra é varrida das raízes deste crescimento do pântano, e é empurrado para fora, um próspero campo móvel, frequentemente com vinte pés de espessura. Tais ilhas, quando grandes, podem ser perigosas para pequenas embarcações. Flores pequeninas florescem nesses campos aquáticos, que abrigam cobras e tartarugas, e às vezes, o peixe-boi.

À tarde, avistou-se Óbidos, mas logo a perdemos em uma violenta rajada de chuva. A rajada desceu como o estouro de uma arma e quase carregou os toldos. Anoiteceu antes que estivéssemos perto da cidade mais pitoresca que vi no rio. Óbidos fica em cima de um dos raros penhascos de argila e arenito do Amazonas. A floresta segue colina acima e os telhados vermelhos espalhados da cidade mostram ondulações de folhagem. Os penhascos brilhavam em matizes creme e cereja com uma cascata de trepadeiras caindo por cima deles, embora não alcançando a margem. As delicadas casinhas afixadas no alto, em uma faixa dos penhascos. Deixamos a cidade para trás com um enorme nimbo descansando sobre ela, e a luz da noite por cima de tudo.

Mas Óbidos, os pôres do sol, as rajadas de chuva e os vaga-lumes, que esvoaçavam em volta do navio escuro, à noite, em miríades, minúsculos brilhos de luz azul e amarela, que queimavam com enigmática inconstância, como se estivessem sendo ligados e desligados, embora me ajudem com esta narrativa, entretanto, a sinceridade me impele a contar-lhe que eles ocupam mais espaço neste livro do que nas terras do Amazonas. Eram acidentais e pequenos para nós, dominados pela presença assustadora da floresta.

Estamos nesse rio há aproximadamente uma semana. Mas os conveses de nosso navio, mesmo de dia, estão desertos agora. Nos enclinamos na amurada, não por muito tempo, olhando este país estranho. O calor é o fato mais notável e conduz todos para aquele breve barlavento para o resplendor que ali está.

Our cook, who is a salamander of a fellow, and has no need to fear the possibilities of his future life - though I do not remember he ever told me he was really thoughtful for them - feeling a little uncomfortable one day when at work on our dinner, glanced at his thermometer, and fled in terror. It registered 134 degrees. He begged me to go in and verify it, and once inside I was hardly any time doing that. We have such days, without a breath of air, and two vivid walls of still jungle, and between them a yellow river serpentine under the torrid sun, and a silence which is like deafness.

Under the shadow of the awning aft, in his deck chair, the Doctor is preparing our defences by sounding a profound volume on tropical diseases. This gives us but little confidence; though, as to our surgeon, recently I overheard one fireman to another, "I tell yer the - doc's a Man. That's what he is." (This is the result of the gin with the quinine.) Yet, good man as he is, his book on the consequences of the tropics is so large that we fear we all cannot escape so many impediments to joy. But our health's guardian is careful we do not anticipate anything from peeps into the mysteries. He never leaves his big book about, much as some of us would like to see the pictures in it, after what the donkeyman told us.

This is how it was. Donkey, in spite of instructions, and I know how emphatic the Skipper usually is, slept on deck away from his mosquito bar a few nights ago. He said at the time that he wasn't afraid of them little fanciful biters, or something of the kind. I have no doubt the Doctor would have had some trouble in making clear to Donkey's understanding exactly what are the links, delicate but sure, between mosquitoes and dissolution and decay in man. I have no doubt the Doctor would have had some trouble in making clear to Donkey's understanding exactly what are the links, delicate but sure, between mosquitoes and dissolution and decay in man. So he showed Donkey a picture. I wish I knew what it was - but the surgeon preserves the usual professional reticence in the affairs of his patients.

Nosso cozinheiro, que é um indivíduo muito esperto, e não tem nenhuma necessidade de temer as possibilidades de sua vida futura - embora não me lembre que ele tenha me contado que estivesse realmente preocupado com elas - sentindo-se um pouco desconfortável um dia, quando no preparo de nosso jantar, olhou para o seu termômetro e fugiu aterrorizado. Registrava 34°. Ele implorou-me para entrar e verificar, e uma vez dentro da cozinha, dificilmente, fazendo aquilo a qualquer hora. Temos dias semelhantes, sem um sopro de ar, e duas muralhas vivas, e entre elas um rio amarelo serpenteando debaixo do sol tórrido, e um silêncio que é como a surdez.

Debaixo do toldo de trás, em sua cadeira do convés, o médico está preparando nossa defesa em um volume consistente e profundo sobre doenças tropicais. Isso nos dá apenas uma pequena confiança; embora, assim como para o nosso cirurgião, recentemente, ouvi de um foguista para o outro, “eu te digo - o Homem é um médico. É isso que ele é”. (Esse é o resultado do gim com quinino). Todavia, um bom homem como ele é, seu livro sobre a consequência dos trópicos é tão grande, que tememos que nós todos não possamos escapar muito dos impedimentos de satisfação. Mas nosso guardião da saúde é cuidadoso para que não antecipemos nada através de olhadelas nos mistérios. Ele nunca deixa seu grande livro à toa, o tanto quanto alguns de nós gostaríamos de ver suas gravuras, depois que o homem estúpido nos contou.

Foi assim que aconteceu. O foguista de caldeira auxiliar, apesar das instruções, e sei quanto enfático o capitão geralmente é, dormia no convés, na barra do mosquiteiro, algumas noites atrás. Ele dizia, naquele tempo, que não tinha medo daqueles pequenos mordedores imaginários, ou algo desse tipo. Não tenho dúvidas de que o médico teria tido algum problema em deixar claro para o entendimento do foguista, exatamente quais são as ligações, delicadas, mas certas, entre os mosquitos, a dissolução e a decadência no homem. Portanto, mostrou ao foguista uma figura. Eu desejava saber o que era - mas o cirurgião preserva a reticência comum nos casos de seus pacientes.

For now Donkey is convinced it is very bad to sleep outside his curtain, and when he tries to tell us how unwholesome such sleeping can be, just at the point when he gets most entertaining his vocabulary wears into holes and tatters. You could not conjure that man from his curtain now, no, not if you showed him, in a vision. Cardiff, and the fairy lights of all its dock hotels. I know that in the Doctor's book there is a picture of a negro who acquired, in a superb way, a wonderful form of elephantiasis, for the Doctor showed it to me once, as a treat, when he thought I was growing slack and bored.

We require now such childish laughter at each other's discomfiture to break the spell of this land into which we are sinking deeper. Still the forest glides by. It is a shadow on the mind. It stands over us, an insistent riddle, every morning when I look out from my bunk. I watch it all day, drawn against my will; and as day is dying it is still there, paramount, enigmatic, silent, its question implied in its mere persistence - meeting me again on the next day, still with its mute interrogation.

We have been passing it for nearly a week. It should have convinced me by now that it is something material. But why should I suppose it is that? We have had no chance to examine it. It does not look real. It does not remind me of anything I know of vegetation. When you sight your first mountains, a delicate and phantom gleam athwart the stars, are you reminded of the substance of the hills? I have been watching it for so long, this abiding and soundless forest, that now I think it is like the sky, intangible, an apparition; what the eye sees of the infinite, just as the eye sees a blue colour overhead at midday, and the glow of the Milky Way at night. For the mind sees this forest better than the eye. The mind is not deceived by what merely shows. Wherever the steamer drives the forest recedes, as does the sky at sea; but it never leaves us.

Porque agora o foguista está convencido de que é muito perigoso dormir do lado de fora de seu mosquitoireiro, e quando ele tenta nos contar o quanto não saudável para o corpo tais dormidas podem ser, exatamente no ponto quando ele chega no mais divertido, seu vocabulário é reduzido a falhas e ruínas. Não se pode esconjurar esse homem por seu mosquitoireiro agora, não, nem se você lhe mostrasse, numa visão, Cardiff, e as luzes mágicas de todos os hotéis do cais. Sei que no livro do médico há uma figura de um negro que contraiu, de uma maneira extrema, uma forma terrível de elefantíase, porque o médico me mostrou uma vez, como uma ameaça, quando achou que eu estivesse ficando negligente e entediado.

Exigimos agora semelhante risada infantil em cada embaraço do outro, para quebrar o feitiço dessa terra em que estamos descendo profundamente. A floresta ainda nos cerca enfadonhamente. É uma sombra na mente. Permanece acima de nós, um enigma insistente, a cada manhã quando olho de meu beliche. Eu a observo o dia todo se desenhar contra minha vontade; e quando o dia está morrendo, ela ainda está ali, imensa, enigmática, silenciosa, sua questão implicada em sua mera presença - encontrando-me novamente no dia seguinte, ainda com sua interrogação muda.

Estamos passando por ela há aproximadamente uma semana. Deveria ter me convencido agora de que é algo material. Mas, por que eu deveria supor que é isso? Não temos tido nenhuma chance para examiná-la. Não parece real. Não lembra-me nada do que conheço de vegetação. Quando você vê as primeiras montanhas, um lampejo delicado e fantasioso, no rumo das estrelas, você se lembra da substância das colinas? Tenho estado examinando isso por muito tempo, essa floresta imutável e silenciosa, que agora penso que é como o céu, intangível, uma aparição; o que o olho vê do infinito, exatamente como o olho vê o colorido azul em cima, ao meio dia, e o brilho da Via-Láctea, à noite. Porque a mente vê essa floresta melhor do que o olho. A mente não é enganada pelo que meramente se mostra. Para onde quer que o navio se dirija, a floresta recua, como faz o céu no mar; mas nunca nos deixa.

The jungle gains nothing, and loses nothing, at noon. It is only a sombre thought still, as at midnight. It is still, at noon, so obscure and dumb a presence that I suspect the sun does not illuminate it so much as reveal our steamer in its midst. We are revealed instead. The presence sees us advancing into its solitudes, a small, busy, and impudent intruder. But the forest does not greet, and does not resent us. It regards us with the vacancy of large composure, with a lofty watchfulness which has no need to show its mind. I think it knows our fears of its domain. It knows the secret of our fate. It makes no sign. The pallid boles of the trees, the sentinels by the water with the press of verdure behind them, stand, as we pass, like soundless exclamations. So when we go close in shore I find myself listening for a chance whisper, a careless betrayal of the secret. There is not a murmur in the host; though once a white bird flew yauping from a tree, and then it seemed the desolation had been surprised into a cry, a prolonged and melancholy admonition. Following that the silence was deepened, as though an indiscretion were regretted. A sustained and angry protest at our presence would have been natural; but not that infinite line of lofty trees, darkly superior, silently watching us pass.

One night we anchored off the south shore in twenty fathoms, but close under the trees. At daybreak we stood over to the opposite bank. The river here was of great width, the north coast being low and indistinct. These tacks across stream look so purposeless, in a place where there are no men and all the water looks the same. You go over for nothing. But this morning, high above the land ahead, some specks were seen drifting like fragments of burnt paper, the sport of an idle and distant wind. Those drifting dots were urubus, the vultures, generally the first sign that a settlement is near. To come upon a settlement upon the Amazons is like landfall at sea. It brings all on deck.

A selva não ganha nem perde nada, à noite. É somente um sombrio pensamento parado, como à meia-noite. Está parada ao meio-dia, uma presença tão obscura e muda que suspeito que o sol não a ilumine tanto quanto revela nosso navio em seu centro. Somos revelados, em vez disso. A presença nos vê avançando para dentro de sua solidão; um pequeno, ocupado e intruso imprudente. Mas a floresta não nos cumprimenta, nem nos ofende. Nos considera com uma lacuna de grande serenidade, com uma vigilância imponente, que não tem necessidade de mostrar a mente. Acho que ela conhece os nossos medos de seu domínio. Conhece o segredo de nosso destino. Ela não dá nenhum sinal. Os troncos cinzentos das árvores, as sentinelas na água com a pressão do verdor atrás delas permanecem, enquanto passamos, como exclamações silenciosas. Então, quando estamos perto da margem, descubro a mim mesmo prestando atenção em uma oportunidade de sussurro, uma traição cuidadosa do segredo. Não há um murmúrio sequer na anfitriã; apesar de uma vez um pássaro branco voar cantando de uma árvore, e então pareceu que a desolação tinha sido surpreendida por um grito, uma advertência prolongada e melancólica. Seguindo aquilo, o silêncio foi aprofundado, como se uma indiscrição fosse lastimada. Um protesto raivoso e sustentado em nossa presença teria sido natural; mas não naquela linha infinita de árvores imponentes, obscuramente superiora, silenciosamente nos observando passar.

Uma noite, ancoramos na margem sul, a vinte pés de profundidade, porém perto das árvores. Ao raiar do dia estávamos para o lado de cima, para o lado oposto do barranco. O rio aqui era de uma largura formidável, a margem norte estava baixa e indistinta. Esses banzeiros no rio pareciam tão despropositais em um lugar onde não havia nenhum homem e todas as águas parecem as mesmas. Examinávamos sem propósito. Mas esta manhã, muito acima da terra adiante, algumas manchas foram vistas desgarrando-se como fragmentos de papel queimado, o esporte de um vento distante e ocioso. Aqueles pontos desgarrados eram urubus, geralmente o primeiro sinal de que um povoado está perto. Chegar a um povoado no Amazonas é como terra à vista no mar. Traz todos para o convés.

And there, at last, was Itacoatiara or Serpa. From one of the infrequent, low, ferruginous cliffs of this river the jungle had been cleared, and on that short range of modest, undulating heights which displaced the green palisades with soft glowings of rose, cherry, and orange rock, the sight escaped to a disorder of arbour'd houses, like a disarray of little white cubes; Serpa was, in appearance, half a basketful of white bricks shot into a portico of the forest.

That morning was no inducement to exertion, but when an Indian paddled his canoe alongside our anchored steamer the Doctor and the Purser got into it, and away. The hot earth would be a change from hot iron. Besides, I was eager for my first walk in equatorial woods. Our steamer was anchored below the town, off a small campo, or clearing. The native swashed his canoe into a margin of floating plants, which had rounded leaves and inflated stalks, like buoys. I looked at them, and indeed at the least thing, as keenly as though we were now going to land in the moon. Nothing should escape me; the colour of the mud, the water tepid to my hand, the bronze canoeman in his pair of old cotton pants split just where they should have been scrupulous, and the weeds and grass. I would drain my tropics to the last precious drop. I myself was seeing what I had thought others lucky to have seen. It was like being born into the world as an understanding adult. We got to a steep bank of red clay, fissured by the heat, and as hard as brickwork. Green and brown lizards whisked before us as we broke the quiet. From the top of the bank the anchored steamer looked a little stranger. Aboard her, and she is a busy village. Now she appeared but a mark I did not recognise in that reticent solitude. The Amazon was an immensity of water, a plain of burnished silver, where headlands, islands, and lines of cliff were all cut in one level mass of emerald veined with white. The canoe going downstream appeared to dissolve in candent vapour. Cloudland low down over the forest to the south, a far disorder of violet heights, waiting to fill the sky at sunset and to shock our unimportance then with convulsions of blue flames, did not seem more aloof and inaccessible to me than our immediate surroundings.

E ali finalmente estava Itacoatiara, ou Serpa. De um dos infrequentes, baixos e ferruginosos penhascos deste rio, a selva tinha sido derrubada, e naquela pequena extensão de alturas modestas e onduladas, que deslocava as faixas de terras verdes com suaves brilhos de rochedo rosa, cereja e laranja, a vista escapava para uma desordem de casas arborizadas, como um desarranjo de pequenos cubos brancos; Serpa era, em aparência, metade de uma cesta cheia de tijolos brancos atirados em um pórtico da floresta.

Aquela manhã não era nenhuma indução ao esforço; mas quando um indígena remou em sua canoa, ao lado do nosso navio ancorado, o médico e o comissário embarcaram e se foram. A terra quente seria uma mudança do ferro quente. Além disso, eu estava curioso pelo meu primeiro passeio na floresta equatorial. Nosso navio ancorou abaixo da cidade, num campo pequeno, ou clareira. O nativo remava em sua canoa perto da margem de plantas flutuantes, que tinham folhas arredondadas e hastes infladas, como salva-vidas. Olhei para elas e, realmente, para a mínima coisa tão afiadamente, como se estivéssemos indo, naquele momento, desembarcar na lua. Nada deveria me escapar, a cor da lama, a água morna em minha mão, o canoeiro cor de bronze em sua velha calça de algodão, rasgada exatamente onde deveria ter tido escrúpulo, e as ervas daninhas e mato. Eu drenaria meus trópicos até a última gota preciosa. Eu mesmo estava vendo o que tinha pensado que outros sortudos viram. Era como nascer em um mundo com um entendimento adulto. Subimos em um barranco íngreme de barro vermelho, rachado pelo calor, e tão duro quanto uma parede de tijolos.

Lagartos verdes e marrons corriam rapidamente diante de nós, quando quebrávamos o sossego. Do topo do barranco o navio ancorado parecia um pouco estranho. A bordo o navio é uma vila ocupada. A canoa descendo a correnteza parecia dissolver-se em um vapor incandescente. Um bloco de nuvenzinhas descia sobre a floresta ao sul, uma desordem distante de alturas violetas, esperando preencher o céu ao pôr do sol e chocar nossa insignificância então com convulsões de chamas azuis, não parecia mais indiferente e inacessível para mim do que nossos arredores.

The clearing was a small bay in the jungle. A few statuesque silk-cotton trees, buttressed giants, were isolated in its centre. A bunch of dun-coloured cattle with twisted horns stood beneath them, though the trees gave them no shade, for each grey trunk was as bare of branches for sixty feet of its length as a stone column. The wall of the jungle was quite near, and as I stood watching it intently, I could hear but the throb of my own life. The faint sibilation of insects was only as if, in the silence, you heard the sharp rays of the sun impinge on the earth; your finer ear caught that sound when you forgot the ring and beat of your body. It was something below mere silence.

We approached the wall to the west, as a path went through the harsh swamp herbage that way, and entered the jungle. The sun went out almost at once. It was cellar cool under the trees. We had no idea where the path would lead us. That did not matter. No doubt it would be the place desired. The Doctor walked ahead, and I could just see his helmet, the way was so narrow and uncertain. I kept missing the helmet, for everything in the half-lighted solitude was strange. One could not keep an eye on a white hat on one's first equatorial ramble, and only when the quiet was heavy enough to be a burden did I look up from a puzzling leaf, or some busy ants, to find myself alone. There was a feeling that you were being watched; but there were no eyes, when you glanced round quickly. Do you remember that dream which sometimes came when we were children? There were, I remember, empty corridors prolonging into the shadows of a nameless house where not a sign showed of what was there. We went on, and no words we could think of when we woke could tell what we felt when we looked into those long silent aisles of the house without a name; for we knew something was there; but there was no telling what the thing would be like when it showed. That is your sensation in a first walk in a Brazilian forest.

A clareira era uma pequena baía na selva. Alguns troncos de sapopembas, gigantes apoiados, estavam isolados em seu centro. Um rebanho de gado malhado com chifres enrolados estava parado debaixo delas, embora as árvores não lhes oferecessem nenhuma sombra, porque cada tronco cinzento era tão despido de galhos por cerca de sessenta pés de sua extensão, quanto uma coluna de pedra. A muralha da selva estava um pouco perto e, enquanto eu a observava atentamente, podia ouvir apenas o pulsar de minha própria vida. A sibilância fraca de insetos era somente como se, no silêncio, se ouvisse os raios afiados do sol infringir sobre a terra; seu ouvido mais delicado capturava aquele som, quando você esquecia a ressonância e a pulsação de seu corpo. Era algo abaixo do mero silêncio.

Aproximamo-nos da paliçada a oeste, porque uma trilha passava pelo brejo naquele caminho cheio de mato, e entramos na selva. O sol desapareceu quase imediatamente. Era um porão frio debaixo das árvores. Não tínhamos a menor ideia de onde a trilha nos levaria. Não importava. Sem dúvida seria para o lugar desejado. O médico caminhava na frente e eu apenas podia ver seu capacete; o caminho era muito estreito e incerto. Perdi o capacete de vista, porque tudo era estranho naquela solidão pouco iluminada. Ninguém podia manter um olho em um chapéu branco na primeira caminhada equatorial de alguém, e somente quando o silêncio estava pesado o suficiente para ser um peso, eu deixava de observar uma folha enigmática, ou algumas formigas ocupadas, para me encontrar sozinho. Havia um pressentimento de que você estava sendo observado, mas não havia nenhum olho, quando se dava uma olhada em volta rapidamente. Lembra-se daquele sonho que, algumas vezes, sonhávamos quando éramos crianças? Havia, eu lembro, corredores vazios prolongando-se nas sombras de uma casa desconhecida, onde nenhum sinal mostrava o que estava ali. Seguíamos adiante, e nenhuma palavra que pudéssemos pensar quando acordávamos podia descrever o que sentimos quando olhamos para dentro daquelas passagens silenciosas da casa desconhecida; porque sabíamos que alguma coisa estava ali; mas não tinha nenhum significado com o que a coisa pareceria, quando descrita. Essa é sua sensação numa primeira caminhada em uma floresta brasileira.

I stopped at lianas, and curious foliage, trying to trace them to a beginning, but rarely with any success. There were some mantis, which commenced to run on a tree while I was examining its bark. They were like flakes of the bark. For a moment the tree seemed to quiver its hide at my irritating touch. Then the Doctor called, and I pushed along to find him stooping over a land snail, the size of a man's fist, which rather puzzled him, for it had what he called an operculum; that is, a cap such as a winkle's, only in this case it was as large as a crown piece. I do not know if it was the operculum, for my knowledge of such things is small; but I did feel this was the only twelfth birthday which had come to me for many years.

Presently we saw light, as you would from the interior of a tunnel. Some beams of sunshine slanted from a break in the roof to where a tree had fallen, making a bridge for us across an igaripe, a stream, that is, large enough to be a way for a canoe. The sundered, buttressed roots of the tree formed a steep climb to begin with, but the buttresses going straight along the trunk as handrails made crossing the bridge an easy matter. Raising my hand to a root which was hot in the sun, and watching a helicon butterfly, a black and yellow fellow, which settled near us, slowly open and shut his wings, I jumped, because it felt as though a lighted match had dropped into my sleeve. But I couldn't douse it. It burned in ten places at once. It was a first lesson in constant watchfulness in this new world. I had placed my hand in a swarm of inconspicuous fire ants. The dead tree was alive with them, and our passage quickened. We rubbed ourselves hysterically, for the Doctor had got some too; and there was no professional reserve about him that time.

Parei perto dos cipós de folhas estranhas tentando traçá-los até um início, mas raramente com algum sucesso. Havia alguns louva-a-deus que começaram a correr em uma árvore, enquanto eu estava examinando sua casca. Eles eram como lascas da casca. Por um momento, a árvore parecia tremer seu esconderijo ao meu toque irritante. O médico chamou e eu saí para encontrá-lo agachado perto de um caracol da terra, do tamanho do punho de um homem, que o deixou um tanto quanto embaraçado, porque tinha o que ele chamou de operculo; isto é, uma capa como uma concha, somente nesse caso era tão grande quanto um pedaço de coroa. Não sei se aquilo era o operculo, porque meu conhecimento de tais coisas é pequeno; mas eu realmente senti que esse era o único décimo segundo aniversário que tinha vindo para mim durante muitos anos.

Nesse momento, vimos luz, como se veria do interior de um túnel. Alguns feixes de luz inclinavam-se de uma brecha na copa para onde uma árvore tinha caído construindo uma ponte para cruzarmos um igarapé, um córrego, que é largo o suficiente para passar uma canoa. As raízes espalhadas e apoiadas da árvore formavam uma subida íngreme, de início; mas as raízes espalhadas, estando retas ao longo do tronco, como suportes, tornavam o cruzamento da ponte um problema fácil. Levantando minha mão até uma raiz que estava quente no sol e observando uma borboleta, um ser preto e amarelo que pousou perto de nós, lentamente abrindo e fechando suas asas, pulei, porque senti como se um fósforo aceso tivesse caído na manga de minha camisa. Mas não podia colocá-la na água. Queimou em dez lugares imediatamente. Era a primeira lição da observação constante nesse Novo Mundo. Tinha colocado minha mão em uma multidão de formigas de fogo. A árvore morta estava viva com elas e nossa passagem foi rápida. Esfregávamos-nos histericamente, porque o médico tinha sido picado também; e não havia nenhuma reserva profissional para ele naquela hora.

After crossing the igaripe the character of the forest changed. It was now a growth of wild cacao trees. Nothing grew beneath them. The floor was a black paste, littered with dead sticks. The woods were more open, but darker and more dank than before. The sooty limbs of the cacao trees grew low, and filled the view ahead with a perplexity of leafless and tortured boughs. They were hung about with fruit, pendent lamps lit with a pale greenish light. We saw nothing move there but two delicate butterflies, which had transparent wings with opaque crimson spots, such as might have been served Titania herself; yet the gloom and black ooze, and the eerie globes, with their illusion of light hung upon distorted shapes, was more the home of the fabulous sucuruja, the serpent which is forty feet long.

A dry stick snapping underfoot had the same effect as that crash which resounds for some embarrassing seconds when your umbrella drops in a gallery of the British Museum. The impulse was to apologise to something. We had been so long in the twilight, recoiling at nameless objects in the path, a monstrous legume perhaps a yard long and coiled like a reptile, seeing things only with a second look, that the sudden entrance into a malocal, a forest clearing, which, as though it were a reservoir, the sun had filled with bright light, was like a plunge into a warm, fluid, and lustrous element.

In the clearing were the huts of an Indian village. Only the roofs could be seen, through some plantations of bananas. Around the clearing, a side of which was cut off by a stream, was the overshadowing green presence. Some chocolate babies, as serious as gnomes, looked up as we came into daylight, opened their eyes wide, and fled up the path between the plantains.

Depois de cruzarmos o igarapé, a característica da floresta mudou. Era agora um crescimento de cacaueiros silvestres. Nada crescia debaixo deles. O chão era um pasto preto coberto com gravetos secos. A floresta era mais aberta, porém mais escura e úmida do que antes. Os caules lisos dos cacaueiros eram baixos e fechavam a visão adiante com uma perplexidade de galhos desfolhados e torturados. Estavam carregados de frutos, lâmpadas pendentes iluminadas com uma luz verde-claro. Não víamos nada se movendo ali, apenas duas borboletas delicadas, que tinham asas transparentes com pontos vermelhos opacos, seres que podiam ter servido à própria Titânia¹⁰¹; entretanto, o escoamento triste e escuro, e as esferas, com suas ilusões de luz penduradas por cima das formas distorcidas eram mais o lar da fabulosa sucuri, a serpente que tem quarenta pés de comprimento.

Um galho seco, estalando debaixo do pé, tinha o mesmo efeito que aquela pancada que ressoa durante alguns embaraçosos segundos, quando seu guarda-chuva cai em uma galeria do Museu Britânico. O impulso para apologizar alguma coisa. Tínhamos ficado tanto tempo no crepúsculo, recuando de seres anônimos na trilha, uma leguminosa monstruosa, talvez de uma jarda de comprimento e enrolada como um réptil, vendo coisas somente com uma segunda olhada, que a entrada rápida em um descampado, uma clareira na floresta que, como se fosse um lago artificial, o sol preenchia com luz brilhante, era como um mergulho em um elemento quente, fluido e lustroso.

Na clareira estavam as cabanas de uma aldeia indígena. Somente as cumeeiras podiam ser vistas através de algumas plantações de bananas. Ao redor da clareira, de um lado que era cortado por um igarapé, estava a presença verde e obscura. Algumas crianças cor de chocolate, tão sérias quanto gnomos, nos observavam, quando surgimos no clarão do dia; elas abriram seus olhos grandes e sumiram em um caminho em meio ao bananal.

¹⁰¹Trata-se de uma das seis filhas de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), chamadas de Febe, Mnemosine, Rea, Téia, Têmis ou Tia e Tetis. Ver, a propósito, **Sonho de uma Noite de Verão**, de W. Shakespeare, cuja personagem central é a bela Titânia, a quem é concedido o título de Rainha dos duendes e das fadas.

If I could sing, I would sing the banana. It has the loveliest leaf I know. I feel intemperate about it, because I came upon it after our passage through a wood which could have been underground, a tangle of bare roots joining floor and ceiling in limitless caverns. We stood looking at the plantation till our mind was fed with grace and light. The plantain jets upwards with a copious stem, and the fountain returns in broad rippled pennants, falling outwardly, refined to points, when the impulse is lost. A world could not be old on which such a plant grows. It is sure evidence of earth's vitality. To look at it you would not think that growing is a long process, a matter of months and natural difficulties. The plantain is an instant and joyous answer to the sun. The midribs of the leaves, powerful but resilient, held aloft in generous arches the broad planes of translucent green substance. It is not a fragile and dainty thing, except in colour and form. It is lush and solid, though its ascent is so aerial, and its form is content to the eye. There is no green like that of its leaves, except at sea. The stout midribs are sometimes rosy, but the banners they hold well above your upturned face are as the crest of a wave in the moment of collapse, the day showing through its fluid glass. And after the place of dead matter and mummied husks in gloom, where we had been wandering, this burst of leaves in full light was a return to life.

We continued along the path, in the way of the vanished children. Among the bananas were some rubber trees, their pale trunks scored with brown wounds, and under some of the incisions small tin cups adhered, fastened there with clay. In most of the cups the collected latex was congealed, for the cups were half full of rain-water, which was alive with mosquito larvæ. The path led to the top of the river bank. The stream was narrow, but full and deep. A number of women and children were bathing below, and they looked up stolidly as we appeared.

Se eu soubesse cantar, cantaria a bananeira. Ela tem a folha mais adorável que conheço. Senti-me imoderado, porque cheguei até elas depois de nossa passagem por uma mata que podia estar no subsolo; um emaranhado de raízes unindo o chão e a copa das árvores em cavernas sem fim. Ficamos observando a plantação até que nossa mente estivesse alimentada de beleza e luz. A bananeira se lança para cima com um copioso caule e a fonte retribui em largas pontas onduladas, caindo para os lados, polidas nas pontas, quando o balanço é perdido. Um mundo em que semelhante planta cresce não podia ser velho. É evidência certa da vitalidade da terra. Olhando para ela não se pensaria que crescer é um processo longo, uma questão de meses e dificuldades naturais. A bananeira é uma resposta instantânea e alegre para o sol. Os talos das folhas, poderosos, mas elásticos, mantêm no ar em generosas arcadas, as superfícies largas de substância verde transparente. Não é uma coisa frágil e delicada, exceto em cor e forma. É exuberante e sólida, embora sua subida seja tão aérea, e sua forma seja conteúdo para o olho. Não há nenhum verde como aquele de suas folhas, exceto no mar. Os talos viçosos são, às vezes, rosados, mas os estandartes, que se sustentam bem acima de seu rosto, são como as cristas de uma onda no momento do colapso, o dia se mostrando através de seu espelho fluido. E depois do lugar de coisas mortas e preservadas coberturas secas na escuridão, onde tínhamos estado perambulando, esta explosão de folhas em completa luz era um retorno à vida.

Continuamos ao longo da trilha no caminho em que as crianças desapareceram. Entre as bananeiras havia algumas seringueiras; seus troncos cinzentos, marcados com cortes escuros, e debaixo de algumas das incisões tigelinhas estavam enfiadas, fixadas ali com argila. Na maioria das tigelas o leite coletado estava congelado, porque as tigelas estavam quase cheias de água da chuva, que estava viva, com larvas de mosquitos. A trilha conduzia ao barranco do rio. O córrego era estreito, mas cheio e fundo. Um grupo de mulheres e crianças estavam se banhando embaixo, e olharam para cima com indiferença, quando aparecemos.

Some were negligent on the grass, sunning themselves. Others were combing their long, straight hair over their honey- and snuff-coloured bodies. The figures of the women were full, lissom, and rounded, and they posed as if they were aware that this place was theirs. They were as unconscious of their grace as animals. They looked round and up at us, and one stayed her hand, her comb half through the length of her hair, and all gazed intently at us with faces having no expression but a little surprise; then they turned again to proceed with their toilets and their gossip. They looked as proper with their brown and satiny limbs and bodies, in the secluded and sunny arbour where the water ran, framed in exuberant tropical foliage, as a herd of deer.

I had never seen primitive man in his native place till then. There he was, as at the beginning, and I saw with a new respect from what a splendid creature we are derived. It was, I am glad to say, to cheer the existence of these people that I had put money in a church plate at Poplar. Poplar, you may have heard, is a parish in civilisation where an organised community is able, through its heritage of the best of two thousand years of religion, science, commerce, and politics, to eke out to a finish the lives of its members (warped as they so often are by arid dispensations of Providence) with the humane Poor Law. The Poor Law is the civilised man's ironic rebuke to a parsimonious Creator. It is a jest which will ruin the solemnity of the Judgment Day. Only the man of long culture could think of such a shattering insult to the All Wise who made this earth too small for the children He continues to send to it, trailing their clouds of glory which prove a sad hindrance and get so fouled in the fight for standing room on their arrival. But these savages of the Brazilian forest know nothing of the immortal joke conceived by their cleverer brothers.

Algumas estavam desatentas, no capim, tomando banho de sol. Outras estavam penteando seus cabelos longos, caídos sobre corpos morenos cor de mel. As formas das mulheres eram cheias, graciosas e roliças, e elas posavam como se tivessem conscientes de que aquele lugar fosse delas. Eram tão inconscientes de sua beleza, quanto os animais. Olhavam-nos em volta e acima; e uma parou a mão e seu pente na metade do comprimento de seu cabelo, e todas nos fitaram atentamente com rostos sem nenhuma expressão, mas um pouco surpresas; então, viraram-se novamente para continuarem seus banhos e suas fofocas. Pareciam tão peculiares com seus membros e corpos morenos e acetinados, no recluso e ensolarado bosque, onde a água corria, enquadradas na exuberante ramagem tropical, quanto uma manada de cervos.

Nunca tinha visto o homem primitivo em seu lugar nativo até então. Ali estava ele, como no começo, e eu via com um novo respeito de qual criatura somos derivados. Era, estou contente em dizer, para alegrar a existência dessas pessoas, que eu tinha ofertado moedas em uma igreja em Poplar. Poplar, você deve ter ouvido falar, é uma paróquia na civilização, onde uma comunidade organizada é capaz de, através de sua herança do melhor de dois mil anos de religião, ciência, comércio e política, auxiliar no fim da vida de seus membros (afiados como eles tão frequentemente são pelas isenções áridas da Providência) com a humanitária Lei dos Pobres¹⁰². A Lei dos Pobres é a repreensão irônica do homem civilizado a um Criador parcimonioso. É um gesto que arruinará a solenidade do Dia do Julgamento. Somente o homem de longa cultura podia pensar em semelhante insulto ao Todo-Poderoso, que criou esta terra muito pequena para os filhos que Ele continua a enviar, traçando suas nuvens de glória que provam um triste desenvolvimento, e ficam tão sujas na luta para manter a moradia na chegada deles. Mas esses selvagens da floresta brasileira não sabem nada da piada imortal concebida por seus irmãos mais inteligentes.

102A Lei dos Pobres foi promulgada pela Rainha Isabel I em 19 de dezembro de 1601. A Lei assentava quatro princípios: a) a obrigação do socorro aos necessitados; b) a assistência pelo trabalho; c) a taxa cobrada pelo socorro aos pobres; d) a responsabilidade das paróquias pela assistência de socorros e de trabalho. Ver o texto Industrialização, saúde pública e controle social na Inglaterra do séc. XIX, de Luis Graça. Disponível em www.ensp.unl.pt/lgraca/textos.

They have all they want. Experience has not taught them to devise such a cosmic mock as a Poor Law. How do these poor savages live then, who have not been vouchsafed such light? They pluck bananas, I suppose, and eat them, swinging in hammocks. They live a purely animal existence. More than that, I even hear that should you find a child hungry in an Indian village, you may be sure all the strong men there are hungry too. I was not able to prove that; yet it may be true there are people to-day to whom the law that the fittest must survive has not yet been helpfully revealed. (This is really the Doctor's fault. I should never have thought of Poplar if he had not wondered aloud how those bathers under the palms managed without a workhouse.)

Behind us were the shelters of these settled Indians, the "cabaclos," as they are called in Brazil (literally, copper coloured). Each house was but a square roof of the fronds of a species of attalea palm, upheld at each corner by poles seven feet high. The houses had no sides, but were quite open, except that some had a quarter of the interior partitioned off with a screen of leaves. There was a rough attempt at a garden about each dwelling, with rose bushes and coleas in the midst of gourds and patches of maize. The roses were scented, and of the single briar kind. We entered one of the dwellings, and surprised a young woman within who was swinging in a hammock smoking a native pipe of red clay through a grass stem.

Eles têm tudo o que querem. A experiência não lhes ensinou a inventar semelhante escárnio cósmico como a Lei dos Pobres. Como esses pobres selvagens vivem então, para quem não têm sido dada semelhante luz? Eles arrancam bananas, eu suponho, e as comem balançando-se em redes. Eles vivem uma existência puramente animal¹⁰³. Mais do que isso, eu mesmo ouvi dizer que, se você encontrar uma criança faminta em uma aldeia, pode ficar certo de que todos os homens fortes estão famintos também. Não fui capaz de comprovar isso; entretanto, pode ser verdade que há pessoas hoje para quem a lei, que diz que o mais capaz deve sobreviver, ainda não tenha sido proveitosamente revelada. (É realmente descuido do médico. Eu não teria pensado em Poplar, se ele não tivesse se surpreendido em voz alta, sobre como aqueles banhistas debaixo das palmeiras eram governados sem um reformatório¹⁰⁴).

Atrás de nós estavam os abrigos desses indígenas colonizados, os “caboclos”, como são chamados no Brasil (literalmente, cor de cobre¹⁰⁵). Cada casa era apenas uma cobertura quadrada de palhas de uma espécie de palmeira, erguida nos quatro cantos por estacas de sete pés de altura. As casas não tinham paredes, mas eram completamente abertas, exceto algumas que tinham uma parte do interior separada por uma parede de palhas. Havia a tentativa rude de um jardim em volta de cada moradia, com pés de rosa e margaridas entre pés de cabaça e fileiras de milho. As rosas eram cheirosas e do tipo de roseira singular. Entramos em uma das casas e surpreendemos uma mulher jovem que estava balançando-se em uma rede, fumando um cachimbo de argila vermelha nativo, através de um talo de capim.

103Vê-se, por um lado, que as marcas que caracterizam a inferioridade do nativo estão imbricadas em um racismo biológico que, na concepção do viajante, também devem corresponder à capacidade mental do nativo para se organizar em sociedade. Por outro, é visível o sarcasmo e a ironia aí inscritas, figuras que dirigem-se explicitamente ao “civilizado europeu”, pois “somente o homem de longa cultura podia pensar em semelhante insulto ao Todo-Poderoso” criando, dessa forma, a Lei de Ajuda aos Necessitados.

104Workouse, que pode ser asilo de pobres ou reformatório, são conhecidos também como Bastilhas de Chadwick por analogia a famigerada fortaleza-prisão de Paris.

105O termo caboclo pode ter esse sentido pejorativo, mas também significa qualquer nativo da região amazônica que viva em contato direto com a floresta, os rios, etc e dali tire seu sustento e da família.

One fine limb, free of her cotton gown to the thigh, hung indolently over the hammock, the toes touching the earth and giving the couch movement. Her black hair, all at first we could see of her head, nearly reached the ground.

A well-grown girl, innocent from head to feet, saw us enter, and cried to her mother, who rose in the hammock, threw her gown over her leg, smiled gravely at us, and alighted, to vanish behind the screen with the child, reappearing presently with the girl neatly attired. Other children came, and soon had confidence to examine us closely and critically, grave little mortals with eyes which spoke the only language I understood there. The men and women who gathered stood behind the children, smiling sadly and kindly. They were gentle, undemonstrative, and observant, with features of the conventional Indian type. The men were spare and lithe, of medium height, wearing only shorts tied with string below their bronze busts. The women were of fuller build, with heavier but more cheerful features, and each was dressed in a single cotton garment, open above, revealing the breasts.

The noon shadows of the hut, and the trees, were deep as the stains of ink. A tray of mandioca root, farinha, was set in the hot sun to dry. Under a gourd tree was a heap of turtle shells. A little game, a capybara, and a bird like a crow with a brown rump, were hung on the screen. But the most remarkable feature of the house in the forest was its pets. A pair of parraquets ran in and out the bushes like green mice. My helmet was tipped over my eyes, and, looking upwards, there was an audience of monkeys in the shadow, quite beside themselves with curiosity. My sudden movement sent them off like fireworks. One was a most engaging little fellow, a jet-black tamarin slightly larger than a squirrel.

Um membro delicado, livre de seu vestido de algodão até a coxa, pendia indolentemente por cima da rede, os dedos tocando a terra e impulsionando o balanço. Seus cabelos pretos, tudo que podíamos ver de sua cabeça, de início, quase alcançavam o chão.

Uma garota crescida, inocente da cabeça aos pés, nos viu entrar e gritou para sua mãe, que levantou-se da rede, ajeitou o vestido sobre a perna, sorriu seriamente para nós e correu, desaparecendo com a criança atrás da parede de palhas, reaparecendo, depois, com a garota agradavelmente vestida. Outras crianças apareceram e logo adquiriram confiança para nos examinar bem de perto e criticamente; sérios pequenos mortais, com olhos que falavam a única língua que eu compreendia ali. Os homens e as mulheres, que se juntaram, ficaram atrás das crianças, sorrindo triste e bondosamente. Eles eram gentis, não demonstrando esse sentimento, e observadores, com características do tipo indígena convencional. Os homens eram fortes e ágeis, de altura mediana, usando apenas bermudas amarradas com uma envira abaixo dos peitos cor de bronze. As mulheres eram mais cheias, com características mais pesadas, porém, mais alegres; e cada uma estava vestida em uma vestimenta de algodão simples, aberta em cima, revelando seus seios.

Ao meio-dia, as sombras da cabana e das árvores eram intensas, como manchas de tinta. Uma bandeja com mandioca, farinha, estava posta no sol para secar. Debaixo de um pé de coité havia um casco de tartaruga. Um brinquedinho, uma capivara¹⁰⁶ e um pássaro, parecido com um corvo, com um rabo marrom, estavam pendurados na parede. Mas a característica mais extraordinária da casa na floresta era os animais de estimação. Um casal de periquitos entrava e saía das moitas, como ratos verdes. Meu capacete estava colocado rente a meus olhos e, olhando para cima, havia uma audiência de macacos, na sombra, quase ao lado deles, olhando curiosamente. Meu movimento repentino os fez sair como fogos de artifício. Uma era a mais interessante e atraente criaturinha, um macaquinho preto e listrado, um pouco maior do que um esquilo.

¹⁰⁶Provavelmente, era uma cotia ou outro animal de pequeno porte, pois uma capivara, devido a seu tamanho, dificilmente poderia ser pendurada em uma parede. E, o brinquedinho, um estilingue, talvez, ou qualquer outro instrumento de caça dos indígenas.

Presently he found courage to come closer, with a companion, a brown monkey of his own size. As they sat side by side the Doctor pointed out that the expressions in the faces of these monkeys showed temperaments separating them even more widely than they were separated by those physical differences which made them species. I saw at once, with some pleasure and a little vanity, that I might be more nearly related to the friendly caboclos than I am to some people in England. The brown chap would be no doubt a master of industry on the tree tops, keeping a whole tree to himself, and living on nuts which others gathered. You could see it in his keen and domineering look, and in the quick, casual way he crowded his fellow, who always made room for him. I have seen such a face, and such manners, in great industrial centers. They are the marks of the ablest and best, who get on. His hard, eager eyes showed censoriousness, cruelty, and acquisitiveness. But his companion, with a sooty and hairless face, and black hair parted in the middle of a frail forehead, was a pal of ours, and knew it. The brown midget showed angry distrust of us, knowing what devilry was in his own mind. But the black, though more delicate and nervous a monkey, his mind being innocent of secret plots, had gentleness and faith in his looks, and showed a laughable and welcome curiosity in us. He made friendly twitterings - not the harsh and menacing chatter of the other - and perfectly selfpossessed, his pure soul giving him quietude, examined us in a brotherly way with an ebon paw which was as small and fragile as a black fairy's.

A jabiru stork stood on one leg, beak on breast, meditating, caring nothing for all that was outside its ruminating mind. There were parrots on the cross-ties of the roof, on the floor, on the shoulders of the women, and in the hands of the children, and they were getting an interesting time through the monkeys when their faces were not cocked sideways at us in a knowing fashion.

Logo ele encontrou coragem para chegar mais perto, com um companheiro, um macaco marrom do mesmo tamanho. Quando eles sentaram-se, lado a lado, o médico mostrou que as expressões na cara desses macacos mostravam temperamentos separando-os até mais amplamente do que eles estavam separados por aquelas diferenças físicas, que os tornava espécie. Vi imediatamente, com algum prazer e um pouco de vaidade, que eu podia estar mais aproximadamente relacionado aos amigáveis caboclos do que com algumas pessoas na Inglaterra. O camarada marrom seria, sem dúvida alguma, um mestre da indústria na copa das árvores, mantendo uma árvore inteira para si mesmo, e vivendo de cocos que outros coletassem. Podia-se ver isso em seu olhar interessado e dominador, e na pressa, modo casual que ele tratava o indivíduo, que sempre lhe fazia sala. Tenho visto rosto e maneiras semelhantes, nos grandes centros industriais. Eles são as marcas do mais capaz e do melhor que segue adiante. Seus rígidos olhos ansiosos mostravam censura, crueldade e interesse. Mas seu companheiro, com uma cara suave e lisa, e o pêlo preto repartido no meio de uma testa delicada, era um camarada dos nossos, e o distinguia. O bichinho marrom demonstrou desconfiança raivosa de nós, sabendo qual diabrura estava em sua mente. Porém, o preto, apesar de ser um macaco mais delicado e nervoso, sua mente estando inocente de tramas secretas, possuía gentileza e fé em seus olhares, e demonstrava uma ridícula e bem-vinda curiosidade em nós. Ele emitia sons amigáveis - não a tagarelice severa e ameaçadora do outro - e perfeitamente dono de si, sua alma pura dando-lhe tranquilidade, examinava-nos de uma maneira fraternal, com uma pata de ébano, que era tão pequena e frágil como a de uma fada negra.

Um jaburu-cegonha permanecia parado sobre uma perna, bico sobre o peito, meditando; não se importando com nada que estava fora de sua mente ruminante. Havia papagaios nas amarras dos cantos de um teto, no chão, nos ombros das mulheres, e nas mãos das crianças; e elas estavam se divertindo com os macacos, quando suas cabeças não estavam viradas para os lados, nos olhando de uma maneira conhecida.

And what looked like a crow was giving bitter and ruthless chase to a young agouti, in and out of the bare feet of the company. I have never seen creatures so tame. But Indian women, as I learned afterwards, have a fine gift for winning the confidence of wild things, and that afternoon they took hold of the creatures, anyhow and anywhere, to bring them for our inspection, without the captives showing the least alarm or anger. There were the dogs, too. But they were like all the dogs we saw in Brazil, looking sorry for themselves; and they sat about in case they should fall if they attempted to stand. Our audience broke up suddenly, in an uproar of protests, to chase the brown monkey, who was towing a frantic parrot by the tail.

We continued our walk, entering the forest again on another path. Here the growth was secondary, and the underbush dense on both sides of the trail. The voices of the village stopped as we entered the shades, and there was no more sound except when a bird scurried away heavily, and again, when some cicadas, the "scissors grinders," suddenly sprang an astonishing whirring from a tree. The sound was as loud as that of a locomotive letting steam escape in a covered station. At a clearing so small that the roof of the jungle had been but little broken, where a hut stood as though at a well-bottom sunk in a depth of trees, we turned back. That deep well in the trees contained but little light, for already it was being choked with vines. The hut was of the usual light construction, though its sides were of leaves, as well as its roof. I think it was the most melancholy dwelling I have ever happened on in my wanderings. It did not look as though it had been long deserted. There were ashes and a broken flesh-pot outside it. The entrance was veiled with gross spiders' webs. On the earth floor within were puddles of rain.

E o que parecia com um corvo estava dando bicadas, e na caçada implacável ao filhote, às vezes dentro, e às vezes fora do pé do companheiro. Nunca tinha visto criaturas tão mansas. Mas as mulheres indígenas, como eu soube depois, têm um jeito especial para conquistar a confiança dos seres selvagens e, naquela tarde, elas pegaram as criaturas de qualquer jeito e em qualquer lugar, para trazê-las para nossa inspeção, sem que os cativos demonstrassem o menor alarme ou raiva. Havia os cães também. Mas eram como todos os cães que vimos no Brasil, sentindo pena deles mesmos; e eles sentavam-se em volta, porque caíam, se tentassem ficar de pé. Nossa audiência se dispersou rapidamente em um protesto alvoroçado perseguindo o macaco marrom, que estava puxando um papagaio furioso pelo rabo.

Continuamos nossa caminhada entrando na floresta novamente em outra trilha. Ali o crescimento vegetal era secundário, e os densos arbustos estavam por baixo, em ambos os lados da trilha. As vozes do vilarejo cessaram quando entramos nas sombras, e não havia mais nenhum som, exceto quando um pássaro saía voando com dificuldade; e, novamente, quando algumas cigarras, “as amoladoras de tesouras¹⁰⁷”, repentinamente, soltavam um espantoso chiado de uma árvore. O som era tão alto, quanto aquele de uma locomotiva deixando o vapor escapar em uma estação coberta. De uma clareira tão pequena que a cobertura da selva tinha sido somente um pouco aberta, onde a cabana permanecia como se enfiada no fundo de um poço, numa profundidade de árvores, retornamos. Acho que foi a moradia mais melancólica que já encontrei em minhas andanças. Não parecia ter sido abandonada há muito tempo. Havia cinzas e um vaso quebrado do lado de fora da cabana. Havia umas repulsivas teias de aranha na entrada. No chão de terra, do lado de dentro, havia poças de água da chuva.

107“Com as cigarras soando como amoladoras de tesouras em Pont-Neuf”, também escreveu Charles de la Condamine em seu *Journal du voyage fait par ordre du roi à l'équateur* (1751), enquanto descansava uma noite na cidade de Quito, em sua expedição científica ao Peru, no idos de 1735 e 1743. Ver, a propósito, **Os conquistadores do Amazonas**, de Anthony Smith.

Round it the forest stood, like night in abeyance. The tree tops overhung, silently intent on what man had been doing at their feet. A child's chemise was stretched on a thorn, and close by was a small grave, separated by little sticks from the secular earth. A dead plant was in the centre of the grave, and a crude wooden crucifix.

We had plenty of opportunities for exploring Serpa, for the Amazon that rainy season was slow in rising, and consequently it would have been unsafe for us to venture into the Madeira. The tributary would have been full, but it was necessary for the waters of the main stream to dam and heighten the flood of its tributary before we could trust our draught there. We were nine days at Serpa. The Amazon would rise as much as a foot one day, and our distance from the shore would increase perceptibly, with strong whirling eddies which made the trip ashore more difficult. Then it would fall again. Some of the yellow Amazon porpoises showed alongside occasionally, and alligators floated about, though nothing was seen of them but their snouts.

Serpa is a small but growing place. It was but a missionary settlement of Abacaxis Indians from the Madeira in 1759, and was called Itacoatiara. When I was there it was renewing its old importance, because the Madeira-Mamoré railway undertaking had placed a depot a little to the west of the village. The Doctor and I spent many memorable days in its neighbourhood, butterfly-hunting and sauntering. Though mosquitoes, anopeline and culex, are as common here as elsewhere in the Brazils - the lighters which came alongside with cargo for us conveyed clouds of them, and they took possession of every dark nook of the "Capella" - it is noteworthy that Serpa has the reputation, in Amazonas, of a health resort. I could find no explanation of that. There was malaria at Serpa, of course; but compared with the really lethal country, a country not so different in appearance and climate, of the upper Madeira, the salubrity of Serpa is perplexing.

Em volta, a floresta permanecia como a noite em um mosteiro. As copas das árvores penduravam-se por cima, silenciosamente, atentas ao que o homem tinha feito a seus pés. Uma camisola de criança estava esticada em um espinho e, perto, havia um pequeno túmulo, separado da terra secular por alguns gravetinhos. Uma planta morta estava no centro do túmulo, junto a uma cruz de madeira bruta.

Tivemos muitas oportunidades para explorar Serpa, porque o rio Amazonas, naquela estação chuvosa, estava lento em sua cheia e, conseqüentemente, não teria sido seguro aventurarmo-nos dentro do Madeira. O tributário estaria cheio, mas era necessário que as águas do rio principal represassem e aumentassem a inundação de seu tributário, antes que pudéssemos confiar na profundidade que nosso navio precisava ali. Estávamos a nove dias em Serpa. O Amazonas subiria cerca de um pé por dia e nossa distância da margem aumentaria perceptivelmente, com fortes movimentos circulares de vento, que tornavam uma viagem em terra firme mais difícil. Depois ele secaria novamente. Alguns botos do barrento Amazonas apareciam ao longo do navio ocasionalmente, e jacarés boiavam em volta, embora nada fosse visto deles, a não ser suas cabeças.

Serpa é pequena, mas um lugar em crescimento. Era uma colonização dos índios Abacaxis do Madeira, em 1759, e era chamada de Itacoatiara. Quando eu estive ali, estava renovando sua antiga importância, porque o empreendimento da ferrovia Madeira-Mamoré tinha construído um depósito um pouco a oeste do povoado. O médico e eu passamos dias memoráveis em suas redondezas, com caça às borboletas e em passeios. Embora os mosquitos anofelinos e culex sejam tão comuns quanto em qualquer lugar do Brasil, - as chatas, que vinham do lado do navio com nossa carga, conduziam nuvens deles, e tomaram posse de cada recanto escuro do *Capella* - é notável que Serpa tenha a reputação de um local salubre no Amazonas. Não pude encontrar explicações para isso. Havia malária em Serpa, lógico, mas comparada com uma região realmente letal, uma região não somente diferente em aparência e clima do alto Madeira, a salubridade em Serpa é desconcertante.

That virulent form of malaria peculiar to some tropical localities is a phenomenon which medical research has not yet explained. In the almost unexplored region of the Rio Madeira the fever is certain to every traveller, though the land is largely without inhabitants; and it is almost equally certain that it will be of the malignant type. Yet at an old settlement like Serpa, where probably every inhabitant has had malaria, and every mosquito is likely to be a host, the fever is but mild, and the traveller may escape it entirely.

By now you will be asking what Itacoatiara is like, that community contentedly lost in the secret forest. I am afraid you will not learn, unless, in the happy future, you and I select a few friends, a few books, and erect some houses of palm leaves to protect us from the too vigorous sun there, and so, secure from all the really urgent and important matters which do not matter a twinkle to the eternal stars, noon it far and secure until the time comes for the gentle villagers to carry us out and forget us; remembering us again when the annual Day of the Dead comes round. They will leave some comfortable candles above us that night.

There the earth is a warm and luscious body. The lazy paths are cool with groves, and in the middle hours of the sun, when only a few butterflies are abroad, and the grasshoppers are shrilling in the quiet, you swing in a hammock under a thatch - the air has been through some tree in blossom - and gossip, and drink coffee. Beyond the path of the village there is - nobody knows what; not even the Royal Geographical Society. One heard of a large and mysterious lake a day's journey inland. Nobody knew anything about it. Nobody cared. One old man once, when hunting, saw its mirror through the forest's aisles, and heard the multitude of its birds.

Essa virulenta forma de malária, peculiar para algumas das localidades tropicais, é um fenômeno que a pesquisa médica ainda não tem explicação. Em quase todas as regiões inexploradas do rio Madeira, a febre é certa para cada viajante, embora a terra seja largamente desabitada; e é quase igualmente certo que será do tipo maligno. Entretanto, num povoado antigo como Serpa, onde provavelmente cada habitante já pegou malária, e cada mosquito é um provável hospedeiro, a febre é apenas branda, e o viajante pode escapar dela totalmente.

Nesse momento você estará se perguntando como é Itacoatiara, aquela comunidade conformadamente perdida na floresta secreta. Tenho medo de que você não saberá, a menos que, no futuro feliz, você e eu selecionemos alguns amigos, alguns livros, e construamos algumas casas de folhas de palmeiras para nos protegermos de todos os problemas realmente urgentes e importantes, que não importunem uma cintilação das estrelas eternas, e envelheçamos distantes e seguros, até que chegue a hora em que os moradores da vila nos coloquem para fora e nos esqueçam; lembrando-se de nós novamente, quando o anual Dia de Finados ocorrer, como de costume. Eles deixarão algumas velas confortáveis sobre nós nessa noite.

Ali, a terra tem um corpo quente e agradável. As trilhas preguiçosas são frescas com arvoredos; e, nas horas em que o sol está a pino, quando apenas algumas borboletas estão em volta, e os grilos estão chiando na calmaria, você se balança em uma rede debaixo de uma palhoça - o ar passando por uma árvore florida - e você fofoca e toma café. Para além da trilha do povoado há - ninguém sabe o quê; nem mesmo a Sociedade Real de Geografia. Alguém ouviu falar sobre um lago grande e misterioso, a um dia de viagem por terra. Ninguém se importou. Um senhor idoso, uma vez, quando estava caçando, viu o espelho do lago através das passagens da floresta, e ouviu a multidão de seus pássaros.

The foreshore of the village is rugged with boulders richly tintured with iron oxide, and often having a scoriaceous surface. There we would land, and scramble up to a street which ends on the height above the river. It is a broad road, with white, substantial, one-story houses on either side. The dwellings and stores have no windows, but are built with open fronts, for ventilation. This is Serpa's main street. It is shaded with avenues of trees. In the narrower side turnings the trees meet to form arcades. One day we saw such an avenue covered with yellow, trumpet-shaped blossoms. Ox-carts with solid wheels stand in the walks. The sunlight, broken in the leaves of the trees, patterned the roads with white fire, and so dappled the cattle that they were obscure; you saw the oxen only when they moved. There is a large square, grass-grown, in the centre of the village, where stands the church, a white, simple building with an open belfry in which the bell hangs plain, bright with verdigris. About here the merchants and tradesmen of Serpa have their places. The men, hearty and friendly souls, walk abroad in clean linen suits and straw hats, and their ladies, pallid, slight, but often singularly beautiful, are dressed as Europeans, but without hats; sometimes, when out walking late in the day, a lady would have a scarlet flower in her hair.

By the foreshore were the cabins, of mud and wood, of the negroes. Beyond the town, the roads run through the clearings, and end on the forest. In the clearings were the huts, wattle and daub, and of leaves, of the settled Indians and half-breeds. These were often prettily placed beneath groups of graceful palms. It was in the last direction that most often we made our way with our butterfly nets while other folk were sleeping during the sun's height. The humid heat, I suppose, was really a trial. One did perspire in an alarming way and with the least exertion.

A faixa litorânea da vila é cheia de rochedos ricamente pintados com óxido de ferro e, frequentemente, têm a superfície cheia de relevos. Ali desembarcávamos, e subíamos com dificuldade para uma rua que termina numa altura acima do rio. É uma rua larga, com casas de apenas um piso, brancas, sólidas, de cada lado. As habitações e as lojas não tinham janelas, mas são construídas com a frente aberta, para a ventilação. Essa é a rua principal de Serpa. É sombreada por uma avenida de árvores. Nas curvas de lados mais estreitos, as árvores se encontram formando arcadas. Um dia, vimos uma avenida com árvores com flores amarelas. Carroças com rodas resistentes permanecem nas calçadas. A luz do sol, repartida nas folhas das árvores, decorava as estradas com fogo branco; e, tão cheio de malhas era o gado, que ficava oculto, que se via os bois somente quando eles se mexiam. Há uma praça grande, coberta de grama crescida, no centro do povoado, onde fica a igreja, um edifício branco e simples, com uma torre aberta, onde o sino está pendurado sem decoração, brilhante, da cor do bronze envelhecido. Em torno dela, os mercadores e os comerciantes de Serpa têm seus lugares. Os homens, almas cordiais e amigáveis, passeavam em limpos ternos de linho e chapéus de palhas; e, suas damas, pálidas, delgadas, mas singularmente bonitas, se vestem como européias, mas sem os chapéus; às vezes, quando passeando tarde do dia, uma dama teria uma flor escarlate em seu cabelo.

Perto da faixa litorânea ficavam as cabanas de barro e madeira dos negros. Para além da cidade, os caminhos seguiam rumo às clareiras, e terminavam na floresta. Nas clareiras, ficavam as cabanas de estacas, barro e palhas dos indígenas colonizados e dos mestiços. Essas cabanas, geralmente eram construídas debaixo de um grupo de graciosas palmeiras. Era na direção dessas que, muito frequentemente, fazíamos nossa caminhada com nossas redes de caçar borboletas, enquanto outras pessoas estavam dormindo durante a altura do sol. O calor úmido, eu suponho, era realmente uma aflição. Uma transpiração de um modo alarmante e com o mínimo de esforço.

The Doctor, who carries substance, would have dark patches in his khaki uniform, and would wonder, with foreboding, whether any more in this life he would catch hold of a cold jug which held a straight pint in which ice tinkled. But to me the illumination, the heat, the odour, and the quietness of those noons made life a great prize. I will say that my comrade, the Doctor, did much to make it so, with his gentle fun, and his wide knowledge of earth-lore. There was so much, wherever we went, to keep me on the magic side of time, and out of its shadow. On the west of the town were some huts, with plantations of bananas, pineapples, papaws, and maize, where blossomed cannas, mimosas, passion-flowers, and where other unseen blooms, especially after rain, made breathing a sensuous pleasure. There we tried to intercept the swallow-like flight of big sulphur and orange butterflies, though never with success. We had more success with the butterflies in the clearings, where some new huts stood, beyond the village. Over the stagnant pools in those open spaces dragonflies hovered, fellows that moved, when we approached, like lines of red light. The butterflies, particularly a vermilion beauty with black bars on his wings, and a swift flier, used to settle and gem the mud about these pools. Other species frequented the flowering shrubs which had grown over the burnt wreckage and stumps of the forest. That area was full of insects and birds. There we saw daily the Sauba ants, sometimes called the parasol ants, in endless processions, each ant holding a piece of leaf, the size of a sixpenny bit, over its tiny body. Tanagers shot amongst the bushes like blue projectiles. We saw a ficus there on one occasion, of fair size, with large leathery leaves, which carried a colony of remarkable caterpillars, each about seven inches long, thick in proportion, blue black in colour with yellow stripes, and a coral head, and filaments at the latter end. They were pugnacious worms, fighting each other desperately when two met on a leaf.

O médico, que carrega substância, teria marcas escuras em seu uniforme cáqui, e imaginaria, com pressentimento, se mais nessa vida ele seguraria um jarro frio, que mantinha uma mancha direto onde o gelo pingava. Mas para mim, a iluminação, o calor, o odor e a quietude dessas tardes tornavam a vida um grande prêmio. Diria que, meu companheiro, o médico, fez muito para torná-la um prêmio, com seu divertimento gentil e seu amplo conhecimento de tradição terrena. Havia muita coisa, onde quer que fôssemos, para manter-me no lado mágico do tempo, e fora de suas sombras. A oeste da cidade havia algumas cabanas com plantações de banana, abacaxi, mamão e milho, onde outros florescimentos invisíveis, especialmente depois da chuva, tornavam a respiração um prazer sensual. Ali tentamos interceptar o voo, semelhante ao da andorinha, de umas borboletas grandes, de cor laranja e enxofre, embora nunca com sucesso. Tivemos mais sucesso com as borboletas, nas clareiras, onde algumas cabanas novas ficavam para além da vila. Por cima das poças de lama, naqueles espaços abertos, libélulas erguiam-se no ar, seres que moviam-se, quando nos aproximávamos, como linhas de luz vermelha. As borboletas, particularmente uma beleza alaranjada e brilhante, com faixas pretas em suas asas, e um voador veloz, costumavam pousar na lama em volta dessas poças. Outras espécies frequentavam os arbustos floridos, que tinham crescido por cima das queimadas e dos tocos de árvores da floresta. Essa área era cheia de insetos e pássaros. Ali víamos as formigas saúvas diariamente, às vezes chamadas de formigas guarda-sol, em procissões intermináveis; cada formiga carregando um pedaço de folha do tamanho de uma moedinha de seis tostões sobre seu corpo minúsculo. Sanhaços atiravam-se entre os arbustos como projéteis azuis. Vimos uma árvore do gênero *ficus* ali, em uma ocasião, de tamanho satisfatório, com folhas largas e duras, que carregava uma colônia de lagartas notáveis, cada uma com aproximadamente sete polegadas de comprimento, pesada em proporção, de cor azul-escuro, com listras amarelas, e uma cabeça coral e filamentos na ponta do rabo. Eram vermes repugnantes, lutando um com o outro quando dois se encontravam numa folha.

The larvæ stripped that tree in a day. We were not always sure that the people in this part of Serpa were friendly. Mostly they were half-breeds, varying mixtures of Indian and negro, and no doubt very superstitious. The rodent's foot was commonly worn by the women, who, if we took notice of their children, sometimes would spit, to avert the evil eye. But when the thunder clouds banked close, and the air, being still, became loaded with the scent of the wood fires of the villagers, promising rain, we would enter a hut, and then always found we were welcome.

Even when kept to the ship for any reason this country offered constant new things to keep our thoughts moving. A regatao, the river pedlar, would bring his roomy montario, the gipsy van of the river, his family aboard - the wife, the grandmother, and the sad, shy, little children - and offer us fruits, and perhaps his monkey and parrots. Gradually the "Capella" added to her company. The Chief bought a parrot which had many Indian and Portuguese phrases. It tried to climb a funnel guy, in escaping the curiosity of our terrier, and fell into the river. We fished her out with a bucket. The vampire bats came aboard every night. They were not very terrible creatures to look at; but we discovered they frequented the forecastle for no good purpose. Again, stories filtered through to us of sickness on the Madeira, and abruptly they gave the palms and the sunsets a new light. One man was brought in from beyond and died of beri-beri. This shook the nerves of one of our Brazilian pilots, and he refused to go beyond where we were. As for me, there at Serpa the "Capella" was at anchor, and we were not near the Madeira, and seemed never likely to go. I watched the sunsets. The brief, cool evenings prompted me (fever in the future or not) to praise and grace.

A larva deixava aquela árvore completamente sem folhas em um dia. Nem sempre estávamos certos de que o povo dessa parte de Serpa era amigável. Geralmente eram mestiços, variando a mistura do indígena ao negro e, sem dúvida, muito supersticiosos. Comumente, o pé de um roedor era usado pelas mulheres que, se você prestasse atenção em suas crianças, algumas vezes, cuspiriam para se prevenir contra o mau-olhado. Porém, quando as nuvens de trovão aproximavam-se e, o ar, estando parado, ficava cheio de cheiro das queimadas dos moradores da vila, prometendo chover, entraríamos em uma cabana e, então, sempre descobríamos que éramos bem-vindos.

Mesmo quando, por qualquer razão, permanecíamos no navio, constantemente esse país oferecia coisas novas para manter nossos pensamentos em movimento. Um regatão, o marreteiro do rio, traria sua moradia espaçosa, o furgão cigano do rio, sua família a bordo - a esposa, a avó, e as tristes e tímidas crianças - e nos ofereciam frutas e, talvez, seu macaco e papagaios. Gradualmente o *Capella* aumentava sua Companhia. O comandante comprou um papagaio que dizia muitas frases em linguagem indígena e em português. Ele tentou subir num dos suportes do funil, na tentativa de escapar da curiosidade do nosso cão *terrier*, e caiu no rio. Nós o pescamos de volta com um balde. Os morcegos vampiros vinham a bordo toda noite. Não eram criaturas tão terríveis para se olhar, mas descobrimos que frequentavam o castelo de proa do navio não com um bom propósito. Novamente, histórias nos foram contadas sobre doenças no rio Madeira e, abruptamente, elas davam às palmeiras e aos pôres do sol uma nova luz. Um homem foi trazido de longe e morreu de beribéri. Isso afetou os nervos de um de nossos pilotos brasileiros, e ele se recusou a ir para além de onde estávamos. Quanto a mim, ali em Serpa, o *Capella* estava ancorado, e não estávamos nem perto do Madeira, e parecia que, provavelmente, nunca chegaríamos. Eu observava os pôres do sol. As noites breves e frescas incitavam-me (febre no futuro ou não) ao louvor e à graça¹⁰⁸.

¹⁰⁸É importante notar que o protagonista-viajante não pede para viver, pois seria uma prece vil. Mas, como herói que ele é - "Exatamente no dia seguinte eu deveria viajar, eu mesmo, e nenhum outro herói; verdadeiramente EU" (como ele afirma no início do relato) - comporta-se como parte do todo em uníssono e,

Crickets chirped everywhere on the ship then, and the air was full of the sparks of fireflies. You could smell this good earth.

There was one sunset when the overspreading of violet clouds would have shut out the day quite, but that the canopy was not closely adjusted to the low barrier of forest to the westward. Through that narrow chink a yellow light streamed, and traced shapes on the lurid walls and roof which narrowly enclosed us. This was the beginning of the most alarming of our daily electrical storms. There was no wind. Serpa and all the coast facing that rift where the light entered our prison, stood prominent and strange, and surprised us as much as if we had not looked in that direction till then. The curtain dropped behind the forest, and all light was shut out. We could not see across the ship. Knowing how strong and bright could be the electrical discharges (though they were rarely accompanied by thunder) when not heralded in so portentous a way, we waited with some anxiety for this display to begin. It began over the trees behind Serpa. Blue fire flickered low down, and was quickly doused. Then a crack of light sprang across the inverted black bowl from east to west in three quick movements. Its instant ramifications fractured all the roof in a network of dazzling blue lines. The reticulations of light were fleeting, but never gone. Night contracted and expanded, and the sharp sounds, which were not like thunder, might have been the tumbling finders of night's roof. We saw not only the river, and the shapes of the trees and the village, as in wavering daylight, but their colours. One flash sheeted the heavens, and its overbright glare extinguished everything. It came with an explosion, like the firing of a great gun close to our ears, and for a time we thought the ship was struck. In this effort the storm exhausted itself.

totalmente confiante e seguro do sucesso da viagem aos trópicos, louva o Criador.

Grilos chiavam em todo lugar no navio, e o ar estava cheio de cintilações de vaga-lumes. Podia-se sentir o cheiro dessa terra boa.

Houve um pôr do sol, quando a formação de obscuras nuvens violetas teria excluído a tranquilidade do dia, mas a abóbada celeste não estava ajustada à barreira baixa da floresta na direção oeste. Através daquela fenda estreita, uma luz amarela fluía e traçava formas sobre as muralhas estranhamente coloridas e a cobertura das casas, que estreitamente nos cercavam. Isso era o início da mais alarmante de nossas tempestades elétricas diárias. Não havia nenhum vento. Serpa e toda a margem encarando aquele estrondo, onde a luz entrava em nossa prisão, e permanecia proeminente e estranha, e nos surpreendia tanto quanto se não tivéssemos olhado naquela direção até então. A cortina descia atrás da floresta, e toda a luz era suprimida. Não podíamos ver através do navio. Sabendo quão fortes e brilhantes podiam ser as descargas elétricas (embora raramente fossem acompanhadas de trovões), quando não eram um sinal de um modo tão portentoso, esperávamos com alguma ansiedade o começo desse espetáculo. Começava acima das árvores, atrás de Serpa. Um raio azul tremulava bem embaixo e, rapidamente, extinguia-se. Em seguida, um estrondo de luz espalhava-se pelas manchas escuras invertidas, do leste para oeste, em três movimentos rápidos. Essas ramificações instantâneas fraturavam toda a abóbada celeste em uma cadeia de deslumbrantes linhas azuis. As rearticulações da luz eram passageiras, mas nunca desapareciam. A noite contraía-se e expandia-se e, os sons afiados, que não eram como trovões, podiam ser os fragmentos revolventes da cobertura da noite. Não víamos não apenas o rio e as sombras das árvores e da vila, como em um aceno de luz do dia, mas as suas cores também. Um clarão intenso e instantâneo iluminava os céus, e seu clarão brilhante extinguia tudo. Vinha com uma explosão, como o estrondo de uma grande arma perto de nossos ouvidos e, por certo tempo, pensávamos que o navio tinha sido atingido. Nesse esforço, a tempestade se consumia.

The day before we left for the Madeira we took aboard sixty head of cattle. They were wild things, which had been collected in the campo with great difficulty, and driven into lighters. A rope was dropped over the horns of each beast: this was attached to a crane hook, the winch was started, and up the poor wretch came, all its weight on its horns, bumping inertly against the ship's side in its passage, like a bale, and was then dumped in a heap on deck. This treatment seemed to subdue it. Each quietly submitted to a halter. Several lost horns, and one hurt its leg, and had to be dragged to its place. But, to our great joy - we were watching the scene from the bridge - the Brazilian herdsmen on the lighter shouted an anxious warning to their fellows on our deck as a small black heifer, a pot-bellied lump with a stretched neck, rotated in her unusual efforts to free her horns. She even bellowed. She bumped heavily against the ship's side, and tried desperately to find her feet. She was, and I offered up thanks for this benefit, most plainly an implacable rebel. The cattlemen, as punishment for the trouble she had given them ashore, kept her dangling over the deck, and one got level with her face and mocked her, slapping her nose. She actually defied him, though she was quite helpless, with some minatory sounds. She was no cow. She was insurrection, she was the hate for tyrants incarnated. They dropped her. She was up and away like a cat, straight for the winchman, and tried to get the winch out of her path, bellowing as she worked. She put everybody on that deck in the shrouds or on the forecastle head as she trotted round, with her tail up, looking for brutes to put them to death. None of the cows (of course) helped her. By a trick she was caught, and her horns were lashed down to a ring bolt in a hatch coaming. Then she tried to kick all who passed. If the rest of the cattle had been like her none would have suffered.

O dia anterior à nossa saída para o Madeira, embarcamos sessenta cabeça de gado. Eram animais selvagens que tinham sido laçados no campo com grande dificuldade, e conduzidos para dentro das chatas. Uma corda era amarrada nos chifres de cada animal: este era atado a um gancho do guindaste. O guindaste era posto em movimento e, para cima, o animal ia, e todo o seu peso em seus chifres, debatendo-se, sem forças, contra os lados do navio em sua passagem, como um fardo, e era então descarregado, de modo desordenado, no convés. Esse tratamento parecia subjugar-lo. Cada um tranquilamente submetido a um laço. Muitos perderam chifres e um machucou a perna e teve de ser arrastado para o seu lugar. Porém, para nossa grande alegria - estávamos assistindo à cena da ponte de comando - o vaqueiro brasileiro, na chata, deu um grito ansioso de alerta para seus companheiros no nosso convés, em relação a uma novilha preta, uma de barriga arredondada e de pescoço esticado, girando em seus esforços incomuns, para livrar seus chifres. Ela ainda mugia. Debatia-se pesadamente contra o lado do navio, e tentava, desesperadamente, firmar-se sobre as patas. Ela era, e agradei a Deus por esse benefício, simplesmente mais uma rebelde implacável. Os vaqueiros, como punição pelo trabalho que ela lhes deu em terra, mantiveram-na balançando-se acima do convés, e um deles chegou na altura do rosto dela e zombou dela, esbofeteando seu focinho. Ela realmente o desafiava com alguns mugidos ameaçadores, embora estivesse completamente indefesa. Não era uma vaca. Era a insurreição, era o ódio por tiranos encarnados. Eles a deixaram cair. Ficou de pé e distante como um gato, na direção do homem do guindaste, e tentou tirar o guindaste de seu caminho, mugindo enquanto pelejava. Ela pôs todo mundo daquele convés nos ovéns, ou na ponta do castelo de proa, enquanto trotava em volta, com o rabo levantado, procurando os brutos para matá-los. Nenhuma das vacas (lógico) a ajudava. Por meio de uma trapaça, ela foi pega, e seus chifres foram presos a uma argola com parafuso em uma borda de escotilha. Então ela tentou dar coices em todos que passavam. Se o resto do gado tivesse agido como ela, nenhum teria sofrido.

Alas! They were probably all scientific evolutionists, content to wait for men to become kindly apple-lovers by slow and natural uplift; and gravely deprecated the action of the heifer, from which, as peaceful cows, they disassociated themselves.

The Indian says that if he eats a morsel of tiger he becomes fierce and strong. I have not the faith of the Indian, or I would have begged the heart of that heifer, and of it I would have brewed gallons of precious liquor, and brought it home in jars for incomparable gifts to the meek at heart who always do what the herdsmen tell them. The Doctor and I made a pet of that black cow, to the extent of seeing she got her rations regularly. It was no joke wading through manure among a press of nervous animals on a ship's deck in the tropics, in order to see that a brave creature was justly dealt with; particularly as she swore violently whenever she saw us, looking up from her tightly tethered head with eyes full of unabated fury, and tried to get at us on the hatch above her, bound though she was. What a heart! For her head was fixed immovably, unlike the others; yet, till we arrived at Porto Velho she kept her fierce spirit, often kicking over her water bucket with her forefeet. Curse their charity! With two new pilots, we up-anchored next morning; and full of cattle, flies, and new odours, and a gang of cattlemen who at least appeared villainous, and carried long knives, the "Capella" continued up stream for the Madeira. The cattle were sheltered, as far as possible, with awnings improvised from spare canvas, and their fodder was bales of American hay. The Skipper did his best to meliorate the harsh native methods with dumb things.

Alas! Elas todas eram, provavelmente, evoluções científicas, contentes em esperar que os homens se tornem bondosamente seres amáveis, pela elevação lenta e natural; e, gravemente, desaprovavam a ação da novilha, da qual, como vacas pacíficas, elas dissociavam a si mesmas.

O indígena diz que se ele comer um pedaço de tigre, torna-se forte e valente. Não tenho a fé do indígena, ou teria implorado o coração daquela novilha, e dele teria preparado galões de precioso líquido, e trazido para casa em jarros, como presentes incomparáveis, para adoçar o coração de quem sempre faz o que os vaqueiros lhe dizem. O médico e eu escolhemos aquela vaca como animal de estimação, à medida que a víamos receber suas rações regularmente. Não era necessário vadear em meio a esterco, entre uma pressão de animais nervosos, num convés de navio nos trópicos, para que se percebesse que uma criatura brava era difícil de se arrear; particularmente quando ela jurava, violentamente, sempre que nos via, nos procurando com sua cabeça apertadamente amarrada, com olhos cheios de fúria não reduzida, e tentava nos alcançar na escotilha acima dela, apesar de estar presa. Que coração! Porque sua cabeça estava fixada imovelmente, diferente das outras; até que chegássemos a Porto Velho¹⁰⁹, ela manteve seu espírito selvagem, frequentemente chutando seu balde d'água com suas patas dianteiras. Maldita seja a caridade deles! Com dois novos pilotos, levantamos âncora na manhã seguinte; e, cheio de gado, moscas, e novos odores, e um bando de vaqueiros que, no mínimo, pareciam bandidos, e carregavam facas compridas, o *Capella* continuou subindo a correnteza rumo ao rio Madeira. O gado foi abrigado, tanto quanto possível, com toldos improvisados com lonas sobressalentes, e seu alimento era pacotes de feno americano. O capitão deu o melhor de si para melhorar os ríspidos métodos nativos com coisas tolas.

¹⁰⁹Atual capital do Estado de Rondônia, na região norte do Brasil na margem direita do Madeira; ponto inicial da EFMM.

And now it seems time to explain why we are bound for the centre of the American continent, where the unexplored jungle still persists, and disease or death, so the legends tell us, come to all white men who stay there for but a few months. If you will get your map of the Brazils, begin from Para, and cruise along the Amazon to the Madeira River - you turn south just before Manaôs - when you have reached Santo Antonio on the tributary stream you have traversed the ultimate wilderness of a continent, and stand on the threshold of Bolivia, almost under the shadow of the Andes. If you find any pleasure in maps, flying in shoes of that kind when affairs pursue you too urgently (and I suppose you do, or you would not be so far into this narrative), you will hardly thank me when I tell you it is possible for an ocean steamer exceeding 23 feet in draught to make such a journey, and so break the romance of the obscure place at the end of it. But it must be said. Even one who travels for fun should keep to the truth in the matter of a ship's draught. As a reasonable being you would prefer to believe the map; and that clearly shows the only way there (when the chance comes for you to take it) must be by canoe, a long and arduous journey to a seclusion remote, and so the more deeply desired. It certainly hurts our faith in a favourite chart to find that its well-defined seaboard is no barrier to modern traffic, but that, journeying over those pink and yellow inland areas, which should have no traffic with great ships, a large cargo steamer, full of Welsh coal, can come to an anchorage, still with many fathoms under her, at a point where the cartographer, for lack of place-names and other humane symbols, has set the word Forest, with the letters spread widely to the full extent of his ignorance, and so promised us sanctuary in plenty. I suppose that in a few years those remote wilds, somehow cleared of Indians, jungle, and malaria - though I do not see how all this can be done - will have no further interest for us, because it will possess many of the common disadvantages of civilisation's benefits: it will be a point on a regular route of commerce.

E agora parece hora de se explicar por que estamos confinados no centro do continente sul-americano, onde a selva inexplorada ainda persiste e, a doença ou a morte, assim nos dizem as lendas, é certa para todo homem branco que fica ali por apenas alguns meses. Se fores observar o mapa do Brasil, comece do Pará, e cruze ao longo dos rios Amazonas e Madeira - vire ao sul exatamente depois de Manaus; quando alcançares Santo Antônio, no rio tributário, atravessaste a última selva de um continente que fica na fronteira da Bolívia, quase debaixo da sombra dos Andes. Se se descobre algum prazer nos mapas, voando em saltos desse tipo, quando acontecimentos o perseguem tão urgentemente (e suponho que você tenha prazer, ou não teria seguido adiante nesta narrativa), dificilmente, me agradecerás, quando eu contar-lhe que é possível, para um navio a vapor excedendo 23 pés de calado, fazer semelhante jornada, e tirar o romance do lugar obscuro no final. Mas algo deve ser dito. Mesmo alguém que viaje por diversão, deveria manter a verdade sobre a questão do calado do navio. Como um ser responsável, se preferiria acreditar no mapa; e isso mostra claramente que o único caminho ali (quando surge a chance para se trilhá-lo) deve ser feito de canoa, uma jornada árdua e longa para um isolamento remoto e, no entanto, o mais intensamente desejado. Certamente atinge nossa fé num mapa predileto, para se descobrir que, a costa de seu país bem definida, não é barreira para o tráfego moderno, mas que, viajando por aquelas áreas nacionais amareladas e rosadas, onde não deveriam trafegar grandes navios, um grande cargueiro, cheio de carvão do País de Gales, pode vir para um ancoradouro, ainda com muitos pés de profundidade debaixo dele, em um ponto onde o cartógrafo, por falta de nome dos lugares e outros símbolos humanos, colocou a palavra Floresta com as letras espalhadas largamente na extensão completa de sua ignorância e, então, nos prometeu santuário em plenitude. Suponho que, em poucos anos, aquela imensidão remota, de algum modo livre dos indígenas, da selva e da malária - embora não possa ver como isso possa ser feito - não terá nenhum interesse para nós, porque possuirá muitas das desvantagens dos benefícios da civilização: será um ponto numa rota regular de comércio.

I am really sorry for you; but in the sad and cruel code of the sailor I can only reply as Jack did when he got the sole rag of beef in the hash, "Blow you, Bill. I'm all right." I had the fortune to go when the route was still much as it was in the first chapter of Genesis. "But after all," you question me, hopeful yet, "nothing can be done with 5000 tons of Welsh cargo in a jungle".

People with the nose for dollars can do wonders. It would be unwise to back such a doughty opponent as the pristine jungle with its malaria against people who smell money there. In the early 'seventies there was a man with one idea, Colonel George Church. His idea was to give to Bolivia, which the Andes shuts out from the Pacific, and two thousand miles of virgin forest from the Atlantic, a door communicating with the outside world. He said, for he was an enthusiast, that Bolivia is the richest country in the world. The mines of Potosi are in Bolivia. Its mountains rise from fertile tropical plains to Arctic altitudes. The rubber tree grows below, and a climate for barley is found in a few days' journey towards the sky. But the riches of Bolivia are locked up. Small parcels of precious goods may be got out over the Andean barrier, on mule back;

Estou realmente triste por você; porém, no código cruel e triste dos marinheiros, posso somente responder como Jack, quando pegou o minguado pedaço de carne guisada, “Coma você, Bill. Estou satisfeito”. Tive a sorte de ir quando a rota ainda estava muito como era no primeiro capítulo de Gênesis. “Mas apesar de tudo”, você me questiona, ainda esperançoso, “nada pode ser feito com 5000 toneladas de carvão numa selva”.

Pessoas com faro por dólares podem fazer maravilhas. Seria insensato recuar de tal semelhante oponente corajoso, como a selva primitiva, com sua malária contra pessoas que farejam dinheiro ali. No início dos anos setenta¹¹⁰, havia um homem com uma ideia, coronel George Earl Church. Sua ideia era dar à Bolívia, que os Andes excluía do Pacífico e, a duas mil milhas de floresta virgem do Atlântico, uma porta para se comunicar com o mundo exterior. Ele disse, porque era um entusiasta, que a Bolívia é o país mais rico do mundo. As minas do Potosi estão na Bolívia. Suas montanhas erguem-se das férteis planícies tropicais para as altitudes do Ártico. As seringueiras crescem embaixo e, um clima para cevada é encontrado a poucos dias de jornada em direção ao céu. Mas as riquezas da Bolívia estão encarceradas. Pequenas parcelas de mercadorias preciosas podem ser retiradas através da barreira dos Andes, no lombo de mulas;

110Refere-se à década de 1870. De fato, a ideia da construção de uma estrada no trecho encachoeirado do rio Madeira já era discutida desde 1797. Segundo Neville B. Craig, em sua obra **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: história trágica de uma expedição**, “A um norte-americano de Filadélfia, o tenente Lardner Gibbon, cabe o mérito de ter feito a primeira exploração completa da rota que, partindo da Bolívia, vai ter ao litoral do Pará, por via dos rios Chaparé, Mamoré, Madeira e Amazonas. Em 1851, os tenentes Herndon e Gibbon receberam ordem do Ministro da Marinha norte-americana para seguir da costa do Peru, por terra, e explorar os principais cursos fluviais que ligam o interior da Bolívia e do Brasil ao litoral. (...) Verificou, então, o Tenente Gibbon, que uma série de 19 cachoeiras e corredeiras, prolongando-se de Santo Antônio a Guajará-Mirim, constituía o único obstáculo à navegação fluvial contínua, de Vinchuta, na Bolívia, via rios Chaparé, Mamoré, Madeira e Amazonas, até o porto marítimo do Pará, num percurso de 3.600 quilômetros. Para vencer o referido obstáculo, recomendava o Tenente Gibbon a construção de uma rodovia entre Santo Antônio e Guajará-Mirim, à margem direita do Madeira e Mamoré, em território brasileiro, mais ou menos pelo traçado da atual Estrada de Ferro Madeira-Mamoré” (CRAIG, 1947, p. 27-28). Porém, segundo M. R. Ferreira, em **A ferrovia do diabo**, “Essa ideia de Gibbon nada tinha de original, pois o plano do Governo do Pará, D. Francisco de Sousa Coutinho, elaborado em 1797, preconizava a mesma solução” (FERREIRA, 2005, p. 61).

or they may dribble in a thin stream down the Beni, Mamoré and Madre de Dios rivers - rivers which unite not far from the Brazilian boundary to form the Rio Madeira. The Beni is a very great and deep river which has a course of 1500 miles before it contributes its volume to the Madeira. The Rio Madeira, a broad and deep stream in the rainy season, reaches the Amazon in another 1100 miles. But between Guajara-Merim and San Antonio the Madeira comes down a terrace 250 miles in length of nineteen dangerous cataracts. The Bolivian rubber collectors shoot those rapids in their batelaões, large vessels carrying sometimes ten tons of produce and a crew of a dozen men, when the river is full. Many are overturned, and the produce and the men are lost. The Madeira traverses a country notorious even on the Amazon for its fever, and quite unexplored a mile inland anywhere on its banks; the rubber hunters, too, have to reckon with wandering tribes of hostile Indians.

The country is like that to-day. Then judge its value for a railway route in the early 'seventies. But Colonel Church was a New Englander, and again he was a visionary, so therefore most energetic and compelling; he soon persuaded the practical business folk, who seldom know much, and are at the mercy of every eloquent dreamer, to part with a lot of money to buy his Bolivian dream. We do really find the Colonel, on 1st November 1871, solemnly cutting the first sod of a railway in the presence of a party of Indians, with the wild about him which had persisted from the beginning of things. What the Indians thought of it is not recorded. Anyhow, they seem to have humoured the infatuated man who stopped to cut a square of grass in the land of the Parentintins, the men who go stark naked, and make musical instruments out of the shin bones of their victims.

ou têm que driblar as correntezas estreitas do Beni, Mamoré e Madre de Dios... rios que se unem, não tão longe da fronteira do Brasil, para formar o rio Madeira. O Beni é um rio muito grande e fundo, que tem um curso de 1500 milhas antes de se unir ao Madeira. Este, um rio largo e fundo na estação chuvosa, alcança o rio Amazonas em outras 1100 milhas. Porém, entre Guajará-Mirim e Santo Antônio, o Madeira atravessa uma plataforma de 250 milhas de extensão, com dezenove perigosas cachoeiras¹¹¹. Os seringueiros bolivianos ultrapassam aquelas cachoeiras em seus batelões, embarcações grandes, carregando, às vezes, dez toneladas de produtos e uma tripulação de doze homens, quando o rio está cheio. Muitos barcos emborcam e os produtos e os homens são perdidos. O Madeira atravessa uma região notória, mesmo no Amazonas, com sua febre e uma milha de terra firme quase inexplorada, em qualquer lugar em seus barrancos. Os seringueiros e caçadores também têm de levar em conta as tribos nômades de indígenas hostis.

A região está desse jeito hoje. Assim, julgue o valor de uma rota ferroviária nos primeiros anos da década de 1870. Mas o coronel Church era um norte-americano de New England, e um visionário; portanto, muito enérgico e entusiasta; ele logo persuadiu as pessoas de negócios, que raramente sabiam muito, e estão à mercê de todo sonhador eloquente, para desfazerem-se de um monte de dinheiro para comprar seu sonho boliviano. De fato, descobrimos o coronel no dia primeiro de novembro de 1871, solenemente cortando o primeiro mato de uma ferrovia, na presença de um grupo de indígenas, com a selva em volta, que tinha persistido do início das coisas. O que os indígenas pensavam disso não está registrado. De qualquer forma, eles parecem ter tido o comprazimento com o homem que parou para cortar uma quadra de mato na terra dos Parintintins; homens que andam completamente nus e fazem instrumentos musicais com os ossos das canelas de suas vítimas.

¹¹¹De acordo com M. R. Ferreira, em **A ferrovia do diabo**, os 20 acidentes de solo do Madeira distribuem-se em 10 correntezas (Guajará-Mirim, Guajará-Açu, Lajes, Periquitos, Araras, Pederneiras, Três Irmãos, Morrinhos, Macacos e Chocotalal); 07 cachoeiras (Bananerias, Pau Grande, Madeira, Misericórdia, Paredão, Caldeirão do Inferno e Santo Antônio) e 03 saltos (Ribeirão, Jirau e Teotônio).

An English company of engineering contractors was given the job of building the line, and a small schooner, the "Silver Spray," went up to San Antonio with materials in 1872. Her captain, and some of her officers, died on the way. A year later the contractors confessed utter defeat. The jungle had won. They declared that "the country was a charnel-house, their men dying like flies, that the road ran through an inhospitable wilderness of alternating swamp and porphyry ridges, and that, with the command of all the capital in the world, and half its population, it would be impossible to build the road." (There is a quality of bitterness in their vehement hate which I recognise. I heard the same emotional chord expressed concerning that land, though not because of failure there, only two years ago.)

But the Bank of England held a large sum in trust for the pursuance of this enterprise, and after the lawyers had attended to the trust money in long debate in Chancery, there was yet enough of it left to justify the indefatigable colonel in beginning the railway again. That was in 1876. Messrs. Collins, of Philadelphia, obtained the contract. The road, of metre gauge, was to be built in three years. The matter excited the United States into a wonderful attention. The press there went slightly delirious, and the excited Eagle was advised that "two Philadelphians are to overcome the Madeira rapids, and to open up to the world a land as fair as the Garden of the Lord." The little steamer "Mercedita," of 856 tons, with 54 engineers and material, was despatched to San Antonio on 2nd January 1878. Her departure was made an important national occasion, and it is an historic fact, which may be confirmed by a reference to the files of Philadelphian papers of that date, that strong men, as well as women and children, sobbed aloud on the departure of the steamer. The vessel arrived at San Antonio on the 16th February.

A uma Companhia inglesa de engenheiros foi concedido o trabalho de construção da linha e uma pequena escuna, a *Silver Spray*, subiu para Santo Antônio com material, em 1872. O capitão e alguns de seus oficiais morreram no caminho. Um ano depois, os empreiteiros confessaram completa derrota. A selva tinha vencido. Eles declararam que “a região era um antro de podridão, onde seus homens morriam como moscas; que o traçado da ferrovia atravessava lugares inóspitos e pântanos alternados entre rochas e, mesmo com o controle de todo o capital do mundo e com metade de sua população, seria impossível construir a estrada”. (Há um pouco de amargura no seu ódio veemente, que reconheço. Ouvi o mesmo sentimento emotivo a respeito dessa terra, embora não devido ao fracasso ali, apenas há dois anos atrás).

Mas o Banco da Inglaterra levantou uma alta soma em custódia para o prosseguimento desse empreendimento e, depois que os advogados conseguiram o dinheiro da custódia, num longo debate na Justiça, ainda havia sobrado o suficiente para o incansável coronel reiniciar a ferrovia novamente. Isso foi em 1878. Os senhores Collins, da Filadélfia, obtiveram o contrato. A estrada, de um metro de bitola, era para estar construída em três anos. A questão excitou os Estados Unidos da América a uma maravilhosa atenção. A pressão ali foi levemente delirante e, a excitada Águia foi advertida de que “dois filhos da Filadélfia estão conquistando as cachoeiras do Madeira e abrindo para o mundo uma terra tão bela quanto o Jardim do Senhor”. O pequeno vapor *Mercedita*, de 856 toneladas, com 54 engenheiros e material, foi despachado para Santo Antônio, no dia 02 de janeiro de 1878. Sua partida foi transformada em uma ocasião nacional importante e, é um fato histórico que pode ser confirmado por uma referência aos arquivos dos jornais da Filadélfia daquela data, que homens fortes, assim como mulheres e crianças soluçavam alto na partida do navio. A embarcação chegou a Santo Antônio no dia 16 de fevereiro.

They had barely started operations when, so they said, a Brazilian official told them, betraying some feeling, "when the English came here they did nothing but smoke and drink for two days, but Americans work like the devil." Yet, by all accounts, the English method was right. I prefer it, on the Amazon. The preface to work there should be extended to three or even more days of drinking and smoking. Yet it must be said that if ever men should have honour for holding to a duty when it was far more easy, and even more reasonable, to leave it, then I submit the claim of those American engineers. Having lived in the place where many of them died, and knowing their story, I feel a certain kinship. There is no monument to them. No epic has been written of their tragedy. But their story is, I should think, one of the saddest in the annals of commerce. Of the 941 who left for San Antonio at different times, 221 lost their lives, mostly of disease, though 80 perished in the wreck of a transport ship. That is far higher a mortality rate than that of, say, the South African or the American Civil War.

Few of those men appeared to know the tropics. They thought "the tropics" meant only prodigal largess of fruits and sun and a wide latitude of life--a common mistake. The enterprise became a lingering disaster. Their state was already bad when a supply ship was lost; and they hopefully waited, ill and starving, but with a gallant mockery of their lot, as their letters and diaries attest, for food and medicine which were not to reach them. The doctors continued the daily round of the host of the fever-stricken, giving them quinine, which was a deceit made of flour.

Tinham simplesmente começado a operação, assim eles dizem, um oficial brasileiro disse-lhes, traindo algum sentimento, “quando os ingleses estiveram aqui não fizeram nada, a não ser beber e fumar durante dois dias, mas os americanos trabalham como o diabo”. Entretanto, por todas as razões, o método inglês estava certo. É preferível, na Amazônia. O prefácio para o trabalho ali deveria ser estendido para três ou mesmo mais dias de bebida e fumo.

Entretanto, deve ser dito que, como sempre, os homens deveriam ter honra para realizar uma tarefa, quando era bem mais fácil e, até mesmo mais racional deixá-la; assim, submeto-me à reclamação desses engenheiros norte-americanos. Tendo vivido no lugar onde muitos deles morreram e, conhecendo sua história, sinto um certo parentesco. Não há nenhum monumento para eles. Nenhum épico foi escrito de sua tragédia. Porém, sua história é, eu deveria pensar, uma das mais tristes dos anais do comércio. Dos 941 que zarparam para Santo Antônio, em tempos diferentes, 221 perderam a vida, a maioria de doença, embora 80 tenham perecido no naufrágio de um navio¹¹². É uma taxa de mortalidade mais alta do que, digo, da África do Sul, ou da Guerra Civil Americana.

Poucos desses homens pareciam conhecer os trópicos. Eles pensavam que “os trópicos” significassem somente generosidade abundante de frutas, de sol e uma amplitude de vida - um erro comum. O empreendimento tornou-se um desastre prolongado. O estado deles já era ruim quando um navio com suprimentos naufragou; e eles esperançosamente esperavam, doentes e famintos, mas com uma cortês gozação da sorte, como atestam suas cartas e diários, por alimentos e remédios que não chegariam até eles. Os médicos continuaram fazendo a ronda diária dos hospedeiros de febre pavorosa dando-lhes quinino, que era uma tapeação feita de farinha.

¹¹²Conforme Neville B. Craig, em **Estrada de Ferro Madeira Mamoré**, “A 1º de fevereiro de 1878 o *Times* de Filadélfia publicou um telegrama de Norfolk dizendo que o vapor *Metropolis* se despedaçara na praia de Currituck, Carolina do Norte, durante um tremendo temporal, havendo a lamentar a perda de 50 passageiros que foram varridos de bordo pelo mar e cerca de 200 desaparecidos” (1947, p. 145).

The wages of all ceased for legal reasons, and they were in a place where little is cultivated, and so most food has to be imported in spite of a tariff which usually doubles the price of every necessary of life. Some of the survivors, despairing and heroic souls, attempted to escape on rafts down the river; they might as well have tried to cut their way through the thousand miles of forest between them and Manaô. The railway undertaking collapsed again, and the clearing, the huts, and the workshops, and the short line that was actually laid, were left for the vines and weeds to bury. But now again the conquering forest is being attacked. The Madeira-Mamoré Railway has been recommenced, and our steamer, the "Capella," is taking up supplies for the establishment at Porto Velho, from which the new railway begins, three miles this side of San Antonio.

Os salários de todos deixaram de ser pagos por razões legais, e eles estavam num lugar onde pouco é cultivado e, assim, muito da comida tem que ser importado, apesar de uma tarifa que, geralmente, dobrava o preço de cada coisa necessária à vida. Alguns dos sobreviventes, almas desesperadas e heroicas, tentaram escapar em jangada descendo o rio; podiam muito bem ter cortado caminho através das mil milhas de floresta entre eles e Manaus. O empreendimento ferroviário fracassou novamente; e a clareira, as cabanas, as oficinas e a curta linha ferroviária, que tinha sido realmente assentada, foram deixadas para os cipós e as ervas-daninhas enterrar. Mas agora, novamente, a floresta conquistada está sendo atacada. A Ferrovia Madeira-Mamoré foi recomeçada e, nosso navio, o *Capella*, está levando suprimentos para Porto Velho, ponto inicial da nova ferrovia, três milhas abaixo de Santo Antônio.

CHAPTER III

ON the morning of the 23rd January, while we were still considering, seeing what the sun was like, and the languid air, and that we were reduced to tinned beans, fat bacon, and butter which was oil and flies, whether it was worth while to note our breakfast bell - the steward stood swinging it, with the gravity of a priest, under the break of the poop - a shout came from the bridge that the Rio Madeira was in view.

As far back as Swansea we had heard legends of this stream, and they were sufficiently disturbing. When we arrived at Para we heard more, and worse. The pilot we engaged there called the Madeira the "long cemetery." At Serpa, for the first time, we saw what happened to frail humanity when it ventured far on the Madeira. One day a river steamer came to Serpa, with a cargo of men from San Antonio. The river steamers of the Amazon are vessels of broad beam and shallow draft, painted the dingy hue of the river itself, and they have two tiers of decks, open-air shelves, between the supports of which the passengers sling their hammocks. The passengers do not sleep in bunks. This paddle-boat came throbbing towards where we were at anchor. It was night, and she was unseen, a palpitation in the dark accompanied somehow by a fountain of sparks. Such boats burn wood in their furnaces. When her noise had ceased, and her lights imperceptibly enlarged as the current dropped her down abeam of us, a breath of her, a draught of air, passed our way. I am more familiar now with the odour malaria causes, but then I thought she must have a freight of the dead. She anchored. We could see her loaded hammocks in the light of the few lamps she carried. Through the binoculars next morning I inspected with peculiar interest the row of cadaverous heads, with black tousled hair, lemon-coloured skins, open mouths and vacant eyes, which stared at us over her rails.

CAPÍTULO 3

NA MANHÃ do dia 23 de janeiro, enquanto ainda fazíamos algumas considerações - vendo como estava o sol, e o ar lânguido, e que estávamos reduzidos a ervilhas enlatadas, *bacon* gorduroso e manteiga, que estava cheia de óleo e moscas; e se era necessário notar nossa campanha do café da manhã - e o taifeiro permaneceu tocando-a, com a seriedade de um padre, debaixo do tombadilho - um grito da ponte de comando avisava que o Madeira estava à vista.

Desde a distante Swansea, tínhamos ouvido histórias deste rio, e eram suficientemente assustadoras. Quando chegamos ao Pará, ouvimos mais e piores. O piloto que contratamos lá chamava o Madeira de “o longo cemitério”. Em Serpa, pela primeira vez, vimos o que acontecia a uma humanidade frágil, quando aventurava-se pelo Madeira. Um dia, uma embarcação fluvial chegou à Serpa com um carregamento de homens de Santo Antônio. Os barcos a vapor da Amazônia são embarcações de proa larga e casco raso, pintando a sombria nuança do próprio rio; e eles têm duas fileiras de convés, prateleiras abertas ao vento, entre os suportes onde os passageiros atam suas redes. Os passageiros não dormem em beliches. Esse barco veio pulsando na direção em que estávamos ancorados. Era noite, e não era visto; uma palpitação na escuridão acompanhada de algum modo por uma fonte de faíscas. Tais barcos queimam madeira em suas caldeiras. Quando seu barulho cessou e, suas luzes imperceptivelmente expandiram-se, quando a correnteza arrastou seu lado para nosso bombordo, um suspiro dele, uma corrente de ar, passou em nossa direção. Estou mais familiarizado com o odor que a malária causa, porém, depois, pensei que devia ser uma carga de defuntos. O barco ancorou. Podíamos ver suas redes cheias, na luz de poucas lâmpadas que ele carregava. Com os binóculos, na manhã seguinte, inspecionei com interesse peculiar a fila de cabeças cadavéricas, com cabelos pretos desgrenhados, peles cor de limão, bocas abertas e olhos vagos, que nos olhavam por cima da amurada do navio.

Each looked as though once it had peered into the eyes of doom, and then was but waiting, caring nothing.

There, ahead, was the Madeira now for us. We were then nearly a thousand miles from the sea, well within South America. But that meeting-place of the Amazon and its chief tributary was an expanse of water surprising in its immensity. As much light was reflected from the floor as at sea. The water was oceanic in amplitude. The forest boundaries were so far away that one could not realise, even when the time we had been on the river was remembered as a prolonged monotony, that this was the centre of a continent. The forest on our port side was near enough for us to see its limbs and its vines; but to the south-west, where we were heading for Bolivia, and to the north, the way to the Guianas, and to the east, out of which we had come, and to the west, where was Peru, the land was but a low violet harrier, varying in altitude with distance, and with silver sections in it, marking the river roads. In the north-west there was a broad silver path through the wall, the way to the Rio Negro, Manaô's, and the Orinoco. In the south the near forest, being flooded, was a puzzle of islands. As we progressed they opened out as a line of green headlands. The Madeira appeared to have three widely separated mouths, with a complexity of intermediate and connective minor ditches. Indeed, the gate of the river was a region of inundated jungle. One began to understand why travellers here sometimes find themselves on the wrong river.

Our bows turned in to the forest wall, and for a few minutes I could not see any way for us there. The jungle parted, and we were on a narrow turgid flood, the colour of the main river, but swifter; a majestic forest was near to either beam. We were enclosed.

Cada um parecia como se, subitamente, tivesse olhado para os olhos da morte e, então, estivesse apenas esperando a hora, não se importando com mais nada.

Ali, à frente, estava o Madeira agora para nós. Estávamos aproximadamente a mil milhas do mar, bem dentro da América do Sul. Porém, aquele lugar de encontro do rio Amazonas e seu tributário principal era uma expansão de água surpreendente em sua imensidão. Grande quantidade de luz era refletida em seu espelho d'água, como no mar. A água era oceânica em amplitude. Os limites da floresta estavam tão distantes que ninguém podia se dar conta, mesmo quando o tempo que estivemos no rio fosse lembrado, como uma monotonia prolongada, que aquilo era o centro de um continente. A floresta a estibordo estava perto o suficiente para vermos seus galhos e cipós; mas, para o lado sudoeste, onde estávamos no rumo da Bolívia, e para o norte, o caminho para as Guianas e, o leste, de onde tínhamos vindo e, para o oeste, onde estava o Peru, a terra era tão somente uma baixa barreira violeta, variando em altitude na distância, e com seções prateadas demarcando as vias do rio. A noroeste, havia um largo caminho prateado através de uma muralha, o caminho para o rio Negro, Manaus, e o Orenoco. Ao sul, a floresta mais perto, estando inundada, era um enigma de ilhas. Quando seguimos adiante, abriram-se como uma linha de promontórios verdes. O Madeira parecia ter três bocas amplamente separadas, com uma complexidade de valas menores, intermediárias e conectadas. Finalmente a entrada do rio era uma região de selva alagada. Começa-se a compreender por que os viajantes aqui, às vezes, descobrem-se no rio errado.

Nossa proa virou para a paliçada e, por alguns minutos, eu não pude ver qualquer caminho para nós ali. A selva se dividira, e estávamos em uma estreita inundação de forte correnteza, da cor do rio principal, porém, mais veloz; uma floresta majestosa estava perto de ambos os lados. Estávamos cercados.

And after we entered the Madeira my dark thoughts of our future at once left me. If they returned, it was only to be joked about, in the dry way one does refer to a dread that has been long in the distance, and then one day takes shape, becomes material, and settles down with us. Its form, as you know, nearly always allays your alarms. Your simple mind has expected something with the lowering face of evil. Lo! evil has even bright eyes. Its nature, its dark craft which you have dreaded, is not seen, and your mind grows light with surprise. What, only this, then?

I never saw earth look more resplendent and chromatic than on the day when we entered that river with a bad name. Presently, I thought - here was a brief resurgence of the old gloom which had shrouded my conjectural Madeira - I might be called upon to pay the price for this surprising gift of intense colour, light, and luscious heat, for the quickening of the blood, as though the tropic air were a stimulant as well as a narcotic. Well, it does seem but fair, if chance, being happy, gives you a place in the tropics, to expect to have less time there than is given for the job of eking out a meagre existence in the north. It would not be right to look for gain both ways. (You will have noticed already, I suppose, that I have not been on the Madeira fifteen minutes.) This, I thought, as I walked to and fro on the "Capella", is different from that endurance, bitter and prolonged, in the land where there is no sun worth mentioning, where the northeast wind blows, where the poor rate is so and so in the pound (and you are one of the fortunate if you pay it), and Lord Rosebery lectures on Thrift. I mentioned this to the Doctor. He did not remove his pipe from his mouth.

E depois que entramos no Madeira, meus pensamentos sombrios de nosso futuro deixaram-me imediatamente. Se eles retornassem, era somente para serem motivos de piada, da maneira sarcástica que alguém refere-se a um medo que ficou há muito na distância e, então, um dia, toma forma, materializa-se, e acalma-se em nós. Sua forma, como se sabe, quase sempre suaviza seus alarmes. Sua mente comum tem esperado algo com a cara abaixada do diabo. Ah! o diabo tem mesmo olhos brilhantes. A sua natureza, sua habilidade negra, que se tem temido, não é vista, e a mente cultiva a iluminação com surpresa. O quê, somente isso, então?

Nunca vi uma terra mais resplandecente e cromática do que no dia que entramos naquele rio com um nome ruim. Naquele momento, pensei - ali estava um breve ressurgimento do velho brilho que tinha encoberto meu suposto Madeira - eu poderia ter sido convocado para pagar o preço por este surpreendente presente de cor intensa, luz, e calor saboroso, para a rapidez do sangue, como se o ar tropical fosse um estimulante, como também um narcótico. Bem, isso parece apenas justo, se a oportunidade, sendo feliz, conceder-lhe um lugar nos trópicos, para esperar passar menos tempo ali do que é concedido para o trabalho de ganhar a vida com esforço em uma existência escassa no norte. Não seria certo procurar lucro em ambos os casos. (Você já deve ter notado, eu suponho, que não faz quinze minutos que estou no Madeira). Isso, eu pensava enquanto andava para lá e para cá no *Capella*, é diferente daquela tolerância, amarga e prolongada, na terra onde não há nenhum sol para se mencionar; onde o vento do nordeste sopra, onde a classe pobre ganha mais ou menos uma libra (e você é um dos afortunados se você paga isso), e as preleções do Lord Rosebery¹¹³ sobre Economia. Falei isso para o médico. Ele não tirou o cachimbo da boca.

¹¹³Lord Rosebery (1847-1929), pseudônimo para Archibald Philip Primrose, primeiro-ministro britânico entre os anos 1894-1895; um grande incentivador e entusiasta do Império Britânico.

Because (the idea dawned on me as I sank into a deck chair beside the surgeon under the poop awning, and borrowed his silver tobacco-box), because, as to thrift and parching winds, abstinence and prudence, and lectures by the solemn on how to thin out your life in cold climates where all that is worth having is annexed, why praise a man who is willing to deprave his life to sand and frost? There in merry England the poor wretch is, where the riches of earth are not broadcast largess as I see they are here, but are stacked on each side of the road, and guarded by police, leaving to him but the inclement highway, with nothing but Lord Rosebery's advice and benediction to help him keep the wind out of the holes in his trousers; that benefit, and the bleak consideration that he may swink all day for a handful of beans, or go without. What is prudence in that man? It is his goodwill for the police. To be blue nosed and meek at heart, and to hoard half the crust of your stinted bread, is to blaspheme the King of Glory. Some men will touch their crowns to Carnegie in heaven.

Thrift and abstinence! They began to look the most snivelling of sins as I watched, with spacious leisure, the near procession of gigantic trees, that superb wild which did not arise from such niggard and flinty maxims. Frugality and prudence! That is to regard the means to death in life, the pallor and projecting bones of a warped existence, as good men dwell on courage, motherhood, rebellion, and May time, and the other proofs of vitality and growth. Now, I thought, I see what to do. All those improving lectures, reform leagues, university settlements, labour exchanges, and other props for crippled humanity, are idle.

Porque (a ideia irrompeu em mim quando afundei numa cadeira, no convés, ao lado do cirurgião, debaixo do toldo do tombadilho, e tomei emprestada sua caixa prateada de tabaco), porque, assim como para os ventos econômicos e áridos, abstinência e prudência, e preleções do solene sobre como diminuir sua vida em climas frios, onde tudo que é válido ter está anexado, por que elogiar um homem que está querendo corromper sua vida com indiferença e fracasso? Lá na alegre Inglaterra, a desgraça do pobre é - onde os ricos da terra não são generosidade dissememinada, como eu vejo que são aqui, mas estão empilhados em cada lado da estrada, e protegidos pela polícia - deixada para o pobre apenas a estrada inclemente, sem nada, apenas com o conselho de Lord Rosebery e a benção para ajudar o pobre em seus apuros; esse benefício e a triste consideração de que ele pode batalhar o dia todo por um punhado de feijão, ou sair de mãos vazias. O que é prudência nesse homem? É sua benevolência para com a polícia. Ser melancólico de olfato e submisso de coração, e armazenar a metade da casca de seu pão limitado é blasfemar o Rei da Glória. Alguns homens tocarão suas coroas em honra a Carnegie¹¹⁴ no céu.

Economia e abstinência! Começavam a parecer o mais lastimoso dos pecados quando eu observava, com descanso espaçoso, a procissão contígua de árvores gigantescas, aquela selva soberba que não erguia-se de tais máximas pontiagudas e escassas. Frugalidade e prudência! Isso é para valorizar os sentidos para a morte na vida, os ossos pálidos e salientes de uma existência vergada, como os homens bons vivem com coragem, maternidade, rebelião, e o dia de trabalho, e outras provas da vitalidade e crescimento. Agora, eu pensava, vejo o que fazer. Todas aquelas preleções sobre progresso, reforma de alianças, instalações de universidade, intercâmbios de mão de obra, e outros apoios para a humanidade enfraquecida são perdas de tempo.

¹¹⁴Andrew Carnegie (1835 - 1919) grande empresário e filantropo escocês naturalizado norte-mericano.

It is a generative idea that is wanted, a revelation, a vision. It would be easier and quicker to take regiments of folk out of Ancoats, Hanley, Bethnal Green, and the cottages of the countryside, for one long glance at the kind of earth I see now. The world would expand as they looked. They would get the dynamic suggestion. In vain, afterwards, would the monopolists and the superior persons chant patriotic verse to drown the noise of chain forging at the Westminster foundry. Not the least good, that. The folk would not hear. Their minds would be absent and outward, not locked within to huddle with cramped and respectful thoughts. They would not start instinctively at the word of command. They would begin with dignity and assurance to compass their own affairs, and in an enormous way; and they would make hardly a sound as they moved forward, and they would have uplifted and shining eyes. ("Then you think more of `em than I do," said the surgeon.)

It would be no use, I saw clearly, sending the folk to Algeria, Egypt, or New York. Such places never betray to the traveller that our world is not a shapeless parcel of fields and buildings, tied up with bylaws, and sealed by the Grand Lama as his last act in the stupendous work of creation. There it is, an angular package in the sky, which the sun reads, and directs on its way to heaven in advance of its limited syndicate of proprietors.

Here on the Madeira I had a vision instead of the earth as a great and shining sphere. There were no fences and private bounds. I saw for the first time an horizon as an arc suggesting how wide is our ambit. That bare shoulder of the world effaced regions and constellations in the sky. Our earth had celestial magnitude. It was warm, a living body.

É uma ideia produtiva que é desejada, uma revelação, uma visão. Seria mais fácil e mais rápido pegar regimentos de pessoas de Ancoats¹¹⁵, Hanley¹¹⁶, Bethnal Green¹¹⁷, e das casas de campo da zona rural, porque um extenso clarão ao tipo de terra eu vejo agora. O mundo se expandiria, quando eles olhassem. Eles obteriam a sugestão dinâmica. Em vão, mais tarde, versaria o canto patriótico das pessoas superiores e dos monopolistas para abafar o barulho da corrente forjada na fundição em Westminster¹¹⁸. Não no mínimo bom, isso. As pessoas não ouviriam. A mente delas estaria ausente e superficial, não fechada por dentro para embrulhar-se com pensamentos apertados e respeitosos. Elas não iniciariam instintivamente à palavra de comando. Começariam com dignidade e garantia para abarcar seus próprios acontecimentos, e de uma maneira imensa; e fariam apenas um som quando se movimentassem adiante, e teriam olhos erguidos e brilhantes. (Então você pensa mais neles do que eu - disse o cirurgião).

Não seria útil, eu via claramente, o envio de pessoas para a Algéria, Egito ou Nova Iorque. Tais lugares nunca mostram ao viajante que nosso mundo não é uma parcela disforme de campos e edifícios, amarrado com regulamentos, e selado pelo Gran Lama como seu último ato no estupendo trabalho de criação. Aí está ele, um embrulho angular no céu, que o sol lê e informa-lhe o caminho para o paraíso com antecedência de seu limitado sindicato de proprietários.

Ali no Madeira, tive uma visão em vez da terra como uma grande e brilhante esfera. Não havia cercas e limites particulares. Via, pela primeira vez, um horizonte como um arco sugerindo o quão amplo é nosso alcance. Aquele ombro exposto do mundo obliterava regiões e constelações no céu. Nossa terra tinha magnitude celestial. Era calorosa, um corpo vivo.

115Ex-distrito industrial; cidade interiorana de Manchester, Inglaterra.

116Cidade ao norte de Staffordshire, Inglaterra.

117Bairro de Londres.

118Crítica aos esforços patrióticos de Richard Hakluyt ((1552-1616), arcebispo de Westminster, que fez muito para despertar um desejo imperial britânico nos viajantes e aventureiros. Ver nota nº 3.

The abundant rain was vital, and the forest I saw, nobler in stature and with an aspect of intensity beyond what the Amazon forests showed, rose like a sign of life triumphant.

You see what that tropical wilderness did for me. and with but a single glance. Whatever comes after, I shall never be the same again. The complacent length of the ship was before us. Amidships were some of the fellows staring overside, absorbed. Now and then, when his beat brought him to the port side, I could see the head of the little pilot on the bridge. His colleague was sleeping in one of the hammocks slung between the stanchions of the poop awning. The Doctor was scrutiising a pair of motuca flies which hovered about his ankles, waiting for him to go to sleep. He wanted them for specimens. The Skipper, looking a little anxious, came slowly up the poop ladder, crossed over, and stood by our chairs. "The river is full of big timber," he said. He went to stare overside, and then came back to us. "The current is about five knots, and those trees adrift are as big as barges. I hope they keep clear of the propeller." The Skipper's eye was uneasy. He was glum with suspicion; he spoke of the way his fools might meet the wiles of fortune at a time when he was below and his ship was without its acute protective intelligence, lie stood, a spare figure in white, in a limp grass hat with flapping eaves, gazing forward to the bridge mistrustfully. He had brought us in a valuable vessel to a place unknown, and now he had to go on, and afterwards get us all out again. I began to feel a large respect for this elderly master mariner (who did not give the beard of an onion for any man's sympathy) who had skilfully contrived to put us where we were, and now was unaware what mischance would send us to rot under the forest wall, the bottom to fall out of our adventure just when we were in its narrowest passage and achievement was almost within view. "This is no place for a ship," the captain mumbled. "It isn't right.

A chuva abundante era vital e, a floresta que eu via, mais nobre em estatura e com um aspecto de intensidade para além do que as florestas do Amazonas mostravam, erguia-se como um sinal de vida triunfante.

Veja o que aquela imensidão tropical fez a meu favor, e com um único olhar. O que quer que venha depois, eu nunca mais serei o mesmo. A extensão complacente do navio estava diante de nós. De quando em vez, quando seu ritmo o conduzia para estibordo, eu podia ver a cabeça do pilotozinho na ponte de comando. Seu colega estava dormindo numa rede pendurada entre os baluartes do toldo do tombadilho. O médico estava examinando em detalhes duas motucas que voavam em volta de seus tornozelos, esperando que ele caísse no sono. Ele as queria para espécime. O capitão, parecendo um pouco ansioso, surgiu lentamente da escada do tombadilho, atravessou e parou perto de nossas cadeiras. “O rio está cheio de troncos grandes” - ele disse. Seguiu adiante para olhar do lado do navio, e depois retornou até nós. “A correnteza é de aproximadamente cinco nós, e estes troncos à deriva são tão grandes quanto uma lancha. Espero que se mantenham longe da hélice”. O olhar do capitão estava inquieto. Estava aborrecido com suspeita; falou da maneira que os marinheiros ingênuos podiam encontrar as astúcias da fortuna na hora em que ele estava embaixo, e seu navio estivesse sem a sua extrema inteligência protecionista. Ele parou, uma figura sobressalente de branco, com um chapéu de palha de abas grandes, olhando para a ponte de comando desconfiadamente. Ele havia nos trazido, numa embarcação valiosa, para um lugar desconhecido e, agora, tinha que continuar adiante e, depois, nos tirar dali novamente.

Comecei a sentir um grande respeito por esse velho mestre marítimo (que não estava nem aí pela simpatia de qualquer homem), que tinha, habilidosamente, conseguido nos colocar onde estávamos e, agora, estava inconsciente de que azar nos seria enviado para apodrecermos debaixo da muralha da floresta, a base para o fracasso de nossa aventura, exatamente quando estávamos em sua passagem mais estreita e a façanha estava quase dentro da visão. “Isso não é lugar para um navio” - resmungou o capitão. “Não está certo.

We're disturbing the mud all the time; and look at those butterflies now, dodging about us!" He was continuing this monologue as a dirty cap appeared at the head of the ladder, and a long and ragged length of sorrowful sailor mounted there, and doffed the cap. The Skipper brusquely signed to him to approach. He was a youngster in an advanced stage of some trouble, and he had no English. I think he was a Swede. He demonstrated his sickness, baring his arm, muttering unintelligibly. The limb, like his hand, was distorted with large blisters. There was his face, too. I mistrusted my equanimity for some moments, but braced my eyes, compelling them to be scientific and impersonal. By signs we gathered he had been sleeping on deck, such was the heat of the forecastle, and the mosquitoes, the Doctor said, had poisoned a body already tainted from the stews of Rotterdam. The corroding spirit of the jungle was beginning to permeate through our flaws.

The Doctor went to his surgery. The pilot sat up in his hammock, glanced indifferently at the sick sailor, yawning and stretching his arms, his dainty little brown feet dangling just clear of the deck. He began to roll a cigarette of something which looked like tea. Then he dropped out, and went forward to release his mate on the bridge, and the senior pilot came up as the Doctor had finished his job. The junior pilot, a fragile, girlish fellow, rather taciturn, greets us always with a faintly supercilious smile. His chief is a round, jolly little man, hearty, and lavish with ornamental gestures. We both smiled involuntarily as he marched across to us, with his uniform cap, bearing our ship's badge, stuck on the back of his head with a bias to the right ear. There is not enough of Portuguese in our ship's company to serve one conversation adequately, but we get on well with this pilot, and he with us.

Estamos toldando a lama toda hora; e olhe para aquelas borboletas agora, espreitando à nossa volta”! Ele estava em seu monólogo, quando um boné sujo apareceu na ponta da escada, e uma longa e esfarrapada extensão de marinheiro pesaroso subiu ali, e tirou o boné. O capitão gesticulou bruscamente para que ele se aproximasse. Era um jovem em um avançado estado de algum problema, e ele não falava inglês. Acho que era sueco. Falou de sua enfermidade mostrando seu braço, resmungando ininteligivelmente. O braço, como sua mão, estava deformado com grandes bolhas. Havia bolhas em seu rosto também. Desconfiei de minha equanimidade por alguns momentos, mas apertei meus olhos, obrigando-os a serem científicos e impessoais. Através de sinais, compreendemos que ele tinha estado dormindo no convés, tal era o calor no castelo de proa do navio e, os mosquitos, o médico disse, tinham envenenado um corpo já contaminado pelos guisados de Rotterdam. O espírito corrosivo da selva estava começando a penetrar através de nossas falhas.

O médico foi para sua enfermaria. O piloto sentou-se em sua rede, olhou indiferentemente para o marinheiro doente, bocejando e esticando seus braços, seus delicados pezinhos marrons balançando-se exatamente no vão do convés. Começou a enrolar um cigarro de alguma coisa que parecia com folhas de chá. Depois levantou-se e foi para a proa para dispensar seu companheiro na ponte de comando, e o piloto mais experiente apareceu, quando o médico tinha acabado o trabalho. O piloto aprendiz, um delicado indivíduo inocente, um tanto quanto taciturno, saúda-nos sempre com um sorriso indistinto do supercílio. Seu comandante é um homenzinho roliço e alegre, amistoso, e generoso em seus gestos. Nós dois sorríamos involuntariamente, quando ele marchava em nossa direção, com seu boné da farda, carregando nosso emblema do navio, colocado para trás de sua cabeça, inclinado por cima da orelha direita. Não há o suficiente de portugueses na Companhia do nosso navio para atender alguém numa conversa adequadamente, porém, nos damos bem com esse piloto, e ele conosco.

He sits in a hammock, making pantomime explanatory of Brazil to us strangers, and we pick him up with alacrity, after but brief pauses. While the Doctor beguiled him into dramatic moments, I lay back and watched him, searching for Brazilian characteristics, to report here.

You know that, when you have returned from a far country, you are asked unanswerable questions about its people, and especially about its women. We are easily flattered by the suggestion that we are authoritative, with opinions got from uncommon experience, especially where women with strange eyes and dark skins are concerned. So, once upon a time, I caught myself - or rather, I caught that cold, critical, and impartial part of me, which is a solemn fake - when answering a question of this kind, explaining in a comprehensive way the character of the Brazilian people, as though I were telling of the objective phenomena of one simple soul. Presently the wise and ribald part of me woke, caught the note of that inhuman voice, and raised a derisive cry, heard by me with grave deprecation, but not heard at all by my listener. I stopped. For what do I know of the Brazilian character? Very little. Is there such a thing? I suppose the true Brazilian is like the true Englishman, or the typical bird which is known by its bones, but may be anything from a crow to a nightingale, but is more likely a lark. You can imagine the foreigner taking his knowledge of the British pickpocket who met him at the landing-stage;

Ele se senta em uma rede fazendo pantomimas explanatórias do Brasil para nós estrangeiros, e nós as captamos com alacridade, depois de somente breves pausas. Enquanto o médico o ludibriava em momentos dramáticos, eu me deitava de costas e o observava, procurando características brasileiras, para apresentá-las aqui.

Sabe-se que, quando se retorna de um país distante, as pessoas perguntam-lhe questões sem respostas sobre seu povo e, especialmente, sobre suas mulheres. Somos facilmente adulados pela sugestão de que somos dignos de crédito, com opiniões obtidas de experiências incomuns, especialmente onde as mulheres com olhos estranhos e peles escuras estão envolvidas. Assim, uma vez, surpreendi a mim mesmo - ou melhor, senti aquela parte fria, crítica e imparcial de mim, que é uma tapeação - quando respondendo a uma pergunta desse tipo, explicando de um modo compreensivo o caráter¹¹⁹ do povo brasileiro, como se eu estivesse falando dos fenômenos objetivos de uma alma simplória. Nesse momento, a sábia e impiedosa parte de mim acordou, pegou o comentário daquela voz desumana e levantou um grito ridículo, ouvido por mim com grave desaprovação, mas não ouvido completamente pelo meu ouvinte. Parei. Por que o que eu sei do caráter nacional brasileiro? Muito pouco. Existe tal coisa? Suponho que o verdadeiro brasileiro seja como o verdadeiro inglês, ou como o típico pássaro que é conhecido por seus ossos, mas pode ser qualquer coisa entre um corvo e um pardal, mas é mais parecido com uma cotovia. Pode-se imaginar o estrangeiro tirando seu conhecimento do batedor de carteira britânico, que o encontrou na plataforma de desembarque;

119O narrador refere-se à atitude e comportamento do ponto de vista moral e emocional do brasileiro. Ver, sobre este assunto, **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia**, de Dante Moreira Leite, ou **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**, de Marilena Chauí.

the pen-portraits of Bernard Shaw, the Rev. Jeremiah Hardshell, Father O'Flynn, You, Me, the cabman who swore at him, his landlady and her daughter, Lloyd-George, Piccadilly by night, and Tom Bowling, carefully adjusting all that valuable British data, just as Professor Karl Pearson does his physical statistics, and explaining the result as the modern English; adding, in the usual footnote, what decadent tendencies are to be deduced, in addition, from the facts which could not be worked into the major premises. Now, there was the handsome Brazilian customs officer, tall, august, with dark eyes haughty and slow with thought, the waves of his romantic black hair faintly traced in silver, who might have been a poet, or a philosophic revolutionist; but who was the man, as the first mate told us (after we had searched everywhere for the articles) who "pinched your bloomin' field-glasses and my meerscham."

Take, if you like, the ultra-fashionable ladies at the Para hotel, who looked at us with sleepy eyes, and who, I suspect, were not Brazilians at all. Supposing they were, there must be counted the wife of the official at Serpa. She came aboard there with her husband to see an English ship; she reminded me of that picture of the Madonna by Sassoferrato in the National Gallery; I am unable to come nearer to justice to her than that. Again, there was a certain vain native apothecary, and he had the idea that I was bottle-washer to the "Capella's" surgeon, much to that fellow's secret delight. The chemist treated me with a studied difference in consequence; and though our surgeon could have undeceived the mistaken man, having some Portuguese, he refused to do so.

as descrições dos personagens de Bernard Shaw, Reverendo Jeremiah Hardshell¹²⁰, Pai O'-Flynn¹²¹, Você, Eu, o taxista que jurou para si mesmo, sua proprietária e à filha dela, Lloyd-George, a rua Piccadilly à noite, e Tom Browling¹²², cuidadosamente ajustando todos esses valiosos dados ingleses, exatamente como o Professor Karl Pearson¹²³ faz suas estatísticas médicas, e explicando o resultado como o inglês moderno; acrescentando, na habitual nota de rodapé, quais tendências decadentes devem ser deduzidas, em acréscimo, dos fatos que não podem ser trabalhados dentro das premissas principais. Agora, havia o belo oficial da Alfândega brasileira - alto, augusto, com soberbos olhos escuros e com o pensamento lento; as ondas de seu romântico cabelo preto levemente delineadas de prata - que podia ter sido um poeta, ou um revolucionário filosófico, mas que foi o homem, como o primeiro-oficial nos disse (depois que tínhamos procurado por todo canto pelos objetos) que “pegou seus binóculos e meu cachimbo de argila”.

Tomai como exemplo, se quiser, as damas da última moda em um hotel, no Pará, que nos olharam com olhos sonolentos e que, eu suspeito, não eram brasileiras, absolutamente. Supondo que fossem, deve ser levado em conta a esposa do oficial em Serpa. Ela veio a bordo com seu esposo para ver um navio inglês; ela lembrou-me aquela pintura da Madonna, de Sassoferato, na Galeria Nacional; sou incapaz de ser mais justo com ela do que isso. Novamente, havia um certo vaidoso boticário nativo, e ele pensou que eu fosse um lavador de garrafas do cirurgião do *Capella*, algo importante para aquele prazer secreto do sujeito. O farmacêutico tratou-me com uma indiferença estudada em consequência disso; e, embora nosso cirurgião pudesse ter desfeito o equívoco do homem, sabendo um pouco de português, recusou-se a fazer isso.

120Alusão à Igreja Batista Primitiva.

121Alusão à balada irlandesa Pai O'Flynn; refere-se aos ideais dos irlandeses; não se sabe se a canção surgiu em Dundee ou se fora copiada diretamente de uma fonte já existente na Irlanda.

122Pode referir-se tanto ao personagem do romance *As aventuras de Roderick Random*, de Charles Dibdin (1745-1814); ou a uma canção escrita por este mesmo compositor como tributo ao seu irmão mais velho que havia falecido no mar e era capitão de um navio que fazia comércio entre a Índia e Inglaterra.

123Karl Pearson (1857-1936), fundador do departamento de estatística na universidade de Londres; autor de **The Grammar of Science** (1905), entre outros escritos sobre política, eugenia, matemática e estatística.

I remember the pilot who, when he left us at Serpa, and I bade him farewell, did, before all our ship's company, embrace me heartily, rest his cheek against mine, and make loving noises in his throat. And there is our present chief guide, now swinging in his hammock, and looking down upon us waggishly.

He had not been a pilot always. Once he was a clown in a circus; that little fact is a clue to much which otherwise would have been obscure in him. When he boarded us at Serpa to take the place of the man who shrank from the thought of the Madeira, the chart-room under the bridge was given to him, and as the mate put it, "he moved in." He had bundles, boxes, bags, baskets, a tin trunk, a chair, a parrot, a hammock, and some pictures. He was going to be with us for two months, but his affair had the conclusive character of a migration, a final severance from his old life. His friends came to see him depart, and they wound themselves in each others arms, head laid in resignation on shoulders.

"Looks as if we're bound for the Golden Shore," commented the boatswain.

This little rounded man, the pilot, with his unctuous olive skin, tiny moustache of black silk, and impudent eyes, looked ripe in middle age, though actually he was but thirty. He wore a suit of azure cotton, ironed faultlessly, and his tunic fitted with hooks and eyes across his throat. His boots were sulphur coloured and Parisian. A massive gold ring, which carried a carbonado nearly as large as the stopper of a beer bottle, was embedded in a fat finger of his right hand. In the front of his cap he had sewn the badge of our line, He would wear the cap on one ear, and walk up and he was curiously proud of that gaudy symbol. He would wear the cap on one ear, and walk up and down in display, with a lofty smile, and a carriage supposed to appertain to a British officer in a grand moment. He had a great admiration for all that was British, except our food. In the front of his cap he had sewn the badge of our line, and he was curiously proud of that gaudy symbol. He would wear the cap on one ear, and walk up and down in display, with a lofty smile, and a carriage supposed to appertain to a British officer in a grand moment.

Lembro do piloto que, quando nos deixou em Serpa, e eu lhe disse adeus, diante de toda triuplação de nosso navio, abraçou-me calorosamente, descansou sua bochecha contra a minha, e fez ruídos afetuosos em sua garganta. E há nosso atual piloto-comandante, agora balançando-se em sua rede, e nos olhando cabisbaixo caçoadamente.

Ele nem sempre tinha sido um piloto. Trabalhara como palhaço em um circo, uma vez; esse pequeno fato é uma chave para muito que, do contrário, teria ficado obscuro nele. Quando ele embarcou em Serpa, para tomar o lugar do homem que recuou diante do pensamento do Madeira, o camarote debaixo da ponte de comando foi cedido a ele e, como disse o oficial, “ele tomou posse”. Ele tinha pacotes, caixas, sacos, cestas, um baú de zinco, uma cadeira, um papagaio, uma rede, e alguns quadros. Ficaria conosco por dois meses, mas seu caso tinha o caráter conclusivo de uma migração, uma indenização final de sua antiga vida. Seus amigos vieram vê-lo partir, e eles se enroscavam nos braços uns dos outros, cabeças postas em resignação sobre os ombros¹²⁴. “Parece que estávamos vinculados à Golden Shore¹²⁵” - comentou o contramestre.

Este homenzinho rechonchudo, o piloto, com sua pele de oliva falsa, com um bigodinho de seda preta, e olhos insolentes, parecia maduro em sua idade mediana, embora, na verdade, tivesse apenas trinta anos. Ele usava um terno azul de algodão, engomado descuidadosamente, e sua túnica ajustada com colchetes e botões até a garganta. Suas botas eram coloridas, da cor de enxofre, e parisienses. Um anel de ouro maciço, que tinha um diamante negro quase do tamanho da tampa de uma garrafa de cerveja, estava enfiado num dedo gordo de sua mão direita. Na frente de seu boné, ele tinha costurado o emblema de nossa Companhia, e estava curiosamente orgulhoso desse símbolo ostentoso. Ele usaria o boné por cima de uma orelha, e caminharia para cima e para baixo em exibição, com um sorriso soberbo, e uma suposta postura pertencida, por direito, a um oficial britânico em um grande momento.

¹²⁴Todo relato de viagem traduz uma cultura diversa da cultura do viajante. A ironia utilizada ao se referir aos modos dos nativos não se justifica, posto que toda atitude cultural possui seu valor.

¹²⁵Famosa praia jamaicana.

He had a great admiration for all that was British, except our food. If you were up at sunrise you could see him at his toilet, and the spectacle was worth the effort. His array of toilet vesicles reminded me of the shelves in a barber's shop. Oiled and fragrant, he took his seat for breakfast with much formal politeness. He shook our saloon company into a sense of its responsibilities, for we had grown indifferent as to dress, and sometimes we had three-day beards. His handkerchiefs and linen were scented, and dainty with floral designs. And ours - oh, ours - ! He took wine at breakfast, and after idling a little with our foreign dishes he would wipe his mouth on our tablecloth, and then leave for the bridge. As he passed across the poop we would hear him hawk violently, and spit on the deck. Then the Skipper would glare, and drive his chair backwards in a dark passion.

Gazing at the foliage as it unfolded, our pilot named the paranas, tributaries, and islands, when they drew abeam. He told us what the trees were; and then with head shakes and uplifted hands and eyes, indicated what grave things were behind that screen of leaves. (Though I don't suppose he knew.) His mimicry was so spontaneous and exact that it was more entertaining and just as instructive as speech. He taught us how the Indians kill you, and what some villagers did to a naughty padre, and how the sucuruju swallows a deer, and how to make love to a Brazilian girl. He kicked the slippers from his little feet, and smuggled into the hammock mesh for a snooze, waving a hand coyly to us over the edge of his nest.

The dinner bell rang. Because the saloon is now hot beyond endurance, the steward has fixed a table on deck, and so, as we eat, we can see the jungle pass. That keeps some of our mind from dwelling over much on the dreary menu. The potatoes have begun to ferment. The meat is out of tins; sometimes it is served as fritters, sometimes we recognise it in a hash, and sometimes, shameless, it appears without dress, a naked and shiny lump straight from its metal bed.

Tinha uma grande admiração por tudo que fosse britânico, exceto de nossa comida. Se se estivesse de pé ao nascer do sol, podia-se vê-lo em sua ablução, e o espetáculo era válido de esforço. Seu conjunto de objetos lembrava-me as prateleiras de uma barbearia. Oleoso e perfumado, tomava seu assento para o café da manhã com muita e solene polidez. Ele agitava a nossa Companhia do salão em um sentimento de sua responsabilidade, porque tínhamos nos tornado indiferentes na maneira como nos vestíamos e, às vezes, tínhamos barba de três dias. Os seus lenços e roupas de linho eram perfumados e refinados com desenhos florais. E os nossos - ah, os nossos! Ele tomava vinho no café da manhã e, depois de um pouco de ociosidade com nossos pratos, limpava sua boca em nossa toalha de mesa e, então, saía para a ponte de comando. Quando passava de um lado para o outro do tombadilho, nós o ouviríamos expectorar violentamente, e cuspir por cima do convés. Em seguida, o capitão olharia fixamente e empurrava sua cadeira para trás com raiva.

Fitando a folhagem, quando ela se revirava, nosso piloto nomeava os paranás, afluentes e ilhas, quando passavam a bombordo e estibordo. Contava-nos o que eram as árvores; e então com balanço de cabeça e mãos e olhos levantados, indicava que coisas sombrias estavam atrás daquelas folhas. (Embora eu não suponha que ele soubesse). Sua mímica era tão espontânea e exata que era mais interessante e tão instrutiva quanto o discurso. Ele nos ensinou como os indígenas matam você, e o que alguns aldeões fizeram a um padre malicioso, e como uma sucuri engole um veado, e como fazer amor com uma brasileira. Ele arrancava os chinelos de seus pezinhos, e se enfiava dentro da rede para um cochilo, acenando com a mão timidamente para nós por cima da beira de seu ninho.

A campainha para o jantar tocou. Porque o salão está quente agora para além do suportável, o taifeiro arrumou uma mesa no convés e, assim, enquanto comemos, podemos ver a selva passar. Isso mantém algo em nossa mente, de viver excessivamente do triste cardápio. As batatas começaram a fermentar. A carne está fora das latas de conserva; às vezes é servida como panqueca, às vezes nós a reconhecemos em um guisado, e, às vezes, cínica, ela aparece sem cobertura, um monte brilhante e exposto direto de seu vasilhame de metal.

Often the bread is sour. The butter, too, is out of tins. Feeding is not a joy, but a duty. But it is soon over. Although everybody now complains of indigestion, we have far to go yet, and the cheerfulness which faces all circumstances brazenly must be our manna. Our table, some deal planks on trestles, is mellowed by a white tablecloth. We sit round on boxes. Over head the sun flames on the awning, making it golden and translucent. I let the soup pass. The next dish is a hot pot of tinned mutton and preserved vegetables. Something must be done, and I do it then. There is some pickled beef and pickled onions. I watch the forest pass. Then, for desert, the steward, the hot beads touring about the mounts of his large pale face, brings along oleaginous fritters of plum duff. The Doctor leaves. I follow him to the chairs again, and we exchange tobacco-boxes and fill our pipes. This may seem to you unendurable for long. I did not think so, though of habits so regular and engrained that my chances of survival, when viewed comparatively, for my ship mates were hardened and usually were more robust, seemed poor enough. But I enjoyed it. There was nourishment, a tonic stay, in our desire to greet every onset of the miseries, which now were camped about us, besieging our souls, with sans-culotte insolence. We called to the Eumenides with mockery. Like Thoreau, I believe I could live on a tenpenny nail, if it comes to that.

Frequentemente o pão está azedo. A manteiga também está fora das latas. A refeição não é uma satisfação, mas uma obrigação. Mas logo é devorada. Apesar de todos agora reclamarem de indisposição, ainda temos muito para viajar e, a animação que reveste todas as circunstâncias imodestamente deve ser nosso maná. Nossa mesa, algumas tábuas por cima de pernamancas, está abrandada por uma toalha branca. Sentamo-nos em caixotes ao redor. Por cima da cabeça, o sol flameja no toldo, deixando-o dourado e transparente. Deixo a sopa passar. O prato seguinte é uma panela quente de carne enlatada de carneiro e vegetais conservados. Algo deve ser feito, e eu o faço então. Há alguma carne guisada e cebolas picadas. Observo a selva passar. Depois, como sobremesa, o taifeiro, as bolhas quentes passeando em volta dos montes de seu rosto grande, traz as panquecas de ameixa estragada. O médico sai. Eu o acompanho rumo às cadeiras novamente, e trocamos as caixas de fumo e enchemos nossos cachimbos. Isso pode parecer-lhe insuportável por muito tempo. Eu não achava, apesar dos hábitos tão regulares e aceitos sem restrições, que minhas chances de sobrevivência, quando observadas comparativamente, porque meus companheiros estavam insensíveis e, geralmente, mais robustos, pareciam infelizes o suficiente. Mas eu desfrutava. Havia nutrição; uma estadia tônica em nosso desejo de saudar cada início das angústias, que agora estavam acampadas à nossa volta, assediando nossas almas, com a insolência dos *sans-culotte*¹²⁶. Chamávamos as Eumênides¹²⁷ com escárnio. Como Thoreau¹²⁸, acredito que podia sobreviver com alguns tostões, se fosse o caso.

126(*Sans-culottes* - do francês sem calções). Alcinha para os homens que participaram da Revolução Francesa (1879), por usarem calças de algodão em vez de calções que apertavam no joelho que, na época, eram usados pela aristocracia.

127Eufemismo usado para evitar pronunciar o verdadeiro nome - Erínias, três deusas (Tisífone, Megera e Alecto) encarregadas de punir os mortais e, segundo uma das versões, habitam as profundezas do Hades desde as origens do mundo e, quando chamadas, vêm à Terra. O Poeta Eurípedes, em sua obra **Orestes**, diz que elas são “as virgens de olhos de sangue e aspectos de serpente”. Noutra versão são deusas benevolentes e estão associadas à fertilidade e com determinadas funções sociais e morais. Ver, a propósito, **Eumênides**, de Ésquilo.

128Em 1845, Henry David Thoreau decidiu tentar o que ele chamou de “experimento”. Construiu uma cabana nos bosques perto de Walden Pond, Massachusetts (EUA), e ali viveu durante dois anos. Desse empreendimento nasceu sua obra **Walden, ou a vida nos bosques**.

There is no doubt the forest influences our moods in a way you at home could not understand. Our minds take its light and shade, and just as our little company, gathered in the Chief's room at a time when the seas were running high, recalled sombre legends which told of foredoom, so this forest, an intrusive presence which is with us morning, noon, and night, voiceless, or making such sounds as we know are not for our ears, now shadows us, the prescience of destiny, as though an eyeless mask sat at table with us, a being which could tell us what we would know, but though it stays, makes no sign.

This forest, since we entered the Para River, now a thousand miles away, has not ceased. There have been the clearings of the settlements from Para inwards; but as Spruce says in his Journal, those clearings and campos alter the forest of the Amazon no more than would the culling of a few weeds alter the aspect of an English cornfield. The few openings I have seen in the forest do not derange my clear consciousness of a limitless ocean of leaves, its deep billows of foliage rolling down to the only paths there are in this country, the rivers, and there overhanging, arrested in collapse. There is no land. One must travel by boat from one settlement to another. The settlements are but islands, narrow footholds, widely sundered by vast gulfs of jungle.

The forest of the Amazons is not merely trees and shrubs. It is not land. It is another element. Its inhabitants are arboreal; they have been fashioned for life in that medium as fishes to the sea and birds to the air. Its green apparition is persistent, as the sky is and the ocean. In months of travel it is the horizon which the traveller cannot reach, and its unchanging surface, merged through distance into a mere reflector of the day, a brightness or a gloom, in his immediate vicinity breaks into a complexity of green surges; then one day the voyager sees land at last and is released from it. But we have not seen land since Serpa.

Não há dúvida de que a floresta influencia nossos ânimos de um modo que você em casa não podia entender. Nossos juízos tomam sua luz e sombra, e exatamente como nossa pequena Companhia, reunida no camarote do comandante na hora em que os mares estavam em corrida elevada, e recordavam as fábulas sombrias que falavam do juízo final, também esta floresta, uma presença intrusa que está conosco de manhã, de tarde e de noite, silenciosa, ou fazendo tais ruídos como sabemos que não são para nossos ouvidos, agora nos vigia, a presciência do Destino, como se uma máscara sem olhos se sentasse à mesa conosco, um ser que nos contava o que conheceríamos, no entanto ela permanece e não dá nenhum sinal.

Esta floresta, desde que entramos no rio Pará, agora a mil milhas de distância, não foi interrompida. Tem havido as clareiras dos povoados do interior do Pará, mas como Spruce diz em seu *Journal*, aquelas clareiras e campos alteram a floresta do Amazonas não mais do que os refugos de ervas daninhas alterariam o aspecto de um milharal inglês. As poucas aberturas que tenho visto na floresta não afligem minha consciência límpida de um ilimitado oceano de folhas, suas densas massas de folhagem revirando-se ao longo das únicas passagens que existem neste país, os rios, e ali se projetando, interrompidas, em colapso. Não há terra. A pessoa deve viajar de barco de um povoado a outro. Os povoados são tão somente ilhas, bases estreitas, amplamente separados por enormes golfos de selva.

A floresta amazônica não é meramente árvores e arbustos. Não é terra. É um outro elemento. Seus habitantes são arbóreos; eles têm sido moldados para a vida naquele entre-meio, como peixes para o mar e pássaros para o ar. Sua aparição é persistente, como são o céu e o oceano. Em meses de viagem, é o horizonte que o viajante não pode alcançar, e sua superfície imutável, fundida através da distância dentro de um mero refletor do dia, um esplendor ou uma escuridão, em sua vizinhança imediata, que irrompe em uma complexidade de folhas que ondulam; então, um dia, o viajante vê terra finalmente, e é libertado. Mas não temos visto terra desde Serpa.

There are men whose lives are spent in the chasms of light where the rivers are sunk in the dominant element, but who never venture within its green surface, just as one would not go beneath the waves to walk in the twilight of the sea bottom.

Now I have been watching it for so long I see the outer aspect of the jungles does vary. When I saw it first on the Para River it appeared to my wondering eyes but featureless green cliffs. Then in the Narrows beyond Para I remember an impression of elegance and placidity, for there, the waters still being tidal and saline, the palms were conspicuous and in profuse abundance. The great palms are the chief feature of that forest elevation, with their graceful columns, and their generous and symmetrical fronds which sometimes are like gigantic green feathers, and again are like fans. A tall palm, whatever its species, being a definite expression of life - not an agglomeration of leaves, but body and crown, a real personality - the forest of the Narrows, populous with such exquisite beings, had margins of straight ascending lines and flourishing and geometrical crests.

Beyond the river Xingu, on the main stream, the forest, persistent as a presence, again changed its aspect. It was ragged and shapeless, an impenetrable tangle, its front strewn with fallen trees, the vision of outer desolation. By Obydos it was more aerial and shapely again, but not of that light and soaring grace of the Narrows. It was contained, yet mounted not in straight lines, as in the country of the palms, but in convex masses. Here on the lower Madeira the forest seems of a nature intermediate between the rolling structure of the growth by Obydos, and the grace of the palm groves in the estuarine region of the Narrows. It is barbaric and splendid, easily prodigal with illimitable riches, sinking the river beneath a wealth of forms.

Há homens cujas vidas são gastas nos abismos de luz, onde os rios estão submersos no elemento dominante, mas eles nunca se aventuram dentro de sua superfície verde, exatamente como ninguém iria para debaixo das ondas, para caminhar no crepúsculo do fundo do mar.

Agora eu a tenho observado por tanto tempo, que o aspecto externo da floresta realmente varia. Quando eu a vi pela primeira vez, no rio Pará, ela mostrou, para meus olhos maravilhados, somente penhascos verdes descaracterizados. Depois, nos Estreitos para além do Pará, lembro de uma impressão de elegância e placidez, porque ali as águas ainda são marés e salinas, e as palmeiras eram notáveis em exuberância abundante. As formidáveis palmeiras são a principal característica daquela elevação da floresta, com suas colunas graciosas, e suas folhas generosas e simétricas que, às vezes, são como penas gigantes, e novamente são como ventiladores. Uma palmeira alta, qualquer que seja a espécie, sendo uma expressão definitiva de vida - não uma aglomeração de folhas, mas corpo e coroa, uma personalidade real - a floresta dos Estreitos, populosa com tais seres delicados, tinha margens de elevadas linhas retas e prósperas, e topos geométricos.

Acima do rio Xingu, na correnteza principal, a floresta, persistente como uma presença, mudava seu aspecto novamente. Era esgarçada e disforme, um emaranhado impene-trável, sua frente espalhada com árvores caídas, a visão da desolação externa. Perto de Óbidos, era mais aérea e benfeita novamente, mas não daquela luz e graça esvoaçantes dos Estreitos. Era fechada, entretanto, não montada em linhas retas, como na região das palmeiras, mas em massas convexas. Aqui no baixo Madeira, a floresta parece de uma natureza intermediária entre a estrutura revolvante do crescimento vegetal perto de Óbidos, e a graça dos bosques de palmeiras na região estuária dos Estreitos. É selvagem e esplêndida, facilmente prodigiosa, com riquezas ilimitadas, afundando o rio debaixo de uma riqueza de formas.

On the Madeira, as elsewhere in the world of the Amazons, some of the forest is on "terra-firma," as that land is called which is not flooded when the waters rise. There the trees reach their greatest altitude and diameter; it is the region of the ca' apoam, the "great woods" of the Indians. A stretch of terra firma shows as a low, vertical bank of clay, a narrow ribbon of yellow earth dividing the water from the jungle. More rarely the river cuts a section through some undulating heights of red conglomerate-heights I call these cliffs, as heights they are in this flat country, though at home they would attract no more attention than would the side of a gravel-pit - and again the bank may be of that cherry and saffron clay which gives a name to Itacoatiara. On such land the forest of the Madeira is immense, three or four species among the greater trees lording it in the green tumult expansively, always conspicuous where they stand, their huge boles showing in the verdant façade of the jungle as grey and brown pilasters, their crowns rising above the level roof of the forest in definite cupolas. There is one, having a neat and compact dome and a grey, smooth, and rounded trunk, and dense foliage as dark as that of the holm oak; and another, resembling it, but with a flattened and somewhat disrupted dome. I guessed these two giants to be silk-cottons. Another, which I supposed to be of the leguminous order, had a silvery bole, and a texture of pale green leafage open and light, which at a distance resembled that of the birch. These three trees, when assembled and well grown, made most stately riverside groups. The trunks were smooth and bare till somewhere near ninety feet from the ground. Palms were intermediate, filling the spaces between them, but the palms stood under the exogens, growing in alcoves of the mass, rising no higher than the beginning of the branches and foliage of their lords.

No Madeira, como em qualquer parte do mundo das Amazonas, uma porção da floresta está em “terra firme”, como se chama aquela terra que não alaga quando as águas sobem. Ali as árvores alcançam suas maiores elevações e diâmetros; é a região da sapopema, a “árvore gigantesca” dos indígenas. Uma faixa de terra firme se mostra num plano mais baixo, um barranco vertical de argila, uma faixa estreita de terra amarela separando a água da selva. Muito raramente o rio corta uma seção através de algumas alturas onduladas de conglomerado vermelho - alturas eu chamo esses penhascos, como alturas que são nesse país plano, embora, em casa, atrairiam não mais atenção do que atrairia o lado de uma mina - e, novamente, o barranco pode ser daquele barro da cor de cereja e açafrão, que dá o nome à Itacoatiara¹²⁹. Em tal terra, a floresta do Madeira é imensa, três das quatro espécies entre as maiores árvores dominando-a no tumulto verde expansivamente, sempre evidentes onde estavam, seus troncos enormes mostrando-se na fachada verdejante da selva, como pilstras cinzentas e marrons, suas coroas erguendo-se acima do nível da copa da floresta em cúpulas definitivas. Há uma que tem uma copa benfeita e compacta e um tronco cinzento, liso e redondo, e folhagem densa tão escura quanto aquela do carvalho de várzea; e outra semelhante àquela, mas com uma copa achatada e um pouco desfeita. Calculei que esses dois gigantes fossem samaúmas. Uma outra, que eu supunha ser da ordem das leguminosas, tinha um tronco prateado, e uma textura da folhagem verde pálido, desprotegida e brilhante, que a uma distância assemelhava-se àquela da bétula. Essas três árvores, quando reunidas e bem crescidas, compunham os conjuntos mais imponentes do lado do rio. Os troncos eram lisos, expostos até certa parte, em torno de noventas pés do chão. As palmeiras eram intermediárias, preenchendo os espaços entre elas; mas as palmeiras ficavam debaixo dos exógenos, crescendo em alcovas da massa verde, erguendo-se não mais altas do que o início dos galhos e folhagem de seus lordes.

¹²⁹*Ita* quer dizer pedra e *coatiara* significa pintado, daí o nome da cidade na língua nativa significar pedra pintada.

The whole overhanging superstructure of the forest - not a window, an inlet, anywhere there - was rolling clouds of leaves from the lower rims of which vines were catenary, looping from one green cloud to another, or pendent, like the sundered cordage of a ship's rigging. Two other trees were frequent, the pao mulatto, with limbs so dark as to look black, and the castanheiro, the Brazil nut tree.

The roof of the woods lowered when we were steaming past the igapo. The igapo, or aqueous jungle, through which the waters go deeply for some months of the year, is of a different character, and perhaps of a lesser height - it seems less; but then it grows on lower ground. I was told to note that its foliage is of a lighter green, but I cannot say I saw that. It is in the igapo that the *Hevea Braziliensis* flourishes, its pale bole, suggestive of the white poplar, deep in water for much of the year, and its crown sheltered by its greater neighbours, so that it grows in a still, heated, and humid twilight. This low ground is always marked by growths of small cecropia trees. These, with their white stems, their habit of free and regular branching, and their long leaves, digital in the manner of the horse-chestnut, have the appearance of great candelabra. Sometimes the igapo is prefaced by an area of cane. The numberless islands, being of recent formation, have a forest of different nature, and they seldom carry larger trees. The upper ends of many of the island terminate in sandy pits, where dwarf willows grow. SO foreign was the rest of the vegetation, that notwithstanding its volume and intricacy I detected those humble little wilows at once, as one would start surprised at an English word heard in the meaningless uproar of an alien multitude.

The forest absorbed us; as one's attention would be challenged and drawn by the casual regard, never noticeably direct, but never withdrawn, of a being superior and mysterious, so I was drawn to watch the still and intent stature of the jungle, waiting for it to become vocal, for some relaxing of its static form. Nothing ever happened.

A superestrutura inteira pendurada da floresta - sem uma janela, uma enseada, em qualquer parte ali - estava balançando nuvens de folhas das bordas mais baixas dos cipós, que eram catenários, saltando de uma nuvem verde para outra, ou pendentes, como o cordame solto da vela de um navio. Duas outras árvores eram frequentes, o pau-mulato, com galhos tão escuros que pareciam pretos, e a castanheira, a árvore de castanha do Brasil.

A copa das árvores ficava mais baixa quando estávamos navegando próximo ao igapó. O igapó, ou selva aquática, através do qual as águas passam intensamente durante alguns meses do ano, é de uma característica diferente, e talvez de uma altura bem menor - parece menos; mas porque cresce em um chão mais baixo. Fui advertido a perceber que sua folhagem é de um verde mais claro, mas não posso dizer que vi isso. É no igapó que a *Hevea Brasiliensis* floresce, seu tronco pálido, sugestivo do choupo branco, fica afundado na água boa parte do ano, e sua copa abrigada por seus vizinhos maiores, tanto que ela cresce em um crepúsculo tranquilo, aquecido e úmido. Esse chão baixo é sempre marcado pelos crescimentos de embaubazinhas. Estas, com seus troncos brancos, seus habituais galhos regulares e livres, e suas folhas compridas, pontudas da maneira da castanha da índia, têm a aparência de um grande candelabro. Às vezes, o igapó é prefaciado por uma área de bambu. As inumeráveis ilhas, sendo de formação recente, têm a floresta de uma natureza diferente, e elas raramente carregam as árvores maiores. As pontas de cima de muitas das ilhas terminam em montes de areia, onde salgueiros nanicos crescem. Tão desconhecido era o resto da vegetação que, apesar de seu volume e complexidade, detectei aqueles pequenos e humildes salgueiros ao mesmo tempo, como alguém começaria a ficar surpreso com uma palavra inglesa ouvida em uma confusão insignificante de uma multidão estrangeira.

A floresta nos absorvia; como a atenção de alguém seria desafiada e ficaria cansada por respeito casual, nunca perceptível de imediato, mas nunca retraída, de um ser superior e misterioso, assim ficava cansado de observar a estatura silenciosa e intensa da selva, esperando que ela se tornasse vocal, para algum relaxamento de sua forma estática. Nada, de modo algum, acontecia.

I never discovered it. Rigid, watchful, enigmatic, its presence was constant, but without so much as one blossom in all its green vacuity to show the least friendly familiarity to one who had found flowers and woodlands kind. It had nothing that I knew. It remained securely aloof and indifferent, till I thought hostility was implied, as the sea implies its impartial hostility, in a constant presence which experience could not fathom, nor interest soften, nor courage intimidate. We sank gradually deeper inwards towards its central fastnesses.

By noon on our first day on the Madeira we reached the village of Rozarinho, which is on the left bank, with the tributary of the same name a little more up stream, but entering from the other side. Here, as we followed a loop of the stream, the Madeira seemed circumscribed, a tranquil lake. The yellow water, though swift, had so polished a surface that the reflections of the forest were hardly disturbed, sinking below the tops of the inverted trees to the ultimate clouds, giving an illusion of profundity to the apparent lake. The village was but a handful of leaf huts grouped about the nucleus of one or two larger buildings with white walls. There was the usual jetty of a few planks to which some canoes were tied. The forest was high background to those diminished huts; the latter, as we came upon them, suddenly increased the height of the trees.

In another place the shelter of a family of Indians was at the top of a bank, secretive within the base of the woods. A row of chocolate babies stood outside that nest, with four jabiru storks among them. Each bird, so much taller than the babies, stood resting meditatevely on one leg, as though the order to take up an infant and deliver it somewhere. None of them, storks or infant, took the least notice of us. Perhaps the time had not yet come for them to be aware of mundane things.

Nunca descobri. Rígida, vigilante, enigmática, sua presença era constante, mas um tanto quanto como algo que desabrocha em toda a sua vacuidade verde, para mostrar a mínima familiaridade amistosa para alguém que tinha descoberto tipo de florestas e flores. Não tinha nada que eu conhecesse. Permanecia distante e indiferente, até que eu pensasse que a hostilidade estivesse implicada, como o mar implica sua hostilidade imparcial, em uma presença constante que a experiência não podia penetrar, nem o interesse suavizar, nem a coragem intimidar. Nós penetrávamos gradativamente mais intensamente em seu interior rumo à sua fortaleza.

Ao entardecer do nosso primeiro dia no Madeira, chegamos ao povoado de Rosarinho, que fica no barranco esquerdo, com o afluente de mesmo nome, um pouco mais acima da correnteza, mas entrando do outro lado. Aí, quando seguíamos uma curva da correnteza, o Madeira parecia circunscrever um pequeno lago. A água amarela, embora veloz, tinha uma superfície tão polida que os reflexos da floresta dificilmente eram interrompidos, afundando embaixo das copas das árvores invertidas para as últimas nuvens, dando uma ilusão de profundidade ao aparente lago. O povoado era apenas um punhado de cabanas de palhas agrupadas em volta do núcleo de um ou dois edifícios maiores, com paredes brancas. Havia o habitual porto de poucas pranchas, em que algumas canoas estavam amarradas. A floresta era um fundo elevado para aquelas cabanas diminuídas; as últimas, quando nos deparamos com elas, rapidamente aumentavam a altura das árvores.

Em outro lugar, o abrigo de uma família indígena ficava no topo do barranco, reservado dentro da base das árvores. Uma fila de crianças da cor de chocolate estava parada fora de seus ninhos, com quatro cegonhas-jaburus entre elas. Cada pássaro, muito mais alto do que as crianças, estava descansando meditativamente sobre uma perna, como que esperando a ordem para pegar uma criança e entregá-la em algum lugar. Nenhuma delas, cegonha ou criança, prestou a mínima atenção em nós. Talvez o tempo não tivesse ainda vindo a elas para que estivessem conscientes das coisas banais.

Certainly I had a feeling myself, so strange was the place, and quiet and tranquil the day, that we had passed world's end, and that what we saw beyond our steamer was the coloured stuff of dreams which, if a wind blew, would wreath and clear; vanish, and leave a shining void. The sunset deepened this apprehension. There came a wonderful sky of orange and mauve. It was over us and came down and under the ship. We moved with glowing clouds beneath our keel. There was no river; the forest girdled the radiant interior of a hollow sphere.

The pilots could not proceed at night. Shortly after sundown we anchored, in nine fathoms. The trees were not many yards from the steamer. When the ship was at rest a canoe with two Indians came alongside, with a basket of guavas. They were shy fellows, and each carried in his hand a bright machete, for they did not seem quite sure of our company. After tea we sat about the poop, trying to smoke, and, in the case of the Doctor and the Purser, wearing at the same time veils of butterfly nets, as protection from the mosquito swarms. The netting was put over the helmet, and tucked into the neck of the tunic. Yet, when I poked the stem of the pipe, which carried the gauze with it, into my mouth, the veil was drawn tight on the face. A mosquito jumped to the opportunity, and arrived. Alongside, the frogs were making the deafening clangour of an iron foundry, and through that sound shrilled the cicadas. I listened for the first time to the din of a tropical night in the forest. There is no word strong enough to convey this uproar to ears which have not listened to it.

Jan. 24. A bright still sunrise, promising heat; and before breakfast the ship's ironwork was too hot to touch. The novelty of this Madeira is already beginning to merge into the yellow of the river, the blue of the sky, and the green of the jungle, with but the occasional variation of low roseous cliffs. The average width of the river may be less than a quarter of a mile.

Certamente eu mesmo tive uma sensação, tão estranho era o lugar, e calmo e tranquilo o dia, que tínhamos passado do fim do mundo, e que o que víamos para além de nosso navio era a matéria colorida dos sonhos que, se um vento soprasse, encobriria e iluminaria; desapareceria, e deixaria um vazio brilhante. O pôr do sol acentuava esta apreensão. Surgia um céu maravilhoso de cor laranja e púrpura. Estava por cima de nós e desceu e ficou por baixo do navio. Movíamos-nos com nuvens brilhantes embaixo de nossa quilha. Não havia rio; a floresta rodeava o interior radiante de uma esfera esburacada.

Os pilotos não puderam prosseguir à noite. Abruptamente, depois do pôr do sol, ancoramos a seis pés de profundidade. As árvores não estavam a muitas jardas do navio. Quando o navio estava parado, uma canoa com dois indígenas aproximou-se do lado, com uma cesta de goiabas. Eles eram indivíduos acanhados, e cada um carregava um facão brilhante na mão, porque não pareciam muito seguros de nossa companhia. Depois do chá, nos sentamos em volta do tombadilho, tentando fumar e, no caso do médico e do comissário, usando ao mesmo tempo, véus de rede de pegar borboletas, como proteção dos enxames de mosquitos. A tela estava posta por cima do capacete e enfiada por dentro do pescoço da túnica. Entretanto, quando eu empurrava o cano do cachimbo, que carregava a tela com ele para dentro da minha boca, o véu ficava puxado e esticado no rosto. Um mosquito saltava para a oportunidade, e alcançava sucesso. Ao lado, as rãs estavam fazendo aquela barulheira ensurdecedora de uma fundição de ferro e, em meio àquele barulho, chiavam as cigarras. Eu ouvia, pela primeira vez, à gritaria de uma noite tropical na floresta. Não há palavra forte o suficiente para transmitir essa confusão aos ouvidos que não têm ouvido isso.

24 de janeiro. Um brilhante nascer do sol, calor promissor; e antes do café da manhã, os objetos de ferro do navio estavam muito quentes ao toque. A novidade deste Madeira já está começando a fundir-se na cor amarela do rio, do azul do céu, e do verde da selva, com apenas a variação ocasional de baixos penhascos rosados. A média comum de largura do rio pode ser menos do que um quarto de uma milha.

It is loaded with floating timber, launched upon it by "terras-cahidas," landslides, caused by the rains, which carry away sections of the forest each large enough to furnish an English park with trees. Sometimes we see a bight in the bank where such a collapse has only recently occurred, the wreckage of trees being still fresh. Many of the trees which charge down on the current are of great bulk, with half their table-like base high out of the water. Occasionally rafts of them appear, loaded with creepers, and bearing flourishing gardens of weeds. This characteristic gives the river its Portuguese name, "river of wood." The Indians know the Madeira as the Cayary, "white " river.

Its course to-day serpentine so freely that at times we steer almost east, and then again go west. Our general direction is south-west. At eight this morning, after some anxious moments when the river was dangerous with reefs, we passed the village of Borba, 140 miles from Serpa. Here there is a considerable clearing, with kine browsing over a hummocky sward that is well above the river on an occurrence of the red clay. This release of the eyes was a smooth and grateful experience after the enclosing walls. Some steps dug in the face of the low cliff led to the white houses, all roofed with red tiles. The village faced the river. From each house ascended the leisurely smoke of early morning. The church was in the midst of the houses, its bell conspicuous with verdigris. Two men stood to watch us pass. It was a pleasant assurance to have, those roofs and the steeple rising actually into the light of the sky. The dominant forest, in which we were sunk, was here definitely put down by our fellow-men.

Está cheio de troncos flutuantes, lançados nele pelas “terras-caídas”, desmoronamentos causados pelas chuvas, e que carregam seções da floresta, cada uma grande o suficiente para mobiliar um parque inglês com árvores. Às vezes, vimos uma enseada no barranco, onde um colapso semelhante tinha ocorrido recentemente, o naufrágio de árvores ainda está fresco. Muitas árvores que foram arrastadas no deslizamento são de grande tamanho, com a metade de suas bases como mesa para fora da água. Ocasionalmente, jangadas delas aparecem emaranhadas com plantas rasteiras, e contendo jardins floridos de ervas daninhas. Esta característica dá ao rio o seu nome em português, “rio de madeira”. Os indígenas conhecem o Madeira como Caiari, o “rio branco”.

Hoje seu curso serpenteia tão livremente que, às vezes, navegamos quase a leste, e então novamente vamos para oeste. Nossa direção geral é sudoeste. Às oito horas desta manhã, depois de alguns momentos de preocupação, quando o rio estava perigoso com recifes, passamos pelo povoado de Borba, a 140 milhas de Serpa. Ali há uma clareira considerável, com gado pastando em um gramado de morros pequenos, que ficam bem acima do rio, em uma ocorrência de barro vermelho. Esta liberação dos olhos era uma experiência suave e grata depois das muralhas fechadas. Alguns degraus cavados na frente do baixo penhasco conduziam para as casas brancas, todas cobertas com telhas vermelhas. O povoado defrontava o rio. De cada casa subia lentamente a fumaça da manhã precoce. A igreja estava no meio das casas, seu sino evidente com zinabre. Dois homens permaneceram para nos observar passar. Era uma segurança agradável ter aqueles telhados e o campanário erguidos de fato para dentro da luz do céu. A floresta dominante, na qual estávamos mergulhados, era ali definitivamente deprimente para nossos homens.

We were beyond Borba, and its parana and island just above it, before the pilot had finished telling us, where we watched from the "Capella's" bridge, that Borba was a settlement which had suffered much from attacks of the Araras Indians. The river took a sharp turn to the east, and again went west. Islands were numerous. These islands are lancet-shaped, and lie along the banks, separated by side channels, their paranas, from the land. The smaller river craft often take a parana instead of the main stream, to avoid the rush of the current. The whole region seems lifeless. There is never a flower to be seen, and rarely a bird. Sometimes, though, we disturb the snowy heron. On one sandy island, passed during the afternoon, and called appropriately, Ilha do Jacaré, we saw two alligators. Otherwise we have the silent river to ourselves; though I am forgetting the butterflies, and the constant arrival aboard of new winged shapes which are sometimes so large and grotesque that one is uncertain about their aggressive qualities. As we idle on the poop we keep by us two insect nets, and a killing-bottle. The Doctor is making a collection, and I am supposed to assist.

When I came on deck on the morning of our arrival in the Brazil it was not the orange sunrise behind a forest which was topped by a black design of palm fronds, nor the warm odour of the place, nor the height and intensity of the vegetation, which was most remarkable to me, a new-comer from the restricted north. It was a butterfly which flickered across our steamer like a coloured flame. No other experience put England so remote.

A superb butterfly, too bright and quick to be anything but an escape from Paradise, will stay its dancing flight, as though with intelligent surprise at our presence, hover as if puzzled, and swoop to inspect us, alighting on some such incongruous piece of our furniture as a coil of rope, or the cook's refuse pail, pulsing its wings there, plainly nothing to do with us, the prismatic image of joy.

Estávamos para além de Borba, de seu paraná e ilha exatamente abaixo dela, antes que o piloto tivesse acabado de nos contar, onde observávamos da ponte de comando do *Capella*, que Borba era um povoado que tinha sofrido muitos ataques dos indígenas Araras. O rio fazia uma curva acentuada para o leste e novamente ia para oeste. As ilhas eram numerosas. Essas ilhas são lancetas moldadas, e ficam ao longo dos barrancos, separadas da terra por canais, seus paranás. Geralmente, a embarcação menor de rio viaja pelo paraná em vez do rio principal, para evitar a força da correnteza. A região inteira parece sem vida. Nunca há uma flor para ser vista, e raramente um pássaro. Às vezes, entretanto, incomodamos a garça branca como a neve. Em uma ilha arenosa, passada durante a tarde e, apropriadamente chamada de ilha do Jacaré, vimos dois jacarés. Do contrário, temos o rio silencioso para nós mesmos; embora eu esteja esquecendo as borboletas, e o aparecimento constante a bordo de novas formas de asas que são, algumas vezes, tão grandes e grotescas que a pessoa fica incerta sobre suas qualidades agressivas. Quando perambulávamos pelo tombadilho, mantínhamos conosco duas redes de pegar insetos e uma garrafa de insetos mortos. O médico está fazendo uma coleção e eu sou seu suposto assistente.

Quando fui para o convés, na manhã de nossa chegada ao Brasil, não foi o nascer do sol de cor laranja por atrás de uma floresta, que era coroado por um desenho escuro de folhas de palmeiras, nem o cheiro quente do lugar, nem a altura e intensidade da vegetação, que foi mais notável para mim, um recém-chegado do limitado norte. Foi uma borboleta que movimentou-se ligeiramente de um lado a outro de nosso navio como uma chama colorida. Nenhuma outra experiência colocou a Inglaterra tão distante.

Uma borboleta maravilhosa, tão brilhante e veloz para ser qualquer coisa, senão uma fugitiva do Paraíso, pairou seu voo dançante, como se com inteligente surpresa com nossa presença, ergueu-se como se desorientada, e investiu para nos inspecionar, pousando em algum pedaço solto de nossos utensílios, como em um rolo de cabos, ou no balde de lixo do cozinheiro, pulsando suas asas ali, claramente sem nada para fazer conosco, a imagem radiante da felicidade.

Out always rush some of our men at it, as though the sight of it had maddened them, as would a revelation of accessible riches. It moves only at the last moment, abruptly and insolently. They are left to gape at its mocking retreat. It goes in erratic flashes to the wall of trees and then soars over the parapet, hope at large.

Then there are the other things which, so far as most of us know, have no names, though a sailor, wringing his hands in anguish, is usually ready with a name. To-day we had such a visitor. He looked a fellow the Doctor might require, so I marked him down when he settled near a hatch on the afterdeck. He was a bee the size of a walnut, and habited in dark blue velvet. In this land it is wise to assume that everything bites or stings, and that when a creature looks dead it is only carefully watching you. I clapped the net over that fellow and instantly he appeared most dead. Knowing he was but shamming, and that he would give me no assistance, I stood wondering what I could do next; then the cook came along. The cook saw the situation, laughed at my timidity with tropical forms, went down on his knees, and caught my prisoner. The cook raised a piercing cry.

On the bridge I saw them levelling their glasses at us; and some engineers came to their cabin doors to see us where we stood on the lonely deck, the cook and the Purser, in a tableau of poignant tragedy. The cook walked round and round, nursing his suffering member, and I did not catch all he said, for I know very little Dutch; but the spirit of it was familiar, and his thumb was bleeding badly. The bee had resumed death again. The state of the cook's thumb was a surprise till the surgeon exhibited the bee's weapons, when it became clear that thumbs, especially when Dutch and rosy, like our cook's, afforded the right medium for an artist who worked with such mandibles, and a tail that was a stiletto.

Para fora alguns dos nossos homens sempre corriam, como se ao vê-la tivessem enlouquecidos, como se fosse a revelação de riquezas acessíveis. Moveu-se somente no último momento, abruptamente e insolentemente. Eles ficaram de boca aberta na retirada de escárnio dela. Ela segue em lampejos inconstantes para a muralha de árvores e depois pairou em cima da copa das árvores, esperançosa e livre.

Depois, há as outras coisas que, tanto quanto a maioria de nós sabe, não têm nomes, embora um marinheiro, apertando as mãos com angústia, esteja geralmente pronto com um nome. Hoje tivemos um visitante semelhante. Ele parecia com um que o médico poderia requerer, então eu o observei quando ele pousou perto de uma escotilha, no convés de trás. Era uma abelha do tamanho de uma noz, e trajava um veludo azul escuro. Nesta terra, é sábio presumir que tudo morde ou pica e, que, quando uma criatura parece morta, está apenas observando você cuidadosamente. Joguei a rede por cima daquele ser e, instantaneamente, ele pareceu que estava morto. Sabendo que ele estava apenas envergonhado, e que ele não me daria nenhuma assistência, fiquei imaginando o que eu podia fazer em seguida; então o cozinheiro apareceu. O cozinheiro viu a situação, riu da minha timidez com as formas tropicais, se ajoelhou e pegou meu prisioneiro. O cozinheiro deu um grito agudo.

Na ponte de comando, vi os homens equilibrando seus binóculos em nós; e alguns maquinistas vieram à porta dos camarotes para nos ver onde permanecíamos no convés desolado, o cozinheiro e o comissário, em uma cena de comovente tragédia. O cozinheiro caminhava pra lá e pra cá, cuidando de seu membro ferido, e eu não compreendia tudo que ele dizia, porque eu sei muito pouco de holandês; mas o espírito da cena era familiar, e seu polegar estava sangrando muito. A abelha tinha retomado à morte novamente. O estado do polegar do cozinheiro foi uma surpresa até que o cirurgião mostrasse o esporão da abelha; quando ficou claro que os polegares, especialmente quando holandeses e rosados, como o do nosso cozinheiro, eram o local ideal para um artista que trabalhava com tais mandíbulas, e com um rabo que era um estileto.

In England the forms of insect life soon become familiar. There is the housefly, the lesser cabbage white butterfly, and one or two other little things. In the Brazil, though the great host of forms is surprising enough, it is the variety in that host which is more surprising still. Any bright day on the "Capella" you may walk the length of the ship, carrying a net and a collecting-bottle, and fill the bottle (butterflies, cockroaches, and bugs not admitted), and perhaps have not three of a species. The men frequently bring us something buzzing in a hat; though accidents do happen half-way to where the Doctor is sitting, and the specimen is mangled in a frenzy. A hornet came to us that way. He was in violet armour, as hard as a crab, was still stabbing the air with his long needle, and working on a fragment of hat he held in his jaws. But such knights in mail are really harmless, for after all they need not be interfered with. It is the insignificant little fellows whose object in life it is to interfere with us which really make the difference.

So far on the river we have not met the famous pium fly. But the motuca fly is a nuisance during the afternoon sleep. It is nearly of the size and appearance of a "blue-bottle" fly, but its wings, having black tips, look as though their ends were cut off. The motucas, while we slept, would alight on the wrists and ankles, and where each had fed there would be a wound from which the blood steadily trickled.

The mosquitoes do not trouble us till sundown. But one morning in my cabin I was interested in the hovering of what I thought was a small, leggy spider which, because of its colouration of black and grey bands, was evasive to the sight as it drifted about on its invisible thread. In pursuing it I found a number of them in the cabin. When I exhibited the insect to the surgeon he did not well disguise his concern.

Na Inglaterra, as formas de vida de inseto logo se tornam familiares. Há a mosca, a menor borboleta branca de repolho, e uma ou duas outras coisas menores. No Brasil, embora o grande hospedeiro de formas seja surpreendente, é a variedade naquele hospedeiro que é mais surpreendente ainda. Qualquer dia brilhante, no *Capella*, pode-se caminhar na extensão do navio, carregando uma rede e uma garrafa de coleta, e encher a garrafa (borboletas, baratas, e insetos não permitidos), e talvez não hajam três de uma mesma espécie. Frequentemente, os homens nos trazem alguma coisa zumbindo em um chapéu; embora acidentemente realmente aconteçam equidistantes de onde o médico está sentado, e a espécime é mutilada em um frenesi. Um vespão veio até nós desse jeito. Ele tinha uma couraça violeta, tão dura quanto a de um caranguejo; ainda estava apunhalando o ar com seu esporão comprido, e trabalhando em um pedaço de chapéu que ele prendia em suas garras. Mas, semelhantes cavaleiros, em contrapartida, são realmente inofensivos; porque, afinal, eles não precisam ser importunados. São os insignificantes pequeninos seres, cujo objetivo na vida é nos perturbar, que realmente fazem a diferença.

Até aqui não encontramos o famoso pium. Mas a motuca é um inconveniente durante o sono da tarde. É aproximadamente do tamanho e da aparência de uma mosca “varejeira”, mas suas asas, com pontas pretas, parecem como se suas pontas estivessem cortadas. As motucas, enquanto dormíamos, pousariam nos pulsos e tornozelos, e onde cada uma tinha se alimentado, haveria uma ferida da qual o sangue prontamente escorria.

Os mosquitos não são problemas para nós até o pôr do sol. Mas uma manhã, em meu camarote, eu estava interessado no flutuar do que eu pensava que fosse uma aranhazinha de pernas compridas, devido à sua coloração de faixas pretas e cinzentas, ficava evasiva à visão, quando se arrastava em volta em seu fio invisível. Finalmente eu a peguei e descobri que era um mosquito novo. Na busca, encontrei um número deles no camarote. Quando mostrei o inseto ao cirurgião, ele não distinguiu bem sua concernência.

"Say nothing about it," he said, "but this is the yellow-fever brute," So our interest in our new life is kept alert and bright. The solid teak doors of our cabins are now permanently fixed back. Shutting them would mean suffocation; but as the cabins must be closed before sundown to keep out the clouds of gnats, the carpenter has made wooden frames, covered with copper gauze, to fit the door openings at night, and rounds of gauze to cap the open ports; and with a damp cloth, and some careful hunting each morning, one is able to keep down the mosquitoes which have managed to find entry during the night and have retired at sunrise to rest in dark corners. For our care notwithstanding the insects do find their way in to assault our lighted lamps. The Chief, partly because as an old sailor he is a fatalist, and partly because he thinks his massive body must be invulnerable, and partly because he has a contempt, anyway, for protecting himself, each morning has a new collection of curios, alive and dead, littered about his room. (I do not wonder Bates remained in this land so long; it is Elysium for the entomologist.) One of the live creatures found in his room the Chief retains and cherishes, and hopes to tame, though the object does not yet answer to his name of Edwin. This creature is a green mantis or praying insect, about four inches long, which the Chief came upon where it rested on the copper gauze of his door-cover, holding a fly in its hands, and. eating it as one would an apple. This mantis is an entertaining freak, and can easily keep an audience watching it for an hour, if the day is dull. Edwin, in colour and form, is as fresh, fragile, and translucent as a leaf in spring. He has a long thin neck - the stalk to his wings, as it were - which is quite a third of his length.

“Não diga nada, mas isto é a cruel febre amarela”. Assim, nosso interesse em nossa nova vida é mantido vigilante e brilhante. As portas sólidas de teca de nossos camarotes são permanentemente fixadas de volta agora. Fechá-las significaria sufocação; mas, como os camarotes devem ser fechados antes do pôr do sol, para manterem longe as nuvens de borra-chudos, o carpinteiro fez estruturas de madeira, cobertas com tela de cobre, para manterem a abertura das portas à noite, e as telas de cobre para servirem de tampa para as portas abertas; e com um tecido umedecido e alguma caçada cuidadosa a cada manhã, alguém é capaz de reter os mosquitos que tentaram encontrar entrada durante a noite e se retiraram ao nascer do sol para descansar nos cantos escuros. Apesar de nosso cuidado, ainda assim os insetos encontram um jeito para agredir nossos candeeiros acesos. O comandante, até certo ponto porque, como um velho marinheiro, ele é um fatalista, e até certo ponto porque acha que seu corpo grande deve ser invulnerável, e parcialmente porque tem um desprezo, de qualquer modo, para proteger a si mesmo, cada manhã tem um nova coleção de intrme-tidos, vivos e mortos, espalhados em seu camarote. (Eu não me admiro que Bates tenha permanecido nesta terra tanto tempo); é Campos Elísios¹³⁰ para o entomologista). Uma das criaturas vivas encontradas em seu camarote, o comandante conserva e nutre, e espera domesticar, embora o inseto ainda não responda a seu nome de Edwin. Esta criatura é um louva-a-deus verde, ou um inseto que reza, com cerca de quatro polegadas de comprimento, que o comandante se deparou, onde ele descansava em cima da tela de cobre de sua proteção da porta, segurando uma mosca em suas garras, e comendo-a como alguém comeria uma maçã. Este louva-a-deus é um passatempo esquisito, e pode facilmente manter uma audiência observando-o por uma hora, se o dia estiver tedioso. Edwin, em cor e forma, é tão novo, frágil e transparente como uma folha na primavera. Ele tem um longo pescoço fino - o talo para as suas asas, como se fossem - que é quase uma terceira parte de seu tamanho.

130Os Campos Elísios, lugar maravilhoso, eram a morada das almas dos heróis e dos virtuosos.

He has a calm, human face with a pointed chin at the end of his neck; he turns his face to gaze at you without moving his body, just as a man looks backwards over his shoulder. This uncanny mimicry makes the Chief shake with mirth. Then, if you alarm Edwin, he springs round to face you, frilling his wings abroad, standing up and sparring with his long arms, which have hooks at their ends. At other times he will remain still, with his hands clasped up before his face, as though in earnest devotion, for a trying period. If a fly alights near him he turns his face that way and regards it attentively. Then sluggishly he approaches it for closer scrutiny. Having satisfied himself it is a good fly, without warning his arms shoot out and that fly is hopelessly caught in the hooked hands. He eats it, I repeat, as you do apples, and the authentic mouthfuls of fly can be seen passing down his glassy neck. Edwin is fragile as a new leaf in form, has the same delicate colour. and has fascinating ways; but somehow he gives an observer the uncomfortable thought that the means to existence on this earth, though intricately and wonderfully devised, might have been managed differently. Edwin, who seems but a pretty fragment of vegetation, is what we call a lie. His very existence rests on the fact that he is a diabolical lie.

Gossamers in the rigging to-day led the captain to prophesy a storm before night. Clouds of an indigo darkness, of immense bulk, and motionless, reduced the sunset to mere runnels of opaline light about the bases of dark mountains inverted in the heavens. There was a rapid fall of temperature, but no rain. Our world, and we in its centre on the "Capella," waited for the storm in an expectant hush. Night fell while we waited. The smooth river again deepened into the nadir of the last of day, and the forest about us changed to material ramparts of cobalt. The pilot made preparations to anchor.

Ele tem uma face humana calma, com um queixo pontudo na ponta de seu pescoço; ele vira o rosto para olhar para você sem mover o corpo, exatamente como um homem olha para trás por cima do ombro. Esta mímica incomum faz o comandante estremecer de contentamento. Então, se você assustar Edwin, ele se vira para encarar você, abrindo suas asas, erguendo-se e lutando com seus braços compridos, que têm garras nas pontas. Outras vezes, ele ficará parado com suas mãos juntas diante da face, como se em devoção fervorosa, durante um período penoso. Se uma mosca voa perto dele, ele vira sua face daquele jeito e a olha atenciosamente. Então, preguiçosamente, ele se aproxima para uma averiguação mais de perto. Tendo se satisfeito de que é uma boa mosca, sem advertência, seus braços se lançam e aquela mosca é presa irremediavelmente nas mãos recurvadas. Ele a come, eu repito, como se come maçãs, e o autêntico bocado de mosca pode ser visto descendo em seu pescoço transparente. Edwin é frágil como uma folha nova em forma, tem a mesma cor delicada, e tem maneiras fascinantes; mas de algum modo, ele dá a um observador o pensamento inconfortável de que os sentidos da existência nesta terra, embora intrincada e maravilhosamente planejada, poderia ter sido administrada diferentemente. Edwin, que parece tão somente um fragmento de vegetação, é o que eu chamo de uma mentira. Sua própria existência baseia-se no fato de que ele é uma mentira diabólica.

Teias de aranhas flutuantes no cordame hoje levaram o capitão a profetizar uma tempestade antes da noite. Nuvens de uma escuridão azul-anil, de imenso tamanho e imóveis, reduziram o pôr do sol a uma simples correnteza de luz opalina em volta das bases das montanhas escuras invertidas nos céus. Houve uma queda rápida de temperatura, mas nenhuma chuva. Nosso mundo, e nós em seu centro no *Capella*, esperamos pela tempestade num silêncio confiante. A noite caiu enquanto esperávamos. O rio macio novamente afundava dentro do nadir do resto do dia, e a floresta a nosso redor mudava para as defesas materiais de cobalto. O piloto preparou-se para ancorar.

The engine bell rang to stand-by, a summons of familiar urgency, but with a new and alarming note when heard in a place like that. The forest made no response. A little later the bell clanged rapidly again, and the pulse of our steamer slowed, ceased. We could hear the water uncoiling along our plates. The forest itself approached us, came perilously near. The Skipper's voice cried abruptly, "Let go!" and at once the virgin silence was demolished by the uproar of our cable. The "Capella" throbbed violently; she literally undulated in the drag of the current. We still drifted slowly down stream. The second anchor was dropped, and held us. The silence closed in on us instantly. Far in the forest somewhere, while we were whispering to each other in the quiet, a tree fell with a deep, significant boom.

Jan. 25. We had been under way for more than an hour when my eyes opened on the illuminated panorama of leaves and boles unfolding past the door of my cabin. The cicadas were grinding their scissors loudly in the trees alongside. I spent much of this day on the bridge, where I liked to be, watching the pilot at work. The Skipper was there, and in a cantankerous mood. The pilot wants us to make a chart of the river. He has given the captain and me a long list of islands, paranas, tributaries, villages, and sitios. Every map and reference to the river we have on board is valueless. A map of the river indicates many settlements with beautiful names; and at each point, when we arrive, nothing but the forest shows. How the cartographers arrived at such results is a mystery. This river, which their generous imaginings have seen as a tortuous bough of the Amazon, laden with villages which they indicate on their maps with marks like little round fruits, is almost barren. Every day we pass small sitios or clearings; maybe the map-makers mean such places as those.

A campainha da casa das máquinas tocou em alerta, uma intimação de urgência familiar, mas com uma nota nova e alarmante, quando ouvida num lugar como aquele. A floresta não deu nenhuma resposta. Um pouco depois, a campainha soou rapidamente de novo, e o pulso de nosso navio a vapor diminuiu, cessou. Podíamos ouvir a água escorrendo em nossas chapas de metal. A própria floresta se aproximou de nós, veio perigosamente perto. A voz do capitão gritou abruptamente, “Vamos!” e, imediatamente, o silêncio virgem foi demolido pela confusão de nosso ancoramento. O *Capella* tremeu violentamente; ele literalmente ondulou no reboque da corrente. Nós ainda ficamos à deriva, lentamente, correnteza abaixo. A segunda âncora foi jogada e nos deteve. O silêncio nos confinou instantaneamente. Distante, na floresta, em algum lugar, enquanto estávamos sussurando um ao outro no silêncio, uma árvore caiu com um estrondo intenso e significativo.

25 de janeiro. Tínhamos estado debaixo desse caminho por mais do que uma hora, quando meus olhos se abriram no panorama iluminado de folhas e galhos desdobrados próximos da porta do meu camarote. As cigarras estavam amolando suas tesouras barulhenta-mente nas árvores ao lado. Passei muito tempo desse dia na ponte de comando, onde eu gostava de estar, observando o piloto no trabalho. O capitão está lá e com um humor briguento. O piloto quer que façamos um mapa do rio. Ele deu ao capitão e a mim uma longa lista de ilhas, paranás, tributários, povoados e sítios. Cada mapa e referência do rio que temos a bordo é insignificante. Um mapa do rio indica muitos povoados com nomes bonitos; e em cada ponto, quando chegamos, nada se mostra, exceto a floresta. Como os cartógrafos chegaram a semelhantes resultados é um mistério. Este rio, que seus generosos retratistas têm visto como um galho tortuoso do Amazonas, carregado com povoados que eles indicam em seus mapas com marcas como frutinhas redondas, é quase infértil. Todo dia passamos por pequenos sítios ou clareiras; talvez os fazedores de mapa indicassem semelhantes lugares como aqueles.

Yet each, clearing is but a brief security, a raft of land - the size of the garden of an English villa - lonely in an ocean of deep leaves, where a rubber man has built himself a timber house, and some huts for his serfs. It will have a jetty and a huddle of canoes, and usually a few children on the bank watching us. We salute that place with our syren as we pass, and sometimes the kiddies spring for home then as though we were shooting at them. Or we see a little embowered shack with a pile of fuel logs beside it, and a crude name-board, where the river boats replenish when traversing this stream, during the season, for rubber. Our pilots have much to say of these stations, and of all the rubber men on the river and their wealth. But away with their rubber! I am tired of it, and will keep it out of this book if I can. For it is blasphemous that in such a potentially opulent land the juice of one of its wild trees should be dwelt upon - as it is in the states of Amazonas and Para - as though it were the sole act of Providence. The Brazilians can see nothing here but rubber. The generative qualities of this land through fierce sun and warm showers - for rarely a day passes without rain, whatever the season - a land of constant high summer with a free fecundity which has buried the earth everywhere under a wild growth nearly two hundred feet deep, is insignificant to them. They see nothing in it at all but the damnable commodity which is its ruin. Para is mainly rubber, and Manaos. The Amazon is rubber, and most of its tributaries. The Madeira particularly is rubber. The whole system of communication, which covers 84,000 miles of navigable waters, waters nourishing a humus which literally stirs beneath your feet with the movements of spôres and seeds, that system would collapse but for the rubber. The passengers on the river boats are rubber men, and the cargoes are rubber. All the talk is of rubber.

Entretanto, cada clareira é somente uma breve garantia, uma jangada de terra - do tamanho de um jardim de uma casa de campo inglês - sozinha em um oceano de folhas, onde um seringueiro construiu, ele mesmo, uma casa de madeira, e algumas cabanas para seus servos. Terá um porto e um monte de canoas e, geralmente, algumas crianças no barranco nos observando. Saudávamos aquele lugar com nossa buzina, quando passávamos e, às vezes, as crianças correm para casa depois, como se estivessemos atirando nelas. Ou víamos uma casinha com um monte de lenha ao lado, e uma placa rude com o nome, onde os barcos de rio abastecem, quando atravessando este rio, durante a época da borracha. Nossos pilotos têm muito a dizer desses lugares, e de todos os seringueiros do rio e da riqueza desses homens. Mas para longe com a borracha deles! Estou cansado disso, e a manter isso fora deste livro, se eu puder. Porque é uma blasfêmia, que em semelhante terra e potencialmente opulenta, o suco de uma de suas árvores silvestres deveria ser motivo de assunto - como é nos Estados do Amazonas e Pará - como se ela fosse o ato da Providência. Os brasileiros não conseguem ver outra coisa ali, a não ser borracha. As qualidades gerais desta terra, através do sol ferrenho e banhos mornos - porque raramente um dia passa sem chuva, qualquer que seja a estação do ano - uma terra de constante verão com uma fecundidade livre, que está enterrada na terra em qualquer lugar debaixo de um crescimento selvagem, aproximadamente a duzentos pés de profundidade, são insignificantes para eles. Eles não veem nada nela, absolutamente, a não ser a comodidade detestável que é sua ruína. O Pará é principalmente borracha, e Manaus também. O Amazonas é borracha e a maioria de seus afluentes. O Madeira particularmente é borracha. O sistema inteiro de comunicação, que cobre 34.000 milhas de águas navegáveis, águas nutrindo um húmus que literalmente mistura-se debaixo de seus pés com os movimentos de germes e sementes, esse sistema fracassaria se não fosse a borracha. Os passageiros nos barcos de rios são seringueiros e as cargas são borrachas. Toda conversa é sobre borracha.

There are no manufactures, no agriculture, no fisheries, and no saw-mills, in a region which could feed, clothe, and shelter the population of a continent. There was a book by a Brazilian I saw at Para, recently published, and called the "Green Hell" (*Inferno Verde*). On its cover was the picture of a nude Indian woman, symbolical of Amazonas, and from wounds in her body her blood was draining into the little tin cups which the rubber collector uses against the incisions on the rubber tree. From what I heard of the subject, and I heard much, that picture was little overdrawn. I begin to think the usual commercial mind is the most dull, wasteful, and ignorant of all the sad wonders in the pageant of humanity.

It is only on the "Capella's" bridge that you feel the stagnant air which is upset by the steamer's progress. There it spills over us, heavy with the scent of the lairage on the fore deck. The bridge is a narrow, elevated outlook, full in the sun's eye, where I can get a view of the complete ship as she serpentines in her narrow way. On the port side of it the Skipper has a seat, and there now he sits all day, gazing moodily ahead. The dapper little pilot stands centrally, throwing brief commands over his shoulder into the open window of the wheel-house, where a sailor, gravely chewing tobacco, his hands on the wheel, is as rapt as though in a trance. I think the pilot finds his way by divination. The depth of the river is most variable. In the dry season I hear the stream becomes but a chain of pools connected by threads which may be no more than eighteen inches deep, the rest of its bed being dry mud cross-hatched by sun cracks. The rains in far Bolivia, overflowing the swamps there, during some months of the year increase the depth of the Madeira by forty-five feet. The local rainy season would make hardly any difference to it. The river is fed from reservoirs which stretch beneath the Andes.

Não há manufaturas, nem agricultura, nem indústrias de pesca, e nem serrarias, em uma região que podia alimentar, vestir e abrigar a população de um continente. Havia um livro escrito por um brasileiro¹³¹ que eu vi no Pará, publicado recentemente, e chamado “*Green Hell*” (Inferno Verde). Em sua capa havia a imagem de uma mulher indígena nua, símbolo da Amazônia; e, de ferimentos em seu corpo, seu sangue estava se exaurindo dentro de umas tigelas que o seringueiro usa enfiadas nas incisões na seringueira. Do que eu ouvi sobre o assunto, e eu ouvi muito, aquela imagem estava pouco exagerada. Comecei a pensar que a habitual mente comercial é a mais estúpida, cheia de desperdício, e a mais ignorante de todas as tristes maravilhas no espetáculo da humanidade.

É somente na ponte de comando do *Capella* que se sente o ar estagnado, que é revirado pelo progresso do navio. Ali, ele se derrama sobre nós, pesado com o cheiro do matadouro no convés da frente. A ponte de comando é uma perspectiva estreita e elevada, completa no olho do sol, onde eu posso conseguir uma visão completa do navio, quando ele serpenteia em sua passagem estreita. O capitão tem um assento no lado a estibordo do navio, e ali agora ele se senta o dia todo, olhando animadamente adiante. O ativo aprendiz de piloto permanece na região central, atirando comandos breves por cima do ombro, para dentro da janela aberta da sala do timão, onde um marinheiro, desagradavelmente mascarando tabaco, suas mãos no timão, está tão extasiado como se em um transe. Acho que o piloto descobre o caminho através de divinação. A profundidade do rio é muito variável. Na estação da seca, ouvi dizer que o rio se torna apenas uma corrente de lagoas conectadas por passagens, que podem não ter mais do que dezoito pés de profundidade, o resto de seu leito sendo lama seca hachurada por rachaduras do sol. As chuvas, na distante Bolívia, alagando os brejos ali, durante alguns meses do ano, aumentam a profundidade do Madeira cerca de quarenta a cinquenta pés. Dificilmente a estação chuvosa local faria qualquer diferença para ele. O rio é alimentado pelos reservatórios que se estendem de debaixo dos Andes.

131 **Inferno Verde**, do pernambucano Alberto Rangel, é um livro de contos publicado pela primeira vez em 1907 e que foi prefaciado por Euclides da Cunha, viajante e escritor fluminense que nos idos de 1904 e 1905 também viajou pela Amazônia, de onde brotou o livro **À Margem da História** (1909).

There is rarely anything to show why, for a spell, the pilot should take us straight ahead in midstream, and then again tack to and fro across, sometimes brushing the foliage with our shrouds. I have plucked a bunch of leaves in an unexpected swoop inshore. And the big timber comes down afloat to meet us in a never-ending procession; there are the propellor blades to be thought of. I see, now and then, the swirls which betray rocks in hiding, and when dodging those dangerous places the screw disturbs the mud and the stinks. But the pilot takes us round and about, we with our 300 feet of length and 23 feet draught, as a man would steer a motor car. To aid it our rudder has had fixed to it a false wooden length. The "Capella" is a very good girl, as responsive to the pilot's word as though she knew that he alone can save her. She stems this powerful current at but four knots, and sometimes we come to places where, if she hesitated for but two seconds, we should be put athwart stream to close the channel. And what would happen to us with nothing but unexplored malarial forest each side of us is not useful to brood on. Occasionally the pilot, grasping the top of the "dodger," stares beyond us fixedly to where the refracted sunshine is blinding between the green cliffs, and gives quick and numerous orders to the wheelhouse without turning his head. The Skipper gets up to watch. The "Capella" makes surprising swerves, the pilot nervously taps the boards with his foot. . . Then he says something quietly, relaxes, and comes to us blithely, the funny dog with a nonsense story, and the Skipper sinks couchant again. Once more I watch the front of the jungle for what may show there. Seldom there is anything new which shows. It is rare, even when close alongside, that one can trace the shape of a leaf. There are but the conspicuous grey nests of the ants and wasps. Yet several times to-day I saw trees in blossom; domes of lilac in the green forest roof.

Raramente há alguma coisa para mostrar porque, como num encanto, o piloto deveria nos conduzir direto adiante no meio do rio, e depois novamente ir para lá e para cá, às vezes, esfregando a folhagem em cada um dos cabos da enxárcia. Arranquei um monte de folhas em uma investida inesperada na margem. E troncos grandes descem boiando para nos encontrar em uma procissão interminável; há as pás da hélice para serem consideradas. Vejo, de vez em quando, o redemoinho d'água que expõe pedras ocultas e, quando esquivando-se daqueles lugares perigosos, a hélice mexe na lama e fede. Mas o piloto nos conduz em círculo e em curvas, nós com nossos 300 pés de extensão e 23 pés de calado, como um homem dirigiria um carro. Para auxiliá-lo, nosso timão tem fixado nele uma extensão falsa de madeira. O *Capella* é uma boa garota, tão receptiva à palavra do piloto como se soubesse que ele sozinho não pudesse salvá-lo. O navio enfrenta esta poderosa correnteza, aproximadamente com quatro nós e, algumas vezes, nos aproximamos de lugares onde, se hesitasse por apenas dois segundos, seríamos postos em direção enviesada no rio, fechando o canal. E o que nos aconteceria sem nada, a não ser com a floresta malárica inexplorada de cada lado do navio, que não seja útil para se ter no pensamento. Ocasionalmente, o piloto, segurando a ponta do timão, encara para além fixamente, para onde o brilho do sol refratado está escondido entre os penhascos verdes, e dá ordens rápidas e numerosas para a sala do timão, sem virar a cabeça. O capitão levanta-se para olhar. O *Capella* faz desvios surpreendentes, o piloto, muito nervoso, bate nas pranchas com o pé... Depois diz alguma coisa calmamente, relaxa e se dirige a nós alegremente, o cão divertido com uma história absurda, e o capitão afunda na cadeira almofadada novamente. Mais uma vez, eu olho a fachada da selva procurando o que pode se mostrar ali. Raramente há algo novo que se mostra. É raro, mesmo quando se fecha de lado a lado, que alguém possa traçar o formato de uma folha. Existem somente os ninhos das formigas e vespas. Entretanto, muitas vezes, hoje, eu vi árvores em floração; abóbadas arroxeadas da copa verde da floresta.

Again, to-day we put up a flight of hundreds of ducks; and another incident was a black-water stream, the Rio Mataua, the line of demarcation between the Madeira's yellow flood and its dark tributary being distinct.

Jan. 26. The forest is lower and more open, and the pao mulatto is more numerous. We saw the important village of Manicoré to-day, and Oncas, a little place within a portico of the woods which was veiled in grey smoke, for they were coagulating rubber there. For awhile before sunset the sky was scenic with great clouds, and glowing with the usual bright colours. The wilderness was transformed. Each evening we seem to anchor in a region different, in nature and appearance, under these extraordinary sunset skies, from the country we have been travelling since daylight. Transfiguration at eventime we know in England. Yet sunset there but exalts our homeland till it seems more intimately ours than ever, as though then came a luminous revelation of its rare intrinsic goodness. We see, for some brief moments, its aura. But this tropical jungle, at day-fall, is not the earth we know. It is a celestial vision, beyond physical attaining, beyond knowledge. It is ulterior, glorious, transient, fading before our surprise and wonder fade. We of the "Capella" are its only witnesses, except those pale ghosts, the egrets about the dim aqueous base of the forest.

Darkness comes quickly, the swoop and overspread of black wings. The stopping of the ship's heart, because the pulsations of her body have had unconscious response in yours, as by an incorporeal ligament, is the cessation of your own life. At a moment there is a strange quiet, in which you begin to hear the whisper of inanimate things. A log glides past making faint labial sounds. You are suddenly released from prison, and float lightly in an ether impalpable to the coarse sounds and movements of earth, but which is yet sensitive to the most delicate contact of your thoughts and emotions. The whispering of your fellows is but the rustling of their thoughts in an illimitable and inviolate silence.

Novamente, hoje fomos responsáveis pela revoada de centenas de patos; e outro incidente foi um rio de água preta, o rio Matauá, a linha de demarcação entre a inundação amarela do Madeira e seu afluente escuro de natureza nítida.

26 de janeiro. A floresta está mais baixa e mais aberta, e o pau-mulato é mais numeroso. Vimos o importante povoado de Manicoré hoje, e Onça, um lugarzinho dentro de uma enseada de árvores, que estava coberto com fumaça cinzenta, porque estavam defumando borracha ali. Por um momento, antes do pôr do sol, o céu estava pitoresco com grandes nuvens, e vívido com as cores brilhantes habituais. A vastidão estava transformada. Toda noite parecia que ancorávamos numa região diferente, em natureza e aparência, debaixo desses céus de pôres do sol extraordinários, do país que temos viajado desde o raiar do dia. A transfiguração que, de tempos em tempos, conhecemos na Inglaterra. Entretanto, o pôr do sol ali somente exalta nossa terra natal até que ela pareça mais intimamente nossa do que antes, como se depois viesse uma revelação luminosa de sua rara bondade intrínseca. Nós vemos sua aura por alguns breves momentos. Mas, ao fim do dia, esta selva tropical não é a terra que conhecemos. É uma visão celestial, para além do alcance físico, para além do conhecimento. É ulterior, gloriosa, transitória, empalidecendo diante de nosso desmaio surpreendente e maravilhoso. Nós somos apenas suas testemunhas, exceto aqueles fantasmas pálidos, as garças em volta das bases aquáticas indistintas da floresta.

As trevas descem rapidamente, o mergulho e o espalhamento das asas escuras. A pausa do coração do navio, porque a pulsação de seu corpo causa reação inconsciente em você, como por um ligamento incorpóreo, é o cessar da sua própria vida. Por um momento há um silêncio estranho, em que se começa a ouvir o sussurro das coisas inanimadas. Uma tora de madeira desliza perto emitindo suaves sons labiais. Você é rapidamente liberto da prisão, e flutua levemente em um éter impalpável para os sons ásperos e os movimentos da terra, mas que ainda está sensível ao toque mais delicado de seus pensamentos e emoções. O murmúrio de seus companheiros é apenas o sussuro de seus pensamentos em um silêncio ilimitado e inviolável.

Then, almost imperceptibly, the frogs begin their nightlong din. The crickets and cicadas join. Between the varying pitch of their voices come other nocturnes in monotones from creatures unknown to complete the gamut. There are notes so profound, but constant, that they are a mere impression of obscurity to the hearing, as when one peers listening into an abyss in which no bottom is seen, and others are stridulations so attenuated that they shrill beyond reach.

A few frogs begin it. There are ululations, wells of mellow sound bubbling to overflow in the dark, and they multiply and unite till the quality of the sound, subdued and pleasant at first, is quite changed. It becomes monstrous. The night trembles in the powerful beat of a rhythmic clangour. One cannot think of frogs, hearing that metallic din. At one time, soon after it begins, the chorus seems the far hubbub, mingled and levelled by distance, of a multitude of people running and disputing in a place where we who are listening know that no people are. The noise comes nearer and louder till it is palpitating around us. It might be the life of the forest, immobile and silent all day, now released and beating upwards in deafening paroxysms.

Alongside the engine room casing amidships the engineers have fixed an open-air mess-table, with a hurricane lamp in its midst, having but a brief halo of light which hardly distinguishes the pickle jar from the marmalade pot. A haze of mosquitoes quivers round the light. The air is hot and lazy, and the engineers sit about limply in trousers and shirts, the latter open and showing bosoms as various as faces. The men cheer themselves with comical complaints about the heat, the food, the Brazils, and make sudden dabs at bare flesh when the insects bite them.

Depois, quase imperceptivelmente, as rãs começam a barulheira pela noite adentro. Os grilos e as cigarras se juntam. Entre o arremesso variável de suas vozes surgem outros seres noturnos em monotonias de criaturas desconhecidas, para completar a escala musical. Há notas tão intensas, mas constantes, que são uma mera impressão de obscuridade para a audição, como quando alguém olha atentamente prestando atenção dentro de um abismo, em que nenhum fundo é visto, e outros são estrídulos tão atenuados que penetram para além do alcance.

Algumas rãs o iniciam. Há ululações, fontes de som suave chiando para transbordar na escuridão, e elas o multiplicam e o unem até que a qualidade do som, contido e agradável de início, é completamente alterado. Torna-se monstruoso. A noite estremece na batida poderosa de um estrondo rítmico. Ouvindo aquela barulheira metálica, não se pode pensar que sejam rãs. Em algum momento, logo depois que ele começa, o coro parece um tumulto distante, misturado e equilibrado pela distância, de uma multidão de pessoas correndo e disputando algum lugar, mas nós que estamos ouvindo sabemos que não são pessoas. O barulho fica mais perto e mais alto até estar palpitando à nossa volta. Podia ser a vida da floresta que, imóvel e silenciosa o dia todo, agora estava liberta e pulsando mais aceleradamente em paroxismos ensurdecedores.

Ao lado do invólucro da casa das máquinas, no centro do navio, os maquinistas fixaram, ao ar livre, uma mesa, com um candeeiro em cima, formando apenas uma pequena auréola de luz que, dificilmente, se distingue a vasilha de conserva do pote de marmelada. Uma nuvem de mosquitos tremula em volta da luz. O ar está quente e lânguido, e os maquinistas sentados em volta, claudicantes, vestindo calças e camisas, as últimas abertas e mostrando peitos tão diversos quanto os rostos. Os homens alegram a si mesmos com queixas cômicas sobre o calor, a comida, o Brasil; e dão tapinhas rápidas na pele exposta, quando os insetos lhes mordem.

The Chief rallies his boys as would a cheery dad - Sandy, though, is nearly his own age, but still much of a lad, quietly despondent - and the Chief heartily insists on food, like it or lump it. I go forward to the captain's tea table on the poop deck, where we have two hurricane lamps, and where the figures of us round the table, in that dismal glim, are the thin phantoms of men. The lamps have been lighted only that moment, and as we take our seats, the insects come. Just as sharply as though something derisive and invisible were throwing them at us, big mole crickets bounce into our plates. A cicada, though I was then unaware of his identity, a monstrous fly which looked as large as a rat, and with a head like a lantern, alighted before me on the cloth, and remained still. Picking it up tentatively it sprang a startling police rattle between my finger and thumb, and the other chaps shouted their merriment. The steward places a cup of tea before each of us, and in an interval of the talk the Skipper announces a smell of paraffin in his cup. We experiment with ours, and gravely confirm. The surgeon, bending close to a light with his cup, the deep characteristics of his face strongly accentuated - he seems but a bodiless head in the dark - says he detects globules of fat. The Skipper crudely outlines this horror to the steward, who makes an inaudible reply in German, and disappears down the companion. We get a new and innocent brew.

There is hash for us. There is our familiar the pickled beef. There are saucers of brown onions. There are saucers of jam and of butter: To-night the steward has baked some cakes, and their grateful smell and crisp brown rugged surface, studded with plums, determine in my mind a resolution to eat four of them, if I can get them without open shame. I assert that our Skipper has a counting eye for the special dishes; though you may eat all the hash you want. Damn his hash! The bread is sour. I want cakes.

O comandante reúne seus rapazes como reuniria um pai contente - Sandy, entretanto, é quase da idade dele, mas ainda muito moço, silenciosamente deprimido - e o comandante amigavelmente insiste na comida, gostem dela ou não. Sigo adiante para a mesa de chá do capitão, no convés do tombadilho, onde temos dois candeeiros, e onde os vultos em volta da mesa, naquele lampejo triste, são fantasmas magros de homens. Os candeeiros tinham sido acesos justamente naquele momento e, quando tomamos nosos assentos, os insetos chegam. Exatamente tão rapidamente como se alguma coisa invisível e ridícula estivesse lhes atirando em nós; grilos grandes se arremetem em nossos pratos. Uma cigarra, embora eu estivesse então sem saber de sua identificação, uma mosca monstruosa que parecia tão grande quanto um rato, e com uma cabeça como uma lanterna, pousou diante de mim, em cima da toalha da mesa, e ficou parada. Pegando-a experimentalmente, ela soltou uma sirene de largada de polícia entre meu dedo e o polegar, e os outros rapazes gritaram em divertimento. O taifeiro põe uma xícara de chá diante de cada um de nós e em um intervalo da conversa, o capitão anuncia um cheiro de parafina na xícara dele. Experimentamos nas nossas e confirmamos sombriamente. O cirurgião, curvando-se perto da luz com sua xícara, as características sérias de seu rosto fortemente acentuadas - parece apenas uma cabeça sem corpo no escuro - diz que detecta glóbulos de gordura. Grosseiramente, o capitão descreve este horror para o taifeiro, que dá uma resposta inaudível em alemão, e desaparece desanimado na gaiúta. Conseguimos uma bebida fermentada pura e nova.

Há guisado para nós. Há nossa conhecida carne enlatada. Há pires de cebolas douradas. Há pires de geleia e de manteiga. Esta noite, o taifeiro assou alguns bolos, e o cheiro agradável e castanho-crocante forte da cobertura, recheada com ameixas, determinam na minha mente uma resolução para comer quatro deles, se eu pudesse consegui-los sem uma vergonha revelada. Asseguro que nosso capitão tem um olho calculado para os pratos especiais; embora se possa comer todo o guisadinho que se queira. Dane-se o guisado dele! O pão está azedo. Eu quero bolo.

After tea the pilots get into their hammocks and under their curtains, out of the way of the mosquitoes. We know where they are because of the red ends of their cigarettes. We sit around anywhere, the Skipper, the Chief, the Doctor and the Purser. There is little to be said. We talk of the mosquitoes, in ejaculations, for the little wretches quite easily penetrate linen, and can manage even worsted socks. Occasionally flying insects bump into the tin lamp placed above us on the ice chest. (No; there is no ice.) Thin divergent arrows of light, the fireflies, lace the gloom, and the trees alongside are gemmed with them. Thin divergent arrows of light, the fireflies, lace the gloom, and the trees alongside are gemmed with them. We find still less to say to each other, but fear to retire to our heated berths, for as it is just possible to breathe in the open we continue to defy the mosquitoes. The first mate serenades us on his accordion. At last there is no help for it. The steward comes to tell the master that his cot is ready. The "old man" sleeps in a cot draped with netting, and slung from the awning beams on the starboard side. Nightly he turns in there, and unfailingly a rain cloud bursts in the very early morning, pounding on the awning till the cool spray compels him, and he retreats in his pyjamas for shelter, taking his pillow with him. It is for that reason I do not use the cot he made for me, which hangs on the port side; though it is delightful for the afternoon nap.

The Skipper disappears. The Doctor and I go below to the surgery, and from the settee there he removes books, tobacco tins, fishing tackle, phials, india rubber tubing, and small leather cases, making room for us both, and first we have some out of his bottle, and then we try some out of mine. The stuff is always tepid, for the water in the carafe has a temperature of 80 degrees. The perspiration begins a steady permeation as we talk, for now we can talk, and talk, being together, and talking is better than sleep, which at its best is but a fitful doze in the tropics.

Depois do chá os pilotos deitam em suas redes debaixo de seus mosquiteiros, longe dos mosquitos. Sabemos onde estão por causa das pontas vermelhas dos cigarros dos pilotos. Sentamo-nos em volta, em algum lugar, o capitão, o comandante, o médico e o comissário. Há pouco para ser dito. Falamos dos mosquitos em exclamações, porque os pequenos miseráveis muito facilmente penetram no linho, e podem administrar mesmo meias desgastadas. Ocasionalmente, insetos voadores se chocam nas lâmpadas pequenas colocadas acima de nós, na caixa de gelo. (Não; não há gelo). Os arcos tênues de luz, os vaga-lumes, lançam a escuridão, e as árvores em volta são enfeitadas com eles. Encontramos ainda menos para dizer um ao outro, mas tememos nos retirar para nossos beliches quentes, porque enquanto é possível tão somente respirar no espaço aberto, continuamos a desafiar os mosquitos. O primeiro-oficial faz uma serenata para nós com seu acordeão. Finalmente, não há alívio para isso. O taifeiro aproxima-se para dizer ao capitão que a cama dele está arrumada. O “velho marinheiro” dorme em uma cama coberta com cortinado, que se pendura das vigas do toldo a estibordo. De noite, ele retorna para lá e, infalivelmente, uma chuva irrompe bem cedo da manhã, pingando sobre o toldo, até que o jato fresco o expulse, e ele se retire em seu pijama para se abrigar, trazendo seu travesseiro com ele. É por essa razão que eu não uso o cortinado que ele fez para mim, que está pendurado a bombordo; embora seja delicioso para um cochilo à tarde.

O capitão desaparece. O médico e eu descemos para a enfermaria e, do sofá ali, ele tira livros, latas de tabaco, anzois de pesca, seringas, tubos de borracha e pequenos estojos de couro, fazendo sala para nós dois, e primeiro tiramos algo da garrafa dele e depois tentamos tirar algo da minha. O material sempre está morno, porque a água na garrafa tem uma temperatura de 34 graus. A transpiração começa uma permeação constante enquanto conversamos; porque agora podemos conversar, e conversar, estando juntos, e conversar é melhor do que dormir, que em seu melhor é somente uma soneca interrompida nos trópicos.

We fall, as it were, on each other's necks. Though the Doctor's breast - I say nothing of mine - is not one which appears to invite the weak tear of a fellow mortal who is harassed by solitude. You might judge it too cold, too hard and unresponsive a support, for that; and I have seen his eye even repellent. He is not elderly, but he is grey, and pallid through too much of the tropics. The lines descending his face show he has been observing things for long, and does not think much of them. When disputing with him, he does not always reply to you; he smiles to himself; a habit which is an annoyance to some people, whose simple minds are suspicious, and who are unaware that the surgeon is sometimes forgetful that his weaker brethren, when they are most heated and disputative with him, then most lack confidence in their case, and need the confirmation of the wit they know is superior. That is no time when one should look at the wall, and smile quietly. The "Capella's" company feel that the surgeon stands where he overlooks them, and they see, where he stands unassumingly superior, that he looks upon them politely. They do not know he is really sad and forgetful; they think he is amused, but that he prefers to pretend he is well bred. I must confess it is known he has prescience having a certain devilish quality of penetration. There was one of our stokers, and one night he was drunk on stolen gin, and latitudinous, and so attempted a curious answer to the second engineer, who sought him out in the fore-castle concerning work. Now the second engineer is a young man who has a number of photographs of himself which display him, clad but in vanity and shorts, back, front, and profile, arms folded tightly to swell his very large muscles. He has really a model figure, and he knows it. The cut over the stoker's nose was a bad one.

Caíamos, como se estivéssemos, nos ombros um do outro. Embora o peito do médico - não digo nada do meu - não seja algo que pareça conter as lágrimas frágeis de um mortal que esteja atormentado pela solidão. Poder-se-ia julgá-lo um suporte muito frio, muito inflexível e não receptivo para isso; e eu tenho visto seu olhar mesmo de rejeição. Ele não é idoso, mas está grisalho e pálido, por causa de muitos trópicos. As linhas descendo em seu rosto mostram que ele tem observado coisas por muito tempo, e não acha muito delas. Quando discutindo com ele, nem sempre ele te responde; ele sorri para si mesmo; um hábito que é um incômodo para algumas pessoas, cujas mentes comuns são suspeitas, e que são inconscientes de que o cirurgião é, às vezes, esquecido da fraqueza dos irmãos, quando eles ficam mais excitados e questionadores com ele, daí a maior falta de confiança no caso deles, e precisam da confirmação do bom senso que eles sabem que é superior. Este não é o momento em que alguém deveria olhar para a paliçada e sorrir tranquilamente.

A Companhia do *Capella* sabe que o cirurgião permanece onde ele lhes tolera, e eles sabem que onde ele permanece não assumidamente superior, que ele olha por cima deles polidamente. Eles não sabem que ele está realmente triste e esquecido; eles acham que ele é divertido, mas que ele prefere fingir que é bem educado. Devo confessar que é sabido que ele tem presciência, tendo certa qualidade diabólica de penetração. Houve um dos nossos foguistas, que uma noite estava bêbado com o gim roubado, e estava alterado, e então deu uma resposta mal-criada ao segundo-maquinista, que lhe perguntou a respeito do trabalho no castelo de proa do navio. Agora o segundo-oficial é um homem jovem que tem um monte de fotografias dele que lhe exibem vestido, mas orgulhoso e de bermudas, de costa, de frente e de perfil, braços dobrados apertadamente para aumentar os grandes músculos. Ele realmente tem um porte de modelo, e ele sabe disso. O corte em cima do nariz do foguista era marca disso.

To the surgeon the stoker went, early next morning, actually for a hair of the dog, but with a story that he was then to go on duty, and so would miss his ration of quinine, which is not served till eleven o'clock. The quinine, as you know, is given in gin. The surgeon complimented the man on such proper attention to his health, and willingly gave him the quinine - in water. He also stood at the door of the alleyway to watch the man retained the quinine as far as the engine room entrance.

Eight bells! Presently I also must go and pretend to sleep. The surgeon's last cheery comment on the cosmic scheme remains but as a wry smile on our faces. We grope in our minds desperately for a topic to keep the talk afloat. There goes one bell!

I arrive at my haunt of cockroaches, where the second mate is already asleep on the upper shelf. The brown light of the oil lamp has its familiar flavour, and the cabin is like an oven. What a prospect for sleep! Raising the mosquito curtain carefully I slip through the opening like an acrobat, hoping to be ahead of the insidious little malaria carriers. A drove of cockroaches scuttles wildly over my warm mattress as I arrive. Striking matches within what the sailor overhead calls my meat safe, I examine my enclosure carefully for mosquitoes, but none seems to be there, though I know very well I shall find at least a dozen, gorged with blood, in the morning. The iron bulkhead which separates my bed from the engine room is, of course, hot to the touch. The air is a passive weight. The old insect bites begin to irritate and burn. I kick the miserable sheet to the foot, and lie on my back without a movement, for I fear I may suffocate in that shut box. My chest seems in bonds, and for long there is no relief, though the body presently grows indifferent to the misery, and the anxiety goes. It is remarkable to what brutality the body will submit, when it knows it must.

O foguista foi cedo procurar o cirurgião na manhã seguinte, realmente para um arrepiar de pêlos de cão, mas com uma história que ele estava para entrar em serviço, e então perderia sua dose de quinino, que não é servida até as onze horas. O quinino, como se sabe, é dado com gim. O cirurgião cumprimentou o homem com tal atenção apropriada para a saúde dele, e de bom grado lhe deu o quinino - com água. Ele permaneceu na porta da travessa para observar o homem reter o quinino até a entrada da casa das máquinas.

Oito badaladas! Neste momento eu também devo ir e fingir dormir. O último comentário alegre do cirurgião sobre o esquema cósmico permanece, mas como um sorriso retorcido em nossos rostos. Nós tateamos em nossas mentes desesperadamente por um tópico para manter a conversa desgovernada. Aí vai uma badalada!

Chego em meu ponto de encontro das baratas, onde o segundo-oficial já está dormindo no beliche de cima. A luz marrom do candeeiro tem seu cheiro conhecido, e o camarote está quente como um forno. Que perspectiva para um sono! Levantando o mosquiteiro cuidadosamente, escorrego pela abertura como um acrobata, esperando estar adiante dos insediosos e pequenos transmissores da malária. Um bando de baratas corre loucamente por cima de meu colchão quente, quando eu chego. Riscando palitos de fósforos dentro do que o marinho acima chama de meu alimento seguro, examino meu cercado cuidadosamente atrás de mosquitos, mas nenhum parece estar ali, embora eu saiba muito bem que, de manhã, encontrarei pelo menos uma dúzia empanturrados de sangue. O anteparo de ferro que separa minha cama da sala de máquina está, é lógico, quente ao toque. O ar é um peso passivo. As mordidas antigas dos insetos começam a irritar e arder. Chuto o lençol miserável com o pé, e me deito de costas sem um movimento, porque temo que possa sufocar naquele camarote fechado. Meu peito está apertado e, por algum tempo, não há alívio, embora nesse momento o corpo esteja indiferente à angústia, e a ansiedade avance. É notável a que brutalidade o corpo se submeterá, quando for necessário.

Yet nothing but a continuous effort of will kept the panic suppressed, and me in that box, till the feeling of anxiety had passed. Thenceforward the sleepless mind, like a petty balloon giddy on a thin but unbreakable thread of thought, would tug at my consciousness, revolving and dodging about, in spite of my resolution to keep it still. If I could only break that thread, I said to myself, turning over again, away it would fly out of sight, and I should forget all this... all this... And presently it broke loose, and dwindled into oblivion.

Then I knew nothing more till I saw, fixed where I was in hopeless horror, the baby face of one I dwell much upon, in moments of solitude, and it had fallen wan and thin, and was full of woe unutterable, and its appealing eyes were blind. I woke with a cry, sitting up suddenly, the heart going like a rapid hammer. There was the curtained box about me. The clothes were on the hooks. I could see the black shape of the cabin doorway. By my watch it was four o'clock. The air had cooled, and as I sat waiting for the next thing in the silence the mate snored profoundly overhead. Ah! So that was all right.

Jan. 27. This has been a day of anxious navigation, for the river has had frequent reefs. We remain in a stagnant chasm of trees. The surgeon and I, accompanied by a swarm of flies, went forward into the cattle stew this morning to see how the beasts fared. The patient brutes were suffering badly, and some, quite plainly, were dying. The change from the lush green stuff of the Itacoatiara swamps to compressed American hay put under their noses on an iron deck, and the stifling heat under partial awnings, had ruined them. Some stood, heads down, legs straddled, too indifferent to disperse the loathly clouds of parasites.

No entanto, nada, senão um esforço contínuo da vontade mantinha o pânico subjugado, e eu naquele camarote, até que o sentimento de ansiedade passasse. Dali em diante, a mente, como um insignificante balão atordado em cima de uma ameaça, senão um fio inquebrável de pensamento, puxaria em minha consciência, revolvendo e esquivando-se em volta, apesar de minha determinação de mantê-la tranquila. Se eu pudesse apenas quebrar aquele fio, dizia a mim mesmo revirando-me novamente, para longe, ele escaparia da mira, e eu esqueceria tudo isso... tudo isso... E nesse momento, ele se libertou e se encolheu dentro do esquecimento.

Depois, não soube de mais nada até que vi, fixado onde eu estava em meu horror desesperado, o rosto angelical de alguém com quem eu convivo muito acima, em momentos de solidão; e ele tinha descido fraco e magro, e estava cheio de inexpressível pesar, e seus olhos suplicantes estavam cegos. Acordei com um grito, sentando-me rapidamente, o coração batendo como um martelo. Havia o mosquiteiro à minha volta. As roupas estavam nos cabides. Podia ver a forma escura da entrada do camarote. De acordo com meu relógio, eram quatro horas. O ar tinha esfriado, e eu sentado esperando pela próxima coisa, no silêncio; o oficial roncava profundamente em cima. Ah! Então estava tudo bem.

27 de janeiro. Este tem sido um dia de navegação ansiosa, porque o rio tem frequentes recifes. Permanecemos no mesmo abismo estagnado de árvores. O cirurgião e eu, acompanhados por um enxame de moscas, fomos para a frente, interessados no guisado de gado esta manhã, para ver como os animais passavam. Os pacientes animais estavam sofrendo malvadamente e, alguns, completamente fracos, estavam morrendo. O padrão alterado do exuberante verde dos campos de Itacoatiara para a forragem americana, colocada debaixo do nariz do gado, em cima do convés de ferro, e o calor sufocante debaixo dos toldos parciais, tinham lhes arruinado. Alguns permaneciam de pé, cabeças abaixadas, pernas escancaradas, muito indiferentes para relutantemente espantar as nuvens de parasitas.

Most were plagued by ticks, which had the tenacity and appearance of iron bolt heads. But the little black cow, the rebel, blared at us, bound and suffering as she was. Vive la revolution! We drove the flies from her hide, and she tried to kick us, the darling. We found a steer with his shoulder out of joint, lying inert in the sun, indifferent to further outrage. That had to be seen to, and we told the Skipper, who ordered it to be killed. We wanted some fresh meat badly, he added. The boatswain explained that he knew the business, and he brought a long knife, and quite calmly thrust it into the front of the prone creature, and seemed to be trying to find its heart. Nothing happened, except a little blood and some convulsive movements. Another sailor produced a short knife and a hammer, and tapped away behind the horns as though he were a mason and this were stone. The frowning surgeon supposed the fellow was trying to sever the vertebrae. I don't know. Yet another fellow jumped on its abdomen. At last it died. I put down merely what happened. No two voyages are alike, and as this episode came into mine, here it is, to be worked in with the sunsets and things. There was some cheerful talk at the prospect of the first fresh meat since England, and later, passing the cook's galley, I saw an iron bin, and lifted its cover to see what was there. And there was, as I judged there would be, liver for tea that evening. But I learned that though I am a carnivore yet I have not the pluck to be a vulture.

A maioria estava empestada de carrapatos, que tinham a tenacidade e a aparência de cabeças de parafusos de ferro. Mas a vaquinha preta, a rebelde, mugiu para nós, amarrada e sofrendo como estava. Viva a revolução! Espantamos as moscas do seu pêlo, e ela tentou nos dar coices, a favorita. Encontramos uma novilha com a parte dianteira fora do cercado, jazendo inerte no sol, indiferente ao ultraje mais adiante. Aquilo tinha que ser visto, e contamos para o capitão, que ordenou que ela fosse abatida. Queríamos algum alimento fresco malvadamente, ele acrescentou. O contramestre explicou que conhecia o negócio; e ele trouxe uma faca comprida, e calmamente enfiou-a na parte frontal da criatura deitada, e parecia estar tentando encontrar o coração. Nada aconteceu, exceto um pouco de sangue e alguns movimentos convulsivos. Outro marinheiro apresentou uma faca pequena e uma marreta, e martelava atrás dos chifres como se ele fosse um pedreiro e aquilo fosse uma pedra. O cenho do cirurgião supunha que o indivíduo estava tentando romper as vértebras. Eu não sei. Todavia, um outro indivíduo pulou em cima do abdome. Finalmente ela morreu. Larguei simplesmente o que acontecia. Nem duas viagens são similares e, como este episódio surgiu na minha mente, aí está, para ser incluído com os pôres do sol e assuntos. Houve alguma conversa alegre com a perspectiva da primeira carne fresca desde a Inglaterra e, mais tarde, passando na galé do cozinheiro, vi uma vasilha de ferro, e levantei sua tampa para ver o que tinha ali. E havia, como eu julguei que haveria, fígado para o chá daquela tarde. Mas aprendi que, embora eu seja um carnívoro, ainda não tenho a coragem e a determinação para ser um urubu.

The next day we passed the Cidada de Humayta, the chief town on the Madeira. Actually it was of the size of an unimportant home village. There was nothing there to support the pilot's sonorous title of cidada. For some reason we were visited to-day by an extraordinary number of butterflies. One large specimen was of an olive green, barred with black. Another had wings of a bluish grey, striped with vermilion. Helicons came, and once a morpho, the latter a great rarity away from the interior of the woods. At four in the afternoon the sky grew ominous. We had just time to notice the trees astern suddenly convulsed, writhing where they stood, and the storm sprang at us, roaring, ripping away awnings and loose gear. The noise in the forest round us was that of cataclysm. The rain was an obscurity of falling water, and the trees turned to shadows in a grey fog. The ship became full of waterspouts, large streams and jets curving away from every prominence. This lasted for but twenty minutes; but the impending clouds remained to hasten night when we were in a place which, more than anything I have seen, was the world before the coming of man. The river had broadened and shallowed. The forest enclosed us. There were islands, and the rank growth of swamps. We could see, through breaks in the igapo, extensive lagoons beyond, with the high jungle brooding over empty silver areas. Herons, storks, and egrets were white and still about the tangle of aqueous roots. It was all as silent and other world as a picture.

No dia seguinte passamos pela cidade de Humaitá¹³², a principal cidade do Madeira. Realmente, ela era do tamanho de um povoado de sede insignificante. Não havia nada ali para sustentar o sonoro título de cidade dado pelo piloto. Por alguma razão, fomos visitados hoje por um extraordinário número de borboletas. Uma espécime grande era de um verde oliva, com listras pretas. Outra tinha as asas de um cinza azulado, listrada com uma cor laranja. Os hélicons surgiram e, uma vez, uma borboleta morpho, a última, uma raridade formidável longe do interior da mata. Às quatro horas da tarde, o céu ficou agourento. Tivemos apenas tempo para perceber as árvores à popa, rapidamente reviradas, retorcendo-se onde se detinham de pé, e a tempestade surgiu rapidamente, estrondando, levando toldos e engrenagens soltas. O barulho na floresta ao nosso redor era como o de um cataclismo. A chuva era uma obscuridade de água caindo, e as árvores viradas para as sombras em um nevoeiro. O navio ficou cheio de bicas d'água, as grandes correntes e esguichos varrendo de cada proeminência. Isso durou cerca de vinte minutos; mas as nuvens iminentes permaneciam para apressar a noite, quando estávamos em um lugar que, mais do que qualquer coisa que eu tenha visto, era o mundo antes da chegada do homem. O rio tinha enlarguecido e corria. A floresta nos cercava. Havia ilhas, e o aumento do número de brejos. Podíamos ver, através de passagens no igapó, lagoas extensas adiante, com a selva alta pairando sobre prateadas áreas vazias. Garças, jaburus e ciganas estavam desbotados e imóveis em volta do emaranhado de raízes aquáticas. Estava tudo tão parado e em um outro mundo, como numa pintura.

132Porto Velho era distrito de Humaitá na época da viagem de Tomlinson ao Brasil. Hoje Humaitá pertence ao Estado do Amazonas e fica na margem esquerda do rio Madeira. A cidade de Humaitá se liga a Porto Velho através de uma estrada.

Jan. 29. When shouting awakened me this morning I saw the Chief hurry by my cabin, half-dressed, and looking very anxious. By the almost stationary foliage I could see the ship had merely way on her. Out I jumped. On the forecastle head a crowd was gathered, peering overside. A large tree was balanced accurately athwart our stem, and refused to move. What worried the staff was that it would, when free, sidle along our plates till it fouled the propeller. The propeller had to be kept moving, for the river was narrow and its current unusually rapid. There the log obstinately remained for the most of an hour, but suddenly made up its mind, and went, clearing the stern by inches. After that the engines were driven full, for the pilot hoped to get us to Porto Velho by nightfall. In the late afternoon, when passing the Rio Jamary, the clouds again banked astern, bringing night before its time, and another violent storm compelled an early anchorage. The forest was remarkably quiet after the tumult of the squall, and the "Capella" had been put over to the left bank, when close to us on the opposite shore there was a landslip. We saw a section of the jungle wall sway, as though that part was taken by a local tempest, and then the green cliff and its supports fell bodily into the river, raising thunderous submarine explosions. Such landslides, terras cahidas, can be rarely foreseen, and are a grave danger to craft when they come close in to rest at night. To-day we passed a small raft drifting down. A hut was erected in its middle, and we saw two men within.

29 de janeiro. Quando me acordei esta manhã, gritando, vi o comandante passar apressado pelo meu camarote, semidespido, e parecendo muito preocupado. Através da folhagem quase imóvel, pude ver que o navio tinha meramente um lado dele. Pulei fora do camarote. No castelo de proa, uma multidão estava reunida, olhando atentamente para o lado do navio. Uma árvore grande estava pensa exatamente na direção de nosso meio e se recusava a sair. O que preocupava o grupo era que, quando livre, ela se esfregasse ao longo de nosso casco até colidir com a hélice. A hélice tinha sido mantida funcionando, porque o rio estava estreito e sua correnteza incomumente forte. Ali, a tora de madeira permaneceu obstinadamente por mais de uma hora, mas, de repente, abriu a mente e seguiu, livrando a popa por polegas. Depois disso, as máquinas foram impulsionadas completamente, porque o piloto esperava nos conduzir até Porto Velho por volta do anoitecer. No fim da tarde, quando passando no rio Jamary, as nuvens novamente se fecharam atrás, trazendo a noite antes da hora, e outra tempestade violenta nos forçou a uma ancoragem. A floresta estava notavelmente parada, depois do tumulto da rajada de vento, e o *Capella* tinha sido posto para o lado esquerdo do barranco, quando perto de nós, na margem oposta, houve um deslizamento de terra. Vimos uma porção de mata balançar, como se aquela parte fosse tomada por uma tempestade local, e depois o penhasco verde e seus suportes caíram integralmente dentro do rio, levantando explosões submarinas trovejantes. Semelhantes deslizamentos, terras caídas, raramente podem ser previstos, e são um perigo grave para embarcações, quando ancoram perto para descansar à noite. Hoje passamos por uma jangadinha, descendo à deriva. Uma palhoça estava erguida em seu centro, e vimos dois homens dentro dela.

Jan. 30. Talk enough there has been of a place called Porto Velho, a name I heard first when I signed the articles of the "Capella" at Swansea, and of what would happen to us when we arrived. But I am looking upon it all as a strange myth. There has been time to prove those superstitions of Porto Velho. And what has happened? There was a month we had of the vacant sea, and one day we came upon a low coast where palms grew. There has been a month which has striped the vacant mind in three colours, constant in relative position, but without form, yellow floor, green walls, and a blue ceiling. Plainly we have got beyond all the works of man now. We have intrigued an ocean steamer thousands of miles along the devious waterways of an uninhabited continental jungle, and now she must be near the middle of the puzzle, with voiceless regions of unexplored forest reeking under the equatorial sun at every point of the compass. The more we advance up the Amazon and Madeira rivers the less the likelihood, it seems to me, of getting to any place where our ship and cargo could be required. We shall steam and steam till the river shallows, the forest closes in, and we are trapped. Yet the Madeira looks now much the same as when we entered it, still as broad and deep. I was thinking this morning we might go on so for ever; that this adventure was all of the casual improbabilities of a dream was in my mind when, smoking the after breakfast pipe on the bridge, we turned a corner sharply, and there was the end of the passage within a mile of us, Porto Velho at last.

The forest on the port side ahead was uplifted on an unusually high cliff of the red rock. Beyond that cliff was a considerable clearing, with many buildings of a character different from any we had seen in the country. At the end of the clearing the forest began again, unconquered still, standing across our course as a high barrier; for, leaving Porto Velho, the river turned west almost at a right angle, and vanished; as though now it were done with us. We had arrived.

30 de janeiro. A conversa frequente tem sido sobre um lugar chamado Porto Velho, um nome que ouvi primeiramente quando assinava os documentos do *Capella*, em Swansea, e do que nos aconteceria quando chegássemos. Mas estou encarando tudo isso como um mito estranho. Ali haveria tempo para provar aquelas superstições de Porto Velho. E o que aconteceu? Há um mês que estávamos no vago mar; e um dia chegamos a uma costa baixa, onde as palmeiras cresciam. Há um mês, que repartiu em listras a mente vaga em três cores, constantes em posição relativa, mas sem forma; chão amarelo, muralhas verdes e uma abóbada azul. Claramente, alcançamos para além de todos os trabalhos do homem agora. Temos navegado em um navio oceânico milhares de milhas, ao longo das vias navegáveis de uma selva continental desabitada; e agora o navio deve estar perto do meio do enigma, com regiões silenciosas de floresta inexplorada, fumegando debaixo do sol equatorial, em cada ponto do alcance. Quanto mais avançamos nos rios Amazonas e Madeira, menor a probabilidade, parece-me, de chegar a qualquer lugar que nosso navio e nossa carga possa ser requerida. Devemos navegar e navegar até que o rio fique raso, a floresta se feche, e sejamos apanhados em uma armadilha. Entretanto, o Madeira parece agora o mesmo quando entramos nele, ainda tão largo e fundo. Esta manhã, eu estava pensando que podíamos seguir adiante, então, para sempre; que esta aventura era tudo das improbabilidades acidentais de um sonho que estava em minha mente quando, fumando cachimbo depois do café da manhã, na ponte de comando, viramos numa curva abruptamente, e lá estava, no fim da passagem, acerca de uma milha de distância de nós, Porto Velho, finalmente.

A floresta a bombordo adiante estava erguida sobre um penhasco incomumente alto de rocha vermelha. Para além daquele penhasco havia uma clareira considerável, com muitos edifícios de uma característica diferente de qualquer outra que tínhamos visto no país. No fim da clareira, a floresta começava novamente, ainda não conquistada, erguida de um lado a outro de nosso curso como uma barreira alta; porque, saindo de Porto Velho, o rio virava a oeste, quase em um ângulo reto, e desaparecia; como se agora ele tivesse se arranjado conosco. Tínhamos chegado.

A rough pier was being thrown out on palm boles to receive us, but it was not ready. We anchored in five fathoms, about thirty yards from the shore, and in the quiet which came with the stop of the ship's life we waited for the next thing, all hands lining the "Capella's" side surveying this place of which we had heard so much.

Plainly this was not the usual village. Many acres of trees had been newly cleared, leaving a great bay in the woods. The earth was still raw from a recent attack on what had been inviolate from time's beginning. Trenches, new red gashes, scored it, and holes were gouged in the hill side. You could think man had attacked the forest here in a fury, but had spent his force on one small spot, as though he had struck one wound again and again. The fight was over. The footing had been won, a base perhaps for further campaigns because wooden emergency houses, sheds and barracks, had been built. The assailant evidently had made up his mind to settle on his advantage, though he was tolerating a little quickly rebellious scrub. Just then he was resting, as if the whole affair had been over but five minutes before we came, and now the conqueror was sleeping on his first success. Completely round the conquered space the jungle stood indifferently regarding the trifle of ground it had lost. The jungle on the near opposite shore rose straight and uninterrupted from the river, the front rank, lost each way in distance, of an innumerable army. At the upper end of the clearing the jungle began again on our side, and turned to run across our bows, the complement of the host across the water, and both ranks continued up stream, dark and indeterminate lines converging, till, three miles away, a delicate flickering of light, a mere dimmer, faint but constant, bridged the two walls.

Uma ponte-cais tosca estava sendo construída com toras de madeira para nos receber, mas não estava pronto. Ancoramos a trinta pés¹³³ de profundidade e aproximadamente a trinta jardas¹³⁴ da margem e, na tranquilidade que veio com a parada da vida do navio, esperamos pelo passo seguinte; todas as mãos cobrindo o lado do *Capella*, examinando esse lugar, do qual tínhamos ouvido falar bastante.

Obviamente, esse não era um povoado comum. Muitos metros cúbicos de árvores tinham sido derrubados recentemente, deixando uma grande baía na mata. A terra ainda estava com as marcas de um recente ataque, no que tinha sido inviolado desde o início dos tempos. Valas, novos cortes vermelhos a marcavam, e buracos estavam abertos no lado da colina. Podia-se pensar que o homem tinha atacado a floresta ali com fúria, mas tinha gastado sua força em um pontinho, como se ele tivesse atacado uma ferida novamente e novamente. A luta tinha terminado. O fundamento tinha vencido, uma base talvez para campanhas mais adiante, porque casas emergenciais de madeira, galpões e barracas tinham sido construídos. O agressor, evidentemente, tinha aberto sua mente para estabelecer-se em sua vantagem, embora estivesse tolerando rapidamente um mato rebelde. Exatamente, então, ele estava descansando, como se o acontecimento todo tivesse terminado apenas cinco minutos antes de nossa chegada, e agora o conquistador estava dormindo em cima de seu primeiro sucesso. Completamente em volta do espaço conquistado, a selva permanecia indiferentemente respeitando a ninharia de chão que tinha perdido. A mata próxima à margem oposta do rio erguia-se reta e ininterrupta; a fileira da frente, perdida em cada caminho na distância, de um exército inumerável. No final mais alto da clareira, a mata começava novamente do nosso lado e virava para passar de um lado a outro de nossa proa, o complemento da anfitriã de um lado a outro do rio; e ambas as fileiras continuavam rio acima, linhas convergentes escuras e indeterminadas, até três milhas de distância; uma delicada oscilação de luz, um mero redutor de luz, frágil, mas constante, preenchia as duas muralhas.

133Termo náutico para medir a profundidade ou extensão. Cada pé equivale a 1 metro e 83 centímetros.

134O equivalente a trinta pés, isto é, o navio atracou a uns 55 metros de distância da margem.

No doubt that delicate light would be the San Antonio cataracts, the first of the nineteen rapids of the Madeira.

Porto Velho behaved as though we were not there. A pitiless sun flamed over that deep red wound in the forest, and they who had made it were in their shelters, resting out of sight after such a recent riot of exertion. Nothing was being done then. Two or three white men stood on the dismantled foreshore, placidly regarding us. We might have been something they were not quite sure was there, a possibility not sufficiently interesting for them to verify. There was a hint of mockery, after all our anxiety and travail, in this quiet disregard. Had we arrived too late to help, and so were not wanted? I confess I should not have been surprised to have heard suppressed laughter, some light hilarity from the unseen, at us innocently puzzling as to what was to happen next. There was a violent scream in the forest near our bows, and we turned wondering to that green wall. A locomotive ran out from the base of the trees, still screaming.

In a little while a man left a house, striding down over the debris to the foreshore, and some half-breeds brought him in a canoe to the "Capella." He was a tall youngster, an American, and his slow body itself was but a thin sallow drawl; only his eyes were alert, and they darted at ours in quick scrutiny. His solemn occupying assurance and accent precipitated reality. He was a doctor and he ordered us to be mustered on the after deck for inspection for yellow fever. We were passed; and then this doctor went below to the saloon, distributing his long limbs and body over several chairs and part of the table, and began with lazy words and gestures to give us a place in the scene. We learned we should stay as we were till the pier was finished and that the railway was actually in being for a short distance. He said something about Porto Velho being hell.

Sem dúvida, aquela luz delicada seria a cachoeira de Santo Antônio, a primeira das dezenove cachoeiras do Madeira.

Porto Velho comportava-se como se não estivéssemos ali. Um sol impiedoso brilhava por cima daquela profunda ferida vermelha na floresta, e eles que tinham feito aquilo estavam em seus abrigos, descansando fora de vista, depois de tal recente tumulto de esforço. Nada estava sendo feito então. Na faixa litorânea revirada, dois ou três homens brancos permaneciam nos considerando placidamente. Podíamos ser algo que eles não estivessem muito seguros de que estivesse ali; uma possibilidade não suficientemente interessante para eles verificarem. Havia um sinal de escárnio, depois de toda nossa ansiedade e dificuldades, nesse descaso silencioso. Tínhamos chegado muito tarde para ajudar, e não éramos desejados? Confesso que eu não teria ficado surpreso se tivesse ouvido uma gargalhada abafada, alguma hilaridade leviana do invisível, em nós inocentemente intrigando, como o que estava para acontecer depois. Ouviu-se um grito violento na floresta perto da nossa proa, e nos viramos admirados para aquela muralha verde. Uma locomotiva saía correndo da base das árvores, ainda apitando.

Em pouco tempo, um homem saiu de uma casa, andando a passos largos por cima dos escombros para a beira do rio; e alguns mestiços o trouxeram em uma canoa para o *Capella*. Era um jovem alto, um norte-americano, e seu próprio corpo lento era somente um magro e amarelado de fala engrolada; apenas seus olhos estavam em alerta, e eles se arremetiam em nós em rápido escrutínio. Sua autoconfiança solene e ocupada e seu sotaque precipitaram a realidade. Ele era um médico e nos ordenou que nos reuníssemos no convés de trás, para inspeção de febre amarela. Fomos inspecionados; e depois esse médico desceu para o salão, distribuindo o corpo e seus membros compridos por cima de muitas cadeiras e parte da mesa, e começou com palavras desanimadas e gestos para nos conceder um lugar na cena. Soubemos que deveríamos ficar onde estávamos até que a ponte-cais estivesse terminada, e que a ferrovia realmente tomava forma a uma pequena distância. Disse alguma coisa sobre Porto Velho ser um inferno.

He left us. We sat about on deck furniture, and waited on the unknown gods of the land to see what they would send us. All day in the clearing figures moved about on some mysterious business, but seldom looked at us. We had nothing to do but to watch the raft of timber and flotsam expand about our hawsers, a matter of some concern to us, for the current ran at six knots. Our brief sense of contact got from the medical inspection had gone by night. Reality contracted, closing in upon the "Capella" with rapidly diminishing radii as the light went, till we had lost everything but our steamer.

Into the saloon, where some of us sat listening in sympathy to the Skipper's growls that night, burst our cook, disrespectful and tousled, saying he had seen a canoe, which bore a light, overturn in the river. There was a stampede. We each seized a lantern and leaned overside with it, with that fatuous eagerness to help which makes a man strike matches when looking for one who is lost on a moor. Ghostly logs came floating noiselessly out of darkness into the brief domain of our lanterns, and faded into night again. From somewhere in the collection of driftwood beyond our bows we thought we heard an occasional cry, though that might have been the noise of water sucking through the rubbish, or the creaking of timbers. Our chief mate got out a small boat, and vanished; and we were already growing anxious for him when his luminous grin appeared below in the range of my lantern, and with him came the ponderous figure of a man. The latter, deft and agile, came up the rope ladder, and stepped aboard with innocent inconsequence, shocking my sense of the gravity of the affair; for this streaming object, lifted from the grip of the boney one just in time, was chuckling.

Ele nos deixou. Sentamos-nos em volta dos utensílios do convés e esperamos pelos deuses desconhecidos da terra, para ver o que eles nos enviariam. O dia todo, na clareira, vultos se movimentavam em volta, algum negócio misterioso, mas raramente olhavam para nós. Não tínhamos nada para fazer, senão olhar a jangada de troncos e destroços se espalhar em volta de nossos cabos das âncoras, uma questão de algum interesse para nós, porque a correnteza corria a seis nós. Nossa sensação repentina de contato, obtida da inspeção médica, tinha desaparecido à noite. A realidade se contraiu nos encerrando no *Capella* com raios rapidamente reduzidos, quando a claridade se foi, até que tivéssemos perdido tudo, exceto nosso navio.

No salão, onde alguns de nós ouvíamos com simpatia os resmungos do capitão naquela noite, irrompeu nosso cozinheiro, desrespeitoso e desganhado, dizendo que tinha visto uma canoa, que tinha uma luz, emborcar no rio. Houve uma debandada. Cada um pegou uma lanterna e curvou-se para o lado com ela, com aquela ansiedade ilusória para ajudar, que faz um homem riscar fósforos, quando procurando alguém que está perdido num terreno turvoso. Troncos de árvores fantasmagóricos apareciam boiando silenciosamente fora da escuridão, dentro do breve domínio de nossas lanternas, e desapareciam na noite novamente. De algum lugar na coleção de árvores à deriva, para além de nossa proa, pensamos que tínhamos ouvido um grito ocasional, embora aquilo pudesse ser o barulho das águas sugando em meios aos basculhos, ou batendo entre os troncos. Nosso oficial-comandante pegou um botezinho e desapareceu; e já estávamos ficando preocupados com ele, quando seu sorriso luminoso apareceu embaixo, no foco de minha lanterna; e com ele vinha um vulto sério de um homem. O último, hábil e ágil, subiu na escada de corda e pisou a bordo com inocente inconsequência, abalando minha sensação da gravidade do fato; porque essa coisa molhada, erguida com o aperto de mão de alguém, exatamente nessa hora, estava rindo.

"Say," said this big ruddy man to our gaping crowd, "I met a nigger ashore with a letter for the captain of this packet. Said he didn't know how to get. So I brought it, but a tree overturned the canoe. I came up under the timber jam all right, all right, but it took me quite a piece to get my head through." In the saloon, with a pool of water spreading round him, while we got him some dry clothes, he produced this pulpy letter. "Dear Captain" (it ran), "I'm as dry as hell, have you brought drinks in the ship?"

The bland indifference of Porto Velho to the "Capella," which had done so much to get there; the locomotive which ran screaming out of those woods where, till then, was the same unbroken front which from Para inwards had surrendered nothing; the inconsequential doctor who carefully examined us for what we had not got; the ruddy man who rose to us streaming out of the deeps, as though that were his usual approach, bearing another stranger's unreasonable letter complaining of thirst, were most puzzling. I even felt some anxiety and suspicion. What, then, were all the other incidents of our difficult six thousand mile voyage? What was this place to which we had come on urgent business long and carefully deliberated, where men merely looked at the whites of our eyes, or changed wet clothes in the saloon, or lightly referred to hell - they all did that - as if hell were an unremarkable feature of their day? Were all these unrelated shadows and movements but part of a long and witless jest? The point of it I could not see. Was there any point to it or did casual episodes appear at unexpected places till they came, just as unexpectedly, to an empty end? The man the mate had rescued sat at the saloon table opposite me, leaning a yard wide chest, which was almost bare, on the red baize, his bulging arms resting before him, and his hairy paws easily clasped.

“Olá, pessoal! Encontrei um negro em terra firme com uma carta para o capitão deste barco. Disse que não sabia como chegar aqui. Então eu a trouxe; mas um tronco virou a canoa. Vim à tona, debaixo de um monte de troncos, tudo bem, tudo bem, mas demorou um pedaço para eu colocar minha cabeça de fora” - disse esse homenzarão avermelhado, para nosso grupo bocejante. No salão, com uma poça de água espalhando-se à sua volta, enquanto lhe trazíamos algumas roupas enxutas, ele produziu esta carta a lápis. “Prezado capitão, estou seco como o inferno, você trouxe bebidas no navio?”

A indiferença gentil de Porto Velho ao *Capella*, que tinha feito muito para chegar ali; a locomotiva que saía apitando da mata, onde até então, estava a mesma fachada de árvores não alterada, que do Pará em diante não tinha cedido nada; o médico inconsequente que, cuidadosamente, nos examinou pelo que não tínhamos contraído; o homem corado, que subiu até nós boiando das profundezas, como se isso fosse sua abordagem habitual, carregando uma carta de outro desconhecido irracional queixando-se de sede eram extremamente intrigantes. Eu mesmo sentia alguma preocupação e suspeita. O que eram então os outros incidentes de nossa difícil seis mil milhas de viagem? O que era este lugar para o qual tínhamos vindo em um urgente e prolongado negócio e cuidadosamente deliberado, onde homens simplesmente olhavam para os brancos de nossos olhos, ou trocavam roupas molhadas no salão, ou ligeiramente se referiam ao inferno - todos eles fizeram isso - como se o inferno fosse uma característica banal do dia deles? Todas essas sombras e atividades não relacionadas eram apenas parte de um prolongado e insensato deboche? O ponto disso eu não podia ver. Havia algum ponto, ou os episódios casuais surgiam em lugares imprevistos, até que chegassem, exatamente como não previstos, a um fim sem sentido? O homem, o oficial que tinha sido salvo, estava sentado na mesa do salão, no lado oposto a mim, curvando um peito da largura de uma jarda, que estava quase nu, sobre a toalha vermelha, seus braços cruzados descansando diante dele, e suas mãos peludas relaxadamente juntas.

I thought that perhaps this imperturbable being, who could come with easy assurance, his bright friendly eyes merely amused, his large firm mouth merely mocking, and his face heated, from a desperate affair in which his life nearly went, to announce to strangers, "Boys, I'm old man Jim," must have had the point of the joke revealed to him long since, and so now had no respect for its setting, and could have no care and understanding of my anxious innocence. He sat there for hours in quiet discourse. I listened to him with my ears only, his words jostling my thoughts, as one would puzzle over and listen to a superior being which had unbent to be intimate, but was outside our experience. I heard he had been at this place since 1907. He began the work here. Porto Veiho did not then exist. Off where we were anchored, the jungle rose. He had his young son with him, a cousin, and two negroes, and he began the railway. Inside the trees, he said, they could not see three yards, but down it all had to come. There is a small stingless bee here, which "old man Jim" called the sweat bee. It alights in swarms on the face and hands, and prefers death to being dislodged from its enjoyment. The heat, these bees, the ants, the pium flies, the mosquitoes, made the existence of Jim and his mates a misery. Jim merely drawled about in a comic way. Fever came, and mistrust of natives compelled him to dress a dummy, put that in his hammock at night, while he slept in a corner of the hut, one eye open, nursing a gun. I could not see "old man Jim" ever having faith that trains would run, or needed to run, where Indians lurked in the bush, and jaguars nosed round the hut at night. Why these sufferings then? But we learned the line now penetrated into the forest for sixty miles, and that beyond it there were camps, where surveyors were seeing that further way was made, and beyond them again, among the trees of the interior, the surveyors were still, planning the way the line should run when it had got so far.

Pensei que talvez este ser imperturbável, que veio com autoconfiança, seus brilhantes olhos amistosos simplesmente entretidos, sua boca grande e firme simplesmente zombando, e seu rosto aquecido por um acontecimento perigoso, em que sua vida quase se foi, para anunciar aos desconhecidos: “Rapazes, eu sou o velho Jim” - deve ter sido o ponto da piada revelada desde sempre e, então, agora, não tinha respeito por sua arrumação, e não podia ter nenhum zelo e discernimento de minha aflita ingenuidade. Ele ficou sentado ali durante horas, em um discurso sossegado. Eu o ouvia com meus ouvidos apenas, suas palavras acotovelando meus pensamentos, como alguém que faz esforço para compreender e ouvir um ser superior, que tinha se erguido para ser íntimo, mas que estava fora da nossa experiência. Soube que ele estava naquele lugar desde 1907. Ele começara o trabalho ali. Porto Velho então não existia. Distante de onde estávamos ancorados, a selva se erguia. Ele tinha seu jovem filho com ele, um primo, e dois negros, e ele havia começado a ferrovia. Dentro da mata, ele disse que não podiam enxergar três jardas de distância; mas ela tinha sido derrubada. Há uma abelhinha que não pica, que o “velho Jim” chamava de abelha do suor. Elas pousam em enxames no rosto e nas mãos, e preferem a morte do que serem desalojadas de seu divertimento. O calor, essas abelhas, as formigas, os piuns e os mosquitos tornavam a vida de Jim e de seus companheiros uma miséria. Jim simplesmente falava de uma maneira arrastada, de um modo cômico. A febre chegou e a desconfiança dos nativos o forçou a ser um teste-de-ferro, posto que, em sua rede, à noite, enquanto dormia num canto da cabana, um olho aberto, acalentava uma arma. Eu não pude ver o “velho Jim” sempre tendo fé de que trens correriam, ou precisavam correr, onde indígenas espreitavam na mata, e onças farejavam em volta da cabana, à noite. Por que esses sofrimentos então? Mas soubemos que a linha ferroviária agora penetrava na floresta por cerca de sessenta milhas e que, para além dali, havia acampamentos, onde os topógrafos estavam verificando aquele caminho feito adiante; e para além deles novamente, entre as árvores do interior, os topógrafos ainda estavam planejando o caminho que a linha deveria percorrer, quando tivesse chegado tão longe.

Though we could not get ashore, there was enough to watch, if it were only the men leisurely driving palm boles into the river, making a pier for us. While at breakfast to-day a canoe of half-breeds came flying towards us in pursuit of an object which kept a little ahead of them in the river. It passed close under our stern, and we saw it was a peccary. The canoe ran level with it then, and a man leaned over, catching the wild pig by a hind leg, keeping its snout under water while another secured its feet with rope. It was brought aboard in bonds as a present for the Skipper, who begged the natives to convey it below to the bunkers and there release it. He said he would tame it. I saw the eye of the beast as it lay on the deck champing its tusks viciously, and guessed we should have some interesting moments while kindness tried to reduce that light in its eye. The peccary disappeared for a few days.

There being nothing to do this fine morning, we watched the cattle put ashore. This was not so difficult a business as shipping them, for the beasts now submitted quietly to the noose which was put on their horns. The steam tackle hoisted them, they were pushed overside, and dropped into the river. Some natives in a canoe cleared the horns, and the brute, swimming desperately in the strong current, was guided to the bank. Some of the beasts being already near death they were merely jettisoned. The current bore them down stream, making feeble efforts to swim - food for the alligators. We waited for the turn of the black heifer. She was one of the last. She was not led to the ship's side. The tackle was attached to her horns, and made taut before her head was loosed. She made a furious lunge at the men when her nose was free, but the winch rattled, and she was brought up on her hind legs, blaring at us all. In that ugly manner she was walked on two legs across the deck, a heroine in shameful guise, while the men laughed. She was hoisted, and lowered into the river.

Embora não pudéssemos desembarcar, havia o suficiente para se observar, mesmo que fosse somente os homens empurrando calmamente troncos de palmeiras para dentro do rio, construindo uma ponte-cais para nós. Enquanto tomávamos o café esta manhã, uma canoa de mestiços veio deslizando em nossa direção à procura de um objetivo que se mantinha um pouco adiante deles no rio. Passou perto da nossa popa, e eu vi que era um caititu. A canoa se aproximou dele depois, e um homem curvou-se pegando o porco-do-mato por uma perna traseira, mantendo o focinho dentro d'água, enquanto o outro amarrava as patas traseiras com uma corda. Foi trazido a bordo amarrado como presente para o capitão, que pediu aos nativos que o levassem para dentro das carvoeiras e o soltassem. Ele disse que o domesticaria. Vi um olho do animal, quando ele jazia no convés mordendo suas presas ferozmente, e pensei que deveríamos ter alguns momentos interessantes, enquanto a bondade tentava reduzir aquela luz em seu olho. O caititu desapareceu por alguns dias.

Não tendo nada para fazer nesta manhã maravilhosa, olhávamos o gado ser colocado em terra firme. Isso não era um negócio tão difícil, quanto foi embarcá-los, porque os animais agora se submetiam calmamente ao laço que era posto em seus chifres. O arreio reforçado os içava, e eles eram empurrados para o lado e jogados no rio. Alguns nativos numa canoa liberavam os chifres do animal; e o bruto, nadando desesperadamente na forte correnteza, era guiado para o barranco. Alguns dos animais, estando já perto da morte, eram simplesmente abandonados. A correnteza os carregava rio abaixo, fazendo frágeis esforços para nadar - comida para os jacarés. Esperamos pela vez da novilha preta. Foi uma das últimas. Ela não foi conduzida para o lado do navio. O arreio foi fixado em seus chifres e ficou teso antes que sua cabeça fosse solta. Ela fez uma investida furiosa contra o homem, quando seu focinho foi solto, mas o guincho chocou, e ela foi erguida em suas patas traseiras, mugindo para nós todos. Daquela maneira feia, ela caminhou nas duas pernas na extensão do convés, uma heroína em modo vergonhoso, enquanto os homens riam. Ela foi içada e abaixada dentro do rio.

She fought at the waiting canoe with her feet, but at last the men released her horns from the tackle. With only her face above water she heaved herself, open mouthed, at the canoe, trying to bite it, and then made some almost successful efforts to climb into it. The canoe men were so panic-stricken that they did nothing but muddle one another's efforts. The canoe rocked dangerously. This wicked animal had no care for its own safety like other cattle. It surprised its tormentors because it showed its only wish was to kill them. Just in time the men paddled off for their lives, the cow after them. Seeing she could not catch them, she swam ashore, climbed the bank, looking round then for a sight of the enemy - but they were all in hiding - and then began browsing in the scrub.

As leisurely as though life were without end, the work on the pier proceeded; and we on the "Capella," who could not get ashore, with each of our days a week long, looked round upon this remote place of the American tropics till it seemed we had never looked upon anything else. The days were candent and vaporous, the heat by breakfast-time being such as we know at home in an early afternoon of the dog-days. The forest across the river, about three hundred yards away, from sunrise till eight o'clock, often was veiled in a white fog. There would be a clear river, and a sky that was full day, but not the least suspicion of a forest. We saw what seemed a limitless expanse of bright water, which merged into the opalescent sky walls. Such an invisible fog melted from below, and then the revelation of the dark base of the forest, in mid-distance, was as if our eyes were playing tricks. The forest appeared in the way one magic-lantern picture grows through another. The last of the vapour would roll upwards from the tree-tops for some time, and you could believe the woods were smouldering heavily.

Ela lutava com suas patas contra a canoa que a aguardava; mas, finalmente, os homens liberaram seus chifres do arreio. Com apenas seu rosto fora d'água, ela se erguia, abria a boca, rumo à canoa, tentando mordê-la; e então fez alguns esforços quase bem-sucedidos para embarcar. Os homens da canoa estavam tão cheios de pânico que não faziam nada, a não ser confundirem os esforços um do outro. A canoa balançava perigosamente. Esse animal perverso não tinha cuidado com sua própria segurança como os outros gados. Ela surpreendia seus atormentadores, porque mostrava que seu único desejo era matá-los. Exatamente na hora em que os homens remavam por suas vidas, a vaca nadava atrás deles. Vendo que não podia alcançá-los, ela nadou para a terra, subiu no barranco, olhando ao redor então por uma visão do inimigo - mas eles todos estavam em esconderijos - e então começou a pastar no mato.

Tão descansadamente como se a vida não tivesse fim, o trabalho na ponte-cais prosseguia; e nós no *Capella*, que não podíamos desembarcar, com cada um de nossos dias de uma longa semana, olhávamos em volta para este lugar remoto dos trópicos americanos até que parecesse que não tínhamos olhado para coisa alguma. Os dias eram incandescentes e vaporosos; o calor na hora do desjejum era semelhante ao que conhecemos em casa, cedo da tarde, nos dias de cão. A floresta do outro lado do rio, aproximadamente a trezentas jardas de distância, do nascer do sol até às oito horas, frequentemente estava coberta por uma névoa branca. Haveria um rio limpo, e um céu que estava dia claro, mas sem o menor indício de uma floresta. Víamos o que parecia uma expansão ilimitada de água brilhante, que mergulhava nas muralhas opalescentes do céu. Semelhante nevoeiro invisível derretia-se de debaixo, e então a revelação da base escura da floresta, a meia distância, era como se nossos olhos estivessem brincando de pegadinha. A floresta aparecia do modo que uma imagem de lanterna mágica cresce através da outra. O resto do nevoeiro se enrolaria em direção à copa das árvores por algum tempo, e podia-se acreditar que a mata estivesse ardendo em brasa pesadamente.

Thenceforward the quiet day would be uninterrupted, except for the plunge of a heavy fish, the passing of a canoe, a visit from an adventurous visitor from the shore, or the growing of a cloud in the sky. We tried fishing, though never got anything but some grey scaleless creatures with feelers hanging about their gills. It was not till the evening when the visitors usually came that the day began really to move. The new voices gave our saloon and cabins vivacity, and the stories we heard carried us far and swiftly towards the next breakfast-time. They were strange characters, those visitors, usually Americans, but sometimes we got an Englishman or a Frenchman. They took possession of the ship.

There was an elderly man, Neil O'Brien, who was often with us. At first I thought he was a very exceptional character. He was one of the first to visit our ship. I even felt a little timidity when alone with him, for he had a habit of sitting limply, looking at nothing in particular, and dumb, and plainly he was a man whose thoughts ran in ways I could not even surmise. His pale blue eyes would turn upon me with that searching openness which may mean childish innocence or madness, and I could not forget the whispers I had heard of his dangerously inflammable nature. His pale blue eyes would turn upon me with that searching openness which may mean childish innocence or madness, and I could not forget the whispers I had heard of his dangerously inflammable nature. I could not find common footing with him for some time. My trouble was that I had come out direct from a country where few men are free, and so most of us live in doubt of what would happen to us if we were to act as though we were free men. Where, if a self-reliant man contemptuously dares to a bleak and perilous extremity, he makes all his lawful fellows in-draw their timid breaths; that land where even a reward has been instituted, as for merit, for uncomplaining endurance under life-long hardships, and called an old-age pension. You cannot live much of your life with natural servants, the judicious and impartial, the light shy, and those who look twice carefully, but never leap, without betraying some reflected pallor of their anæmia.

Dali em diante o dia tranquilo não seria interrompido, exceto pelo mergulho de um peixe pesado, a passagem de uma canoa, a visita de um visitante audaz vindo da margem, ou a formação de uma nuvem no céu. Tentávamos pescar, embora nunca pegássemos nada, a não ser algumas criaturas sem escamas, com tentáculos pendurados em volta de suas guelras. Não era até o anoitecer, quando os visitantes geralmente vinham, que o dia começava realmente a se mover. As novas vozes davam vivacidade ao nosso salão e camarotes; e as histórias que ouvíamos nos levavam longe e rapidamente em direção à hora do café da manhã. Eram personagens estranhos esses visitantes, geralmente norte-americanos; mas, às vezes, recebíamos um inglês ou um francês. Eles tomavam posse do navio.

Havia um homem idoso, Neil O'Brien, que frequentemente estava conosco. No início, pensei que ele fosse um personagem muito excepcional. Ele foi um dos primeiros a visitar nosso navio. Eu mesmo sentia um pouco de medo, quando estava sozinho com ele; porque ele tinha o hábito de sentar-se languidamente, não olhando para nada em particular; e, tolamente, e nitidamente ele era um homem cujos pensamentos corriam de um jeito que eu mesmo não podia nem mesmo conjecturar. Seus pálidos olhos azuis se virariam para mim com aquela sincera busca que pode significar a ingenuidade infantil ou a loucura, e eu não podia esquecer os sussurros que eu tinha ouvido de sua natureza perigosamente excitada. Eu não pude encontrar equilíbrio comum com ele durante algum tempo. Meu problema era que eu tinha saído direto de um país onde poucos homens são livres e, portanto, a maioria de nós vivia na dúvida do que nos aconteceria se agíssemos como homens livres. Onde, se um homem autossuficiente insolentemente enfrenta uma extremidade desolada e perigosa, ele faz tudo que seus companheiros legítimos fazem para sorver seus tímidos fôlegos; aquela terra onde mesmo um prêmio tem sido instituído, como por mérito, por tolerância não reclamada debaixo de privações ao longo da vida, e designaram uma pensão por velhice. Não se pode viver muito de sua vida com criados natos, o criterioso e o imparcial, o acanhado e o alegre, e aqueles que parecem duas vezes meticulosamente, mas nunca saltar, sem trair alguma palidez refletida da anemia deles.

O'Brien, the quiet master of his own time, with his eyes I could not read, and his gun, betrayed obliquely in our casual talks together such an ingenuous indifference to accepted things and authority, that I had nothing to work with when gauging him. He was his own standard of conduct. I judged his bearing towards the authority of officials would be tolerant, and even tender, as men use with wilful children. He was not a rebel, as we understand it, one who at last grows impatient and angry, and so votes for the other party. I suppose he was not opposed to authority, unless it were opposed to him. He was outside any authority but his own. He lived without State aid. He himself carried the gun, always the symbol of authority, whether of a man or of a State, and if any man had attempted to rob him of his substance, certainly O'Brien would have shot that man according to his own law and his own prophecy, and would then have cooked his supper. He surprised me for a day or two. I puzzled much over this phenomenon of a free man, who took his freedom so quietly and naturally that he never even discussed the subject, as we do, with enthusiasm, in England. What else? It was long since he was separated from his mother. Soon I found he was but a type. I met others like him in this country. Their innocence of the limitations of a careful man like myself was disconcerting. Once O'Brien casually proposed that I should "beat it," cut the ship, and make a traverse of that wild place to distant Colombia, to some unknown spot by the approximate source of a certain Amazon tributary, where he knew there was gold. First I laughed, and then found, from his glance of resentful candour, that he was quite serious. He generously meant this honour for me; and I think it was an honour for an elderly, quiet, and seasoned privateer like O'Brien, to invite me to be his only companion in a region where you must travel with alert courage and wide experience, or perish.

O'Brien, o discreto mestre de seu próprio tempo, com olhos que não pude ler, e sua arma, divulgava obliquamente em nossas conversas casuais juntos, uma semelhante indiferença ingênua para aceitar as coisas e a autoridade, que eu não tinha nada para exercitar, quando me medindo com ele. Ele era seu próprio padrão de conduta. Eu julgava que sua paciência para com a autoridade dos oficiais seria tolerante, e até mesmo cuidadosa, como os homens usam com crianças cheias de vontades. Ele não era um rebelde, como nós entendemos alguém que finalmente fica impaciente e raivoso, e então vota no outro partido. Suponho que ele não era oposto à autoridade, a menos que fosse oposta a ele. Ele estava fora de qualquer autoridade, senão a sua própria. Ele vivia sem a ajuda do Estado. Ele mesmo carregava a arma, sempre o símbolo de autoridade de um homem ou de um Estado; e, se qualquer homem tivesse tentado roubar-lhe a substância, certamente O'Brien teria atirado nesse homem de acordo com sua própria lei e sua própria profecia; teria então preparado sua ceia. Ele me surpreendeu por um dia ou dois. Intrigou-me demais esse fenômeno de um homem livre, que tomava sua liberdade tão tranquilamente e naturalmente, que ele nunca mesmo discutia o assunto, como nós fazemos com entusiasmo na Inglaterra. O que mais? Fazia muito tempo desde que tinha se separado da mãe. Logo eu descobri que ele era tão somente um tipo. Encontrei outros como ele nesse país. A inocência deles das limitações de um homem cuidadoso, como eu mesmo, era desconcertante. Uma vez, O'Brien propôs, casualmente, que eu deveria "bater em retirada"; deixar o navio e fazer uma travessia daquele lugar para a distante Colômbia; para algum ponto desconhecido, perto da aproximada nascente de um certo afluente do Amazonas, onde ele sabia que existia ouro. Primeiro eu ri, e depois descobri, através de seu olhar de sinceridade ressentida, que ele estava completamente sério. Generosamente, ele explicou esta honra para mim; e acho que era uma honra para um idoso, tranquilo e vivido soldado como O'Brien, convidar-me para ser seu único companheiro numa região onde se deve viajar com coragem alerta e ampla experiência, ou perecerá.

I have learned since he has gone to that far place alone. But what a time he will have. He will have all of it to himself. Well - I was thinking, when I refused him, of my old age pension. I should like to get it.

Men like O'Brien are called here, quite respectfully, "bad men," and "land sailors." The lawless lands of the South American republics - lawless in this sense, that their laws need be little reckoned by the daring, the strong, and the unscrupulous - seem particularly attractive to men of the O'Brien type. I got to like them. I found them, when once used to their feral minds, always entertaining, and often instructive, for their naïve opinions cut our conventions across the middle, showing the surprising insides. They dwell without bounds. As I have read somewhere, we do not think of the buffalo, which treats a continent as pasturage, as we do of the cow which kicks over the pail at milking time and jumps the yard fence. These men regard priest, magistrate and soldier with an indifference which is not even contemptible indifference. They are merely callous to the calculated effect of uniforms. When in luck, they are to be found in the cities, shy and a little miserable, having a good time. Their money gone, they set out on lonely journeys across this continent which show our fuss over authentic explorers to be a little overdone. O'Brien was such a man. He told me he had not slept under a roof for years. He had no home, he confessed to me once. Any place on the map was the same to him. He had spent his life drifting alone between Patagonia and Canada, looking for what he never found, if he knew what he was looking for. His travels were insignificant to him. He might have been a tramp talking of English highways. As he droned on one evening I began to doubt he was unaware that his was an extraordinary narrative. I guessed his unconcern must be an air. It would have been, in my case. I looked straight over at him, and he hesitated nervously, and stopped. Was he wasting my time, he asked? Prospecting for his illusion, his last journey was over the Peruvian Andes into Colombia.

Soube desde então que ele foi sozinho para aquele lugar distante. Mas que tempo ele terá. Ele terá todo o tempo para si mesmo. Bem, estive pensando em minha aposentadoria por velhice, quando recusei o convite. Gostaria de ter aceitado.

Homens como O'Brien são chamados aqui, muito respeitosamente, de “foras-da-lei” e “marinheiros da terra”. As terras sem lei das Repúblicas da América do Sul - sem lei neste sentido, que suas leis precisam ser consideradas pelo ousado, o forte e o inescrupuloso - parecem particularmente atrativas para homens do tipo de O'Brien. Aprendi a gostar deles. Eu os descobri, quando uma vez acostumado a suas mentes selvagens, sempre divertidas e, frequentemente, instrutivas, porque suas opiniões puras cortam nossas convicções ao meio, mostrando os interiores surpreendentes. Eles vivem sem limites. Como eu li em algum lugar, nós não pensamos no búfalo, que trata um continente como pastagem, como pensamos nas vacas, que dão coice no balde na hora de tirar o leite e saltam a cerca do curral. Estes homens respeitam padre, magistrado e soldado com uma indiferença que não é nem mesmo uma indiferença de desacato. Eles estão simplesmente calejados com o efeito calculado dos uniformes. Quando, por sorte, eles são encontrados na cidade, tímidos e um pouco infelizes, se divertindo. O dinheiro deles acabou, e eles se lançam em jornadas solitárias de um lado a outro deste continente, que mostra que nossa preocupação com esses autênticos exploradores está um pouco exagerada. O'Brien era um homem semelhante. Ele disse-me que não dormia debaixo de um teto há muito tempo. Qualquer lugar no mapa era o mesmo para ele. Tinha gastado sua vida andando sozinho entre a Patagônia e o Canadá, procurando o que nunca descobriu; se é que ele sabia o que procurava. Suas viagens eram insignificantes para ele. Poderia ter sido um vagabundo, conversando pelas estradas inglesas. Quando ele falou em tom monótono, uma noite, comecei a duvidar de que ele era inconsciente de que ele era uma narrativa extraordinária. Calculei que seu desinteresse deve ser uma atitude planejada. Teria sido, em meu caso. Eu o olhei com franqueza, ele hesitou nervosamente, e parou. Estava fazendo eu perder o meu tempo? Ele perguntou. Explorando sua ilusão, soube que sua última jornada tinha sido dos Andes peruanos para a Colômbia.

He broke an arm in a fall on the mountains, set it himself, and continued. On the Rio Yapura an Indian shot an arrow through his leg, and O'Brien dropped in the long grass, breaking the arrow short each side of the limb, and in an ensuing long watchful duel presently shot the Indian through the throat. And then, coming out on the Amazon, his canoe overturned, and the pickle jar full of gold dust was lost. He put no emphasis on any particular, not even on the loss of his gold.

He was pointed out to me first as a singular fellow who kept doves; a tall, gaunt man, with a deliberate gait, perhaps fifty years of age, in old garments, long boots laced to the knees, and a battered pith helmet. He strolled along with his eyes cast down. If you met him abroad, and stopped him, he answered you with a few mumbles while looking away over your shoulder. His big mouth drew down a grizzled moustache cynically, and one of his front teeth was gold plated. Before he passed on he looked at you with the haughty but doubtful stare of an animal. He seemed too slow and dull to be combustible. I ceased to credit those tales of his berserker rage. He always moved in that deliberate way, as if he were careful, but bored. Or he stood before his doves, and made bubbling noises in his loose, stringy throat. He embarrassed me with a present of many of the trophies he had secured in years of travel in the wilds. One day a negro and O'Brien were in mild dispute on the jetty, and the negro called the white a Yankee. The river was twenty feet below swiftly carrying its logs. O'Brien took the big black, and with vicious ease threw him into the water. The negro missed the floating rubbish, and struck out for the bank. No one could help him. By good luck he managed to get to the water-side; yet O'Brien meanwhile had hurried his long legs over the ties of the skeleton structure, his face transfigured, and was waiting for the negro to emerge, a spade in his hand. But under other circumstances I have not the least doubt he would have fought the Brazilian army single-handed, and so finished, in defence of that same negro.

Ele quebrara um braço numa queda nas montanhas, cuidou de si mesmo e continuou. No rio Japurá, um indígena flechou em sua perna e O'Brien caiu na relva alta, quebrando a flecha de cada lado do membro; e em um longo duelo vigilante depois, naquele momento deu um tiro na garganta do indígena. E depois, descendo pelo rio Amazonas, a canoa virou, e o vaso cheio de ouro em pó se perdeu. Ele não dava ênfase em nada em particular, nem mesmo na perda do seu ouro.

Ele chamou minha atenção primeiramente como um indivíduo singular que criava pombos; um homem alto, esquelético, com um jeito deliberado, talvez com cinquenta anos de idade, com vestimentas desgastadas, botas compridas amarradas nos joelhos, e um capacete com o centro amassado. Ele perambulava ao longo com seus olhos cabisbaixos. Se você o encontrasse a bordo, e o parasse, ele te respondia com alguns resmungos, enquanto olhava adiante por cima do seu ombro. A bocarra desenhava um bigode grisalho cinicamente, e um de seus dentes da frente era chapeado de ouro. Antes dele passar, olhava para você com soberba, senão o olhar duvidoso de um animal. Ele parecia muito lerdo e tedioso para ficar irritado. Parei de acreditar naquelas histórias de sua fúria frenética. Sempre se movia daquela maneira deliberada, como se estivesse cuidadoso, mas entediado. Ou ficava de pé diante de seus pombos e fazia alguns chiados em sua garganta solta e cheia de nervos. Ele me abraçou com um presente dos muitos troféus, que ele tinha garantido nos anos de viagem nas selvas. Um dia, um negro e O'Brien entraram em uma disputa meiga, na ponte-cais, e o negro chamou o branco de ianque. O rio estava a vinte pés abaixo carregando seus troncos velozmente. O'Brien pegou o negão, e com uma desenvoltura feroz o jogou dentro d'água. O negro não alcançou os basculhos que boiavam e debateu-se até o barranco. Ninguém podia ajudá-lo. Por sorte, ele se dirigiu para alcançar o outro lado do cais; mas O'Brien, nesse meio-tempo, tinha apressado suas pernas compridas por cima das amarras da estrutura do cais, seu rosto transfigurado, e estava esperando o negro surgir, com uma pá na mão. Mas, sob outras circunstâncias, não tenho a menor dúvida de que lutaria com qualquer pessoa do exército brasileiro, e vencido, em defesa daquele mesmo negro.

CHAPTER IV

NIGHT brought one of these men to each of our cabins, and put a party of them drinking in the saloon. After my habit of thinking of people in crowds, as an Anglican Church, or an ethical society, a labour movement, a federation of proprietors, or suffragists, or Jews, or stockbrokers' clerks, crowds moving with massed exactitude by the thousand at least, when prompted, this man O'Brien standing on his two legs by himself, old man Jim, and the rest, each of them defending and running his own particular kingdom, and governing that, ill or well - for I saw them fairly drunk now and then - and never waiting for a word from any master or delegate, made me wonder whether till then I had met a living man, or had heard merely of a population of bundles of newspapers. These men had no leaders. They attended to all that. Each had to find his own way. They were unrelated to anything I knew, and beyond the help of even a candidate for Parliament. I suppose they had never heard of a Defence League. They could have found no use for it, because a challenge to defend themselves would never catch them unwilling or unable. Each man soldiered himself, and perhaps was rather too ready to deal with a show of insolence, or an assumption of power in another. Yet they were not the violent and headstrong fellows of romantic tales. They were simple and kind, submitting with a sick smile to the prickly ridicule of their fellows round the board. They regarded meat, drink, and tobacco as common; they were ready to leap into the dark for a friend.

There was one young bearded Englishman among them who was more than a friendly figure to me. All were friendly; but the Americans bore themselves with the easy assurance of the favoured heirs of Adam; though their successful work in that tropical swamp perhaps justified them.

CAPÍTULO 4

A NOITE trazia esses homens para cada um de nossos camarotes; e colocava uma parte deles em grupos, como em uma igreja Anglicana, ou uma sociedade ética, um movimento de operariados, uma federação de proprietários, ou sufragistas, ou judeus, ou corretores da Bolsa de Valores; multidões se movimentando com exatidão concentrada por mil, pelo menos, quando solicitada; este homem O'Brien, permanecendo sobre suas duas pernas, o velho Jim, e o resto, cada um defendendo e conduzindo seu próprio domínio particular, e governando aquilo, bem ou mal - porque eu os via razoalmente bêbados de vez em quando, e nunca esperando por uma palavra de nenhum patrão ou delegado - me fizeram imaginar se até então eu tinha encontrado um homem vivo, ou ouvido falar meramente de uma população dos maços de jornais. Esses homens não tinham líderes. Eles cuidavam de tudo aquilo. Cada um tinha que encontrar seu próprio caminho. Eles não estavam relacinados a nada que eu conhecesse; e sem o auxílio até mesmo de um candidato ao Parlamento. Suponho que eles nunca tinham ouvido falar de uma Liga de Defesa. Eles não podiam encontrar uso para isso, porque um desafio para defendê-los nunca os pegaria relutantes ou incapazes. Cada um dos homens policiava-se a si mesmo; e talvez fosse muito mais preferível lidar com uma amostra de insolência, ou uma admissão de força no outro. Entretanto, eles não eram indivíduos violentos e teimosos dos contos românticos. Eles eram simples e gentis, submetendo-se com um sorriso angustiado ao ridículo espinhoso de seus companheiros em volta da mesa. Eles consideravam a comida, a bebida e o tabaco como comum a todos; eles estavam prontos para saltar na escuridão por um amigo.

Havia um jovem inglês barbudo entre eles, que era mais do que uma figura cordial para mim. Todos eram cordiais; mas os norte-americanos se aborreciam com a fácil segurança dos herdeiros favorecidos de Adão; embora o trabalho bem-sucedido deles, naquele brejo tropical, talvez os justificassem.

The Englishman had less of that assurance of a unique favour which was so completely bestowed that irresolution never shook the aplomb of its lucky inheritors. He came into my cabin one night, hoping he was not disturbing me, and bringing as a present a sheaf of native arrows tipped with red and blue macaw feathers, as he had promised.

"They come from Bolivia - forest Indians - three hundred miles from here." He explained he had reached our point in the Brazilian forest from the Pacific side. He had crossed the mountains, descended to the level jungle at the base of the Andean wall, and followed the rivers eastward, alone in a canoe till he chanced upon our steamer unloading Welsh fuel into a forest clearing. To a new-comer in a mysterious land, this was a clear invitation to listen, and I looked at the man expectantly. He was lighting his pipe. The country through which he must have passed was unknown, as our maps showed. But he simply indicated that manner of his advent, as though it were the same as any other, and sat looking through the door of my cabin, smoking, absently gazing at the night scene on the after-deck.

The hombres were working at the hold immediately below us, their labours made obscurely bright by a roaring flame of volatalised oil. The light pulsed on the face of the Englishman, and chequered my cabin in black and luminous gold. Of all the region of forest about us nothing showed but a cloud of leaves, which leaned towards us out of the night, supported on two pale, tremulous columns. The hold of the ship was a black rectangle, and the almost naked negroes and brown men moving about it, or peering into the chasm, were like sinister figures on an inscrutable business about the verge of the pit. They were not men, but the debris of men, moving with awful volition, merely a bright cadaverous mask hovering in a void, or two arms upheld, or a black headless trunk.

Os ingleses tinham menos daquela segurança de um único merecimento, que era tão completamente concedida, que a irresolução nunca balançava a presença de espírito de seus herdeiros afortunados. Uma noite, ele veio ao meu camarote, esperando que não estivesse me importunando, e trazendo, como presente, um feixe de flechas nativas enfeitadas nas pontas com penas azuis e vermelhas de arara, como ele tinha prometido.

“Eles vêm da Bolívia - são indígenas da floresta - a trezentas milhas daqui”. Ele disse que tinha alcançado nosso ponto na floresta brasileira vindo do lado do Pacífico. Ele tinha cruzado as montanhas, descido para a floresta na base da Cordilheira dos Andes, e seguido os rios rumo a leste, sozinho em uma canoa, até que alcançou, por acaso, nosso vapor descarregando combustível galês numa clareira da floresta. Para um recém-chegado em uma terra misteriosa, isso era um convite claro para o ouvir; e eu olhei para o homem com expectativa. Ele estava acendendo o cachimbo. A região por onde ele devia ter passado era desconhecida, como nossos mapas mostravam. Mas ele simplesmente indicou daquele jeito a sua chegada, como se fosse a mesma que qualquer outra, e sentou-se olhando pela porta de meu camarote, fumando, absorto, olhando a cena noturna no convés da frente.

Os *hombres* estavam trabalhando no compartimento imediatamente abaixo de nós; seus trabalhos produziam brilhos vagos por meio de um lampejo barulhento de óleo volatilizado. A luz pulsava no rosto do inglês e enchia meu camarote de um tom dourado reluzente e escuro. De toda a região de floresta ao nosso redor nada se mostrava, somente uma nuvem de folhas, que se curvava em nossa direção fora da noite, apoiada sobre duas colunas empalidecidas e trêmulas. O casco do navio era um retângulo escuro; e negros seminus e homens morenos movendo-se em volta dele, ou olhando atentamente para dentro do abismo, eram como figuras sinistras em um negócio impenetrável na beira do buraco. Eles não eram homens, mas os escombros de homens, movendo-se com volição espantosa, meramente uma brilhante máscara cadavérica flutuando em um vazio, ou dois braços erguidos, ou um tronco preto sem cabeça.

For the roaring illuminant on deck dismembered the ship and its occupants, bursting into the weight of surrounding night as a fixed explosion, beams rigid and glowing, and shadows in long solid bars radiating from its incandescent heart.

"I'm glad you're here," said my companion. He never gave me his name, and I do not know it now. "I hav'n't heard home talk for a year. Hav'n't heard much of anything. A little Spanish coming along; and here some American". We continued looking at the puzzling, disrupted scene outside for some time without speaking, secure in a chance and lucky sympathy. Then a basket of coal tipped against a hatch coaming and whirled away, scattering the men. We rose to see if any were hurt.

"Curious, this desperate haste, isn't it?" said the Englishman. "At every point of the compass from here there's at least a thousand miles of wilderness. Excepting at this place it wouldn't matter to anybody whether a thing were done to-night, or next week, or not at all. But look at those fellows - you'd think this was a London wharf, and a tide had to be caught. Here they are on piece-work and overtime, where there's nothing but trees, alligators, tigers, and savages. An unknown Somebody in Wall Street or Park Lane has an idea, and this is what it does. The potent impulse! It moves men who don't know the language of New York and London down to this desolation. It begins to ferment the place. The fructifying thought! Have you seen the graveyard here? We've got a fine cemetery, and it grows well. Still, this railway will get done. Yes, people who don't know what it's for, they'll make a little of it, and die, and more who don't know what it's for, and won't use it when it's made, they'll finish it. This line will get its freights of precious rubber moving down to replenish the motor tyres of civilisation, and the chap who had the bright idea, but never saw this place, and couldn't live here a week, or shovel dirt, or lay a track, and wouldn't know raw rubber if he saw it, he'll score again. Progress, progress! The wilderness blossoms as the rose. It's wonderful, isn't it?"

Porque o barulho luminoso no convés desmembrava o navio e seus ocupantes, irrompendo no peso da noite circundante, como uma explosão fixa, vigas rígidas e brilhantes, e sombras em longas barras sólidas radiando de seu coração incandescente.

“Estou feliz que você esteja aqui” - disse meu companheiro. Ele nunca me disse seu nome, e eu não o sei agora. “Não ouço falar de casa faz um ano. Não se tem ouvido muito de nada. Alguns espanhois que estão vindo; e aqui alguns norte-americanos. Continuamos olhando para a cena intrigante e atrapalhada do lado de fora sem falarmos durante algum tempo, seguros em uma simpatia accidental e afortunada. Então, um balde de carvão tombou na beira de uma escotilha e despençou, espalhando os homens. Nos levantamos para ver se alguém estava machucado.

“É curiosa esta pressa desesperada, não é?” - disse o inglês. “A cada ponto da bússola, há pelo menos uma milha de selva. Exceto neste lugar, ninguém se importaria se uma coisa fosse feita esta noite, ou na semana seguinte, ou de modo algum. Mas veja estes indivíduos - podia-se pensar que isto era um cais inglês, e uma maré tivesse que ser aproveitada. Aqui eles estão trabalhando por produção e hora-extra de trabalho, onde não há nada, a não ser árvores, jacarés, onças e selvagens. Uma pessoa desconhecida em Wall Street, ou Park Lane, tem uma ideia, e isto é o que acontece. O impulso potente! Move homens que não conhecem a linguagem de Nova Iorque e Londres para descerem para esta desolação. O lugar começa a fermentar. O pensamento frutificante! Você viu o cemitério daqui? Temos um excelente cemitério, e ele cresce bem. Calma, esta ferrovia será feita. Sim, pessoas que não sabem para que ela servirá a constroem um pouco e morrem, e mais pessoas que não sabem para que ela servirá e, que não a utilizarão quando estiver construída, a terminarão. Esta ferrovia pegará seus fretes de borracha preciosa levando para reabastecer as rodas do motor da civilização, e o sujeito que teve a brilhante ideia, mas nunca viu este lugar, e não podia viver aqui uma semana, ou remover lama, ou abrir uma trilha, e não reconheceria borracha em estado natural, se ele a visse, obterá êxito novamente. Progresso, progresso! A imensidão floresce como uma rosa. É linda, não é?”

I was just a little annoyed. After all, I was part of the job. I'd made my sacrifices, too. But I admitted what he said. Why not? It was something, that fancy, that every rattle of the winch outside, bringing up another load, moved abruptly under the impulse of another thought from London Town - six thousand miles away; two months' travel. Great London Town! It was true. If London shut off its good will that winch would stop, and the locomotives would come to a stand to rot under the trees, and the lianas would lock their wheels; and in a month the forest would have foundered the track under a green flood. Where the American accent was dominant, the jaguars would moan at night. That long wound in the forest would be annealed and invisible in a year. While it persisted, the idea could conquer and maintain.

"Yes, but it's all chance," said the Englishman. "That uncertain and impersonal will controls us. Have you ever worked desperately, the fever in your bones, at a link in a job the rest of which was already abandoned, though you didn't know it? Yet perhaps even so there is something gained, the knowledge that all you do is fugitive, that there is nothing but an idea, which may be withdrawn without warning at any moment, under the most complicated and inspiring structure. Having that foreknowledge you can work with a light heart, secure against betrayal, ready with your own laugh when the mockery comes. A community finds it must have a bridge; Wall Street hears of it, and finances a contractor, who finds an architect to design it. An army builds it. And then this blessed old planet moves in its sleep, and the obstructing river flows another way. Well for us we can rarely see the beginning and the end of the work we are doing. Most of the men on this job have not been here three months. They come and shovel a little dirt, and die. Or they get frightened, and go.

Eu estava apenas um pouco aborrecido. Afinal de contas, eu era parte do trabalho. Eu tinha feito meus sacrifícios também. Mas eu concordava com o que ele dizia. Por que não? Era alguma coisa, aquela fantasia, que cada chocalho do guincho do lado de fora apresentando outro fardo, se movia abruptamente debaixo do impulso de outro pensamento da cidade de Londres - a seis mil milhas de distância; dois meses de viagem. A formidável cidade de Londres! Era verdade. Se Londres barrasse sua boa vontade, aquele guincho pararia, e as locomotivas viriam para um lugar para apodrecer debaixo das árvores, e os cipós emaranhariam suas rodas; e em um mês, a floresta teria afundado a trilha em uma inundação verde. Onde o sotaque norte-americano era dominante, as onças rugiriam à noite. Aquela longa ferida na floresta estaria fechada e invível em um ano. Enquanto ela persistisse, a ideia podia conquistar e se manter.

“Sim, mas tudo é oportunidade” - disse o inglês. “Aquele vontade incerta e impessoal nos controla. Você já trabalhou desesperadamente, a febre em seus ossos, em uma conexão de um trabalho que o resto dele já foi abandonado, embora você não soubesse? Todavia, talvez ainda haja algo a ser ganho, o conhecimento de que tudo que se faz é efêmero; que não há nada, senão uma ideia, que pode ser retirada sem avisar em nenhum momento, debaixo da estrutura mais complicada e influenciável. Obtendo essa presciência, pode-se trabalhar com um coração alegre, seguro contra a traição, e preparado com sua própria risada, quando o escárnio vier. Uma comunidade descobre que deve construir uma ponte; Wall Street ouve falar e financia um empreiteiro, que encontra um arquiteto para desenhá-la. Um exército a constroi. E assim este velho e abençoado planeta move-se em seu sono, e o rio obstruído corre em outra direção. O bem para nós é que raramente podemos ver o início e o término deste trabalho que estamos fazendo. A maioria dos homens neste trabalho não estava aqui há três meses. Eles vêm e cavam um pouco de lama e morrem. Ou ficam assustados e dão o fora.

But that idea, that remains here, using up men and forests, using up all that comes within its invisible influence, drawing in material and pressing it into its unseen mould, so that out of the invisible sprouts a railway, projecting length by length, transmuted men and timber. A courtier once gave his cloak to Queen Elizabeth to save her feet; but what is that when these men give their bodies to make an easier road for the commerce of their fellows? They say every sleeper on a tropical line represents a man. The conquering human, who lives by dying!

"The unseen idea remains - some stranger's idea - of gain; profit out of a necessity not his, filled by other men unknown to him. You can't escape it. First and last, it uses you. It uses you up. You may twist and double, but 'when me you fly, I am the wings,' as Emerson says. Once, once, I deliberately tried to escape from it, to get out of its range. I thought it was local, that idea, a mean and local urge. I believed I had escaped it too. I was young, though, then. But we all try when we're young. There is but one way of escape - you may use up others; but that isn't an easy way of escape, for some of us.

"No alternative but that, and a man cannot take it. There you are; use, or be used. Once I thought I had escaped. Once upon a time, every morning at eight o'clock, I went to an office in Leadenhall Street. Know that place? My first job. I was one in a crowd of fifty clerks. We sat on high stools, facing each other across double-desks. There were brass rails above each desk, where we rested ledgers and letter baskets. Each of us marked his stool somewhere with a personal symbol.

Mas aquela ideia, ela permanece aqui, consumindo homens e florestas, consumindo tudo que adentra sua influência invisível, sugando material e empurrando-o para dentro de sua natureza imprevista, até que fora de brotos invisíveis, uma ferrovia, projetada extensão por extensão, transforme homens e madeira. Um cortesão, uma vez, deu sua capa à rainha Elizabeth para proteger-lhe os pés; mas o que significa isso, quando estes homens dão seus corpos para construir uma estrada mais fácil para o comércio de seus companheiros? Eles dizem que cada dormente, na ferrovia tropical, representa a vida de um homem. O humano conquistador, que vive pela morte!

“A ideia invisível permanece - alguma ideia estranha - de lucro; lucro completamente de uma necessidade não dele, preenchida por outros homens desconhecidos dele. Não se pode escapar dela. Ao todo, ela usa você. Ela esgota você. Pode-se enrolar e mudar o curso, mas “quando eu e você voamos, eu sou as asas”, como Emerson diz. Uma vez, uma vez, eu deliberadamente tentei escapar dela, cair fora de seu alcance. Pensei que essa ideia fosse local, um significado e um ímpeto locais. Acreditava que eu tivesse escapado também. Eu era jovem, no entanto. Mas nós todos tentamos quando somos jovens. Há somente uma maneira de escapar - pode-se consumir outros; mas essa não é uma maneira fácil de escapar, para alguns de nós.

“Nenhuma outra alternativa, senão esta, e um homem não pode tomá-la. Aí está você; use ou seja usado. Uma vez pensei que eu tinha escapado. Há muito tempo, toda manhã, às oito horas, eu ia para um escritório em Leadenhall Street. Conhece aquele lugar? Meu primeiro emprego. Eu era um em um grupo de cinquenta funcionários. Nos sentávamos em tamboretes altos, olhando um para o outro de um lado a outro das escrivaninhas duplicadas. Havia corrimões de metal em cima de cada escrivaninha, onde colocávamos os livros-caixas e as cestas com as faturas. Cada marcava seu tamborete em algum lugar com um símbolo pessoal.

My own, my sole point of vantage there, my support in life, that high stool; and I would have been prepared to maintain it upright - following our office code of honour, I as firm as may be upon it - even if, treacherously blabbing, I had had to deprive all my fellow-clerks of their supports in life. We were not a community, working out a common ideal. An idea used us. And that was a job I got as a favour, mark you. Some one had known my dead father.

"I knew the name of my boss, but that was all. I never spoke to him. I used to see him, a middle-aged man with sad eyes and a petulant mouth, clean shaved, and bald headed. He came in a carriage every morning, and went straight to a room kept from us by opaque glass. I used to wonder what he did in there. He rarely came into the office. When he did come into it, his was the only voice which ever spoke there above a whisper; a sharp, startling, and minatory voice. But we rarely saw him there. A bell would ring, a sinister summons on the ceiling over the desk of a principal clerk, and that chap would drop anything he was doing, anything, and go. I've seen my senior clerk, an elderly man in spectacles, jump as if he'd been struck when his bell whirred. It was such an awfully solemn place. Nobody ever thought of calling across that room, but would go round to another desk, and whisper. You felt you were part of a grave and secret plot, scribbling away to bring it to a completion, and that all your fellow-conspirators were possible traitors.

"But the plot was never complete. It went on and on, day after day, in an everlasting, suffocating sanctity, with the opaque shining glass front of the private room overlooking us, a luminous face entirely blank, though you knew the brain behind it saw everything, and was aware of all. It even knew old Beckwith, my senior, had got deeply into debt through his wife's doctor's bills, and had been fool enough to go to the moneylenders.

O meu próprio, meu único ponto de vantagem ali, meu suporte na vida, aquele tamborete alto; e eu teria sido preparado para mantê-lo verticalmente - seguindo nosso código de honra do escritório, eu tão firme quanto podia estar em cima dele - mesmo se, traiçoeiramente falando demais, tivesse tido de destituir todos os meus companheiros-funcionários de seus suportes na vida. Não éramos uma comunidade fazendo funcionar um ideal comum. Uma ideia nos usava. E aquele era um emprego que eu consegui como um favor, veja você. Alguém tinha conhecido meu falecido pai.

“Eu sabia o nome do meu patrão, mas isso era tudo. Nunca falei com ele. Costumava vê-lo; um homem de meia idade, com olhos tristes e uma boca petulante, barba feita, e calvo no topo da cabeça. Ele vinha em uma carruagem toda manhã e seguia direto para uma sala separada de nós por um vidro opaco. Eu costumava imaginar o que ele fazia dentro dela; a voz dele era a única que sempre falava ali além de um sussurro; uma voz aguda, sobressaltante e ameaçadora. Mas nós raramente o víamos ali. Uma campainha tocava, uma intimação sinistra no teto em cima da escrivaninha de um funcionário-chefe; e aquele camarada largaria qualquer coisa que estivesse fazendo, qualquer coisa, e iria. Eu via meu chefe, um homem idoso de óculos, pular como se tivesse sido espetado, quando a campainha dele tocava. Ninguém jamais pensava em chamar de um lado a outro daquela sala, mas iria em volta de uma outra escrivaninha e sussurraria. Sentia-se que era parte de um plano secreto e grave, rabiscando um caminho para trazê-lo a uma conclusão, e que todos os seus companheiros-conspiradores eram possíveis traidores.

“Mas o plano nunca era completado. Seguia adiante, dia após dia, em uma perpétua e sufocante santidade, com a frente de vidro opaco e brilhante da sala tolerando-nos, um rosto luminoso completamente vazio, embora você soubesse que o cérebro atrás dele via tudo, e estava consciente de tudo. Até mesmo sabíamos que o velho Beckwith, meu chefe, tinha se afundado em dívidas por causa das contas médicas de sua esposa, e tinha sido tolo o suficiente para procurar os agiotas.

His bell sprang a summons one morning; in Beckwith went; came out again, looking grey, poor old perisher, went straight to the hat rack, passed awkwardly through the swing doors, letting in a burst of traffic noise from the street, while we watched him furtively, and that was the last of Beckwith. I have heard our boss was a rigid moralist. He said a man who drank, gambled, or got into debt, not being able to control his own life, was no good for the business of another man. A system should have no bowels. Out the incompetent had to go. It was Spartan, but it paid twenty per cent., I've heard. Once we had a rebellious interruption of our sacred quiet, but only once. I never knew exactly why it was. We had a huge factory somewhere in the East End - Cubitt Town way - and one afternoon a woman came to the counter, and asked for the cashier. She was so obviously East End, in a shawl, that the counter clerk was shocked at the bare idea of it. She kept demanding the cashier. The clerk politely, but nervously, because of her rising, emotional voice, resisted her. She began to shout. We all stopped to see what would happen. Shouting there! She was still crying out - she wanted justice for a daughter whose body had got into a machine, I think - and the cashier was forced to appear. I was surprised that he was so quiet with her. She was weeping hysterically at our polished mahogany counter, with its immaculate blotters, and flat, crystal ink-pots, where there were men in silk hats, looking at the unusual scene sideways and smiling. She could not be pacified; and suddenly she picked up an ink-pot, and hurled it through that frozen glass face of the private room. A devastating crash. The shocking, raucous horror of blasphemy. The silence following was unendurable. We looked to the private door for outraged power to appear. Nothing happened. A policeman came and removed the woman, the cashier smiling indulgently at the officer, and shaking his head. The system, after a momentary halt, moved on again, broad, serene, and irresistible.

A sua campainha o intimou numa manhã; para dentro da sala Beckwith seguiu; saiu novamente parecendo triste, um pobre perecedor; seguiu direto para o cabideiro de chapéu, passou desastradamente pelas portas movediças permitindo-se a uma explosão de barulho do tráfego da rua, enquanto nós o olhávamos furtivamente; e esse foi o fim de Beckwith. Ouvi dizer que nosso patrão era um moralista rígido. Ele dizia que um homem que bebia, fazia apostas, ou adquiria dívidas, não sendo capaz de controlar sua própria vida, não era bom para o negócio de outro homem. Um organismo não deveria ter intestinos. Para fora a incompetência tinha que ir. Era espartano, mas pagava vinte por cento..., ouvi dizer. Uma vez, tivemos uma interrupção rebelde de nossa tranquilidade sagrada, mas somente uma vez. Nunca soube exatamente por que aconteceu. Tínhamos uma fábrica enorme em algum lugar em East End - no caminho da cidade de Cubitt - e uma tarde, uma mulher veio até o balcão e perguntou pelo responsável do caixa. Ela era muito obviamente de East End, em um xale, que o funcionário do balcão ficou chocado com a ideia. Ela manteve-se exigindo do caixa. O funcionário polidamente, mas nervosamente, devido ao aumento da voz emocional dela, resisitiu-a. Ela começou a gritar. Nós todos paramos para ver o que aconteceria. Gritos ali! Ela estava quase chorando - ela queria justiça por uma filha, cujo corpo tinha entrado em uma máquina, eu acho - e o caixa foi forçado a aparecer. Fiquei surpreso que ele estivesse tão calmo com ela. Ela estava chorando histericamente em nosso balcão de mogno polido, com seus imaculados mata-borrões, potes rasos de tinta de cristal, onde havia homens com chapéus de seda olhando para a cena incomum, do lado, e sorrindo. Ela não se acalmava; e, de repente, pegou um pote de tinta e arremessou-o naquela parede de vidro resfriado da sala particular. Um choque devastador. O choque, horror rouco de blasfêmia. O silêncio seguinte foi insuportável. Esperamos pela força ultrajante da sala particular aparecer. Nada aconteceu. Um policial veio e levou a mulher; o caixa sorrindo indulgentemente para o diretor e balançando a cabeça. O sistema, depois de uma pausa momentânea, se moveu novamente, amplo, sereno e irresistível.

"I never catch the smell of an open Bible now but it conjures a picture of that arid office, angular, polished, and hard, where the ledgers before the disciplined men exude a dusty, leathery smell. But there I stayed for years, smelling it, and making out bills of lading and invoices. It was my lot. There was a junior who assisted me, a chap with flat, shiny hair parted in the middle. He had a habit of whispering about girls, when he was not whispering about the music hall last night, or the football next Saturday. When the cashier, a young man, and a relative of the boss, came walking down the avenue of desks, his sharp eyes narrowed to slits, and his mouth a little open, it was funny to see my junior put on speed, and get an intent and earnest look in his face.

"When I was done for the day, I'd get my book out of my bag, and wonder, going home, whether I'd ever see those places I read about, Java, India, and the Congo, where you went about in a white helmet and a white uniform, and did things in a large, directive way, helping Indians and niggers to make something of their country. Not this niggling, selfish, pretty chandlery written large in stone, mahogany, and glass, disguised in magnitude and gravity. Cocoon palm trees and forests with untold tales. But like the boys who found fun with the girls, with music halls and football, but were afraid of the sack. I did nothing. I was even afraid of the girls.

"One day as usual I went with some of the other fellows to lunch, at an A.B.C. shop. We always went there. The girls knew us and would smile at our jokes. Small coffee and a scone and butter. My life! I found a *Telegraph* some one had left on a chair, and I read it more because I didn't want to listen to that virulent abuse of our mean cashier - he certainly was mean - than because I wanted to read. In it, by chance, I noticed an advertisement for a book-keeper who would go to the tropics. That I noted. Of course, I stood no chance. But I could try.

“Nunca apreendi o cheiro d'uma Bíblia aberta, mas ele conjura uma imagem daquele escritório árido, angular, polido e sólido, onde os livros-caixas diante dos homens disciplinados exsudam um cheiro poirento e inflexível. Mas fiquei ali durante anos cheirando-o e decifrando contas e faturas de carregamentos. Foi minha sorte. Tinha um aprendiz que me assistia; um camarada com um cabelo achatado e brilhante repartido no meio. Ele tinha o hábito de cochichar sobre garotas, quando não estava cochichando a respeito da música do bar da noite passada, ou do futebol do próximo domingo. Quando o caixa, um homem jovem, e um parente do patrão, vinha caminhando entre as fileiras de escrivainhas, seus afiados olhos apertados para os cantos e a boca um pouco aberta, era engraçado ver meu aprendiz se apressar e dar uma olhada proposital e séria para o rosto do caixa.

“Quando o dia de trabalho tinha findado, eu pegaria meu livro de minha bolsa e imaginava, indo para casa, se eu, de qualquer modo, veria aqueles lugares que eu tinha lido a respeito, Java, Índia e o Congo; onde se circulava em um capacete e um uniforme brancos, e fazia as coisas de um modo amplo e diretivo, ajudando indígenas e negros a fazer algo do país deles. Não essa chata, egoísta e trivial escrita ampla na pedra, no mogno e no vidro, disfarçada em magnitude e gravidade. Coqueiros e florestas com histórias inenarráveis. Mas, como os rapazes que descobriram a diversão com as garotas, com danceterias e futebol, mas estavam com medo do saque, eu não fazia nada. Eu ficava até com medo das garotas.

“Um dia, como de costume, fui lanchar com alguns dos companheiros, em uma lanchonete do A.B.C. Sempre íamos ali. As garotas nos conheciam e sorriam de nossas piasdas. Um cafezinho, um biscoito e manteiga. Minha vida! Encontrei um telegrama que alguém tinha deixado em uma cadeira, e eu o li mais porque eu não queria ouvir aquele virulento abuso de nosso instrumento de caixa - ele certamente era um instrumento - do que porque eu quisesse lê-lo. No telegrama, por sorte, eu notei um anúncio para um escriturário que iria para os trópicos. Tomei nota daquilo. Lógico, eu não tinha nenhuma chance. Mas podia tentar.

"That night at home I wrote an application. I wrote it, I think, a dozen times, till the letter was impeccable, a thing of beauty and precision. I felt this was a most momentous affair. Whether it was the excitement of doing something in the veritable direction of romance, or whether it was through reading 'Waterman's Wanderings' I don't know, but I remember a curious dream I had that night. I was alone in a forest which made me afraid and expectant. It was still and secretive. You know the empty stage in an unnatural, rosy light, with a glorified distance in which you expect a devil or a fairy queen to appear. There was a hammock hanging motionless from a branch. Something was in it, but I could not see what. That hammock was as still as the leaves hanging over it. Then the hammock shook, and a girl rose in it and smiled at me. She was tiny, but adult, and her eyes were shining in the dusk of her hair, which fell thickly over her little, coffee-coloured breasts.

"A telegram came for me, just as I was leaving for the office one morning. It required me to call on Mr. Utah R. Brewster at the Hotel Palace, that very day, but at a time when I should have been industriously at work for another. The question was, should I catch that morning 'bus I had never missed - or take all the possibilities beyond this door which promised to open on romance? I made up my mind, which went drunk with rebellion. I got into my seventh-day clothes. Utah R. Brewster and freedom! The Black-wall 'bus - do you remember those old hearses, with a straight companion ladder to the upper deck where the outside passengers sat, knees up, back to back along the middle? - well, it had to go by the office, and I was actually in doubt whether, aware of my unprecedented revolt, it would stop outside the familiar glum office and lawfully refuse to budge till I alighted.

“Naquela noite, em casa, escrevi uma petição. Eu a escrevi, eu acho, umas doze vezes, até que a carta estivesse impecável, um objeto de beleza e precisão. Sentia que isso era um acontecimento de um grande momento. Se era a excitação por fazer algo na direção verdadeira do romance, ou se era pela leitura de *Waterman's Wanderings* (As andanças do homem das águas) eu não sei, mas lembro de um sonho curioso que eu tinha tido naquela noite. Eu estava sozinho na floresta, que me deixava assustado e ansioso. Estava silenciosa e misteriosa. Você conhece o palco vazio com uma luz artificial de cor rosa, com uma distância magnífica, em que você espera um demônio ou uma fada rainha aparecer. Havia uma rede pendurada, imóvel, em um galho. Alguma coisa estava dentro dela, mas eu não podia ver o que era. Aquela rede estava tão parada, quanto as folhas penduradas em cima dela. Então a rede se balançou e uma garota se levantou e sorriu para mim. Ela era pequenina, mas adulta; e seus olhos estavam brilhando na penumbra de seu cabelo, que caía pesadamente por cima de seus pequenos seios cor de café.

“Chegou um telegrama para mim, exatamente na hora em que eu estava saindo para o escritório, numa manhã. Dizia-me que recorresse ao senhor Utah R. Brewster, no Hotel Palace, naquele mesmo dia, mas numa hora em que eu deveria estar industriosamente no trabalho, ao lado de outros. A questão era: deveria pegar aquele ônibus da manhã, que eu nunca tinha perdido - ou pegar todas as possibilidades para além daquela porta, que prometiam se abrir em romance? Examinei minha mente, que ficou embriagada com rebelião. Peguei minhas roupas de domingo. Utah R. Brewster e liberdade! O ônibus de Blackwall - lembra-se daqueles antigos carros fúnebres, com uma escada da companhia direto para a parte superior, onde os passageiros se sentam, um grupo, de costas uns para os outros na extensão do meio? - bem, tinha que passar pelo escritório e eu estava realmente em dúvida se, consciente de minha revolta sem precedente, ele pararia em frente ao aborrecente escritório familiar e legitimamente se recusaria a se mover até que eu descesse.

It went on, blundering past the place, all strangely unconscious of what it was doing, bearing me with my courage screwed down to bursting-point. The driver even said what a lovely May morning it was.

"The Hotel Palace! I had often seen that ornate building when Saturday afternoon release took me west. Red carpeting on the steps, a glimpse of ferns, women all as strange as exotics going in and out, and between me and it a chasm which cut clear to the very centre of the earth. I carried my attack beyond the portals. It was nothing, after all. A flunkey put me in a chair too full of cushions to be easy, and I watched men and women who, at that time of the day, when all the folk I knew were making desperate and cunning efforts to keep their places here safe - I watched those men and women behaving as though all eternity were theirs, and it was the angels' business to bear them up. It was as great a mystery to me whose every week-day morning was the inviolate possession of another, as Joshua's solar miracle. I was called, led along a silent corridor full of shut doors, and after a long walk found myself beyond all the noise of London, far in solitude with a man in a dressing-gown, who stood before a fire, working a cigar with strong, mobile lips. He put up a monocle, and looked at me shyly. Then began to walk up and down the hearth-rug, talking.

Seguiu adiante, inseguramente passou do lugar; todos estranhamente inconscientes do que eu estava fazendo, mantendo-me com minha coragem fixada a ponto de explodir. O motorista até disse que manhã maravilhosa de maio era aquela.

“O Hotel Palace! Tinha visto com frequência aquele edifício adornado, quando as tardes de sábado de folga conduziam-me para oeste. Carpetes vermelhos nos degraus, um lampejo de samambaias, mulheres, todas tão estranhas quanto exóticas, entrando e saindo, e entre mim e o carpete, um abismo que abria caminho para o próprio centro da terra. Continuei minha investida para além dos portais. Não era nada, afinal. Um serviçal colocou-me em uma cadeira bem cheia de almofadas para ficar tranquilo; e eu observava homens e mulheres que, naquela hora do dia, quando todas as pessoas que eu conhecia estavam fazendo um sério e desesperado esforço para manter seus lugares aqui garantidos - eu observava aqueles homens e mulheres comportando-se como se toda eternidade fosse deles, e fosse trabalho dos anjos aguentá-los. Era um mistério tão maravilhoso para mim, que cada manhã dos dias da semana fosse a inviolável possessão de outra, como o milagre solar de Josué¹³⁵. Fui chamado, conduzido por um corredor silencioso cheio de portas fechadas; e, depois de uma longa caminhada, encontrei-me para além de todo o tumulto de Londres, distante na solidão, com um homem vestido em uma camisola, que estava de pé diante de uma lareira, prendendo um charuto com lábios móveis e fortes. Ele pegou um monóculo e olhou para mim timidamente. Então começou a andar para cima e para baixo no tapete da lareira, falando.

135“Então Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor deu os amorreus na mão dos filhos de Israel, e disse aos olhos dos israelitas: Sol, detém-te em Gideom, e *tu* lua, no vale de Ajalom. E o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos”. (Josué cap. 10, vers. 12 - 13).

"Well,' he said. 'All right. I guess you'll do. Say, you look pretty fit. You don't drink, eh? Don't get nervous when you see the dead, huh? All right.' He put his monocle back into his eye, and grinned at me. I told him, in a rush, how much I wanted to see the tropics. He said nothing. He got a large blue map, intricate with white lines, and told me of The Company. The Job.

"I did not fully comprehend it then. I don't now. He left out too much. There was no beginning and no ending. There was hardly a middle. He merely indicated unrelated points; but at any rate the points were so widely sundered and so different that the bare indication of them conveyed a sense of an enormous undertaking, difficult, important, and necessary. Work for an army. I should be but an insignificant sutler in that army. But at least I should be one in it, one of those putting this important affair through for future generations. The communal idea, this. The very size of it gave me a sense of security. It was too broad-based to collapse. Success was inherent in its impersonal nature. A state affair. Brewster briefly mentioned some showy names, names of great financiers. They were my generals, and I should never see them. But their reputations were partly in my keeping.

"Hallelujah! I had escaped. I never went back to the office. I never replied to its curt inquiry. In a week I sailed from Liverpool. Much I heard, on the mail boat, of The Company, this new enterprise which was going to make a tropical region one of the richest countries in the world; develop it, fling its riches to all. In four weeks more I arrived at a small tropical island, at which I had to wait for The Company's tug to take me to the mainland and my business.

“Bem. Tudo bem” - ele disse. “Acho que você servirá. Digo, você parece em boa condição física. Você não bebe, né? Não fica nervoso quando ver um defunto, hein? Tudo bem”. Ele colocou seu monóculo de volta em seu olho e deu um sorriso largo para mim. Falei-lhe, apressado, o quanto eu queria ver os trópicos. Ele não disse nada. Pegou um grande mapa azul, intrincado com linhas brancas e falou-me da Companhia. O emprego.

“Eu não compreendi o trabalho completamente. Não o compreendo agora. Brewster deixou muita coisa de fora. Não havia nem começo nem fim. Dificilmente havia um centro. Ele simplesmente indicou os pontos não relacionados; mas, de qualquer modo, os pontos eram tão amplamente separados e tão diferentes, que a simples indicação transmitia uma sensação de um enorme empreendimento, difícil, importante e necessário. Trabalho para um exército. Eu deveria ser apenas um insignificante vivandeiro naquele exército. Mas pelo menos eu estaria nele, um daqueles fazendo parte deste importante acontecimento para as futuras gerações. Esta é uma ideia compartilhada por um grupo. O tamanho exato do negócio deu-me uma sensação de segurança. Estava muito bem alicerçado para desmoronar. O sucesso era inerente à sua natureza impessoal. Um acontecimento de Estado. Brewster mencionou brevemente alguns nomes que chamaram atenção, nomes de grandes financiadores. Eles eram meus generais e eu nunca os veria. Mas a reputação deles estava parcialmente sob minha responsabilidade.

“Aleluia! Eu tinha escapado. Nunca retornei ao escritório. Nunca respondi sua convocação. Em uma semana, viajei de Liverpool. Algo importante que ouvi, naquele barco de correspondência da Companhia, foi que este novo empreendimento estava indo para uma região tropical de um dos países mais ricos do mundo; desenvolvê-lo, lançar suas riquezas para todos. Em mais quatro semanas, cheguei a uma pequena ilha tropical, onde tinha que esperar pelo rebocador da Companhia para levar-me para o local e para meu negócio.

"There was a club-house ashore, where I stayed for a few days. There I met some men who had been working for The Company, but for incomprehensible reasons were leaving this work to which I had come so eagerly; they were returning home. They were strangely pallid and limp as though the dark of some hot damp underground had turned their blood white. Their talk was drawled out, the weary utterance of the disillusioned who yet showed fate no resentment. They might have been the dead speaking, long untouched by any warm human vanity. I was really glad to get away from them. A tug conveyed me to the mouth of the river, up which I was to proceed to my station. I joined a shallow- draught river steamer.

"The river, that gateway to my dream come true, was a narrow place, a cleft in universal trees, every tree the same. Mangroves, I suppose. Soon the forest changed, often rising on each bank to meet overhead. Those were uncertain places of leaves and dead timber, and as quiet and still as churchyard yews at midnight. The thumps of our paddle wheels did not sound pleasant. Deeper and deeper we went, making turns so often that I wondered how we could ever be got out again. Sometimes in an open space we saw a flock of birds. I saw no other sign of life. There were no men. All my fellow-passengers - there were ten of us - were newcomers; some from the States, some from Germany, and a Frenchman. I was the only Englishman. Each of us knew what was expected of himself; none of us knew what that was which all would be doing. There were clerks with us, miners, civil engineers, timber men, and a metallurgist. We speculated much, were perhaps a trifle anxious, but reposed generally on the great idea.

“Havia um clube de festas em terra firme, onde fiquei durante alguns dias. Ali encontrei alguns homens que tinham trabalhado para a Companhia, mas por razões incompressíveis estavam deixando o trabalho para o qual eu tinha vindo tão ansiosamente; estavam voltando para casa. Estavam estranhamente pálidos e fracos, como se a sombra de algum subsolo quente e úmido lhes tivesse deixado o sangue branco. A fala deles era engrolada, a expressão cansada do desiludido que, entretanto, não mostrava na sina nenhum ressentimento. Podiam ter tido o discurso morto, há muito tempo não tocado por qualquer calorosa vaidade humana. Eu estava realmente muito feliz por me afastar deles. Um rebocador conduziu-me até a boca do rio, dali eu devia continuar para minha estação acima. Embarquei num barco de casco raso.

“O rio, aquela entrada para o meu sonho tornar-se realidade, era um lugar estreito, uma fissura nas árvores universais, cada árvore a mesma. Mangues, eu suponho. Depois a floresta mudava, frequentemente erguendo-se em cada barranco para se encontrar em cima. Aqueles eram lugares incertos de folhas e árvores mortas e tão paradas e silenciosas, quanto as árvores de um adro, à meia-noite. Os giros de nossas rodas propulsoras não produziam um som agradável. Para dentro e mais para dentro nós seguíamos, fazendo voltas tão frequentes que eu imaginava como poderíamos sair novamente. Algumas vezes, no espaço aberto, víamos um bando de pássaros. Eu não via outro sinal de vida. Não havia homens. Todos os meus companheiros-passageiros - havia dez deles - eram recém-chegados; alguns dos Estados Unidos, alguns da Alemanha, e um francês. Eu era o único inglês. Cada um de nós sabia o que era esperado de si mesmo; nenhum de nós sabia o que era que todos fariam. Havia atendentes conosco, garimpeiros, engenheiros civis, madeireiros e um metalúrgico. Nós especulávamos muito, talvez fosse uma brincadeira aflita, mas repousava geralmente sobre a grande ideia.

"In two hundred miles we reached a clearing. 'Why it should have been at that particular place did not show. But there it was, the tangible link in an invisible, encompassing scheme. It was my place. I landed with my box. There was a white man on the river bank, sitting on a sea-chest, his head in his hands. He looked up. 'You the victim?' he said. 'Well, there you are' - sweeping a lazy arm round the small enclosed ground - 'that's your job. There's your store. There's your house. That's where the niggers live.'

"Pedro!" he called. A copper- coloured native, in shorts and a wide grass hat, loafed over to us. 'This is your servant,' he said. 'He's a bit mad, but he's not a fool. He's all right. Keep your eye on the niggers though. They are fools, and they're not mad. You'll find the inventory and the accounts in the desk in your hut. The quinine's there too. Take these keys. Oh, the mosquito curtain's got holes in it. See you mend it. I couldn't. Had the shakes too bad. Cheer up!'

"He went aboard. The steamer saluted me with its whistle, turned a corner, and the sound of its paddles diminished, died. I seemed to concentrate, as though I had never known myself till that instant when the sound of the steamer failed, when the last connection with busy outer life was gone. I could smell something like stephanotis. In that dead silence my hearing was so acute that I caught a faint rustling, which I thought might be the sound of things growing. I turned and went to my hut, sad Pedro following with my box. The cheap American clock in the hut made a terrific noise, filling the afternoon with its rapid and ridiculous beat, trying to recall to me that time still was moving quickly, when it was quite evident that time had now come for me to an absolute stand in a broad-glowing noon.

“Em duzentas milhas alcançamos uma clareira. Por que deveria ser naquele lugar não se sabia. Mas ali ela estava, a conexão intangível em um esquema invisível e englobante. Era meu lugar. Desembarquei com meu baú. Havia um homem branco no barranco, sentado num cofre de bordo, com a cabeça entre as mãos. Ele se admirou. “Você é a vítima?” - ele disse. “Bem, aí está você” - ele falou erguendo seu braço indolente em volta de um pequeno chão cercado. “Este é o seu trabalho. Ali está seu armazém. Ali está sua casa. E ali é onde os negros moram”.

“Pedro!” - ele chamou. Um nativo cor de cobre, de bermuda e um chapéu de palha largo, caminhou preguiçosamente até nós. “Este é o seu empregado” - ele disse. “Ele é um pouco demente, mas não é um louco. Ele está muito bem. Mantenha seus olhos nos negros, no entanto. Eles são dementes, e não loucos. Você encontrará o inventário e as contas na escrivaninha em sua cabana. O quinino está lá também. Pegue estas chaves. Ah, o mosquito está com alguns buracos. Veja se você o remenda. Eu não pude. Tive tremores muito fortes. Boa sorte!”

“Ele embarcou. O vapor saudou-me com seu apito, virou na curva, e o som de suas pás da roda diminuiu, morreu. Eu parecia concentrado, como se nunca tivesse conhecido a mim mesmo até aquele instante, quando o barulho do vapor se acabou, quando a última conexão com a ocupada vida exterior tinha desaparecido. Eu podia cheirar algo como uma planta do gênero *stephanotis*. Naquele silêncio morto, minha audição estava tão aguda que eu captava um sussurro indistinto, que pensava que podia ser o som das coisas crescendo. Virei-me e fui para minha cabana; o triste Pedro com meu baú. O relógio americano barato, na cabana, fazia um barulho fora do comum, preenchendo a tarde com batidas rápidas e ridículas, tentando lembrar-me que o tempo ainda estava se movendo rapidamente, quando era quase evidente que o tempo tinha, no momento, me concedido uma estadia absoluta em um meio-dia resplandecente e generoso.

I sat surveying things from a chair. Then leisurely took my envelope and read my instructions - how I was to receive and take charge of shovels, lanterns, machinery parts, railway metals, soap, cooking utensils, axes, pumps, and so on, which consignments I must divide and parcel according to directions to come, marking each consignment for its own destination. The names of a hundred destinations I should hear about in my future work were given. They were names meaning nothing to me. Then followed some brief rules for a novice in the governing of men. Through all the rules ran an incongruous note for such a place as that, a reminiscence of Leadenhall Street and its miserable whine. Yet it hardly disturbed me. I sat and thought over this expansion of my life. A melancholy bird called in two notes at intervals. The leaves which formed the thatch of my hut hung a long coarse black fringe at the door. My walls were of leaves, and the floor a raft of small logs, still with the bark on, just clear of the ground. The sunlight came through one dark wall, studding it with sparks. No. That dubious and familiar note in the instructions was nothing. I was clear beyond all that now - all those occasions for carking anxiety which deprave the worker, and make him hate the task to which whipping necessity drives him. The domineering manner of my instructions, the fretfulness of the old correspondence I found carelessly scattered about, addressed to my predecessor, was the illusion. The forest behind the hut, the black river, the quiet, the insects, the foreign smell, the puzzling men, my men to command, who kept passing without in the violent light, they were not from books any more, they made evidence direct to my own senses now. I was authority and providence, moulding and protecting as I thought right. This place should be kept reasonable, four square, my plot of earth to be clean and unashamed, frankly open to the eye of the sky. I would see what I could do; and I would start now.

Sentei-me examinando as coisas de uma cadeira. Depois, descansadamente, peguei meu envelope e li minhas instruções - como era para receber e anotar o preço das pás, lanternas, partes de maquinaria, metais ferroviários, sabão, utensílios de cozinha, machados, bombas e assim por diante; que remessas eu deveria dividir e parcelar de acordo com as direções que fossem, marcando cada mercadoria para seu próprio destino. Os nomes de uma centena de destinos eu deveria ouvir, quando em meu futuro trabalho fosse dito. Eram nomes que não significavam nada para mim. Depois seguia algumas breves regras para um novato no comando de homens. Através de todas as regras circulava uma nota incongruente para um lugar semelhante com aquele, uma reminiscência de Leadenhall Street e sua lamúria miserável. Todavia, quase perturbou-me. Sentei e pensei sobre essa expansão da minha vida. Um pássaro melancólico cantava em duas notas, em intervalos. As palhas que cobriam o teto de minha cabana deixavam pendurada uma longa franja escura e rústica na porta. Minhas paredes eram de palhas e o assoalho, uma jangada de pequenas toras de madeira, ainda com casca, exatamente no espaço limpo do chão. A luz do sol chegava através de uma parede escura, cobrindo-a com pontas de faíscas. Não. Aquela nota dúbia e familiar nas instruções não era nada. Eu estava consciente de tudo agora - de todas aquelas ocasiões pela ansiedade incômoda que deprava o trabalhador e o faz odiar a tarefa, para a qual a necessidade atormentadora o conduz. O modo dominante de minhas instruções, o desconforto da correspondência antiga, que encontrei descuidadosamente espalhada, endereçada a meu predecessor, era ilusão. A floresta atrás da cabana, o rio sombrio, o silêncio, os insetos, o cheiro desconhecido, os homens desorientados, meus homens para comandar, que se mantinham passando na claridão violenta, eles não eram mais de livros, eles eram evidência direta para minha própria sensação agora. Eu era autoridade e providência, moldando e protegendo como achasse certo. Este lugar deveria ser mantido razoável, quatro quadras, meu pedaço de terra para ser limpo e não envergonhado, honestamente aberto aos olhos do céu. Veria o que eu podia fazer; e ia começar agora.

I laughed at authority - all I could see of it - reflected in a fragment of mirror kept to a door tree by nail heads; the funny hat and the shirt which did not matter, bad as it was, for I was authority there by every reason of that white shirt; and the beard which was coming. Latitude, my boy, latitude! I strolled out to survey my little world.

Of the weeks that followed, nothing comes back so strongly as some quite irrelevant incidents. A tiger I saw one morning, swimming the river. Pedro, insensible for two days with fever; and death, which came to over-rule my viceroy authority. The first blow! There was a flock of parrots which visited us one day, and it surprised me that the men should regard them merely as food. But there was work to be done, and in a definite way; but why we did it - and I know we did it well - and how it joined up with the Job, I could not see. That was not my affair. There was the inventory to be checked, for one thing, and before I was through with it the work had fairly imprisoned me, and the new romantic circumstances became blurred and over written. That inventory was so extravagantly wrong that in a week I was going about heated and swearing at the least provocation. It was fraudulent. There was a sporadic disorder of goods irreconcilable with their neat records, though each record bore the signs and counter-signs of Heaven knows how many departments of the Company. All an inextricable welter of calm errors, neatly initialled by unknown fools.

"Every few days a steamer of the Company would call, loaded with more goods, or would come down river to me to take goods away. The confusion grew and interpenetrated, till I felt that nothing but dumping all that was there into the river, and beginning again with a virgin station, would ever clear the muddle. The place grew maddening through ridiculous blundering from outside. I had six men to attend to, all with temperatures and all useless.

Ri da autoridade - tudo que eu podia ver dela - refletida num pedaço de espelho mantido por pregos em uma árvore na porta; o chapéu engraçado e a camisa que não importava, ruim como fosse, porque eu era a autoridade ali pela própria razão daquela camisa branca; e a barba que estava nascendo. Latitude, meu rapaz, latitude! Eu passeei em volta para reconhecer meu mundinho.

“Das semanas que se seguiram, nada retornou tão fortemente como alguns incidentes quase irrelevantes. Uma onça que vi uma manhã, nadando no rio. Pedro, inconsciente por dois dias com febre; e a morte, que veio para indeferir minha representação de autoridade. O primeiro golpe! Houve um bando de papagaios que nos visitou um dia, e surpreendi-me pelo fato dos homens os considerarem simplesmente como comida. Mas havia trabalho a ser feito, e de uma maneira exata; mas por que fazíamos - e sei que nós o fizemos bem - e o quanto estava associado com a obra, eu não podia ver. Isso não era minha ocupação. Tinha o inventário para ser checado, por causa de alguma coisa, e antes que eu o tivesse examinado, o trabalho tinha me impressionado razoavelmente, e as circunstâncias novas e românticas estavam plantadas e escritas completamente. Aquele inventário estava tão extravagantemente errado que, em uma semana, eu estava esquentado e xingando na menor provocação. Era fraudulento. Havia uma desordem esporádica de mercadorias irreconciliáveis com suas anotações concisas, embora cada anotação possuísse os sinais e os sinais contrários, que o Céu sabe de quantos departamentos da Companhia. Tudo uma bagunça inextricável de erros cautelosos, asseiadamente iniciada por tolos desconhecidos.

“De dias em dias, um vapor da Companhia chegaria, carregado com mais mercadorias, ou desceria o rio para eu enviar mercadorias. A confusão aumentou e interpenetrou, até que senti que nada, senão liquidando tudo que estava ali no rio, e começando novamente com uma estação nova, poderia limpar a desordem. O lugar crescia enlouquecendo através de erros ridículos do lado de fora. Eu tinha cinco homens para tomar conta, todos com febre e todos inutilizados.

The arrears of accounts, my work on sweltering nights while the very niggers slept, the arrears grew. A steam-shovel came, without its shovel, and not all my written protests to headquarters could complete that irrational creature lying in sections rotting in sun and rain, minus the very reason for its existence, an impediment to us and an irritation. Constant urgent orders came to me from up country to ship there this abortion. I declined, in the name of sanity. There followed peremptory demands for a complete steam-shovel, violent with animosity for me, the unknown idiot who obstinately refused to let a steam-shovel go, just as though I was in love with the damned thing, and could not part with it. But I understood those letters. They were from chaps, irritated, like myself, by all this awful tomfoolery. And from headquarters came other letters, shot with a curt note of innocent insolence, asking whether I was asleep there, or dead, and adding, once, that if I could not keep up communications better I had better make way for one who could. There were plenty who could do it. Pleasant, wasn't it? They complained querulously of my accounts, almost insinuating that I debited more wages to the Company than I credited to the men. I had too many sick men, they said. Did I pamper them? And again, I had too many who died; I must take care; they did not want the local government to get alarmed.

As dívidas das contas, meu trabalho em noites sufocantes, enquanto os próprios negros dormiam, as dívidas aumentavam. Uma escavadeira chegou sem a pá; e nem todos os meus protestos escritos para as sedes puderam completar aquela criatura irracional jazendo em partes, se estragando no sol e na chuva, sem a razão exata para sua existência, um impedimento e uma irritação para nós. Ordens constantes e urgentes vinham para mim, do país de cima, para despachar ali aquele aborto. Eu rejeitava em nome da sanidade. Ali seguiam requisições categóricas por uma escavadeira completa, violentas com animosidade por mim, o idiota desconhecido que, obstinadamente, recusava-se a deixar uma escavadeira seguir adiante, exatamente como se eu estivesse apaixonado pela coisa maldita e não pudesse separar-me dela. Mas eu compreendia aquelas cartas. Eram de camaradas irritados, como eu, por todo esse terrível engano. E das sedes vinham outras cartas, disparadas com uma nota curta de inocente insolência, perguntando se eu estava dormindo ali, ou morto; e acrescentando, uma vez, que se eu não pudesse manter melhor as comunicações, o melhor que eu tinha que fazer era abrir caminho para alguém que pudesse. Existiam muitos que podiam. Amável, não era? Eles reclamavam queixosamente de minhas avaliações, quase insinuando que eu debitava mais salários para a Companhia do que creditava para os homens. Eu tinha homens doentes demais, eles diziam. Eu os mimava? E novamente, eu tinha muitos que morriam; eu devia tomar cuidado; eles não queriam que o governo local ficasse alarmado.

"The time came when I got amusement out of those letters from headquarters; for their faults were so plain that I conceived the headquarters staff having much time to spend, and a sort of instruction at large to administer ginger to men, like myself, on the spot, on general principles, so to keep us not only alive, but brisk and anxious; and doing it with the inconsequential abandon of little children playing with sharp knives. I got comfort from that view; and when I looked round my placid domain where my men, with whom I was on good terms, laboured easily and rightly under the still woods, I told myself I was still fretting because the business was new, that things would come easier soon. But at night I felt I was anxious exactly because it was all so old and familiar to me.

"One day, having given a group of men at work in a distant corner of the clearing some advice, I noticed a little path enter the wood beside a big tree. I had never been into the forest. To tell the truth, I had had no time. The trees stood round us, keeping us from - what? I had always felt a little doubt of what was there and could not be seen. I turned inwards. I found myself at once in a cool gloom. I went on curiously, peering each side into those shadows, where nothing moved, and in an hour came to another clearing, smaller than my own, and with no river in view. By the sun, which now I saw again, this place was north of our station. The opening was being rapidly choked by a new growth. I was turning for home again, for the afternoon was late, when I saw a hammock slung between two saplings beside a dismantled hut. I could just see the hammock and hut through the scrub. I went over there, and was so carefully looking for snakes and beastly things in the bush that I had arrived before I knew it. The hut had been long abandoned. The hammock had something in it, and I was turning something in my mind as I went up to it. There were some ragged clothes in the bottom of it, partly covering bones, and among the rags was a globe of black hair.

“A hora chegou, quando obtive distração longe daquelas cartas das sedes; porque seus erros eram tão claros, que eu concebia o pessoal das sedes tendo bastante tempo para perder, e um tipo de instrução de sobra para administrar os homens com alegria, como eu mesmo, sobre o ponto, nos princípios gerais, então para manter-nos não somente vivos, mas animados e inquietos; e fazendo-a com o abandono inconsequente de criancinhas brincando com facas afiadas. Confortei-me com essa visão; e quando olhei ao redor do meu plácido domínio, onde meus homens, com quem eu estava em boas condições, forçados facilmente e devidamente debaixo da mata parada, disse a mim mesmo que ainda estava aborrecido porque o negócio era novo, que em breve as coisas ficariam mais fáceis. Mas, à noite, senti que estava preocupado exatamente porque tudo era muito antigo e familiar para mim.

“Um dia, tendo dado algumas recomendações a um grupo de homens que trabalhava num canto distante da clareira, percebi uma trilhazinha adentrar na mata ao lado de uma grande árvore. Nunca tinha entrado na mata. Para dizer a verdade, não tinha tido tempo. As árvores fincadas ao nosso redor, guardando-nos: de quê? Sempre senti uma duvidazinha do que estava ali e não podia ser visto. Entrei na mata. Encontrei-me ao mesmo tempo numa escuridão fria. Fui adiante curiosamente, olhando atentamente para cada lado, dentro daquelas sombras, onde nada se mexia; e em uma hora cheguei a uma outra clareira, menor do que a minha, e com nenhum rio à vista. Pelo sol, que agora eu via novamente, esse lugar estava a norte de nosso posto. A clareira estava sendo sufocada rapidamente por um novo crescimento de mato. Estava voltando para casa novamente, porque a tarde estava avançada, quando vi uma rede pendurada entre duas arvorezinhas ao lado de uma cabana demolida. Podia apenas ver a rede e a cabana em meio ao mato. Segui adiante e estava tão cuidadosamente procurando cobras e coisas desagradáveis no mato, que cheguei antes que percebesse. A cabana tinha sido abandonada há muito tempo. A rede tinha algo dentro, e eu estava imaginando algo em minha mente, quando a alcancei. Havia algumas roupas esfarrapadas no fundo da rede, cobrindo os ossos parcialmente, e entre os farrapos havia uma mecha de cabelo preto.

"Next morning I woke late, feeling I had gone wrong. My hands were yellow and my finger nails blue, and I was shaking with cold. But the tootling of an up-coming steamer forced me to business. The steamer was towing six lighters, filled with labourers. They were Poles, I think. Afterwards, I learned, some hundreds of these men had been collected for us somewhere by a clever, business-like recruiting agent, who promised each poor wretch a profitable time in the Garden of Eden. My responsibility, thirty of them, was landed. They stood by the river, gaping about them, wondering, some alarmed, more of them angry, most clad in stuffy woollens, poor souls. Having the fever, I was not very interested. I told my negro foreman to find them shelter and to put them to work. We were making our clearing larger, and were building more store-houses.

"Something like the pale morning light which wakens you, weary from a fitful sleep, to the clear apprehension again of an urgent trouble which has filled the night with dreams, I came through each bout of fever to know there was really trouble outside with the new men. Daily I had to crawl about, shivering, my head dizzy with quinine, till the fever came near its height, when I got into my hammock, and would lie there, waiting, burning and dry, tremulous with an anxiety I could not shape. Sometimes then I saw my big negro foreman come to the door, look at me, as though wishing to say something, but leave, reluctantly, when I motioned him away.

"One morning I was better, but hardly able to walk, when shouts and a running fight, which I could see through the door, showed me the Poles had mutinied. There was a hustling gang of them outside my door, filling it with haggard, furious faces. I could not understand them, but one presently began to shout in French. They refused to work. The food was bad.

“Na manhã seguinte acordei tarde, sentindo que havia algo errado. Minhas mãos estavam amarelas e as unhas arroxeadas, e eu estava tremendo de frio. Mas o apito de um navio a vapor, que estava subindo o rio, forçou-me ao trabalho. O vapor estava rebocando seis chatas cheias de trabalhadores. Eles eram poloneses, eu acho. Mais tarde, eu soube, algumas centenas desses homens tinham sido coletados para nós, em algum lugar, por um inteligente e metódico agente de recrutamento, que prometia a cada pobre infeliz um tempo lucrativo no Jardim do Éden. Minha responsabilidade, trinta deles, desembarcaram. Ficaram perto do rio, olhando embasbacados ao redor, surpresos, alguns alarmados, muitos estavam raivosos, a maioria vestida de tecido abafado de lã, pobres almas! Estando com febre, eu não estava muito interessado. Disse a meu capataz negro para providenciar-lhes abrigo e colocá-los para trabalhar. Estávamos aumentando nossa clareira e estávamos construindo mais armazéns.

“Algo como a luz pálida da manhã, que desperta você, saturado de um sono interrompido, para a clara apreensão novamente de um problema urgente, que encheu a noite com sonhos; fiz o que era certo do turno de febre para saber que realmente havia problema do lado de fora, com os novos homens. Diariamente, eu tinha que arrastar-me ao redor, tremendo, minha cabeça atordoada com quinino, até que a febre atingisse quase sua altura, quando eu ia para dentro da rede, e deitaria ali, esperando, queimando e secando, tremendo com uma inquietação que eu não podia dar forma. Às vezes, via meu grande capataz negro vir até a porta, olhar para mim, como se desejasse dizer alguma coisa, mas saía relutantemente, quando eu gesticulava para ele sair.

“Uma manhã eu estava melhor, mas dificilmente capaz de caminhar, quando gritos e um desafio de briga, que eu pude ver pela porta, mostravam-me que os poloneses tinham se amotinado. Havia uma turma agitada do lado de fora de minha porta, preenchendo-a com rostos furiosos e abatidos. Não podia compreendê-los; mas um deles, naquele momento, começou a gritar em francês. Eles se recusavam a trabalhar. A comida era ruim.

They wanted meat. They wanted their contracts fulfilled. They wanted bread, clothes, money, passages out of the country. They had been fooled and swindled. They were dying. I argued plaintively with that man, but it made him shout and gesticulate. At that the voices of all rose in a passionate tumult, knives and axes flourishing in the sunlight. In a sudden cold ferocity, not knowing what I was doing, I picked up my empty gun - I had no ammunition - and moved down on them. They held for a moment, then broke ground, and walked away quickly, looking back with fear and malice. Next day they had gone. Yes, actually. The poor devils. They had gone, with the exception of a few with the fever. They had taken to that darkness around us, to find a way to the coast. Talk of the babes in the wood! The men had no food, no guide, and had they known the right direction they could not have followed it. If the Company did not take you out of that land, you stayed there; and if the Company did not feed you there, you died. No creature could leave that clearing, and survive, unless I willed it. The forest and the river kept my men together as effectively as though they were marooned without a boat on a deep-sea island. Those men were never heard of again. Nobody was to blame. Whom could you blame? The Company did not desire their death. Simply, not knowing what they were doing, those poor fellows walked into the invisibly moving machinery of the Job, not knowing it was there, and were mutilated.

"We had news of the same trouble with the Poles up river. Some of the mutineers tried to get to the sea on rafts. Such amazing courage was but desperation and a complete ignorance of the place they were in. One such raft did pass our place. Some of them were prone on it, others squatting; one man got on his feet as the raft swung by our clearing, and emptied his revolver into us. A few days later another raft floated by, close in, with six men lying upon it. They were headless. Somewhere, the savages had caught them asleep.

Eles queriam alimento. Queriam que seus contratos fossem cumpridos. Queriam pão, roupa, dinheiro, passagens para fora do país. Eles tinham sido feitos de bobos e trapaceados. Estavam morrendo. Argui francamente com aquele homem, mas ele gritava e gesticulava. Naquilo, as vozes de todos se ergueram em um tumulto violento, facas e machados brandindo na luz do sol. Numa indiferente e repentina ferocidade, não sabendo o que estava fazendo, peguei minha arma descarregada - eu não tinha munição - e marchei para cima deles. Eles se seguraram por um momento, e então esmoreceram, e caminharam rapidamente, olhando para trás com medo e malícia. No dia seguinte, tinham desaparecido. Sim, de fato. Os pobres diabos. Tinha desaparecido, com exceção de alguns com febre. Tinha entrado naquela escuridão à nossa volta, para encontrar um caminho para o litoral. Conferência dos trouxas na mata! Os homens não tinham comida, nem guia; e se eles sabiam a direção certa, não podiam tê-la seguido. Se a Companhia não tirasse você dali, você ficava lá; e se a Companhia não te alimentasse, você morria. Nenhuma criatura podia deixar aquela clareira e sobreviver, a menos que eu testemunhasse. A floresta e o rio mantinham meus homens juntos, tão eficazmente como se estivessem ilhados sem um barco em uma ilha, num mar profundo. Daqueles homens nunca mais se ouviu falar novamente. Ninguém ficou para censurar. A quem se podia acusar? A Companhia não desejava a morte deles. Simplesmente não sabendo o que estavam fazendo, aqueles pobres indivíduos caminharam invisivelmente para dentro da maquinaria invisivelmente movediça do Emprego, não sabendo o que havia ali, e foram mutilados.

“Tivemos notícias do mesmo problema com os poloneses rio acima. Alguns dos amotinados tentaram chegar ao mar em jangadas. Semelhante surpreendente coragem era somente desespero e ignorância completa do lugar onde estavam. Uma jangada semelhante passou em nosso lugar. Alguns estavam debruçados, outros abaixados; um homem ficou de pé quando a jangada se balançou perto de nossa clareira, e esvaziou seu revólver em nós. Poucos dias depois outra jangada flutuou em volta, bem perto, com seis homens deitados. Estavam sem as cabeças. Em algum lugar, os selvagens os tinham pegado dormindo.

"No. I was not affected as much as you might think. I began to look upon it all with insensitive serenity. I was getting like the men I met on the islands, months before. I saw us all caught by something huge and hungry, a viewless, impartial appetite which swallowed us all without examination; which was slowly eating me. I began to feel I should never leave that place, and did not care. Why should others want to leave it, then? Often, through weakness, the trees around us seemed to me to sway, to be veiled in a thin mist. The heat did not weigh on my skin, but on my dry bones. I was parched body and mind, and when the men came with their grievances I felt I could shoot any of them, for very weariness, to escape argument. The insolence from headquarters I filed for reference no longer, but lit my pipe with it. But the correspondence ceased at length, and because now I was callous to it, I failed to notice it had stopped.

"Some vessels passed down river, coming suddenly to view, a rush of paddles, and were gone, tootling their whistles. The work went on, mechanically. The clearing grew. The sheds spread one by one. The inventory was kept, the accounts were dealt with. There came a time when I was forced to remember that the steamer had not called for ten days. We were running short of food. I had a number of sick, but no quinine. The men, those quick, faithful fellows with the dog-like, patient eyes, they looked to me, and I was going to fail them. I made pills of flour to look like quinine, for the fever patients, trying to cure them by faith. I wrote a report to headquarters, which I knew would get me my discharge; I was not polite. There was no meat. We tried dough fried in lard. When I think of the dumb patience of those black fellows in their endurance for an idea of which they knew nothing, I am amazed at the docility and kindness inherent in common men. They will give their lives for nothing, if you don't tell them to do it, but only let them trust you to take them to the sacrifice they know nothing about.

“Não. Eu não estava afetado tanto quanto poder-se-ia pensar. Comecei a olhar para isso tudo com serenidade insensível. Eu estava ficando como os homens que encontrei na ilha meses antes. Eu nos via aprisionados por alguma coisa enorme e faminta; um apetite imparcial, invisível, que nos engolia sem investigação; que estava devorando-me lentamente. Comecei a pensar que nunca mais poderia sair daquele lugar, e não me importava. Por que outros queriam deixá-lo, então? Frequentemente, devido à fraqueza, as árvores à nossa volta pareciam, para mim, balançar; pareciam estar ocultas numa neblina fina. O calor não mais pesava sobre minha pele, mas sobre meus ossos. Eu estava com corpo e mente tostados; e quando os homens chegavam com suas queixas, sentia que eu podia atirar em qualquer um deles, devido à exata fraqueza, para fugir do argumento. A insolência das sedes eu supria por referência não por mais tempo, mas acendia meu cachimbo com ela. Mas a correspondência cessou em extensão, e porque agora eu estava insensível a ela, eu não percebi que ela havia parado.

“Algumas embarcações passaram descendo o rio vindo rapidamente à vista, uma corrida de remos, e desapareceram, apitando suas buzinas. O trabalho seguia adiante mecanicamente. A clareira aumentava. Os galpões espalhavam-se um por um. O inventário estava em ordem, as contas tinham sido negociadas. Houve uma hora que fui forçado a lembrar que o barco a vapor não tinha nos visitado durante dez dias. Estávamos quase sem alimentos. Tinha certo número de doentes, mas não tinha quinino. Os homens, aqueles indivíduos ágeis e fiéis como cão, olhos pacientes, olhavam para mim, e eu ia falhar com eles. Fiz pílulas de farinha parecerem com quinino, para os pacientes com febre, tentando curá-los através da fé. Escrevi um relatório para as sedes, que eu sabia que conseguiria a minha desobrigação; não fui polido. Não havia comida. Tentamos massa frita na banha. Quando penso na tola paciência daqueles negros, em sua resistência em uma ideia da qual eles não sabiam nada, fico assombrado com a docilidade e bondade inerente aos homens simples. Eles darão suas vidas por nada, se não lhes disser para não fazerem isso, mas somente permitir que eles confiem em você para levá-los ao sacrifício do qual eles não sabem nada a respeito.

"That went on for a month. We were in rags. We were starved. We were scarecrows. No steamer had been by the place, from either direction, for a month. Then a vessel came. I did not know the chap in charge. He seemed surprised to see us there. He opened his eyes at our gaunt crew of survivors, shocked. Then he spoke.

"Don't you know?" he asked.

"Even that ridiculous question had no effect on me. I merely eyed him. I was reduced to an impotent, dumb query. I suppose I was like Jack the foreman, a gaping, silent, pathetic interrogation. At last I spoke, and my voice sounded miles away. 'Well, what do you want here?'

"I've come for that steam shovel. I've bought it.'

"The man was mad. My sick men wanted physic. We all wanted food. But this stranger had come to us just to take away our useless steam shovel. 'I thought you knew,' he said. 'The Company's bought out. Some syndicate's bought 'em out. A month ago. Thought the Company would be too successful. Spoil some other place. There's no Company now. They're selling off. What about that steam shovel?'"

“A situação prosseguiu por um mês. Estávamos em farrapos. Estávamos morrendo de fome. Éramos espantalhos. Nenhum navio tinha vindo ao local, de nenhuma direção, durante um mês. Depois uma embarcação chegou. Não conhecia o sujeito encarregado. Ele pareceu surpreso aos nos ver ali. Abriu seus olhos para nossa esquelética turma de sobreviventes, chocado. Então falou:

“Vocês não sabiam?” - ele perguntou.

“Mesmo essa pergunta ridícula não teve nenhum efeito em mim. Simplesmente eu o olhei. Eu estava reduzido a uma interrogação estúpida e impotente. Suponho que eu estivesse como Jack, o capataz; uma interrogação patética, indiferente e silenciosa. Finalmente falei, e minha voz soou a milhas de distância. “Bem, o que você quer aqui?”

“Vim por causa da escavadeira. Eu a comprei”.

“O homem estava louco. Meus homens doentes queriam remédio. Nós todos queríamos comida. Mas esse desconhecido tinha vindo até nós só para pegar aquela nossa escavadeira inútil. “Pensei que você soubesse” - ele disse. “Da venda da Companhia. Alguns sindicatos compraram a parte deles. Já faz um mês. Eu pensava que a Companhia estivesse muito bem-sucedida. Estragou-se em algum outro lugar. Não há Companhia agora. Eles estão vendendo tudo. E quanto àquela escavadeira?”

CHAPTER V

WE had 5200 tons of cargo, and nearly all of it was patent fuel. This was to be put into baskets, hauled up, and emptied into railway trucks run out on the jetty alongside. We watched the men at work for a few days and nights, and judged we should be at Porto Velho for a month. I saw for myself long rambles in the forest during that time of golden leisure, but saw them no more after the first attempt. The clearing on its north side rose steeply to about a hundred feet on the hard red conglomerate; to the south, on the San Antonio side, it ended in a creek and a swamp. But at whatever point the Doctor and I attempted to leave the clearing we soon found ourselves stopped by a dense undergrowth. At a few places there were narrow footpaths, subterranean in the quality of their light, made by timbermen when searching for suitable trees for the saw-mill. These tracks never penetrated more than a few hundred yards, and always ended in a well of sunshine in the forest where some big trees would be prone in a tangle of splintered branches, and a deep litter of leaves and broken fronds. And that was as far as man had got inwards from the east bank of the Madeira river. Beyond it was the undiscovered, and the Araras Indians. On the other side of the river the difficulty was the same. The Rio Purus, the next tributary of the Amazon westward from the Madeira, had its course, it was guessed, perhaps not more than fifty miles across country from the river bank opposite Porto Velho; but no one yet has made a traverse of the land between the two streams. The dark secrecy of the region was even oppressive. Sometimes when venturing alone a little beyond a footpath, out of hearing of the settlement, surrounded by the dim tangle in which there was not a movement or a sound, I have become suspicious that the shapes about me in the half light were all that was real there, and Porto Velho and its men an illusion,

CAPÍTULO 5

TÍNHAMOS 5200 toneladas de carga, e quase tudo era combustível patenteado. Era para ser colocado dentro de tambores, arrastados para cima e esvaziados nos vagões ferroviários ao longo do atracadouro. Observamos os homens no trabalho por alguns dias e noites e julgávamos que deveríamos ficar em Porto Velho por um mês. Eu me via em longas caminhadas na floresta durante aquele tempo de férias douradas, mas não as vias mais depois da primeira tentativa. A clareira, do lado norte, erguia-se ingrememente acerca de uns cem pés no conglomerado de barro vermelho e áspero; ao sul, no lado de Santo Antônio, terminava em um riacho e em um brejo. Mas em qualquer parte que o médico e eu tentávamos sair da clareira, logo nos encontrávamos barrados por uma mata fechada. Em alguns lugares, havia veredas estreitas, subterrâneas na qualidade da luz, feitas pelos madeireiros, quando procurando por árvores apropriadas para a serraria. Essas trilhas nunca penetravam mais do que algumas centenas de jardas e sempre terminavam em um descampado no brilho do sol na floresta, onde algumas árvores grandes estariam propensas em um emaranhado de galhos estilhaçados, e uma grande sujeira de folhas e galhos quebrados. E aquele era o ponto mais distante que o homem tinha ido, no barranco a leste do rio Madeira. Para além dali estava o desconhecido e os indígenas Araras. Do outro lado do rio, a dificuldade era a mesma. O rio Purus, o próximo afluente do Amazonas, na parte ocidental do Madeira, tinha o seu curso - era suposto - talvez não mais do que a cinquenta milhas da região do barranco do lado oposto a Porto Velho; mas ninguém ainda fez a travessia da região entre os dois rios. O segredo sombrio da região era mesmo opressivo. Algumas vezes, quando aventurando-me sozinho um pouco para além da trilha, distante das vozes do assentamento, cercado por um triângulo intrincado, em que não havia um movimento ou som, eu suspeitava que as formas ao meu redor, à meia luz, eram tudo que era real ali, e Porto Velho e seus homens eram uma ilusão;

and there has been a touch of panic in my haste to find the trail again, and to prove that it could take me to an open prospect of sunny things with the solid "Capella" in their midst.

We carried our butterfly nets ashore and went of a morning across the settlement, choosing one of the paths which ended in a small forest opening, where there was sunlight as well as shadow. Few butterflies came to such places. You could really think the forest was untenanted. A tanager would dart a ray of metallic sheen in the wreckage of timber and dead branches about us, or some creature would call briefly, melancholy wise, in the woods. Very rarely an animal would go with an explosive rush through the leaves. But movements and sounds, except the sound of our own voices, were surprises; and a sight of one of the larger inhabitants of the jungle is such a rarity that we knew we might be there for years and never get it. Yet life about its various business in the woods kept us interested till the declining sun said it was time to get aboard again. Every foot of earth, the rotting wood, the bark of the standing trees, every pool, and the litter of dead leaves and husks, were populous when closely regarded. Most of the trees had smooth barks. A corrugated trunk, like that of our elm, was exceptional. But when a bole had a rough surface it would be masked by the grey tenacious webbing of spiders; on one such tree we found a small mantis, which so mimicked the spiders that we were long in discovering what it really was. Many of the smooth tree trunks were striated laterally with lines of dry mud. These lines were actually tunnels, covered ways for certain ants. The corridors of this limitless mansion had many such surprises. There were the sauba ants; they might engross all a man's hours, for in watching them he could easily forget there were other things in the world. They would move over the ground in an interminable procession.

e havia um toque de pânico em minha pressa para encontrar a trilha novamente, e provar que podia me conduzir para uma perspectiva aberta de coisas ensolaradas, com o sólido *Capella* no meio delas.

Carregamos nossas redes de pegar borboletas para a terra firme e saímos, numa manhã, pelo assentamento, escolhendo uma das trilhas que terminasse em uma pequena abertura na floresta, onde houvesse luz solar tanto quanto sombra. Poucas borboletas iam para tais lugares. Podia-se realmente pensar que a floresta não tinha inquilinos. Um sanhaço voou em disparada como um raio brilhante metálico dos destroços de árvores e galhos mortos ao nosso redor; ou alguma criatura cantaria brevemente - sábia melancolia - na mata. Muito raramente, um animal correria com uma pressa explosiva entre as folhas. Mas os movimentos e sons, exceto o som da nossa própria voz, eram surpresas; e a visão de um dos maiores habitantes da selva é de tal raridade que sabíamos que podíamos ficar ali por anos e nunca vê-lo. Entretanto, a vida em sua variedade de espécie na mata mantinha-nos interessados até que o declínio do sol dissesse que era hora de voltar ao navio. Todo pedaço de terra, árvore apodrecida, a casca das árvores que estavam de pé, toda poça de lama, e a sujeira de folhas mortas e cascas de frutas eram populosos, quando observados atentamente. A maioria das árvores tinha troncos lisos. Um tronco enrugado, como os troncos do elmo, era excepcional. Mas, quando um tronco tinha uma superfície enrugada, estaria escondido pelas tenazes teias de aranhas; em uma árvore semelhante, encontramos um pequeno louva-a-deus, que parecia tanto com uma aranha, que demoramos muito para descobrir o que realmente era. Muitas das árvores de troncos lisos eram marcadas nas laterais com traços de lama seca. Esses traços eram, de fato, túneis, caminhos cobertos para certo tipo de formigas. Os corredores dessa mansão ilimitada tinham muitas surpresas. Havia as formigas saúvas; elas podiam monopolizar as horas de qualquer homem, porque ao observá-las, podia facilmente esquecer-se de que havia outras coisas no mundo. Elas se moveriam no chão em uma procissão interminável.

Looked at quickly, that column of fluid life seemed a narrow brook, its surface smothered with green leaves, which it carried, not round or under obstructions, but upwards and over them. Nearly every tiny creature in that stream of life held upright in its jaws a banner, much larger than itself, cut from a fresh leaf. It bore its banner along hurriedly and resolutely. All the ants carrying leaves moved in one direction. The flickering and forward movement of so many leaves gave the procession of ants the wavering appearance of shallow water running unevenly. On both sides of the column other ants hurried in the reverse direction, often stopping to communicate something, with their antennæ, to their burdened fellows. Two ants would stop momentarily, and there would be a swift intimation, and then away they would go again on their urgent affairs. We would see rapid conversations of that kind everywhere in the host. Other ants, with larger heads, kept moving hither and thither about the main body; having an eye on matters generally, I suppose, policing or superintending them. There was no doubt all those little fellows had a common purpose. There was no doubt they had made up their minds about it long since, had come to a decision communally, and that each of them knew his job and meant to get it done. There did not appear to be any ant favoured by the god of the ants. You have to cut your own leaf and get along with it, if you are a sauba.

There they were, flowing at our feet. I see it now, one of those restricted forest openings to which we often went, the wall of the jungle all round, and some small attalea palms left standing, the green of their long plumes as hard and bright as though varnished. Nothing else is there that is green, except the weeds which came when the sunlight was let in by the axe. The spindly forest columns rise about, pallid in a wall of gloom, draped with withered stuff and dead cordage.

Olhada rapidamente, aquela coluna de vida fluida parecia um córrego estreito; sua superfície alisada com folhas verdes, que ele carregava, não em volta ou debaixo das obstruções, mas em cima e por cima delas. Quase toda criaturinha minúscula, naquela corrente de vida, mantinha seguro em suas mandíbulas um estandarte, muito maior do que ela própria, cortado de uma folha fresca. Carregava seu estandarte ao longo apressadamente e resolutamente. Todas as formigas carregando folhas moviam-se em uma mesma direção. O movimento tremulante e avante de tantas folhas dava à procissão de formigas a aparência ondulante de água rasa correndo irregularmente. Em ambos os lados da coluna, outras formigas apressavam-se na direção inversa, frequentemente parando para comunicar algo, com suas antenas, para suas companheiras sobrecarregadas. Duas formigas parariam, de momento em momento, e fariam uma rápida intimação e, depois, seguiriam adiante, novamente, em suas tarefas urgentes. Veríamos conversas rápidas desse tipo em todo lugar no hospedeiro. Outras formigas, com cabeças maiores, mantinham-se vistoriando para cima e para baixo em volta do corpo principal; mantendo um olho nos problemas, geralmente, eu suponho, policiando ou superintendendo-lhes. Não havia dúvidas de que todas aquelas companheirinhas tinham um propósito em comum. Não havia dúvidas de que tinham constituído suas mentes sobre isso há muito tempo, e tinham chegado a uma decisão em comum, e que cada uma delas sabia de seu trabalho e o que significava fazê-lo. Ali não parecia haver nenhuma formiga favorecida pelo deus das formigas. Tinha-se que cortar sua própria folha e seguir adiante com ela, se fosse uma saúva.

Ali estavam elas, correndo em nossos pés. Vejo agora uma daquelas clareiras restritas na floresta, para a qual íamos frequentemente, a muralha da selva em todo o redor, e algumas palmeirinhas do gênero *attalea* deixadas de pé, o verde de suas plumas tão fixo e brilhante como se envernizadas. Não há nada ali que seja mais verde, exceto as ervas daninhas, que surgiam quando a luz do sol era permitida atingir-lhes através de um machado. As colunas altas da floresta erguiam-se em volta, cinzentas em uma muralha de escuridão, enfeitadas com matérias molhadas e cipós mortos.

Their far foliage is black and undistinguishable against the irregular patch of overhead blue. It never ceased to be remarkable that so little that was green was there. The few pothos plants, their shapely parasitic foliage sitting like decorative nests in some boughs half-way to the sky, would be strangely conspicuous and bright. The only leaves of the forest near us were on the ground, brown parchments all of one simple shape, that of the leaf of the laurel. I remember a stagnant pool there, and over it suspended some enamelled dragon-flies, their wings vibrating so rapidly that the flies were like rubies shining in obscure nebulæ. When we moved, the nymphs vanished, just as if a light flashed out. We sat down again on our felled tree to watch, and magically they reappeared in the same place, as though their apparition depended on the angle and distance of the eye. When a bird called one started involuntarily, for the air was so muffled and heavy that it was strange to find it open instantly to let free the delicate sibilation.

In the low ground beyond Porto Velho up stream there was another place in the forest where sometimes we would go, the approach to it being through a deep cutting made by the railwaymen in the clay. This clay, a stiff homogeneous mass mottled rose and white, was saturated with moisture, and the helicon butterflies frequented it, probably because it was damp; and a sight of their black and yellow, or black and crimson wings, spread on the clean plane of the beautifully tinted rock, was far better than putting them in the collecting box. The helicons are bold insects, and did not seem to mind our close inspecting eyes. Beyond the cutting was a long narrow clearing, with a giant silk-cotton tree, a province in itself, on the edge of the forest.

Sua folhagem distante está escura e indistinguível contra a trilha irregular de azul aéreo. Nunca cessava de ser notável que o tão pouco que era verde estava ali. Algumas plantas do gênero *photos*, suas folhagens benfeitas e parasitárias, dispostas como ninhos decorativos em alguns galhos equidistantes do céu, estariam estranhamente conspícuas e brilhantes. As únicas folhas da floresta próximas de nós estavam no chão, pergaminhos marrons, todas de uma forma simples, como aquelas das folhas do louro. Lembro-me de uma poça ali, e por cima dela pairavam algumas libélulas esmaltadas, suas asas vibrando tão rapidamente, que eram como rubis brilhando na nebulosidade escura. Quando nos mexíamos, as ninfas desapareciam, exatamente como se uma luz se mostrasse por um momento. Nos sentávamos novamente em nossa árvore caída para observar e, magicamente, elas reapareciam no mesmo lugar, como se a aparição dependesse do ângulo e distância do olho. Quando um pássaro iniciava um canto involuntariamente, porque o ar estava tão abafado e pesado, era estranho descobrir que o ar se abria instantaneamente para deixar livre a sibilância delicada.

No solo baixo para além de Porto Velho, rio acima, havia outro lugar na floresta onde algumas vezes iríamos; a aproximação se dava através de um corte profundo feito no barro pelos ferroviários. Este barro, uma massa homogênea e dura, de cor rosa e branca, estava cheio de umidade, e borboletas hélicons o frequentavam, provavelmente porque estava úmido; e uma visão de suas asas pretas e amarelas, ou pretas e carmesim, espalhadas sobre a parte plana da pedra, tingida lindamente, era muito melhor do que colocá-las na caixa de coletas. Os hélicons são insetos audaciosos e não pareciam se importar com nossos olhos, que os inspecionavam de perto. Para além do corte, havia uma extensa clareira estreita, com uma sapopemba¹³⁶, uma província em si mesma, na beira da floresta.

136O termo utilizado pelo narrador é *silk-cotton tree*, que pode ser traduzido literalmente por árvore-de-seda e algodão, como o fez Vera Queiroz da Costa e Silva, tradutora de *Things Fall Apart*, do escritor nigeriano Chinua Achebe. Aqui, a escolha pelo termo *sapopemba* (em vez de *árvore-de-seda e algodão*) deve-se ao seu uso frequente na Amazônia brasileira para se referir a uma das grandes árvores cujo exemplo típico é a samaúma, da mesma família e muito comum na região.

Looking straight upward we could see its foliage, but so far away was the spreading canopy of leaves that it was only a black cloud, the outermost sprays mere wisps of dark vapour melting in the intense brightness of the sky. The smooth grey trunk was heavily buttressed, the "sapeomas" (literally, flat roots) ascending the bole for more than fifty feet, and radiating in walls about the base of the tree; the compartments were so large that they could have been used as stabling for four or five horses. From its upper limbs a wreckage of lianas hung to the ground. Beyond this giant the path rose to a place where the clearing was already waist high with scrub, Then it descended again to the woods. But the woods there were flooded. That was my first near view of the igapo. We had approached the trees, for they seemed free of the usual undergrowth, and passed into the sombre colonnades. The way appeared clear enough, and we thought we could move ahead freely at last, but found in a few steps the bare floor was really black water. The base of the forest was submerged, the columns which supported the unseen roof, through which came little light, diminished down soundless distance into night. After the flaming day from which we had just come this darkness was repellant. The forest, that austere, stately and regarding Presence draped interminably in verdant folds, while we gazed upon it suspecting no new thing of it, as by a stealthy movement had withdrawn its green robe, and our sight had fallen into the cavernous gloom of its dank and hollow heart.

It was about the little wooden town itself, where the scarified earth was already sparsely mantled with shrubs, flowering vines, and weeds, and where the burnt tree stumps, and even the door posts in some cases, were freshly budding--life insurgent, beaten down by fire and sword, but never to its source and copious springs--that most of the butterflies were to be found. In a land where blossoms were few, these were the winged flowers.

Olhando reto para cima, podíamos ver sua folhagem; mas tão distante ficava a copa esparramada de folhas, que era somente uma nuvem negra, a parte mais externa da copa, meros tufos de vapor escuro, derretendo-se no intenso brilho do céu. O tronco cinzento e liso estava fortemente apoiado; a “sapopemba” (literalmente, raiz chata) elevava o tronco por mais de cinquenta pés de altura, formando paredes em volta de sua copa; os compartimentos eram tão grandes que podiam ser usados como estábulos para quatro ou cinco cavalos. Dos galhos mais altos, um emaranhado de cipós dependurava-se para o chão. Para além dessa árvore gigante, a trilha subia para um lugar onde uma clareira já estava tomada por arbustos. Depois descia novamente para a mata. Mas a mata ali estava alagada. Essa era minha primeira visão de um igapó. Aproximávamo-nos das árvores, porque pareciam livres da vegetação rasteira habitual e passávamos por entre as colunas sombrias. O caminho parecia claro o suficiente, e pensávamos que podíamos seguir adiante livremente, finalmente; mas descobrimos, em poucos passos, que o chão desguarnecido era, na verdade, água preta. O chão da floresta estava submerso, as colunas que sustentavam a cobertura invisível, através da qual uma luzinha chegava, diminuía-se em distâncias silenciosas dentro da noite. Depois, o dia flamejante, do qual tínhamos acabado de sair dessa escuridão, estava repelente. A floresta, aquela Presença austera, majestosa e respeitosa, pendurava-se interminavelmente em dobras verdejantes, enquanto a olhávamos por cima, não suspeitando nada de novo nela, como se um movimento furtivo tivesse retirado seu manto verde, e nossa visão tivesse caído dentro da escuridão cavernosa de seu coração úmido e oco.

Era em volta da própria cidadezinha de árvores, onde a terra revirada já estava dispersamente coberta com arbustos, trepadeiras florescendo, e ervas daninhas, e onde a confusão de árvores queimadas e, igualmente, os postes das portas, em alguns casos, estavam frescamente brotando - vida insurgente, abatida pelo fogo e pelo facão, mas nunca sua fonte e primaveras copiosas - que a maioria das borboletas estava para ser encontrada. Numa terra onde a floração era pouca, essas eram as flores com asas.

About the squalid wooden barracks of the negro and native labourers, which were built off the ground to allow of ventilation, and had a trench round them foul with drainage and evil with smells, a *Coloenis*, a scarlet butterfly with narrow, swallow-like wings, used to flash, and frequently would settle there. Over the flowering weeds on the waste ground there would be, in the morning hours, or when the sky was overcast, glittering clouds of the smaller and duller species, though among them now and then would stoop a very emperor of butterflies, a being quick and unbelievably beautiful to temperate eyes. After midday, when the sun was intense, the butterflies became scarce. When out of the shade of the woods, and stranded, at that time, in the hopeless heat of the bare settlement, we could turn into one of the houses of the officials of the company for shelter. These also were of timber, cool, with a verandah that was a cage of fine copper gauze to keep out the insects. All the doors were self-closing. The fewest chances were offered to the mosquitoes. There was no glass, for the window openings also were covered with copper mesh. Here we could sit in shaded security, in lazy chairs, and look out over the clearing to the river below, and to the level line of forest across the river, while listening to stories which had come down to Porto Velho from the interior, brought by the returning pioneers.

Porto Velho had a population of about three hundred. There were Americans, Germans, English, Brazilians, a few Frenchmen, Portuguese, some Spaniards, and a crowd of negroes and negresses. There was but one white woman in the settlement. I was told the climate seemed to poison them.

Em volta das barracas desordenadas dos negros e dos trabalhadores nativos, que eram construídas suspensas do chão, para permitir a ventilação, e tinha uma vala em volta, fétida com esgoto e desgraças com cheiro, uma *Coloenis*, uma borboleta escarlate com asas estreitas, como as asas de uma andorinha, costumava flamejar e, frequentemente, pousaria ali. Por cima das ervas daninhas que floresciam, no chão desperdiçado, haveria, nas horas da manhã, ou quando o céu estava encoberto, nuvens cintilantes das espécimes menores e mais embotadas, embora entre elas, de vez em quando, se inclinaria o próprio imperador das borboletas, um ser rápido e inacreditavelmente belo para olhos temperantes. Após o meio-dia, quando o sol estava inclemente, as borboletas eram escassas. Quando fora da sombra da mata e abandonados, naquela hora, no calor desesperador do assentamento desguarnecido, podíamos entrar em uma das casas dos oficiais da Companhia para nos abrigarmos. Essas também eram de madeira, refrescantes, com uma varanda, que tinha uma cerca de tela de cobre para manter os insetos do lado de fora. Todas as portas fechavam-se sozinhas. As menores chances eram oferecidas aos mosquitos. Não havia vidraça, porque a abertura das janelas também eram cobertas com telas de cobre. Ali podíamos nos sentar em espreguiçadeiras, em segurança sombreada, e olharmos por cima da clareira para o rio embaixo, e para o horizonte da floresta de um lado a outro do rio, enquanto ouvíamos histórias que tinham chegado a Porto Velho, vindas do interior da mata, trazidas pelos pioneiros que regressavam.

Porto Velho tinha uma população de aproximadamente trezentas pessoas. Havia norte-americanos, alemães, ingleses, brasileiros, alguns franceses, portugueses, alguns espanhóis, e uma multidão de negros e negras¹³⁷. Havia somente uma mulher branca no assentamento. Disseram-me que o clima parecia envenená-las.

137O narrador não registra as diversas nacionalidades dessa “multidão de negros e negras” - antilhanos, barbadianos, jamaicanos, etc. - trabalhadores da EFMM. Contudo, é questão de justiça afirmar que ainda hoje, nas cidades de Porto Velho, Guajará-Mirim e Jaci-Paraná, por exemplo, há remanescentes desses trabalhadores, que deram suas vidas em nome de uma ideia de Progresso. Shockness, Maloney, Jhonsson, Blackman, Holder, Danin, Banfield e Julien são representantes de algumas dessas famílias.

The white girl, who persisted in staying in spite of warnings from the doctors, was herself a Brazilian, the wife of one of the labourers. She refused to leave, and sometimes I saw her about, petite, frail, looking very sad. But her husband was earning good money. It was a busy place, most of it being workshops, stores, and offices, with an engine and trucks jangling inconsequentially on the track by the shore. The line crossed a creek by a trestle bridge, and disappeared in the forest in the direction of San Antonio. The hospital for the men was nearly two miles up the track.

It was along the railway track towards the hospital, with the woods to the left, and a short margin of scrub and forest, and then the river, on the right hand, that I saw one morning in sauntering a few miles as many butterflies as there are flowers in an English garden in June. They were the blossoms of the place. The track was bright with them. They settled on the hot metals and ties, clustered thickly round muddy pools, a plantation there as vivid and alive, in the quick movements of their wings, as though a wind shook the petals of a bed of flowers. They flashed by like birds. One would soar slowly, wings outspread and stable, a living plane of metallic green and black. There was a large and insolent beauty - he did not move from his drink at a puddle though my boot almost touched him - his wings a velvety black with crimson eyes on the underwings, and I caught him; but I was so astonished by the strength of his convulsive body in the net that I let him go. Near the hospital some bushes were covered with minute flowers, and seen from a distance the countless insects moving about those bushes were a glistening and puzzling haze.

A garota branca, que persistia em permanecer no local, apesar das advertências dos médicos, era uma brasileira, a esposa de um dos trabalhadores. Recusava-se a sair do local e, algumas vezes, eu a via por ali, *petite*¹³⁸, frágil, parecendo muito triste. Mas seu marido estava ganhando um bom dinheiro. Era um lugar movimentado, a maior parte era de oficinas, lojas e escritórios, com uma locomotiva, emitindo sons estridentes, inconsequentemente, deslocando-se sobre os trilhos ao longo da margem do Madeira. A linha ferroviária atravessava um riacho por cima de uma ponte de cavaletes e desaparecia na floresta em direção a Santo Antônio. O hospital¹³⁹ para os homens ficava a pouco mais de duas milhas linha acima.

Era ao longo da linha ferroviária, em direção ao hospital, com as árvores do lado esquerdo e uma pequena margem de arbustos e floresta, e depois o rio, no lado direito, que vi, numa manhã, em um passeio, a algumas milhas de distância, tantas borboletas quanto há flores num jardim inglês, no mês de junho. Eram as florações do lugar. A linha ferroviária estava brilhante com elas. Pousavam nos metais quentes e nos dormentes, agrupadas pesadamente em volta das poças de lama, uma plantação ali tão vibrante e viva, nos movimentos rápidos de suas asas, como se um vento balançasse as pétalas de um canteiro de flores. Flamejavam em volta como pássaros. Uma pairaria lentamente, asas abertas e paradas, um aeroplano vivo de cor verde metálico e preto. Tinha uma grande e insolente beleza - não se movia de seu néctar em uma poça, apesar da minha bota quase tocá-la - suas asas, um veludo escuro com olhos carmesim na pontas, e eu a peguei; mas fiquei tão assustado com a força de seu corpo convulsivo na rede, que a deixei ir embora. Perto do hospital, alguns arbustos estavam cobertos com flores minúsculas e, vistas de uma certa distância, os incontáveis insetos movendo-se em volta daqueles arbustos eram uma névoa brilhante e enigmática.

¹³⁸Termo francês para dar ênfase à pequena e delicada estatura da jovem.

¹³⁹Tomlinson refere-se ao Hospital de Candelária, que fora construído no período em que Percival Farquhar era o administrador da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Hoje, o hospital não mais existe.

All that morning I had felt the power of the torrid sun, which clung to the body like invisible bonds, and made one's movements slow, was a luscious benefit, a golden bath, a softening and generative balm; a mother heat and light whose ardent virtues stained pinions crimson and cobalt, and made bodies strong and convulsive, and caused the earth to burst with rushing sap, to send up green fountains; for so the palms, which showed everywhere in the woods, looked to me. You could hear the incessant low murmur of multitudinous wings. And I had been warned to beware of all things. I felt instead that I could live and grow for ever in such a land.

Presently, becoming a little weary of so much strong light, I found it was midday, and looking back, there was the ship across a curve of the river. It was two good miles away; two intense, shadeless, silent afternoon miles. I began the return journey. An increasing rumbling sound ahead made me look up, as I stepped from tie to tie, and there came at me a trolley car, pumped along slowly, four brown bodies rising and falling rhythmically over its handle. A man in a white suit was its passenger. As it passed me I saw it bore also something under a white cloth; the cloth moulded a childish figure, of which only the hem of a skirt and the neat little booted feet showed beyond the cloth, and the feet swayed limply with the jolts of the car in a way curiously appealing and woeful. The car stopped, and the white man, a cheerful young doctor chewing an extinct cigar, came to me for a light. He stood to gossip for a few minutes, giving his men a rest. "That's the Brazilian girl," he said; "she wouldn't go home when told, poor thing."

Toda aquela manhã, que eu tinha sentido a força do sol tórrido, que grudava no corpo como vínculos invisíveis, e tornava lento os movimentos da pessoa, era um benefício suculento, um banho dourado, um bálsamo suave e regenerador; um calor de mãe e luz, cujas virtudes ardentes tingiam de manchas carmesim e cobalto, e deixava os corpos fortes e convulsivos, e era a causa da terra irromper com excitante seiva, fazer crescer as fontes verdes; porque era assim que as palmeiras, que se mostravam em toda parte na mata, pareciam para mim. Podia-se ouvir um incessante e leve murmúrio de inúmeras asas. E eu tinha sido alertado para estar consciente de tudo isso. Em vez disso, eu sentia que podia viver e crescer para sempre em tal terra.

Nesse momento, estando um pouquinho cansado de tanta luz forte, descobri que era meio-dia; e, olhando para trás, havia o navio numa curva do rio. Eram duas boas milhas de distância; duas milhas intensas, sem sombra e silenciosa. Comecei a jornada de volta. Um barulho crescente e retumbante adiante, me fez olhar para a frente, enquanto pulava de dormente em dormente; e vinha em minha direção, um vagonete, acionado para a frente lentamente, quatro corpos bronzeados subindo e descendo ritmicamente uma alavanca. Um homem de terno branco era seu passageiro. Quando passou por mim, vi que carregava também alguma coisa debaixo de um lençol branco; o lençol desenhava a forma de uma criança, da qual somente a barra de uma saia e os pezinhos calçados sobressaíam-se do lençol; e os pés balançavam-se frouxamente com as sacudidas do vagonete, de um modo curiosamente apelativo e pesaroso. O vagonete parou e um homem branco, um jovem e alegre, mascando um charuto apagado, veio em minha direção para pedir fósforo. Parou para conversar por alguns minutos, dando um descanso a seus homens. “Esta é uma menina brasileira” - ele disse; - “ela não mais voltaria para casa, quando conversou comigo, coitadinha!”

This Madeira river had the look of very adventurous fishing, and the Doctor had brought with him an assortment of tackle. The water was opaque, and it was deep. Its prospects, though the forest closed round us, were spacious. It flowed silently, with great power, and its surface was often coiled by profound movements. The coils of the river, as we were looking over the side one morning, began to move in our minds also, and the Doctor mentioned his tackle. There was the forest enclosing us, as mute as the water, its bare roots clenched in aqueous earth. Nobody could tell us much about the fish in this river, but we heard stories of creatures partly seen. There was one story of a thing taken from the very place in the river where we were anchored, a fish in armour which the natives declared was new to them; a fearful ganoid I guessed it, reconstructing it in vision from fragments of various tales about it, such as is pictured in a book on primeval rocks. There were alligators, too, and there was the sucuruju, which I could call the great water serpent, only the Indian name sounds so much more right and awful; and that fellow is forty feet long in his legend, but spoils a good story through reducing himself by half when he is actually killed. Still, twenty feet of stout snake is enough for trouble. I saw one, just after it was killed, which was twenty-two feet in length, and was three feet round its middle. So to fish in the Madeira was as if one's hook and line were cast into the deeps where forms that are without name stir in the dark of dreams. We got out our tackle, and the cook had an assortment of stuff he did not want, and that we put on the hooks, and waited, our lines carried astern by the current, for signals from the unknown. Yet excepting for a few catfish, nothing interrupted the placid flow of stream and time. The Doctor put a bight of the lime round his wrist, sat down, and slept. We had fine afternoons, broad with the wealth of our own time.

O rio Madeira tinha a aparência de uma pescaria arriscada, e o médico tinha trazido uma variedade de material de pesca. A água era barrenta e o rio era fundo. Seus potenciais, embora a floresta nos cercasse, eram amplos. Corria silenciosamente, com grande força; e sua superfície estava frequentemente em forma de espiral devido a movimentos intensos. Os redemoinhos do rio, como estivemos observando de um lado, em uma manhã, começavam a se mover em nossas mentes também, e o médico mencionou seu material de pesca. Havia a floresta nos cercando, tão calada quanto as águas; suas raízes expostas agarradas na terra aquosa. Ninguém podia nos dizer muito sobre a pesca nesse rio, mas ouvimos várias histórias de criaturas vistas parcialmente. Havia uma história de uma coisa retirada do lugar exato onde estávamos ancorados; um peixe com casco, que os nativos declararam que era novo para eles; um terrível ganoide, eu supunha, reconstituindo-o em visão de fragmentos de várias histórias sobre isso, tal qual é pintado num livro nas rochas primevas. Havia jacarés também, e havia a sucuri, que eu podia chamar de a grande serpente das águas; apenas os nomes indígenas soam muito mais corretos e assustadores; e aquele ser tem quarenta pés de comprimento, na história deles, mas estraga-se em uma boa história através da redução pela metade, quando está morta, de fato. Porém, vinte pés de uma cobra robusta é suficiente para impressionar. Vi uma, exatamente depois de morta, que tinha vinte e dois pés de comprimento, e três pés de largura em seu meio. Portanto, pescar no Madeira, era como se o anzol e a linha de alguém estivessem jogados nas profundezas; onde formas, que não têm nomes se agitassem na escuridão dos sonhos. Pegamos nosso material de pesca, e o cozinheiro tinha um monte de coisas que não queria, e que pusemos em nossos anzóis, e esperamos; nossas linhas arrastadas pela correnteza para a popa, aguardando sinais do desconhecido. Entretanto, exceto por algumas piranhas, nada interrompia o fluxo plácido do rio e do tempo. O médico pôs um pedaço da linha em volta do punho, sentou-se e dormiu. Tínhamos excelentes tardes, generosas com a riqueza de nosso próprio tempo.

Old man Jim came aboard and saw our patience with amusement. He suggested dynamite, and no waiting. The river was full of good fish, and he would come next day with a canoe and take us where we could get a load. It was a suggestion which needed slurring, to look attractive to sportsmen. Jim took it for granted that we simply wanted fish to eat, and as many as we could get; and next morning there he was alongside with his big boat and its crew. Jim himself was in the stern, the navigator, and he was sitting on what I was told was a box of dynamite. Now, there were two others of our company who, but the day before, were even eager to see what dynamite would send up from the bottom of that river; but when they saw the craft alongside with its wild-looking crew, and Jim with his rifle sitting on a power which could lift St. Paul's, they considered everything, and decided they could not go that day. I went alone.

I suppose men do plucky things because they are largely thoughtless of the danger of the things they do. As soon as I was sitting on the level of the water in that crazy boat, with Jim and his explosive, and beside him what whisky he had not already consumed, and saw under my nose the eddies and upheavals of the current, I knew I was doing a very plucky thing indeed, and wished I was high and safe on the "Capella." But we had pushed off.

Jim, with his eyes dreamy through barley juice, was the pilot, and there was a measure of confidence to be got from the way he navigated us past the charging trees afloat. There was no drink in the steering paddle, at least. But the shore was a long swim away; yet perhaps it would have been as pleasant to be drowned or blown-up as to be lost in the jungle. We turned into a still creek, where the trees met overhead. Jim continued his course till the inundated forest was about us.

O velho Jim veio a bordo e viu nossa paciência com diversão. Sugeriu dinamite e não espera. O rio estava cheio de peixe bom, e ele viria no dia seguinte com uma canoa e nos levaria onde podíamos pegar um monte de peixe. Era uma sugestão que precisava de censura, para parecer atrativa para os esportistas. Jim tomou por garantia que nós simplesmente queríamos pegar peixe para comer, e tanto quanto pudéssemos pegar; e, na manhã seguinte, lá estava ele ao lado do navio, com seu barco grande e sua tripulação. O próprio Jim estava na popa, o navegador; e ele estava sentado em cima do que, disseram-me, era uma caixa de dinamite. Agora, havia dois outros de nossa Companhia que, mas no dia anterior, estavam muito animados para ver o que a dinamite enviaria do fundo daquele rio; mas, quando viram a embarcação ao lado do navio com sua tripulação de aparência selvagem, e Jim com seu rifle sentado sobre uma força que podia erguer a do Santo Paulo, eles consideraram tudo e decidiram que não podiam ir naquele dia. Fui sozinho.

Suponho que os homens façam coisas destemidas, porque estão grandemente desatentos do perigo das coisas que fazem. Assim que sentei-me no nível da água naquele barco maluco, com Jim e seu explosivo e, ao seu lado, o uísque que ainda não tinha sido consumido, e vi debaixo do meu nariz os redemoinhos e sublevações da correnteza, eu sabia que estava fazendo exatamente uma coisa destemida de fato, e desejei estar no alto, e seguro, no *Capella*. Mas já tínhamos zarpado.

Jim, seus olhos sonhadores, devido ao sumo de cevada, era o piloto; e havia uma dimensão de confiança para ser adquirida do caminho que ele nos conduzia, por trás de um monte de troncos à deriva. Não havia bebida nas pás propulsoras, pelo menos. Mas a margem estava a uma longa natação; entretanto, talvez, fosse tão agradável estar submerso ou enraivecido, quanto perdido na selva. Fizemos a curva em um riacho parado, onde as árvores se fechavam por cima. Jim continuou em seu curso até que a floresta alagada estivesse ao nosso redor.

The gloom was hollow, the pillars rising from the black floor were spectral, and our voices and paddles sounded like a noisy irruption among the aisles of a temple. The echoes fled from us deeper into the dark. But Jim was all unconscious of this; he but stopped our progress, and opened the box of cartridges.

I had never seen dynamite, but only heard of it. I understood it had unexpected qualities. Jim had a cartridge in his hand, and was digging a knife into it. I repeat, the flooded wilderness was round us, and below was the black deep. Jim fitted a detonator to a length of fuse, and stuck it in the cartridge. He was in no hurry. He stopped now and then for another drink. Having got the cartridge ready, with its potent filament, he tied four more cartridges round it. I put these things down simply, but my hand ached with the way I gripped the gunwale, and I could hear myself breathing.

Then Jim struck a match on his breeches, with all the fumbling deliberation of the fully ripe - brushing the vine leaves from his eyes the better to see what he was doing - and he lit the fuse, after it had twice dodged the match. It fizzed. The splutter worked downwards energetically. Jim did not deign to look at it, though it fascinated me. He slowly scratched his back with his disengaged hand, and gazed absently into the forest.

The spark and its spurts of smoke were now near the bottom. Jim changed the menace into his right hand, in order to reach another part of his back with his leisurely left. His eyes were still on the forest. I kept swallowing.

"Jim," I said eagerly - though I did not know I was going to speak - "don't - don't you think you'd better throw it away now?"

A escuridão estava esburacada; os pilares erguendo-se do chão negro estavam espectrais; e nossas vozes e remos soavam como uma irrupção barulhenta entre as fileiras de bancos de um templo. Os ecos escapavam de nós mais para o interior, para dentro da escuridão. Mas Jim estava completamente inconsciente disso; então ele parou nosso progresso e abriu a caixa de dinamites.

Eu nunca tinha visto dinamite, apenas tinha ouvido falar a respeito. Compreendi que ela tinha qualidades imprevistas. Jim tinha uma banana de dinamite na mão e estava enfiando uma faca na dinamite. Repito, a imensidão alagada estava ao nosso redor e, embaixo, estava a profundidade escura. Jim encaixou um detonador a uma extensão do estopim, e o enfiou na dinamite. Ele não estava com pressa. Parava de vez em quando para tomar outro gole de bebida. Tendo preparado a dinamite, com seu filamento potente, amarrou quatro dinamites ao redor dela. Registro essas coisas simplesmente, mas minha mão doía devido à maneira como segurava-me na beira do barco, e podia ouvir a mim mesmo respirando.

Depois Jim tirou uma caixa de fósforo de sua calça, com toda a deliberação desajeitada do amadurecimento completo - retirando as folhas de cipós de diante dos olhos para ver melhor o que estava fazendo - e acendeu o estopim, depois que tinha riscado o fósforo três vezes. Estava chiando. O rebuliço queimava para baixo energicamente. Jim não se dignava a olhá-lo, embora me fascinasse. Ele coçava as costas lentamente com sua mão desocupada, e olhava distraidamente para dentro da floresta. A faísca e seus esguichos de fumaça estavam agora perto da ponta. Jim mudou a ameaça para a mão direita, calmamente, para poder alcançar outra parte de suas costas com a mão esquerda. Seus olhos ainda estavam olhando a floresta. Eu me mantinha em silêncio.

“Jim”, - eu disse ansiosamente - embora eu não soubesse o que fosse dizer. - “Não... não é melhor você jogar isso fora agora?”

He regarded me steadily, with eyes half shut. The spark spurted, and dropped another inch. He looked at it. He looked round the waters without haste. Then, and I could have cried aloud, he threw the shocking handful away from us.

It sank. There were a few bubbles, and we sat regarding each other in the quiet of a time which had been long dead, waiting for something to happen in a time to come. At the end of two weeks the bottom of the river fell out, with the noise of the collapse of an iron foundry on a Sunday. Our boat tried to leap upwards, but failed. The water did not burst asunder. It vibrated, and was then convulsed.

Dead fish appeared everywhere, patches of white all round; but we hardly saw them. There was a great head which emerged from the floor, looking upwards sleepily, and two hands moved slowly. These quietly sank again. The tail of the saurean appeared, slowly described a half circle, and went. The big alligator then lifted itself, and performed some grotesque antics with deliberation and gravity. Then it gathered speed. It rotated, thrashed, and drummed. It did all that a ten-horse-power maniac might. I think the natives shrieked. I think Jim kept saying "hell"; for I was conscious only with my eyes. When the dizzy reptile recovered, it shot away among the trees like a torpedo.

We went home. That night I understand the second mate was kept awake listening to me, as I slept, bursting into spasms of dreadful merriment.

When you are lost in the map of a country that is beyond the worn routes, trying to discover therein the place name which is the most secluded and inaccessible, if the map should happen to be that of South America, then your thought would naturally wander to the neighbourhood of San Antonio of the Rio Madeira. There you stay, to wonder what strange people and rocks and trees are to be found at San Antonio. It looks remote, even on the map. The sign which stands for the village is caught in a central loop of the mesh which is the river system of the Amazon forest.

Ele me olhou fixamente, com os olhos quase fechados. A faísca esguichava e consumia outra polegada. Ele olhava para o explosivo. Olhava sem pressa em volta das águas. Então, eu podia ter gritado alto, ele jogou o punhado terrível longe de nós.

Afundou. Surgiram algumas borbulhas e nós sentados considerando um ao outro, no silêncio de um tempo que tinha estado morto por muito tempo, esperando acontecer algo em um tempo vindouro. Como que ao final de duas semanas, o fundo do rio estremeceu, com o barulho do colapso de uma fundição de ferro num dia de domingo. Nosso barco tentou saltar para cima, mas fracassou. A água não explodiu em partes. Ela vibrou e depois ficou convulsiva.

Apareceu peixe morto em todo lugar, manchas brancas em todo o redor; mas, dificilmente, víamos os peixes. Uma cabeçorra emergiu do fundo, olhando para cima sonolentemente, e duas nadadeiras moviam-se lentamente. Afundou quietamente de novo. O rabo de um sáurio apareceu, fez meio círculo lentamente e desapareceu. Um jacaré grande depois se ergueu e fez alguns movimentos grotescos com deliberação e gravidade. Então ganhou velocidade. Girou, debateu-se e bateu-se ritmicamente. Fez tudo que dez maníacos cavalos de força podiam fazer. Acho que os nativos gritaram. Acho que Jim se mantinha dizendo “diabo”; porque somente meus olhos estavam conscientes. Quando o réptil atordado se recuperou, saiu em disparada entre as árvores, como um torpedo.

Fomos para casa. Naquela noite compreendi porque o segundo-oficial se manteve acordado me ouvindo, enquanto eu dormia, explodindo em espasmos de terrível regozijo.

Quando se está perdido no mapa de um país localizado para além das rotas gastas, tentando descobrir ali o nome do lugar que seja o mais remoto e inacessível, se o mapa fosse aquele da América do Sul, então, seu pensamento deveria, naturalmente, vaguear para a vizinhança de Santo Antônio do rio Madeira. Ali para-se maravilhando-se com as pessoas estranhas e pedras que se encontrar em Santo Antônio. O lugar parece remoto, mesmo no mapa. O sinal que identificava o povoado é captado em uma curva central do emaranhado, que é o sistema fluvial da floresta amazônica.

San Antonio must be beyond all, and a great journey. It is far outside the radius. And that would be enough, to be beyond the last ripple of the traffic and at peace, where that dark disquiet, that sombre emanation which rises from the soured earth where myriads have their chimneys, their troubles and their strife, staining even the morning and the morning thought, is no more. A place where the light has the clarity of the first dawn, and one might hear, while sure of absolute solitude, the winding of a strange horn, and suspect, when coming to an opening in the woods, the flight of a shining one; for somewhere the ancient gods must have sanctuary. A land where the rocks have the moss of unvisited fastnesses, and you can snuff the scents of original day.

Where we were anchored, San Antonio was in view, about five miles up stream. Where at the end of that reach of river a line of tremulous light, which we thought was the cataracts, bridged the converging palisades of the jungle, in the trees of the right bank it was sometimes easy to believe there was a glint of white buildings. But looking again, to reassure your sight, the apparition of dwellings vanished. At night, in the quiet, sometimes the ears could detect the shudder of the weighty rapids by San Antonio; but it was merely a tremor felt; there was no sound. The village remained to us for some time just that uncertain gleam by day, and the rapids but a minute reduction of a turmoil that was far. For in that languorous heat we counted miles differently, and it was pleasanter to suspect than to go and prove, and much easier.

One day I went. When in a small boat the jungle towered. The river, too, had a different character. From the shore, or from the big "Capella," the river was an expanse of light, an impression of shining peace. Whenever you got close to its surface it became alive and menacingly intimate. Our little boat seemed to roll in the powerful folds of a monster which wallowed ponderously and without ceasing. The trees afloat, charging down swiftly and in what one felt was an ominous quiet, stood well above our tiny craft.

Santo Antônio deve estar para além de tudo, e de uma grande jornada. Está fora do limite. E que seria suficiente - para se estar para além do último barulho do tráfego e em paz; onde aquela escuridão intranquila, aquela emanção sombria que se eleva da terra amarga, em que uma miríade de pessoas tem suas casas, seus problemas e suas disputas, manchando até mesmo a manhã e o pensamento matinal, que não mais é encontrado. Um lugar onde a luz possui a claridade da primeira madrugada, e alguém podia ouvir, enquanto certo de plena solidão, o som de uma trombeta estranha, e suspeitar, quando chegando a uma clareira na mata, do voo de alguém brilhante; porque em alguma parte, os deuses devem ter seus santuários. Uma terra onde as pedras têm o musgo da fortaleza não visitada, e pode-se cheirar os aromas do dia original.

Onde estávamos ancorados, Santo Antônio ficava à vista, aproximadamente a cinco milhas rio acima. Onde, no final do alcance do rio, uma linha tremulante de luz, que pensávamos que fosse a cachoeira, e erguiam-se as paliçadas da selva, nas árvores do barranco à direita, algumas vezes, era fácil acreditar que havia um brilho de edifícios brancos. Mas, olhando novamente, para se reassegurar de sua visão, a aparição de moradias desaparecia. À noite, no silêncio, algumas vezes, os ouvidos podiam detectar o estremecimento da cachoeira estrondosa em Santo Antônio; não havia som. Durante algum tempo, o povoado permaneceu para nós apenas aquele brilho incerto do dia; e, a cachoeira, apenas uma redução minúscula de um tumulto que estava distante. Porque, naquele calor languroso, contávamos milhas diferentemente; e era muito mais agradável suspeitar do que ir e comprovar, e muito mais fácil.

Um dia eu fui. Quando se está num barquinho, a selva fica mais alta. O rio também tinha uma característica diferente. Da margem ou do *Capella*, o rio era uma expansão de luz, uma impressão de paz brilhante. Quando perto de sua superfície, ele fica vivo e intimida com ameaças. Nosso barquinho parecia balançar-se nas rugas poderosas de um monstro que afundava poderosamente e sem cessar. As árvores à deriva, descendo rapidamente e num silêncio agourento, permaneciam acima de nossa embarcação minúscula.

We steered close in-shore to avoid the drifting wood and the set of the current. The jungle's sheer height, confusion, and intensity were more awesome than when seen from the steamer. Not many of the trees were of great beam, but their consistent height, with the lianas in a wreck from the far overhanging cornice, dwarfed our boat to an unimportant straw. At times the forest had a selva of cane, and growths of arrow grass, bearing long white plumes twelve feet above us, and a pair of fan-shaped leaves resembling palm leaves.

The sound of the cataracts increased, and a barrier grew in height athwart the Madeira. Mounting high right ahead of us at last was a mass of granite boulders, with broad smooth surfaces, having the structure of gigantic masonry in ruin which weathered plutonic rock so often assumes. Beyond the barrier the river was plainly above our level. It was seen, resplendent as quicksilver, through the crenellations of the black rocks. One central mass of rock, higher than the rest, had a crown of dark and individual palms, standing paramount in the upper light. Yet, with that gleam of wide river behind, no great rush of water broke there. A few fountains spurted, apparently without source, and collapsed, and pulsed again. The white runnels of foam which laced the contours of the piled boulders gave the barrier the appearance of being miraculously uplifted, as though one saw thin daylight through its interstices. Not till the village was in view did we see where the main river avoided the barrier. The course here was looped. Above the barrier the river turned from the right bank, and heaped itself in a smooth steep glide through a narrow pass against the opposite shore, the roaring welter then running obliquely across the foot of the rocks to the front of San Antonio on the right bank again. The forest beside the falls seemed to be tremulous with continuous and profound underground thunder.

Navegávamos perto da margem evitando os troncos flutuantes e a força da correnteza. A grande altura da selva, a confusão e a intensidade eram mais assustadoras do que quando vistas do navio. Não muitas das árvores eram de grande tamanho, mas o seu peso consistente, com os cipós em um emaranhado distante da copa pendurada, diminuíam nosso barco a um canudinho sem importância. Algumas vezes, a floresta tinha uma margem de canarana e crescimento vegetal de flechas, suportando longas plumas brancas, doze pés acima de nós, e um par de folhas em forma de ventilador semelhante às folhas da palmeira.

O barulho da cachoeira aumentava e uma barreira crescia na altura do lado do rio Madeira. Erguendo-se alto, à direta, adiante de nós, finalmente, estava uma massa de rochedos de granito, com superfícies amplas e lisas, tendo a estrutura de alvenaria gigante em ruína, que a pedra plutônica enxarcada tão frequentemente assume. Para além da barreira, o rio estava, claramente, acima de nosso nível. Era visto resplandecente, assim como o mercúrio, passando entre as ameias de pedras pretas. Um monte central de pedras, mais alto do que o resto, tinha uma coroa de palmeiras escuras e individuais, deixando-as mais altas do que as outras, na luz superior. Entretanto, com aquele brilho do rio largo atrás, nenhuma investida de água batia ali. Algumas fontes jorravam, aparentemente sem origem, desmoronavam e pulsavam novamente. Córregos brancos de névoa, que laçavam os contornos dos rochedos empilhados, davam à barreira a aparência de estar erguida miraculosamente, como se alguém visse a frágil luz do dia através de seus interstícios. Não pudemos ver onde o rio principal desviava a barreira até que o povoado aparecesse. O curso ali era saltado. Acima da barreira, o rio virava do barranco à direita, e saltava em um deslizamento liso e íngreme, através de uma passagem estreita contra a margem do lado oposto, a desordem barulhenta então corria obliquamente de um lado a outro da base das pedras para a frente de Santo Antônio, no barranco do lado direito novamente. A floresta ao lado da cachoeira parecia tremer com um contínuo e profundo trovão subterrâneo.

The little huddle of San Antonio's white houses is on slightly rising ground, and the lambent green of the jungle is beside them and over them. The foliage presses the village down to the river. Like every Amazonian town and village, it appears, set in that forest, as rare a human foothold as a ship in mid-ocean; a few lights and a few voices in the dark and interminable wastes. So I landed from our little craft elated with a sense of luckily acquired security.

The white embowered village, the leaping fountains and the rocks, the air in a flutter with the shock of ponderous water collapsing, the surmounting island in mid-stream with its coronet of palms, the half-naked Indians idling among the Bolivian rubber boats hauled up to the foreshore below, the unexplored jungle which closed in and framed the scene, the fierce sun set in the rounded amplitude of the clouds of the rains, made the tropical picture which was the right reward for a great journey. I had come down long weeks of empty leisure, in which the mind got farther and farther away from the cities where time is so carefully measured and highly valued. The centre of the ultimate wilderness was more than a matter of fact. It was now a personal conviction which needed no verification.

The village had but one street. There were two rows of houses of a single storey, built of clay and plaster, dilapidated, the whitewash stained and peeling, every house open and cavernous below, without doors, in the way of Brazilian dwellings, to give coolness. The street was almost deserted when we entered it. A few children played in the shadows, and outside one house a merchant in a white cotton suit stood overlooking the scales while the half-breeds weighed balls of rubber;

O pequeno amontoado de casas brancas de Santo Antônio¹⁴⁰ encontra-se sobre um solo levemente elevado, e o verde cintilante da selva está em volta e por cima delas. A folhagem comprime o povoado de encontro ao rio. Como toda cidade e povoado amazônicos, enfiado naquela floresta, ele parece uma base humana, tão rara quanto um navio no meio do oceano; algumas luzes e algumas vozes numa extensão de terra interminável e escura. Então desembarquei de nossa embarcaçõzinha, animado com um sentimento de segurança adquirida afortunadamente.

O povoado branco e envolvente, as fontes saltitantes, as pedras, o ar em uma agitação com o choque das águas poderosas em colapso, a ilha superiora no meio do rio, com sua coroa de palmeiras, os indígenas seminus desperdiçando tempo entre os barcos carregados de borracha bolivianas na faixa litorânea abaixo, a selva inexplorada, que se fechava e emoldurava a cena, o sol ferrenho posto na amplitude arredondada de nuvens de chuvas produziam o quadro tropical, que era a recompensa certa por uma grande jornada. Eu tinha saído de longas semanas de folga vazia, em que a mente fica mais e mais afastada das cidades, onde o tempo é tão cuidadosamente medido e altamente valorizado. O centro da última selva era mais do que uma questão de fato. Era agora uma convicção pessoal que não precisava de verificação.

O povoado tinha apenas uma rua. Havia duas fileiras de casas de um só piso, construídas com barro e rebocadas, dilapidadas, com a cal manchada e descascando; toda casa aberta e cavernosa embaixo, sem portas, da maneira das moradias brasileiras, para permitir o frescor. A rua estava quase deserta, quando entramos no povoado. Algumas crianças brincavam nas sombras; e, do lado de fora de uma casa, um comerciante, usando um terno branco de algodão, estava vigiando a escala da balança, enquanto os mestiços pesavam pélas de borracha;

140Não mais existe o povoado de Santo Antônio; no local há a Usina Hidrelétrica de Santo Antônio. As pedras foram dinamitadas e/ou retiradas dali. Hoje é como se fosse um bairro da cidade de Porto Velho. Da praça Madeira-Mamoré, ponto inicial da ferrovia, pode-se ver o conglomerado da Usina.

for this town is in the midst of the richest rubber country of the world, and all the wealth of the rivers Mamoré, Beni, and Madre de Dios comes this way. And that was why, as we idled through its single thoroughfare, some dark girls came to stand at the house openings, dressed in odorous muslin, red flowers in their shiny black hair, and their smiling eyes full of interest in us. The rough road between the dwellings was overgrown with grass, and in the centre of it, partly hidden by the grass, was the line laid long ago by the railway enterprise which ended so tragically. To-day the rubber men use it as a portage for their boats. There were several inns, half-obliterated names painted on their outer walls. They had crude interior walls of mud, and floors of bare earth. In such an inn would be a few iron tables and chairs, and there a visitor might drink from bottles which at least bore European labels, though the contents and cost were past all European understanding. I forgot to say that by the foreshore of this little village is the head dépôt of a great rubber house, a building apparently out of all proportion to the size of San Antonio. But I looked on that place with the less interest, though from what my native companion told me the head of the house is a monarch more absolute and undisputed in this wild country than most eastern kings are to-day.

I was more interested in the huge boulders of smooth granite which rose strangely from the street in places, and broke its regularity. These rounded and noble rocks often topped the houses. What man had built looked mean and transitory beside the poise and fine contours of the rocks. The colony of giant rocks had a look of settled and tranquil solidity, a friendly and hospitable aspect.

porque esta cidade está no meio do país da borracha e o mais rico do mundo; e toda a riqueza dos rios Mamoré, Beni e Madre de Dios vem por este caminho. E era por isso que, quando caminhamos em sua única via pública, algumas garotas morenas foram para as aberturas das casas, vestidas em musseline perfumado, flores vermelhas nos cabelos pretos brilhantes, e seus olhos sorridentes cheios de interesses em nós. A rua acidentada entre as moradias estava cheia de mato e, no centro dela, parcialmente escondida pelo mato, estava a linha ferroviária, colocada há muito tempo pelo empreendimento ferroviário que terminou tão tragicamente. Hoje, os seringueiros e seringalistas usam a ferrovia como meio de transbordo de seus barcos, para transpor a cachoeira. Havia bastante bares; os nomes meio ilegíveis pintados na parte mais alta das paredes. Tinham paredes interiores de barro, sem acabamento, e o chão era de terra batida. Em um bar semelhante estaria algumas mesas de ferro e cadeiras e, ali, um visitante podia beber de garrafas que, pelo menos, ostentavam rótulos europeus, embora o conteúdo e o preço ultrapassassem completamente a compreensão europeia. Esqueci de dizer que na faixa litorânea deste povoadinho está um armazém de uma grande casa de borracha,¹⁴¹ um edifício aparentemente fora de toda proporção para o tamanho de Santo Antônio. Mas olhei para aquele lugar com menos interesse, embora meu companheiro nativo me dissesse que o dono da casa é um monarca mais absoluto e incontestado neste território selvagem, do que muitos dos monarcas ocidentais o são hoje.

Eu estava mais interessado nos rochedos de granito liso, que se erguiam estranhamente da rua em alguns lugares, e quebrava sua regularidade. Essas pedras redondas e nobres frequentemente ultrapassavam o topo das casas. O que o homem tinha construído parecia insignificante e transitório, ao lado do porte e dos contornos refinados das pedras. A colônia de pedras gigantes tinha a aparência de tranquila solidez, um aspecto amistoso e hospitaleiro.

141 Armazém da firma Suarez & Companhia, de dois irmãos bolivianos, os Suarez, “os reis da borracha”.

They might have been old friends which time had proved; the houses beside them were alien by contrast. I felt that San Antonio had merely imposed itself on them, that they tolerated the village because it was but an incident; that they could afford to wait. When I saw them there I recognised the village of my map. I climbed to the summit of one, over its weather-worn shelves. It had a skin of lichen, warm in the sun and harshly familiar. The curious hieroglyphics of the lichen were intelligible enough, and more easily read than the signs on the walls of the inns. I learned where I was; and knew that when the day of the great rubber house had long passed, my village would still be there, and prospering.

Below my rock, on the land side - to which I had turned my back - was a monstrous cesspool. It was in the centre of the village. It was the capital of all flies, and the source and origin of all smells, varying smells which reposed, as I had found when below in the hot and stagnant street, in strata, each layer of smell invisible but well-defined. Among the weeds in the roads were many derelict cans. Over the empty tins, and the garbage, pulsed and darted hundreds of Brazil's wonderful insects.

But I was above all that, on my high rock. Its height released me to a wide and splendid liberty. I cannot tell you all that my vantage surveyed. But chiefly I was assured by what I saw that I was more central even than my eyes showed; they merely found for me the intimation. Here was all the proof I wanted; for faith is not blind, but critical, yet instantly transcends to knowledge at the faintest glimmer of authentic light, as when an exile who is beset by inexplicable and puissant circumstance among strangers whose tongue is barbarous, is surprised at a secret sign passed there of fellowship, and is at once content. Yet I can report but a broad river flowing smooth and bright out of indefinite distance between dark forests to the wooded islands below;

Podiam ter sido velhos amigos que o tempo tinha aprovado; as casas ao lado delas ficavam fora da realidade pelo contraste. Eu sabia que Santo Antônio tinha simplesmente se imposto a elas, que elas toleravam o povoado porque era apenas um incidente; que elas podiam permitir-se esperar. Quando eu as vi, reconheci o povoado do meu mapa. Subi para o cume de uma, por cima de seus veios desgastados pelas intempéries. Tinha uma camada de líquens, aquecidos no sol e asperamente familiar. Os hieroglifos curiosos de líquen estavam inteligíveis o suficiente e mais facilmente legíveis do que as letras nas paredes dos bares; eu sabia onde estava; e sabia que, quando o dia do casarão da borracha tivesse passado, meu povoado ainda estaria lá e prosperando.

Embaixo da minha pedra, no lado da terra - para o qual eu tinha virado minhas costas - havia uma fossa monstruosa. Ficava no centro do povoado. Era a capital de todos os mosquitos, e a fonte e a origem de todos os cheiros, cheiros variados que repousavam, como descobri quando embaixo na rua quente e parada, no estrato, cada camada de cheiro invisível apenas bem definida. Em meio às ervas daninhas, nos caminhos, havia muitas latas abandonadas. Por cima das latas vazias e do lixo pulsavam e se arremetiam centenas de insetos maravilhosos do Brasil.

Mas eu estava acima daquilo tudo, em minha pedra elevada. Sua altura lançava-me para uma ampla e esplêndida liberdade. Não posso contar-lhe tudo que minha vantagem examinava. Mas, principalmente, eu estava assegurado pelo que eu via que era mais central, mais do que meus olhos mostravam; eles meramente descobriram para mim a intimação. Ali estava toda a prova que eu queria; porque a fé não é cega, mas crítica, entretanto, instantaneamente transcende ao conhecimento no vislumbre mais tênue de autêntica luz; como quando um exilado, que é cercado por circunstância inexplicável e poderosa entre estrangeiros, cuja língua é bárbara, é surpreendido por um sinal secreto passado ali de companheirismo, e fica ao mesmo tempo contente. Todavia, posso relatar somente um rio largo correndo liso e brilhante para fora da distância infinita entre as florestas escuras nas ilhas com mata baixas;

and by the islands suddenly accelerated and divided, in a slight descent, pouring to a lower level in taut floods as smooth, noiseless, and polished as mercury. Lower still was the gleaming turmoil of the falls, pulsing, and ever on the point of vanishing, but constant, its shouting riot baffled by the green cliffs everywhere. But I could escape, for once, over the parapets of the jungle to the upper rolling ocean of leaves; to the distance, dim and blue, the region where man has never been.

There was a man who looked like a sensational ruffian who boarded us one morning at Porto Velho, and said he had come to find me. He was going up into the forest, beyond the track, and would I go with him? That made me look at him again, and with some anxiety; for I had tried before to get away, but the crowd on the "Capella" disliked the idea. The Doctor talked dysentery and things. He said it was safer to keep to the ship during the month we had still to spend at Porto Velho. I felt, overborne by their arguments, a rather thin sort of adventurer. That mysterious railway would have drawn the mind of any man who had not lost his curiosity, and who valued being alive more than his chance of old age. The track went from Porto Velho into outer darkness. It left the clearing and the village of mushroom buildings, the place where the inhuman had been moderately subdued, where a modicum of industry was established in a continent of primitive wild, crossed a creek by a trestle bridge in view of our steamer, and vanished; that was the end of it, so far as we knew. Men came back to the settlement through that hole of the forest, and boarded the "Capella" to tell us, in long hot nights, something of what the forest of the Madeira was hiding; and they were bearded like Crusoe, pallid as anæmic women,

e repentinamente acelerado e dividido nas ilhas, em uma descida insignificante, fluindo para um nível mais baixo em inundações tesas, tão lisas, silenciosas e polidas quanto o mercúrio. Mais abaixo, estava o tumulto brilhante da cachoeira, pulsando e sempre a ponto de desaparecer, mas constante; seu tumulto gritante abafado pelos penhascos verdes em todo lugar. Mas eu podia escapar, pelo menos uma vez, por cima dos parapeitos da selva para a parte mais alta do oceano balançante de folhas, para a distância indistinta e azul, a região onde o homem nunca esteve.

Havia um homem que parecia com um valentão sensacional, que veio a bordo numa manhã, em Porto Velho; e disse-me que tinha vindo para encontrar-se comigo. Ele ia entrar na floresta, para além da picada da ferrovia, e eu iria com ele? Isso me fez olhar para ele novamente, e com alguma ansiedade; porque eu tinha tentado sair antes, mas a multidão do *Capella* detestou a ideia. O médico falou sobre disenteria e outras doenças. Disse que era mais seguro ficar no navio durante o mês que tínhamos para passar em Porto Velho. Eu senti, advertido por seus argumentos, mais precisamente, que ele era um tipo fraco de aventureiro. Aquela ferrovia misteriosa aticaria a mente de qualquer homem que não tivesse perdido sua curiosidade, e que valorizasse a vida com mais intensidade do que sua chance de velhice. A linha ferroviária saía de Porto Velho para dentro da escuridão externa. Deixava a clareira e o povoado de casas espalhadas, o lugar em que o inumano havia sido moderadamente subjugado, em que uma pequena porção de indústria fora estabelecida numa região de selva primitiva, e cruzava um riacho por uma ponte de madeira, à vista do nosso navio, e desaparecia; aquele era o seu fim, tão distante quanto sabíamos. Os homens retornavam para o assentamento por aquele rasgo na selva, e embarcavam no *Capella* para nos contar, em longas noites quentes, algo do que a floresta do Madeira estava escondendo; e esses homens eram barbudos como Crusoe¹⁴², pálidos como mulheres anêmicas,

¹⁴²**Robinson Crusoe**, personagem do romance de mesmo nome - do escritor inglês Daniel Defoe (1660 - 1731). Uma obra prima que retrata a relação colonizador/colonizado e que foi reescrita numa perspectiva pos-colonialista por Derek Walcott, em **Pantomime** (1978).

and speckled with insect bites. These men said that where they had been working the sun never shone, for his light was stopped on the unbroken green which, except where the big rivers flowed, roofed the whole land. I liked the look of the stranger who had come to persuade me to this rare holiday. He said his name was Marion Hill, of Texas. He wore muddy riding breeches, and a black shirt open at the throat, and boots of intricately embossed leather which came well up his thighs, spurs that would have ravelled a pachyderm, and the insolent hat of a bandit. He had a waistbelt heavy with guns and ammunition. I saw his face, and divined instantly that this was a man, and that the memory of a time with him would serve me as a refuge in the grey and barren years, and as a solace. I told him I would get my things together. The Skipper called after me that if I returned too late I should have to walk home.

There was a commissary train next morning, taking men and supplies to the camps. It had a number of open waggons, loaded with material, about which the labourers going up to replenish the gangs made themselves as comfortable as they could. I had an indiarubber bag for all my belongings, being told that it was best for strapping to a mule, and a valuable lifebuoy when a canoe overturned. I accepted it with perfect faith, for I knew nothing of mules or canoes. The train moved off, a bell on the engine ringing sepulchrally. Hill and I were packed into a box car, which had a door open on either side for light and air. Two American engineers were in charge, there was an Austrian to superintend the distribution at each camp of the provisions, the Austrian had an Italian assistant, and a few Barbadian blacks were there to move about the packages. I sat on a case of tinned fruit. Hill reposed on one of the shelves where we should stow fever victims, when we collected them. There was no more room in the car, and another degree of heat would have meant complete ruin.

e cheios de picadas de insetos. Esses homens diziam que onde tinham trabalhado, o sol nunca brilhava, porque a luz era barrada pelo verde impenetrável que, exceto onde o grande rio corria, cobria a terra inteira. Gostei da aparência do desconhecido, que tinha vindo persuadir-me nessas férias raras. O nome dele era Marion Hill,¹⁴³ do Texas. Ele vestia uma calça de montaria enlameada e uma camisa preta, aberta no peito, e botas de um couro intrinsecamente ornado de relevos, que subiam até seus joelhos, esporas que revelariam um paquiderme, e o chapéu insolente de um bandido. Ele tinha um cinturão pesado com arma e munição. Vi seu rosto e presumi, no mesmo instante, que aquele era um verdadeiro homem, e que a memória de um tempo com ele me serviria como refúgio nos anos cinzentos e inférteis, como um consolo. Disse-lhe que iria arrumar minhas coisas. O capitão me avisou depois que, se eu retornasse muito tarde, teria que voltar a pé para casa.

Havia um trem comissário na manhã seguinte levando homens e suprimentos para os acampamentos. Tinha um certo número de vagões abertos, carregados com material, em volta do qual os trabalhadores subiam para abastecer os grupos e deixar-lhes mais confortáveis o quanto pudessem. Eu tinha um encerado¹⁴⁴ para colocar todos os meus pertences, pois disseram-me que era melhor para prender numa mula, e um valioso salva-vida quando a canoa virasse. Eu o aceitei com perfeita fé, porque eu não sabia nada sobre mulas ou canoas. O trem saiu, um sino tocava sepucralmente na sala de máquinas. Hill e eu entramos num vagão aberto ao lado para entrada de ar. Dois engenheiros estavam no encargo; havia um australiano para superintender a distribuição das provisões em cada acampamento; o australiano tinha um assistente italiano, e havia alguns negros barbadianos ali para carregarem as mercadorias. Sentei-me em uma caixa de frutas enlatadas. Hill se recostou em uma das prateleiras, onde deveríamos acomodar as vítimas da febre, quando os recolhêssemos. Não havia mais vagão na locomotiva e um grau a mais de calor significaria completa ruína.

¹⁴³Em **A ferrovia do diabo**, de M. R. Ferreira, há uma foto de Marion Hill tal qual ele é descrito aqui.

¹⁴⁴Saco de tecido recoberto com látex, a fim de torná-lo impermeável.

When Porto Velho is left for the place where the line is to end, when completed, though it is but 250 miles away, two months at least is required for the return journey. That way goes the paymaster, with his armed escort, and every bundle of shovels and tin of provisions. When I went, too, the train helped for sixty miles. Then most of the material was transported at the Rio Caracoles, a tributary of the Madeira, and taken by boats in stages up the main stream, cargoes and boats being hauled round each cataract. Travellers could shorten the journey by going overland part of the way, mules being kept on the hither side of the Caracoles river for that purpose.

We delivered some patients at the hospital, went through a cutting of red granite to the back of San Antonio, and then entered the forest. That absorbed us. Thenceforward, and until I reached the ship again, I was dominated by the lofty, silent, confused, and brooding growth. Everywhere it was dramatically passionate in its intensity, an arrested riot of green life, and its muteness kept expectant attention fixed upon it. The right of way through the forest was a hundred feet wide. On each side of us the trees rose like virid cliffs. The trees usually were of slender girth, almost as straight as fir poles, rising perhaps for sixty feet without a branch. Occasionally there was a giant, a silk cotton tree, or the strange tree with its grey trunk and pale birch-like habit of foliage which I had noticed on the riverside; but they were not common. Palms were numerous. From ground to high parapet the spaces between the columns were filled with lianas, unrelated big leaves, and the characteristic fronds of the endogens. In this older part of the track, though it had been made but little more than a year, the scrub was dense.

Quando se sai de Porto Velho e se vai para o lugar onde será o ponto final da linha ferroviária, quando completada, apesar de ficar a 250 milhas de distância, dois meses de viagem, pelo menos, são necessários para a jornada de retorno. Naquele caminho segue o responsável pelo pagamento dos trabalhadores, com sua escolta armada, e todos os pacotes de pás e latas de provisões. Quando eu fui, a locomotiva também ajudava por cerca de sessenta milhas. Depois, a maior parte do material era transportado para o rio Caracol, um afluente do Madeira, e levado de barco em etapas, para o rio principal; carregamentos e barcos eram arrastados ao redor de cada cachoeira. Os viajantes podiam encurtar a jornada indo por terra parte do caminho; mulas eram mantidas do lado de cima do rio Caracol com esse propósito.

Entregamos alguns doentes no hospital e seguimos adiante através de uma abertura no granito vermelho, para a parte de trás de Santo Antônio; e, depois, entramos na mata. Aquilo nos absorvia. Dali em diante, e até que eu voltasse para o navio novamente, fui dominado pelo crescimento vegetal elevado, silencioso, confuso e ponderado. Em todo lugar estava dramaticamente exaltado em sua intensidade, um distúrbio suspenso de vida verde; e seu silêncio mantinha minha atenção ansiosa fixada nele. O lado direito do caminho na mata tinha uns cem pés de largura. Em cada lado, as árvores erguiam-se como penhascos verdosos. As árvores geralmente eram de medida esguia, quase tão retas quanto os caules do abeto, erguendo-se, talvez, por sessenta pés sem um galho. Ocasionalmente havia uma árvore gigante, uma sapopemba, ou a árvore estranha com seu tronco cinzento e pálido, como a folhagem comum da bétula, que eu havia visto no lado do rio; mas elas não eram comuns. As palmeiras eram numerosas. Do solo para o parapeito alto, os espaços entre as colunas eram preenchidos com cipós, e grandes folhas descontínuas, as folhas características dos endógenos. Nessa parte mais antiga da picada, apesar de ter sido aberta a pouco mais de um ano, o mato estava fechado.

The undergrowth was often so strong and aggressive as to brush the train as we slowly bumped along. Sometimes we went through deep cuttings in the red clay, close enough for me to notice it was interstratified with waterworn but angular quartz pebbles. But the track usually was over flat country, only rarely crossing a gulley.

At every maintenance camp we stopped to deliver supplies. From out of a small huddle of shanties made of leaves and poles, insignificant beneath the forest wall, a number of languid halfbreeds, merely in pants and hats, would loiter through the hot sun to us for their sustenance. The men of those secluded huts must have been glad of our temporary uproar, and our new faces. The bell rang, and we left them to burial in their deep silence again. There were intervening camps, which had been deserted as the work progressed. These were even more interesting to me. The work of the human, when he leaves it to the wild from which he has won it with so much pain, has an appeal of its own, with its abandoned ruin returning to the ground again. There would be a sandy swamp, and standing back from the line some weather-worn shanties with roofs awry. I am sure there were ghosts in those camps. One we passed, and it was called Camp 10 1/2, and resting against its open front where the posts were giving was a butterfly net. I pointed this out. "Oh, that," said Hill. "Old man Biddell. I knew him. He was all right. He was great on bugs and butterflies. Used to wear spectacles. He was a good engineer though. Died of blackwater fever before the line got past this camp. That was his shack." And that was his butterfly net, all of Biddell now, his sole monument and reminder.

O subsolo era frequentemente tão forte e agressivo como que para escovar a locomotiva, quando sacolejávamos adiante lentamente. Algumas vezes, passamos entre aberturas profundas no barro vermelho, perto o suficiente para eu perceber que estava interestratificado com desgastes, que eram simplesmente seixos angulares de quartzo. Mas a picada geralmente ficava acima daquela região plana, e rara vezes cruzava uma ravina.

Em cada acampamento ativo, parávamos para entregar suprimentos. Para fora de um pequeno amontoado de cabanas feitas de palhas e troncos, insignificantes debaixo da muralha da floresta, um número de mestiços lânguidos, apenas de calça e chapéu, mataria o tempo através do sol quente até nós, para pegar seu sustento. Os homens daquelas cabanas isoladas deviam ficar alegres ao ver nossa confusão temporária, e nossos rostos novos. O apito da locomotiva tocava e nós deixávamo-lhes enterrados no profundo silêncio novamente. Havia acampamentos nos entremeios, que tinham sido abandonados, quando o trabalho progredia. Esses eram ainda mais interessantes para mim. O trabalho do humano, quando ele o deixa para a selva, que ele venceu com muita dor, tem um apelo próprio, com suas ruínas abandonadas retornando ao solo de novo. Haveria um brejo arenoso e, detrás da linha ferroviária, algumas cabanas desgastadas pelas intempéries, com cumeeiras desfeitas. Estou certo de que havia fantasmas naqueles acampamentos abandonados. Um que passamos, e era chamado de acampamento 10 e $\frac{1}{2}$, e recostada contra sua abertura frontal, onde os postes estavam desprendidos, estava pendurada uma rede de pegar borboletas. Chamei a atenção para essa rede. “Ah, sim” - disse Hill. “O velho Biddell. Eu o conheci. Ele estava muito bem. Ele era formidável com besouros e borboletas. Costumava usar óculos. Era um bom engenheiro, no entanto. Morreu de febre de água preta antes que a linha ferroviária chegasse a este acampamento. Aquela era sua cabana. E essa era sua rede de pegar borboletas, tudo que resta do Biddell agora, seu único monumento e recordação”.

As we bumped by the huts the helicons and swallow tails rose precipitously from the mangled cans and cast rubbish. I never knew Biddell, the man with spectacles and a butterfly net, but a first rate railway man, who left that net outside his hut one morning, and at evening was buried, but now I am doomed to think of him while I live.

It was near midnight when we reached the last active camp but one on the line, where we alighted. It was wiser, I was told, to run the remaining length of the track by daylight. Here a doctor and a few engineers, bearing handlamps against which moths were blundering, met us in a place which seemed to be the bottom of a well, for the black shadows which rose round us shut out all but a few stars. The men raised joyous cries at the sight of Hill; and they took this stranger on trust. We fed in a hut which was four poles and a roof. One pole had a hurricane lamp tied to it. There was an enormous quiet, which the men seemed to delight in breaking with their voices. Four planks nailed unevenly to uprights was our table, and we sat crooked on a similar but lower construction. We ate out of enamelled plates with iron instruments, and it was very good indeed. There were four of us who were white, and we were babes in the wood. One of us pretended he was playing on a Jew's-harp, sang songs riotously, and then began to talk long and earnestly of New York. These men lived in four railway waggon which had doors made of copper gauze, berths with mosquito bars, and portraits of the folk at home; and in the case of the doctor the waggon smelt of iodoform, had one wall full of bottles, and a table with a board and chessmen. In one of those waggon I lay down to sleep under a net; but the blanket felt damp and had a foreign smell. My thoughts crowded me. For long I listened to so much jungle pressing close to my bed, waiting for it to make known its near but unseen presence with a voice; but it did not.

Quando sacolejamos perto das cabanas, os hélicons e as borboletas de rabo de andorinhas ergueram-se precipitadamente das latas e do lixo espalhados. Eu nunca conheci Biddell, o homem de óculos e uma rede de pegar borboletas, mas que era um ferroviário de primeira categoria que, de manhã, deixou aquela rede do lado de fora de sua cabana e, à noite, estava enterrado; mas, agora estou fadado a pensar nele enquanto eu viver.

Era perto da meia-noite, quando chegamos ao último acampamento ativo, o lugar na linha ferroviária, onde pousamos. Fui informado que era mais prudente percorrer a extensão que restava da trilha na luz do dia. Ali, um médico e alguns engenheiros, erguendo lâmpadas contra as quais as mariposas se debatiam, nos encontraram em um lugar que parecia ser o fundo de um poço, porque as sombras escuras, que se erguiam ao nosso redor, cercavam tudo, exceto algumas estrelas. Os homens levantaram gritos de satisfação, quando avistaram Hill; e eles receberam esse estrangeiro com confiança. Nos alimentamos em uma cabana que tinha quatro esteios e uma cobertura. Em um dos esteios tinha um candeeiro pendurado. Havia um silêncio imenso, que os homens pareciam deleitar-se em quebrar com suas vozes. Quatro traves fixadas irregularmente na vertical era nossa mesa, e nos sentamos tortos em uma similar, mas uma construção mais baixa. Comemos em pratos esmaltados com utensílios de ferro e a comida estava mesmo muito deliciosa. Havia quatro de nós que era branco, e éramos pessoas ingênuas na mata. Um de nós fingiu que estava tocando uma harpa judia e cantou canções tumultuosamente, e depois começou a falar longa e seriamente de Nova Iorque. Esses homens moravam em quatro vagões ferroviários que tinham portas de cobre; camarotes com obstáculos para os mosquitos, e retratos do pessoal de casa; e, no caso do médico, cujo vagão cheirava a iodo, tinha uma parede cheia de garrafas, e uma mesa com um tabuleiro e peças de jogo de xadrez. Em um desses vagões, deitei-me para dormir debaixo de um mosquiteiro; mas sentia o lençol úmido e tinha um cheiro desconhecido. Meus pensamentos me oprimiam. Durante muito tempo, ouvi muita selva pressioando, espremendo-se contra minha cama, esperando com isso tornar-se sabido que ela estava perto, mas uma presença invisível com uma voz; contudo, não foi adiante.

Next morning at sunrise the train moved forward to the construction camp at the Rio Caracoles. I rode on a truck pushed in front of the locomotive, perched there with some engineers who kept a careful eye on the track. I saw at once why the train did not proceed at night. It was too speculative altogether. Behind us the locomotive's smoke stack rolled like a steamer's funnel when a beam sea is running. This part of the line crossed many ravines, where we looked down upon the tree tops; and when on a frail wooden bridge which crossed a vacancy like that such movements of the drunken engine behind us became dazzling. Then, too, there were some high "fills," or embankments. After heavy rains these have a habit of retiring from the metals, which are left looped and twisted in mid-air. An engineer told me that one cannot always tell when an embankment is on the point of retiring. He was carefully watching, however. But we reached the construction camp.

At the construction camp by the side of the Rio Caracoles we stayed two days. There was the end of the line, and the men who were growing the track were so busy that I was left to my own devices. Till the railwaymen came none but the Caripuna Indians knew what was there; so into the woods, of course, I would go, trying every track which led from the camp. A botanist might have seen some difference from the forest at Porto Velho, but I could not discover any. In appearance it was exactly the same. The trees mostly were arborescent laurels I believe, with smooth brown boles which were blotched through their outer cuticle peeling away, much in the manner of that of the plane tree. The brown parchments of their laurel-like leaves covered the floor of the woods. The trees were rarely of great diameter, but their crowns were so distant that nothing could be made of their living foliage. I saw no flowers at all.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, a locomotiva moveu-se adiante para o acampamento em construção no rio Caracol. Eu corria em um vagão empurrado na frente da locomotiva, empoleirado ali com alguns engenheiros, que mantinham um olho cuidadoso nos trilhos. Vi, ao mesmo tempo, por que um trem não podia prosseguir à noite. Era muito especulativo de modo geral. Atrás de nós, a fumaça da locomotiva soltava rolos de fumaça, como o funil de um navio a vapor, quando, a bombordo e a estibordo, o mar está correndo. Essa parte da linha ferroviária cruzava muitas ravinas, de onde olhávamos para baixo, para a copa das árvores; e, quando numa frágil ponte de madeira, que cruzava um vazio como aquele, semelhantes movimentos da locomotiva embriagada atrás de nós, tornava-se estonteante. Havia alguns “aterros”, ou terraplanagens. Depois de chuvas torrenciais, é comum que a terra seja retirada dos trilhos, que são deixados virados para cima e revirados no ar mediano. Um engenheiro me disse que a gente nem sempre sabe quando um aterro está a ponto de deslizar. Portanto, ele estava observando cuidadosamente. Mas chegamos ao acampamento em construção.

No acampamento em construção, ao lado do rio Caracol, ficamos dois dias. Ali era o fim da linha, e os homens que estavam avançando com os trilhos estavam tão ocupados que fui deixado com meus próprios artifícios. Até que os ferroviários chegassem ali, ninguém, exceto os indígenas Caripunás, sabia o que existia ali; então, para dentro da mata, é lógico, eu iria, tentando cada picada que saía do acampamento. Um botânico podia ter visto alguma diferença da floresta em Porto Velho, mas eu não pude descobrir nenhuma. Em aparência, era exatamente a mesma. Essas árvores, geralmente, eram louros arborescentes, acredito, com caules escuros e lisos, que estavam cobertos com manchas em suas cascas, que descascavam na parte de cima, muito semelhante à maneira daquela da árvore reta. Os pergaminhos marrons de suas folhas, semelhantes aos do louro, cobriam o chão da mata. As árvores, raramente, eram de grande diâmetro, mas suas copas ficavam tão distantes que nada podia ser feito de suas folhagens vivas. Não vi flores de modo algum.

There were few orchids, but the large shapely emerald coloured leaves of pothos plants were very frequent, sitting in the angles of branches and trunk. Aloft was always the wreckage of vines suspended, as vaguely seen and as motionless as cobwebs and dilapidations in the overhead darkness of high vaults. I rarely heard a sound in that forest, though there was a bird which called. I often heard it in the woods of the upper Madeira. It called thrice, as a boy who whistles shrilly through his fingers; a long call, and then another whistle in the same key followed instantly by a falling note. One delightful walk was along a path which had not been made by the railwaymen, for it was evidently old, as it ran, a cleft in the trees, not through broken timber, but in partial sunshine, with a mesh of vines and freely growing plants on either side. It led downwards to a small stream, which was cumbered with fallen and rotting timber, a cool hollow where ferns were abundant. It was in the woods at the Caracoles that I first saw the great morpho butterfly at home. This species, peculiar to South America, is rarely seen except in the shades of the virgin forest. One day in the twilight aisles near the Caracoles camp, where nothing moved, and all was a grey monotone, it so surprised me with its happy undulating flight - as though it danced along, and were in no hurry - its great size, and its bright blue wings, that I rose mesmerised, stumbling after it through the dank litter, thoughtless of direction, not thinking of the danger of losing my way, thinking of nothing but that joyous resplendent creature dancing aloft ahead of me in the gloom and just beyond my reach. Its polished blue wings flashed like speculæ. It might have been a drifting fragment of sunny sky. I had never seen anything alive so beautiful. A fall over a log brought me to sobriety, and when I looked up it was gone.

Havia algumas orquídeas, mas as grandes folhas benfeitas cor de esmeralda das plantas do gênero *photos* eram muito frequentes, fixadas nos cantos dos galhos e do tronco. No alto, sempre estava o emaranhado de trepadeiras suspensas, tão vagamente vistas, e tão imóveis quanto as teias de aranha e dilapidações na escuridão em cima da abóbada alta. Raramente eu ouvia um som naquela floresta, embora houvesse um passarinho que cantava. Frequentemente eu o ouvia na mata do Alto Madeira. Ele cantava um trinado, como um garoto que assobia estridentemente na mesma nota, que é seguida instantaneamente por uma nota declinante. Uma caminhada encantadora foi ao longo de uma picada que não tinha sido feita pelos ferroviários, porque, evidentemente, era antiga, quando ela passava, por uma passagem entre as árvores, não em meio à árvore quebrada, mas na luz do sol parcial, com um emaranhado de trepadeiras e plantas crescendo livremente em ambos os lados. Ela conduzia a uma ladeira, para um pequeno córrego, que estava cheio de árvores caídas e apodrecendo; um vale fresco onde as samambaias eram abundantes. Foi na mata do rio Caracol que vi, pela primeira vez, uma formidável borboleta da espécie *morpho* em seu habitat natural. Esta espécie, peculiar da América do Sul, raramente é vista, exceto nas sombras da floresta virgem. Um dia, nas coxias do crepúsculo perto do acampamento do rio Caracol, onde nada se mexia, e tudo era uma monotonia cinzenta, ela surpreendeu-me com seu voo feliz e ondulante - como se dançasse adiante, e não estivesse apressada - seu tamanho formidável e suas brilhantes asas azuis deixaram-me hipnotizado, tropeçando atrás dela em meio a desordem molhada, sem pensar na direção, nem pensando no perigo de perder meu caminho, não pensando em nada, somente naquela criatura alegre e esplendorosa dançando no alto, na minha frente, na escuridão, e exatamente além do meu alcance. Suas polidas asas azuis flamejavam como um *speculae*¹⁴⁵. Podia ser um fragmento flutuante do céu ensolarado. Eu nunca tinha visto qualquer coisa viva tão bonita. Uma queda por cima de um tronco trouxe-me à sobriedade e, quando olhei, ela tinha desaparecido.

145Termo latino para se referir a espelho, do substantivo masculino *speculum*.

Afterwards I saw many of them; sometimes when walking the forest there would be morphos always in sight.

The construction camp was not more than a month old. Perched on an escarpment by the line was a row of tents, and at the back of the tents some flimsy huts built of forest stuff. They stood about a ruin of felled trees, with a midden and its butterflies in the midst. Probably thirty white men were stationed there. They were then throwing a wooden bridge across the Caracoles. Most of them were young American civil engineers, though some were English; and when I found one of them - and he happened to be a countryman of mine - balancing himself on a narrow beam high over a swift current, and, regardless of the air heavy with vapour and the torrid sun, directing the disposal of awkward weights with a concentration and keenness which made me recall with regret the way I do things at times, I saw his profession with a new regard. I noticed the men of that transient little settlement in the wilds were in constant high spirits. They betrayed nothing of the gravity of their undertaking. They might have been boys employed at some elaborate jest. But it seemed to me to be a pose of heartiness. They repelled reality with a laugh and a hand clapped to your shoulder. At our mess table, over the dishes of toucan and parrot supplied by the camp hunters, they rallied each other boisterously. There was a touch of defiance in the way they referred to the sickness and the shadow; for it was notorious that changes were frequent in their little garrison. They were forced to talk of these changes, and this was the way they chose to do it. As if laughter was their only prophylactic! But such laughter, to a visitor who did not have to wait till fever took him, but could go when he liked, could be answered only with a friendly smile. Some of my cheery friends of the Caracoles were but the ghosts of men.

Depois, vi muitas delas; algumas vezes, quando caminhando na floresta, haveria morphos sempre à vista.

O acampamento em construção não tinha mais do que um mês. Empoleirada em um terreno elevado perto da linha ferroviária estava uma fileira de tendas e, nos fundos das tendas, algumas cabanas frágeis construídas com material da floresta. Estavam em volta de uma ruína de árvores derrubadas, com uma pilha de lixo e uma rede de pegar borboletas no meio. Provavelmente trinta homens estavam acampados ali. Eles estavam então construindo uma ponte de madeira de um lado a outro do rio Caracol. A maior parte deles era de jovens engenheiros civis norte-americanos, embora alguns fossem ingleses; e, quando me encontrei com um deles - e aconteceu dele ser um compatriota dos meus - balançando-se em uma viga estreita e alta, por cima de uma correnteza veloz, e indiferente ao ar pesado com vapor e o sol tórrido, dirigindo o arranjo de pesos desarrumados, com uma concentração e entusiasmo, que me fez recordar pesaroso a maneira que faço as coisas algumas vezes, vi sua profissão com uma nova consideração. Percebi que os homens daquele pequeno assentamento temporário na selva estavam em constante espíritos elevados. Não se queixavam de nada da gravidade da incumbência deles. Podiam ser garotos que empregavam alguma pilhéria elaborada. Mas, pareceu-me ser uma postura de sinceridade. Eles afastavam a realidade com uma risada e uma batidinha de mão no seu ombro. Na nossa mesa de refeições, por cima dos pratos de tucano e papagaio supridos pelos caçadores do acampamento, eles animavam um ao outro tumultuosamente. Havia um toque de provocação no jeito que eles se referiam à doença e à tristeza; porque era notório que mudanças eram frequentes na pequena guarnição deles. Eles eram forçados a falar dessas mudanças, e este era o jeito que escolheram para fazê-la. Como se a risada fosse a única profilaxia deles! Mas tal gargalhada, para um visitante que não tinha que esperar até que a febre o pegasse, mas podia partir quando quisesse, podia ser respondida somente com um sorriso amigável. Alguns dos meus animados amigos do rio Caracol eram apenas fantasmas de homens.

Hill warned me late one afternoon to be ready to start at sunrise, and then went to play poker. On my way to my hut, at sunset, I stopped to gossip with the young doctor, where he was busy dressing wounds at his surgery. The labourers, half-breeds, Brazilians, and Bolivian Spaniards, work being over, were giving the doctor a full evening with their ailments. Mostly these were skin troubles. The least abrasion in the tropics may spread to a horrid and persistent wound. The legs of the majority of these natives were unpleasant with livid scars. In one case a vampire bat had punctured a man's arm near the elbow while he slept, and that little wound had grown disastrously. We were in a region where the plum flies swarmed, tiny black insects which alight on the hands and face, perhaps a dozen at a time, and gorge themselves, though you may be unconscious of it. Where the pium fly feeds it leaves a dot of extravasated blood which remains for weeks, so that most of us were speckled. Even these minute wounds were liable to become deep and bad. There were larger flies which put their eggs in the human body, where they hatch with dire results. (Do not think the splendid tropics have nothing but verdure, orchids, butterflies, and coral snakes banded orange and black and crimson and black.) So the doctor was a busy man that evening. The floor of his surgery was made of unequal boughs; the walls and roof were of dried fronds. A lamp was slung on a doorpost. He was a young American, and he did not grumble at his bumpy floor, the bad light, the appliances and remedies which were all one should expect in the jungle, nor the number of his patients, except comically. He told me he was rather keen on the diseases of the tropics. He liked them. (I should think he must have liked them.) He was merrily insolent with those swarthy and melancholy men, and they smiled back sadly at the clever, handsome, and lively youngster.

Hill avisou-me depois, numa tarde, para estar pronto para partir ao nascer do sol e, então, foi jogar pôquer. No meu caminho para minha cabana, ao pôr do sol, parei para conversar com o jovem médico, que estava ocupado cuidando de feridos em sua enfermaria. Os trabalhadores, mestiços, brasileiros e bolivianos, tendo terminado o trabalho, estavam dando ao médico uma noite atarefada com suas enfermidades. Geralmente eram problemas de pele. O menor arranhão nos trópicos pode se espalhar para uma ferida horrível e persistente. As pernas da maioria desses nativos eram desagradáveis, com cicatrizes fundas. Em um caso, um morcego vampiro tinha chupado o braço de um homem perto do cotovelo, enquanto ele dormia, e aquela feridinha tinha crescido desastrosamente. Estávamos em uma região onde os piuns fumaçavam; minúsculos insetos pretos que pousavam nas mãos e no rosto, talvez uma dúzia ao mesmo tempo, e se empanturravam, embora se estivesse inconsciente disso. Onde o pium se alimentava, deixava um ponto de sangue sugado, que permanecia por semanas, tanto que a maioria de nós estava cheia de marcas de ferrada. Mesmo essas feridas minúsculas eram suscetíveis a ficar fundas e horríveis. Havia moscas muito maiores, que punham seus ovos no corpo humano, onde elas chocavam com resultados medonhos. (Não pense que os esplêndidos trópicos não têm nada, a não ser verdor, orquídeas, borboletas, e cobras corais com listras pretas e alaranjadas e carmesim e preta). Portanto, o médico era um homem ocupado naquela noite. O chão de sua enfermaria era feito de troncos desnivelados; as paredes e a cobertura eram de palhas secas. Uma lâmpada estava pendurada no poste da entrada da porta. Ele era um jovem norte-americano, e não reclamava de seu chão rangedor, da iluminação ruim, dos aparelhos e remédios que era tudo que alguém deveria esperar na selva, nem do número de pacientes, exceto comicamente. Disse-me que estava um pouco atraído pelas doenças dos trópicos. Gostava delas. (Eu deveria pensar que ele devia gostar delas). Ele era simplesmente insolente com aqueles homens de pele escura e melancólicos; e eles sorriam de volta tristemente para o inteligente, belo e vívido jovem.

He was quick in his decisions, deft, insistent, kind, and thorough, working down that file of pitiable humanity, as careful with the last of the long row as with the first; telling me, as he went along, much that I had never heard before, with demonstrations. "Don't go," he cried, when I would have left him; for I thought it might be he was as kind with this stranger as he was with the others. "Ah! don't go. Let me hear a true word or two." He said he would give me a treat if I stayed. He finished, put his materials away deliberately, accurately, his back to me, while I saluted him as a fine representative of ours. He turned, free of his task and jolly, and produced that treat of his, two bottles of treasured and precious ginger ale. It was a miracle performed. We talked till the light went out.

Much later a cry in the woods woke me. It was yet dark, but I could see Hill up, and fumbling with his accoutrements. Out I jumped, though still unreasonably tired; and sleepily dressed. When I turned to Hill, to see if he were ready, he was then under his net, watching me. He explained he had just returned from poker, and was wondering why I was dressing, but did not like to ask, knowing that Englishmen have ways that are not American. So the sun was up long before we were, though presently, in a small canoe, we embarked on the Caracoles. This tributary of the Madeira comes from nobody knows where. It is a river of the kind which explorers in these forests have sometimes mentioned, to our fearful joy. The sunlight hardly reached the water. The river was merely a drain burrowing under the jungle. The forest on its banks met overhead. There was little foliage below; we saw but the base of the forest, grey columns that might have been of stone upholding a darkness from which dead stuff suspended.

Ele era rápido em suas decisões, hábil, insistente, bondoso e metucioso produzindo aquele arquivo de lastimosa humanidade, tão cuidadoso com o último da longa fila, quanto com o primeiro; contando-me, quando seguiu adiante, muito do que eu nunca tinha ouvido antes, com demonstrações. “Não vá” - ele gritou quando eu o teria deixado; porque pensei que pudesse ser tão bondoso com este estrangeiro como era com os outros. “Ah! Não vá. Deixe-me ouvir uma palavra verdadeira ou duas”. Então, ele disse-me que me daria um agrado se eu ficasse. Ele terminou, pôs seus materiais deliberadamente, precisamente, suas costas voltadas para mim, enquanto eu o saudava como um excelente representante dos nossos. Ele se virou, livre de sua tarefa e, espirituoso, e produziu aquele agrado dos seus, duas garrafas do prezado e preciosa cerveja. Era como um milagre realizado. Conversamos até a luz se apagar.

Muito mais tarde, um grito na mata me acordou. Ainda estava escuro, mas eu pude ver Hill de pé, e remexendo em seus apetrechos. Pulei da rede, embora ainda irracionalmente cansado; e vestido com roupas de dormir. Quando me virei para Hill, para ver se ele estava pronto, ele estava debaixo de seu mosquiteiro, me olhando. Ele explicou que tinha acabado de chegar do pôquer e estava imaginando por que eu estava vestido, mas não gostou de ter perguntado, sabendo que os ingleses têm modos diferentes dos norteamericanos. Depois, o sol estava de fora muito antes que estivéssemos de pé, embora nesse momento, em uma canoa pequena, embarcássemos no rio Caracol. Esse afluente do Madeira vem de onde ninguém sabe. É um rio do tipo que os exploradores nestas florestas têm mencionado de vez em quando, para nosso temeroso contentamento. A luz do sol dificilmente alcança a água. O rio era meramente um escoadouro escavando debaixo da selva. A floresta em seus barrancos encontrava-se por cima. Havia pouca folhagem embaixo; víamos apenas a base da floresta, colunas cinzentas que podiam ser de pedras sustentando a escuridão, da qual matérias mortas se erguiam.

The canoe had to dodge the lianas, which dropped to the water. The noise of our paddles convoyed us down stream, a rout of panic echoes trying to escape. We came to an opening and full daylight presently, and landed by a mule corral; and I began a lonely ride with Hill through the forest. The mule was such a docile little brown creature that I was left in the silence to my thoughts, which were interrupted now and then by the wandering blue flame of a morpho. My mule followed Hill's mule along a winding trail, and our leader was nearly always out of sight. I do not remember much of my first ride in the forest. I had an impression of being at a viewless distance from the sun. We were on the abysmal floor of a growth which was not trees, but the hoary pediments of a structure which was too high and vast for human sight. We rode in the basal gloom of it, no more than lost ants there, at an immeasurable depth in the atmosphere. The roof of the world was far away. Somewhere was the sun, for occasionally there was a well which its light had filled, and a grove of green palms, complete and personal, standing at the bottom of the well, living and reasonable shapes. Or one of the morphos would flicker among those spectral bastions, aerial and bright as a fairy in Hades. The sombre mind caught it at once, an unexpected gleam of hope, a bright blue thought to set among one's shapeless fears. We descended into hollows, going down into darker fathoms of the shades; mounted again through brighter suffusions of day, and in a while came out upon the open lane in the woods, the long cut in the jungle made for the railway, when it should get so far.

A canoa tinha que se livrar dos cipós, que dependuravam-se sobre as águas. O barulho de nossos remos escoltava-nos rio abaixo, uma debandada de ecos em pânico tentando escapar. Chegamos a uma abertura da luz do dia completo nesse momento, e desembarcamos perto de um curral de mulas; e comecei uma cavalgada solitária com Hill pela floresta. A mula era uma criatura tão dócil e um pouco marrom, que fui deixado no silêncio com meus pensamentos, que eram interrompidos, de vez em quando, pelo vagueante brilho azul de uma borboleta morpho. Minha mula seguia a de Hill ao longo de uma trilha tortuosa, e nosso líder estava quase sempre fora de vista. Não lembro muito de minha primeira cavalgada na floresta. Tive a impressão de estar a uma distância invisível do sol. Estávamos no chão abismal de um crescimento que não era de árvores, mas de frontões triangulares esbranquiçados de uma estrutura que era muito alta e vasta para a visão humana. Cavalgávamos na escuridão basal, não mais do que formigas perdidas ali, em uma profundidade incomensurável na atmosfera. A cobertura do mundo estava muito distante. Em algum lugar estava o sol, porque, ocasionalmente, ali havia um buraco que sua luz preenchia, e um bosque de palmeiras verdes, completas e individuais, dispostas no fundo do buraco, formas ativas e razoáveis. Ou uma das morphos flamejaria entre aqueles bastiões espectrais, aérea e brilhante como uma fada no Hades. A mente sombria a capturava completamente, um brilho inesperado de esperança, um pensamento azul brilhante colocava-se entre os medos disformes de alguém. Descíamos em vales, indo para baixo de braçadas mais escuras das sombras; subíamos novamente através de sufusões mais brilhantes do dia e, de repente, saíamos por cima da alameda aberta na mata, o corte extenso feito pelos ferroviários, quando a ferrovia chegasse tão longe.

Now I could see my companion. He was from Texas, and it was easy to guess that. In the long rides which followed in the land where we looked upon what was there for the first time since genesis, where we might have been in the hush of the seventh day, so new, strange, and quiet was all, the figure ahead of me, with its long boots, negligent black shirt, the guns about the waist, and the hat with its extravagant size nobly raked, made me stop at times to assure myself that I was not pursuing a day-dream of boyhood, too much Mayne Reid in my head, especially when my wild and improbable companion paused under a group of statuesque palms and looked back at me - I suppose to make sure that I was still there, and that the silence had not absorbed me utterly, a faint rustle of intruding sound in a virgin and absorbent world. And again I remember the sparkle and lift of early morning there. The air was new, it was stimulative, it recharged me with buoyant youth. To breathe that air in the fresh of the morning was exaltation, and to see the young sunlight on the ardent foliage was to know the springs of life were full. That was at the breakfast hour, when the camp fires crackled and were aromatic, the smoke going straight to the tree tops. Then quickly the narrow track through the forest filled with day, increased in heat till I felt I could bear no more of it, and so gazed vacantly at the mule's ears, merely enduring and numbed. The vitality of the morning went, and in the fierce pour of light I looked no more to the strange leaves and vines, the curious fronds, the anthills by the way, the butterflies and birds, but had only a dull dread that the avenue through which we were riding was straight and interminable. There was no escape from this heat. There were no openings through which we could retreat under the trees. The air was immobile; the air itself was the incumbent heat. The only shadows were under the mules' bellies.

Agora eu podia ver meu companheiro. Ele era do Texas, e era fácil adivinhar isso. Nas longas cavalgadas, que seguimos na terra onde olhávamos por cima do que estava ali pela primeira vez desde a gênese, onde podíamos ter estado na quietude do sétimo dia, tão novo, estranho e silencioso estava tudo, a figura à minha frente, com suas botas compridas, camisa preta negligente, as armas em volta da cintura, e o chapéu com seu extravagante tamanho, majestosamente inclinado, fizeram-me parar algumas vezes para me reassegurar que eu não estava perseguindo um dia de sonho da meninice; Mayne Reid¹⁴⁶ demais na minha cabeça, especialmente quando meu companheiro selvagem e improvável parava debaixo de um grupo de palmeiras de forma de estátuas, e olhava para trás - suponho que era para se certificar de que eu ainda estava lá, e que o silêncio não tinha me absorvido completamente, um frágil farfalhar de um som intruso em um mundo virgem e absorvente. E, novamente, lembro a centelha e o nascer de uma manhã precoce ali. O ar estava renovado, estava estimulante, recarregava-me com animada juventude. Respirar aquele ar no frescor da manhã era exaltação, e ver a jovem luz do sol na folhagem ardente era saber que as primaveras da vida estavam completas. Aquela era a hora do desjejum, quando os fogos do acampamento crepitavam e ficavam aromáticos; a fumaça indo direto para a copa das árvores. Então, rapidamente, a trilha estreita da floresta se enchia com o dia, aumentava o calor até que eu sentia que não podia mais suportá-lo; e, então, eu olhava vagamente para as orelhas da mula, simplesmente paciente e entorpecida. A vitalidade da manhã desaparecia e, no fluir violento da luz, eu não olhava mais para as folhas estranhas e para as trepadeiras, as folhas curiosas, os formigueiros ao longo do caminho, as borboletas e os passarinhos, mas tinha somente um pavor sombrio de que aquela avenida em que estávamos cavalgando fosse reta e interminável. Não havia como escapar daquele calor. Não havia abertura em que pudéssemos nos retirar debaixo das árvores. O ar estava imóvel; o próprio ar era o calor incumbido. As únicas sombras eram debaixo da barriga das mulas.

¹⁴⁶Thomas Mayne Reid (1818 - 1883), escritor irlandês autor de várias obras de aventuras, entre elas: **Guilherme, o grumete; Em caminho do Alaska; Uma aventura no México; A caça ao levita; Perdidos no deserto; Os naufragos de Borneu; Os caçadores de cabeça.**

Cruel and relentless noons! How the surveyors endured it, standing for long eyeing their exacting instruments in such a defeating glare, I do not know. At the end of each day my pigskin leggings were like wet brown paper with sweat, and my hands crinkled and bleached as though they had been in a soda bath.

We reached another and greater tributary of the Madeira, the Rio Jaci-Parana. Here there was a very extensive clearing as great as the one at Porto Velho. The bridging of the Jaci would be a considerable undertaking, consequently there were numerous huts dotted about the rough open ground; but I think the original intention in cutting back the jungle to such an extent was that in the days to come a town would grow there. I imagine it will not, and that the project is abandoned. In one of my early walks in the woods I came by chance upon the new cemetery; it was already large. The Jaci country has proved to be more than usually unhealthy. The ground was cleared down to a coarse herbage, round which stood shadowing frees. Little crucifixes, made by splitting a stick and putting another stick crosswise in the slit, were planted at all sorts of drunken angles in the ground. One large cross in the centre stood for all the dead. There were no names given. A Brazil nut-tree grew alongside this graveyard in the jungle, so tall that the flock of screaming parrots about its foliage were but drifting black specks.

Because Hill had a touch of the fever we stayed for some days by the Jaci. I had a hut given to me, typical of the rest; but I was so much alone in it that that hut on the Jaci, where our remoteness from human things tested and known, the aloofness and quiet of the forest, the deadly nature of the romantic and beautiful river bank where we were marooned, and the sickness of my friend Hill, threw me upon my centre, until I began even to talk to myself,

Tardes cruéis e implacáveis! Como os topógrafos as suportavam, ficando por tanto tempo observando seus instrumentos de medidas exatas, em semelhante clarão desanimador, eu não sei. Ao final de cada dia, minha calça *legging* de pele de porco estava como papel marrom encharcado com suor, e minhas mãos enrugadas e descoradas como se tivessem tomado banho de soda.

Alcançamos outro afluente maior do Madeira, o rio Jaci-paraná. Ali havia uma clareira bastante extensa como a de Porto Velho. A ponte do Jaci seria um empreendimento considerável, conseqüentemente havia numerosas cabanas enfileiradas em volta do aberto solo bruto; mas acho que a intenção original de derrubar a selva naquela dimensão era que nos dias vindouros, uma cidade cresceria ali¹⁴⁷. Imagino que não crescerá, e que o projeto será abandonado. Em uma das minhas caminhadas matinais na mata encontrei, por acaso, o cemitério novo, que já estava grande. A região do Jaci tem provado ser mais do que, como de costume, insalubre. O solo estava limpo rumo a uma vegetação grosseira; ao redor do cemitério, as árvores permaneciam sombreando. Cruzes pequenas, feitas enfiando-se uma haste na outra no corte horizontal, estavam enfiadas em todo tipo de ângulos distorcidos no chão. Um grande cruzeiro no centro colocado para todos os mortos. Não havia nomes escritos. Uma castanheira crescia ao lado deste cemitério na selva, tão alta que o bando de papagaios barulhentos na sua folhagem era apenas pontos pretos flutuantes.

Porque Hill teve um toque de febre, ficamos por alguns dias em Jaci. Eu tinha uma cabana que me havia sido concedida, típica para o descanso; mas eu estava muito sozinho naquela cabana no Jaci, onde nossa distância das coisas humanas testadas e conhecidas, a indiferença e o silêncio da floresta, a natureza mortal do romântico e belo barranco do rio, onde estávamos isolados, e a doença do meu amigo Hill tiraram-me de meu centro, até que eu começasse a falar comigo mesmo;

147A previsão tomlinsoniana não se cumpriu. Na atualidade, Jaci-paraná é um distrito de Porto Velho e fica às margens da BR - 364, rumo à cidade de Rio Branco, capital do Acre.

and received such an impress of the minute details of my little habitation that, ephemeral as it was and now long since gone, it endures, of coloured and indestructible stuff, with a sunny portal I still can enter whenever my mind turns that way. It was of four palm trunks, lapped round and over with mats of leaves. The floor was of untrimmed branches, two feet from the earth, and their unexpected inequalities, never remembered, were always jolting my thoughts as I walked across. They were crooked, and I could see the dusty earth two feet beneath where brown and green lizards ran. At one end was a verandah with a narrow floor made of the lids of soap and dynamite boxes, and laid without any idea that some curious tenant might wish to read the manufacturers' full names and see their complete trade marks. It was a puzzle. There was nothing to do, and I searched long on my verandah floor for the clue to one embarrassing fragment of a stencilled word. Hill sometimes huddled in a hammock on one side of the verandah, a leg hanging limply over, his thin sallow face drawn and resting on his breast, and his eyes shut; and I sat near him on the rail, silent, alone with any thought I met, and gazing blankly down the steep slope, past two tall Brazil nut-trees, to the half-hidden Rio Jaci below, and the roof of the forest opposite, over which the sun set each day in uplifted splendour. I remembered but one conversation during that wait. An elderly white man came up to the verandah one evening, and murmured something to Hill, who opened his eyes, and looked at his visitor under weary lids. This man was one of Hill's subordinates. He had something to say of the work; but one would hardly call it speech. The flow of his life was so weak that he could do no more than lift a few small words from his gaping mouth between his breaths.

e recebi tal impressão dos detalhes minúsculos da minha pequena habitação que, efêmera como era e agora há muito tempo arruinada, ela suporta, de materiais coloridos e indestrutíveis, com um portal ensolarado, eu ainda posso entrar em qualquer parte que minha mente se vire naquela direção. Era de quatro troncos de palmeiras, cercada nos lados e em cima com palhas trançadas. O assoalho era de paus desarrumados, a dois pés de altura do chão e, suas qualidades imprevisitas, nunca lembradas, sempre estavam combinando meus pensamentos, enquanto eu caminhava de um lado a outro. Os paus eram tortos, e eu podia ver a terra poeirenta a dois pés abaixo, onde lagartos marrons e verdes corriam. Em uma extremidade da cabana tinha uma varanda com um assoalho estreito, feito com tampas de caixas de sabão e de dinamites, e dispostas sem qualquer ideia de que algum inquilino curioso pudesse desejar ler os nomes completos dos fabricantes, e ver suas marcas completas do comércio. Era um quebra-cabeça. Eu não tinha nada para fazer, e investiguei longamente em cima de meu assoalho da varanda, procurando uma chave para um fragmento embaraçoso de uma palavra gravada. Hill, algumas vezes, embrulhava-se em uma rede num lado da varanda, uma perna pendurada flacidamente por cima, seu rosto amarelado e magro virado e descansando sobre o peito, e seus olhos fechados; e eu sentei-me perto no parapeito, calado, sozinho com qualquer pensamento que encontrava, e olhando inexpressivamente para baixo da ladeira íngreme, perto de duas castanheiras altas, para o rio Jaci-paraná meio escondido embaixo, e a copa da floresta oposta, por cima da qual o sol se punha a cada dia em um esplendor elevado. Lembro somente de uma conversa durante aquela espera. Um branco idoso chegou na varanda, uma noite, e murmurou algumas palavras para Hill, que abriu os olhos e olhou para sua visita por baixo das pálpebras cansadas. Este homem era um dos subordinados de Hill. Tinha algo a dizer do trabalho; mas, dificilmente, alguém chamaria aquilo de discurso. O fluxo de sua vida estava tão fraco que ele não podia mais do que pronunciar algumas palavras de sua boca bocejante, entre suas tomadas de fôlego.

He held on to the verandah. His loose clothes hung straight down from his bones. The veins were in blue knots on his forehead. "Say," said Hill, rousing himself, "I want you to ride to the Caracoles, go down to Porto Velho, and take this note to the hospital." The man said nothing, but nodded. Hill scrawled his note, and the man left. "He'll be dead in a month," said Hill, five minutes after the man had gone. "But he would not go to the hospital for his health. I have to pretend that he must go for mine. He may as well die in a comfortable bed... I wish those damned parrots would cease!" They were somewhere down by the river, unseen, but all the sound there was, their voices long, keen and distracting flaws in the pellucid and coloured dayfall.

One morning we crossed the Jaci, and on the opposite shore some mules were already geared with Texan saddles, the hombres at their heads, waiting for us. I considered my mule. He was a big, grey, upstanding fellow, with the legs and feet of a racehorse, the head of a hammer, and alert and inquisitive ears. He was very much alive. I had no doubt he could leave anywhere like light, when he had a mind for it. So that I turned to Hill, and said, "Is mine a quiet animal? Is he vicious?" "O say," said my guide, glancing carelessly at my dubious mount, "I guess he's just a mule." When a hombre shouted at my mule he stepped briskly, with more than a hint of the malicious rebel in his gait.

I knew it would happen, and it did. One foot was no sooner buried in a wooden shoe called a stirrup than he was off, like an explosion. A desperate leap got my other leg over my travelling sack, lashed on his rump, and I came down in the saddle, much surprised. Texan saddles are not leather pads for riding domestic creatures, but thrones for ruling devils, and the bit would have broken the mouth of a hippopotamus.

Ele se segurava na varanda. Suas roupas folgadas caíam-lhe diretamente sobre os ossos. Suas veias formavam nós azulados nas têmporas. “Olhe”, disse-lhe Hill enquanto se levantava - “quero que você vá a cavalo ao rio Caracol, desça para Porto Velho, e entregue este bilhete no Hospital”. O homem não disse nada, mas assentiu com a cabeça. Hill rabiscou o bilhete e o homem saiu. “Ele estará morto dentro de um mês” - disse-me Hill cinco minutos depois que o homem tinha partido. “Mas ele não irá ao Hospital para cuidar de sua saúde. Tenho que fingir que ele vai simplesmente a meu interesse. Ele pode muito bem morrer confortavelmente numa cama...” “Eu queria que aqueles periquitos malditos se aquietassem!” - acrescentou Hill. Os periquitos estavam em algum lugar rio abaixo, invisíveis, seus chilreios distantes, as imperfeições ruidosas e agudas no límpido e colorido pôr do sol.

Uma manhã, atravessamos o rio Jaci e, na margem oposta, algumas mulas já estavam montadas com selas texanas, os *hombres* comandando-as, nos esperando. Observei minha mula. Era uma criatura grande, cinzenta e responsável, com as pernas e as patas de um cavalo de corrida, a cabeça de martelo, e orelhas curiosa e em alerta. Era uma criatura muito esperta. Eu não tive dúvidas de que pudesse sair de qualquer lugar, como a luz, quando tivesse isso em mente. Então me virei para Hill e disse, “A minha mula é um animal tranquilo? Ela é brava?”. “Ah, olhe”, disse meu guia, olhando cuidadosamente para minha montaria duvidosa, “acho que é apenas uma mula”. Quando um homem gritou para minha mula, ela trotou animadamente, com mais do que uma pista de revolta maliciosa em seu galope.

Sabia que isso aconteceria, e aconteceu. Um pé que não estava bem enfiado na ferradura de madeira chamado de estribo, quando ela trotou, como uma explosão. Um salto desesperado colocou minha outra perna por cima do meu saco de viagem, amarrado em sua anca, e eu abaixei na sela, muito surpreso. As selas texanas não são recheadas de couro para corrida de criaturas domésticas, mas tronos para domar demônios, e a rédea teria quebrado a boca de um hipopótamo.

The brute stopped, turned back one ear, and his thought was in his swivel eye. "You wait," I saw him say. In the few engrossing moments when his body was expanding and contracting under me I got some idea of the force I was supposed to guide, and it did not make my mind easy, for an office chair had been my most unstable seat till then. Yet off we went quietly, along the track, and Hill was in front, and my mule was as meek as a sheep. There came a swamp, into which he went to the knees, and I dismounted, jumping from hummock to hummock, encouraging him, and showing him the best places. His brown eyes were then like those of a good woman. So leaning forward, when we were through, I patted his sleek neck, and gave him pleasant words. Afterwards, when he showed a certain precious care in difficult places, for the country was very broken, stepping like a tightrope walker, I was fool enough to think it was because of our understanding. Though I believe he would have deceived anybody.

At noon we left the track and entered the forest by a path so narrow that the trees touched our legs, and sometimes we had just time to duck beneath a noose which a liana dangled in our faces. It was a low and narrow tunnel, and it descended to a bottom where a shallow stream brawled among granite boulders; thence up the trail went through the trees and vines again, and at last we came to a little clearing, where there was a hut, and men who would give us meat and drink. We dismounted. I rubbed my mule's soft nose, and spoke him playfully, as a familiar; but when entering the hut was rebuked by a man there for making a short cut round the heels of my mule. "Never do it. Don't give him a chance. A mule will be peaches for ten years waiting for the sure chance of getting his heels right on your stomach.

O animal parou, virou uma orelha para trás, e seu pensamento estava em seu olho revirado. “Me aguarde”, eu o vi dizer. Em poucos momentos absorvidos, quando seu corpo estava se expandindo e contraindo-se debaixo de mim, tive alguma ideia da força que eu supunha guiar, e não tranquilizava a minha mente, porque uma cadeira de escritório tinha sido meu assento mais instável até então. Entretanto, seguimos adiante sossegadamente, ao longo da trilha, e Hill estava na frente, e minha mula estava tão mansa quanto uma ovelha. Chegamos a um brejo, dentro do qual Hill entrou até os joelhos, e eu desmontei, pulando de morro em morro, encorajando a mula, e mostrando-lhe os melhores lugares. Seus olhos castanhos estavam então como aqueles de uma boa mulher. Então, curvando-me impertinente, quando tínhamos atravessado, afaguei seu pescoço macio, e disse-lhe palavras agradáveis. Mais tarde, quando ela demonstrou um certo cuidado precioso nos lugares difíceis, porque a região era muito escorregadia, pisando como um caminhante na corda-bamba, fui tolo o suficiente para achar que era por causa de nosso entendimento. Embora eu acredite que ela teria enganado qualquer pessoa.

À tarde, deixamos a trilha e entramos na floresta através de uma trilha tão estreita que as árvores tocavam em nossos pés e, algumas vezes, tínhamos o tempo exato para nos abaixarmos rapidamente debaixo de uma armadilha que um cipó emaranhava em nossos rostos. Era um túnel baixo e estreito, e descia para um fundo onde um córrego raso brigava entre rochedos de granito; depois, para cima, a trilha passava entre as árvores e as trepadeiras novamente e, finalmente, chegamos a uma pequena clareira, onde havia uma cabana, e homens que nos dariam alimento e bebida. Desmontamos. Esfreguei suavemente o nariz de minha mula, e falei-lhe divertidamente, como um familiar; mas, quando entrei na cabana, fui repreendido por um homem ali por fazer um pequeno atalho em volta dos calcanhares da minha mula. “Nunca faça isso. Não lhe dê uma chance. Uma mula será um doce durante dez anos esperando a oportunidade certa para acertar suas patas direto em seu estômago.

They're not horses, them mules. They don't bite, and they don't muzzle you and show friendly. They've got no feelings. That chap of yours, his mother was an ass, and his father was old Solfernio himself. But they've all got one good point - they're barren."

The mule stood deep in thought till I was mounted again; then instantly bolted back along the path which led to the ravine. The idle hombre had mishandled the reins, and I could get no pull. I went across that clearing like (so Hill said afterwards) Tod Sloan up. The beast, his ears back, was in a frenzy, and the convulsions of his powerful body made my thoughts pallid and ghastly. Nothing but disaster could stop him, and the black mouth of that steep tunnel in the forest yawned before us, and grew larger, though not large enough. He took the opening as clean as a lucky shot; but I was laid carefully along his back. Why we missed the tangle of woods and the rocks in that precipitate descent is known only to my lucky stars. I had my feet from the stirrups, my toes hooked on his rump, one arm round the horn of the saddle, and the other stretched along his sawing neck. I saw the roots and stones leap up and by us, close to my face. Several things occurred to me, and one was that some methods of dire fate were fatuous and undignified. I wondered also whether I should be taken back to the ship, or buried there. The impetus of the brute, which I expected would send us somersaulting among the rocks of the bottom, took him partly up the hither slope, and soon he had to gather his haunches for the upward leaps. I slipped off. He swung round at the length of the reins, and eyed me, cocking his ears derisively. A horse's nerves are human-like, and a horse would have been in a muck, but this murderous mule was calm and mocking. I watched him, and listened for an obscene and confident guffaw.

Não são cavalos, são mulas. Elas não mordem, e não abocanham você e se mostram amigáveis. Elas não possuem sentimentos. Aquela sua mula, a mãe dela era uma jumenta e o pai era o próprio velho Solfernio. Mas elas todas têm um ponto em comum - são estéreis”.

A mula ficou mergulhada em pensamento até que eu estivesse montado novamente; depois, instantaneamente, trotou de volta ao longo da trilha que conduzia a uma ravina. O homem ocioso tinha embaralhado as rédeas, e eu não conseguia puxá-las. Fui adiante de um lado a outro daquela clareira como (assim Hill me disse depois) Todd Sloan¹⁴⁸. A mula, suas orelhas para trás, estava em frenesi, e as convulsões de seu corpo poderoso deixaram meus pensamentos embotados e chocados. Nada, senão o desastre poderia pará-la, e a boca escura daquele túnel íngreme na floresta bocejava adiante de nós, e ficava maior, embora não grande o suficiente. Ela seguiu pela clareira tão aprumada quanto um tiro certo; mas eu estava deitado cuidadosamente no comprimento de seu dorso. Por que erramos o emaranhado de árvores e as pedras naquela descida precipitada é sabido apenas pelas minhas estrelas da sorte. Tinha meus pés longe dos estribos, meus dedos dos pés enfiados em sua anca, um braço em volta da ponta da sela, e o outro esticado ao longo de seu pescoço de serrote. Vi as raízes e as pedras saltarem por cima e ao nosso lado, próximas ao meu rosto. Muitas coisas me ocorreram, e uma foi que alguns métodos do destino horrível eram fátuos e indignos. Imaginava também se seria levado de volta para o navio, ou se ficaria enterrado ali. O ímpeto do bruto, que eu esperava que nos enviaria para um salto mortal entre as pedras do fundo, o conduziu parcialmente para o lado de cima da ladeira. Eu escorregava. Ela sacudia-se em volta da extensão das rédeas, e me olhava, empinando as orelhas ridiculamente. Os nervos de um cavalo são como os do humano, e um cavalo teria ficado um estrume, mas essa mula assassina era calma e fingida. Eu a observava, e prestei atenção numa gargalhada obscena e confidente.

148Apelido do famoso jôquei norte-americano James Foreman (1874 - 1933).

I found afterwards that punishment has no more effect on them than kindness. There is no guidance in this matter, take the mule all round. It is dealing with the uncanny. It is better to cross yourself when you go near a mule. Every morning about a camp we would watch the hombres gear up those pensive and placid creatures. They were sleek, lissom, and beautiful, and it was a pleasure to watch them. But as soon as the business of the day began one of the mules (and there was no prophecy as to which one it would be) became a homicidal maniac. At one camp it was necessary to keep a hundred or more mules in reserve, and there, for their health, a sane old horse was kept also. The horse was a knacker's body, a sorry spectacle, and in that climate he but potted about waiting for disease to take him. He was smaller than the fine and healthy mules, but the respect the hammer-heads had for him was comical, and a great help to the men. Without the horse, it would have been opening the door of an asylum to have let the mules out of the corral to water at the river. But he led the way, and they bunched round him bashfully, and followed him to the stream. He took no notice of them whatever. He did not flatter them by pretending to be aware of their existence. When he had had his fill, he turned, and ambled through them, scorning to see them, and returned to the corral. Round went all the mules nearest to him, and any of them on the outskirts of the mob that stayed on because they did not see him go lost their heads, when they looked up, and risked their necks in short cuts through the timber. "Ho, mule!" would shout the hombres in alarm; for even mules cost money.

Descobri depois que a punição não tem mais efeito nelas do que a bondade. Não há governo nessa questão, pegue a mula depois de considerar tudo. Está lidando com o misterioso. É melhor você atravessar, quando estiver perto de uma mula. Toda manhã, em volta do acampamento, observaríamos os *hombres* montando aquelas criaturas plácidas e pensativas. Elas são macias, graciosas e bonitas, e era um prazer observá-las. Mas, logo que as tarefas do dia começavam, uma das mulas (e não havia profecia para se saber quem estaria montado nela) tornava-se um maníaco homicida. Em um acampamento era necessário manter uma centena ou mais de mulas de reserva e, ali, para a saúde delas, um velho cavalo sadio era mantido também. O cavalo era um corpo exausto, um espetáculo triste e, naquele clima, ele apenas trotava em volta, esperando a doença levá-lo. Era menor do que as belas e saudáveis mulas, mas o respeito que as cabeças de martelo tinham por ele era cômico, e uma grande ajuda para os homens. Sem o cavalo, teria sido abrir a porta de um asilo permitir que as mulas saíssem do curral para as águas do rio. Mas ele as conduzia no caminho, e elas amontoavam-se ao redor dele timidamente, e o seguiam para o rio. Ele não prestava atenção nelas de jeito nenhum. Ele não as bajulava, fingindo estar consciente da existência delas. Quando tinha tomado seu mergulho, ele retornava, e vagueava no meio delas, desdenhando vê-las, e voltava para o curral. Em volta iam todas as mulas bem perto dele, e nenhuma delas nos arredores do grupo que parava, porque elas não o viam perder de vista suas cabeças, quando elas procuravam, e arriscavam seus pescoços em pequenos atalhos pela mata. “Eia, mula!”, gritariam os *hombres* em alerta; porque mesmo as mulas custam dinheiro.

The land through which we were riding shall have a little railway there some day, if the men who are building it keep their hearts of brass, and refuse in working hours to remember London and New York. When it is there, that short line, it will begin and end in places having names which will convey little meaning to people outside Brazil; but to know what endurance of valour, but chiefly what raillery and light-hearted disregard of the gods who put baleful forests guarded by dragons - the dragons of mythology were lambs to what mosquitoes are - in the path of weak men pursuing their purpose, to know what has gone to the building of that track, though it nowhere plainly shows, for the graveyards are casual and obscure, brings you to a stand, surprised into awe of your fellows, as though through a coarse disguise you caught a gleam of divinity. Something shows, a light shows, which is beyond human. Would men be so prodigal of life and time if they were not aware of their great wealth? I don't know. My travels never brought me to that ultimate assurance. But I did see that my fellow-men are indifferent, spendthrift with their known and scanty store as though they were immortals, the remittance men of Great Jove. I have no doubt now the line will be finished some day; but there were times, riding along the roughly cleared trail where it is to be, and we came upon places where men, in a spasm of pointless and soon expiring energy had scratched and mauled the pristine earth, when I did not think so. Always the same dumb mystery was about us at noon as at nightfall. I felt we were lost at the back of the world, that we had crossed the boundary beyond which the voice of traffic never goes, and were idly wandering on the confines of oblivion.

A região em que estávamos cavalgando teria uma ferrovia ali algum dia, se os homens que a estão construindo mantiverem seus corações de bronze, e se recusarem horas de trabalho para lembrar de Londres e Nova Iorque. Quando estiver ali, aquela pequena ferrovia começará e terminará em lugares tendo nomes que pouco significarão para o pessoal fora do Brasil; mas, para saber que tolerância de valor, mas principalmente o que os ferroviários e os corações iluminados desconsideram dos deuses que puseram florestas ameaçadoras vigiadas por dragões - os dragões da mitologia eram cordeiros comparados ao que são os mosquitos - na trilha dos homens frágeis perseguindo seu propósito; saber o que desapareceu para a construção daquela trilha, embora em lugar nenhum claramente se mostre, porque os cemitérios são casuais e obscuros, traga você a uma pausa, surpreendido na admiração de seus companheiros, como se através de um disfarce áspero se capturasse um brilho da divindade. Alguma coisa se mostra, uma luz se mostra, que está para além do humano. Seriam os homens tão pródigos de vida e tempo se não estivessem conscientes de sua grande riqueza? Não sei. Minhas viagens nunca conduziram-me àquela segurança derradeira. Mas, realmente vejo que meus companheiros estão indiferentes à economia gasta com seus estoques conhecidos e escassos, como se fossem imortais, os emissários do Grande Jove. Não tenho dúvidas agora de que a linha ferroviária será concluída algum dia; mas, algumas vezes, cavalgando ao longo da limpa trilha acidentada, onde é para ser construída, e chegamos a lugares onde os homens, num espasmo de energia inútil e logo esgotada, tinham arranhado e martelado a terra primitiva, eu duvidei. Sempre o mesmo mistério mudo estava ao nosso redor, tanto à tarde, como ao cair da noite. Sentia que estávamos perdidos nas costas do mundo, que tínhamos atravessado os limites para além, onde as vozes do tráfego nunca chegam, e estávamos perambulando ociosamente nos confins do esquecimento.

Sometimes I had that consciousness of futility which comes to us when, in sleep, we are earnest in the absurd activities of a dream, one point of the reason remaining awake to wonder at the antics of the busy but blind mind. Why was I there at all? Was I there? Those forlorn spots in the forest where our fellows had been before us, which we two riders overlooked alone, seemed to show that those men, while in the midst of their feverish labour, had recovered their minds, and had seen the wilderness was too vast, was unconquerable; and they had fled. There before us was what they had done. A deep trench would be in the track, the sand thrown up on either side. Some dead trees would be prone in our path, and we had to ride round them. There would be a few empty huts of leaves, with old ashes at the entrances, and a midden with its usual gorgeous butterflies. There would not be a sign of life, except the butterflies over the refuse, and not a sound or a movement but a clink from our own harness, and the heads of our mules impatient with the flies. Over the evidence of man's far-fetched enterprise and industry, his short and ferocious attack on the wild, brooded the forest. That bent over us, and it might have been solicitous and compassionate, or it might have been merely curious about the behaviour of the surprising creatures who had come there for the first time, and had been so active for a while. Sitting in the pour of the sun, looking upon the scanty work of my fellows, and then upon the near watchful ranks of that continent of trees pressing close to regard the grave-like trench into which man's hope might have been thrown, I had a dread of the easy and enduring dominion of those powers which were before man.

We would ride on then, sometimes up to our saddles in swamps, and every day I lost faith that there was any company of our fellows in that desolation, who would take our mules at nightfall, and show hammocks for our rest. But always before night caught us we would spy a few huts diminutive under the cliffs of forest - land ho! - and the little outpost of two or three engineers and a doctor would meet us as we came up.

Às vezes, eu tinha aquela consciência da futilidade que vem a nós quando, no sono, estamos fervorosos nas atividades absurdas de um sonho, um ponto da razão permanecendo acordado para imaginar, no compartimento da ocupação, somente uma mente cega. Por que eu estava ali de algum modo? Eu estava ali? Aqueles pontos lastimáveis na floresta, onde nossos companheiros tinham estado antes de nós, que nós dois cavaleiros mirávamos sozinhos, pareciam mostrar que aqueles homens, quando no meio do labor febril, tinham recuperado suas mentes, e tinham visto que a selva era tão vasta, que era inconstituível; e tinham dado o fora. Uma vala estaria na trilha, a areia atirada acima em ambos os lados. Algumas árvores estariam propensas em nossa trilha, e tínhamos que cavalgar ao redor delas. Haveria algumas cabanas de palhas vazias, com cinzas antigas nas entradas, e uma pilha de lixo com suas habituais borboletas deslumbrantes. Não haveria um sinal de vida, exceto as borboletas em cima do refugio, e nem um som ou movimento, somente um tinido de nossos arreios, e as cabeças de nossas mulas impacientes com as moscas. Por cima da evidência da distante busca do empreendimento do homem e da indústria, seu ataque rápido e feroz na selva maturava a floresta. Aquilo se curvava sobre nós e podia ter ficado meramente curiosa acerca do comportamento das surpreendentes criaturas, que tinham vindo pela primeira vez, e tinham sido tão ativas por pouco tempo. Sentado no fluxo do sol, olhando o trabalho insuficiente de meus companheiros, e depois por cima das fileiras vigilantes perto daquele continente de árvores pressionando apertado para considerar a vala como cova, dentro da qual a esperança do homem podia ter sido atirada, tive um pavor do domínio fácil e tolerante daquelas forças que estavam diante do homem.

Cavalgaríamos adiante então, algumas vezes em cima de nossas selas nos brejos; e todo dia eu perdia a fé de que havia qualquer companhia de nossos companheiros naquela desolação, que nos tirariam de nossas mulas, ao anoitecer, e nos mostrariam redes para nosso descanso. Mas, sempre, antes que a noite nos pegasse, avistaríamos algumas cabanas diminuídas debaixo do penhasco da floresta - terra, oh! - e o pequeno posto de dois ou três engenheiros e um médico nos encontraria, quando viéssemos à tona.

Such a camp was like finding security and fellowship again after the uncertainty and emptiness of the sea. The voices of new friends disarmed the forest. It was not curious that we found it so easy to talk and laugh.

One such camp I remember well. We came upon it late, and my bones, through a longer ride than usual in the wooden saddle, had grown into an unjointed frame. This was the real meaning of fatigue. My body was a comprehensive ache. Yet my mind was alert and buoyant; and I remembered that perhaps it was so because I had been well bitten by the mosquitoes of the Jaci-Parana, a first effect of the inoculation; so I swallowed twenty grains of my store of quinine.

You in settled lands, unless you have been very poor indeed and know what trouble is and what friends are, have never seen the face of your brother, nor the serenity of evening when you have found, without expecting it, shelter for the night; you don't know what the taste of bread and meat is, nor the savour of tobacco, nor what comfortable security is the whispering of a comrade unseen in the shadows of a resting place, nor what it is to sleep. I found those gifts are not means to life only, but reasons for living too; something to live for. With these at nightfall, our frail little hut, beleaguered in the limitless woods, the shack in which the ants and spiders swarmed and gross insects rang on the metal lamp, where we loafed in hammocks, smoking, and listened to the cries of we knew not what in the unknown about us, was impregnable to the hosts of darkness.

Perhaps I remember that camp so well because it was a night of full moon. There were three huts. We were deep in the trees. The dark walls of that well in the jungle rose sheer all round us. Nobody knew what was beyond the huts. The moon appeared just clear of the lofty parapet of the well, and poured down to us an imponderable rarity of bluish fire. Wherever this fire lodged it stayed.

Em semelhante acampamento era como encontrar segurança e companheirismo novamente, depois da incerteza e do vazio do mar. As vozes dos nossos novos amigos desarmavam a floresta. Não era curioso que descobríamos que fosse tão fácil conversar e sorrir.

De semelhante acampamento, eu lembro bem. Chegamos ali tarde, e meus ossos, depois de uma cavalgada mais longa do que a habitual na sela de madeira, tinham desenvolvido um quadro desarticulado. Este era o sentido real da fadiga. Meu corpo todo era uma dor compreensível. Entretanto, minha mente estava alerta e flutuante; e eu lembrei que, talvez, fosse porque eu tinha sido bastante mordido pelos mosquitos do rio Jaci-paraná, um primeiro efeito da inoculação; então engoli vinte grãos de meu estoque de quinino.

Você em terras habitadas, a menos que tenha sido muito pobre de fato, e saiba o que é um problema e o que são os amigos, nunca viu o rosto de seu irmão, nem a serenidade da noite, quando se descobriu, sem esperar, abrigo para a noite; você não sabe qual é o sabor do pão e do alimento, nem o sabor do tabaco, nem o que é segurança confortável, que é o sussurro de um compadre invisível nas sombras em um lugar de repouso, nem o que é dormir. Descobri que esses presentes não são apenas sentidos para a vida, mas também razões para se viver. Com estes, ao cair da noite, nossa frágil cabaninha, sitiada nos limites da selva, a choça em que enxames de formigas, aranhas e insetos nojentos rodeiam a lâmpada de metal, onde vadiamos nas redes, fumando e ouvindo os gritos do que não sabemos o que é no desconhecido ao nosso redor, estava impregnada com os hospedeiros da escuridão.

Talvez eu lembre daquele acampamento tão bem, porque era uma noite de lua cheia. Havia três cabanas. Estávamos no meio das árvores. As paredes escuras daquele buraco na selva erguiam-se íngremes completamente ao nosso redor. Ninguém sabia o que havia para além daquelas cabanas. A lua aparecia só para clarear o parapeito elevado da clareira, e fluía sobre nós uma raridade imponderável de chamas azuis. Em qualquer lugar que essa chama se alojasse, ela ficava.

Half-way up projected palm fronds, and they were heavy patterns in burnished silver. Nameless shapes grew luminous in the dark about us. The ragged thatch of a hut fell from its apex in a cascade of lustrous fluid metal suddenly congealed. The gloom beneath that shining roof was hollowed by the pale yellow light of a lamp; so I could see, under the eaves, the three hammocks slung from the posts. The quiet talk of my companions was the only sound. I limped with weariness towards the voices, and sat in a shadow listening; and looked beyond to sprays of motionless shining foliage leaning out from inscrutable darkness. I seemed to have escaped from my tired body; my disembodied mind was free and at large. A camp hunter had killed a jaguar there, during the afternoon, they were saying. There were many about, for we were beyond the railway men, the track being but a lane of felled trees. They were saying the country there abounded with wild life. Just as we arrived that evening one of the men brought in a wounded animal, its nature so disguised that I thought it was a kind of sloth. It was about two feet long, and covered with long grizzled hair from its snout to the end of its considerable tail; but when I lifted it, and the poor injured creature shook its hair from its eyes, I saw it was a monkey; that anguished and fearful gaze which met mine was of my own tiny brother. It was a rare and little-known creature, the Hairy Saki, the first of its kind I had seen. The native took it away to eat it. I may say that at every camp we ate what we could get; and being by nature squeamish I never asked what it was that was put before me. Whatever it was, there it was, and it was all they could give me. I only emphatically directed that monkey flesh would be worse to me than hunger.

As folhas das palmeiras se projetavam para cima parcialmente, e elas eram modelos pesados de prata polida. Formas inomináveis brotavam luminosas na escuridão ao nosso redor. A cascata do fluido metal lustroso repentinamente se congelava. A escuridão embaixo daquela cobertura brilhante era penetrada pela pálida luz amarela de uma lamparina; então, eu podia ver, debaixo do beiral, as redes penduradas dos esteios. A conversa tranquila de meus companheiros era o único som. Eu claudicava com fraqueza na direção das vozes, e me sentei numa sombra ouvindo; e olhei para além dos borrifos de brilhante folhagem imóvel inclinando-se para fora da escuridão inescrutável. Parecia que eu tinha escapado do meu corpo cansado; minha mente desincorporada estava solta e em liberdade. Um caçador do acampamento tinha matado uma onça ali, durante a tarde, eles estavam dizendo. Havia muitas ao redor, porque estávamos para além dos homens da ferrovia, a trilha sendo apenas uma linha projetada de árvores derrubadas. Estavam dizendo que a região ali abundava com vida selvagem. Exatamente quando chegávamos naquela tarde, um dos homens trazia um animal ferido, sua natureza tão disfarçada que pensei que fosse um tipo de preguiça. Tinha cerca de dois pés de comprimento e era coberto com longos pêlos grisalhos do focinho até a ponta de seu considerável rabo; mas, quando eu o ergui, e a pobre criatura injuriada sacudiu os pêlos dos olhos, vi que era um macaco. Aquele olhar angustiado e assustador que encontrou o meu era de meu próprio irmãozinho. Era uma criatura rara e pouco conhecida, o sagui peludo, o primeiro de seu tipo que eu tinha visto. O nativo o levou para comê-lo. Posso dizer que em todo acampamento comíamos o que podíamos conseguir; e, tendo uma natureza melindrosa, nunca perguntava o que era que estava posto diante de mim. O que quer que fosse, ali estava, e era tudo que podiam me oferecer. Somente enfaticamente considerei que carne de macaco seria pior para mim do que a fome.

"There are plenty of tigers about here," called one of our hosts to me; "I'll fix you with a gun to-morrow, and we'll have some fun." But thank you, no. I did not carry arms throughout my journey. The jaguars did me no hurt when I went exploring o' mornings; and as for me, I was not looking for trouble. Quite politely the jaguars retired while I wandered about alone; though I should have been delighted to have sighted one. The whiffs of feral odour I got, especially in the neighbourhood of the mules, about which the jaguars prowled at night, were my only big game trophies. Sometimes an indistinguishable object would step across ahead of me, or stir in a bush close by, drawing ear and eye at once in a place where trees and leaves were always as fixtures, like the air. I never met one of the larger natives of the place. I knew the parrots by their voices. I heard and smelt the cats. The monkeys called from a great distance; or a body would slip round a tree so like a shadow moving that when I examined the place, and saw nothing, it was easy to believe the eye was only suspicious.

The men began to talk of the Indians. They said we were in the land of the Caripunas. "You won't see them," said Hill. "I expect they are watching us now though," he added, after a pause. I glanced up with some interest at the spectral foliage, where right before me the pale moonfire on leaves and trunks framed portals in the night. I could see nothing.

"It's odds that some of them have been following us all day," continued Hill. "They watch us. They can't make us out. The rubber men told us the Caripunas would kill and eat us. They kill the rubber men all right, and a good job too. But they only slip through the forest watching us. I saw some once. On the Jaci. I jollied them into putting their canoe ashore. It was only a bark contraption, the roughest thing of its kind I've seen, sharpened fore and aft by lacing the ends together with sinews.

“Há muitas onças por daqui”, disse um dos anfitriões para mim; “vou lhe emprestar uma arma amanhã e teremos alguma diversão”. Mas muito obrigado a você, não. Eu não carreguei armas em toda minha jornada. As onças não me feriram, quando estive explorando em minhas caminhadas matinais; e, quanto a mim, não estava procurando problemas. Completamente com cortesia, as onças retiravam-se, enquanto eu perambulava ao redor sozinho; embora eu devesse ter me deleitado se tivesse visto uma. Os sopros do odor selvagem que eu consegui, especialmente na vizinhança das mulas, em volta das quais as onças rondavam à noite, eram meus únicos grandes troféus do jogo. Às vezes, um objeto indistinguível pisaria de um lado a outro adiante de mim, ou agitava-se em uma moita bem perto esticando meus ouvidos e olhos ao mesmo tempo, em um lugar onde as árvores e as folhas estavam sempre tão paradas, como o ar. Nunca encontrei um dos maiores animais selvagens do lugar. Conhecia os papagaios por seus chilreios. Eu ouvia e sentia o cheiro dos felinos. Os macacos mugiam de uma grande distância; ou um corpo escorregaria em volta de uma árvore, exatamente como uma sombra movendo-se que, quando eu examinava o lugar, e não via nada, era fácil acreditar que o olho era somente suspeito.

Os homens começaram a falar dos indígenas. Diziam que estávamos na terra dos Caripunas. “Você não os verá”, disse Hill. “Aposto que estão nos observando nesse instante, entretanto”, ele acrescentou depois de uma pausa. Olhei com grande interesse para a folhagem espectral, onde reto diante de mim, a pálida luz do luar nas folhas e nos troncos emoldurava portais na noite. Não pude ver nada.

“É provável que alguns deles tenham nos seguindo o dia todo”, continuou Hill. “Eles nos observam. Eles não podem nos expulsar. Os seringueiros nos disseram que os Caripunas nos matariam e nos comeriam. Eles matam os seringueiros, tudo bem, o que para os indígenas é um bom negócio também. Mas eles apenas podem deslizar pela floresta nos observando. Vi alguns uma vez. No rio Jaci-paraná. Diverti-me com eles arrastando a canoa para a terra firme. Era apenas uma geringonça, a coisa mais bruta de seu tipo que já vi; a popa e a proa afinavam-se amarrando as pontas juntas com cipós.

They were fine light brown fellows, well made, and stark naked. The black hair of some of them was frizzy. Curious, isn't it? But I've heard that in the slave days runaway niggers got down here, and the forest Indians collared them to improve their own miserable stock. The Brazilians have always had a tradition of a frizzy-haired race on the Madeira; and here they are. They had bows and arrows, those chaps, made entirely of cane and wood. The arrows were tipped with macaw feathers, and were over six feet long. I couldn't bend the bloomin' bow. These fellows keep to the side rivers, and their villages are always hidden in the woods. It's a funny thing, but whenever the surveyors come on a village they find it has been vacated about a week."

We were silent for a time, and then a half-breed crept up to a hammock and spoke in Spanish to the doctor. The doctor laughed, and the fellow went away. "He's asking for a piece of that onca to eat. He says it will make him strong." They began to talk of that, and the talk went on to what the Indians say of the *mai d'aqua*, the mother of the waters, who frequents islands in the rivers and is the ruin of young men, and of such dreads as the *jurupari*, and the *curupira*, and the *maty tapéré*.

They admitted it was easy to imagine such things into the forest. It wasn't what was seen there. Only the trees and the shadows were seen. But sometimes there were sounds. One of us, when alone making a traverse in the forest, had heard a scream, as if a woman had been frightened, and then there was no more sound. The camp doctor began to talk. He was an Englishman. He sat upright in the middle of his hammock, swinging it with one foot. "There was a curious yarn I heard about a tiger in Hampshire. Ah! Hampshire! I had a practice there once, you know. It made me so busy and popular that at last I began to wonder whether I wasn't altogether too successful.

Eram uns indivíduos morenos-claros, bem constituídos, fortes e nus. O cabelo preto de alguns deles era encaracolado. Curioso, não é? Mas, ouvi dizer que nos dias da escravidão, os negros fugitivos chegavam até aqui, e os indígenas da floresta capturavam-lhes para melhorar o próprio tipo miserável deles. Os brasileiros sempre tiveram uma tradição de uma raça de cabelos encaracolados no rio Madeira; e aí estão eles. Eles tinham arcos e flechas, aqueles camaradas, feitas inteiramente de bambu e madeira. As flechas estavam enfeitadas com penas de arara, e tinham cerca de seis pés de comprimento. Eu não podia curvar um arco enfeitado daqueles. Esses indivíduos mantinham-se do lado dos rios, e suas aldeias ficam sempre escondidas na mata. É uma coisa engraçada, mas, quando os topógrafos chegavam a uma aldeia, descobriam que tinha sido desocupada acerca de uma semana”.

Ficamos em silêncio por algum tempo, e então um mestiço arrastou-se reto em uma rede e falou com o médico em espanhol. O médico riu e o indivíduo foi embora. “Está pedindo um pedaço daquela onça para comer. Diz que o deixará forte”. Eles começaram a falar daquilo, e a conversa prosseguiu para o que os indígenas dizem da Mãe d’água, que frequenta as ilhas nos rios e é a ruína do homem jovem, e de medos semelhantes como o Jurupari, o Curupira e a Matinta Pereira.

Admitiam que era fácil imaginar tais coisas dentro da floresta. Não era o que era visto ali. Somente as árvores e as sombras eram vistas. Mas, algumas vezes, ouvia-se sons. Um de nós, quando sozinho fazendo a travessia na floresta, tinha ouvido um grito, como se uma mulher tivesse sido assustada e, então, não havia mais nenhum som. O médico do acampamento começou a falar. Ele era um inglês. Estava sentado erguido no meio de sua rede, balançando-se com um pé. “Havia uma história curiosa, que ouvi sobre um tigre, em Hampshire. Ah! Hampshire! Eu tive uma experiência como médico lá uma vez, vocês sabem. Deixou-me tão ocupado e popular que, finalmente, comecei a imaginar se eu não estava completamente tão bem-sucedido.

It was the practice or me. As I wanted to live on and do some useful work I slew the practice. I've got one or two ideas about that beri-beri you chaps die of here. A doctor cannot serve God and a lot of old women with colds. . . . Oh yes, about that tiger. Well, one of those travelling shows came to our village. I could see the steam of its roundabout engines from my surgery windows, and I told the farmer who rented the field to the showmen that if he let a mechanical organ come anywhere near my place again he could take his gallstone somewhere else in future.

"Late one night I got an urgent message to go over to the show. There had been an accident. I was taken into a caravan. There was a fat woman dressed as a pink fairy kneeling over a man stretched on a bunk, shaking him, and crying. The man was dead all right. But I couldn't find a mark on him. Diseased heart, I supposed, but he looked a good 'un. Some of the well-made, powerful chaps have most unreliable hearts. The woman kept crying out something about 'that beast of a tiger.' Curious sort of remark, and I asked the boss afterwards what she meant. He shuffled about a bit, pretending that she was talking silly. 'Nothing to do with the tigress,' he said, 'although the man was found unconscious in her cage!' 'It's such a tame thing,' said the showman. 'Anybody could handle it. Never shows vice. Old Jackson' - that was the dead chap - 'he'd been inside tinkering with a partition. When we found him she was lying in a corner as if asleep, and only sat up and yawned when we got him out of her cage. Come and see for yourself.'

"I went. There was nothing to see, except a slit-eyed tigress sitting up in a corner of her cage, blinking at the lantern, and looking rather spooky. A rather small creature, and prettily marked - one of the melantic variety.

Era a experiência médica ou eu. Como eu queria viver às custas dela e fazer algum trabalho útil, desisti da experiência. Tenho uma ou duas ideias acerca daquele beribéri, de que vocês, companheiros, morrem por aqui. Um médico não pode servir a Deus e a um monte de mulheres velhas com resfriados... Oh, sim, sobre aquele tigre. Bem, um daqueles shows viajantes chegou ao nosso povoado. Pude ver o vapor de suas máquinas de rodeio das janelas de minha enfermaria, e disse ao fazendeiro, que alugou o campo para o animador do circo, que se ele permitisse que um órgão mecânico tocasse em qualquer parte perto do meu lugar novamente, ele podia pegar seu cálculo biliar em outro lugar, no futuro.

“Tarde, uma noite, recebi uma mensagem urgente para ir ao circo. Acontecera um acidente. Fui levado para dentro de um *trailer*. Havia uma mulher gorda, vestida como uma fada rosa, ajoelhada em cima de um homem estirado num beliche, sacudindo-o e gritando. O homem estava morto, certamente. Mas eu não pude encontrar um sinal nele. Ataque cardíaco, supus, mas parecia um indivíduo saudável. Alguns dos benfeitores, camaradas fortes, têm corações mais indignos de confiança. A mulher continuava chorando amargamente e dizendo algo sobre 'aquela fera, um tigre'. Curioso tipo de observação, e perguntei ao patrão mais tarde o que ela queria dizer. Ele se embaralhou um pouco, fingindo que ela estava falando besteira. “Não tem nada a ver com a tigresa” - ele disse - embora o homem tenha sido encontrado inconsciente na jaula dela. “É uma criatura muito mansa” - disse o animador do circo. “Qualquer pessoa podia lidar com ela. Nunca mostrou vícios. Pobre Jackson” - esse era o homem morto - “ele estava dentro da jaula consertando uma divisão. Quando o encontramos, a tigresa estava deitada num canto, como se estivesse dormindo, e apenas sentou-se e bocejou, quando o retiramos da jaula dela. Venha e veja você mesmo”.

“Eu fui. Não havia nada para se ver, exceto uma tigresa de olhos quase fechados, sentada em um canto de sua jaula, pestanejando com o foco da lanterna e parecendo, mais precisamente, uma assombração. Uma criatura bastante pequena, e lindamente malhada - uma da variedade da melanita.

"Well, the chap was buried after an inquest, and that inquest made me ask a lot of questions afterwards. It was a simple affair, the inquest. Death from natural causes. But there was something behind the evidence of the man's wife, and I wanted to find out about that.

"She told me she had a little girl, who got one night into the tent where the big cats were kept. Nobody was there at the time. Next morning she said to her mother, 'Mummie, who was the funny lady in Lucy's cage?'

"Lucy was the name of the tigress. The child said that there was only the lady in the cage, and the lady watched her. And that was all they could get out of the kiddie. The funny thing about it is that once before the child had come back with a yarn like that, after straying into the menagerie tent late at night. The wife's idea was her husband had died of fright.

"Don't ask me what I want to make out, boys. I'm only just telling you the yarn. There you are.

"Well, before the show left our village, I heard they'd got a nigger to look after the big cats. He was with the show two days. On the third day he was missing. He went without drawing his money, and he had left open the door of Lucy's cage. She hadn't attempted to get out. The nigger was found some days after, wandering about the country, and a little cracked, by all accounts. And that's all."

The doctor struck a match, and then hoisted his legs The doctor struck a match, and then hoisted his legs into the hammock. Somewhere far in the forest the monkeys were howling.

"That doctor is a good body mender," said Hill to me. "He is the most entertaining liar on this job."

“Bem, o cara foi enterrado depois de um inquérito, e esse inquérito me fez perguntar um monte de questões depois. Era um caso simples, o inquérito. Morte por causa natural. Mas havia alguma coisa por trás da evidência da esposa do homem, e eu queria descobrir o que era.

“Ela me disse que tinha uma garotinha que, uma noite, entrou na tenda onde os grandes felinos eram mantidos. Ninguém estava lá naquela hora. Na manhã seguinte, ela disse para sua mãe, “Mamãe, quem era a dama engraçada na jaula de Lucy?”

“Lucy era o nome da tigresa. A criança disse que havia somente a dama na jaula, e a dama olhava para ela. E aquilo foi tudo que eles puderam tirar da criança. O engraçado nisso é que, uma vez que depois que a criança tivesse voltado com uma história como essa, alguém tivesse desgarrado-se dentro da tenda de animais selvagens, tarde da noite. A ideia da esposa era que seu marido tinha morrido de medo.

“Não me pergunte o que eu quero dizer, rapazes. Estou apenas contando a história para vocês. Aí está.

“Bem, antes que o circo saísse de nosso povoado, soube que eles tinham contratado um negro para tomar conta dos grandes felinos. Ele estava com o circo há dois dias. No terceiro dia, ele havia desaparecido. Desapareceu sem pegar seu dinheiro e tinha deixado a porta da jaula de Lucy aberta. Ela não tinha tentado sair. O negro foi encontrado alguns dias depois, perambulando pela região, e um pouco enlouquecido, como todos diziam. E isso é tudo.

O médico riscou um palito de fósforo e depois colocou a perna dentro da rede. Em algum lugar distante na floresta, os macacos estavam gritando.

“Esse médico é um bom remendador de corpo” - disse-me Hill. “Ele é o mentiroso mais interessante nessa ocupação”.

CHAPTER VI

WHEN in the neighbourhood of the Girau Falls we returned to a camp known as 22, which was merely a couple of huts, the station of two English surveyors, who had with them a small party of Bolivians. The Bolivian frontier was then but a little distance to the south-west. We rested for a day there, and planned to make a journey of ten miles across country, to the falls of the Caldeirao do Inferno. By doing so we should save the wearying return ride along the track to the Rio Jaci-Parana, for at the Caldeirao a launch was kept, and in that we could shoot the rapids and reach the camp on the Jaci two days earlier. Some haste was necessary now, for my steamer must be nearing her sailing time. And again, I agreed the more readily to the plan of making a traverse of the forest because it would give me the opportunity of seeing the interior of the virgin jungle away from any track. Though I had been so long in a land which all was forest I had not been within the universal growth except for little journeys on used trails. A journey across country in the Amazon country is never made by the Brazilians. The only roads are the rivers. It is a rare traveller who goes through those forests, guided only by a compass and his lore of the wilderness. That for months I had never been out of sight of the jungle, and yet had rarely ventured to turn aside from a path for more than a few paces, is some indication of its character. At the camp where we were staying I was told that once a man had gone merely within the screen of leaves, and then no doubt had lost, for a few moments, his sense of direction of the camp, for he was never seen again.

CAPÍTULO 6

QUANDO estávamos nas proximidades da cachoeira do Jirau, voltamos para o acampamento conhecido como 22, que era simplesmente um par de cabanas; a estação de dois topógrafos ingleses, que tinham com eles um pequeno grupo de bolivianos. A fronteira boliviana estava então apenas a uma pequena distância a sudoeste. Descansamos ali por um dia, e planejamos fazer uma viagem de dez milhas pela região, para a cachoeira do Caldeirão do Inferno. Fazendo isso, economizaríamos a longa e cansativa cavalgada de retorno, ao longo da trilha, para o rio Jaci-paraná, porque, no Caldeirão do Inferno, uma lancha era mantida ali; e nela podíamos descer a cachoeira e desembarcarmos no acampamento no rio Jaci, dois dias mais cedo. Alguma pressa era preciso agora, porque meu navio devia estar perto da hora de zarpar. E, novamente, concordei mais que prontamente com o plano de fazer a travessia da floresta, porque me daria a oportunidade de ver o interior da selva virgem, longe de qualquer trilha. Embora estivesse há tanto tempo na região, onde tudo era floresta, não tinha estado dentro do imenso crescimento vegetal, exceto durante pequenas caminhadas nas trilhas habituais. Uma viagem de um lado a outro da região do país das Amazonas nunca é feita pelos brasileiros. As únicas estradas são os rios. É raro um viajante que vá por aquelas florestas, guiado apenas por uma bússola e seu conhecimento da imensidão verde. Que durante meses, eu não tinha saído de vista da selva e, entretanto, raramente tinha me aventurado a virar na curva de uma trilha por mais do que alguns passos é alguma indicação de sua natureza. No acampamento onde estamos pousando, disseram-me que, uma vez, um homem tinha simplesmente entrado no manto de folhas e, então, sem dúvida, perdeu, por alguns momentos, seu senso de direção do acampamento, porque nunca mais foi visto novamente.

The equatorial forest is popularly pictured as a place of bright and varied colours, with extravagant flowers, an abundance of fruits, and huge trees hung with creepers where lurk many venomous but beautiful snakes with gem-like eyes, and a multitude of birds as bright as the flowers; paradise indeed, though haunted by a peril. Those details are right, but the picture is wrong. It is true that some of the birds are decorated in a way which makes the most beautiful of our temperate birds seem dull; but the toucans and macaws of the Madeira forest, though common, are not often seen, and when they are seen they are likely to be but obscure atoms drifting high in a white light. About the villages and in the clearings there are usually many superb butterflies and moths, and a varied wealth of vegetation not to be matched outside the tropics, and there will be the fireflies and odours in evening pathways. But the virgin forest itself soon becomes but a green monotony which, through extent and mystery, dominates and compels to awe and some dread. You will see it daily, but will not often approach it. It has no splendid blossoms; none, that is, which you will see, except by chance, as by luck one day I saw from the steamer's bridge some trees in blossom, domes of lilac surmounting the forest levels. Trees are always in blossom there, for it is a land of continuous high summer, and there are orchids always in flower, and palms and vines that fill acres of forest with fragrance, palms and other trees which give wine and delicious fruits, and somewhere hidden there are the birds of the tropical picture, and dappled jaguars perfect in colouring and form, and brown men and women who have strange gods. But they are lost in the ocean of leaves as are the pearls and wonders in the deep.

A floresta equatorial é popularmente pintada como um lugar de brilho e cores variadas, com flores extravagantes, uma abundância de frutas, e árvores enormes com trepadeiras penduradas, onde escondem-se muitas cobras venenosas, mas lindas com pintas como olhos, e uma multidão de pássaros, tão brilhantes quanto as flores; é um paraíso, de fato, embora assombrado por um perigo. Esses detalhes estão certos, mas a pintura está errada. É verdade que alguns dos pássaros são decorados de um jeito que faz o mais belo de nossos pássaros de clima temperado parecer embotado; mas os tucanos e as araras da floresta do Madeira, embora comuns, não são vistos com frequência e, quando são vistos, são apenas átomos obscuros flutuando em cima, numa luz branca. Ao redor dos povoados e das clareiras geralmente há muitas borboletas excelentes, e mariposas, e uma riqueza variada, além da vegetação, que não é encontrada fora dos trópicos, e haverão os vagalumes e os odores nas trilhas noturnas. Mas, a própria floresta virgem torna-se logo apenas uma monotonia verde que, através da extensão e do mistério, domina e compele a uma admiração e a algum pavor. Você a verá diariamente, mas não se aproximará dela frequentemente. Ela não tem florescências esplêndidas; nenhuma que seja, que você verá, exceto pela oportunidade, como por sorte, um dia eu vi da ponte de comando do navio algumas árvores em floração, abóbadadas de flores arroxeadas superando o nível da floresta. As árvores estão sempre em floração ali, porque é uma terra de contínuo e intenso verão, e há orquídeas sempre floridas, e palmeiras e trepadeiras que preenchem metros cúbicos da floresta com fragrância, palmeiras e outras árvores que dão vinho e frutas deliciosas e, em algum lugar, escondidos estão os pássaros da pintura tropical, e onças pintadas, perfeitas em coloração e forma, e homens morenos e mulheres que têm deuses estranhos. Mas eles estão perdidos no oceano de folhas, como estão as pérolas e as maravilhas nas profundezas do mar.

You will remember the equatorial forest but as a gloom of foliage in which all else that showed was rare and momentary, was foundered and lost to sight instantly, as an unusual ray of coloured light in one mid-ocean wave gleams, and at once goes, and your surprise at its apparition fades too, and again there is but the empty desolation which is for ever but vastness sombrely bright.

One morning, wondering greatly what we should see in the place where we should be the first men to go, Hill and I left camp 22 and returned a little along the track. It was a hot still morning. A vanilla vine was in fragrant flower somewhere, unseen, but unescapable. My little unknown friend in the woods, who calls me at odd times - but I think chiefly when I am near a stream - by whistling thrice, let me know he was about. Hill said he thinks he has seen him, and that my little friend looks like a blackbird. On the track in many places were objects which appeared to be long cups inverted, of unglazed ware. Picking up one I found it was the cap to a mine of ants, the inside of the clay cup being hollowed in a perfect circle, and remarkably smooth. A paca dived into the scrub near us. It was early morning, scented with vanilla, and the intricacy of leaves was radiant. Nowhere in the screen could I see a place through which it was possible to crawl to whatever was behind it. The front of leaves was unbroken. Hill presently bent double and disappeared, and I followed in the break he made. So we went for about ten minutes, my leader cutting obstructions with his machete, and mostly we had to go almost on hands and knees. The undergrowth was green, but in the etiolated way of plants which have little light, though that may have been my fancy. One plant was very common, making light-green feathery barriers. I think it was a climbing bamboo.

Lembrar-se-á da floresta equatorial apenas como uma escuridão de folhagem, em que tudo mais que se mostrava era raro e momentâneo; era achada e perdida de vista instantaneamente, como um raio incomum de luz colorida nas ondas brilhantes no meio do oceano, e ao mesmo tempo desaparece; e a sua surpresa nessa aparição empalidece também e, novamente, há somente a desolação vazia, que fica para sempre; apenas uma vastidão sombriamente brilhante.

Uma manhã, imaginando grandemente o que deveríamos ver no lugar onde deveríamos ser os primeiros homens a ir, Hill e eu saímos do acampamento 22 e retornamos um pouco, ao longo de uma trilha. Era uma manhã quente e tranquila. Um pé de baunilha estava em floração cheirosa em algum lugar, invisível, mas inescapável. Meu amiguinho desconhecido na mata, que canta em horas singulares - mas acho que, principalmente, quando estou perto de um rio - através de assobios trinos, permitiu que eu soubesse que ele estava por perto. Hill disse que pensa que o viu, e que meu amiguinho se parece com um melro. Na trilha, em muitos lugares, estavam objetos que pareciam ser xícaras compridas emborcadas, de produtos esmaltados. Desemborcando uma, descobri que era o chapéu de uma mina de formigas; o interior da xícara de barro cheia de buraco em círculos perfeitos, e extraordinariamente liso. Uma paca mergulhou entre as moitas perto de nós. Era uma manhã precoce, perfumada com baunilha, e o intrincamento de folhas estava radiante. Em nenhuma parte na folhagem, eu podia ver um lugar através do qual pudesse rastejar para qualquer parte que estava atrás. A frente das folhas estava intacta. Hill, nesse momento, se curvou e desapareceu, e eu o segui na passagem que ele fez. Então seguimos adiante por aproximadamente dez minutos; meu líder cortando obstruções com seu facão e, geralmente, tínhamos que andar quase com as mãos e os joelhos. A vegetação rasteira era verde, mas do modo seriamente enfraquecida de plantas que recebem pouca luz, embora possa ter sido minha imaginação. Uma planta era muito comum, formando barreiras emplumadas verde-claro. Acho que era uma espécie de bambu.

Its stem was vapid and of no diameter, and its grasslike leaves grew in whorls at the joints. It extended to incredible distances. We got out of that margin of undergrowth, which springs up quickly when light is let into the woods, as it was there through the cutting of the track, and found ourselves on a bare floor where the trunks of arborescent laurels grew so thickly together that our view ahead was restricted to a few yards. We were in the forest. There was a pale tinge of day, but its origin was uncertain, for overhead no foliage could be seen, but only deep shadows from which long ropes were hanging without life. In that obscurity were points of light, as if a high roof had lost some tiles. Hill set a course almost due south, and we went on, presently descending to a deep clear stream over which a tree had fallen. Shafts of daylight came down to us there, making the sandy bottom of the stream luminous, as by a lantern, and betraying crowds of small fishes. As we climbed the tree, to cross upon it, we disturbed several morphos. We had difficulties beyond in a hollow, where the bottom of the forest was lumbered with fallen trees, dry rubbish, and thorns, and once, stepping on what looked timber solid enough, its treacherous shell collapsed, and I went down into a cloud of dust and ants. In clearing this wreckage, which was usually as high as our faces, and doubly confused by the darkness, the involutions of dead thorny creepers, and clouds of dried foliage, Hills got at fault with our direction, but reassured himself, though I don't know how - but I think with the certain knowledge that if we went south long enough we should strike the Madeira somewhere - and on we went. For hours we continued among the trees, seldom knowing what was ahead of us for any distance, surviving points of noise intruding again after long in the dusk of limbo. So still and nocturnal was the forest that it was real only when its forms were close. All else was phantom and of the shades.

Seu caule era desinteressante e de pouco diâmetro, e sua folhas, parecidas com relva, cresciam nos nós de suas juntas. Estendia-se a distâncias incríveis. Saimos daquela margem de vegetação rasteira, que brotava rapidamente, quando a luz é permitida entrar na mata, como era permitida ali pela abertura da trilha, e nos descobrimos em um solo exposto, onde os troncos dos louros arborescentes desenvolviam-se tão apertadamente juntos, que nossa visão adiante era restrita a algumas jardas. Estávamos na floresta. Havia um toque pálido de dia, mas sua origem era incerta, porque em cima, nenhuma folhagem podia ser vista, mas somente sombras profundas, das quais longos cipós sem vida estavam pendurados. Eram pontos de luz naquela obscuridade, como se uma cobertura alta tivesse perdido algumas telhas. Hill tomou um curso quase rumo sul, e seguimos adiante, nesse momento, descendo para um riacho claro e fundo, por cima do qual, uma árvore tinha caído. Raios da luz do dia desciam até nós ali, deixando luminoso o fundo arenoso do riacho, como que focado por uma lanterna, e traindo cardumes de peixinhos. Quando subimos na árvore para atravessá-lo, espantamos diversas borboletas morpho. Tivemos dificuldades adiante numa clareira, onde o fundo da floresta estava atravancado com árvores caídas, folhas secas, e espinhos e, uma vez, pisando no que parecia madeira sólida o suficiente, sua casca traiçoeira ruiu, e eu caí dentro de uma nuvem de poeira e formigas. Limpando essa ruína, que geralmente era tão alta quanto nossos rostos, e duas vezes confundida pela escuridão, pelas involuções de trepadeiras de espinhos mortos, e pelas nuvens de folhagem seca, Hill se descuidou com nossa direção, mas se certificou, embora eu não saiba como - mas acho que com o conhecimento certo de que se seguissemos para o sul por tempo suficiente, deveríamos varar no Madeira - e seguimos adiante. Durante horas, continuamos andando entre as árvores, raramente sabendo o que havia adiante de nós a qualquer distância, pontos sobreviventes de barulho intruso novamente, depois de muito tempo no crepúsculo do limbo. Tão parada e noturna estava a floresta, que era real apenas quando suas formas estavam perto. Tudo mais era aparição e sombras.

There was not a green sign of life, and not a sound. Resting once under a tree I began to think there was a conspiracy implied in that murk and awful stillness, and that we should never come out again into the day and see a living earth. Hills sat looking out, and said, as if in answer to an unspoken thought of mine which had been heard because there was less than no sound there, that men who were lost in those woods soon went mad.

Then he led on again. This forest was nothing like the paradise a tropical wild is supposed to be. It was as uniformly dingy as the old stones of a London street on a November evening. We did not see a movement, except when the morphos started from the uprooted tree. Once I heard the whistle call us from the depths of the forest, urgent and startling; and now when in a London by-way I hear a boy call his mate in a shrill whistle, it puts about me again the spectral aisles, and that unexpectant quiet of the sepulchre which is more than mere absence of sound, for the dead who should have no voice. This central forest was really the vault of the long-forgotten, dank, mouldering, dark, abandoned to the accumulations of eld and decay. The tall pillars rose, upholding night, and they might have been bastions of weathered limestone and basalt, for they were as grim as ancient and ruinous masonry. There was no undergrowth. The ground was hidden in a ruin of perished stuff, uprooted trees, parchments of leaves, broken boughs, and mummied husks, the iron globes of nuts, and pods. There was no day, but some breaks in the roof were points of remote starlight. The crowded columns mounted straight and far, almost branchless, fading into indistinction. Out of that overhead obscurity hung a wreckage of distorted cables, binding the trees, and often reaching the ground.

Não havia nenhum sinal de vida verde, e nem um som. Descansando uma vez debaixo de uma árvore, comecei a pensar que havia uma conspiração implicada naquela quietude medonha e escura, e que nunca sairíamos dali novamente dentro do dia e veríamos a terra viva. Hill sentou-se e ficou olhando e disse, como se em resposta ao meu pensamento não proferido, que tinha sido ouvido porque havia menos do que nenhum som ali, que os homens que se perdiam naquela mata, logo enlouqueciam.

Depois ele seguiu em frente novamente. Esta floresta não era nada como o paraíso de uma selva tropical é susposto ser. Era tão uniformemente sombria, quanto as pedras antigas de uma rua de Londres, em uma noite de novembro. Não víamos um movimento, exceto quando as borboletas morpho voavam de uma árvore desarraigada. Uma vez ouvi um assobio nos chamar das profundezas da floresta, urgente e assustador; e agora, quando em um atalho em Londres, ouço um garoto chamar seu colega com um assobio agudo, coloca-me em volta novamente as veredas espectrais, e aquela quietude desesperançosa do sepulcro, que é mais do que a mera ausência de som, para o morto que não deveria ter voz. Esta floresta central era realmente o celeiro do há muito tempo esquecido, úmida, decadente, escura, abandonada para as acumulações do passado e decadência. Os pilares altos se erguiam sustentando a noite; e eles podiam ter sido os bastiões de calcário encharcado e basalto, porque eram tão sinistros, quanto ruínas antigas de alvenaria. Não havia vegetação rasteira. O chão estava oculto em uma ruína de material perecido, árvores desarraigadas, pergaminhos de folhas, galhos quebrados, e cascas mumificadas, os globos de ferro de castanhas, e vagens. Não havia dia, mas algumas brechas na copa das árvores eram pontos de remota luz das estrelas. As colunas aglomeradas subiam retas e muitíssimas, quase desganhadas, empalidecendo dentro da indistinção. Para fora daquela obscuridade em cima pendurava-se uma ruína de cipós retorcidos, amarrando as árvores e, frequentemente, alcançavam o chão.

The trees were seldom of great girth, though occasionally there was a dominant basaltic pillar, its roots meandering over the floor like streams of old lava. The smooth ridges of such a fantastic complexity of roots were sometimes breast high. The walls ran up the trunk, projecting from it as flat buttresses, for great heights. We would crawl round such an occupying structure, diminished groundlings, as one would move about the base of a foreboding, plutonic building whose limits and meaning were ominous and baffling. There were other great trees with compound boles, built literally of bundles of round stems, intricate gothic pillars, some of the props having fused in places. Every tree was the support of a parasitic community, lianas swathing it and binding it. One vine moulded itself to its host, a flat and wide compress, as though it were plastic. We might have been witnessing what had been a riot of manifold and insurgent life. It had been turned to stone when in the extreme pose of striving violence. It was all dead now.

But what if these combatants had only paused as we appeared? It was a thought which came to me. The pause might be but an appearance for our deception. Indeed, they were all fighting as we passed through, those still and fantastic shapes, a war ruthless but slow, in which the battle day was ages long. They seemed but still. We were deceived. If time had been accelerated, if the movements in that war of phantoms had been speeded, we should have seen what really was there, the greater trees running upwards to starve the weak of light and food, and heard the continuous collapse of the failures, and have seen the lianas writhing and constricting, manifestly like serpents, throttling and eating their hosts.

Raramente as árvores eram de grande espessura, embora, ocasionalmente, houvesse um pilar de balsático dominante, suas raízes serpenteando por cima do chão, como correntes de lavas antigas. Os sulcos lisos de uma semelhante complexidade de raízes eram, algumas vezes, parapeitos altos. As paliçadas escoravam-se no tronco, projetando-se dele como suportes planos, por alturas formidáveis. Rastejaríamos em volta de uma semelhante estrutura ocupada, servilões rebaixados, como alguém se moveria ao redor da base de um presságio, edifício plutônico, cujos limites e significados eram agourentos e desconcertantes. Havia outras árvores grandes com troncos compostos, construídos literalmente de um monte de caules redondos, pilares góticos intrincados, algumas das escoras tinham se fundido em alguns lugares. Cada árvore era o suporte de uma comunidade parasitária, cipós cobrindo-a e a amarrando. Uma trepadeira se moldava a seu hospedeiro, uma prensa achatada e ampla, como se fosse plástico. Podíamos estar testemunhando o que tinha sido um distúrbio de vida insurgente e multiforme. Tinha se transformado em pedra, quando na posse extrema de esforçada violência. Tudo estava morto agora.

Mas, e se estes combatentes tivessem parado exatamente quando aparecemos? Foi um pensamento que veio a mim. A pausa podia ser apenas uma aparição para nossa decepção. De fato, elas todas estavam lutando, enquanto passávamos entre elas, aquelas formas fantásticas e paradas; uma guerra implacável, mas lenta, em que o dia de batalha estava em épocas passadas. Elas pareciam paradas. Fomos ludibriados. Se o tempo tivesse sido acelerado, se os movimentos naquela guerra de fantasmas tivessem sido acelerados, teríamos visto o que realmente estava ali; as árvores maiores arremessando-se para cima, morrendo por falta de luz e alimento; e ouvido o colapso contínuo dos fracassos; e teríamos visto os cipós enrolando-se e apertando, manifestadamente como serpentes, sufocando e comendo seus hospedeiros.

We did see the dead everywhere, shells with the worms at them. Yet it was not easy to be sure that we saw anything at all, for these were not trees, but shapes in a region below the day, a world sunk abysmally from the land of living things, to which light but thinly percolated down to two travellers moving over its floor, trying to get out to their own place.

Late in the afternoon we were surprised by a steep hill in our way, where the forest was more open. Palms became conspicuous on the slopes, and the interior of the sombre woods was lighted with bright and graceful foliage. The wild banana was frequent, its long rippling pennants showing everywhere. The hill rose sharply, perhaps for six hundred feet, and over its surface were scattered large stones, and stones are rare indeed in this land of vegetable humus. They were often six inches in diameter, and I should have said they were waterworn but that I had seen them *in situ* at one camp, where they occurred but little below the surface in a friable sandstone, the largest of them easily broken in the hand, for they were but ferrous concretions of quartz grains. After exposure to the air they so hardened that they could be fractured only with difficulty. We kept along the ridge of the hill, finding breaks in the forest through which, as through unexpected windows, we could see, for a wonder, over the roof of the forest, looking out of our prison to a wide world where the sun was declining. In the south-west we caught the gleam of the Madeira, and beyond it saw a continuation of the range of hills on which we stood.

De fato, víamos defunto em todo lugar, cascas com vermes em cima. Todavia, não era fácil estar certo de que víamos qualquer coisa completamente, porque aquilo não era árvore, mas formas em uma região abaixo do dia; um mundo mergulhado abismalmente da terra das coisas vivas, para o qual a luz apenas fragilmente penetrava para dois viajantes movendo-se em seu solo, tentando sair para o lugar próprio para eles.

No fim da tarde fomos surpreendidos por uma colina íngreme em nosso caminho, onde a floresta era mais aberta. As palmeiras ficavam conspícuas nas ladeiras, e o interior da mata sombria era iluminado com folhagem brilhante e graciosa. Bananeira-braba era frequente, seus longos estandartes ondulantes mostrando-se em todo lugar. A colina erguia-se abruptamente, talvez por seiscentos pés; e, por cima de sua superfície, estavam grande pedras espalhadas, e pedras são raras, de fato, nesta região de húmus vegetal. Frequentemente tinham seis polegadas de diâmetro, e eu deveria dizer que estavam erodidas, mas que eu as tinha visto *in situ*,¹⁴⁹ em um acampamento onde se encontravam somente um pouquinho abaixo da superfície, em um arenito quebrável; a maior delas facilmente esfarelava nas mãos, porque eram apenas concretos de ferro de grãos de quartzo. Depois de expostas ao ar, tornavam-se tão endurecidas que só podiam ser quebradas com dificuldade. Nos mantivemos no cume da colina descobrindo brechas na floresta através das quais, como se fossem janelas improvisadas, podíamos ver, como que maravilhados, por cima da copa da floresta, olhando de nossa prisão para um mundo amplo, onde o sol estava se pondo. No sudoeste, avistamos o clarão do Madeira e, para além dele, vimos a continuação da cordilheira de colinas em que estávamos.

¹⁴⁹Expressão latina para *no lugar*, o mesmo que *in loco*.

In the low ground between the hill range and the river the forest was lower, and was so tangled a mass that I doubted whether we could make a way through it. We happened upon a deserted Caripuna village, three large sheds, without sides, each but a ragged thatch propped on four legs. The clearing was just large enough to hold them. I could find no relics of the forest folk about. Damp leaves were thick on the floor of each shelter. But it was lucky we found the huts, for thence a trail led us to the river. We emerged suddenly from the forest, just as one goes through a little door into the open street. We were on the bank of the Madeira by the upper falls of the Caldeirao. It was still a great river, with the wall of the forest opposite, just above which the sunset was flaming, so far away that its tree trunks were but vertical lines of silver in dark cliffs. A track used by the Bolivian rubber boatmen led us down stream to the camp by the lower falls.

It was night when we got to the three huts of the camp, and the river could not be seen, but it was heard, a continuous low thundering. Sometimes a greater shock of deep waters falling, an orgasm of the flood pouring unseen, more violent than the rest, made the earth tremulous. Men held up lanterns to our faces, and led us to a hut. It was but the usual roof of leaves. We rested in hammocks slung between the posts, and I ached in every limb. But here we were at last; and there is no more luxurious bed than a hammock, yielding and resilient, as though you were cradled on air; and there is no pipe like that smoked in a hammock at night in the tropics after a day of toil and anxiety in a dissolving heat, for the heat makes a pipe bitter and impossible; but if a tropic night is cool and cloudless it comes like a benediction, and the silence is a peace that is below you and around, and as high as the stars towards which your face is turned. The ropes of the hammock creaked.

No solo mais baixo entre a cordilheira de colinas e o rio, a floresta era mais baixa, e era tão emaranhada que eu duvidei que pudéssemos abrir um caminho. Encontramos, por acaso, uma aldeia Caripuna abandonada; três casarões sem paredes, cada um apenas de cobertura esgarçada, sustentado por quatro esteios. A clareira era exatamente grande o suficiente para contê-los. Não encontrei, ao redor, ruínas do povo da floresta. Folhas umedecidas estavam dispostas no chão de cada moradia. Mas foi sorte termos encontrado as choças, porque adiante, uma trilha nos conduzia para o rio. Emergimos repentinamente da floresta, exatamente como uma pessoa sai por uma portinha para a rua ao ar livre. Estávamos no barranco do Madeira do lado de cima da cachoeira do Caldeirão do Inferno. Ainda era um grande rio, com a paliçada da floresta do lado oposto, exatamente acima, onde o pôr do sol estava flamejando, tão longe que os troncos das árvores eram apenas linhas verticais de prata em penhascos escuros. Uma trilha usada pelos seringueiros bolivianos nos conduziu para o acampamento perto das quedas d'água mais baixas.

Era noite quando alcançamos as três cabanas do acampamento, e o rio não podia ser visto, mas ouvia-se um estrondo fraco e contínuo. Algumas vezes, um choque maior de águas fortes caindo; um orgasmo da inundação fluindo invisível, mais violento do que o restante, deixava a terra trêmula. Os homens levantaram lanternas em nossos rostos, e nos conduziram para uma cabana. Era apenas a cobertura habitual de palhas. Descansamos em redes atadas entre dois esteios, e todos os membros do meu corpo doíam. Mas estávamos ali, finalmente; e não há uma cama mais luxuosa do que uma rede, esticada e resistente, como se você se embalasse no ar; e não há cachimbo como aquele fumado em uma rede, à noite, nos trópicos, depois de um dia de tumulto e ansiedade em um calor dissolvente, porque o calor deixa um cachimbo amargo e impossível; mas, se uma noite tropical está fresca e sem nuvens, torna-se uma benção, e o silêncio é uma paz que está embaixo e ao seu redor, e tão alto quanto as estrelas na direção em que seu rosto está virado. As cordas da rede estalam.

Sometimes a man spoke quietly, as though he were at a great distance. The sound of the water receded, was heard only as in a sleep, and it might have been the loud murmur of the spinning globe, heard because we had left this world and had leisure for trifles in a securer world apart.

In the morning, while they prepared the little steam launch for its journey down the rapids, I had time to climb about the smooth granite boulders of the foreshore below the hut. A rock is so unusual in this country that it is a luxury when found. The granite was bare, but in its crevices grew cacti and other plants with fleshy leaves and swollen stems. Shadowing the hut was a tree bearing trumpet-shaped flowers, and before the blossoms humming birds were hovering, glowing and evanescent morsels, remaining miraculously suspended when inserting their long bills into the flowers, their little wings beating so rapidly that the air seemed visible and radiant about them. Another tree here interested me, for it was Bates Assacu, the only one I saw. It was a large tree, with palmate leaves having seven fingers. Ugly spines studded even its brown trunk.

I looked out on the river dubiously. A rocky island was just off shore, crowned with trees. Between us and the island, and beyond, the waters heaved and circled, evidently of great depth, and fearfully disturbed and swift. It looked all its name, the Caldeirao do Inferno - hell's cauldron. There was not much white and broken water. But its surface was always changing, whirlpools forming and revolving, then disappearing in long wrenched strands of water. Sometimes a big tree would leap out of the water, as though it had travelled upwards from the bottom, and then would vanish again.

Algumas vezes, um homem falava sossegadamente, como se estivesse a uma grande distância. O barulho das águas recuadas era ouvido apenas como em um sono, e podia ser o murmúrio barulhento do globo girando, ouvido porque tínhamos deixado este mundo e estávamos de folga, desperdiçando tempo em um mundo mais seguro à parte.

De manhã, enquanto eles preparavam um pequena lancha a vapor para a jornada de descida da cachoeira, tive tempo para subir em volta dos rochedos de granito da faixa litorânea abaixo da cabana. Uma pedra é tão incomum nessa região, que é um luxo quando encontramos. O granito estava exposto, mas em suas fendas cresciam cactos e outras plantas com folhas polpudas e caules aquosos. Sombreando a cabana estava uma árvore suportando flores moldadas e, na frente da floração, beija-flores estavam pairando; nacos brilhantes e evanescentes, permanecendo miraculosamente suspensos, quando enfiavam seus bicos longos dentro das flores, suas asas pequeninas batendo tão rapidamente, que o ar parecia visível e radiante ao redor deles. Uma outra árvore ali me interessou, porque era o assacu de Bates, o único que eu vi. Era uma árvore grande, com folhas espalmadas com sete pontas. Espinhos feios enfiados mesmo em seu tronco escuro.

Olhei para o rio duvidosamente. Uma ilha de pedras estava exatamente afastada da margem, amontoada com árvores. Entre nós e a ilha, e para além, a água se erguia e girava, evidentemente de grande profundidade, e assustadoramente agitada e veloz. Parecia exatamente o seu nome, Caldeirão do Inferno. Não havia muita água branca e banseiro. Mas sua superfície estava sempre mudando, redemoinhos se formando, e revolventes, depois desaparecendo em extensos cordões retorcidos de água. Algumas vezes, uma árvore grande saltaria da água, como se tivesse viajado para cima vindo das profundezas, e depois desapareceria novamente.

We set out upon it, with an engineman and two half-breeds, and went off obliquely for mid-stream. The engineman and navigator was a fair-haired German. If the river had been sane and usual I should have had my eyes on the forest which stood along each shore, for few white men had ever looked upon it. But the river took our minds, and never in bad weather in the western ocean have I seen water so full of menace. Yet below the falls it was silent and unbroken. It was its smooth swiftness, its strange checks and mysterious and deep convulsions, as though the river bed itself was insecure, the startling whirlpools which appeared without warning, circling depressions on the surface in which our launch would have been but a straw, which shocked the mind. It was stealthy and noiseless. The water was but an inch or two below our gunwale. We saw trees afloat, greater and heavier than our midget of a craft, shooting down the gently inclined shining expanse just as we were, and express; and then, as if an awful hand had grasped them from below, they were pulled under, and we saw them no more; or, again, and near to us and ahead, a tree bole would shoot from below like an arrow, though no tree had been drifting there. The shores were far away.

The water ahead grew worse. The German crouched by his little throbbing engine, looking anxiously - I could see his fixed stare - over the bows. We were travelling indeed now. The boat, in a rapid tremor, and oscillating violently, was clutched at the keel by something which coiled strongly about us, gripped us, and held us; and the boat, mad and terrified, in an effort to escape, made a circuit, the water lipping at her gunwale and coming over the bows. The river seemed poised a foot above the bows, ready to pour in and swamp us. The German tried to get her head down stream. Hills began tearing at his ammunition belt, and I stooped and tugged at my boot laces...

Navegamos em meio a isso, com um maquinista e dois mestiços, e fomos para o meio do rio. O maquinista e navegador era um alemão loiro. Se o rio estivesse são e como de costume, eu manteria meus olhos na floresta, que estava de um lado e de outro da margem, porque poucos homens brancos já a olharam por cima. Mas o rio tomava posse de nossas mentes e nunca, em maus tempos no oceano ocidental, vi água tão cheia de ameaça. Entretanto, abaixo da cachoeira, o rio estava silencioso e intacto. Sua superfície estava lisa, suas interrupções estranhas e convulsões misteriosas e profundas, como se o próprio leito do rio estivesse inseguro, os redemoinhos assustadores, que apareciam sem avisar, depressões circulantes na superfície em que nossa lancha era somente um canudinho, que chocava a mente. Estava furtivo e silencioso. A água estava apenas a duas polegadas da beira da nossa lancha. Víamos troncos à deriva, maiores e mais pesados do que nossa embarcação pigmeia, descendo a gentilmente inclinada expansão brilhante, exatamente onde estávamos, e rápidas; e, depois, como se uma mão assustadora lhes tivessem agarrado do fundo, eram puxados para baixo, e não os víamos mais; ou, novamente, perto de nós e à nossa frente, um tronco seria atirado do fundo, como uma flecha, apesar de que nenhuma árvore estivesse flutuando ali. As margens estavam bem distantes.

A água adiante estava muito pior. O alemão, agachado perto de sua maquininha pulsante, olhando ansiosamente - eu podia ver seu olhar fixo - por cima da proa. Estávamos viajando, de fato, agora. O barco, em um tremor rápido, e oscilando violentamente, foi agarrado na quilha por alguma coisa que estava se enrolando fortemente ao nosso redor, agarrou-nos, e nos segurou; e o barco, enlouquecido e aterrorizado, em um esforço para escapar, fez um círculo, a água lambendo a beirada e passando por cima da proa. O rio parecia ter posto um pé por cima da proa, pronto para alagar e nos afundar. O alemão tentava manter a proa apumada rio abaixo. Ele começou a desamarrar seu cinturão de munição, e eu me abaixei e amarrei os cadarços da minha bota...

The boat jumped, as if released. The German turned round on us grinning. "It ees all right," he said. He began to roll a cigarette nervously. "We pull it off all right," said the German, wetting his cigarette paper. The boat was free, dancing lightly along. The little engine was singing quickly and freely.

The Madeira here was as wide as in its lower reaches, with many islands. There were hosts of waterfowl. We landed once at a rubber hunter's sitio on the right bank. Its owner, a Bolivian, and his pretty Indian wife, who had tattoo marks on her forehead, made much of us, and gave us coffee. They had an orchard of guavas, and there, for it was long since I had tasted fruit, I was an immoderate thief, in spite of a pet curassow which followed me through the garden with distracting pecks. The Rio Jaci-Parana, a black-water stream, opened up soon after we left the sitio. The boundary between the clay-coloured flood of the Madeira and the dark water of the tributary was straight and distinct. From a distance the black water seemed like ink, but we found it quite clear and bright. The Jaci is not an important branch river, but it was, at this period of the rains, wider than the Thames at Richmond, and without doubt very much deeper. The appearance of the forest on the Jaci was quite different from the palisades of the parent stream. On the Madeira there is commonly a narrow shelf of bank, above which the jungle rises as would a sheer cliff. The Jaci had no banks. The forest was deeply submerged on either side, and whenever an opening showed in the woods we could see the waters within, but could not see their extent because of the interior gloom. The outer foliage was awash, and mounted, not straight, but in rounded clouds. For the first time I saw many vines and trees in flower, presumably because we were nearer the roof of the woods.

O barco se soltou, como se desengatado. O alemão virou-se para nós arreganhando os dentes. “Está tudo bem” - ele disse. Começou a enrolar um cigarro nervosamente. “Vamos sair daqui, certamente”, disse o alemão umedecendo seu cigarro de papel. O barco estava livre, dançando levemente adiante. A maquininha estava cantando rapidamente e livremente.

O Madeira ali era mais largo, como é em suas extensões mais baixas, com muitas ilhas. Havia viveiros de patos selvagens. Desembarcamos em um sítio de um seringueiro caçador, no barranco do lado direito. Seu dono, um boliviano, e sua bela esposa indígena, que tinha marcas tatuadas na testa, fizeram muito por nós, e nos deram café. Eles tinham um pomar de goiabeiras, e ali, porque há muito tempo eu não saboreava uma fruta, fui um ladrão imoderado, apesar de um mutum de estimação, que me seguia pelo jardim com beliscões distraídos. O rio Jaci-paraná, um rio de água preta, abria-se logo depois que deixamos o sítio. O limite entre a inundação barrenta do Madeira e a água escura do afluente era reto e nítido. De uma distância, a água preta parecia tinta, mas a encontramos um pouco clara e brilhante. O Jaci não é um braço importante de rio, mas ele estava, nesse período de chuvas, mais largo do que o Tâmis, em Richmond e, sem dúvida, muito mais fundo. A aparência da floresta no Jaci era um pouco diferente das paliçadas do rio principal. No Madeira, geralmente há uma faixa estreita de barranco, por cima da qual a selva se ergue como se ergueria um penhasco íngreme. O Jaci não tem barrancos. A floresta estava profundamente submersa em ambos os lados, e quando aparecia uma abertura na mata, podíamos ver as águas lá dentro, mas não podíamos ver suas extensões, por causa da escuridão interior. A folhagem mais alta estava alagada, e montada, não reto, mas em nuvens arredondadas. Pela primeira vez eu via muitas trepadeiras e árvores em floração, presumivelmente porque estávamos mais perto da copa das árvores.

One tree was loaded with the pendent pear-shaped nests of those birds called "hang nests," and scores of the beauties in their black and gold plumage were busy about their homes, which resembled monstrous fruits. Another tree was weighted with large racemes of orange-coloured blossoms, but as the launch passed close to it we discovered the blooms were really bundles of caterpillars. The Jaci appeared to be a haunt of the alligators, but all we saw of them was their snouts, which moved over the surface of the water out of our way like rubber balls afloat and mysteriously propelled. I had a sight, too, of that most regal of the eagles, the harpy, for one, well within view, lifted from a tree ahead, and sailed finely over the river and away.

That night I slept again in my old hut at the Jaci camp, and with Hill and another official set off early next morning for the construction camp on Rio Caracoles, which we hoped to reach before the commissary train left for Porto Velho. At Porto Velho the "Capella" was, and I wished, perhaps as much as I have ever wished for anything, that I should not be left behind when she departed. I knew she must be on the point of sailing.

My two companions had reasons of their own for thinking the catching of that train was urgently necessary. In our minds we were already settled and safe in a waggon, comfortable among the empty boxes, going back to the place where the crowd was. But still we had some way to ride; and, I must tell you, I was now possessed of all I desired of the tropical forest, and had but one fixed idea in my dark mind, but one bright star shining there; I had turned about, and was going home, and now must follow hard and unswervingly that star in the east of my mind.

Uma árvore estava carregada com ninhos pendentes, em forma de pêra, daquele tipo de pássaros chamados de “ninhos pendurados”, e muitos de belas plumagens preta e dourada estavam ocupados com suas casas, que pareciam frutas monstruosas. Uma outra árvore estava pesada com grandes cachos de florações alaranjadas; mas, quando a lancha passou perto, descobrimos que as flores eram de fato montes de larvas. O Jaci parecia ser um ponto de encontro dos jacarés; mas tudo que víamos deles eram suas cabeças, que moviam-se na superfície da água no nosso caminho, como bolas de borracha flutuantes e, misteriosamente, impulsionadas. Tive uma visão, também, daquelas águias mais régias, as *harpías*¹⁵⁰, porque uma, bem à vista, ergueu-se de uma árvore adiante e deslizou lindamente por cima do rio e desapareceu.

Naquela noite eu dormi novamente em minha velha cabana no acampamento do Jaci e, com Hill e outro oficial, partimos cedo, na manhã seguinte, para o acampamento em construção no rio Caracol, onde esperávamos chegar antes que a locomotiva partisse para Porto Velho. Em Porto Velho, o *Capella* estava, e eu desejava, talvez tanto quanto eu nunca desejei nada, que eu não fosse deixado para trás, quando ele partisse. Sabia que ele devia estar a ponto de partir.

Meus dois companheiros tinham motivos próprios para achar que, pegar aquele trem, era urgentemente necessário. Em nossas mentes, já estávamos embarcados e seguros em um vagão, confortáveis entre as caixas vazias, voltando para o lugar onde estava a turma. Mas ainda tínhamos algum caminho para percorrermos; e devo dizer-lhe, agora eu estava possuído de tudo que desejava da floresta tropical, e tinha apenas uma ideia fixa em minha mente escura, mas uma estrela brilhante estava cintilando ali; eu tinha feito um giro pelas redondezas e estava voltando para casa, e agora devia seguir enérgico e sem me desviar daquela estrela no leste de minha mente.

¹⁵⁰Monstros gigantes do mar, gênios das tempestades que arrebatam os marinheiros; monstros alados com aspectos de velhas e corpo de abutre, tinham garras aguçadas e viviam no meio do mar Jônio. São filhas de Netuno. Ver, a propósito, *Odisséia*, de Homero.

The rhythmic movements of the mule under me - only my legs knew he was there - formed in my darkened mind a refrain: get out of it, get out of it.

And at last there were the huts and tents of the Caracoles, still and quiet under the vertical sun. No train was there, nor did it look a place for trains. My steamer was sixty miles away, beyond a track along which further riding was impossible, and where walking, for more than two miles, could not be even considered. The train, the boys told us blithely, went back half an hour before. The audience of trees regarded my consternation with the indifference which I had begun to hate with some passion. The boys naturally expected that we should take it in the right way for hot climates, without fuss, and that now they had some new gossip for the night. But they should have understood Hill better. My tall gaunt leader waved them aside, for he was a man who could do things, when there seemed nothing that one could do. "The terminus or bust!" he cried. "Where's the boss?" He demanded a handcart and a crew. I thought he spoke in jest. A hand-cart is a contrivance propelled along railway metals by pumping at a handle. The handle connects with the wheels by a crank and cogs through a slot in the centre of the platform, and you get five miles an hour out of it, while the crew continues. For sixty miles, in that heat, it was impossible. Yet Hill persisted; the cart was put on the metals, five half-breeds manned the pump handle, three facing the track ahead, two with their backs to it. We three passengers sat on the sides and front of the trolley. Away we went.

Os movimentos rítmicos da mula debaixo de mim - somente minhas pernas sabiam que ela estava ali - formavam um refrão em minha mente: dar o fora, dar o fora dali.

E, finalmente, havia as cabanas e as tendas do rio Caracol, silenciosas e paradas debaixo do sol vertical. O trem não estava lá, nem parecia um lugar para trens. Meu navio estava a sessenta milhas de distância, para além de uma trilha em frente, que promover uma cavalgada era impossível, e onde caminhar por mais de duas milhas, não podia nem mesmo ser considerado. O trem, os rapazes nos disseram divertidamente, tinha partido meia hora antes de nossa chegada. A audiência de árvores considerava minha consternação com uma indiferença, que comecei a odiar com alguma paixão. Os rapazes, naturalmente, esperavam que nós devíamos tomá-la do modo correto para climas quentes, sem alvoroço, e que agora eles tinham fofoca nova para a noite. Mas eles deveriam ter compreendido Hill melhor. Meu alto e galante líder acenou para eles ao lado, porque ele era um homem de poder inventivo, quando parecia não haver nada que alguém pudesse fazer. “A estação terminal ou a falência!”, ele gritou. “Onde está o patrão?” Ele exigiu um vagonete e uma tripulação. Pensei que ele falasse com deboche. Um vagonete é uma engenhoca impelido adiante nos trilhos ferroviários por meio do bombeamento de uma alavanca. A alavanca se conecta com as rodas por meio de um eixo e rodas com dentes, em uma abertura no centro da plataforma, e se anda cinco milhas em uma hora, enquanto a equipe estiver bombeando. Fazer sessenta milhas naquele calor era impossível. Entretanto, Hill persistiu; o vagonete foi posto nos trilhos, cinco mestiços bombeavam a alavanca, três olhando a trilha adiante, dois virados de costas para a trilha. Nós três passageiros sentados nos lados e na frente do vagonete. Fomos embora.

The boys cheered and laughed, calling out to us the probabilities of our journey. We trundled round a corner, and already I had to change my cramped position; fifty-eight miles to go. We sat with our legs held up out of the way of the vines and rocks by the track, and careful to remember that our craniums must be kept clear of the pump handle. The crew went up and down, with fixed looks. The sun was the eye of the last judgment, and my lips were cracked. The trees made no sign. The natives went up and down; and the forest went by, tree by tree.

My tired and thoughtless legs dropped, and a thorn fastened its teeth instantly in my boots, and nearly had me down. The trees went by, one by one. There was a large black and yellow butterfly on a stone near us. I was surprised when no sound came as it made a grand movement upwards. Then, in the heart of nowhere, the trolley slackened, and came to a stand. We had lost a pin. Half a mile back we could hardly credit we really had found that pin, but there it was; and the men began to go up and down again. Hill got a touch of fever, and the natives had changed to the colour of impure tallow, and flung their perspiration on my face and hands as they swung mechanically. The poor wretches! We were done. The sun weighed untold tons.

But the sun declined, some monkeys began to howl, and the sunset tempest sprang down on us its assault, shaking the high screens on either hand, and the rain beat with the roll of kettle-drums. Then we got on an up grade, and two of the spent natives collapsed, their chests heaving. So I and the other chap stood up in the night, looked to the stars, from which no help could be got, took hold of the pump handle like gallant gentlemen, and tried to forget there were twenty miles to go. Away we went, jog, jog, uphill. I thought that gradient would not end till my heart and head had burst; but it did, just in time.

Os rapazes nos encorajavam e riam, gritando para nós as proabilidades da viagem. Sacolejamos em uma curva e já tive que mudar minha posição; cinquenta e oitos milhas para percorrermos. Sentamo-nos com nossas pernas puxadas para fora do caminho das trepadeiras e pedras perto da trilha, e cuidadosos para lembrar que nossos crânios deviam ser mantidos fora do alcance da alavanca. A equipe ia para cima e para baixo, com olhares fixos. O sol era o olho do julgamento final, e meus lábios estavam ressecados. As árvores não davam nenhum sinal. Os nativos subiam e desciam; e a floresta passava árvore por árvore.

Minhas pernas dormentes e dobradas; e um espinho enfiou seus dentes instantaneamente em minhas botas, e quase me derrubou. As árvores passavam, uma por uma. Havia uma grande borboleta preta e amarela numa pedra perto de nós. Surpreendi-me, quando nenhum som surgiu, quando ela fez um maravilhoso movimento para cima. Depois, em alguma parte do coração, o vagonete se afrouxou e deu uma parada. Tínhamos perdido um pino. A meia milha de distância, dificilmente podíamos acreditar que acharíamos aquele pino, mas ali ele estava; e os homens começaram a subir e a descer novamente. Hill sentiu um toque de febre, e os nativos tinham mudado para a cor de gordura impura, e exalavam a transpiração deles em meu rosto e mãos, quando eles balançavam-se mecanicamente. Pobres infelizes! Estávamos acabados. O sol pesava toneladas incalculáveis.

Mas o sol declinou, alguns macacos começaram a rugir, e a tempestade do pôr do sol despejava sobre nós seu assalto, balançando a paliçada alta de cada lado, e a chuva batia com o rufo dos tambores. Então percorremos uma boa distância, e dois dos exaustos nativos desfaleceram, o peito arquejando. Assim, eu e o outro companheiro levantamo-nos na noite, olhamos para as estrelas, de onde nenhuma ajuda podia ser obtida, tomamos posse da alavanca como cavalheiros galantes, e tentamos esquecer que havia vinte milhas para percorrermos. Fomos embora, no ritmo, no ritmo, para cima. Pensei que aquela ladeira não terminasse até que meu coração e minha cabeça explodissem; mas acabou, na hora certa.

We gathered speed on a down grade. We flew. Presently the man with the fever yelled, "The brake, the brake!" But the brake was broken. The trolley was not running, but leaping in the dark. Every time it came down it found the metals. A light was coming towards us on the and the others prepared to jump. I could not even see that light, for my back was turned to our direction, and I could not let go the flying handle, else would all control have gone, and also I should have been smashed. I shut my eyes, pumped swiftly and involuntarily, and waited for doom to hit me in the back. The blow was a long time coming. Then Hill's gentle voice remarked, "All right, boys, it's a firefly."

... I became only a piece of machinery, and pumped, and pumped, with no more feeling than a bolster. Shadows undulated by us everlastingly. I think my tongue was hanging out...

Lights were really seen at last. Kind hands lifted us from the engine of torture; and I heard the remembered voice of the Skipper, "Is he there? I thought it was a case."

That night of my return a full moon and a placid river showed me the "Capella" doubled, as in a mirror, and admiring the steamer's deep inverted shape I saw a heartening portent - I saw steam escaping from the funnel which was upside down. A great joy filled me at that, and I turned to the Skipper, as we strode over the ties of the jetty. "Yes. We go home to-morrow," he said. The bunk was super-heated again by the engine room, but knowing the glad reason, I endured it with pleasure. To-morrow we turned about.

Yet on the morrow there was still the persistence of the spacious idleness which encompassed us impregnably, beyond which we could not go. The little that was left of the fuel in the holds went out of us with dismal unhaste. The Skipper and the mates fumed, and the Doctor took me round to see the "Capella's" pets, so that we might fill up time. A monkey, an entirely secular creature once with us, had died while I was away.

Ganhamos velocidade numa ladeira. Voávamos. Nesse momento o homem com febre olhou, “O breque, o breque!” Mas o freio estava quebrado. O vagonete não estava correndo, mas saltando na escuridão. Cada vez que descia, encontrava os trilhos. Uma luz estava vindo em nossa direção na linha ferroviária; e os outros preparavam-se para pular. Eu não podia ver nem mesmo a luz, porque minhas costas estavam viradas para nosso rumo, e eu não podia largar a alavanca, além disso todo o controle tinha se ido, e também eu podia ser esmagado. Fechei meus olhos, bombeei rapidamente e involuntariamente, e esperei a condenação bater nas minhas costas. O brilho de luz estava vindo há muito tempo. Então a voz gentil de Hill comentou, “Está tudo bem, rapazes, é um vagalume”.

...Tornei-me apenas um pedaço da maquinaria, e bombeava, e bombeava, não com mais sentimento do que um cavalete. As sombras ondulavam ao nosso redor permanentemente. Acho que minha língua estava de fora...

As luzes foram avistadas finalmente. Mãos bondosas nos ergueram da máquina de tortura; e ouvi a voz conhecida do capitão, “Ele está aí? Pensei que fosse um problema”.

Naquela noite do meu retorno, uma lua cheia e um rio plácido mostravam-me o *Capella* duplicado, como em um espelho; e, admirando a fundura do navio na forma invertida, vi um encorajamento potente - vi o vapor escapando do funil, que estava de cabeça para baixo. Uma imensa alegria me invadiu naquela hora, e eu virei para o capitão, enquanto galgávamos os dormentes para o cais. “Sim. Vamos para casa amanhã”, ele disse. O beliche estava superaquecido novamente pela casa das máquinas; mas, conhecendo a alegre razão, tolerei com prazer. Amanhã faríamos a viagem de volta.

Entretanto, de manhã, ainda havia a persistência da preguiça espaçosa que nos cercava impregnantemente e adiante não podíamos seguir. O pouco que tinha sido deixado do combustível nos tambores era carregado com lúgubre ociosidade. O capitão e oficiais fumavam descansadamente e o médico levou-me para uma ronda, para ver os animais de estimação do *Capella*, e assim podíamos preencher o tempo. Um macaco, uma criatura completamente secular há muito tempo conosco, tinha morrido enquanto eu estive fora.

It was well. He had no name; Vice was his name. There were no tears at his death, and Tinker the terrier began to get back some of his full and lively form again after that day when, in a sudden righteous revolution, he slew, and barbarously mangled, the insolent tyrant of the ship. The monkey had feared none but Mack, our red, blue and yellow macaw, a monstrous and resplendent fowl in whose iron bill even Brazil nuts were soft.

But we all respected Mack. He was the wisest thing on the ship. If an idle man felt high-spirited and approached Mack to demonstrate his humour, that great bird gave an inquiring turn to its head, and its deliberate and unwinking eyes hid the rapid play of its prescient mind. The man stopped, and would speak but playfully. Nobody ever dared.

When Mack first boarded the ship, a group of us, gloved, smothered him with a heavy blanket and fastened a chain to his leg. He knew he was overpowered, and did not struggle, but inside the blanket we heard some horrible chuckles. We took off the blanket and stood back expectantly from that dishevelled and puzzling giant of a parrot. He shook his feathers flat again, quite self-contained, looked at us sardonically and murmured "Gur-r-r" very distinctly; then glanced at his foot. There was a little surprise in his eye when he saw the chain there. He lifted up the chain to examine it, tried it, and then quietly and easily bit it through. "Gur-r-r!" he said again, straightening his vest, still regarding us solemnly. Then he moved off to a davit, and climbed the mizzen shrouds to the topmast.

When he saw us at food he came down with nonchalance, and overlooked our table from the cross beam of an awning. Apparently satisfied, he came directly to the mess table, sitting beside me, and took his share with all the assurance of a member, allowing me to idle with his beautiful wings and his tail. He was a beauty.

Estava sadio. Não tinha nome; Vício era seu nome. Não houve lágrimas em sua morte, e Tinker, o *terrier*, começava a ter de volta sua forma completa e vigorosa novamente, depois daquele dia, quando em uma revolução repentina por seus direitos, escorregou e, de forma bárbara, mutilou o tirano insolente do navio. O macaco não temia ninguém, somente Mack, nossa arara azul, vermelha e amarela, um pássaro monstruoso e resplandecente, em cujo bico de ferro, mesmo as castanhas do Brasil ficavam macias.

Mas nós todos respeitávamos Mack. Ela era a coisa mais sábia no navio. Se um homem ocioso sentisse o espírito elevado e se aproximasse de Mack para demonstrar seu humor, esse pássaro formidável dava uma volta investigativa com a cabeça, e seus olhos deliberados e, que não piscam, escondiam o jogo rápido de sua mente presciente. O homem parava e falava somente divertidamente. Ninguém jamais se atrevia.

Quando Mack embarcou no navio pela primeira vez, um grupo de tripulantes, com luvas, a sufocou com um lençol pesado e amarraram uma corrente em sua perna. Ela sabia que estava dominada, e não lutou, mas, debaixo do lençol, ouvimos alguns cacarejos horríveis. Retiramos o lençol e nos afastamos de costas, com expectativas, daquele gigante enigmático e desalinhado, parente da família do papagaio. Ela sacudiu suas penas estiradas novamente, completamente autocontida, olhou para nós sardonicamente e murmurou “Craah-h-h” muito distintamente; depois olhou para seu pé. Surgiu uma pequena surpresa em seu olho, quando viu a corrente ali. Puxou a corrente para examiná-la, experimentou-a, e depois, tranquilamente e facilmente a arrebentou. “Craah-h-h!”, ela disse novamente, arrumando seu colete, ainda nos considerando solenemente. Depois foi para uma serviola e subiu pelos cabos da enxárcia para o topo do mastro.

Quando nos via comendo, descia com indiferença e, do cruzmaento de uma viga do toldo, olhava para nossa mesa de refeições. Aparentemente satisfeita, vinha direto para nossa mesa desordenada, sentava-se ao meu lado, e pegava sua parte com toda a segurança de um membro, permitindo-me desperdiçar o tempo com suas asas bonitas e seu rabo. Era uma beleza.

He took my finger in his awful bill and rolled it round like a cigarette. I wondered what he would do to it before he let it go; but he merely let it go. He was a great character, magnanimously minded. I never knew a tamer creature than Mack. That evening he rejoined a flock of his wild brothers in the distant tree-tops. But he was back next morning, and put everlasting fear into the terrier, who was at breakfast, by suddenly appearing before him with wings outspread on the deck, looking like a disrupted and angry rainbow, and making raucous threats. The dog gave one yell and fell over backwards.

We had added a bull-frog to our pets, and he must have weighed at least three pounds. He had neither vice nor virtue, but was merely a squab in a shady corner. Whenever the dog approached him he would rise on his legs, however, and inflate himself till he was globular. This was incomprehensible to Tinker, who was contemptuous, but being a little uncertain, would make a circuit of the frog. Sitting one day in the shadow of the box which enclosed the rudder chain was the frog, and we were near, and up came Tinker a-trot all unthinking, his nose to the deck. The frog hurriedly furnished his pneumatic act when Tinker, who did not know froggie was there, was close beside him, and Tinker snapped sideways in a panic. Poor punctured froggie dwindled instantly, and died.

I could add to the list of our creatures the anaconda which was found coming aboard by the gangway but that a stoker saw him first, became hysterical, and slew the reptile with a shovel; there were the coral snakes which came inboard over the cables and through the hawse pipes, and the vampire bats which frequented the forecastle. But they are insignificant beside our peccary. I forgot to tell you the Skipper never made a tame creature of her. She refused us. We brought her up from the bunkers where first she was placed, because the stokers flatly refused her society in the dark.

Pegava meu dedo em seu bico assustador e o enrolava como um cigarro. Eu imaginava o que faria com ele antes que o soltasse; mas ela simplesmente o soltava. Era uma personalidade formidável, magnanimamente observadora. Nunca vi uma criatura mais mansa do que Mack. Naquela noite, ela se juntou a um bando de seus irmãos selvagens, nas distantes copas das árvores. Mas estava de volta na manhã seguinte, e impôs um medo interminável no *terrier*, que estava no café da manhã, por aparecer repentinamente diante dele com suas asas abertas no convés, parecendo um arco-íris desgrenhado e raivoso, e fazendo ameaças roucas. O cão deu uma olhada e caiu dentro d'água de costas.

Tínhamos acrescentado um sapo-boi aos nossos animais de estimação, e ele devia pesar pelo menos três libras. Não tinha nenhum vício, nem virtude, mas era meramente um borracho em um canto sombreado. Quando o cão se aproximava, ele se erguia nas patas, entretanto, e se inflava até que estivesse um glóbulo. Isso era incompreensível para Tinker, que ficava desdenhoso; mas, ficando um pouco incerto, daria uma volta ao redor do sapo. Sentado, um dia, na sombra do paiol que envolve a corrente do leme estava o sapo, e nós estávamos perto, e para cima foi Tinker às carreiras, completamente desatento, seu focinho no convés. O sapo apressadamente previniu-se com seu ato pneumático, quando Tinker, que não sabia que o sapo estava ali, estava bem ao lado dele; e Tinker correu obliquamente, em pânico. O pobre sapo perfurado murchou instantaneamente, e morreu.

Eu podia acrescentar à lista de nossas criaturas, a anaconda que foi encontrada vindo a bordo pela prancha, mas que o foguista a viu primeiro, ficou histérico, e matou o réptil com uma pá; havia as cobras corais que vinham a bordo pelos cabos e pela tubo do escovém, e os morcegos vampiros, que frequentavam o castelo de proa. Mas eles são insignificantes comparados ao nosso caititu. Esqueci de dizer-lhe que o capitão nunca o tornou uma criatura domesticada. O animal recusava-se. Nós o retiramos das carvoeiras, onde foi colocado primeiro, porque os foguistas se recusavam à sociedade com ele na escuridão.

She was brought up on deck in bonds, snapping her tusks in a direful way, and when released did most indomitably charge all our ship's company, bristles up, and her automatic teeth louder and more rapid than ever. How we fled! When I turned on my vantage, the manner of my getting there all unknown, to see who was my neighbour, it was my abashed and elderly captain, who can look upon sea weather at its worst with an easy eye, but who then was striving desperately to get his legs (which were in pyjamas) ten feet above the deck, in case the very wild pig below had wings.

After the peccary was released we could not call the ship ours. We crept about as thieves. It was fortunate that she always gave warning of her proximity by making the noise of castanets with her tusks, so that we had time to get elevated before she arrived. But I never really knew how fast she could move till I saw her chase the dog, whom she despised and ignored. One morning his valiant barking at her, from a distance he judged to be adequate, annoyed her, and she shot at him like a projectile. Her slender limbs and diminutive hooves were those of a deer, and they became merely a haze beneath her body, which was a flying passion. The terrified dog had no chance, but just as she closed with him her feet slipped, and so Tinker's life was saved.

Her end was pitiful. One day she got into the saloon. The Doctor and I were there, and saw her trot in at one door, and we trotted out at another door. Now, the saloon was the pride of the Skipper; and when the old man tried to bribe her out of it - he talked to her from the open skylight above - and she insulted him with her mouth, he sent for his men. From behind a shut door of the saloon alley way we heard a fusilade of tusks in the saloon, shrieks from the maddened dog, uproar from the parrots, and the hoarse shouts of the crew.

Foi trazido amarrado para o convés, estalando seus colmilhos de um modo assustador, e quando foi solto fez a tarefa mais indomável de toda a nossa Companhia do *Capella*, arrepiado, e seus dentes automáticos rangendo mais alto e mais rápido do que antes. Como fugimos! Quando me virei em minha vantagem, a maneira como cheguei lá todos desconhecem, para ver quem era meu vizinho, era meu envergonhado e idoso capitão, que pode fazer considerações sobre as condições do mar, quando está no pior ponto, com um olhar tranquilo, mas que, então, estava tentando desesperadamente manter as pernas (que estavam de pijamas) dez pés acima do convés, como se o porco selvagem embaixo tivesse asas.

Depois que o caititu foi solto, não podíamos dizer que o navio era nosso. Arrastávamo-nos em volta como ladrões. Era afortunado que ele sempre dava avisos de sua proximidade fazendo o barulho de castanholas com suas presas, tanto que tínhamos tempo para ficar no alto antes que ele chegasse. Mas eu nunca sabia, de fato, quão rápido ele podia se mover até que eu lhe visse perseguindo o cão, que ele desdenhava e ignorava. Uma manhã, seu latido valente com ele, de uma distância que julgava ser adequada, o aborreceu; e o caititu atirou-se para cima do cão como um projétil. Seus membros esguios e seus cascos eram como os de um veado, que era um voo entusiasmado. O cão apavorado não tinha chance, mas, exatamente quando o porco se aproximava dele, seus pés escorregaram, e assim a vida de Tinker foi salva.

O fim do caititu foi doloroso. Um dia, ele entrou no salão. O médico e eu estávamos lá e vimos seu trote em uma porta, e corremos para fora por outra porta. Agora, o salão era o orgulho do capitão; e, quando o velho marinheiro tentou suborná-lo para fora - ele falou com ele da abertura da claraboia em cima - o porco o insultou com sua boca, e o capitão chamou seus homens. De detrás de uma porta fechada da travessa do salão, ouvimos uma barulheira de presas no salão, grunhidos de um cão enlouquecido, uma confusão de papagaios, e os gritos roucos da tripulação.

The pig was charging ten ways at once. Stealing a look from the cabin we saw the boatswain appear with a bunch of cotton waste, soaked in kerosene, blazing at the end of a bamboo, and the mate with a knife lashed to another pole. The peccary charged the lot. There broke out the cries of Tophet, and through chaos champed insistently the high note of the tusks. She was noosed and caged; but nothing could be done with the little fury, and when I peeped in at her a few days later she was full length, and dying. She opened one glazing eye at me, and snapped her teeth slowly, game to the end.

March 6 - It was reported at breakfast that we sail to-morrow. The bread was sour, the butter was oil, the sugar was black with flies, the sausages were tinned and very white and dead, and the bacon was all fat. And even the awning could not keep the sun away.

March 7 - We got the hatches on number four hold. It is reported we sail to-morrow.

March 8 - The ship was crowded this night with the boys, for a last jollification. We fired rockets, and swore enduring friendships with anybody, and many sang different songs together. It is reported that we sail to-morrow.

March 9 - It is reported that we sail to-morrow.

March 10 - The "Capella" has come to life. The master is on the bridge, the first mate is on the forecastle head, the second mate is on the poop, and the engineers are below. There are stern and minatory cries, and men who run. At the first slow clanking of the cable we raised wild cheers. The ship's body began to tremble, and there was thunder under her counter. We actually came away from the jetty, where long we had seemed a fixture. We got into mid-stream - stopped; slowly turned tail on Porto Velho.

O porco estava controlando dez lugares ao mesmo tempo. Dando uma olhadinha do camarote, vimos o contramestre aparecer com um trapo de algodão desperdiçado, ensopado com querosene, flamejando em chamas na ponta de um bambu; e o oficial com uma faca amarrada em outra vara. O caititu botou a multidão para fora. Ali irromperam-se gritos de Tofete¹⁵¹ e, através do caos mastigava insistentemente a nota elevada das presas. Estava numa armadilha e enjaulado; mas nada podia ser feito pelo pequeno furioso; e, quando o espiei alguns dias depois, ele estava completamente estendido, e morrendo. Ele abriu um olho olhando-me fixamente e rangeu os dentes lentamente, o jogo chegara ao fim.

06 de março - Foi anunciado, no café da manhã, que viajamos amanhã. O pão estava azedo, a manteiga estava só óleo, o açúcar estava preto com moscas, as salsichas estavam enlatadas e muito esbranquecidas e mortas, e o *bacon* era completamente gordura. E mesmo o toldo não podia manter o sol afastado.

07 de março - Fechamos a escotilha de número quatro. Foi anunciado que viajamos amanhã.

08 de março - O navio ficou lotado esta noite com os rapazes, para uma última diversão. Acendemos fogos de artifício, e juramos suportar a amizade com qualquer um, e muitos cantaram juntos diferentes canções. É comunicado que viajamos amanhã.

09 de março - Foi comunicado que viajamos amanhã.

10 de março - O *Capella* voltou à vida. O capitão está na ponte de comando, o primeiro-oficial está na ponta do castelo de proa, o segundo-oficial está no tombadilho, e os maquinistas estão embaixo. Há gritos ameaçadores na proa, e os homens que correm. No primeiro baixo estalido dos cabos, erguemos ferozes aplausos. O corpo do navio começou a tremer e havia um trovão debaixo de seu casco. De fato, estávamos nos afastando do cais, onde, durante muito tempo, tínhamos parecido um acessório. Chegamos no meio do rio - o navio parou; lentamente deu as costas para Porto Velho.

¹⁵¹Lugares em que crianças eram queimadas vivas e oferecidas aos deuses pagãos. *Tofetes* foram construídos não apenas em Israel e Líbano, mas também em diversas colônias fenícias. Um desses lugares era Geena, ao qual se refere Tomlinson mais adiante. Ver II Reis, cap. 23 e Jeremias 7, v. 31.

There was old man Jim, diminished on the distant jetty, waving his hat. Porto Velho looked strange again. Away we went. We reached the bend of the river, and turned the corner. There was the last we shall ever see of Porto Velho. Gone!

The forest unfolding in reverse order seemed brighter, and all would have been quite well, but the fourth engineer came up from his duty, and fell insensible. He was very yellow, and the Doctor had work to do. Here was the first of our company to succumb to the country.

There were but six more days of forest; for the old "Capella," empty and light as a balloon, the collisions with the floating timber causing muffled thunder in her hollow body, came down the swift floods of the Madeira and the Amazon rivers "like a Cunarder, at sixteen knots," as the Skipper said. And there on the sixth day was Para again, and the sea near. Our spirits mounted, released from the dead weight of heat and silence. But I was to lose the Doctor at Para, for he was then to return to Porto Velho, having discharged his duty to the "Capella's" company. The Skipper took his wallet, and we went ashore with him, he to his day-long task of clearing his vessel, and we for a final sad excursion. Much later in the day, suspecting an unnameable evil was gathering to my undoing, I called at the agent's office, and found the Skipper had returned to the ship, that she was sailing that night, and, the regulations of Para being what they were, it being after six in the evening I could not leave the city till next morning. My haggard and dismayed array of thoughts broke in confusion and left me gibbering, with not one idea for use. Without saying even good-bye to my old comrade I took to my heels, and left him; and that was the last I saw of the Doctor.

Lá estava o velho Jim, diminuído no cais distante, acenando com seu chapéu. Porto Velho parecia estranho novamente. Fomos embora. Alcançamos a curva do rio e viramos. Havia a última parte que veríamos de Porto Velho. Ficou para trás!

A floresta revirando-se na ordem inversa parecia mais brilhante e tudo estava tão silencioso, mas o quarto-maquinista subiu de sua tarefa e se sentia mal. Estava muito amarelo e o médico teve trabalho a fazer. Aí estava o primeiro de nossa Companhia a sucumbir na região.

Havia somente mais seis dias de floresta; porque o velho *Capella*, vazio e leve como um balão, as colisões com troncos flutuantes causando trovões abafados em seu corpo oco, descia as inundações rápidas do rio Madeira e do Amazonas, “como uma embarcação da Curnarder, à seis nós”, como o capitão disse. E, ali, no sexto dia, estávamos no Pará novamente, e o mar estava perto. Nossos espíritos elevaram-se, libertos do peso morto do calor e do silêncio. Mas eu estava para perder o médico no Pará; porque dali ele retornaria para Porto Velho, tendo se desincumbido de sua tarefa com a Companhia do *Capella*. O capitão pegou sua carteira e fomos para a terra firme com ele; ele com seu longo dia de tarefa de limpar seu navio, e nós para uma triste excursão final. Mais tarde do dia, suspeitando que algo demoníaco rumava para meu fracasso, chamei o agente do escritório e fiquei sabendo que o capitão tinha voltado para o navio, que estava partindo naquela noite e, as regulamentações do Pará, sendo o que eram, sendo depois das seis horas da tarde, eu não podia partir até a manhã seguinte. Meus pensamentos arruinaram-se em confusão e deixaram-me escarnecido, sem uma ideia útil ao uso. Sem nem mesmo dizer adeus para meu velho companheiro, segui meu caminho e o deixei; e aquela foi a última vez que vi o médico.

(Aha! my staunch support in the long, hot and empty time at the back of things, where were but trees, bad food, and a jest to brace our souls, if ever you should see this -How! - and know, dear lad, I carried the damnable regulations and a whole row of officials, the Union Jack at the main, firing every gun as I bore down on them. I broke through. Only death could have barred me from my ship and the way home.)

Next morning we were at sea. We dropped the pilot early and changed our course to the north, bound for Barbados. Though on the line, the difference in the air at sea, after our long enclosure in the rivers of the forest, was keenly felt. And the ship too had been so level and quiet; but here she was lively again, full of movements and noises. The bows were at their old difference with the skyline, and the steady wind of the outer was driving over us. Before noon, when I went in to the Chief, my crony was flat and moribund with a temperature at 105 degrees, and he had no interest in this life whatever. I had added the apothecary's duties to those of the Purser, and here found my first job. (Doctor, I gave him lots of grains of quinine, and lots more afterwards; and plenty of calomel when he was at 98 again. Was that all right?)

The sight of the big and hearty Chief, when he was about once more, yellow, insecure, and somewhat shrunken, made us dubious. Yet now were we rolling home. She was breasting down into a creaming smother, the seas were blue, and the world was fresh and wide all the way back. There was one fine night, as we were climbing slowly up the slope of the globe, when we lifted the whole constellation of the Great Bear, the last star of the tail just dipping below the seas, straight over the "Capella's" bows, as she pitched. Then were we assured affairs were rightly ordered, and slept well and contented.

(Ah! meu suporte leal nas horas longas, vazias e quentes, nas costas das coisas, onde havia apenas árvores, comida ruim e um deboche para abraçar nossas almas, se sempre se visse isso - E o quanto! - e saiba, meu caro, carreguei as regulamentações malditas e uma fileira de oficiais, com a bandeira britânica, no centro, olhando afiadamente todas as armas como que disparando contra eles. Passei entre eles. Somente a morte podia ter me barrado do meu navio e do caminho de casa).

Na manhã seguinte, estávamos no mar. Abandonamos a rota bem cedo e mudamos nosso curso para o norte, rumo a Barbados. Embora no horizonte, a diferença no ar, no mar, depois de nosso longo cerco nos rios da floresta, fosse penetrantemente sentida. E o navio também estava muito leve e sossegado; mas aí ele estava ativo novamente, cheio de movimentos e barulhos. A proa estava naquela antiga diferença com a linha do horizonte, e o vento constante do exterior estava se dirigindo sobre nós. Antes da tarde, quando entrei para falar com o comandante, meu companheiro estava com uma temperatura de 40 graus, e não tinha qualquer interesse nessa vida. Adicionei as tarefas de farmacêutico àquelas de comissário e aí encontrei meu primeiro trabalho. (Doutor, dei a ele um monte de grãos de quinino, e outro bocado mais tarde; e um bocado de emulsão de calomel, quando a febre tinha baixado novamente. Estava tudo correto?).

A visão do grande, bondoso e amistoso comandante, quando ele estava em volta mais uma vez, pálido, inseguro e um pouco encolhido, deixou-nos incertos. Entretanto, agora estávamos retornando para casa. O navio estava enfrentando e abrindo caminho em um sufoco cremoso; os mares estavam azuis e o mundo estava refrescante e amplo em todo o caminho de volta. Havia uma noite maravilhosa, enquanto estávamos subindo lentamente a inclinação do globo; quando erguíamos a constelação inteira da Ursa Maior, a última estrela da cauda, exatamente mergulhando nos mares, direto sobre a proa do *Capella*, enquanto ele se erguia. Então fomos assegurados de que os acontecimentos estavam corretamente ordenados, e dormimos bem e contentes.

Late one afternoon we sighted Barbados. The sea was dark and the light was golden. The island did not look like land. It was a faint but constant pearl-coloured cloud. The empty sky came down to the dark sea in bright walls which had but a bloom of azure. Overhead it was day, but the sea was fluid night. Above the island was a group of cirrus, turned to the setting sun like an audience of intent faces. Near to starboard was a white ship, fully rigged, standing towards the island with royals set, and even a towering main skysail. Tall as she was, she looked but a multiple cloud which had dropped from the sky, and had settled on the dark sea, and over it was drifting in a faint air, buoyant, but unable to lift. We overhauled that stately ship. She was reflecting the day-fall from the white rounds of her many sails. She was regal, she was paramount in her world, and the sun seemed to be watching her, and shining solely for her illustrious progress. The clarity and the peace of it was in us as we leaned against the rail, watching Barbados grow, and watching that exalted ship. "This is all right," said the Chief.

We were coming to the things we knew and understood. In the island near us were men, quays, and shops. This evening had a familiar and friendly look. Barbados at last! There would be something to eat, too, and we kept talking of that. Do you know what good bread and butter tastes like? Or mealy baked potatoes? Or fruit from which the juice runs when you bite? Or crisp salads? Not you; not if you haven't lived for long on tinned stuffs, bread which smelt like vinegar, and butter to which a spoon had to be used.

No final de uma tarde avistamos Barbados. O mar estava escuro. A ilha não parecia com terra. Era uma vertigem; mas uma constante nuvem aperolada. O céu vazio descia sobre o mar escuro, em paredes brilhantes que tinham apenas uma florescência azul-celeste. Por cima era dia, mas o mar era noite fluida. Em cima da ilha estava um grupo de cirros, virado para o pôr do sol como uma audiência de rostos atentos. Perto, a estibordo, estava um navio branco, completamente equipado, navegando em direção à ilha, com aparatos reais, e ainda com uma vela de cutelo bem alta no mastro principal. Alto como era, o navio parecia apenas uma nuvem de múltiplas partes, que descera do céu e tinha se colocado no mar escuro, e por cima dele estava à deriva em um ar tênue, flutuante, mas incapaz de se erguer. Vistoriamos aquele navio majestoso. Ele estava refletindo o entardecer através das voltas brancas de suas muitas velas. Estava régio, estava supremo em seu mundo, e o sol parecia estar observando-o, e brilhando só para seu célebre progresso. A claridade e a paz do sol estavam em nós, enquanto nos debruçávamos na amurada vendo Barbados crescer, e olhando aquele navio exaltado. “Está tudo bem”, disse o comandante.

Estávamos retornando para as coisas que conhecíamos e compreendíamos. Na ilha, perto de nós, estavam homens, cais e lojas. Essa noite tinha uma aparência familiar e amistosa. Barbados, finalmente! Haveria alguma coisa para comermos também, e nos mantivemos falando disso. Você conhece o sabor do pão e da manteiga? Ou de batatas fritas? Ou fruta da qual o suco escorre quando você morde? Ou saladas crocantes? Você não conhece; não se você não se alimentou por muito tempo de coisas enlatadas, pão que cheirava a vinagre, e manteiga para a qual uma colher tinha que ser usada.

To the door of the saloon alley way we saw the steward come, and begin to swing his bell. "Tea ho!" said the mate. "Keep it," said the Chief. "I know it. Sardines and hash. Not for me. We shall get some grub in the morning. Oranges and bananas, boys. I'm tired of oil. My belt is in by three holes."

When the sun once touched the sea it sank visibly, like a weight. Night came at once. We passed a winking light, and soon ahead of us in the dark was grouped a multitude of lower stars. That was Bridgetown. Those stars opened and spread round us, showing nothing of the wall of night in which they were fixed. Well, there it was. We could smell the good land. We should see it in the morning. We had really got there.

The engines stopped. There was a shout from the steamer's bridge and a thunderous rumbling as the cable ran out, and then a remarkable quiet. The old man came sideways down the bridge ladder with a hurricane lamp, and stood with us, striking a light for his cigar. "Here we are, Chief," he said. "What about coals in the morning?" The night was hot, there was no wind, and as we sat yarning on the bunker hatch another cluster of stars moved in swiftly together, came to a stand near us, and a peremptory gun was fired. That was the British mail steamer.

We looked at her with awe. We could see the toffs in evening dress idling in the glow of her electric lights. What a feed they had just finished!

Para a porta da travessa do salão, vimos o taifeiro vir e começar a tocar sua campainha. “Hora do chá, oh!” - disse o oficial. “Segure-o”, disse o comandante. “Eu o conheço. Sardinhas e picadinho. Não para mim. Conseguiremos alguma comida de manhã. Laranjas e bananas, rapazes. Estou farto de gordura. Meu cinto está recuado três buracos”.

Quando o sol, uma vez, tocou no mar, afundou visivelmente, como um peso. A noite desceu ao mesmo tempo. Passamos por uma luz piscante e logo à nossa frente, no escuro, estava reunida uma multidão de estrelas mais baixas. Era Bridgetown. Aquelas estrelas abriam-se e esparramavam-se ao nosso redor, não mostrando nada da muralha noturna em que estavam fixadas. Bem, ali ela estava. Podíamos sentir o cheiro da terra boa. Deveríamos vê-la de manhã. Tínhamos realmente chegado lá.

As máquinas pararam. Houve um grito da ponte de comando do navio e um estrondo trovejante, quando as âncoras foram jogadas, e depois um silêncio extraordinário. O velho marinheiro desceu do lado da escada da ponte de comando com um candeeiro e parou ao nosso lado, riscando um fósforo para acender seu charuto. “Aqui estamos nós, comandante”, ele disse. “E sobre o carvão de manhã?” A noite estava quente, não havia vento, e quando nos sentamos na beira da tampa da escotilha contando lorotas, outra aglomeração de estrelas moveu-se rapidamente juntas, fez uma pausa perto de nós, e uma rajada peremptória explodiu. Era o navio-correio britânico.

Nós o olhamos com admiração. Podíamos ver gente da classe alta em vestes noturnas passeando no brilho de suas luzes elétricas. Que alimentação eles tinham terminado!

But the greatest wonder of her deck was the women in white gowns. We could hear the strange laughter of the women, and listened for it. That was music worth listening to. Our little mob of toughs in turns used the night glasses on those women, and in a dead silence. There were some kiddies, too.

We were looking at the benign lights of the island and trying to make out what they meant. The sense of our repose, and the touch of those warm and velvet airs, and the scent of land, were like the kindness and security of home. "I know this place," drawled Sandy. "I was here once. Before I went into steam I used to come out to the islands, when I was a young 'un. I made two voyages in the 'Chocolate Girl.' She was my first ship. She was a daisy, too. Once we lifted St. Vincent twenty-five days out of Liverpool. That was going, if you like. If old Wager - he was the old man of the 'Chocolate Girl' - if he could only get a trip in a ship like this, like an iron street with a factory stack in the middle! But he can't. He's dead. He had the 'Mignonette,' and she went missing among the Bahamas. There's millions of islands in the Bahamas. They're north of this place. You couldn't visit all those islands in a lifetime.

"If you ask me, some of the islands in these seas are very funny. There's something wrong about a few of them. They're not down in the chart, so I've heard. One day you lift one, and you never knew it was there. 'What's that?' says the old man. 'Can't make that place out.' Then he reckons he's found new land, and takes his position. He calls it after his wife, and cables home what he's done. The next thing is a gunboat goes there and beats about and lays over the spot, but she doesn't find no island. The gunboat cables home that the merchant chap was drunk or something, and that he steamed over the spot and got hundreds of fathoms. They're always so clever, in the navy. But I've heard some of these islands are not right. You see one once, and nobody ever sees it again.

Mas a maior maravilha de seu convés era as mulheres em camisolas brancas. Podíamos ouvir a risada estranha das mulheres, e prestamos atenção. Aquilo era música válida de se ouvir. Nosso grupinho de obstinados, em revesamento, usava os binóculos noturnos para ver aquelas mulheres, e em um silêncio mortal. Havia algumas crianças também.

Estávamos olhando para as luzes benignas da ilha e tentando decifrar o que significavam. O sentimento de nosso descanso e o toque daqueles ares calorosos e suaves, e o cheiro da terra eram como a bondade e a segurança de casa. “Conheço este lugar”, falou arrastado Sandy. “Estive aqui uma vez. Antes de navegar em navios a vapor, costumava sair para essas ilhas, quando eu era jovem. Fiz duas viagens no *Chocolate Girl*. Foi meu primeiro navio. Era uma coisa notável também. Uma vez, alcançamos San Vicent em vinte e cinco dias, saindo de Liverpool. Assim aconteceu, se você quiser ouvir. Se o velho Wager - ele era o dono do *Chocolate Girl* - se ele pudesse fazer somente uma viagem em um navio como este, como uma rua de ferro com uma fábrica fixada no meio! Mas não pode. Ele está morto. Ele tinha o *Mignonette*, e ele se perdeu entre as Bahamas. Há milhares de ilhas nas Bahamas. Estão a norte deste lugar. Não se pode visitar todas aquelas ilhas em uma vida toda.

“Se você quer saber, algumas daquelas ilhas nestes mares são muito engraçadas. Há alguma coisa errada sobre algumas delas. Não estão no mapa, assim ouvi dizer. Um dia, você encontra uma e nunca se soube que ela estava ali. “O que significa isso?”, diz o velho marinheiro. “Este lugar não consta no mapa”. Então reconhece que encontrou terra nova e anota a posição. Ele a chama depois disso de sua esposa, e o que ele fez chama de as âncoras de casa. O que acontece depois é que uma canhoneira vai lá, agita-se em volta e olha o lugar no mapa da viagem, mas não encontra a ilha. A canhoneira levanta âncora de volta e acha que o camarada mercante estava bêbado, ou algo parecido, e que ele navegou na região e encontrou centenas de braçadas náuticas. Eles são tão inteligentes, na marinha de guerra. Mas ouvi dizer que algumas dessas ilhas não são certas. Vê-se uma, uma vez, e ninguém mais a vê novamente.

"I knew a man, and he was marooned on one of those islands. He sailed with me afterwards on one of the Blue Anchor steamers to Sydney. One time he was on a craft out of Martinique for Cuba. She was a schooner of the islands, and fine vessels they are. You'll see a lot about us in the morning. This man's name was Moffat - Bill Moffat.

His schooner had a mulatto for a master, and that nigger was a fool and very superstitious, by all accounts. They ran short of water, and it's pretty bad if you fall short of water in these seas. Off the regular routes there's nothing. You might drift for weeks, and see nothing, off the track.

"Then they sighted an island. The mulatto chap pretended he knew all about that island. He said he had been there before. But he was a liar. It was only a little island, like some trees afloat. They came down on it, and anchored in ten fathoms and waited for daylight.

"Next morning some wind freshened off shore, and Moffat takes a nigger and rows to the beach. There was only a light swell breaking on the coral, and landing was easy. Moffat told the nigger to stay by the boat while he took a look round. There was a bit of a coral beach with a pile of high rocks at the ends of it, like pillars each side of a door-step. What was inside the island Moffat couldn't see, because at the back of the beach was a wood. He said he heard a sound like a bird calling, but he reckoned there wasn't a soul in that place. The schooner was riding just off. He turned and was crunching his way up the coral with the idea of looking for a way inside. He got to the trees, and then heard the nigger shout in a fright. The black beggar was pushing out the boat. He got in it too, and began rowing back to the schooner as if somebody was coming after him.

“Conheci um homem, e ele estava ancorado em uma daquelas ilhas. Ele navegou comigo depois em um dos navios a vapor da *Blue Anchor* para Sidney. Uma vez, ele estava em uma embarcação indo da Martinica para Cuba. Era uma escuna das ilhas, e que excelentes embarcações elas são! Você verá um monte delas ao nosso redor, de manhã. O nome desse homem era Moffat - Bill Moffat. Sua escuna tinha um mulato como mestre, e aquele negro era um tolo e muito supersticioso, pelo que todos dizem. Eles corriam com pouca fundura e é muito perigoso se você navegar em poucas águas nesses mares. Fora das rotas regulares não há nada. Fora da rota, podia-se ficar à deriva por semanas e não ver nada.

Então eles avistaram uma ilha. O rapaz mulato fingiu que conhecia tudo em volta daquela ilha. Disse que tinha estado lá antes. Mas ele era um mentiroso. Era apenas uma ilhazinha, como algumas árvores à deriva. Eles se aproximaram e ancoraram a dez braçadas náuticas e esperaram pela aurora.

“Na manhã seguinte, algum vento soprava da praia e Moffat pega um negro e rema para a margem. Havia apenas uma luz dilatada batendo no coral, e desembarcar foi fácil. Moffat disse para o negro ficar perto do bote, enquanto ele dava uma olhada em volta. Havia uma faixa de praia de coral com um monte de pedras altas na ponta da faixa, como pilares de cada lado de um degrau da porta. Moffat não conseguia ver o que havia dentro da ilha, porque nas costas da praia havia um bosque. Ele disse que ouviu um som como um pássaro cantando, mas calculou que não houvesse uma alma naquele lugar. A escuna estava só um pouco afastada. Ele se virou e estava matutando um caminho por cima da praia de coral com a ideia de procurar um caminho ali dentro. Ele chegou às árvores e então ouviu o negro gritar apavorado. O mendigo preto estava empurrando o bote para fora. Entrou nele também e começou a remar de volta para a escuna, como se alguém estivesse vindo atrás.

"Moffat yelled, and ran down to the surf, but the nigger kept right on. There was Moffat up to his knees in the water, and in a fine state. The boat reached the schooner-and now, thinks Moffat, there'll be trouble. Do you know what happened though? For a little while nothing happened. Then they began to haul in her cable. She up-anchored and stood out. That's a fact. Bill told me he felt pretty sick when he saw it. He didn't like the look of it. He watched the schooner turn tail, and soon she found more wind and got out of sight past the island, close-hauled. He watched her dance past one of the piles of rocks till there was nothing but empty sea behind the rock. Then his eye caught something moving on the rock. Something moved round it out of his sight. He never saw what it was. He wished he had.

"Well, he had a pretty bad time. He couldn't find anyone on the island, in a manner of speaking. But somebody was always going round a corner, or behind a tree. He caught them out of the tail of his eye. He said it was enough to get on a man's nerves the way that thing always just wasn't there, whatever it was. 'Curse the goats,' Bill used to say to himself.

"One day Bill was strolling round figuring out what he could do to that mulatto when he met him again, and then he found a sea cave. He went in. It was a silly thing to do, because the way in was so low that he had to crawl. But the cave was big enough inside for a music-hall. The walls ran up into a vault, and the water came up to the bottom of the walls nearly all round. The water was like a green light. A bright light came up through the water, and the reflections were wriggling all over the rocks, making them seem to shake. The water was like thick glass full of light. He could see a long way down, but not to the bottom. While he was looking at it the water heaved up quietly full three feet, and the reflections on the walls faded. Then he saw the hole through which he had crawled was gone. 'Now, Bill Moffat, you're in a regular mess,' he says to himself.

Ele viu a escuna virar de popa, e logo recebeu mais vento e saiu de vista por trás da ilha, bem distante. Olhou sua dança por trás de um pilar de pedra até que não havia mais nada, somente o mar vazio atrás das pedras. Então seu olhar capturou algo se movendo na pedra. Alguma coisa movia-se em volta, fora de sua visão. Ele nunca viu o que era. Ele queria ter visto.

“Bem, ele passou por um momento realmente muito difícil. Não conseguia encontrar ninguém na ilha, no modo de dizer. Mas algo estava sempre em volta de um canto, ou atrás de uma árvore. Ele o capturava com o canto de seu olho. Ele disse que era o suficiente para atingir os nervos de um homem, a maneira que aquela coisa sempre já não estava lá, o que quer que fosse. “Demônios malditos”, Bill costumava dizer para si mesmo.

“Um dia Bill estava andando em volta, imaginando o que podia fazer com aquele mulato, quando o encontrasse novamente, e então descobriu uma caverna marítima. Ele entrou. Era uma coisa idiota o que ele estava fazendo, porque o caminho dentro da caverna era tão baixo que ele teve que rastejar. Mas a caverna era grande o suficiente para uma casa de espetáculos. As paredes erguiam-se em uma abóbada e a água subia para o fundo das paredes quase que ao redor. A água era como uma luz verde. Uma luz brilhante erguia-se da água e os reflexos sacudiam-se completamente por cima das pedras, fazendo-as parecer que tremiam. A água era como vidro espesso cheio de luz. Ele podia ver um longo caminho para baixo, mas não para o fundo. Enquanto estava olhando-o, a água subiu tranquilamente o total de três pés, e os reflexos nas paredes enfraqueceram. Então, ele viu que o buraco através do qual tinha entrado na caverna havia desaparecido. “Agora, Bill Moffat, você está numa completa enrascada”, disse Bill para si mesmo.

"He dived for the hole. But he never found that way out, and the funny thing was he couldn't come to the top again. Bill saw it was a proper case that time, and no more Sundays in Poplar. He was surprised to find that the deeper he went the thinner the water was. It was thin and clear, like electric light. He could see miles there, and down he kept falling till he hit the bottom with a bang. It scared a lot of fishes, and they flew up like birds. He looked up to see them go, and there was the sun overhead, only it was like a bright round of green jelly, all shaking. Bill found it was dead easy to breathe in water that was no thicker than air, so he got up, brushed the sand off, and looked round. A flock of fishes flew about him quite friendly, and as beautiful as Amazon parrots. A big crab walked ahead, and Bill thought he had better follow the crab.

"He came to a path which was marked with shells, and at the end of the path he saw the fore half of a ship up-ended. While he was looking at it, somebody pushed the curtains from the hatchway, and came out, and looked at him. 'Good lord, it's Davy Jones,' said Bill to himself.

"'Hullo, Bill,' said Davy. 'Come in. Glad to see you, Bill. What a time you've been.'

"Moffat said that Davy wasn't a decent sight, having barnacles all over his face. But he shook hands. 'You're hand is quite cold, Bill,' said Davy. 'Did you lose your soul coming along? You nearly did that before, Bill Moffat. You nearly did it that Christmas night off Ushant. I thought you were coming then. But not you. But here you are at last all right. Come in! Come in!'

"Bill went inside with Davy. There was sea junk all over the place. 'I find these things very handy, old chap,' said Davy to Bill, seeing he was looking at them. 'It's good of you to send them down, though I don't like the iron, for it won't stand the climate. See that old hat? It's a Spanish admiral's. I clap it on, backwards, whenever I want to go ashore.'

“Mergulhou para achar o buraco. Mas ele nunca encontrava aquele caminho para fora, e o engraçado era que ele não podia subir para a superfície novamente. Bill viu que sua hora havia chegado naquele momento, e não mais domingos em Poplar. Ficou surpreso ao descobrir que quanto mais fundo ele mergulhava, mas rarefeita a água ficava. Estava rarefeita e clara, como luz elétrica. Podia ver milhas ali e para o fundo ele se manteve caindo até que bateu no fundo com um estrondo. Espantou um monte de peixes, e eles voavam como pássaros. Ele olhou para cima para vê-los sumir, e havia o sol em cima, que somente estava como um brilho em volta de geleia verde, completamente se balançando. Bill descobriu que era muito fácil respirar na água, que não estava mais espessa do que o ar, então levantou-se, sacudiu a poeira e olhou ao redor. Um cardume de peixes voava em volta dele completamente amistosos, e tão lindos quanto os papagaios da Amazônia. Um caranguejo grande caminhava adiante e Bill pensou que era melhor seguir o caranguejo.

Chegou a uma trilha que estava marcada com conchas e no final da trilha viu a metade da proa de um navio afundado. Enquanto olhava, alguém afastou as cortinas da escotilha, saiu e olhou para ele. “Bom Deus, é Davy Jones”¹⁵², disse Bill para si mesmo.

“Olá, Bill”, disse Davy. “Entre. Prazer em vê-lo, Bill. Você chegou em boa hora”.

“Moffat disse que Davy não era uma visão decente, tendo mariscos no rosto todo. Mas apertaram as mãos. “Sua mão está um pouco fria, Bill””, disse Davy. “Você perdeu sua alma na vinda? Você quase a perdeu antes, Bill Moffat. Você quase a perdeu naquela noite de natal, distante de Ushant. Pensei que vocês estivessem vindo então. Mas não você. Mas aí está você finalmente, tudo bem. Entre! Entre!”

Bill entrou com Davy. Havia porcarias do mar em todo lugar. “Acho essas coisas muito úteis, meu velho”, disse Davy para Bill vendo que ele as estava olhando. “É bondade de vocês mandá-las para baixo, embora eu não goste do ferro, porque não resistirá ao ambiente. Está vendo aquele chapéu antigo? É de um almirante espanhol; dou um tapinha nele, na parte de trás, quando quero ir para a terra firme”.

¹⁵²Espírito do mar e, segundo uma antiga lenda, é o próprio Davy Jones quem arrasta as almas até o fundo do mar, mas é possível ressuscitar “se se souber o caminho”, como acontece com Bill.

"So they sat down, and yarned about old times, though Bill told me that Davy seemed to remember people after everybody else had forgotten them, which was confusing. 'Oh, yes,' Davy would say, 'old Johnson. Yes. He used to talk of me in a rare way. He was a dog, was Johnson. I've heard him, many a time. But he's changed since his ship came downstairs. He's a better man. He's not so funny as he was.'

"Then they had a pipe, and after a bit things began to drag. 'Come into the garden, Bill,' said Davy. 'Come and have a look round.'

"All round the garden Bill noticed the nameboards of ships nailed up. Some of the names Bill knew, and some he didn't, being Spanish. 'What do you think of my collection?' said Davy. 'Ever seen as fine a one? I lay you never have!'

"Then they came to a door. 'Come in,' said Davy. 'This is my locker. Ever heard of my locker?'

"Bill said it was pretty dark inside. Just light enough to see. But there was only miles and miles of crab-pots, all set out in rows, with a label on each. 'What do you think of that lot, Bill?' asked Davy. 'I shall have to get larger premises soon.' Bill choked a bit, for the place smelt stale and seaweedy. 'What's in the crab-pots, Davy?' said Bill.

"'Souls!' said Davy. 'But there's a lot of trash, though now and then I get a good one. Here, now. See this? This is a fine one, though I mustn't tell you where I got it. And people said he hadn't got one. But I knew better, and there it is.'

“Então eles se sentaram e conversaram sobre velhos tempos, embora Bill me dissesse que Davy parecia lembrar de pessoas depois que todo mundo mais as tinha esquecido, que estava confundindo. “Oh, sim”, Davy diria, “o velho Johnson. Sim. Costumava falar comigo de um modo raro. Era um cão, o velho Johnson. Eu o ouvi, muitas vezes. Mas ele mudou, desde que seu navio veio para o fundo. Ele é um homem melhor. Não está mais tão engraçado como era antes”.

“Então fumaram um cachimbo e depois as coisas começaram a se arrastar. “Venha para o jardim, Bill”, disse Davy. “Venha e dê uma olhada em volta”.

“Em volta do jardim, Bill nota as pranchas com os nomes de navios pregados. Alguns dos nomes Bill conhecia e alguns não, sendo espanhois. “O que você acha da minha coleção?”, disse Davy. “Você já viu uma tão maravilhosa? Aposto que você nunca viu!”

“Então chegaram a uma porta. “Entre”, disse Davy. “Este é meu armário¹⁵³. Já ouviste falar do meu armário?”

“Bill disse que estava muito escuro lá dentro. Só iluminado o suficiente para ver. Havia milhares e milhares de cascas de caranguejos, todas postas em fileiras, com um rótulo em cada uma. “O que você acha daquele lote, Bill?” - perguntou Davy. “Logo conseguirei maiores remessas”. Bill ficou um pouco chocado, porque o lugar cheirava a ranço e a algas marinhas. “O que é isso dentro das cascas, Davy?” - perguntou Bill.

“Almas!” - disse Davy. “Mas há um monte de lixo, embora, de vez em quando, eu pegue uma alma boa. Olhe aqui, agora. Você está vendo esta casca? Esta é uma alma maravilhosa, embora eu não deva dizer-lhe onde a consegui. E as pessoas diziam que ele não tinha uma boa alma. Mas eu o conheci melhor, e aí está”.

153O Armário ou Baú de Davy Jones é uma expressão para definir o fundo do mar, local de descanso dos marinheiros afogados e de quem morre no mar. Eufemismo, portanto, para purgatório, céu ou inferno.

"But Bill couldn't see anything in the pots. He could only hear a rustling, as if something was rubbing on the wicker, or a twittering. At last Davy came to a new pot. 'Do you know who's in this one, Bill,' he said. But Bill couldn't guess. 'Well, Bill, it's your soul, and a poorer one I never see. It was hardly worth setting the pot for a soul like that.' Then Davy began to shake the pot, and soon got wild. 'Here, where the deuce has that soul gone,' he said, and put his ear to the bars. Then he put the pot down and made a rush at Bill, to get it back; but Bill jumped backwards, got through the door, ran through the house, grabbed the admiral's cocked hat, and clapped it on backwards. Then he shot out of the water at once, and found himself on the rocks outside the cave, with the cocked hat still on his head. He's kept that hat ever since, and money wouldn't buy it."

When I woke next morning it was like waking to a great occasion. The tropic sun was blazing outside. The day seemed of a superior quality. An old negress shuffled by my cabin door, through which was a peep the town across the harbour, and she had some necklaces of shells strung on one skinny black arm and carried a basket of oranges on the other. I jumped up, and bought all the oranges. A boat came to our gangway and some of us went ashore. I don't know what a man feels like who is released one fine day from imprisonment into the stream of his fellows, but I should think he is first a little stunned, and afterwards becomes like a child's balloon in a breeze. The people we had met in the Brazils never laughed; and I myself had always felt that there we had been watched and followed unseen, that something was there, watching us, waiting its time, knowing well it could get us before we escaped.

“Mas Bill não conseguia ver nada nas cascas. Podia apenas ouvir um sussuro, como se alguém estivesse friccionando um vime, ou trinando. Finalmente Davy chegou a uma casca nova. “Você sabe quem está aqui, Bill”, ele disse. Mas Bill não podia adivinhar. “Bem, Bill, esta é sua alma e uma alma mais pobre eu nunca vi. Dificilmente era válido manter uma casca para uma alma como esta”. Então Davy começou a sacudir a casca e logo ficou furioso. “Que diabos, onde foi aquela alma arruinada”, ele disse e colocou seu ouvido nas barras. Então desceu a casca e fez uma investida contra Bill para pegá-lo de volta; mas Bill saltou para trás, alcançou a porta e correu pelo jardim, agarrou o chapéu de bico do almirante, deu um tapinha na parte de trás. Então ele foi atirado para fora da água no mesmo instante e descobriu-se nas pedras do lado de fora da caverna, com o chapéu de bico ainda em sua cabeça. Ele conserva esse chapéu desde então, e nenhum dinheiro poderia comprá-lo”.

Quando acordei na manhã seguinte, era como acordar para uma grande ocasião. O sol tropical estava flamejando do lado de fora. O dia parecia de uma qualidade superiora. Uma negra velha arrastava os pés perto da porta de meu camarote, através da qual via-se um pouquinho da cidade de um lado a outro do ancoradouro; e ela tinha alguns colares de conchas pendurados em um braço preto e magro, e carregava uma cesta de laranjas no outro. Saltei do beliche e comprei todas as laranjas. Um barco veio a nossa prancha e alguns de nós fomos para a terra firme. Não sei o que um homem sente, como quem um belo dia é liberado de seu aprisionamento em meio ao fluxo de seus companheiros, mas eu deveria achar que ele fica primeiro um pouco atordoado, e depois fica como um balão de uma criança em uma brisa. As pessoas que encontramos no Brasil nunca riam; e eu mesmo sempre tinha sentido que ali tínhamos sido observados e seguidos por algo invisível; que algo estava lá, olhando-nos, esperando sua hora, sabendo bem que podia nos pegar antes que escapássemos.

We were at last outside it and free. The anchorage of Bridgetown seemed anarchic, after our level sombre experience, for the sea was a green light, flashing and volatile, with white schooners driving upon it, negroes shouting and laughing over the bulwarks, or frantically hauling on the sheets. The rushing water was crowded with leaping boats, all gaudily painted; and even the sunshine, moving rapidly on quivering white sails and the white hulls buoyantly swinging, was a kind of shaking laughter. Our negro boatmen sang as they rowed, when they were not swearing at other boatmen. The world had got wine in its head.

We went to the Ice House, and bought English beer. (Oh, the taste of beer!) In the brisk and sunny streets there were English women, cool, dainty, a little haughty, their dresses smelling of new linen, and they were looking in at shop windows. We had got our feet down on home pavements, and the streets had the newness and sparkle of holiday. "Hi, cabby!"

He drove us along coral roads, under cocoanut palms, and there were golden hills (hills once more!) one way, and on the other hand was a beach glowing like white fire, with a sea beyond of a blue that was ultimate, profound, and as tense and as still as rapture. We came to a hotel where there was stiff napery, with creases in it, on a breakfast table. There was a silver coffee-pot. There was sweet-smelling and crusty bread, butter in ice, and new milk. There was a heaped plate of fruit. There was a crystal jug filled with cold water and sunshine, and it threw a wavering light on the damask.

Estávamos finalmente fora e livres. O ancoradouro de Bridgetown parecia anárquico, depois de nossa igual sombria experiência, porque o mar era uma luz verde, flamejante e volátil, com escunas brancas viajando nele, negros gritando e rindo por cima das amuradas, ou desembarcando as mercadorias freneticamente. A água remexida estava abarrotada com barcos saltitantes, todos pintados vistosamente; e, mesmo o brilho do sol, movendo-se rapidamente nas velas brancas tremulantes e os cascos brancos balançando-se flutuantemente, era um tipo de risada sacudida. Nossos barqueiros negros cantavam canções enquanto remavam, quando não estavam xingando outros barqueiros. O mundo tinha vinho em seu topo.

Fomos para a Casa do Gelo e compramos cerveja inglesa. (Ah, o sabor da cerveja!). Nas ruas animadas e ensolaradas havia mulheres inglesas, indiferentes, refinadas, um pouco insolentes; seus vestidos cheirando a linho novo, e estavam visitando rapidamente as vitrines das lojas. Tínhamos colocado nossos pés nos pavimentos de casa e as ruas tinham a novidade e a aparência de um feriado. “Olá, taxista!”

Ele nos conduziu ao longo das estradas de corais, debaixo dos coqueiros; e havia colinas douradas (colinas uma vez mais!) de um lado, e de outro estava a praia brilhando como fogo branco, com o além-mar de um azul que era o derradeiro, profundo, e tão tenso e tão parado quanto êxtase. Chegamos a um hotel, onde ainda havia uma toalha de mesa, com dobras em cima, em uma mesa de café da manhã. Havia um bule de café prateado. Havia pães doces cheirosos e bem assados, manteiga em barra e leite fresco. Havia um prato abarrotado de frutas. Havia uma jarra de cristal cheia de água fria e brilho de sol, que atirava uma luz ondulante no damasco.

We had some of everything. We ate for more than an hour, steadily. A man could not have done it alone, and without shame. There was one superior lady tourist, with grey curls on her cheeks and a face like doom, and she sent for the manager, and asked if we were to breakfast there again. She wanted to know. The Chief begged me, as the youngest of the party, to go over and kiss her. But I pointed out that, seeing where we had come from, and what we had suffered, it was the plain duty of any really dear old soul to come over and kiss us on a morning like that.

In the afternoon we were aboard again, waiting for the Skipper to return with the new orders. To what part of the world would the power in Leadenhall Street now consign us? Sandy thought New Orleans; but we could rule that out, for there was no cotton just then. Pensacola was more likely, the Chief said, with a deck cargo of lumber for Hamburg. That guess made the crowd glum. Winter in the Atlantic, she rolling her heart out, and the timber that was level with the engine-room casing groaning and straining at every roll - to dwell on that prospect was to feel a cold draught out of the Valley of Shadows.

Two nigger boys were overside, diving for corns. You threw a coin - Brazil's nickel muck, a handful worth nothing - and it went below oscillating, as though sentiently dodging the contorted and convulsive figure of the boy diving after it. The transparency of the fathoms was that of a denser air. When the sea was still, at the slack of the tides, this tropic anchorage was not like water. You did not look upon it, but into it, being hardly aware of its surface.

Tínhamos um pouco de tudo. Comemos por mais de uma hora sem parar. Um homem não podia ter comido tudo sozinho, e sem se envegonhar. Havia uma dama turista e superiora, com cabelos encaracolados nas bochechas e um rosto como uma sentença; e ela foi até o gerente e perguntou se íamos ficar para o café da manhã ali novamente. Ela queria saber. O comandante me implorou, como o mais jovem do grupo, para ir até ela e beijá-la. Mas eu afirmei que, vindo de onde tínhamos vindo, e o que tínhamos sofrido, era tarefa justa de qualquer velha alma bondosa, na verdade, comparecer e nos beijar em uma manhã como aquela.

De tarde, estávamos a bordo novamente, esperando o retorno do capitão com os novos pedidos. Para que parte do mundo o poder na Leadenhall Street nos consignaria? Sandy pensou em Nova Orleans; mas podíamos excluí-la, porque não havia algodão naquela época. Pensacola era mais provável, o comandante disse, com um convés de carga de madeira serrada para Hamburgo. Aquele palpite deixou a tripulação aborrecida. Inverno no Atlântico, o navio pressionando o coração, e a madeira que estava no nível do invólucro da casa das máquinas rangendo e roçando em cada sacudida - viver naquele prospecto era sentir um vento frio do Vale das Sombras.

Dois garotos negros estavam ao lado do navio, mergulhando atrás de moedas. Jogava-se uma moeda - um punhado de tostões brasileiros, um punhado que não valia nada - e descia oscilando, como se conscientemente se desviasse do vulto contorcido e convulsivo do garoto mergulhando atrás. A transparência da fundura era aquela do ar mais denso. Quando o mar estava calmo, na falta das ondas, este ancoradouro tropical não parecia com água. Não se olhava por cima dela, mas dentro, ficando dificilmente consciente de sua superfície.

It was surprising to see our massive iron plates stand upright in it. We were still an ugly black bulk, as we were on the ditch water of Swansea, but our sea wagon had lost its look of squat heaviness. Even our iron ship was transmuted, such was the lift and radiance of Barbados and its sea, into the buoyancy of the unsubstantial stuff of that scene about us, the low hills of greenish gold so delicate under the sky of malachite blue that you doubted whether mortals could walk there. Bridgetown was between those hills and the sea, a cluster of white cubes, with inconsequential touches of scarlet, orange, and emerald. Beneath our keel was a boy who might have been flying there.

On one side of the town was a belt of coral beach. It was a-fire, and the palms above the beach, with their secretive villas, and the green-gold hills beyond, floated on that white glow. The sea below the beach was an incandescent green; it might have been burning though contact with the island. Then the sea spread down to us in areas of opaque violet and blue, till in the neighbourhood of the ship it became transparent and was but a denser atmosphere. You, in the hard and bitter north, on the exposed summit of the world where Polaris glitters in the forehead of a frozen god, hardly know what young and luscious stuff this earth is, where the constant sun and tepid rains and salt air have preserved its bloom and flush of abounding life.

There came the Skipper's boat, he in his shore-going white ducks and Panama hat in the stern sheets, his wallet in his hand. He knew that we all looked at him with assumed indifference, when he stepped among us on deck. That was his time to show he was the ship's master. He feigned that we were not there. He turned to the chief mate: "All ready, Mr. Brown?" "All ready, sir." Then the master walked slowly, knowing our eyes were on his back, to his place aft, first going in to speak to the Chief. The Chief came out some minutes after. "Tampa, boys," said he. "Florida for phosphate, then home."

Era surpreendente ver nossos pratos de ferro permanecendo na vertical. Ainda éramos um feio volume preto, como éramos nas águas entrincheiradas de Swansea; mas nosso vagão marítimo tinha perdido sua aparência de peso atarracado. Mesmo nosso navio de ferro estava transformado, tal era a leveza e radiação de Barbados e seu mar, dentro da fluutuabilidade do material insubstancial daquela cena ao nosso redor, e das baixas colinas de dourado verdejante debaixo do céu azul malachita, que se duvidava que os mortais pudessem caminhar ali. Bridgetown ficava entre aquelas colinas e o mar, um bloco de cubos brancos com toques inconsequentes de escarlate, laranja e esmeralda. Debaixo da nossa quilha estava um garoto, que podia ter chegado ali voando.

Em um lado da cidade havia um cinturão de praia de coral. Estava incandescente, e as palmeiras em cima da praia, com suas casas de campo reservadas, e as esverdejantes colinas douradas para além fluutuavam naquele brilho branco. O mar embaixo era de um verde incandescente; podia estar queimando através do contato com a ilha. Depois o mar espalhava-se ao nosso redor em áreas de violeta opaca e azul, até na vizinhança do navio tornava-se transparente e se tornava apenas uma atmosfera mais densa. Você, no norte inflexível e amargo, no topo exposto do mundo, onde Polaris brilha na testa de um deus indiferente, dificilmente sabe o que é o material jovem e suculento dessa terra, onde o sol constante, as chuvas tépidas e o ar salgado preservaram seu florescimento e rubor de vida abundante.

Ali vinha o bote do capitão, ele em seu terno branco de algodão e chapéu do Panamá em meio às mercadorias na popa, sua carteira na mão. Sabia que olhávamos para ele com assumida indiferença, quando caminhou entre nós no convés. Era sua hora de mostrar que era o proprietário do navio. Fingiu que não estávamos ali. Virou-se para o oficial-comandante: “Tudo pronto, senhor Brown?”, “Tudo pronto, senhor”. Então o capitão caminhou lentamente, sabendo que olhávamos suas costas, para seu lugar atrás, primeiro indo falar com o comandante. O comandante chegou alguns minutos depois: “Tampa, rapazes”, ele disse. “Flórida, para pegarmos uma carga de fosfato, e depois para casa”.

That evening we were on our way, and turned inwards through the line of the Caribbees, passing between the islands of St. Lucia and St. Vincent, high purple masses of rock, St. Lucia's mass ascending into cones. The Skipper had been to most of the West Indian islands, and remembered them, while I listened. We stood at the chart-room door, watching the islands across the evening seas. The sun, just above the sharply dark rim of ocean, touched the sea, and sank. A thin paring of silver moon had the sky to itself. I went into the chart-room; and the old man who, grim and sour as you might think him, mellowed into confidential friendliness when he has you to himself, spread his charts of the Spanish Main under the yellow lamp, which was a slow pendulum as she rolled, and he put his spectacles on his lean brown face, talked of unfrequented cays, and of the negro islands, and debated which route we should take.

The fourth morning at breakfast-time, was a burning day, with a sky almost cloudless, and a slow sea which had the surface of its rich blue deeps shot with turquoise lights, while fields of saffron gulf-weed stained it; and we had, close over our port bow, the most beautiful island in the world. It is useless to deny it, and to declare you know a better island. Can't I see Jamaica now? I see it most plain. It descends abruptly from the meridian, pinnacles and escarpments trembling in the upper air with distance and delicate poise, and comes down in rolling forests and steep verdant slopes, where facets of bare rock glitter, to more leisurely open glades and knolls; and then, being not far from the sea, drops in sheer cliffs to where the white combers pulse. It is a jewel which smells like a flower. The "Capella" went close in till Port Antonio under the Blue Mountains was plain, and though I could see the few scattered houses, I could not see the narrow ledges where men could stand in such a steep land. We crawled over the blue floor in which that sea mountain is set, and cruised along, feeling very small, under the various and towering shape.

Naquela noite, estávamos em nosso caminho e viramos para o interior através da linha do Caribe, passando entre as ilhas de Santa Lúcia e San Vicent, massas elevadas de pedras de cor púrpura; a massa de Santa Lúcia elevando-se em cones. O capitão estivera na maioria das ilhas do oeste da Índia, e as recordava, enquanto eu ouvia. Ficamos parados na porta da sala de mapas, olhando-as de um lado a outro dos mares noturnos. O sol, exatamente embaixo da borda abruptamente escura do oceano, tocava no mar e afundava. Uma apara tênue de lua prateada tinha o céu para si mesma. Entrei na sala de mapas; e o velho marinheiro que, carrancudo e azedo como podia-se achá-lo, abrandava-se em amizade confidencial, quando ele tem você para si próprio, e espalhou seus mapas da Espanha Central debaixo da lâmpada amarela, que se tornava um pêndulo lento quando o navio balançava; e ele pôs os óculos em seu rosto magro e moreno, falou dos recifes infrequentes, e das ilhas negras, e debateu sobre que rota deveríamos tomar.

A quarta manhã, na hora do café da manhã, estava um dia quente, com um céu quase sem nuvens e um mar calmo, que tinha a superfície de sua rica profundidade azul atingida por luzes turquesas, enquanto áreas de redemoinhos de ervas daninhas a manchava, e tínhamos, perto de nossa proa a bombordo, a mais bela ilha do mundo. É inútil negá-la, e perguntar se você conhece uma ilha melhor. Não posso ver Jamaica agora? Vejo-a muito plana. Ela surge abruptamente do meridiano, pináculos e penhascos tremendo no ar superior, com distância e delicado equilíbrio, e desce em florestas que se balançam, e íngremes descidas verdejantes, onde facetas de pedras expostas resplandecem; e, depois, não tão longe do mar, dobra-se em penhascos escarpados, onde as ondas de rebentação pulsam. É uma joia que cheira como uma flor. O *Capella* navegou bem perto até Porto Antônio; e debaixo das Montanhas Azuis era uma planície, e, embora eu pudesse ver algumas casas espalhadas, não podia ver os parapeitos estreitos, onde os homens podiam ficar em uma terra tão íngreme. Engatinhamos por cima do chão azul em que a montanha marítima está assentada, e navegamos para a frente, sentindo-nos muito pequenos debaixo da forma diversa e muito alta.

For long I watched it, declaring continually that some day I must return. (And that is the greatest compliment a traveller on his way home can pay to any spot on earth.)

It faded as we drew northwards. Over seas to the north was a long low stratum of permanent cloud, and beneath it was the faint presentiment of Cuba. Still we were in the spell of the very halcyon weather of old tales, with the world our own, though once this day there was a great rain burst, and the "Capella" was lost in falling water, her syren blaring. We neared the Cuban coast by the Isle of Pines, a pallid desert shore, apparently treeless and parched. The next morning we came to the western cape of the island, rounding it in company with a white island schooner, its crew of toughs watching us from her shadeless deck; and changed our course almost due north.

Now we were in the Gulf of Mexico, and soon upset its notoriously uncertain temper, for a "norther" met us and piped till it was a full gale, end-on, and it kicked up a nasty sea which flung about the empty "Capella" like a band-box. There was a night of it. Towards morning it eased up, and I woke to a serene sunrise, and found we were in the pale green water of coral soundings, with the Floridan pilot even then standing in to us, his tug bearing centrally on its bridge a gilded eagle with rampant wings. In a little while we were fast to the quarantine quay at Mullet Island, detained as a yellow fever suspect. The medical officers boarded us, ranged amidships the "Capella's" crowd from the master down, and put in the mouth of each of us a thermometer; and so for a time we stood ridiculously smoking glass cigarettes. One stoker was put aside, for he had a temperature.

Durante muito tempo eu a olhei, declarando continuamente que algum dia eu devia retornar. (E esse é o maior elogio que um viajante, em seu caminho de casa, pode fazer para qualquer ponto na Terra).

Empalideceu enquanto nos afastávamos rumo ao norte. Por cima dos mares para o norte estava uma extensa e baixa camada de nuvens permanentes, e debaixo dela estava o tênue pressentimento de Cuba. Ainda estivámos no encanto da temperatura de paz de contos antigos, em nosso próprio mundo, embora, uma vez, neste dia, uma grande chuva estivesse arrebatando ali, e o *Capella* perdeu-se na água que caía, e sua sirene retumbando. Aproximamo-nos da costa cubana perto da ilha de Pines, uma costa pálida e deserta, aparentemente sem árvores e ressecada. Na manhã seguinte, chegamos ao cabo ocidental da ilha, e o circunavegamos em companhia de uma escuna branca da ilha, com sua tripulação de durões nos observando de seu convés sem sombras; e mudamos nosso curso quase obrigados para o norte.

Agora estávamos no Golfo do México e logo fomos aborrecidos, seu temperamento notoriamente incerto, porque uma tempestade do norte nos encontrou e nos canalizou até que estivéssemos em uma tempestade completa, e de popa, e excitou um mar detestável, que arremessava-se em volta do *Capella*, vazio como uma chapeleira. Ali estava a noite. Na direção da manhã, o mar se abrandou e eu acordei com o nascer de um sol sereno, e descobri que estávamos na massa de água compacta de sons de corais, com o piloto da Flórida empatado conosco; o rebocador carregando centralmente em sua ponte de comando uma águia dourada com asas exuberantes. Em pouco tempo, enquanto seguíamos apressados na direção do cais isolado na ilha Mullet, detiveram-nos com suspeita de febre amarela. Os médicos-oficiais embarcaram, reuniram a tripulação do *Capella* no centro do navio, debaixo do mastro, e puseram um termômetro na boca de cada um de nós; e, assim, durante algum tempo, ficamos parados fumando cigarros de vidro ridiculamente. Um foguista foi posto de lado, porque estava com uma temperatura alta.

Then into the cabins, and the saloon, the forecastle, and into the holds, were put gallipots of burning sulphur, and the doors were closed. We became a great and dreadful stench; and I went ashore.

There was a deserted beach of comminuted shells, its glare as bright as snow in sunshine. It was littered with the relics of old wrecks, with sea rubbish, and the carapaces of crabs. Beyond the beach was a calcareous desert, with a scrub of palmetto and evergreen, and patches of flowering coreopsis and blue squills. Hidden by the scrub were shallow lagoons. It is hard to tell the sea from the land in warm and aqueous Florida, for sea and land so invade each other's dominions. Water and land were asleep in the sun. I was alone in the island, and sat in a decaying boat by the shore of a lagoon where nothing moved but the little crabs playing hide and seek in the moist crevices of the boat, and the pelicans which sat round the interminable flat shores. Sometimes the pelicans woke, and yawned, and fanned the heat with great slow wings.

In the early afternoon we were allowed to proceed to Tampa, which we reached in three hours; and there we came once more to the press of the busy and indifferent world. The muddle of roofs and steeples of a great city were about us, and men met us and talked to us, but they had no leisure for interest in the wonders of the strange land from which we had come, and would not have cared if afterwards we were going to Gehenna. We made fast under a new structure of timber and iron which was something between a flour mill and the Tower of Babel, for it was wan and powdered, and full of strange noises; and it had a habit of eating, in a mechanical way, an interminable length of railway trucks, wagon after wagon, one every minute.

Depois, dentro dos camarotes, do salão, do castelo de proa e dos compartimentos, foram colocados galões de enxofre fumaçante, e as portas foram fechadas. Tornamo-nos um enorme e terrível fedor; e eu desembarquei.

Havia uma praia deserta de conchas despedaçadas, seu clarão tão brilhante quanto neve na luz do sol. Estava uma sujeira com ruínas de naufrágios antigos, com lixo do mar e cascas de caranguejos. Para além da praia, estava um deserto de calcário, com uma moita de palmitos e pés de sempre-verdes, e canteiros de coreopses floridos e cebolas-albarãs azuis. Escondidas pela moita estavam as lagoas rasas. É difícil falar do mar estando em terra, na Flórida quente e aquosa, porque o mar e a terra invadem bastante os domínios um do outro. Água e terra estavam adormecidas no sol. Eu estava sozinho na ilha, e sentei-me em um bote abandonado perto da margem de uma laguna, onde nada se mexia, somente uns caranguejinhos brincavam de esconde-esconde nas brechas úmidas do bote, e os pelicanos que estavam ao redor das intermináveis praias planas. Algumas vezes, os pelicanos acordavam, bocejavam e abanavam o calor com asas grandes e lentas.

No início da tarde, nos foi permitido prosseguir para Tampa, que alcançamos em três horas; e ali chegamos mais uma vez para a pressão do mundo ocupado e indiferente. A confusão de telhados e campanários de uma cidade grande estava ao nosso redor, e os homens nos encontraram e falaram conosco, mas não tinham tempo livre para interessarem-se pelas maravilhas da terra estranha da qual tínhamos vindo, e não se importavam se, depois, fôssemos para Geena¹⁵⁴. Passamos apressados debaixo de uma estrutura nova de madeira e ferro, que era algo entre um moedor de farinha e a Torre de Babel, porque estava sem cor e empoeirada, e cheia de barulhos estranhos; e tinha um hábito de devorar, de um modo mecânico, uma extensão interminável de vagões ferroviários, vagão após vagão, um a cada minuto.

¹⁵⁴Geena, ou *Vale de Hinom*, fica a sudeste da cidade de Jerusalém. Na época de Acáz, rei de Judá, o vale era identificado com o culto pagão do tipo mais abominável, uma vez que ali, nos *Tofetes*, crianças eram sacrificadas aos deuses pagãos; um deles é denominado Moloque. Ver, por exemplo, II Reis, cap. 16; e cap. 23, vers. 10.

A great weariness and yearning filled me that night. The strangulating fumes of the sulphur clung to all the cabin, and puffed in clouds from the pillow when I changed sides; for the wagons clanked and banged till daylight. I sat up and beat my breast, and swore I would leave her and go home. The next morning that inexplicable structure beside us began from many mouths to vomit floods of powdered phosphate into us, and the "Cappella," in and out, turned pale through an almost impalpable dust. Everybody took bronchitis and cursed Tampa and its phosphate.

I spoke to the Skipper and the Chief about it, and they agreed that nobody would stop with her now, who could leave her; but that yet was I no pal to desert them. What about them? They had yet to see her safe across the most ruthless of seas at a time when its temper would be at its worst; and what about them? Though they admitted that, were they in my case, they would certainly take the train to New York, and catch there the fastest steamer for England. Then come with me to the British Consul like an honest man, said I to the captain, and get me off your articles.

The three of us left her, I for the last time. I turned upon the "Capella," and the boys stood leaning on her taffrail watching me; and I am not going to put down here what I felt, nor what the lads cried to me, nor what I said when I stood beneath her counter, and called up to them. We came to a corner by a warehouse, and I turned to look upon the "Capella" for the last time.

Uma grande fraqueza e enternecimento preencheram-me naquela noite. As fumaças sufocantes do enxofre agarram-se em todos os camarotes, e lançavam baforadas do travesseiro, quando eu me virava de lado; porque os vagões rangeram e estrondaram até a aurora. Sentei-me e bati em meu peito, e jurei que deixaria o navio e iria para casa. Na manhã seguinte, aquela inexplicável estrutura ao nosso lado começou, através de muitas bocas, a vomitar dilúvios de fosfato empoeirado dentro de nós, e o *Capella*, nos mínimos detalhes, ficou coberto por uma poeira quase impalpável. Todo mundo pegou bronquite e amaldiçoou Tampa e seu fosfato.

Falei com o capitão e o comandante sobre isso, e eles concordaram que ninguém ficaria parado no navio agora, que podiam deixá-lo; mas que, entretanto, eu não era um amigo para abandoná-los. E quanto a eles? Eles tinham, entretanto, que ver seu caixa-forte, de um lado a outro dos mais implacáveis mares, quando seu temperamento estaria em seu pior estado; e quanto a eles? Embora admitissem que, se estivessem em meu lugar, eles certamente tomariam o trem para Nova Iorque, e pegariam ali o navio mais rápido para Inglaterra. “Então venha comigo ao Consulado Britânico, como um homem honesto, e deixe-me liberá-lo das cláusulas” - disse-me o capitão .

Três de nós deixou o navio, eu pela última vez. Virei-me para o *Capella*, e os rapazes estavam curvados no corrimão da popa me olhando; não vou registrar aqui o que eu senti, nem o que os rapazes gritavam para mim, nem o que eu disse, quando fiquei debaixo do painel de popa do *Capella*, e os convoquei. Fomos para um canto perto de um armazém, e me virei para olhar o *Capella* pela última vez.

Tampa, the noisy city about us, was rawly new, most of its site but lately a shallow lagoon, and one of its natives, the ship's agent who was entertaining us at lunch, did not fail to impress that enterprise and industry upon us with great earnestness. Tampa was a large, hasty, makeshift standing of depôts, railway sidings, cigar factories, wharves, and huge elevators which could load I forget how many thousands of tons of bulk cargo into a steamer in twelve hours, as though she were an iron bucket under a pump. A town spontaneous unexpected and complete, with a hurrying population in its sidewalks, pushing to secure foothold in life, and not a book-shop there, and no talk but in its saloons and commercial exchanges. We went into many of those saloons, the Skipper, and the Chief, and the late Purser, shaking hands for the last time in each, and then dropping into another to recall old affairs; and shaking hands finally again, and so to the next bar.

That night I was alone in Tampa, with a torrent of urgent affairs surging past. I could not find the railway station. Standing at a corner, outside a tobacconist's shop, a huge corridor train shaped among the lights of the street, trundled down the centre of the roadway, then edged close to the sidewalk, bumping past a row of shops as casually as a tram for a penny journey, and stopped just where I stood with a hand-bag wondering how I was to get to New York. New York was a thousand miles away. The train was but a mere episode of the open street, and I could not feel it bore out the promise of my railway vouchers. This train, a row of lighted villas in motion, came down the roadway, out of nowhere, while carts and women with market baskets waited for it to pass, stopped outside a tobacconist's shop, and the light of the shop window illuminated a round of a huge wheel which stood higher than my head. The wheel came to rest upon an abandoned newspaper.

Tampa, a cidade barulhenta ao nosso redor, era nova; a maior parte de seus lugares era recentemente uma laguna rasa; e um dos seus nativos, o agente do navio, que estava nos entretendo no almoço, não fracassou ao impressionar-se daquele nosso empreendimento e indústria em cima de nós com grande seriedade. Tampa era um grande e apressado depósito de permanência temporária; ramais ferroviários, fábricas de charutos, cais, e enormes elevadores de cereais, que podiam carregar, esqueci, quantos milhares de toneladas de volumes de carga em um navio em doze horas, como se o navio fosse um cesto de ferro debaixo de uma bomba. Uma cidade espontânea, imprevisível e completa, com uma população apressada em suas calçadas, empurrando-se para assegurar sua base na vida, e nenhuma livraria ali, e nem uma conversa, apenas em seus salões e nas negociações comerciais. Entramos em muitos daqueles salões, o capitão, o comandante e mais tarde o comissário, apertando as mãos pela última vez de cada um deles, e depois virando-se um para o outro para se recordar de acontecimentos antigos; e apertando as mãos finalmente de novo, e então íamos para o próximo bar.

Naquela noite, fiquei sozinho em Tampa, com uma torrente de acontecimentos urgentes surgindo do passado. Eu não conseguia encontrar a estação ferroviária. Fiquei parado numa esquina, do lado de fora de uma tabacaria, e um enorme corredor de trem tomou forma entre as luzes da rua, e estremeceu o centro da pista; então beirou a calçada sacudindo uma fileira de lojas atrás, tão casualmente quanto um bonde para uma viagem barata, e parou exatamente onde eu estava com uma sacola, imaginando como chegaria a Nova Iorque. Ela estava a mil milhas de distância. O trem era apenas um mero episódio da rua aberta, e eu não podia perdê-lo. Esse trem, uma fileira de casas de campo iluminadas e em movimentos, desceu a pista, surgindo do nada, enquanto carrinhos e mulheres com cestas de supermercados esperavam o trem passar; ele parou em frente à tabacaria, e a luz da vitrine da loja iluminou em volta de uma roda enorme, que era mais alta do que minha cabeça. A roda parou em cima de um jornal abandonado.

A negro was passing me, and I stopped him. "Noo Yark? Step aboard right now!" His word was all I had to go upon that this train would take me to the precise point in a continent I did not know. A struggle for existence eddied fiercely round the train, and assuming it was the right train, and I missed it - it was an unbearable thought! The train had to be mounted. It was like climbing a wall; but I would have cast my luggage, scaled more than walls, and dealt conclusively with any obstruction if the way home left me no other choice. The traveller who has been in the wilds and has lived with the barbarous, though he has not allowed his thoughts to look back there, yet he knows something of that eagerness which dumb things feel when he turns about. I took my train on trust, as one does so many things in the United States, found we should really get to New York, in time, and lay listening to the beat of the flying wheels beneath my berth; tried to count their pulse, and fell asleep.

There were some more days and nights, and all the passengers of the earlier stages of the journey had passed away. Then the train slowed through imperceptible gradations, and stopped. I thought a cow was on the line. But the negro attendant came to me and told me to get out. This was New York. Outside there was a street in the rain, the stones were deep with yellow reflections, and some cabmen stood about in shiny capes. No majestic figure of Liberty met me. A cab met me, on a rainy night.

It was on one of those huge liners, and the steward told him they would reach Plymouth in the morning. He was packing up his things in his cabin. England to-morrow! The things went into his trunks in the lump, with a compressing foot after each. It did not matter. All the clothes were in ruins.

Um negro estava passando por mim e eu o parei. “Nova Iorque? Embarque agora mesmo!” Sua palavra era tudo, e eu tinha que subir, pois esse trem me levaria para o ponto exato de um continente que eu não conhecia. Uma luta pela existência redemoinhou ameaçadoramente em volta do trem, e presumindo que fosse o trem certo e eu o perdesse? - foi um pensamento insuportável. O trem tinha que ser montado. Era como subir em uma parede; mas eu arremessaria a minha bagagem, escalaria mais do que as paredes e lidaria decididamente com qualquer obstrução se o caminho para casa não me deixasse outra alternativa. O viajante que estive na selva e morou com os bárbaros, embora não permita que seus pensamentos olhem para trás, no entanto, conhece alguma coisa daquela impaciência das coisas estúpidas que sente, quando ele se vira ao redor. Peguei meu trem com confiança, como alguém faz tantas coisas nos Estados Unidos, achando que realmente chegaríamos a Nova Iorque na hora certa; e me deitei ouvindo a batida das rodas voadoras debaixo de meu assento; tentei contar a pulsação das rodas, e adormeci.

Houve mais alguns dias e noites, e todos os passageiros dos primeiros vagões tinham descido. Então o trem diminuiu a velocidade, por meio de imperceptíveis gradações, e parou. Pensei que uma vaca estivesse nos trilhos ferroviários. Mas o negro atendente veio até mim e me disse para eu descer. Era Nova Iorque. Do lado de fora, havia uma rua na chuva, as pedras estavam à vista com reflexos amarelos, e alguns taxistas permaneciam ao redor com bonés brilhantes. Nenhuma figura majestosa de Liberdade encontrou-se comigo. Um taxista encontrou comigo, numa noite chuvosa.

Foi num daqueles navios enormes e o taifeiro disse-lhe que chegariam a Plymouth de manhã. Ele estava arrumando suas coisas no camarote. Inglaterra, amanhã! As coisas eram jogadas aglomeradas em sua mala, comprimindo-as com um pé cada uma delas. Não importava. Todas as roupas estavam em ruínas.

The only care he took was with the toucans brilliant skins, the bundle of arrows, the biscuit tins full of butterflies - they would excite the Boy - and the barbaric Indian ornaments for Miss Muffet and the Curly Nob; how their eyes would shine. His telegram from Plymouth would surprise them. They did not know where he was.

But he knew, when they did not, that there was but one more day to tick off the calendar to complete the exile. He had turned back that day to the earlier pages of the diary and found some illuminating entries; "Gone," or "That's another," were written across some spaces which otherwise were blank. It was curious that those cryptic entries recalled the hours they stood for more vividly to his mind than those which had happenings minutely recorded. He threw the diary into a trunk; the long job was finished.

The sunshine all that day was different from the well remembered burning weight of the tropics. It was a frail and grateful spring warmth, and the incidence of its rays was happy and illuminating, as though the light had only just reached the world, and so things looked just discovered and interesting. A faint silver haze hung upon a pallid sea, and the slow smooth mounds of water were full of fugitive glints and flashes. You hardly knew the sea was there. The mist was the luminous nimbus of a new world, a world not yet fully formed, for it had no visible bounds. Night came, and a nearly full moon, and the only reality was the stupendous bulk of the liner. She might have been in the clouds, herself a dark cloud near the moon, with but rumours of light in the aerial deeps beneath. It seemed another of the dreams. Would he wake up presently to the reality of the forest, with the sun blazing on the enamel of its hard foliage?

O único cuidado era com as penas brilhantes de tucano, o feixe de flechas, as latas de biscoitos cheias de borboletas - elas excitariam o Garoto - e os bárbaros ornamentos indígenas para a senhorita Muffet e a encaracolada Nob; como seus olhos brilhariam! Seu telegrama de Plymouth os surpreenderia. Eles não sabiam onde ele estava.

Mas ele sabia, enquanto eles não, que havia somente mais um dia para ticar no calendário para completar o exílio. Ele tinha retornado naquele dia para as primeiras páginas do diário e descoberto alguns registros maravilhosos; “Realizado”, ou “Este é outro” estavam escritos de um lado a outro em alguns espaços que, do contrário, estavam em branco. Era curioso que aqueles registros crípticos recordassem as horas que ficaram por mais tempo vividamente em sua mente, do que aquelas que tinham acontecimentos detalhadamente registrados. Ele jogou o diário dentro da mala; o longo trabalho estava terminado.

O brilho do sol todo aquele dia era diferente daqueles bem lembrados pesos que queimavam nos trópicos. Era um calor primaveril ténue e grato, e a incidência dos raios estava feliz e luminosa, como se a luz tivesse apenas exatamente acabado de alcançar o mundo e, portanto, as coisas pareciam recém-descobertas e interessantes. Uma neblina prateada indistinta erguia-se sobre o mar, e os montes vagarosos e lisos de águas estavam cheios de brilhos fugidios e relampejos. Dificilmente percebia-se que o mar estava ali. A neblina era um ninbo luminoso de um novo mundo, não um mundo ainda completamente formado, porque não tinha limites visíveis. A noite chegou, e uma lua quase cheia, e a única realidade era o volume estupendo do navio. Ele podia estar nas nuvens, ele próprio uma nuvem escura perto da lua, com apenas um rumor de luz nas profundezas aéreas embaixo. Parecia outro navio dos sonhos. Ele acordaria naquele momento para a realidade da floresta, com o sol flamejando em cima do esmalte de sua folhagem impenetrável?

He wanted some assurance of time and space. He would stay on deck till the first sign came of England. So he leaned motionless for hours on the rail of the boat-deck, gazing ahead, where the outlook remained as unshapen as it had since he left home. Far on the port bow appeared the headlight of a steamer.

He watched that light. This, then, was no dream sea. Others were there. But was it a headlight?... No!

The Bishop's! England now!

The steward came again, peeping through his curtain, and said, "Plymouth, sir!" and turned on the glow lamp, for it was not yet dawn. There was an early breakfast laid in the saloon; but he went on deck. The liner had hardly way on her; the water was but uncoiling noiselessly alongside. There were shapes of hills near, with villas painted on them, but so bluish and immaterial was all that it might have rippled like the flat water, being but a flimsy background which could be easily shaken. The hills drew nearer imperceptibly, grew higher. A touch of real day gave a hill-top body; and there was a confident shout from somebody unseen in plain English. The vision grounded and got substance. Not only home, but spring in Devon.

Ele queria alguma segurança do tempo e do espaço. Ele ficaria no convés até que surgisse o primeiro sinal da Inglaterra. Então ele se curvou imóvel durante horas, na amurada do convés do bote, olhando fixamente adiante, onde o panorama permanecia tão disforme quanto parecia desde que saiu de casa. Distante, na proa a bombordo, surgiu o farol de um navio.

Ele olhava aquela luz. Isso então não era nenhum sonho marítimo. Outros estavam ali. Mas aquilo era um farol?... Não!

As luzes de Bishop's Stortford! Inglaterra agora!

O taifeiro voltou novamente, espiando através de sua cortina e disse, “Plymouth, senhor!” e se virou no brilho da lâmpada, porque ainda não era madrugada. Havia um adiantado café da manhã posto no salão; mas ele foi para o convés. O navio seguia seu caminho com dificuldades; a água estava apenas encolhendo-se barulhentemente ao longo. Havia formas de colinas perto, com casas de campo pintadas, mas tudo estava tão brilhante e imaterial que podia ser ondulado como a água plana, sendo somente um fundo inconsistente, que podia ser facilmente sacudido. As colinas aproximaram-se imperceptivelmente, ficaram maiores. Um toque de dia real deu um corpo ao topo da colina; e houve um grito confiante de alguém invisível, em um inglês claro. A visão cresceu e adquiriu substância. Não apenas o lar, mas a primavera em Devon.

From the train window the countryside in the tones and flush of the renascence absorbed him. He went from side to side of the carriage. What was most extraordinary was the sparsity and lowness of the trees and bushes, the fineness of the growth. The outlines of the trees could be seen, and they crouched so near to the ground and were so very meagre. The colours were faint enough to be but tinted mists. The biggest of the trees were manageable, looked like toys. The orderly hedges, the clean roads, the geometrical patterns of the fields, gave him assurance once more of order and security. Here was law again, and the permanence of affairs long decided upon. He closed his eyes, sinking into the cushions of the carriage as though the arms under him were proved friendly and could be trusted...

The slowing of the train woke him. They were running into Paddington. He got his feet fair and solid on London before the train stopped, and looked into the crowd waiting there. A flushed youngster ran towards him out of a group, then stopped shyly. He caught The Boy, and held him up. . . . Here again was the centre of the world.

THE END

Da janela do trem, o interior nos tons e rubor da renascença o absorvia. Ele ia de um lado a outro do vagão. O que era mais extraordinário era a espacialidade e a altura das árvores e arbustos, a delicadeza do crescimento vegetal. O topo das árvores podia ser visto, e elas agachavam-se tão perto do chão e eram muito escassas. As cores eram tênues o suficiente para parecerem neblinas tingidas. A maior parte das árvores era manejável, parecida com brinquedos. As cercas-vivas, as estradas limpas e os pares geométricos de campos davam-lhe segurança uma vez mais da ordem e segurança. Aí estava a lei novamente, e a permanência de acontecimentos há muito tempo decididos. Ele fechou os olhos, afundando-se nas almofadas do vagão, como se os braços debaixo dele provassem ser amistosos e pudessem ser confiáveis...

A diminuição da marcha do trem o acordou. Estavam entrando na Estação de Paddington. Ele pôs seus pés justos e sólidos em Londres antes que o trem parasse, e olhou para a multidão que esperava ali. Um jovem entusiasmado correu em sua direção, saindo de um grupo, então parou timidamente. Ele pegou O Garoto, e o ergueu... Aí, outra vez, estava o centro do mundo.

FIM

Dicionários consultados

Cambridge Word Routes: inglês-português. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COLLINS, Concise Dictionary. Great Britain: Harpers Collins Publishers, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Inglês-Português. Rio de Janeiro: Editora Record, 1982.

Minidicionário Prático: inglês-português, português-inglês. Curitiba: Positivo, 2008

OXFORD, Dictionary English Etymology. Editado por C. T. Onions. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LONGMAN, Dictionary of English Language and Culture. Essex: Longman House, 1992.

KURY, Mário da Gama. Dicionário de mitologia grega e romana. 7ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MAGALHÃES, Roberto Carvalho de. O grande livro da mitologia: a mitologia clássica nas artes visuais. Trad. Joana Angélica D'Avila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

Edição utilizada na tradução para o português

TOMLINSON, H. M. The Sea and the Jungle, Illinois: The Marlboro Press, 1996.